CPAD

COMENTÁRIO BÍBLICO DA *Mulher*

ANTIGO TESTAMENTO

Volume II
Salmos a Malaquias

Dorothy Kelley Patterson
Rhonda Harrington Kelley

COMENTÁRIO BÍBLICO DA *Mulher* ANTIGO TESTAMENTO

Volume II
Salmos a Malaquias

Dorothy Kelley Patterson
Rhonda Harrington Kelley

Traduzido por Lena Aranha

1ª edição
CPAD
Rio de Janeiro
2022

Todos os direitos reservados. Copyright © 2021 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na web e outros), sem permissão expressa da Editora.

Título do original em inglês: *Women's Evangelical Commentary Old Testament*
B&H Publishing Group, Nashville, Tennessee, EUA
Primeira edição em inglês: 2011
Tradução: Lena Aranha

Preparação dos originais: Ester Soares
Revisão: Cristiane Alves; Daniele Pereira; Miquéias Nascimento
Capa e projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos
Conversão para Ebook: Cumbuca Studio

CDD: 220 - Bíblia
e-ISBN: 978-65-5968-120-4

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2021

SUMÁRIO

Tabelas de Transliteração

Abreviaturas dos Livros Bíblicos

Salmos

Provérbios

Eclesiastes.

Cantares

Isaías

Jeremias

Lamentações

Ezequiel

Daniel

Oseias

Joel

Amós

Obadias

Jonas

Miqueias

Naum

Habacuque

Sofonias

Ageu

Zacarias

Malaquias

Índice dos Recursos

TABELAS DE TRANSLITERAÇÃO

Tabela de transliteração do grego

Grego	Português	Grego	Português	Grego	Português
α	a	ι	i	ρ	r
β	b	κ	k	σ/ς	s
γ	g	λ	l	τ	t
δ	d	μ	m	υ	u
ϵ	e	ν	n	ϕ	ph/f
ζ	z	ξ	x	χ	ch
η	ē	o	o	ψ	ps
θ	th	π	p	ω	ō

Tabela de transliteração do hebraico

Hebraico	Português	Hebraico	Português
א	ʾ	ל	l
בּ, ב	b, v	מ/ם	m
ג	g	נ/ן	n
ד	d	ס	s
ה	h	ע	ʿ
ו	w	פּ, פ/ף	p, ph

ז	z	צ/ץ	ts
ח	ch	ק	q
ט	t	ר	r
י	y	שׂ, שׁ	s, sh
כ/ך	k	ת	t

Vogais

אְ	e, *shewa* vocálico	אֵ	ē
אַ	a	אִ	i
אָ	a	אֹ	o
אָ	o	אֻ	u
אֶ	e	אּ	u

ABREVIATURAS DOS LIVROS BÍBLICOS

Antigo Testamento

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1 Samuel
2Sm	2 Samuel
1Rs	1 Reis
2Rs	2 Reis
1Cr	1 Crônicas
2Cr	2 Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cântico

Novo Testamento

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1 Coríntios
2Co	2 Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1 Tessalonicenses
2Ts	2 Tessalonicenses
1Tm	1 Timóteo
2Tm	2 Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1 Pedro
2Pe	2 Pedro

Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias
Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

1Jo	1 João
2Jo	2 João
3Jo	3 João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

SALMOS

INTRODUÇÃO

TÍTULO

Salmos é o primeiro livro em escritos, uma das três principais divisões no Antigo Testamento hebraico (a Lei, os Profetas e os Escritos). A sua importância é sugerida pelo uso de "Salmos" em Lucas 24.44 como uma referência a toda essa seção do Antigo Testamento. O seu título em hebraico é ***Tehillim*** (heb. plural de ***tehillah***, "doxologia, cântico de louvor"). O título em português é proveniente da palavra grega ***psalmos*** (plural, ***psalmoi***), usada na Septuaginta, a principal tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego. O título *Saltério*, também aplicado com frequência ao livro, deriva-se do nome do livro encontrado em um antigo manuscrito grego conhecido como Códice Alexandrino.

CENÁRIO

O cenário tem dois sentidos em referência aos salmos. O cenário de um salmo pode ser aquele *em que* foi escrito ou *para o qual* foi escrito. Treze salmos (3; 7; 18; 34; 51; 52; 54; 56; 57; 59; 60; 63; 142) têm sobrescritos ou títulos que se referem aos eventos históricos — todos relacionados à vida de Davi. Por exemplo, o cenário histórico do Salmo 3 era a fuga de Davi do seu filho Absalão. Alguns intérpretes de Salmos são céticos quanto à precisão descritiva desses sobrescritos. Não obstante, eles fazem parte integral do texto hebraico e foram recebidos e interpretados como Sagrada Escritura por Jesus e os seus apóstolos. Um segundo sentido de *cenário* para Salmos refere-se às ocasiões recorrentes para as quais eles foram escritos e

incluem a rica coletânea que nutre o louvor e a adoração de Deus no Templo de Salomão e no segundo Templo, construído inicialmente por Zorobabel e outros.

GÊNERO

O livro de Salmos contém poesia hebraica que, embora compartilhe de certas características universais da poesia, tem as suas próprias características. Os salmos bíblicos, como a poesia em outras línguas e contextos, são marcados por discurso elevado, linguagem concisa (i.e., precisão nas palavras, concisão, síntese) e imagens que enfatizam o sentido e o efeito do poema. A poesia também tende a ser mais pessoal que a prosa, expressando os pensamentos e sentimentos do poeta e engajando a imaginação dos leitores em uma descoberta da verdade. Infelizmente, o ritmo e o efeito musical do poema "ouvido" na sua língua original não podem ser muitas vezes totalmente transmitidos na tradução, mas a escolha das palavras, a organização e a estrutura oferecem indícios importantes para o sentido pretendido pelo poeta.

As duas principais características da poesia hebraica são a divisão do poema em conjuntos de estrofes e o uso frequente de paralelismo. *Estrofe*, um termo usado originalmente para descrever a estrutura da poesia grega e latina, é uma palavra usada agora por extensão na interpretação da poesia hebraica. É similar ao que os falantes de português chamam de estância.

O paralelismo é o fundamento e a marca registrada da poesia hebraica. Em uma extremidade do espectro, está o paralelismo *sinônimo*, em que duas linhas expressam o mesmo pensamento básico:

> Lava-me completamente da minha iniquidade
> e purifica-me do meu pecado (51.2).

No outro extremo do espectro, está o paralelismo *antitético*, em que o pensamento da segunda linha contrasta com o da primeira:

> Porque o Senhor conhece o caminho dos justos;
> mas o caminho dos ímpios perecerá (1.6).

Entre esses dois extremos, há inúmeras formas da técnica, embora matizadas mais ou menos de modo distinto. As duas linhas podem ter a mesma estrutura gramatical como em

> O Senhor é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei?
> O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei? (27.1).

Em outros casos, a segunda linha estende, avança, ecoa, esclarece, intensifica, exemplifica ou completa o pensamento da primeira linha, uma forma identificada como *sintética*:

> Louvai ao Senhor, porque ele é bom,
> porque a sua benignidade é para sempre (107.1).

Os termos bíblicos para salmos enfatizam o fato de que a maioria deles é de cânticos ou hinos sagrados. *O termo* ***CÂNTICO*** *(heb.* ***shir****, "música vocal") sugere em geral que o texto poético era cantado, isto é, apresentado como música (e.g., sobrescritos para Sl 18; 30; 46; 65; 66; 67; e 68; 33.3; 40.3). Algumas vezes, um gênero em particular determina a sua identificação:*

- *"canção na dedicação da casa" (heb.* ***shir-chanukkah****, sobrescrito para o Sl 30);*
- *"cântico de amor" (heb.* ***shir yedidot****, sobrescrito para o Sl 45);*
- *"cântico dos degraus" (heb.* ***shir-ha-ma'alot****, sobrescritos para Sl 120-134);*
- *"cântico para o sábado" (heb.* ***shir le-yom ha-shabbat****, sobrescrito para Sl 92);*
- *"cânticos de Sião" (heb.* ***shir tsiyon****, Sl 137.3).*

Outras palavras para esse gênero incluem:

- ***Salmo*** *(heb.* ***mizmor****, "canção, poema ou melodia", sugerindo um acompanhamento por um instrumento de corda), o que geralmente aparece nos sobrescritos (e.g., Sl 3; 30; 49). Alguns salmos são designados tanto como "cântico" (heb.* ***shir****) quanto como "salmo" (Sl 30; 48; 65; 66; 67; 68; 75; 76; 83; 87; 88; 92; 108), indicando a possibilidade de que esses termos despertassem uma compreensão técnica ou especializada.*

- ***Oração*** *(heb.* ***tephillah****; "súplica, suplicação", sobrescritos para Sl 17; 86; 90; 102; 142; veja também 55.1; 61.1; 72.20; 143.1; cp. 4.1; 6.9; 2Sm 7.27; 1Rs 9.3,4).*
- ***Cântico*** *(heb.* ***zamir****, "hino, cântico de louvor ou triunfo", Sl 95.2; 119.54).*
- ***Masquil*** *(heb., "cântico ou poema contemplativo", provavelmente o particípio de* ***sakal*** *"ser ou se tornar prudente ou compreender; atender a"; cp. "cântico de sabedoria" [heb.* ***maskil****, Sl 47.7]) que aparece nos sobrescritos de treze salmos (Sl 32; 42; 44; 45; 52; 53; 54; 55; 74; 78; 88; 89; 142).*
- ***Mictão*** *(heb.; aparece apenas nos sobrescritos de Sl 16; 56; 57; 58; 59; 60; e Is 38.9 para introduzir um cântico ou "poema" escrito por Ezequias). As interpretações sugeridas incluem uma anotação musical ou um salmo lidando com a expiação do pecado.*
- ***Sigaiom*** *(heb., uma palavra transliterada cujo sentido é incerto; sobrescrito para Sl 7) — se a raiz verbal é* ***shagah*** *(heb., "desviar, vaguear, vacilar"), o termo sugere que a música deve ter uma melodia de peregrinação. Alguns conectam o termo como um padrão meditativo dos lamentos (cp. Hc 3.1).*

O livro de Salmos contém muitos pedidos pessoais e respostas de Deus — originando tanto de indivíduos quanto da comunidade de adoração. Vários tipos de salmos com temas similares foram identificados, e os salmos são com frequência classificados individualmente pelo gênero. Os leitores devem ter em mente que os salmos são tão únicos que se torna difícil pô-los em categorias fixas. No entanto, o reconhecimento de padrões similares de pensamento e estrutura podem ser úteis no esforço de compreender os salmos individualmente ou como um todo. Os tipos de salmos incluídos na tabela a seguir representam apenas algumas das principais categorias sobre as quais muitos estudiosos concordaram, e nem todos os salmos foram classificados de acordo com uma dessas categorias. Por exemplo, o debate continua para saber se a categoria "salmo de sabedoria" é adequada ou não.

TIPOS DE SALMOS

Gênero/Classificação	Características	Salmos representativos
Louvor (heb. *tehillah*)	· Uma declaração e/ou chamado para louvar a Deus — isto é, para glorificar e honrar o seu nome ao proclamar quem Ele é	8; 19; 33; 66; 67; 95; 100; 103; 104; 111; 113; 114; 117; 145; 147; 148; 149; 150

	· O recontar do que Deus fez na criação e/ou redenção · As descrições dos atos de livramento de Deus ou da sua grandeza e compaixão	
Ação de graças (heb. *todah*)	· Uma expressão de gratidão a Deus pelo livramento · Um tom alegre · Uma descrição da grandeza e compaixão de Deus ou dos seus atos de livramento	8; 11; 16; 18; 21; 23; 27; 30; 32; 34; 40; 62; 63; 65; 66; 67; 75; 91; 92; 105; 106; 107; 108; 116; 118; 121; 124; 125; 131; 135; 136; 138
Entronização (i.e., o reconhecimento da posição real)	· Uma ênfase na realeza e soberania divinas · A celebração de eventos relevantes na vida de um rei (e.g., a sua entronização, uma vitória militar ou um casamento) · O louvor geral de Iavé como Rei	2; 18; 20; 21; 29; 45; 47; 72; 93; 95; 96; 97; 98; 99; 101;110; 144
Lamentos	· Os clamores por livramento em face do perigo · A expressão de necessidade e um senso de desamparo · A transição das queixas apresentadas para expressões de confiança e louvor · A demonstração de fé em meio às experiências na vida real	3; 4; 5; 7; 9; 10; 12; 13; 14; 17; 22; 25; 26; 27; 28; 31; 36; 39; 40; 41; 42; 43; 44; 52; 53; 54; 55; 56; 57; 58; 59; 60; 61; 67; 70; 71; 74; 77; 79; 80; 83; 85; 86; 89; 90; 94; 120; 123; 126; 129; 139; 141; 142
Penitência (na Igreja Primitiva, era cantado tradicionalmente na Quarta-Feira de Cinzas	· A admissão da falha moral, de ter quebrado a Aliança · Uma oração para pedir perdão do pecado	6; 32; 38; 51; 102; 130; 143
Pedidos imprecatórios	· Um pedido para o julgamento justo de Deus ser executado contra os malfeitores · O pronunciamento de maldições sobre os inimigos por Deus e/ou pelo salmista	11; 17; 35; 55; 59; 69; 83; 88; 109; 137; 140
Sabedoria	· Um conselho para a vida bem-sucedida · Um contraste entre o justo e o ímpio · Uma reflexão sobre a brevidade da vida · A apresentação de instruções ou lições	1; 8; 32; 34; 37; 49; 73; 112; 127; 128

O livro de Salmos, acima de tudo, é permeado com o louvor. Uma leitura dos 150 salmos mudará seu foco para a majestade de Deus, merecedor de adoração. Ele é digno do louvor eterno.

AUTOR

O livro de Salmos é uma coletânea de cânticos de adoração divinamente inspirados, escritos ao longo de um período de tempo na história de Israel por autores distintos. Esses autores são identificados com frequência por sobrescritos, títulos ou cabeçalhos. Alguns salmos não têm referência direta com a autoria. Davi, lembrado como o rei mais amado e honrado de Israel, é referido nos sobrescritos. Davi também é reconhecido como "cantor dos cânticos de Israel" (2Sm 23.1; NVI). A expressão "de Davi" (que também pode ser traduzido por "para Davi" ou "por Davi") é, em geral, traduzida por "davídico" e confirma que ou Davi compôs o salmo ou pertence à coletânea de salmos davídicos. Além de Davi, outros indivíduos, como Asafe, Salomão, Etã, Moisés e os filhos de Corá, são identificados com certos salmos.

DATA

A natureza do livro de Salmos torna difícil atribuir uma data para todo o livro. Os salmos não só foram escritos em vários momentos ao longo da história de Israel, como também foram tecidos na urdidura da adoração da nação até a era moderna. Os sobrescritos de alguns dos salmos identificam, de fato, a identidade precisa do cenário histórico, como no Salmo 51, a oração de Davi para pedir perdão depois de cometer adultério com Bate-Seba durante o seu reinado no século X a.C. O conteúdo de alguns salmos aponta para o seu cenário histórico. Por exemplo, Israel foi para o cativeiro na Babilônia (587/586 a.C.) e permaneceu na Babilônia até que os cativos tiveram permissão de retornar a sua terra natal sob o édito do rei Ciro da Pérsia (538 a.C.; Sl 137).

O livro de Salmos, como parte do cânone hebraico conhecido como Escritos, foi reconhecido como Escritura autoritativa antes de 100 d.C. No entanto, a partir do uso de Salmos no Novo Testamento por Jesus e outros, o livro foi claramente reconhecido como autoritativo muito antes dessa ação oficial.

DESTINATÁRIOS

Os salmos, como seria de esperar dos cânticos de adoração, são basicamente dirigidos ao Senhor, o Deus de Israel. Englobando toda a

extensão das experiências humanas — do medo e vergonha à alegria e exultação —, eles afirmam que os indivíduos podem aproximar-se de Deus em todas as experiências da vida deles. Deus ouve os clamores dos sofredores e confissões de pecado, bem como os gritos de alegria e louvor de júbilo do seu povo.

PRINCIPAIS TEMAS

A presença de Deus com o seu povo. O Senhor envolve-se com o mundo que criou e, particularmente, na vida do seu povo. Os adoradores clamam ao Senhor com a certeza de que Ele ouvirá e responderá; e, portanto, quando temem que o Senhor esteja ausente, dão voz às suas queixas. Os salmos também dão evidência de que a congregação de Israel renovava periodicamente as promessas de lealdade e fidelidade ao Senhor. Os salmistas louvam a Deus, o Criador, Protetor, Provedor, Sustentador e Libertador. Eles celebram a sua realeza e amor constante e inabalável. Também olham para além de Israel e reconhecem que o Senhor é Deus sobre todas as nações.

A Palavra de Deus como fonte de adoração. O livro de Salmos é um tesouro inexaurível de adoração autêntica. Os salmos registram encontros contínuos iniciados pelo Senhor com indivíduos e congregações do seu povo da Aliança. Esses encontros revelam a excelência de Deus para o seu povo, evocando louvor, confissão do pecado, arrependimento e um desejo de caminhar nos caminhos do Senhor. Enquanto os salmistas dão voz ao senso de necessidade e dependência do Senhor, eles também são guiados pela Lei ou Torá e são investidos de poder pelo Espírito Santo de Deus. Quando a Torá era o deleite dos que temiam ao Senhor, a presença de Deus e o seu livramento estavam próximos, trazendo alegria exuberante. O Salmo 1 apresenta o principal ensino dos salmos — que a Torá é o guia para a conduta correta do indivíduo na vida em relação a Deus e aos outros. O Salmo 119 resume essa ênfase na Palavra de Deus como a fonte de deleite e segurança dos que temem ao Senhor.

O alfabeto hebraico (veja o Salmo 119, em que as letras sucessivas do alfabeto hebraico são usadas em um acróstico)

Alef	’	**Zayin**	z	**Mem**	m	**Qof**	q
Bet	b,v	**Khet**	ch	**Nun**	n	**Resh**	r
Gimel	g	**Tet**	t	**Samek**	s	**Sin/Shin**	s/sh
Dalet	d	**Yod**	y	**Ayin**	‘	**Tav**	t

He	h	**Kaf**	k	**Pe**	o
Vav	w	**Lamed**	l	**Tsade**	ts

ESBOÇO

Geralmente, o livro de Salmos é esboçado de acordo com as várias coletâneas ou livros constituindo o todo:

Livro I	Salmos 1—41
Livro II	Salmos 42—72
Livro III	Salmos 73—89
Livro IV	Salmos 90—106
Livro V	Salmos 107—150

As coletâneas estão contidas em cada um dos cinco livros. Além disso, cada um dos cinco livros acaba com uma doxologia de louvor ao Senhor (veja 41.13; 72.18,19; 89.52; 106.48; 150.6). O Salmo 150 funciona não só como uma doxologia do Livro V, mas também como uma conclusão apropriada para todo o livro de Salmos. Essa divisão quíntupla foi acrescentada em um momento posterior depois de vários salmos e agrupamentos subsidiários serem reunidos em uma única coletânea. Essas divisões podem ter sido acrescentadas com o propósito de selecionar leituras da Escritura para a sinagoga. As cinco divisões do livro de Salmos correspondem em estilo à divisão quíntupla da Lei (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio).

I. LIVRO I (1.1—41.13)

A. Salmos 1—2 (1.1—2.12)
   1. Salmo 1: Os dois caminhos (1.1-6)
   2. Salmo 2: A reverência de vida ao Filho (2.1-12)

B. Salmo 3: A Fuga de Davi de Absalão (3.1-8)

C. Salmos 4—6: "Para o Cantor-mor" (4.1—6.10)

D. Salmo 7: "Sigaiom de Davi, [...] sobre as Palavras de Cuxe" (7.1-17)

E. Salmo 8: A Majestade do Senhor e a Dignidade da Humanidade (8.1-9)

F. Salmos 9—10: (9.1—10.18)

1. Salmo 9: Em louvor pela justiça do Senhor (9.1-20)
2. Salmo 10: Quando Deus parece ignorar a opressão e a violência (10.1-18)

G. Salmos 11—13: O Senhor como Refúgio, Proteção e Livramento (11.1—13.6)

H. Salmos 14—15: Contrastando Retratos (14.1—15.5)
1. Salmo 14: O retrato da tolice (14.1-7)
2. Salmo 15: O retrato da integridade (15.1-5)

I. Salmos 16—18: As Expressões de Fé (16.1—18.50)
1. Salmo 16: A segurança da fé (16.1-11)
2. Salmo 17: Uma oração de fé (17.1-15)
3. Salmo 18: As recompensas da fé (18.1-50)

J. Salmo 19: A Testemunha da Criação e da Escritura (19.1-14)

K. Salmos 20—21: Oração e Louvor pela Vitória do Rei (20.1—21.13)

L. Salmos 22—24: Os Três Retratos do Senhor (22.1—24.10)
1. Salmo 22: O Salvador (22.1-31)
2. Salmo 23: O Pastor (23.1-6)
3. Salmo 24: O Rei da Glória (24.1-10)

M. Salmos 25—31 (25.1—31.24)
1. Salmo 25: Um salmo de confiança (25.1-22)
2. Salmo 26: Um pedido de vindicação (26.1-12)
3. Salmo 27: Uma oração de coragem imperturbável (27.1-14)
4. Salmo 28: Um clamor por ajuda (28.1-9)
5. Salmo 29: Um chamado para glorificar "a voz do SENHOR" (29.1-11)
6. Salmo 30: A ação de graças pela oração respondida (30.1-12)
7. Salmo 31: Um pedido urgente por proteção (31.1-24)

N. Salmo 32: A Alegria do Perdão (32.1-11)

O. Salmo 33: A Confiança no Amor Fiel do Senhor (33.1-22)

P. Salmo 34: O Louvor pela Redenção do Senhor (34.1-22)

Q. Salmo 35: "Alegrar-se-á na sua Salvação" (35.1-28)

R. Salmo 36: O Triunfo do Amor Fiel de Deus (36.1-12)

S. Salmo 37: Vendo o Ímpio da Perspectiva de Deus (37.1-40)

T. Salmo 38: "Salmo de Davi para Lembrança" (38.1-22)

U. Salmo 39: Enfrentando a Brevidade da Vida (39.1-13)

V. Salmo 40: A Proclamação da Justiça por um Pecador (39.1-13)

W. Salmo 41: "Amém e Amém!" (41.1-13)

II. LIVRO II (42.1—72.20)

A. Salmos 42—49: Os Salmos dos Filhos de Corá (42.1—49.20)
   1. Salmos 42—43: Ansiando por Deus (42.1—43.5)
   2. Salmo 44: As palavras de queixa de Israel (44.1-26)
   3. Salmo 45: Um cântico para o casamento real (45.1-17)
   4. Salmo 46: Deus como "nosso refúgio e fortaleza" (46.1-11)
   5. Salmo 47: Deus como "Rei grande sobre toda a terra" (47.1-9)
   6. Salmo 48: O monte Sião (48.1-14)
   7. Salmo 49: A riqueza sem "entendimento" (49.1-20)

B. Salmo 50: Um Salmo de Asafe (50.1-23)

C. Salmo 51: A Oração de Arrependimento de Davi (51.1-19)

D. Salmos 52—55: Masquis de Davi (52.1—55.23)

E. Salmos 56—60: Os Mictãos Davídicos (56.1—60.12)
   1. Salmo 56: O livramento da morte em Gate (56.1-13)
   2. Salmo 57: Escondendo-se do perigo em uma gruta (57.1-11)
   3. Salmo 58: O incitamento para clamar contra a injustiça (58.1-11)
   4. Salmo 59: A proteção por Deus (59.1-17)
   5. Salmo 60: As vitórias militares (60.1-12)

F. Salmos 61—62: O Refúgio e o Descanso em Deus (61.1—62.12)

G. Salmo 63: "No Deserto de Judá" (63.1-11)

H. Salmos 64—70: "Para o Cantor-Mor" (64.1—70.5)

I. Salmo 71: "No Tempo da Velhice" (71.1-24)

J. Salmo 72: A Oração de Salomão (72.1-20)

III. LIVRO III (73.1—89.52)

A. Salmos 73—83: Os Salmos de Asafe (73.1—83.18)

B. Salmos 84—85: Os Salmos dos Filhos de Corá (84.1—85.13)

C. Salmo 86: "Oração de Davi" (86.1-17)

D. Salmos 87—88: Os Salmos dos Filhos de Corá (87.1—88.18)
   1. Salmo 87: Nascido em Sião (87.1-7)
   2. Salmo 88: Um masquil de "Hemã, ezraíta"

E. Salmo 89: "Masquil de Etã, o Ezraíta" (89.1-52)

IV. LIVRO IV (90.1—106.48)

A. Salmo 90: "Oração de Moisés, Varão de Deus" (90.1-17)

B. Salmo 91: A Proteção de Deus (91.1-16)

C. Salmo 92: "Salmo e Cântico para o Sábado" (92.1-15)
D. Salmos 93—99: Deus como Rei (93.1—99.9)
E. Salmo 100: "Salmo de Louvor" (100.1-5)
F. Salmo 101: O Caminho da Integridade (101.1-8)
G. Salmos 102—106: As Razões para Louvar o Senhor (102.1—106.48)
1. Salmo 102: "Tu, Senhor, permanecerás para sempre" (102.1-28)
2. Salmo 103: "Afasta de nós as nossas transgressões" (103.1-22)
3. Salmo 104: Ele cria, sustenta e reina sobre todas as coisas (104.1-35)
4. Salmo 105: "Lembra-se perpetuamente do seu concerto" (105.1-45)
5. Salmo 106: Ele age com "sua benignidade" em relação ao povo infiel (106.1-48)

V. LIVRO V (107.1—150.6)

A. Salmo 107: Atos da "Benignidade" de Senhor (107.1-43)
B. Salmo 108: A Promessa de Vitória (108.1-13)
C. Salmo 109: A Defesa do "Aflito e Necessitado" pelo Senhor (109.1-31)
D. Salmo 110: O Juramento do Senhor (110.1-7)
E. Salmos 111—113: Três Salmos Começando com "Louvai" (111.1—113.9)
F. Salmo 114: A Libertação de Deus (114.1-8)
G. Salmo 115—117: Três Salmos Terminando com "Louvai" (115.1—117.2)
H. Salmo 118: A Ação de Graças (118.1-29)
I. Salmo 119: A Lei do Senhor (119.1-176)
J. Salmos 120—134: Os Cânticos dos Degraus (120.1—134.3)
K. Salmo 135: Um Salmo Começando e Acabando com "Louvai" (135.1-21)
L. Salmo 136: "A sua Benignidade É para Sempre" (136.1-26)
M. Salmo 137: "Junto aos Rios da Babilônia" (137.1-9)
N. Salmos 138—145: Oito Salmos de Davi (138.1—145.21)
1. Salmo 138: Um coração grato (138.1-8)
2. Salmo 139: O Criador Onisciente e Onipresente (139.1-24)
3. Salmos 140—143: As orações para proteção (140.1—143.12)
4. Salmo 144—145: As bênçãos do Senhor (144.1—145.21)
O. Salmos 146—150: Cinco Salmos Começando e Terminando com "Louvai" (146.1–150.6)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

LIVRO I (1.1—41.13)

Salmos 1—2 (1.1—2.12)

Alguns estudiosos argumentam que os Salmos 1 e 2 juntos funcionam como uma introdução ao saltério. Não só esses salmos são os únicos que não têm um sobrescrito nem cabeçalho nos Livros I-III, como também a última linha do Salmo 2 pode servir como um *inclusio* — isto é, a afirmação temática que começa com o Salmo 1 ("Bem-aventurado o varão") é reformulada no fim do Salmo 2 ("Bem-aventurados todos aqueles que nele confiam"), posicionando desse modo as duas afirmações como apoios de livros no começo e fim da unidade literária para "incluir" tudo o que existe entre eles. Espera-se que esses dois salmos sejam lidos juntos, então a descrição do homem justo no Salmo 1 aplica-se ao "ungido" e ao "Filho" do Salmo 2. Do mesmo modo, os "ímpios" e a "roda dos escarnecedores" são descritos ao longo de todo o Salmo 1 em rebelião conjunta contra o "Rei" estabelecido pelo Senhor no Salmo 2.

Salmo 1: Os dois caminhos (1.1-6)

1.1-3 O livro de Salmos começa apropriadamente com um salmo de sabedoria que contrasta dois caminhos na vida — o caminho da bênção (vv. 1-3) e o caminho da destruição (vv. 4-6; cp. Pv 4.10-27). ***BEM-AVENTURADO*** *(heb.* ***'esher****, um substantivo cujo significado é "bem-aventurança", v. 1) está no plural no texto hebraico, mas também funciona como uma interjeição — isto é, "Como é feliz aquele [...]!" (cp. 32.1,2; 33.12). O uso das palavras é ligado predominantemente à experiência de estar em um relacionamento fundamentado na aliança com o Senhor. Essa palavra aparece em Salmos com frequência, quase três vezes mais que "bênção" (heb.* ***berakah****) que se refere ao "favor divino" ou "prosperidade e bondade livremente concedida por Deus" (e.g., 24.5). A LXX traduz "feliz" por "bem-aventurado" (gr.* ***makarios****, "feliz"), a mesma palavra usada no Novo Testamento (e.g., Mt 5.3-11; Tg 1.12; Ap 22.14).*

O VARÃO *(heb.* ***ha-'ish****) está no singular e masculino tanto no texto hebraico quanto na LXX, em que a palavra grega* ***anēr*** *("masculino") expressa gênero, distinta do termo grego* ***anthrōpos*** *("shm"). Nesse contexto, "o varão" é um indivíduo justo. A substituição de "o varão" pelo plural "aqueles", a fim de ser neutro quanto ao gênero, obscurece o objetivo do salmista de retratar um único representante do modo de vida recomendado pelo salmo. A substituição de "varão" por um termo genérico como "pessoa" ou "indivíduo" também prejudica a possibilidade de uma interpretação cristológica do salmo. Por exemplo, Agostinho, na sua obra* Comentários aos Salmos *(390-422 d.C.), afirma que Salmos 1.1 "deve ser compreendido como nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor Homem". Alguns estudiosos contemporâneos, como Agostinho, argumentam que esse salmo descreve derradeiramente Cristo como o singular Homem da justiça que se deleita perfeitamente na Lei de Deus. Em cada um desses casos, as traduções que mudam o sentido do que é encontrado na linguagem original do texto ameaçam a compreensão do que Deus quer revelar sobre si mesmo por intermédio da sua Palavra.*

"O varão" marcado pela felicidade suprema é descrito primeiro em termos do que ele não faz (v. 1). Evitando a companhia dos ímpios que levam cada vez mais os seus seguidores à destruição, ele não:

- **anda** [heb. ***halak***, "andar, ir junto; figurativamente, "vive, segue um certo estilo de vida"] **segundo o conselho** [heb. ***'ētsah***, "conselho, planos, princípios pelos quais a pessoa vive"] **dos ímpios** (heb. ***rasha'***, "injusto", vv. 1,4-6)
- **se detém** [heb. ***'amad***, "permanecer, manter-se, tardar, deter-se"] **no caminho** [heb. ***derek***, "caminho, estrada"; figurativamente, "estilo de vida"] **dos pecadores** (heb. ***chatta'***, uma forma intensa e enfática do verbo ***chatta'***, "pecado, tropeçar ou errar o caminho correto"; cp. Gn 13.13; Sl 26.9; 51.13; Pv 1.13; 13.21).
- **se assenta** [heb. ***yashav***, "sentar, habitar, permanecer"] **na roda** [heb. ***moshav***, "assembleia, um sentar-se junto para obstruir o caminho"; cp. Sl 107.32] **dos escarnecedores** (heb. ***luts***, "zombador; aquele que despreza ou escarnece do que é bom; aquele que resiste à correção"; cp. Pv 9.7,8; 13.1; 14.6; 15.12).

Alguns veem a progressão na imagem de caminhar ("segundo o conselho"), ficar de pé ("detém no caminho") e sentar-se ("na roda"). Primeiro, um indivíduo pode andar por aí e ouvir os ímpios fazendo os seus

planos. As palavras deles chamam a sua atenção, e ele para a fim de ouvi-los. Por fim, ele senta-se, tornando-se um deles à medida que participa de bom grado nas ações más deles. Em contraste, a felicidade pertence à pessoa que escolhe fazer recusas sábias na vida.

O salmo, portanto, começa com um tributo ao homem cuja integridade é impecável apesar das oportunidades ao redor para "seguir a multidão" no pecado. A seguir, ele é identificado positivamente pelo que faz (Sl 1.2; cp. 119.1,61,70,92). *O seu* ***PRAZER*** *[heb.* ***chēphets****, "prazer, objeto de ardente busca ou desejo"; cp. 1Sm 15.22; Sl 40.8] está na* ***LEI*** *[heb.* ***torah****, em geral se referindo ao Pentateuco, i.e., a Lei Mosaica de Iavé, o nome pessoal de Deus usado na Aliança; veja Êx 3.14-18; 34.5-7; cp. Sl 119.1]* ***do SENHOR****. É bastante relevante observar que, na sua posição, o primeiro salmo salienta o papel fundamental da revelação escrita de Deus no seu relacionamento com o homem fundamentado na Aliança (cp. Js 1.7,8; 2Rs 17.13; 21.8; 2Cr 17.9). A referência à* ***Torah*** *também liga o saltério com as partes anteriores e posteriores do Antigo Testamento (cp. Gn 26.5; Ml 2.6-9).*

O varão descrito aqui, em vez de rejeitar a Lei de Deus como um fardo ou a ridicularizar por infringir a sua liberdade pessoal, encontra prazer e satisfação em aprender a Palavra de Deus ao meditar continuamente sobre ela. ***MEDITA*** *(heb.* ***hagah****, "resmungar, fazer um som baixo", Sl 1.2) sugere a leitura em voz alta, mas com suavidade, apenas para edificação pessoal. Também pode incluir recitar passagens memorizadas. Tal meditação não enfatiza basicamente o conhecimento mental, mas, antes, desperta o desejo de ceder constantemente à Palavra e vontade de Deus. Não significa sonhar acordado, uma vez que a pessoa está, de fato, lendo ou recitando o que a Bíblia diz. A palavra é usada figurativamente em Salmos 2.1 para referir-se aos inimigos de Deus no sentido de sussurrar ou falar em voz baixa para impedir que os planos malignos sejam ouvidos. Em contraste contundente com o homem que vive pela Torá, "os povos" que se opõem ao Senhor "imaginam [heb.* ***hagah****, "planejam, inventam"] coisas vãs" contra Deus (veja At 4.25).* A felicidade genuína deriva-se de pôr a si mesmo sob a autoridade da revelação de Deus na sua Palavra.

A expressão **de dia e de noite** indica foco constante e consistente na Palavra de Deus — exatamente como **a árvore plantada junto a ribeiros de águas** (heb. ***peleg***, "rio", Sl 1.3; cp. 46.4) tem um suprimento constante e consistente de água. Essa árvore, de modo bem distinto que cresce em terras desérticas do Oriente Próximo onde não demora a morrer em épocas de seca, foi deliberadamente plantada em um local onde florescerá e ficará segura (cp. Ez 17.8). Tal dedicação exemplar na leitura e estudo da "lei do SENHOR" era esperada dos líderes de Israel (veja Dt

17.14,15,18-20; Js 1.8). A produtividade espiritual e a estabilidade pertencem ao indivíduo cuja mente e vontade são continuamente transformadas pela Palavra de Deus (cp. Sl 19.7; 37.31). *"Tudo quanto fizer* ***PROSPERARÁ****" (heb.* ***tsalach****, "suceder, terminar bem", Sl 1.3) torna explícito o sentido da comparação. O homem que está firmado na Escritura e é guiado por ela alcança de forma bem-sucedida o que Deus objetiva para a vida dele. Por comparação, "as folhas" da árvore "não caem" desde que a sua vida seja continuamente sustentada por uma fonte de água segura (cp., em contexto, Is 1.30; 64.6).*

1.4-6 Em contraste gritante com a estabilidade e fecundidade do homem que evita o mal (vv. 1-2), **os ímpios** (heb. ***rasha'***, v. 4; cp. 1.1,6) são comparados à **moinha**, a casca inútil do grão que o vento carrega durante o processo de debulha (cp. Jó 21.18; Os 13.3). Eles **não são [...] como** a árvore frutífera e viva; **mas** as muitas pessoas ímpias estão mortas, não passam de cascas vazias (Sl 1.4) incapazes de **subsisti[r]** (heb. ***qum***, "levantar, ficar de pé, insistir, permanecer, durar") ao julgamento temporal de Deus nem ao **juízo** (heb. ***mishpat***, "ato de decidir um caso, a sentença do juiz", v. 5). Além disso, os **pecadores** (heb. ***chatta'***; veja 1.1) não podem permanecer **na congregação** [heb. ***'ēdah***, "assembleia ou reunião agendada, congregação"] **dos justos** (v. 5). Trata-se de uma garantia da fidelidade de Deus para com os que pertencem a Ele o fato de o **SENHOR conhece[r] o caminho dos justos** (heb. ***tsaddiq***, aqueles que são "justos" e cujo caráter reflete a retidão e justiça de Deus, v. 6; cp. Sl 34.14-17; 1Pe 3.11,12) e, portanto, aqueles que estão se tornando semelhantes a Ele. Em contraste com ser o objeto do cuidado de Deus, "os ímpios" governam a própria vida; e, por conseguinte, **o caminho** [deles] **perecerá** (heb. ***'avad***, "estar perdido ou ser destruído, perecer", Sl 1.6). No Novo Testamento, Jesus também contrastou dois caminhos, e entra-se cada um deles por uma "porta" distinta. A porta "larga" e o caminho "espaçoso" levam à "perdição", então Jesus instrui os seus discípulos a "entra[r] pela porta estreita", pegando o caminho "apertado [...] que leva à vida" (Mt 7.13,14). Jesus também se identifica como o "caminho" (veja Jo 14.6).

Salmo 2: A reverência devida ao Filho (2.1-12)

O Salmo 2, em geral classificado com um salmo real, lida com o rei de Israel. O poema, de início, pode estar conectado à cerimônia de entronização de um novo rei de Israel. No entanto, como um salmo

messiânico, aponta profeticamente para a identidade de Jesus como o Rei divino e Messias. O Novo Testamento atribui explicitamente esse salmo a Deus falando "pela boca de Davi" por intermédio do Espírito Santo. É citado em referência a Cristo pelo menos quatro vezes (At 4.25-28; 13.33; Hb 1.5; 5.5).

2.1-9 No salmo, a coroação do novo rei em Israel é acompanhada pela explosão de intranquilidade e rebelião das **nações** sujeitas a Israel (v. 1). *O conflito é descrito como um esforço concentrado pelos líderes para opor-se ao Senhor e ao* ***SEU UNGIDO*** *(heb.* ***mashiach****, do verbo* ***mashach****, "ungir", v. 2), um título refletindo a prática de consagrar um homem para a função de sacerdote (e.g., Êx 28.41), profeta (e.g., 1Rs 19.16) ou rei (e.g., 1Sm 15.1). O ritual da unção ou derramamento de azeite sobre a cabeça reconhecia formalmente que Deus escolhera e separara o "Ungido" (ARA) para o seu serviço (cp. Sl 89.20). "Messias" é a transliteração em português dessa palavra. Os tradutores, pelo uso de maiúsculas na frase, estão claramente seguindo a interpretação messiânica do salmo no Novo Testamento (veja Jo 1.41,42).*

A cena muda para uma perspectiva do céu. A rebelião dos reis terrenos é contrastada com a grandeza e poder de Deus que **habita** [heb. ***yashav***, "senta-se ou está sentado; habita"] **nos céus** (Sl 2.4). Aqueles que acham que podem zombar do **SENHOR** (heb. ***'Adonay***, "Senhor", referindo-se só a Deus) são tolos e invocam a **ira** e **furor** divinos (v. 5; cp. 59.8). Deus não só ridiculariza essas pessoas, como também põe o medo no coração delas ao anunciar o estabelecimento da sua soberania sobre a terra por intermédio do *seu* **Rei** no *seu* **santo monte** — o monte **Sião,** a localização do Templo e uma referência poética a Jerusalém (2.6). O "Rei", para os israelitas, referia-se ao monarca de Jerusalém. O versículo 7 introduz o que é chamado de "fórmula de adoção", por meio da qual Deus adota formalmente o rei terreno como o seu filho (cp. Sl 110.3).

O rei terreno de Israel, em contraste com pronunciamentos reais similares no Oriente Próximo e no Egito, não era considerado como o filho físico de Deus, e a sua entronização não o tornava um ser divino. Para Jesus, é claro, a adoção era desnecessária — Jesus já era o Filho de Deus. Deus Pai proclamou Jesus como o seu Filho durante o ministério terreno dEle, especificamente no seu batismo (Mt 3.17; Mc 1.11) e na transfiguração (Mt 17.5; Mc 9.7; Lc 9.35; 2Pe 1.17). Além disso, a promessa de Deus para estabelecer para sempre o trono de Davi (2Sm 7.11-16; 1Cr 17.11-14) fora cumprida na exaltação de Jesus como Rei (Mt 28.18; Mc 16.19; At 5.31).

O falante que declara o **decreto** (heb. ***choq***, "lei, aquela que é estabelecida ou definida") do **SENHOR** é declarado ser o **Filho** de Deus, em maiúscula, porque os tradutores queriam indicar a interpretação messiânica do salmo (Sl 2.7). Quando usado na adoração, em particular no contexto ou na rememoração da cerimônia de entronização do rei davídico, o rei sendo coroado poderia ser identificado com o falante e a sua afirmação confiante de estabilidade e força, fundamentadas na posição e poder inabaláveis de Deus como Rei **nos céus** (v. 4) e sobre o que Deus dissera a ele (vv. 7-9).

No hebraico, o pronome ***EU*** *(heb.* ***'ani****) — nas declarações, "Eu, porém, ungi" (v. 6) e "eu hoje te gerei" (v. 7) — é enfático porque o sujeito na primeira pessoa já foi indicado pela conjugação do verbo. O sentido, por conseguinte, é: "Eu com certeza [...]"; ou: "Eu mesmo [...]", enfatizando que a ação é corretamente atribuída só àquele a quem o pronome refere-se — isto é, o Senhor. Um único verbo hebraico, flexionado para incluir o sujeito ("eu") e o objeto ("você"), é traduzido pela frase* ***TE GEREI*** *(heb.* ***yalad****, "gerar", como pai), isto é, "tornar-se seu pai". Os tradutores, mais uma vez, usam maiúscula em "te" como uma referência a Deus Filho e "Pai", que identifica o gerador como Deus Pai.*

O Novo Testamento deixa claro que **hoje** não se refere a um tempo determinado quando o Filho veio à existência,[1] mas ao fato de Deus levantar Jesus de entre os mortos, manifestando, dessa maneira, a sua identidade como o Filho eterno de Deus e "sumo sacerdote" (v. 7; veja At 13.30-34; Rm 1.4; Hb 1.5; 5.5).

O Filho de Deus possui autoridade divina inerente ao governo das **nações** e dos **confins da terra** (Sl 2.8; cp. Mt 28.18,19), uma frase que aparece em inúmeros textos bíblicos que salienta a soberania de Deus e a resposta do homem a Ele (e.g., 1Sm 2.10; Sl 22.37; 59.13; 72.8; Is 45.22; Zc 9.10; cp. Fp 2.9-11). Tal autoridade traz estabilidade porque o Messias tem poder para esmagar toda oposição ao seu Reino, e derradeiramente fará isso. O Novo Testamento mais uma vez deixa claro que esse Rei messiânico segurando uma **vara** [heb.. ***shēvet***, "vara" ou cajado do pastor, Sl 23.4; "vara" de punição ou correção, Jó 9.34; o "cetro" do rei, Gn 49.10; Sl 45.6; veja o estudo da palavra, Pv 13.24] **de ferro** é Deus Filho (veja Hb 1.8; Ap 2.27; 12.5; 19.15).

2.10-12 O rei, tendo afirmado a sua autoridade e poder superiores, oferece de forma magnânima aos **reis** e **juízes** da terra os termos de paz com as seguintes ordens (vv. 10,11):

• ser **prudente** (heb. ***sakal***, "ser compreensivo ou prudente");

- receber **instrução** (heb. ***yasar***, "ser corrigido ou admoestado; receber a disciplina");
- **servi[r]** [heb. ***'avad***, "trabalhar ou laborar por; adorar"] **ao SENHOR com temor** (heb. ***yir'ah***, "temor santo, reverência");
- **alegra[r-se] com tremor** (heb. ***ra'ad***, "tremor" que caracteriza o medo intenso; cp. Êx 15.15; Is 33.14); e
- **beija[r]** [heb. ***nashaq***, "beijar", isto é, demonstrar publicamente lealdade ou saudar com o sinal de reverência e submissão esperado pela cultura] **o Filho** (aram. *bar*, "filho").

Os versículos 10-12 pedem aos reis terrenos que reconheçam os seus limites e respondam de modo sábio ao submeterem-se ao Rei ungido de Deus. A submissão é demonstrada pelo serviço (v. 11). Na Israel da Antiguidade, esse alerta era emitido aos reinos vassalos que, durante a transição para estabelecer um novo rei, aproveitavam com frequência a oportunidade para revoltarem-se. No entanto, com referência a Jesus, a aplicação estende-se a todos os reis e governantes de todos os lugares da terra. Aqueles sem essa reverência encontram um fim rápido, pois o Rei não olha de modo gentil para estes. O versículo 12 rememora o contraste estabelecido nas duas partes do Salmo 1 e encerra a introdução ao livro de Salmos como um todo. Aqueles que reverenciam o Rei são aqueles que põem a sua confiança no Senhor e, portanto, experimentam as suas bênçãos, enquanto aqueles que se opõem a eles sofrem o seu julgamento.

Salmo 3: A Fuga de Davi de Absalão (3.1-8)

3.1-4 O Salmo 3, o primeiro salmo com um cabeçalho ou sobrescrito, convida o leitor a rememorar ou consultar a narrativa histórica contando a fuga de Davi do seu filho Absalão, o evento que inspirou esse poema (veja 2Sm 15.1—19.43). A vida de Davi, por causa do seu adultério com Bate-Seba e subsequente assassinato do marido desta, foi destroçada por problemas familiares (veja 2Sm 12.9-12).

Quando o seu filho Absalão tentou com ousadia usurpar o trono, Davi foi forçado a fugir de Jerusalém. Davi expressa no salmo o que o escritor de 2 Samuel relatou. Davi, com a repetição de verbos, enfatiza o seu senso de ser sobrepujado por todas as pessoas envolvidas levar Israel à beira de uma guerra civil:

- **Como se têm multiplicado os meus adversários!** (heb. ***ravav***, "tornar-se muitos, ser numerosos", Sl 3.1).
- **São muitos** [heb. ***rav***, uma forma contraída de ***ravav***, v. 1] **os que se levantam contra mim.**
- **Muitos** [heb. ***rav***] **dizem [...]** (v. 2).

O relato histórico usa a mesma palavra: "e a conjuração se fortificava, e vinha o povo e se aumentava com Absalão" (heb. ***rav***, 2Sm 15.12). O escritor também cita o informante cujas palavras fizeram Davi tomar a decisão de fugir — "O coração de cada um em Israel segue a Absalão" (2Sm 15.13) — e o relato da traição de um dos conselheiros mais próximos do rei (2Sm 15.31). Enquanto no Salmo 2 os inimigos que confrontavam o ungido do Senhor — o Messias — eram de outras nações com os seus respectivos reis, no Salmo 3, Davi — o rei ungido do Senhor na terra — enfrentava oposição do seu próprio povo e até mesmo do seu próprio filho. A oposição era tão severa que, se Deus não tivesse intervindo, Davi seria derrotado e morto (veja 2Sm 15.31-37; 16.15—17.24).

SELÁ *(heb.) aparece três vezes nesse salmo — no fim dos versículos 2 e 4 e como a sua última palavra. "Selá" jamais ocorre mais que três vezes, possivelmente refletindo uma prática de cantar um salmo em três partes. Enquanto o sentido desse termo é desconhecido, é bem possível que tenha alguma relevância musical, em especial na execução do salmo no cenário de adoração, indicando:*

- *uma pausa para silêncio ou um interlúdio musical;*
- *um sinal para o címbalo tocar;*
- *uma marca para o coral cantar em um tom mais alto; ou*
- *uma parada durante a qual os adoradores prostram-se no chão.*

A palavra ocorre 71 vezes em Salmos e apenas em Habacuque 3.3,9,13.
Davi expressou confiança no Senhor por meio das seguintes palavras:

- **escudo** (heb. ***magēn***, "escudo, pequena armadura", Sl 3.3; cp. Gn 15.1; Dt 33.29; 2Sm 22.3) de um guerreiro, figurativamente — um objeto pequeno, em geral redondo, feito de couro ou metal e amarrado ao braço para a defesa contra a espada ou lança de um inimigo;

- **glória** (heb. ***kavod***, "honra, majestade, esplendor"; veja o estudo da palavra Sl 29.1-2) — isto é, Davi atribuiu ao Senhor toda honra associada com o fato de ele ser rei (cp. 62.7);
- **o que exalta** [heb. ***rum***, "aquele que eleva ou exalta"] **a minha cabeça** — isto é, instala em uma alta posição ou restaura a essa posição de honra (cp. 18.48; 27.6).

Davi declarou o seu reconhecimento de que não só o Senhor era a fonte da sua proteção e honra, como também é um Deus responsivo, pessoal e ativo (3.4).

3.5-8 Ser capaz de descansar comprova a total dependência de Davi no Senhor que **sustent[a]** (heb. ***samak***, "sustentar, ajudar, apoiar", v. 5; cp. 37.17,24; 145.14) continuamente os homens e mulheres de fé. Quando Davi avaliou a gravidade das suas circunstâncias, ele escolheu apostar tudo no poder e fidelidade soberanos de Deus, em vez de responder à situação com medo (3.6). O ritmo desse poema intensifica-se nos versículos 7-8, quando Davi clama urgentemente ao Senhor, pedindo que Ele aja na situação. Davi, em contraste com as **milhares** [heb. ***revavah***, "um grande número, miríades, multidão", v. 6; da mesma raiz de "multiplicar" e "muitos", 3.1-2] **de pessoas** que se levantaram contra ele (3.1,6), clamou ao Senhor para este se **levanta[r]** (heb. ***qum***, "levantar, ficar de pé", aqui com o sentido de "agir, mostrar-se forte e pronto para lutar", v. 7; cp. Nm 10.35; Sl 7.6; 9.19; 17.13) em seu favor.

Além disso, Davi suplicou ao Senhor, seu **Deus**, por **salvação** (heb. ***yeshu'ah***, "livramento, vitória"; cp. Êx 14.13; 2Sm 22.51; veja o estudo da palavra, Is 12.2), desafiando as multidões que diziam que Deus não "salva[ria]" (heb. ***yeshu'ah***, 3.2) o rei (vv. 7,8). Em hebraico, as formas verbais de **feri[r]** (heb. ***nakah***, "golpear") e **quebra[r]** (heb. ***shavar***, "esmigalhar, quebrar em pedaços", v. 7) sugerem ações que já foram completadas, tornando a descrição antropomórfica[2] da vitória de Deus uma garantia segura da intervenção decisiva do Senhor. Davi orou para que o povo de Deus fosse abençoado por intermédio da vitória concedida a ele, o rei.

Salmos 4—6: "Para o Cantor-mor" (4.1—6.10)

Cada um desses três salmos é identificado explicitamente como "salmo davídico", e o sobrescrito também indica que cada um deles devia ser realizado sob a liderança do "cantor-mor" (heb. ***natsach***, "um dos líderes na música, o principal cantor"). Trinta e nove salmos davídicos, bem como salmos associados com outros grupos e indivíduos, têm esse título. Alguns estudiosos da Bíblia sugerem que esses salmos existiram originalmente como uma coletânea menor identificada como aquela do "cantor-mor". *Entre os cantores e músicos designados pelos líderes levitas (de acordo com o comando de Davi quando trouxe a Arca da Aliança para Jerusalém), seis homens foram escolhidos para desempenhar um papel fundamental na direção da adoração de Israel com liras de acordo com o* ***SEMINITE*** *(heb. "oitava", [NVI]; 1Cr 15.21; cp. sobrescritos para os salmos 6 e 12). Essa palavra transliterada pode significar:*

- *uma "oitava" (NVI), isto é, indicando que a peça seria para instrumentos de uma oitava menor (como o violoncelo moderno);*
- *um instrumento musical com oito cordas;*
- *a oitava corda de um instrumento;*
- *a afinação de um instrumento em particular;*
- *a escala da melodia do salmo; ou*
- *a oitava cerimônia, e a de encerramento, da celebração do Ano Novo.*

Além disso, os três salmos começam com verbos no imperativo (4.1; 5.1; 6.1,2), o que demonstra confiança em aproximar-se de Deus em oração.

4.1-8 Davi expressa a fé e a confiança em Deus enquanto clama ao Senhor para que **ou[ça]** e **respond[a]** (NVI; heb. ***'anah***, "responder, retorquir", v. 1; cp. 3.4) a ele, implicando a sua expectativa de que Deus agiria de modo favorável em seu favor. *O pedido para Deus ter* ***MISERICÓRDIA*** *(heb.* ***chanan****, "ser favoravelmente inclinado a; demonstrar favor por", 4.1; cp. 6.2) reflete a dependência de Davi no Senhor e o reconhecimento de que tal favor é dado apenas segundo a vontade de Deus (veja Êx 33.19; 2Sm 12.22). Ter "misericórdia" indica a ação e a atitude de um superior em relação a um inferior que não fez nenhuma declaração para ter um tratamento misericordioso, mas só pode pedir pela graça ou misericórdia de Deus. O termo também reflete um relacionamento fundamentado na aliança entre Davi e o Senhor.*

Davi identifica Deus como aquEle que é o **Deus** da sua **justiça** — esse é o sentido literal, deixando claro que a justiça é inerente ao caráter de Deus.

A natureza da **angústia** (heb. ***tsar***, "angústia, inimigo, adversário, oponente") do salmista não é identificada anteriormente, mas Davi lamenta a loucura daqueles que se opõem a ele (4.1).

Davi, na oração a Deus, estava trabalhando por meio da frustração e angústia, e um dos primeiros passos era rememorar a verdade sobre Deus e os seus caminhos. Contando-se entre os **piedoso[s]** (NVI) a quem **o SENHOR separou** [heb. ***palah***, "separar, distinguir, fazer uma distinção; tornar distinguido ou ilustre"] **para si,** Davi lembra a si mesmo que Deus escolhera-o como rei e concedera-lhe o seu amor leal (v. 3). **Pertuba[ar]** (heb. ***ragaz***, "ser movido pela raiva, temor ou pesar", v. 4) também pode ser traduzido por "tremer". Os inimigos, embora se opusessem com firmeza ao rei, precisavam aprender a tremer em submissão a ele e **não pe[car]** (heb. ***chata'***, "errar o alvo ou objetivo", v. 4), isto é, arrepender-se.

Davi demonstrava uma notável falta de amargura em relação aos inimigos, incitando-os a consertarem os seus caminhos.

A aparição da palavra **Selá** entre os versículos 4 e 5 pode significar o movimento de um chamado para arrepender-se para um convite para agir. Os oponentes precisavam demonstrar arrependimento genuíno pelas suas ações.

> Os tementes a Deus precisam assumir uma postura de descanso ou confiança no Senhor e cessar de batalhar para alcançar os seus próprios propósitos.

Sacrifícios de justiça são aqueles oferecidos com as atitudes corretas — sinceramente e acompanhados pelo compromisso sincero ao Senhor (v. 5). Os sacrifícios aceitos crescem a partir do relacionamento correto com Deus.

A identidade de **muitos** não fica clara (v. 6). Eles podem ser os céticos ou apoiadores de Davi que estavam questionando com sinceridade os eventos que estavam acontecendo. Essas palavras são idênticas às de 3.2, contrastando aqueles que, no capítulo 3, ridicularizavam a Deus, mas agora o estavam buscando sem saber como. Davi, de qualquer maneira, orou e pediu por eles para que o Senhor tornasse evidentes as bênçãos da Aliança (veja Nm 6.24-26). O poema termina com a expressão de Davi da sua garantia pessoal da presença de Deus (Sl 4.7,8). O tempo da colheita,

quando os alimentos eram abundantes, era acompanhado pela maior alegria em uma sociedade agrícola. E ainda melhor que esse momento era a presença de Deus, o que trazia alegria e **paz** (heb. ***shalom***, "integridade, segurança", v. 8; veja o estudo da palavra, 119.165). A garantia da proteção de Deus vem para aqueles que põem a sua confiança no Senhor. Essa proteção, embora nem sempre física, tem uma dimensão eterna. Os tementes a Deus estão eternamente seguros no Senhor. Só Deus é a verdadeira fonte de segurança em um mundo inseguro.

5.1-12 Davi expressa ao Senhor a **meditação** (heb. ***hagig***, "gemido, murmúrio, meditação, clamor ardoroso", v. 1; cp. "meditava", 39.3; Rm 8.26) do seu coração. Davi, em uma postura de dependência, sentindo-se oprimido, clama para aquele que é capaz de libertar ou redimir.

O salmo pressupõe que o poeta sofreu uma injustiça. Davi reconhece o Senhor como o seu **Rei** e **Deus** soberano (Sl 5.2). **Pela manhã** significa a renovação da esperança que vem com a luz da manhã (v. 3). Os versículos 4-6 afirmam a rejeição do Senhor e o julgamento daqueles que agem de modo perverso.

Benignidade (heb. ***chesed***, "graça, misericórdia, bondade amorosa", v. 7; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) refere-se ao amor leal de Deus ou a sua lealdade à Aliança. A garantia de comunhão com Deus de Davi fundamentava-se no compromisso inabalável do Senhor para com ele, e não na justiça do rei. Em um mundo cheio de **loucos** (v. 5), o salmista apega-se à sua garantia do amor inabalável de Deus, o principal benefício da fé nEle. Tal fé leva o temente a Deus a responder ao Senhor com **temor** (heb. ***yir'ah***, "temor", v. 7; cp. 2.11). Embora o **Templo** (heb. ***hēkal***, 5.7) em Jerusalém não tenha sido construído durante a vida de Davi, o termo pode também se referir ao Tabernáculo ou ao Céu como o lugar de habitação de Deus (cp. 11.4).

De Coração a Coração

A leitura de salmos imprecatórios

Jesus ensinou os seus discípulos a amar os seus inimigos e a fazer o bem para aqueles que abusam ou se aproveitam deles (Mt 5.43-48). Como os leitores, então, deveriam compreender os salmos imprecatórios que invocam uma maldição ou clamam a Deus para trazer infortúnio ou desastre sobre os inimigos (cp. Sl 11; 17; 35; 55; 59; 69; 109; 137; e 140)? Devemos ter várias verdades em mente quando estudamos afirmações como aquelas encontradas em Salmos 5.9,10. Os salmos imprecatórios:

- expressam emoções humanas, revelando que expressar nossos sentimentos — até mesmo sentimentos que não são nobres nem piedosos — com honestidade para Deus em oração é aceitável;
- ensinam que a vingança pertence a Deus — o salmista não fez justiça pelas próprias mãos, mas chamou o Senhor para agir;
- lembra-nos de que, por Deus ser justo, os ímpios — aqueles que se opõem a Deus — serão, por fim, julgados;
- enfatizar que o Senhor, por amar o seu povo, preocupa-se com o bem-estar dele e, por fim, agirá no melhor interesse do seu povo.

Davi, sabendo que era incapaz de lutar sozinho contra os seus **inimigos**, suplica ao Senhor para que o lidere (5.8). Aqueles que se opunham a ele também eram inimigos do Senhor. Ele, por conseguinte, clamou ao Senhor para que os declarasse **culpados** ou os julgasse conforme mereciam (v. 10). Alegria, proteção e bênção cercam todos os que põem a sua fé no Senhor (vv. 11,12). O **justo**, isto é, aquele que tem um relacionamento correto com o Senhor, é abençoado com a **benevolência** de Deus, que o cerca **como** um **escudo** (heb. ***tsinnah***, "escudo grande designado para proteger todo o corpo", v. 12; cp. 1Sm 17.41). Tal proteção é um dos benefícios da fé no Senhor.

6.1-7 O Salmo 6 é o primeiro dos sete salmos reconhecidos pela Igreja Primitiva como *penitenciais*, lidando em particular com a natureza do pecado e do perdão. Embora o salmo não contenha nenhuma confissão explícita de algum pecado nem petição implorando por perdão, o vocabulário de abertura das linhas paralelas do versículo 1 implica a admissão de culpa. O salmista não pede ao Senhor para reter a correção e a punição, mas implora a Deus para **não** o **repreend[er]** [heb. ***yakach***, "corrigir pela punição, punir, repreender"] **na [s]ua ira** nem o **castig[ar] no [s]eu furor** (heb. ***chēmah***, "ira ardente, desprazer forte, fúria, ira", v. 1; cp. Dt 9.19; Sl 89.46; 90.7; 106.23). No contexto de todo o cânone da Escritura, esse pedido não sugere que Deus seja muito temperamental ou propenso a reagir de modo excessivo, infligindo dano sem motivo, em vez de disciplina eficaz como os pais humanos fazem com frequência quando a ira acende-se diante da desobediência de uma criança (cp. Êx 34.6; Nm 14.18; Sl 86.15; 94.12; 103.8; 145.8; Jl 2.13; Na 1.3).

O salmista ora por misericórdia — **Tem misericórdia** [Sl 6.2; veja o estudo da palavra, 4.1] **de mim** — preferindo aguentar a disciplina do Senhor e viver para **louva[r]** a Deus e não ser destruído como merece (6.5; cp. Jr 10.24). Davi, apelando para a **benignidade** (heb., ***chesed***, "lealdade à aliança", Sl 6.4; veja o estudo da palavra, Rt 1.8), apresenta

diante do Senhor que ele ama o terror, o cansaço e o pesar que o oprimem enquanto enfrenta os inimigos que parecem ser instrumentos da punição de Deus pelos seus pecados.

- Ele é **fraco** (heb. ***'umlal*,** "lânguido, caído, pendurar a cabeça", v. 2; cp. o uso da raiz verbal ***'amal***, "enfraqueceu", 1Sm 2.5; "enfraqueceram", Is 16.8; "secou", Jl 1.10).
- *A imagem de seus "ossos [...]* ***PERTURBADOS*** *(heb.* ***bahal****, "tremer; ficar aterrorizado ou deprimido", Sl 6.2) e sua "alma est[ar]* ***perturbada*** *(heb.* ***bahal****, vv. 3,10) transmite um sentido de pânico, alarme e terror repentinos acompanhado por respostas emocionais e físicas que até mesmo um guerreiro experiente como Davi não conseguiria controlar.*
- Ele está **cansado do [s]eu gemido** e choro (vv. 6,7; cp. 31.10; 38.9; 69.3; 102.5).

Deus não proveu nenhuma solução rápida, mas permitiu que Davi enfrentasse um período de arrependimento e busca sincera, e tudo isso apenas intensificou nesse rei o senso de necessidade urgente de ser resgatado.

6.8-10 O desespero dá lugar à confiança de que a situação foi revertida. Deus estava, de fato, atento às **lágrimas** e à **oração** do salmista. Agora, os **inimigos**, cuja presença ameaçadora estimulara esse exame intenso da alma, seriam **perturb[ados]** (heb. ***bahal***, veja o estudo da palavra, 6.2).

Salmo 7: "Sigaiom de Davi, [...] sobre as Palavras de Cuxe" (7.1-17)

7.1-5 Não há menção em nenhum outro texto da Escritura a um **benjamita** chamado **Cuxe** que, de acordo com o sobrescrito, provocou a composição de Davi ou a execução desse salmo. Alguns estudiosos conectaram esse salmo com as instâncias na vida de Davi quando foi perseguido pelo benjamita Saul. De qualquer modo, o salmo transmite um pedido de proteção contra as falsas acusações dos inimigos.

O salmo começa com um apelo para que o Senhor o salve e o **livr[e]** (heb. ***chasah***, "fugir para um lugar ou pessoa para proteção; encontrar, buscar ou se refugiar", v. 1) no Senhor (vv. 1,2). Dois verbos aparecem em

paralelismo sinônimo para identificar o que Davi desejava que o Senhor fizesse por ele enquanto buscava refúgio no Senhor (v. 1):

- ***SALVA*** *(heb.* ***yasha‘****, "libertar, preservar, livrar"; cp. 3.7; 6.4) combina o sentido militar e físico com uma forte conotação teológica ou religiosa no Antigo Testamento porque o Senhor é aquEle a quem o seu povo busca por livramento. O verbo está relacionado aos nomes hebraicos grafados de várias maneiras* ***Josué*** *e* ***Yeshua****, ou* ***Jesus****.*
- ***LIVRA*** *(heb.* ***natsal****, "afastar", 7.1-2) sugere a imagem vívida de arrancar ou arrebatar o objeto da situação de perigo. A experiência de Davi como pastor — quando "livrava" as ovelhas da boca de "um leão ou um urso" (1Sm 17.34,35) e testemunhava o leão "despedaçando" (heb.* ***paraq****, "quebrar ou esmagar", em especial com o sentido de uma besta selvagem submetendo a sua presa; cp. "despedaçará", Zc 11.16) de uma ovelha "sem que haja quem a livre" (heb.* ***natsal****, Sl 7.2) — provavelmente suprindo a imagem para descrever a sua situação.*

O apelo de Davi levou em consideração a ferocidade demonstrada pelos seus oponentes. Ele pediu libertação para os seus inimigos, fundamentado na sua própria integridade (vv. 3,4). Se estivesse, de fato, errado, ele pediria que os seus inimigos sobrepujassem-no (v. 5). Ele convidou o Senhor a sondá-lo por quaisquer ações ou motivos equivocados da sua parte e julgá-lo conforme essas falhas.

7.6-17 Davi não só chamou Deus para julgar os seus inimigos, como também apelou ao Senhor para julgá-lo, pois estava confiante da sua própria **justiça.** ***INTEGRIDADE*** *(heb.* ***tom****, "inteireza", v. 8; cp. 25.21; 26.1,11; 1Rs 9.4) transmite as ideias de correção e completude. Nas Escrituras, a pessoa íntegra é aquela que faz com que o Senhor torne-se o centro da sua vida e cuja vida revolve em torno do Senhor e da sua vontade.* Davi orou para que o resultado final das duas formas de viver — também descritas no salmo 1 — tornassem-se evidentes para todos os observadores. **Os retos** teriam estabilidade enquanto a **malícia dos ímpios** teria **fim**. Isso é verdade porque o Senhor é um **juiz justo** (Sl 7.11). Os versículos 15 e16 afirmam que o povo colheria, por fim, o que houvesse plantado.

O poema termina com uma nota de louvor ao Senhor justo. Os inimigos dos salmistas eram vistos como os inimigos do Senhor e colheriam o mal

que haviam plantado. O **SENHOR Altíssimo** é o exaltado, Senhor acima de tudo e todos.

Salmo 8: A Majestade do Senhor e a Dignidade da Humanidade (8.1-9)

8.1-9 *Esse "salmo de Davi" também é identificado com estas palavras: "sobre **GITITE**" (heb.; cp. Sl 81; 84). O sentido preciso dessa palavra transliterada é desconhecido. Refere-se provavelmente a um instrumento musical — talvez uma cítara — pode estar associado com a cidade filisteia de Gate como o lugar onde o instrumento era produzido, como a origem de estilo especial de canto ou como um cenário musical. A LXX traduz a palavra por "lagar, barril de vinho" (gr. **lēnōn**), associando o salmo com o festival da época da colheita das uvas da Festa dos Tabernáculos.*

O primeiro hino de louvor no saltério é o único salmo no Antigo Testamento que não muda em um determinado ponto de dirigir-se diretamente a Deus. Ele começa e termina com um refrão exaltando o **nome** do **SENHOR [**heb. ***YHWH***, o nome de Deus usado na Aliança], **Senhor** [heb. ***'adon***, "mestre, governante", uma forma de dirigir-se que transmite o respeito e a honra devidos a quem os merece) **nosso** como **admirável** [heb. ***'addir***, "grande, poderoso, forte"; portanto, "majestoso, excelente, nobre, ilustre"; cp. 76.4; Is 33.21] **[...] em toda** [heb. ***be-kol***, "em toda"] **a terra** (Sl 8.1,9). No hebraico, o nome da pessoa representava o seu caráter ou reputação. No nome do Senhor, é revelado o poder, a identidade e a **glória** (heb. ***hod***, "glória, esplendor, beleza", v. 1; cp. 148.13; 1Cr 29.11; Hc 3.3) daquEle que criou "os céus" e a "terra" (cp. Gn 1.1).

No texto hebraico, o versículo 2 começa com uma frase singular — **da boca das crianças e dos que mamam**, isto é, dos seres humanos mais jovens e mais vulneráveis, totalmente dependentes daqueles que cuidam deles (cp. 1Sm 22.19; Lm 2.11). Nesses vasos humanos mais frágeis, Deus **suscit[a]** [heb. ***yasad***, "fundar ou lançar fundação, apontar, ordenar"; gr. (LXX) ***katērtisō***, "preparar; ajustar ou estruturar para si mesmo"; cp. Hb 10.5] **força** [heb. ***'oz***, "força, poder"; gr. (LXX) ***ainon***, "causa de cessar, tranquilizar, refrear"; cp. Sl 46.9] **[...] para [...] calar** aquele que ameaça e opõe-se ativamente aos propósitos divinos. Jesus citou parte desse versículo da Septuaginta em resposta à indignação dos líderes religiosos por

Ele aceitar o louvor dos "meninos clamando no Templo: Hosana ao Filho de Davi" (Mt 12.15).

Enquanto a ênfase principal do salmo está na excelência de Deus, a ênfase secundária cai sobre o valor e dignidade das pessoas criadas à imagem de Deus. Considerando os **céus** de Deus (Sl 8.3; cp. 19.1) e reconhecendo o Criador por colocar **a lua e as estrelas** nos **céus** (cp. Gn 1.16,17), Davi maravilha-se com o contraste entre as vastas maravilhas da criação que estão além do controle do homem e o fato de Deus lembrar-se do homem e visitá-lo (Sl 8.4,5; cp. 144.3; Jó 7.17; heb. 2.6). *Davi usa uma expressão incomum para descrever os "céus" como* ***OBRA*** *[heb.* ***ma'aseh****, "aquilo que é feito, tipicamente pela mão; aquilo que é realizado, feito ou alcançado — um ato ou ação", Sl 8.3,6; cp. 19.1; 28.4,5; 104.24; Dt 14.29; Js 24.31; Jó 14.15] dos teus dedos".* ***DEDOS*** *(heb.* ***'etsba'****, Sl 8.3) refere-se figurativamente à habilidade (cp. Êx 31.18; Sl 144.1) ou apenas a uma parte da mão (Êx 8.19; Is 59.3), termo usado com frequência como símbolo de poder, força e controle (veja Jó 12.9,10; Sl 10.12; 74.11; 89.13). A Escritura, com o mesmo vocabulário, descreve a idolatria como as pessoas inclinando-se diante da "obra [heb.* ***ma'aseh****] das suas mãos, diante daquilo que fabricaram os seus dedos" (Is 2.8-9), em vez de adorar aquEle que os criou, conforme Davi faz nesse salmo.* Quando Davi se volta para considerar o lugar do homem na criação, ele também rememora o relato da declaração de Deus de que o homem "domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra" (Gn 1.26b). O Senhor fez com que ele tivesse "**domínio** [heb. ***mashal***, "causa para governar ou ter domínio", Sl 8.6,7] sobre as obras das tuas mãos".

O homem, por ter recebido o domínio sobre a terra e as suas criaturas, ocupa um lugar exaltado na criação; mas a honra e as responsabilidades são dádivas, e não direitos adquiridos ou tomados para si mesmo. O Senhor o fez **pouco menor [...] do que os anjos** (heb. ***'Elohim***, v. 5), uma expressão que alude a Deus criando o ser humano à sua imagem (veja Gn 1.27,28). O escritor da carta aos Hebreus, numa aplicação do Novo Testamento a Jesus Cristo na sua humanidade, cita Salmos 8.4-6 da Septuaginta que compreende o termo ***'elohim*** no sentido de "seres celestiais, membros da corte divina" (cp. Sl 138.1): "Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos" (Hb 2.7; cp. Sl 97.7; e Hb 1.6). O Senhor também **coro[ou]** o homem **de glória** [heb. ***kavod***; veja o estudo da palavra, 29.1,2] **e de honra** (heb. ***hadar***, "adorno, majestade", Sl 8.5; cp. "esplendor", 104.1). Essas duas qualidades reais são frequentemente

atribuídas a Iavé, o Rei Divino, e aparecem juntas só em Salmos 145.12 ("glória da magnificência"). O salmo, no entanto, enaltece o nome do Senhor como aquEle que conferiu essas qualidades àqueles criados à sua imagem (8.1,8).

Há um abismo inegável entre o papel pretendido para o homem na criação (v. 6b) e a realidade da experiência humana após a Queda (Gn 3.17-19). Contudo, o uso desse salmo no Novo Testamento aponta para o cumprimento desse papel pelo Cristo encarnado no seu sofrimento e morte. Deus pôs, de fato, tudo "debaixo de seus [de Cristo] pés" (veja 1Co 15.27; Ef 1.20-23; Hb 2.5-9). Esse salmo, portanto, é messiânico no sentido de que Jesus, como totalmente homem e totalmente Deus, realizou o que Deus esperava dos seres humanos pela sua perfeita obediência e santidade.

Salmos 9—10 (9.1—10.18)

Os salmos 9 e 10 são muito relacionados em forma, linguagem e tema. O título ou inscrição do Salmo 9 se aplica claramente ao Salmo 10, e os dois salmos aparecem como uma unidade na LXX. Além disso, o Salmo 10 dá continuidade ao recurso de acróstico iniciado no Salmo 9. Ambos os salmos expressam confiança na vitória de Deus sobre o mal.

Salmo 9: Em louvor pela justiça do Senhor (9.1-20)

9.1-12 Celebrando os julgamentos justos do Senhor, o sobrescrito deste salmo de ação de graças especifica que o salmo deve ser cantado ou tocado **sobre *Mute-Laben*** (heb., com o sentido de "morte pertencendo ao filho" ou "morte para o filho"). Muitos estudiosos acreditam que essa designação refere-se à melodia com que o salmo deveria ser cantado. Outros consideram que o termo talvez se refira às vozes femininas (sopranos ou tom agudo).

O Salmo 9 celebra a justiça de Deus ao afirmar que o Senhor provê refúgio em momentos de dificuldade para aqueles que confiam nEle. Nos versículos 1 e 2, o Senhor (Iavé) é chamado de **Altíssimo**. Antes, Abrão chamou o Senhor Deus de "Altíssimo" depois de receber a bênção de Melquisedeque (Gn 14.17-24). O **nome** (Sl 9.2,10) refere-se ao seu caráter, à essência de quem Ele é. O verbo **conhece[r]** (v. 10) no pensamento hebraico é um termo de relacionamento que se refere ao conhecimento

íntimo e pessoal. Aqueles que têm conhecimento íntimo e pessoal do caráter de Deus, do próprio Deus, são os mesmos que põem a sua confiança nEle e experimentam a proteção divina durante os tempos de angústia.

9.13-20 O tom do poema muda da celebração e ação de graças para um apelo por resgate. Davi antecipa que o Senhor executará justiça sobre os inimigos dele, que também são inimigos do Senhor. Além disso, ele percebe a vitória do Senhor como um fato consumado. ***Higaaiom*** (heb., "meditação, tocar as cordas da harpa", v. 16) é uma anotação musical. Esse termo combinado com **Selá** pode indicar que os versículos 17 e 18 devem ser cantados em um espírito de meditação, ou com vozes suaves, ou ainda com acompanhamento.

Salmo 10: Quando Deus parece ignorar a opressão e a violência (10.1-18)

10.1-18 Esse salmo que começa questionando a ausência de Deus em **tempos de angústia** (heb. ***tsarah***, "angústia", v. 1; cp. 9.9) termina com uma nota positiva de garantia. O salmo foca a **justiça** de Deus em face da grande perversidade em meio ao povo da sua Aliança (v. 18). Davi chama o Senhor para que Ele demonstre a sua preocupação para com o povo afligido ao julgar **o ímpio e malvado** e ao fortalecer os **mansos** (heb. ***'anaw***, "afligidos, miseráveis", v. 17) e o **oprimido** (vv. 12-18). O Senhor, que é Rei **eterno** (cp. Ap 11.15-17), cuida dos membros mais vulneráveis da sociedade (Sl 10.16-18). Deus ouve o clamor daqueles que se humilham diante dEle e, por fim, liberta-os da angústia e das dificuldades.

Salmos 11—13: O Senhor como Refúgio, Proteção e Livramento (11.1—13.6)

11.1-7 Este breve salmo **de Davi** expressa fé na justiça do Senhor apesar da perversidade na terra. Ele começa com uma nota de desespero. Davi enfrentara um sério perigo e recebeu o conselho para fugir do poder destrutivo dos seus inimigos, só que ele rejeitou esse conselho. Antes, ele **refug[ia]**-se (NVI) no Senhor justo em quem ele confia. É interessante observar que Davi já respondeu para si mesmo (v. 1) à pergunta que ele faz (v. 3). Quando os próprios **fundamentos** da vida **se transtornam** (heb. ***haras***, "são quebrados", v. 3), aqueles com o relacionamento correto com

Deus podem encontrar refúgio nEle. Davi acreditava na derrota derradeira dos inimigos por causa da natureza justa do Senhor que ama aqueles que fazem escolhas corretas e demonstram as atitudes certas na vida.

12.1-8 Com relação ao termo ***Seminite***, veja o estudo da palavra, Salmos 4—6. O clamor do poeta pedindo para que os **salva[ssem]** (heb. ***yasha'***, "razão para libertar, da raiz verbal para "salvação", Sl 12.1; veja o estudo da palavra, 7.1) é um clamor por salvação ou livramento quando Davi sente-se sozinho no seu combate contra o mal, quando todos os **homens** (heb. ***bēn 'adam***, literalmente "filhos dos homens", vv. 1,8) **benignos** ou **fiéis** parecem **falta[r]** (heb. ***pasas***, "cessar, falhar, desistir"). Uma questão central no salmo é o contraste entre a fala dos **ímpios** (heb. ***rasha',*** "injustos", v. 8) e as **palavras puras** (heb. ***tahor***, "limpo", em oposição às sujas ou imorais; "sem mistura, sem adulteração", como ouro puro) do Senhor (v. 6; cp. Jr 5.1-5; Mq 7.2). Os ímpios:

- **fala[m] falsidades** [heb. ***davar***, "falar"; ***shaw'***, "falsidade; vaidade, vazio", i.e., aquilo que desaponta a esperança] **ao seu próximo** (Sl 12.2);
- **falam com lábios lisonjeiros** (heb. ***chelqah***, literalmente, "suave, escorregadio", vv. 2,3; cp. Pv 6.24; Is 30.10);
- falam com o **coração** [heb. ***lēv wa-lēv***, "coração e coração", Sl 12.2) — tendo um sentido no seu coração, porém dizendo outra coisa de seu coração;
- falam **soberbamente** (heb. ***gadol***, "grandes, notáveis" coisas, v. 3), isto é, "contar prosa";
- afirmam **prevalece[r]** (heb. ***gavar***, "prevalecer", v. 4a) por meio da fala, refletindo a crença no poder persuasivo da sua própria eloquência ou confiança na força para manter o controle dos outros meramente por intermédio da fala — ou seja, quando falam, as pessoas ouvem e obedecem; e
- vangloriam-se da liberdade de dizer o que quer que desejam, sem ninguém para interrompê-los (v. 4b).

As práticas verbais do ímpio instigam e perpetuam a **opressão** (heb. ***shod***, "violência contra os fracos, destruição", v. 5). ***GEMIDO*** *(heb.* ***'anaqah****, "clamor audível, gemido ou expressão não verbal de sofrimento", v. 5)*

aparece apenas aqui, havendo apenas outras três ocorrências no Antigo Testamento. Em Salmos 79.11 e 102.21, Deus ouve o "gemido dos presos". Em Malaquias 2.13, o profeta acusa Judá por lamentar que Deus não recebe mais de bom grado as ofertas deles por causa da traição dessa nação. Aqui, "os ***POBRES****" (heb.* ***'evyon****, "aqueles que são necessitados ou passam por sofrimento não merecido; os oprimidos"; Sl 12.5; cp. 9.18; 35.10; 40.17; Dt 15.7,9; 24.14) são aqueles a cujo "gemido" o Senhor responde (cp. Is 33.10).* O que o Senhor **diz** (veja Sl 12.5) é tão bom quanto o que é feito (vv. 6,7). Davi, portanto, declara ao Senhor o seu senso de garantia no compromisso de Deus de **guarda[r]** e **livra[r]** o seu povo, isto é, os "pobres" e os "necessitados" (v. 7).

A perversidade e os sistemas de valor falso caracterizam os **filhos dos homens** (heb. ***benē 'adam***, literalmente, "filhos de Adão") quando não estão em um relacionamento com o Senhor (v. 8). Contudo, por mais que as pessoas a nossa volta sejam falsas e inconstantes, as promessas do Senhor são puras e confiáveis. O ouro e a **prata** refinados simbolizam a mais sublime perfeição e beleza a serem alcançadas por intermédio da arte e habilidade humanas — apenas um indício de quão perfeitas e verdadeiras são as promessas de Deus (v. 6).

13.1-6 Há quatro repetições de **até quando [...]?** (heb. ***'ad-'anah***, "até quando", vv. 1,2), e elas servem como um lembrete de que até mesmo Davi teve longos períodos em que se sentiu distante e sozinho. A pergunta que ecoa ao longo de todo o livro de Salmos (e.g., 4.2; 6.3; 35.17; 79.5; 89.46) implica que o falante acredita que o Senhor pode mudar e mudará, por fim, as circunstâncias ou condições aguentadas com dificuldade. Aqui, Davi reclama da **tristeza** (heb. ***yagon***, "tristeza, angústia") no seu **coração** (v. 2), temendo que o seu **inimigo** estivesse ganhando força e, se não fosse interrompido, logo estaria ostentando a vitória sobre ele (v. 4). O Senhor, considerando-se que os seus adversários estavam mais poderosos, parecia estar retendo o seu favor. Davi ansiava para que o Senhor cessasse de esconder a sua face ou a sua presença (v. 1). Experimentar a presença de Deus seria receber integridade e **salvação** (heb. ***yeshu'ah***, "ajuda, salvação", v. 5; veja o estudo da palavra, Is 12.2); não experimentar a presença de Deus seria **adorme[cer] na morte** (Sl 13.3).

Davi, após fazer a sua oração, afirmou com firmeza a sua salvação (v. 5). A resolução de **canta[r] ao SENHOR** não constitui uma negação dos obstáculos e perigos enfrentados por Davi, mas reflete o seu foco no caráter imutável de Deus que já fora bom para ele (v. 6).

Salmos 14—15: Contrastando Retratos (14.1—15.5)

Salmo 14: O retrato da tolice (14.1-7)

14.1-7 Os salmos 14 e 53 parecem ser substancialmente o mesmo. ***NÉSCIOS*** *(heb.* ***naval****, "sem sentido, estúpido; ímpio", v. 1; cp. 1Sm 25.3,25) é mais bem entendido como sem discernimento espiritual, e não privado de inteligência — isto é, aquele que parece incapaz de fazer o que obviamente seriam as melhores escolhas. Ser néscio é o oposto de ser sábio (cp. Sl 111.10).* O néscio nega a existência de Deus. Algumas pessoas que nunca negaram verbalmente a existência de Deus são, não obstante, ateias na prática. Essas pessoas conduzem a vida como se Deus não existisse. Os néscios ignoram a realidade de terem de prestar contas a Deus e a inevitabilidade do julgamento divino. O oposto de estupidez ou loucura no Antigo Testamento não é inteligência, mas, antes, a devoção leal ao Senhor. O uso do Salmo 14 em Romanos 3.10-18 enfatiza que todos que escolhem separar-se da sabedoria de Deus encontrada no evangelho de Cristo são néscios.

Salmo 15: O retrato da integridade (15.1-5)

15.1-5 Este salmo lida com as exigências ou preparação para a verdadeira adoração, por experimentar a comunhão com Deus. O **Tabernáculo** (heb. ***'ohel***, "Tabernáculo, lugar de habitação, casa") e o **santo monte** do Senhor referem-se ao lugar designado de adoração em Jerusalém ou monte Sião (v. 1; cp. 2.6; 99.9; Is 56.7). A pessoa cuja adoração é aceitável a Deus é descrita como **aquele que** (15.2):

- **anda** [heb., ***halak***, "anda, vai", uma forma hebraica comum para referir-se ao estilo de vida costumeiro da pessoa] **em sinceridade** (heb., ***tamim***, "correto, sem culpa, integridade"; cp. 2Sm 22.24; veja o estudo da palavra, Lv 1.3);
- **pratica a justiça**; e
- **fala** [heb. ***davar***, "falar"] **verazmente segundo o seu coração**, a fonte das palavras e ações do indivíduo (veja Mt 15.18,19; Lc 6.45).

Essa pessoa fala e age corretamente.

A pessoa justa também ***não*** (Sl 15.3):

- **difama** [heb. ***ragal***, "fazer afirmações falsas e maliciosas; atacar o bom nome ou reputação de alguém; caluniar"] **com a sua língua;**
- **faz mal ao seu próximo**; nem
- **aceita nenhuma afronta** [heb. ***nasa'***, o verbo "levantar ou aceitar", com o objeto ***cherpah***, "zombaria, desprezo"] **contra o seu próximo** (heb. ***qarov***, "parente próximo, conhecido íntimo").

Esses comportamentos estão ausentes daquele que é autenticamente reto no seu relacionamento com as pessoas. Por fim, a família de fé de Deus inclui aquele que:

- demonstra sabedoria e discernimento (v. 4a);
- **mantém a sua palavra** (NVI; v. 4b); e
- não busca ganho financeiro de forma injusta ou sem ética (v. 5a).

*A última linha do salmo afirma que aquele que "habit[a] no Tabernáculo" do Senhor (v. 1) é um indivíduo que "nunca será **ABALADO**" (heb., **mot**, "abalar, vacilar, cair", v. 5). Só "o justo nunca será **ABALADO**" (heb. **mot**, Pv 10.30; cp. Sl 55.22; 112.6), então o néscio engana a si mesmo quando afirma que "não ser[á] abalado" (Sl 10.6). A estabilidade e a confiança transmitidas por essa expressão dependem claramente do "confia[r] no SENHOR" (veja 125.1). Em outros trechos, o salmista declara que "nunca será abalado" porque:*

- *Iavé está "à minha mão direita" (16.8);*
- *Iavé "nunca permitirá" isso (55.22);*
- *Iavé, só ele, "é [...] [sua] rocha e [...] salvação [...] [e] defesa" (62.2,6).*

Aqui, escolhas éticas específicas caracterizam aqueles que confiam em Iavé e, por conseguinte, podem residir na segurança inabalável da casa de Deus no seu "santo monte" (cp. 24.3-5).

Salmos 16—18: As Expressões de Fé (16.1—18.50)

Salmo 16: A segurança da fé (16.1-11)

16.1-11 Este salmo é designado como ***Mictão*** (veja o estudo da palavra, na Introdução). A fé de Davi é refletida nessa oração por preservação em que pede a Deus para **guard[á-lo]** (heb. ***shamar***, "manter seguro, proteger, guardar"; cp. 1Sm 26.15,16), isto é, fazer o que se espera naturalmente da fonte de recurso em que se **refugi[ar]** (Sl 16.1; NVI). Davi contrasta a sua devoção singular ao Senhor com as **dores [que] se multiplicarão àqueles que fazem oferendas a outro deus** e, conforme fica claro, adoram inúmeros outros deuses. Tendo declarado a sua recusa de participar em rituais pagãos com ***libações de sangue*** (v. 4; cp. Dt 32.37-39), ele afirma Iavé como a sua ***porção*** e ***cálice*** (Sl 16.4,5).

Um conjunto de imagens parece intensificar a imagem da devoção de Davi à adoração exclusiva de Iavé. Duas palavras em hebraico são traduzidas por ***PORÇÃO*** *(heb.* ***manah-chēleq****, "parte da minha herança, porção designada, parte", v. 5). Por si mesma,* ***manah*** *(heb. "parte, porção") denota em geral a "porção" de carne do adorador (Êx 29.26; Lv 7.33; 8.29; 1Sm 1.4,5; cp. 1Sm 9.23) ou a dádiva das "porções" de alimento (Ne 8.10-12; Et 9.19,22). Algumas vezes, a palavra* ***chēleq*** *(heb. "porção, parte, lote") também designa a parte de uma oferta a ser comida pelo sacerdote (Lv 6.17), porém é usada com mais frequência como sinônimo de* ***HERANÇA*** *(heb.* ***nachalah****, "lote, posse", Sl 16.6; veja Gn 31.14; Js 18.7). Os levitas eram distinguidos das outras tribos de Israel no fato de que o seu sacerdócio e o Senhor seriam a "porção" e a "herança" deles, e não uma porção de terra (Nm 18.20; Dt 18.1; 32.9).*

Para Davi, Iavé era a sua "porção" e o seu ***CÁLICE*** *(heb.* ***kos****, figurativamente aqui, a "porção" de alguém, Sl 16.5; cp. 23.5; 116.13). Ele também declara o seguinte sobre o Senhor: "tu* ***SUSTENTAS*** *[heb.* ***tamak****, "sustenta, apega-se a, apoia, sustém, mantém" — um particípio ativo com o sentido de ação contínua; cp. 41.12; Is 41.10] minha* ***SORTE*** *(heb.* ***goral****, "aquilo que cabe a alguém pela sorte", em especial a parte de uma "herança", Sl 16.5; cp. Nm 33.54). As* ***LINHAS*** *(heb.* ***chēvel****, "corda, cordão, linha de medida"; Sl 16.6) marcavam um campo dado por "sorte", isto é, uma "herança" (e.g., Js 17.5,14; cp. Dt 32.9). Tendo confiado totalmente no Senhor, Davi aceitou com alegria os parâmetros de Deus para desfrutar desses benefícios, alguns dos quais são rememorados no restante deste salmo.* Davi recebeu a garantia da ajuda, conselho e orientação de Deus (Sl 16.7). Ele, por focar continuamente o Senhor, sabia que não **vacilar[ia]** (heb. ***mot***, v. 8; veja o estudo da palavra, 15.5). Além disso, Deus não o abandonaria no **inferno**, ou Seol, o lugar de habitação dos mortos (16.10).

Salmo 17: Uma oração de fé (17.1-15)

17.1-15 Este salmo é o primeiro no livro a ser identificado como uma **oração** (heb. ***tephillah***, "rogo, súplica"; cp. 4.1; 6.9; 2Sm 7.27; 1Rs 9.3,4) no seu cabeçalho ou sobrescrito. Essa oração reflete a confiança de Davi de que o Senhor iria protegê-lo como uma pessoa inocente enfrentando circunstâncias difíceis. Esse salmista caminhou nos **caminhos** de Deus (v. 5). Os pés dele não **vacil[am]** (heb. ***mot***, "vacilar, tremer", v. 5; veja o estudo da palavra, 15.5), pois escolheu o caminho correto, o caminho da vida (veja Sl 1). Davi expressou confiança de que Deus ouviria o seu clamor por ajuda proferido sob extrema pressão (17.6). Ele pediu a Deus para mostrar as suas **beneficências** (heb. ***chesed***, "amor leal" ou "lealdade à aliança" do Senhor, v. 7; veja o estudo da palavra, Rt 1.8), em uma linguagem que ecoava os cânticos de Moisés celebrando a libertação de Israel do Egito e preparando para a entrada na Terra Prometida (cp. Êx 15.11-13; Dt 32.1-43):

- Davi apelou ao Senhor por uma **sentença** (heb. ***mishpat***, "julgamento, a sentença dada por um juiz", Sl 17.2) e pela divina intervenção — para **livra[r]** o seu servo **do ímpio, pela** sua **espada** (heb. ***cherev***, v. 13) e a sua **mão** (heb. ***yad***, v. 14), significando o seu poder.
- Moisés enalteceu Deus por "opera[r] maravilhas" (heb. ***pele'***, "algo extraordinário ou excepcional", Êx 5.11) em nome de Israel e observou que Deus iria liderá-los com a sua "beneficência" (heb. ***chesed***, Êx 15.13). Davi convida esse mesmo Deus para **faze[r] maravilhas** (heb. ***palah***, "ser distinguido, ilustre ou maravilhoso") da sua "beneficência" (heb. ***chesed***; veja o estudo da palavra, Rt 1.8).
- Davi diz que Deus **livr[a]** (heb. ***yasha'***, um particípio denotando aquele que "salva"), usando o mesmo verbo que aparece em uma afirmação resumida ligando o cântico de Êxodo 15 ao contexto da sua narrativa: "Assim, o Senhor salvou [heb. ***yasha'***, "salvar, libertar, dar vitória a, livrar, liberar"; cp. Êx 2.17] Israel naquele dia da mão dos egípcios" (Êx 14.30).
- O salmo reconhece que Deus é quem salva **aqueles que em ti confiam** [heb. ***chasah***, "fugir para um lugar ou pessoa em busca de proteção; encontrar, buscar ou se refugiar"; cp. Sl 2.12; 5.11; 7.1; 11.1; 16.1; 18.2,30] **dos que se levantam contra a tua destra** (heb. ***yamin***,

17.7; cp. 16.8,11; 18.35; 20.6; 21.8). O cântico de Êxodo atribui três vezes a salvação do Senhor à sua "destra" (heb. ***yamin***, Êx 15.6,12), uma metáfora cujo significado é falar do poder e força sem iguais de Deus, especialmente quando usados para resgatar o seu povo. O cântico de Moisés enfatiza que só é possível encontrar refúgio (heb. ***chasad***) em Iavé e que "ninguém há que escape da [...] [sua] mão" (Dt 32.37-39). Por conseguinte, "se levanta[r] contra" a "destra" de Deus é inútil (Sl 17.7).

- Davi ora: **Guarda-me** [heb. ***shamar***, veja 16.1] **como à menina** [heb. ***'ishon bat***, "pupila"; literalmente, "filhinha"] **do olho, esconde-me à sombra das tuas asas** (17.8; cp. 36.7; 57.1; 61.4; 63.7). Moisés descreve como o Senhor "guarda" (heb. ***natsar***, "cuidar, guardar") o seu povo como a "menina [heb. ***'ishon***] do olho" e como uma águia planando sobre os filhotes no ninho, isto é, escondendo-os na sombra das suas asas (Dt 32.10,11). A imagem de ser escondido sob a sombra das asas de Deus também rememora a forma como a Arca da Aliança — com as asas dos querubins abertas sobre o propiciatório (Êx 25.20) — servia de símbolo da presença e total proteção de Deus. Assim como o Senhor demonstrou o seu poder contra o Egito, também Davi espera com confiança ser liberto dos seus inimigos. O salmo termina com uma nota de confiança de que Davi desfrutará da total satisfação da **face** ou presença do Senhor (Sl 17.15).

Salmo 18: As recompensas da fé (18.1-50)

18.1-3 Este hino de gratidão a Deus por libertação aparece de uma forma similar em 2 Samuel 22. O seu cenário histórico, indicado pelo sobrescrito, é a libertação de Davi do poder de Saul e dos seus inimigos, libertação esta efetuada pelo Senhor (veja 2Sm 22.1). *Davi declara o seu* ***AM[OR]*** *(heb.* ***racham****, "amar profundamente, estimar", Sl 18.1) pelo Senhor com uma palavra que indica relacionamento íntimo. O termo* ***racham*** *está intimamente ligado com a palavra hebraica para "ventre" (****rechem****) e sugere a compaixão suave de uma mãe em relação ao seu filho ou o relacionamento próximo desfrutado pelos irmãos que nascem do mesmo ventre. O termo expressa a comunhão próxima do salmista com Deus.*

Davi fala de um ponto de vista pessoal, exaltando o Senhor com uma série de comparações diretas e apresentando Deus como a **fortaleza** (heb. ***chēzeq***, ocorre apenas aqui na Escritura na sua forma nominal, v. 1; do verbo ***chazaq*****,** "segurar firme, ser firme ou forte"; "ser corajoso", 27.14) e

o **rochedo** (heb. ***misgav***, "altura, lugar elevado de abrigo e segurança", 18.2; cp. 46.7,11; 48.3; 59.9,17; "refúgio", 9.9; 94.22) em que ele confia totalmente. Todos os substantivos nessa série, com exceção de um deles, são marcados pelo pronome **meu** ou **minha**. A afirmação central de Davi de que o Senhor é o *seu* **Deus** (heb. ***'el***, 18.2) é precedida ou seguida por um grupo de três metáforas que ilustram o que Davi quer dizer ao chamar o Senhor de a sua "fortaleza" e "rochedo". Davi, portanto, põe uma imagem sobre a outra para descrever Deus como o seu protetor, **que é digno de louvor** (Sl 18.3).

18.4-24 Davi retrata poeticamente a sua experiência da libertação pelo Senhor. Os versículos 4-6 revelam a intensidade da sua angústia. Iavé **ouviu** o seu clamor proferido das profundezas do **inferno**, ou Seol, e resgata de modo dramático o seu servo Davi (vv. 5-19). A tempestade vívida de imagens é combinada com antropomorfismos para descrever o avanço de Deus como o de um guerreiro mais terrível que qualquer comandante militar humano:[3]

- O Senhor **abaixou** [heb. ***natah***, "arquear, dobrar, virar para o lado"; cp. 144.5; cp. "deixar", Is 30.11] **os céus** — nada poderia impedir a sua vinda (Sl 18.9).
- O Senhor **montou num querubim** (v. 10) — rapidamente através do ar e fora do alcance — em vez de um cavalo no solo. ***QUERUBIM*** *é a transliteração da palavra hebraica para um ser sobrenatural geralmente associado ao trono de Deus. A forma plural — "querubins" — é predominante (e.g., Gn 3.24; Êx 25.18-22; 26.1,31; Nm 7.89; 1Sm 6.2; 1Rs 6.23-35; 2Rs 19.15; 2Cr 5.7,8; Sl 80.1; 99.1). Em outra passagem, o rei de Tiro é associado poeticamente a Satanás, descrito como aquele que antes fora o "querubim protetor, entre pedras afogueadas" (Ez 28.16). Na visão do profeta, os querubins do Céu são descritos como "seres viventes" (NVI), e cada um deles tinha "quatro rostos e quatro asas e a semelhança de mãos de homem debaixo de suas asas" (Ez 10.8,15,20,21) e como tendo uma posição sob "a glória do Deus de Israel" (Ez 9.3; 10.14,18,19; 11.22; cp. Is 37.16).*
- A posição do Tabernáculo de Deus no campo de batalha e o **resplendor da sua presença** estão escondidos nas **escuras nuvens, cheias de água** (NVI; Sl 18.11,12).
- **Nuvens [...], e a saraiva, e as brasas de fogo** constituem a onda inicial das tropas, seguidas pelo aviso estrondoso dos **céus** (v. 13).

- Deus ataca pondo os seus inimigos em fuga e destruindo-os como um exército de arqueiros sobrepujando os seus oponentes com uma barreira de **setas** flamejantes (v. 14).
- Tudo cede à **repreensão** (heb. ***ge'arah***, "reprovação", v. 15; cp. 76.6; 104.7; Is 50.2; 66.15) do Senhor quando ele tira o seu filho do perigo e leva-o a **um lugar espaçoso** (heb. ***merchav***, "lugar amplo e espaçoso", Sl 18.19; cp. 31.8; 118.5) — uma imagem da liberdade e livramento.

O salmista celebra a fidelidade de Deus para com ele. ***AMPARO*** *(heb.* ***mish'ēn****, "provisão, suprimento, segurança") deriva-se do verbo* ***sha'an*** *com o sentido de "depender, fiar-se ou se apoiar em; confiar em". O substantivo é usado apenas nesse salmo (18.18; 2Sm 22.19) e três vezes em Isaías 3.1. Em contraste com o reconhecimento de Davi de que o Senhor era o seu "amparo", Isaías profetizou que o Senhor removeria de Judá "o bordão e o cajado", ou seja, todo tipo de segurança — incluindo "todo o sustento" das necessidades básicas — ou seja, tudo em que as pessoas confiavam quando desafiavam ao Senhor (Is 3.1,8,9).* A afirmação de Davi de que o Senhor **recompens[a]**-o por causa da sua **justiça** (heb. ***tsedeq***, "retidão moral; correção ou retidão em um sentido ético", Sl 18.20) reflete uma compreensão de que a sua confrontação com a morte (vv. 4,5) não era evidência do julgamento divino, mas, sim, uma ocasião em que Deus provou o seu compromisso para libertar aqueles que lhe obedecem (vv. 20-24).

18.25-50 O caminho de Deus é **sincero** (heb. ***tamim***, "completo", v. 25; veja o estudo da palavra, Lv 1.3). O caminho de Deus é o caminho da integridade, da sanidade, da inteireza. Deus é totalmente confiável. O salmista considera que o Senhor é digno de confiança. Deus funciona como um escudo de proteção para aqueles que se refugiam nEle (veja 3.3; cp. Pv 30.5). O salmo termina com uma nota de louvor retumbante ao Senhor que dá a vitória ao seu servo fiel.

Salmo 19: A Testemunha da Criação e da Escritura (19.1-14)

19.1-14 O Salmo 19 celebra a revelação do Senhor por intermédio de dois canais básicos — as suas obras e a sua Palavra. Os céus **manifestam** [heb. ***saphar***, "recontar, falar ou contar"] **a glória** de Deus — a sua majestade,

revelada na beleza da sua criação para todos verem (v. 1). As maravilhas da criação deveriam levar a pessoa a adorar o Criador, e não a criação em si (cp. Rm 1.19,20). O salmo também louva **a lei** [heb. ***torah***, "doutrina ou ensinamento, lei", Sl 19.7; cp. 116.6; 119.130; veja o estudo da palavra, 1.2] **do SENHOR** — a autorrevelação de Deus na sua Palavra.
Lei de Deus provê a verdadeira sabedoria para o indivíduo receptivo. O termo **símplices** refere-se às pessoas cuja mente está aberta à verdade de Deus (19.7). **O temor** (heb. ***yir'ah***, v. 9; veja o estudo da palavra, Pv 1.7) é a atitude de obediência reverente.

Assim como Deus ordenou a beleza e a majestade da criação, Ele também mostra ao seu povo, por intermédio da sua Lei, o caminho para a beleza e majestade deles. Assim como a criação, fazendo exatamente o que Deus intencionava, proclama a sua glória, nós também — quando fazemos e somos aquilo para que fomos criados — proclamamos a glória do Senhor. A revelação de Deus por intermédio da natureza e por intermédio da sua Lei ou Palavra leva o salmista a concluir com uma oração para que tanto as palavras da sua boca quanto os pensamentos do seu coração sejam **agradáveis** ao Senhor.

Deus é a **rocha** da força e estabilidade, bem como o **libertador** do pecado e das oportunidades perdidas (Sl 19.14). *O termo* ***LIBERTADOR*** *(heb.* ***go'ēl****) tinha profunda relevância no mundo do Antigo Testamento na identificação daquele que deveria assumir algumas tarefas quando um homem morria (veja comentário sobre Rt 2.18-23). Esse parente mais próximo era responsável por comprar a terra que tinha perigo de ser perdida ou vendida fora da família (sendo uma sociedade agrícola, a terra era necessária para o sustento da família). Quando um homem morria sem ter um filho, o parente remidor também tinha a tarefa de casar-se com a viúva do parente morto e prover um herdeiro do sexo masculino para carregar o nome da família (Rt 4). Por fim, esse parente mais próximo também funcionava como sangue vingador. O "libertador" como uma referência ao Senhor em Salmos enfatiza que ele fica com o seu povo e protege-o (cp. Jó 19.25). O Senhor, para torná-los o "seu" povo, assumiu voluntariamente a responsabilidade e a obrigação pelo cuidado deles.*

Salmos 20—21: Oração e Louvor pela Vitória do Rei (20.1—21.13)

Estes dois salmos estão intimamente conectados.

20.1-9 O tema deste salmo é a necessidade do **rei** para a garantia da presença de Deus (v. 9). A oração — que inclui um apelo por segurança, poder e vitória — pode ser feita no momento em que o rei preparava-se para a batalha. **O nome do Deus de Jacó** carrega um lembrete sobre as palavras de Jacó antes do seu retorno a Betel (v. 1; Gn 35.3). O mesmo Deus que respondeu a Jacó no seu momento de angústia cuida dos cristãos contemporâneos quando enfrentam lutas e falham. Deus concede o desejo do seu coração quando está em sintonia com os propósitos divinos (Sl 20.4). O **ungido** do Senhor refere-se ao rei (v. 6). Os reis de Israel tinham de confiar no Senhor, e não no poder militar. O Senhor é fiel para ajudar aquele que ele designa (unge) para uma tarefa. O Senhor não abandona os seus.

21.1-13 Esse hino de ação de graças para as bênçãos de Deus sobre o rei termina com uma nota de louvor. É possível confiar no Senhor que trouxe vitórias ao seu povo no passado para que traga vitórias futuras. A força e o poder do Senhor merecem o louvor do seu povo. O salmista afirma mais uma vez que as vitórias de Israel estão no poder do Senhor, e não na força militar (v. 7; veja Sl 9.1-12 para comentários sobre o **Altíssimo**).

Salmos 22—24: Os Três Retratos do Senhor (22.1—24.10)

Salmo 22: O Salvador (22.1-31)

22.1-31 Talvez este salmo devesse ser cantado como a melodia de "**Cerva da aurora**" (TEB), no sobrescrito. Trata-se de uma oração individual de lamento (vv. 1-21) seguida de louvor (vv. 22-31). Embora possa refletir poeticamente uma composição de experiências difíceis de Davi, incluindo a perseguição de Saul, que procurava tirar-lhe a vida, o uso do salmo por Jesus durante o seu sofrimento na cruz (Mc 15.34; Mt 27.46) aumenta a sua relevância messiânica e força os leitores a considerar o que ele revela sobre Cristo. Jesus, ao clamar ao seu Pai usando as palavras deste salmo, invoca todo o salmo como um testemunho profético do seu sofrimento. Trata-se de um dos salmos mais citados no Novo Testamento (e.g., Mt 27.39,43,46; Mc 15.34) — talvez por causa da imagem vívida da perspectiva tipológica do que aconteceu historicamente com Cristo na cruz apresentada aqui profeticamente cerca de mil anos antes do seu acontecimento, exatamente

como Isaías 53 explica claramente a relevância teológica da morte do Senhor antes que acontecesse.

As palavras do apelo daquele que profere estas palavras — **Deus meu, Deus meu, por que [...]?** — enfatizam o caráter enigmático do sofrimento sobre o qual o salmo elabora (Sl 22.1-21). O salmista apega-se à sua identidade como aquele que permanece fiel ao Deus de Israel, mas Deus não parece estar cumprindo a *sua* promessa de não abandonar quem confia nEle, e o salmista clama a ele (vv. 1-5). *A pergunta agonizante do versículo 1 centra-se na palavra* ***DESAMPARASTE*** *(heb.* ***'azav****, "deixar, abandonar, desertar"). Essa palavra é usada com frequência no Antigo Testamento para expressar a fidelidade de Deus às alianças que Ele fez com o seu povo — isto é, prometendo* não *desampará-los nem abandoná-los (veja Gn 17.1-8; 28.10-22; Dt 31.6,8; Js 1.5; Hb 13.5) — e a infidelidade do povo a Deus (31.16; cp. Jz 2.13; 10.6; 1Sm 8.8). O Senhor, por Israel tê-lo abandonado, diz: desampará-lo-ei [****'azav****], e esconderei o meu rosto dele (Dt 31.17; cp. Js 24.20; Jz 10.7; 2Cr 15.2; Ne 9.28,31; Jr 12.7-17). Não obstante, Deus honra a sua promessa para aqueles que continuam obedientes e para os que respondem à sua disciplina (1Rs 6.13; Sl 9.10; 94.14; Is 62.4,12). O Salmo 22, como um relato profético e poético do sofrimento de Cristo, afirma estruturalmente a esperança transmitida em Salmos 16.10 ("Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção"), cumprida na ressurreição de Cristo (At 2.27,31). Salmos 22.1-21 revela a experiência imaculada do Filho de tornar-se pecado em benefício dos pecadores (2Co 5.21; Hb 4.15); Salmos 22-22-31 revela os resultados triunfantes da morte e ressurreição do Messias.*

A divisão natural ocorre entre os versículos 21 e 22. O sofrimento do Senhor, por intermédio do versículo 21, é explicado em detalhes. Então, nos versículos seguintes, vemos que Jesus é claramente o Redentor. O caminho para o sofrimento termina em uma redenção vitoriosa (vv. 30,31).

Salmo 23: O Pastor (23.1-6)

23.1-6 A carreira anterior de Davi como pastor personaliza, sem dúvida, a imagem de ser uma ovelha do Senhor, a sua perspectiva nesse salmo (cp. 100.3b). Deus, no entanto, também descreve a designação de Davi como rei de Israel em termos de pastorear o seu povo (78.70-72; cp. 2Sm 5.2; 7.7; 1Cr 11.2; 17.6; Sl 28.9). Davi compreendia as características das ovelhas e as responsabilidades do pastor — conhecimento por experiência que a maioria dos residentes urbanos só consegue imaginar. Declarar "**O SENHOR é o meu pastor**" é declarar a total dependência em Deus e

confiança nEle para suprir todas as necessidades (cp. Fp 4.19). Deus, em alguns outros trechos das Escrituras, refere-se a si mesmo como o Pastor do povo e descreve a vinda do Messias dessa forma (veja Is 13.14; 40.11; Jr 31.10; Ez 34.7-31; 37.24; cp. Mt 2.6). Jesus apontou para a sua própria identidade como o Messias e Senhor quando se identificou como "o bom Pastor" (Jo 10.11-18).

O salmo enumera quatro descrições do cuidado e provisão constantes do Senhor (Sl 23.2,3):

- **Deitar-me faz** [heb. ravats, "causa ou fazer deitar, reclinar"] **em verdes** [heb. deshe', "grama verde e recém-brotada", distinta da grama mais velha pronta para prover sementes ou ser cortada; cp. 2Sm 23.4] **pastos** (cp. Ez 34.14,15). Conforme Phillip Keller explica em *Nada me Faltará: o Salmo 23 a luz das experiências de um pastor de ovelhas*, as ovelhas só se deitam quando se sentem seguras e não são perturbadas por insetos, quando há espaço para cada uma delas ter o seu próprio espaço, quando não estão famintas.[4] No versículo 4, o salmista enfatiza essa libertação do medo.
- **Guia-me** [heb. ***nahal***, "guia"; cp. 31.4; Is 49.10] **mansamente a águas tranquilas** (heb. ***menuchah*,** "lugar de descanso ou repouso"). Só o pastor sabe onde achar água apropriada para as ovelhas beberem. As ovelhas sedentas, se deixadas por si só, acabam bebendo água de qualquer lugar onde a encontrem.
- **Refrigera** [heb. ***shuv***, "refresca, restaura"] **a minha alma** (v. 3). Phillip Keller, fundamentado na sua experiência como pastor, explica que uma ovelha que tenha caído de costas não consegue ficar de pé por si só e acaba morrendo se não tiver ajuda para levantar-se. Ele descreve o delicado processo de levantar aos poucos a ovelha para que fique de pé, capacitando-a a voltar a caminhar de novo.
- **Guia-me** [heb. ***nachah***, "guiar"; cp. 5.8; 27.11; 31.3] **pelas veredas** [heb. ***ma'gal***, "caminho"; figurativamente um "curso ou padrão de vida"; cp. 17.5; Pv 4.11] **da justiça por amor do seu nome** (Sl 23.3), isto é, porque a sua reputação e caráter são refletidos na forma como ele cuida do seu rebanho. As ovelhas não fazem progresso quando deixadas por si mesmas; elas exigem supervisão atenta e diligente. O pastor só

consegue impedir que as ovelhas comam em demasia a grama, poluindo, desse modo, os pastos, mantendo o rebanho em movimento.

Davi, pela sua total confiança no Senhor, poderia passar pelas experiências mais difíceis da vida sem **teme[r]**. A **vara** (heb. ***shēvet***; veja o estudo da palavra, Pv 13.24) e **cajado** do pastor servem como ferramentas com as quais mantém o rebanho unido, impede o rebanho de vaguear em direção ao perigo e defende-as dos **inimigos** (Sl 23.4,5; cp. 86.17; 2Tm 3.16). Se a imagem se estendesse ao versículo 5, a **mesa** pode referir-se a uma enorme coberta de couro sobre a qual o pastor pode espalhar a ração quando a grama é escassa. Os pastores também aliviam a dor da face arranhada das ovelhas com **óleo**. Davi, no entanto, pode estar descrevendo a hospitalidade, provisão e proteção de Deus, bem como o estabelecimento do rei da sua escolha, enquanto faz com que toda a oposição à sua vontade torne-se ineficaz. O fato de que o **cálice transborda** (heb. ***rewayah***, "abundância"; cp. 66.12) expande a ideia de não faltar nada (23.1) e de ter mais do que o suficiente.

O versículo 6 expressa a esperança por toda uma vida de segurança e bênçãos na presença do Senhor (cp. 26.8). A imagem de ser seguido apenas pela **bondade** e **misericórdia** (heb. ***chesed***, "a lealdade firme" do Senhor; 23.6; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) parece especialmente reconfortante para alguém como Davi que passou anos sendo perseguido por Saul. No mundo instável em que os tementes a Deus vivem, estes também podem encontrar conforto na realidade de que a presença amorosa de Deus com o seu povo é constante. A verdadeira segurança encontra-se apenas em um relacionamento com o Senhor.

Salmo 24: O Rei da Glória (24.1-10)

24.1-10 Este **salmo de Davi** começa afirmando o domínio do Senhor sobre toda a terra e todos que habitam nela. O Senhor é o Criador soberano (vv. 1-2) e santo (vv. 3-6) e o Rei glorioso (vv. 7-10). Quem pode se aproximar de tão grande Rei? A adoração do Senhor é um grande privilégio e uma necessidade genuína. Tal adoração também é exigente. Apenas aquele que é **limpo** e **puro** pode ter comunhão com o Senhor (v. 4; cp. Sl 15). A pessoa que adora a Deus tem de demonstrar sinceridade e **não entrega[r]** [heb. ***nasa'***, "levantar, erguer"] **a sua alma** [heb.

nephesh, "alma, vida"] **à vaidade** (heb. ***shaw'***, "vaidade, vazio; perversidade", 24.4; cp. Êx 23.1). A frase pode transmitir um alerta contra a prática da hipocrisia, fingindo ser algo que não é. Deus não se agrada com aqueles que demonstram tal atitude. Ele exige que os seus seguidores pratiquem a honestidade e integridade nos relacionamentos com Ele e com os outros. A pureza interna e a integridade são exigidas dos que adoram a Deus (veja Jo 4.24). A referência a Deus como **SENHOR dos Exércitos** descreve-o como comandante dos exércitos ou das hostes celestiais (Sl 24.10).

Salmos 25—31 (25.1—31.24)

Salmo 25: Um salmo de confiança (25.1-22)

25.1-22 A principal ênfase desse **salmo de Davi** é a fé confiante no Senhor. O poeta confiava na fidelidade de Deus como cumpridor das suas promessas. Angustiado com a presença dos inimigos, Davi voltou-se a Deus em oração (vv. 1-3). Além disso, a confiança do salmista em Deus motivou-o a orar pela orientação e instrução do Senhor (vv. 4,5). Ele desejava não só conhecer os caminhos de Deus, como também precisava da força para andar nesses caminhos. O salmista confiava no Deus da sua salvação ou livramento para prover a força e a orientação necessárias.

O pedido de Davi ao Senhor para **lembra[r]**-se dele ao demonstrar-lhe as suas **misericórdias** (heb. ***racham***; veja o estudo da palavra, 18.1) e as suas **benignidades** não implica que o Senhor esquecera-se do salmista nem que falhasse em demonstrar a sua compaixão amorosa. Antes, Davi clamou a Deus para agir conforme a Aliança já feita a fim de prover livramento. Salmos 25.7-11 constitui um pedido de perdão fundamentado no caráter de Deus, e não no caráter do poeta. No pensamento hebraico, acreditava-se que um **nome** representava o caráter ou reputação do indivíduo. O salmista foca as bênçãos que pertencem àqueles que **teme[m]** ou reverenciam ao Senhor e ainda apela ao Senhor por livramento dos pecados, sofrimentos e inimigos (vv. 12-22). Esse período de aflição provera a ele muitas oportunidades de autoexame, e ele reconheceu-se como pecador. Não obstante, Davi esperou com expectativa e paciência para que o Senhor agisse em seu favor.

Salmo 26: Um pedido de vindicação (26.1-12)

26.1-12 Neste **salmo de Davi**, o poeta protesta que era inocente e orou por vindicação. Ele afirma o seu estilo de vida como um de **sinceridade** (heb. ***tom***, "inteireza", vv. 1,11; cp. 1Rs 9.4), em que seguiu o caminho da bênção delineada no Salmo 1 (cp. 26.4,5 com 1.1). Ele, por conseguinte, implora ao Senhor para **julg[á-lo]** (heb. ***shaphat***, "julgar", 26.1) e **livr[á-lo]** (heb. ***padah***, "transferir a propriedade ou posse por meio do pagamento de um preço ou um substituto de valor equivalente", v. 11; cp. Êx 13.13). Por fim, o salmista compara a confiança na justiça e favor do Senhor com o ficar de pé **em caminho plano** (Sl 26.12). Ele promete testificar da fidelidade do Senhor diante da congregação reunida do povo de Deus.

Salmo 27: Uma oração de coragem imperturbável (27.1-14)

27.1-14 Davi, como no Salmo 25, declara a sua fé confiante no Senhor. O salmista afirma o Senhor como a sua **luz** e **salvação** (v. 1). Ele, portanto, não precisa ter medo. A presença de Deus conosco provê recursos internos para superar o medo (Hb 13.5-6). Além disso, Davi descreve o Senhor como a sua **força**, um termo que descreve a força do povo de Deus, aquEle que provê um refúgio seguro para eles (Sl 27.1). Davi conhecia as fortalezas reais, bem como o medo que o levava a buscar segurança; ele passou vários anos escondido em diferentes fortalezas no deserto quando Saul queria tirar-lhe a vida. Contudo, o refúgio do Senhor é mais seguro do que até mesmo o amor do pai e da mãe (v. 10). As palavras do poeta em referência ao Senhor — "a minha luz e a minha salvação" — expressam uma fé pessoal (v. 1). A fé na presença de Deus em nós capacita-nos a dominar o medo em meio às experiências difíceis da vida (Sl 23.4).

Salmo 28: Um clamor por ajuda (28.1-9)

28.1-9 Este salmo é outro atribuído a Davi. O salmista, no seu momento de necessidade, clama por uma resposta de Deus. A **cova** é uma referência à morte (v. 1). Davi podia estar enfrentando alguns perigos que ameaçavam a sua vida no momento em que escreveu o salmo, como aconteceu em várias ocasiões ao longo da sua vida. Ele sentia-se totalmente sozinho, abandonado por Deus. O silêncio do Senhor intensificava a sua angústia. Não obstante, ele expressou com fidelidade aqueles sentimentos diretamente ao Senhor. O poeta orou para o julgamento de Deus sobre **os**

ímpios, aqueles que evidentemente o oprimiam (vv. 4,5). A sua oração não surgiu de algum senso de alegria mórbido na punição de outras pessoas. Antes, ele identificava os seus inimigos com os inimigos do Senhor, deixando o julgamento nas mãos de Deus. O versículo 6 marca uma mudança dramática no tom da poesia, passando a demonstrar a garantia confiante de que o Senhor responde. Davi **louv[a]** o Senhor por ouvir o seu clamor. Ele glorifica a Deus como a sua **força** e **escudo** — a sua proteção (v. 7). Ele expressou a sua fé e gratidão pela resposta do Senhor ao seu apelo.

Salmo 29: Um chamado para glorificar "a voz do Senhor" (29.1-11)

29.1-11 Neste **salmo de Davi**, o poeta experimenta uma revelação da majestade do Senhor em uma poderosa tempestade trovejante. Ele chama aos seres terrenos, bem como celestiais, para dar a glória e a adoração devidas ao Senhor. *A majestade do Senhor é retratada na sua* ***GLÓRIA*** *(heb.* ***kavod****, literalmente "peso, força", vv. 1,2; cp. 19.1, apesar de a raiz e os seus derivados serem usados ao longo do livro de Salmos). O sentido literal é raramente usado nas Escrituras, mas em português as palavras "peso" e "força" ainda são usadas para descrever alguém que é muito importante e que deve ser levado a sério ou tratado com grande honra. As pessoas de "peso" geralmente ocupam uma boa posição ou têm influência, porque são honradas, dignas de respeito e, portanto, impressionantes e notáveis. Em particular na criação — a assinatura da "glória" de Deus —, o Senhor revela a sua própria majestade, esplendor e preeminência (cp. Ap 4.9-11). O salmo ordena que os "seres celestiais" (heb.* ***benē 'ēlim****, "filhos do poderoso; filhos do[s] deus[es]) "d[eem] [heb.* ***yahav****, "atribuir", Sl 29.1,2; cp. 1Cr 16.28,29; Sl 96.7,8; Rm 11.36] ao SENHOR glória [...] a glória devida ao seu nome" e, depois, prossegue para descrever o "Deus da glória" (Sl 29.3; cp. At 7.2) poeticamente em termos do poder da sua "voz" (Sl 29.3-9a; cp. Ap 19.1) e a sua entronização eterna (Sl 29.11; cp. Mt 25.31; 1Tm 1.17). O nome e a presença de Deus, por causa de quem Ele é, exigem a honra; adoração e louvor devidos a Ele. O versículo 9b capta de forma sucinta esse tema (cp. Lc 2.14).* Podemos, por intermédio da **adora[ção]** (heb. ***shachah***, "inclinar-se em reverência", v. 2), ajudar outros a verem o poder e a importância avassaladores do Senhor. Adoramos ao Senhor quando nos submetemos à sua vontade e propósito para nossa vida (veja 1Cr 16.29; Sl 96.9).

Os versículos 10 e 11 enfatizam duas verdades centrais sobre o **SENHOR**. Primeiro, o mesmo Deus da Aliança com Israel que presidiu sobre **o dilúvio** ainda reina como **Rei** e reinará **perpetuamente**. *Tanto no Antigo*

quanto no Novo Testamento, essa palavra ***DILÚVIO*** *(heb.* ***mabbul****, "inundação de água, dilúvio"; gr.* ***kataklusmon****, também na tradução do termo hebraico* ***mobbul*** *na LXX) também é usada só para o dilúvio universal em que Noé e a sua família foram preservados (veja Gn 11; cp. Mt 24.38,39; Lc 17.27; 2Pe 2.5).* Ele é juiz justo de todos os que rejeitam o seu governo. Segundo, esse mesmo Deus e Rei mostra favor em relação àqueles que são o **seu povo**, dando-lhes **força** (heb. ***'oz***, "poderoso, força", cp. 1Sm 2.10; Sl 28.7; 1Pe 4.11) e abençoa-os com **paz** (heb. ***shalom***; cp. Is 57.19,21; Lc 2.14; Jo 14.27; veja o estudo da palavra, Sl 119.165).

Salmo 30: A ação de graças pela oração respondida (30.1-12)

30.1-12 O sobrescrito deste **salmo de Davi** identifica-o como uma canção de dedicação a ser entoada na casa do Senhor ou no Templo. Esse salmista sofrera nas mãos dos seus **inimigos** (v. 1) e, ao que parece, estava criticamente doente (vv. 2,3). Contudo, o Senhor ouvira a oração do poeta e **sar[ou]**-o, dando-lhe livramento (v. 2). As referências à **sepultura** e ao **abismo** dizem respeito à morte (v. 3). Por causa da íntima associação entre o pecado e a doença no pensamento hebraico, a cura de Deus sem dúvida envolvia o seu perdão para o poeta. Esse salmista sentiu-se seguro quando desfrutou a prosperidade, e tudo corria bem (v. 7). Ele, na sua autossuficiência, falhou em depender de Deus. Quando a calamidade o atingiu, ele voltou-se para Deus em busca de ajuda. Ele aprendeu a depender da graça de Deus (v. 10). Davi, com sabedoria, agradeceu a Deus pelo seu livramento. Ele aprendeu uma lição por intermédio da sua experiência dolorosa. As palavras do versículo 5 são um lembrete de que as experiências difíceis da vida chegam, de fato, ao fim. Uma manhã alegre segue-se ao período de pesar.

Salmo 31: Um pedido urgente por proteção (31.1-24)

31.1-24 Este **salmo de Davi** alterna entre um clamor pedindo a ajuda de Deus e ação de graças pela fidelidade do Senhor. Davi louva o poder do Senhor por meio de palavras como **rocha**, **casa fortíssima**, **fortaleza** e **refúgio** (NVI) enquanto pede a proteção do Senhor (vv. 2-4). A ideia central do salmo é a fé e o compromisso de Davi em relação ao Senhor. O verbo **encomendo** (heb. ***paqad***, "entregar, encarrego" aos cuidados de outros, v. 5) transmite a ideia de tornar alguém um supervisor. A fé desse

poeta leva-o a tornar o Senhor o supervisor do seu espírito ou vida. As últimas palavras de Jesus na cruz incluem essa oração de fé (Lc 23.46).

Salmo 32: A Alegria do Perdão (32.1-11)

Esta poesia **de Davi** é um dos sete salmos penitenciais. Este salmo de ação de graças está intimamente relacionado com o Salmo 51, e ambos os salmos estão conectados com as experiências de Davi registradas em 2 Samuel 11—12. O Salmo 51 constitui um pedido de perdão após Davi cometer adultério com Bate-Seba. O Salmo 32 é considerado como ação de graças de Davi depois de receber o perdão pelo qual orou no Salmo 51. Mais especificamente, o Salmo 32 é visto como o cumprimento da resolução de Davi feita em Salmos 51.13. O Salmo 32, por ser um ***Masquil***, pode ser compreendido como um salmo que ensina ou apresenta uma percepção sobre a vida prática. Certamente, a poesia contém percepções valiosas sobre como lidar com o pecado.

32.1-2 Esses versículos constituem uma bem-aventurança celebrando a bênção do perdão. Tal perdão abençoado vem com a confissão, e não negação, do pecado. *O sentido de* ***BEM-AVENTURADO*** *(heb.* ***'esher****, "abençoado") inclui os conceitos da paz e liberdade internas. O termo aparece na forma plural no texto hebraico, enfatizando, talvez, a plenitude da bênção que pertence à pessoa que tem coragem de ser honesta com Deus sobre os seus pecados. Três palavras-chave hebraicas para pecado aparecem nesses versículos:*

- ***TRANSGRESSÃO*** *(heb.* ***pesha'****, "rebelião") — afirmando a sua vontade em oposição direta à vontade de Deus;*
- ***PECADO*** *(heb.* ***chata'ah****, "errar o alvo; dar um passo em falso"); e*
- ***MALDADE*** *(heb.* ***'awon****, "iniquidade, maldade moral, perversão, delito").*

O uso dessa terminologia tripla significa completude e indica um grau de intencionalidade por parte do ofensor. Davi percebe que o pecado separou-o totalmente de Deus.

Davi também percebeu a alegria do perdão total que experimentara. A terminologia tripla para perdão nesses versículos significa mais uma vez a completude do perdão de Deus, sendo compatível com a abrangência do pecado (cp. Êx 34.7):

- ***PERDOADA*** *(heb.* ***nasa'****, "perdão") retrata o pecado como um fardo que é levantado e levado embora.*
- ***COBERTO*** *(heb.* ***kasah****) significa o cobrir ou expiar o pecado de forma que este não seja jamais visto de novo.*
- ***NÃO IMPUTA*** *(heb.* ***chasav****, "avaliar" ou "julgar") enfatiza o perdão como o cancelamento de uma dívida ou o fato de o pecado ser apagado do livro de registro de Deus. Tal perdão vem para o indivíduo que se recusa a encobrir o próprio pecado, preferindo confessá-lo abertamente (Sl 32.2).*

32.3-7 Os versículos 3 e 4 enfatizam o fardo do pecado inconfesso. Os efeitos do pecado inconfesso, conforme descritos aqui, são muito provavelmente os efeitos físicos e psicológicos, e não os sintomas de uma doença, o resultado de uma batalha íntima ocorrendo quando a pessoa culpada recusa-se a reconhecer o seu pecado ao Senhor. Ao referir-se mais uma vez às três palavras-chave para o pecado, a abrangência da confissão de Davi recebe ênfase. Naquele momento, ele experimentou o perdão (v. 5b). Quando Davi tentou cobrir o seu pecado, Deus desvelou-o ao enviar Natã, o profeta, a ele. No entanto, quando Davi confessou totalmente a sua culpa, ele descobriu que o Senhor cobriu o seu pecado de modo muito mais eficaz que jamais poderia fazer com as suas próprias tentativas de cobrir o seu erro.

32.8-11 O salmista, nesse ponto, aconselha outras pessoas fundamentado no que aprendera como a sua experiência dolorosa. Ele alertou os seus ouvintes para que não se comportassem como um **cavalo** ou **mula** tolos que precisam ser compelidos pela força (v. 9). Tal obstinação resulta em consequências dolorosas. Davi afirmou de modo triplicado a alegria que vem para o indivíduo que encontra coragem para ser honesto com Deus. Três ordens — **alegrai**, **regozijai** e **cantai** — indicam a completa alegria que sente a pessoa que encontra coragem para ser honesta com Deus (v. 11). Esse versículo de conclusão é típico dos salmos de ação de graças. A designação de **justos** e **retos de coração** refere-se às pessoas que cumprem fielmente as obrigações dos seus relacionamentos (v. 11). O Salmo 32 é um testemunho impressionante da verdade sobre a confissão do pecado (veja 1Jo 1.8,9).

Salmo 33: A Confiança no Amor Fiel do Senhor (33.1-22)

33.1-22 Este hino de louvor celebra a grandeza do Senhor como Criador e Governante. O versículo inicial deste Salmo é similar a Salmos 32.11. A expressão **cântico novo** (v. 3) pode designar a novidade viçosa que sempre deve caracterizar nossa adoração (veja Ap 5.9). Salmos 33.5, por si mesmo, provê uma razão para a adoração alegre do Senhor. A terra está cheia com a **bondade** (heb. ***chesed***, "a lealdade à aliança ou devoção fiel" do Senhor para com o seu povo; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). A Aliança, nesse contexto, é feita com toda a criação (cp. Gn 9). Salmos 33.6,7 e 9 rememoram o relato da criação em Gênesis 1. Deus é o Criador de todo o Universo. Todos os habitantes da terra, portanto, devem **trem[er] [...] diante** (NVI; heb. ***yarē'***, "temer", Sl 33.8) **do Senhor**.

Temer ao Senhor é ter reverência por Ele, reverência esta que leva à obediência.

A palavra "tem[er]" na primeira linha do versículo 8 corresponde a **trem[er]** (NVI) na segunda linha. Os versículos 10-12 celebram o governo do Senhor sobre todas as nações e todos os povos. Só ele está no controle. Ele mostra favor em relação àqueles que o reverenciam (v. 18), que o **temem** (v. 18), que **espera[m]** nEle (v. 20) e depositam a sua **esperança** (TEB) nEle (v. 22).

Salmo 34: O Louvor pela Redenção do Senhor (34.1-22)

34.1-7 Este salmo é uma poema acróstico no texto hebraico (veja explicação, Sl 111.1; Pv 31). O sobrescrito identifica o cenário histórico como o tempo em que Davi fingiu insanidade diante de Abimeleque, referindo-se provavelmente a eventos registrados em 1 Samuel 21.10-15, embora o rei mencionado nessa passagem seja identificado como Aquis. Abimeleque, no entanto, pode ser um título geral para os reis filisteus, assim como Faraó era aplicado aos reis egípcios.

Davi anunciou que **louvar[ia]** ao Senhor **em todo o tempo** (Sl 34.1). Podemos, em todos os tipos de circunstâncias, louvar a Deus, mesmo se, como Davi, estivermos fugindo para proteger nossa vida e tenhamos escapado da morte por um triz. Davi chama o restante da congregação para unir-se a ele em louvor. Declarar a **grandeza** (NVI) do Senhor na proclamação pública torna os outros conscientes da sua majestade (v. 3).

Davi agradece porque o Senhor respondeu ao seu clamor por ajuda — o **SENHOR [...] livrou[-o] de todos os [s]eus temores** (heb. ***megurah***, "aquilo que alguém teme", cp. Is 66.4), sugerindo a necessidade da intervenção de Deus para a experiência de liberdade — tanto dos perigos iminentes que ameaçam a sua vida quanto dos terrores produzidos pela imaginação quando todos os sentidos do indivíduo têm de estar em alerta constante, espreitando em todos os cantos (cp. 1Sm 17.35,37). A face de Davi, que poderia estar envergonhada por causa da derrota, estava **iluminad[a]** de alegria (Sl 34.5). O poeta testifica mais uma vez que o **SENHOR [...] o salvou de todas as suas angústias** (heb. ***tsarah***, "angústia, adversidade, dificuldade", v. 6; cp. 1Rs 1.29). Ele descreve a segurança contínua provida pelo **anjo** [heb. ***mal'ak***, "mensageiro, o enviado"] **do SENHOR** — algumas vezes identificado como uma "teofania", isto é, uma manifestação visível de Deus (cp. Gn 22.11,15,16; 48.16; Êx 23.20-21; Jz 6.11-23) — com a imagem militar de um exército que forma um círculo defensivo de proteção **ao redor dos que [...] temem** ao Senhor (Sl 34.7).

34.8-14 O salmo muda de um testemunho para um convite para experimentar pessoalmente **que o SENHOR é bom** (v. 8). Talvez falando de si mesmo como um exemplo paradigmático daquele que provou e viu o caráter de Deus em primeira mão, Davi exclama: **Bem-aventurado o homem que nele confia** (v. 8; contraste com 52.7). *A palavra traduzida por* ***HOMEM*** *(heb.* ***gever****) nessa expressão é diferente das palavras usadas em 1.1 (heb.* ***'ish****, "homem" em geral genérico em uso; cp. 34.12) e 32.2 (heb.* ***'adam****, "homem, ser humano", e.g., 36.6).* ***Gever*** *denota com frequência "homem" em oposição à "mulher" (Êx 10.11; Dt 22.5; Jr 30.6), a um "marido" (Pv 6.34) ou a um "guerreiro" (TEB); transmite a imagem de um "homem forte e poderoso". A definição especificamente masculina dessa palavra não tem a intenção de descartar a aplicação da verdade às mulheres. No entanto, o uso de* ***gever*** *aqui enfatiza o apelo de Davi aos homens na audiência para que reconheçam nele — o celebrado guerreiro e rei — a prova viva de que aquele que se "refugia" (NVI; heb.* ***chasah****, "fugir para um lugar ou pessoa*

em busca de proteção", Sl 34.8; cp. 7.1) no Senhor não reflete fraqueza nem covardia, mas força. Algumas traduções modernas, ao traduzir ***gever*** *por "quem" (A21) ou "aquele" (NTLH), obscurecem a estrutura persuasiva do texto, em que o convite para "prova[r] e ve[r]" é seguido de imediato pelo testemunho de Davi para os bons resultados de tomar essa atitude. Em Salmos,* ***gever*** *tem o sentido predominante de aquele que confia no Senhor, que o teme e obedece-lhe, alguém com quem ele tem um relacionamento pessoal.*

Davi também atesta da confiabilidade da provisão do Senhor, mas o benefício de temer e buscar o Senhor não é de termos tudo o que queremos. Antes, permitimos que o Senhor distinga entre necessidades e desejos com a garantia de que Ele promete prover para **aqueles que buscam ao SENHOR** (34.9,10). ***NÃO TÊM FALTA*** *(heb.* ***'ēn****, uma negação expressando literalmente "não há" com o objeto* ***machesor****, "necessidade"; da raiz* ***chasēr****, "sem, estar desprovido de") significa que Deus supre nossas necessidades. A expressão "não têm falta" é esclarecida pela promessa de que não "falta [heb.* ***chasēr****] nada de bom", contrasta-o implicitamente com a "fome" (heb.* ***rush****, "estar necessitado, sofrer falta de") dos filhos dos leões que não têm alimento físico.*

Chamar a audiência de **meninos** representa um padrão típico usado pelos mestres de sabedoria (v. 11; cp. Pv 2.1; 3.1; 4.1; 5.1). Davi anuncia que ele **ensinar[ia] o temor do SENHOR**, a essência da sabedoria (Sl 34.11; cp. Pv 1.7; 3.7; 9.10; veja o estudo da palavra, Pv 1.7). A vida sábia envolve o que dizemos (Sl 34.13; cp. Sl 17.1; 24.4; 36.3; Tg 3.2) e o que fazemos (Sl 34.14; cp. Tg 3.13).

34.15-22 Davi conheceu em primeira mão que a fé no Senhor não oferece imunidade contra a adversidade. **Os justos** frequentemente sofrem muita aflição, só que a vitória derradeira pertence àqueles que seguem o Senhor e, portanto, estão continuamente adquirindo e exibindo o caráter de Deus (vv. 17,19; cp. 1Pe 4.12-16).

Nenhum dos que confiam no Senhor será condenado. O caminho do justo leva à vida; o caminho do perverso leva à morte (veja Sl 1).

Salmo 35: "Alegrar-se-á na sua Salvação" (35.1-28)

35.1-28 O salmista clamou ao Senhor para vingar e defender os seus seguidores. O salmista experimentou o sofrimento infligido pelos inimigos,

que também eram inimigos de Deus. Ele orou para que o caminho dos seus inimigos fosse **tenebroso e escorregadio** (v. 6) e para que os seus inimigos fossem expulsos pelo **anjo do SENHOR**, assim como a pragana é soprada pelo **vento** (v. 5; cp. 1.4). A referência aos **ossos** do poeta (35.10) é outra forma de referir-se ao próprio salmista.

Davi lamentou a sua adversidade, bem como o seu sentimento de que o Senhor estava distante dele (vv. 11-26). Jesus extrai uma expressão de Salmos 35.19 no seu alerta aos discípulos para que, quando enfrentassem o ódio do mundo, lembrassem-se de que o mundo odiou-o primeiro "sem causa" (Jo 15.25), uma variação de *sem razão* (Sl 35.19; cp. Sl 69.4). Todavia, o propósito desse salmo foi transformado na vida de Cristo, pois este ensinou os seus seguidores que deveriam amar os seus inimigos e orar pelo seu bem-estar (Sl 34.13,14; cp. Mt 5.43-48). Jesus demonstrou essa mesma atitude de preocupação em relação aos seus inimigos (veja Lc 22.49-51; 1Pe 2.21-24).

Salmo 36: O Triunfo do Amor Fiel de Deus (36.1-12)

36.1-12 Davi exalta o grande amor do Senhor em um pano de fundo de **prevaricação** [heb. ***pesha'***, "rebeldia", isto é, revolta deliberada contra o Senhor] **do ímpio** (v. 1). Nos versículos 1-4, Davi descreve o perverso. Uma característica do perverso é que **deixou de entender** [heb. ***sakal***, "ser ou se tornar prudente"; cp. Dt 32.28,29; 1Sm 18.14,15] **e de fazer o bem** (heb. ***yatav***, "fazer o bem, fazer o que é certo ou fazer as coisas da maneira correta", Sl 36.6b; cp. Gn 4.7; Is 1.17; Jr 4.22). *O verbo* ***DEIXOU*** *(heb.* ***chadal****, "ancestral"; cp. "deixar", Nm 9.13; "abstendo-se de", Dt 23.22) não sugere que os perversos estivessem "entendendo ou fazendo o bem", mas, por fim, deixaram de agir desse modo. Nesse contexto, o verbo significa que eles "abstiveram-se de, renunciaram a, não deram atenção a ou desistiram de" fazer o que era correto.*

Em contraste com esse retrato daqueles que desafiam a Deus está a subsequente repetição das características sem limites do Senhor:

- a **misericórdia** (heb. ***chesed***, Sl 36.5,7; cp. 17.7,8; veja o estudo da palavra, Rt 1.8);

- a **fidelidade** (heb. ***'emunah***, "confiabilidade em cumprir as promessas", Sl 36.5; cp. Dt 32.4);
- a **justiça** (heb. ***tsedaqah***, "justiça", Sl 36.6);
- os **juízos** (heb. ***mishpat***, "ato de decidir uma causa, a sentença do juiz", v. 6; veja o estudo da palavra, Dt 4.45);
- a preservação ou proteção (vv. 6,7); e
- a provisão e refrigério (vv. 8,9).

Deus é a fonte da vida e **luz** (v. 9). **Os que [...] conhecem** (heb. ***yada'***, "ter conhecimento a partir da experiência pessoal"; um particípio ativo aqui, deixando implícito um relacionamento contínuo; veja o estudo da palavra, Êx 2.25; Sl 76.1) o Senhor, portanto, são caracterizados pela sua justiça de dentro para fora (Sl 36.10). Davi, implicitamente contando a si mesmo entre eles, ora ao Senhor para impedir que o orgulho ganhe um apoio na sua vida e para impedir que os **ímpio** fizessem-no vaguear por aí ou recuar (v. 11; cp. 2Rs 21.8).

A localização ou circunstância indicada por **ali** (heb. ***sham***, Sl 36.12) não é especificada claramente no salmo. Talvez o termo esteja se referindo a qualquer ponto de confrontação entre os **obreiros da iniquidade** e a "misericórdia" e "justiça" do Senhor protegendo o povo que se refugia nEle (v. 12).

De qualquer modo, todos os três verbos que descrevem o que acontece aos "obreiros da iniquidade" estão gramaticalmente no modo perfeito — isto é, expressando ações já completadas (v. 12):

- **caem** (heb. ***naphal***, figurativamente, "sofrer derrota, morrer"; cp. 82.7);
- **cairão** (heb. ***dachah***, "ser derrubado com um empurrão ou ser banido"; cp. 118.13; Jr 23.12) — isto é, alguém (Deus) receber figurativamente uma rasteira;
- **não se poderão** [heb. ***yakol***, não "ser capaz"] **levantar**.

Salmo 37: Vendo o Ímpio da Perspectiva de Deus (37.1-40)

37.1-40 Este salmo é uma coletânea de ensinamentos de sabedoria concernente à estrutura mental a ser adotada pelos justos em relação aos **malfeitores** (v. 1). O salmo instrui três vezes: **não te indignes** (heb. ***charah***, "enervar-se, preocupar-se ou irritar-se", vv. 1,7,8; cp. Pv 24.19) pelas pessoas que pecam de forma intencional ou odiosa, mas que, ainda assim, se beneficiam dos seus planos perversos.

Ter **inveja** (heb. ***qana'***, "sentir-se descontente em relação às vantagens desfrutadas por outro; desejar possuir o que outro conseguiu", Sl 37.1) dessas pessoas é muitíssimo tentador quando fazer o que é errado parece mais compensador que fazer **o bem** (vv. 3,27; cp. Sl 73.2,3; Pv 3.31; 23.15; 24.1,19), só que o salmo também aconselha contra essa resposta. Quando Deus parece estar lidando de forma injusta como os malfeitores, o povo de Deus é encorajado a adotar a perspectiva divina:

- Reconhecer que os malfeitores e a sua aparente prosperidade têm vida curta (Sl 37.2,9-15,17,20,28,35,36,38).
- **Confia[r]** (heb. ***batach***, "depositar a esperança e confiança em", vv. 3,5) no Senhor para fazer justiça no seu tempo.
- **Descansa[r]** (heb. ***chul***, "esperar ansiosamente" com o sentido de agonizar com a duração da inatividade ou com o que se deve sofrer por esperar com obediência, v. 7; ***qawah***, "esperar", v. 34; cp. "espera[r] no SENHOR", v. 9, 27.14) no Senhor à espera de que Ele cumpra as suas promessas. Ficar focado no amar e agradar ao Senhor (37.3-5,34) sem sucumbir à **ira** e ao **furor** (v. 8).
- Viver de maneira consistente com a fé na fidelidade do Senhor para com o seu povo.

Um tema recorrente no salmo é a certeza concernente a quem pode viver na terra e quem **herdar[á] a terra** (heb. ***'erets***, "terra", vv. 3,9,11,22,29,34):

- **aqueles que esperam no SENHOR** (v. 9);
- **os mansos** (heb. ***'anaw***, "manso, gentil, modesto; aquele que prefere sofrer abuso em vez de buscar retribuição", v. 11; cp. Mt 5.5);
- **aqueles que ele** [o Senhor] **abençoa** (Sl 37.22);
- **os justos** (v. 29);

• aquele que **espera no SENHOR e guarda o seu caminho** (v. 34).

A terra pertence ao Senhor (24.1), e Ele designou aqueles que se submetem humildemente ao seu governo para herdar a terra.

Em contraste com os ganhos materiais dos malfeitores, a **herança** dos **retos [...] permanecerá para sempre** (37.18; cp. vv. 3,27,37,38).

Os versículos 25 e 35 lembram os leitores que o conselho sábio oferecido no salmo provém da voz da experiência. Davi atesta do caráter justo do Senhor (vv. 28,34-38) e cuidado fiel e salvação dos "justos" (vv. 25,32,33,39).

Salmo 38: "Salmo de Davi para Lembrança" (38.1-22)

38.1-22 Este **salmo de Davi para lembrança** (heb. ***zakar***, "causa para lembrar, trazer à lembrança, celebrar", veja sobrescrito; algumas vezes associado com a oferta memorial (Lv 2.2; 24.7) é um dos sete salmos penitenciais da Igreja Primitiva. É também identificado como um lamento individual (veja a tabela, "Tipos de salmos", p. 12,13). A palavra "lembrança" pode implicar que o salmo deveria ser usado por um sofredor a fim de trazer a sua situação à lembrança de Deus. O título não sugere de forma alguma que Deus esqueceu-se do sofrimento dos seus filhos ou que é insensível à condição destes. Antes, o clamor para Deus lembrar-se no Antigo Testamento é um clamor para que Ele aja.

O Salmo 38 é uma oração. Esse salmista, no seu sofrimento, sentia-se isolado de Deus e também da família e amigos (Sl 38.11). Ele atribui a sua doença ao desprazer divino com os seus pecados e considera os seus sofrimentos como uma punição de Deus (vv. 3,5). Por um lado, apesar de a doença geralmente ser o resultado do pecado no mundo, nem todas as doenças ou enfermidades são devidas ao pecado da pessoa afligida pela doença (veja Jo 9.1-3). Por outro lado, parte do sofrimento é o resultado direto dos pecados específicos em nossa vida. Não podemos julgar os outros quando estão sofrendo; só podemos buscar discernir por nós mesmos as razões para nossos próprios sofrimentos. Nesse salmo, Davi viu uma conexão direta entre o seu sofrimento — afetando-o psicológica e fisicamente — e o seu pecado, que o devastara (Sl 38.4). Ele, não obstante, afirmou que **esper[ava]** no Senhor (v. 15).

O senso de alienação de Deus provavelmente combinado com a presença de **inimigos** fortes (vv. 19,20). Davi, tendo confessado a sua **iniquidade**, orou para Deus não o **desampar[r]** (vv. 18,21), acreditando que a proximidade de Deus traria a ele cura e perdão. Essa poesia encoraja os tementes a Deus a clamar a Ele nos momentos de sofrimento e solidão e a lembrar-se de que o perdão do Senhor está disponível quando eles falham. O Senhor ainda é a sua **salvação** (v. 22).

Salmo 39: Enfrentando a Brevidade da Vida (39.1-13)

39.1-13 Este **salmo de Davi** é dedicado a **Jedutum**, um dos principais músicos "mais escolhidos, que foram apontados pelos seus nomes, para louvarem ao Senhor" (1Cr 16.41,42; cp. 1Cr 25.6; 2Cr 5.12; 35.15; sobrescritos de Sl 62; 77).

Este salmo, em um tom similar ao do livro de Eclesiastes, trata da brevidade da vida, comparando a sua natureza **frágil** (heb. ***chadēl***, "frágil, cessar de existir", Sl 39.4; cp. "indigno", Is 53.3) ao **sopro** (NVI; heb. ***tselem***, "imagem", Sl 39.6). Os dias da vida são, de fato, **como a palmos** (heb. ***tephach***, literalmente "a extensão da mão", ou seja, curtos, v. 5), uma referência à largura de quatro dedos ou cerca de 7,5 centímetros.

A última parte do versículo 6 provê um comentário preciso sobre a natureza da sociedade moderna. Os homens **em vão se inquietam** [heb. ***hamah*,** literalmente, "zunido", o som feito pelas abelhas, ou "rosnado, grunhido, arrulho" — sons feitos por outros animais, 59.6; "rugir" como as ondas do oceano; descrevendo figurativamente as pessoas como "agitadas, angustiadas e até mesmo turbulentas"; cp. 46.6; 83.2; Is 17.12]; **amontoam riquezas** (heb. ***tsavar***, "amontoar, armazenar ou empilhar"; cp. Jó 27.16; Zc 9.3), esquecendo-se que, muito em breve, terão de deixar tudo para trás (Sl 39.6). Em contraste com pensar apenas sobre o futuro em termos materiais, Davi afirma que o seu futuro é governado por Deus (v. 7), a quem ele ora por livramento das suas **transgressões** (heb. ***pesha'***, "pecar ou rebelar-se contra Deus", v. 8). Ele, reconhecendo a disciplina do Senhor, faz um apelo desesperado para que Iavé ouça-o e responda-lhe logo por causa da brevidade da vida (vv. 9-13).

Salmo 40: A Proclamação da Justiça por um Pecador (40.1-17)

40.1-8 O salmo começa com o louvor ao Senhor pela oração respondida. Davi esperara com paciência **no SENHOR** e não se desapontou (v. 1). O Senhor respondeu ao seu **clamor** e deu-lhe estabilidade e **um novo cântico** de louvor que se tornou o testemunho do salmista para os outros (vv. 1-3) — verbalizado provavelmente no versículo 5. Davi, como no Salmo 34.8, exclamou: **bem-aventurado** [heb. ***'esher***, veja o estudo da palavra, 1.1] **o homem** (heb. ***gever***, veja o estudo da palavra, 34.8) que segue o exemplo do salmista e põe **no SENHOR a sua confiança** (heb. ***mivtach***, "confiança, segurança", 40.3,4), em vez de em duas alternativas sem valor:

- **os soberbos** (heb. ***rahav***, "hostil, provocador"; do verbo ***rahav***, "agir de modo arrogante ou feroz"; Is 3.5);
- **os que se desviam** [heb. ***sut***, "desviar, virar para o lado de"] **para a mentira** (heb. ***kazav***, "falsidade, qualquer coisa que engane ou dê falsas esperanças", Sl 40.4).

O versículo 6 não representa uma rejeição do sistema sacrificial. Antes, **sacrifício e oferta** eram inúteis se não fossem apresentados a Deus com a atitude correta. Os atos rituais de adoração são sem sentido se não forem acompanhados pela obediência à vontade de Deus (veja 1Sm 15.22). O principal sacrifício que Deus deseja é o sacrifício de nossa própria vontade e nosso sentimento de importância pessoal (veja Sl 51.16,17). *Salmos 40.6-8 é citado em Hebreus 10.5-7 com uma variação refletindo o uso do escritor do grego da Septuaginta (LXX) que transmite a expressão idiomática hebraica "os meus ouvidos abriste" com "corpo me preparaste". Talvez porque o verbo também contribui para a interpretação messiânica de Salmos 22.16, "os meus ouvidos* ***ABRISTE****" (heb.* ***karah****, literalmente "escavar, cavar) pode ser considerado como uma alusão à lei concernente a um escravo que escolhe permanecer com o seu mestre, em vez de "sair forro" (Êx 21.5,6). O furar a orelha do escravo com uma sovela marcava o compromisso permanente do homem para com o seu senhor, não distinto da aceitação de um corpo humano pelo Filho em obediência à vontade do seu Pai (Hb 10.8-10).*

40.9-17 Davi relata novamente a sua ousada proclamação da **justiça**, **fidelidade**, **salvação**, **benignidade** e **verdade** diante da **grande congregação** (Sl 40.9-10), observando em particular que ele não guardou para si as boas-novas sobre as **maravilhas** e os **pensamentos** do Senhor para o seu povo (v. 5). Davi não **reteve os [s]eus lábios** (heb. ***kala'***, "refrear", v. 9) — isto é, não se refreou de exaltar publicamente o Senhor, então pediu a Iavé para não **dete[r]** (heb. ***kala'***) as suas **misericórdias** (heb. ***racham***, "afeição delicada, misericórdia, graça, favor", v. 11; veja o estudo da palavra, 18.1) para com ele. *Davi, sobrepujado pela sua própria fraqueza e desamparo, orou com um senso de urgência.* ***APRESSA[R]*** *(heb.* ***chush****, 40.13; cp. 22.19; 38.22; 70.1,5; 71.12; 141.1) é onomatopeia — isto é, o som da palavra imita o barulho de alguém se movendo com rapidez. O uso da palavra* ***AUXÍLIO*** *(heb.* ***'ezrah****, "auxílio, assistência", 40.13,17) no livro de Salmos é característico, referindo-se sempre a Iavé como a fonte. A palavra é usada apenas onze vezes no restante do Antigo Testamento, geralmente se referindo à "ajuda" humana.* Davi também orou para que fossem humilhados aqueles que tentaram tirar a sua vida e por aqueles que ficariam felizes em ouvir sobre a sua queda.

Salmo 41: "Amém e Amém!" (41.1-13)

41.1-12 O salmo começa com a bem-aventurança para **aquele que atende** [heb. ***sakal***, "considera, dá atenção a"; na forma do particípio, indicando aquele que é conhecido ou caracterizado por "comportar-se sabiamente em relação aos outros"; cp. Mt 25.31-46; Tg 1.27] **ao pobre** (heb. ***dal***, "indefeso, débil, fraco, sem força nem poder", Sl 41.1). Davi, mudando de cá para lá entre o testemunho em terceira pessoa e a oração direcionada diretamente a Iavé, elabora sobre o que significa proclamar que o indivíduo benevolente é **bem-aventurado** (heb. ***'esher***, veja o estudo da palavra, 1.1). Aquele que demonstra o caráter de Deus ao suprir as necessidades das pessoas não está imune a experimentar...

- o **dia do mal** (41.1);
- as ameaças, ataques e calúnias pelos **inimigos** (vv. 2,5-9,11); ou
- a doença (vv. 3,8).

Este salmo é interpretado com frequência como uma oração de uma pessoa afligida pela doença; mas, como muitos outros salmos, a sua estrutura e linguagem poética resistem às tentativas de confinar a mensagem desse cântico a apenas um tema. Os versículos 3, 4, 8 e 10 permitem aos leitores que se identifiquem com várias experiências possíveis daquEle "que atende ao pobre" (v. 1), que conta com o Senhor em toda situação negativa por livramento e apoio, bem como com a presença dEle (vv. 2,10-13). *Afirmar que o Senhor* ***SUSTENTARÁ*** *(heb.* ***sa'ad****, "apoia, sustentar, escorar", v. 3) alguém "no leito de* ***ENFERMIDADE*** *(heb.* ***'eres****, "cama" do* ***deway****, "doença debilitante, impureza", um substantivo usado no Antigo Testamento apenas aqui e para comida "fastienta", Jó 6.7) fundamenta-se nas ações dos cuidadores cujo amigo ou ente querido está muito doente para levantar a cabeça ou cujo corpo precisa ser apoiado para funcionar. Tal ministério exige o envolvimento pessoal e a humildade para ajudar os doentes a fazer o que não conseguem fazer sem ajuda. No entanto,* ***deway*** *deriva-se do adjetivo* ***daweh*** *(heb., "lânguido, doente, débil") usado apenas cinco vezes no Antigo Testamento — três vezes referindo-se à menstruação (Lv 15.33; 20.18; Is 30.22) e duas vezes a estar emocionalmente "enferma" (Lm 1.13; 5.17) — e sugere um espectro mais amplo de razões para ficar na cama que a razão mais óbvia de estar fisicamente doente.*

Em Salmos 41.3, Davi afirma que Iavé ***RENOV[A]****-*o *(heb.* ***haphak****, "mudar, virar"). O local onde isso ocorre — "no* ***leito*** *[heb.* ***mishkav****, "cama, leito, lugar onde se deita"] da* ***enfermidade***" *(heb.* ***choli****, "doença, enfermidade, aflição, sofrimento", cp. 1Rs 17.17; 2Cr 16.12; Is 53.3,4) — implica que Iavé supre o doente ou pessoa pesarosa onde ela está e que o Senhor traz ou uma "reviravolta" no prognóstico de alguém com uma doença física ou uma "mudança" na perspectiva de alguém sofrendo de pesar debilitante (cp. Jr 10.19). Davi ora e clama por restauração física e espiritual (Sl 41.4-10).*

Davi também ora: **Senhor [...] sara** [heb. ***rapha'***, "costurar, remendar"; figurativamente, "perdoar, confortar"] **a minha alma**, como um pedido de perdão pelo pecado contra Deus (v. 4). A necessidade de estar correto com Deus parece ter sido aumentada pela consciência dos **inimigos** que estão ansiosos para que ele **morr[a]** (vv. 5-8). Aqueles que o **aborrecem** esperam que ele **não se levant[e]** [heb. ***qum***] **mais** de onde está **deitado** (v. 8), mas é exatamente por isso que ele ora: **Senhor, tem piedade de mim, e levanta-me** (heb. ***qum***, v. 10). Ele ora com a confiança de que o Senhor já o **sustent[ou]** (heb. ***tamak***, "sustentar, manter, apoiar", v. 12) no passado (quando o seu **inimigo** não prevaleceu,

v. 11) e que o **p[orá]** (heb. ***natsav***, "fazer ficar de pé, estabelecer, colocar") diante da sua **face para sempre** (v. 12).

O versículo 9 observa a traição de um **amigo** [heb. ***'ish shalom***, "homem de paz"] **íntimo** (heb. ***batach***, "confiar, pôr a confiança em; estar seguro, sem medo"). Os estudiosos que priorizam a identificação da ocasião histórica do salmo argumentam que o versículo 9 provavelmente se refere a Aitofel, um dos conselheiros de Davi, que se juntou a Absalão na conspiração deste para usurpar o trono do seu pai, Davi (veja 2Sm 15.12—17.23). Aitofel podia, de fato, estar na mente de Davi quando ele incluiu esse versículo, e Jesus referiu-se diretamente a Salmos 41.9 "para que se cumpra a Escritura" (Jo 13.18), considerando a traição de Judas Iscariotes (veja Jo 13.1-30).

41.13 O fato de que esse salmo é o último no Livro I do saltério é marcado por uma doxologia repetida com variações no fim do Livro II (72.18,19), do Livro III (89.52) e do Livro IV (106.48). Esse versículo funciona como uma bênção para o **SENHOR, Deus de Israel.** ***AMÉM*** *(heb. "verdadeiramente, realmente") provém do verbo* ***'aman*** *("confirmar, verificar, estar seguro ou ser verdadeiro") com a ideia básica de firmeza ou certeza. O "amém" duplo pode representar a resposta enfática da congregação de adoração à bênção ou ação de graças.*

LIVRO II (42.1—72.20)

Salmos 42—49: Os Salmos dos Filhos de Corá (42.1—49.20)

Os ***FILHOS DE CORÁ*** *eram levitas, descendentes do avô de Moisés, Coate (Êx 6.16,18-21,24; 1Cr 6.22). Os coraítas serviam como porteiros do Templo (1Cr 9.19) e poderiam estar entre os músicos levitas e também entre os cantores (2Cr 20.19). Os "filhos de Corá", como expressão, aparecem apenas aqui, nos registros genealógicos de Êxodo 6.24 e em Números 26.11 — aludindo ao julgamento de Corá e os seus seguidores por Deus quando "congregaram contra Moisés e contra Arão" (veja Nm 16.1-40). A ligação proeminente entre os "filhos de Corá" que "não morreram" (Nm 26.11) e esse grupo de salmos (Sl 42—49; 84—85; 87—88) atribuídos aos seus descendentes chama atenção ao tema prevalente desses doze salmos — "a redenção do Seol".*[5]

Salmos 42—43: Ansiando por Deus (42.1—43.5)

O Salmo 42 marca o início do Livro II (Sl 42—72). Os Salmos 42 e 43 estão tão intimamente relacionados um com o outro — especialmente com o refrão que se repete em 42.5,11 e em 43.5 — que provavelmente foram escritos como uma peça só. Apenas o Salmo 42 tem um sobrescrito que parece ser aplicado aos dois salmos, apoiando a possibilidade de classificá-los juntos como um lamento individual.

42.1—43.5 Estes salmos, como um ***Masquil***, podem ser compreendidos como aqueles que ensinam ou fornecem uma compreensão sobre a vida prática. Estes salmos falam sobre a experiência daquele que pertence a Deus, mas, ainda assim, anseia por garantia da presença de Deus quando este parece estar ausente. A imagem concreta do versículo 1 capta a profundidade da emoção e estabelece o tom para toda uma unidade literária (Sl 42—43). O salmista compara o seu anseio por Deus à intensidade da sede de um cervo que anseia pelas **correntes das águas**, talvez durante uma seca severa ou na fuga diante do perigo. *O verbo* ***BRAMA*** *(heb.* ***'arag****, "desejar") é usado apenas aqui e em um contexto do julgamento de Deus quando o "fogo cons[ome]" todos os meios de subsistência de modo que "todos os animais do campo bramam" (heb.* ***'arag****) por Iavé (Jl 1.20). Nesses dois versículos, o verbo hebraico indica que o sujeito busca ao Senhor com um senso de urgência nascido do desespero e do conhecimento de que não há esperança em ninguém mais.*

À medida que o salmista desvela um relato sem disfarces da sua experiência, as fontes de angústia, a interna e a externa, tornam-se aparentes.

- Ele fica ansioso para **apresenta[r]**-se **ante a face de Deus** (42.2) para vindicação e a defesa da sua **causa** (43.1), mas ele é continuamente confrontado pelos juízes humanos que designam a si mesmos e que o criticam pela sua fé. Embora a pergunta deles seja dirigida ao salmista (42.3,10; cp. Jl 2.17; Mq 7.10; Ml 2.17), salientar a sua aparente posição indefensável — isto é, ficar sem a evidência tangível ou visível de Deus —, eles, na verdade, depreciam o **Deus vivo** (Sl 42.2).
- O salmista cita a **opressão do inimigo** (v. 9) e a ridicularização por parte dos seus **adversários** (v. 10) como a razão de ele **and[ar] angustiado** (heb. ***qadar***, um particípio ativo denotando "pesar, estar escuro", 42.9 e 43.2; cp. 34.14; 38.6). Ele suporta a oposição daqueles que rejeitam a Deus e de indivíduos traiçoeiros (43.1).

- O contraste contundente entre memórias de alegrias passadas e circunstâncias atuais pode intensificar a angústia do indivíduo.

O salmista enfrenta não só circunstâncias angustiantes e pessoas contrárias a ele, como também uma batalha interna entre o desespero e a esperança.

A palavra ***ABATIDA*** *(heb.* ***shachach****, "inclinar, agachar, curvar-se ") aparece uma vez na afirmação do salmista sobre a sua condição (42.6) e três vezes no refrão da primeira pergunta "por que [...]?" (42.5,11; 43.5). Ela fornece um instantâneo daquela pessoa que está "abatida" e cuja cabeça está abaixada. Nessa postura, a pessoa só consegue ver o solo. No sentido metafórico, a atenção está focada em uma situação terrena aparentemente impossível. A pergunta do segundo refrão usa o termo* ***PERTURBA[R]*** *(heb.* ***hamah****, "emoções instáveis"), uma palavra onomatopeica — isto é, a própria palavra soa como aquilo que significa: literalmente um zunir das abelhas ou sons de outros animais (Is 59.11) ou o "ru[gir]" das águas (46.3). Em geral, tem uma conotação negativa, descrevendo pessoas ou situações tumultuosas; barulho de comoção desordenada; ou até mesmo raiva incontrolável. A palavra ajusta-se ao sentido de ser sobrepujado com pesar ou ansiedade que não se submete à razão, resistindo continuamente à paz e ao descanso.*

No entanto, é notável perceber que o refrão também claramente expressa fé. Embora o salmista não direcione a resposta diretamente às suas próprias perguntas, ele aconselha a si mesmo a **espera[r]** [heb. ***yachal***, "esperar, aguardar"; cp. 1Sm 10.8] **em Deus** (42.5). Em vez de negar a verdade — de que Deus *é* soberano, fiel e digno de louvor —, o salmista escolheu confiar a situação presente e o resultado futuro ao Senhor. *As palavras hebraicas da expressão"na* ***SALVAÇÃO*** *[heb.* ***yeshu'ah****, "livramento, ajuda, salvação"] da sua presença (heb.* ***panim****, "face, semblante, presença", 42.5,11; 43.5) [...] e o meu Deus — literalmente, "a ajuda da sua presença" — mostra que a fé do salmista ajusta-se à definição do Novo Testamento como "o firme fundamento das coisas que se esperam* e *a prova das coisas que se não veem" (Hb 11.1). Após perguntar quando ele poderia "apresenta[r-se] ante a face [heb.* ***panim****] de Deus" (42.2), isto é, diante da "face" do Senhor, o salmista louva a Deus pela "salvação da sua presença" — o que ele sabe ser real, embora os seus sentimentos e as suas críticas persistam em dizer o contrário.*

Tal "esperança" é nutrida ao lembrar a pessoa da sua história pessoal com Deus. O salmista lembra-se das experiências passadas de adoração que não só intensificam a consciência dolorosa da sua distância da **Casa de Deus** (42.4), como também direcionam a sua atenção, pelo menos por um breve momento, para longe da presente angústia para o refrigério futuro de

retornar aos **Tabernáculos [...] ao altar de Deus** (43.3,4). A distância pode ser geográfica, uma vez que a localização mencionada em Salmos 42.67 poria o falante tão distante do Templo em Jerusalém quanto poderia estar sem deixar Israel. O monte **Hermom**, ou seja, a cordilheira que delineia a fronteira norte de Israel e as marcas de água do rio **Jordão** (heb. "descida; correr montanha abaixo", v. 6). Das fontes de Banias até o pé do monte Hermom, a água da neve derretida e das chuvas de inverno ressoa através do canal e desce mais de 182 metros em aproximadamente três quilômetros para formar a cachoeira Banias. O **pequeno monte**, ou monte **Mizar** (NVI; heb. "pequena montanha") designa provavelmente o menor pico ou montes da cordilheira do Hermom.

As características do salmo, quer tenham sido compostas nesse local, quer não, são empregadas como metáforas para a progressão da experiência do salmista — de ter **sede de Deus, do Deus vivo** (42.2; cp. 84.2) até o senso de ser sobrepujado pelo poder e pela presença de Deus (42.7). No fluxo ondeado e trovejante do fluxo de água, o salmista encontra uma analogia para lembrar-se de Deus, a quem ele ora (42.6,7). Alguns interpretam a expressão **um abismo chama** [heb. ***qara'***, "clamor, chamar, intimar" — um particípio ativo indicando ação contínua] **outro abismo** (heb. ***tehom***, "onda; água agitada, fazendo barulho"; cp. Hc 3.10) como se referindo a uma onda após outra onda de problema, caos ou julgamento engolfando o salmista. No entanto, as imagens de água são atribuídas a Deus — as **catadupas [...] ondas** [de Deus] **e vagas** [do Senhor], e o salmo identifica consistentemente Deus como a fonte da **vida** (42.1,8), **alegria** (42.4; 43.4), estabilidade ("Deus, a minha rocha", 42.9) e segurança ("Deus da minha fortaleza", 43.2). Além disso, o salmista não diz nada sobre a ira ou julgamento de Deus, sobre a necessidade de arrepender-se ou sobre buscar restauração. Antes, o versículo 7 provê uma imagem da presença profunda de Iavé que abrange tudo, presença esta que o salmista conheceu no passado e confia que experimentaria de novo (v. 8).

O salmista deu voz aos seus sentimentos, buscou uma explicação, determinou guardar o louvor a Deus e orou por livramento pessoal. Antes de incluir um refrão, ele pediu o privilégio de ser escoltado ao local de adoração designado por Deus sob a proteção da sua **luz** e **verdade** (43.3).

Salmo 44: As palavras de queixa de Israel (44.1-26)

44.1-26 O cenário desse salmo deve ter sido durante um período de calamidade para Israel. O salmista reflete sobre o que Deus alcançou para o seu povo no passado, em particular quando entraram na Terra Prometida sob a liderança de Josué (vv. 1-3; cp. Dt 9.4-6). Ele atribui as **vitórias** (NVI) e a humilhação a **Deus**, o seu **Rei** (Sl 44.4-9). O salmista esperava que o Senhor trouxesse vitória militar para o seu povo no presente, exatamente como Ele fizera no passado. Antes, o povo de Deus experimentou derrota e a ridicularização dos seus inimigos (vv. 9-16), sabendo que Ele prometera tal adversidade como disciplina e punição para a desobediência e idolatria do povo (cp. Lv 26.14-33).

O salmo, portanto, transforma-se em protesto sobre o sofrimento do povo de Deus apesar da fidelidade do Senhor (Sl 44.17-22). Não só essa experiência parece contradizer o padrão de receber bênçãos pela obediência e aflições pela desobediência (Dt 28), como o salmista também argumenta que **por amor de** Deus — isto é, por consideração a Ele e porque permaneceram leais a Ele — todos eles são **reputados como ovelhas para o matadouro** (heb. ***tivchah***, "a matança de vários animais, matadouro"; Sl 44.22; um substantivo usado apenas aqui e em 1Sm 25.11 ["carne" de animais abatidos]; Jr 12.3). No Novo Testamento, Paulo citou Salmos 44.22 em um contexto afirmando que Deus está sempre com os seus filhos até mesmo em meio ao sofrimento, tornando-os mais que vencedores (Rm 8.36,37).

O desafio para o Senhor parar de **dorm[ir]** e **acorda[r]** não significa que as pessoas acreditavam que Deus estava literalmente adormecido (Sl 44.23). Antes, expressa a urgência do seu pedido para que ele desse atenção imediata à situação. ***RESGATA[R]*** *(heb.* ***padah****, "soltar, libertar", v. 26) significa com frequência transferir a propriedade de uma pessoa para outra mediante pagamento de um preço ou um substituto de valor equivalente. O mesmo verbo é usado para resgatar o primogênito em Êxodo 13.13.* O salmista incitou o Senhor a agir fundamentado na sua **misericórdia** (heb. ***chesed***, "lealdade à aliança", Sl 44.26; veja o estudo da palavra, Rt 1.8).

Salmo 45: Um cântico para o casamento real (45.1-17)

45.1-17 A referência "**Aos Lírios**" no sobrescrito indica provavelmente a melodia para esse **cântico de amor** (heb. ***shir***, "cântico" de ***yedidot*** — plural de ***yadid***, "amado, querido"; cp. Is 5.1), celebrando um casamento

real, sobre o qual o **coração** do salmista **ferve** (heb. ***rachash***, "ferver ou borbulhar" como uma fonte, Sl 45.1; um hápax ou uma palavra com apenas uma ocorrência na Escritura). As letras da música não contêm informações suficientes para identificar o rei em particular aos quais os **versos** (NVI; heb. ***ma'aseh***, "produto, trabalho, o que alguém fez", Sl 45.1) foram recitados. Alguns estudiosos acreditam que os detalhes no salmo apontam para o casamento de Acabe e Jezabel (cp. vv. 8,9,12; 1Rs 16.31; 22.3). Outros consideram que o noivo é Salomão. É mais provável o cântico ter sido escrito para o casamento de algum rei tardio de algum período posterior, em especial à luz da interpretação de Salmos 45.6,7 no Novo Testamento como se referindo ao "Filho", isto é, a Jesus, o Messias, que cumpre a promessa de Deus para estabelecer um descendente de Davi para ficar para sempre no trono (Hb 1.8-9; veja 2Sm 7.8-16; 1Rs 5.5; 1Cr 17.11-14; Mt 1.1; 12.23; 21.9; Lc 1.32; Rm 1.3; Ap 22.16). O **trono** do Deus eterno também pertence ao Filho (Sl 45.6; cp. 2Sm 7.14,16; Sl 102.12; Ap 3.21; 5.13; 22.3). O trono e o **cetro** representam a autoridade e poder divinos para reinar (Sl 45.6; cp. 2.9; Mt 28.18; Ap 2.26,27; 19.15,16).

As palavras de Salmos 45.7, tanto no texto hebraico quanto na tradução para o grego (LXX), indicam uma referência profética à unção do Messias de Deus — isto é, Jesus, o Filho de Deus (cp. Sl 2.7,12). *O rei por sua unção, porque ele ama supremamente a "justiça" e odeia a "impiedade" (cp. 11.4-7; 33.5; 89.14; Is 61.8), é posto acima dos seus* ***COMPANHEIROS*** *(heb.* ***chavēr****, "associado, companheiro") — possivelmente outros príncipes da família real, companheiros israelitas ou membros do grupo do casamento — indicando a sua posição exaltada. Na LXX, a palavra é* ***metochous*** *(gr. "parceiros, participantes, aqueles que compartilham de", uma palavra usada apenas em Lc 5.7; Hb 1.9; 3.1,14; 6.4; 12.8). Em Hebreus 1.9, o contexto imediato sugere que a palavra pode referir-se aos anjos sobre quem Cristo é claramente superior (Hb 1.4-5). No entanto, no Novo Testamento, tanto a forma nominal quanto a verbal,* ***metechō****, refere-se geralmente aos seguidores de Cristo (e.g., Hb 3.14; 1Co 9.17,21; cp. Hb 2.14,17).*

O verbo ***UNGIU*** *(heb.* ***mashach****, "óleo puro" sobre a cabeça) é usado para alguém sendo consagrado para a função de sacerdote (cp. Hb 7.26—8.2), rei ou profeta. A palavra grega* ***chriō*** *(Lc 4.18; cp. Is 61.1; Hb 1.9) aparece apenas em três outros versículos do Novo Testamento. Atos dos Apóstolos 4.27 e 10.38 falam da unção de Jesus por Deus; 2 Coríntios 1.21 refere-se à unção dos cristãos (que estão "em Cristo") por Deus.* A única outra menção do **óleo da alegria** (Sl 45.7; cp. 89.20) no Antigo Testamento aparece em Isaías 61.3 ("óleo de gozo"), uma passagem

em que Jesus afirma que se cumpriu nEle (veja Lc 4.16-21; cp. Is 61.1-3). *No Antigo Testamento, tal* ***ALEGRIA*** *(heb.* ***sason****, "alegria, regozijo, júbilo") é associada com maior frequência à celebração exultante do que Iavé fez ou faz (Jr 33.9).*

A desolação a ser experimentada por Judá e Jerusalém quando Deus pune o pecado deles é descrito quatro vezes de modo pungente como a remoção da "voz de folguedo, e a voz de alegria, e a voz de esposo, e a voz de esposa", identificando casamentos como ocasiões de alegria (Jr 7.34; 16.9; 25.10; 33.11).

Em Salmos 45.2-9, o salmista canta sobre a **majestade** (heb. ***hod***, "esplendor", uma palavra usada predominantemente em descrições de Deus e do Messias, como Rei — veja 1Cr 16.27; 29.11; Sl 8.1; 21.5; 96.6; 104.1; 145.5; 148.13; Hc 3.3; Zc 6.13) e o **esplendor** (heb. ***hadar***, "glória, majestade") do **rei**, chamando atenção quanto à aparência e ao caráter do governante (Sl 45.3,4). O rei, a quem **Deus [...] abençoou para sempre** (vv. 2,17; cp. 2Sm 7.12-16; 1Cr 17.11-14; Sl 89.3,4,13-37; cp. Rm 1.25; 9.5) é descrito como:

- um **valente** com a sua **espada** pronta para defender o seu reino, preservar virtudes piedosas e afirmar a sua soberania sobre os seus **inimigos** e os **povos** sujeitos a ele (Sl 45.3-5; cp. 2.8-11; 110.1,2,5,6);
- um monarca justo — um líder ético que ama o que é correto e odeia o mal (45.4,7); e
- um noivo perfumado (vv. 7,8; para os estudos das palavras **mirra** e **aloés**, veja a tabela: "Imagens da natureza em Cantares", p. 275-281).

As **ilustres donzelas** (heb. ***yagar***, "queridas ou preciosas, magnificentes ou esplêndidas, de raro valor", v. 9) incluíam outras **filhas dos reis** — princesas que podiam ser noivas em potencial, mas o salmista avança com rapidez a sua descrição sobre os eventos para pôr a **rainha** (heb. ***shēgal***, "esposa do rei", apenas no v. 9 e Neemias 2.6) ao seu lado. Alguns estudiosos consideram a "rainha" como a mãe do rei de pé para dirigir-se à noiva (em Sl 45.10-12), mas uma palavra distinta é usada em outro texto para designar a "mãe [...] rainha" (heb. ***gevirah***; veja 1Rs 15.13; 2Rs 10.13; Jr 13.18; 29.2). Outros, por conseguinte, atribuem Salmos 45.10-12 ao salmista.

De qualquer modo, a noiva é tratada como **filha** — provavelmente um termo carinhoso, e não uma indicação de relacionamento familiar. Ela é

incitada a abraçar o seu novo papel como esposa do rei (v. 12). Ela, para fazer isso, é aconselhada a abrir mão dos laços com a sua cultura e antigos relacionamentos — os costumes com que ela está familiarizada e o povo com quem ela sente-se mais confortável.

Salmo 46: Deus como "nosso refúgio e fortaleza" (46.1-11)

46.1-11 A expressão **sobre *Alamote*** (heb. plural de ***'almah***, "virgem, menina em idade de casar, solteira") designa, talvez, vozes femininas ou sopranos. O pano de fundo desse salmo pode referir-se à crise de 701 a.C., quando Deus libertou milagrosamente a cidade de Jerusalém dos exércitos de Senaqueribe, rei da Assíria (veja 2Rs 18—19).

O salmista, falando para si mesmo e para o povo de Deus, declara com confiança, sem nenhum qualificador, que Deus, em tempos de **angústia**, é aquele em quem segurança, proteção e ajuda estão sempre **bem presente[s]** (heb. ***matsa'***, "ser encontrado, estar presente ou aqui", modificado por ***me'od***, "grandemente, extraordinariamente", Sl 46.1; cp. 22.19; 60.11; 108.12). *Um* ***REFÚGIO*** *(heb.* ***machaseh****, 46.1; do verbo* ***chasah*** *— veja 7.1; 17.7; veja o estudo da palavra, 34.8) é um lugar de abrigo que fornece proteção dos perigos de uma tempestade ou uma pessoa a quem alguém corre em busca de segurança (cp. 61.3; 62.7,8; 71.7; 91.2,9; 142.5).* O salmista, fundamentado em quem Deus é, anuncia com ousadia que **não temeremos** (46.2). Na Escritura, o Senhor incita com frequência o seu povo a não temer nem sentir medo; é raro ver afirmações tão diretas como essa registrada aqui (cp. 3.6; 27.3; 65.4,11; Is 41.10). O salmista, a fim de mostrar a sua total imperturbabilidade e confiança em Deus, descreve as circunstâncias muito grandes para qualquer pessoa lidar com elas, exceto Deus — dos desastres naturais, como terremotos ou erupções vulcânicas (Sl 46.2,3,6), à ascensão e queda de **nações** e **reinos** (v. 6). As palavras do Salmo 46 inspiraram Martinho Lutero a escrever um hino maravilhoso: "Castelo forte é nosso Deus". Tal fé domina o medo até mesmo nos maiores distúrbios da vida (vv. 1-3).

Observe os vários títulos usados para Deus nesse salmo. O título traduzido por **Altíssimo** (v. 4) designa Deus como onipotente, majestoso e exaltado. A identificação de Deus como o **SENHOR dos Exércitos** conecta o nome de Deus usado na Aliança (SENHOR) com a sua soberania sobre todos os exércitos terrenos e sobre as hostes dos céus (vv. 7,11). A referência ao **Deus de Jacó** lembra-nos de que Ele é o Deus de Israel ou Jacó e que Ele

escolheu ligar a si mesmo até com aqueles que não são particularmente nobres nas suas atitudes e nações (vv. 7,11). Além disso, o título traz à mente a natureza protetora de Deus. Ele importa-se com você quando você luta e falha.

Enquanto o versículo 1 chama atenção para a onipresença de Deus — **socorro bem presente** —, os versículos 8,9 focam a onipotência de Deus. Ele é Todo-poderoso. O salmista encorajou os seus ouvintes a **aquieta[rem-se]** (heb. ***raphah***, "desistir, cessar, relaxar", v. 10; cp. 1Sm 15.16) e pararem de lutar e experimentarem a paz. Os ouvintes são instruídos a relaxar e conhecer a grandeza de Deus. Esse relaxamento é o resultado da fé. A serenidade ou a paz vem apenas no reconhecimento do senhorio de Deus na sua vida e a sua sujeição à vontade dEle.

Salmo 47: Deus como "Rei grande sobre toda a terra" (47.1-9)

47.1-9 Esse salmo, por causa dos elementos que refletem uma cerimônia de coroação, é com frequência classificado como salmo de entronização — um que louva o Reino ou senhorio do Senhor (veja também Sl 93; 96—99). Os imperativos repetidos pedem uma adoração ativa.

Deus, exceto por esses versículos com imperativos e parte do versículo 9, é o sujeito gramatical da maioria de todas as sentenças nesse salmo. Toda sentença, em especial os verbos, descrevem as suas atividades e papel como **Rei grande sobre toda a terra** (v. 2; cp. Ap 11.15). O Senhor **é tremendo** (heb. ***yarē'***, "é terrível, deve ser temido; é venerável, estupendo, ilustre", Sl 47.2), como aquEle que governa a todos os lugares, **povos**, **nações** e **príncipes dos povos** (vv. 3,8,9). O Senhor, o único grande rei, também deseja reinar supremo no coração de cada indivíduo. Um dia, a realidade do Reino universal do Senhor será reconhecida por todos (Fp 2.10,11).

Salmo 48: O monte Sião (48.1-14)

48.1-14 O Salmo 48, assim como o Salmo 46, celebra a segurança desfrutada por aqueles que depositam a sua fé no Senhor. A **cidade do nosso Deus** e o **monte Sião** referem-se a Jerusalém (vv. 1,8,11). A presença de Deus provê segurança para a cidade e a nação de Israel. O

povo de Deus acreditava que Jerusalém jamais poderia ser conquistada porque Deus sempre a protegeria. A cidade de Jerusalém, no entanto, caiu diante dos babilônios em 586 a.C., momento em que o povo de Deus aprendeu por intermédio da amarga experiência que uma fé autêntica nEle tem de refletir a si mesma na vida ética e moral. O título **SENHOR dos Exércitos** refere-se a Deus como soberano sobre todos os exércitos terrenos, bem como as hostes celestiais. No versículo 9, o salmista reconheceu a **benignidade** (heb. ***chesed***; veja o estudo da palavra, Rt 1.8), a sua lealdade à sua aliança com o seu povo. No versículo 10, ele afirmou que o **nome** de Deus, ou a sua reputação, estendia-se até os confins da terra. Ele é universalmente soberano. A **mão direita** de Deus é a mão de poder e executa **justiça** (v. 10). O versículo 14 afirma a natureza eterna de Deus.

Salmo 49: A riqueza sem "entendimento" (49.1-20)

49.1-20 Esse é um salmo de sabedoria que reflete a certeza da morte e a inadequação da riqueza (cp. Sl 1). O versículo 10 traz à memória o ditado: "Você não carrega nada consigo". Esse poeta enfatizou a loucura de depender das riquezas. O dinheiro não pode impedir a morte. A riqueza não consegue comprar o precioso dom da vida de Deus. Quando o rico morre, a sua riqueza passa para as mãos dos outros. A pessoa sábia reconhece os limites do dinheiro. Jesus ensinou os seus seguidores que "a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui" (Lc 12.15). O Seol, a **sepultura**, identifica a moradia dos mortos (Sl 49.14,15; veja os comentários sobre Sl 9.13-20), uma existência tenebrosa, um lugar de escuridão e silêncio. Salmos 49.20 resume a iluminação desse poeta. A pessoa que possui riquezas, mas não tem sabedoria, é, de fato, tola.

Salmo 50: Um Salmo de Asafe (50.1-23)

50.1-23 O título **salmo de Asafe** (heb., "ele juntou") pode fazer referência à autoria, aos cantores que cantavam o salmo na adoração ou a uma coletânea particular de salmos (cp. títulos de Sl 73—83). Asafe era o pai do clã do Templo dos músicos que serviram ao longo de toda a história do Templo. Davi começou a tradição de dar salmos a Asafe para que fossem cantados pelos músicos do Templo (1Cr 16.7).

Partes do Salmo 50 são reminiscências do Salmo 24, que começa deste modo: "Do SENHOR é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que

nele habitam". Deus é o proprietário de tudo. O povo assumiu equivocadamente que Deus precisava dos sacrifícios e ofertas deles. Deus lembrou-os de que todas as bestas, todo o gado e todas as aves pertenciam a Ele. O fundamento da adoração é uma necessidade sua, e não de Deus. Você precisa experimentar a alegria de compartilhar e doar. Deus deseja a sua adoração e ação de graças (v. 14). Ele quer que você dependa dEle (v. 15). Além disso, esse salmo é um lembrete de que Deus é o Juiz. Ele, por fim, julgará o seu próprio povo (v. 7), bem como o perverso que se esqueceu de que Ele existe (v. 22).

Salmo 51: A Oração de Arrependimento de Davi (51.1-19)

51.1-2 O Salmo 51, dentre os sete salmos penitenciais (veja o comentário sobre Sl 6.2), epitoma a oração de arrependimento dos tementes a Deus. O sobrescrito identifica-o como oração de Davi pedindo perdão depois de o profeta Natã confrontá-lo sobre o pecado do adultério com Bate-Seba (veja 2Sm 11—12). Davi admite de forma sucinta a sua culpa, e, depois disso, a mensagem do profeta para esse rei proveniente do "SENHOR, Deus de Israel" (2Sm 12.7) concluiu com a garantia de Natã de que o Senhor "traspassou o [...] pecado" (12.13) de Davi e com o anúncio de uma consequência específica — "uma vez que você insultou o Senhor" (12.14; NVI). Davi, confrontado com a profundidade do seu pecado, orou no Salmo 51 como um homem que teme desesperadamente perder o que mais aprecia — o seu relacionamento com Deus (Sl 51.11,17). No entanto, a caracterização do salmo como a necessidade do pecador de ser perdoado e purificado por Deus, contra quem todo pecado é derradeiramente cometido (v. 4), tem aplicação universal.

Davi reconheceu que não merecia nem poderia merecer a graça que ele buscava (v. 16); então, fundamentou o seu apelo no caráter de Deus (cp. Êx 34.6,7) — **segundo** a **benignidade** (heb. ***chesed***, "amor fiel, lealdade à aliança"; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) de Deus e a **multidão** (heb. ***rov***, "multidão, grandeza") das suas **misericórdias** (heb. ***racham***, a forma plural — cp. "entranhas" — como o lugar das emoções; "afeição amável ou demonstração de misericórdia", Sl 51.1; veja o estudo da palavra, 18.1). O uso dos imperativos revela um senso de urgência (com

relação às três palavras para "pecado" em 51.1,2, veja o estudo da palavra, 32.1,2):

- **Tem misericórdia** (heb. ***chanan***, "ser misericordioso, demonstrar piedade ou graça", i.e., favor imerecido ou indevido, 51.1; veja o estudo da palavra, 4.1).
- **Apaga** [heb. ***machah***, "limpar ou apagar, desaparecer", 51.1,9; cp. 2Rs 21.13] **as minhas transgressões** (heb. ***pesha'***). Só o Senhor pode fazer isso (veja a promessa do Senhor de fazer isso, Is 43.25; 44.22).
- **Lava-me** [heb. ***kavas***, "piso sob o pé", no sentido de bater para tirar a sujeira quando estiver lavando roupa sob a água, Sl 51.2; veja o estudo da palavra, v. 7] **completamente da minha iniquidade** (heb. ***'awon***).
- **Purifica-me** [heb. ***tahēer***, "purificar"] **do meu pecado** (heb. ***chatta'at***, v. 2).

Só se Deus tivesse misericórdia de Davi é que a mancha do seu pecado, que, de outra forma, seria permanente, poderia ser apagada e esquecida, lavada e purificada e completamente purgada.

51.3-6 Davi confessou que ele **conhec[ia]** (heb. ***yada'***, "saber, conhecer, estar pessoalmente familiarizado com"; veja os estudos da palavra, Êx 2.25; Sl 76.1) as suas **transgressões** (51.3). As suas palavras não são uma admissão casual de erro, pois ele lamentou que o seu **pecado** confrontava-o o tempo todo (v. 3). Assim que o senso penetrante de indignação justa voltou-se para si mesmo e ele admitiu a sua culpa (2Sm 12.5-7,13), reconheceu que, acima de tudo, tinha pecado contra o Senhor. Enquanto alguns usaram a afirmação **contra ti, contra ti somente pequei** para argumentar contra a autoria davídica do salmo, essas palavras não negam que o salmista pecou contra Bate-Seba, Urias, o marido dela, e, na verdade, contra toda a nação de Israel (Sl 51.4). Não obstante, o pecado é sempre direcionado contra o próprio Senhor. Além disso, em vez do argumento ou negação, o pecador reconhece merecer quaisquer punições que lhe inflija o Senhor. No Novo Testamento, Paulo usou o versículo 4 no contexto de argumentar que Deus está certo em punir os pecadores, embora "nossa injustiça [...] [seja] causa da justiça de Deus" (veja Rm 3.1-5).

Os versículos 5 e 6 começam com a palavra hebraica ***hēn*** (**Eis**, Sl 51.5; **Eis**, v. 6), geralmente traduzida por "veja" (NVI), chamando a atenção da audiência e ligando os dois versículos. No versículo 5, Davi reconheceu a total depravação do homem; no versículo 6, ele reconheceu que Deus quer algo diferente — o Senhor deleita-se na **verdade** [heb. ***'emet***, "verdade, fidelidade, lealdade, retidão"] **no íntimo** (heb. ***tuchah***, "recessos escondidos, regiões internas"; cp. a única outra ocorrência, "no íntimo", Jó 38.36). O versículo 5 enfatiza a universalidade do pecado (cp. Gn 6.5; 8.21; Rm 3.23) — não no sentido de que o pecado é passado adiante pelos genes ou que a relação sexual no casamento seja pecaminosa. Salmos 51.5 não promove o celibato nem implica que Davi era filho ilegítimo. Antes, Davi reconheceu a desesperança da sua condição pecadora e buscou a intervenção divina ao pedir a Deus para **purific[á-lo]** e **lav[á-lo]** (Sl 51.7). Todos são pecadores e conhecem o pecado por experiência própria. Todo ser humano, por Adão e Eva transgredirem a ordem de Deus (Gn 3.6,7), nasce com uma natureza inerentemente pecaminosa e vive em um ambiente propício ao pecado.

O versículo 6, no entanto, foca o que agrada a Deus — Deus quer que sejamos honestos com Ele e que reconheçamos nosso pecado, pois o pecado separa-nos de Deus, e só nossa confissão desse pecado e nosso pedido de perdão por esse pecado trazem nossa reconciliação com Ele. A obediência externa — seguindo a "letra" da Lei (Rm 2.29) — não remove a raiz do pecado no coração (cp. Pv 26.23; Jr 17.9; Mt 15.19). Ao contrário, conforme enfatizado por Paulo, "é judeu o que o é no interior" (Rm 2.29). O Senhor, por conseguinte, oferece a uma pessoa arrependida conhecer **no oculto** [heb. ***satam***, "secreto, o que está escondido"] **[...] a sabedoria** — isto é, Deus aplica pessoalmente a verdade da sua Palavra à vontade e aos motivos de Davi. Os seus pensamentos, desejos, planos e sentimentos podem estar ocultos das outras pessoas, mas não de Deus (Pv 15.11).

51.7-12 Os verbos imperativos predominam mais uma vez nesses versículos. A primeira petição — **Purifica-me** [heb. ***chata'***, "expiar ou limpar" do pecado, v. 7] **com hissopo** (heb. ***'ēzov***, uma planta que crescia nas paredes, 1Rs 4.33; provavelmente a manjerona, uma planta síria) — parece aludir ao ritual prescrito para readmitir na comunidade da Aliança uma pessoa com "a praga da lepra" (veja Lv 14.1-32; cp. Lv 14.33-56, um ritual similar para a "expiação" de uma casa bolorenta; Nm 19.17-19 para o uso de hissopo na purificação de uma pessoa que tocou em um

cadáver). Hissopo, "duas aves vivas e limpas, e pau de cedro, e carmesim" eram todos elementos do ritual inicial em que um ramalhete de hissopo é usado para espargir o sangue de um pássaro sobre "a ave viva [...] e sobre aquele que há de purificar-se"; a outra ave é libertada (Lv 14.4-7).

Todo o processo de ser restaurado à plena participação em meio ao povo de Deus envolve sacrifícios e ofertas, bem como o processo de ser marcado pelo sacerdote com sangue e azeite (Lv 14.10-32). O Senhor afirmou que, dessa maneira, "o sacerdote fará expiação pelo homem, e este será limpo" (heb. ***tahēr***, Lv 14.9,20; "purifica[r]", Sl 51.2). Davi, da mesma forma, esperava esse resultado se Deus respondesse a sua oração — **ficarei puro** (heb. ***tahēr***, Sl 51.7).

O verbo ***LAVA[R]*** *(heb.* ***kavas****, "lavar — em geral as roupas; cp. v. 2; Lv 14.8,9,47; Nm 19.19) faz paralelo com "purifica[r]" (Sl 51.7). O Senhor, quando confrontou a apostasia de Israel por intermédio do profeta Jeremias, deixou claro que uma grande quantidade de lavagens com água, até mesmo com muito "sabão", não removeria a culpa deles (Jr 2.22). O pecador arrependido, no entanto, pode esperar com confiança que, quando o Senhor é quem lava, então a pessoa fica "mais alvo do que a neve" (heb.* ***lavan****, literalmente "tornar branco"; metaforicamente, "purgar, purificar", Sl 51.7; cp. Is 1.18; Ap 7.14). Só Deus pode realizar a purificação interna para restaurar a comunhão do pecador com Ele e com o seu povo.*

O pedido para **ouvir júbilo** [heb. ***sason***; veja o estudo da palavra, 45.7] **e alegria** expressa provavelmente o desejo de Davi de ouvir que foi perdoado (51.8). *No pedido paralelo,* ***OSSOS*** *(heb.* ***'etsem****) é uma expressão idiomática para referir-se a todo o ser, vida ou personalidade (v. 8; cp. "que estes meus ossos", Jó 7.15). Os ossos são a estrutura para o corpo em que a vida é vivida. Davi pode referir-se aos "ossos que tu* ***QUEBRASTE****" (heb.* ***dakah****, "quebrar em pedaços") como uma metáfora que compara a severidade da repreensão de Deus e os seus efeitos no seu coração espiritualmente sensível aos efeitos debilitantes de tais ferimentos físicos severos. Sem dúvida, o próprio Davi infligira esses golpes nos soldados inimigos durante as batalhas e estava muitíssimo familiarizado com homens que perderam o uso de um ou mais membros em razão de ossos quebrados. Ele não estava falando de uma quebra limpa — um osso que pode ser restaurado de uma forma bem direta. Antes, ele descreve o tipo de ferimento de que o indivíduo jamais se recupera. Davi, reconhecendo que Deus quebrara-o em pedaços quando o confrontou com a verdade e punição (2Sm 12.7-14), orou para ter permissão de "exult[ar]" (NVI; heb.* ***gil****, "pular de alegria; tremer de alegria", Sl 51.8; cp. 2.11; 14.7), em vez de ressentir-se com o Deus que o ama o suficiente para tratar do seu pecado.*

Davi pediu a Deus para ***ESCONDE[R]*** *[heb.* ***satar****, "esconder, cobrir"] a tua face dos [s]eus pecados" (51.9). No Antigo Testamento, esse verbo é geralmente usado para o fato de Deus esconder a sua face como uma forma de falar sobre a retirada da sua presença ou aprovação (e.g., Dt 31.17,18; Sl 10.11; 22.24; Is 59.2). Aqui, Davi pediu a Deus para esquecer os seus pecados (cp. Sl 10.11; 13.1) e "apaga[r] as [suas] [...] transgressões" (heb.* ***machah****; veja o estudo da palavra, 51.1).* Davi estendeu a sua oração para a plena recuperação ao pedir a Deus para **cria[r]** (***bara'***, "formar cortando ou entalhando; produzir") nele um **coração puro** (heb. ***tahor***, "indiviso, moralmente puro"), isto é, o lugar da vontade ou da tomada de decisão (vv. 10,11). No Antigo Testamento, o verbo ***bara'***, quando denotando um ato da criação, aparece apenas com Deus como o seu sujeito (cp. Gn 1), uma forma de indicar o que só Deus pode realizar. *Em outros contextos, a palavra traduzida por* ***RENOVA[R]*** *(heb.* ***chadash****, "tornar novo", Sl 51.10) denota reparar ou renovar uma estrutura ou cidade. Aquilo que está arruinado é restaurado (veja 2Cr 15.8; 24.4; Is 61.4).* Davi, no passado, tinha um **espírito reto** (heb. ***kun***, "ser firme, constante, verdadeiro, sincero, correto; confidente, fixo, fiel"; e.g., Sl 57.7), então ele orou para que Deus pudesse reconstruir o seu caráter de dentro para fora a fim de que pudesse tornar-se mais uma vez firme e resoluto na sua Aliança com o Senhor (51.10).

A palavra traduzida por ***PRESENÇA*** *(heb.* ***panim****, v. 11) é a mesma traduzida por "face" no versículo 9. Assim como Davi orou para que Deus virasse a sua face para longe do pecado, ele também ora aqui para que Deus não o "lanc[e] fora" (heb.* ***shalakn****, "lançar ou jogar fora"; cp. 2Rs 24.20; 2Cr 7.20) da sua "presença". O Juiz e Rei divino tinha todo direito de lançar fora Davi e recusar-se a ouvir a sua confissão.* A expressão hebraica traduzida por **teu Espírito Santo** ocorre raramente no Antigo Testamento. A intensidade do pedido de Davi provavelmente reflete a sua experiência de testemunhar os resultados trágicos da partida do Espírito de Deus do rei Saul, pois este desobedeceu repetidas vezes ao Senhor (1Sm 16.14-23).

Outra bênção do perdão é a **alegria** (heb. ***sason***, "alegria, deleite abundante", Sl 51.12). Nenhuma alegria pode ser comparada com o relacionamento correto com Deus. A **salvação** traz alegria que pode sustentar-nos em meio às experiências tenebrosas, mas o pecado rouba-nos esse deleite (v. 12). Assim, ao orar pela restauração da alegria da salvação do Senhor, Davi orava por perdão. Só Deus pode prover a força necessária

para realizar a sua vontade. Davi reconheceu a sua total dependência do Senhor.

51.13-17 Dependemos do Senhor não só para a libertação ou salvação, mas também para tornar-nos dispostos a caminhar nos seus caminhos. Davi, ao experimentar o perdão, fez o voto de ensinar aos outros os caminhos de Deus (v. 13). O Salmo 32 é visto como o cumprimento da promessa de Davi. A experiência de perdão levou Davi a demonstrar preocupação com os outros. Ele queria ser instrumental ao trazer outros indivíduos rebeldes de volta ao Senhor. *A palavra hebraica traduzida por* ***TRANSGRESSORES*** *(heb.* ***pasha'****, "transgressor, aquele que quebra a aliança"; cp. 1Rs 8.50; Is 1.2) está em paralelismo sinônimo com o termo* ***PECADORES*** *(heb.* ***chatta'****, "aquele que tem culpa ou é considerado culpado", uma forma enfática ou intensa do verbo, Sl 51.13; veja 1.1). Nesse contexto, essas duas palavras provavelmente transmitem a ideia de revolta deliberada contra Deus.* Davi, por causa da alegria que sentiu, queria compartilhar essa boa-nova do perdão com outras pessoas.

A expressão **crimes de sangue** é provavelmente uma referência ao assassinato de Urias (51.14; veja 2Sm 11.14-27). *Davi identifica o Senhor como o "Deus da minha* ***SALVAÇÃO****" (heb.* ***teshu'ah****, o termo comum designando "livramento" de vários tipos de angústia tanto para o povo quanto para as nações, Sl 51.14). O livramento pode ser proveniente dos inimigos, doença, desastres naturais, pragas ou fomes. No entanto, no Antigo Testamento, o termo geralmente transmite forte sentido religioso porque é o Senhor quem traz salvação. No contexto do Salmo 51, o termo engloba claramente o perdão ou livramento do pecado.* Até mesmo a habilidade de louvar a Deus provém de uma dádiva dEle (vv. 14,15).

Os versículos 16,17 são interpretados de várias maneiras. Alguns estudiosos consideram que esses versículos ensinam a total rejeição do sistema sacrificial. No entanto, a interpretação não se ajusta bem com outras passagens do Antigo Testamento concernentes ao sacrifício. A melhor interpretação desses versículos é considerá-los à luz dos pecados de Davi. Não havia prescrição de sacrifícios pela Lei para os pecados de assassinato, adultério e outras ofensas sérias — em geral referidas como pecados pesados. O pecador nesses casos só poderia lançar-se na misericórdia de Deus (veja 2Sm 12.13,14). O versículo 17 afirma que o sacrifício da sua vontade egoísta e da sua presunção é o sacrifício derradeiro que Deus deseja. Ele aceita e perdoa aqueles que são honestos com Ele, que se humilham diante dEle e dependem da sua graça. Sem o espírito correto, nenhum sacrifício que possamos oferecer é agradável a Deus.

51.18-19 Alguns estudiosos consideram esses versículos como uma adição posterior ao salmo de Davi porque a natureza, o cenário e a abordagem ao sacrifício de modo geral parecem distintos do restante da poesia. Os versículos são interpretados como tendo sido escritos depois da destruição de Jerusalém e do Templo e olhando para o futuro com a reconstrução da cidade e do local de adoração. Aqueles que abraçam essa visão traduzem tipicamente a palavra **edifica** por "reconstr[uir]" (NVT). No entanto, a leitura natural desses versículos também pode ser compreendida como uma referência à construção inicial de Davi ou ao término dos muros da cidade (veja 2Sm 5.6-10).

Salmos 52—55: Masquis de Davi (52.1—55.23)

Cada um desses salmos é identificado no seu sobrescrito como *Masquil* e pode ser compreendido como um salmo que ensina ou fornece compreensão sobre a vida prática. Veja a seção "Gênero" na Introdução.

52.1-5 O sobrescrito identifica o cenário desse salmo como o período em que **Doegue, o edomita**, traiu Davi e revelou o seu paradeiro a Saul (1Sm 21—22). A pessoa sábia do Salmo 52 é o indivíduo que se refugia no Senhor, em vez de nas posses materiais, e que confia no Senhor, e não na sua proeza, ou palavras perversas, ou comportamentos malignos. O salmista descreve a pessoa perversa e o seu destino derradeiro nesses versículos.

A palavra traduzida por **poderoso** (heb. ***gibbor***, "forte ou poderoso", Sl 52.1) é usada como um termo depreciativo. O malfeitor vangloria-se do seu próprio poder, mas o Senhor protege derradeiramente o seu povo. Esse ímpio fanfarrão vangloria-se dos seus próprios recursos (v. 7), mas Deus causará a sua queda. A perversidade dessa pessoa é descrita basicamente em termos da sua fala (vv. 2-4). As palavras da sua boca refletem as atitudes do seu coração (veja Mt 12.34). Salmos 52.5 é um reminiscente de Salmos 1.4-6, em que o ímpio é retratado como tão instável quanto "a moinha que o vento espalha".

52.6,7 Esse fanfarrão ocioso que confia nas riquezas está sujeito à ridicularização (**rirão**). Jesus ensinou que a vida não consiste em abundância das posses (veja Lc 12.15). Um indivíduo não pode confiar nas **riquezas** e em Deus. **Os justos** são pessoas com o relacionamento correto com Deus, aqueles que se alinham com a revelação de Deus sobre a forma correta de viver.

52.8,9 O salmo conclui com o reconhecimento das bênçãos que provêm do Senhor. Davi comparou a si mesmo com uma **oliveira verde**, um símbolo de vida longa e útil. A oliveira pode viver por quatrocentos anos, provendo alimento e suprindo até aproximadamente seis galões (cerca de 22 litros) de azeite por ano. Em contraste com a estabilidade do indivíduo justo, o perverso é desarraigado pelo Senhor (v. 5; compare com Sl 1). A dependência na **misericórdia** (heb. ***chesed***; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) do Senhor traz estabilidade para nossa vida.

53.1-6 O termo ***Maalate***, uma palavra hebraica transliterada, cujo sentido preciso é desconhecido, está relacionado à palavra hebraica para doença; portanto, o salmo é visto como uma oração de um indivíduo doente. **Sobre *Maalate*** pode indicar a melodia com a qual o salmo deveria ser entoado, um instrumento musical (possivelmente a flauta) ou um tipo de dança. A palavra também aparece no sobrescrito do Salmo 88.

Essa poesia é quase idêntica ao Salmo 14 (veja o comentário sobre Sl 14). No entanto, uma clara diferença entre o Salmo 53 e o 14 é que o Salmo 53 usa *Elohim* (Deus) em certos lugares em que o Salmo 14 usa *Yahweh* (SENHOR). Essa distinção ajusta-se bem com o fato de que, no Livro II de Salmos, o título *Elohim* é usado com mais frequência que *Yahweh*. A localização do Salmo 53 entre os Salmos 52 e 54 sugere uma conexão interessante da poesia com a vida de Davi. O Salmo 52 está ligado ao período em que Doegue, o edomita, traiu Davi, revelando o seu paradeiro a Saul (1Sm 1—22). O sobrescrito do Salmo 54 identifica-o com a ocasião em que os zifeus traíram Davi revelando o seu paradeiro a Saul (1Sm 26).

Néscio (heb. ***naval***, Sl 53.1) é também o nome do marido de Abigail (Nabal), um homem que agiu de maneira tola em relação a Davi e o seu bando de homens (1Sm 25).

Na Escritura, o néscio não tem discernimento espiritual, o que é distinto de inteligência. O néscio, ao negar a existência de Deus, vive na perversidade como se Deus não existisse (ateísmo prático). O oposto de loucura ou tolice no Antigo Testamento é a devoção leal ao Senhor. A pessoa sábia é aquela que **busc[a] a Deus** (53.2).

Outra diferença relevante entre o Salmo 14 e o 53 fica evidente em uma comparação de 53.5 e 14.5,6. O Salmo 53 celebra a vitória de Deus sobre aqueles que cercavam o povo do Senhor. Não há grau de certeza quanto a qual situação Davi refere-se. O versículo 6 serve como um lembrete de que **a salvação de Israel** provém de Deus. Por fim, os dois termos técnicos

"*Maalate*" e "*Masquil*" discutidos nos parágrafos precedentes não aparecem no sobrescrito do Salmo 14.

54.1-7 O sobrescrito conecta esse salmo com a traição dos zifeus que revelaram o esconderijo de Davi a Saul (veja 1Sm 23.15-21). Davi orou por libertação dos seus inimigos nesses versículos. Davi pediu a Deus para libertá-lo por seu **nome** ou por causa da sua reputação (Sl 54.1). O salmista considerava os seus inimigos como inimigos de Deus (v. 3). Davi afirmou a sua fé em Deus como o seu **ajudador** (heb. ***'azar***, "aquele que ajuda ou apoia", um verbo que denota com frequência assistência militar, v. 4), um termo que engloba a assistência material e espiritual. Os justos são aqueles que podem antecipar a ajuda de Deus. Davi também afirma que Deus derrotaria e pagaria de volta o mal **daqueles que me andam espiando** (v. 5). O livramento de Deus proveria uma ocasião para uma celebração de gratidão por parte de Davi (v. 6). Este, por causa da salvação que veio pelo nome do Senhor, louvaria a bondade daquele "nome" (vv. 1,6). O fato desse rei **oferece[r] voluntariamente** sacrifícios representava uma oferta comunal apresentada ao Senhor, desfrutada na presença da família e amigos (v. 6). O versículo 7 ressoa com uma nota triunfante de vitória por causa do livramento do Senhor.

55.1-8 Davi utilizou sinônimos para medo um depois do outro para transmitir o quão profundamente aterrorizado ele sentia-se nessa situação em particular. Todas as pessoas, em um momento ou outro, desejam escapar das duras realidades da vida. Esse salmista expressa belamente esse anseio de ter **asas como de pombo** para que pudesse **voa[r] e esta[r] em descanso** (v. 6). As pressões diárias parecem insuperáveis. As pessoas buscam meios de escapar em coisas como recreação, trabalho, devaneios, drogas, álcool ou sono. Uma tentativa de escape, no entanto, não provê uma solução permanente para as dificuldades. O único **abrigo** (TB) existente nas tempestades da vida é estar em um relacionamento com o Senhor (v. 8). Ele é o único refúgio seguro.

55.9-15 Essa seção começa e termina com uma oração (vv. 9,15). Nesses versículos, o poeta também ataca severamente os seus inimigos. Aqui, ele queria lutar, em vez de fugir. A coisa mais dolorosa de todas foi a traição do seu amigo (vv. 13-14). Como é difícil lidar com a traição de um amigo! Jesus enfrentou essa mesma dor quando Judas, um dos seus doze discípulos, traiu-o. A oração para que **a morte [...] assalt[asse]**, os seus inimigos, **e vivos**, isto é, a cova, traz à memória a terra engolindo Corá, Datã e Abirão

(v. 15; veja Nm 16.23-40). Esse salmo, fundamentado nessas afirmações, é categorizado em geral como um salmo imprecatório. Veja a tabela "Tipos de salmos", p. 12,13; "De coração a coração: A leitura de salmos imprecatórios", p. 27).

55.16-23 O salmista fez o que era correto. Ele apresentou o seu coração pesaroso ao Senhor. Ele derramou o seu pesar diante de Deus. Até mesmo em meio à traição de nossos amigos, podemos confiar em Deus.

Salmos 56—60: Os Mictãos Davídicos (56.1—60.12)

Cada um desses cinco salmos é identificado como ***Mictão*** — veja "Gênero" na Introdução.

Salmo 56: O livramento da morte em Gate (56.1-13)

56.1-13 O sobrescrito ou cabeçalho dessa poesia provê muitas informações relacionadas com a sua composição. Primeiro, foi escrito **segundo a melodia "A pomba nos terebintos distantes"** (ARA), uma frase interpretada que se refere à melodia com a qual o salmo deveria ser cantado. Segundo, o sobrescrito conecta esse salmo com a captura de Davi pelos filisteus em Gate (veja 1Sm 21.10—22.1). Não há referência aos filisteus dominando, de fato, Davi em Gate em 1 Samuel 21.10—22.1. Aquela história, no entanto, indica que Davi temia que eles pudessem aprisioná-lo. Ele fingiu estar louco diante do rei de Gate em uma tentativa de evitar a captura. As afirmações de fé e louvor provêm a garantia de que os seres humanos não podem superar o indivíduo que confia em Deus (Sl 56.3,4; veja Rm 8.37). Essa esperança clara fundamenta-se na justiça de Deus (Sl 56.7), bem como na sua misericórdia (v. 1). O refrão no versículo 4 também é repetido nos versículos 10-11. O verbo **sei** (heb. ***yada'***, veja os estudos da palavra, Êx 2.25; Sl 76.1) refere-se ao conhecimento fundamentado na experiência e no relacionamento pessoal (v. 9). Aqueles que confiam em Deus podem trazer à mente aquelas palavras maravilhosas sempre que se defrontam com situações amedrontadoras.

Salmo 57: Escondendo-se do perigo em uma gruta (57.1-11)

57.1-5 "Não destruas" (ARA) talvez se refira à melodia com a qual esse salmo deveria ser cantado. O sobrescrito ou cabeçalho desse poema também aponta para um incidente na fuga de Davi do rei Saul — provavelmente se referindo ao fato de Davi retirar-se para a **caverna** de Adulão (1Sm 22.1,2) ou à recusa de Davi de tirar a vida de Saul em uma caverna no deserto de En-Gedi (1Sm 24.1-7). O poeta começa com clamor por misericórdia de Deus, em quem ele confiava. Os versículos 1-4 constituem um lamento. O salmista usou imagens aprazíveis no versículo 1 para descrever Deus como o seu refúgio. Ele refugiar-se-ia à sombra das asas de Deus até que as tempestades passassem (Sl 17.8; 63.7).

Davi dirigiu a sua petição ao **Deus Altíssimo** (57.2; cp. Gn 14.17-24). Iavé é o grande Deus, exaltado acima dos ídolos ou falsos deuses adorados pelas nações pagãs. Esse salmista experimentara no passado o "Deus Altíssimo" agindo em seu favor (Sl 57.2). Ele tinha fé em que Deus iria libertá-lo da sua presente dificuldade. O versículo 5 constitui um refrão repetido no versículo 11.

57.6-11 Os versículos 6-11 apresentam a ação de graças ou louvor do poeta pelo livramento. Davi regozijou-se pelos seus inimigos colherem o que plantaram. Ele deu voz à sua fé fiel. A referência ao **coração** é uma forma poética de referir-se a todo o ser (v. 7). A gratidão do poeta era tão grande que ele queria que todos **os povos** e todas **as nações** conhecessem o Senhor (v. 9). A misericórdia e a verdade de Deus são dignas de louvor. Ele demonstra a sua **misericórdia** (heb. ***chesed*** "bondade"; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) e **fidelidade** (NVI) para com o seu povo (Sl 57.10). Deus tem de ser **exaltado**, e a sua **glória** tem de estender-se **sobre toda a terra** (v. 11). Esses versículos contêm palavras eloquentes de louvor e confiança (veja também Sl 108.1-5).

Salmo 58: O incitamento para clamar contra a injustiça (58.1-11)

58.1-11 Nesse salmo imprecatório, Davi clama a Deus para que traga desastre e infortúnio sobre os seus inimigos. "**Não destruas**" (ARA) no sobrescrito pode designar a melodia com a qual o salmo deve ser cantado.

Deus, como o Juiz, é o tema do Salmo 58. O salmista confrontou os líderes com a sua falta de sensibilidade para com a justiça (vv. 1,2). Davi expressou raiva em relação à aparente falta de julgamento sobre os ímpios.

Afirmou que há um Deus que julga a terra. O problema confrontado pelo salmista parece ser similar à pergunta feita no livro de Jó: Por que o justo sofre e o perverso continua prosperando? O salmo termina com uma nota de certeza de que a contagem será acertada no fim. Deus, o Juiz Justo, recompensará o fiel e vingará o perverso. Haverá um dia de pagamento. Os salmos de revanche não são celebrados pelas atitudes refletidas ali. Esses salmos, no entanto, ensinam que Deus ouve as orações honestas do seu povo. O Salmo 58 também afirma que a justiça derradeira prevalecerá, o perverso receberá punição, e o justo receberá a sua recompensa (cp. Sl 1).

Salmo 59: A proteção por Deus (59.1-17)

59.1-7 Davi expressou desejo de livramento dos inimigos destrutivos que buscavam tirar-lhe a vida. Ele comparou os seus inimigos a um bando de **cães** ferozes (vv. 6.14) e afirma a sua inocência (v. 4). Ele declarou que não se rebelava contra o Senhor nem, tampouco, errava o alvo de Deus para a sua vida (v. 3; veja o estudo da palavra, 51.1,2). O sobrescrito da poesia faz ainda referência à época na vida de Davi quando o rei Saul enviou homens para matá-lo. A designação de Deus como **SENHOR, Deus dos Exércitos** pode ser uma alusão a Deus como o comandante dos exércitos ou das hostes celestiais (59.5). Um Deus tão poderoso como esse poderia livrar com facilidade o poeta dos seus inimigos.

Davi termina o seu cântico com uma nota de confiança, louvando a Deus como a sua defesa e refúgio. *Ele descreve Deus como a sua* ***ALTA DEFESA*** *(heb.* ***misgav****, "lugar alto ou rocha que serve de abrigo e proteção, refúgio"; do verbo* ***sagav****, "estar inacessivelmente alto", v. 9), uma imagem que retrata a segurança e a proteção que Davi encontrava no Senhor. Deus é a fonte de poder e força não só para o salmista, como também para todos os cristãos hoje.* Davi, além disso, orou ao Senhor para agir em favor do seu povo (v. 13). Aqueles atos testemunhariam aos outros da sua soberania e o seu amor leal pelo seu povo. Esse poema, tendo começado como um lamento, termina com uma nota de confiança na proteção fiel de Deus dos seus filhos. Veja a tabela "Tipos de salmos", p. 12,13; "De coração a coração: A leitura de salmos imprecatórios", p. 27).

Salmo 60: As vitórias militares (60.1-12)

60.1-12 A referência "**Os lírios do testemunho**" (ARA) é vista em geral como uma referência à melodia do cântico. O pano de fundo histórico para esse salmo foi identificado como a derrota dos edomitas ou sírios diante de Davi (2Sm 8). No entanto, o tom inicial desse poema é de derrota, e não de vitória. O salmo é identificado como um lamento nacional. A derrota militar era vista como um sinal da rejeição ou desprazer de Deus (v. 1). Tal derrota parecia tão devastadora quanto um terremoto (v. 2), afetando o povo de forma que cambaleavam como homens embriagados (v. 3). Sentiam-se confusos. Imaginavam por que Deus falhara em vir resgatá-los. A confiança dos piedosos (aqueles que **temem** ao Senhor, v. 4), todavia, está no poder do Senhor.

Uma oração de vitória (v. 5) é seguida pelo reconhecimento do poder soberano do Senhor (vv. 6-8). O salmista reconheceu que a dependência dos recursos humanos não era suficiente (v. 11). O **socorro do homem** era **vão** ou inútil nas circunstâncias difíceis em que se encontravam Davi e os seus homens. Deus era a sua única esperança. O salmista apegou-se fielmente à esperança em Deus (v. 12). Observe o contraste entre o lamento (v. 1) e a nota triunfante de vitória (v. 12). Esse salmo é similar ao Salmo 44 (veja também Sl 108).

Salmos 61—62: O Refúgio e o Descanso em Deus (61.1—62.12)

61.1-8 O poeta — como acontece em muitos salmos, especialmente nos salmos de lamento — busca a segurança da presença de Deus em tempos difíceis. Davi poderia estar experimentando o exílio da sua casa ou poderia estar próximo da morte (duas interpretações distintas da frase **desde o fim da terra**, v. 2). A frase também descreve o desânimo, a alienação e a distância espiritual de Deus vivenciados por Davi. O poeta, mesmo desesperado, ainda orava a Deus. Ele manteve as linhas da comunicação celestial abertas. Ele pediu com sinceridade para que Deus ouvisse o seu clamor e respondesse a ele. O pressuposto é que Deus ouvir a oração de Davi era equivalente ao livramento de Deus em que tiraria o poeta dessa situação difícil. Davi ansiava por ser guiado à **rocha que é mais alta** que ele, provavelmente uma referência ao próprio Deus (v. 2; cp. Sl 18.2).

Há uma mudança marcante no tom enquanto o salmista reconhece a segurança e proteção que já desfrutara na presença de Deus (61.3). Deus

abrigara-o dos seus inimigos, e o Senhor permaneceria eternamente um abrigo para ele. A referência a habitar no **Tabernáculo** ou Tenda de Deus **para sempre** (v. 4) é reminiscente da afirmação feita pelo mesmo poeta em Salmos 23.6. Davi sabia que estaria seguro para sempre no **abrigo** (NVI) das **asas** de Deus, uma referência ao cuidado e proteção de Deus (60.4; cp. Sl 17.8). Os **votos** aos quais se referia Davi eram aqueles feitos como parte da sua oração por livramento durante os momentos de angústia (61.5). Aqueles que **temem** ou reverenciam o **nome** ou reputação do Senhor desfrutam dessa herança, identificando a Terra Prometida e os benefícios da vida em aliança com o Senhor (v. 5). Deus **ouvi[u]** o pedido do salmista e respondeu ao seu clamor (v. 5).

A referência ao rei nos versículos 6-7 apoia a autoria davídica desse salmo. O senhorio na Israel da Antiguidade foi estabelecido e mantido pela promessa da **misericórdia** (heb. ***chesed***; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) e **verdade** do Senhor (v. 7). O Senhor prometeu que a dinastia de Davi duraria para sempre, promessa cumprida em Jesus Cristo (2Sm 7.16; At 13.32-34; Ap 5.5-14). A poesia termina com uma nota de gratidão a Deus, como a promessa de Davi de louvar continuamente o **nome** de Deus (v. 8). A sua resposta apropriada aos atos poderosos de Deus na história e na sua própria vida é a ação de graças.

62.1-8 Apenas esse salmo e o Salmo 39 têm a menção **sobre Jedutum** (veja o comentário sobre Sl 39). *Em hebraico, esse salmo começa com o advérbio* ***SOMENTE*** *(heb.* ***'ak****, "só"; em outros contextos, "sim, verdadeiramente, certamente, de fato, realmente"), termo repetido outras cinco vezes — nos versículos 2,4,5,6,9 — contribuindo para o seu tema unificado de confiar apenas em Deus. Imediatamente após essa palavra, vem a expressão* ***EM DEUS*** *(heb.* ***'el-'elohim****, v. 1) — "somente em Deus" segue a ordem das palavras em hebraico. Toda a frase, como as primeiras palavras da sentença e do próprio salmo, introduz e enfatiza esse tema. Em particular nesse contexto, a palavra* ***DESCANSA*** *(NVI; heb.* ***dumiyah****, "silêncio", v. 1; do verbo* ***daman****, "ficar quieto ou parado, cessar", v. 5; cp. 37.7; 131.2; usado apenas aqui em Sl 22.2; 39.2; 65.1) sugere a paz e compostura experimentada quando as preocupações e os temores são entregues a Deus (cp. Fp 4.7). A LXX, ou tradução grega do Antigo Testamento, usa* ***hupotagēsetai*** *(gr. "pôr o indivíduo sob a autoridade de outro, submeter-se"; cp. 2Co 9.13; Gl 2.5), sugerindo uma conexão necessária entre o reconhecimento do poder e da autoridade de Deus e a habilidade de cessar a atividade independente e agitada.*

A **salvação** (Sl 62.2) e a **esperança** vêm exclusivamente de Deus. Davi exaltou a natureza de Deus ao recorrer a uma série de metáforas familiares — Deus é:

- a sua **rocha** (heb. ***tsur***, vv. 2,6,7; veja Sl 18.2);
- a sua ***SALVAÇÃO*** *(heb.* ***yeshu'ah****, "livramento, ajuda, vitória", 62.2,6; veja o estudo da palavra, Is 12.2;* ***yesha'****, "livramento", v. 7; cp. Sl 18.46) no Antigo Testamento retrata tipicamente ser resgatado dos inimigos ou de ser afligido por eles, experimentando opressão, cativeiro e morte;*
- a sua **defesa** (heb. ***misgav***, "altura; lugar alto de abrigo e segurança", 62.2,6; cp. 18.1; 46.7,11; 48.3; 59.9,17; "refúgio", 9.9; 94.22);
- a sua **glória** (heb. ***kavod***, "honra", 62.7; veja o estudo da palavra, 29.1,2);
- a **rocha da** sua **fortaleza** (heb. ***tsur***, "rocha" de ***'oz***, "força, poder, proteção, refúgio, defesa", Sl 62.7); e
- seu **refúgio** (heb. ***machaseh***, "abrigo, um lugar de segurança impenetrável", 62.7; veja o estudo da palavra, 46.1).

Davi, por confiar que Deus é tudo isso, podia declarar com ousadia: **não serei grandemente abalado** (heb. ***mot***, "cambalear, chacoalhar", 62.2,6; veja o estudo da palavra, 15.5). Davi, considerando a sua posição de segurança inabalável sob a proteção do Senhor, desafiou as forças opostas, implicando que o que estavam tentando era inútil e em vão (62.3). A seguir, ele descreveu o caráter enganador dos esforços deles (v. 4). No texto hebraico, o versículo 5, como o versículo 1, começa com as palavras **somente** [heb. ***'ak***, veja o estudo da palavra, v. 1] **em Deus**, reforçando a ordem de Davi para que o **povo** seguisse o seu exemplo — **confia[r]** (heb. ***batach***, "depositar a confiança em, estar seguro e livre do medo para a segurança pessoal") em Deus **em todos os tempos** e descobrir, assim como ele descobrira, que Deus é a fonte da segurança pessoal e corporativa (v. 8).

62.9-12 Mais uma vez, o versículo 9 — como os versículos 1, 2 e 4-6 — começam com **somente** (ARA; ***'ak***; veja o estudo da palavra, v. 1) enfatizando que os **homens** (heb. ***bēn-'adam***, "filho de Adão, filho do homem") não são nada mais que **vaidade** (heb. ***hevel***, "sopro, vaidade",

isto é, "sem substância, transitório"; veja o estudo da palavra, Ec 1.2) quando considerados em contraste com Deus.

De qualquer modo, essas pessoas são **mentira** (heb. ***kazav***, "uma mentira ou falsidade, algo que engana", Sl 62.9). Esse versículo, com a sua vívida ilustração de **balanças**, implica um contraste entre a fidelidade imutável de Deus e, apesar de qualquer vanglória humana em contrário, a *relativa* inutilidade dos homens (v. 9). Davi aconselha os seus ouvintes a serem diferentes. No texto hebraico, as três proibições são paralelas — cada uma delas começando com **não** ou **nem** (heb. ***'al***, "não") e seguida pelo verbo, com a força de "não temos de" ou "não" (v. 10):

- Não **confi[ar]** (heb. ***batach***, "pôr a esperança e confiança em") na habilidade de adquirir segurança que não durará ao tirar vantagem de outros ou à custa deles. *O Senhor categorizou explicitamente a confiança do seu povo na* ***OPRESSÃO*** *(heb.* ***'osheq****, "ganho injusto; uso da violência, força ou fraude para tirar algo de outra pessoa"; cp. Lv 6.4; "exortação", Ec 7.7) como "perversidade" (Is 30.12,13) e como o oposto de justiça (Is 54.14).*
- Não **desvane[cer]** [heb. ***naval***, "tornar-se vão ou indigno, agir ou falar em vão"; veja o estudo da palavra para um substantivo relacionado, ***hevel***, Ec 1.2] **na rapina**. *O Senhor também repreendeu o seu povo pelo pecado da* ***RAPINA*** *(heb.* ***gazēl****, "bens obtidos pela força ou roubo; cp. Lv 6.2) — veja Ezequiel 22.29. Em Isaías 61.8, Iavé declara que odeia "a iniquidade do roubo" (ARA) e, como em Salmos 62.12, promete recompensar aqueles que são fiéis a Ele.*
- Não **p[ôr] [...] o coração** (heb. ***shit lēv***, "pôr o coração em") nas **riquezas** (heb. ***chayil***, "riquezas, poder, força") se, quando adquiridas legitimamente, **aumentam** (heb. ***nuv***, "brotar, dar fruto"; cp. 92.14; Pv 10.31).

O versículo 11 apresenta a conclusão do salmo com uma expressão idiomática verificando e enfatizando o que se segue como se Deus mesmo **disse[sse]** (heb. ***davar***, "falar" — uma forma intensiva aqui com o sentido de falar enfaticamente, de "prometer" ou "ordenar") aquelas palavras. Davi apenas relata, como uma afirmação sobre **Deus** (heb. ***'Elohim***), que **o poder** [heb. ***'oz***, "poder, força"; cp. 28.8] **pertence** ao Senhor. Ele, a seguir, dirige-se pela primeira vez a Deus. No texto hebraico, o versículo 12 começa com "**E a ti, SENHOR**" (heb. ***'Adonay***), refletindo o

compromisso de Davi com Deus, aquEle que possui o poder e a **misericórdia** para praticar justiça com total isenção e sem parcialidade (v. 12).

Salmo 63: "No Deserto de Judá" (63.1-11)

63.1 Esse poeta experimentou o conhecimento de Deus como um amigo íntimo. O sobrescrito ou cabeçalho do salmo identifica-o com uma ocasião em que Davi estava no deserto de Judá (talvez uma referência aos incidentes registrados em 1Sm 23 ou 2Sm 15—18). O salmista começou com a confissão de fé de que Deus é o seu Deus. Ele reconhece um relacionamento íntimo e pessoal com Deus. O seu anseio por Deus é tão intenso quanto o anseio de um indivíduo por água quando os lábios estão secos e rajados de sede. Essas palavras trazem à mente os eventos em torno do anseio de Davi por beber água da cisterna à porta de Belém (2Sm 23.13-17). Três dos homens leais a Davi rompem as forças dos filisteus cercando Belém e trazem para Davi a água pela qual ele ansiava com muita intensidade. Davi conheceu tanto o poder da sede quanto a lealdade dos seus amigos. Reconheceu Deus como um amigo que satisfaria os seus mais profundos anseios.

A abertura do versículo dessa poesia também traz à memória a imagem de Salmos 42.1,2, outra expressão de anseio pelo Senhor.

63.2-11 Viver na presença de Deus é experimentar o seu poder e glória (v. 2). O salmista, por intermédio da sua prática disciplinada de adoração no santuário, experimentou a presença de Deus como maravilhosamente real para ele. Ele observou a força e majestade de Deus. Ele experimentou a **benignidade** (heb. ***chesed***, v. 3; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) de Deus, uma referência ao cuidado leal" de Deus ou a sua "lealdade para com a Aliança". O poeta concluiu que a experiência do amor fiel de Deus é mais cara a ele do que a própria vida. Ele respondeu à crise louvando a Deus (63.3b-5). Fez o voto de louvar ao Senhor enquanto vivesse. Até mesmo as horas quietas da noite forneciam oportunidades para desfrutar da presença de Deus (v. 6).

A expressão **à sombra das tuas asas** transmite o sentido da comunhão e da proteção experimentadas por Davi por causa do seu relacionamento com Deus (v. 7). Esse salmista viera a depender totalmente de Deus. A

destra, a mão direita, refere-se ao poder e à autoridade (v. 8). Davi expressou confiança de que os seus inimigos seriam derradeiramente derrotados porque também eram inimigos do Senhor, e Deus é Deus de justiça, como também de misericórdia (vv. 9-11).

Salmos 64—70: "Para o Cantor-mor" (64.1—70.5)

64.1-6 Esse salmo é uma oração que pede proteção contra os adversários. Esse poeta sentiu-se sobrepujado pelo inimigo. O salmista começou a sua oração com um pedido a Deus para que o ouvisse e que o libertasse do seu inimigo (v. 1). O pedido para Deus ouvir era um pedido para Ele agir. Evidentemente, o salmista estava experimentando difamação por parte dos seus inimigos, algo que Davi experimentou muitas vezes na sua vida (vv. 3,4). As palavras deles eram como flechas direcionadas para destruir o seu alvo. Os hebreus consideravam as palavras como forças vivas que carregavam o poder para cumprir o propósito deles. A palavra falada era como uma flecha disparada por um arco. Não poderia ser recolhida. Poucas ações podem ferir mais e causar mais destruição que palavras ferinas e cortantes. As palavras têm poder de ferir e também de curar (veja Tg 3.1-12).

64.7-10 O leitor sente que houve uma mudança na perspectiva do poeta, senão na sua situação de fato, entre os versículos 6 e 7. Os versículos 7-10 refletem a confiança do poeta de que Deus ouvira o seu pedido. Os malfeitores não seriam mais capazes de lançar nele as suas **flechas** de palavras amargas; antes, Deus lançaria a sua **seta** nos inimigos do salmista, e eles seriam derrotados (v. 7). A calúnia da **língua** deles contra o salmista iria **volt[ar-se] contra si mesmos** (v. 8). Eles colheriam o que plantaram. Observe que os inimigos dos salmistas são identificados como os inimigos do Senhor. O resultado final será que todas as pessoas reconhecerão a mão de Deus em ação (v. 9); e **o justo**, aquele com o relacionamento correto com o Senhor, regozijar-se-á e confiará nEle (v. 10). Observe que as obras do Senhor incluem os seus atos de julgamento. O mal por fim será derrotado, e Deus reinará como o vitorioso.

65.1-13 Esse hino de ação de graças foi cantado em uma festa da primavera que celebrava a salvação de Deus (Festa da Páscoa) e a sua provisão abundante na terra. Também pode ser usado na Festa dos Tabernáculos ou das Cabanas no outono do mesmo ano. O cumprimento

dos votos é uma expressão de gratidão ou de ação de graças (v. 1). A melodia do hino é de alegria. Todos podem vir ao Senhor e experimentar o seu perdão. Deus ouve nossas orações e responde-as. Deus tem de ser louvado porque Ele perdoa nossos pecados. **Propiciação por** (NVI; heb. ***kaphar***) significa literalmente "cobrir, perdoar, limpar, purgar" (v. 3). Os judeus guardam o *Yom Kippur*, cujo sentido literal é "o dia de cobrir". Deus também merece louvor porque Ele é o grande Criador e Provedor. A sua obra criativa é impressionante e tremenda. Ele consolida os **montes**, controla os **mares** e envia chuva para aguar as plantações (vv. 5-7). O controle de Deus sobre os mares (v. 7) era particularmente relevante para as pessoas na Antiguidade. O mar era frequentemente conectado com os poderes caóticos e ameaçadores da vida. O poeta descreveu a maravilha da provisão de Deus e celebrou o governo soberano do Senhor em uma linguagem pitoresca (vv. 9-13). Até mesmo a natureza participa da alegria da provisão abundante de Deus (vv. 12,13). A água naquela região desértica e seca é especialmente importante (vv. 9,10). Deus é digno de louvor porque Ele é o Redentor, Criador e Provedor.

66.1-9 Todas as pessoas da **terra** (NVI) são chamadas para louvar a **Deus** (vv. 1,8; cp. 100.1). Quer façam isso de boa vontade quer de má vontade, todo joelho derradeiramente se dobrará, e toda língua confessará que Ele é o Senhor (veja Fp 2.10,11). O salmista disse à congregação o que ela deveria dizer a Deus em louvor a Ele pelas suas grandes e tremendas obras (Sl 66.3). Uma das grandes ações de Deus foi o livramento do seu povo do Egito, quando Ele recolheu as águas do mar para que o seu povo pudesse atravessá-lo em terra seca (v. 6; cp. Êx 14). O salmista também podia ter em mente o evento em que Israel atravessou o rio Jordão para entrar na terra de Canaã (Js 3). Deus trouxera o seu povo crise após crise e levou-os à abundância (Sl 66.9-12). Por conseguinte, Ele é digno do glorioso louvor deles (v. 8). Deus, no entanto, tem de ser louvado não só pelo que Ele fez no passado, como também pelo que continua a fazer no dia a dia. Ele sustenta o seu povo. Ele guarda cada um com **vida** (v. 9). Além disso, é Ele quem os ajuda a ficar no caminho correto ao longo da vida para que os **pés** deles não **resvalem** (v. 9).

66.10-20 A soberania do Senhor também fica evidente na forma como Ele testa o seu povo. As tribulações são designadas para fortalecer o povo de Deus, e não para enfraquecê-lo. Ele refina ou purifica os seus por intermédio dos momentos de provas e tribulações. Esse poeta expressou

gratidão ao prometer pagar os seus **votos** e trazer sacrifícios e **holocaustos** para o Senhor (vv. 13,15). Esses votos eram feitos com frequência durante os períodos de adversidade. Esse salmista experimentara o livramento pessoal pelas mãos do Senhor durante um período de tribulações (v. 14). Essa salvação pessoal que ele experimentara provia, sem dúvida, a razão para esse cântico de louvor.

O salmista encorajou todas as pessoas a participar com ele na alegria de louvar a Deus. O poeta estava tão feliz que teve de compartilhar o seu júbilo com as outras pessoas. Ele queria contar a elas o que Deus fizera para ele (v. 16) e prosseguiu para testificar disso nos versículos restantes do salmo.

67.1-7 Esse salmo começa com uma referência à bênção ou ação de graças de Arão em Números 6.24-26. O termo **misericórdia** (heb. ***chanan***; veja o estudo da palavra, 4.1) transmite a ideia de favor imerecido e, em geral, expressa a atitude de um superior em relação a alguém em posição inferior. **Faça resplandecer o seu rosto sobre nós**, e esse é o sentido literal do texto hebraico (67.1).

O poeta chamou repetidas vezes o povo para louvar a Deus a quem o louvor é devido. Deus deve ser louvado pelo seu julgamento e governo justos (v. 4). Esse salmo também tem um foco missionário. Deus é apresentado aqui como o Deus de todas as nações, e não apenas como o Deus de Israel. O poeta afirmou o propósito da desejada bênção de Deus sobre o seu povo de modo que todos os povos da terra pudessem experimentar a sua salvação. A gratidão por tudo o que Deus faz por nós é uma motivação apropriada para compartilharmos as Boas-Novas do evangelho com outras pessoas. O resultado ideal da bênção de Deus sobre o seu povo é que **todas as extremidades da terra o temerão** ou o reverenciarão (v. 7). Deus tinha esse propósito missionário em mente desde o início quando chamou Abraão para deixar a sua terra natal e a sua parentela (veja Gn 12.1-3). Deus não concede as suas bênçãos apenas para o seu povo desfrutar egoistamente dos benefícios do seu amor. Antes, o objetivo de Deus é inspirar o seu povo a servir como instrumentos seus para tornar a sua salvação conhecida de todos os povos da terra.

68.1-6 Salmos 68.1-6 contrasta as bênçãos do justo — aqueles em um relacionamento correto com Deus — com a destruição do ímpio — aqueles que se rebelam contra Ele (cp. Sl 1). Deus é louvado nesses versículos como aquEle que cuida dos pobres e desprotegidos. Ele é o pai do órfão e o defensor da viúva, ambos indefesos e destituídos na sociedade existente na

época do poeta. Ele liberta os cativos. Aqueles que se rebelam contra Deus deixam de perceber o seu cuidado generoso e abundante, ao passo que aqueles que não têm poder e influência tendem mais prontamente a reconhecer a necessidade que têm de Deus.

O texto hebraico refere-se a Deus como ***YAHWEH*** *(heb.* ***Yah*** *— uma forma abreviada do nome, v. 4), o nome do Deus de Israel usado na aliança.* ***Yah*** *também é transliterado por* ***Jah****, que também aparece na transliteração em inglês de* hallelujah*, uma palavra hebraica com o sentido literal de "louve Yah" ou "louve o Senhor". O nome também se relaciona ao verbo "ser", e a sua relevância foi revelada a Moisés na sarça ardente (Êx 3.14,15).* O **nome** de Deus refere-se ao seu caráter ou reputação (Sl 68.4).

68.7-14 Aparece nesses versículos uma referência à jornada de Israel no deserto e às experiências no monte Sinai após o êxodo do Egito. Deus revelou a sua presença com o seu povo ao realizar atos grandiosos e poderosos em favor dele. Ele demonstrou a sua presença com o seu povo em uma nuvem de dia e em uma coluna de fogo à noite. No monte Sinai, Deus entregou a grande revelação de si mesmo por intermédio da Lei. Os versículos 11-14 refletem Deus em ação na história durante o período da conquista de Canaã. Deus, como o guerreiro divino, deu a vitória ao seu povo. O versículo 14 refere-se ao Senhor como o **Onipotente** (heb. ***Shadday***; veja o estudo da palavra, Jó 5.17), enfatizando o poder autossuficiente para realizar os seus propósitos divinos.

68.15-31 Esses versículos celebram o Senhor como aquEle que derrota totalmente os seus inimigos e salva o seu povo. A primeira metade do versículo 18 é citada em Efésios 4.8, como uma referência ao Cristo assumpto que, por ser vitorioso, deu dons espirituais aos seus discípulos. A imagem é aquela do rei que volta para casa após a batalha e liderando uma procissão triunfante enquanto retorna com os cativos derrotados. Bendito seja esse Deus de nossa salvação (v. 19)!

68.32-35 Os versículos finais desse salmo são um hino triunfal chamando todos os povos da terra a reconhecer a soberania de Deus. O salmista chamou outras pessoas para adorar esse Deus bom e grandioso (v. 34). A presença desse Deus terrível com o seu povo no passado e no presente é tão maravilhosa que nos leva a ponderar que a sua realidade pode transformar nossa vida.

69.1-6 A referência a ***Lírios*** no sobrescrito provavelmente designa a melodia com a qual o salmo deveria ser cantado. O poeta sentiu uma

necessidade urgente de Deus resgatá-lo, como aconteceria com um homem afogando-se em águas profundas ou alguém sendo engolido por areias movediças. Ele estava prestes a sucumbir. As palavras do salmista transmitem um sentido profundo para qualquer pessoa que se sente sobrepujada pelas pressões da vida e anseia por libertação (vv. 1-3). Aqueles que se opõem a nós podem parecer muito numerosos para contá-los (v. 4). Também reconhecemos nossas próprias falhas e imperfeições (v. 5). O poeta apelou ao **SENHOR dos Exércitos** (v. 6), enfatizando a soberania de Deus sobre todos os exércitos dos homens, bem como sobre todos os seres celestiais. Esse Deus tão poderoso assim é bem capaz de vir ajudar o seu povo.

69.7-18 Esse poeta sofreu por causa do seu compromisso com o Senhor. Esse salmo é citado com frequência em referência a Jesus no Novo Testamento, como quando Ele purificou e limpou o Templo (v. 9; veja Jo 2.17). Jesus também experimentou alienação da sua família (Sl 69.8; veja Jo 7.3-5).

Davi amontoou pedidos nesses versículos para revelar a profundidade da sua necessidade por livramento. Ele apelou à **misericórdia** (heb. ***chesed*** "lealdade à aliança", Sl 69.13; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). Ele compara mais uma vez a sua situação desesperadora com aquela de uma pessoa sendo engolida por areias movediças ou prestes a ser inundada pela enchente (veja Sl 69.1,2). O **poço** é um sinônimo de Seol — a sepultura ou o lugar dos mortos (v. 15) — geralmente percebido como um tipo de existência sombria, um lugar de escuridão e silêncio.

69.19-28 Esse salmista não recebeu nenhuma solidariedade nem conforto dos outros. O seu coração estava partido. O seu único conforto repousava na garantia de que Deus conhecia a vergonha e o sofrimento que ele enfrentava (v. 19). O versículo 21 antecipa o fato de que Cristo na cruz recebeu vinho misturado com **fel** para beber (Mt 27.34).

O poeta, porque os inimigos tornaram a vida insuportável para ele, orou para que eles fossem amaldiçoados pelo Senhor. Davi via os seus inimigos também como inimigos do Senhor. Parte da sua preocupação por eles colherem as consequências das suas ações é relacionada ao zelo pelo Senhor. Observe que o poeta orou para que os seus inimigos colhessem o que semearam. Por eles terem arruinado a sua mesa, ele desejou que a **mesa** deles fosse transformada em **laço** para eles (vv. 21,22). Davi, tendo experimentado a perda da força e o desfalecimento da visão enquanto

esperava o livramento do Senhor (v. 3), orou para que os seus inimigos sofressem esse mesmo enfraquecimento (v. 23). O salmista, como aquele abandonado pela família e amigos, orou para que os seus inimigos experimentassem a mesma maldição (v. 25). Davi, ao implorar para que o nome deles fosse apagado **do livro da vida**, expressou o desejo de que os seus oponentes não fizessem parte da comunidade do povo de Deus, quer na terra, quer no porvir (v. 28).

69.29-36 O poeta, após denunciar os seus inimigos, voltou a pedir o livramento ou ajuda de Deus. O salmista recebera alguma garantia do livramento, uma vez que voltou a louvar e a magnificar o Senhor. Ele passou de um lamento para um hino de ação de graças. O louvor genuíno agrada ao Senhor mais que os presentes insinceros. O céu e a terra reúnem-se para louvarem ao Senhor. O salmista, apesar da sua perspectiva obscura expressa nas suas palavras na primeira parte do salmo, termina com uma nota positiva de louvor. Os versículos finais dessa poesia afirmam a preocupação do Senhor com o seu povo e o livramento do seu povo. Os salmistas ensinam o valor da honestidade com Deus. Quer no lamento, quer na ação de graças, podemos derramar nosso coração diante dEle na confiança de que seremos ouvidos.

70.1-5 Esse salmo é essencialmente idêntico a Salmos 40.13-17 (veja os comentários sobre esses versículos). O poeta reconhece a sua impotência e a grandeza de Deus. Ele clama a Deus para que responda com rapidez a sua oração para libertá-lo da opressão dos seus inimigos. O seu senso de urgência é refletido nas primeiras e nas últimas palavras dessa breve poesia (Sl 70.1,5).

Salmo 71: "No Tempo da Velhice" (71.1-24)

71.1-13 Essa pessoa idosa, embora experimentando angústia e ansiando por livramento, confiava que Deus era a sua **habitação forte**, **rocha**, esperança e **fortaleza** (vv. 1-3). Ele afirmou a sua confiança em Deus **desde a** sua **mocidade** (v. 5). O Deus que o sustentou no **ventre** era digno de louvor contínuo (v. 6; cp. Is 46.3,4). O poeta orou para que Deus continuasse a valorizá-lo até mesmo na velhice; ele também orou pela consciência constante da presença de Deus com ele (v. 9). Os versículos finais dessa parte da oração do salmista clamam a Deus por vindicação do

seu servo ao trazer retribuição aos seus inimigos, que também são tipicamente reconhecidos como inimigos de Deus.

71.14-24 O poeta louvou a Deus ou porque Ele já respondera a sua oração ou porque tinha certeza de que a resposta de Deus viria. Ele reiterou o seu pedido para que Deus não o abandonasse. Ele prometeu proclamar o poder de Deus para as gerações futuras (v. 18). O compromisso total do poeta com Deus ecoa através dos versículos desse maravilhoso salmo. Como é maravilhoso chegar ao fim da vida com uma perspectiva de alegria no Senhor! Embora os problemas do salmista fossem grandes, a sua fé triunfara. Quando examinamos em retrospectiva a fidelidade do Senhor para conosco no passado, podemos continuar a confiar nEle para o que quer que seja que nos reserve o futuro. Independentemente de nossa idade, sempre temos um futuro quando estamos seguros em nosso relacionamento com o Senhor.

Salmo 72: A Oração de Salomão (72.1-20)

72.1-17 Esse salmo real é o primeiro dos dois salmos que menciona Salomão nos sobrescritos. O outro é encontrado nos cânticos dos degraus (Sl 127). Os versículos 1-4 lembram o leitor do pedido de Salomão por compreensão ou sabedoria com a qual julgar o povo de Deus (1Rs 3.5-10). Um rei justo demonstra um relacionamento correto com Deus ao demonstrar a mesma preocupação que Deus demonstra pelas pessoas indefesas (Sl 72.4). As analogias no versículo 5, na oração pela longevidade e governo universal do rei (vv. 5-11), aplicam-se provavelmente à extensão da dinastia do rei, e não à extensão do governo individual. O salmo retorna à ênfase no demonstrar preocupação pelos membros mais indefesos da sociedade (vv. 12-14), focando a seguir mais uma vez na longevidade (vv. 15-17).

72.18,19 Essa doxologia marca o fim do Livro II de Salmos (cp. Sl 41.13). O Deus de Israel, que faz obras maravilhosas ou tremendas, deve ser louvado em toda a terra. A **glória** (heb. ***kavod***, veja o estudo da palavra, 29.1,2) de Deus refere-se à majestade momentosa que acompanha a sua presença. Os cristãos, enquanto louvam o nome do Senhor e vivem de acordo com os seus ensinamentos, aumentam o testemunho do Senhor no mundo. O Livro II termina com o mesmo **amém** duplo, representando

possivelmente a resposta enfática da congregação de adoração à bênção (72.19; veja o estudo da palavra, 41.13).

LIVRO III (73.1—89.52)

Salmos 73—83: Os Salmos de Asafe (73.1—83.18)

Cada um desses salmos é atribuído a **Asafe** (heb. "ele colecionou"), o pai do clã de músicos do Templo que serviu ao longo de toda a história do Templo. O nome pode referir-se ao próprio clã, especialmente se considerarmos a probabilidade de que alguns desses salmos ou todos eles foram compostos depois da destruição de Jerusalém e do Templo em 578 a.C. Davi começou a tradição de dar os salmos para Asafe para que os músicos do Templo cantassem essas poesias (1Cr 16.7). O nome também pode designar os cantores dos salmos em adoração ou uma coletânea de salmos em particular (Sl 50; 73—83).

73.1-14 O poeta expressa honestamente a sua inveja dos indivíduos perversos e prósperos; ainda assim, ele também confessa abertamente que quase — mas não exatamente — perdeu a sua firmeza na fé. Os **limpos de coração** não são pessoas perfeitas, mas aqueles cuja vida é caracterizada pela lealdade ao Senhor (v. 1). Eles vivem sem hipocrisia.

A reflexão do salmista sobre a prosperidade dos ímpios junto com a sua própria experiência de sofrimento leva-o a questionar o valor de servir ao Senhor. Ele experimenta o tumulto interno enquanto observa a aparente falta de justiça no mundo. Ele imagina se a sua luta para viver em um relacionamento correto com Deus não serve para nada.

73.15-28 Esse salmista começa expressando as suas fraquezas e falhas humanas (v. 2). Ele viu "a prosperidade dos ímpios" e teve inveja deles (v. 3). O poeta expressa a seguir a sua dúvida e frustração (veja vv. 13,14). A vida não parece justa. Por fim, o tom do salmo muda para refletir o ponto de vista da fé (v. 15). Quando o salmista entra no santuário e adora a Deus, ele começa a pôr a vida na perspectiva correta (v. 17). Ele percebe o fim devastador dos perversos. Ver a dimensão mais ampla da vida leva o salmista a derramar o seu coração em louvor a Deus (vv. 25-28). O poeta não recebe uma resposta abrangente à pergunta irrespondível do mal; ainda assim, recebe a grande garantia da presença de Deus.

74.1-12 Um possível cenário para esse salmo é o período imediatamente após a destruição de Jerusalém em 587-586 a.C., quando os babilônios conquistaram Judá. O povo de Deus, pela primeira vez no Antigo Testamento, é identificado pela metáfora **as ovelhas de seu pasto** (v. 1; cp. 79.13; 95.7; 100.3; Jr 23.1; Ez 34.31). Essa imagem torna a pergunta de abertura "por que" ainda mais pungente, implicando a sensação do salmista de ter sido traído por Deus. O salmista, clamando a Deus para que se **lembr[e]** do seu povo, pede, de fato, que Deus aja em favor do seu povo que é (v. 2):

- a **congregação** de Deus (cp. 82.1);
- o povo que Ele **compr[ou]** [heb. ***qanah***, "comprar, adquirir, obter", implicando um pagamento ou troca; cp. Dt 28.68] **desde a antiguidade**;
- o povo que ele **remi[u]** (heb. ***ga'al***, "resgate, comprar de volta, recuperar a posse de"; cp. Êx 6.6; 15.13);
- a tribo da **herança** (heb. ***nachalah***, "porção, herança, patrimônio"; cp. Êx 15.17; Dt 4.20; 9.26; 32.9) do Senhor — uma frase encontrada apenas aqui e em Isaías 63.17; Jeremias 10.16; 51.19.

O povo de Deus acreditava que Ele jamais permitiria que Jerusalém e o Templo fossem destruídos. Eles afirmavam que a presença do Templo em si garantia a proteção deles contra os inimigos. O profeta Jeremias tentou alertar o povo que Jerusalém seria destruída se o povo não se arrependesse dos seus caminhos maus e voltasse para Deus (Jr 7). O Templo estava em **ruínas** (NVI; heb. ***mashshu'ah***, "destruição, desolação", Sl 74.3; cp. 73.18) não porque Deus era impotente, mas porque o povo de Deus falhara em arrepender-se.

O salmista, no entanto, compôs um lamento da perspectiva dos que apreciavam o privilégio de pertencer ao Senhor e de adorá-lo. A extensão e o horror da devastação (74.3-8), em particular em contraste com a convicção inabalável do falante de que Deus pode fazer o que quer que seja que lhe agrade no momento que quiser (vv. 2,11-23), estimula as perguntas iniciais (vv. 1-2) e a preocupação com o **até quando** Ele permitiria que o inimigo **afronta[sse]** o seu nome e **blasfema[sse]** contra Ele (vv. 9-11,18,22,23).

A primeira seção do salmo descreve o estado de crise do povo — em que toda evidência tangível da presença de Deus fora removida, e os atos blasfemos e violentos contra **a morada** de Deus ficaram marcados na memória do povo que testemunhou esses eventos (v. 7).

Na segunda seção, o salmista anuncia com ousadia a sua submissão a **Deus** como o seu **Rei** (v. 12; cp. 44.4; 68.24; 84.3) e reconta o desempenho dos atos de **salvação** (heb. ***yeshu'ah***, "salvação" ou "livramento", Sl 74.12; cp. Êx 14.13; 15.2; veja o estudo da palavra, Is 12.2).

No texto hebraico, os versículos 13-15 e 17 começam, todos eles, com um ***TU*** *(heb.* ***'attah****) enfático. Como os verbos são flexionados — isto é, a forma verbal já indica que o sujeito é "Tu" — a adição do pronome enfatiza que, nesse caso, só Deus, ou Deus em contraste com qualquer outro contendendo pelo seu lugar, fez essas coisas. A mesma construção aparece na segunda linha do versículo 16 com o verbo "prepara[r]".*

74.13-23 Os eventos descritos com verbos tão intensos e imagens simbólicas nos versículos 13-15 rememoram a divisão do mar Vermelho pelo Senhor a fim de salvar o seu povo dos egípcios (v. 13; cp. Êx 14.21-30) e da separação do rio Jordão para introduzir o seu povo na Terra Prometida (Js 3—4). Nesses eventos, Deus **fende[u]** [heb. ***baqa'***, "dividir, separar em partes"; cp. Sl 78.13,15; Is 63.12] **a fonte** (heb. ***ma'yan***, "fonte", Sl 74.15) e **sec[ou]** [heb. ***yavēsh***, Jr 51.36; cp. Sl 74.15] **os rios impetuosos** (heb. ***'ētan***, "perene, fluindo constantemente"; cp. "profundidade normal", Êx 14.27; Sl 74.15; veja Js 2.10; 4.23).

Deus também **quebrant[ou]** [heb. ***shavar***, "quebrar em pedaços, esmigalhar"; cp. Sl 48.7] **a cabeça dos monstros das águas** (heb. ***tannim***, "grande serpente, crocodilo, dragão") e **f[ez] em pedaços as cabeças do leviatã** (heb. "criatura do mar enrolada ou enrodilhada"; veja o estudo da palavra, Jó 41.1), retratando figurativamente a destruição das forças egípcias durante o êxodo (cp. Êx 7.9-12; 15.3-10) com imagens também usadas por Deus para desvelar a destruição iminente tanto do Egito quanto da Babilônia (Sl 74.13,14). Em Jeremias 51.33-37, o líder da Babilônia (Nabucodonosor) é comparado a um "dragão" (heb. ***tannim***) que "devorou" o povo que vivia em Jerusalém. O Senhor promete vingar o seu povo ao fazer com que "se esgote o seu manancial". De modo similar, o líder egípcio é comparado a um "grande dragão [heb. ***tannim***] que pousa no meio dos [...] rios" do Egito (Ez 29.3-5). O Senhor promete rebocar o Faraó que se assemelha a um crocodilo do Reino do Norte, deixando-o no

deserto e alimentando as aves e as bestas selvagens com a carne dele (cp. Sl 74.14).

O salmista repete os atos de livramento do passado efetuados por Deus para expressar a fé inabalável no poder infalível de Deus de **pleitea[r] a [s]ua própria causa** (v. 22). Ele não só demonstrou o seu poder de resgatar e defender o seu povo, como também mostrou que é o Rei soberano sobre todas as pessoas de todos os lugares e períodos históricos, pois Ele é aquEle que criou **o sol e a lua** (NVI), adorados como ídolos no Egito e na Babilônia (vv. 16,17; cp. 104.19; Dt 4.19; Js 10.12,13; 2Rs 23.5). O povo de Deus certamente não experimentara a derrota porque Deus não tinha poder. Por conseguinte, o salmista volta a pedir para que o Senhor aja (Sl 74.18-23) por causa do seu **nome** (v. 18) e do seu **concerto**, ou aliança (v. 20).

75.1-10 A designação "**Não destruas**" (ARA) no sobrescrito é mais bem compreendida como a melodia com a qual o salmo devia ser entoado. O tema desse salmo é o julgamento dos perversos por Deus. Só o Senhor pode julgar com correção e justiça porque só Ele conhece o coração humano. Os julgamentos de Deus às vezes podem parecer surpreendentes! Contudo, só Ele conhece as circunstâncias e, portanto, só Ele pode julgar corretamente. Por essa razão, Ele é digno de louvor (v. 9). Esse salmo alerta contra julgar os outros. O termo **poder** significa força (v. 10).

76.1-12 *O termo* ***CONHECIDO*** *(heb.* ***yada‘****, v. 1) transmite o conceito de conhecer por experiência pessoal ou por ter um relacionamento pessoal. A afirmação paralela elabora sobre essa ideia: o "nome" (i.e., o seu caráter e a sua reputação) é "grande" em "Israel" (v. 1). O povo de Deus conhece-o por experiência pessoal como o Deus que traz repetidas vezes vitória para a vida deles. Eles só podem conhecê-lo porque o Senhor tomou a iniciativa de estabelecer um relacionamento com eles.* **Salém** refere-se a Jerusalém, também identificada com Sião (v. 2; veja Gn 14.18). Esse salmo celebra a vitória de Deus sobre os inimigos de Israel e o livramento do seu povo (veja Sl 46 e 48). Se nos recusarmos a conhecer Deus como Salvador, acabaremos por conhecê-lo, por fim, como o Juiz soberano (Sl 76.8-10). Em vista do julgamento soberano de Deus, aqueles que são sábios respondem com reverência e obediência a Ele (vv. 11,12).

77.1-20 Jedutum provavelmente identifica um dos principais músicos de Davi (veja Sl 39.1; 62.1). O salmista, enfrentando circunstâncias adversas, clama ao Senhor para ter alívio nas suas dificuldades. Lembrar as ações graciosas de Deus no passado dá a ele esperança para o futuro. O salmista

determina que **meditar[ia]** (heb. ***hagah***, "meditar", 77.12; veja o estudo da palavra, 1.1) e **falar[ia]** (heb. ***siach***, "falar sozinho consigo mesmo", 77.6,12) sobre tudo o que Deus fez. Focar a grandeza de Deus leva à percepção de que Ele é o único e verdadeiro Deus (v. 13). O salmista, a seguir, volta a sua atenção para a poderosa redenção, libertação e liderança do Senhor para com o seu povo sob o comando de Arão e Moisés (vv. 14-20). A lembrança da bondade de Deus no passado capacita o salmista a enfrentar com esperança uma crise presente. A fé em Deus capacita o seu povo a ter uma visão panorâmica da vida, a ver as coisas da perspectiva correta.

78.1-72 O sobrescrito categoriza esse salmo de ***Masquil***, aquele que ensina ou fornece uma compreensão prática da vida. A introdução (vv. 1-8) também chama atenção para o propósito didático do salmo. O salmista chama o seu **povo**, isto é, a sua geração, a **inclina[r] os ouvidos** às **palavras da** sua **boca** (heb. ***torah***; veja o estudo da palavra, 1.2), ou ensino, e a aprender uma lição com a história de Israel (v. 1). O salmo consiste de **parábola** (heb. ***mashal***, "parábola"; veja o estudo da palavra, Pv 1.1; cp. 1Rs 5.12) e **enigmas** (heb. ***chiddah***, "enigma, parábola"; cp. Sl 49.4; Pv 1.6) **da antiguidade** (Sl 78.2) — percepções valiosas sobre o aprendizado com as falhas do passado e sobre o passar adiante de geração a geração a Palavra de Deus.

O tema é a desobediência do povo de Deus apesar de todos os atos poderosos do Senhor em favor deles. O povo respondeu à bondade de Deus com ingratidão, e não com fé. A presente geração deve aprender com os pecados dos seus antepassados. O salmista rememora as ações de Deus em favor do seu povo no êxodo do Egito, durante a errância no deserto e no momento da conquista de Canaã. O povo, apesar da bondade de Deus, rebelou-se repetidas vezes contra Ele (veja Sl 106). A rebelião do povo contra Deus, apesar da sua abundante misericórdia, continua um grande mistério agora quanto o foi na época do salmista.

79.1-13 O contexto histórico desse salmo é a conquista de Jerusalém quando o Reino do Sul, de Judá, caiu diante dos babilônios (587-586 a.C.; cp. Sl 74). O poeta, porque o povo acreditava que Jerusalém jamais seria destruída, deve ter experimentado dificuldade em compreender a presente destruição da cidade. Ele imagina **até quando** Deus continuaria a rejeitar o seu povo (79.5). Ele clama a Deus para voltar a sua ira na direção dos inimigos do seu povo (v. 6). Se Deus apenas destruísse totalmente os

inimigos do seu povo, então o povo de Deus iria louvá-lo para sempre (v. 13).

A atitude do poeta parece ser duramente vindicativa à luz dos ensinamentos de Jesus sobre amar os inimigos. No entanto, na mente do poeta, os inimigos do povo de Deus eram percebidos também como inimigos de Deus (v. 12). A oração do salmista, por conseguinte, não foi uma oração totalmente egoísta. O versículo 9 revela a sua preocupação com o **nome** de Deus — isto é, o seu caráter e a sua reputação. O poeta, para o seu crédito, também reconhece a culpa pessoal e a do povo, reconhecendo, desse modo, que a queda da nação resultou dos pecados deles, dos quais o poeta busca o perdão.

80.1-19 "**Lírios da aliança**" (ARA) pode referir-se à melodia com a qual o salmo deveria ser cantado. Esse salmo origina-se em um momento de crise. O povo de Deus estava sofrendo nas mãos dos inimigos. O salmista clama a Deus como:

- O **pastor de Israel** que cuida e restaura o seu povo, pois eles dependem dEle (v. 1; cp. Sl 23.1). **José** é uma referência a Israel ou ao Reino do Norte (80.1).
- **Tu [...] que te assentas entre os querubins** (v. 1). Deus era visto como aquEle que habita invisivelmente sobre a Arca do Concerto, Arca da Aliança, ou Arca do Testemunho (veja Êx 25.10-22).
- O **SENHOR, Deus dos Exércitos** (Sl 80.4,19; cp. v. 4), um título que descreve Deus como o comandante soberano dos exércitos do Céu.

Os versículos 3, 7 e 19 aludem à bênção ou ação de graças de Arão (Nm 6.24-26). **Faze resplandecer o teu rosto**, um sentido mais literal que quer dizer olhe com favor (Sl 80.7). Enquanto o salmista questiona **por que** o Senhor permite que a sua vinha — isto é, o seu povo — seja destruída (vv. 8-16), o Senhor revelara no século VIII a.C. que, embora Ele cuidasse com carinho da sua vinha, o seu povo falhara em produzir o fruto da justiça, tornando a destruição inevitável (Is 5.1-7). O poema termina com a mesma nota com o qual começara (Sl 80.1-3,19). A única esperança de Israel repousa na presença libertadora do Senhor, que cuida com carinho do seu rebanho.

81.1-7 Esse poema, identificado como **sobre *Gitite*** (veja o estudo da palavra, 8.1), começa com um chamado para louvar a Deus por meio de canto, gritos e instrumentos musicais. O som da **trombeta** (81.3) lembrava o povo da presença de Deus (Nm 10.10). O povo celebrava a Festa da Colheita ao comando de Deus (Sl 81.4,5). O Senhor lembra o seu povo do seu cuidado com eles no passado (vv. 6,7). Ele livrara o seu povo do fardo opressivo da escravidão no Egito (Êx 1.11). Ele revelou-se e falou com eles no trovejar no monte Sinai (Êx 19.18,19). O Senhor também lembra o seu povo da rebelião deles em **Meribá** (Sl 81.7; cp. Êx 17.1-7; Nm 20.1-13).

81.8-16 O salmista enfatiza a importância de ouvir ou escutar a Deus (v. 8). Ouvir inclui o conceito de obediência a Deus. Ouvir verdadeiramente a voz de Deus é obedecer a Ele. Podemos recordar-nos da voz de nossa mãe admoestando-nos para dar ouvidos a ela. A admoestação materna provavelmente não ocorreu não porque estivéssemos ouvindo com nossos ouvidos o que ela dizia, mas, antes, porque não obedecíamos as suas palavras. Quando Deus nos chama para ouvi-lo, Ele certamente nos chama para obedecê-lo. O povo deveria adorar só o **SENHOR**, o Deus que os tirou da escravidão do Egito (vv. 9-10; veja Êx 20.1-3). Eles, ao adorá-lo, experimentavam o verdadeiro alimento no seu íntimo (Sl 81.10b).

A desobediência sempre faz com que o povo de Deus perca as ricas bênçãos que ele anseia conceder a eles.

Israel, ao invés de obedecer, rebelou-se contra o Senhor. Deus julgou o seu povo. Ele julgou a desobediência do seu povo ao permitir que eles seguissem o seu próprio caminho obstinado e colhessem as consequências dessa rebelião (v. 12), pedindo a eles o tempo todo para que retornassem a Ele (v. 13). A referência aos **desejos do seu coração** é uma ênfase importante de Jeremias, o profeta, cujo longo ministério estendeu-se pelo período de tempo em que Jerusalém e Judá caíram diante dos babilônios ou caldeus (v. 12; veja Jr 3.17; 7.24; 9.14; 11.8; 13.10; 16.12; 18.12; 23.17). O povo de Deus, em razão da sua desobediência, perdeu a sua maior bênção (Sl 81.1-6).

82.1-8 Esse salmo estabelece de imediato uma cena dramática: **Deus** [heb. ***'Elohim***, com um verbo no singular] **está na congregação dos**

poderosos (heb. ***ʿēdah-ʾēl***, "congregação dos poderosos", ou "de Deus", v. 1; cp. 74.2; Nm 27.17). Os **deuses** (heb. ***ʾelohim***; Sl 82.1,6), entre os quais Deus está julgando, refere-se provavelmente aos governantes injustos que demonstraram julgar **injustamente** segundo a aparência, em vez de fazer **justiça** para com o aflito e o necessitado (vv. 2-4). O Antigo Testamento enfatiza repetidas vezes a preocupação de Deus pelos membros mais fracos e vulneráveis da sociedade (vv. 3,4; cp. Êx 22.21-27; Dt 10.17-19; Jr 7.5-7). No evangelho de João, Jesus interpretou "deuses" (Sl 82.6) como aqueles "a quem a palavra de Deus foi dirigida" (Jo 10.35), referindo-se ao povo de Israel. O salmista clama ao Deus de justiça para **julga[r] a terra** (Sl 82.8).

83.1-18 O salmista ora para que Deus aja contra os **inimigos**, vistos como inimigos de Deus (v. 2). A existência de Israel como nação estava ameaçada. Apresenta-se uma lista dos inimigos de Israel: **Edom**, **Moabe**, **Filístia** e **Assíria**, a nação que conquistou o Reino do Norte de Israel em 722/721 a.C. (vv. 6-8). O salmista, começando no versículo 9, pediu para que Deus **trata[sse]** (NVI) os inimigos de Israel como Ele fizera com outros oponentes do seu povo e, então, destruísse-os (v. 10), fazendo com que servissem de **estrume** (v. 10) e fossem como **folhas secas** (NVI) e **palha diante do vento** (v. 13; cp. Sl 1.4-6; veja a tabela, "Tipos de salmos", p.12,13; "De coração a coração: A leitura de salmos imprecatórios" p. 27). No entanto, a preocupação fundamental do salmista é que todas as nações **saibam** que Jeová é **o Altíssimo sobre toda a terra** (Sl 83.18).

Salmos 84—85: Os Salmos dos Filhos de Corá (84.1—85.13)

Os **filhos de Corá**, descendentes de Coate, eram levitas (1Cr 6.22) envolvidos na música para o Templo (veja o estudo da palavra, Sl 42—49).

84.1-12 Sobre *Gitite* também aparece nos sobrescritos dos Salmos 8 e 81. O salmista exulta de alegria por estar na presença de Deus e gastar tempo onde se sente mais em casa nos **Tabernáculos** (heb. ***mishkam***, "tenda", Sl 84.1) do **SENHOR dos Exércitos**, uma referência a Deus como o comandante dos exércitos dos céus (também vv. 8,12).

O salmista declara três vezes a felicidade superlativa daqueles que vivem para o Senhor, contando-se implicitamente entre estes (vv. 4,5,12; cp. 65.4; veja o estudo da palavra, "feliz", 1.1). O próprio salmista expressa apreço arrebatado pela beleza do tempo onde o povo de Deus aparece diante do seu Rei para adorá-lo (84.1-4; cp. 2.6; 5.2; 44.4; 74.12; 145.1). O **coração** e a **carne** do poeta, isto é, todo o seu ser, anseia em aquecer-se na bênção da presença de Deus (84.2). Até mesmo o **pardal** e a **andorinha** eram privilegiados por habitarem na gloriosa presença de Deus (v. 3). E quanto mais abençoado seria esse salmista, que considera que **um dia** passado na presença do Senhor **vale mais [...] do que, em outra parte, mil**! (v. 10).

Aqueles que andam pelos **caminhos aplanados** (heb. ***mesillah***, "estrada principal, estrada pública elevada", v. 5; cp. Pv 16.17; Is 40.3) para o Templo em Jerusalém são descritos como o povo que depende de Deus para a sua **força** (heb. ***'oz***, "poder, força", Sl 84.5; cp. Êx 15.2). Quando atravessando o **vale de Baca** (heb., "choro, lamentação", Sl 84.6), eles transformam experiências de tristeza e adversidade em fontes de vida e bênção para os outros. A confiança inabalável em Deus abre o caminho para esses peregrinos seguirem **de força em força** a fim de emergirem de períodos de pesar ou exame de consciência com fé renovada (v. 7). Os versículos 8,9 consistem em uma oração para o rei, identificado como o **ungido** de Deus (v. 9). O **escudo** identifica o rei no seu papel como o protetor do povo (v. 9) e é usado como uma metáfora para a proteção de Deus para o seu povo (v. 11). O cuidado de Deus para com os seus filhos também é comparado à luz e ao calor produzidos pelo **sol** (v. 11). O Senhor **não negará** nada que é melhor para os **que andam na retidão** (heb. ***tamim***, "reto, sem mácula", v. 11; cp. 2Sm 22.24; Pv 3.27; veja o estudo da palavra, Lv 1.3) e põe a sua **confiança** no Senhor (Sl 84.12).

85.1-13 Esse salmo apela imediata e diretamente a Iavé com uma série de afirmações que expressam como Ele lidara com os pecados de Israel no passado:

- Ele **abenço[ou]** (heb. ***ratsah***, "deleitar-se ou agradar-se com", v. 1; cp. 44.3).
- Ele restaurou a **terra** e fez com que os cativos de Jacó regressassem (85.1).
- Ele **perdo[ou]** [heb. ***nasa'***, "levantar, carregar"] **a iniquidade**, termo que também pode ser traduzido por "culpa", referindo-se à perversão

moral (v. 2).
- Ele **cobri[u] todos os seus pecados** (v. 2).
- Ele fez **cessar** toda a indignação e **desvi[ou] do ardor da** sua **ira** (v. 3).

As calamidades que Israel experimentara eram vistas como sinais da ira de Deus por causa do pecado do seu povo que ainda necessita do reavivamento proveniente de um encontro revigorante com o Deus vivo, povo esse que ainda precisa experimentar de modo renovado a **misericórdia** (heb. ***chesed*** "lealdade à aliança", v. 7; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). Aqueles que **temem** ou reverenciam ao Senhor desfrutam das bênçãos do seu governo, incluindo a total restauração (85.9-13).

Salmo 86: "Oração de Davi" (86.1-17)

86.1-10 O salmista, precisando de uma resposta de Deus na sua **angústia**, pede a Ele para que dê **ouvidos** (heb. ***qashav***, "escutar", literalmente "dobrar a orelha", vv. 6,7). Ele identifica a si mesmo como necessitado e devoto. Ele confessa a sua fé, identificando o Senhor como **Deus meu** e a si mesmo como o seu **servo, que em ti confia** (v. 2). O salmista reconhece a natureza de Deus como gentil e perdoadora, sendo **grande** na sua **misericórdia** (heb. ***chesed***; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). Ele também expressa a sua fé de que Deus responderá ao seu clamor no dia da tribulação.
Esse segmento da poesia termina com o reconhecimento do salmista de que só o Senhor é Deus.

86.11-17 O poeta exige que o Senhor **ensin[e]** a ele o seu caminho. A Lei de Deus é a sua instrução com relação a como levar a melhor vida possível. **Anda[r]** na verdade de Deus, e esse é o sentido literal do texto hebraico, refere-se a um estilo de vida de compromisso com Ele (v. 11). O **temor** ao nome de Deus indica obediência reverente a Ele (v. 11). O nome de Deus representa o seu caráter. O salmista faz o voto de louvar a Deus com todo o seu ser (**com todo o meu coração**) e de **glorifica[r]** o seu nome para sempre (v. 12). Esse salmista teve experiências com o Senhor como aquEle que é grande em **misericórdia** (heb. ***chesed*** "lealdade à aliança"; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) e aquEle que o livrou do mais profundo da **sepultura** (Sl 86.13; veja 9.13-20). Salmos 86.14-17 contrasta

a bondade do Senhor com a perversidade dos inimigos do poeta. O poeta renova o seu pedido de livramento fundamentado no caráter do Senhor.

Salmos 87—88: Os Salmos dos Filhos de Corá (87.1—88.18)

Salmo 87: Nascido em Sião (87.1-7)

87.1-7 Esse salmo louva Jerusalém como a cidade de Deus e apresenta **Sião** como o centro espiritual do mundo (v. 2; veja Sl 137.5). Jerusalém também pode ser simbolizada pelo anseio do poeta por Deus. **Jacó** é um nome alternativo para Israel (87.2). O Senhor é o Deus de todas as nações, e não apenas de Israel (v. 4). O seu propósito inclui todos os povos que respondem a Ele com fidelidade e adoração, independentemente da sua nacionalidade. **Raabe** refere-se ao Egito (v. 4; cp. Is 30.7). Na última parte dessa poesia, a ênfase muda da cidade terrena de Jerusalém para a Sião celestial, onde o povo de Deus habitará seguro para sempre.

Salmo 88: Um masquil de "Hemã, ezraíta"

88.1-18 A expressão **sobre *Maalate Leanote*** pode referir-se à instrução coreográfica ou à execução antifônica por dois grupos, em que um responde ao outro. Esse salmo, como um ***masquil***, tem provavelmente a intenção de ensinar ou fornecer compreensão na vida prática (veja "Gênero" na Introdução). **Hemã** era um dos cantores do Templo na época de Davi e Salomão (1Cr 6.33).

Esse salmo de lamento consiste em um longo clamor agonizante para o Senhor, refletindo a imensa tristeza e profunda melancolia sem nenhum eco de livramento apesar da oração constante do salmista. Ele sentiu que a morte aproximava-se e que fora cortado dos cuidados do Senhor (vv. 3-5). Ele expressou sentimentos de alienação de todos os seres humanos e do contato divino (vv. 7,8). O salmista referiu-se repetidas vezes ao reino dos mortos, usando termos como **sepultura** (v. 3), **cova** (v. 4) e **Abismo da Morte** (NVI). Todo o salmo reflete o desespero do salmista. Não obstante, ele, no seu desespero, continuou a clamar ao Senhor pedindo ajuda. A fé fica evidente nesse apelo contínuo ao Senhor.

Salmo 89: "Masquil de Etã, o Ezraíta" (89.1-52)

89.1-52 Esse salmo é identificado como um ***masquil*** [veja "Gênero" na Introdução; Sl 88] **de Etã, o ezraíta**, um levita e cantor do Templo (1Cr 6.42,44; 15.17). Esse salmo real tem relação com um momento de crise nacional. Um dos principais temas é a aliança do Senhor com Davi, que envolve a promessa de Deus para estabelecer os descendentes de Davi no trono. O salmista apela à **benignidade** (heb. ***chesed*** "lealdade à aliança, amor leal"; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) e à **fidelidade** (heb. ***'emunah*** "fidelidade em cumprir as promessas", Sl 89.1; cp. v. 49). Os versículos 1-37 celebram a natureza de Deus com ênfase repetida na total confiança do Senhor — tanto a evidência do seu amor fiel conforme revelado no estabelecimento da aliança davídica, quanto a ausência percebida da sua fidelidade (vv. 38-51). O salmista interpretou qualquer que fosse a calamidade que se abatera sobre a nação como um indício de que o Senhor abandonara a sua lealdade fundamentada na aliança com Davi. Embora o poeta também tenha-se lembrado da natureza condicional da aliança, pediu no seu lamento para que o Senhor interviesse apesar do pecado e falhas do povo (vv. 32-34). Ele orou mais uma vez para ver a evidência do amor leal de Deus pelo seu povo apesar da infidelidade deste. A doxologia do versículo 52 marca o fim do Livro III de Salmos.

LIVRO IV (90.1—106.48)

Salmo 90: "Oração de Moisés, Varão de Deus" (90.1-17)

90.1-17 Esse salmo marca o início do Livro IV do Saltério, sendo o único salmo associado a Moisés. O salmista contrasta a natureza eterna de Deus com a natureza frágil da humanidade. O Senhor, por ser o Deus **de geração a geração** (v. 2), existia antes da criação da terra. A brevidade da vida humana é comparada à **erva** que floresce e morre em um só dia (vv. 5,6). Só a fé no Deus eterno pode tornar a vida relevante (cp. v. 4; 2Pe 3.8).

Refletir sobre esse salmo e o seu tom melancólico no contexto da vida de Moisés traz à mente uma ocasião em particular que ocorreu no fim da vida de Moisés, quando ele subiu no monte Pisga e viu a Terra Prometida, sabendo que não atravessaria o rio Jordão para entrar naquela terra (Dt 34). Ele, durante toda a vida, marchara em direção àquela terra, mas não entraria nela. Embora ele tenha-se submetido a essa dolorosa realidade

como parte dos propósitos de Deus, a sua submissão não impediu o seu coração de ansiar por essa experiência. Moisés, com esse pano de fundo, poderia ter feito uma oração com as palavras desse salmo. A sua atitude, conforme refletida nessa oração, apoia a descrição de Moisés no cabeçalho desse salmo — **varão de Deus** (sobrescrito).

A chave para essa oração de entrega do coração a Deus encontra-se em Salmos 90.12. O **coração sábio** não se refere a nenhuma habilidade, técnica ou conhecimento. Tampouco se refere ao poder para controlar, mas, antes, diz respeito à graça para submeter-se. Um coração sábio é aquele que discerne os propósitos de Deus e que se submete à vontade divina para a sua vida. O Salmo 90 é uma oração de fé que reconhece o Senhor como o único **refúgio** (heb. ***ma'on***, "lugar de habitação, lugar de segurança", v. 1). O anseio por um lugar para chamar de lar — isto é, a dádiva da terra que era tão importante no pensamento hebraico — é substituído pela dádiva de ter comunhão com Deus ou se sentir em casa com o Senhor. Tal dádiva é eterna, e não transitória.

Moisés reconheceu que o problema ou dificuldade nesta vida é uma consequência do pecado (vv. 7-11). Contudo, ele também pediu para que as coisas fossem diferentes (vv. 13-17) por causa da natureza compassiva do Senhor. Ele expressou total confiança de que o Senhor pudesse trabalhar os seus propósitos apesar da fragilidade dos seres humanos. Moisés concluiu que a situação humana não precisava ser definida pelas fraquezas e fragilidade como a do **pó** (ARA) e a **erva**. Antes, até mesmo no pecado e nas falhas humanos, podemos confiar naquEle que graciosamente nos traz para habitar em segurança com Ele (vv. 3-5). A esperança repousa na **benignidade** (heb. ***chesed,*** "fidelidade à aliança", v. 14; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) do Senhor.

Salmo 91: A Proteção de Deus (91.1-16)

91.1-16 O salmo 91 enfatiza que aqueles que confiam no Senhor experimentam a sua proteção e segurança. Quatro títulos são usados para Deus (vv. 1,2): **Altíssimo** (cp. Sl 46), **Onipotente** (cp. Sl 68.7-14), o **SENHOR** e **Deus**.

O Senhor é descrito como o **esconderijo** e **sombra**, sugerindo a imagem das avezinhas encontrando proteção sob as **asas** (91.1,4; cp. Mt 23.37) da sua mãe. Os outros dois termos — **refúgio** e **fortaleza** —

indicam a força ou proteção militar (Sl 91.2). Deus livra o seu povo da armadilha do **caçador** (NVI; heb. ***yaqush***, "passarinheiro, aquele que arma a armadilha para pegar a presa, o preparador de isca", v. 3). A fidelidade de Deus protege os seus. O salmista constrói uma imagem sobre a outra para expressar a segurança derradeira encontrada no relacionamento com o Senhor.

Os versículos 11 e 12 foram usados de forma capciosa por Satanás quando tentou Jesus no deserto (cp. Mt 4.6; Lc 4.10,11). Os filhos do Senhor, embora este permita que algumas coisas terríveis aconteçam com os seus filhos, têm segurança para conhecer que é Deus quem derradeiramente está no controle e que Ele cuida daqueles que o tornam o seu refúgio. Precisamos confiar em nosso Pai celestial e agir com responsabilidade. Nada se equipara à segurança de saber que estamos seguros nos braços de Deus!

Salmo 92: "Salmo e Cântico para o Sábado" (92.1-15)

92.1-11 O sobrescrito identifica esse salmo como **Salmo e cântico para o sábado**. O salmista não identificado proclama que **bom é louvar ao SENHOR** (v. 1). Ele louva a Deus pela sua **benignidade** (heb. ***chesed***; veja o estudo da palavra, Rt 1.8), bem como pela sua **fidelidade** (heb. ***'emunah***, "firmeza, confiabilidade, segurança", Sl 92.2; cp. 33.4). Ele nem sempre faz o que o seu povo quer que Ele faça, mas pode ser contado como aquEle que sempre age no melhor interesse do seu povo. O salmista louva a Deus continuamente — de **manhã** e à **noite** (92.2). Ele celebra as **obras** (v. 4) do Senhor. Uma nota de alegria e satisfação permeia esse hino de ação de graças.

O **homem brutal** (heb. ***ba'ar***, "bruto, como o gado"; usado apenas aqui e em 49.10 — "bruto"; 73.22 — "nada sabia, era como animal"; Pv 12.1; 30.2 — "bruto") ou **o louco** não reconhece as obras magníficas do Senhor (Sl 92.6). "Louco" refere-se a um indivíduo obstinado que tem um padrão de escolhas erradas na vida. Esse caminho leva à destruição (v. 7). O poeta percebe que, por fim, será vitorioso sobre os seus inimigos. O salmista equaciona os seus inimigos com os inimigos do Senhor que, derradeiramente, serão **destruídos para sempre** (v. 7).

92.12-15 O povo de Deus experimenta estabilidade nEle (vv. 12-14; cp. 1.3). Os justos são retratados como árvores sadias e frutíferas, que florescem como a palmeira e tornam-se fortes como o cedro no Líbano. Essas duas árvores retratam força e estabilidade. O justo — aquele com um relacionamento correto com o Senhor — continua a ser frutífero e vigoroso até mesmo na velhice (92.14), resultando da bênção de Deus. O salmo termina com o retorno para o tema de louvor com o qual iniciou (v. 15).

Salmos 93—99: Deus como Rei (93.1—99.9)

93.1-5 Esse salmo celebra a majestade do Senhor (cp. Sl 47; 96—99). Essas poesias focam a majestade soberana do Senhor sobre toda a sua criação. A sua majestade existe para sempre. As **águas** poderosas do mar (93.3,4) eram temidas pelos povos pagãos nos tempos antigos. Contudo, o poeta afirma que o Senhor é maior do que essas águas poderosas. A ênfase do Antigo Testamento no Deus Criador fica em contraste marcante com os ensinamentos pagãos dos acontecimentos caóticos e aleatórios.

Esses salmos, caracterizados com frequência pela frase **o SENHOR reina** e classificados como salmos de entronização, desempenhavam um papel relevante na adoração de Israel (v. 1). Eles afirmam a verdade de que o Senhor soberano está no controle do seu Universo. A criação de Deus, bem como os seus **testemunhos** ou estatutos **permanecem firmes** (NVI) e são **fiéis** (NVI; heb. ***'aman***, "ser fiel, confiável, seguro"), representativos do seu relacionamento fundamentado na aliança com o seu povo (vv. 1,5). Os tementes a Deus, por conseguinte, estão eternamente seguros no seu relacionamento com o Senhor.

94.1-23 O salmista clama a Deus, a quem pertence **a vingança**, para trazer julgamento sobre as pessoas perversas (vv. 1-3). Até quando o Justo **juiz** esperará antes de agir contra os **soberbos** (v. 2)? A **viúva**, o **estrangeiro** e o **órfão** significam os membros vulneráveis e frágeis da sociedade. O Senhor salientou em especial estes como recebendo o tratamento correto porque não tinham poder para defender-se (v. 6; cp. Êx 22.21-24). O poeta expressa fé de que a justiça será, por fim, feita. Deus continua a ser a defesa e rocha de refúgio para o seu povo. Ele julgará o perverso no seu próprio tempo.

Só os **brutais** e os **loucos** falham em discernir que um dia terão de prestar contas pelas suas atitudes e ações (Sl 94.8). As palavras dessa poesia

servem como um lembrete de um "Pagamento em algum dia".

95.1-11 O salmista chama os tementes a Deus para que adorem ao Senhor. Deus é digno de adoração porque Ele é a **rocha da nossa salvação** (v. 1). Ele merece nossa adoração porque é **Rei grande acima de todos os deuses** (v. 3) e Criador do mundo e de todas as pessoas (vv. 5,6). As imagens de Deus como um pastor e o seu povo como o rebanho aparecem aqui (v. 7; cp. 100.3). Deus, o Criador, é digno de adoração, e a prova da adoração genuína é a obediência.

O restante desse salmo rememora os anos da errância rebelde de Israel no deserto. Assim como o povo hebreu falhou em entrar na Terra Prometida por causa da sua falta de fé (Sl 95.1), também o povo de Deus ainda falha em entrar no relacionamento alegre e descansado com Ele por causa da falta de confiança. Esse descanso ainda é oferecido por intermédio de Jesus Cristo.

96.1-13 A aparição desse salmo em uma forma levemente alterada em 1Crônicas 16.23-33 é o cenário para a mudança da Arca da Aliança para Jerusalém. Esse salmo é classificado com frequência como um salmo de entronização, celebrando a majestade de Deus (cp. Sl 47; 93; 97—99). Esses salmos são caracterizados pela frase **o SENHOR reina** (v. 10). Os adoradores são chamados para cantar um **cântico novo** ao Senhor (96.1; veja Ap 5.9; 14.3). A natureza universal do governo de Deus é o fundamento especial para esse cântico novo. Deus é exaltado acima de todos os deuses (Sl 96.4,5). Outros deuses são apenas ídolos, mas o Senhor é o Criador.

O salmo chama todos os povos de todos os lugares para adorarem a Deus, para darem a honra devida ao seu nome e para trazer as suas ofertas (vv. 7-9). A audiência também é instruída a **treme[r]** diante dEle em reconhecimento da sua majestade aterradora, um aspecto de adoração que é frequentemente negligenciado hoje (v. 9). Temos de reconhecer a sua **santidade**, o fato de Ele ter sido separado, a sua perfeita pureza moral — todos clamando por uma resposta de reverência e respeito (v. 9).

O povo de Deus tem de proclamar o governo universal do Senhor **entre as nações** (v. 10). Deus é o justo juiz de todos os povos. Ele governa com equidade. Toda a natureza recebe o chamado para regozijar-se no Reino justo de Deus (vv. 11,12). Deus julgará todos os **povos** com justiça e verdade (v. 10). O seu julgamento inclui a punição do perverso e o livramento do fiel. O Senhor é Rei e Juiz do seu Universo.

97.1-6 Esse é outro salmo de entronização que celebra o governo de Deus como Rei (veja também Sl 47; 93; 96; 98—99). Esses salmos são geralmente caracterizados pela frase **o SENHOR reina** (97.1). O governo do Senhor provê razões para grande regozijo. Deus revela a si mesmo em majestade. **Nuvens e obscuridade estão ao redor** dEle (v. 2). **Fogo**, **relâmpagos** e terremotos acompanham a sua presença (vv. 3-5). Essa descrição da revelação de Deus parece similar ao seu advento no monte Sinai (Êx 19.16-18). **Justiça e juízo** formam a base do reinado do Senhor, reinado este que é universal (Sl 97.2). Ele é o **SENHOR de toda a terra** (v. 5). Todos os povos veem a sua **glória** (v. 6; cp. 19.1). A natureza desse Deus de mistério foi revelada de modo mais pleno na vinda de Cristo, o seu Filho.

97.7-12 O advento aterrador de Deus afeta as pessoas de modos distintos. Aqueles que adoram **ídolos** (heb. ***'elil***, "inúteis, vazios, de nada", v. 7) ou falsos deuses serão envergonhados pela revelação de Deus. Só Deus é Rei. A presença de Deus traz alegria para o seu povo. O povo de Deus regozija-se na **justiça** divina porque a retidão e o juízo formam a base do seu governo (v. 8; cp. v. 2). O título **Altíssimo** designa Deus como onipotente, majestoso e exaltado (v. 9; cp. 9.1-12). Aqueles que escolheram o amor do Senhor também têm de escolher rejeitar o mal. Ele guarda com segurança aqueles que pertencem a Ele (97.10). O poeta conclui instruindo todos os que estão em um relacionamento correto com o Senhor a regozijar-se e a louvar o seu grande Rei (v. 12).

98.1-9 Esse salmo de entronização que celebra o governo de Deus como Rei começa com a mesma nota do Salmo 96: **Cantai ao SENHOR um cântico novo** (98.1; cp. Sl 47; 93; 96—97; 99). O fundamento para esse cântico novo é o reinado de Deus como Rei (98.6). O Senhor é digno de louvor pelos seus atos poderosos. Rememorativo das referências à **destra** e ao **braço santo** de Deus que representam o poder divino (v. 1; cp. 78.54; 89.13) é o livramento que deu ao seu povo no êxodo deles do Egito (Êx 15.6,12,16). Só Ele trouxe vitória ao seu povo. Ele é o Rei vitorioso. Toda a terra é chamada para participar na alegria da adoração do Senhor como Rei (Sl 98.4-6). Até mesmo a natureza participa nessa celebração alegre (vv. 7,8). O Reino do Senhor traz derradeiramente justiça para o mundo (v. 9; cp. 96.11-13).

99.1-9 Esse salmo de entronização começa com a frase: **O SENHOR reina** (v. 1; cp. Sl 93; 97). Esse salmo, assim como os outros desse tipo, celebra o governo eterno de Deus como Rei. Esse poeta enfatiza o Reino de

Deus como marcado pela santidade (vv. 3,5,9) que se refere à sua alteridade, à sua separação da sua criação. A santidade dEle envolve tanto o julgamento do pecado quanto o perdão dos pecadores (v. 8). O povo do Senhor exalta-o porque Ele é santo. O local de habitação do Senhor — **entronizado entre os querubins** — é uma referência à Arca da Aliança onde os hebreus viam ao Senhor como invisivelmente entronizado (v. 1; veja Êx 25.22; 1Sm 4.4; Sl 80.1). O **escabelo** provavelmente se refere a Sião ou Jerusalém, a localização do seu Templo (99.5). As rememorações do que o Senhor fez entre o seu povo e por intermédio deste (v. 4) levam à recitação dos atos do Senhor e à revelação por intermédio de heróis do Antigo Testamento, como Moisés, Arão e Samuel (vv. 6,7). O Reino eterno de Deus, o principal foco desse salmo, não só é um fato objetivo a ser mentalmente reconhecido, como também exige um estilo de vida pessoal de submissão ao seu governo (cp. Fp 2.9-11).

Salmo 100: "Salmo de Louvor" (100.1-5)

100.1-5 Esse salmo de ação de graças enfatiza a alegria experimentada no louvor a Deus. Todos os povos são convidados a louvar o Senhor porque só Ele é Deus (vv. 1,3). **Sabe[r]** (heb. ***yada'***, "saber", v. 3; veja os estudos da palavra Êx 2.25; Sl 76.1) é conhecer por experiência própria. Deus é o Criador, e o seu povo depende dEle como o bom pastor que cuida das **ovelhas do seu pasto** (100.3; cp. 95.7).

A imagem de Deus como pastor é similar à do Salmo 23, que também salienta a fraqueza da humanidade e a sua propensão de desviar-se. Contudo, o Senhor é bom (100.5). A sua misericórdia (heb. chesed, "lealdade à aliança, amor fiel"; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) e a sua verdade (heb. 'emunah, "confiabilidade, integridade") são estendidas de geração a geração (Sl 100.5). Esse salmo simples, porém profundo, move o povo de Deus a expressar gratidão a Ele por causa de quem Ele é.

Salmo 101: O Caminho da Integridade (101.1-8)

101.1-8 O salmista começa cantando **louvores** (NVI) a Iavé (v. 1). A maior parte do salmo, no entanto, lida com a promessa do rei davídico de fidelidade ao Senhor. O rei promete viver **com um coração sincero** (v. 2). O rei davídico promete rejeitar a perversidade em si mesmo e nos outros

(vv. 3-5). O rei também reconhece a sua responsabilidade para com os seus súditos. Aqueles que praticam o engano farão parte da sua administração (v. 7). O rei davídico promete viver de acordo com o alto padrão. Ele compromete-se a rejeitar o mal e a amar o povo fiel de Deus. Ele fez um voto de manter a justiça na terra. Os políticos modernos fazem promessas aos eleitores; o rei Davi faz promessas ao Senhor.

Salmos 102—106: As Razões para Louvar o Senhor (102.1—106.48)

Salmo 102: "Tu, Senhor, permanecerás para sempre" (102.1-28)

102.1-7 Os salmos penitenciais lidam com a natureza do pecado e do perdão (cp. Sl 6; 32; 38; 51; 130; 143). Esse salmo constitui a oração daquele que é afligido (veja o sobrescrito ou cabeçalho). O poeta cujo nome não é mencionado descreve a sua aflição, só que é impossível identificar a enfermidade específica (102.3-7). Talvez estivesse apenas descrevendo a sua angústia mental extrema em termos físicos. Os hebreus viam o indivíduo como uma unidade. Reconheciam que a tensão excessiva, quer mental, quer emocional, impactava o corpo todo. O salmista, sentindo-se isolado de Deus e das outras pessoas, clama ao Senhor para que não se esconda mais dele (vv. 1,2).

102.8-22 Esse salmista sentia-se constantemente atormentado pelos seus inimigos (v. 8). O poeta via o seu próprio sofrimento como uma expressão da ira de Deus contra os pecados cometidos pela pessoa (v. 10). Quando um indivíduo sofria, o pressuposto era de que ele tinha pecado. O livro de Jó refuta a teologia de que todo sofrimento resulta diretamente de pecados particulares na vida da pessoa que sofre.

Deus permite algumas vezes o sofrimento na vida dos seus filhos a fim de instruí-los e disciplinã-los. Ele também pode permitir o sofrimento em nossa vida para ajudar-nos a perceber nossa insuficiência e levar-nos a ter mais fé nEle. O sofrimento é um lembrete de que Ele está no controle, e não nós. Conforme Jó aprendeu, por podermos confiar que Deus governa o Universo, também podemos confiar que Ele sabe o que é melhor para nossa vida.

O salmista, em meio ao seu lamento, expressa fé. Embora o poeta reconheça que a vida é breve, o Senhor é eterno. Quanto mais velhos ficamos, mais percebemos a verdade de que nossa vida é como **a sombra que declina** e a **erva** que seca (v. 11). A eternidade de Deus contrasta de modo marcante com a brevidade da vida humana. O poder de Deus é totalmente oposto à fragilidade humana. A confiança do poeta repousa na soberania eterna do Senhor. O poeta, até mesmo na sua própria agonia, pode olhar para além de si mesmo para ver o plano de Deus que transcende o seu período de vida. Deus mostra favor pelo seu povo.

Enquanto todo sofrimento é o resultado da entrada do pecado no mundo por intermédio de Adão, nem todo sofrimento pode ser diretamente ligado com os pecados na vida de quem sofre.

O salmista, ao dizer que o Senhor **levantar[se-á] e ter[á] piedade** [heb. ***racham***, "contemplar com afeição delicada"; veja o estudo da palavra, 18.1] **de Sião**, expressa fé na certeza de que Deus agirá para demonstrar o seu poder como o Rei que **permanecer[á] para sempre** (102.12,13). As referências a Sião ao longo dessa passagem significam o relacionamento fundamentado na aliança, bem como os privilégios que o acompanham. Outras nações virão a ter reverência ao Senhor. Esse salmista tem fé que Deus abençoará o seu povo mesmo se o poeta não viver para ver essa bênção durante o período da sua vida. Todos os povos e reinos servirão ao Senhor (v. 22). Esse testemunho de fé em uma situação difícil reflete a certeza sobre a soberania de Deus.

102.23-28 O poeta retorna para uma descrição da sua agonia, vendo-a em termos da eternidade de Deus. O Senhor, que lançou os fundamentos da terra, permanecerá até mesmo depois que essa fundação for destruída. A

terra muda, mas Deus continua o **mesmo** (v. 27; cp. vv. 23-27; Hb 1.10-12). Reconhecer a presença eterna de Deus fornece uma nova perspectiva sobre a vida. Traz a vida para o foco apropriado.

Salmo 103: "Afasta de nós as nossas transgressões" (103.1-22)

103.1-5 *O salmista instrui a sua "alma", representando todo o seu ser, a* ***LOUV[AR]*** *(NVT; heb.* ***barak****, "abençoar", v. 1) o Senhor. No Antigo Testamento, "bendi[zer]" alguém geralmente significava imbuir com poder para coisas como prosperidade, sucesso e vida longa. A bênção, em geral, era conferida por um superior ou pessoa mais poderosa a um inferior ou pessoa mais vulnerável. Os pais, portanto, bendizem os seus filhos; os reis, os seus súditos. No entanto, a bênção verbal também poderia ser descritiva — um reconhecimento de que a pessoa a quem foi dirigida já possui poder suficiente para a vida abundante. Bendizer alguém, por conseguinte, se tornou um meio de expressar ação de graças. O termo é usado nos versículos 1 e 2 com esse último sentido.*

Os motivos para louvar o Senhor fluem alegremente dos lábios do poeta. O Senhor perdoa todas as **iniquidades** (heb. ***'awon***, "perversão, tortuosidades", v. 3). *O verbo* ***PERDOA*** *(heb.* ***salach****, "perdoar", v. 3), no Antigo Testamento, é usado apenas em relação a Deus. A palavra refere-se apenas à oferta de perdão por parte de Deus; jamais é aplicada no contexto de uma pessoa perdoando a outra. O Senhor também traz cura para a vida. Deus, derradeiramente, cura todas as* ***ENFERMIDADES*** *(heb.* ***tachalu'****, "doenças, pesar", v. 3), uma palavra usada na descrição profética do Messias como o Servo Sofredor (Is 53.10). Em Isaías 53, o pecado e a doença estão intimamente relacionados.* Deus, na morte vicária de Jesus, proveu o perdão.

Deus também nos **redime** (heb. ***ga'al***, "comprar de volta", Sl 103.4; cp. veja o estudo da palavra sobre "libertador", 19.14; Rt 4) da destruição. Deus faz por nós o que não podemos fazer por nós mesmos. Ele derrama ainda sobre nós a sua **benignidade** (heb. ***chesed*** "firmeza, lealdade à aliança"; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) e **misericórdia** (heb. ***racham***, "piedade, graça, favor", Sl 103.4; veja o estudo da palavra, 18.1). Nada mais pode trazer o tipo de cumprimento ou satisfação proveniente de um relacionamento correto com o Senhor. Esse relacionamento traz renovação para a sua vida (veja Is 40.31). **A águia** simbolizava vigor e liberdade (Sl 103.5).

103.6-12 O Senhor demonstra justiça para com o oprimido, um lembrete de que Ele está prestando atenção particularmente para com os membros desprovidos e indefesos da sociedade, aqueles que não têm poder para defender a si mesmos. O Senhor revelou a si mesmo a Moisés e ao povo de Israel por intermédio dos seus atos poderosos em favor deles e da entrega da Lei, uma expressão do seu caráter. Ele revelou a si mesmo como **misericordioso e piedoso** [...]**; longânimo e grande em benignidade** (v. 8; cp. Êx 34.6,7). Ele não guarda rancor contra o seu povo (Sl 103.9). Ele não trata o seu povo da forma como merece ser tratado (v. 10). Ele não distribui a punição que nosso pecado merece; antes, Ele perdoa. A misericórdia de Deus é retratada em dimensões geográficas (vv. 11,12). A sua misericórdia é tão grande quanto a distância que separa os céus da terra. Ele remove **nossas transgressões** para tão distante quanto **o Oriente** está **do Ocidente**, a distância que separa o nascer do Sol e o pôr do Sol, uma distância não delimitada por estacas.

103.13-18 Deus é um Pai compassivo e afável em relação aos seus filhos (v. 13). Ele sabe o que constitui nosso ser. Foi Ele quem nos criou do pó da terra (Gn 2.7). O Senhor tem compaixão da fragilidade humana (Sl 103.15,16).

103.19-22 O Reino do Senhor é universal. Ele reina sobre tudo. O salmista chama os **anjos**, ou mensageiros, os **seus exércitos** e os **ministros seus** para louvar ao Senhor (vv. 20,21). O poeta termina esse salmo com a mesma nota com que começou, chamando todo o seu ser para louvar a Deus: **Bendize, ó minha alma, ao SENHOR** (v. 22). Esse salmo davídico exalta de modo simples e majestoso a bênção do amor eterno e imutável de Deus.

Salmo 104: Ele cria, sustenta e reina sobre todas as coisas (104.1-35)

104.1-23 Esse salmo começa com a mesma frase maravilhosa que introduz e conclui o Salmo 103: **Bendize, ó minha alma, ao SENHOR!** (v. 1). O tema da poesia é a grandeza de Deus como Criador (vv. 1,2). O conceito hebraico de um Universo de três andares com as águas acima e a terra abaixo é refletida na imagem descritiva (vv. 3-13; cp. Gn 1.7). O poeta, abandonando o tema dos céus, passa agora a exaltar o Senhor como aquEle que estabelece os fundamentos da terra (Sl 104.5). A criação está sob o

controle de Deus. Ele domina a água para o benefício da sua criação (vv. 9-13). Deus provê para as necessidades das suas criaturas. Ele provê grama e vegetação para alimento. Ele provê casas para todas as suas criaturas (vv. 14-18). Deus estabeleceu um padrão ordenado para o seu mundo. Ele criou o tempo e as estações marcadas pelo Sol e pela Lua. Além disso, o poeta observa que o Sol e a Lua são objetos criados, e não objetos para a adoração (v. 19; veja Gn 1.14-18). Deus dá ao seu povo uma razão para a existência. Ele provê uma razão para a existência das pessoas. Ele fornece sentido e propósito para a vida deles. Ele também provê um tempo para eles descansarem (Sl 104.23).

104.24-30 Deus é a fonte da vida. Ele fez os mares e todas as formas de vida marinha. O **leviatã**, nessa referência, refere-se ao grande monstro marinho — talvez uma baleia (v. 26; veja o estudo da palavra, Jó 41.1). Todas as criaturas dependem de Deus para o seu alimento. Elas dependem dEle para o sopro de vida. Deus renova toda a terra, a vida animal e vegetal. A vida é uma dádiva de Deus.

104.31-35 O salmista ora para que Deus continue a desfrutar da sua criação. Ele faz um voto de cantar louvores a Deus enquanto viver (v. 33). Ele expressa a sua alegria no Senhor (v. 34). Ele ora para que as pessoas perversas, aquelas que estragam a beleza e o propósito da criação de Deus, não existam mais. O poeta conclui o seu louvor da mesma forma como começou ao chamar todo o seu ser para oferecer ação de graças: **Bendize, ó minha alma, ao SENHOR** (v. 35). Louvar a Deus pelas maravilhas da sua criação e o seu dom da vida! A palavra final desse salmo, **Aleluia!** (NVI), é, de fato, uma palavra hebraica transliterada para o português cujo sentido é "louvai ao SENHOR".

Salmo 105: "Lembra-se perpetuamente do seu concerto" (105.1-45)

105.1-25 Os primeiros quinze versículos desse salmo aparecem em 1Crônicas 16 como um salmo de ação de graças ao Senhor quando Davi levou a Arca para Jerusalém. O Senhor deve ser louvado pelas suas **maravilhas** em favor do seu povo escolhido (v. 2). Esses atos demonstram a fidelidade de Deus para com eles. O povo de Deus é instruído a **busca[r] ao SENHOR**, a **busca[r]** [heb. ***baqash***, "ir até um superior, em especial com uma petição"] **a sua face** ou presença **continuamente** (heb. ***tamid***,

"continuamente", referindo-se tanto à continuidade sem interrupções quanto à repetição regular de uma ação, v. 4).

O poeta a seguir recita os atos de Deus na história do seu povo escolhido. Deus fez e renovou a sua aliança, ou concerto, da promessa com Abraão, Isaque e Jacó, cujo nome foi mudado para Israel (vv. 8-10). O Senhor prometeu dar a terra de Canaã ao seu povo como herança deles (v. 11; veja Gn 12.1-3). Deus fez essas promessas aos patriarcas como nômades errantes (Sl 105.12,13). Deus protegeu Abraão, Isaque e Jacó dos reis de outras nações (cp. Gn 12.10-20; 20.1-18). A aliança de Deus com os patriarcas, identificados como profetas (Sl 105.15; veja Gn 20.7), era incondicional. Os versículos 16-25 resumem o relato da vida de José (Gn 37—50). Este, vendido pelos irmãos, tornou-se um governante poderoso no Egito. Ele salvou o seu povo de uma fome terrível. Jacó e a sua família foram para o Egito para viver durante o tempo restante dessa fome. Ali eles multiplicaram-se e, por fim, foram escravizados. **A terra de Cam** é outra designação para Egito (Sl 105.23). Cam, filho de Noé, tornou-se o ancestral dos egípcios (veja Gn 10.6).

105.26-45 Esses versículos recitam a história de Israel sob a liderança de Moisés, refrescando a memória do povo com as muitas razões que tinham para agradecer ao Senhor. O poeta reconta as pragas que se abateram sobre o Egito antes que o Faraó permitisse que o povo hebreu fosse embora. A praga final foi a morte dos **primogênitos** (v. 36). Deus proveu orientação para o seu povo em uma coluna de **nuvem** durante o dia e uma coluna de **fogo** à noite (v. 39). Ele cuidou deles no deserto, dando-lhes carne (**codornizes**), maná (**pão do céu**) e **águas** da **penha** (vv. 40-41). Esse recital da história de Israel refrescou a memória do povo com os muitos motivos para agradecer e dar graças ao Senhor.

Deus lembrou-se da sua promessa feita a Abraão, identificou-o como o **servo** do Senhor (v. 42; cp. 105.6). O Senhor deu ao seu povo escolhido a terra de Canaã. Eles desfrutaram dos frutos do trabalho feito por outras pessoas (v. 44; cp. Dt 6.10,11). O povo de Deus, por tudo quanto o Senhor fizera por eles, deveria responder com obediência, uma expressão da gratidão pelos seus inúmeros atos poderosos em favor deles. Eles deveriam guardar as suas leis e observar os seus estatutos (Sl 105.45). O privilégio sempre traz no seu seio a responsabilidade. A bondade de Deus para com o seu povo deveria levá-los à obediência como a resposta apropriada a um

coração grato. No entanto, o Salmo 106 salienta a desobediência de Israel em face da fidelidade de Deus.

Salmo 106: Ele age com a "sua benignidade" em relação ao povo infiel (106.1-48)

106.1-48 O Salmo 106 continua relacionando incidentes da história de Israel. O foco, no entanto, é a infidelidade de Israel para com Deus (cp. Sl 78). Essa infidelidade contrasta de modo marcante com a **benignidade** (heb. ***chesed***, "firme lealdade à aliança", v. 106.1; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) do Senhor.

O salmista, que começa com um chamado para louvar, ora para que Deus **lembr[e-se]** dele e aja com **boa vontade** para com o seu **povo** (v. 4). O salmista anseia por experimentar a **salvação** ou livramento de Deus (v. 4).

O salmista, a seguir, começa uma longa confissão dos pecados, apresentando uma frase após outra descrevendo a infidelidade do povo. Eles **peca[ram]**, **comete[ram] iniquidade** e **anda[ram] perversamente** (v. 6); essa referência tripla aos erros do povo enfatiza a abrangência completa do pecado deles. Eles deixaram de seguir totalmente o caminho de Deus para eles, desobedecendo repetidas vezes ao Senhor depois de tê-los libertado do Egito (vv. 7-46). Eles esqueceram muito rapidamente a demonstração das "misericórdias" (heb. ***chesed***, v. 7; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) do Senhor. Eles **foram rebeldes** contra Deus por causa da sua descrença junto ao **mar Vermelho** (Sl 106.7). Deus, apesar da rebelião deles, libertou-os por amor do seu **nome** (v. 8), mas logo **se esqueceram das suas obras** (v. 13). Eles ansiavam pelos alimentos dos quais desfrutavam no Egito. *A palavra* ***TENTARAM*** *(heb.* ***nasah****, "testar, provar, pôr a teste", v. 14) tem uma conotação negativa quando usada para "tenta[r]" a Deus (cp. Êx 17.2,7; Dt 6.16). Pôr Deus à prova demonstra falta de fé deliberada. Quando alguém tolamente provoca ou desafia Deus para que prove a si mesmo, Deus traz algumas vezes julgamento permitindo que o indivíduo tenha os seus desejos egoístas satisfeitos (Sl 106.15).*

O Senhor, no seu **conselho** sábio (v. 13), sabe do que precisamos e de quando precisamos. Precisamos aprender a esperar o tempo de Deus. O povo continuou na sua rebelião ao fazer um bezerro e adorá-lo enquanto Moisés estava no monte Horebe (v. 19). Eles, agindo de maneira tola e

insensata, trocaram a **glória** (aqui uma referência ao Senhor) da qual desfrutavam por uma imagem de um bezerro feita pelo homem (v. 20; veja Rm 1.22,23). O Senhor afirmou que os destruiria por causa das muitas manifestações de infidelidade deles se Moisés não tivesse ficado na brecha (Êx 32.31-32). *"Ficado perante ele [Deus] na* ***BRECHA****" (ACF; heb.* ***perets****, "ruptura, fenda", Sl 106.23) é uma expressão militar que se refere à bravura de um soldado disposto a dar a vida para repelir o inimigo ficando na brecha do muro (veja Ez 22.30). Moisés agiu nessa capacidade, arriscando e oferecendo a sua vida em defesa daqueles que pecaram gravemente contra Deus.*

Quando o povo de Israel alcançou, por fim, a Terra Prometida, eles recusaram-se a acreditar que o Senhor derrotaria os habitantes da terra. Em razão disso, a geração que deixou o Egito, exceto por Josué e Calebe, foi sentenciada a vagar no deserto até que morresse. No deserto, continuaram com o estilo de vida de rebelião e adoração de ídolos (Sl 106.28).

A geração seguinte que entrou na Terra Prometida sob a liderança de Josué misturou-se com os habitantes de Canaã, adorando os seus ídolos (vv. 34-39). *O verbo* ***PROSTITUÍRAM-SE*** *(heb.* ***zanah****, v. 39) reflete a imagem de Israel como a noiva do Senhor que agiu com infidelidade para com Ele. A palavra é aplicada predominantemente para a fornicação praticada por uma mulher, buscando um amante que não o seu marido, ou agindo como prostituta. O verbo, no seu sentido figurado, refere-se a uma busca comparável, ou seja, a busca pelos ídolos, violando com isso a aliança entre o Senhor e o seu povo (cp. Êx 34.15,16). Essa imagem aplica-se particularmente à participação dos israelitas na prostituição religiosa da adoração cananeia (cp. Lv 20.5,6; Dt 23.17,18).*

Na época dos juízes, o povo revoltou-se repetidas vezes e deliberadamente contra o Senhor (Sl 106.43; cp. Jz 2.17). Contudo, o Senhor permaneceu fiel ao seu povo. O Senhor, embora os tenha disciplinado repetidas vezes, também os perdoou e deu-lhes livramento vez após vez fundamentado nas **suas** "misericórdias" (heb. ***chesed***; Sl 106.43; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). Ele guardou fielmente a aliança apesar da infidelidade do seu povo. Não é de admirar que o poeta tenha proferido um chamado ao louvor. O salmista clama pelo livramento imerecido de Deus naquele presente momento. Ele pede ao Senhor que liberte o seu povo a fim de que possam **louv[ar]** o seu "nome santo" (Sl 106.47). A doxologia marca a conclusão do Livro IV de Salmos (v. 48; cp. 41.13; 89.52).

LIVRO V (107.1—150.6)

Salmo 107: Atos da "Benignidade" do Senhor (107.1-43)

107.1-9 O Salmo 107 marca o início do Livro V, o último livro de Salmos. Há duas razões citadas para dar graças — a bondade e a **benignidade** (heb. ***chesed*** "amor leal ou lealdade à aliança", v. 1; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) do Senhor, um tema que se estende ao longo de todo o saltério. O Senhor é fiel para sempre àqueles que **remiu da mão**, ou do poder, dos inimigos (Sl 107.2). Deus faz pelo seu povo o que este não consegue fazer por ele mesmo. Aqueles que experimentaram a salvação de Deus precisam falar sobre isso para que as outras pessoas conheçam o seu louvor a Deus pelas suas obras maravilhosas de livramento. O poeta, a seguir, cita uma variedade de exemplos do amor leal e imutável de Deus.

Os versículos 4-9 podem muito bem referir-se à errância dos israelitas no deserto. Eles clamaram ao Senhor quando sentiram fome e sede, e Ele supriu as necessidades do povo. Ele libertou-os da angústia. A satisfação genuína não pode ser encontrada nos alimentos e bebida, nem nas posses materiais, mas, sim, no cumprimento do propósito do Senhor para nossa vida (v. 5; cp. Jo 4.34).

107.10-32 O Senhor, até mesmo quando o seu povo sofre em razão dos seus pecados, liberta o seu povo quando, arrependidos, clamam a Ele. Deus é identificado como o **Altíssimo** (v. 11). A imagem dos versículos 13-16 descreve toda a situação opressiva e obscura — **angústia** (vv. 6,13,19,28), **trevas e sombra da morte [...] presa em [...] ferro** (vv. 10,14), **portas de bronze** e **ferrolhos de ferro** (v. 16).

Loucos (heb. ***'ewil***, "aquele que despreza a sabedoria, é briguento quando corrigido", v. 17; cp. Pv 1.7; 14.9) por falta de discernimento espiritual falham em ver a conexão entre aflição e rebeldia contra o Senhor. Eles desviam-se porque amam o erro. Contudo, até mesmo os rebeldes experimentam a cura e livramento da morte quando clamam a Deus (Sl 107.20).

A poesia descreve vividamente o resgate de uma **tormenta** no mar ao chegar a um **porto** calmo (vv. 29,30; cp. Mt 8.23-27; 14.22,23). Essa parte do salmo é um lembrete de que Deus está presente conosco nas tormentas da vida. Ele ouve-nos quando clamamos a Ele em nossos problemas. Ele

nem sempre permite que escapemos da tormenta, mas pode conduzir-nos através da tempestade de modo que possamos emergir mais fortes do que antes, quando confiamos no Senhor.

107.33-43 O Senhor provê rios nos desertos de nossa vida. A bondade descrita nesses versículos resulta da bênção de Deus. O **necessitado** é aquele que espera no Senhor para realizar os seus propósitos no seu tempo (v. 41).

Deus, o Juiz justo, endireitará derradeiramente os erros. Aquele que é **sábio** — de modo distinto do louco, que não tem discernimento espiritual — deve **observ[ar]** (heb. ***bin***, "estar atento a, perceber, ter compreensão", v. 43) como o Senhor demonstra as suas **benignidades** (v. 43; cp. v. 21).

Salmo 108: A Promessa de Vitória (108.1-13)

108.1-13 Os versículos 1-5 são encontrados em Salmos 57.7-11; os versículos 6-13 aparecem em Salmos 60.5-12. O salmista, com o coração fiel, louva a Deus. Ele ora por livramento e considera a ajuda dos seres humanos inútil. Só Deus pode trazer o livramento pelo qual o poeta anseia. Esse salmo, como aquele que o precede, celebra a **benignidade** (heb. ***chesed***, v. 4; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) de Deus.

Salmo 109: A Defesa do "Aflito e Necessitado" pelo Senhor (109.1-31)

109.1-5 O salmista dirige-se diretamente a Deus, a quem Ele louva. Ele pede ao Senhor que não se **cal[e]** e lide com os inimigos do poeta, identificados como **ímpio[s]** e povo enganador que o acusa falsamente (vv. 1,2). O salmista enfatiza repetidas vezes que não deu razão para que os seus inimigos comportassem-se de modo tão destrutivo. Eles lutaram contra ele **sem causa** e recompensaram o **amor** e bondade que lhes dedicou com o **mal** e o **ódio** (vv. 3,5; cp. v. 20; 38.20). O salmista, em contraste com os seus inimigos que falam em destruí-lo, engaja-se na oração. ***MAS EU FAÇO ORAÇÃO*** *(heb.* ***wa-'ani tephillah****, "e eu oro", 109.4) capta o senso de contraste entre a fala destrutiva dos caluniadores e a recusa do salmista de envolver-se na guerra verbal. Ele, em vez de partir para o ataque contra as "palavras odiosas", submete a sua queixa ao Senhor (v. 3; cp. Pv 10.12).*

109.6-31 O julgamento, a calamidade e as maldições são invocados sobre o grupo culpado (vv. 6-15). Pedro, no Novo Testamento, cita o versículo 8 e Salmos 69.25 como se aplicando a Judas Iscariotes (At 1.20). De acordo com o salmista, algumas atitudes e ações específicas demonstradas pelos seus inimigos merecem o julgamento de Deus (Sl 109.16-20). A perversidade e a fala maligna desses inimigos fazem parte deles como se fossem uma veste que usam diariamente (vv. 18,19). O salmista, tendo pedido a Deus para amaldiçoar os seus inimigos, ora pelo seu próprio livramento (vv. 20,21). Ele apela ao Senhor para que aja por amor do seu **nome** — isto é, o seu caráter ou reputação, a sua bondade e a sua **misericórdia** (heb. ***chesed***, "lealdade à aliança", v. 21; veja o estudo da palavra, Rt 1.8).

O poeta descreve a sua condição terrível e necessidade desesperada (Sl 109.22-25). O molestamento dos seus inimigos fez com que ele pagasse o preço por isso tanto no aspecto físico quanto no psicológico. O poeta, em resposta ao livramento do Senhor, fez um voto para oferecer grande louvor a Deus (vv. 30,31). Ele prometeu testemunhar para os outros em relação ao poder do Senhor para libertar o seu povo. O Senhor fica à **direita** (posição de poder) dos seus filhos necessitados a fim de protegê-los e resgatá-los em vez de acusá-los (v. 31). Salmos como esse aqui refletem a crença comum de que os inimigos do poeta são inimigos de Deus, e o ataque violento do poeta aos seus inimigos reflete a sua preocupação com o nome e a reputação do Senhor (vv. 21,27).

Salmo 110: O Juramento do Senhor (110.1-7)

110.1-4 O cenário inicial desse salmo foi sugerido como a ocasião em que Davi levou a Arca da Aliança para Jerusalém (2Sm 6.12). A localização da Arca em Jerusalém era vista como um sinal visível de que o Senhor estabelecera o seu trono ali (Sl 110.1). Esse salmo muito provavelmente continuou a ser usado na adoração durante a cerimônia de coroação dos reis da linhagem de Davi e, por essa razão, foi classificado como um salmo real. Quando Jesus citou uma parte desse salmo, ele referiu-se a Davi como o falante (veja Mt 22.41-46). O hino é messiânico, uma vez que as suas palavras foram cumpridas em Cristo.

O salmo pode ser visto como uma mensagem do encorajamento divino ao rei davídico. Enfatiza que a autoridade do rei é conferida pelo próprio

Senhor, isto é, **minha mão direita** representa a posição de poder e honra do Senhor (Sl 110.1). O rei de Israel tinha um relacionamento especial com Deus. A expressão **até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés** não sugere que o rei ou Messias cessaria de reinar quando os inimigos fossem derrotados (v. 1). Antes, os inimigos messiânicos experimentaram a derrota para a qual estavam destinados (cp. Mt 22.44; Mc 12.36; Lc 20.43; At 2.34,35; Hb 1.13; 10.13). A referência aos inimigos como "escabelo" reflete a total sujeição deles. Segundo o costume antigo, um rei vitorioso poria o pé no pescoço dos seus inimigos, um sinal do seu poder sobre eles.

O **cetro** significava poder e autoridade, sendo um instrumento de punição (Sl 110.2). **Sião** (Jerusalém) era o local da presença especial do Senhor. Seria ali que Salomão construiria o Templo. O rei ou Messias governava como o representante especial de Deus. *O termo* ***DOMINA*** *(heb.* ***radah****, "subjulgar, dominar", v. 2; cp. Gn 1.26,28) tem uma qualidade de severidade associada com essa dominação. A obediência forçada dos inimigos é contrastada de modo marcante com a resposta voluntária do povo, o que parece referir-se à disposição do povo de travar uma batalha em favor do rei (Sl 110.3).* O versículo 3 é especialmente difícil de traduzir e interpretar. Alguns estudiosos consideram a última parte desse versículo como uma referência ao esplendor associado com o nascimento do rei. O **orvalho** é interpretado por alguns como o poder divino de dar a vida (veja Is 26.19).

O rei davídico, como representante de Deus para o povo, também tinha um papel sacerdotal dado pelo juramento divino (Sl 110.4). *Ser "um sacerdote eterno, segundo a ordem de* ***MELQUISEDEQUE*** *(heb. "rei da justiça") assinalava a distinção excepcional. Melquisedeque era o rei de Salém (heb. "paz", uma forma abreviada de "Jerusalém") e sacerdote do Deus Altíssimo que abençoou Abraão depois do seu resgate de Ló (veja Gn 14.18-20). O sentido do nome Melquisedeque, junto com o silêncio da Escritura concernente às suas origens, torna essa figura histórica, ainda que misteriosa, um símbolo apto do Messias por vir (veja Hb 7.2,3). O fato de Melquisedeque abençoar Abraão e receber o dízimo desse patriarca demonstra a sua superioridade sobre Abraão e os seus descendentes, incluindo o sacerdócio levita (veja Hb 7.4-19). A palavra* ***ETERNO*** *(heb.* ***'olam****, Sl 110.4) indica que esse salmo refere-se derradeiramente ao Messias. Apenas Ele é sacerdote e rei eternamente.*

110.5-7 Na cena dessa batalha, **o SENHOR** (heb. ***'Adonay***, v. 5) é visto ou como Iavé ou como o Messias que efetua o julgamento final de Deus sobre o mundo. A imagem sugere que o herói faz uma pausa para beber em

um **ribeiro** que atravessa no caminho. Esse herói é, em última análise, o Messias.

A Igreja Primitiva reconheceu o caráter messiânico desse salmo. O Novo Testamento refere-se ou alude com frequência ao Salmo 110 em relação a Cristo, nosso Sumo Sacerdote e Rei (e.g., Mt 22.44; At 2.34,35; 1Co 15.25; Hb 1.13; 5.6; 6.20; 7.17; 8.1; 10.12,13).

Salmos 111—113: Três Salmos Começando com "Louvai" (111.1—113.9)

111.1-10 O Salmo 111 é um bom exemplo de um poema acróstico hebraico. Cada uma das 22 linhas começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico. O salmista chama outros para louvarem o Senhor e testificar que ele louvará o Senhor de todo o seu **coração**, uma referência a todo o seu ser (v. 1). Ele afirma que o seu louvor não será em secreto, mas, sim, na comunhão dos tementes a Deus — a **assembleia** ou a **congregação** (v. 1). A principal parte da poesia trata das razões para louvar o Senhor. Este deve ser louvado pelas suas **maravilhas** (v. 4) em favor do seu povo, bem como pelo seu caráter. Deve ser louvado tanto pelo que faz quanto por quem é. As obras maravilhosas do Senhor incluem as suas provisões para sustentar a vida física e o seu **concerto**, ou aliança (vv. 5,9).

O Senhor é **piedoso e misericordioso** na sua natureza (v. 4; cp. Êx 22.27; 34.6). A referência ao **nome** do Senhor é uma menção ao seu caráter **santo e tremendo** (Sl 111.9). A resposta apropriada tanto às obras do Senhor quanto ao seu caráter é a obediência reverente. O **temor** que marca o início da sabedoria é uma reverência assombrosa por Deus, e não um medo aterrorizante (v. 10). A sabedoria, que envolve conhecer o caminho certo para viver (Pv 1.7), começa com o relacionar-se corretamente com o Senhor.

112.1-10 Esse salmo também é um poema acróstico (cp. Sl 111) que contrasta as bênçãos do justo com o destino dos perversos (cp. Sl 1). Aqueles que reverenciam o Senhor obedecem aos seus comandos e recebem a sua bênção (112.1). A maioria dos versículos dessa poesia elabora sobre a bênção que pertence às pessoas justas e retas. Os justos terão descendentes que carregarão o seu nome, bem como prosperidade e segurança. Esse indivíduo **nunca será abalado** (v. 6).

O **coração** da pessoa comprometida com o Senhor — uma referência a todo o seu ser — **está firme** (heb. ***kun***, "está estabelecido, permanece firme na confiança leal", Sl 112.7). Em contraste com a vitória que pertence àqueles que têm um relacionamento correto com o Senhor, a punição do perverso é descrita brevemente em termos de experimentar a frustração, o pesar e a instabilidade (v. 10).

113.1-9 O salmista observa repetidas vezes que o **nome** do Senhor, uma referência ao seu caráter, tem de ser louvado ou abençoado (vv. 1-3). Os versículos 4-6 afirmam a soberania do Senhor. Nenhum Deus compara-se com o Senhor no seu esplendor majestoso.

Esse grande Deus também é majestoso na sua preocupação com os necessitados, os pobres, os proscritos da sociedade e os que não têm filhos (vv. 7-9; cp. 1Sm 2.8; Lc 1.48,52). A poesia termina com o mesmo chamado para louvar com o qual se iniciou: **Louvai ao SENHOR!** (NVI; heb., "Louvai a Iavé").

Salmo 114: A Libertação de Deus (114.1-8)

114.1-8 O Salmo 114 celebra os atos poderosos de Deus de livramento em favor do seu povo. Deus libertou o seu povo da escravidão no Egito. As designações **casa de Jacó** e **Judá** (vv. 1,2) são formas de referir-se a Israel. O Senhor dividiu o mar quando o seu povo saiu do Egito e também dividiu o rio Jordão quando eles entraram na Terra Prometida. Ele proveu água para os seus filhos durante a sua errância no deserto (v. 8). A natureza participou de forma reverente e com alegria desses atos do Senhor (vv. 4-6). A presença majestosa de Deus deveria ainda estimular o seu povo a **estreme[cer]** em reverência e temor diante dEle (v. 7). *No hebraico, o particípio do verbo* ***FEZ*** *(heb.* ***haphak****, "mudar ou converter em algo", v. 8) indica a ação contínua. Cantar essas palavras é proclamar a presença contínua do Senhor (cp. 107.35; Is 35.7; 41.18).*

Salmos 115—117: Três Salmos Terminando com "Louvai" (115.1—117.2)

115:1-13 O Salmo 115 afirma que a glória ou louvor não é para a humanidade, mas para o Senhor. Enfatiza o louvor devido ao **nome**, ou caráter, de Deus por causa da sua **benignidade** e **verdade** (v. 1). A

natureza dos falsos deuses adorados pelas nações contrasta de modo contundente com o Deus vivo (vv. 4-8). O salmista ainda afirma que todos os que fazem esses ídolos, bem como os que confiam neles, são exatamente como os deuses que adoram. Aqueles que adoram ídolos são tão inúteis quanto os seus ídolos (v. 8). Os idólatras perecem derradeiramente com os seus deuses perecíveis (cp. Sl 135.15-18; Is 40.18-20; 44.9-17).

Os versículos 9-11 exaltam o povo de Israel a pôr a sua confiança no Senhor como o seu "auxílio e o [s]eu ***ESCUDO****" (heb.* ***magēn****, o menor, tipo de escudo redondo e mais comum carregado por soldados). A palavra* ***AUXÍLIO*** *(heb.* ***'ēzer****, v. 9) geralmente indica a ajuda de Deus na forma de assistência militar. Embora o termo usado, em particular nos salmos, refira-se à assistência pessoal e não militar, o termo faz par com "escudo" nesse versículo e, por isso, parece indicar auxílio de natureza militar. O Senhor é chamado de escudo porque protege os seus servos. Ele auxilia e protege o seu povo.* Os versículos 12 e 13 afirmam que o Senhor abençoará o seu povo — aqueles que o **teme[m]** ou o reverenciam. *O verbo* ***LEMBROU*** *(heb.* ***zakar****, "está atento, considera", v. 12) não significa que o Senhor em algum momento esquecera que o seu povo existia. Antes, o Senhor está atento ao seu povo e pronto para agir em favor deles.*

115.14-18 O Senhor abençoaria o seu povo com fecundidade conforme a sua promessa feita a Abrão (Gn 12.1-3). A referência ao Senhor como aquEle que **fez os céus e a terra** (Sl 115.15) traz à memória o título de Melquisedeque usado por Deus em Gênesis 14.19, quando abençoou Abrão (veja o estudo da palavra, 110.4). Deu graciosamente o domínio do mundo para aqueles que Ele criou para servi-lo ao exercitar a administração sábia da terra. Os mortos, que não podem louvar ao Senhor, são contrastados com os vivos, que podem e devem louvá-lo (115.17-18).

116.1-19 O salmista clamou ao Senhor pedindo livramento enquanto enfrentava a morte. Deus ouve a sua oração e livra-o da morte (**inferno**, v. 3). O salmista faz o voto de dedicar o seu **amo[r]** (heb. ***'ahav***, "deleitar-se em, ansiar por", v. 1; cp. Dt 6.5) e serviço ao Senhor como uma expressão de gratidão pelo que o Senhor fez por ele e de devoção nutrida pela oração respondida. O fato de o Senhor **ouvi[r]** e **inclin[ar] [...] os seus ouvidos** para o salmista significa o livramento divino daquele que, na sua angústia, ora a Ele (Sl 116.1,2). Esse salmista clamou ao Senhor em desespero quando sentiu a morte envolvendo-o (vv. 3,4). A referência ao **nome** do Senhor indica o seu caráter e reputação (v. 4). O salmista celebrou o caráter **piedoso**, **justo** e **compassivo** (NVI; heb. ***racham***, veja o estudo da palavra, 18.1; Sl 116.5-8). O salmista pode desfrutar o

repouso apesar da turbulência à volta dele por causa da sua confiança no Senhor, fundamentada naquilo que experimentou no seu relacionamento com o Senhor (v. 7). O Senhor fez grandes coisas para ele. Esse salmo expressa a resposta apropriada à libertação ou salvação de Deus. O salmista fez o voto de adorar o Senhor e cumprir os seus votos na congregação do povo de Deus (vv. 12-19). Ele encoraja-os com o seu testemunho da bondade do Senhor.

117.1,2 Esse salmo, o mais breve no livro de Salmos, é, não obstante, um chamado universal bastante poderoso à adoração. **Todas as nações** e **todos os povos**, não só o povo de Israel, são chamados a **louva[r] ao SENHOR** pela sua **benignidade** (heb. ***chesed***, "lealdade à aliança"; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) e **verdade**. O versículo 1 é citado no Novo Testamento em apoio de uma exortação aos cristãos, representando tanto os judeus quanto os gentios, a aceitar uns aos outros — "Louvai ao Senhor, todos os gentios, e celebrai-o todos os povos" (Rm 15.11).

Salmo 118: A Ação de Graças (118.1-29)

118.1-18 O salmo final do Halel (oração judaica fundamentada em Salmos 113—118) louva a Deus pela sua **benignidade** (heb. ***chesed***, "lealdade à aliança", v. 2; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). Segundo o Talmude (a interpretação tradicional da Torá), esse salmo também era cantado na Festa dos Tabernáculos, além do seu uso na Páscoa. Os versículos 1-4 consistem num chamado de ação de graças. Toda a congregação reúne-se para **louva[r] ao SENHOR** porque **ele é bom** (v. 1). A **benignidade** (heb. ***chesed***, "lealdade à aliança"; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) para com o seu povo é **para sempre** (Sl 118.2-4). O salmista também testifica da bondade de Deus para consigo mesmo. O poeta atravessava um período de **angústia** (heb. ***mētsar***, literalmente "um lugar apertado e estreito", termo usado apenas no v. 5 e em 116.3 ["angústias"]; cp. "angústias", Lm 1.3), mas o Senhor levou-o a um **lugar largo** (heb. ***merchav***, "espaço amplo", metaforicamente se refere à liberdade, Sl 118.5; cp. 18.19) de liberdade. O salmista, graças à sua convicção de que o Senhor estava com ele, sabe que não precisa temer e que tem garantia de vitória (118.6,7). Ele enfatiza que é melhor encontrar segurança no Senhor do que nos seres humanos, qualquer que seja a sua posição, alta ou baixa (vv. 8,9).

O salmista rememora as experiências de livramento das dificuldades pelo Senhor (vv. 10-12). Ele pode testificar que o **nome** do Senhor, uma referência ao seu caráter ou reputação, é suficiente para superar qualquer inimigo e afirma que o Senhor é a sua **força** e o seu **cântico** e que o **salvou** (v. 14). A linguagem do versículo 15 é reminiscente de Êxodo 15.2, parte da canção de vitória de Israel depois que o Senhor fê-los atravessar o mar Vermelho e afogou os egípcios.

A referência repetida à **destra** do Senhor enfatiza o seu poder (Sl 118.15,16). O Senhor trouxe o salmista da beira da **morte** para a vida (vv. 17,18). O salmista, em razão disso, fez o voto de testificar sobre a sua experiência. Ele encara a sua dificuldade como uma disciplina do Senhor e sente-se grato por ela.

118.19-29 O salmista continua a compartilhar o seu testemunho de ação de graças na congregação do povo de Deus. Só os **justos** — aqueles com um relacionamento correto com o Senhor, isto é, aqueles que experimentaram a sua **salva[ção]** — têm permissão de entrar na sua presença (vv. 20,21). O uso do pronome no plural indica que o indivíduo juntou-se em ação de graças à comunidade de adoradores (vv. 23-27). Em resposta à submissão e confiança do povo no Senhor, o sacerdote ou rei profere uma bênção (v. 26). O povo, portanto, responde por meio da confiança nEle (v. 27). A poesia termina com uma repetição do chamado de ação de graças com o qual se inicia (v. 29).

Salmo 119: A Lei do Senhor (119.1-176)

119.1-8 O Salmo 119 é a mais longa poesia no livro de Salmos e o mais longo capítulo da Bíblia. Um poema acróstico em que cada uma das 22 estrofes começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico, e a primeira palavra de cada linha na estrofe começa com essa letra específica — uma técnica que pode ser observada apenas no texto hebraico. Observe que a letra hebraica junto com o seu nome foi impressa no início de cada estrofe na ARC, bem como em outras versões em português.

O tema da celebração da Lei de Deus fica prontamente aparente no uso pelo poeta de oito termos para a lei, pelo menos um dos quais aparece em quase todos os versículos do salmo.

O Salmo 119 começa com a mesma palavra do Salmo 1: **Bem-aventurados** (heb. ***'esher***, um substantivo com o sentido de "bem-

aventurança", vv. 1,2; veja o estudo da palavra, 1.1). Aqui, "bem-aventurados" são aqueles descritos com seis frases paralelas (119.1-3):

- **os que trilham caminhos** [heb. ***derek***, "caminho dos vivos ou ação; maneira ou curso da vida"; cp. 119.3,5,14,26,27,29] **retos** (heb. ***tamim***, "sem falhas, retos na conduta, caracterizados pela integridade"; cp. 119.80; veja o estudo da palavra, Lv 1.3);
- os que **andam** [heb. ***halak***, literalmente "andam", referindo-se ao estilo de vida; cp. 119.3,45] **na lei do SENHOR**;
- **os que guardam** [heb. ***natsar***, "olhar ou guardar com cuidado, observar"; cp. 119.22,33-34,56,69,100,115,129,145] **os seus testemunhos**;
- os que **o buscam** [heb. ***darash***, "buscar, estudar, seguir, praticar, consultar; buscar respostas ou ajuda"; cp. 119.10,45,94,155] **de todo coração**;
- os que **não praticam iniquidade**;
- os que **andam** [heb. ***halak***; veja "andam" acima] **em seus caminhos** (heb. ***derek***; veja "caminhos" acima).

O salmista lamenta a sua falha por não viver perfeitamente a Lei de Deus (Sl 119.5,6). Essa falha traz vergonha ou desgraça, bem como a sensação de sentir-se abandonado pelo Senhor. Por isso, as petições do salmista ao Senhor para que não o abandone (v. 8).

119.9-16 O salmista levanta uma questão, talvez se referindo a si mesmo como **o jovem** e, depois, prossegue para responder a ela (v. 9). A questão é tão crítica para a geração de hoje quanto sempre o foi, e a resposta continua relevante. **Purifica[r]** o **caminho** (heb. ***'orach***, "caminho, curso ou modo de vida, agir", v. 15; cp. 119.9,37,101,104,128) exige aprendizado *e* obediência em relação ao que Deus diz (v. 9; cp. 73.13; Pv 20.9). *O verbo hebraico traduzido por* ***PURIFICARÁ*** *(heb.* ***zakah****, "manter limpo, purificar", Sl 119.9) é usado apenas oito vezes no Antigo Testamento. Davi diz que Deus é "puro" (heb.* ***zakah****) quando julga (51.4). O Senhor enfatiza a sua inabilidade de ser "limpo" (heb.* ***zakah****, "contado como puro") do engano e fraude (Mq 6.11). Conforme sugerem corretamente os dois amigos de Jó, ninguém "nasc[ido] de mulher" pode ser "puro" (Hb.* ***Zakah****), isto é, ser "justo" (Jó 15.14) ou ser "justo o homem perante Deus" (Jó 25.5; cp. Pv 20.9). No entanto, espera-se que aquele que já caminha em um relacionamento*

fundamentado na aliança com o Senhor reconheça e remova as ações más da sua vida. Deus ordena o seu povo a "lava[r-se], purifica[r-se]" (heb. ***zakah****; Is 1.16; cp. 73.13). Como aquele que está alegremente comprometido com a aliança de Deus — tanto na esfera pessoal quanto na nacional —, a pergunta do salmista demonstra a sua compreensão da sua responsabilidade de "purifica[r] [...] o seu caminho" (119.9).*

É relevante observar que as respostas do salmista ao falar diretamente com Deus demonstram o seu reconhecimento de que o Deus vivo fala com autoridade ao povo por intermédio da sua **palavra** (v. 9). Embora afirmando que **bus[cou]** (heb. ***darash***, veja "buscam", v. 2) o Senhor com todo o seu ser, ele reconhece a sua tendência a desviar-se do caminho correto (v. 10b; veja vv. 5,6).

Considerando-se a pergunta introdutória, ***PALAVRA*** *(heb.* ***'imrah****) é uma escolha especialmente apropriada para a Lei de Deus no versículo 11, uma vez que é frequentemente ligada à ideia de "purifica[r]" (heb.* ***tsaraph****, um verbo que literalmente denota o "derretimento" de metais preciosos para "refinar, purificar ou purgar" esses metais das impurezas; veja 18.30; 119.140; 2Sm 22.31; Pv 30.5). Em Salmos 12.6, as* ***PALAVRAS*** *(heb.* ***'imrah****) são "puras" (heb.* ***tahor****, "não misturada, puras" como o ouro puro; cp. Êx 25.11; Sl 19.10), comparada diretamente com a "prata refinada" (heb.* ***tsaraph****; cp. Is 1.25; 48.10; Jr 9.7; Zc 13.9; Ml 3.2,3; cp. o sentido metafórico de "provar, testar ou examinar", Sl 17.3; 26.2; 66.10). Digno de nota é a descrição em Salmos 105.19 de uma tentativa do patriarca José de ligar a "palavra [heb.* ***'imrah****] do SENHOR" com esse último sentido do termo* ***tsaraph*** *("provou"). O salmista, a fim de combater a tentação e evitar o pecado, "escond[eu]" a "palavra" de Deus nas fibras do seu ser (119.11). Embora o salmista não use explicitamente a imagem, os leitores encontram mais esclarecimento na sua vanglória. A "palavra" pura e purificadora de Deus guardada no "coração" é o fundidor que testa constantemente os pensamentos, as decisões e as emoções para impedir os que temem a Deus de pecar contra ele (Hb 4.12,13).*

No texto hebraico, o versículo 12 começa com uma expressão alegre, **bendito** [heb. ***barak***, "ser continuamente abençoado", veja o estudo da palavra, 103.1] **és tu**, um prefácio ao pedido para ser monitorado por Deus nos seus **estatutos** (119.11,12). O salmista, por sua vez, repetirá tudo o que o Senhor diz, regozijando mais com os seus testemunhos **do que com todas as riquezas** (vv. 13,14). O salmista, além de aprender a Palavra de Deus de cor, ou seja, com o coração, **meditar[á]** [heb. ***siach***, "ponderar, repetir, falar sobre" — reflexão consigo mesmo ou falar em voz alta para os outros) **e olhar[á]** (heb. ***navat***, "olhar, considerar, dar atenção a") o que

Deus disse e fez (v. 15). Essa seção da poesia, que enfatiza o programa de aprendizado para guardar a Palavra de Deus, termina com um voto não só para lembrar, como também para agradar-se da Palavra de Deus. O amor a Deus é expresso pela obediência na fala, ações e atitudes.

119.17-24 O salmista, pela primeira vez na poesia, identifica-se como **servo** (heb. ***'eved***, "escravo", v. 17) do Senhor, isto é, aquele que se obriga com reverência e humildade ao serviço de Deus. A designação, com quatorze ocorrências no Salmo 119, expressa lealdade e submissão ao Senhor como a sua fonte de vida (vv. 23,28,49,65,76,84,91,122,124,125,135,140,176; cp. sobrescrito do Salmo 18).

O salmista, a fim de ver **as maravilhas** (heb. ***pala'***, "aquilo que é feito de forma extraordinária", i.e., os milagres de Deus; veja o estudo da palavra, 119.27) na Torá, reconhece que Deus tem de **desvenda[r]** (heb. ***galah***, "descobrir, desvelar", v. 18) os seus olhos. Ele reconhece a sua dependência do Senhor para a compreensão (v. 18). Conforme descobriu o servo do profeta Eliseu, o caráter sobrenatural das ações de Deus não fica necessariamente evidente sem a revelação sobrenatural do Senhor (veja 2Rs 6.15-17).

Os que temem a Deus, da mesma forma, precisam da revelação e iluminação do Senhor a fim de entender a sua Palavra. Não conseguimos ver as verdades que Deus tem para nós na sua Palavra sem a obra de iluminação do Espírito em nosso coração e mente (Jo 16.13).

O salmista pede a Deus para não **escond[er]** (heb. ***satar***, "cobrir, ocultar") os seus **mandamentos** dele, implicando um anseio por conhecê-los e praticá-los (Sl 119.19). Ele compara a si mesmo com um **peregrino** (heb. ***gēr***, "habitantes temporários, residentes estrangeiros, viajantes" sem qualquer direito de herança, v. 19; cp. Hb 11.13-16), pedindo permissão para viver sob a autoridade de Deus e, por conseguinte, para conhecer os limites da terra e as leis do seu Senhor, que ele tem de respeitar e obedecer. Ele expressa profundo anseio pela Palavra de Deus, uma fome que deveria caracterizar todos os filhos de Deus. O salmista convida implicitamente os leitores a compartilhar da sua disposição em relação à Palavra de Deus. *A tradução "a minha alma está quebrantada [heb.* ***garas****, "quebrar em pedaços, esmigalhar, esmagada"; palavra usada apenas aqui e em Lm 3.16] de desejar [heb.* ***ta'avah****, "desejo intenso", Sl 119.20; cp. 119.40,174) os teus juízos* ***EM TODO O TEMPO*** *(heb.* ***be-kol-ēt****, "todo o tempo, todas as vezes")" capta o sentido de uma*

tradução mais literal: "Minha alma está esmagada [...] o tempo todo". Ele não quer ser contado entre aqueles que merecem repreensão e está determinado a continuar a tornar os estatutos de Deus o seu **prazer** (heb. ***sha'ashu'ay***, "prazer", v. 24; cp. a forma verbal ***sha'a'***, "alegrar-me-ei", 119.16).

119.25-32 *Em hebraico, os versículos 25 e 31 começam com o mesmo verbo, mais literalmente* ***APEGA[R]*** *(heb.* ***davaq****, "aderir, apegar-se", v. 31; veja o estudo da palavra, Rt 1.14. Quer falando da proximidade da morte, quer se engajando em hipérboles (exagero usado para dar efeito), o pedido segue logicamente a partir da descrição (Sl 119.25b). O salmista identifica com entusiasmo os meios por intermédio dos quais Deus o "vivifica[ria]" (heb.* ***chayah****, "causa para viver, tornar vivo, vivificar", v. 25, 37; cp. 30.3) — por intermédio da sua "palavra" (119.25). Expressões similares dessa verdade são repetidas ao longo do salmo (veja vv. 40,50,88,93,107,116,144,149,154,156,159).*

Cinco versículos nessa estrofe começam com a palavra hebraica para "caminho" (heb. ***derek***), que, em cada caso, é traduzida conforme o contexto particular da palavra:

- **meus caminhos —** em que o sentido literal é: "Meus caminhos [heb. plural de ***derek***] sobre os quais lhe contei" (v. 26);
- **faze-me entender o caminho** [heb. ***derek***] **dos teus preceitos** (v. 27);
- **o caminho da falsidade** (v. 29);
- **o caminho da verdade** (v. 30);
- **o caminho dos teus mandamentos** (v. 32).

O verbo ***OUVISTE*** *(heb.* ***'anah****, v. 26) sugere a necessidade de "uma resposta, um retorno". Deus não só ouviu a oração, como também respondeu à necessidade do salmista.* O poeta tornou-se mais passível de ser ensinado por causa da adversidade que experimentou (vv. 26,27). Deus permite algumas vezes que a adversidade entre em nossa vida com o propósito de chamar nossa atenção para que possa ensinar-nos os seus caminhos. Há verdades espirituais que não aprendemos no topo da montanha; aprendemos essas coisas apenas nas experiências nos vales. *A palavra* ***MARAVILHAS*** *(heb.* ***pala'****, "aquilo que é extraordinário ou maravilhoso, milagroso", v. 27) é usada basicamente na Escritura para referir-se aos atos de Deus, quer na natureza, quer na história. Essas coisas estão além da*

capacidade humana e evocam o assombro, mistério ou maravilha. A meditação sobre essas maravilhas leva a expressões de gratidão em palavras e estilo de vida.

O salmista pede ao Senhor para que o **fortale[ça]** (heb. "estabelecer", v. 28), reconhecendo que a Palavra de Deus é o meio pelo qual o indivíduo está ancorado e capacitado a permanecer firme nos momentos de provações da vida. A Palavra de Deus renova o forte desejo dos que temem a Deus de viver em um caminho agradável para o Senhor. Por um lado, o salmista reconhece a sua total dependência do Senhor (vv. 25-29); e, por outro lado, reconhece a sua responsabilidade de viver em obediência ao Senhor e à sua Palavra. Os verbos **apeg[ar]** (v. 31) e **corre[r]** (v. 32) descrevem a participação ativa em fazer a vontade de Deus.

119.33-40 O salmista ora para o compromisso pelo qual anseia, mas não consegue manter pela sua própria força. As atitudes de dependência e humildade caracterizam a oração. O poder para guardar a Lei de Deus é revelado como o resultado de um ato da graça de Deus na vida do salmista. Este expressa o seu desejo de seguir a instrução de Deus de todo o seu **coração** (v. 34), que, no pensamento hebraico, representava o motivo principal da vida de um indivíduo. Equivalia à totalidade da natureza interna da pessoa. No pensamento do Antigo Testamento, as emoções, os pensamentos e a vontade do indivíduo estavam conectados com o coração. Assim, o coração era visto como o assento não só do intelecto, como também da tomada de decisões e responsabilidade moral. O salmista reconhece o perigo constante de ser distanciado do Senhor pelas posses materiais (v. 36; cp. Mc 10.17-25). ***VAIDADE*** *(heb.* ***shaw'****, "vazio, vaidade, falsidade", v. 37) é o mesmo termo traduzido tipicamente por "em vão" no terceiro mandamento (veja Êx 20.7).*

119.41-48 O salmista afirma a sua confiança no Senhor e o seu comprometimento com Ele. Ora para ter uma experiência renovada das **misericórdias** de Deus, a lealdade infalível ou devoção leal que caracteriza o relacionamento com o Senhor, fundamentado na aliança. A confiança e esperança do salmista na Lei do Senhor impedem-no de responder de modo inapropriado àqueles que se opõem a Ele (v. 43). A sua expressão de devoção ao Senhor por toda a sua vida é uma resposta apropriada ao amor leal do Senhor pelos seus filhos (vv. 44-48). *A palavra traduzida por* ***AMO*** *(heb.* ***'ahav****, vv. 47,48) difere do termo traduzido por "misericórdias" (heb.* ***chesed****, v. 41; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). É o mesmo termo no mandamento de Deus para que o seu povo ame-o com todo o seu ser (Dt 6.5).*

119.49-56 O salmista identifica-se mais uma vez como o **servo** do Senhor (v. 49; cp. v. 38). Ele observa que a esperança (v. 50; cp. v. 43) e o reavivamento (cp. vv. 37,40) devem ser experimentados por intermédio da Palavra de Deus. O poeta afirma o seu compromisso com o Senhor em face da aflição e da oposição (vv. 50,51). Lembrar-se do nome de Deus não se refere basicamente à rememoração mental, mas, antes, à ação do poeta conforme o caráter e reputação do Senhor (v. 55). Até mesmo à **noite**, nos momentos de adversidade e dificuldades desta vida, o poeta permanece fiel ao Senhor e às suas ordens e ensinamentos. As experiências adversas servem para fortalecer a sua esperança.

119.57-64 *O salmista afirma o Senhor como a sua* ***PORÇÃO*** *(heb.* ***chēleq****, "lote, parte, cota", v. 57). Essa palavra geralmente se refere à parte em uma herança, tipicamente a divisão do território dado às várias tribos quando entraram na Terra Prometida. Arão e os levitas, que não receberam nenhum lote de terra, experimentaram o Senhor como a sua porção e herança (Nm 18.20; Dt 10.9). O Senhor é a porção do seu povo e, por conseguinte, tudo o que necessitam, a suficiência do povo (veja Sl 73.26).*

O salmista também afirma a sua devoção sincera ao Senhor (119.58). O seu amor pelo Senhor é expresso pela atenção ao ouvir a Palavra de Deus e obedecê-la (v. 60) e pela sua comunhão com o povo de Deus (v. 63). O salmista reconhece a sua dependência do Senhor enquanto também afirma a sua fé de que Deus agirá por fim em seu favor, mesmo que esse livramento pareça tardar da perspectiva do salmista (v. 61).

119.65-72 Essa estrofe afirma a bondade de Deus. O salmista reconhece que a aflição que sofre tem um propósito positivo e o resultado de levá-lo a uma obediência maior e a um relacionamento mais íntimo com o Senhor (v. 67). O salmista viu que o Senhor cumpre as suas promessas, e a sua fé é fortalecida (v. 65). Ele contrasta a sua estrutura mental (**coração**) de obediência com a dos seus inimigos, cujo **coração é insensível** (NVI) e duro (vv. 69,70). A disciplina do Senhor mudou a vida do salmista porque ele respondeu a ela de modo positivo. Em um mundo cujo principal foco é o materialismo e a sua contínua desvalorização da vida humana, a afirmação desse poeta de que o relacionamento correto com o Senhor (evidenciado pelo valor posto na obediência em relação à instrução divina) tem muito mais valor que uma grande quantidade de ouro e prata é uma mensagem muitíssimo necessária (v. 72).

119.73-80 O salmista reconhece o envolvimento íntimo do Senhor com ele desde o início da sua existência. A referência às **mãos** do Senhor

rememora o relato da formação de Adão do pó da terra e do fôlego de vida assoprado nas suas narinas (Gn 2.7). O salmista reconhece o Senhor como a fonte da **inteligência** (heb. ***bin***, "discernimento") para aprender os mandamentos de Deus (v. 73). Só o Criador conhece as melhores diretrizes que a sua criação deve seguir para ter uma vida relevante e com propósito. Será que o povo de Deus ora por compreensão e inteligência enquanto se aplica diligentemente ao estudo da sua Palavra? Qual seria o resultado disso? Ao aprender com fidelidade as exigências de Deus e obedecê-las, servimos como fonte de encorajamento para outras pessoas que o **temem** (v. 74).

A esperança dos que temem ao Senhor está na Palavra de Deus (v. 74b; cp. vv. 43,49). Deus é fiel até mesmo nos momentos de aflição (vv. 75-77). O Senhor disciplinar os seus filhos é um aspecto de sua **benignidade** (heb. ***chesed***, "lealdade à aliança", v. 76; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). O salmista, ao identificar-se como o **servo** de Deus, reconhece o senhorio de Deus na sua vida (Sl 119.76). Ele deve a sua vida às **misericórdias** (heb. ***racham***, "misericórdia", v. 77; veja o estudo da palavra, 18.1) do Senhor. Enquanto o poeta do Salmo 119 ora para que os seus inimigos sejam **confund[idos]** (119.78), ele pede igualmente que o Senhor impeça que ele seja **confundido** (v. 80). Ele ora para que o seu **coração** — todo o seu ser com ênfase particular na sua mente e vontade — seja **reto** (v. 80).

119.81-88 Nessa estrofe, que representa a metade do salmo, o anseio do salmista pela intervenção divina parece atingir o seu ápice. O salmista, como na estrofe anterior, afirma a sua esperança na Palavra de Deus (v. 81; cp. 119.74b). Nesse contexto, a **salvação** pela qual anseia refere-se basicamente à ação do Senhor para livrá-lo dos seus inimigos (v. 81). *O texto hebraico enfatiza de modo singular a total angústia vivenciada pelo salmista pelo uso triplo do verbo* ***kalah****, uma raiz que basicamente significa "estar terminado, acabado". A frase traduzida por* ***ESPERANDO POR*** *(heb.* ***kalah****, v. 81) é mais bem compreendida como "minha alma desfalece ou está acabada". Da mesma forma, "os meus olhos* ***DESFALECERAM"*** *(heb.* ***kalah****, v. 82) é mais literalmente "meus olhos falham" (estão acabados). Por fim, o salmista reconhece que os seus inimigos "quase [...] têm* ***CONSUMIDO****" a sua vida — isto é, "quase acabaram comigo". A repetição tripla de um único conceito no pensamento hebraico significa a sua totalidade ou relevância. Esse salmista, por conseguinte, expressa o sentimento de ser completamente sobrepujado pela angústia.* No entanto, até mesmo nessas circunstâncias mais difíceis, o salmista mantém o seu compromisso com a Palavra do Senhor (vv.

81,83,86,87), a sua dependência no Senhor enquanto espera que Ele aja (v. 84) e a sua fé leal e firme na **benignidade** (heb. ***chesed,*** "lealdade à aliança", v. 88; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) do Senhor.

119.89-96 Nessa seção, o foco do salmista muda da sua necessidade para a estabilidade e salvação disponíveis por intermédio da Palavra de Deus. A Palavra do Senhor **permanece no céu**; ela permanece **para sempre** (v. 89; cp. Is 40.8; 1Pe 1.25). Há constância e ordem em toda a criação de Deus, tanto no céu quanto na **terra** (Sl 119.90). Por conseguinte, a própria criação, apesar dos efeitos do pecado do homem, reflete a **fidelidade** de Deus (v. 90). Deus estabeleceu o seu mundo com uma ordem natural, como também com uma ordem moral que permanece constante (veja Rm 1.18-25). O salmista, nas estrofes precedentes, identificou-se repetidas vezes como o servo do Senhor (veja Sl 119.17,23,38,49,65,76,84). Nessa seção, ele também reconhece que **todas as coisas** são dos servos do Senhor (v. 91). O salmista, com a confissão de que ele fora incapaz de experimentar a estabilidade e a relevância da Palavra de Deus durante as suas aflições, percebe que não teria sobrevivido à sua tribulação e reconhece a Palavra de Deus como a fonte da **vida** (NVI; v. 93). Essa preservação da vida do salmista está conectada com o seu relacionamento fundamentado na aliança com o Senhor — **Sou teu** (v. 94). Os mandamentos de Deus dão liberdade e uma nova perspectiva na vida daqueles que lhes obedecem (v. 96).

119.97-104 O salmista continua a louvar a Palavra de Deus que fornece sabedoria (vv. 97,98). Até mesmo a pessoa considerada sem instrução pelos padrões do mundo pode ter a sabedoria que verdadeiramente importa ao estudar com diligência a Palavra de Deus e pondo os seus ensinamentos em prática (vv. 98-100). A mulher verdadeiramente sábia não é aquela que apenas acumula conhecimento mental da Palavra de Deus, mas também aquela que obedece a ela. Rejeitar a instrução de Deus equivale a rejeitar ao próprio Senhor. Seguir o caminho da justiça está em oposição total ao **caminho mau** (vv. 101,104). A Palavra de Deus e a comunhão com o Senhor são **doces** para os que obedecem a Deus (v. 103).

119.105-112 A Palavra de Deus provê **luz** ou orientação para a vida (v. 105; cp. Jo 8.12). O salmista está comprometido com a obediência à Palavra de Deus (Sl 119.106,112) e reconhece que é a fonte da sua **vida** (NVI; v. 107). Embora a vida devota não seja jamais fácil, o salmista determina permanecer fiel ao Senhor até mesmo quando a sua vida está em constante perigo (vv. 109-110). Em meio às circunstâncias difíceis, ele experimenta

alegria em razão do seu relacionamento com o Senhor e o seu compromisso com a Palavra de Deus (v. 111).

119.113-120 *A palavra traduzida por* ***DUPLICIDADE*** *(heb.* ***sē'ēph****, "dividida", v. 113) ocorre apenas aqui no Antigo Testamento. O salmo contrasta de modo contundente aqueles que são pessoas com "duplicidade" (cujas lealdades estão divididas) com o falante (que expressou várias vezes a sua devoção única ao Senhor).* O salmista descreve o Senhor como o seu **refúgio** e **escudo** — uma imagem que transmite a ideia de proteção e testifica, como em outras estrofes, que a sua esperança está na Palavra de Deus (v. 114; cp. vv. 43,49,74,81). A confiança dele no Senhor motiva-o a ordenar os seus inimigos a fugir (v. 115). Esses inimigos opõem-se não só aos caminhos do salmista, como também aos caminhos de Deus. O salmista expressa a sua fé de que o Senhor triunfará, por fim, sobre todos os inimigos e conclui a estrofe com o reconhecimento de que a realidade de Deus na vida dele produz uma sensação de perplexidade que exige obediência (vv. 119,120).

119.121-128 Nesses versículos, o salmista rememora repetidas vezes o Senhor de que ele é o seu **servo** (vv. 122,124,125; veja também os comentários sobre os vv. 89-96). O salmista, sentindo que já chegara o tempo de Deus agir em seu favor e contra os seus inimigos, expressa um grau de impaciência na espera no Senhor (vv. 123,126). O salmista identifica os seus inimigos como adversários do Senhor ao afirmar que quebraram a **lei** de Deus (v. 126). Em contraste com essa atitude, temos a devoção do poeta ao Senhor, refletida no seu espírito passível de ser ensinado (vv. 124,125) e na sua obediência aos mandamentos de Deus (v. 128).

119.129-136 Essa estrofe expressa temas recorrentes ao longo de todo o salmo. Ele proclama a natureza maravilhosa da Palavra de Deus (v. 129a), afirma a sua obediência fiel a ela (v. 129b), expressa o seu anseio pela Palavra de Deus (v. 131), identifica a revelação de Deus como a fonte da verdadeira compreensão ou discernimento (v. 130), caracteriza-se como servo do Senhor (v. 135) e reflete o seu espírito passível de ser ensinado (v. 135b). O poeta ainda ora para que o Senhor tenha **piedade** dele (v. 132). O salmista também ora para ser liberto dos seus inimigos (v. 134). Ele é tão consumido pelo seu zelo pela Palavra de Deus que chora porque as pessoas falham em obedecer a ela (v. 136).

119.137-144 O salmista, continuando a identificar-se como o **servo** do Senhor (v. 140), afirma a justiça do Senhor e da sua Palavra enquanto

expressa a sua ira contra os seus inimigos que falham em reconhecê-la. O salmista, apesar da sua experiência de tribulação e angústia, continua a ter **prazer** na Palavra de Deus (v. 143). Na angústia, ele apega-se à sua fé no Senhor — não desafiando a integridade do Senhor, mas, antes, orando humildemente por compreensão (v. 144). Como respondemos, em razão de nossa fidelidade ao Senhor, quando nos defrontamos com a oposição e aflição? Será que nos apegamos a Ele enquanto oramos por compreensão?

119.145-152 A natureza sincera do clamor do poeta ao Senhor pedindo livramento é expressa nas palavras **de todo o meu coração**, uma referência a todo o ser do poeta (v. 145). O pedido para que o Senhor **escut[e-o]** é equivalente ao apelo para ele agir em favor do salmista (v. 145). Fundamentando a sua expectativa confiante de que o Senhor iria ouvi-lo pela sua **benignidade** (heb. ***chesed*** "lealdade à aliança, devoção leal", v. 149; veja o estudo da palavra, Rt 1.8), o salmista afirma a Palavra de Deus como a sua fonte de esperança (Sl 119.147; cp. vv. 43,49,74,81,114). O poeta reconhece a natureza duradoura da Palavra de Deus (v. 152).

119.153-160 Essa estrofe começa com uma série de petições do salmista para o Senhor **olha[r]**, **livra[r], pleitea[r], livra[r]** e **vivifica[r]** (vv. 153,154). O salmista chama atenção para a multidão de **misericórdias** (heb. ***racham***, v. 156; veja o estudo da palavra, 18.1) do Senhor e reafirma a sua lealdade à Palavra de Deus apesar dos seus inúmeros **perseguidores** e **inimigos** (119.157). No versículo 160, como no versículo 152, ele retorna ao tema da permanência da Palavra de Deus.

119.161-168 O povo piedoso pode experimentar alegria e bênçãos até mesmo em meio à perseguição. A **lei** (heb. ***torah***, veja o estudo da palavra, 1.2) — isto é, a sua Palavra — é a fonte da alegria profunda e constante do poeta. Observe o contraste entre a **falsidade** e a "lei" do Senhor (119.163) — a Palavra de Deus é a verdade. *Amar essa verdade é encontrar um "grande* ***DESPOJO****" (heb.* ***shalal****, "saque, espólio", v. 162), uma palavra que se refere comumente à pilhagem praticada pelos vitoriosos na batalha. O salmista regozija-se sobre o valor da Palavra de Deus como outros se regozijam sobre o espólio conseguido na guerra.* A referência a **sete vezes** significa plenitude ou completude (v. 164). O salmista sabe que todo louvor pertence ao Senhor. *A* ***PAZ*** *(heb.* ***shalom****, "integridade", v. 165) caracteriza aqueles em um relacionamento correto com o Senhor. A palavra hebraica traduzida por "paz" refere-se a muito mais que a ausência de conflito. Ela transmite completude e bem-estar.* Motivado pelo amor do Senhor, o salmista

obedece com fidelidade aos mandamentos de Deus enquanto espera o livramento do Senhor (vv. 166-168).

119.169-176 A estrofe final desse salmo constitui um pedido por livramento a fim de que ele possa louvar o Senhor (v. 175; cp. 51.14,15). Esse salmista, no entanto, não tem nada para oferecer, exceto um clamor e um pedido. As palavras dele refletem uma postura de total dependência do Senhor. O seu apelo por **entendimento** expressa o seu desejo de conhecer a Palavra de Deus e discernir como responder às dificuldades presentes de uma forma que reflita a sua fé no Senhor (v. 169). O salmista, em fé, antecipa com alegria o agradecimento pela resposta do Senhor à sua oração. A **mão** de Deus representa o seu poder para libertar os seus filhos (v. 173). Essa estrofe reitera um tema comum de todo a poesia — a fidelidade à Palavra de Deus.

Salmos 120—134: Os Cânticos dos Degraus (120.1—134.3)

Essa coletânea de quinze salmos de peregrinação é chamada de Cânticos dos degraus (Sl 120—134). Embora os cânticos dos degraus possam não ter sido compostos originalmente para a finalidade de serem cantados pelos peregrinos no seu caminho para Jerusalém, é provável que também fossem cantados pelos adoradores enquanto seguiam todos os anos para a cidade santa para celebrar as grandes festas. Alguns estudiosos acreditam que os salmos eram entoados enquanto os peregrinos subiam os degraus do Templo. Alguns desses salmos individuais refletem outros propósitos, mas como uma coletânea, refletem com precisão não só a jornada do peregrino para Jerusalém, como também a progressão na vida cristã. Além disso, esses salmos constituem uma parte importante do que é conhecido como Os Grandes Halel Salmos (Sl 120—136).

120.1-7 O salmista já recebeu a garantia de que o Senhor lidará com aqueles que o oprimem. Todavia, encontrando-se em um ambiente hostil, ele clama por livramento dos **lábios mentirosos** [heb. ***sheqer***, "falsos, vazios, fala enganadora"] **e da língua enganadora** (heb. ***remiyah***, "fraudulenta") (vv. 2-3). *A "língua enganadora" receberá uma punição apropriada, ou seja, "flechas agudas do valente, com* ***BRASAS VIVAS****" (heb.* ***gachelet****, "brasas vivas" de* ***rotem****, "zimbro, giesta", v. 4). A planta com flores brancas (Retama raetam), encontrada no deserto e que chega à altura de mais ou menos 3,5 metros, produz*

carvão de altíssima qualidade. O salmista anseia por **paz** (heb. ***shalom***, "bem-estar, integridade", v. 7; veja o estudo da palavra, 119.165); os seus inimigos queriam conflito. Embora tenha recebido a garantia de que o Senhor lidará com os seus inimigos, ele ainda experimenta o sofrimento.

O salmista ora para que os seus inimigos colham o que semearam (120.3,4). Ele lamenta a sua própria situação. **Meseque** localizava-se provavelmente na Ásia Menor próximo ao mar Negro, enquanto **Quedar** refere-se à tribo que vivia no Deserto Arábico (v. 5). Nesse contexto, o poeta pode simplesmente ter usado os termos para designar os seus inimigos como bárbaros hostis. Fica claro que o salmista não se sente em casa entre o povo descrente. O salmista dá voz ao seu desejo por alívio da sua aflição (vv. 6-7). Ele anseia pelo Senhor para que intervenha e traga paz e integridade à sua vida. Esse salmo expressa o conflito que todos os cristãos experimentam quando tomam a atitude de levar a sério a vida cristã.

121.1-8 O salmista, a fim de encontrar ajuda, ergue os seus olhos para os **montes**, possivelmente se referindo às montanhas sobre as quais Jerusalém está. A pergunta do salmista pode refletir ansiedade ou antecipação. Ele, enquanto faz a sua jornada para Jerusalém, pode ter-se preocupado com possíveis assaltantes escondidos nos montes armando ciladas para ele, que, por sua vez, pode ter olhado na direção dos montes com antecipação de ver a cidade de Jerusalém. De qualquer modo, o **socorro** do salmista **vem do SENHOR**, o Criador de tudo o que **guarda** o seu povo (vv. 2-8). A intensidade do seu cuidado fica evidente no fato de que Deus nunca dorme (vv. 3,4). Ele guarda continuamente os seus.

A proteção do Senhor é comparada a uma ***SOMBRA*** *(heb.* ***tsēl****, "sombra", v. 5; cp. 91.1). O indivíduo, sob o telhado ou alguma saliência que forneça sombra, pode encontrar o descanso do Sol escaldante.* O Senhor guarda os seus filhos seguros de dia e de noite (121.6). Uma repetição tripla enfática do pensamento de que o Senhor protege o seu povo indica que essa proteção será total — **desde agora e para sempre** (vv. 7,8). Essa garantia do cuidado constante e beneficente do Senhor provê grande conforto aos filhos de Deus (cp. Fp 4.7).

122.1-9 Esse cântico dos degraus, o primeiro a ser identificado como **de Davi**, constitui uma oração pela **paz** [heb. ***shalom***, "integridade, segurança, bem-estar", veja o estudo da palavra, 119.165] **de Jerusalém** (122.6). O salmista regozija-se com a oportunidade para adorar na **casa** do Senhor em Jerusalém (v. 1). Essas peregrinações eram feitas três vezes ao ano — na Páscoa, na Festa das Primícias ou Pentecostes e na Festa dos

Tabernáculos ou das Cabanas. Ele também se regozija por ter alcançado com segurança o objetivo da sua peregrinação — o Templo do Senhor em Jerusalém (v. 2).

O salmista testifica da relevância religiosa e política de Jerusalém na vida do povo de Deus. A unidade da cidade (v. 3) refletia a unidade das tribos de Israel enquanto se reuniam para a adoração sobre essas ocasiões especiais (vv. 4,5). O peregrino ora pela prosperidade de Jerusalém e também exorta os outros a fazer isso (vv. 6-9). Jesus talvez estivesse pensando nesse salmo quando lamentou sobre a cidade de Jerusalém (Lc 19.41,42).

123.1-4 O salmo tem características tanto de um lamento individual (v. 1) quanto de um lamento da comunidade do povo de Deus (vv. 2-4). O salmista, tendo experimentado a zombaria e a ridicularização (vv. 3,4), apela para aquele **que habit[a]** [heb. ***yashav***, "aquele que está assentado" como juiz ou governante sobre o seu trono, "aquele que habita em ou os seus habitantes", cp. Is 6.1] **nos céus** (Sl 123.1; cp. 121.1,2). O salmista, falando para a comunidade composta por homens e mulheres, compara a atitude de adoração de todos eles com a atenção meticulosa dos servos que tentam antecipar as ordens do senhor e que esperam com avidez, embora com paciência, a provisão e a **piedade** das quais dependem totalmente (123.2).

124.1-8 Deus recebe o louvor por trazer vitória ao seu povo. *Se o Senhor não estivesse do lado de Israel, todo o povo, ou seja, a nação, teria sido* ***ENGOLIDO*** *(heb.* ***bala'****, "devorar, consumir", v. 3) pelos seus inimigos. Esse verbo retrata com vivacidade a destruição e ruína. O Senhor, em pelo menos duas ocasiões, fez com que a terra se abrisse e "trag[asse]" vivos grupos de homens, um julgamento de Deus sobre eles (Êx 15.12; Nm 16.30,32).* A imagem da água como uma força destrutiva é comum no Antigo Testamento por causa das chuvas torrenciais típicas daquela região (124.4; cp. 121.2). O livramento do povo por Deus é retratado em termos da preservação de uma enchente (Sl 124.4,5) e escape do laço dos passarinheiros (vv. 6,7). O tema da presença de Deus começa e conclui esse maravilhoso salmo.

A garantia de receber ajuda repousa no **nome do SENHOR** — isto é, na natureza de quem Deus é, e não em quem somos. Nossas circunstâncias, às vezes, podem levar-nos a pensar que Deus está contra nós, e não a favor. Nesses momentos, talvez o Senhor esteja trabalhando por intermédio dessas circunstâncias para trazer-nos para o seu lado de modo que possa revelar-nos a si mesmo como aquEle que é totalmente por nós (cp. Rm 8.31).

125.1-5 O Senhor, de acordo com esse cântico dos degraus, provê força e garantia para o seu povo em tempos difíceis. Aqueles que **confiam no SENHOR** estão seguros como o **monte Sião** que não se abala. O Templo foi construído sobre esse monte (v. 1). O inabalável monte Sião representa a ajuda, a proteção e as bênçãos de Deus — os privilégios pertencentes àqueles em relacionamento com Deus fundamentado na aliança. Os **montes** geralmente simbolizam estabilidade e segurança (v. 2). Assim como os montes cercam **Jerusalém**, também o Senhor cerca com a sua proteção o seu povo (v. 2). O **cetro da impiedade** — isto é, o poder daqueles que se opõem a Deus — e a injustiça que caracteriza o tratamento deles do povo de Deus são apenas temporários (v. 3). A presença de Deus traz proteção e estabilidade para o seu povo.

Em contraste com aqueles **que se desviam para os seus caminhos tortuosos**, os que são **bons** podem ser descritos como moralmente justos, bem como leais à aliança (vv. 4,5; cp. 1.1-6). Aqueles que escolhem os caminhos retos e corretos contrastam com aqueles que escolhem os caminhos tortuosos e afastam-se dos caminhos de Deus (v. 5). Essas pessoas colherão, por fim, o julgamento de Deus e experimentarão a separação dEle. O salmo termina com uma bênção de **paz** sobre Israel, sobre os que confiam no Senhor.

126.1-6 O salmista foca o retorno dos exilados do cativeiro na Babilônia, conforme permitido pelo decreto de Ciro, rei da Pérsia, em 539-538 a.C. (veja Ed 1.1-4). Nesse cântico dos degraus, o povo de Deus reflete com ação de graças a sua experiência das bênçãos divinas no passado enquanto ora para que o Senhor continue a demonstrar a sua bondade para com eles no presente. A alegria acompanha o retorno do povo de Deus do cativeiro. Tão grande foi a libertação deles que até mesmo as nações prestaram atenção a ela e reconheceram que o Senhor agira naquela situação (Sl 126.2). O desencorajamento, no entanto, seguiu-se ao retorno deles à Terra Prometida enquanto o povo deparava-se com novas adversidades. Eles lutaram para reconstruir o Templo e os muros de Jerusalém. O salmo encoraja o povo de Deus a perseverar, a despeito das suas dificuldades correntes, com o conhecimento de que dias melhores viriam (vv. 5,6). Deus restaura os seus, e eles voltariam a conhecer a alegria abundante (cp. Sl 85).

127.1,2 Esse é o único cântico dos degraus associado a Salomão (cp. Sl 72).

O sobrescrito **de Salomão** pode significar "para Salomão", "por Salomão" ou "de Salomão". Transmite o sentido de "pertencer a" Salomão, quer no sentido de autoria, quer por meio da ideia de que o salmo pertence à coletânea de salmos desse rei.

A poesia foi ainda identificada como salmo de sabedoria, contrastando o caminho da sabedoria com aquele da loucura (cp. Sl 1). No versículo 1, o salmista usa as figuras de linguagem relacionadas à construção de uma casa e à proteção de uma cidade para enfatizar a necessidade de depender do Senhor. A edificação de uma casa pode referir-se ou aos detalhes da construção de um abrigo ou ao local para criar uma família. *Em qualquer um dos casos, sem a bênção do Senhor, todo esforço humano é* ***VÃO*** *(heb.* ***shaw'****, "vazio, inútil, vão", Sl 127.1,2). Essa palavra transmite a ideia de vazio material ou moral e designa aquilo que é irreal e insubstancial. Também expressa a inutilidade de invocar o nome do Senhor ou de ser identificado por ele no Terceiro Mandamento (Êx 20.7).*

A vida dedicada aos afazeres — neutros ou até mesmo atividades nobres — é derradeiramente vã ou fútil se não tiver a bênção do Senhor. É preciso estar sintonizado com Deus e os seus propósitos a fim de experimentar as suas bênçãos. Deus dá o descanso genuíno para aqueles que dependem dEle. No livro de Eclesiastes, também relacionado a Salomão, o pregador, ou mestre, na sua busca por sentido, conclui que o sentido derradeiro da vida está no relacionamento correto com o Senhor, e não no trabalho árduo (Sl 127.2; cp. Ec 2.18-26; 12.13,14). O trabalho humano torna-se sem sentido sem a bênção do Senhor.

127.3-5 Os hebreus consideravam as crianças, especialmente os **filhos**, uma bênção do Senhor (veja Gn 13.16; Rt 4.13-16; 1Sm 11). A perpetuidade da família de fé é garantida por intermédio da dádiva de filhos devotos. Os **filhos** — literalmente "fruto [heb. ***peri***, "fruto", metaforicamente o resultado do trabalho] do ventre" (heb. ***beten***, "ventre"; cp. Gn 30.2; Dt 7.13; 28.4) são (Sl 127.3):

- a **herança** [heb. ***nachalah***, "herança, porção, posse especial"; cp. 28.9; Pv 19.14] **do SENHOR** — uma dádiva a ser estendida de uma geração à seguinte; e
- o **galardão** (heb. ***sakar***, "salários"; cp. Gn 30.18; Ec 4.9) — o benefício positivo recebido de imediato em retorno pelo trabalho do indivíduo.

Os filhos trazem alegrias aos pais. Educar uma criança é uma responsabilidade sagrada. Os pais têm de depender do Senhor para ajudar a orientar os filhos.

O Senhor provê um senso de segurança e proteção para a família que tem fé nEle. O salmista declara: **Bem-aventurado** [heb. ***'esher***, veja o estudo da palavra, Sl 1.1; cp. 34.8; 40.4; 94.12; 128.4] **o homem** que é como o **valente** com muitas **flechas** prontas para atirar — quer como armas de ataque, quer de defesa (127.4,5). A imagem pressupõe que o guerreiro, ou valente, tem um arco e a força e experiência suficientes para lidar de forma apropriada com essas flechas. Estendendo a imagem, o uso da terceira pessoa do plural, eles — presumivelmente, um homem equipado com muitos filhos bem treinados e com autocontrole — constituem uma presença formidável que deteria o ataque dos inimigos (v. 5).

128.1-6 Os temas compartilhados do Salmo 127 com o 128 convidam os leitores a vê-los como um par. O Salmo 128 declara as bênçãos daquele **que teme ao SENHOR** (v. 1; cp. v. 4; veja o estudo da palavra, Pv 1.7). Os resultados positivos de andar **nos seus** [do Senhor] **caminhos** e, desse modo, demonstrar reverência autêntica pelo Senhor (Sl 128.1) são descritos em termos do trabalho produtivo e de uma família próspera (vv. 2,3). *A palavra* ***MULHER*** *(heb.* ***'ishshah****, v. 3) está no singular, refletindo a ideia do casamento monogâmico, e não o padrão de múltiplas esposas, prática comum particularmente adotada pela realeza. Em hebraico, "tua" — a terminação possessiva do substantivo — está no singular masculino, refletindo o pressuposto do padrão bíblico para a família, isto é, que a casa temente a Deus começa com o casamento de um homem com uma mulher. As parcerias homossexuais são implicitamente excluídas do instantâneo que o salmo apresenta da família do homem "que teme ao SENHOR" e, portanto, é "abençoado" (v. 4), relações essas que são explicitamente proibidas em outros trechos da Escritura (Lv 18.22,24; 20.13; Dt 23.17; 1Co 6.9-10; cp. Gn 19 e 2Pe 2.6-10; Jd 7).*

A comparação da esposa com **a videira frutífera**, seguida de imediato pela menção de "filhos", torna essa implicação inconfundível, uma vez que nenhum relacionamento não heterossexual pode produzir filhos (Sl 128.3). *Na maioria dos contextos,* ***FRUTÍFERA*** *(heb.* ***parah****, v. 3; cp. Gn 17.6; 28.3; 48.4; Êx 1.7) denota reprodução abundante e, portanto, números elevados. Esse verbo frequentemente aparece nas ordens de Deus para "frutifica[r]" em geral acoplada com o imperativo do verbo "multiplica[r]" (e.g., Gn 1.22,28; 8.17; 9.1,7; 35.11; cp. Lv 26.9). O salmista claramente considera o fato de a esposa ter muitos "filhos" saudáveis como evidência da fertilidade do casal e, por conseguinte, da sua bem-aventurança.*

Os inúmeros **filhos** são comparados com as **plantas da oliveira**, um símbolo de vida longa e produtividade (Sl 128.3). *A palavra* ***PLANTAS*** *(heb.* ***shatil****, "brotos") provém do verbo* ***shatal*** *(heb. "planta), implicando escolha deliberada ou intenção (veja Sl 1.3; 92.13; Jr 17.8; Ez 17.8,10,22,23; 19.10,13; Os 9.13). Os filhos em volta da "mesa" de jantar representam mais que apenas mera progênie. Esses filhos abençoados, como um pomar de oliveiras cuidadosamente plantadas, são nutridos nos caminhos do Senhor, a fonte da bênção descrita no salmo (cp. 144.12). Os filhos representam a esperança e a extensão do favor de Iavé para as gerações sucessivas (128.5,6).*

129.1-8 Nesse cântico dos degraus, o povo de Israel rememora aqueles que os afligiram no passado. O povo de Deus sofreu repetidas vezes nas mãos dos seus inimigos, e Deus libertou o seu povo vez após vez (cp. vv. 1,2; 124.1,2). O salmista expressa confiança no Senhor e pede o livramento do julgamento divino que cairá sobre os inimigos de Israel. Deus, por mais difícil que sejam alguns períodos na história de Israel, salvou o seu povo várias vezes e milagrosamente. A imagem da agricultura é usada para descrever a forma como os inimigos de Israel tratavam o seu povo. Os **lavradores** representam os adversários que infligiram feridas tão severas no povo de Deus, feridas que se assemelham a profundos **sulcos** em um campo muito comprido (129.3). Não obstante, o Senhor libertou o seu povo fundamentado na sua própria justiça (v. 4).

A imagem muda para aquela de um animal cujas **cordas** do jugo foram **cort[adas]** para que ficasse livre (v. 4). Após a oração por julgamento divino sobre os inimigos do povo de Deus, o salmo conclui com uma maldição tripla sobre os inimigos de Israel, vistos também como inimigos do Senhor (vv. 5-8). Aqueles **que aborrecem a Sião**, que simboliza a presença do Senhor em meio ao seu povo, são os que não têm a menor consideração pelo Senhor nem pelas suas promessas (v. 5). O poeta ora para que os seus oponentes perversos logo pereçam **como a erva**. A erva, em particular aquela que crescia nos **telhados** planos, logo secavam e morriam por causa do solo raso ou falta de umidade (vv. 6,7; cp. 1.4-6).

130.1-8 Esse cântico dos degraus também é um dos sete salmos penitenciais reconhecidos pela Igreja Primitiva (veja tabela, "Tipos de salmos", p. 12,13). *No Antigo Testamento,* ***PROFUNDEZAS*** *(heb.* ***ma'amaqqim****, "lugares profundos", v. 1) descreve sempre a água no sentido do seu poder avassalador de afogar as pessoas (Sl 69.2,14; Is 51.10; Ez 27.34). Tais "profundezas" servem como uma metáfora para a experiência humana de problemas,*

culpas ou destruições das quais não existe a menor probabilidade de sobreviver ou escapar sem a intervenção divina (cp. a experiência de Jonas, Jn 2.3-5). O salmo liga as "profundezas" com um temor que deveria apertar todo coração humano: e se o Senhor se agarrasse a nossas **iniquidades** (heb. ***'awon***, "iniquidade, ação depravada, crime" e com frequência a "culpa" incorrida por elas; um dos principais termos hebraicos para pecado, Sl 130.3) sem qualquer esperança de que ele as ignorasse?

Em um cântico de peregrinação a Jerusalém, a cidade abençoada com a manifestação da presença de Deus no Templo, a esperança do salmista é apropriada. *O termo* ***PERDÃO*** *(heb.* ***selichah****, "perdão", v. 4; cp. 25.11; Ne 9.17; Dn 9.9) é proveniente do verbo "perdoar" (heb.* ***salach****, "perdoar, ser misericordioso"), usado apenas na Escritura para referir-se ao perdão dos pecados por Deus. Jamais é usado para referir-se a uma pessoa perdoando outra. Deus prescreveu ofertas sacrificiais a Deus (e.g., Lv 4.20,26,31,35) como um meio provisório de "perdoar" os pecados do seu povo.* O salmista observa que só Deus é a fonte do perdão e, por conseguinte, só Ele pode ser **temido** (Sl 130.4).

A adoração pessoal e a coletiva são modeladas em termos da expressão de **esper[ar]** (heb. ***qawah***, "esperar, depositar as esperanças em", vv. 5,7) na certeza do cumprimento da **palavra** de Deus (v. 5) e a sua prometida **redenção** (vv. 7,8). O salmista espera pelo livramento do Senhor com tanta expectativa quanto os **guardas** anseiam pelo romper da manhã (v. 6). Ele, por sua vez, encoraja **Israel** a esperar com confiança e cheio de expectativa pelo Deus que perdoa abundantemente (vv. 7,8).

131.1-3 O salmista que escreveu esse cântico dos degraus aprendeu a viver em paz consigo mesmo. A chave para essa paz está na total submissão ao Senhor. Ele não mais se **elev[a]** — sempre se comparando com alguma outra pessoa, sempre sentindo que está competindo com os outros, nunca contente (v. 1). Ele, antes, tornou-se humilde. Não ocupa mais a sua mente com assuntos muito grandes para ele. Ele chegou a um acordo consigo mesmo e com o Senhor e, portanto, experimenta a paz interior.

O salmista usou a figura de linguagem de uma **criança desmamada para com sua mãe** para descrever a sua recém-encontrada serenidade (v. 2). O poeta não se sente mais dividido com as reclamações e tumultos internos. Antes, ele sentiu um profundo senso de paz e contentamento na presença do Senhor.

132.1-10 Os adoradores são lembrados do desejo de Davi de construir uma casa para o Senhor (vv. 1-5; cp. 2Sm 7.1,2). Esse salmo pode ter sido

composto especificamente para celebrar o retorno da Arca para Jerusalém (veja 2Sm 6.12-19). O título **Poderoso de Jacó** significa a graça que o Senhor demonstrou a Jacó guiando, protegendo e abençoando o patriarca (Sl 132.2,5; cp. Gn 49.24; 2Sm 7.1). O pedido desse poeta não mencionado pelo nome para que o Senhor se **lembra[sse] [...] de Davi** é um clamor para que o Senhor aja de modo favorável para manter a sua aliança com Davi (Sl 132.1). O compromisso de Davi com o Senhor levou-o a determinar a volta da Arca do Concerto, ou da Aliança, para Jerusalém e a construção de um Templo para servir como o seu lugar de habitação, os **Tabernáculos** de Deus (v. 7; cp. vv. 2-5). Davi estava preocupado com a presença do Senhor com o seu povo (vv. 6-9). A volta da arca para Jerusalém deu início a uma nova era do governo de Deus sobre o seu povo.

O salmista ora, em favor de **Davi**, o seu **servo**, para que o Senhor não rejeite o seu **ungido**, isto é, Salomão que executou o sonho de Davi de construir o Templo ou um dos reis de Judá (v. 10; cp. Sl 132.17). A referência ao **escabelo** (heb. ***hadom***, v. 7; cp. 99.5; 1Cr 28.2) é uma referência à Arca, que representava o governo de Deus na terra.

132.11-18 Deus prometeu que um dos **filhos** de Davi ocuparia **perpetuamente** o seu **trono** (vv. 11,12; cp. 2Sm 7.8-17). O rei e os seus descendentes eram responsáveis por guardar a aliança (Sl 132.12). O Senhor prometeu fazer **brotar a força** [heb. ***qeren***, um símbolo de força e poder, v. 17; cp. 18.2; Ez 29.21] **de Davi**, indicando o grande vigor da dinastia davídica por intermédio da qual o Senhor estabeleceria a sua majestade e governaria a terra (Sl 132.17). No Novo Testamento, Zacarias, o pai de João Batista, interpretou o versículo 17 como uma referência ao Messias (veja Lc 1.69-75). Embora Davi não tivesse a permissão de construir uma casa ou um Templo para o Senhor, este prometeu construir uma casa (dinastia) para Davi. Essa promessa messiânica foi cumprida em Cristo.

133.1-3 O poeta desse cântico dos degraus enfatiza que a bênção de Deus envolve unidade entre os membros na sua família. O salmista ilustra o espírito doce de unidade nessa poesia. O povo de Deus, durante a peregrinação anual a Jerusalém, desfrutava da comunhão uns com os outros. Embora viessem de várias áreas, tribos e contextos sociais, experimentavam a singularidade do propósito no seu desejo de adorar o Senhor. Eles compartilhavam da herança comum do livramento dos seus ancestrais da escravidão no Egito. Tal comunhão harmoniosa é comparada

com o **óleo** perfumado preparado para o Tabernáculo e usado para ungir os sacerdotes (v. 2; cp. Êx 30.22-30). Esse óleo pode ser visto como simbólico do sacerdócio, por meio do qual o Senhor garante ao seu povo o perdão e a bênção.

Tal unidade também é comparada com o **orvalho do** [monte] **Hermom** (Sl 133.3). Esse monte, por causa da sua altitude e precipitação abundante, era notado pela sua vegetação exuberante. Da mesma forma, a comunhão entre o povo de Deus é renovadora. A harmonia na família de Deus renova as energias enquanto os tementes a Deus compartilham a vida com Ele e uns com os outros.

134.1-3 Esse último cântico dos degraus funciona como uma conclusão apropriada para esses quinze salmos. Os adoradores são chamados a **louva[r] ao SENHOR** com uma oração pedindo a bênção do Senhor sobre os seus **servos** (v. 1). Deus abençoa aqueles que o adoram. Observe que a adoração envolve a disposição de servir.

Salmo 135: Um Salmo Começando e Acabando com "Louvai" (135.1-21)

135.1-7 Esse salmo funciona como um chamado para adorar. Os **servos do SENHOR** (v. 1; cp. 113.1; 134.1) são reunidos para louvar o Senhor porque Ele é **bom** (135.3). O seu **nome** é **agradável** (heb. ***na'im***, "agradável, doce", v. 3; cp. 133.1). Aqueles que experimentaram o amor eletivo de Deus sabem como é doce, de fato, ter um relacionamento com Ele. **Jacó** e **Israel** referem-se ao povo de Deus, o **seu tesouro peculiar** (heb. ***segullah***, "propriedade valiosa", 135.4; cp. Êx 19.5; Dt 7.6; 14.2; 26.18).

O salmista, com a declaração **eu conheço**, louva a Deus em uma linguagem que significa experiência pessoal e relacionamento (Sl 135.5). O povo de Deus é chamado para louvá-lo porque Ele **está acima de todos os deuses** (v. 5). Ele governa sobre todos os reinos da criação porque é o Criador de tudo. A grandeza do Senhor estende-se ao seu poder sobre os elementos da natureza (v. 7). Enquanto os cananeus, vizinhos pagãos de Israel, acreditavam que Baal controlava as forças da natureza, o poeta confessa com correção que só o Senhor tem esse poder (cp. 1Rs 18).

135.8-12 Nessa parte do salmo, o poeta celebra o livramento do Senhor quando tirou o seu povo da escravidão no Egito e a proteção divina deles

enquanto os levava à Terra Prometida. O Senhor revelou o seu grande poder como Libertador quando enviou as pragas contra o Egito, demonstrando com isso o seu poder sobre os deuses adorados no Egito. Aquelas pragas culminaram na última delas, a morte dos **primogênitos** do Egito (v. 8). O Senhor ainda mostrou a sua grandeza quando derrotou as nações que se opuseram aos israelitas na sua jornada através do deserto — **Seom** e **Ogue**, por exemplo (v. 11; Nm 21.21-35). Essa seção da poesia termina celebrando a grandeza do Senhor em dar ao seu povo a terra de **Canaã [...] em herança** (Sl 135.11,12; cp. 33.12; 105.11).

135.13-14 *A palavra hebraica traduzida por* ***MEMÓRIA*** *(heb.* ***zeker****, "lembrança, memorial, nome pelo qual é lembrado", v. 13, cp. Sl 30.4; Os 12.5) assinala uma alusão à revelação de Deus do nome usado no seu concerto, ou aliança, para Israel em Êxodo 3.15.* ***POIS*** *(heb.* ***ki****, "porque"), a palavra que liga Salmos 135.13-14, sugere que as maneiras como Iavé lidará com o "seu povo" são os meios por intermédio dos quais o seu nome permanecerá de geração em geração:*

- *Ele "****JULGARÁ****" (heb.* ***din****, "governar; pleitear a causa de, vindicar", v 14; cp. 54.1; 72.2; Is 3.13; Jr 22.16) o seu povo, não no sentido de condená-los, mas vindo em defesa deles.*
- *Ele também se "****ARREPENDERÁ*** *[heb.* ***nacham****, "piedade"] em atenção aos seus servos" (v. 14).*

O versículo 14 empresta quase palavra por palavra de Deuteronômio 32.36, indicando que não só que o "Cântico de Moisés" (Dt 32.1-43) é uma das fontes para a construção desse salmo, como também que o salmista provavelmente espera que aqueles que usam o salmo em adoração rememorem e incorporem todo o contexto do versículo emprestado nesse processo.

135.15-21 Os **ídolos** (heb. ***'atsav***, "imagens", v. 15; cp. 115.4-8) inúteis, em contraste com o Deus onipotente de Israel, são tudo o que o Senhor não é. Aqueles que modelam e adoram tais objetos feitos pelo homem são **semelhantes a eles** — isto é, via de regra, as pessoas tornam-se parecidas com o objeto da sua maior devoção (135.18). Se realmente quisermos estar vivos e viver abundantemente para sempre, temos de adorar o Deus vivo. A única resposta apropriada para reconhecer a grandeza do Senhor é bendizendo-o (vv. 19-21).

Salmo 136: "A sua Benignidade É para Sempre" (136.1-26)

136.1-22 Pulsando em cada versículo desse hino de louvor está uma afirmação que expressa a maravilha da disposição de Deus em relação ao homem: **sua benignidade** [heb. ***chesed***; "lealdade à aliança, fidelidade; cp. LXX (gr. ***eleos***, "misericórdia; gentileza ou boa vontade em relação aos aflitos, levando à ação em favor deles") veja o estudo da palavra, Rt 1.8] **é para sempre**. Exemplos do amor leal de Deus e razões para louvá-lo são apresentados no restante desse salmo. Ele deveria ser louvado como o grande Criador do Universo (Sl 136.4-9; cp. Gn 1.1,6-10,14-19; Ap 14.7). O **sol**, a **lua** e as **estrelas** são especificamente identificados como objetos criados (Sl 136.8,9). Não devem ser adorados; antes, o Criador deles é quem deve ser louvado (cp. Dt 4.19). Uma forma de Deus demonstrar o seu amor eterno é provendo um ambiente apropriado para a vida humana.

Também devemos louvá-lo como o Libertador e Redentor do seu povo (Sl 136.10-25; cp. Êx 12.21-28; 14.10-12). O Senhor, após atingir os egípcios com um golpe mortal e levar o povo de Israel através do mar Vermelho, continuou a cuidar deles na sua jornada para a Terra Prometida que lhes deu **em herança** (Sl 136.21,22). *O povo não é mencionado como uma unidade corporativa — mas como "Israel, seu* ***SERVO****" (heb.* ***'eved****, "aquele que expressa submissão ou gratidão para com outro; aquele que serve ou está subordinado a outro; escravo"; v. 22). A frase é incomum no Antigo Testamento, mas é uma que liga de modo relevante Israel com o cumprimento do papel de "servo" do Messias (cp. 1Cr 16.13; Is 41.8,9; 44.1,21; 49.1-7; Jr 30.10; 46.27,28; Lc 1.54; At 4.27).*

136.23-26 *A palavra* ***HUMILHAÇÃO*** *(heb.* ***shephel****, "humildade, baixeza", v. 23) deriva do verbo* ***shaphēl****, cujo sentido é "ser humilhado ou depreciado, ser rebaixado" (e.g., 1Sm 2.7; Sl 18.27; Is 2.11,12,17; Ez 21.26). A tradução da LXX (gr.* ***tapeinōsei****, "estado rebaixado, condição humilde, humilhação"; cp. At 8.33; Fp 3.21) aparece na proclamação de Maria falando sobre a grandeza do Senhor "porque atentou na humildade da sua serva", referindo-se à sua obediência humilde ao Senhor (Lc 1.48). O cântico de Maria celebrou o anúncio do anjo de que ela daria à luz o tão esperado Messias como evidência de que a "sua misericórdia [gr.* ***eleos****; Lc 1.50,54,58,72,78] é de geração em geração" (Lc 1.50,54,55), uma verdade que se emparelha com o refrão do Salmo 136. O Senhor, ao longo de toda a história de Israel, permitiu que o seu povo experimentasse a "humilhação" — isto é, estivesse sujeito ao controle de senhores pagãos e ímpios (Sl 136.23). Ele, reiteradamente, também os*

remiu *(heb.* ***paraq****, "arrancar, arrebatar ou ser arrancado "; cp. 7.2; Lm 5.8) dos seus "inimigos" (Sl 136.24; cp. Lc 1.68-74).*

Salmos 136.25 retorna para o tema da providência universal de Deus para a sua criação (cp. 136.1-9; Mt 6.26).

Salmo 137: "Junto aos Rios da Babilônia" (137.1-9)

137.1-6 Esse salmo reflete a desorientação que o povo de Deus experimentou no exílio e no cativeiro da Babilônia após a queda de Jerusalém diante dos babilônios em 587/586 a.C. Eles sentiram-se abandonados pelo Senhor e atormentaram os seus captores. Não obstante, retiveram a convicção de que a vida deles não era totalmente controlada pelos babilônios. Os exilados **choraram** diante da sua situação difícil (v. 1). **Aqueles que [...] [os] levaram cativos** exigiam que cantassem (v. 3). Como poderiam **canta[r]** um dos **cânticos de Sião** proclamando a vitória e livramento do Senhor quando estavam no cativeiro e Jerusalém fora destruída (vv. 1,3,4)? O salmista sentiu-se incapacitado para cantar, porém fez um voto de jamais se **esquecer** da sua terra natal (v. 5). Para esse salmista, o amor por Deus e por Jerusalém estava inter-relacionado porque o Templo — o lugar de habitação de Deus — fora construído em Jerusalém (vv. 4-6). Talvez o salmista rememorasse a dedicação do Templo em que parte da oração de Salomão focava o período em que o povo de Deus vivenciou o exílio (veja 1Rs 8.48-49).

Os cristãos podem aprender a entoar canções de louvor ao Senhor em quaisquer situações difíceis em que se encontrem — até mesmo nessas dificuldades provenientes das suas próprias falhas e pecados —, exatamente como o fez o povo de Judá.

137.7-9 Essa porção imprecatória do salmo é particularmente desafiadora de interpretar (veja tabela, "Tipos de salmos", p. 12,13; "De coração a coração: A leitura de salmos imprecatórios", p. 27). O salmista desejou que o Senhor trouxesse julgamento sobre os babilônios que destruíram Jerusalém e levaram cativo o povo de Judá enquanto os **filhos de Edom**, os vizinhos de Judá a sul, celebravam a derrota e participavam da destruição da cidade (v. 7). O Senhor prometera fazer retribuição a esses dois opressores (veja Is 13.1-22; 47.1-15; Jr 50.1—51.58, concernente à Babilônia; Ez 25.12-14; 35.2-15; Jl 3.19; Am 1.11; Ob 10-14, concernente

aos edomitas). O salmista quer que o Senhor cumpra o julgamento já profetizado contra os inimigos de Israel que também se opuseram a Deus (Is 13.16; Os 13.16). A severidade dessas afirmações de bênção sobre tal destruidor da vida reflete o zelo justo do salmista de querer ver a justiça servida de uma forma equivalente ao dano causado a Israel.

Quanto a Salmos 137.9, uma descrição chocante que implica em demonstração cruel de poder jamais foi incluída nos relatos de guerra de Israel. Até mesmo a destruição completa (incluindo a morte de todas as mulheres e crianças) de algumas cidades cananeias por Israel (e.g., Dt 2.33,34; 3.3-6; Js 6.17,21) não foi ordenada nem descrita nesses termos. Além disso, Deus informou Israel que ordenara a destruição dos cananeus pagãos por causa da perversidade destes (Dt 9.5; cp. Dt 12.29-32).

A destruição dos filhos dos opositores, como uma estratégia de guerra no Antigo Oriente Próximo, tinha o efeito de eliminar a geração seguinte. A prática observada aqui não era incomum (cp. Os 10.14; Na 3.10), mas a visão da Escritura dessas táticas particularmente cruéis é ilustrada no choro do profeta Eliseu por causa do "mal" que Hazael faria com o povo de Israel (2Rs 8.10-15). O contexto imediato é um salmo, isto é, a oração daquele devotado a patrocinar a aliança do Senhor. O salmista, ao apresentar o seu clamor ao Senhor, abre mão do seu direito de buscar vingança, uma prorrogativa exclusiva do Senhor (Dt 32.34-43; cp. Rm 12.19).

Salmos 138—145: Oito Salmos de Davi (138.1—145.21)

Salmo 138: Um coração grato (138.1-8)

138.1-8 Davi anunciou o que faria para adorar o Senhor: **Eu te louvarei** [heb. ***yadah***, "professar ou confessar" em reconhecimento dos benefícios recebidos e estimulando naturalmente a gratidão, o louvor e a celebração, vv. 1,2,4; cp. 118.21,28]**, Senhor, de todo o meu coração**, isto é, com todo meu ser (138.1; cp. 9.1; 86.12; 111.1). Dar graças seria verbalizar com cantos e demonstrar fisicamente ao prostrar-se na direção do Templo em Jerusalém, indicando que o salmista estava escrevendo de um local distante (cp. 1Rs 8.48; Dn 6.10). *Embora o Senhor fosse a principal audiência, Davi cantaria louvores a Iavé na "**PRESENÇA** [heb. **neged**, "em frente de, na presença de"] dos deuses" (heb. **'elohim**, "deuses", Sl 138.1), designando possivelmente os ídolos pagãos*

(cp. 97.9; 1Cr 16.25,26), os juízes e reis de outras nações (cp. Sl 82.1) ou os anjos (conforme traduzido na LXX, a tradução do Antigo Testamento para o grego; cp. 1Co 4.9; 11.10; Ef 3.10; Ap 3.5; 14.10). Como o salmista parece estar distante de Jerusalém, o sentido pode ser ou adorar Iavé em desafio aos ídolos das nações circunvizinhas ou adorar abertamente em plena vista dos céus (Sl 138.2).

O Senhor é exaltado pelo modo como demonstrou a sua **benignidade** e a sua **verdade**. O Senhor engrandeceu o seu **nome** e a sua **palavra** [heb. ***'imrah***, "palavra"; veja o estudo da palavra, 119.11] **acima de** tudo o mais (138.2). Além disso, Davi reconheceu que o Senhor **fortalece[u-o]** (heb. ***rahav***, "tornar ousado, transmitir coragem" com ***'oz***, "força"), respondendo prontamente quando ele clamou ao Senhor (v. 3). Davi, ao louvar o Senhor diretamente e ao proclamar a sua glória e justiça, falou profeticamente de um período em que Deus receberá o agradecimento e aclamação universais que lhe são devidos (vv. 4,5). **Grande é a glória do SENHOR**, bem diferente da dos governantes terrenos, porque Ele presta atenção ao **humilde** (heb. ***shaphal***, "baixo" em posição e "humilde" em atitude; cp. Pv 16.19; 29.23; Is 57.15; Ml 2.9), e não ao **soberbo** (heb. ***gavoahh***, "orgulhoso, arrogante, exaltado", Sl 138.6; cp. 1Sm 2.3; Is 5.15; Lc 16.15).

O dia em que sentiu aflição (v. 3) pode ter sido aquele em que o salmista andou **no meio da angústia** (heb. ***be-qerev tsarah***, "no meio da dificuldade, adversidade, angústia, ansiedade", v. 7; cp. Gn 35.3). Assim como Davi declarou a sua adoração três vezes em Salmos 138.1,2 (ele "louv[ou], "cant[ou] e "inclin[ou-se]"), ele adora o Senhor três vezes no versículo 7 ao afirmar a sua segurança no que Deus faria por ele quando ameaçado pela ira dos inimigos. Davi, sabendo que a **benignidade** (heb. ***chesed***; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) de Iavé não tem fim, pôde dar voz à sua confiança no Senhor tanto como uma constatação — de que Deus **cumprirá** [heb. ***gamar***, "completar, terminar"; cp. Sl 57.2] **o seu propósito** (NVI) para ele — quanto como uma oração para que Deus **não desampar[e]** (heb. ***raphah***, "abandonar, cessar") **as obras das** suas **mãos** (cp. 100.5; refrão de Sl 136). Os cristãos do Novo Testamento também se vangloriam dessa confiança no Senhor (veja Rm 8.35; Fp 1.6).

Salmo 139: O Criador onisciente e onipresente (139.1-24)

139.1-6 O salmista reconheceu a presença, o poder e conhecimento de Deus — em linguagem teológica, a onipresença, a onisciência e a onipotência — e, portanto, o tema. Davi dirigiu-se a Deus pelo nome usado na aliança, **SENHOR** (v. 1; Êx 3.14) e prosseguiu ao orar uma série de afirmações descrevendo o conhecimento pessoal e completo que Deus tinha dele — no seu íntimo e no seu exterior (Sl 139.1-6), tanto a experiência imediata quanto a da eternidade (vv. 13-16,18,23,24). *Davi percebeu que Deus* ***SONDA[RA-O]*** *(heb.* ***chaqar****, "examinar, investigar, sondar", vv. 1,23). O Senhor não deixa escapar nada — nenhum detalhe aparentemente insignificante, nenhum pecado acalentado, nenhum plano nem motivos escondidos, nenhuma memória nem temores inconscientes (cp. 2Sm 10.3; Jó 28.3). Ele não pode ser enganado (cp. Jó 13.9; Sl 44.21). Deus conhece a sua criação em todos os detalhes, os bons e os ruins, os pontos fortes e fracos. Ele conhece as intenções e as motivações.*

Deus conhece todos os movimentos que fazemos; nenhuma ação fica escondida dEle. Embora o Senhor possa parecer estar **longe** por ser invisível aos olhos terrenos, Ele também percebe o **pensamento** inacessível aos outros (Sl 139.2). *O verbo* ***CONHECES*** *(heb.* ***zarah****, "espalhar, dispersar, separar, peneirar", v. 3) é usado de modo metafórico. Ao dizer que o Senhor peneirou os seus* ***caminhos*** *(heb.* ***'orach****, "caminho, curso ou modo de viver ou agir"; cp. 119.15) e o seu* ***deitar*** *(heb.* ***reva'****, "deitar, esticar-se para descansar", um hápax ou termo que aparece apenas uma vez na Escritura), Davi reitera a ideia de ser minuciosamente examinado.*

Deus conhece até mesmo nossas conversas mentais. A onisciência de Deus — isto é, o fato de Ele conhecer tudo — pode evocar louvor (139.6) ou temor. *A imagem de ser* ***CERCA[DO]*** *(heb.* ***tsur****, "cercado, pressionado", v. 5) pelo Senhor pode sugerir o conforto de estar cercado por Ele, uma defesa inexpugnável, ou uma pressão inescapável do seu escrutínio incessante e abrangente. Essa metáfora, combinada com a imagem da "mão" do Senhor posta sobre Davi, transmite a proximidade e controle completo de Deus (v. 5).* A resposta de Davi para a realidade que Deus conhece tudo foi a fé, e não o temor. O Senhor conhece os seus filhos, e isso envolve a verdade objetiva e o relacionamento subjetivo. Ele conhece-nos melhor que nós mesmos nos conhecemos.

139.7-12 Onde quer que vamos, podemos ter segurança de que o Senhor já estava **ali** (vv. 8,10). Algumas vezes, sentimo-nos culpados e queremos **escapar** (NVI; heb. ***yalak***, "ir, caminhar") do **Espírito** de Deus (cp. Ne 9.30) ou **fugi[r]** (heb. ***barach***, "fugir, escapar"; cp. Sl 3.1; 57.1) da sua **face** (heb. ***panim***, face é o sentido literal) como fez Jonas quando tentou

fugir do Senhor (139.7; cp. Jn 1.3). O Criador, em contraste à presença localizada de um ídolo feito por mãos humanas, é onipresente, isto é, está em todos os lugares ao mesmo tempo. Ninguém pode **encobri[r-se]** e esconder-se de Deus (Sl 139.11). A onipresença do Senhor é uma garantia inabalável para aqueles que seguem para onde Ele leva-os, sobretudo quando seguir o Senhor significa ir a lugares de "trevas" onde os seus inimigos acham que estão escondidos dEle. Nenhum local, situação ou circunstância fica além do alcance de Deus. A **luz** da sua presença penetra e sujeita até mesmo o **Seol**, o lugar dos mortos (vv. 8-12; cp. 23.4; Am 9.2-4; Rm 8.31-39).

139.13-18 A contemplação de Davi do seu relacionamento com o Deus onipresente e onisciente leva à reflexão sobre o início da sua vida, quando o Senhor formou-o no **ventre de** sua **mãe** (v. 13). Os versículos 13-16 elaboram poeticamente sobre a visão bíblica de que o embrião humano é, de fato, um ser humano completo criado de modo singular por Deus. Davi, com consistência, referiu-se a si mesmo como um indivíduo íntegro, inteiro — isto é, não apenas o seu corpo, como também os seus **ossos** (heb. ***'ostem***, "corpo, força", referindo-se à estrutura física completa, v. 15) e o seu **interior** (heb. ***kilyah***, literalmente "rins"; no seu sentido metafórico, refere-se ao local das emoções, afetos e desejos, v. 13; cp. 73.21; "coração", Jó 19.27; Pv 23.16; Jr 11.20; 17.10; 20.12).

O aborto, quando considerado à luz dessas afirmações bíblicas sobre a vida, é corretamente compreendido como uma destruição da vida à imagem de Deus. É possível ponderar que descobertas e contribuições poderiam ter sido feitas no melhor interesse da humanidade se tantas vidas não tivessem sido ceifadas deliberadamente no ventre. Davi modela o **louv[or]** como a resposta apropriada para imaginar o envolvimento contínuo de Deus na criação e no propósito desta (Sl 139.4).

Davi, ao reconhecer implicitamente a soberania eterna de Deus, observou também que, até mesmo antes do seu nascimento — o seu corpo quando **ainda informe** (heb. ***golem***, "embrião", algo que está no "processo de ser feito, ainda não totalmente desenvolvido"; um hápax ou termo que aparece apenas uma vez na Escritura) —, o Senhor **form[ou-o]** (heb. ***yatsar***, "ser moldado ou formado na mente, concebido"; cp. 2Rs 19.25; veja o estudo da palavra, Gn 2.7,8) e planejou os dias da sua vida, referindo-se provavelmente aqui à duração da sua vida (Sl 139.16; cp. Êx 32.32,33; Jó 14.5). Esse salmista maravilha-se ainda com os **pensamentos** (Sl 139.17-

18; cp. v. 2) do Senhor, **preciosos** (heb. ***yaqar***, "precioso, custoso"; cp. 49.8; 72.14; Is 43.4), difíceis de compreender (cp. Is 55.8,9) e incontáveis (Sl 139.18). Quanto mais aprendemos sobre o Universo e sobre o ser humano, mais nos maravilhamos com o grande contraste entre nosso conhecimento finito e o poder e criatividade incomensuráveis de Deus. Ele criou cada um de nós com um propósito e de modo deliberado, tendo um plano para cada vida (vv. 13-18).

139.19-24 O tom da poesia muda dramaticamente à medida que os pensamentos de Davi voltam-se do temor reverente e louvor para os inimigos de Deus. Os **homens de sangue** são caracterizados pela hostilidade em relação ao Senhor, a violência contra aqueles que pertencem a Ele, a hipocrisia, o engano e a oposição ao seu governo (vv. 19-21). Davi, sabendo que Deus tem o poder para destruir esses adversários da justiça, quer que o Senhor faça isso e alinhe-se com ele contra os **inimigos** comuns (vv. 20-22). Se o salmo reflete uma progressão do pensamento, a mudança abrupta para esse tópico pode transmitir uma resposta apropriada à intrusão destrutiva do **ímpio**, aquele que resiste à resposta reverente exemplificada por Davi (v. 19).

O salmista — após louvar o Senhor pelo seu conhecimento, poder e presença ilimitados — convida o Senhor a sondar o seu coração. Os imperativos traduzidos por **sonda[r]** (heb. ***chaqar***) e **conhece[r]** (heb. ***yada'***; veja os estudos da palavra, Êx 2.25; Sl 76.1) são os mesmos verbos que aparecem no versículo 1. *O verbo* ***PROVA*** *(heb.* ***bachan****, "sondar, examinar, provar", 139.24) aplica-se literalmente ao refino de metais preciosos e, portanto, transmite a ideia de provar o caráter de alguém como prova da sua integridade (Jó 23.10; Sl 66.10; Jr 9.7). Deus é o Juiz universal e o único que pode julgar corretamente o coração humano (Sl 7.9; 17.3; 26.2; Pv 17.3; Jr 11.20; 12.3; 17.10; 20.12; Zc 13.9). Só Ele compreende os seus verdadeiros pensamentos e motivos. Davi, por conseguinte, pede a Deus que o investigue ou o analise para checar se há algum "caminho* ***mau****" (heb.* ***'otsev****, "ídolo", v. 24; cp. Is 48.5) — qualquer hábito perverso ou danoso. Ele queria verdadeiramente andar no caminho do Senhor e desfrutar a presença divina.* Toda mulher deve depender de Deus para levá-la ao **caminho eterno**, e o Senhor levará a todas que se comprometeram a seguir a vontade dEle (Sl 139.24).

Salmos 140—143: As orações para proteção (140.1—143.12)

140.1-13 Nesse lamento individual, Davi ora por livramento daqueles que se opõem aos propósitos de Deus e do **homem violento** (vv. 1,4,11). Além disso, ele expressa confiança de que Deus mantém a causa do justo e sustenta-o. Essa oração demonstra a liberdade do salmista de apresentar todas as suas preocupações ao Senhor. Paulo cita Salmos 140.3 em Romanos 3.13, passagem em que o apóstolo enfatiza que todas as pessoas são culpadas diante de Deus. Davi, ao descrever os malfeitores, enfatizou que a sua maldade era premeditada (Sl 140.2). Essas pessoas perversas planejam ações más e usam **a língua** para destruir os outros (v. 3). A língua é uma arma poderosa para o mal e para o bem (veja Tg 3.8-12).

Davi orou para ser protegido das **mãos** (heb. ***yad***, "mãos", representando o "poder" da pessoa) dos perversos, cujo objetivo era fazê-lo **desviar** os seus passos (Sl 148.4). Eles preparam armadilhas como os caçadores armam **laços e cordas** para pegar animais e pássaros (v. 5; cp. 141.9). Davi também pediu ao Senhor para fazer justiça ao permitir que aqueles em guerra verbal contra ele fossem derrotados pelas suas próprias táticas (140.9-11; veja "De coração a coração: A leitura de salmos imprecatórios", p. 27). Davi expressou a fé confiante de que Iavé agiria em favor daqueles sem meios para defenderem-se (v. 12).

141.1-10 Esse salmo **de Davi** é difícil de ser traduzido. O salmista aparentemente temia a influência das pessoas más na sua vida e clamavam ao Senhor por assistência imediata para lidar com a tentação. Ele orou para ter proteção do pecado (vv. 3,4) e dos pecadores (v. 9). Davi pediu que a sua **oração** fosse aceita como o era o **incenso** apresentado todos os dias ao Senhor no Altar do Incenso, geralmente em conexão com **o sacrifício da tarde** (v. 2; cp. Êx 30.7,8).

Davi, não desejando falar nem pensar mal, pede ao Senhor que o impeça de dizer, buscar ou fazer algo que desagrade a Deus. Evitar a tentação exigiria a recusa de ter a companhia daqueles **que praticam a iniquidade** e cedem aos prazeres que esses homens oferecem (Sl 141.4). Davi demonstrou uma atitude de alguém passível de ser ensinado ao aceitar a correção e reconhecer o valor da **repreen[são]** de uma pessoa virtuosa. Ele continua orando para que o Senhor acabe definitivamente com as ações

perversas e o abuso de poder dos seus inimigos (v. 5), e isso permitiria que as pessoas vissem que ele tinha o melhor interesse delas em mente (v. 6).

O versículo 7, como um prosseguimento do versículo 6, pode explicar por que o salmista pediu um fim tão violento para os **juízes** (heb. ***shaphat***, "juiz") dos **malfeitores** (NVI; vv. 5,6). A imagem com duas partes compara os torrões de terra e pedaços de rocha largados no solo por um arado quando faz o sulco na terra com os **ossos** [presumivelmente os de Davi e do povo leal ao Senhor] **espalhados à beira da sepultura**. A imagem de ossos "espalhados" também é usada em Salmos 53.5 para descrever o que Deus fará com os malfeitores que "cercava[m]" o povo do Senhor, sugerindo uma imagem dos corpos de um exército opositor espalhados através do campo de batalha.

O versículo 7 pode descrever a forma como os inimigos de Davi tratavam a ele e ao seu povo — ou defendendo literalmente as tropas de Davi na guerra ou destruindo figurativamente o povo por causa das suas palavras e ações malignas. Como uma introdução ao versículo 8, o resultado descrito no versículo 7 demonstra a condição desoladora estimulando o salmista a voltar-se para o Senhor.

142.1-7 O Salmo 142, como um ***Masquil*** **de Davi**, pode ser compreendido como um salmo que ensina e fornece percepções para a vida prática. Esse salmo está associado com uma instância específica quando Davi **estava na caverna**, referindo-se ao tempo quando foi perseguido por Saul e escondeu-se na caverna de Adulão (1Sm 22.1,4) ou em En-Gedi (1Sm 24.1-22). Esse salmo modela um caminho para orar por intermédio de sentimentos de isolamento e vulnerabilidade. Embora a maioria das pessoas experimente a sensação de estar totalmente só sem **ninguém** para observar ou cuidar delas e dos seus problemas (Sl 142.4), a esperança só está disponível para os que reconhecem que o Senhor sabe o que estão passando e qual será o resultado (v. 3; cp. 1Pe 5.7). *Davi confessa que ele estava "angustiado", sentindo-se fraco, mormente considerando que os seus oponentes "ocultaram um laço" para ele (Sl 142.3), e estes o perseguiram e eram "mais fortes" que ele (v. 6). No versículo 3, o verbo traduzido por* ***ANGUSTIADO*** *(heb.* ***'ataph****, "desmaiar, murchar, enfraquecer"), via de regra, identifica o "espírito" ou alma de alguém, isto é, a vida "em mim". No versículo 6, um verbo diferente é traduzido por "estou muito* ***ABATIDO****" (heb.* ***dalal****, literalmente "estar baixo, pendurado"; aqui, "estar abatido ou sentir-se lânguido"; cp. 79.9; 116.6), uma palavra também usada para descrever a água rasa de um rio que está secando e que se move vagarosamente ("secarão", Is 19.6).*

É relevante o fato de o salmista reconhecer que não poderia escapar, pela sua própria sabedoria ou força, das suas circunstâncias. Ele, em vez de confiar em si mesmo, desistir ou negar que a sua situação era periclitante, pôs em palavras a sua situação e apresentou a sua **queixa** diretamente ao Senhor. No salmo, Davi, antes de falar com o Senhor, reitera isso quatro vezes — ele **clam[a] ao SENHOR; [...] ao SENHOR supli[ca]. Derram[a] a [sua] queixa perante a sua face; [expõe-]lhe a [sua] angústia** (Sl 142.1,2).

A oração de Davi demonstra segurança de que o Senhor conhecia todos os detalhes da sua situação. Davi, de modo enfático, declarou que o Senhor era o seu **refúgio** e a sua **porção** (veja o estudo da palavra, 16.5). Esses pedidos demonstram a profundidade da necessidade pessoal de Davi da intervenção do Senhor, mas eles são feitos no contexto de um desejo de proclamar o que o Senhor fez por ele (142.7; cp. 51.12-15).

143.1-12 Esse **salmo de Davi** é o último dos sete designados pela Igreja Primitiva de salmos penitenciais. As primeiras palavras transmitem um senso de urgência, porém permanecem presas ao fundamento sobre o qual Davi espera que o Senhor responda — isto é, a **verdade** (heb. ***'emunah***, "confiabilidade em guardar as promessas"; cp. 36.5) e a **justiça** do Senhor, e não em qualquer mérito pessoal (143.1). Davi, referindo-se a si mesmo como o seu **servo**, apela para a sua situação como aquele designado pelo Senhor e obrigado a fazer a vontade divina (vv. 2,12). Considerando-se que o salmista admitiu que **não se ach[a] justo** [heb. ***tsadaq***, "ser justo ou reto, ter uma causa justa, ser justificado"; cp. 14.1-3; 53.1-3; Rm 3.9-12,23; gr. (LXX) ***dikaiōthēsetai***] **nenhum vivente** diante de Deus, o pedido para ser poupado de ser levado **em juízo** parece em vão (Sl 143.2).

No entanto, o argumento apresentado em Romanos 3 ajuda a explicar a esperança expressa nos versículos 2 e 11; e o Salmo 143, por sua vez, lança luz no padrão de pensamento em Romanos 3.[6] Como acontece em Salmos 143.2, o pedido do salmista no versículo 11 — **Vivifica-me** [heb. ***chayah***, "preservar a vida ou dar vida, causa para viver, tornar vivo", cp. 30.4]**, ó Senhor, [...] tira a minha alma da angústia** — fundamenta-se na **justiça** e no amor ao nome de Iavé. Embora Salmos 143.12 sugira que o salmista estava provavelmente orando para que a sua vida fosse poupada dos **inimigos** terrenos (cp. vv. 3,4,9), o versículo 2 amplia o escopo do seu pedido. Romanos 3.9-12 confirma que "não há um justo, nem um sequer" (veja Sl 143.2; cp. 14.1-3; 53.1-3), uma verdade reafirmada

de modo distinto em Romanos 3.20: "nenhuma carne será justificada diante dele [de Deus] pelas obras da lei" (cp. Rm 3.23). A esperança por libertação fundamentada na "justiça" do Senhor (gr. ***dikaiosunē***) é derradeiramente percebida na "redenção que há em Cristo Jesus" (Rm 3.24; veja Rm 3.21-26).

A oração de Davi alterna continuamente entre as descrições da sua situação e as expressões da sua dependência deliberada no Senhor. Quaisquer que sejam as especificações, a crise de Davi envolvia a perseguição e ataques incansáveis dos inimigos (Sl 143.3,4,9,12). Davi, em resposta, rememorou o que Deus fizera no passado e abordou o Senhor abertamente, como **terra sedenta** (v. 6) necessitando desesperadamente de chuva. Aqueles que, como o salmista, **confi[am]** (heb. ***batach***, "depositam a sua esperança e confiança em", v. 8; cp. 37.3,5; 41.9; 62.8,10; gr. [LXX] ***ēlpisa***, "pôr a esperança em"; cp. 2Co 1.10; 1Tm 4.10) em Jesus podem responder às circunstâncias avassaladoras sendo transparentes na oração. Davi identificou a fonte externa do problema e a desolação interna que sentia, só que a sua oração consiste em mais do que apenas uma reclamação. Ele também escolheu repetidas vezes mudar o foco dos seus pensamentos para os dias passados quando o povo de Deus conseguia ver claramente o cuidado providencial de Iavé. Lembrando-se do que Deus fez no passado — não só na sua vida pessoal de fé, como também conforme revelado na Escritura — pode desenvolver coragem para o presente. Além disso, Davi pediu ao Senhor:

• evidência da sua presença (Sl 143.7);
• garantia da sua **benignidade** (v. 8);
• direção e orientação (vv. 8,10);
• **abrigo** (NVI; v. 9);
• livramento (vv. 9,11); e
• eliminação dos seus inimigos (v. 12).

O salmista queria mais do que apenas alívio de uma situação opressiva; ele queria **fazer a [...] vontade** de Deus e andar nos caminhos dEle (vv. 10; cp. 5.8; 23.3; 27.11).

Salmos 144—145: As bênçãos do Senhor (144.1—145.21)

144.1-11 Esse salmo expressa a alegria exuberante de Davi no Senhor e o seu maravilhamento com as bênçãos da providência divina. Davi clama: **Bendito seja o SENHOR** (heb. ***barak***, literalmente, "seja abençoado") por treinar pessoalmente o rei-guerreiro para a batalha (cp. 18.34,39). O versículo 2 descreve o Senhor usando algumas metáforas como aquelas em Salmos 18.2,3, descrevendo a força, a estabilidade e confiabilidade divinas. *No entanto, esse salmo acrescenta uma afirmação com um verbo que aparece raramente no Antigo Testamento.* ***SUJEITA*** *(heb.* ***radad****, "conquista", 144.2; cp. Is 45.1) significa literalmente "abater, esmagar em pedaços, aplanar". Figurativamente, transmite o sentido de forçar o "povo" conquistado a prostrar-se no chão em demonstração da sua posição de súditos do poder dominante.*

Todo o crédito para as vitórias de Israel pertence a Deus (Sl 144.1,2,10). Davi maravilha-se de que um Deus eterno e Todo-poderoso chegue até a dedicar um pensamento ao homem. Os seres humanos são como um **sopro** (NVI; heb. ***hevel***; veja o estudo da palavra, Ec 1.2), e o período de vida de uma pessoa passa como a **sombra** (Sl 144.3,4; cp. 8.4).

O indivíduo, na sua fragilidade humana, tem de depender do Senhor para a vitória. Assim, em 144.5-8, o rei davídico chama o Senhor a agir poderosamente e, com isso, resgatá-lo dos inimigos que parecem sobrepujá-lo. Ele pediu ao Senhor para que Ele agisse da mesma forma como fez no monte Sinai, revelando-se em fenômenos como fumaça (**fumegarão**), **raios** e tremores (vv. 5,6). O Senhor grandemente exaltado condescende a descer e a resgatar o seu povo. Os versículos 9 e 10 enfatizam que Deus traz livramento ao seu povo. Ele é digno de louvor. Assim, o rei davídico cantará a Ele um cântico novo. No versículo 11, o salmista reitera o seu pedido de ajuda (cp. vv. 7,8). Ele lembra mais uma vez o Senhor de que os seus inimigos também são os inimigos do Senhor porque falham em agir corretamente.

144.12-15 A prosperidade do povo em tempos de paz é tanto um trabalho de Deus quanto o livramento divino do seu povo em tempos de guerra. No pensamento hebraico na Antiguidade, a prosperidade material indicava a bênção de Deus sobre o seu povo. Além disso, ter filhos, especialmente meninos, indicava a rica bênção de Deus. Assim, o rei davídico orou para ter **filhos** vigorosos e **filhas** majestosas; colheitas

abundantes e **gados** multiplicados; e paz na terra. O salmista terminou com uma nota alegre: **Bem-aventurado** [heb. ***'esher***; veja o estudo da palavra, 1.1] **é o povo cujo Deus é o SENHOR!** Davi começou esse salmo abençoando ou louvando o Senhor; e terminou observando a bênção que o Senhor dá para o seu povo.

145.1-21 Cada versículo desse salmo, como um acróstico, começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico. Na maioria dos manuscritos hebraicos, o versículo que começa com *nun* (n) está faltando. As traduções grega (LXX) e siríaca, bem como os Manuscritos do Mar Morto, suprem um versículo incluído na segunda metade do versículo 13 ("Deus é veraz, fiel em todos os seus atos") no texto da TEB, e também em outras versões, como, por exemplo, ARA, NAA e NVI.

Os acrósticos geralmente chamam atenção para os temas elevados do salmo, incluindo a majestade de Deus e o louvor ao seu **santo nome** (vv. 1,21).

Esse salmo — como o último desse grupo de oito salmos davídicos, como o primeiro grupo do Livro V do Saltério (Sl 108—110) — é seguido por um grupo de salmos de "louvai" ou aleluia. Na tradição judaica, o Salmo 145 constitui o cerne da peça litúrgica chamada ***Ashrei***, (heb. de ***'esher***, "bendito"; veja o estudo da palavra, 1.1), por causa da primeira palavra dos dois versículos que precedem o Salmo 145 quando recitado — em Salmos 84.5 e 144.15. Esse uso do salmo na oração encerra-se geralmente com Salmos 115.18.

O Salmo 145 é notavelmente caracterizado por expressões superlativas. *Primeiro, o salmista louva o nome de Deus* ***pelos séculos dos séculos*** *(heb.* ***'olam*** *e* ***'ad****, vv. 1-2,21; cp.* ***'olam****, "eterno", v. 13). No Antigo Testamento, essa expressão ocorre apenas aqui e em nove outros versículos, vários dos quais se referem a Deus como "Rei" (Êx 15.18; Sl 10.16; 45.6; 48.14). A expressão também ocorre no pedido de Davi como rei (21.4) e em contextos que expressam o relacionamento entre Deus e o seu povo (45.17; 52.8; Dn 12.3; Mq 4.5). O Novo Testamento, de modo similar, usa repetidas vezes a expressão para exaltar o Senhor como aquEle que vive e reina "para todo o sempre" (veja Gl 1.5; Ef 3.21; Fp 4.20; 2Tm 4.18; Hb 1.8; 13.21; 1Pe 4.11; Ap 1.6,18; 4.9,10; 5.13; 7.12; 10.6; 11.15; 15.7; 22.5). Cantar Salmos 145.1-2 verdadeiramente como seres humanos finitos pode exigir pensar na expressão como uma forma de dizer "todos os dias" (NVI; v. 2), ou seja, por "toda a minha vida" (Jó 27.6). No entanto, em todo o contexto da Escritura, louvar o "Rei" (1Tm 1.17) eternamente é, de fato, o privilégio daqueles que pertencem ao Senhor (Hb 13.15; 1Jo 5.11; Ap 19.5).*

Segundo, a palavra "todos" ou "todas" (heb. ***kol***) aparece dezesseis vezes no Salmo 145 (vv. 9,10,13-18,20,21). Todas as pessoas e **todas as suas obras** são destinatários do Reino beneficente de Iavé (v. 9; cp. vv. 14-16). Portanto, o salmista declara ao Senhor que ele e tudo o que Deus fez **exaltar[ão]** o Senhor (vv. 1,10,21; cp. Fp 2.9-11). Todos os atributos, palavras e ações do Senhor, como também cada providência, proteção, justiça, graça e retidão de Deus, são perfeitos e confiáveis. Salmos 145.8 ecoa o testemunho do Senhor sobre o seu próprio caráter em Êxodo 34.6,7 e sugere que esses atributos constituem em parte a **glória** do seu **reino** (Sl 145.11,12).

*A palavra **REINO** (heb. **malkut**, "domínio real, reino, país e o povo sujeito a um rei, reinado") aparece três vezes nos versículos 11-13, porém apenas duas mais em todo o livro de Salmos (45.6; 103.19). Em outros trechos do Antigo Testamento, a palavra usada com maior frequência para referir-se ao reinado ou reino de um rei terreno (e.g., 1Cr 11.10; Et 1.2; Dn 1.1). No entanto, esse também é um termo usado na promessa do Senhor para estabelecer o trono do filho de Davi "para sempre" (1Cr 22.10; cp. 1Cr 17.11,14; 28.5,7; 2Cr 7.18; Hb 1.8). A relevância messiânica do "reino" do Senhor fica evidente nos evangelhos em que a mesma palavra usada na tradução grega (LXX) desse salmo — **basileia** — aparece, pelo menos, 120 vezes. Por exemplo, o "evangelho do Reino" (gr. **basileia,** Mt 4.23) resume o contexto da pregação de Jesus (cp. Mt 3.2; 4.17). Além disso, Apocalipse 12.10 indica que o "reino" e o "poder do seu Cristo" serão plenamente revelados quando Satanás for "derribado".*

As **proezas** (heb. ***gevuhah***, "ações poderosas" Sl 145.4,11,12; cp. Sl 106.2; 150.2) do Senhor revelam o seu esplendor e a sua **grandeza** (heb. ***gedulah***, "majestade, magnificência", 145.3,6; cp. 1Cr 29.11). A sua grandeza é **inescrutável** (heb. ***'ēn***, um particípio negativo usado com ***chēqer***, "investigação", no sentido de "não há", Sl 145.3; cp. Is 40.28). Tanto o que Deus faz (Sl 145.4-7) quanto todos **os que o amam** (v. 20; cp. vv.4,18,19), isto é, os **santos** (vv. 10-12), glorificarão publicamente o Senhor, irão aclamá-lo por quem Ele é (vv. 5a,6b-11,12b,13b) e pelo que Ele faz (vv. 5a,6a,12a,13b-19). Esse **louv[or]** desinibido caracteriza a fala daqueles que abraçam o Reino do **Deus, Rei** (v. 1) e reconhecem a sua total dependência dEle (vv. 10-12,21). Os versículos 14-16 enfatizam a total dependência do Senhor, quer tenhamos consciência disso, quer não. Para todos **os que o invocam em verdade** (heb. ***'emet***, v. 18; veja o estudo da palavra, Êx 34.6), no entanto, ele está **perto** (heb. ***qarov***, "próximo, com familiaridade íntima, não distante, à mão", Sl 145.18; cp. 34.18; 75.1;

119.151; Dt 4.7). O salmista inclui implicitamente a si mesmo entre os **que [...] temem** (heb. ***yarē***, "aqueles que têm reverência", Sl 145.19; cp. Gn 22.12; Sl 22.23; 31.9; 33.18; 34.9; Pv 31.30; Ml 4.2) o Senhor e genuinamente o buscam. Eles jamais são desapontados (Sl 145.18-20).

No contexto de tal louvor exuberante, a destruição de **todos os ímpios** (heb. ***rasha'***, "injustos ou culpados, passíveis de julgamento, criminosos", v. 20) é mencionada quase de passagem, só que esse detalhe não pode ser deixado de fora nesse retrato da bondade avassaladora de Deus. *No Antigo Testamento, o verbo* ***DESTRUÍDOS*** *(heb.* ***shamad****, v. 20) geralmente se aplica aos lugares idólatras (e.g., Lv 26.30; Nm 33.52) e ao povo — quer adorando outros "deuses" que não o Senhor, quer rejeitando o seu governo a fim de estar pessoalmente no controle (Dt 9; Sl 37.38).* Embora a sua misericórdia e providência sejam estendidas a todos, os que o rejeitam e, portanto, opõem-se a ele são automaticamente excluídos da presença do Rei santo e justo em cuja presença nenhum mal pode permanecer (cp. 1.5,6; 9.16; 141.10; Ez 18.21-23; Mt 22.1-14; 25.31-46). A palavra final é um chamado para que **toda carne** (heb. ***kol basar***, "toda carne, todas as criaturas vivas, todos os homens") louvem ao Senhor (Sl 145.21), chamado esse respondido em Salmos 146—150.

Salmos 146—150: Cinco Salmos Começando e Terminando com "Louvai" (146.1—150.6)

146.1-10 O salmista exorta os seus ouvintes a confiar em Deus, e não nas pessoas. Deus é o Criador que cuida dos necessitados e desprovidos. Ele chama a sua **alma**, uma referência a si mesmo ou a todo o seu ser, a oferecer louvor (v. 1). No versículo 2, o salmista expressa o seu compromisso pessoal de louvar ao Senhor. Ele determina-se a oferecer esse louvor por toda a sua vida. Qual é nosso propósito para o ser? Esse poeta experimenta o seu propósito no louvor ao Senhor. Para focar o Senhor, é preciso que as mulheres dissociem-se de depender dos seres humanos para suprir as suas necessidades (v. 3). As pessoas sempre nos desapontam, mas o Senhor nunca falha. O versículo 4 é um lembrete da limitação de pôr a sua confiança nas pessoas — elas podem morrer a qualquer momento. Em contraste, só o Senhor é eterno.

O foco muda dos seres humanos falíveis e mortais para o Deus eterno (vv. 5-10). Os seres humanos não podem salvar-nos (v. 3), mas o Senhor pode

(vv. 7-9). Aqui, o Senhor é referido como o **Deus de Jacó**, talvez um lembrete de que Ele cuida até mesmo dos charlatões e trapaceiros que, por fim, chegam ao ponto de reconhecerem a sua total dependência dEle. Os versículos 6-9 celebram a natureza amável do Criador, Deus soberano. Ele é sempre fiel (v. 6). Ele é um Deus de **justiça** que defende a causa dos membros fracos e indefesos da sociedade, incluindo aqueles **oprimidos** e que estão **famintos**, ou seja, aqueles que não têm para prover as necessidades básicas da vida; os cativos, os **cegos**, os **abatidos**, os **estrangeiros**, os órfãos e as viúvas (vv. 7-9).

O Senhor ama os **justos** — aqueles que buscam manter um relacionamento correto com Ele e com os outros —, mas Ele **transtorna** [heb. ***'awat***, literalmente "curvar, dobrar, perverter, tornar tortuoso; virar de cabeça para baixo"; metaforicamente, "trazer ruína" ao frustrar os planos ou causar desvios de um curso pretendido; cp. Ec 7.13] **o caminho** [heb. ***derek***, "caminho, estrada", figurativamente, "estilo de vida"; cp. Sl 1.6] **dos ímpios** (146.8,9). A poesia termina com um lembrete de que o Reino do Senhor é eterno e com a mesma exclamação de louvor com a qual se iniciou o salmo (v. 10).

147.1-20 Nesse segundo salmo "Louvai", ou "Aleluia" (NVI), o Senhor é louvado por construir e proteger **Jerusalém**, por criar e sustentar o Universo e, em particular, por revelar-se de modo singular à nação de **Israel** (vv. 2,12,19). O poeta começa louvando a Deus por trazer os **dispersos de Israel** de volta para casa (v. 2). O Senhor não só leva o seu povo de volta para a Terra Prometida, como também **sara** o seu povo quebrantado de coração (v. 3). Os versículos 4 e 5 celebram a fidelidade do Senhor para com a sua criação. O fato de o Senhor chamar as estrelas **pelos seus nomes** significa não somente o seu poder sobre elas, como também o seu interesse pessoal em tudo o que criou (v. 4). O versículo 6 reconhece o Senhor como o Juiz justo que derradeiramente endireitará tudo o que estiver errado.

Os versículos 7-9 retornam ao tema da criação de Deus, só que dessa vez com ênfase no seu sustento deste mundo. Por essa razão, o seu povo deve cantar louvores a Ele com **ação de graças** (v. 7). Os versículos 10 e 11 afirmam que o Senhor não se **agrada** das pessoas da forma como os seres humanos geralmente o fazem — pelo **poder** que têm. Antes, Ele recompensa aqueles que reconhecem as suas fraquezas e dependem dEle na fé.

Nos versículos 12-14, o foco muda mais uma vez para o povo escolhido de Deus quando o poeta chama-os para louvar ao Senhor por causa dos benefícios com os quais Ele abençoa o seu povo. Nos versículos 15-18, a ênfase recai mais uma vez na maravilhosa criação de Deus. O salmista utiliza a bela imagem na sua descrição do inverno e da primavera. Por fim, nos versículos 19 e 20, o poeta louva ao Senhor por causa da revelação de si mesmo de um modo único a **Jacó**, um termo paralelo para Israel. A sensibilidade das obras maravilhosas de Deus na redenção, na criação e na revelação deve levar o seu povo a louvá-lo.

148.1-14 Esse terceiro salmo "Louvai", ou "Aleluia" (NVI) consiste em duas partes — os versículos 1-6 e os versículos 7-14. Cada uma dessas seções começa com um chamado para **louva[r] ao SENHOR** (vv. 1,7). Os versículos 1-6 chamam todos os seres e objetos celestiais criados a louvar o Senhor. Observe que os **anjos** não devem ser adorados, mas, antes, devem oferecer adoração ao Senhor soberano (v. 2). O **sol**, a **lua** e as **estrelas**, que os povos primitivos rendiam com frequência adoração, são especificamente identificados com objetos criados (vv. 3-5). Os versículos 7-14 chamam os objetos e seres terrenos — animados ou inanimados — a adorar ao Senhor. Os seres celestiais e as criaturas terrenas do alto dos céus até as profundezas do mar são chamados a louvar o Senhor. O poeta alcançou o ápice do seu chamado para todo o povo louvar ao Senhor — governantes e pessoas comuns, jovens e velhos, homens e mulheres (vv. 11,12). O louvor a Deus é uma obrigação, bem como uma alegria e um privilégio de toda a criação de Deus.

Os versículos 13 e 14 enfatizam o raciocínio ou razão para louvar ao Senhor. Ele é o Governante **exaltado**, soberano sobre **a terra e o céu** e tudo o que neles há (v. 13; cp. 24.1). O Senhor é digno de louvor por causa de quem Ele é, bem como por causa do que fez e faz.

O salmo culmina na declaração confidente de que o Senhor **exalta** [heb. ***rum***, "eleva, exalta, levanta"] **o poder do seu povo** (v. 14). ***PODER*** *(heb.* ***qeren****) simbolizava a força e o poder, em particular o de Deus, um rei e/ou comandante militar. Aqui, assim como em Ezequiel 29.21 (cp. Sl 132.17), "poder" antecipa o Messias, a quem Deus enviaria e exaltaria (cp. Lc 1.69; At 2.33; 5.31).* O povo de Deus também é identificado como (Sl 148.14):

- **os seus santos** (heb. ***chasid***, "aqueles que são separados [santos]"; cp. 4.3; 30.4; 31.23; 37.28; 50.5; 97.10; 132.9,16; 145.10), ligando esse salmo

com o Salmo 149, que usa esse termo três vezes (Sl 149.1,5,9);

- os **filhos de Israel** (heb. ***benē yisra'ēl***, "filhos ou crianças de Israel"), termo comumente encontrado nas narrativas históricas (e.g., Gn 46.8; Êx 1.1), mas, em Salmos, é usado apenas aqui e em 103.7 (cp. 149.2; At 7.37; 10.36);
- o **povo que lhe é chegado** (heb. ***qarov***; cp. 145.18), uma designação encontrada apenas aqui na Escritura.

O povo que pertence ao Senhor, dentre todas as facetas da criação chamadas a louvar, é observado de modo apropriado nesse último versículo que representa o ápice desse hino.

149.1-9 No quarto salmo de "Louvai", ou "Aleluia" (NVI), Deus recebe o louvor pela sua salvação e julgamento. Pela sexta vez no saltério, aparece a ordem para **canta[r] ao SENHOR um cântico novo** (v. 1; veja 33.3; 40.3; 96.1; 98.1; 144.9), sugerindo que o que Deus acabara de fazer ou está prestes a fazer justifica a nova e criativa expressão de aclamação. O salmista pede que o Senhor seja louvado na **congregação dos santos** (heb. ***chasid***; veja 148.1-14; cp. "congregação dos justos", 1.5), isto é, entre os que podem apreciar e juntar-se com sinceridade nesse regozijo.

Os versículos 2-5 descrevem o louvor triunfante e exuberante, incluindo **alegr[ar-se]**, **cant[ar]**, dançar, tocar música **com adufe e harpa** e **exult[ar]** de alegria. O deleite do Senhor no **seu povo**, evidente na sua glorificação dos **mansos** [heb. ***'anaw***, "aflito; manso, gentil"; cp. 22.26; Mt 5.5] **com a salvação** (heb. ***yeshu'ah***, "livramento"; cp. 1Sm 2.1; Sl 3.8; Is 25.19; Lc 1.69; veja o estudo da palavra, Is 12.2), é motivo de celebração (Sl 149.4). Os versículos 6-9 estendem o louvor de Deus além do cantar e exaltar para as ações envolvidas em ser instrumentos do seu **juízo** sobre aqueles que desafiaram o seu correto governo (v. 9; cp. 2; 9.8; 47.3; Ap 20.4). A vitória total pertence derradeiramente ao Senhor.

150.1-6 Esse último salmo de "Louvai", ou "Aleluia" (NVI) funciona como a doxologia do Livro V e uma conclusão apropriada para todo o livro de Salmos. A palavra **louva[r]** (heb. ***halal***, "cante louvores, celebre") aparece treze vezes nos seis versículos desse salmo.

O salmo responde a quatro questões importantes sobre a adoração:

- Onde o Senhor deve ser louvado? **No seu santuário**, isto é, na sua casa de adoração, e, provavelmente se referindo às hostes celestiais, **no firmamento do seu poder** (v. 1).
- Por que o Senhor tem de ser louvado? Por causa dos **seus atos poderosos**, evidentes na natureza e na história humana, e pela **excelência da sua grandeza** (heb. ***godel***, "magnitude, magnificência"; cp. 79.11; Dt 3.24) — isto é, pelo que Ele faz e por quem Ele é (Sl 150.2).
- Como devemos louvar ao Senhor? Na era do Antigo Testamento, uma variedade de instrumentos musicais é usada para oferecer louvor a Deus (vv. 3-5). O livro de Salmos em si funciona como um hinário e revela que os cânticos de lamento, bem como os hinos de louvor eram partes aceitáveis da adoração. A **trombeta** (heb. ***sophar***, "chifre do carneiro", geralmente tocada para chamar toda a nação de Israel ou todo o exército; formalmente, essa trombeta era tocada como o sinal do sábado e da lua nova, v. 3) é o instrumento mencionado com maior frequência na Escritura. A **harpa** (heb. ***nevel***) e a **lira** (NVI; heb. ***kinnor***), geralmente associadas com o povo de alta patente e feitas com madeiras nobres e pedras preciosas (veja o estudo da palavra, 1Rs 10.12; 1Cr 15.16). O **adufe** era o instrumento que acompanhava tipicamente as danças como meio de louvar ao Senhor (Sl 150.5; cp. 81.2; 149.3; Êx 15.20; 2Sm 6.5; 1Cr 13.8; Jr 31.4). As **flautas** (heb. ***'ugav***, "flauta de junco", Sl 150.4; cp. Gn 4.21) e os instrumentos de corda também acompanhavam regularmente a adoração com cânticos de louvor. O versículo 5 pede o uso dramático e agudo dos **címbalos** (heb. ***tselatsal***; cp. 2Sm 6.5), assinalando o grande entusiasmo do povo quando adoravam ao Senhor.
- Por fim, quem deve louvar ao Senhor? Todas as criaturas vivas — **tudo quanto tem fôlego** (Sl 150.6) — são convocadas a explodir em adoração sem reserva e espontânea ao Criador. O fôlego de vida em si é um dom de Deus. Esse salmo constitui o pináculo da adoração.

O livro de Salmos começa apropriadamente com um hino de sabedoria (Sl 1), contrastando com o caminho da bênção (1.1-3) com o caminho da destruição (1.4-6). Aquele salmo enfatiza a estabilidade e produtividade espiritual pertencente aos tementes a Deus que se focam continuamente na Palavra de Deus e escolhem o estilo de vida da obediência a Ele. O saltério termina de modo apropriado com um extravagante chamado ao louvor. Uma vida de obediência ao Senhor, como Ele revelou-se na sua Palavra,

resulta no louvor desimpedido a Ele. O salmista atravessa dificuldades e tribulações e, por fim, é vitorioso. Deus provê o conforto necessário, quaisquer que sejam as tribulações da vida e os sofrimentos avassaladores que sobrevêm aos que temem ao Senhor. A vida de obediência é de liberdade para as mulheres que escolhem deleitar-se no caminho do Senhor e que, com isso, de scobrem verdadeiramente a sua razão de viver. Ela ainda experimenta a comunhão alegre com o Senhor, e a vida dessas mulheres é o pináculo do louvor. O propósito delas é trazer glória ao seu Criador, e, ao fazer isso, elas conhecem a vida na sua abundância, exatamente como o Senhor quer (Jo 10.10).

BIBLIOGRAFIA

* Allen, Leslie C. *Psalms 101–150*. Word Biblical Commentary, vol. 21. Waco, TX: Word Books, 1983.

* Blaising, Craig, e Carmen S. Hardin, eds. *Psalms 1–50*. Ancient Christian Commentary on Scripture. Old Testament, vol. 7. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2008.

* Craigie, Peter C. *Psalms 1–50*. Word Biblical Commentary, vol. 19. Waco, TX: Word Books, 1983.

Keller, W. Phillip. *A Shepherd Looks at Psalm 23*. Grand Rapids: Zondervan, 1970 [*Nada me Faltará*,
Editora Betânia].

* Tate, Marvin E. *Psalms 51–100*. Word Biblical Commentary, vol. 20. Dallas, TX: Word Books, 1990.

VanGemeren, Willem A. "Psalms." Em *The Expositor's Bible Commentary*, vol. 5. Grand Rapids: Zondervan, 1991.

* Weiser, Artur.*The Psalms: A Commentary*. The Old Testament Library. Filadélfia: The Westminster Press, 1962.

* Para estudos avançados.

NOTAS

[1] O Credo Niceno (325 d.C.) afirma que Jesus é "da substância do Pai", sendo construído para defender a verdade da divindade do Filho e a sua

igualdade com o Pai contra os ensinos heréticos de um bispo chamado Ário. Jesus, segundo a "heresia nicena", não era eterno, mas apenas o mais alto ser de toda a criação. Uma frase-chave define essa heresia: "Houve [um tempo] em que ele não era" (i.e., houve um momento em que o Filho veio à existência).

[2] A linguagem antropomórfica atribui características humanas àquilo que não é humano. Tal imagem é usada com frequência para descrever as ações ou o caráter de Deus. A Escritura, por exemplo, ao afirmar que Deus tem "olhos", não pretende sugerir que Ele tem um corpo físico como o dos seres humanos, mas serve para referir-se metaforicamente à visão do Senhor.

[3] Leland Ryken, James C. Wilhoit e Tremper Longman III, eds., *Dictionary of Biblical Imagery*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998, p. 685.

[4] Phillip Keller, *A Shepherd Looks at Psalm 23*. Grand Rapids: Zondervan, 1997, p. 23,24 [*Nada me Faltará*, Editora Betânia].

[5] David C. Mitchell, "'God Will Redeem My Soul from Sheol': The Psalms of the Sons of Korah", *Journal for the Study of the Old Testament* 30 (2006): 365-84.

[6] Observe a discussão sobre a conexão entre o Salmo 143 e Romanos 3 por Richard B. Hays, "Psalm 143 and the Logic of Romans 3", *Journal of Biblical Literature* 99 (1980): 107-15.

PROVÉRBIOS

INTRODUÇÃO

TÍTULO

O título de ***Provérbios*** *(heb.* ***mashal*** *[forma singular], "representa, ser como" ou possivelmente de outra raiz que significa "governo ou ter domínio") segue o costume do Antigo Oriente Próximo de dar nome ao livro usando a primeira palavra do mesmo. Talvez essas ideias provenientes de raízes diferentes, porém quase idênticas, estejam até mesmo unidas. O sentido, nesse contexto, é "de peso ou sábio", ou seja, ditos autoritativos transmitindo a ideia de que a conduta tem de ser governada, ou regrada, por princípios contidos nesses ditos essenciais e vigorosos.* Quer mencionada como "provérbio, ditos de sabedoria, aforisma ético"; "discurso profético"; "parábola, alegoria, similitude"; "comparação"; ou "máxima" (cp. Nm 23.7,18; 1Sm 10.12; 24.13; 1Rs 4.32; Jó 13.12; 27.1; 29.1; Ec 12.9; Is 14.4; Ez 17.2; 18.2,3; 24.3; Mq 2.4), a ideia de estar sujeito a um padrão nas decisões de vida fica claramente entendida nesse nome.

Os escritores cristãos primitivos referem-se com frequência ao livro de Provérbios como ***Sophia*** (gr. "sabedoria"). A Septuaginta traz o título ***Papoimiai*** (gr. "ditos"); e Jerônimo, na Vulgata, intitulou o livro ***Liber Proverbiorum*** (lat., "livro de provérbios"). Na Bíblia hebraica, o título é ***Mishē*** [forma plural] ***Shelomoh***, "Os Provérbios de Salomão" nos escritos (composto de Sl, Jó, Pv, Rt, Ct, Ec, Lm, Et, Dn, Ed, Ne, 1 e 2Cr) na terceira e última seções; todavia, na Bíblia em português, o livro de Provérbios está localizado por gênero entre os livros poéticos, começando com Jó e terminando com Cantares.

CENÁRIO

No mundo da Antiguidade, o estudo da sabedoria era uma busca favorita, e o livro de Provérbios tem algumas características em comum com esses escritos de outras civilizações antigas. O cenário para o registro de muitos dos provérbios (que provavelmente existiram durante séculos antes de serem escritos) parece ter acontecido durante o período da monarquia em Israel, com muitos dos provérbios indicando uma conexão especial com a corte real (cp. Pv 16.14; 25.6,7; 31.1-9). Os provérbios também têm origem em vários grupos sociais diferentes e são dirigidos a estes.

Muitos dos provérbios são localizados em um cenário de família em que a instrução para o filho nas habilidades da vida piedosa vem do pai e da mãe. Há mais de sessenta referências a "filho(s)" (heb. ***bēn***, e.g., 1.10,15; 2.1; 3.1,11,12), sete a "jovem" (heb. ***na'ar***, 1.4; 7.7; 20.11; 22.6,15; 23.13; 29.15), 26 vezes a "pai" (e.g., 1.8; 3.12; 13.1; 23.24) e catorze a "mãe" (1.8; 4.3; 6.20; 10.1; 15.20; 19.26; 20.20; 23.22,25; 28.24; 29.15; 30.11,17; 31.1). O livro retrata os pais como responsáveis por ensinar aos seus filhos os princípios práticos sobre como viver a vida. Essa sabedoria, conforme registrada na Bíblia, é distinta daquela de outras nações porque o ponto de partida é a revelação de Deus de si mesmo, e não meras observações sobre o mundo. O Senhor provê o guia padrão para a perfeita sabedoria (1.7; 9.10). As observações sobre o mundo começam a fazer sentido apenas em relação àquEle que o criou.

GÊNERO

O nome do livro oferece um indício sobre o seu estilo ou gênero. "Provérbio" (heb. ***mashal***; veja a seção estudo de palavras, "Título" e 1.1) sugere formas literárias diferentes: ditos (e.g., 11.24; 17.27,28), discurso profético ("poesia", Nm 23.7,18), alegoria ("parábola", Ez 17.2; 24.3) e admoestações (e.g., Pv 23.10,11). O que é afirmado no provérbio não pretende ser um absoluto, pois pode haver muitas exceções; entretanto, expressa uma percepção geralmente aplicável. Um provérbio não argumenta; assegura. Não é uma apologia cuidadosamente construída, mas, sim, uma ilustração pé no chão. Contudo, o seu propósito didático — quer por meio da admoestação persuasiva, quer por intermédio de proibições definitivas — fundamenta tudo.

Este livro toma a forma de um guia para aqueles que buscam orientação construída sobre a sabedoria, imutável nos assuntos práticos da vida diária.

Os padrões imutáveis vistos no governo do mundo por Deus e nos preceitos divinamente prescritos para o viver no mundo de uma forma que agrade ao Senhor são envoltos na sabedoria a ser buscada e abraçada. Ouvir e seguir a instrução sábia tem consequências observáveis nesta vida (19.20). É possível que o livro tenha sido compilado sob instrução real como um manual para os príncipes jovens que, um dia, teriam grande autoridade. A sabedoria é aplicada a assuntos domésticos, econômicos e políticos — todas as arenas com as quais, um dia, um líder israelita jovem deparar-se-ia (cp. "Gênero" em Ec).

Embora os aproximadamente 375 provérbios da coletânea falem de muitos assuntos diferentes de uma forma clara e abrangente, eles parecem completamente independentes uns dos outros, exceto pelo fato de serem compilados em um único lugar. O paralelismo entre as linhas dos ditos, fenômeno reconhecido encontrado na poesia bíblica (cp. discussão na seção "Gênero" em Sl e Jr), domina o livro; e as suas distinções clássicas são reconhecidas como estas:

- sinônimos, em que a segunda linha repete a primeira de uma forma um pouquinho diferente (18.7);
- antitético, em que a segunda linha está em contraste com a primeira (12.5);
- sintético, em que a segunda linha amplia a primeira (6.4); e
- formal, em que a segunda linha completa a ideia da primeira (16.12).

O uso de provérbios é identificado como uma das formas antigas e mais populares de instrução da Antiguidade. A simplicidade e uso de objetos comuns nos provérbios inspira o processo de raciocínio, até mesmo na mente das pessoas comuns. Esses ditos cativam o coração e incitam a consciência, enraizando-se na vida daqueles que estão sendo ensinados. No século IV, Jerônimo recomendou o livro de Provérbios como o melhor texto para a instrução paterna quanto à vida piedosa de uma filha; e Matthew Henry, popular comentarista do século XVIII, descreveu a própria mãe como uma mulher versada nas regras de sabedoria de Provérbios, de Salomão, pelas quais ela, segundo ele testemunhou no funeral dessa sábia mulher, conduzia a sua vida.

Essa antologia de sabedoria didática oferece instrução e também observações por meio de declarações breves e vívidas sobre a vida cotidiana, das quais o leitor pode obter a formação de caráter e uma seleção de orientações práticas para uma vida bem-sucedida. Todos encontram ditos de esperança, embora nem todos os ditos sejam aplicados da mesma forma e ao mesmo tempo para todos os leitores.

Existem categorias distintas de provérbios:

- um evento histórico ou um dito coloquial aceito adaptado como a expressão de um sentimento geral aceito (6.27,28);
- uma referência literária metafórica do mundo da natureza ou uma vinheta de um indivíduo que inspira uma verdade moral (1.17; 6.6);
- uma verdade moral enigmática sob o disfarce de questões obscuras ou algum outro mecanismo de distração (30.4,15);
- expressões concisas de sabedoria embaladas em uma história alegórica cativante (9.1); e
- uma instrução didática ou decisões morais e de comportamento (1.5,33; 2.1-5).

AUTOR

A frase "Provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel" não só identifica claramente o rei Salomão na compilação do livro, como também confirma a sua identidade e linhagem exatas (1.1; cp. 10.1; 25.1; 1Rs 4.29-34; Mt 12.42). Contudo, a escrita e a compilação aparentemente não estavam na sua forma final pelo menos até o reinado do rei Ezequias (Pv 25.1), e a evidência confirma que outros contribuíram para o volume (22.17; 24.23; 30.1; 31.1). O título, no entanto, sugere que Salomão foi o autor mais importante e o primeiro coletor dos provérbios. O conteúdo desse livro também tem uma unidade de propósito e perspectiva que obscurece a diversidade de assuntos, apontando mais uma vez para um autor dominante. Alguns chegam até mesmo a considerar Agur (30.1) e Lemuel (31.1), dois outros colaboradores identificados pelo nome, como pseudônimos de Salomão, conclusão essa que não pode ser provada nem afeta a interpretação do texto.

Salomão, filho de Davi, o rei mais famoso de Israel, e a sua esposa Bate-Seba, ascendeu ao trono em meio a uma intriga real, ainda que com a

bênção do pai e a unção do profeta Natã. Salomão, ainda jovem, na casa dos vinte anos, começou um reinado de quarenta anos (971-931 a.C.) — período visto pelos historiadores como a época de ouro da história de Israel. Ele era descrito como o homem mais sábio da sua geração (1Rs 4.29-32) e é reconhecido como autor de cerca de 3.000 provérbios e 1.000 cânticos; portanto, não é de surpreender que a maior parte desse livro de sabedoria também seja atribuído a ele.

O talento de Salomão parece claramente intelectual, quer escrevendo, quer compondo, construindo e orientando a sua nação, negociando com outras nações por paz e prosperidade, oferecendo mediação e julgamentos entre os seus súditos, como também meditando e ensinando sobre os assuntos espirituais. A sua pena é responsável por mais do Antigo Testamento do que qualquer outro homem, exceto Moisés, autor do Pentateuco. Alguns comentam que o livro de Cantares deve ter sido escrito na sua juventude; Provérbios, nos melhores anos da sua vida adulta; e Eclesiastes, na sua velhice.

DATA

A maior parte do livro de Provérbios, com base no próprio texto, pode ser atribuída ao início do período da monarquia na história de Israel. O papel relevante de Salomão no livro e no fato de que, em Israel, a sabedoria era quase sinônimo de Salomão sustentariam que esses provérbios foram primeiramente coletados no século X a.C. sob a supervisão de Salomão. Ezequias trabalhou para editar e compilar esses ditos em uma forma posterior e, possivelmente, final (729-686 a.C.).

DESTINATÁRIOS

Essa compilação de ditos sobre o valor da sabedoria, junto com as suas muitas ilustrações da vida diária, indicavam com certeza que o autor queria ensinar o que considerava importante para uma vida na sua plenitude não só aos seus súditos, como também às gerações por vir. Os professores e pais, provavelmente, eram os alvos da instrução, uma vez que eles treinariam a juventude passível de ser educada (1.4,5). O grande objetivo desse livro é ensinar todos que fossem receptivos ao aprendizado, quer os jovens, quer os seus pais e professores. O autor parece ter como alvo os jovens não só pelo

uso contínuo da expressão "filho meu", como também pela sua advertência contra a adesão a gangues de jovens pecadores (1.10-19) e o envolvimento com prostituas (7.1-27). Contudo, isso não enfraquece de maneira alguma a importância dos princípios fundamentais do livro para as mulheres jovens e de todas as gerações (1.5,6). Em última análise, as verdades expressas não se limitam a uma geração, gênero ou etnia. As recompensas da sabedoria e a destruição da tolice são aplicáveis a todos.

PRINCIPAIS TEMAS

Embora o livro de Provérbios cubra muitos temas, o mais proeminente é a intenção do autor de ensinar sabedoria e discernimento para todos, especialmente para a geração mais jovem, incluindo os simples (1.2-4). A sabedoria é contrastada com a tolice ao longo do livro, e essas lições são fundamentais:

- A verdadeira sabedoria vem só de Deus (2.7).
- Essa sabedoria piedosa é mais valiosa que quaisquer posses (8.11; 16.16).
- Cada mulher e cada homem tem de escolher o seu caminho, embora a sabedoria esteja prontamente disponível para todos (4.5,7; 8.33).
- As recompensas por levar uma vida de santidade e justiça acompanham o sábio (8.32-25; 13.20,21).
- Os que rejeitam a sabedoria colhem as consequências dessa decisão tola de rejeitar a bondade de Deus e abraçar a insensatez do mundo (10.17; 18.6,7).

A maioria dos outros temas está, de fato, relacionada de alguma forma com esse tema dominante. Eles incluem esses princípios de orientação para as decisões práticas da vida cotidiana, não só projetando um objetivo valioso de obediência a Deus, como também o meio para alcançar esse objetivo. No processo, são tratados muitos aspectos diferentes das relações interpessoais:

- sobretudo, a responsabilidade pessoal para com Deus (1.7; 3.5);
- a orientação moral em questões da vida (1.10; 14.30; 16.5,18,19);
- as responsabilidades para com o próximo (20.7; 22.6); e

• a responsabilidade civil para com as autoridades governamentais (16.10,12; 20.28).

O autor também dirige os assuntos teológicos:

• Quem é Deus — onisciente (15.3,11; 21.2); onipotente (10.27,29; 12.2); e
• O que Ele faz — administra justiça (2.7,8; 16.2; 17.3; 29.26); mantém a sua aliança com o seu povo (2.21,22; 3.5-8; 2.219; 29.25); governa como soberano sobre todos (16.4,9; 19.21; 22.2).

A família figura de forma proeminente ao longo do livro, que pode ser considerado o manual de Deus para a vida em casa. As suas páginas são entremeadas de sabedoria para a família. Essa não é, de forma alguma, a única fonte de sabedoria divina para a família (cp. Êx 20.12,14,17; Dt 6.1-9). Contudo, o marido e a esposa são encorajados a ter uma união prazerosa e monogâmica (um homem e uma mulher), a despeito da poligamia tão prevalente nas nações circunvizinhas e da sua presença na família do próprio Salomão. Os pais são instruídos a treinar os filhos e educá-los para seguir o Deus Iavé (Pv 23.22-25; 29.15,17). A casa tem sempre de ser o melhor local para o treinamento dos filhos (cp. Dt 6.4-9). O autor também identifica os pecados que atacam a estrutura básica do lar e adverte contra cair presa desses ataques.

Talvez o mais impressionante sobre o livro de Provérbios seja o fato de que é tão relevante agora quanto na época em que foi escrito. A sua mensagem não é limitada ao povo de Deus, ou seja, a nação de Israel, mas aplica-se a todos os problemas humanos. O foco é o indivíduo, em vez da nação; e o conselho dado, embora prático, fundamenta-se solidamente no "temor do SENHOR". O seu conselho supera qualquer outra força, incluindo o entendimento pessoal (Pv 3.5-7). A natureza do pecado e a resposta à luta entre o bem e o mal não muda.

Essa coletânea de ditos representa uma visão de mundo distinta e muito complexa em que o mundo é reconhecido como um campo de batalha entre o bem e o mal, a sabedoria e a insensatez, a justiça de Deus e a perversidade do homem — exatamente como no mundo moderno. É inevitável que toda decisão traga consequências, embora a justiça de Deus

possa tardar no mundo caído. Ainda assim, o Senhor deixará tudo certo e perfeitamente adequado ao seu propósito divino no seu tempo.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO (1.1-6)

I. INSTRUÇÃO PARA OS JOVENS (1.7—9.18)
- A. O Prelúdio para a Verdadeira Felicidade por meio da Sabedoria (1.7—4.27)
  - 1. Uma advertência da sabedoria (1.7-19)
  - 2. Um convite da sabedoria (1.20-33)
  - 3. As recompensas da sabedoria (2.1—4.27)
- B. O Prelúdio para o Pecado por causa da Insensatez (5.1—7.27)
  - 1. A advertência contra cair na armadilha da imoralidade (5.1-23)
  - 2. A advertência contra a preguiça e a maldade (6.1-19)
  - 3. Outra advertência contra a imoralidade (6.20—7.27)
- C. A Personificação da Sabedoria (8.1—9.18)
  - 1. Uma descrição (8.1-36)
  - 2. Um convite (9.1-18)

II. UM EXAME DA SABEDORIA *VERSUS* A INSENSATEZ (10.1—22.16)
- A. O Contraste entre a Sabedoria e a Insensatez (10.1—15.33)
- B. As Lições Espirituais com Aplicações Morais e Éticas (16.1—22.16)

III. UMA COLETÂNEA DE PROVÉRBIOS ADICIONAIS (22.17—24.34)
- A. A Primeira Série (22.17—24.22)
- B. A Segunda Série (24.23-34)

IV. A COLETÂNEA FEITA PELOS HOMENS DE EZEQUIAS (25.1—29.27)

V. APÊNDICES DO LIVRO (30.1—31.31)
- A. As Palavras de Agur (30.1-33)
- B. As Palavras de Lemuel (31.1-9)
- C. O Acróstico da Mãe de Lemuel (31.10-31)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

INTRODUÇÃO (1.1–6)

1.1-6 A frase inicial aponta o título e o autor do livro (veja a seção Introdução). ***PROVÉRBIOS*** *(heb.* ***mashal****, "provérbio, dito de sabedoria, sentimento, máxima", muitas vezes tomando a forma de uma similitude, comparação ou parábola) contém ditos que são a regra e o governo da vida, embora o livro tenha mais que "provérbios". No entanto, esses ditos concisos, contundentes e cuidadosamente elaborados — figuras de linguagem predominantes no livro — não só atraem o interesse do leitor, como também deixam uma impressão duradoura mesmo quando ensinam importantes verdades espirituais (veja a seção "Título").*

Esse método de ensinamento usa o humor e o senso comum, bem como o simbolismo e outros recursos literários para ajudar o leitor a aprender com a experiência, o exemplo ou o corpo geral de verdade; e, depois, focar uma questão particular; e, por fim, escolher o melhor curso de ação. O livro não é dividido em seções de acordo com o assunto, mas pretende ser digerido em pequenos bocados, permitindo que o indivíduo pondere e analise cada pensamento ou objeto de lição.

O autor está comprometido com a instrução dos jovens e dos que necessitam de sabedoria (1.2-4). O seu objetivo para essa instrução parece ter dois pontos: alcançar a **sabedoria**, ou seja, aprender o que é certo e verdade (vv. 3,4), e alcançar discernimento sobre como usar essa sabedoria (v. 5).

A ***SABEDORIA*** *(heb.* ***chokmah****, "habilidade, julgamento agudo, lição corretiva", v. 2), usada mais comumente ao longo do livro, é compreendida no sentido de tomar decisões de acordo com os princípios piedosos para manter-se sob a moderação disciplinada e o controle de Deus Iavé a fim de escolher com sabedoria e corrigir os erros em um percurso bem-sucedido na jornada da vida. Esse discernimento entre certo e errado e entre bem e mal faria o indivíduo ser útil para Deus e valioso para a comunidade. O Antigo Testamento usa com frequência essa palavra em conexão com a habilidade dos artesãos e artífices (cp. Êx 28.3; 31.3,6; 35.26,35; 36.1,2). Somos, em um sentido, chamados a ser artesãos da vida fundamentada na verdade, no amor e na justiça. Temos*

de praticar a justiça com fidelidade e consistência para que ela torne-se uma segunda natureza de quem somos e do que fazemos.

***CONHECER** (heb. **yada‘**, "conhecer, realizar, perceber, ficar consciente ou ciente de" com o sentido tanto de adquirir conhecimento intelectual quanto de alinhar a vida a isso, Pv 1.2) todas essas exige bastante internalização pessoal da sabedoria para fazer uma diferença na sua vida — o que você pensa e faz.* Isso sugere não ficar satisfeito com uma pequena quantidade de santidade aqui ou ali. Antes, essa sabedoria, conforme fica aparente, exige o máximo na vida santa e santificada (separada). Todo o conhecimento moral no mundo é inútil sem o discernimento para aplicá-lo corretamente e sem o compromisso para fazer isso. Muitas pessoas sabem o que é bom, mas não o praticam.

*A ideia de **INSTRUÇÃO** (heb. **musar**, "treinamento, disciplina, correção", especialmente nesse contexto, "a autoridade a quem qualquer aluno tem de submeter-se", v. 2) está inextrincavelmente ligada à sabedoria (Pv 1.7; cp. 1.2,3; 3.11; 4.1,13). Essa palavra não é usada apenas no sentido de instruir/corrigir, mas também com a ideia de castigar/bater (cp. 13.24; 22.15; 23.13).* A sabedoria e a instrução não podem ser separadas na tarefa de modelar o caráter, um lembrete de que essa "sabedoria" não é uma tarefa fácil. Aprender a Palavra de Deus leva tempo e exige compromisso com as disciplinas necessárias para desenvolver uma natureza moral agradável a Deus. A sabedoria exige a correção no processo, pois você não "acerta" todas as vezes. Tem de submeter-se à autoridade de Deus e, por conseguinte, à correção dEle.

O outro lado da instrução em sabedoria é o **entender** [heb. ***bin***, "explicar, ensinar, perceber, discernir"] **as palavras da prudência** [heb. ***binah***, "compreensão, discernimento", 1.2]. O entendimento capacita-nos a distinguir e a separar por intermédio da avaliação inteligente e do discernimento criterioso e, assim, a aplicar tanto o conhecimento quanto a habilidade no momento certo e nas circunstâncias apropriadas. A gratificação instantânea ou o apoderar-se dos seus desejos tem de ser superado pela obediência piedosa.

O conteúdo da **instrução do entendimento** para o estudante é descrita como (v. 3):

- ***JUSTIÇA** (heb. **tsedeq**, "correção, retidão, justiça, probidade" no sentido de integridade, virtude e piedade) diz respeito a conformar-se a um padrão, ou seja, nesse contexto, a concordância com a Lei moral de Deus. A justiça prática envolve efetuá-la, ou seja, executar de forma ativa a justiça em todas as esferas da vida.*

- ***JUÍZO*** *(heb.* ***mishpat****, "julgamento, peso justo", usando o peso do julgamento como acontece com um árbitro que está em litígio para determinar o que é certo) aqui é em referência a tomar decisões de forma apropriada. Precisamos desenvolver a habilidade de avaliar corretamente o que a vida traz a cada um de nós para discernir entre o bem e o mal. Isso nem sempre é fácil!*
- ***EQUIDADE*** *(heb.* ***mēshar****, "integridade, retidão, equidade") é derivado de* ***yashar****, uma raiz verbal com o sentido de "ser reto ou justo"; cp. estudo da palavra, 14.2. A instrução encontrada em Provérbios é preparar para uma vida que seja agradável aos olhos de Deus e justa com os outros, um caminho "reto" de vida sem perversão nem corrupção (cp. 2.9). Em suma, os leitores são chamados à vida prudente e ao comportamento reto, ou seja, fazendo o que é certo, justo e honrado aos olhos do Senhor.*

A perspectiva, portanto, muda para o mestre. *O seu programa inclui* ***PRUDÊNCIA*** *(heb.* ***'ormah****, "inteligência, prudência, sutileza", 1.4; cp. 8.5,12), em outras passagens tem uma conotação ruim (cp. Êx 21.14; Js 9.4). Um adjetivo de mesma raiz descreve a serpente no Jardim do Éden. A perspicácia da criatura foi usada para enganar e incitar a rebeldia deliberada contra Deus (Gn 3.1). O lado positivo da perspicácia é a capacidade de discernir a perversidade em todas as suas manifestações a fim de poder fugir dela a todo custo.* O mestre quer que os seus pupilos tenham a habilidade de antecipar a vinda do mal e preparar de forma eficaz para evitar essa armadilha fazendo escolhas sábias (Pv 1.4; cp. 13.14; 22.3).

O autor dirige-se a três tipos de leitores:

- ***O SIMPLES*** *(heb.* ***peti****, "jovem, ingênuo, simples, tolo") é ignorante, sem sabedoria, com discernimento falho — crédulo e fácil de ser desviado (1.4; cp. 9.4,16; 22.3).* O autor de Provérbios identifica de forma específica o inexperiente como **jovens** (heb. ***na'ar****,* 1.4) imaturos e ingênuos que têm muito a aprender.
- *Salomão dirige-se até mesmo aos sábios, que nunca sentem que sabem demais para aprender algo mais e que "****OUVIR*** *[heb.* ***shama'****, "ouvir" as palavras ditas com a intenção de obedecer a elas] e aumentar o seu aprendizado (heb.* ***leqach****, "sábios conselhos", 1.5; cp. 9.9; 16.21).*
- "O instruído ***ADQUIRIR*** *[heb.* ***qanah****, "adquirir, conseguir", não apenas de forma passiva, mas também ser intencional na sua busca]* ***SÁBIOS CONSELHOS*** *(heb.* ***tachbulot****, "conselho sábio, a arte da liderança", 1.5; cp. 11.14). Essa*

palavra, provavelmente, é associada com um termo náutico para direcionar as cordas de um navio.

INSTRUÇÃO PARA OS JOVENS (1.7——9.18)

O Prelúdio para a Verdadeira Felicidade por meio da Sabedoria (1.7—4.27)

Uma advertência da sabedoria (1.7-19)

1.7-9 *O cerne do livro de Provérbios é o conceito de "temor do SENHOR" como "o* ***PRINCÍPIO*** *[heb.* ***rē'shit****, "ponto de partida, parte principal ou primeira" no sentido de fornecer o fundamento do qual a sabedoria pode aumentar; cognitivamente uma consciência de quem Deus é e do que quer que você faça] da ciência" (v. 7; 4.7). O "****TEMOR*** *[heb.* ***yir'ah****, "reverência, piedade, veneração", com o sentido de sua própria fraqueza e uma apreensão dos perigos enfrentados] do SENHOR" motiva a pessoas a fazer o certo fundamentadas em uma atitude de amor e confiança que possui você de tal forma que não ousa desobedecer. Você acredita no que Deus diz que fará e ama-o; acredita nas advertências sobre o que Ele proíbe e teme-o. Você, ao mesmo tempo, encolhe-se em temor da ira de Deus enquanto chega mais perto porque é atraída em temor respeitoso pela presença dEle. Você não está congelada de terror e incapaz de agir, mas também não se sente livre para mover-se segundo os seus próprios caprichos. Esse "temor do SENHOR" pavimenta o caminho para o entendimento perspicaz e estimula-a a ir adiante em obediência. É a submissão por meio da obediência reverente. Veja a seção "Excurso: 'O temor do Senhor'", p. 197,198* Você, para tornar-se uma mulher sábia e compartilhar com as outras mulheres, tem de começar por abraçar o "temor do SENHOR" (1.7; cp. v. 29; 2.5; 9.10; 14.26,27; 15.33; 22.4).

Em contraste, os ***LOUCOS*** *(heb.* ***'ewil****, "idiota", 1.7) são aqueles que, por implicação, são fracos e imprudentes. Eles, em geral, não buscam conselho e, na verdade, recusam-no quando é oferecido. Eles são introvertidos no sentido de confiar nos próprios recursos e determinar-se a seguir os próprios desejos. Inevitavelmente, a insensatez e autossuficiência deles leva a atos irracionais e até mesmo perversos (12.16). Eles recusam-se a consertar os erros (14.9) e não têm consideração pelos outros (12.16). Os loucos não são necessariamente faltos de inteligência nem mesmo de conhecimento em geral, mas falta-lhes conhecimento moral e discernimento, e eles são obstinados em recusar o caminho de Deus (12.15; 15.5; 20.3; cp. 17.10).*

A expressão **filho meu**, que ocorre aqui e com frequência no início dos capítulos do livro (1.8; cp. vv. 10,15; 2.1; 3.1,11,21; 4.10,20; 5.1,20; 6.1,3,20; 7.1; também cp. 5.7; 7.24; 8.32), indica a instrução paternal, mas não está limitada a ela, que obviamente é a fonte mais importante de instrução espiritual e moral. Qualquer alvo de instrução, quer filho biológico, quer filho ou discípulo espiritual, poderia ser tratado dessa maneira íntima. A frase não é excludente de gênero na sua aplicação e refere-se a toda a Israel, bem como a todos os seguidores de Iavé ao longo das gerações.

Tanto o pai quanto a mãe são mencionados aqui e também nas outras passagens (1.8; cp. 6.20; 10.1); e o respeito e honra aos pais, bem como a obediência à orientação deles e aceitação da disciplina deles é importante. Deus deu a sua aprovação à disciplina por parte dos pais, que se presta de forma única a oferecer autoridade com ternura. E qualquer seguidor de Cristo percebe que é um filho de Deus e, por conseguinte, está sujeito à orientação do Senhor muito depois de sair da infância.

O ensino inclui ***INSTRUÇÃO*** *(heb.* ***musar****, veja estudo da palavra, p. 152) e "doutrina" (heb.* ***torah****, "lei", possivelmente um cognato do verbo com o sentido de "apontar ou direcionar", v. 8; veja o estudo da palavra, Sl 1.2) o que poderia sugerir apontar ou guiar o filho na direção certa e trazer à equação a autoridade que acompanha a Lei de Deus.* Essas referências à mãe parecem estranhas na literatura do Antigo Oriente Próximo. Contudo, a mãe, nesse livro, é uma parte importante da equipe de pais. *O resultado da aceitação dessa orientação dos pais é um "diadema de* ***GRAÇA****" (heb.* ***chēn****, "charme, graça, elegância"; cp. Pv 4.9; veja o estudo de palavra 11.16; 31.30) — a qualidade cativante em deixar alguém agradável, encantador e usado como a recompensa pela vitória e sucesso — e "colares (heb.* ***'anaq****, "sinal de honra ou distinção", de uma raiz sugerindo "ao redor"] para o teu pescoço" (1.9).* Talvez essas metáforas simbolizem proteção e exponham, em um sentido figurativo, os resultados dos ensinos dos pais — uma combinação de ornamentação que realça e, ainda assim, é uma conexão de ligação ou o adorno da obediência, como o pescoço que se curva diante da autoridade, em vez de "endurece[r] a cerviz" (29.1).

1.10-19 O caminho da perversidade é sempre o mesmo, e ali sempre estão aqueles que fazem convites sedutores à transgressão. **Blandícias** (heb. ***patah***, "persuadir alguém oferecendo uma tentação sedutora", v. 10) descreve o modo pelo qual esses jovens são abordados quando são seduzidos a uma vida de transgressão e até mesmo de atividade criminal (vv. 11,12;

cp. 16.29). A escolha de fazer o mal (1.10-14) sempre leva à destruição (vv. 15-19). O termo ***PECADORES*** *(heb.* ***chatta'****, "alguém que falha, tropeça, cai", v. 10) fala da raiz do pecado, ou seja, ficar aquém do padrão de Deus, o que se aplica aos pensamentos e também às palavras e obras.* Em meio às seduções malignas, os pais do jovem inserem a sua advertência sábia (vv. 15,16).

Os termos ***SHEOL*** *(TEB; heb. "o lugar da morte, túmulo, destruição, desolação, vazio, submundo"), traduzido muitas vezes por inferno e usado como uma metáfora para inferno (veja estudo de palavra 30.16; Jó 17.13) e* ***COVA*** *(heb.* ***bor****, "mundo da morte, sepultura") são muitas vezes equiparados e, como aqui, usados de forma metafórica para descrever um poder que persegue as suas vítimas com a intenção de "trag[á]-l[as] viv[as]" (Pv 1.12; cp. Is 5.14). Em Provérbios, o termo é ligado à insensatez.*

Um convite da sabedoria (1.20-33)

1.20-23 É possível usar uma figura de linguagem para deixar mais clara a revelação de si mesmo por parte de Deus e dos seus planos. Assim, mudar ou distorcer o que Deus escolheu cuidadosamente para ser escrito é perigoso. A personificação da sabedoria ocorre três vezes (1.20-33; 8.1-36, 9.1-6). **Sabedoria** (heb. ***chokmah***; veja estudo da palavra, 1.2) é plural no hebraico, talvez enfatizando a sua importância imensa e escopo abrangente. Ela não é privada e esotérica, mas tem uma aplicabilidade abrangente em todas as esferas da vida (vv. 20,21). A descrição dos destinatários muda de **loucos** (os ignorantes, ingênuos) para os **escarnecedores** (os que respondem com rebeldia) e os **néscios** que **despreza[m] o conhecimento** (NVI; descrevendo o impiedoso e imoral), cada um dos quais segue no seu próprio caminho sem considerar a mensagem de "sabedoria" (v. 22).

Embora hoje mudar a linguagem em um esforço para ser politicamente correto não seja sábio, mudar o que Deus inspirou no passado para apoiar agendas modernas não é honesto.

1.24-33 A sabedoria é rejeitada — o seu convite é ignorado, e as consequências são anunciadas (vv. 24-28). A linha de demarcação é apresentada mais uma vez por aqueles condenados.

Comerão do fruto [metáfora para as consequências das escolhas pessoais] **do seu caminho** (um estilo de vida à parte da sabedoria; 1.31) é a consequência natural observada de forma consistente ao longo de Provérbios e outras passagens da Escritura (cp. 18.21; Is 3.10; Jr 26.3; Os 11.13). As consequências desagradáveis não são apenas a punição divina; são as consequências naturais do pecado. Este mundo tem uma ordem moral; as ações têm consequências; e as ações pecaminosas têm consequências infelizes. Os pecadores colhem o que plantaram. O **desvio** significa julgamento e retribuição e, em última análise, destruição (Pv 1.32), mas ouvir com determinação para obedecer significa proteção e segurança no Senhor (v. 33).

As recompensas da sabedoria (2.1—4.27)

2.1-22 O capítulo começa tratando o desenvolvimento do caráter por meio do ensino dos pais (vv. 1-4) e da internalização do temor ao Senhor a fim de encontrar sabedoria (vv. 5-8) e também abraçar o discernimento justo (vv. 9-11). A seguir, vem o ataque por parte dos homens perversos (vv. 12-15) e de uma mulher estranha (vv. 16-19), seguida pelo desafio de buscar o **caminho dos bons** para ter uma vida bem-sucedida (vv. 20-22).

Esses 22 versículos são separados como um poema literário acróstico, ou alfabético. O número de versos é igual ao número de letras do alfabeto hebraico. O capítulo é moldado como uma sentença muito longa em que cada versículo na Bíblia hebraica começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico — um recurso poético que transmite a completude dessa advertência contra rejeitar a sabedoria e abraçar o mal (vv. 1-22; cp. 31.10-31 com o mesmo fenômeno).

O autor descreve os **tesouros escondidos** — tão preciosos a ponto de serem escondidos e tão preciosos para merecerem o esforço e a energia necessários para consegui-los e usá-los — vindo do **temor do SENHOR** (2.4,5).

- **O conhecimento de Deus** é o começo do entendimento da sabedoria e do caminho para o deleite no Senhor (v. 5). O **entendimento** eleva o conhecimento a um novo patamar de discernimento (v. 6), seguido pelo **escudo** e proteção, que são as recompensas naturais por abraçar essa sabedoria (vv. 7-8). Em suma, buscar a sabedoria é mover-se em direção a

Deus, que é a fonte suprema da genuína sabedoria. A obediência à sua Palavra traz a alegria da intimidade pessoal com Ele.

- **Todas as boas veredas** são marcadas pela **justiça** (heb. ***tsedeq***, "correção"), **juízo** (heb. ***mishpat***) **e equidade** (heb. ***mēshar***, "retidão, probidade, integridade") — qualidades associadas com o caráter de Deus (v. 9; veja o estudo de palavra 1.3). O discernimento moral é inevitável nessa pesquisa. Você pode saber o que é certo, justo e íntegro e, com isso, ter o potencial para viver sua vida com ações que garantem sucesso.
- **Entrará no teu coração** sugere o prazer puro que vem da mente e coração impregnados de sabedoria (2.10). O resultado final é uma mudança completa de dentro para fora — a sabedoria habita seu coração e, depois, trabalha para tudo o que você persegue.
- A libertação começa com a vigilância do **bom siso** (heb. ***mezimmah***, "prudência, poder de planejar"; cp. 1.4; 3.21; 5.2) e a **inteligência** (heb. ***tavun***, "competência", sinônimo de ***bin***, que denota o processo de avaliação e discernimento cuidadosos e aplicados de forma concreta e prática) e termina com sua salvação (2.12).

Primeiro, ***CONSERVARÁ*** *(heb.* ***natsal****, "arrebatar, remover, liberar", vv. 12,16; veja estudo da palavra Sl 7.1,2) você "do homem que diz coisas* ***PERVERSAS****" (heb.* ***tahpukah****, "engano, fraude", da raiz* ***haphak****, "subverter, derrubar, revolucionar" como no sentido de um estilo de vida confuso, desordenado) é necessário (Pv 2.12-15) ou de alguém que traz sofrimento e miséria. Então, surge o perigo da mulher* ***ESTRANHA*** *(heb.* ***zur****, "esquisita, virar de lado, desviar, distanciar ou remover" no sentido de alguém de fora da comunidade da aliança que põe em perigo toda a comunidade por causa do seu comportamento, não necessariamente uma estrangeira ou adúltera, embora o contexto sugira esse sentido aqui; v. 16).*

A ***ESTRANGEIRA*** *(heb.* ***nokri****, "alguém que vira para o lado, desvia, estranha, profana, ilegítima; alguém que permanece fora da família ou até mesmo uma estrangeira pagã") — nesse contexto é mais provável que se trate de uma mulher que rejeita a fidelidade conjugal ou que seja uma prostituta — traga total ruína moral (vv. 16-19).*

Vários pontos caracterizam essa mulher:

- Ela **lisonjeia com as suas palavras** (v. 16).
- Ela descarta o compromisso da aliança **pelo guia da sua mocidade**, o que com certeza é uma referência ao seu marido (v. 17).

- Ela causa danos que se estendem para além da infidelidade sexual, incluindo a **morte** (v. 18). Essa mulher dá as costas para a sua família, para os compromissos pessoais, ou seja, o seu marido (v. 17a); para a terra (vv. 18,21,22); e para a lei (v. 17b).

3.1-12 Essa passagem usa outra ferramenta literária para ajudar o leitor. Os versículos ímpares expressam os mandamentos explícitos (**não te esqueças**, v. 1; **não te desamparem**, v. 3; **confia [...] não te estribes**, v. 5; **teme ao SENHOR**, v. 7, etc.), enquanto os de número par observam as recompensas advindas da obediência às admoestações divinas (**acrescentarão anos de vida e paz**, v. 2; **graça e bom entendimento**, v. 4; orientação, v. 6; **remédio**, v. 8; etc.).

Lei (heb. ***torah***, v. 1; veja estudo da palavra, 1.8) é uma referência a todo o catecismo de instrução encontrado no livro. *O termo* ***MANDAMENTOS*** *(heb.* ***mitswah****, do verbo* ***tsawah****, "estabelecer, constituir, encarregar") é muitas vezes ligado com "ensino", sugerindo a urgência e a especificidade existente entre o professor e o pupilo (3.1; cp. 2.1; 6.20).* Os judeus, desde a época do Antigo Testamento até agora, colocam a Escritura no batente da porta; o ***mezuzah*** (heb.) é um pequeno recipiente no qual são depositados vários versículos da Escritura. Ele é preso diretamente ao batente a fim de lembrar cada membro da família que a Palavra do Senhor determina aonde ele vai, com quem interage e o que diz e faz. Ele vê o mesmo lembrete quando volta para casa. Os judeus ortodoxos ainda usam filactérios que contêm porções da Escritura presas estrategicamente no seu corpo para lembrá-los da Palavra de Deus. Contudo, esses lembretes são externos; Deus quer que você coloque a sua Palavra em seu **coração** (3.3). Esses ensinamentos sábios têm de estar próximos de seu corpo para que estejam sempre disponíveis para você (v. 3; cp. 1.9; 4.9; 6.21).

A recompensa prometida de "aumenta[r] os teus dias" e também de "paz" (heb. ***shalom***, "paz, inteireza", 3.2) são resultados naturais da sabedoria, que, na verdade, pode manifestar-se em um estilo de vida saudável e livre de ansiedade.

Todos os dias são um dom de Deus, e só Ele determina a extensão da vida. Ele também usa as adversidades da vida para edificar o caráter e capacitar os seus filhos a produzir um testemunho prolífico e, no processo, glorificá-lo. O perverso e o desobediente podem, de fato, viver mais e ter mais, mas a prosperidade deles é vazia e dentro dos limites terrenos (cp. Jó

21.28-30). Para todos os cristãos, o futuro é a vida eterna e toda bênção do Céu, e os anos na terra são apenas uma passagem para a paz e cumprimento derradeiros.

Confia (heb. ***batach***, "contar com, fiar-se, pôr esperança em, estar seguro sem medo" no sentido de confiança firme e certa em outro, Pv 3.5) **no** SENHOR e **reconhece-o** liga a persuasão fervorosa à garantia fiel (v. 6). Você não pode deixar de observar a ênfase na exclusividade — ou seja, não abraçar suas próprias percepções, mas focar totalmente a verdade de Deus e os seus caminhos — e nas prioridades — o caminho de Deus antes e acima do seu próprio caminho.

Ao longo de Provérbios, um livro de contrastes, você encontra a justaposição de colocar sua esperança no Senhor com a futilidade de confiar em sua própria sabedoria — sabedoria esta essa que não se sustenta em relação ao contra o Senhor e a sua Palavra (17.3). O conceito de pecado definido como seguir o próprio caminho não é novo no livro de Provérbios (e.g., 12.15; cp. Jz 17.6; 21.25; Is 5.21; 53.6), mas as consequências desse caminho são expostas do começo ao fim (Pv 1.29-31; 3.11,12; 5.11-13; 9.12; 13.10,13,18; 15.10,24; 16.25; 26.12; 28.26; 29.15; 30.32,33). O Senhor criou em cada mulher e homem um vazio a ser preenchido apenas por Ele. Você está destinada a precisar do conselho de Deus e a desejar intimidade com ele. Quando aconteceu a Queda no jardim do Éden, no cerne da rebelião pecaminosa de Adão e Eva estava o desejo de independência de Deus. A determinação de seguir o próprio caminho é uma autogratificação perigosa que tira sua atenção de Deus e do amparo aos outros para suprimir as necessidades deles.

Honra (heb. ***kavad***, "ser pesado ou de peso" no sentido de dar proeminência ou apreço por causa do valor de alguém, 3.9) **ao SENHOR** é um lembrete de que o que você faz para as causas do Reino ou para os outros, em última análise, é uma forma de trazer honra a Deus, que lhe deu tudo o que você tem. Também é uma admoestação para dar a Deus **as primícias** como uma expressão de gratidão pelas bênçãos abundantes do Senhor e ação de graças pelo seu cuidado contínuo da criação, ou seja, o melhor, não apenas o que é deixado de lado após você satisfazer todas suas vontades e carências (vv. 9,10; cp. Êx 22.29; 23.19a; 34.20; Lv 23.10; Lc 11.42).

A **correção** (heb. ***musar***, "treinamento, disciplina, instrução", Pv 3.11; veja o estudo de palavra, 1.7) faz parte do processo pedagógico. A ajuda a

uma criança, quer oral (1.2), quer fisicamente (cp. 13.24; 22.15; 23.13), para obedecer, às vezes, exige uma correção dolorosa a fim de trazê-la para o caminho certo. As correções podem até mesmo tornar-se aflições de amor e também advertências para evitar um julgamento maior. Na verdade, se o professor ou os pais não administram essa "correção", torna-se parte do delito. Na relação entre o Senhor e os seus filhos, a correção é um sinal do amor de Deus (cp. Dt 8.5; Hb 12.3-12; Ap 3.19). A "correção", a formação por um Pai celestial amoroso é o meio para alcançar a obediência e o fruto da caminhada no caminho do Senhor, e não a punição vindicativa de um Deus irado. As palavras mui repetidas de C. S. Lewis expressam isso bem: "Deus sussurra para nós em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nosso sofrimento".[1]

3.13-35 O mestre passa para um excurso sobre a sabedoria (vv. 13-26) em que louva o valor dela (vv. 13-18), observa mais uma vez a sua conexão com o Criador (vv. 19-20) e, depois, aplica ao leitor, reiterando as maneiras como ele pode abraçar e utilizar a sabedoria na sua vida (vv. 21-26). Os versículos 17 e 18 são recitados na adoração judaica moderna quando a Torá é levada de volta para a sua Arca. O louvor mais alto da sabedoria vem de Deus mesmo, que possui sabedoria, criou o mundo por meio da sabedoria e continua a governar o mundo por meio dela (vv. 19,20). A mesma sabedoria usada por Deus na criação do mundo agora é uma ferramenta valiosa para viver bem nesse mundo.

Nenhum livro da Bíblia trata das relações interpessoais de maneira mais direta que Provérbios. A Escritura, com certeza, não exige que você dê o que não tem (v. 27; cp. 2Co 8.12; Gl 6.10); no entanto, a abnegação de Cristo e a ênfase cristã no responder aos outros assume o centro do palco aqui. O **teu próximo** (heb. ***rēa‘***, "amigo, companheiro, conhecido", Pv 3.28,29) é sua responsabilidade, e há cinco advertências referentes a como você se relaciona com Ele:

- **Não detenhas [...] o bem** (v. 27). É necessário dar atenção às obrigações da vida — pagar o que foi emprestado (Sl 37.21), pagar o trabalhor pelo seu trabalho (Tg 5.4) ou satisfazer a necessidade pessoal de alguém (Sl 82.3,4; 1Jo 3.17). A bondade não é uma opção para o cristão, e o amor não é reservado aos que são passíveis de ser amados ou que fazem parte do círculo familiar. A sensibilidade para o pesar e o sofrimento dos

outros, a disposição de dedicar tempo, energia e recursos satisfazendo as necessidades dos outros: essas são as virtudes cristãs.

- **Não** dê as costas nem adie (Pv 3.28). A resposta à necessidade não está sujeita à programação ou conveniência pessoal, mas à necessidade e sua hora.
- **Não maquines mal** (v. 29). Os direitos pessoais muitas vezes estimulam retribuição. As faltas dos outros ou a tentativa de consertar os erros cometidos contra os outros às vezes inspiram o que pode parecer ser a justa recompensa para uma pessoa que errou. Contudo, o caminho de Deus é a paciência amorosa.
- **Não acuse [...] sem motivo** (v. 30, NVI). Deus determina a administração de justiça. Os cristãos são advertidos sobre participar de brigas.
- **Não tenhas inveja do homem violento, nem escolhas nenhum de seus caminhos** (v. 31). Não é possível honrar ao Senhor mesmo fazendo algo para corrigir um erro quando faz isso da maneira do mundo.

4.1-9 A casa continua a ser o lugar mais importante para a educação, e os pais têm a oportunidade para exercer uma influência mais profunda e duradoura sobre o filho. A **correção** (heb. ***musar***, "exortar, advertir", e entendido nesse contexto como domínio próprio e orientação, v. 1; veja estudo da palavra, 1.7) é mais uma vez colocada no cenário da família, pois o autor relata a instrução dos pais e o cuidado amoroso tanto do pai como da mãe. O pai aponta para os **mandamentos** (v. 4), **sabedoria**, e **entendimento** (NVI) e até mesmo as **palavras da [...] [**sua**] boca** (v. 5), tudo o que tem de ser adquirido e assimilado. A correção dura não está em vista aqui, mas, antes, a modelagem da vida sob a governança correta a fim de conseguir sucesso.

4.10-19 A escolha do **caminho da sabedoria** (heb. ***chokmah***, v. 11; veja palavra de estudo, 1.2) é a correta que leva à prosperidade e segurança (vv. 11,12). A metáfora é uma estrada, e a segurança vem de escolher um caminho livre de impedimentos. A sabedoria para escolher esse caminho tem de ser abraçada de forma fervorosa e guardada de forma zelosa para evitar a **vereda dos ímpios**, que tem de ser evitada a todo custo (vv. 13-15). A advertência aqui, como em outras passagens, é evita[r] o começo do mal (v. 15; cp. Tg 1.14,15). Ao contrário de Davi, que se permitiu dar um

passo no caminho errado (2Sm 11.2-4), você tem de rejeitar e até mesmo fugir das tentações (1Co 6.18; 2Tm 2.22).

4.20-27 A ênfase nessa seção não é a escolha de um caminho, mas, sim, as virtudes da **vereda** [certa] **de teus pés** (v. 26). *Todas as ações e atitudes vêm do* ***CORAÇÃO*** *(heb.* ***lēvav****, "centro dos sentimentos e afetos", v. 21) e da mente. Os hebreus consideravam o coração a essência de quem a pessoa é, que pode ser diferente de quem ela aparenta ser para os outros (cp. 1Cr 28.9; Lc 6.45). O que se concebe na mente passa a ser a paixão do coração — e, no fim, traduz-se em palavras e atos (cp. notas sobre "coração", Pv 7.3-27; sobre "pensamentos", 12.5). O coração, por conseguinte, é, em um sentido real, o centro de controle, a base da vontade e da responsabilidade moral. Por essa razão, o coração tem de ser guardado com cuidado (4.23).*

Ao buscar o caminho **diretamente diante**, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda, então seu corpo todo, motivado e inspirado pelo "coração", fica focado em mover-se no caminho certo. Seus ouvidos ouvem as palavras do mestre (v. 20); sua **boca** oferece linguagem casta e modesta (v. 24); seus **olhos** veem o caminho de justiça (v. 25); seus **pés** se movem em direção ao caminho certo, e não se desviam em direção ao **mal** (v. 27); e guardar o coração determina o que você diz, vê e faz. Você tem de saciar seu coração com sabedoria e com o que é bom aos olhos de Deus.

O Prelúdio para o Pecado por causa da Insensatez (5.1—7.27)

A advertência contra cair na armadilha da imoralidade (5.1-23)

5.1-14 A **mulher estranha** (heb. ***zur***, "esquisita, imoral", v. 3; veja estudo da palavra, 2.16) é o assunto de três seções de ensino (5.1-23; 6.20-35; 7.1-27). A identidade dessa mulher não fica clara no texto: uma mulher desconhecida, uma prostituta, a esposa de alguém conhecido do jovem, uma mulher de outro país. Contudo, a identidade da mulher não é tão importante quanto a decisão diante do jovem, que é casado e instruído na Lei de Deus. Essa sedutora, de qualquer modo, é eficiente em persuadir o jovem a praticar imoralidade. A educação, a autodisciplina e todos os esforços em autossuficiência não são suficientes. Ela identifica e persegue a fraqueza da sua vítima com encantos doces e sedutores, incluindo o louvor vazio (5.3), e, todavia, o fim traz amargura e **morte** (vv. 4,5). *O* ***ABSINTO***

(heb. ***la'anah****), uma planta silvestre branca comum e com um gosto picante encontrada na Palestina da Antiguidade, é usado na Escritura como um símbolo de algo amargo e mal ou para representar calamidade ou desgosto (v. 4; cp. Dt 29.18; Jr 9.18; 23.15; Lm 3.15,19; Am 5.7; Ap 8.11).* Aqui, o absinto descreve o gosto residual de uma união ilícita. O jovem, para proteger-se dessa mulher sedutora, é incitado a evitar a ela e à **porta da sua casa** (Pv 5.8), sendo lembrado do êxtase marital disponível para ele com a sua própria esposa (vv. 15,18). O mestre fala do alto custo de ser pego na armadilha dessa mulher: **vigor** (NVI, heb. ***hod***, "exuberância de vida, majestade, esplendor, força") e **anos** (v. 9), durante os quais o seu **poder** e **trabalho** serão perdidos — quer gastos pela mulher, quer dados como compensação ao seu marido, a quem ela enganou e traiu (v. 10).

Os efeitos mortais desse pecado significam perda econômica (vv. 9,10), ruína social (vv. 12,13), ostracismo da comunidade (v. 14) e morte espiritual (vv. 21-23). A confissão completaria a trágica interrupção e destruição da vida (vv. 11-14).

5.15-23 A provisão de Deus para a satisfação dos desejos sexuais está no casamento (cp. Gn 2.24). A sabedoria concernente à santidade do casamento e os prazeres oriundos da intimidade física no casamento são claramente compartilhados com o jovem. O mestre descreve a exclusividade do relacionamento entre o marido e a mulher (Pv 5.17,18) e enfatiza a atração e beleza da sua esposa. *Ele afirma de forma apaixonada por meio de linguagem erótica os deleites e prazeres (v. 18) do amor marital para* ***SACI[AR]*** *(heb.* ***rawah****, "dar de beber de forma abundante, aguar totalmente, saciar", v. 19) e intoxicar (heb.* ***shagah****, "abalar, guinar, serpentear" no sentido de ser incapaz de restringir-se ou agir sob o seu próprio poder, sendo dominado pelo êxtase do ato sexual; na TEB, "embriaga-te sempre com o [...] amor", vv. 19-20). A última palavra hebraica também é traduzida por "ficar encantado" em uma pergunta retórica referente a uma relação ilícita com a "mulher imoral" (v. 20, NVI).*

Deus jamais pretendeu que o casamento fosse apenas um arranjo contratual, um arranjo comercial; antes, o seu plano é para os deleites ternos do amor e da espontaneidade empolgantes da paixão a ser entretecida no cerne da união matrimonial (cp. Dt 24.5; Ec 9.9). A melhor proteção contra o pecado da infidelidade é investir de forma consistente na plena fidelidade e ternura, na afeição amorosa em seu casamento que fornece a oportunidade para a alegria sexual. O mestre termina essa lição com um lembrete teológico da vigilância do Deus onisciente sobre toda a

sua criação (Pv 5.21); uma advertência sobre a armadilha do pecado (v. 22); e uma promessa de justiça no julgamento sumário do pecado, que rouba a verdadeira liberdade e traz a morte, com certeza virá — rapidamente ou com o tempo (v. 23; cp. Gl 6.7).

A advertência contra a preguiça e a maldade (6.1-19)

6.1-5 As complicações financeiras, **fica[r] por fiador** (heb. ***'arav***, "comprometer a si mesmo e o que possui como garantia da dívida de outro", ou seja, fornecer garantia para a dívida de alguém, v. 1) pode trazer a ruína. A advertência aqui diz respeito a tornar-se responsável consignando o empréstimo **do teu companheiro** ou de um **estranho**, o que a poderia torná-la dependente da integridade e capacidade do seu próximo e o seu credor (vv. 1,2; cp. 11.15; 17.18; 20.16; 22.26,27; 27.13).

O erro não é oferecer ajuda ao próximo, mas assumir uma responsabilidade legal sobre a qual não tem controle direto. Uma vez que o acordo é apenas oral (6.2), o fiador potencial tem de escapar da armadilha e, confiantemente, inspirar o devedor a fazer o mesmo. É óbvio que o próximo não dispõe de meios para incorrer nessa dívida e juntar-se a ele nessa aventura é duplamente insensato. ***LIVRA-TE*** *e* ***HUMILHA-TE*** *(heb.* ***raphas****, "maltratar a si mesmo", ou seja, humilhar-se) e* ***IMPORTUNA*** *(heb.* ***rahav****, "irritar, atacar, pressionar, incitar com persistência enervante", v. 3) são expressões de urgência pelo vigor e esforço contínuo a ponto de não descansar nem dormir ou estar até mesmo disposto a humilhar-se a fim de libertar-se da obrigação imprudente (vv. 4-5).*

6.6-11 O **preguiçoso** (heb. ***'atsēl***, "pessoa preguiçosa ou ociosa, indolente", vv. 6,9; cp. 10.26; 19.24; 21.25; 22.13; 26.13-16), em contraste com ficar pobre por fazer algo imprudente, empobrece porque se recusa a fazer algo. O assunto da preguiça é tratado muitas vezes pelo contraste da preguiça com o trabalho (cp. 10.4; 12.24; 13.4; 15.19; 19.15; 20.4,13; 24.30-34). Esse "preguiçoso" — ao contrário da formiga humilde, porém expedita, um modelo de automotivação para a eficiência prudente e a produtividade — não se prepara para o futuro (6.6-8), e a sua preguiça e falta de iniciativa são criticadas (vv. 9,10). Perde as oportunidades e fica paupérrimo, perdendo até mesmo as necessidades básicas da vida por negligenciar as suas responsabilidades (v. 11).

6.12-19 *"O homem vicioso", ao pé da letra "homem de BELIAL" (heb. "inutilidade", termo usado para descrever um homem incomumente mal, alguém que trabalha contra tudo o que é bom; cp. Dt 13.13; 1Sm 2.12), vive como um patife "vicioso" e trai o seu estilo de vida na fala e no gesto (Pv 6.12,13). Ele não é um homicida nem adúltero, mas vive "semeando contendas" (v. 14; cp. v. 19). Ele é conhecido pela sua atitude, fala e atos. No Novo Testamento, essa descrição é explicitamente um nome para Satanás (2Co 6.15).*

Outra advertência contra a imoralidade (6.20—7.27)

6.20-35 O pai/mestre volta a outra advertência com o **mandamento do teu pai** (heb. ***mitswah***, veja estudo da palavra 3.1) e a **lei de tua mãe** (heb. ***torah***, 6.20; veja estudo da palavra 1.8; cp. 3.1-3; 4.1-4; 7.1-3), enfatizando que esses ensinamentos têm de estar atados **ao teu coração**, pendurados **ao teu pescoço** e "escr[itos] na tábua do teu coração" — essas são metáforas que enfatizam a importância de guardar sempre próximo algo tão valioso (6.21; cp. 3.3; 7.3; cp. Dt 6.6-9, 11.18-20). O "coração" é reconhecido no pensamento hebraico como o centro da vida física e das decisões espirituais.

A História da Igreja registra o ensino eficaz de uma mãe que percebeu que essa instrução exigia tempo. Susanna Wesley teve dezenove filhos, os mais famosos deles foram John e Charles Wesley. Ela resolveu dedicar algum tempo ininterrupto toda semana a cada um dos seus filhos. Os horários eram marcados, e cada filho ia um a um à sala dela para o ensino particular.

O **mandamento** (heb. ***mitswah***; veja estudo da palavra, Pv 3.1; cp. 6.20) e a **lei** (heb. ***torah***, "ensino"; veja estudo da palavra 1.8) compreendem a instrução dos pais e, com certeza, entendia-se que eram sabedoria de Deus (6.20,23). A **lâmpada** e a **luz** são metáforas evidentes para a orientação sábia que vem de pais piedosos (6.23; cp. Sl 119.105) que ensinam aos seus filhos apenas o que eles mesmos já aprenderam.

A **mulher má** é uma **estrangeira** (TB; heb. ***nokri***, "estrangeira, prostituta", Pv 6.24; veja estudo da palavra 2.16). O paralelismo desse versículo tem a intenção de ampliar a advertência ao homem, a quem é dirigido. Ele é responsável pelo seu **coração** (6.25). Inevitavelmente, o adúltero traz ruína para si mesmo (6.26-29). Ele recebe punição severa (v.

33), um resultado natural do seu erro, e a tragédia para ele e os outros é interminável (vv. 30-35). Embora possa haver prazer no início, o fim é doloroso.

7.1-27 Essa quarta seção de instrução chega a um ponto culminante das advertências do pai/mestre contra a esposa infiel (2.16-19; 5.1-23; 6.20-33). É usada uma metáfora carinhosa para descrever os **mandamentos** (heb. ***mitswah***; veja estudo da palavra 3.1) e a **lei** (heb. ***torah***; veja estudo da palavra 1.8) compartilhados — como **a menina** dos seus olhos, enfatizando o valor deles (7.1-2; cp. Dt 32.10; Sl 17.8; Zc 2.8). A referência ao **coração** (heb. ***lēv***, Pv 7.3; veja estudo da palavra 4.21) afirma que essa sabedoria tem de ser plantada internamente como parte do caráter do indivíduo.

A história da **mulher alheia, da estranha** (heb. ***nokri***, mulher estrangeira, prostituta", 7.5; veja estudo da palavra 2.16) é relatada como se fosse fundamentada numa experiência real. O incidente, embora possa ter sido acrescentado de adornos para propósitos didáticos, é crível, sendo repetido inúmeras vezes em cada geração. Essa preleção é similar a outras sobre o tópico de imoralidade sexual. A esposa infiel atrai um homem jovem **falto de juízo** (heb. ***peti***, v. 7; veja estudo da palavra 1.4) ao adultério. Nessa passagem didática, as maneiras dessa sedutora são descritas vividamente, começando com a sua falta de caráter (7.5) e passando para o seu plano de sedução.

MIRRA *(heb.* ***mor****) era uma resina muitíssimo valorizada usada em incenso, em especiarias para embalsamar o morto e em perfumes, bem como de forma metafórica para o sofrimento de Cristo (v. 17; cp. Sl 45.8; Ct 3.6; 4.14; Mt 2.11; Jo 19.39).* ***ALOÉS****, uma seiva extraída por meio da trituração das folhas, era misturado com outras especiarias para ungir o corpo do morto e para rituais de dedicação espiritual (Pv 7.17; cp. Sl 45.8; Ct 4.14; Jo 19.39).* ***CANELA****, uma especiaria usada na culinária moderna na preparação de alimentos, era misturada com outras especiarias como desodorante e desinfetante (Pv 7.17; cp. Êx 30.23; Ct 4.14). Veja também o quadro "Imagens da natureza em Cantares", p. 275-281.*

O acréscimo de um pedido ardente para que esse jovem ingênuo **d[ê] ouvidos** (heb. ***shama'***, "discernir, dar ouvidos, ouvir, escutar" no sentido de ser obediente, entendendo e aceitando) é equiparado com o verbo paralelo enfático **esta[r] atento** (heb. ***qashav***, "dar atenção, ouvir com atenção") com a ideia de lembrar as **palavras** do mestre (v. 24). Os versículos 1-5 e 24-27 funcionam, respectivamente, como apoios do

conselho sensato, ou seja, como um inclusio [criar uma estrutura ao pôr material similar no início e no fim de uma seção]. O primeiro conjunto de versículos enfatiza a importância de escolher a sabedoria como amiga (**irmã [...] parenta**, linguagem de intimidade e estima) e companheira (v. 4). O conjunto concludente enfatiza a sabedoria como um guia para aconselhamento e uma proteção contra a insensatez da imoralidade.

Com certeza, há algumas coisas que um jovem jamais faria na presença da sua estimada irmã, e a ideia é que a sabedoria seria essa irmã (vv. 4,5). E se o jovem fizesse algo agradável aos olhos de Deus, ou seja, buscasse o que é bom e santo na sua vida, ele não vaguearia à noite como uma presa fácil para a prostituta que o seduziria (v. 25).

A Personificação da Sabedoria (8.1—9.18)

Uma descrição (8.1-36)

8.1-31 O capítulo 8, em contraste com o capítulo 7, no qual a insensatez e a loucura terminam em morte, apresenta as virtudes da sabedoria. O autor usa a personificação para retratar a sabedoria como um atributo de caráter. A sabedoria descrita ultrapassa o entendimento humano e as decisões corretas. Deus mesmo é sábio. Ele prepara a sabedoria como parte do seu plano para tornar este mundo santo e separado para Ele mesmo; a sabedoria tem de ser perseguida e abraçada a todo custo porque atrai os seus pupilos para o **caminho da justiça** (vv. 20,21).

No feminismo, algumas pessoas elevaram essa personificação ao patamar de uma deusa, "Senhora Sabedoria". Outras chegaram até mesmo a insistir na subordinação de Jesus, o Filho, ao Pai, afirmando que Jesus é a encarnação da divina sabedoria, e não Deus em carne. A Sabedoria estava presente antes da criação (vv. 22-26) e regozijou-se com a criação como o "arquiteto" (v. 30, NVI), mas não há nenhuma evidência textual de que Cristo foi aquEle identificado com a Sabedoria. Esta, quando personificada, age e fala de acordo com os mandamentos de Deus, mas ela não é Deus. Não há nenhum indício de que a Senhora Sabedoria "ajudou" Deus a criar a terra e tudo o que nela há; antes, o texto parece indicar que ela estava se deleitando com as **delícias** e **folgando** enquanto Deus estava trabalhando (vv. 30,31). A sabedoria é uma ferramenta que Deus provê para os seus filhos, disponível a todos, mas, na verdade, adquirida apenas por aqueles que a abraçam e subordinam-se aos seus caminhos (vv. 20,21). O apelo da

Sabedoria é internacional e para todas as classes, para **homens** (heb. ***'ishim***, "homens", um vocativo que pode referir-se à humanidade em geral, aqui provavelmente mais bem traduzida por "homens" por causa da referência ao relacionamento ingênuo com a esposa infiel, v. 4) e aos **filhos dos homens** (heb. ***benē 'adam***, v. 4), ou seja, à humanidade, aos **simples** e aos **loucos** (v. 5). No texto hebraico, a **raça humana** é literalmente "filhos dos homens" (v. 31).

Digno de nota nessa descrição é a alusão ao **temor do SENHOR**, definido como sinônimo de odiar o **mal** (v. 13; cp. 3.7; 16.6; Jó 28.28). A sabedoria não pode conviver com o "mal". Eles não só são incompatíveis, como também um tira o outro de cena.

A menção a **riquezas e honra** não se refere aos atrativos de um evangelho da prosperidade, mas provê um caminho para mostrar a superioridade da sabedoria sobre a riqueza (Pv 8.18) — até mesmo do **ouro** e da **prata** (v. 19) — e para comunicar que a riqueza da Sabedoria fora adquirida de modo honesto e com o propósito de ser usada de formas úteis (vv. 20,21).

8.32-36 A Sabedoria requer seguidores, discípulos dispostos a envolver-se no serviço fiel e obediente. Ela oferece muito para os que respondem a ela — **vida** eterna (vv. 34,35). Por sua vez, a sua oponente, a loucura, libera uma breve gratificação eclipsada pela dor e perda pela temida finalidade da **morte** (v. 36). Os que odeiam a sabedoria não são apenas loucos; têm um sistema de valores pervertido e depravado.

Um convite (9.1-18)

9.1-12 O capítulo 9 traz a **sabedoria** (vv. 1-6,11) e a **louc[ura]** (vv. 13-18) no mesmo capítulo. Elas fazem convites conflitantes. A sabedoria edifica uma casa como uma mulher engenhosa edificaria (v. 1; cp. 14.1; 24.3); prepara uma rica festa de celebração (vv. 3-6,11) revelando uma hospitalidade graciosa. As **sete colunas** podem ser uma imagem que sugere perfeição ou completude ou apenas evidência de uma casa incomumente grande (v. 1). Essa seção é um lembrete de como definir a sabedoria, a saber, **o temor do SENHOR** (v. 10; veja estudo da palavra 1.7 e "Excurso: o 'Temor do SENHOR'", p. 197,198) e uma discussão identificando aqueles que parecem determinados a não abraçar a sabedoria. O **homem sábio** (NVI) aceita com alegria a correção porque esta

acrescenta à sua sabedoria e entendimento; o **escarnecedor** recusa a repreensão e está satisfeito em permanecer como é (9.7-10). As recompensas da sabedoria são mais uma vez comentadas (v. 11). Então, o versículo 12 forma a ponte entre quem é **sábio** e o escarnecedor que rejeita a sabedoria.

9.13-18 *"A mulher **LOUCA**" (heb. **kesilut**, "insolência, estupidez, inércia, embotamento", v. 13). O sentido aqui sugere incredulidade ou impiedade como alguém que está obstinado em aderir a algo definido, do qual não está disposto a afastar-se — nem mesmo por meio de um conselho razoável.* A personificação é usada mais uma vez de forma eficaz para apresentar a Loucura em contraste com a Sabedoria. A mulher louca não faz preparação, mas apenas **assenta-se à porta da sua casa [...] para chamar os que passam** (vv. 14,15). Os prazeres oferecidos por ela são simulações e fraudes (v. 17). Ela tenta imitar a sabedoria em um esforço para enganar todos, com exceção do mais exigente (v. 3). Ela, sem conhecimento nem disciplina, é impetuosa, insolente e autoindulgente.A Sabedoria e a Loucura fizeram o mesmo convite às mesmas pessoas, só que o menu e o serviço delas são diferentes.Para o **simples** (v. 16), a conclusão vem das **profundezas do inferno** ou da morte (v. 18; cp. 7.26,27,36; veja estudo da palavra 1.12).

Um Exame da Sabedoria *Versus* a Insensatez (10.1——22.16)

O Contraste entre a Sabedoria e a Insensatez (10.1—15.33)

O autor, nos nove primeiros capítulos, estabelece o alicerce teológico para a importância do conhecimento moral e discernimento mental da sabedoria divina, ou seja, "o temor do SENHOR". O autor, usando imagens metafóricas, longas poesias e personificações vívidas, apresenta admoestações poderosas referentes à importância de buscar a sabedoria. O autor, começando no capítulo 10, passa para a sabedoria e os ditos práticos sobre vários tópicos (veja na Introdução a seção "Gênero") para ajudar os leitores a aplicar a sabedoria na vida diária. O seu contraste entre a vida correta do justo e a vida errada do perverso conecta os aforismas independentes e muito diversos compilados em uma miríade de tópicos.[2]

Excurso:
"Linguagem Inclusiva"

O contexto sempre ajuda na determinação da compreensão do texto, mas traduzir da maneira mais precisa possível o texto hebraico deixa essa tarefa nas mãos do intérprete. As mulheres não devem se sentir excluídas por causa da linguagem claramente masculina usada aqui nem, tampouco, os homens devem se sentir desprezados com o fato de a sabedoria (feminino no hebraico) ser personificada como uma mulher. Em nenhum dos dois casos as palavras escolhidas têm a intenção de ser exclusivas quanto ao gênero, mas, antes, são selecionadas e inspiradas como as palavras mais apropriadas para a compreensão dos destinatários contemporâneos ou para a transmissão da mensagem para todas as gerações. Toda a Escritura é para todos — mulheres e homens em todas as gerações; contudo, aqueles que ensinam essa mensagem têm a responsabilidade de construir uma ponte a partir do que o texto afirma explicitamente para a mensagem implícita para todos os leitores.

10.1-10 Os versículos 1-5 são um inclusio [criar uma estrutura ao pôr material similar no início e no fim de uma seção] focando o **filho sábio** e o impacto de cada um sobre a família (cp. 15.20; 17.21,25; 19.13; 23.24,25; 27.11; 28.7). A menção à **mãe** e ao **pai** afirma que os dois estão envolvidos na instrução e preparação dos filhos para a vida (10.1; cp. 1.8; 4.3,4; 6.20) e é acrescentada a ênfase na motivação de afeto terno. A responsabilidade econômica é observada com uma clara escolha entre aumentar ou esbanjar os recursos da família (10.2-5).

O **justo** (heb. ***nephesh***, "alma ou espírito" do ***tsaddiq***, "justo ou reto, piedoso ou virtuoso", uma expressão no texto hebraico com o sentido mais literal de "uma pessoa justa ou reta", v. 3) é aquele que vive sob a proteção da providência divina (cp. Sl 37.25; Mt 6.33). Eles podem sentir fome ou carência por uma estação, mas Deus provê em abundância para os seus filhos. Uma pessoa temente a Deus tem de estar mais preocupada com a condição da sua alma do que com a solidez das suas posses em contraste com os **ímpios**, que focam os tangíveis que têm (10.3).

O contraste entre indolência e diligência e, em especial, o seu efeito nos pais da criança é desvelado em paralelos antitéticoss (v. 5). **Nome**, em um sentido real, vai além da mera identificação para incluir o caráter e o testemunho (v. 7). Os sábios, em Provérbios, são definidos por estarem abertos e, até mesmo, ansiosos por receber instrução (9.8,9). Esses "mandamentos", uma vez recebidos, permanecem com você para futura orientação. Eles são verdadeiramente sabedoria inspirada destinada a promover o crescimento espiritual.

10.11-21 A comunicação é um tópico importante de discussão em Provérbios. Observe as muitas referências de Salomão à **boca, lábios** e **língua** como ferramentas de comunicação, que para os justos têm de ser guiadas por um "coração sábio" (BJ; v. 8; 10.11,13,14,18-21,31,32). O fruto dessa comunicação piedosa passa a ser um **manancial de vida** com influência e consequências muito além do indivíduo que expressa as palavras — tanto para encorajamento quanto para correção (v. 11).

O **amor**, por cobrir as ofensas, **cobre** (heb. ***kasah***), em vez de **excita[r]** (v. 12), contrastando com o **ódio**, que alimenta a vingança e estimula o conflito. Não há uma descrição mais bela desse "cobrir" pelo amor do que na expiação de Cristo, que cobriu os pecados do mundo por meio da sua morte na cruz (1Pe 2.21-24).

O amor, no entanto, não exclui a correção. **A vara** (heb. ***shēvet***, "bastão ou arma feita com uma parte de uma árvore, um instrumento usado pelo indivíduo em posição de autoridade para infligir punição, um meio para a correção" — quer repreensão verbal, quer punição física; veja o estudo da palavra Pv 13.24) é uma ferramenta para lidar com o **falto de entendimento** (10.13; cp. 14.3; 18.6; 19.29; 26.3). Meras palavras podem não ser eficazes com uma pessoa resistente e destrutiva.

A comunicação — quer por meio de palavras ditas, quer de gestos, quer de notas escritas — tem de estar presente em todas as relações relevantes. O **prudente** é descrito como aquele que **modera os seus lábios** (10.19) e é contrastado com **o que encobre o ódio**, e esse **insensato** fica estranhamente em apuros quando tenta esconder seus **lábios falsos** enquanto espalham **difama[ção]** (v. 18). A comunicação, definitivamente, é mais que verter suas palavras; também é ouvir e absorver o que os outros tentam compartilhar com você (cp. 11.12; 18.2,13; 29.20). Apesar de o silêncio no sentido de ausência de som não ser necessário, os leitores são advertidos a usar as palavras com moderação e cuidado (cp. 15.23,28; 16.23,24; 17.7; 18.13; 25.11,28; 29.11).

A metáfora de **prata pura** NTLH) fala claramente da confiança que se deve ter nas palavras do justo ou sábio porque as suas palavras, como a prata, são testadas e refinadas pelo fogo (10.20; cp. 27.21). Há uma menção à atitude para encorajar os outros com louvor (27.2; 31.28,30,31) e advertir contra a difamação e o uso de palavras que destroem e desencorajam (18.7,8; 26.22). Observa-se claramente uma advertência contra o orgulho autocentrado e a ambição pessoal cega (16.18).

10.22-32 Deus mesmo abençoa e **enriquece** a sua vida (v. 22). O seu trabalho pessoal ou acontecimentos coincidentes, em última análise, não são os fatores decisivos. Não ouse abandonar toda atividade pessoal e trabalho, o que ignoraria a advertência contra a "mão enganosa" e a admoestação para a diligência (v. 4). Essas palavras, antes, salientam as limitações do esforço humano e a importância de obedecer a Deus, cuja proteção providencial graciosa é mais importante na transmissão da **bênção do Senhor** (v. 22). A **má conduta** (NVI) é errada e desagrada a Deus, mas encontrar **prazer** (NVI; heb. ***sechoq***, "riso, gracejo, brincadeira, escárnio") na transgressão indica que a natureza do indivíduo está tão conformada a esse estilo de vida que ele o acha satisfatório e divertido (v. 23).

Suas palavras revelam seu caráter de forma aberta e eficaz.

O temor do Senhor é a marca identificadora daqueles que são sábios, e os justos, em geral, viveriam mais que os ímpios porque abraçam o estilo de vida piedoso, estilo este que contribui para a saúde e longevidade (v. 27). O **justo** produz palavras de **sabedoria** porque o interior da pessoa reflete-se no exterior (v. 31). A palavra **perversidade** (heb. ***tahpukot***, "tramar, virar de cabeça para baixo") é usada duas vezes como uma descrição dos **ímpios** (vv. 31,32). A sua forma plural no texto hebraico enfatiza a intensidade do sentido. **Extirpa[r]** a língua é uma metáfora que descreve a seriedade da fala perversa; contudo, a pena de rejeição e punição é clara. No Antigo Testamento, o boateiro tinha de receber a mesma punição que descrevera para a sua vítima (v. 31; cp. Dt 19.15-21).

11.1-31 A **integridade** (TB; heb. ***tummah***, "inocência, lealdade completa" como para o Senhor, aqui em contraste com a duplicidade ou falta de lealdade; cp. Jó 2.3,9; 27.5; 31.6) é esperada no mundo dos negócios e traz **prazer** ao Senhor (Pv 11.1,3). Deus está ciente de toda transação e determina os padrões usados para pesos e medidas (16.11; cp. Lv 19.36; Dt 25.13-15; Am 8.5; Mq 6.11). Tudo o que é **abominação para o Senhor** não é aceitável para a sua criação. O valor da honestidade está entremeado em todo o livro de Provérbios (Pv 11.3).

As advertências a respeito da **soberba** (heb. ***zadon***, "arrogância, confiança em excesso, insolência"; o sentido mais literal é "fervura", levando com frequência para além dos limites e à insubordinação, descrita como "divindade autoconcedida") são comuns em Provérbios. Mais uma vez, a sabedoria é observada pela sua **humild[ade]**, submetendo-se a Deus e às autoridades colocadas por Ele na sua vida (v. 2).

O hipócrita (heb. ***chanēph***, "profano, corrompido na mente e cauterizado na consciência e, ainda assim, pretendendo ter zelo e afeto por Deus, alguém que divide o seu coração entre Deus e o mundo") usa a calúnia para destruir o **seu próximo**; contudo, **os justos** por meio do **conhecimento** (heb. da'at, "discernimento, entendimento, sabedoria") contra-atacam as suas palavras destrutivas (v. 9). O autor de Provérbios tem muito a dizer sobre ser um bom irmão ou vizinho, incluindo a admoestação para o sábio não falar de forma indelicada sobre o próximo. A questão não é se ele fala a verdade, mas a importância de cala[r-se], em vez de falar mal de alguém (v. 12).

O mexeriqueiro (TB; heb. rakil, "fofoqueiro, difamador, mentiroso") é alguém que trai a confiança e semeia a destruição (v. 13; cp. 20.19; Lv 19.16; Jr 9.4). Ele é fraco, faz as suas obras de forma fraudulenta, é perverso, estimulado pelo desejo de ferir e destruir. Satanás é o principal mentiroso (Ap 12.10). Ele não precisa mentir a fim de acusá-lo diante do Senhor. Ele apenas apresenta uma litania dos seus pecados diante do Senhor (Rm 8.33), mas Jesus advoga a favor de você e de mim, como também de todos que o buscam e que o encontram. Ele deu a própria vida para cobrir os pecados do mundo, e todos que aceitam o seu dom da salvação têm os seus pecados ocultos e descartados para sempre. Mais uma vez, a questão não é a veracidade do que é dito, mas a intenção de ferir; muitas vezes divulgar um segredo compartilhado em confiança não é uma mera indiscrição, mas algo feito com intenção maliciosa para ferir (Pv 16.28; 17.9; 26.20-22; cp. Jr 6.28; 9.3; Ez 22.9). O Novo Testamento afirma como lidar com alguém culpado por meio da correção privada do indivíduo (Mt 18.15; Gl 6.1).

A expressão **multidão de conselheiros** (heb. ***ya'ats***, "conselheiro, deliberante que considera a ação e o propósito", implicando sabedoria, reflexão e habilidade, Pv 11.14; cp. 15.22; 24.6) indica olhar além de si mesmo e avaliar um assunto diante do Senhor e buscar **direção** (heb. ***tachbulot***, "conselho, arte de liderar, bom conselho, medidas prudentes"

ou, mais literalmente, "direção", v. 14; veja o estudo da palavra 1.5) daqueles ao seu redor que estão espiritualmente e por experiência preparados para oferecer conselho piedoso (cp. Dt 32.28).

Ser **fiador do estranho** (heb. ***zur***, "não israelita", Pv 11.15) é um ato perigoso quando considerado em relação à questão da manutenção da segurança financeira pessoal. A advertência — se o "estranho" é de outro país, da sua própria comunidade ou até mesmo da família estendida — é contra fazer promessas que ponham a segurança financeira da sua família em risco. Com certeza, fica aberta a opção de, se puder, *dar* uma ajuda ou fazer algum tipo de generosidade para alguém que merece e está em necessidade. Mas talvez o lembrete subjacente seja que é necessário confiar no Senhor para suas necessidades mais básicas.

O epiteto "a mulher ***GRACIOSA****" (TB; heb.* ***chēn****, "charme, favor, elegância, força moral, integridade", v. 16; cp. 31.30; o nome "Ana" tem essa raiz) merece atenção. A raiz do verbo* ***chanan*** *sugere uma disposição autodeterminada e muitas vezes espontânea para oferecer ações sinceras ou uma resposta compassiva, uma efusão de misericórdia e favor estendidos aos outros. A palavra não permite a ideia de mérito ou do que é merecido, mas, antes, denota "favor" dado gratuitamente. Assim, a palavra é usada para expressar uma ação vinda de alguém em uma posição superior àquela que é considerada inferior; por isso, não demanda tratamento afável. A palavra também é usada em relação a Deus, combinando o propósito e a ação estendidos de forma graciosa (cp. Gn 33.5,11; Êx 33.19; 2Sm 12.22; 2Rs 13.23; Is 30.18; Ml 1.9). Uma mulher que estende generosidade tem a oportunidade de modelar a bondade amorosa de Deus e estender aos outros o cuidado terno em nome do Senhor. A Bíblia, embora a generosidade bíblica vá além do refinamento externo polido ou visível, usa essas ferramentas para atrair outros para o Senhor.* Aqui o contraste é entre a **honra** vinda da graciosidade serena, embora visível, em uma "mulher graciosa" (TB) e qualquer vitória **obt[ida]** (TB) por meio brutal por **homens violentos** (TB; heb. **'arits**, "tiranos, alguém que usa o terror e a violência", Pv 11.16).

A mulher formosa não tem de ser desprezada nem repudiada, pois a beleza é obra de Deus, e uma mulher, com certeza, oferece a tela para uma expressão mais intensa da beleza do Criador, uma vez que ela a é sua imagem. A linguagem pictórica de um animal, em especial o porco impuro, usando uma **joia de ouro** é burlesca e não crível (v. 22). Nenhum judeu veria um porco como atraente ou convidativo — fosse qual fosse o aprimoramento na sua aparência. As mulheres, ao longo da história, são adornadas com ornamentos, e, em Israel, as argolas eram usadas nas

orelhas e no nariz (cp. Gn 24.30; 35.4). Contudo, aqui não há adorno que possa compensar a falta de **juízo** (NTLH; heb. ***ta'am***, "discrição, julgamento, discernimento, entendimento moral", Pv 11.22; cp. 1Sm 25.33). Na verdade, o comportamento inapropriado ofusca e nega qualquer coisa que alguém tente projetar por intermédio da roupa, joias e outros adornos.

12.1-28 A ordem da criação determina de uma vez por todas o lugar da mulher na economia divina. Deus modelou-a à sua imagem e pretendia que ela completasse e evidenciasse o homem que Ele criou primeiro (Gn 1.27; 2.7,18-23). A força espiritual garante a posição e influência da esposa. A esposa ou se torna uma **coroa** (heb. ***'atarah***, "guirlanda, diadema, ornamento ou expressão de dignidade") e, assim, honra o seu marido ou é como o **apodrecimento** (heb. ***raqav***, "decadência, carcomido", uma expressão que mostra o pior dos medos para a destrutibilidade) **nos seus ossos** (Pv 12.4).

É interessante observar como o primeiro símbolo está muitíssimo visível como uma manifestação externa do bem interno e acrescenta sucesso ao marido, exaltando-o entre os vizinhos e na comunidade; em contrapartida, o último símbolo é invisível e indicativo de uma fraqueza profundamente arraigada que mina tudo o que o marido faz. Assim, o ditado comum de que o caráter da esposa faz ou derruba o marido assume um novo sentido. *A importância dessa esposa* ***VIRTUOSA*** *(heb.* ***chayil****, v. 4) é confirmada de maneira mais cuidadosa na extensa poesia que a descreve em 31.10-31, em que a palavra hebraica* ***chayil*** *é claramente entendida como "força" — física e espiritual, conotando, portanto, caráter nobre e virtuoso, e não apenas uma capacidade acima da média, e coragem (31.10,29; cp. Gn 47.6; Êx 18.21; Rt 3.11; 2Sm 17.10; 2Rs 15.20). O termo une, de fato, o caráter mais exemplar com alta perspicácia intelectual e discernimento.*

As palavras têm grande poder e, uma vez ditas, não podem ser retiradas, tornando a pessoa responsável até mesmo pelas palavras ditas de forma descuidada (Mt 12.36,37). Por trás das palavras, estão os **pensamentos** que se apresentam para testemunhar o que está em seu coração (Pv 12.5; cp. 4.20-27; 23.7; Fp 4.8,9). E o desejo do coração está na raiz desses "pensamentos". A determinação em fazer as coisas do seu jeito está em contraste com a maneira de Deus fazer as coisas — a tolice e a insensatez, em vez da direção sábia (Pv 12.15). Ser obediente ao Senhor exige abandonar a própria vontade (cp. 3.5,6; Lc 9.23). A fala não é voltada apenas ao sucesso pessoal, mas **uma boa palavra** é um caminho que

torna a vida da pessoa mais fácil (Pv 12.25). O encorajamento em meio à provação traz conforto, renovação das forças, soluções criativas e, muitas vezes, a motivação necessária para seguir em frente de uma forma positiva.

13.1-25 A determinação da **riqueza** não é avaliada só pelo dinheiro e posses (v. 7). Alguns talvez se sintam prósperos e ricos porque têm o que precisam e administram isso de forma responsável; estão felizes e satisfeitos com o que têm e administram os seus recursos com cuidado. Outros talvez tenham uma planilha de balanço cheia de propriedades, dinheiro e posses e, ainda assim, consomem o seu tempo ansiando e brigando por mais sem tirar um tempo para aproveitar e apreciar o que já têm. O contraste é entre as aparências e a realidade; entre o que um considera suficiente e outro acredita lamentavelmente ter falta. O dinheiro indica diferenças, mas até mesmo polos opostos podem nivelar o chão e trazer equilíbrio um para o outro (v. 8). Talvez a mensagem mais importante seja a ordem para aceitar seja qual for a sua parte e evitar o fingimento de expressar algo que não é verdade. Honestidade e integridade reinam sobre tudo, e qualquer fraude é prejudicial.

A expressão **odeia** (BJ) é usada em um sentido figurado, sugerindo que o sentimento dos pais que se recusam a disciplinar o filho é o oposto do amor porque os pais, ao deixar passar as faltas do filho e recusar-se a fazê-lo obedecer, encorajam esse filho a buscar o seu próprio caminho (v. 24; cp. 1.29-31; 3.5,6; 12.15; 16.9,25; 19.18; 21.2; 30.12; veja a discussão de 29.1-27). Talvez a criança escape do desconforto temporário, mas talvez enfrente uma tragédia de longo termo e, por fim, a destruição. O amor, por sua vez, motiva os pais a ajudarem o seu filho a alcançar a obediência às autoridades na sua vida com o objetivo derradeiro de influenciá-lo a seguir o caminho reto e ajudá-lo a alcançar o compromisso de obedecer à vontade de Deus, em vez de deixar a obstinação controlar a sua vida. Essa ação também traz a maior satisfação para os pais (29.17).

*A **VARA** (heb. **shēvet**, "cajado, cetro, tribo") vem com uma gama interessante de sentidos — todos eles relacionados indiretamente com o processo de disciplinar (13.24). No livro de Provérbios, a palavra aponta principalmente para um instrumento de punição (cp. 10.13; 22.15; 23.13,14; 26.3; 29.15). Não há indício de severidade cruel, mas, antes, de ênfase no esforço fiel de ajudar o filho de pôr a sua vontade primeiro sob o controle dos pais com obediência, depois sob o seu próprio controle com sabedoria e, por fim, sob o controle de Deus por meio da purificação do seu coração para que tenha os pensamentos de Deus e busque o caminho do Senhor na sua maneira de viver a vida.*

Em outras passagens, a palavra é usada como o meio de o pastor proteger a sua ovelha — uma metáfora para a proteção do Senhor para os seus filhos que seguem o caminho da retidão (Sl 23.4) — e como uma marca da autoridade ou "cetro" (Gn 49.10; Am 1.5; Zc 10.11). A palavra também denota uma tribo ou subdivisões tribais em Israel (e.g., Gn 49.28).

Os pais devem amar o filho com sabedoria, o que significa disposição para aguentar a dor de aplicar disciplina ao filho e também o investimento de tempo para monitorar o comportamento e as reações do filho. A disciplina, precoce e consistente, aplicada pelos pais dá ao filho o alicerce necessário para preservar a influência saudável e piedosa de desejar seguir o caminho de Deus ao longo da sua vida. No entanto, a "vara", sem o afeto amoroso e a responsabilidade dedicada para nutrir o filho em todos os sentidos, passa a ser, na verdade, um meio de sofrimento sob o governo tirânico. A "vara" da disciplina, sob o plano de Deus, pode alcançar estes objetivos:

- acabar com a rebelião obstinada do filho contra a autoridade dos pais (cp. a ideia de rebelião contra Deus em 1Sm 15.20-23; Is 53.6);
- expressar preocupação amorosa na orientação do filho do modo mais útil para ele (Pv 13.24);
- promover o desenvolvimento mais eficaz do filho em preparação para assumir o seu lugar no mundo (19.18);
- purificar o filho do espírito obstinado da desobediência (20.30);
- tirar a insensatez (o oposto de sabedoria) do coração do filho (22.15).
- livrar, em última instância, o filho da punição eterna (23.13,14);
- ensinar o filho (10.13; 29.15);
- comunicar ao filho a sua responsabilidade pessoal por atos de desobediência (Sl 53.3; Jr 17.10; Ez 18.4,20; Rm 3.10,23; 14.12; Cl 3.20);
- trazer o filho à submissão voluntária à autoridade divina (cp. Jn 14.15,21,23); e
- recompensar os pais com descanso e satisfação, sabendo que fizeram o seu melhor para educar o filho para o Senhor (Pv 29.17).

O livro de Provérbios também apresenta a orientação de como os pais têm de usar a "vara":

- a disciplina tem de ser administrada prontamente a fim de corrigir o comportamento errado antes que se estabeleça o padrão (Pv 15.10; 19.18; 23.13; Hb 12.11);
- a punição tem de ser administrada de forma terna e firme, tendo certeza de que a criança entende claramente a ofensa cometida (Pv 4.3,4,11; 15.32; Jr 17.10; cp. Dt 11.26-28);
- o pesar pela desobediência do filho tem de ser refletido pelos pais (Pv 17.25; Jr 13.17; Mt 23.37; Hb 3.10,17);
- a cautela tem de ser exercida para evitar a severidade inapropriada na punição (Ef 6.4); e
- os pais têm de ficar com o filho depois da punição até a confraternidade ter sido restabelecida (Sl 51.7-12).

14.1-35 O papel único da mulher na casa é inquestionável no livro de Provérbios. Essa **mulher sábia** (heb. ***chokmot***, "discriminar entre o bem e o mal, receber instrução, exercer bom julgamento, perspicaz e habilidoso, inteligente e sensível"; definida aqui em um sentido espiritual como vinda de Deus, não uma especulação humana e, por isso, encontrada apenas por aqueles que buscam a Ele) teme e reverencia o Senhor, edificando a **sua casa** e fazendo-a florescer e vicejar com prosperidade e felicidade (v. 1). ***EDIFICA*** *(heb.* ***banah****, figurativamente "fazer prosperar, engrandecer", usado para descrever a criação da mulher [Gn 2.22] e, em especial, em outras passagens para mulheres no sentido de constituir uma família, tendo filhos, Pv 14.1; cp. Rt 4.11) sugere aqui conformidade com os propósitos de Deus e é associado com frequência com a sua atividade salvífica (veja Sl 69.35).*

Temer o Senhor é o fundamento teológico, ou espiritual, da sabedoria, e, por isso, a mulher que "edifica a sua casa" é conectada com a determinação de temer o Senhor (Pv 14.1; cp. v. 2; 31.30). A partir de outras passagens em Provérbios, sabe-se que ela supervisiona a sua casa com uma administração prudente e operosa. Uma é "sábia" (14.1; cp. 31.10-31), e a outra, **tola** (14.1; cp. 7.10-23). As duas mulheres podem ter beleza excepcional e ser dotadas, mas uma escolhe "edifica[r]" a sua casa, enquanto a outra, mesmo que apenas por descuido, **derriba-a com as suas mãos** (14.1). A última frase enfatiza a responsabilidade pessoal da mulher pelas suas escolhas.

Da mesma forma, o versículo 2 contrasta **quem anda direito** (NVI; heb. ***yosher***, "retidão, virtude", ou seja, conduta ética que se conforma aos

limites morais fixados; da raiz ***yashar***, "ser reto, correto" — cp. 1.3) com **o que se desvia de seus caminhos** (14.2; cp. 2.15; 3.32; 10.18). Os dois estilos de vida correspondem a atitudes opostas em relação ao Senhor. A pessoa que caminha em obediência reflete o temor do Senhor, mas a pessoa cuja vida caracteriza-se pelo engodo e perversão do que Deus fez para ser bom reflete uma atitude insolente e rebelde em relação a Deus.

O estratagema da aparência externa enganadora em contraste com a realidade é retratado no **riso** de alguém que apenas finge pesar (14.13); contudo, **o homem bom** continua em frente esperando que o Senhor **recompens[e-o] pelo que fa[z]** (v. 14, NTHL). Escolher o caminho correto de obediência ao Senhor é apenas o primeiro passo e tem de ser seguido pela perseverança confiante (vv. 15,16).

É fácil predizer a reação natural do rico e do pobre, mas a sabedoria piedosa não segue o curso da menor resistência ao responder ao rico e ao pobre (vv. 20-24). A riqueza cria atitudes diferentes na estrutura social, e o versículo 20 apenas afirma esse fenômeno (cp. 10.15; 19.4-7).

O **temor do SENHOR** produz segurança e confiança (vv. 26,27). Esse "temor" (heb. **yir'ah**; veja o estudo da palavra 1.7) é a motivação para a vida piedosa, um temor aprendido com o próprio Deus e os seus ensinamentos no caminho de justiça. O temente a Deus vive de forma justa, seguindo os caminhos do Senhor. Essas palavras são um lembrete de um tema importante e consistente encontrado em Provérbios (cp. 1.7; 9.10). A **firme** (heb. **'oz**, "fortificado", bem alicerçado, forte, poder) **confiança** (heb. ***mivtach***, "confiança, convicção, segurança") descreve uma fortaleza segura que se torna um **refúgio** não só para os que temem ao Senhor, como também para os **seus filhos** com as recompensas prometidas aos obedientes ao Senhor(14.26). Os filhos, inevitavelmente, colhem o fruto da fidelidade dos pais (Êx 20.5,6). **Uma fonte de vida** é outro fruto dessa humildade piedosa diante do Senhor, referindo-se à vitalidade e longevidade espirituais (Pv 14.27).

15.1-33 As palavras revelam o caráter da mulher e passam a ser a sua ferramenta para realizar o que está no seu coração. A **língua** apenas verbaliza os pensamentos do coração (vv. 2,4,7,14,23,26,28). A forma como você diz as coisas é tão importante quanto o que você diz (v. 1). O amor, a paz, a paciência, a gentileza, a bondade, a mansidão, a temperança — todos esses traços incluídos no "fruto do Espírito" são necessários para impedir respostas emocionais prejudiciais e retaliação intensa (Gl 5.22,23).

Abigail usou uma **resposta branda** (heb. ***rak***, "suave, afável, delicada") para acalmar Davi e, assim, salvar a sua família da destruição (1Sm 25.10-13,23-34; cp. Pv 15.1) por causa do poder de cura delas (v. 4) em contraste com a dureza das palavras do seu marido Nabal (1Sm 25.10-11; cp. Pv 15.1,2,4).

A necessidade de **correção** (heb. ***musar***, "punição rígida", v. 10; veja o estudo da palavra 1.7) é declarada com palavras diretas e incomuns. Ao **que aborrece a repreensão** falta arrependimento genuíno e está indiferente e raivoso com a luz lançada sobre o seu erro em contraste com o filho de Deus que aceita a correção do Senhor como evidência da própria filiação (15.10; cp. Hb 12.5-8) e como um meio de trazê-lo de volta para o caminho certo (Hb 12.11).

A alegria interior, vinda de estar em paz com Deus, com certeza tem um efeito sobre a sua aparência exterior. O ser esmagado e **angustiado** (NVI) no interior manifesta-se no rosto (Pv 15.13). Contudo, a sua disposição interior pode mudar a sua atitude, afastando o seu foco das dificuldades da vida e colocando-o na direção de desfrutar as bênçãos providas pelo Senhor.

A comida de hortaliça pode prover mais que nutrição e tornar-se um resultado adorável da hospitalidade que ultrapassa um banquete mais impressionante servido sem amor (v. 17; cp. 17.1). As atitudes sempre vencem a escolha do cardápio. Mais uma vez, **o temor do SENHOR**, que não promete riqueza nem prosperidade, marca uma família com bênçãos espirituais mais satisfatórias do que qualquer coisa que o dinheiro possa comprar (15.16). Essa atitude traz contentamento e paz, o oposto da **inquietação** que acompanha muitas vezes o materialismo e a ganância (v. 16).

O Senhor, pelo fato de a viúva ser especialmente vulnerável na sociedade israelita, determinou-se a proteger os **limites da propriedade** dela (v. 25, NVI; cp. Êx 22.22; Sl 68.5; 146.9; Jr 49.11; 1Tm 5.5). Ele derruba os **soberbos**, mas **firm[a]** os necessitados — as viúvas, os órfãos e os pobres que seriam uma presa natural dos ladrões e dos mais poderosos que eles (Pv 15.25). O contraste aqui é entre os soberbos, que dependem da sua desenvoltura e engenhosidade, e os humildes, que não têm para onde se voltar além do Senhor — até mesmo para as suas necessidades básicas.

As Lições Espirituais com Aplicações Morais e Éticas (16.1—22.16)

16.1-20 O foco, mais uma vez, é a importância de depender do Senhor em contraste com confiar na sua própria compreensão (vv. 1-9; cp. 1.7; 3.5,6; 9.10). Deus dá a **resposta** (16.1); Ele conhece as **intenções** (NTLH) do seu coração e não se engana nem mesmo quando você se engana (v. 2); Ele promove as **obras** confiadas a Ele (v. 3); em última análise, **todas as coisas [são feitas] para os seus próprios fins** (v. 4); Ele controla os seus **inimigos** (v. 7); e, em última instância, **determina** (NVI) os seus **passos** (v. 9).

Um rei despótico tem poder de vida e de morte, mas **o homem sábio** pode apaziguar a raiva do rei. A **chuva serôdia** caía em março ou abril, e os israelitas dependiam dessa "chuva tardia" para a maturação do grão em preparação para a colheita. Essa comparação é usada para descrever o favor do rei (Pv 16.14-15).

16.21-33 Mais uma vez, o foco é a importância da comunicação. As palavras, vindas de alguém **sábio de coração**, são **suaves** e edificadoras (vv. 21,23,24), **fonte de vida** (v. 22), **doces** e trazem **saúde** (v. 24). Em contraste, o **homem vão** lança palavras de calúnia e dor (v. 27), de **contenda** e discórdia (v. 28). **O homem violento** (heb. ***chamas***) erra contra a sociedade ou os indivíduos, e a advertência é para afastar-se dele (v. 29; cp. 3.31). O poder militar e a vitória nas batalhas trazem prazer e admiração, mas aqui a maior recompensa é concedida a quem é longânime e não se enraivece com facilidade (16.32). A maior força e total autocontrole são necessários para exibir esses traços de caráter piedosos.

17.1-28 Há duas comparações: **tranquilidade** *versus* **contenda**; **um bocado seco** *versus* **banquetes** (NVI) (v. 1; cp. 12.9; 15.16,17; 16.8). A última referência a alimento servido não é o fator mais importante, pois a abundância não traz paz e satisfação; a ênfase, antes, é que por mais suntuosa que seja a festa, ela não traz felicidade se os alimentos forem servidos em meio à raiva e à amargura.

Os propósitos celestiais de Deus obscurecem sua perspectiva terrena, e suas circunstâncias terrenas nunca ficam além da supervisão celestial.

A herança e o legado da família são importantes nesta geração como o eram no mundo da Antiguidade. Os filhos ainda são considerados uma bênção (17.6; cp. Sl 127.3-5; 128.3,4; 144.12), e os anciãos da família têm de ser atendidos com a honra e respeito apropriados, cientes de que devem viver de maneira justa para merecer essa honra. Três gerações estão envolvidas aqui em louvor recíproco à medida que os **velhos** reconhecem os **filhos dos filhos** como **coroa** e os seus **filhos** afirmam que os seus **pais** são a sua **glória** (Pv 17.6). É claro que a tolice dos filhos causa dor aos seus pais (vv. 21,25); mas os avós encontram satisfação em ver o potencial de um legado nos filhos dos filhos, e os filhos podem se ver refletidos nos seus pais.

Responder aos erros e às falhas dos outros apresenta uma escolha: encobrir a **transgressão** ou repetir o comentário maldoso (v. 9; cp. 11.13; 18.8). Os verdadeiros **amigos** não permanecem nos erros cometidos no passado; mas perdoam e esquecem as ofensas do passado, seguem em frente com compaixão (17.9).

A metáfora de **soltar as águas** descreve o que acontece quando a raiva e a amargura começam a supurar, passando de uma pequena gota e juntando força até desenvolver uma tempestade violenta (v. 14). As discussões por pouco ou nada são transformadas em algo que separa e divide com pouca esperança de reconciliação.

Os termos **amigo** e **irmão** parecem ser usados em paralelismo sinônimo (v. 17). Ambos têm preocupação genuína e amor fiel; nenhum supera o outro. O amigo age como um irmão, e o irmão é um amigo verdadeiro.

O papel de pais nem sempre significa recompensas jubilosas. *Quando seu filho torna-se* ***TOLO*** *(heb.* ***kesil****, "alguém estúpido ou insolente", da raiz* ***kasal****, cujo sentido literal é "ser corpulento ou gordo", que, no mal sentido, se torna "inércia e tolice", muitas vezes significando incredulidade ou impiedade e até mesmo obstinação que se recusa a ser movida pela razão ou conselho; cp. Pv 14.8; 18.2) — quer manifestando essa tolice na arena espiritual, quer na arena intelectual, quer na arena moral — há um desapontamento imenso (17.21). Na segunda linha do dístico, outra palavra é usada para descrever esse filho —* ***naval*** *(insensato), "que não presta para nada, murcho ou seco, agir de forma estúpida"; veja o estudo da palavra Sl 14.1). O pai que coloca as suas esperanças e esforços na preparação do seu filho para ter uma vida próspera ficaria triste e até mesmo devastado pelo seu filho afastar-se desse caminho produtivo e seguir a própria tolice e insensatez (cp. estudo de palavra "loucos", Pv 1.7).*

18.1-24 As relações interpessoais — quer na família, quer com pessoas da comunidade, amigos/vizinhos e estranhos — são tratadas ao longo do livro de Provérbios. Há diretrizes para a comunicação e percepções para o desenvolvimento de amigos e parceiros. Há até mesmo princípios em relação a negócios e transações financeiras.

O livro contrasta continuamente o tolo com o sábio. Uma das características identificadoras do **tolo** é observada na maneira como ele fala — focando continuamente as suas próprias opiniões e fantasias pessoais, fornecendo as suas perspectivas pessoais, em vez de aproveitar a sabedoria dos outros (vv. 2,18). A sua boca aberta é uma frente para a mente fechada de modo que a sua falta de entendimento e ausência de autocontrole exponham a sua própria tolice. O tolo é autocentrado e resiste ao processo de investigação racional de um assunto (v. 1). **A boca do tolo** não só causa dissensão entre os outros, como também traz problema para ele mesmo (vv. 6-7; cp. Mt 12.34).

As mulheres parecem amar compartilhar as novidades com outras pessoas, e a maioria ouve a sua dose de fofoca. As palavras da fofoqueira ou linguareiro são descritas como **doces bocados** (do verbo heb. ***laham***, "devorar sofregamente", e, por isso, é uma referência ao que é engolido com voracidade), as quais, quando ingeridas com voracidade, apenas aumentam o apetite por mais desse doce bocado (Pv 18.8; cp. 26.22). A pessoa sábia que ouve fofoca ignora a mensagem maliciosa e evita a companhia de quem a compartilha.

A proteção de Deus para o seu povo não é um tema novo na Escritura. Aqui o foco é **o nome do SENHOR** — usado muitas vezes no Antigo Testamento em relação a Deus mesmo (Sl 20.7). A metáfora da **torre forte** é clara (Pv 18.10). Esse versículo está incrustado na bela e majestosa torre da Catedral de Sevilha, Espanha. O contraste é entre, de um lado, a segurança no Senhor e, de outro lado, a falsa segurança na riqueza. A consequência da admoestação na primeira linha é expressa na descrição de como **corr[e] o justo** de forma rápida e decisiva para o Senhor em busca de proteção. Em contraste, o rico depende com frequência da sua riqueza como **um muro alto** para segurança (v. 11). O autor, na continuação dos comentários sobre a fala, observa que alguém falar antes **de ouvir** está pedindo para ter problema e pode até mesmo ser humilhado publicamente (v. 13). Ele, fechado na sua própria importância, é destituído de sabedoria que muitas vezes vem de outros. Ouvir as palavras dos outros é importante,

mas você tem de ouvir o coração da outra pessoa e sentir o seu espírito (cp. 4.20-27). A *Midrash* judaica apresenta um ponto surpreendente ao sugerir que a língua tem o poder de matar pelo menos três indivíduos: aquele que perpetua a calúnia, a vítima da calúnia e até mesmo aqueles que ouvem a calúnia.

No meio de uma seção sobre a fala (18.20,21,23), há uma mudança para uma referência ao valor de "uma mulher" descrita como ***BOA*** *(heb.* ***tov****, "algo bom para os sentidos, agradável, prazeroso, desejável, deleitável, até mesmo bonito, justo; também mulher honesta moralmente, virtuosa, tornando-se o que é certo", v. 22). A palavra também pode descrever o que é precioso, próspero, satisfatório e benéfico — felicidade ou prazer no sentido do que é agradável a Deus, satisfatório para o homem e recompensador para todos. Observe Gênesis 2.18: "Não é bom que o homem esteja só" (cp. Pv 31.10-31 para uma discussão mais completa).* Além disso, o paralelismo na segunda linha observa que a **benevolência** (heb. ***ratson***, "boa-vontade") **do SENHOR** também é vindoura (18.22).

O marido, claramente, não merece crédito por essa adição deleitosa à sua vida; ele é uma dádiva de Deus para ele.

19.1-29 Nada é mais trágico que uma casa marcada pela insensatez e a discórdia. **O filho insensato** traz **ruína** (NVI, heb. ***hawwah***, "destruição, queda, calamidade, desastre, v. 13), o que pode ser uma referência à queda de chuva e neve, mas aqui tem um uso metafórico no sentido de diminuição da sorte ou um dilúvio de calamidades — uma referência aos problemas que acometem a família. O hebraico no plural sugere provações e angústias grandes e continuadas.

As contenções da mulher (heb. ***midyan***, "discussão, controvérsia, contenção, briga") também são mencionadas em outra passagem (v. 13; 21.9,19; 25.24; 27.15). A sua comparação com **um gotejar contínuo** sugere aborrecimento contínuo que não pode ser contido (19.13). Embora a Lei do Antigo Testamento permitisse a expulsão de um "filho insensato" (um filho "contumaz e rebelde", Dt 21.18), as "contenções da mulher" têm de ser aturadas (Mt 5.32; 19.9). É bem possível encontrar na mesma casa um filho insubordinado e uma esposa briguenta, uma vez que uma esposa e mãe questionar a liderança do marido e até mesmo alinhar-se com o filho contra o marido criaria não só uma situação hostil, mas também irregular, deixando o pai ineficaz na sombra de uma mãe dominadora. Um antigo provérbio árabe expressa bem a ideia em um jogo de palavras: "Três coisas

deixa uma casa inabitável: ***tak*** (o vazamento da chuva), ***nak*** (a importunação de uma mulher) e ***bak*** (insetos)".

Em contrapartida, "do Senhor vem a mulher ***PRUDENTE*** *(heb.* ***sakal****, "tem percepção, age de forma discreta, comporta-se sabiamente; torna próspero, sensível") (Pv 19.14; cp. 18.22; Gn 24.14). A palavra hebraica parece ter uma nuança indicando a capacidade de distinguir entre escolhas ou ter um conhecimento inteligente de por que tem de escolher um curso de ação. A ênfase está no processo de pensamento, resultando em uma ação sensível e resposta sábia, ou seja, discernimento perceptivo.* Aqui a discussão não é sobre um bom ou mau casamento nem mesmo sobre esposas insensatas e dominadoras. O autor apenas observa que, embora a riqueza possa vir como herança **dos pais**, quando você tem uma esposa sábia que administra bem a sua casa e exibe sabedoria piedosa, o seu casamento é feliz; e Deus merece o crédito (Pv 19.14).

Os pais, em nenhuma passagem da Escritura, são advertidos a deixar o filho por si mesmo. Na verdade, a punição corporal não só é praticada, como também prescrita. A ***DISCIPLIN[A]*** *(NVI, heb.* ***yasar****, "castigar, repreender, corrigir, instruir, admoestar", v. 18) não é apenas castigar por algo errado, porém mais importante é o processo de ensinar uma criança a como viver em obediência primeiro aos pais e, em última instância, a Deus. O foco do pai na disciplina é levar o filho para a vida eterna, o oposto da morte. A disciplina inspirada em Deus é sempre inspirada pelo amor e nunca tem a intenção de trazer prejuízo (22.6,15; 23.13,14; 29.15). Em Provérbios, ignorar a disciplina equivale a uma sentença de morte (13.24).*

Seus **planos** (NVI) podem ser cuidadosamente traçados e até mesmo chegar a produzir bons resultados, mas nunca podem ser equiparados ao **conselho do SENHOR**,que sempre prevalece porque, pela natureza da sua sabedoria, é perfeito, e o seu poder é sempre completo (19.21). O contraste entre os seus planos finitos, por mais corretos que estes pareçam ser, e a sabedoria infinita e o poder imutável de Deus, quem define o que é certo, é esmagador (2Sm 15.31; 17.14; Ne 4.15). Seus planos dependem de Deus para ter sucesso (Pv 19.21; cp. 16.9; Sl 33.10,11; Is 14.26,27). Tudo isso enfatiza a importância de um conselheiro piedoso para mergulhar na Escritura de modo que tenha respostas de Deus para os problemas da vida (Pv 19.20; cp. 2Tm 3.16,17) e as percepções para restaurar um relacionamento rompido e levar aqueles que buscam sua ajuda a ter uma vida satisfatória e feliz (2Co 5.17). Esse conselho nunca é centrado no homem, ou seja, fazer as coisas do próprio jeito, mas é centrado em Deus,

comprometendo-se a obedecer aos princípios encontrados na Palavra de Deus.

Beneficência (heb. ***chesed***, "afeição natural, a bondade e graça abundante de Deus em relação ao seu povo, afeto profundo pelo que é bom", 19.22, veja o estudo da palavra, Rt 1.8) é uma palavra forte para amor fiel e, portanto, apropriada para descrever o elo de amor entre aqueles que fazem parte da aliança. Eles, mais do que todos os outros, têm de ser fiéis e bons em palavras e obras.

20.1-30 A bebida alcóolica é associada há muito tempo com miséria e sofrimento, trazendo destruição não apenas para o círculo de quem bebe e a sua família, como também para os conhecidos inocentes e espectadores. A armadilha, que faz alguém perder o autocontrole e moderação pessoal, logo instiga a insensatez e atos abusivos. Os danos causados pelo uso do álcool (cp. 23.20,21,29-35; 31.4-7; Gn 9.20,21; 19.30-36) excedem em muito o seu valor medicinal (1Tm 5.23).

*O **vinho** (heb. **yayin**, "bebida intoxicante com fermentação") e a "bebida forte" (heb. **shēkar**, "bebida intoxicante, bebida forte"), que com poucas exceções são usadas em um sentido negativo e desfavorável e com muita frequência juntas, aqui são provavelmente personificações (Pv 20.1; cp. Lv 10.9; Dt 14.26; Is 28.7). Essas bebidas alcóolicas eram preparadas a partir da fruta ou do grão sem nenhuma evidência dos ingredientes da bebida destilada, mas com um sentido de propriedades intoxicantes. Embora sejam mencionadas como uma bebida comum em banquetes e para uso em ofertas de libação, os sacerdotes eram proibidos de consumir vinho enquanto ministravam diante do Senhor; e os nazireus eram proibidos de beber qualquer vinho (Nm 6.3; Jz 13.4). Os reis eram advertidos para evitar essa bebida a fim de julgar com a mente clara (Pv 31.4,5). Não há evidência de que o vinho no Antigo Testamento fosse fortalecido com mais álcool, como em gerações posteriores, o que deixava o seu teor alcóolico leve. Até mesmo os vinhos naturais dependiam da fruta para a doçura e muito pouco do acréscimo de álcool. Misturava-se com frequência água ao vinho para diluir. O texto não menciona vinho na observação da primeira Páscoa (Êx 12.1-28; Dt 16.1-8). O vinho, figurativamente, representava a ira de Deus e também grande sofrimento e destruição, provavelmente por causa da semelhança dessas calamidades com a angústia e a perturbação intoxicante que a bebida traz para a mente (Sl 60.3; Is 51.21).*

Sem dúvida, a ideia aqui é que a pessoa que consome essas bebidas intoxicantes está fora de controle, sendo marcada pelo comportamento barulhento e agressivo, ofensivo aos outros. Salomão incluiu uma série de advertências contra essa bebida:

• O vinho leva à pobreza (Pv 21.17; 23.21).
• O vinho traz peleja, pesar, fofoca, olhos vermelhos e feridas (23.29-30).
• O vinho engana e destrói (23.31-32).
• O vinho pode inspirar a luxúria e levar ao adultério — "mulheres estranhas" (heb. ***zur***, "mulher proibida, prostituta", 23.33; veja o estudo da palavra, 2.16).
• O vinho vicia (23.35).

O caso em favor da abstinência total é fortalecido pelo fato de que o primeiro drinque é suficiente para algumas pessoas ficarem total e completamente viciadas, e essa sensibilidade à bebida intoxicante pode ser passada através das gerações (Êx 20.5).

Os **filhos** do **justo** são com frequência escolhidos para a bênção e o louvor (Pv 20.7,11). O caráter do filho é confirmado em seu estilo de vida e ações. Como a **integridade** (TB) é ensinada e modelada no círculo familiar, eles são inspirados a viver a sua fé como fizeram os seus pais antes deles (v. 7).

As mulheres, em geral, não precisam de admoestação para evitar **dormi[r]** (v. 13, NTLH). A advertência aqui não é a proibição contra dormir, mas, antes, o encorajamento para evitar amar o sono apenas para tirá-lo da atividade produtiva. O dormir tem um papel a desempenhar no provimento do descanso necessário para revigorar o corpo e renovar o espírito. O **preguiçoso** (heb. ***'atsēl***, "pessoa indolente ou ociosa", v. 4), apesar de ser capaz de trabalhar, é criticado ao longo de Provérbios por causa da sua indolência:

• Ele não é motivado para levantar-se e ir para o trabalho (6.9-11).
• Ele não completa o que começa (12.27; 19.24; 26.15).
• Ele não enfrenta os seus problemas e falhas (22.13; 26.13-16).
• Ele não tem raízes, é impaciente, insatisfeito e desprezível (13.4; 18.9).

A alma do homem (heb. ***neshamah***, "espírito", 20.27) é uma referência à vida e, aqui, talvez mais especificamente à mente ou intelecto. Deus conhece os pensamentos, atitudes e desejos da pessoa exatamente como a **lâmpada** ilumina uma área para revelar o que está no escuro (v. 27). Deus, por intermédio do seu Espírito, dá a todo indivíduo uma bússola

moral que ultrapassa a consciência humana a qual o ajuda a discernir como agradar a Deus.

A disciplina, primeiro e antes de tudo, busca curar os intentos **maus** da pessoa, levando-a à piedade e ao bem (v. 30). A disciplina física pode trazer cura espiritual e é apropriada a fim de romper com a teimosia e obstinação para buscar o que é certo. Essa disciplina não é administrada com raiva nem, tampouco, para o prazer da pessoa que a ministra. Não há sugestão de abuso, embora alguns remédios sejam dolorosos e rigorosos. A Escritura afirma o valor do filho (Sl 127.3-5).

21.1-31 A figura de linguagem que ilustra o poder do Senhor refere-se a um método antigo de irrigação em que abriam vários canais a partir de um rio para que o trabalhador pudesse, com pouco esforço, dirigir o fluxo desses **ribeiros de águas** (v. 1). Os governantes orientais eram considerados os agentes humanos mais poderosos com controle absoluto sobre os seus súditos. Contudo, Deus, na sua soberania, tem controle ilimitado sobre o **coração do rei**, sem interferir com o livre-arbítrio desse governante (v. 1). Observe o Faraó (Êx 10.1,2), Ciro (Ed 1.1-4; Is 44.28—45.7) e Artaxerxes (Ed 7.21-24).

Quando uma **mulher rixosa** (Pv 21.9,19; cp. 19.13; 25.24; 27.15; 2Sm 6.16-23; 1Cr 15.29; Jó 2.9,10), irascível, está em cena, o seu marido preferiria viver no **canto de umas águas-furtadas**, exposto ao clima inoportuno que em uma **casa ampla** (Pv 21.9). Esse tipo de esposa cria sofrimento e desgosto na casa; ela não só degrada o marido, como também é desagradável para os filhos e uma abominação para Deus (contraste com 1Pe 3.4).

O presente que se dá em segredo não endossa o suborno, mas é uma observação de que o **suborno** (NVI) é dado por alguém que tenta o seu alvo a desobedecer à Lei de Deus (Pv 21.14; cp. Êx 23.8; Dt 16.19) e, em geral, é eficaz ao fazer isso. Contudo, o suborno é condenado no livro de Provérbios (Pv 15.27; 17.23).

Os **prazeres** (heb. ***simchah***, "alegria, felicidade, folia", aqui buscados como um fim em si mesmo, e não como a recompensa do justo, 21.17) autoindulgentes não terminam bem. As coisas mais agradáveis da vida não são más em si mesmas, mas podem ser destrutivas quando adquirem influência em sua vida. Só estar certo com Deus traz felicidade e bênção genuínas (10.28). Festejar com **o vinho e o azeite**, quando isso é sinônimo de extravagância, pode levar a pessoa à pobreza e desespero (21.17; cp.

23.20-2,29-35). O desespero doméstico aumenta um pouco com uma **mulher rixosa e iracunda** cujo marido agora abandona totalmente a família por uma existência solitária em uma **terra deserta** (21.19; cp. v. 9; 19.13).

22.1-16 O bom nome, sem dúvida, é fruto de uma vida disciplinada e um caráter imaculado — o que seria de esperar da escolha sábia e do caminhar com Deus (v. 1). Salomão começou bem com prosperidade e influência, porém terminou a vida com as convicções comprometidas e a perda da estima e confiança do seu povo e do Senhor (1Rs 11.1-13).

Muitos pais piedosos — embora os seus filhos sejam considerados tradicionalmente uma promessa para esses pais que os criam de forma consciente com ensino espiritual fiel — experimentam o pesar e a desilusão quando veem os filhos afastarem-se do que lhes foi ensinado com cuidado em casa e na igreja. Eles esquecem-se de que Deus deu a cada indivíduo o livre-arbítrio para fazer as suas próprias escolhas, e alguns fazem escolhas infelizes — até mesmo más — a despeito de toda preparação espiritual incutida na sua vida.

INSTRUI *(heb.* ***chanak****, "treinar, iniciar, começar" de uma raiz associada com o palato ou boca; Pv 22.6) aqui vai além de transferir os fatos. O termo raiz, da perspectiva teológica, está conectado com a fala e com a sabedoria. Alguns associam a palavra hebraica a uma palavra árabe afim usada para descrever a massagem que a parteira faz com xarope de tâmara na gengiva do bebê recém-nascido para estimular o interesse do bebê pelo seio da mãe onde encontra nutrição. A palavra também pode ser ilustrativa do quebrantamento de um cavalo selvagem por meio de uma corda na sua boca. A motivação positiva faz parte desse processo quando o exemplo é de comportamento piedoso. Em outras passagens, a palavra é traduzida por "consagrar" no sentido de separar para uso santificado (cp. Dt 20.5; 1Rs 8.63).* Os pais têm a responsabilidade de modelar o que ensinam aos seus filhos e de inspirar o filho a abraçar de bom grado o que está sendo ensinado.

A expressão **no caminho em que deve andar** também pode ser entendida de maneiras diferentes (Pv 22.6). Alguns sugerem que "no caminho" é uma referência ao "caminho de Deus" ou "o caminho da sabedoria"; outros consideram esse caminho como o sentido da "inclinação natural" do filho, o que parece uma interpretação especialmente fraca, uma vez que o que é natural raramente tem de ser ensinado. Até mesmo considerar a última tradução como sugerindo uma investigação da capacidade e talento da criança poria a ênfase no lugar errado. As primeiras

percepções têm mérito e valor no sentido de que os pais, é claro, têm de buscar por todos os meios treinar os filhos "no caminho" do Senhor.

Contudo, a frase também pode ser uma advertência aos pais, sugerindo que "de acordo com seu próprio caminho" refere-se ao entendimento de que os pais erram ao permitir que o filho siga o seu próprio caminho de modo que se põe uma fundação para um estilo de vida voluntarioso, do qual o filho nunca se desviará. A determinação para ter o seu próprio caminho impede o filho de tornar-se obediente para seguir o caminho de Deus. Esse padrão é claramente identificado na Escritura (12.15; 14.12; 21.2; 29.15; cp. Jz 21.25; Is 53.69).

Aqui está o padrão para um filho pródigo que pode começar com um coração que parece sensível aos pais e a Deus. Os seus pais dão a ele cada vez mais liberdade para fazer as próprias escolhas. Quando esse filho voluntarioso faz uma escolha errada, ele talvez nem mesmo esteja no radar dos pais por causa da confiança que investiram nele, e assim ele tropeça seguindo o próprio caminho. Por fim, ele, quando assume o controle das suas próprias escolhas na vida, está tão arraigado em seguir o próprio caminho que não está disposto a ser obediente a Deus nos testes da vida. O que, portanto, os pais têm de fazer na criação de um filho para o Senhor?

- Primeiro, declarar a promessa nesse versículo e dedicar-se ao ensino espiritual cuidadoso do filho em casa. Monitorar o ensinamento que ele recebe na escola e na igreja e observar as influências dos seus pares e da cultura sobre ele.
- Segundo, perceber que fazer todas as coisas certas para a sua instrução não dominará a voluntariedade do seu filho. Dedique-se com diligência a ajudar o seu filho a obedecer em qualquer escolha que ele tenha de fazer. Acompanhe o seu processo de tomada de decisão com atenção; corrija-o de forma amorosa, porém com firmeza; não esmoreça nesse processo mesmo quando o enfrentar reiteradas vezes. A vara faz parte dessa disciplina dos pais.

O que toma emprestado experimenta a servidão quando assume uma dívida (Pv 22.7). Embora esse versículo não faça julgamento sobre emprestar ou empréstimo, em outras passagens da Escritura há declarações claras sobre o fardo esmagador sobre aquele que toma emprestado (2Rs

4.1), bem como uma indicação de que busca as suas próprias soluções, em vez de dar uma chance a Deus para suprir as suas necessidades (Mt 6.25-33; 7.7-11; Rm 13.8).

A vara (heb. ***shēvet***, "bastão, vara para castigar, cajado do pastor"; veja o estudo da palavra Pv 13.24) **da correção** (heb. ***musar***, "punição, instrução", 22.15; veja o estudo da palavra 1.7) é a forma de Deus transformar a obstinação e direção pessoal em obediência submissa aos pais e ao controle de Deus na vida do filho. A vara, um símbolo de disciplina no livro de Provérbios, era usada para propósitos terapêuticos ou punitivos para a correção do filho (cp. 13.24; 23.13,14; 29.15). Não há sugestão de abuso, só que esse corretivo físico com a vara, quando administrado de forma rápida por pais amorosos, resolve completamente o assunto e previne permissividade e a anarquia. A **estultícia** está no coração da criança que segue o seu próprio caminho, em vez de buscar a sabedoria do caminho de Deus (22.15; cp. Sl 51.5; 1Co 13.11).

Uma Coletânea de Provérbios Adicionais (22.17——24.34)

A Primeira Série(22.17—24.22)

22.17-29 Esses versículos começam uma seção contendo **as palavras dos sábios**, que têm de ser ouvidas com uma visão no fazer (v. 17). A seção anterior apresenta o contraste entre a vida sábia e a insensata (10.1—22.16). Agora, uma série de provérbios apresenta advertências e faz apelos.

23.1-35 Um governador pode ser qualquer autoridade ou pessoa a quem você reporte-se profissionalmente. São dadas instruções concernentes à etiqueta à mesa quando você faz uma refeição com uma pessoa importante (vv. 1-3). O indivíduo é avisado para ser moderado e não comparar a sua porção com a dos outros.

É feita uma advertência para aqueles que querem **enriquece[r]** — não no sentido de sugerir que a dedicação e o trabalho árduo são maus em si, mas, antes, com a finalidade de sugerir que é necessário evitar o trabalho em excesso por causa de ganho material. A riqueza é transitória (vv. 4,5; cp. 1Tm 6.6-10,17,18).

Na hospitalidade, tenha cuidado com os anfitriões hipócritas que parecem dar as boas-vindas, mas, na realidade, só oferecem a contragosto **manjares gostosos** (Pv 22.6-8). A atitude desses anfitriões enganadores logo fica aparente para o convidado, que acha a experiência repugnante e uma perda de tempo.

Os **limites antigos** eram importantes para a viúva e o órfão (vv. 10,11). O Senhor não tolera a invasão de terra contra esses vulneráveis sob a sua proteção. O **seu Redentor** (heb. **go'ēl**, "alguém que compra de volta, parente-redentor", v. 11; cp. Rt 4.4,6; 1Rs 16.11) é Deus mesmo (e.g., Sl 19.14; 78.35; Is 41.14; 43.14; 63.16; Jr 50.34), e Ele protegerá os limites da terra deles.

Os pais são advertidos mais uma vez: **não retires a disciplina da criança** (Pv 23.13). O meio de correção é a **vara** (heb. ***shēvet***, vv. 13,14; veja o estudo da palavra 13.24; cp. 22.6). A disciplina não é para trazer dor e sofrimento para a criança, mas, antes, para capacitá-la a ter uma vida com mais sucesso e alegria. O **inferno**, ou Sheol (NVI), é uma referência à morte, considerada punição por perversidade (23.14; veja o estudo da palavra 1.12). Essa libertação inclui escapar dos perigos físicos em que incorreria um estilo de vida indisciplinado e insensato e também evitar a morte espiritual, o resultado final da rebelião contra Deus.

Nada estimula mais o coração das mães e dos pais que ver os seus filhos seguirem o caminho da sabedoria pela sua própria escolha (Pv 23.15,16,24,25). As palavras de louvor para os filhos com um estilo de vida piedoso são apropriadas e necessárias. O **futuro [...] e [...] esperança** (NVI) deles está garantido (v. 18; cp. Jr 29.11).

Os filhos também são admoestados a ouvir as advertências dos pais. A frase para evitar **os beberrões de vinho** e **os comilões de carne** fala de excessos e glutonia e da gratificação de apetites não saudáveis (Pv 23.20). A advertência contra bebidas intoxicantes também aparece em outras passagens (v. 21; veja o estudo da palavra 20.1; cp. Dt 21.20; Is 56.12; Os 4.18). **Beberrão** é uma referência à ociosidade e indolência, que levam, de fato, à pobreza (Pv 23.21; cp. 6.6-11). A referência a uma **prostituta** (heb. ***zanah***, "alguém que pratica fornicação", palavra aplicada principalmente às mulheres, quer casadas, quer solteiras, indicando envolvimento ativo em relações sexuais fora do casamento", 23.27; cp. 6.26; 7.10; 29.3) e a uma **mulher pervertida** (NVI, heb. ***nokri***; veja o estudo da palavra 2.16) reforça uma instrução anterior.

O hebraico sugere um jogo de palavras no contraste entre a intimidade sexual com a própria esposa — um **poço** produtivo e jubiloso abençoado por Deus (5.15-18) — e a fornicação com uma mulher que não é a sua esposa — uma **cova profunda [...] e poço estreito** (23.27; cp. 22.14). Com certeza, o caminho da promiscuidade é fácil, mas é difícil e custoso sair uma vez que esteja nele (cp. 2.18,19; 5.3-6; 6.24-35; 7.5-23).

Uma figura de linguagem retrata vividamente a bebedeira (23.29-35). O mundo sugere festividade, frivolidade e diversão; mas esses versículos certamente fornecem uma imagem diferente de uma pessoa que está embriagada:

- A sua aparência é desgrenhada, a visão fica distorcida; a fala, incoerente; e a escolha prejudicial fica aparente nos passos titubeantes (vv. 33-35; cp. Jó 12.25; Sl 60.3).
- Ele é culpado e ansioso (Pv 23.29-32).
- A sua atitude é irascível e combativa (20.1).
- A sua mente e vontade são irrefreáveis de modo que ele ousa até mesmo olhar em direção à tentação (23.31,32,35).

O vício começa com o primeiro drinque; por isso, a admoestação para recusar totalmente as tentações — uma advertência contra a atração pelas bebidas e também contra os efeitos dela (vv. 31,32).

24.1-22 Essa seção foca o elogio ao caminho de sabedoria e a condenação dos esquemas dos tolos ou dos **homens malignos** que tendem a infligir o seu dano por meio da sua influência maligna sobre os outros, ou seja, **planeja[m] a violência e [...] falam maldade** (vv. 1,2, BJ). Em contrapartida, a prosperidade genuína e a força de caráter vêm da **sabedoria**, ligada em Provérbios com "o temor do SENHOR", e observado aqui como o alicerce perfeito para toda casa (vv. 3,4; cp. 1.7; 14.1). Três componentes estão incluídos na construção dessa casa piedosa:

- a "sabedoria", ou seja, conhecer a Deus e ser marcado pelo "temor do SENHOR" que fornece as ferramentas para tomar as decisões certas em assuntos morais e práticos (v. 3; cp. 9.1);
- a **inteligência** que dá um passo adiante — não só o conhecimento dos princípios, mas também o discernimento para aplicar esses princípios aos

desafios da vida diária (24.3);

- o **conhecimento** que não tem de ser refutado, uma vez que acrescenta uma dimensão de excelência e que faz prosperar toda a vida por meio de habilidades práticas em áreas específicas de interesse e responsabilidade (v. 4). O "conhecimento", embora vazio se for apenas conhecimento pelo conhecimento, é uma ferramenta na mão de uma mulher sábia para produzir **todas as substâncias preciosas e deleitáveis** (v. 4).

Essa última qualidade não encoraja os atalhos e as incorreções, mas, antes, ressalta para a dona de casa a importância de dar o seu máximo em criatividade, energia e compromisso com a edificação da sua casa. *A palavra* ***EDIFICA*** *(heb.* ***banah****, "construir ou reparar, reconstruir, fazer prosperar, ampliar", v. 3) é associada com mais frequência com construção — de casas, cidades, torres, altares — mas também é usada muitas vezes na forma de expressão idiomática no Antigo Testamento. Por exemplo, a palavra é atribuída metaforicamente a Deus no seu ato culminante de criação quando Ele "formou" a mulher a partir de uma parte do lado de Adão (Gn 2.22), um uso exclusivo dessa palavra particular na narrativa da criação, e é usada em outras passagens para descrever o plano e a edificação do mundo por Deus (Am 9.6). A palavra também é usada para descrever as mulheres na sua tarefa de construir uma família com filhos (Gn 16.2; Rt 4.11; Sl 127.1; veja também o estudo da palavra Pv 14.1).*

Buscar a "sabedoria" é um trabalho árduo, e quem escolhe seguir esse caminho sofre correção e disciplina ao longo do caminho; mas a recompensa deveria ser **doce ao teu paladar** e uma **esperança** (TB) garantida de prosperidade espiritual (24.13-14). Os pais deveriam levar essa admoestação no coração enquanto buscam guiar os filhos de uma forma que seja benéfica para o futuro deles. *A advertência é feita com o intuito de proteger aqueles que você ama contra a associação com os* ***DISSIDENTES*** *(NVI, heb.* ***shonim****, "aqueles que fazem algo de novo ou de uma forma diferente; alterar, ser exaltado ou elevado, mudar", v. 21; cp. Jr 2.36), em especial aqui com a nuança de agitação e oposição. O verbo, como nessa ocorrência aqui, pode ser usado para descrever uma mudança no caráter do indivíduo ou na sua forma de vida — mudança essa que pode trazer as tragédias inevitáveis que acompanham a rebelião contra Deus (Pv 24.22).*

A Segunda Série (24.23-34)

24.23-34 A integridade de fala é enfatizada como uma **resposta sincera** e é comparada com um **beij[o]** ou expressão de amor (v. 26). É feita uma advertência contra procurar vingança por conta própria (v. 29), pois Deus promete executar justiça em seu nome (v. 12). Outra advertência é contra o **preguiçoso** (vv. 30-34; cp. 6.10,11; 20.4).

A Coletânea Feita pelos Homens de Ezequias (25.1——29.27)

25.1-28 Ezequias, rei de Judá, é apresentado pela sua contribuição para o livro. Ele, evidentemente, tinha a supervisão dos homens que **transcreveram** (heb. ***'ataq***, "transmitir, transferir, copiar, coletar", v. 1) a sabedoria contida nessa seção. Ezequias reinou (c. 716-687 a.C.) cerca de 250 anos depois de Salomão (c. 970-931 a.C.). Ele foi um rei bom e sábio que liderou um reavivamento para restaurar o culto no Templo (2Cr 29.20-35). O sentido do seu envolvimento aqui parece ser o de reunir, por meio dos seus estudiosos e escribas, mais provérbios que expressavam a sabedoria compartilhada por Salomão (Pv 25—27), especialmente os que ensinam a verdade por meio do uso de contrastes.

Uma das revelações mais fascinantes referentes à escolha de Deus de **encobrir o negócio**, em vez de revelar tudo sobre ele (25.2), o que de maneira alguma sugere que tudo necessário para a obediência ao Senhor não foi claramente revelado aos reis, como Ezequias e Salomão; reis estes que têm, de fato, a responsabilidade de liderar o povo com justiça e no processo de ajudar os seus súditos a entender as coisas do Senhor (cp. Dt 17.18-20). Assim, os reis, governantes representantes de Deus, têm de buscar diligentemente entender os propósitos divinos e representar esses propósitos para o povo.

A fala é tratada com frequência no livro de Provérbios. Até mesmo a reprimenda, quando feita com palavras amorosas e bem elaboradas, deveria ser recebida com o mesmo espírito (Pv 25.11,12). As boas maneiras ou delicadezas comuns que consideram os sentimentos e desafios dos outros também são afirmadas e podem ser uma valiosa ferramenta na derrubada da oposição encontrada (vv. 14-17). A bondade e a generosidade, mesmo com os seus inimigos, trazem inevitavelmente a bênção de Deus (vv. 21,22; cp. Rm 12.20). O fruto da **face irada** é um lembrete que as atitudes

interiores aparecem em nosso semblante (Pv 25.23; cp. 15.13; 21.29; 1Pe 3.3,4). A **mulher rixosa** é tratada em outras passagens (Pv 25.23; cp. 15.13; 21.29; 1Pe 3.3,4). O autocontrole ou restrição pessoal é essencial para preparar o coração para a orientação divina (25.28).

26.1-28 O **tolo** descrito aqui não é apenas falto de inteligência, mas também está enredado no seu próprio excesso de confiança, e, para ele, a sabedoria transmitida é fútil (vv. 3-5). Ele não consegue confiar nem mesmo em quem transmite a mensagem (v. 6). Quem é **sábio a seus *próprios* olhos** é ainda mais incorrigível que o **tolo** comum porque rejeita o aprendizado na certeza de que sabe tudo (v. 12).

O preguiçoso que não tem motivos legítimos para largar o seu trabalho inventa formas de fazer isso (vv. 13-15). Ele é inclinado à procrastinação, raramente começa e quase nunca completa qualquer tarefa (26.15; cp. 6.6-11; 12.27). A disputa é estimulada ou resolvida pelas palavras (vv. 17,20,21). A destruição do caráter é, com mais frequência do que o contrário, atribuída à **língua falsa** e ao hipócrita que tenta disfarçar o seu ódio e hostilidade sob palavras astuciosas (vv. 20,22-28).

27.1-27 A advertência concernente a vangloriar-se sobre o **dia de amanhã** não sugere de maneira alguma que não é sábio e prudente planejar para o futuro, porém enfatiza de forma mais pontual a importância de planejar para hoje e o seu momento atual de vida. Assim como seria presunçoso predizer o futuro, também o é elogiar a si mesmo (vv. 1,2).

O **amor encoberto** refere-se a uma forma covarde de ignorar a necessidade de repreensão e correção, ingredientes necessários para a verdadeira amizade (vv. 5,6; cp. v. 17). A força encontrada no conselho sábio é um tema recorrente ao longo do livro e serve como proteção contra o **conselho de si mesmo** (TEB), pelo qual o indivíduo torna-se introvertido e de mente fechada (v. 9). Os amigos são recomendados de diferentes maneiras, mas o uso do contraste entre o amigo e a família não sugere qualquer rebaixamento de um **irmão**; antes, às vezes, um **amigo** está mais prontamente disponível para você por mera questão de proximidade que o irmão que está **longe** (v. 10). Você escolhe criar um relacionamento relevante com um amigo, compartilhando de forma mais plena os seus sonhos e compromissos (18.24), mas o livro de Provérbios é bem claro sobre a importância dos laços familiares. Talvez o ponto mais importante seja que o amigo que age como um irmão deve ser mantido no mais profundo afeto e estima como o sentimento nutrido por um irmão.

A advertência a respeito de uma **mulher rixosa** aparece mais uma vez (27.15,16; cp. 19.13; 21.9,19; 25.24). Essa mulher não só é contenciosa, como também é irrefreável e, por isso, uma dor de cabeça em potencial que se estende muito além do círculo familiar.

O **sustento da tua casa** é uma preocupação para toda família (27.27). Aqui a tensão parece ser um lembrete do equilíbrio entre trabalhar tanto quanto possível para prover para sua família (v. 23) e, ainda assim, entender que Deus e a sua providência capacitam os seus filhos para satisfazer as suas necessidades (v. 27).

28.1-28 Os **juros exorbitantes** (NVI) não são uma preocupação pequena para o Senhor (v. 8). Os israelitas, na verdade, eram proibidos de ter lucro com empréstimos feitos a um irmão em necessidade; antes, o empréstimo, de acordo com a instrução de Deus, tinha de ser um ato de compaixão e sem juros — algo desconhecido na modernidade (cp. Êx 22.25; Lv 25.35-37; Dt 23.20). Qualquer um que tirasse vantagem de um irmão na pobreza perderia qualquer ganho que tivesse recebido (cp. Pv 22.16; 28.18). Se alguém se recusar a ouvir a Lei de Deus, este se recusará a ouvi-lo (v. 9); se alguém leva o outro **para um mau caminho, ele *mesmo* cairá na sua cova** — uma linguagem bem forte (v. 10). Alguém que parece ter isso tudo é transparente para **o pobre que tem discernimento** (NVI) e, portanto, consegue pôr as posses na perspectiva adequada na determinação do padrão para o sucesso (v. 11).

A forma como você lida com o pecado determina a forma como Deus lida com você. Recusar-se a admitir a culpa, ou seja, esconder suas **transgressões**, abre a porta para severas consequências (v. 13; cp. Sl 32.3,4). Contudo, confessar seu pecado e renunciar a ele traz perdão e paz (Pv 28.13; cp. Sl 32.1,5; Rm 4.7,8; 1Jo 1.9). Assim, quem age dessa última forma é **constante** (NVI) em relação ao Senhor; ou seja, teme ao Senhor e está determinado a ser obediente a Ele (Pv 28.14).

Um bocado de pão refere-se a um suborno oferecido a alguém cuja posição exige imparcialidade ainda que esteja disposto a fazer favor ou influenciar uma decisão manipulando as circunstâncias (v. 21). O tomador de decisão aumenta os seus recursos e, em troca, fornece uma escapatória para alguém que merece punição (vv. 20-21). Essa ação destrói a justiça (cp. Lv 19.15; Dt 1.17; 16.19; Pv 18.5; 24.23). É claro que os indivíduos pegos nesse esquema esquecem-se do fato de que, no fim, todas as contas serão acertadas pelo julgamento de Deus (cp. Ap 20.12).

Há filhos que roubam **a seu pai ou a sua mãe** tentando conseguir o controle da propriedade e outros recursos pertencentes aos pais e justificam tal *chutzpah* (audácia, arrogância extrema) achando no seu coração que os pais devem a eles. Esse senso de posse estimula-os a tomar o que eles acreditam ser deles por direito (Pv 28.24). Salomão compara sabiamente tais filhos com um **companheiro [...] do destruidor** ou um homicida (v. 24; cp. 19.26; 20.20; 30.11,17; Mc 7.11,12).

29.1-27 Um rei, por meio da **justiça** (NVI), oferece prosperidade e **estabilidade** (NVI), e **o povo se alegra** (vv. 2,4); a ganância de outro rei exige juros pesados ou "**subornos**" (heb. ***terumah***, "extorsão, propina", v. 4).

O autocontrole e a moderação frequentemente são afirmados em discussões sobre o comportamento sábio. O tolo é escravo das respostas impulsivas, enquanto o sábio é calmo e calado, descansando na sua moderação. **O sábio** pode acalmar a tempestade do **tolo** (Pv 29.11). A ***IRA*** *(heb.* ***nuach****, "vento, sopro, mente") pode ter a nuança da "explosão de uma tempestade ". Aqui a palavra descreve de forma metafórica as emoções da agressividade e da raiva (v. 11; cp. Jz 8.3; Ec 10.4; Is 25.4; Ez 3.14).*

A **mãe** é especificamente comentada aqui, talvez porque as muitas horas que passa com o menino iriam torná-la a principal disciplinadora, mas a menção exclusiva a ela não sugere de jeito nenhum que é a única disciplinadora (Pv 29.15). A **vara e a repreensão** são discutidas em outras passagens (v. 15; cp. 22.15; veja o estudo da palavra 13.24). Embora essas duas ideias possam ser vistas como uma hendíadis (a expressão de uma ideia usando duas palavras independentes, em vez de uma palavra com um modificador), isso em si mesmo indica a importância das duas ideias. Aparentemente, o princípio é mais bem entendido como um princípio com duas partes: uma reprovação ou correção e a vara ou punição para reforçar a importância da obediência ao princípio. O profeta Eli perdeu os seus filhos para o estilo de vida maligno e tolo porque ignorou a inteireza da disciplina com os seus filhos e não os inspirou à obediência, restringindo-os fisicamente (cp. 1Sm 2.22,25; 3.13). O ensino é claro: um filho indisciplinado que é deixado para buscar o seu próprio caminho não só trará julgamento para si mesmo, como também trará vergonha para os pais (Pv 29.15; cp. 22.6; 1Rs 1.6; 2.13-25).

A palavra de reprovação, a correção verbal equilibrada e refletida é o ponto de partida; mas, para o filho obstinado, a punição física também é

necessária para ajudá-lo a entender a seriedade da sua ofensa (Pv 29.15; cp. 13.24; 19.18; 20.30; 22.6,15; 23.14). As palavras amorosas de instrução e o encorajamento para fazer o certo têm de ser equilibrados com consequências físicas firmes.

Quando as palavras são ignoradas e a autoridade é rejeitada, tem de haver ainda outro esforço para ajudar a criança a obedecer. Quando os pais aceitam a responsabilidade e carregam o fardo dessa **disciplin[a]** (NVI, heb. ***yasar***, "corrigir", em especial no sentido de um pai punir fisicamente o filho [cp. Dt 21.18; 22.18] ou admoestá-lo verbalmente; veja o estudo da palavra Pv 19.18; cp. Dt 8.5), eles recebem **descanso** (ARA, heb. ***nuach***, "repouso, acalmar-se, ser libertado da ansiedade e calamidade", Pv 29.17) acompanhado de um sentimento de apaziguamento e até mesmo de um matiz de finalidade ou vitória, um estado de bem-estar e ausência de perturbação.

Excurso:
Maternidade

O principal ponto entre essas diferenças biológicas é a responsabilidade única da mulher de carregar o começo da nova vida no seu próprio corpo. A posição central da mulher na sua própria família e em toda a sociedade civilizada deriva do seu papel necessário e exclusivo na procriação e, dele, o laço humano mais primordial e inviolável, ou seja, com a sua prole. O homem, com certeza, tem um papel relevante na procriação e ensino dos filhos; mas o seu papel, da perspectiva prática e biológica, é secundário. Deus deu à mulher o ventre como uma incubadora para embalar e nutrir a vida humana desde o início. Destruir uma criança no ventre por meio do aborto é violar o próprio propósito de Deus para o ventre, ou seja, nutrir e proteger a vida fetal. Deus, por sua vez, dá ao homem a capacidade de fertilizar esse ventre, o que tem de ser realizado para a vida começar.

A mulher tem, por natureza e desígnio divino, um corpo preparado para gerar um bebê. A mulher recebe no seu ventre uma criança particular, e o seu laço com essa criança é pessoal; e o seu vínculo, indestrutível. Ela, na criação desse filho, tem a oportunidade de transmitir na privacidade do seu círculo familiar os seus próprios valores para a criança.

A mulher na sua casa expõe escolhas estéticas, dispensa amor e desenvolve os seus filhos em membros individuais da sociedade. Ela, por meio dessa tarefa atemorizante e impressionante, é desafiada a tornar-se o instrumento para transferir valores para toda uma nação e mundo. A mãe, em sua casa, é o último bastião contra a imoralidade e a amoralidade de nossa sociedade decadente. O mundo em que ela vive e a forma como se move nele refletem em grande parte os seus valores e o que ela é. A sua ligação umbilical com a nova vida e o seu senso arrebatado do valor e potencial para a vida modelados no seu ventre é onde tudo começa.

A mulher, se recusar esse papel de procriação e esperar que a sociedade assuma a sua responsabilidade de ensinar, acaba por abdicar do seu mais alto chamado e maior utilidade para o Criador e a sua ordem criada. As mulheres são chamadas a fazer sacrifícios; são desafiadas a viver de forma abnegada. Esses sacrifícios e a vida abnegada são essenciais para a continuação das gerações. As mulheres não podem evitar essa enorme responsabilidade da maternidade sem pôr em risco toda a civilização.

A Bíblia traz um testemunho eloquente da maternidade como parte da própria natureza da feminilidade. Em Reis e Crônicas, o caráter das mães dos governantes de Judá durante o reino dividido é devidamente observado (2Cr 24.7; 27.6). O mais alto título de Débora era "mãe em Israel" (Jz 5.7). Na época em que Golda

Meir assumiu o seu lugar na história israelita, ela também foi descrita como a "mãe de Israel". Bate-Seba teve uma influência poderosa sobre o seu filho Salomão, um dos maiores reis de Israel (1Rs 1.15-21; 2.19).

No Novo Testamento, Salomé provavelmente teve dois filhos contados entre os doze apóstolos e ainda era uma mãe apaixonada que buscava o melhor para os filhos, mesmo na vida adulta deles. Eunice, com a ajuda da sua mãe Loide, criou o filho Timóteo e foi elogiada por ninguém menos que o apóstolo Paulo por transmitir a fé para Timóteo (2Tm 1.3-5).

Em Gênesis, o livro dos princípios, as mães eram reconhecidas como colaboradoras do Deus Criador na tarefa da criação. Do protoevangelho (lat., "primeiro evangelho") em Gênesis 3.15 a Provérbios 31.21, à menção aos filhos da "mulher" de força que estão "vestid[as] de escarlate" (TB), à disposição de Maria de ser mãe do Messias (Lc 1.26-38) e à referência de Paulo ao fato de que a mulher "salvar-se-á, porém, dando à luz filhos" (1Tm 2.15), as mulheres têm um papel na redenção ligado à maternidade embutida nelas pelo desígnio divino. A mulher, por meio do dar à luz uma nova vida e nutrir essa vida espiritual e também fisicamente, é obediente ao plano redentor de Deus e é uma parte dEle. A maternidade, todavia, não está limitada ao dar à luz e nutrir a sua própria prole. As mulheres, ao longo de gerações, exercem um impacto protetor em toda a sociedade.

Na Escritura, a falta de filhos era vista como uma angústia, uma indicação de falta de valor e insignificância (Gn 29.32; 30.1). Sara ria da sua esterilidade, ainda que a desprezasse, e recorreu à medida mais desesperada para resolver isso. Rebeca pareceu apática e indiferente; Raquel ficou ameaçadora e amarga; e as duas sentiam pesar profundo a respeito da sua esterilidade. Ana serve como um dos modelos mais apropriados e inspiradores de maternidade. Ela também sofreu com a sua condição de não ter filhos e elevou com sinceridade orações para pedir a Deus para fazer uso da sua maternidade por meio do seu próprio ventre. Ana, obviamente, reconhecia que o fechamento do seu ventre era de Deus Iavé e acreditava que só Iavé poderia abrir o seu ventre. Ela considerava a maternidade e o papel de mãe um alto chamado e uma responsabilidade impressionante. Ela, com grande abnegação, ficou voluntariamente em segundo plano e, como prometera, devolveu o seu filho Samuel para Deus. O seu filho tornou-se um dos maiores profetas do Antigo Testamento.

Toda mulher enfrenta uma batalha referente ao seu desígnio e propósito no plano de Deus. Tenho, como mulher, de concordar com quem sou, aceitar as qualificações que tenho e reconhecer minhas limitações. Tenho de aprender de novo em cada fase de minha vida a entender o que acontece biologicamente no meu corpo e estar disposta a viver em harmonia comigo mesma e com minhas responsabilidades.

Meu ser físico é mais complicado que o de um homem por causa de minha natureza. Afinal, estou equipada para carregar e nutrir no meu corpo o início de vida mais precioso — a vida à imagem de Deus. Sou mais relacionada com meu corpo do que um homem com o dele por causa do desígnio e função intrincados necessários para eu cumprir minha maternidade, que é uma responsabilidade assustadora! Ao cumprir minhas responsabilidades designadas por Deus, encontro paz comigo mesma, alegria em minha tarefa e, em última análise, paz com meu Criador.

Nesse contexto, a ideia é que a correção de um filho traz repouso mental e emocional ou, como a frase paralela sugere, **delícias** (heb. ***ma'adan***, "alegria", como figurativamente no prazer das iguarias culinárias, v. 17; cp. Gn 49.20), como quando um filho cuida dos pais provendo o que precisam e dando-lhes descanso nos anos de velhice. Essa satisfação espiritual, em última instância, vem apenas de Deus e é estimulada pela vida em obediência aos caminhos do Senhor.

A disciplina estrita também é tratada em relação aos servos. Esse **servo** é descrito como alguém que **entend[e]** a sua atribuição, mas recusa-se a cumpri-la (Pv 29.19). Uma abordagem austera — correção além das palavras — pode ser necessária para um coração rebelde. O castigo, da perspectiva divina, nunca é abuso cruel, mas, antes, uma ferramenta para

ajudar uma pessoa a conformar-se à ordem moral posta em marca por Deus mesmo.

Primeiro, é necessário entender que, na Escritura, em nenhum lugar a escravidão é afirmada; antes, há diretivas para senhores e escravos sobre como responder da forma apropriada às suas respectivas circunstâncias. Também há proteções contra o abuso (cp. Êx 21.20,26,27). Acostumar um escravo, ou seja, estragá-lo por meio da permissividade e indulgência excessiva, deixa-o inadequado para o trabalho que será exigido dele, o que significa tragédia para o senhor e o escravo (Pv 29.21). Exige-se que o senhor ajude o seu servo a aprender diligência no seu trabalho, honra e respeito pelas autoridades na sua vida e até mesmo gratidão por aqueles que provêm para as suas necessidades básicas. Nesse sentido, os servos tinham de ser tratados como filhos; têm de ser treinados, e muitas das armadilhas existentes na educação dos filhos também se aplicam às responsabilidades de supervisão do senhor em relação aos seus escravos.

Apêndices do Livro (30.1—31.31)

As Palavras de Agur (30.1-33)

30.1-33 Essa seção é assinada por **Agur** (heb., "reunido; um da assembleia", ou seja, um dos sábios, v. 1), **filho de Jaque** (heb., "piedoso, sem culpa"), sobre quem pouco se sabe além de que provavelmente foi um sábio conhecido, ou homem de sabedoria, que viveu durante a monarquia de Israel (vv. 1-9; cp. 1Rs 4.30,31). **Itiel** (heb., "Deus está comigo", Pv 30.1; cp. Ne 11.7) e **Ucal** (heb. "devorado, exaurido", Pv 30.1) podem muito bem ter sido filhos, companheiros ou alunos de Agur.

As palavras de Agur indicam um espírito humilde, uma das características de um homem com sabedoria e honra (v. 1; cp. 22.4). Os seus ditos têm um tom um tanto diferente com uma variedade de formas literárias, incluindo instrução, oração, argumento e até mesmo ditos numéricos enigmáticos. Esses últimos ditos únicos são encontrados em versículos introduzidos ou organizados por números (30.7,15,18,21,24,29).

Não há sugestão que Agur não buscasse a sabedoria de forma diligente; antes, ele observa humildemente que, até depois de todo o seu estudo, ainda não dominava o assunto (v. 3). Até mesmo os homens mais sábios lidam com as incertezas da vida e da fé. Agur, incapaz de decifrar as

complexidades da mente finita do homem, com certeza não tem a pretensão de entender a mente de Deus, mas tem um desvelamento impressionante do Messias por vir em um versículo resumo (v. 4; cp. Is 55.8,9).

GERAÇÃO *(heb.* ***dor****, "uma raça em meio à humanidade, uma classe ou grupo de pessoas, Pv 30.11-14") em um sentido técnico descreve o tempo de vida começando na concepção do indivíduo e estendendo-se até o nascimento da sua descendência. Esse círculo de vida é usado aqui para descrever quatro grupos particulares tendo características em comum e, por isso, vivem como contemporâneos e, em um sentido metafórico, implica conformidade no caráter moral e espiritual (cp. Sl 79.13; Jr 2.31; 7.29).*

Essas quatro gerações têm intento maligno:

- Eles não honram os pais, desrespeitam-nos por meio da difamação ou da ameaça (Pv 30.11; cp. 20.20; Êx 21.17).
- Eles são hipócritas e pretendem seguir o próprio caminho, prestando atenção aos rituais religiosos externos, porém sem purificar o seu coração diante do Senhor (Pv 30.12; cp. Is 1.11-16; Mt 23.27).
- Eles são **altivos** e orgulhosos, até mesmo arrogantes em abraçar uma indevida alta visão de si mesmos, que depois desperta o desprezo pelos outros no seu coração (Pv 30.13; cp. 6.16,17; Sl 131.1).
- Eles são cruéis e opressivos, até mesmo com os mais vulneráveis na sociedade (Pv 30.14).

Infelizmente, as gerações com essas características não estavam limitadas ao período da monarquia de Israel; antes, cada geração até agora tem representação desses malfeitores.

A sanguessuga, comumente entendida como uma sugadora de sangue, é uma metáfora apropriada para representar a avidez e a exigência insaciável de coisas no desejo humano com o seguinte dito numérico (vv. 15,16):

- ***SHEOL*** *(NVI, heb. "devastação, vazio, mundo de baixo") na Escritura descreve o lugar dos mortos, ou seja, a sepultura em que o corpo sem vida é colocado para descansar, o mundo invisível para onde vai a alma dos mortos. A palavra é simplesmente transliterada do hebraico para o português no seu uso e tem entendimento comum (veja o estudo da palavra 1.12; cp. 9.18; 23.14; Is 5.14; Hb 2.5; veja também o estudo da*

palavra Jó 17.16). Aqui a sepultura está sempre à espera de ser ocupada pela sua vítima.
- **A madre estéril** que anseia por um filho ainda está insatisfeita (cp. Gn 16.2; 30.1-3; 1Sm 1.3-11).
- A **terra** enriquece a metáfora uma vez que com frequência a sua superfície seca pede por mais chuva (cp. 1Rs 17.1; 2Rs 8.1).
- O **fogo** está sempre preparado para combustível fresco a fim de continuar a sua fúria.

O seguinte dito numérico contém **quatro** (NVI) **caminho[s]** impressionantes, todos incompreensíveis e que não deixam nenhum rastro para trás (Pv 30.19).

- uma **águia** que plana graciosamente e com determinação através dos céus, sem deixar nenhuma pegada ou rastro;
- uma **cobra** movendo-se sem pés ou trilhas através da **rocha** (NVI);
- um **navio no meio do mar** cujo curso desaparece rapidamente nas águas abertas;
- "*O caminho do homem com* uma ***virgem***" *(heb.* ***'almah****, "uma jovem em idade de casar, contudo ainda sob os cuidados dos pais e, por isso, escondida do público"; cp. Gn 24.43; Ct 1.3; 6.8; veja o estudo da palavra Is 7.14) entra no reino da sexualidade humana, que pode começar com a atração física, porém muda o seu foco para a mais alta intimidade humana. Embora a palavra hebraica usada não tenha a referência exclusiva a "virgem", a mulher jovem é, no mínimo, alguém que não teve filhos, e em duas referências é de forma mais definitiva uma virgem (Gn 24.43; Êx 2.8), e nenhum uso da palavra demonstra um encontro sexual. Aparentemente, ela representa a pureza sexual, e a virgindade é um entendimento comum em outras traduções. A importância dessa palavra é logo entendida quando se observa que ela é usada pelo profeta Isaías para predizer a concepção virginal do Messias.* Aqui a metáfora sugere modéstia e mistério entrelaçados.

Todos esses exemplos não são observados continuamente, embora sejam majestosos e impressionantes à primeira vista. Tudo se move de uma forma misteriosa na esfera da outra, e a observação final parece ser a maior maravilha de todas, movendo da natureza para o reino humano.

Outro dito numérico observa "quatro" males encontrados em um mundo às avessas, como as situações em que alguém é elevado de repente a uma posição mais alta na vida sem razão nem preparação para isso (Pv 30.21-23):

- um **servo** despreparado para ser alçado à posição de **rei** (NVI, v. 22; cp. Zinri, 1Rs 16.1-20);
- um **tolo** que se empanturra com o egoísmo e a quem falta moderação (Pv 30.22; cp. 1Sm 25.2-38);
- uma **mulher desdenhada** (ARA, heb. ***sanē'***,"odiado", palavra que, às vezes, é entendida apenas como um grau a menos de amor e respeito; "frio e indiferente a, mostrando menos favor a") que está nessa condição, quer pelo seu comportamento odioso, quer por causa da rejeição do seu marido (Pv 30.23; cp. Gn 29.30,31; Dt 21.15-17);
- uma **serva** que consegue conquistar preferência suficiente com o seu senhor para suplantar a sua senhora, uma possibilidade especialmente se ela tiver filhos que se tornam herdeiros do seu senhor (Pv 30.23; cp. Gn 16.5; 21.10).

Essas advertências parecem especialmente importantes para o chefe da família. A sabedoria é maior que o tamanho e a força, conforme retratada em "quatro" criaturas pequenas e fisicamente fracas que, não obstante, mostram a sua esperteza na preparação para o futuro (Pv 30.24-28):

- **As formigas** são diligentes e organizadas na estocagem de comida (v. 25).
- **Os coelhos**, ou arganazes (ARA) (damão-do-cabo), são espertos para encontrar um lugar seguro (v. 26).
- **Os gafanhotos**, embora não tenham um **rei** nem líder, cooperam para manter a ordem e a disciplina (v. 27).
- **A lagartixa** (NVI), embora vulnerável a predadores, habita sem medo no **palácio dos reis** (NVI, v. 28).

As Palavras de Lemuel (31.1-9)

31.1-9 Rei Lemuel (heb., "para Deus ou alguém consagrado a Deus", v. 1) pode ser uma referência a Salomão, um nome simbólico para um rei ideal ou uma alusão a um rei cuja origem não está claramente identificada. O nome dado a esse filho é uma marca da fé da sua mãe. Ele não tem vergonha de reconhecer a influência da sua mãe, dando o crédito a ela por essa sabedoria e pela influência que teve na sua vida e, no processo, imortalizar a vida e a sabedoria da mãe. Essa mãe usa epítetos afetuosos para descrever o filho: **filho meu [...] filho do meu ventre [...] filho das minhas promessas** (v. 2), traçando o seu relacionamento próximo e amoroso de volta à concepção e crescimento dele no ventre. É interessante o fato de o livro de Provérbios começar com as palavras sábias de um pai (1.8) e agora terminar com as palavras sábias de uma mãe (31.2). As raízes históricas de Lemuel, quer sejam claras, quer não, não são necessárias para o entendimento dessa passagem (v. 1).

ORÁCULO *(TB, heb.* ***massa'****, "declaração, pronunciamento, discurso"; no sentido mais literal, "fardo, carga"; figurativamente, "o que pesa sobre uma pessoa"; possivelmente o nome de uma província ou reino, v. 1), nesse contexto, parece sugerir o compartilhamento de uma mensagem vinda de um coração sobrecarregado e apresentada em uma discussão racional com a intenção de que as palavras sejam passadas adiante como um ensinamento e diretriz para os outros. O verbo* ***ENSINOU*** *(heb.* ***yasar****, "instrui, refreia, corrige, reforma, reprova"; nesse contexto, o sentido mais literal seria "punir com palavras, corrigir", v. 1) sugere admoestação urgente e convincente (veja o estudo da palavra 19.18). Essa correção resulta em uma experiência de aprendizado. A disciplina de Deus busca mudar vidas e trazer as pessoas à obediência, e essa palavra é usada com frequência no livro de Provérbios.*

A **mãe** de Lemuel é a mensageira inspirada responsável por essas palavras (31.1). Ela começa com advertências para o filho, o rei, admoestando-o para ter cuidado com os perigos representados pelas mulheres e pelo vinho (vv. 3-7). O **vinho**, especialmente a imoderação ou bebedeira, podem prejudicar o seu julgamento (vv. 4-5; cp. Mc 6.21-28); e as **mulheres**, por meio da gratificação sexual irrefreável e das relações promíscuas, podem acabar com as suas forças (Pv 31.3; cp. 5.20-22; 1Rs 11.1-8). Essas duas coisas são distrações da sua responsabilidade, divinamente designada, de governar o seu povo com justiça e retidão. Embora a bebida forte possa ajudar alguém na **pobreza** ou desespero a **esque[cer]** a sua circunstância, o remédio mais importante é a pessoa encarregada de ouvir, julgar e governar de forma reta e justa (Pv 31.6,7).

O chamado da rainha-mãe à abstinência da bebida forte certamente foi baseado nos efeitos malignos e perigos associados com o uso excessivo da bebida forte.

É claro que, nas cortes da Antiguidade, como nas casas reais de hoje, fazer uma sugestão dessas para um monarca seria considerado absurdo e inédito, como também o seriam as suas outras advertências em uma sociedade polígama ou promíscua. Um rei que buscasse mulheres estranhas e estrangeiras correria o risco de perder a sua integridade e, assim, destruir o seu reino.

Essas advertências ocorrem em contextos diferentes ao longo do livro e em outras passagens do Antigo Testamento (cp. Pv 7 sobre a "mulher alheia"; 20.1; 21.17; 23.20,21,31-35; e Gn 9.20-27; Is 5.11; Os 4.11; Mc 2.11 sobre beber vinho). A rainha-mãe também afirma a responsabilidade do rei de proteger os direitos dos pobres e vulneráveis entre os seus súditos (Pv 31.8,9; cp. 2Sm 14.4-11; 1Rs 3.16-28; Is 9.6,7).

O texto flui direto para a seção seguinte e não há motivo para duvidar de que foi a rainha-mãe quem apresentou esse retrato inspirado sobre o tipo de mulher com a qual ela deseja que se case com o seu filho.

Os versículos finais do livro contêm uma poesia de louvor para uma mulher sábia cuja família incluía servos e muitos recursos que estariam muito além da mulher comum de qualquer geração. Contudo, a descrição vai do caráter interior da mulher a como este se desenvolve, cobrindo uma gama de talentos e oportunidades de modo que toda mulher pode ver-se em algum ponto do retrato.

O paradigma tem a sua fundação no caráter e nas virtudes pessoais (Pv 31.10-12,17,25,30,31), junto com o seu compromisso familiar (vv. 11,23,28) e administração enérgica da família (vv. 13-15,21,27) — e também um interesse na sua comunidade (vv. 20,26), atração pessoal (v. 22) e talento (vv. 16,18,19,24). Ela é separada como representando um padrão de excelência a ser admirado e imitado. Enquanto o seu marido está assentado à porta da cidade, onde a assembleia de líderes da comunidade tomava as suas decisões e emitia os seus julgamentos, alguém observa que o trabalho dessa esposa, como uma parceira útil, torna a liderança do marido na comunidade mais eficaz quando traz honra a ele e à sua família com as suas obras (v. 23; cp. Rt 4.1-12).

Embora alguns sugiram que essa mulher extraordinária meramente representa a sabedoria em uma alegoria, ela é descrita em detalhes vívidos

como uma esposa, mãe e mulher cuja própria diversidade de talentos e habilidades capacita toda mulher a alcançá-la e tocá-la de alguma forma. Ela eleva o padrão e, ao fazer isso, inspira as mulheres piedosas à excelência em todas as gerações.

Excurso:
"O Temor do Senhor"

A frase poderosa "teme (heb. yarē', "temor a partir da consciência de perigo e um senso de fraqueza pessoal, reverência religiosa, medo", 31.30; cp. Jó 1.1; Sl 128.1) ao SENHOR" (heb. Yahweh, o nome pessoal de Deus, pelo qual até hoje os judeus substituem o título "SENHOR" por causa da santidade e do estar-separado do nome de Deus; veja o estudo da palavra Êx 3.13-15) expressa a chave para o sucesso pessoal dessa mulher e o louvor dos outros e, mais importante, a sua recompensa de Deus. A expressão "a mulher que teme ao SENHOR" continua o tema introduzido no começo do livro onde essa expressão pungente define a sabedoria (1.7; 2.5; 9.10; 15.33; cp. 1.29) e continua do início até o lembrete final (31.30). Essa ideia, contudo, não aparece apenas em Provérbios, mas permeia toda a Escritura (Êx 19.6—20.20; Dt 10.12; Jó 28.28; Sl 111.10).

Essa expressão envolve principalmente a justiça do seu coração em relação a Deus, e não a alienação de coração característica do descrente. Não é possível "teme[r] ao SENHOR" sem primeiro abrir mão dos seus próprios desejos e dar as costas ao seu próprio caminho (Pv 3.5; cp. Mt 10.39; 16.24; 19.21,29; Lc 14.33). Você, ao fazer isso, aceita de forma voluntária a repreensão e correção de Deus e aceita os seus mandamentos que, por sua vez, levam à piedade pessoal e a uma vida separada para Ele. O conceito é similar ao conhecimento íntimo de Deus e ao entendimento dos seus caminhos. Não pode ser separado do entendimento da santidade de Deus. Uma mulher marcada pelo "tem[or] ao SENHOR" é separada por causa destas características:

- Ela começou uma jornada espiritual para conhecer o Senhor (1.7).
- Ela determinou-se a não seguir o seu próprio caminho e a levar uma vida separada para o Senhor (3.5-7).
- Ela entrou em profunda intimidade e comunhão com o Senhor em um plano pessoal (14.26).
- Ela experimenta alegria e satisfação genuínas (31.25).
- Ela colhe o fruto de uma vida disciplinada (10.27).
- Ela está determinada a servir ao Senhor de todo o seu coração (31.30).

Temer ao Senhor é ir além da confiança reverente nEle. Antes, você sabe que o Senhor não só vigia o que você faz; Ele também ouve o que diz e lê seus pensamentos antes que sejam verbalizados. Você está constantemente consciente de que está na presença do Deus santo, justo e Todo-poderoso do Universo. Percebe que cada pensamento da sua mente, cada palavra da sua boca, cada ato na sua vida — tudo está aberto diante dEle e, assim, será julgado por Ele. Há uma reverência controladora que emana do entendimento do seu poder e retribuição justa, bem como dos elos de um amor profundo que incita no seu coração o medo saudável de fazer algo que desagrade aquele a quem ama mais do que a própria vida. Você "teme", de fato, desapontar ou ferir ao Senhor, a quem ama acima de todos os outros.

Temer ao Senhor é muito mais que sentimento emocional ou intuição influente; esse temor exige que você comprometa sua vida — mente, coração e emoções — a aprender sobre Ele e o que Ele espera de você. Tem de saber e abraçar com determinação o que considera importante. Obedecê-lo é trazer prazer e deleite para seu coração. Desobedecer aos seus princípios é trazer dor e arrependimento para seu coração. Viver, em um sentido real, é devotar-se ao Senhor e aos seus caminhos e buscar de todo coração agradá-lo.

A poesia é modelada em um acróstico literário, e cada versículo começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico, criando a sua forma literária clássica para preservar e sistematizar os ideais expressos ali e deixarem os versículos mais fáceis de ser memorizados. O marido judaico, ou um filho da família, recita a poesia na noite de sábado em honra da esposa e com uma expressão de gratidão à esposa e mãe, enquanto ela acende os candelabros para a refeição da família. A comunidade cristã-judaica também acha o tributo digno de celebração honrando as mães na vida ou na morte.

O Acróstico da Mãe de Lemuel (31.10-31)

31.10-12 *A palavra* ***VALOR*** *(heb.* ***chayil****, "capacidade, eficiência, riqueza, resistência, energia, virtude"; vv. 10,29; cp. Rt 3.11; veja o estudo da palavra Pv 12.4) parece fraca para descrever essa mulher extraordinária, cujas habilidades são ofuscadas pelos atributos mais intangíveis. A expressão "mulher de força " parece muito mais expressiva do seu caráter inigualável e força espiritual e é uma nuança melhor da palavra quando usada nesse contexto.* A norma para a família definida em Provérbios é, sem dúvida, a união permanente de um marido e uma esposa (Pv 31.10-12; cp. 2.17; 5.18; 18.22). A esposa descrita aqui é, de fato, uma dádiva de Deus (19.14) e ela não só desfruta do afeto do seu marido, como também da confiança dele na sua capacidade para administrar a casa (31.11).

31.13-27 O texto não dá indicação de emprego ou carreira, o que, de fato, no mundo da Antiguidade, para uma mulher com marido e filhos e família para administrar, seria uma ideia estranha para a cultura. As suas atividades eram centradas na casa. Contudo, essa mulher precisava e possuía habilidades variadas e diversos talentos, todos os quais ela usava de forma eficaz na administração e gerenciamento sábio da sua família e nos ministérios para a sua família e até mesmo para os de fora do círculo familiar. Ela, como as viúvas dos patriarcas no Antigo Testamento, trabalhava de forma disposta e eficiente com as próprias mãos e também supervisionava de forma eficaz os trabalhadores da sua casa (vv. 13,27; cp. Gn 18.6-8; 24.18-20; 29.9,10). As famílias no mundo da Antiguidade dependiam da produção do que necessitavam e permutavam mercadorias por meio das suas indústrias caseiras, então não seria de surpreender encontrar essa mulher envolvida no comércio e buscando de forma intencional a prosperidade em tudo o que supervisionava na família.

Esse "acróstico da mãe de Lemuel" (31.10-31) — identificado como "ode alfabética", o "ABC de ouro para as mulheres", a "Esposa com muitas facetas", o "Paradigma para as noivas" ou até mesmo a "Mulher biônica da Bíblia" — deveria encorajar toda mulher a perseguir esse padrão elevado com energia e criatividade comprometidas. Qualquer mulher faria bem em moldar a sua vida segundo esse modelo para alcançar a excelência espiritual e profissional.

A referência a vestir a família é interpretada de diversas maneiras. *Na ARC, a palavra usada é "roupa* ***DOBRADA*** *(heb.* ***shani****, "carmesim, escarlate escuro") no sentido de preparação completa para aguentar os elementos do clima (v. 21). Contudo, alguns comentaristas observam que a palavra hebraica é traduzida em outras referências como "carmesim ou escarlate" (e.g. Êx 26.1,31; 28.5-8; Lv 14.4,6,49,51,52; 2Sm 1.24; Is 1.18). O fato de o carmesim ser a cor do sangue torna-o um símbolo natural para purificação e redenção. Há também uma referência em outras passagens da Escritura à purificação do pecado como deixando "mais alvo do que a neve" (Sl 51.7; cp. Ap 7.14). Por essa razão, esse último entendimento parece ajustar-se melhor ao contexto porque usa a metáfora de roupa, que manda embora o frio, para referir-se figurativamente à designação mais importante dessa mulher sábia da proteção espiritual da sua casa. Esse "escarlate" (TB) vem do verme tola, um inseto semelhante à cochonilha. O corante vermelho profundo, ou carmesim, produzido por meio do esmagamento da tola era muitíssimo valorizado e apreciado pelos orientais. Esse "verme" (heb.* ***tola'****, "inseto que gera a cor carmesim ou vermelho profundo") é usado de forma metafórica em Salmos 22.6, uma imagem impressionante para a predição messiânica do sofrimento de Jesus. O fim incomum no plural na NVI e NTLH, por exemplo, é usado para enfatizar que essa roupa é a melhor, sendo conseguida a um alto custo, o que, junto com o seu entendimento metafórico, apenas acrescenta força ao argumento em favor da tradução por "escarlate".*

O otimismo dessa mulher Extraordinária não é expresso com uma falta frívola de preocupação, mas, antes, com o espírito jubiloso que emana do interior enquanto ela **ri-se do dia futuro** (Pv 31.25). Ela fez os seus preparativos para o futuro de forma cuidadosa e apropriada.

Essa passagem mostra muito contraste entre essa mulher de força e a "mulher rixosa", que é mencionada em outras passagens (19.13; 21.9,19). **Sabedoria** (heb. ***chokmah***; veja o estudo da palavra 1.2) é a mesma palavra que Salomão usou no começo do livro (1.8), e agora a palavra, como outro apoio, aparece nos versículos finais (31.26), porque o todo do livro é sobre uma busca por sabedoria. O discurso dessa mulher é de sabedoria prática, prudente e cautelosa que surge da discrição e do bom

senso. A **instrução amável** (TB, heb. ***torah***, "lei, preceito", com ***chesed***, "bondade, misericórdia, bondade amorosa") sugere mais que um ensino baseado no amor, incluindo a ideia de aliança e constância, fidelidade inabalável pelas circunstâncias, amor proativo com ações determinadas. Por essa razão, a tradução por "lei da beneficência" também deveria ser considerada como suportando a ideia de uma nota de exigência pelo governo da língua e por obras boas produzidas pelo amor genuíno.

31.28-31 Essa mulher, embora o elogio seja com mais frequência buscado e recebido fora do círculo familiar, recebe os seus maiores elogios daqueles que a conhecem melhor — o marido e os filhos (v. 28). A conclusão pode ser uma referência às palavras pessoais do seu marido ou até mesmo ao ponto culminante do texto conforme decisão do autor. Seja qual for o caso, as palavras são divinamente inspiradas e servem, junto com as palavras de abertura sobre o valor do "temor do SENHOR" (1.7), como apoios para toda a coleção de Provérbios (31.30) exatamente como a ideia de excelência dá início a essa passagem focal ("seu valor", 31.10) e, depois, completa-a ("valor", 31.29, TEB).

"Enganosa (heb. ***sheqer****, "engano, mentira, falsidade", v. 30; cp. 6.17,19) é a* ***GRAÇA****" (heb.* ***chēn****, "favor, graça, elegância"; 31.30; cp. estudos da palavra 1.9, 11.16) porque é um verniz externo que pode mudar segundo um capricho pessoal ou virar uma circunstância perturbadora". A "formosura (heb.* ***yophi****, "bonito, elegância de forma, simetria de traços, semblante atraente", 31.30; cp. 6.25) é passageira" (NVI, heb.* ***hevel****, "vazio, vão, um sopro de ar, transitório, o que logo se desvanece, fumaça ou bolha de ar", 31.30; cp. 13.11; 21.6; veja o estudo da palavra Ec 1.2) e pode ser arruinada pelo passar dos anos, as agonias de dor e sofrimento, a negligência em cuidar da aparência.* Não há condenação da graça e beleza femininas, afirmadas em outras passagens da Escritura (cp. Pv 4.7-9; 1Sm 25.3; Jó 42.15; Ct 2.14), mas, antes, um engrandecimento do que é mais importante — o coração separado em devoção ao Senhor (cp. 1Pe 3.4).

BIBLIOGRAFIA

* Garrett, Duane A. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs,* New American Commentary, vol. 14. Nashville: B&H Publishing Group, 1993.

Kidner, Derek. *Proverbs: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1981.

Phillips, John. *Exploring Proverbs*. 2 vols. Grand Rapids: Kregel, 2002.

* Ross, Allen P. "Proverbs". Em *Expositor's Bible Commentary*, vol. 5. Grand Rapids: Zondervan, 1991.

* Para estudos avançados.

NOTAS

[1] C. S. Lewis, *The Problem of Pain* (Nova York: HarperCollins, 1940, 1996), p. 91.

[2] Para um excelente índice de tópicos, veja Allen P. Ross, "Proverbs", em *Expositor's Bible Commentary*, vol. 5, (Grand Rapids: Zondervan, 1991), p. 897-903; e Derek Kidner, *Proverbs: An Introduction and Commentary*, Tyndale Old Testament Commentaries (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1981), p. 31–56.

ECLESIASTES

INTRODUÇÃO

O livro de Eclesiastes parece estranho e um tanto confuso para muitos leitores da Bíblia — na verdade, não só para "iniciantes" na leitura da Bíblia, como também para estudiosos versados que devotam a vida ao estudo desse livro. O livro, à primeira vista, pode parecer estranho quando o leitor encontra já no segundo versículo a declaração cabal: "Vaidade de vaidades! É tudo vaidade".

Pensamentos de confusão, por conseguinte, podem surgir conforme passamos de capítulo a capítulo, e a declaração inicial do autor nunca é corrigida. Na verdade, o autor, bem ao contrário, pronuncia reiteradas vezes o seu julgamento de vaidade sobre as ações, as situações, os eventos e, com efeito, tudo o que acontece na vida "debaixo do sol". O autor, pelo que se pode observar, retrata a totalidade da vida como algo sem sentido, o que é exatamente o oposto do que o indivíduo quer e espera ouvir — especialmente da própria Bíblia.

O exame e o estudo mais atento de Eclesiastes produz um lembrete muito necessário de que, em um mundo imperfeito e cheio de incertezas e injustiça ainda é possível experimentar um júbilo na vida concedido por Deus no contexto de uma relação correta com o Senhor (12.13,14).

A percepção um tanto sombria sobre a vida, conforme percebida em Eclesiastes, causa, a princípio, grande ansiedade ao leitor que busca esse livro com propósitos devocionais, esperando encontrar o seu encorajamento espiritual para o dia. As mulheres, contudo, ao mesmo tempo que leem as

palavras do pregador (1.1) também podem sentir uma sensação de alívio e conforto quando descobrem algo das suas questões e frustrações "secretas" sobre a vida expressas e registradas nas páginas da Palavra de Deus. Eclesiastes, no judaísmo, é percebido como um livro que fornece percepção e entendimento incríveis da natureza e propósito da vida. O livro é lido no sábado de Sucot (Festa das Cabanas), o feriado judaico da alegria, para colocar a vida em perspectiva e como um antídoto para o excesso de indulgência, enfatizando a futilidade dos prazeres pessoais em contraste com a eternidade das buscas espirituais.

TÍTULO

O título desse livro na Bíblia hebraica é "Qohelet", designação esta dada pelo autor do livro: "Palavras do pregador (heb. ***Qohelet***), filho de Davi, rei em Jerusalém" (1.1). A Septuaginta (a tradução para o grego da Bíblia hebraica) traduz ***Qohelet*** pelo equivalente grego ***Ekklēsiastēs***, da qual vem o título "Eclesiastes".

A palavra "Qohelet", da raiz hebraica ***qahal*** ("assembleia ou congregação), ocorre ao longo do livro (1.1,2,12; 7.27; 12.8-10), provavelmente uma referência ao cargo ou função de alguém que reúne pessoas (cp. Ne 3.57,59; Ez 2.55,57) para o propósito de ensino (veja nota, Ec 1.1); por isso, o autor é identificado como "o pregador". A palavra não ocorre em nenhum outro livro do Antigo Testamento.

CENÁRIO

O cenário de Eclesiastes depende da sua data e autoria. No entanto, é mais provável que o livro tenha sido escrito e estudado nas cortes de reis, entre a elite intelectual, que tinha acesso e podia compreender as referências do autor à literatura egípcia e babilônica.

GÊNERO

É necessário, a fim de entender e interpretar corretamente o livro de Eclesiastes, também entender o gênero do livro. Eclesiastes, junto com Provérbios e Cantares, pertence à tradição bíblica de sabedoria. Esses livros de sabedoria caracterizam-se como tal por causa da sua abordagem

particular à realidade e também pela sua inclusão de certas formas literárias e temas.

Os livros de sabedoria abordam a realidade de forma diferente daquela de outros livros bíblicos. Esses livros, ao invés de focarem a história da salvação de Israel, focam a experiência humana na vida diária. A intenção deles não é tanto refletir como Deus opera na vida do seu povo quanto ensinar as pessoas como navegar através da vida levando uma vida de sabedoria na ordem criada de Deus. Essa sabedoria não é aprendida meramente observando e experimentando a vida; ela tem de incluir — na verdade, tem de começar com — o temor de Iavé (Jó 28.28; Pv 1.7; Ec 12.13). Eclesiastes é como outro material bíblico de sabedoria cujo foco está em como viver no aqui e agora dia a dia.

Eclesiastes, por outro lado, difere de maneiras importantes do corpo de sabedoria. Enquanto outros livros bíblicos de sabedoria são mais práticos e tendem em direção à harmonização de pensamentos e observações diversos, Eclesiastes é muitas vezes especulativo e tende a deixar tensões lado a lado no texto. Um bom exemplo disso é como cada um lida com o assunto da retribuição. O livro de Provérbios reconhece exceções e afirma a verdade geral de que há um resultado positivo para a pessoa que vive de maneira reta (e.g., Pv 3.33; 10.24,25; 12.21; 21.21). Em Eclesiastes, no entanto, as exceções à regra são deixadas lado a lado com a verdade geral. Por exemplo, o pregador afirma a verdade geral de que tudo vai bem para os tementes a Deus, mas não para os ímpios, que não temem a Deus (Ec 8.12,13). A seguir, ele afirma que há exceções: "Há justos a quem sucede segundo as obras dos ímpios, e há ímpios a quem sucede segundo as obras dos justos" (8.14). Essas duas declarações sucessivas (8.12,13; 8.14) representam uma tensão, mas não uma contradição.

Outro exemplo diz respeito ao assunto da sabedoria em si. A sabedoria, em outras passagens no corpus de sabedoria, é apresentada apenas sob uma luz positiva — uma vantagem a ser perseguida com grande desejo (e.g., Pv 3.13-18; 8.10,11). Em Eclesiastes, a sabedoria é vantajosa, mas a sua vantagem é limitada (e.g., ela não o protege do pesar, mas pode, de fato, aumentar o seu pesar, Ec 1.18) e temporária (ou seja, o sábio, no fim, morre como o tolo, 2.13,14). Essa tendência de Eclesiastes de deixar as tensões lado a lado faz com que alguns vejam o livro como contraditório, cético, não tradicional e até mesmo não ortodoxo.

Entender Eclesiastes como instrução intencional de sabedoria, inspirada por Deus e transmitida por meio do rei Salomão, o pregador, é vital ao pegar esse livro com seriedade e interpretar corretamente o seu sentido.

Essas descrições não são só desnecessárias, mas também inexatas. Na realidade, o otimismo qualificado do pregador e a sua menção às exceções à "regra" estão de acordo com o seu propósito para escrever para a sua audiência pretendida.

Eclesiastes é um livro de intenções. O objetivo do pregador, assim como outros sábios autores de livros de sabedoria — no plano mais fundamental — é ensinar e dar conselho. É importante observar isso porque alguns ficam tentados a ler Eclesiastes como se fosse apenas o diário intrincado de um homem que sentia angústia profunda a respeito das inconsistências que ele via na vida. Não é esse o caso.

O pregador, com certeza, registra algumas das suas frustrações em relação à vida "debaixo do sol"; contudo, o livro não é apenas um diário pessoal que reflete o seu "debate interior", uma alteração de humor, um período de desespero na sua vida ou os seus sentimentos instáveis a respeito da vaidade da vida. O livro é literatura de sabedoria e, como tal, é intencional no seu propósito e mensagem didáticos.

Em Eclesiastes, o pregador — o homem mais sábio que já viveu (1Rs 3.12) — usa intencionalmente a narrativa autobiográfica (entre outras formas) a fim de transmitir sabedoria para os seus ouvintes.

AUTOR

Em vista da natureza e mensagem únicas de Eclesiastes, não é de surpreender que o livro seja uma fonte de grande discussão entre os estudiosos da Bíblia. Quase todos os aspectos do livro têm estado sob intenso debate, incluindo a questão da autoria. Embora sempre haja opiniões diferentes em torno de Eclesiastes, o maior debate na história do livro acontece desde o surgimento da crítica bíblica nos séculos XVIII e XIX. Esses séculos recentes de estudo acadêmico têm colocado a visão tradicional da autoria salomônica de Eclesiastes sob sério escrutínio e crítica.

A evidência interna suporta a autoria salomônica. O próprio livro afirma que foi escrito pelo filho de Davi, rei de Jerusalém (1.1,12; cp. 1Rs 2.12). O autor fala da sua grande sabedoria (Ec 1.16; 12.9; cp. 1Rs 3.12), riqueza (Ec 2.7,8; cp. 1Rs 3.13; 10.14-29), projetos de construção (Ec 2.4-6; cp. 1Rs 7.1-8; 9.15-19) e concubinas (Ec 2.9; cp. 1Rs 11.1-3) — posses e realizações que o fizeram sobrepujar todos em Jerusalém antes dele (Ec 1.16; 2.9; cp. 1Rs 4.29-31). Surge como autor de Eclesiastes um rei sábio e rico que "compôs muitos provérbios" (Ec 12.9) — uma descrição completamente consistente com o que é registrado sobre o rei Salomão (1Rs 4.32; 10.23).

Embora esses argumentos possam ser considerados cuidadosamente, eles não necessitam abandonar a visão tradicional de autoria salomônica.

Martinho Lutero, no século XVI, foi o primeiro a questionar a autoria salomônica porque o nome do rei não aparece no livro. Grócio (1644) fez a primeira declaração formal para a autoria não salomônica sugerindo uma data posterior para o livro. Desde essa época, alguns sugerem uma data posterior para o livro, argumentando pela autoria não salomônica com base nas supostas tensões e contradições internas do livro. Mesmo o argumento da data posterior passou para a conclusão de que Eclesiastes é uma autobiografia ficcional escrita por um autor judeu do século III que assumiu a persona salomônica a fim de fortalecer o cerne da sua mensagem (ou seja, se o homem mais sábio e mais rico do mundo não conseguiu ser satisfeito pela sabedoria e riqueza, então ninguém conseguiria).

O ponto de vista não salomônico, apesar da evidência citada para suportar uma data posterior, também pode ter outras explicações. Por exemplo, a declaração em Eclesiastes 1.12 poderia muito bem ter sido feita por Salomão uma vez que a frase "fui rei" é mais bem traduzida por "venho sendo rei" (conforme traduzido na ARA). Essa tradução significa que o texto não apresenta nenhum cenário contrário ao registro bíblico (ou seja, uma época em que Salomão estava vivo, mas não era rei). Salomão ainda está na posição de rei, rememorando a sua vida como tal. Nem a frase em 1.16 ("todos os que houve antes de mim, em Jerusalém") deveria ser um problema se considerarmos a precedência de reis cananeus em Jerusalém antes de Salomão (cp. "Adoni-Zedeque", Js 10.1). Por fim, as declarações

sobre opressões no reino (Ec 4.1-3; 5.8,9) não justificam outro autor que não Salomão, pois este poderia estar refletindo criticamente sobre o papel de rei.[1]

Em vista da ambiguidade de toda a evidência fornecida pelos proponentes da autoria não salomônica para a data posterior, o indivíduo fica mais bem servido ao aceitar a autoria salomônica. O autor descreve Salomão com perfeição (1.1,12). Esse contexto da autoria salomônica também é vital na interpretação da mensagem e propósito do livro, uma vez que a sua mensagem rejeita claramente muito do que seria de esperar de um homem com a sabedoria e experiência de Salomão, uma tradição inquestionada até o século XVI.

DATA

O livro, com Salomão como autor, teria uma data do século X a.C. A singularidade da linguagem hebraica em Eclesiastes simplesmente o destaca no que é conhecido sobre a língua hebraica. Devido às limitações de conhecimento, é necessário ter muito cuidado para não basear a sua conclusão sobre a data do livro apenas na linguística.

Embora o aramaico possa, de fato, ter influenciado a linguagem de Eclesiastes, não poderia ter feito isso muito antes de meados do século III a.C. É possível dizer a mesma coisa das duas palavras emprestadas do persa, uma vez que o vocabulário persa poderia ter entrado na língua hebraica muito antes do auge do Império Persa. Por fim, o conhecimento da história da língua hebraica é tão limitado que não é possível saber ao certo o que influenciou a língua e quando isso ocorreu.

Se a evidência linguística não apresenta um caso conclusivo para a datação tardia do livro, os argumentos históricos são ainda menos convincentes. Ninguém conseguiu provar que certas passagens (4.13-16; 5.8,9; 6.3; 9.14-16) aluem a pessoas e a situações específicas de meados do século III a.C. A sugerida influência filosófica grega também pode apenas mostrar a influência do Antigo Oriente Próximo demonstrada nos paralelos literários egípcios e babilônios da Antiguidade.[2]

DESTINATÁRIOS

Eclesiastes foi escrito com uma audiência particular em mente, e entender esse contexto também ajuda a esclarecer o sentido do livro. Pelo assunto e todo o teor do livro, baseado nas seções na segunda pessoa ("tu"),[3] é possível concluir que o pregador mais provavelmente escreve para os jovens (11.9—12.1) do sexo masculino (9.9) que viviam em Jerusalém ou perto dessa cidade (ou seja, que tinham acesso ao Templo e ao rei, 5.1-8; 8.2-5; 10.4).

O pregador escreve para os homens jovens para quem o assunto da sabedoria, posses e riqueza eram relevantes. É bem possível que esses jovens tivessem "ilusões de grandeza", acreditando que a satisfação profunda e duradoura podia ser obtida pela posse de certas coisas; que a obtenção de grande riqueza iria distingui-los dos demais e deixar a eles um legado duradouro, possibilitando a eles a "dominar" a vida e a entender os seus acontecimentos por meio da sua sabedoria. Em suma, os homens jovens a quem o pregador escreve eram provavelmente os propensos a edificar a sua vida e senso de valor próprio sobre o que era apenas de relevância provisória. Por isso, a sabedoria genuína tem de incluir uma boa dose de perspectiva de vida. Eles precisavam entender o que significa ser uma criatura (e não o Criador) em um mundo amaldiçoado por causa do pecado. Assim, o pregador escreve de maneira honesta e verdadeira sobre o que vê e experimenta na vida "debaixo do sol": ele, ao contrário da sua expectativa, tem visto inconsistência e injustiça na vida; experimenta a futilidade e insatisfação em coisas que antes considerava proveitosas; vê que o conhecimento e domínio completos da vida é impossível. O pregador, com a sua honestidade brutal, destrói a fantasia de vida desses jovens, tirando os ornamentos sobre os quais eles talvez fiquem tentados a basear o seu desfrute da vida. Contudo, a mensagem do pregador, embora sóbria e equilibrada, não deixa de trazer esperança ou alívio para a sua audiência original e também para os leitores de hoje. Pois há, lado a lado com as tensões e pronunciamentos de futilidade, reiteradas ordens para (ainda) desfrutar a vida!

PRINCIPAIS TEMAS

- *Sabedoria*. A sabedoria (heb. ***chokmah***; veja o estudo da palavra Pv 1.2), com mais de cinquenta ocorrências no livro, é um tema comum em Eclesiastes, implícita e explicitamente. A intenção é que o livro inteiro seja um conselho sábio (implícito), e algo do conselho sábio é sobre o assunto

da própria sabedoria (explícito). Notavelmente, há poucas referências positivas à sabedoria nos seis primeiros capítulos do livro (Ec 2.13,14,26; 4.13). O pregador, em vez disso, dedica a primeira parte do livro à observação de que viver com sabedoria não garante lucro material (2.19-21) nem vida longa (2.15,16). Na segunda metade do livro, ele não só diz que a sabedoria é limitada nas suas vantagens e consequências, como também observa que, como criaturas, somos limitados na obtenção de sabedoria (7.23,25; 8.17). Só Deus sabe tudo (9.1).

Essa perspectiva sobre a sabedoria era importante para os destinatários jovens que talvez precisassem de uma perspectiva de vida mais equilibrada. "Não espere saber tudo ou dominar sua vida; isso jamais acontecerá, pois você é um ser humano limitado.

E lembre-se que nem mesmo o sábio consegue escapar das provações; essa é a natureza da vida debaixo do sol." Não obstante, a sabedoria, por todos seus efeitos aparentemente imparciais e resultados injustos, ainda é um dom desejável de Deus (2.26), que em geral é uma vantagem (7.11), uma proteção (7.12; 9.18) e um guia para o sucesso na vida (2.14; 8.1,5; 9.15; 10.2,10).

- *Trabalho.* Mesmo a leitura apressada de Eclesiastes revela a preocupação do pregador com o seu trabalho (heb. ***'amal***, "labor, esforço, luta", uma raiz encontrada 35 vezes em Eclesiastes[4]), um assunto muito apropriado para ser tratado no ensino de jovens da sua época. O pregador, de forma muito semelhante como lida com o tópico da sabedoria, dedica a maioria do livro a recontar a esses jovens a desilusão de sua vida de trabalho. Ele trabalhou duro para reunir e realizar no seu tempo de vida, mas veio a perceber que o trabalho não vem com a promessa de ser um legado duradouro (1.3-11) ou de ter herdeiros sábios (2.18-21). Nem há a promessa de ausência de dor (2.23), descanso bom (2.23) ou satisfação completa com o trabalho (6.7). A vida debaixo do sol é cheia de labuta cansativa e, muitas vezes, de dividendos desapontadores, resultado do pecado no mundo (cp. Gn 3.17-19). Então, isso significa que o indivíduo deveria desistir e parar de tentar? Não, claro que não! Salomão diz: "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças" (Ec 9.10).

Esta é a notícia boa e cheia de verdade: independentemente das imperfeições de um mundo debaixo da maldição do pecado e a despeito dos seus limites como criaturas nesta vida debaixo do sol, Deus ainda provê para cada pessoa a dádiva e a capacidade para desfrutar a vida.

- *Morte.* A morte, tanto em Eclesiastes como no resto da Escritura, é o fim inescapável da existência humana. Afinal, o ser humano (heb. ***'adam***) é feito de pó (heb. ***'adamah***), e os seres humanos, portanto, voltam para a pó (3.20; 12.7). Deus dá para cada pessoa uma quantidade de tempo (3.2; 8.15), e esses dias dados são poucos e fugazes (2.3; 5.18; 6.12; 9.9; 11.9).

O pregador reconhece a realidade da morte, embora esteja perturbado pelo seu escopo universal. Os seres humanos morrem, como também morrem os animais (3.18-21); e o sábio morre, como também morre o louco (2.14-16). Na verdade, a morte — o grande nivelador — não respeita as pessoas (9.2,3). Esse destino comum parece anular a busca do indivíduo por sabedoria (2.15) e riqueza (5.13-16); na verdade, é a realidade derradeira que parece tornar fúteis todas as buscas debaixo do sol (1.2; 12.7).

O pregador, contudo, tem, de fato, a intenção de balançar o prospecto da morte na frente dos seus jovens destinatários. Lidar com a morte (7.1-4) é vital, pois o reconhecimento dos seus limites como ser humano capacita-o a reverenciar Deus da forma apropriada (3.9-14) e desfrutar os seus dias da vida concedida por Deus (5.18-20). A realidade da morte pode ser incômoda, porém torna-se o alicerce de um mandato universal para desfrutar a vida.

- *Retribuição e julgamento divinos.* O pregador lamenta a falta de justiça na terra. O que ele vê é o ímpio receber, às vezes, o que o justo merece, e o justo receber, às vezes, o que o ímpio merece (7.15; 8.10-12a,14). Esta é a realidade para a vida debaixo do sol: a imperfeição dos seres humanos, muitas vezes, adia o julgamento terreno (8.11), e os caminhos inescrutáveis (sempre misericordiosos) de Deus muitas vezes postergam o julgamento divino (3.16,17). O pregador, embora lute para reconciliar a realidade com a sua crença, ainda sustenta firmemente a sua convicção de que a justiça universal virá no tempo determinado de Deus (3.17;

8.12b,13; 12.14); por essa razão, é necessário continuar a temer a Deus e a guardar os seus mandamentos (12.13).

- *Deleite.* A vida debaixo do sol nem sempre vai "de acordo com o plano". Multidões de absurdos existem e parecem existir na vida. Os absurdos podem, de fato, existir porque os seres humanos pecadores são bons em criar problemas para eles mesmos e para os outros. No entanto, os absurdos, às vezes, só parecem existir porque os seres humanos com entendimento limitado não conseguem ver o contexto maior.

O livro de Eclesiastes é a avaliação brutalmente honesta do pregador sobre a vida "debaixo do sol" — avaliação esta que reflete a contínua relevância da criação e queda da humanidade. Em Eclesiastes, o pregador relata isso como é; a seguir, diz aos leitores como viver à luz do trabalho frustrante, da fraqueza sistemática e da mortalidade inevitável. A resposta do pregador é desfrutar a vida.

Se essas limitações e frustrações (cp. 1.2; 12.8) são a realidade para a vida debaixo do sol (ou como você vê a vida debaixo do sol) e se boa parte de seu esforço é frustrado a cada volta (ou parece ser frustrado), você pergunta-se o que, de fato, pode ganhar por todo seu trabalho árduo. O pregador, depois de afirmar a sua visão da realidade ("é tudo vaidade", 1.2), abre o livro de Eclesiastes com esta exata pergunta: "Que vantagem tem o homem de todo o seu trabalho, que ele faz debaixo do sol?" (1.3). Ele repete mais três vezes essa pergunta (2.22; 3.9; 5.16); e todas as três vezes, dá uma resposta firme: "encontrar prazer" (NVI, 2.24-26; 3.12-14; 5.18-20). O prazer no seu trabalho é a sua porção e recompensa. ***ENCONTRAR PRAZER*** *(heb.* ***samach*** *como um verbo "ter prazer em, regozijar, desfrutar", veja 2.10; 3.12,22; 4.16; 5.17; 8.15; 10.19; 11.8,9; heb.* ***simchah*** *como substantivo, "prazer, alegria, diversão" — veja 2.1,2,10,26; 5.20; 7.4; 8.15; 9.7).*

Enquanto aparentes vaidades na vida podem (e devem) levar a um reconhecimento sombrio das limitações de um indivíduo sob um Deus soberano (e.g., 3.9-14; 7.13,14; 8.16,17), para o pregador, as aparentes vaidades não deveriam levar à renúncia ao seu trabalho (9.10) ou à aceitação da miséria da vida diária. A vida, ao contrário, pode ser infundida com alegria; essa é a dádiva de Deus (2.24-26; 3.12,13; 5.18,19). A dádiva, no entanto, depende da sua resposta: você tem de esforçar-se para desfrutar os seus esforços (2.24,25; 3.13), tomando uma decisão consciente de

regozijar-se (11.8,9). O autor deixa claro para os seus leitores a total inutilidade de uma vida à parte da devoção a Deus e da obediência a Ele. O autor também revela como o piedoso tem de enfrentar as adversidades e dificuldades.

Um olhar crucial para o Novo Testamento

Mais uma peça do contexto tem de ser apontado para o estudante que tenta entender e interpretar o livro de Eclesiastes. A perspectiva do pregador vem da sua estrutura teológica, e a sua estrutura teológica parece depender da teologia da criação de Gênesis 1—11.

Muitos dos temas do pregador mostram depender de Gênesis, só que o tema mais crucial para entender o ponto do livro é a futilidade do trabalho por causa da maldição do pecado e da morte. Em Gênesis 3, Deus coloca uma maldição sobre a humanidade por causa do pecado de Adão e Eva. A terra é amaldiçoada; agora espinhos e cardos crescerão (Gn 3.17,18). O homem é julgado; agora ele terá de trabalhar todos os dias da sua vida até morrer e voltar ao mesmo pó de que foi criado (Gn 3.17-19).[5] Em Eclesiastes: a sujeição do homem ao trabalho e labuta intermináveis é muitíssimo frustrante, pois parece nunca render benefício comparável com o trabalho exigido. A morte é o destino de cada pessoa; ela é inevitável e inescapável para todos — não importa como a pessoa viva. Em razão de o pecado e a morte terem entrado no mundo, tudo está do avesso e imperfeito.

OS LIVROS DA BÍBLIA SOBRE AS QUESTÕES DA VIDA

Livro	As questões da vida	Da perspectiva do mundo	Da perspectiva de Deus
Eclesiastes	Quando a vida é vazia: · você busca por Deus (Ec 12.1,13) · você alcança pela fé (Ec 12.1)	Sabedoria (Ec 1.12-18) Prazer (Ec 2.1-3) Ambição (Ec 2.4-17) Trabalho (Ec 2.18-23) Pessoas (Ec 4.4-8) Religião (Ec 5.1-7) Riqueza (Ec 5.8-20)	Sabedoria (Ec 9.16-18) Pureza de vida (Ec 5.1-6; 9.9) Autocontrole (Ec 11.10; 12.13) Trabalho (Ec 3.13) Valores espirituais (Ec 7.13-15) Administração sábia (Ec 3.1-8) Amizades (Ec 4.9-12)
Jó	Quando a vida tem sofrimento: · você luta com Deus (Jó 4.4,8,9; 7.11-21) · você busca a esperança (Jó	Você tem orgulho da sabedoria pessoal — presumindo conhecer todas as respostas (Jó 11.1—12.2). Você questiona o sofrimento do justo como algo injusto (Jó 9.14-24). Você toma decisões mais com os sentimentos do que com discernimento	Sabedoria — você ouve e responde a Deus (Jó 42.1-6). Sofrimento — você aceita como um canal para a edificação e crescimento espiritual (Jó 13.13-19). Providência — você determina que a fé em Deus governa os sentimentos

	19.25-27)	(Jó 9.14-24). Você confia no ego (Jó 32.10). Você exige respostas de Deus (Jó 10.18)	humanos (Jó 13.15,16).
Cantares	Quando a vida tem amor: · você sente a presença de Deus (Ct 2.8-10) · você percebe a alegria (Ct 2.3)	O amor é um sentimento. O amor pode morrer. O amor é o que você faz por mim. O amor é passivo. O amor nunca permite o sofrimento	O amor é ação (Ct 1.15,16; 2.2,3). O amor vive e cresce (Ct 4.12,16; 7.12; 8.11,12). O amor age em favor do outro (Ct 8.6). O amor exige trabalho (Ct 3.1,2). O amor conforta aquele que sofre (Ct 1.5,6).

A mulher que lê Eclesiastes, por conseguinte, têm de lembrar essa estrutura teológica. O pregador vê a humanidade limitada em cada capacidade porque (1) mulheres e homens são criaturas — e não o Deus soberano — e porque (2) são pecadores e continuam a sofrer as consequências da entrada do pecado no mundo.

Embora essa avaliação reflita, de fato, a maldição do pecado na vida debaixo do sol, ela não é a história completa para os leitores que permanecem ao lado de Cristo. O Novo Testamento afirma que Deus, por causa do pecado, sujeitou, de fato, a criação à vaidade, mas fez isso na esperança de que a criação seria liberta um dia (Rm 8.20,21). A semente da mulher golpearia a cabeça da serpente um dia (Gn 3.15), pois Cristo viria e sofreria a punição do pecado e a morte por toda a humanidade (cp. Is 53.5,6; Gl 3.13; 1Pe 2.24).

Qual o efeito disso para você? E como os leitores do século XXI têm de entender o livro de Eclesiastes? Primeiro, eles têm de ler o livro e sentir o peso da consequência do pecado na vida deles e no mundo, entendendo que a vida é imperfeita — não porque Deus é imperfeito, mas porque as pessoas o são. Segundo, você deveria agradecer a Deus por prover a solução de uma vez por todas para as consequências do pecado e da morte: Cristo, o Senhor.

Todas as pessoas, por causa do pecado, ainda enfrentam a morte; mas a morte, por causa de Cristo, perdeu o seu aguilhão (1Co 15.54-57). “Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1). A vida, por causa do pecado, ainda está cheia de aparente futilidade e realidades incompreensíveis, mas todas as vaidades da vida, por causa de Cristo, são infundidas de propósito e sentido; pois você sabe que “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28) e para o louvor da sua glória (Ef 1.11,12). Você, assim como

os indivíduos da audiência original de Salomão, pode responder à mensagem de Eclesiastes e desfrutar a vida que lhe foi concedida por Deus.

ESBOÇO

INTRODUÇÃO E REFRÃO TEMÁTICO (1.1-11)

I. A EXPERIÊNCIA DO PREGADOR (1.12—2.26)
- A. A Busca de Sabedoria (1.12-18)
- B. A Busca de Prazeres Transitórios (2.1-11)
- C. O Valor da Sabedoria e do Trabalho à Luz da Morte (2.12-23)
- D. Refrão: Desfrute a Vida! (2.24-26)

II. A OBRA IMUTÁVEL DE DEUS E O MISTÉRIO DO TEMPO (3.1-15)
- A. Discernimento Apropriado do Tempo no Mistério da Obra de Deus (3.1-11)
- B. Refrão: Desfrute a Vida! (3.12-15)

III. AS VAIDADES INEVITÁVEIS DA VIDA (3.16—7.29)
- A. A Verdade sobre o Destino comum (3.16-22)
  1. O julgamento e a morte (3.16-21)
  2. Refrão: Desfrute a vida! (3.22)
- B. A Realidade da Opressão (4.1-3)
- C. A Solidão da Riqueza e os Benefícios da Comunhão (4.4-16)
- D. O Caminho Certo para Aproximar-se de Deus (5.1-7)
- E. A Insatisfação e a Irrealidade da Riqueza (5.8—6.9)
  1. A insatisfação e a irrealidade: parte 1 (5.8-17)
  2. Refrão: Desfrute a vida! (5.18-20)
  3. A insatisfação e irrealidade: parte 2 (6.1-9)
- F. O que É Bom e Sábio para a Frágil Humanidade? (6.10—7.14)
  1. A fragilidade do homem (6.10-12)
  2. O que é bom e sábio (7.1-14)
- G. A Efemeridade da Sabedoria e da Justiça Verdadeira (7.15-29)

IV. A SOBERANIA DE DEUS SOBRE A VIDA DOS JUSTOS E DOS ÍMPIOS (8.1—10.20)
- A. A Conduta com a Autoridade (8.1-9)

B. A Iniquidade da Vida debaixo do Sol (8.10-14)
C. Refrão: Desfrute a Vida! (8.15-17)
D. A Ausência de Isenção para todos os Seres Humanos (9.1-12)
1. O destino de morte para todos (9.1-6)
2. Refrão: Desfrute a vida! (9.7-10)
3. O tempo e a "sorte" como um acontecimento para todos (9.11,12)
E. Contrastando Sabedoria e Tolice (9.13—10.20)

V. A Natureza Transitória da Vida (11.1—12.7)
A. O Desafio de Regozijar-se e Lembrar-se (11.1-6)
B. Refrão Modificado: Regozije-se e Lembre-se (11.7-10)
C. A Aproximação da Velhice e da Morte (12.1-7)

Conclusão e Refrão Temático (12.8-14)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

Introdução e Refrão Temático (1.1–11)

1.1 Embora o autor não seja mencionado aqui pelo nome (cp. Pv 1.1), esse versículo — junto com Eclesiastes 1.12 e 2.4-9 — sugerem que o autor é o rei Salomão. Ele recebe um título, linhagem ou herança de nascimento, posição e local (1.1). Apesar de Davi ter tido muitos filhos, só Salomão foi **rei em Jerusalém**. A referência a Salomão como **pregador** (heb. ***Qohelet***, "líder da assembleia, orador que se dirige a uma assembleia pública ou pregador"; veja a seção "Título" na Introdução) identifica sua posição de autoridade e também sua intenção de transmitir sabedoria com suas palavras. A tradução popular e mais proeminente por "pregador" é muito rejeitada pelos tradutores modernos, alguns deles rejeitam essa tradução por causa de suas implicações religiosas. Não obstante, outros argumentam que o termo "pregador" não capta o sentido mais básico da palavra hebraica e o entendimento teológico dela.

1.2 O pregador começa e termina o livro com uma estrutura temática (cp. 12.7) que reflete a sua avaliação da vida "debaixo do sol" e, é claro, sob a maldição do pecado: **é tudo vaidade**. *A palavra* ***VAIDADE*** *(heb.* ***hevel****) em hebraico é muito difícil de traduzir. Na verdade, os estudiosos designaram muitas palavras equivalentes: "vapor", "fútil", "vaidade", "vazio", "absurdo", "transitório", "ilusório", "incompreensível", e "sem sentido". Nenhuma palavra em português parece captar o sentido dos mais de trinta usos de* ***hevel*** *no livro (1.2,14; 2.1,11,15,17,19,21,23,26; 3.19; 4.4,7,8,16; 5.7,10; 6.2,4,9,11; 7.6,15; 8.10,14; 11.8,10; 12.8). Por exemplo,* ***hevel****, muitas vezes, implica algo transitório (cp. Pv 21.6; Sl 144.4), um sentido que traduz bem a palavra em versículos como Eclesiastes 9.9 e 11.10, mas não tão bem em versículos como 6.2 e 8.14. Outras vezes,* ***hevel*** *é mais bem traduzido por "sem sentido", descrevendo prazeres não satisfeitos (2.2). A tradução da palavra por "sem sentido" (NVI) também tem um apelo; pois o pregador, em muitos casos, fala de um evento, ação ou situação que desafia a razão — uma realidade que não está à altura das expectativas (e.g. 2.4-15; 8.14). Uma vez que o tema* ***hevel*** *é o principal do livro, aqueles que estudam Eclesiastes têm de estar atentos às nuanças dessa palavra.*

1.3 A pergunta retórica aqui é fundamental para o livro de Eclesiastes (cp. 2.22; 3.9; 5.16), guiando a própria busca do pregador e também dando voz à busca da humanidade por sentido e (muitas vezes) à própria avaliação subsequente da vida. Cada pessoa tenta fazer diferença e assume que o trabalho duro gera proveito (Pv 14.23). Quando, no entanto, não há **vantagem** (heb. ***yitron***, termo comercial ou de negócios com o sentido de "saldo positivo, ganho, vantagem", usado em outras passagens no Antigo Testamento; Ec 1.3; 2.11,13; 3.9; 5.16; 7.12; 10.10,11) para o **trabalho** do indivíduo, a conclusão muitas vezes alcançada é que essa busca é vã (1.2).

A expressão ***DEBAIXO DO SOL*** *(1.3,9,14; 2.11,17-20; 3.16; 4.1,3,7,15; 5.13,18; 6.1,12; 8.9,15,17; 9.3,6,9,13; 10.5; não usada em nenhuma outra passagem do Antigo Testamento) refere-se apenas a este mundo dos vivos. A expressão serve com frequência como um qualificador importante, limitando muitas das observações do pregador ao mundo presente.* A maioria do livro é visto da perspectiva da vida na terra, provando que a vida por si e em si mesma não supre as respostas. Em última análise, só Deus pode dar sentido, propósito e valor a nossa existência terrena.

1.4-7 O pregador, a fim de ilustrar o trabalho infrutífero e frustrante da humanidade, usa uma poesia sobre o trabalho sem-fim da natureza. A imagem é de um cosmo em repetição monótona, com cada elemento continuando a fazer o que sempre faz. Comparado a um breve ciclo de

vida, **a terra para sempre permanece** (v. 4). O **sol** também continua na sua rotina monótona, ao contrário de um recém-casado que irradia alegria quando sai do seu quarto de lua de mel (v. 5; cp. Sl 19.4,5). O Sol, ao contrário, trabalha na sua jornada do leste para o oeste através do céu; **e volta ao seu lugar** (Ec 1.5; cp. Is 42.14). As rajadas do **vento** norte-sul continuam o ciclo (Ec 1.6), e os **ribeiros** fazem perpetuamente o seu trabalho: enchem o **mar**, mas nunca o fazem transbordar (v. 7).

Os leitores são lembrados de que Deus mesmo é o autor das leis pelas quais todo o Universo opera, incluindo a evaporação e a condensação (v. 7; cp. Jó 36.24). A imagem aqui da terra (aparentemente) eterna, do Sol palpitante, do vento sempre voltando e do mar insaciável parece ao mesmo tempo engrandecer o sentido de labuta (sem mudança nem vantagem) no Universo e salientar a transitoriedade da humanidade. Versículos como esses afirmam a harmonia da ciência com a Escritura.

1.8-11 O homem mortal é inserido nesse ciclo cósmico imutável. O **homem**, em face da **canseira** (NVI) causada pelas coisas, **não é capaz de descrevê-las** (NVI) ou dar uma explicação para esta vida (v. 8). Nós, como o mar insaciável, ficamos com frequência cansados de nossas insatisfações com o que vemos e ouvimos da vida debaixo do sol. Este é um mundo de movimento, mas não de mudança real; **nada há novo debaixo do sol** (v. 9).

A Experiência do Pregador (1.12—2.26)

A Busca de Sabedoria (1.12-18)

1.12-14 O pregador começa a descrever a sua busca por sentido em tal mundo. Ele, primeiro, lembra os destinatários das suas credenciais para tal empreendimento (para mais estudo sobre esse versículo e a sua interpretação, veja a seção "Autor" e "Data" na Introdução). A sua busca era abrangente — ele buscava **esquadrinhar** e entender **tudo quanto sucede debaixo do céu** (v. 13). O pregador, usando as suas lentes de sabedoria, concedidas por Deus, queria ver como o mundo opera e as realidades da experiência humana a fim de discernir o sentido da vida (cp. 2.3; 6.12, "o que seria melhor que os filhos dos homens fizessem debaixo do céu"). Ele logo veio a ver essa busca como uma **enfadonha ocupação**

(1.13; cp. 4.8) que, muitas vezes, aumenta o sofrimento e o desgosto e uma tarefa que **Deus** dá às pessoas para **com ela se atarefarem** (BJ, 1.13).

O pregador, em vez de usar o nome de Deus da aliança (heb. ***YHWH****; cp. Êx 3.14) ao longo do livro, usa o nome hebraico mais genérico para* ***DEUS*** *(heb.* ***'Elohim****, Ec 1.13), um nome que indica a soberania absoluta de Deus. O nome de Deus da aliança,* ***Iavé*** *(Êx 3.13-15), geralmente assinalado na tradução para o português como "SENHOR", com todas as letras em maiúscula, não aparece no livro de Eclesiastes, talvez refletindo a luta do autor para encontrar sentido na vida. Afora uma aliança de relação com "o SENHOR" que se revelou em Cristo, tudo "debaixo do sol" parece ser vaidade (cp. Rm 5.1-5; 1Co 3.18-20; Ef 2.11-13).*

Por que o pregador vê essa busca como uma "enfadonha ocupação" (Ec 1.13)? Primeiro, ele estava frustrado pelo que observou e concluiu sobre a vida debaixo do sol: **tudo** (todo esforço — cp. 1.3,13) parecia **vaidade**, como **correr atrás do vento** (NVI, v. 14). *A expressão traduzida por* ***CORRER ATRÁS DO VENTO*** *(NVI, heb.* ***re'ut ruach****, "caçar o vento [ou espírito]") ocorre nove vezes em Eclesiastes. Sete dentre as nove ocorrências da expressão aparecem em conjunção com vaidade (1.14,17; 2.11,17,26; 4.4,6,16; 6.9). A expressão implica impossibilidade, para não mencionar frustração, pois quem pode correr atrás do vento e pegá-lo?* Segundo, o pregador logo percebe que nem mesmo ele, com toda a sua sabedoria, poderia entender todos os acontecimentos da vida e discernir o sentido dela (cp. 3.11; 8.16,17).

1.15 O pregador usa um provérbio para ilustrar *por que* tudo feito debaixo do Sol parece vaidade. O pregador, no contexto (cp. 7.13,14, passagem em que Deus é a fonte do está "torto"), diz que os caminhos de Deus no mundo estão:

- além da compreensão humana (ou seja, a realidade, para a humanidade, é torta [por causa do pecado] e parece estar torta [por causa do conhecimento humano limitado]) e
- além do controle humano ("não se pode endireitar"; cp. o verbo em 1.13; 7.13; 12.9).

A frase ***aquilo*** **que falta não pode ser calculado** é um truísmo (ou seja, não é possível contar o que falta), talvez se referindo ao que parece ser uma "falta" na realidade (ou seja, ficar aquém) ou o que falta no conhecimento humano.

1.16-18 O pregador, guiado pelo seu desejo de discernir o sentido do mundo e acreditando que ele, caso houvesse alguém, poderia entender, voltou a sua busca mais especificamente **a conhecer a sabedoria e a conhecer os desvarios e as loucuras** (v. 17; cp. 1Rs 3.12). Essa busca para entender a vida sábia e a vida louca, contudo, não era gratificante ("é correr atrás do vento", NVI; Ec 1.17) porque a consciência maior do mundo levava ao aumento do **sofrimento** (NVI) e do **desgosto** (NVI, v. 18). A sabedoria e o conhecimento, embora em si mesmos sejam bons, não trazem sucesso nem conforto.

A Busca de Prazeres Transitórios (2.1-11)

2.1-3 O pregador já explorou a sabedoria para encontrar sentido (1.16-18). Ele, agora, volta-se para explorar diferentes formas de **prazer** (heb. ***simchah*** — veja a seção "Temas principais", na Introdução) a fim de **ver o que seria melhor que os filhos dos homens fizessem** (2.2,3). O pregador, embora use a mesma palavra hebraica para prazer em outras passagens do livro e recomende-a, aqui diz que o prazer é **vaidade** (heb. ***hevel***; veja estudo da palavra 1.2). O prazer, identificado aqui como ***hevel***, inclui todas as formas de prazer material extrínseco no qual o indivíduo busca autossatisfação e ganho (cp. 2.4-8, esp. 2.10). Esse tipo de prazer é muito diferente da dádiva duradoura da alegria interior que Deus provê para infundir nas atividades diárias da pessoa (2.24-26; 5.20). No fim, qualquer forma extrínseca de "prazer" não **consegue** (TB) nada duradouro (2.2). O **riso**, especialmente quando associado com o comportamento tolo, é apenas **loucura** (TB; cp. 7.6).

A experiência do pregador com o prazer não foi da indulgência pela indulgência; foi da indulgência controlada de forma racional para o propósito de ver se os prazeres poderiam prover algum benefício e satisfação verdadeira. Por exemplo, a experiência com o **vinho** (um símbolo de prazer — Dt 14.26; Sl 104.15) não era com o propósito de embebedar-se (Ec 9.7), mas para ver se o vinho era uma fonte de verdadeira satisfação (2.3).

2.4-8 A passagem seguinte parece um currículo real exceto pelo fato de que o pregador não pretende vangloriar-se como fizeram outros reis do Antigo Oriente Próximo. O pregador sente prazer em realizações. Por isso, ele **constru[iu] casas** (NVI; e.g. o Templo de Jerusalém, 1Rs 5—6; 7.13-

51; residências reais, 1Rs 7.1-10; cidades e outros projetos, 1Rs 9.15-19; 2Cr 8.1-6) e **plant[ou] [...] vinhas** (Ec 2.4; cp. Ct 8.11). Ele também fez **hortas e jardins** completos com sistema de irrigação para os **bosques verdejantes** (NVI; Ec 2.5,6; cp. Ct 7.4). Ele aumentou a sua riqueza (Ec 2.7,8a). **Servos** (1Rs 10.5), **servas** (1Rs 9.15-22), bem como **grande possessão de vacas** (e.g. grande fazenda de animais) **e ovelhas** (e.g., animais menores) eram todos troféus da sua prosperidade, sem mencionar as necessidades das suas propriedades excedentes (Ec 2.7).

Ninguém tinha mais **prata e ouro** que ele, incluindo as **joias de reis e das províncias** (1Rs 10.14-29). Ele conseguiu até mesmo o serviço **de cantores, e de cantoras** (Ec 2.8; cp. 2Cr 5.13), o que era uma raridade para qualquer indivíduo. Os estudiosos têm dificuldade para traduzir Eclesiastes 2.8b, embora a maioria deles ache que o pregador aqui se refere a **concubinas** (TB) como uma das fontes do seu prazer. Se essa for a tradução correta, isso se alinharia com o que se sabe do amor de Salomão pelas mulheres (cp. "trezentas concubinas" de Salomão, 1Rs 11.3).

2.9-11 As suas realizações e riqueza fizeram-no superar **todos os que houve antes** dele **em Jerusalém** (veja as seções "Autor" e "Data" na Introdução). O fato de essa busca abrangente ter sido completada por um rei sem igual torna a conclusão ainda mais impressionante: todas as realizações eram **vaidade** (heb. ***hevel***; veja estudo da palavra 1.2) e semelhantes a **correr atrás do vento** (NVI; veja estudo da palavra 1.14), pois **proveito nenhum havia** (heb. ***yitron***, "resultado, vantagem"; cp. 1.3) nelas (pelo menos **debaixo do sol** — observe a limitação).

No Antigo Testamento, ***RECOMPENSA*** *(NVI, heb.* ***chēleq****, "porção, parte", 2.10) refere-se à parte, ou herança, destinada ao indivíduo (cp. Js 18.5; 19.9; Nm 18.20; Dt 10.9). O pregador usa essa palavra de maneira semelhante (Ec 2.10,21; 3.22; 5.18,19; 9.6,9) para descrever o que Deus atribui nesta vida debaixo do sol. A porção de cada pessoa vem com limitações, mas também com a possibilidade de alegria (2.10b; 3.22; 5.19; 9.9).* Se alguém podia experimentar satisfação ou sentido em realizações ou riqueza, esse alguém seria o rei Salomão... mas ele não experimentou satisfação nem sentido. O vinho (2.3), a riqueza 8vv. 4-8,10), as mulheres (v. 8) e o entretenimento (v. 8) — todas as fontes usuais de gratificação simplesmente provaram a sua inadequação (v. 11).

O Valor da Sabedoria e do Trabalho à Luz da Morte (2.12-23)

2.12-16 Se as realizações obtidas por meio da sabedoria não trazem nenhum ganho *derradeiro*, existe alguma vantagem em ser sábio? A **sabedoria**, com certeza, é vantajosa sobre a **estultícia** como a **luz** sobre as **trevas** (vv. 13,14a). Mesmo assim, a vantagem da sabedoria é limitada porque não pode impedir o sábio de sofrer o mesmo **destino** (NVI) do louco: a morte, a grande niveladora de todas as pessoas e buscas (Ec 2.14b). Uma vez que todos enfrentam a morte, por que **bus[car] [...] mais a sabedoria? [...] também isso *era* vaidade** (v. 15).

Nas passagens de ***hevel***, é muitas vezes difícil determinar o referente de "isso". Será que o pregador conclui aqui que ser sábio demais é vaidade (porque o sábio morre como o tolo) ou diz que a situação toda (de todos terem o mesmo destino, independentemente do seu respectivo estilo de vida) é vaidade (ou seja, absurdo)? Talvez a resposta seja um pouco dos dois. O pregador está incomodado com o fato de o sábio morrer exatamente como o tolo.

2.17-21 O pregador, por conseguinte, **aborrec[eu] esta vida**. A morte parecia deixar *tudo* **vaidade** e semelhante a **correr atrás do vento** (NVI): as buscas da vida têm vida curta, e o esforço nem sempre traz o resultado esperado (v. 17). O pregador não só odeia a vida, como também odeia o seu **trabalho**, pois a morte inevitável significa que ele tem de **deix[ar]** o trabalho e a recompensa **ao homem que viesse depois** dele (v. 18). Por que ele deveria trabalhar para que outro obtivesse o ganho? Para piorar, o seu sucessor pode ser um **sábio ou tolo** (v. 19). Como é doído que até mesmo um tolo possa ter a oportunidade de **assenhorea[r-se]** do seu trabalho, **em que me houve sabiamente**! O trabalho habilidoso, por conseguinte, é "vaidade" (heb. ***hevel***; veja estudo da palavra 1.2), pois é uma busca de vida curta que não traz nenhuma garantia de um sucessor sábio. Eclesiastes 2.20,21 faz paralelo e elabora os versículos 18,19: o pregador afirma como se sentia em relação ao seu trabalho — não só ódio (v. 18), mas agora **desesper[o]** (v. 20) — e a razão por que se sentia dessa maneira — ou seja, o seu trabalho foi feito com **sabedoria, e ciência, e destreza** (v. 21), mas depois pode ser herdado por um sucessor que não o merece.

2.22-23 A questão, portanto, é: "O que você consegue com todo seu trabalho? Com certeza, não é um legado duradouro ou um sucessor sábio!" (cp. 1.3; 2.16). Aparentemente, uma pessoa só recebe dias cheios de dores e noites insones por causa de uma **ocupação** desgostosa (v. 23). **Também isso é vaidade** (ou seja, absurdo; v. 23). O pregador, uma vez que as posses materiais não podem ser levadas para o pós-vida, viu de forma ainda mais clara a futilidade do trabalho humano. As referências à dor, ao desgosto e à ocupação aqui aludem a 1.12-18 a (esp. vv. 13,18), passagem em que a busca por sabedoria é a "enfadonha ocupação" que traz sofrimento. Quando a realidade não bate com as expectativas (e.g., quando os esforços não trazem o resultado esperado) e quando não é possível entender os acontecimentos da vida, o resultado é sofrimento.

Refrão: Desfrute a Vida! (2.24-26)

2.24-25 A busca do pregador é determinar o que é bom para as pessoas debaixo do céu (2.3). Ele, após explorar completamente todas as formas de prazer (2.1-11), sabedoria (vv. 12-17) e trabalho (vv. 18-23) e tê-las descoberto ***hevel*** (heb.), conclui que o melhor a fazer é **comer, beber e encontrar prazer em seu trabalho** (NVI, v. 24). O enunciado **não existe nada melhor do que** (NVI, v. 24; cp. 3.12,22; 8.15) não precisa indicar resignação; é apenas a conclusão a que chegou o pregador na sua busca. A referência a comer e a beber não é um chamado ao hedonismo; é uma referência às funções básicas da vida. Em outras palavras, encontrar alegria (no sentido literal, ver o bem) em tudo o que faz em sua vida. A diversão (satisfação) verdadeira provém **da mão de Deus** (2.24); **pois, separado deste [Deus]** (ARA) não é possível consegui-la (v. 25).

> Segundo, Deus agora é revelado não só como o doador das tarefas que podemos considerar enfadonhas (1.13), mas também o doador da alegria que torna as tarefas enfadonhas suportáveis.

Duas coisas são dignas de nota aqui. Primeiro, Deus é a fonte da alegria: ela vem *dEle*, não do interior das pessoas ou do que fazem. As tarefas enfadonhas, por conseguinte, têm o potencial de ser infundidas com alegria.

2.26 Duas pessoas e dois resultados são mencionados nesse versículo:

- Aquele **que [...] agrada** (TB, heb. ***tov***, "bom") a Deus, ou seja, "aquele que é bom diante de Deus", recebe **sabedoria, e conhecimento, e alegria** de Deus;
- o **pecador** (heb. ***chata'***, "aquele que é inadequado"; cp. 7.26; 8.12; 9.2,18), contudo, recebe algo diferente de Deus: a tarefa de **junt[ar], e amonto[ar]**, mas não a recompensa de manter os resultados do seu trabalho.

Deus mostra a sua graça para todos quando faz o Sol levantar-se e a chuva cair sobre os justos e os injustos (Mt 5.45). "Ser inadequado", todavia, é errar, muitas vezes com consequências ruins (cp. Pv 13.22).

A Obra Imutável de Deus e o Mistério do Tempo (3.1–15)

Discernimento Apropriado do Tempo no Mistério da Obra de Deus (3.1-11)

3.1 Deus é o doador soberano que dispensa tarefas e alegria para mulheres e homens (2.24-26). Deus também é o trabalhador supremo que determina o **tempo** apropriado para cada **ocasião** (NVI) e **propósito** (3.1-15), implicando que os seres humanos não determinam as estações da vida — eles apenas respondem a elas da forma apropriada com sabedoria. Os eventos da vida, em última análise, são ordenados por um Deus compassivo, gracioso, amoroso e fiel. A soberania de Deus é, claramente, a fundação da qual nasce a sua providência. Os seus planos estão de acordo com a designação divina e não dependem da aprovação humana (Dt 32.39; Sl 75.2; 102.13). Uma vez que você mesmo não consegue organizar suas idas e vindas, tem de esperar o Senhor para guiá-lo.

O pregador usa uma poesia para representar os vários períodos da vida, e não para catalogar completamente os períodos que Deus ordena (Ec 3.2-8). Cada um dos catorze pares contrastantes enumerados ilustra as polaridades da atividade humana. A figura de linguagem usada pelo pregador é um *merisma*, um artifício que usa extremos opostos para que cada tarefa pareça cancelar a outra. O efeito total é enfatizar a totalidade e completude.

3.2-4 Os pares correspondem a um ciclo de vida. **Nascer** e **plantar** referem-se à concessão da vida; **morrer** e **arrancar** referem-se ao tirar a vida (v. 2). Esses são claramente períodos que os indivíduos não conseguem controlar. No Antigo Oriente Próximo, onde a guerra santa era algo comum, essa menção a um **tempo de matar** não soaria tão espantoso quanto soa para os leitores de hoje (v. 3). Apesar de "tempo de matar" referir-se ao término de uma vida, o **tempo de curar** refere-se à preservação da vida. **Derribar** e **edificar** são termos de construção — possivelmente se referindo à construção de muros, caso todo o versículo esteja no contexto de combate (v. 3). Nem todo evento da vida exige, ou evoca, a mesma emoção: há um **tempo de chorar e tempo de rir** (v. 4). A última metade do versículo intensifica a emoção — o choro vira pranto, e o riso vira dança (NVI).

3.5-8 A primeira parte desse versículo é notoriamente difícil para os leitores modernos entenderem. São possíveis três sentidos para **espalhar pedras** e **ajuntar pedras** (v. 5). Esses sentidos poderiam ser:

- termos de construção — demolir e preparar para edificar;
- termos militares/agrícolas — espalhar, ou atirar, pedras nos campos inimigos (cp. 2Rs 3.19,25) ou ajuntar as pedras de um campo a fim de preparar o solo (cp. Is 5.2);
- termos fazendo referência sexual — ter uma relação sexual e abster-se dela.[6]

A segunda metade de Eclesiastes 3.5 fala de **abraçar** (um gesto de afeto) e, segundo a Midrash judaica, dá crédito à terceira possibilidade.

Os pares no versículo 6 parecem referir-se a ocasiões de posse. Há um **tempo de buscar** e um tempo para desistir da busca (**perder**); há um **tempo de guardar e tempo de deitar fora** (v. 6). Muitos estudiosos veem o período de luto como um contexto possível aqui. **Tempo de rasgar** (cp. Gn 37.29; 2Sm 13.31; rasgar as roupas era um sinal de luto, pesar) e um **tempo de estar calado** (cp. Jó 2.13) pode referir-se ao próprio período de luto, enquanto o **tempo de coser** e o **tempo de falar** (cp. Sl 126.1,2) pode referir-se ao tempo *após* o período de luto (Ec 3.7). Também é possível que a última metade do versículo estivesse repetindo um tema comum de sabedoria — saber quando é apropriado falar e quando

não é apropriado falar (cp. Pv 15.23). Os pares em Eclesiastes 3.8 referem-se a eventos sociopolíticos e às emoções correspondentes a eles: **odiar** (NVI) leva à **guerra**, e **amar** leva à **paz**. Essa longa lista, embora não pretenda ser completa, enfatiza a verdade que toda vida humana repousa sob o abrigo do cuidado providencial de Deus (Jr 10.23). Um ser finito tem apenas um vislumbre da majestade e bondade de Deus. Você entende apenas partes do todo (cp. 1Co 13.9-12).

Os períodos da vida

O autor de Eclesiastes usa a poesia hebraica sem rima, especificamente o paralelismo ou pares, para transmitir os ritmos da vida.

nascer	morrer
plantar	arrancar
matar	curar
derribar	edificar
chorar	rir
prantear	dançar
espalhar pedras	ajuntar pedras
abraçar	conter-se (NVI)
buscar	perder
guardar	deitar fora
rasgar	coser
estar calado	falar
amar	odiar (NVI)
guerra	paz

Toda vida tem períodos diferentes, todos designados por Deus. Os tempos de dificuldade da vida são uma parte do plano de Deus tanto quanto os tempos de prazer. Confie nEle em todos os tempos de sua vida.

3.9-11 Nesse contexto da soberania de Deus sobre o tempo, a questão recorrente do pregador (cp. 1.3; 2.22; 5.16) é bem natural: o que, então, **ganha o trabalhador com todo o seu esforço** (NVI, ou seja, se o tempo é ordenado por Deus)? **Deus dá [trabalho] às pessoas para que fiquem ocupadas** (NTLH, 3.10) — o trabalho duro e infrutífero (cp. Gn 3.17-19) e também o desejo de entender a realidade, sem falar da incapacidade para isso (cp. Ec 1.13; 3.11b). A realidade é que o trabalho do homem é envolvido pelo trabalho de Deus.

Tudo tem um tempo, e **ele fez tudo apropriado ao seu tempo** (NVI, v. 11a), um testemunho do propósito e planejamento de Deus. A ironia é que as pessoas existem no tempo e são limitadas pelo tempo — a **eternidade** (NVI; heb. ***'olam***, "uma longa duração de tempo"; cp. 1.4,10; 2.16; 3.14; 9.6) — no **coração** do seu povo (3.11b). Isso significa que você e eu temos a compreensão de um "grande esquema de coisas" e um anseio por conhecê-lo, mas os seres humanos, limitados no conhecimento, não conseguem entender a obra de Deus (cp. Is 55.8,9). Eles não conseguem transcender completamente o tempo ou o que você vê da vida debaixo do céu a fim de entender completamente a totalidade das coisas. O propósito de Deus, embora cause com frequência frustração, é bom (veja Ec 3.14).

Refrão: Desfrute a Vida! (3.12-15)

3.12-15 Uma vez que os seres humanos são limitados, o melhor a fazer é **regozijar-se e levar vida regalada** (ARA; v. 12). Deus não garante aos seres humanos completo conhecimento e entendimento da realidade; isso está reservado a Deus. Ele, no entanto, dá a você o dom de gozar a vida e também a habilidade de comer, beber e desfrutar seus esforços a despeito do fato de que não conhece o "grande esquema das coisas". O gozo, como qualquer dom, tem de ser recebido. As obras imutáveis de Deus permanecem em total contraste com as obras fúteis do homem: as suas obras **durar[ão] eternamente**, e nada pode ser acrescentado ou tirado delas (v. 14; cp. Pv 30.6). **E isso faz Deus para que haja temor diante dele** (Ec 3.14; cp. 5.7; 7.18; 8.12,13; 12.13). A reverência mencionada aqui não é o temor aterrorizante, mas a resposta apropriada de reverência que os seres humanos finitos têm de ter por um Deus infinito. Deus é Deus, e você é um ser humano (Ec 3.14). A consciência de seus limites leva necessariamente sua capacidade de desfrutar a vida.

O pregador descreve este mundo em que a obra de Deus permanece para sempre: **O que é já foi; e o que há de ser também já foi** (3.15; cp. 1.9,10). Não se deve entender a última parte do versículo com o sentido de que Deus age meramente por causa da monotonia, mas, sim, com o sentido de que Ele é sempre responsável pela manutenção do mundo.

As Vaidades Inevitáveis da Vida (3.16—7.29)

A Verdade sobre o Destino Comum (3.16-22)

O julgamento e a morte (3.16-21)

3.16-17 O pregador **descobri[u] também** (NVI) a injustiça presente na terra. No tribunal, que era para ser um **lugar do juízo** e um **lugar da justiça**, havia apenas impiedade (v. 16). A justiça não era dispensada ao justo e ao ímpio. A única esperança em tal situação era **Deus**, o administrador perfeito de justiça, **julga[r] o justo e o ímpio** (v. 17). O pregador não fornece detalhes aqui sobre quem esse julgamento cairia (ou seja, o presente ou o futuro). A conexão com 3.1 ("tudo tem o seu tempo determinado [...] debaixo do céu") parece indicar que ele acredita que a justiça seria administrada na terra, o que está de acordo com a crença israelita tradicional de que Deus vindica a causa do justo e mantém o ímpio responsável pelos seus atos (cp. Gn 18.25; Dt 32.36; Sl 9.8). O seguinte é certo — o pregador acreditava que o Senhor julgaria no tempo *de Deus*.

3.18-21 Deus julga os indivíduos a fim de testá-los para que **eles possam ver que são em si mesmos como os animais** (v. 18). Em outras palavras, o julgamento é uma forma de Deus humilhar e purificar seu coração e mente — pois nós, ao sermos considerados responsáveis por nossos atos, passamos a entender melhor quem somos como criatura em relação a Deus. Esse entendimento e avaliação glorificam ao Senhor quando respondemos com reverência (3.14) e capacita-nos a desfrutar a vida à medida que nos tornamos quem Deus criou-nos para ser. Nós, embora feitos à imagem de Deus, somos **como os animais** (NVI), e a **vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma** no sentido de que temos o **mesmo** destino, a morte (v. 19; cp. Gn 3.19; 7.22; Sl 49.12; 104.29). A vida e tudo nela, por conseguinte, é **vaidade** ou transitório (heb. ***hevel***, Ec 3.19; veja estudo da palavra 1.2). Os corpos dos seres humanos e dos animais **procedem do pó** (ARA), e esses corpos **ao pó tornarão** (3.20; cp. 12.7; Gn 3.19; Sl 104.29).

A pergunta **quem pode dizer se [...]?** (NVI; Ec 3.21) reflete o conhecimento limitado da humanidade sobre o que acontece depois da morte, mas a própria pergunta, não obstante, demonstra um reconhecimento básico da diferença entre **o fôlego** (heb. ***ruach***, "sopro") **dos filhos dos homens** (heb. ***ruach***, "homem, ser humano,

humanidade") e **o fôlego** (heb. ***ruach*) dos animais** (heb. ***behēmah***, "besta", v. 21). A pergunta do pregador, embora expresse incerteza aqui, indica uma crença de que os seres humanos, ao contrário dos animais, são feitos por Deus e voltam para Ele quando o fôlego de vida extingue-se (veja 12.7).

O Novo Testamento afirma claramente que todas as pessoas enfrentam o julgamento de Deus quando morrem (Hb 9.27), quer entrem para a vida eterna (Jo 5.24), quer sofram a separação eterna de Deus na morte (Mt 25.46; Ap 20.13,14; 21.8). Na Escritura, as pessoas são geralmente comparadas de forma desfavorável com os animais (veja Sl 49.12,20; 73.22; 2Pe 2.12; Jd 10). Nessa passagem, contudo, o ponto é tanto demonstrar semelhança básica com os animais (ou seja, ser formado do pó) quanto ilustrar o entendimento finito do homem (ou seja, quem sabe o que acontece depois da morte? - Ec 3.22b).

Refrão: Desfrute a Vida! (3.22)

3.22 Uma vez que é impossível para a humanidade limitada saber tudo o que **acontecerá** (NVI) depois da morte, **não há coisa melhor** que apenas desfrutar as atividades na terra. Observe a enfática frase **esta é a sua recompensa** (NVI, heb. ***chēleq***, "porção"; cp. notas sobre 2.10,11) em relação ao gozo.

O ponto salientado pelo pregador é que nossa recompensa como seres humanos não é conhecer tudo; nossa recompensa — dada por Ele mesmo — é desfrutar a vida!

A Realidade da Opressão (4.1-3)

4.1 As observações do pregador sobre a injustiça levam a reflexões sobre os **oprimidos**, que têm todas as **lágrimas**, e os **seus opressores** que têm toda a **força** (cp. 3.16,17). Ele afirma duas vezes que os oprimidos **não têm consolador**. A situação, conforme vista pelo pregador, é terrível, pois os opressores também não tinham ninguém para consolá-los ou ser o seu advogado em um momento de necessidade. Uma vez que o rei, no pensamento bíblico, era o responsável por defender o indefeso (cp. Pv

31.8,9; Jr 22.13-17), essa reflexão crítica do pregador sobre o seu próprio papel como rei fica implícita (veja a seção "Autor" e "Data" na Introdução).

4.2-3 O pregador expressa a sua tristeza com essa situação de modo exagerado, uma forma comum no Antigo Oriente Próximo (cp. Jó 3; Jr 20.14-18): os mortos estão melhores que os vivos, pois os mortos não têm que ver esse mal. **Aquele que ainda não é** está em uma situação ainda melhor que os mortos e os vivos (Ec 4.3). Os vivos veem a opressão; os mortos têm uma vantagem, pois não veem mais a opressão; mas aqueles que ainda não nasceram estão melhor, pois nunca veem a opressão (as **más obras [...] debaixo do sol**). Observe aqui a primeira ocorrência da fórmula "melhor que", uma expressão comum na literatura de sabedoria.

A Solidão da Riqueza e os Benefícios da Comunhão (4.4-16)

4.4-6 Cair na armadilha de trabalhar por competição (**inveja**) — trabalhar em excesso apenas para superar a posição, o salário ou as posses dos outros — é muito fácil. Essa motivação pode resultar em **destreza**, mas não em ganho que satisfaça de verdade. A inveja leva apenas à autodestruição (v. 4; cp. Jó 5.2; Pv 14.30; 27.4). A ociosidade do tolo (indicada pela metáfora **cruza as suas mãos**, Ec 4.5; cp. Pv 6.10; 24.33) também leva à autodestruição (ou seja, ele consome **a sua própria carne**, Ec 4.5; cp. Pv 6.6-11; 19.15; 24.30-34). A linha de fundo é que *nenhuma das duas* situações é recomendável: ser consumido pelo próprio trabalho ou ficar ocioso. É mais desejável estar em **descanso** (ou seja, em paz, satisfeito) em seu trabalho. Na verdade, é melhor realizar menos (**uma mão cheia**), mas ter paz e alegria na vida, do que realizar mais (**ambas as mãos cheias**) aplicando esforço fútil e, assim, perder a diversão do trabalho (Ec 4.6).

4.7-12 O pregador fala de outra **vaidade debaixo do sol** (v. 7): um **homem** (NVI; heb. ***'echad***, "alguém solitário", v. 8) solitário devota toda a sua energia na busca de riqueza só para perceber que a sua luta por riqueza não serve a nenhum propósito real. O solitário, embora não esteja explícito no texto, provavelmente se isolou de todos os relacionamentos a fim de perseguir a sua obsessão (e, talvez, acumular os seus ganhos). Ele, no mínimo, privou-se claramente **do bem** (ou seja, do que é prazeroso, v. 8) — por uma obsessão temporal e transitória. A referência ao indivíduo solitário traz à tona os benefícios do relacionamento com outras pessoas. O

pregador afirma a sua tese: **melhor é serem dois do que um** (v. 9). Isso não significa que um indivíduo solteiro não tem valor nem que todos deveriam casar-se. No contexto, significa apenas que há benefícios no companheirismo (ou seja, na amizade ou casamento). **Duas pessoas trabalhando juntas** (NTLH) conseguem realizar mais e, assim, receber **melhor paga** (v. 9). Desde o início, quando Deus declarou a criação do homem incompleta até a ajudadora ser apresentada a este, o desígnio de Deus era o companheirismo (Gn 2.18-24). Subsequentemente, a importância do companheirismo continua a aparecer com as suas recompensas:

- *Ajuda.* Por exemplo, se alguém **cair**, o outro pode **levantar o seu companheiro** (Ec 4.10).
- *Conforto*. É mais provável que o pregador tenha dois viajantes em mente aqui; se for esse o caso, não precisa referir-se exclusivamente a um marido e esposa. Um viajante solitário em uma noite fria, **como se aquentará?** Contudo, **dois** podem **dormi[r] juntos** e **manter-se** "aquecidos" (NVI; v. 11).
- *Proteção*. Por exemplo, se um ladrão tenta dominar um viajante na sua jornada, o companheiro deste pode vir ajudá-lo.
- *Força.* Na verdade, *três* pessoas (**cordão de três dobras**) juntas seriam ainda melhor, pois há força no número (v. 12). O ponto aqui não é o número de pessoas, mas o valor e os benefícios do companheirismo e da comunidade. A cooperação é mais importante que a competição.

4.13 O pregador conta uma história para ilustrar a natureza transitória da fama, posição e poder. O texto, embora sugira incidentes históricos, pode ser apenas uma parábola ou ilustração. A descrição dos dois personagens (ou seja, **o jovem pobre e sábio** e **o rei velho e insensato**) é inesperada, pois a insensatez, na sabedoria tradicional, é geralmente atribuída à juventude; e a sabedoria, ao velho. Aqui, a juventude possui sabedoria, enquanto o rei velho é insensato por causa da sua teimosia em resistir ao conselho (cp. Pv 11.14; 15.22).

4.14-16 Os detalhes que vêm a seguir contêm alguns pronomes ambíguos (e.g., qual é o antecedente para **ele** [BJ] no v. 14?). Há duas possibilidades principais:

- O pronome "ele" refere-se ao "rei": ele **nasceu pobre**, estava no **cárcere** por um tempo e tornou-se **rei** (v. 14). Ele, depois, foi sucedido por um **jovem, o sucessor** (v. 15), presumivelmente o "jovem pobre e sábio" do versículo 13.
- O pronome "ele" refere-se ao "jovem pobre e sábio": ele "nasceu pobre", esteve no cárcere durante um tempo e sucedeu o "rei velho e insensato" (vv. 13,14). Nesse caso, o "jovem, o sucessor" (v. 15) poderia referir-se a esse mesmo jovem ou a um *terceiro* jovem.

Existe uma ambiguidade similar no versículo 16, mas não importa. O ponto é que há uma sucessão de líderes, cada um deles com o seu período de fama, posição e seguidores. Embora a sabedoria possa recomendar um rei (v. 13), até mesmo os reis sábios, no fim, perdem a sua posição real para os sucessores (cp. 1.9-11).

O Caminho Certo para Aproximar-se de Deus (5.1-7)

A estrutura da referência teológica do pregador é indicada e vislumbrada ao longo do livro, mas, aqui nessa passagem cultual, a sua visão de Deus é cristalina: **Deus *está* nos céus, e tu *estás* sobre a terra** (v. 2b), portanto, **teme a Deus** (v. 7b). A grandiosidade transcendente de Deus significa que você aproxima-se dEle em reverência, ora de maneira refletida e nunca faz um voto para Ele que não planeja cumprir.

5.1 Quando Cristo morreu e o véu do Templo rasgou-se em dois (Mt 27.51; Mc 15.38; Lc 23.45), começou uma nova era de adoração. A morte de Cristo pôs um fim na necessidade de sacrifício na comunhão com Deus (Hb 9.11,12; 10.10,14), e o véu rasgado do Templo simbolizava o fim da exigência de um lugar *geográfico* para a adoração. Essa nova era de adoração foi finalmente anunciada com a vinda do Espírito Santo, que agora habita no íntimo dos cristãos para que o corpo deles possa ser o Templo de Deus (1Co 3.16,17) e a sua adoração possa ser "em espírito e em verdade" (Jo 4.19-26).

Por essa razão, devotar a vida à busca de fama, posição e aprovação das pessoas é uma perda de tempo: essas coisas são transitórias (*heb. hevel*) e são semelhantes a

"correr atrás do vento" (NVI; 4.16).

No entanto, na época em que o pregador escreveu, a **Casa de Deus** (Templo) ainda estava de pé, e era preciso **guarda[r] o [...] pé** quando se aproximava desse pedaço de terra de espaço sagrado em que Deus fizera a sua habitação. As pessoas, ao trazer **sacrifícios**, não podem aproximar-se de Deus como os **tolos** fazem, aproximando-se com muitas palavras e também com muita tolice até mesmo para saber que **fazem mal**. Em vez disso, as pessoas têm de aproximar-se de Deus para ouvir. ***OBED[IÊNCIA]*** *(NTLH; heb.* ***shama'****, "ouvir, dar atenção, obedecer"; cp. 1Sm 15.22) traduz um verbo. Uma vez que o pregador, na passagem seguinte, previne os destinatários para que as suas palavras sejam poucas diante de Deus, aqui a palavra é mais bem traduzida por "ouvir", embora ainda com a conotação de obediência. Essa palavra também é usada em Eclesiastes 1.8; 7.5,21; 9.16,17; 12.13.*

5.2-3 O pregador adverte contra ser **precipitado** (NVI) e **apressad[o]** (NTLH) com a boca, o que não é apropriado na presença do grande Deus do **céu**. Esse lembrete para que **sejam poucas as tuas palavras** traz à mente a advertência de Jesus para não ser como os gentios que usavam "vãs repetições" nas orações marcadas pelo "muito falarem" para Deus (Mt 6.7). O ponto aqui não é você privar-se de orar (cp. Fp 4.6), mas, sim, suas orações refletirem respeito por Deus. Que sejam poucas as suas palavras, pois **muitas palavras** (BJ) demonstram o coração de um tolo.

5.4-6 Muitas vezes, as muitas palavras apressadas do tolo são transformadas num **voto** precipitado diante de Deus — um voto em que o cumprimento é adiado ou nunca é cumprido. Os votos podem ser uma ocasião para caprichos irrelevantes, uma abordagem irreverente ao Deus santo e até mesmo uma forma de ser profano. Isso é inaceitável diante de Deus; Ele **não se agrada de tolos** (v. 4). Um voto não feito é **melhor [...] que** um voto feito e não cumprido (v. 5; cp. Nm 30.2; Dt 23.21-23). Um voto não cumprido o **fa[z] pecar** (Ec 5.6; cp. Dt 23.21b). A identificação do **mensageiro** (NVI; heb. ***mal'ak***, "um emissário enviado para comunicar os desejos do seu senhor", Ec 5.6) aqui é incerta, mas é mais provável que fosse um funcionário do Templo que veio para recolher o pagamento sobre os votos. Cancelar um voto (cp. Lv 5.4; Pv 20.25) pode provocar a ira de Deus, e Ele pode **destru[ir] a obra das tuas mãos** (Ec 5.6). Observe a preocupação reiterada do pregador em ver e reter o

fruto do trabalho do indivíduo. Os votos têm de ser considerados de forma cuidadosa e são voluntários; contudo, a pessoa que faz um voto tem de prestar contas (cp. Dt 23.21-23, Mt 5.33).

5.7 Assim como **na multidão dos sonhos *há* vaidades**, também há vaidade nas **muitas palavras** (cp. 6.11). Os sonhos no versículo 7, como em 5.3a, estão conectados com a "obra" no versículo 6b. Muitas obras, com frequência, levam a sonhar com "ilusões" (NTLH) de grandeza, o que parece apenas aumentar as possibilidades de experimentar a futilidade na vida. O mesmo acontece com as muitas palavras diante de Deus: quanto mais a pessoa balbucia apressada diante de Deus, mais insincero (e fútil) soa aos ouvidos do Senhor. Por isso, **teme a Deus** (cp. 3.14; 7.18; 8.12,13; 12.13), mostrando a sua humildade pela forma como se aproxima dEle e fala com Ele.

A Insatisfação e Irrealidade da Riqueza (5.8—6.9)

A insatisfação e a irrealidade: parte 1 (5.8-17)

5.8-9 O pregador, passando para o tema da riqueza, abre uma brecha para o assunto da política: **não te maravilhes** quando vir o **pobre** ser oprimido e o **juízo e [...] [a] justiça** serem pervertidos. Por quê? Esses são resultados inevitáveis da política governamental corrupta. A forma exata de corrupção não fica clara. Aparentemente, cada **oficial** (NVI; heb. ***gavoahh***, "arrogante") do governo cuidava de si mesmo e dos seus camaradas a fim de promover as suas respectivas ambições políticas. O resultado da sua ganância era a opressão do povo e a injustiça na **província** (v. 8). Os estudiosos têm dificuldade para entender o texto hebraico desse versículo; por isso, as traduções da Bíblia variam no palavreado desse versículo (v. 9).

Alguns tradutores entendem que o texto quer dizer que até mesmo o rei beneficia-se *do* campo (e.g., ARC), enquanto outros seguem uma tendência diferente: o rei é vantajoso *para* a terra porque cultiva o campo (e.g., NVI). Embora o cultivo da terra pelo rei possa ser vantajoso e prevenir a anarquia, a sutil crítica do pregador ao papel do rei ao longo do livro (e.g., 4.1-3) e o contexto dessa passagem (ou seja, as vaidades da riqueza, 5.8—6.9) parecem favorecer a tradução da ARC. Em todo caso, a exploração do fraco e indefeso na sociedade nunca é aceitável (5.8,9).

Alguém passar a vida toda trabalhando para algo que, no fim, não traz nenhum ganho real é uma tragédia.

5.10-12 Outra realidade é que aquele **que amar o dinheiro** jamais **se fartará** dele — **também isso é vaidade** (v. 10). Essa declaração de futilidade provavelmente se refere à natureza efêmera do dinheiro e ao absurdo de perseguir algo que não satisfaz. Não é possível ser saciado pelo dinheiro porque conforme **aumentam os bens** (NVI) também aumentam os consumidores (v. 11). É mais provável que a expressão **os que os [bens] consomem** (NVI) refira-se às contas a pagar ou às pessoas cobiçosas que querem uma fatia da riqueza. A riqueza nunca satisfaz a expectativa de gozo nem o benefício futuro; o único **proveito** real é dar a você algo para olhar no presente (v. 11). Além disso, a riqueza dá mais com que se preocupar aos ricos, e eles, assim, podem tornar-se insones (v. 12). Com certeza, nem todos os ricos ficam sem **dormir**, mas só aqueles que são consumidos pelo amor ao dinheiro (v. 10; cp. 1Tm 6.9,10). O **sono do trabalhador**, por sua vez, **é doce**, não importa quanto ele possua (Ec 5.12). Aqui, mais uma vez, certamente nem todos os trabalhadores que têm poucas posses dormem bem — só aqueles que não são consumidos pela preocupação e que repousam em contentamento (cp. Fp 4.13).

5.13-17 O pregador mostra quão vigorosamente se sente em relação a essa situação quando a chama de **mal que [...] atrai enfermidades** (vv. 13,16). O homem acumula a sua riqueza, mas, a seguir, perde-a em uma **má aventura** não especificada, prejudicando a si mesmo *e* ao **filho** que eventualmente **lhe nascer** (NVI, v. 14) — uma tragédia porque o homem **nada tomará do seu trabalho** (vv. 15,16a). Ele veio **nu** para este mundo e irá deixá-lo com nada (cp. Jó 1.21; 1Tm 6.7). O pregador nunca esperou que alguém levasse os bens materiais para além do túmulo; mais uma vez, o princípio incomoda-o. Assim, outra vez, **que proveito lhe *vem* de trabalhar para o vento** (Ec 5.16b; cp. 1.3; 2.22; 3.9)? A resposta implícita é: nenhum! Não é possível garantir a riqueza, muito menos o seu ganho. É muito fácil perder a riqueza — está aqui hoje, e amanhã se foi. Não é possível depender de receber um ganho permanente em uma busca atrás do vento! E se essa busca, o que é ainda mais trágico, não der certo, deixa o proprietário com **muito enfado, e enfermidades, e cruel furor** (5.17).

Refrão: Desfrute a vida! (5.18-20)

5.18-19 O pregador entra com o seu refrão (cp. 2.24-26; 3.12-14,22; 8.15; 9.7-10), contrastando as tragédias e vaidades que vê com o que ele agora considera como **uma boa e bela coisa**. A recompensa (ou seja, porção) na vida não é a satisfação encontrada no dinheiro (5.10) e nem a garantia de ganho (5.11,13-16) com o trabalho. Em vez disso, a **recompensa** (NVI) é **comer, e beber, e gozar** do seu trabalho. Deus não garante a permanência das **riquezas e bens** (NVI); mas **quanto ao homem** a quem Deus concede esses dons (vv. 18,19; cp. 6.2), Ele também dá a oportunidade para **desfrutá-los** (NVI) no presente e para **gozar do seu trabalho**. Esta é a porção e o **dom** de Deus: desfrute o que faz — com ou sem qualquer forma de recompensa (5.19). O pregador continua para afirmar o valor inerente do próprio trabalho, separando-o dos seus benefícios.

5.20 A pessoa luta para não pensar sobre a vida e as suas realidades — por vezes duras e incompreensíveis. Deus dá a ele esse dom da alegria no seu trabalho como uma preocupação com esse seu problema maçante — ou uma resposta a este. No contexto dos versículos 19 e 20, parece provável que Deus mantenha o trabalhador preocupado em sentir alegria com o seu trabalho, assim ele não permanece na natureza transitória da sua vida. *A raiz da qual deriva o verbo* ***OCUPADO*** *(NVI; heb.* ***'anah****) pode ser traduzida de duas maneiras — "ocupar, preocupar" ou "responder". Por essa razão, o versículo pode significar que Deus preocupa-o dando-lhe alegria para que não pense nas duras realidades da vida ou que ele responde a você e a suas considerações da vida dando-lhe alegria.*

A insatisfação e irrealidade: parte 2 (6.1-9)

6.1-2 A **aflição** (ARA; heb. ***ra'***, "mal") descrita no versículo 2 parece contradizer 5.19. Na realidade, contudo, essas são duas declarações em conjunto que apresentam uma verdade universal (o que é, em geral, verdade, 5.19) e uma particular (o que, às vezes, é verdade, 6.2). Em outras palavras, Deus abençoa ricamente todas as pessoas ("todo o homem", TB), permitindo-lhes desfrutar os benefícios da sua bênção (5.19). Contudo, também há exceções em que Deus, por motivos desconhecidos, escolhe que um **homem** *não* desfrute de certos benefícios que recebeu de Deus (6.2; cp. Jó 1—2). Deus, às vezes, pode até mesmo eleger que os seus benefícios sejam desfrutados por um **estranho** (Ec 6.2; cp.2.18-26). Essa é uma

verdade sobre Deus que a maioria não quer ouvir; na realidade, ela **pesa bastante sobre a humanidade** (NVI; Ec 6.1). No entanto, é consoante com a verdade escritural em outras passagens: Deus dá, e Deus, às vezes, dá (cp. Jó 1.21; 1Sm 2.6,7). É necessário lembrar que esses são atos do Deus inescrutável, cuja própria natureza, não obstante, é amor (1Jo 4.8).

6.3 O pregador continua a expressar a importância dessa verdade considerada uma tragédia pela humanidade: um homem pode **viver muitos anos** e ter muitos filhos (**cem**), mas se não tem permissão para **fartar[-se] do bem** (cp. 6.6), então **um aborto é melhor do que ele**. O pregador mostra que alto prêmio ele coloca no gozo quando faz essa comparação, pois o conceito israelita de felicidade e bem-estar era a vida longa (Pv 10.27), muitos filhos (Sl 127.3-5a) e riqueza (Pv 3.16).

6.4-6 Em geral, o destino de um natimorto era visto com aversão (cp. Sl 58.8): a sua existência foi transitória; ele não viveu para fazer um nome para si mesmo; e nunca viu **o sol** (ou seja, entrar na terra dos vivos, Ec 6.5; cp. 7.11; 11.7). O pregador, no entanto, diz que o horror da existência do natimorto é melhor do que a existência trágica de um homem a quem são dadas muitas bênçãos, mas nunca é capaz de desfrutar a vida; pois o bebê natimorto tem **mais descanso** (ou seja, satisfação, 6.5; cp. 2.23; 4.6; 6.6; 8.16). Mesmo se um homem viver até 2.000 anos, a sua longevidade não o tornaria melhor, pois ele, no fim, iria para o mesmo lugar que o natimorto (ou seja, o túmulo, **um mesmo lugar**). A morte vem para todos e põe um fim em todas as buscas. Por isso, que benefício a pessoa tem em vida, a não ser a oportunidade de **goza[r] o bem** (6.6)?

6.7-9 Toda pessoa deseja a satisfação (6.3,6). O pregador, no entanto, observa que **todo trabalho do homem** é feito para satisfazer um **apetite** (NVI) que não é nunca completamente satisfeito (v. 7; cp. 1.8b). Os seres humanos são insaciáveis, sempre desejam mais do que têm ou são capazes de obter. Uma vez que o trabalho da pessoa nunca traz completa satisfação, que **vantagem** (NVI) há em ser sábio e trabalhar duro (contra ser insensato e preguiçoso, v. 8)? Por que um homem **pobre** se esforçaria para ser sábio (ou seja, adquirir o conhecimento de **como se portar diante dos outros**, v. 8, NVI)? A sabedoria tem algumas vantagens. **A vista dos olhos** é melhor que **o vaguear da cobiça**, e é mais provável que o sábio — capaz de ver (v. 9; cp. 2.13,14) — discirna as vaidades da vida e encontre gozo no presente, em vez de ser consumido por um desejo por mais.

O que É Bom e Sábio para a Frágil Humanidade? (6.10—7.14)

A fragilidade do homem (6.10-12)

6.10-12 Eclesiastes 6.9 ocorre no meio do livro. O pregador agora começa a transição para a segunda seção do livro reiterando as suas principais teses, que salientam as limitações da humanidade. *O pregador usa a palavra* ***HOMEM*** *(heb.,* ***'adam****) quatro vezes nessa passagem (vv. 10-12). Esse termo genérico para a humanidade lembra a fragilidade da existência humana, pois foi do mero pó da "terra" (heb.* ***'adamah****, Gn 2.7; 3.19) que o homem foi formado.* Essa passagem salienta a fragilidade do homem, pelo menos, de quatro maneiras:

- O homem é incapaz de **contender** (heb. ***din***, "disputar") **com** Deus, que é **mais forte do que ele** (Ec 6.10; cp. Jó 9.32; 40.1-5). Mais palavras simplesmente aumentam a futilidade (cp. Ec 5.2,3,7; Jó 35.16). Jó aprendeu essa lição da maneira mais difícil.
- O homem é incapaz de garantir o fruto permanente para o seu trabalho (i.e., ganhar **vantagem**, [TB] Ec 6.11b; cp. 1.3; 2.11,18-22; 3.9; 5.13-16).
- O homem é limitado no conhecimento e no entendimento. **Quem sabe o que é bom** (6.12a; cp. 2.3) ou **o que será depois dele** (6.12c; cp. 3.23)?
- O homem é finito; ele tem **poucos dias** (NVI) na terra, **os quais gasta como sombra** (6.12b; cp. 2.14; 3.19-21; 12.1-7).

O que é bom e sábio (7.1-14)

O grupo de provérbios em 7.1-12 permanece entre duas estruturas teológicas (6.10-12; 7.13,14), ambas as quais enfatizam a fragilidade e finitude da humanidade em contraste com a soberania do Deus Todo-poderoso. O contexto para os versículos 1-12, por conseguinte, considera os dias fugazes para você (6.12), e o assunto é o que é bom (6.12) e o que é sábio (7.1-12) para você pensar e fazer em vista do seu breve período de vida. Os dois verbos resumem a resposta do pregador: **aplicam ao seu coração** (7.2) e **atenta[m]** (7.13,14). Os que são sábios atentam para a obra de Deus e para os limites dados para os seres humanos e aplicam ao

coração a brevidade da vida (7.2). Só assim eles aprendem a apreciar cada momento e experimentar a verdadeira alegria de coração (v. 3).

7.1 A primeira parte desse provérbio é bastante clara: a riqueza exuberante não se compara a ter uma boa reputação ou um nome duradouro (cp. Pv 22.1; Is 56.5). O nome, entre os hebreus, equiparava-se ao caráter e à reputação (cp. Pv 22.1). A conexão entre a primeira e a segunda parte do provérbio está menos clara. As pessoas do Antigo Oriente Próximo usavam os melhores unguentos para banhar os recém-nascidos e para enfeitar o corpo dos mortos. Uma vez que a reputação da pessoa estava por fim garantida no **dia da morte**, talvez a referência ao melhor unguento corresponda ao **dia do nascimento**. O provérbio, seja qual for a conexão, recomenda uma boa reputação e começa o chamado do pregador para viver a vida em vista da morte.

7.2 Melhor é ir a um funeral (**casa onde há luto**) que a um casamento (**casa onde há banquete**). Por que isso? O vivo precisa levar a sério **o fim de todos os homens**, ou seja, a morte. O leitor tem de lembrar-se do seguinte: esse é um provérbio,[7] e não uma declaração dogmática que recomenda ir apenas a funerais e nunca a casamentos. Ao contrário, o pregador usa o provérbio no contexto dessa passagem e do livro como um todo para apresentar um ponto: os seus dias são breves; por isso, faria bem em levar a sério a sua brevidade e viver de acordo com essa realidade (cp. Dt 32.29; Sl 39.4-6; 90.12).

7.3-4 O pregador, da mesma forma, não quer dizer aqui que uma pessoa deveria passar a vida pranteando e não rir nunca. Há, no entanto, lições na dor que não podem ser aprendidas de outra maneira, e nada aproxima mais alguém de Deus do que os sofrimentos e as dificuldades da vida. Ele, no contexto, quer dizer que uma avaliação séria da vida (**luto**) é melhor que a leviandade (**alegria**, v. 3; cp. v. 6). Se a alegria indica ilusão tola, o prazer vazio ou a negação dos limites da vida, então o luto — uma avaliação realista da vida — é melhor. Debaixo de uma fisionomia triste, pode haver o coração alegre de uma pessoa sábia que aceita a realidade. Tanto o sábio quanto o tolo são identificados conforme as suas atitudes na vida. No Antigo Oriente Próximo, havia festa tanto no funeral (**casa do luto**) quanto no casamento (**casa da alegria**); assim, o pregador não está condenando a alegria na vida (v. 4; cp. 2.24-26; 3.12-14,22; 5.18-20; 9.7-10). Ele está apenas identificando a vida do tolo como passada em eterno prazer frívolo, nunca considerando ou confrontando as realidades da vida e da morte.

7.5-6 A sabedoria convencional recomenda ouvir a **repreensão do sábio**, pois a repreensão traz conhecimento e sabedoria para a pessoa que a ouve (cp. Pv 15.31-33; 17.10; 19.25). Enquanto as palavras do sábio têm poder de afetar vidas para o bem, a **canção** do tolo contém apenas palavras vazias. O **riso do tolo** é apenas barulho sem valor (**vaidade**); é apenas uma miragem — uma *aparência* externa da vivência plena da vida. Os **espinhos** às vezes eram usados no Antigo Oriente Próximo como combustível; contudo, eram mais barulhentos e menos duradouros do que a madeira ou o carvão.

Reviver o passado só faz a pessoa parar de viver no presente e, assim, perder o dom da alegria dado por Deus.

7.7-10 Não obstante, o sábio, para não ficar orgulhoso nem seguro, deve-se lembrar de que praticar esse **suborno** e extorsão podem transformá-lo **em tolo** (NVI; v. 7). Esse versículo parece começar uma seção no contexto do dinheiro (vv. 7-14). A paciência, e não a pressa, caracteriza o sábio, e este percebe que **melhor *é* o fim das coisas do que o princípio delas** (vv. 8-10; cp. vv. 1-5). Eles, com os olhos voltados para o objetivo final, são capazes de agir com espírito **paciente** (ARA; heb. ***'arēk-ruach***, "tardio de espírito"). O tolo, todavia, não espera para ver o fim de um assunto; a **altiv[ez] de coração** (heb. ***gavahh-ruach***, "elevado de coração"), com frequência, faz com que ele aja rapidamente e **aliment[e] o ódio** (NTLH; vv. 8,9; cp. Pv 14.17; Tg 1.19).

A raiva, por conseguinte, é uma forma de impaciência e sugere uma vida indisciplinada e com movimentação própria, em vez de um espírito controlado por Deus. O romantismo do passado também vem de um espírito impaciente. As pessoas começam a glorificar **os dias passados** da sua vida quando não têm paciência para enfrentar as circunstâncias presentes (Ec 7.10). Isso é tolice. A vida sempre terá as suas dificuldades.

7.11-14 O pregador, falando ainda no contexto de sabedoria e dinheiro (iniciado no v. 7), compara a sabedoria com uma **herança** (v. 11). A sabedoria, assim como o **dinheiro**, é uma vantagem porque pode fornecer **proteção** (NVI) para a pessoa que a possui. Conquanto, a sabedoria, mais

ainda do que o dinheiro, **preserva a vida de quem a possui** (v. 12; cp. Pv 3.13-18; 4.10-13).

A sabedoria, baseada na sua vantagem, tem de ser mais desejada que o dinheiro. É necessário, contudo, lembrar que mesmo a pessoa mais sábia é limitada na sua capacidade de conhecimento. Quando se trata da **obra de Deus**, é possível considerar isso — na verdade, você está encarregada de fazer isso —, mas talvez não consiga entender o que Ele faz (Ec 7.13; cp. Is 55.8,9). A obra de Deus pode parecer-lhe muitas vezes **tort[a]**, então nem sua mente nem seus atos podem **endireit[á-la]** (Ec 7.13; cp. 1.14). Na verdade, Ele criou o **dia da prosperidade** e o **dia da adversidade** (cp. Jó 2.10; Is 45.6,7) **para que** (observe a cláusula de finalidade; cp. Ec 3.14,18) você possa lidar com quem é como um ser humano limitado (7.14). Assim, seu lugar no dia da prosperidade tem de ser **goza[r] do bem**, e seu lugar nos dias inevitáveis de adversidade é ser paciente (cp. vv. 8,10) e **considera[r]** a grandiosidade de Deus e a "pequenez" da humanidade (v. 14).

A Efemeridade da Sabedoria e da Justiça Verdadeira (7.15-29)

A observação do pregador nessa passagem é uma questão sobre a qual a maioria dos cristãos de hoje ponderam — a abreviação às vezes da vida do justo e a alongamento às vezes da vida do ímpio. O versículo 20 é a chave para interpretar essa passagem: *ninguém* é verdadeiramente justo.

7.15-17 A sabedoria convencional sustenta que a justiça livra a pessoa da morte e estende a sua vida (Pv 3.1,2,16; 4.10; 10.2; 11.4), enquanto que a maldade encurta-a (Sl 1.6; 9.5,6; 55.23; Pv 10.27). O pregador afirma que tem observado épocas em que acontece justamente o *oposto*. O pregador, baseado nessa observação, continua e dá duas instruções muito impressionantes e inesperadas:

- **Não sejas demasiadamente justo, nem demasiadamente sábio** (Ec 7.16).
- **Não sejas demasiadamente ímpio,** nem sejas louco (v. 17).

Essa passagem, ao contrário do que possa parecer, não defende que devemos ser um pouco ímpios.

Essas instruções têm de ser interpretadas à luz da observação do pregador no versículo 15 e da verdade expressa por ele no versículo 20. O ponto do versículo 15 é que, às vezes, a vida do justo, por algum motivo soberano, é encurtada; e a vida do ímpio, estendida (cp. Jó 21.7-26, Jr 12.1). Por isso, embora os justos acreditem que viver na retidão seja certo e vantajoso, também têm de lidar com o fato de que não é possível presumir a vontade e os propósitos soberanos de Deus. O Senhor não se curva à vontade do homem, nem está restrito ao seu entendimento finito de como Ele age ou deve agir. Conforme é declarado em Eclesiastes 7.13,14, você conhece e entende pouco dos caminhos inescrutáveis de Deus. Assim, a observação do pregador no versículo 15 não pretende abalar os sentimentos de segurança da pessoa justa tanto quanto pretende eliminar todo sentido de autoconfiança, orgulho e presunção que os justos são tentados a sentir.

A instrução não deve ser "demasiadamente" justa ou sábia; por conseguinte, refere-se a um tipo de busca de justiça que é fanática e motivada pelo benefício e glória pessoais. Isso não é apenas arrogância; é uma busca vã (não é possível garantir nada, v. 15) e ilusão (porque nenhum ser humano é verdadeiramente justo, v. 20). A busca excessiva de justiça termina em autodestruição. Quando o pregador diz para não ser "demasiadamente ímpio", talvez tenha o versículo 20 em mente: ninguém é isento de pecado. A humanidade é depravada por natureza e ímpia desde o começo — por isso, a instrução: "não sejas demasiadamente assim". O ato de abraçar o mal termina em morte prematura.

7.18-22 O referente de **isso** e **disso** é ambíguo, mas pode referir-se a ter apreensão ou entendimento da sabedoria e da loucura (v. 18). **Quem teme a Deus** (cp. 3.14; 5.7; 8.12,13; 12.13), na realidade, **evitará ambos os extremos** (NVI; 7.18). A pessoa que teme Deus — que entende seu lugar diante do Deus transcendente — não tenta mostrar sabedoria nem loucura excessivas!

Esses provérbios continuam a minar a autoconfiança do justo/sábio (cp. v. 15): **a sabedoria fortalece o sábio** (v. 19); cp. 9.15,16; Pv 21.22; 24.5,6), mas nem mesmo o homem sábio consegue manter um registro perfeito e não pecar nunca (cp. Ec 7.29; 1Rs 8.46; Sl 143.2; Pv 20.9; Rm 3.23). Toda pessoa peca — até mesmo seu **coração também** já degradou ou **amaldiço[ou]** outra pessoa (Ec 7.21,22). A universalidade do pecado não

deixa espaço para a busca ilusória e excessiva de justiça (v. 16); nem deixa espaço para o orgulho e a autoconfiança. A percepção da imperfeição humana deve apenas produzir paciência na conduta com o pecado dos outros (v. 21; cp. v. 8).

7.23-29 O pregador continua a discutir a falta da verdadeira justiça da humanidade (cp. v. 20). Com certeza, esse ponto — e não a degradação da mulher como podem pensar alguns — é a ênfase da passagem seguinte. O pregador, se pretendesse denegrir as mulheres ou se fosse misógino (pessoa que odeia mulher), não teria, mais tarde, encorajado os leitores jovens a desfrutar a vida com a esposa a quem ama (9.9). Ele não reivindica para si mesmo o que nega para as mulheres. Poucos homens ou mulheres estão à altura do elevado padrão do pregador para um indivíduo sábio. Na interpretação da Escritura, como sempre, é necessário colocar as declarações do pregador no seu contexto apropriado.

Primeiro, o contexto aqui não são os sentimentos do pregador a respeito das mulheres ou a sua busca para encontrar boas mulheres. O contexto é a descrição da sua busca para entender a sabedoria e a loucura (Ec 7.23-25). Nesse contexto, ele afirma a sua descoberta referente à experiência amarga causada pela mulher que faz armadilha e captura. Ela não é uma manipuladora nem sedutora, mas uma motivadora e encorajadora. Não é segredo que as mulheres podem ser pedras de tropeço para os homens. A sabedoria convencional adverte com frequência sobre a mulher adúltera que costuma usar a fala macia (Pv 5.3; 6.24; 7.5,21), olhos sedutores (Pv 6.25) e roupa provocante (Pv 7.10) para estimular os homens a pecar (cp. Pv 2.16-19; 5.3-23; 6.24-35; 7.5-27). Ser pego por alguma mulher que faz armadilhas e captura certamente mostra **a loucura da impiedade e a doidice dos desvarios** (Ec 7.25).Segundo, o contexto aqui são as próprias observações e experiências do pregador, conforme indicado pela frase: **eu achei** (v. 26). O texto não dá indicação de que o pregador fala da sua experiência com uma mulher adúltera (conforme mencionado anteriormente); contudo, a terminologia usada por ele indica que ele vê a experiência que tem com as mulheres de maneira semelhante. Ele observa ou tem experiência com as mulheres como uma **armadilha** (NVI; heb. ***matsod***, "uma rede posta sobre um buraco", v. 26; cp. Pv 22.14; 23.27; 29.5) preparada para capturar. Com certeza, **a mulher** (heb. ***ha'ishshah***, indicando um tipo, ou categoria, de mulheres, e não mulheres em geral)

cujas **mãos são ataduras** (cp. Pv 7.22) é **mais amarga do que a morte** (Ec 7.26; cp. Pv 5.4).

Na verdade, o pregador, em toda a sua experiência na procura de virtude, nunca encontrou **uma mulher entre todas** e, de fato, apenas **um homem entre mil** (Ec 7.28). É necessário observar que o ponto do pregador aqui não é contrastar a probidade de homens e mulheres (ou seja, que os homens são mais probos que as mulheres ou que não existem mulheres probas). O ponto do pregador é que toda a humanidade é depravada (v. 29; cp. v. 20) — e ele vê isso na sua própria busca pela virtude debaixo do Sol.

Toda essa passagem parece mostrar uma dependência de Gênesis 2—3, passagem que diz respeito à queda da humanidade e ao subsequente julgamento de Deus. **Deus fez ao homem reto** (heb. ***yashar*** "direito")**, mas ele buscou muitas invenções** (v. 29; cp. Gn 3). Adão e Eva, como resultado disso, receberam o julgamento de Deus (Gn 3.16-19). O desejo da mulher de dominar ou governar o homem expressa a essência, o caráter e o resultado de todo pecado contra Deus (Gn 3.16b). A mulher ainda teria o forte desejo de estar com o homem. No entanto, o pecado corrompeu a submissão voluntária da esposa e a liderança amorosa do marido. Essa condição não é em si mesma o julgamento de Deus, mas uma descrição da vida como um resultado natural do pecado no mundo.

Nessa passagem, o pregador fala como um homem que provavelmente observou e vivenciou as engenhosas armadilhas de mulheres. Na verdade, se o pregador, como muitos sugerem, é o rei Salomão, então as suas declarações seriam compreensíveis: as muitas esposas e concubinas do rei Salomão provaram, de fato, ser uma armadilha para ele, pois as suas esposas viraram o seu coração para outros deuses, resultando no afastamento dele de Iavé (1Rs 11.1-6).

O pregador, de todo modo, escreve a partir da sua própria experiência como homem para jovens que provavelmente vivenciarão as mesmas dificuldades no casamento. Infelizmente, essa perspectiva masculina não está fora de sintonia com a realidade — ou com a verdade bíblica concernente às consequências do pecado. As mulheres, quando guiadas pela sua natureza pecaminosa, podem ser controladoras e manipuladoras — em particular, no relacionamento matrimonial. Nesse texto, o pregador não está sugerindo que as mulheres são mais pecadoras que os homens, pois todos são pecadores (Ec 7.20,29). Ele apenas escreve de uma perspectiva

masculina sobre a sua própria experiência, o que reflete, de fato, a verdade bíblica concernente à queda da humanidade e aos resultados do pecado no mundo.

A Soberania de Deus sobre a Vida dos Justos e dos Ímpios (8.1—10.20)

A Conduta com a Autoridade (8.1-9)

8.1 A sabedoria tem as suas vantagens quando se trata da autoridade. A sabedoria ajuda a pessoa a interpretar os assuntos e faz **brilhar** o rosto da pessoa. Em outras passagens da Escritura, o "rosto resplandecente " é de Deus (cp. Nm 6.25; Sl 31.16; 67.1; 80.3,7,19; 119.135; Dn 9.17) e representa o seu favor manifestado (como um ser mais poderoso) em direção ao seu povo. Nesse versículo, a sabedoria, pelo que se pode observar, faz resplandecer o rosto da pessoa sábia, presumivelmente dando a ela, talvez, uma aparência afável na presença do rei (Ec 8.2). Interessante, no entanto, é a ideia de que a sabedoria do sábio também faz resplandecer o rosto do rei e muda a sua face austera, resultando na concessão do favor (cp. 10.4; Pv 14.35; 16.14; 25.15).

8.2-4 Em consideração (heb. ***'al divrah***, "por causa de") **para com o juramento de Deus** é uma oração de finalidade e mantém um paralelo de sentido com 10.4 ("não deixes o teu lugar" quando estiver na presença do rei).

Enquanto estiver na presença do rei, a pessoa não deve ter pressa em sair (observe 10.4); pois a pessoa sábia mostra respeito e paciência (cp. 7.8; 8.6; Pv 25.15). Além disso, a pessoa sábia **observa o mandamento do rei** (Ec 8.2). "O juramento de Deus" pode referir-se ao juramento feito por Deus ao rei (cp. Sl 89.19-21), só que é mais provável que o juramento mencionado tenha sido feito por uma pessoa diante do rei em nome de Deus (cp. Ec 5.1-7). Assim, é necessário "observa[r] o mandamento do rei" em respeito a Deus (8.2b) e porque a soberania do rei não pode ser contestada (vv. 3b,4).

8.5-9 Outro incentivo para observar o mandamento do rei é a prevenção de qualquer **mal** (v. 5). Mesmo que **grande [seja] o mal** (ARA) e a pessoa fique tentada a agir de forma temerária ou contrária ao que diz o rei, a pessoa sábia, não obstante, seria paciente (v. 6; cp. 7.8,9), entendendo que

há **uma hora certa e também uma maneira certa de agir para cada situação** (NVI; 8.6; cp. 3.1,17). Ainda assim, apesar de **o coração do sábio discerni[r] o tempo e o modo** (8.5b,7), nem mesmo o sábio conhece o futuro (cp. 3.22; 6.12; 9.1). Eles também não têm controle soberano sobre as situações. O pregador apresenta quatro exemplos da impotência dos seres humanos em face da autoridade de Deus ou do rei. Eles não têm controle (8.8):

• sobre o **espírito** (heb. ***ruach*** "sopro de vida");
• sobre o **dia da morte**;
• sobre a desenvoltura durante a **peleja**; e
• sobre o exercício dos poderes dominantes.

As observações do pregador são feitas no contexto da autoridade opressiva (v. 9; cp. 4.1-3; 5.8,9).

A Iniquidade da Vida debaixo do Sol (8.10-14)

8.10-11 A dificuldade do texto hebraico aqui resulta em traduções variadas. Não obstante, o principal ponto do pregador ainda está claro: há uma reversão da justiça em torno da morte do ímpio. O fato de os **ímpios** serem **sepultados** é um incômodo por si só, pois não se supunha que eles teriam um sepultamento apropriado (v. 10; cp. Dt 28.25,26; Jr 15.4; 25.33). O ir e vir ao **lugar santo** talvez descreva a frequente presença hipócrita dos ímpios no Templo antes da morte e o fato de serem louvados depois (por meio de um sepultamento apropriado), a despeito das suas obras, ou um culto memorial, ou ainda uma procissão de sepultamento em que os ímpios eram louvados na morte (Ec 8.10). Em todo caso, os ímpios recebiam o que não mereciam, e isso é **vaidade** (heb. ***hevel***, talvez aqui "absurdo", v. 10; veja estudo da palavra 1.2). O pregador faz objeção a essa injustiça social. Desviar o olhar do crime só encoraja as pessoas a **praticar o mal** (8.11).

8.12-14 Embora a justiça rápida seja uma necessidade, ela nem sempre acontece — a vida do pecador pode ser prolongada. Essa é a realidade não só por causa dos atos soberanos de Deus, que estão além da compreensão humana (cp. 3.11; 11.5), mas também por causa dos seres humanos

imperfeitos (cp. 7.20,29), que buscam o próprio benefício (cp. 5.8,9), que se juntam para criar um sistema de governo corrupto que muitas vezes não age para o bem dos seus constituintes (cp. 4.1; 8.9). O pregador sabe que, em última análise, **ao ímpio não irá bem** como irá **aos que temem a Deus** e são reverentes diante do Senhor (8.12,13; cp. 3.14; 5.7; 7.18; 12.13). No ínterim, contudo, o que o pregador acredita ser verdade não bate com o que ele vê da vida debaixo do Sol (8.14). O que parece ser uma contradição bíblica entre os versículos 12 e 13 e o versículo 14 é apenas uma contradição entre a verdade e a realidade presente por causa da vida imperfeita debaixo do Sol.

Refrão: Desfrute a Vida! (8.15-17)

8.15-17 O pregador percebe que os seres humanos sempre tentam entender **o trabalho que há sobre a terra**; afinal, faz parte da sua constituição dada por Deus buscar por sentido (v. 15; cp. 3.11). Não obstante, também faz parte da sua constituição dada por Deus não compreender completamente **a obra de Deus** em tudo o que acontece debaixo do Sol (8.17; cp. 1.11; 3.11; 7.23,24; 8.15-17; 11.5). Nós também não podemos controlar todas as circunstâncias da vida (cp. 1.15; 3.14; 7.13; 8.8; 9.11,12). O conhecimento e o controle perfeitos não são nossa porção como seres humanos limitados; a onisciência e a onipotência estão reservadas somente a Deus (cp. 3.14; 6.10; 7.13). Nossa porção e dom de Deus para nós no enfrentamento de circunstâncias incompreensíveis é o **desfrute [d]a vida** (NVI; 8.15; cp. 2.24-26; 3.12-14,22; 5.18-20; 9.7-10).

A Ausência de Isenção para todos os Seres Humanos (9.1-12)

O destino de morte para todos (9.1-6)

9.1-6 O pregador conclui que **os justos, e os sábios, e as suas obras estão nas mãos de Deus** (v. 1; aqui, um símbolo do poder e controle de Deus — cp. Pv 21.1; observe, no entanto, que as pessoas que Deus *ama* estão nas suas mãos; cp. Dt 33.3). O **amor ou ódio** (NVI) mencionados podem referir-se ao favor ou desfavor de Deus ou ao próprio

amor ou ódio das pessoas — as obras que estão nas mãos de Deus (Ec 9.1,6).

O pregador, ao pensar no que tem à frente, volta ao seu tema reiterado da morte, o destino comum de todos (v. 1; cp. 2.14-16; 3.19-21). Ele menciona cinco pares de grupos *opostos* de pessoas, todas as quais encontram a morte. O pregador denomina a falta de distinção moral demonstrada pela morte do **mal** (9.3). Para o pregador, a vida é preferível à morte (cp. 4.1-3, em que o pregador afirma o oposto usando de exagero para mostrar a sua preocupação com o oprimido) — **melhor é o cão vivo do que o leão morto** (9.4). Essa declaração mais do que prova o seu ponto de uma perspectiva do Antigo Oriente Próximo, que considerava o cão um catador de sujeira (cp. 2Sm 3.8; 16.9; Sl 22.16,20) e o leão o rei dos animais (Gn 49.9). Por que é melhor estar vivo do que morto?

- A morte **já não** tem **parte alguma** debaixo do Sol — eles e todas as suas obras (**amor**, **ódio** e **inveja**) não ocupam mais um espaço na vida (Ec 9.6).
- A **memória** do morto é esquecida — de modo que **nem tampouco eles têm jamais recompensa** (v. 5).
- Os mortos **não sabem coisa nenhuma** (v. 5).
- **Os vivos**, por sua vez, têm **esperança** (heb. ***bittachon***, "confiança, segurança", vv. 4,5; pc. 2Rs 18.19) porque, ironicamente, vivem com pleno conhecimento da sua morte, o que capacita os vivos a aproveitar o dia e cada momento.

Refrão: Desfrute a Vida! (9.7-10)

9.7-10 Assim, em vista da morte certa, deve-se desfrutar a vida. Cuide de suas atividades diárias **com bom coração** (v. 7). O fato de **Deus se agrada[r] das tuas obras** é motivo bastante para sentir alegria (v. 7). É necessário lidar com a brevidade da vida (cp. 7.1-4) sem chorar; ao contrário, as vestes brancas e a cabeça ungida têm de ser sinais constantes de alegria e festividade (cp. 2Sm 12.20; Sl 23.5, em que Deus unge ou dá alegria; Sl 45.8; Pv 27.9; Is 61.3).

O pregador encarregou os rapazes jovens que eram os seus destinatários a permitir que o casamento fosse uma fonte de prazer na vida. A vida debaixo do Sol é **trabalho**, mas a alegria no casamento é a sua **porção** concedida

por Deus (Ec 9.9; cp. Gn 2.24). A resposta correta para as lutas da vida e a morte certa não é a desesperança e a resignação. Ao contrário, continue fazendo suas atividades e faça-as **conforme as tuas forças** (Ec 9.10). As oportunidades que a vida proporciona não são possíveis no **Sheol** (TEB; o conceito do Antigo Testamento da sombria moradia do morto; o túmulo — v. 10; cp. Gn 37.35; Sl 6.5; 139.8).

O tempo e a "sorte" como um acontecimento para todos (9.11,12)

9.11-12 A vida debaixo do Sol nem sempre está conforme as expectativas do indivíduo. O sucesso não é garantido — nem mesmo para os **ligeiros** (heb. ***qal***; cp. Asael, o "ligeiro de pés", em 2Sm 2.18-23), os **valentes**, os **sábios**, os **prudentes** e os **inteligentes** —, pois a vida debaixo do Sol é imperfeita por causa do pecado no mundo. A referência a **acaso** (NVI; aheb. ***pega'***, "incidente, evento, o que acontece a alguém") aqui não é nenhuma indicação de que o pregador abandonou a sua visão da soberania de Deus (e.g. 3.11,14; 7.13,14; 8.17); no entanto, a vida para os seres humanos parece arbitrária às vezes. Dois exemplos da natureza mostram quão de repente e inesperadamente a calamidade pode sobrevir aos seres humanos (cp. Pv 7.23).

Contrastando Sabedoria e Tolice (9.13—10.20)

9.13-18 Outra parábola ilustra o valor relativo da sabedoria (cp. 4.13-16). Uma **pequena cidade** com **poucos homens** foi confrontada por um **grande rei** que **levantou contra ela grandes baluartes** (ARA; heb. ***matsod***, em geral "rede"; aqui uma "torre móvel de ataque", 9.14; cp. 7.26; Jó 9.26) contra a cidade. Contudo, a cidade foi salva por um **homem pobre** (heb. ***miskēn***, "plebeu") **e sábio** — não fica claro *como* (Ec 9.16). A vantagem da sabedoria, portanto, é ser **melhor [...] do que a força** (v. 16; cp. Pv 21.22); contudo, o valor da sabedoria é limitado — pois ela não garante à pessoa uma memória duradoura (cp. Ec 1.11; 2.16), respeito nem mesmo ser ouvido pelos outros (9.15,16). A mesma vantagem e limitação da sabedoria são agora afirmadas na forma de provérbio (vv. 17,18). Observe o contraste entre **as palavras calmas de uma pessoa sábia** (NTLH) e **o clamor do que domina** [que tem de ele mesmo ser um tolo] **sobre os**

tolos (v. 17). A limitação da sabedoria expressa no versículo 18 é enfatizada mais uma vez em 10.1.

10.1-3 Moscas mortas não realizam nada a não ser estragar o doce aroma do **unguento do perfumador**. O mesmo acontece com o tolo que só é bem-sucedido em estragar **a sabedoria e a honra** (NVI; v. 1). Esse provérbio enfatiza o ponto expresso em 9.18 e é semelhante ao provérbio atual: "Uma maçã podre pode estragar o cesto todo". O **coração** (heb. ***lēv***, "mente; assento da inteligência") do sábio e do tolo vão em direções opostas — para a **direita** e para a **esquerda**, respectivamente (10.2). A direita e a esquerda parecem indicar escolhas no processo de tomada de decisão (cp. Jo 4.11). A mão direita era frequentemente associada com vantagem e favor, enquanto a mão esquerda era associada com uma posição inferior (cp. Gn 48.12-20; Mt 25.31-36). A jornada de vida do tolo é guiada por um coração que **falta entendimento** (Ec 10.3; cp. Pv 6.32; 10.21; 15.21). Tudo o que ele faz revela que é um tolo (cp. Pv 12.23; 13.16).

10.4-7 Uma pessoa, com certeza, mostraria ser tola se deixasse a presença de um rei raivoso. A pessoa sábia permaneceria ali, pois a sua **tranquilidade** (NVI) acalmaria o rei raivoso (v. 4; cp. 8.3; Pv 16.14; 25.15). Falando de tolos e governantes, há outro **mal** que acontece como resultado do **erro**, ou gafe, do governante (Ec 10.5; cp. 9.3).

O governante, às vezes, coloca um tolo numa alta posição com grande responsabilidade quando está bem óbvio que este não merece tal promoção (ou seja, "falta[-lhe] entendimento", 10.3). Ao mesmo tempo, o rico — de quem seria esperado que detivesse tais posições — não é promovido.

Com certeza, a visão de **servos a cavalo** (ou seja, animais usados só pelos ricos e poderosos — cp. 2Cr 25.28; Et 6.8,9) e **príncipes** a pé é um sinal de instabilidade social (Ec 10.7). O ponto do pregador aqui não é tanto que os servos jamais deveriam ser bem tratados ou que só os ricos deveriam deter posição de autoridade. Ele lamenta o fato de que, às vezes, os erros políticos acontecem (aqui, a promoção de um tolo). Esse erro pode custar caro para a sociedade.

10.8-9 Outras reversões acontecem "debaixo do sol" (10.5) — as situações não estão conforme as expectativas. O pregador dá quatro exemplos de riscos ocupacionais que mais uma vez salientam o fato de que a vida é precária e, no fim, nas mãos de Deus, não nas suas (10.8,9; cp. 9.1,11,12):

- Quem faz uma cova **cairá** na sua própria cova. Essa pode ser uma expressão de retribuição (i.e., o plano maligno de alguém será um tiro pela culatra; cp. Et 7.10; Sl 7.15; Pv 26.27) ou pode simplesmente se referir à caça.
- Quem derruba um muro **será picado por uma cobra** que fez a sua casa nas rochas. ***MURO*** *(heb.* ***gadēr****) referia-se a um muro de pedra construído para proteção de jardins, vinhas, etc. (cp. Nm 22.24; Is 5.5).*
- O talhador de pedras e o madeireiro podem ferir-se enquanto fazem o seu trabalho.

O ponto desses dois versículos é ilustrar mais uma vez que "o tempo e a sorte pertencem a todos" (Ec 9.11). Embora seja verdade que os justos são abençoados, também é verdade que coisas ruins acontecem a todos — até mesmo para as pessoas boas que se ocupam com o seu trabalho diário. Essa é a natureza da vida imperfeita debaixo do Sol governada pelo Deus soberano cujos caminhos nem sempre são entendidos.

10.10-11 O pregador elabora a respeito da vida do madeireiro (v. 9b): um **machado** sem corte e **cego** (NVI) custa mais tempo e esforço ao madeireiro (v. 10). Um madeireiro sábio, porém, iria preparar-se para o seu trabalho afiando o machado, poupando, assim, tempo e energia e tendo **sucesso** (NVI) — então, a **sabedoria** pode ser **vantajosa** (BJ; v. 10). *Ainda assim, a sabedoria é limitada no seu valor, pois um* ***ENCANTADOR*** *(heb.* ***ba'al****, "dono de um objeto que incorpora a sua maneira, caráter ou obra; mestre";* ***lashon*** *"língua", assim, "mestre da língua" ou "tagarela") talvez possua todo o conhecimento para encantar uma serpente, só que a serpente ainda pode escolher morder "antes de ser encantada" (heb.* ***lo'-lachash****, "sem encantamento", v. 11; cp. Sl 58.4,5; Jr 8.17).* A sabedoria pode minimizar os riscos do trabalho, mas não é uma garantia de que algo inesperado não possa acontecer.

10.12-15 Talvez a referência ao encantador, que é o "mestre da língua" (v. 11) leva à discussão seguinte do pregador sobre a diferença entre as palavras de **graça** (TB) do **sábio** e as palavras do **tolo**, que o devoram (v. 12; cp. Pv 10.14; 18.7). As palavras do tolo só parecem tolice no **princípio** (cp. Pv 15.2); mas, no **fim**, são um **desvario péssimo** (Ec 10.13; cp. Pv 10.32; 15.28). O tolo fala muitas palavras (cp. Ec 5.2,3,7) — muitas vezes sobre coisas como o futuro, a respeito do qual eles não sabem nada. Essa é uma indicação de arrogância (cp. Tg 5.13-16), pois a onisciência é reservada só a Deus (Ec 10.14).

10.16-17 O reino está em mãos ruins se o **rei é criança** e se os seus **príncipes comem de manhã** (um sinal de desatenção e, talvez, de imoralidade; cp. Is 5.11). *A palavra traduzida por* ***CRIANÇA*** *(heb.* ***na'ar****) pode denotar ou um "jovem" (cp. 1Sm 1.24) ou um "servo". A tradução do termo anterior contrasta com "filho dos nobres" (Ec 10.17). Não obstante, a melhor tradução pode ser "jovem", que implicaria uma pessoa inexperiente e não qualificada para a posição (cp. 1Rs 3.7; passagem em que o rei Salomão refere-se a si mesmo como um* ***na'ar*** *ao pedir sabedoria a Deus para governar Israel). Em todo caso, o pregador lamenta que uma pessoa não qualificada esteja em uma posição de autoridade.* O reino, por sua vez, é **bem-aventurad[o]** se o rei é **filho dos nobres** (i.e., alguém que se espera que governe por causa da qualificação; cp. Pv 30.21,22) e se os seus príncipes **comem a tempo** para a sua subsistência, e não para **bebedice** (Ec 10.17).

10.18-20 A bebedeira pode levar à negligência (Pv 31.4,5), e a negligência pode levar ao desastre (cp. Pv 10.4). A **casa** desmoronada e com goteiras pode referir-se aqui à classe política estabelecida, embora, sem dúvida, seja verdade que a **preguiça** pode ter resultados devastadores para o indivíduo (cp. Ec 10.18; cp. 4.5; Pv 6.6-11). A vida tem de ser desfrutada, mas de acordo com os princípios do tempo apropriado e com o evitar os excessos (cp. Ec 9.7-9; Sl 104.15). O pregador reconhece que é necessário algum dinheiro para realizar esses prazeres (cp. Ec 5.19). Mesmo se o indivíduo não pensar bem do rei ou do rico, deve evitar amaldiçoá-los, pois "as paredes têm ouvido" (10.20). A referência às **aves dos céus** levando a **notícia** pode ser semelhante a hoje ser dito: "Um passarinho me contou..." (v. 20).

A Natureza Transitória da Vida (11.1—12.7)

O Desafio de Regozijar-se e Lembrar-se (11.1-6)

11.1-6 Seus atos não podem basear-se apenas no que você vê ou pensa, pois **não sabes** (uma frase usada quatro vezes — vv. 2,5,6) tudo, incluindo a obra de Deus.

Há dois sentidos possíveis para esse versículo. O pregador poderia estar encorajando a diversificação de investimentos, aqui no comércio marítimo (v. 1), porque nunca se sabe quando ou onde pode acontecer um desastre (v. 2). Em outras palavras, "não ponha todos os ovos na mesma cesta". Outra

interpretação mais provável é que essa seja uma exortação para ser um doador liberal que assume riscos. Compare-o com o provérbio árabe: "Pratique o bem. Lança o seu pão sobre as águas, porque, depois, o achará". Então, **lança o teu pão** poderia ser um chamado a "lançar fora" um dom ou uma boa obra (v. 1). Nunca se sabe que benefício pode ser para os outros (até mesmo em uma época de **desgraça** [NVI]) ou quando você mesmo pode **acha[r]** a bênção voltando para você (vv. 1,2; cp. Pv 12.14; 19.17; Lc 6.38).

Os leitores do século XXI que vivem em um mundo de avanços meteorológicos não se identificam rapidamente com essa passagem que encoraja a diligência agrícola porque *não sabes* o que o tempo trará. Ainda assim, os melhores avanços modernos não podem ultrapassar — e não ultrapassarão — o entendimento de Deus de como o Universo funciona, muito menos o seu controle do Universo. Existe alguma inevitabilidade na natureza: nuvens cheias **derramam a chuva**, e as árvores ficam onde caem (Ec 11.3). A inevitabilidade, contudo, não significa perfeita previsibilidade. Se um fazendeiro examinar o tempo e esperar por condições impecáveis, ele **não semeará** nem **segará** (v. 4). O fazendeiro pode ficar paralisado na tentativa de evitar uma ventania que pode soprar para longe a sua semente ou uma chuva que pode vir antes da conclusão da colheita.

A conclusão é que **não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas** (v. 5; cp. 3.11; 8.17; 9.1) nem *pode* saber. O pregador apresenta duas ilustrações da obra misteriosa de Deus, nenhuma das quais os seres humanos conseguem compreender totalmente (11.5):

- **o caminho do vento** (cp. Jo 3.8);
- a maneira como o sopro de vida vivifica o feto no **ventre** da sua mãe.

Um conhecimento limitado do que acontece não deveria incapacitar uma pessoa; ela deveria fazer a sua semeadura diligente **pela manhã [...] e, à tarde** (Ec 11.6).

Essa breve passagem tem muitas aplicações: lembra o mesquinho de dar com liberalidade. Lembra o perfeccionista hesitante para não esperar indefinidamente pelas condições perfeitas. Lembra o temeroso a assumir

riscos e não esperar pela garantia antes de agir. Lembra todos os leitores que só Deus tem controle perfeito e conhecimento perfeito.

O pregador apresenta o seu ponto da fragilidade humana nessa última seção sobre a vinda da morte. O chamado, em vista da transitoriedade da vida, é regozijar-se (11.8,9) e lembrar-se (v. 8; 12.1).

Refrão Modificado: Regozije-se e Lembre-se (11.7-10)

11.7-8 Ver o sol é uma referência a estar vivo (cp. 6.5). Em outras palavras, o pregador diz que estar vivo é algo *bom* (**agradável**, 11.7; cp. 9.4-6). Assim, observe o chamado duplo: **alegr[e-se]** em seus dias e **lembr[e-se] dos dias das trevas** (11.8). Embora seja possível que os "dias das trevas" seja uma referência aos dias de desgraça ainda na terra (cp. 5.17; 12.1), é mais provável que essa frase refira-se à própria morte (cp. "ver o sol"/"trevas" em 6.4,5 e 11.7,8).

A liberdade e a capacidade de regozijar-se na vida só pode acontecer quando a pessoa aceita os limites da vida ("lembrar dos dias das trevas") e abdica de todas as tentativas de controlar o que não pode controlar.

11.9-10 O pregador recomenda que o *jovem* alegre-se, chamando-o a **anda[r] pelos caminhos do teu coração e pela vista dos teus olhos**. Essa frase foi um impedimento inicial para a aceitação de Eclesiastes no cânone, pois parecia contradizer diretamente Números 15.39. Esse versículo, todavia, não é um chamado à autogratificação ilimitada, pois um sábio (mestre de sabedoria) jamais faria um chamado desses para os seus alunos. A frase tem de ser colocada no contexto com o que se segue: o chamado a cultivar a alegria no presente (**vista dos teus olhos**, Ec 11.9) é *dirigida* e *temperada pelo* lembrete do julgamento divino. Mais uma vez, uma dose saudável de perspectiva sóbria é necessária para prevenir a vida ingênua, ou simplista, e hedonista (cp. 7.1-4); contudo, há um momento em que a natureza **passageir[a]** (NVI) da vida faz a pessoa **afast[ar] [...] a ansiedade e acab[ar] com o sofrimento** (NVI) e simplesmente desfrutar a vida (11.10).

Observe que o pregador, ao longo do livro de Eclesiastes, fez bem ao "moderar" a perspectiva talvez ingênua dos jovens para quem escreve. No fim do livro, com certeza, apreende-se o ponto apresentado: tudo é vaidade! Ainda assim, o objetivo do pregador é claramente não produzir estudantes presos pela obrigação e deprimidos que se preocupam perpetuamente com os dias de trevas e julgamento. Pois o pregador, até mesmo ao jovem despreocupado e satisfeito — que alguns acham que só precisa de disciplina — lança o chamado para cultivar o dom da alegria concedido por Deus.

A Aproximação da Velhice e da Morte (12.1-7)

Historicamente, os estudiosos interpretam essa passagem como uma alegoria sobre a velhice (vv. 1-5), culminando na morte (vv. 5-7). Há duas dificuldades com essa interpretação:

- A alegoria (i.e., uma história com sentido simbólico) parece estar misturada com referências *literais* à velhice (e.g., v. 5).
- Também não há concordância quanto ao sentido dos símbolos.

O intérprete, em vista dessas dificuldades, tem de permitir o que pode ser uma mistura de artifícios literários que permanecem lado a lado no texto (i.e., alegoria misturado com referências literais), e simplesmente determinar sua melhor interpretação dos símbolos do texto. O sentido da alegoria não depende da perfeita clareza de todos os detalhes.

12.1-2 O pregador continua com um desafio para os seus jovens destinatários: uma vez que a juventude é transitória (11.10), **lembra-te** *agora* **do teu Criador** (12.1). O pregador não pretende, com essa declaração, diminuir o chamado ao regozijo e desfrute da vida, mas, sim, fornecer parâmetros segundo os quais a vida tem de ser desfrutada (cp. 11.8,9). Lembrar-se do Criador é lembrar-se de que Ele é o Criador, e você, a criatura (Gn 2.7). Ele sempre é, e você veio a ser. Lembrar-se do Criador é lembrar-se de que há uma distinção infinita entre ele e você. Você e eu, em vista dessa grandiosidade, só podemos dobrar os joelhos diante do único que tem todo conhecimento e todo poder — confessando todas as vãs tentativas de usurpar a sua legítima posição como Controlador do Universo. Lembrar-se do Criador é lembrar-se de que você é uma criatura frágil e que

voltará ao pó (Ec 3.20; 12.7; cp. Gn 3.19). Quando você finalmente começar a aceitar seus limites como um ser humano dependente e renunciar ao seu desejo de possuir todo conhecimento e controle, você consegue experimentar o dom da alegria que Deus oferece livremente (cp. Ec 5.18-20).

O pregador escreve a alegoria da velhice para dar razão para a sua injunção: "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade" *porque*, mais tarde, haverá **os dias da desgraça** (BJ), quando é mais difícil encontrar alegria na vida (**não tenho [...] contentamento**, 12.1). A ideia não é que o velho não pode sentir alegria na vida; mas a deterioração do corpo humano, reconhecidamente, apresenta desafios inevitáveis para a capacidade de o indivíduo divertir-se — desafios que não estão presentes na juventude. Por isso, esses jovens têm de "aproveitar o dia". Se "ver o sol" é viver (11.7), então o escurecimento dos luminares talvez seja um símbolo geral para a aproximação da morte ou para o fim da vida. A falta de vitalidade na vida é vista no fracasso do Sol em brilhar mesmo **depois da chuva** — **tornem a vir as nuvens** mais uma vez (12.2). O versículo 2, em um plano mais particular, também pode simbolizar o obscurecimento e nunca clareamento, ou seja, "as nuvens voltem" (NVI) à visão na velhice (v. 2).

12.3-4 Nesses versículos, há uma descrição vívida do declínio da vida e do processo de envelhecimento. As mãos (**guardas da casa**) **treme[m]** muitas vezes, e a espinha curva-se com frequência fazendo o velho **curva[r-se]**. A perda dos dentes (**as mulheres [...] param de moer** [BJ]) e da visão (**escurecerem**) torna a vida difícil. A expressão **portas da rua** pode referir-se aos ouvidos, cujo fechamento causa a perda de audição (**baixo ruído da moedura**). O sono intermitente do velho faz com que ele levante **à voz das aves**. A referência às **filhas da música** (TB) é ambígua, mas pode referir-se a ouvir cantoras (note um possível paralelo em 2Sm 19.34).

12.5-7 Os pés inseguros e o medo de cair (**medo de altura, e dos perigos**) muitas vezes paralisam o velho, o que também torna difícil o desfrutar a vida. O florescimento da **amendoeira** provavelmente se refere ao embranquecimento do cabelo com a idade. O **gafanhoto**, que se arrasta, **vi[r] a ser uma carga** (TB) pode ser uma alusão ao endurecimento das juntas. O **fruto da alcaparra** (TEB) parece ser um afrodisíaco. A **inefic[ácia]** (TB) do fruto da alcaparra pode referir-se à

perda de desejo sexual ou à impotência. A saúde deteriora porque o **homem** (heb. ***'adam*** — veja notas sobre 6.10) **se vai à sua eterna casa**, ou seja, o túmulo. Na hora da morte, **os pranteadores andarão rodeando pela praça**. O chamado do pregador para lembrar o Criador (12.1) continua — conforme apontado pela palavra **antes** (v. 6) — mas agora as imagens começam a apontar da velhice para a *própria morte*. Em outras palavras, a ordem passa *de* "lembra-te do teu Criador [...] antes que venham os maus dias" (vv. 5d-7). Os verbos mostram o movimento do velho para a morte: a **cadeia de prata** não está apenas esticada — ela finalmente se **quebr[ou]**; o **copo de ouro** e a **roda** não se quebram apenas, elas são **despeda[çadas]** (v. 6). Pode haver duas imagens de morte aqui: uma lâmpada apagada (cp. Jó 18.5,6; Pv 24.20) — a "cadeia de prata" quebra, e o "copo de ouro" que segura a lâmpada cai no chão e quebra-se; um poço sem uso — a **roda** — quebra; e o cântaro despedaça-se de maneira irreparável **junto à fonte** (Ec 12.6). O número de potes quebrados encontrados em túmulos antigos chama a atenção. Muitos estudiosos acreditam que o despedaçamento de jarros e potes era um costume funerário da Antiguidade para simbolizar a morte (cp. Sl 31.13).

O começo desse capítulo trouxe à mente a criação do homem. Essa passagem agora se encerra com a morte — a volta do corpo do homem para o **pó** (cp. Ec 320; Gn 2.17; 3.19) e a volta do espírito do homem volta **a Deus, que o deu** (Ec 12.7).

Conclusão e Refrão Temático (12.8-14)

12.8-11 O pregador encerra o corpo do livro da mesma forma que o começou (1.2): **tudo é vaidade** (12.8). (Veja a seção "Um olhar crucial para o Novo Testamento" na Introdução.) O papel do pregador como sábio e educador é afirmado (vv. 9,10). É importante observar a ironia do versículo 10. Embora muitas pessoas ao longo dos séculos fiquem tentadas a ver o pregador como um profeta da desgraça, o versículo 10 diz que o pregador **procurou [...] achar palavras agradáveis** para dizer às pessoas. E o versículo 10, a despeito do fato de muitos verem o pregador como um homem confuso cujo livro é cheio de contradições, diz que ele tentou **escrever com retidão palavras de verdade** (ARC). Essa é uma declaração sólida da veracidade e honestidade do livro e um testamento do seu lugar correto no cânone da Escritura. **As palavras dos sábios** são

comparadas com **aguilhões**, vara pontuda — muitas vezes com a ponta com **pregos bem fixados** — usados para cutucar o rebanho e guiá-lo na direção certa (v. 11). As palavras do sábio podem parecer agradáveis na hora em que as ouve pela primeira vez; a verdade pode, de fato, ser dolorosa. No entanto, quando a sabedoria entra no coração, no fim acaba sendo prazerosa para a alma (Pv 2.10), pois a verdade traz vida e liberdade (Jo 8.32). A sabedoria vem do **Pastor**, Iavé Deus, que só pretende o melhor para as suas ovelhas (cp. Sl 23).

12.12-14 A advertência sobre ultrapassar o **limite** desses ditos afirma mais a confiabilidade do livro (cp. Dt 4.2; 12.32; Ap 22.18,19). O pregador, como em outra passagem no livro, adverte contra ser obsessivo no trabalho (cp. Ec 4.7,8) — dessa vez, na área do estudo. O pregador constrói o corpo do livro com o tema da vaidade (1.2; 12.8), contudo a **conclusão** (NVI) de tudo é que é necessário **teme[r] a Deus e guarda[r] os seus mandamentos [...]. Porque Deus há de trazer a juízo toda obra** (v. 13; cp. Rm 14.12; 1Pe 4.5). O temor a Deus, embora não seja o principal tema explícito do livro (cp. Ec 3.14; 5.7; 7.18; 8.12,13), é um tema implícito ao longo do livro. O autor faz uma declaração culminante do tema todo do livro: quaisquer que sejam as dificuldades e iniquidades da vida em meio às bênçãos e prosperidade, só o honrar ao Senhor e a obediência aos seus mandamentos trazem felicidade e fecundidade sobre a terra, bem como na vida por vir.Toda a visão de mundo do pregador é construída sobre o entendimento e respeito pelo Deus que é misteriosamente (cp. 311; 8.17; 11.5) soberano (cp. 3.14; 6.10; 7.13; 9.1) e transcendente (cp. 5.2), o Criador (cp. 3.11; 7.29; 11.5; 12.1), o doador da vida (cp. 5.18; 8.15), a fonte da alegria (cp. 3.13; 5.18-20) e o controlador do Universo (7.13). Com certeza, o que o pregador vê e vivenciou na vida debaixo do céu levou-o à penúltima conclusão de que tudo é vaidade para a humanidade limitada (1.2; 12.8). No entanto, a trajetória natural dessa percepção termina com a conclusão derradeira de que a humanidade limitada tem de temer o único cujo poder sustenta o Universo (cp. Hb 1.3) e o conhecimento do qual pode fazer perfeito sentido de um mundo em que mulheres e homens não conseguem nem remotamente compreender (cp. Rm 11.33-36). Permanecer em respeito a esse Deus e obedecer aos seus mandamentos não é apenas certo; é sempre para o bem (veja Dt 6.24).

BIBLIOGRAFIA

* Garrett, Duane A. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*. The New American Commentary, vol. 14. Nashville: B&H Publishing Group, 1993.
Kaiser, Walter C., Jr. *Ecclesiastes: Total Life*. Chicago: Moody Press, 1979.

* Para estudos avançados.

NOTAS

[1] Duane A. Garrett. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon*. The New American Commentary, vol. 14 (Nashville: B&H Publishing Group, 1993), p. 261. Garrett observa que todas as passagens do livro referentes à realeza representam um problema para os proponentes tardios. Essas passagens assumem um cenário social em que os judeus tinham algum tipo de acesso ao rei; ao passo que, depois do exílio — quando o povo judeu foi governado à distância por imperadores persas e outros monarcas — seria raro um judeu estar na presença do rei.

[2] Veja, ibid., p. 265, para uma lista de possíveis paralelos literários, o mais espantoso dos quais é o *Epic of Gilgamesh*. O texto completo da literatura do Antigo Oriente Próximo pode ser encontrado em *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testaments*, 2.ed. Ed. J. B. Pritchard (Princeton: Princeton University Press, 1955).

[3] 5:1-8; 7:9-22; 8:2,3; 9:7-10; 10:4; 10:20–11:1; 11:9–12:1.

[4] 1:3 (2); 2:10 (2); 2:11 (2); 2:18 (2); 2:19 (2); 2:20 (2); 2:21 (2); 2:22 (2); 2:24; 3:9; 3:13; 4:4; 4:6; 4:8 (2); 4:9; 5:15; 5:16; 5:18 (2); 5:19; 6:7; 8:15; 8:17; 9:9 (2); 10:15.

[5] O julgamento colocado sobre Eva não é mencionado aqui porque não é crucial para o ponto principal do livro (a futilidade da vida e, em especial, a labuta da vida). Todavia, se essa interpretação está correta, o pregador não indica o julgamento de Deus sobre a mulher em 7.23-29.

[6] Esse é o entendimento da Midrash, citado por Gordis: "Um tempo para atirar pedras — quando sua esposa está pura (menstrualmente) e um tempo para reunir pedras — quando sua esposa está impura". Robert Gordis, *Koheleth — The Man and His World: A Study of Ecclesiastes*, 3.ed. (Nova York: Schocken Books, 1968), p. 230.

[7] Um provérbio não é uma declaração universal com apenas um sentido; é uma declaração situacionalmente específica que pode ter vários sentidos (cp. Pv 26.4,5).

CANTARES

INTRODUÇÃO

Em Cantares, o amor sexual expresso entre um homem e uma mulher em um compromisso exclusivo é natural e acontece dentro dos limites divinos. A sexualidade bíblica, protegida pelo casamento, é apresentada como boa e não pode ser confundida com atos lascivos só permissíveis no casamento; atos lascivos estes, por conseguinte, sujeitos, em última análise, a algo menos que bom, ou até mesmo ruim, por causa da ausência de compromisso e fidelidade. Os cultos do mundo da Antiguidade distorciam o plano de Iavé usando atos sexuais depravados em rituais de devoção religiosa.

O livro de Cantares baseia-se em um casal histórico envolvido em um relacionamento exclusivo um com o outro, conforme Deus pretendia. Esse cântico nupcial provavelmente foi escrito por Salomão quando era um jovem no seu primeiro amor. Infelizmente, Salomão, apesar de ter muitas qualidades admiráveis, desviou-se ao entregar-se ao pecado da poligamia, chegando, no fim, a ter mais de setecentas esposas. Algumas mulheres desconsideram as palavras dele por causa das suas escolhas ruins e rebelião contra os mandamentos claros de Deus. Contudo, é mais importante abraçar a pureza e a verdade da obra inspirada por Deus, em vez de abandonar a mensagem do livro por causa da desobediência posterior de Salomão e abandono do plano de Deus.

Cantares ensina moralidade, romance e habilidade para o sucesso futuro do casamento. O livro é cheio de sentimento de compromisso e paixão e também traz a insegurança e até mesmo o egoísmo. Salomão manifesta pela sua jovem noiva o tipo de amor com o qual a maioria das mulheres apenas sonha. O amor que Deus pretende para o homem e a mulher é expresso em

um compromisso exclusivo na união marital. Esse livro contém instruções para selecionar um par devoto, desfrutando um namoro puro e vivenciando um casamento satisfatório, bem como apresentando a aplicação secundária para o Noivo derradeiro, Jesus Cristo, e a sua noiva, a Igreja. Alguns também relacionam essa história com a relação de Deus com Israel.

Os leitores desfrutam um livro de romance, opulência e extravagância e ousam esperar coisas inacreditáveis e fruir desejos impensáveis. Os dons de Deus para os seus filhos, nos seus limites graciosos, são impressionantes. O primeiro amor de Salomão, e também a principal personagem em Cantares, é a mulher denominada de Sulamita. Ela tem uma mensagem especial, ensinando todas as mulheres a aceitarem-se como foram criadas por Deus, a confiarem no tempo do Pai e a preservarem a sua pureza para o casamento. Com a desintegração maciça de casamentos ao redor do mundo, saber que Deus tem um plano maravilhoso para o amor entre um homem e uma mulher comprometidos no casamento é encorajador. É crucial para entender os caminhos de Deus e esperar pela sua provisão nessa arena sensível e, todavia, profunda da vida. Os ternos sonhos de amor e romance são aprovados por Deus e são uma arma útil na demonstração do seu amor, glória e mensagem de salvação.

TÍTULO

Esse livro é conhecido por três nomes diferentes: Cantares de Salomão, Os Cânticos de Salomão e Cântico dos Cânticos (lat. ***Canticum canticorum***, "Cântico dos Cânticos"), tendo origem com a Vulgata em latim. O título hebraico (***Shir Hashirim***) é "Cântico dos Cânticos de Salomão", um título superlativo significando "os cânticos mais refinados". O cânone hebraico localiza Cantares no ***megillot*** (heb., "pergaminhos"), uma coletânea de livros lidos em vários dias de festa judaica. Nesse grupo, estavam incluídos estes livros com o seu respectivo dia de festa anotado: Rute (Pentecostes); Cantares (Páscoa), Eclesiastes (Tabernáculos), Lamentações (queda de Jerusalém/ocasiões de pranto) e Ester (Purim). Cantares tem a distinção de ser descrito por alguns judeus como o "Santo dos Santos" nos escritos santos.

CENÁRIO

O primeiro pedido de Israel por um rei foi respondido com a unção de Saul, um homem orgulhoso e impressionante que agradava o povo e tentava cumprir o desejo deles de ser como as outras nações. Davi, depois de Saul, reinou de forma muito mais poderosa; e Salomão seguiu o seu pai, tendo ainda maior riqueza, prestígio e extravagância. Os reis, apesar de cada um cometer erros e ter algumas dificuldades, tiveram uma imponente atmosfera em torno deles, ganhando cada um mais poder e riqueza. Salomão governou sobre um reino unido que, depois, ficou dividido até o fim do seu reinado. Ele tinha riqueza e prestígio incríveis, e esse período de tempo foi o de maior celebração e orgulho nacional. Aparentemente, a moça Sulamita era uma menina muito comum, cujo nome indica a localização geográfica de onde veio. Provavelmente, a história de amor deles desenrolou-se no início do reinado de Salomão. O livro tem muitos detalhes sobre a natureza, as plantas, os temperos, os animais e as paisagens.

Salomão passou a maior parte do seu tempo na grande cidade de Jerusalém aprendendo os caminhos de um rei no magnífico palácio cheio de ornamentos e elegância. Ele estava acostumado com festividades, festas e multidões. Gostava de ser indulgente com os seus passatempos e gostos caros. A Sulamita, em contraste, foi criada no sudeste do mar da Galileia em uma terra rica de plantas, animais e muitos aromas. Ela não foi mimada nem privilegiada, mas experimentou em um caminho mais lento e mais calmo os prazeres simples da natureza. Cada um deles era capaz de desfrutar e apreciar o ambiente do outro, e os contextos diferentes tornam interessante o livro de Cânticos. Ao longo do livro, tanto os prazeres da vida rural ao ar livre quanto os da opulência do palácio são empregados para descrever o amor do casal.

GÊNERO

Cantares, um exemplo da poesia do Antigo Oriente Próximo, faz parte da literatura de sabedoria da Bíblia contida nos escritos (heb. ***ketuvim***), embora não ensine nem explore a sabedoria tanto quanto celebra o amor. Alguns comentaristas classificam a obra como "poesia lírica", que provavelmente é acompanhada de música. A imagem descritiva do livro, embora não seja citado em outras passagens no Antigo Testamento nem em lugar algum do Novo Testamento, é ligada a uma grande gama de figuras

de linguagem em linguagem metafórica para criar imagens que exigem uma resposta emocional que delicia os sentidos e esclarece o entendimento. É, às vezes, difícil de seguir o diálogo por causa das mudanças abruptas dos falantes. Contudo, as emoções profundas e os anseios expressos nas páginas do livro são pungentes o bastante para evocar uma resposta no coração dos leitores.

Cantares é único na Bíblia na sua celebração da intimidade sexual — ou seja, o amor expresso no casamento. A linguagem sexual é encontrada em outros lugares na Escritura (cp. Pv 7.6; 9.1), mas aqui o foco de todo o livro é o amor humano: o namoro, o amor sensual expresso na união conjugal e a beleza do casamento. A Escritura, com certeza, não estaria completa com apenas proibições para a sexualidade, uma vez que o próprio Criador, de acordo com o seu plano, destinou o homem e a mulher para a alegria dessa sublime união (Gn 2.24). Quais lições os homens e mulheres precisam para viver de uma forma alegre e que favoreça Cristo e, ao fazer isso, celebrem a paixão e o deleite do amor?

AUTOR

Salomão (heb., "paz") era o filho do rei Davi e Bate-Seba. Ele é conhecido na história pela sua boa aparência, sabedoria e riqueza. Ele governou com bastante sucesso sobre o reino unido de Israel por quarenta anos. É considerado o autor de Cantares, conforme identificado em 1.1, e o seu nome aparece com frequência no livro. Salomão foi um escritor prolífico e dotado, autor de cânticos (1Rs 4.32), de uma coletânea de provérbios e do livro de Eclesiastes. O título indica que esse cântico nupcial que celebra o casamento é o maior cântico de Salomão.

DATA

O reinado de Salomão (971-931 a.C.) ajuda a datar o livro. Embora uma data exata não seja identificada, a obra provavelmente foi escrita nos primeiros anos do reinado de Salomão (6.8) antes de ele tomar várias esposas e concubinas (cp. 1Rs 11.1-8). O livro deveria ser considerado uma peça unificada de literatura de sabedoria e pode ser entendido como uma genuína história de amor.

DESTINATÁRIOS

Nem o livro nem a história do seu uso e interpretação têm uma indicação firme em relação a uma audiência específica pretendida. Supondo a autoria de Salomão e considerando que Cantares era lido durante a liturgia da Páscoa, é possível sugerir que o livro foi composto para as pessoas de Israel que viviam sob o reinado de Salomão. Não fica claro se Cantares foi escrito para o casamento de Salomão ou em celebração a esse enlace, ou se foi composto mais tarde para outro propósito. No entanto, a inclusão do livro no cânone da Escritura afirma que o Espírito Santo, em última análise, pretendia que a sua mensagem fosse recebida e lida por todos.

PRINCIPAIS TEMAS

Alguns temas dominantes em Cantares são:

- *Pureza*. A poesia enfatiza claramente, tanto para o homem quanto para a mulher, a importância de esperar até o casamento para a consumação sexual. O casal nesse livro obedece a Deus, e os últimos capítulos refletem os benefícios dessa decisão. Embora essa seja uma ideia antiquada para alguns, a aplicação ainda é verdade para a mensagem de Deus e essencial para a alegria suprema no casamento.
- *Compromisso exclusivo.* Salomão e a Sulamita expressam sinceridade no amor que sentem um pelo outro. Eles também pronunciam o seu compromisso um com o outro e a importância da exclusividade na sua relação, uma indicação do tipo de compromisso que Deus espera e deseja da sua noiva. Jesus é fiel em manter as suas promessas para a sua noiva, a Igreja, e esse compromisso exclusivo deve ser modelado no casamento cristão.
- *O valor do casamento*. Enquanto muitos hoje se tornam cínicos em relação ao casamento, essa literatura apresenta o casamento como agradável, satisfatório e maravilhoso. O casamento é desejável e mutuamente benéfico. Essa obra mostra que o casamento fortalece as mulheres e beneficia os homens. A expressão do amor no casamento é mostrada com clareza, e a expectativa de paixão e de apoio por parte de um com o outro é esperada.
- *Alegria*. Esse casal é um modelo para uma vida de alegria no casamento. Eles mostram que é possível amar em meio a tempos difíceis, desafiando

as carreiras e as diferenças pessoais. Eles conseguem manter um relacionamento relevante que floresce com o tempo. A sua paixão no amor marital não diminui com a idade, e a sua alegria um no outro foi designada por Deus e estimulada pela obediência aos mandamentos divinos.

ESBOÇO

I. O COMEÇO DO AMOR: A ATRAÇÃO (1.1—3.5)
- A. A Expressão do Desejo da Sulamita (1.1-4)
- B. A Confissão da Sulamita (1.5-7)
- C. A Certeza de Salomão (1.8-11)
- D. Impressões Permanentes (1.12-17)
- E. O Aprofundamento do Amor (2.1-2)
- F. O Começo da Transformação da Sulamita (2.3-7)
- G. A Aproximação de Salomão (2.8-10a)
- H. O Convite de Salomão (2.10b-14)
- I. A Expressão do Amor Mútuo (2.15-17)
- J. Os Pensamentos da Sulamita (3.1-5)

II. A CONSTRUÇÃO DO AMOR: O COMPROMISSO (3.6—6.10)
- A. O Casamento (3.6-11)
- B. A Lua de Mel (4.1-7)
- C. A Consumação da Paixão (4.8-16)
- D. A Celebração em Amor (5.1)
- E. O Primeiro Conflito (5.2-8)
- F. As Virtudes de Salomão (5.9-16)
- G. O Caminho da Restauração (6.1-3)
- H. As Doces Palavras de Perdão (6.4-10)

III. O AUMENTO DO AMOR: A FIDELIDADE (6.11—8.14)
- A. A Restauração Completa (6.11-13)
- B. Como Salomão Vê a Sulamita (7.1-8)
- C. A Expressão de Amor mais Profundo (7.9-13)
- D. O Anseio por Afeto (8.1-4)
- E. A Paixão do Amor Incessante (8.5-7)
- F. O Papel de Proteção da Família (8.8-12)

G. A Declaração Final de Amor (8.13-14)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

O Começo do Amor: A Atração (1.1—3.5)

A Expressão do Desejo da Sulamita (1.1-4)

1.1-4 É interessante o fato de a Sulamita falar com frequência nos versículos iniciais. Ela expressa abertamente o seu desejo pelo afeto de Salomão e explica que o amor dele é o ápice de qualquer prazer imaginável. A frase **melhor é o seu amor** (heb. ***dodim***, "o ato de fazer amor"; cp. Pv 7.18) **do que o vinho** faz uma comparação baseada na doçura dos **beijos** do seu amante e na intoxicação resultante deles, ambas características do vinho (Ct 1.2,3). O vinho era uma metáfora para toda excelência na vida e era uma mercadoria valorizada. A Sulamita explica por que ama tão profundamente Salomão, comparando-o com a **fragrância** (NVI) dos **perfumes** (NVI), também muitíssimo valorizados, que eram **derramado[s]** como um gesto extravagante.

O versículo 3 expressa o caráter excelente de Salomão. O seu nome era associado com as coisas mais finas da vida. Nos tempos antigos, o **nome** era escolhido para expressar as qualidades da pessoa. O amor da Sulamita não nasceu como resultado da aparência, riqueza ou posição de Salomão; ao contrário, o seu caráter foi o mais importante para isso. Salomão era um homem tão extraordinário que todas as outras **jovens** (NVI) queriam-no. Os locutores observam, na última parte do versículo 4, que as mulheres jovens e solteiras no reino saberiam com certeza o valor de um homem como Salomão e afirmam a relação entre a Sulamita e o rei.

A moça Sulamita também é muito aberta em relação ao seu desejo de ir adiante no seu relacionamento com Salomão. Ela é consumida por ele e está imersa em um amor seguro e comprometido. Esses versículos iniciais são especialmente desafiantes quando considerados à luz da relação da

Igreja com o seu noivo, Jesus. A noiva de Cristo é consumida, enamorada e expressiva do seu amor por Cristo?

A Sulamita encontrou um homem admirável e devoto e não perdeu tempo com homens com menos caráter — um conselho sólido para jovens em busca do amor. Esse homem excedeu as expectativas dela. Ela foi abençoada porque não abaixou o seu padrão para encontrar um homem; antes, esperou por um homem que tivesse as qualificações de Deus para um marido; e, quando esse homem devoto apareceu, ela estava livre para responder à busca dele. Ela respondeu, e as outras jovens afirmaram o amor que observavam entre Salomão e a Sulamita, entendendo que o amor verdadeiro, fundamentado no padrão de Deus, seria um prêmio acima de tudo mais.

A Confissão da Sulamita (1.5-7)

1.5-6 Esses versículos revelam a vulnerabilidade desse coração de mulher e revelam o que ela tem em comum com todas as mulheres. Ela era uma mulher simples, sem um histórico de riqueza ou de mimo. Ela não tinha recursos nem tempo para gastar com a sua aparência física. E ela, assim como muitas mulheres, estava naturalmente insegura acerca da sua aparência. Nos versículos anteriores, ela expressou o seu desejo de pertencer a Salomão e fazer parte da vida dele (1.4). O cenário desses versículos é o palácio real e o quarto privado mais opulento do rei. Com certeza, os quartos pessoais de Salomão recebiam uma atenção especial; e as falhas dessa mulher simples poderiam parecer ampliadas contra esse pano de fundo notável, o que ela, é claro, foi a primeira a notar.

A Sulamita estava tão entristecida com a sua inadequação que não podia deixar de expressar-se, observando que ela era **morena [...] como as tendas de Quedar**, feitas com o pelo preto do bode e usadas pelas tribos de beduínos (v. 5). Elas eram funcionais, aguentavam o tratamento duro do tempo do deserto, mas não eram habitações permanentes nem bonitas. Ela, identificada como parte da classe trabalhadora pela sua pele escura, sabia bem da sua desvantagem e vulnerabilidade.

A Sulamita, contudo, em contraste com **as cortinas de Salomão**, que deviam ser as mais belas do reino, estava em pé ali (v. 5). O rei vira algo maravilhoso nela, e ela ousou acreditar nisso — mas só por pouco tempo. Ela logo voltou à sua insegurança, principalmente em relação à sua pele

escura. Ela admitiu que os homens na sua vida, sobretudo os irmãos, não a tratavam de forma terna e forçavam-na a trabalhar nas **vinhas**, expondo-a ao clima duro e ao sol, o que naturalmente afetou a sua beleza física (v. 6).

A vulnerabilidade da Sulamita nessa área permite que muitas mulheres que sentem que foram abusadas ou maltratadas pelos homens identifiquem-se com ela e a maneira como se via. Ela, embora observe com sabedoria que esse tratamento afetou-a, não permitiu que isso impedisse a sua relação com Salomão nem obstruísse o seu desejo de superar o passado. A Sulamita, ao longo dessa jornada, escolheu receber o amor e a afirmação de Salomão. Muitas mulheres recusam-se a aceitar o amor mesmo quando este lhes é oferecido. Essa mulher superou os seus temores e conseguiu desfrutar uma relação mais relevante.

Características de um homem piedoso	Características de um homem egoísta
Sabedoria (Pv 14.16; Ec 10.12)	Insensatez (Pv 14.7; 21.20)
Perdão (Lv 19.18; Sl 45.2)	Vingança (Sl 59.7; 140.3)
Gentileza (Sl 112.4; 2Tm 2.24)	Dureza (1Sm 25.3; Pv 11.17)
Segurança (Pv 10.11; Ct 4.7,10)	Degradação (Sl 62.3; Pv 3.34; Ef 4.31)
Confiança (Sl 108.1; 112.7,8; Pv 14.26)	Arrogância (2Cr 26.16; Sl 101.5)
Paciência (Pv 14.29; Ec 7.8; Is 30.18)	Impaciência (Pv 22.24; 28.20; 29.22; Ec 7.9)
Abnegação (Pv 11.24; Is 66.2)	Egocentrismo (Sl 10.3,4; 37.21)
Força (1Cr 28.10,20; Ct 5.10)	Inflexibilidade (Êx 7.13; Pv 29.1)
Compromisso (Js 24.15; Sl 15.4b; 101.6; Ct 8.6,7)	Exigência (Sl 62.10)
Afetividade (Ct 1.2,3; 2.4,6)	

A Noiva Sulamita

Uma beleza inocente

O histórico	• Ela era provavelmente da cidade de Suném, a sudeste do mar da Galileia no planalto fértil de rico solo aluvial. • Ela foi vista pela primeira vez pelo rei enquanto este viajava para sua propriedade no Líbano ou voltava dela (8.11).
A história	• Seu pai, provavelmente, tinha morrido, pois o texto refere-se à casa da mãe da Sulamita (3.4; 8.2) e à autoridade de seus irmãos. • Ela tinha provavelmente a pele mais escura que as outras mulheres da corte real, o que, junto com sua beleza, a destacavam (1.5,6).
O caráter	• Sua castidade era mantida com vigor (8.8,9).
A bênção/maldição	• O rei Salomão amava-a apaixonadamente, e ela correspondia a seu amor (4.16—5.1; 5.3-5; 6.3; 7.6—8.3).

1.7 A Sulamita parecia recuperar a confiança e querer ficar perto de Salomão. Ela expressou o seu amor e desejo de ser uma parte íntima da vida desse homem. A referência a cobrir com véu (NVI) poderia ser uma alusão a prantear, só que é mais provável que reflita um compromisso moral. Talvez o véu fosse usado pelas prostitutas, e a mulher, nesse cântico, afirma, ao contrário, o seu desejo por amor de acordo com o plano de Deus. A Sulamita queria que a sua relação com Salomão fosse correta diante de Deus.

A Certeza de Salomão (1.8-11)

1.8-11 Salomão respondeu perfeitamente à preocupação da Sulamita. Ele não a humilhou nem expôs as suas fraquezas. Aparentemente, ele reafirmou-a como fizera antes. Ele chama-a claramente de formosa, algo que ela esperava ouvir, mas ainda tinha dificuldade em aceitar. Muitas mulheres têm facilidade de entender essa insegurança (v. 8). Ele também a convidou para fazer parte em caráter permanente da sua vida e prometeu prover todas as necessidades dela. Ele acalmou os temores dessa moça e lembrou-a de forma apaixonada a maneira como a via.

Primeiro, Salomão compara a Sulamita a uma das suas posses mais valiosas — os cavalos (v. 9). Os livros de 2 Crônicas e 1 Reis identificam o afeto do rei por esses animais e o tamanho dos seus rebanhos enormes. Os cavalos, em uma sociedade sem outros meios de transporte, eram de vital importância. Salomão, de forma amorosa, compara-a com o melhor dos melhores.

Salomão prometeu continuar dando a ela **joias** (NVI) valiosas para realçar a beleza natural dela (vv. 10,11). A Sulamita deve ter sido conquistada quando ele dirigiu-se carinhosamente a ela como sua e prometeu expressar o seu amor e apreço ao longo do tempo. É interessante no diálogo entre os amantes as falas frequentes e longas, usando palavras escolhidas com cuidado para descrever em detalhes a admiração de um pelo outro. Uma lição para a geração moderna ocupada é a necessidade de falar aberta e explicitamente sobre a alegria que encontra no seu ente amado! O tempo dedicado à conversa entre o marido e a mulher nunca é desperdiçado.

Impressões Permanentes (1.12-17)

1.12-14 As duas partes comparam com frequência o **amado** e o afeto a perfumes ou unguentos e à **fragrância** (NVI) destes (v. 12). O próprio livro enumera mais de vinte referências a itens da natureza que seriam agradáveis aos sentidos.

O amor desse casal fazia-os ansiar um pelo outro e gerou em cada um deles um desejo profundo pelo outro. Eles viam o seu amor como uma primavera e comparavam-no com os excessos produzidos pelo **En-Gedi**, uma fonte de água fresca usada para produzir muitos perfumes e considerada ideal para o crescimento de plantas aromáticas (v. 14). Em outras palavras, havia mais amor para ser obtido, e eles esperavam que o seu jovem amor ficasse cada vez mais profundo com o tempo. Salomão percebeu essa mulher e o seu perfume. Ele claramente ficou atraído pela beleza física dela, mas também percebeu as suas características específicas e pontos fortes.

1.15-17 O amor do rei foi correspondido quando esse casal passou a elogiar e confortar um ao outro. Eles consideravam-se extremamente abençoados por desfrutar esse relacionamento e expressavam com gratidão o seu amor. É provável que os versículos finais desse capítulo refiram-se ao encontro inicial do casal e podem ser considerados uma descrição do seu desejo de que o relacionamento prosperasse usando os melhores recursos para proteger e desenvolver o amor que tinham um pelo outro. Os casais, com frequência, usam toda a sua energia no local de trabalho ou na criação dos filhos, em vez de focar os seus esforços em cultivar o seu casamento. Uma abordagem mais saudável é tender primeiro para o casamento, entendendo que o sucesso nessa área desenvolve a confiança, estabilidade e felicidade que, por sua vez, beneficiam todos os outros esforços.

O Aprofundamento do Amor (2.1-2)

2.1-2 Apesar de o livro todo usar metáforas que parecem estranhas para os leitores modernos, a Sulamita descreve-se de uma forma interessante. As comparações com flores são uma metáfora natural para a beleza. A Sulamita, contudo, descreve a si mesma não como uma flor cara, rara ou bem cuidada, mas como uma flor do campo comum, como aquelas que florescem na primavera no norte de Israel. Ela não tinha ilusões sobre ser diferente de muitas outras mulheres; era uma mulher comum, mas de grande valor e beleza.

Excurso:
En-Gedi

Boa parte da terra mencionada em Cantares seria seca, poeirenta e árida. O deserto era uma parte aceita da vida, mas certamente aumentava o apreço por um bem-vindo oásis. En-Gedi fica localizado a oeste do mar Morto, ou Mar Salgado. Essa área é alimentada por quatro nascentes, que estão a duzentos metros acima do nível do mar Morto. En-Gedi, surpreendentemente, consegue sustentar a vida de plantas de quatro regiões geográficas e, ao que parece, havia uma indústria de perfume localizada nesse jardim. Com certeza, havia muitas áreas maravilhosas no reino de Salomão, mas os jardins de En-Gedi seriam um lugar de beleza extraordinária com grande importância pessoal para Salomão.

O rei Davi, pai de Salomão, usou En-Gedi como uma fortaleza quando se escondeu de Saul. As inúmeras cavernas, vegetação exuberante, suprimento abundante de água e beleza do lugar provaram ser uma escolha sábia da parte de Davi enquanto passava por um dos momentos mais difíceis da sua vida (1Sm 23.29). Quando a Sulamita comparou o amor de Salomão com as vinhas de En-Gedi, estava comparando-o não só com os intensos deleites da natureza, mas também com um lugar de segurança, conforto e grande relevância.

Salomão sabia o que dizer para dar segurança e confiança a essa mulher, e a tarefa não parecia frustrá-lo nem irritá-lo. Ele, aparentemente, ficava alegre em desenvolver a autoestima da Sulamita. Ele queria vê-la contente e tranquila. Não a via como uma pessoa fraca, patética ou maçante. Ele, antes, deliciava-se em protegê-la e fortalecê-la. Ele ficava alegre com o fato de as suas palavras fazerem diferença para a maneira como ela percebia a si mesma. Ela, conforme adquiria confiança, era mais capaz de satisfazer as necessidades dele e também de encorajá-lo.

O Começo da Transformação da Sulamita (2.3-7)

2.3-4 Claramente, a afirmação de Salomão afetava muitíssimo a Sulamita. Isso não só mudou a percepção que tinha de si mesma, como também deve ter mudado a maneira como os outros a viam. Ela aceitou que o amor de Salomão por ela era incondicional. Ele conseguia ver além das falhas, inadequações e inseguranças dela. Ele não exporia as suas fraquezas, mas iria cobri-las e, então, iria protegê-la. Ela respondeu a esse amor incondicional comparando Salomão com uma árvore forte e, naquele clima, muitíssimo desejável para sombra, proteção, nutrição e até mesmo orientação. Ela tinha grande conforto na provisão dele e disse isso a ele. Ele deve ter gostado de saber que ela precisava dele.

O rei e a Sulamita expressavam corretamente o seu amor em particular, mas deram mais um passo ao elogiar um ao outro em público. A decisão

deles de edificar um ao outro na frente dos outros também fortaleceu o seu casamento por meio do encorajamento mútuo e por fazer os outros verem as qualidades, muitas vezes escondidas, do outro. Com certeza, cada um deles tinha atributos negativos que o outro poderia ter salientado, mas eles, em vez de fazer isso, identificaram os atributos positivos, e todos ficaram melhores pela escolha deles.

Primeiro, a Sulamita descreveu o cenário rural ao ar livre com o qual estava mais acostumada, mas, a seguir, descreveu o cenário real em que Salomão ficara muito confortável. A vida no palácio era algo muito novo e estranho para essa jovem, e ela, seria possível afirmar com certeza, tinha inibições naturais no cenário real. Todavia, o rei guiava-a com ternura nesse novo ambiente, oferecendo-lhe grande conforto com o seu cuidado amoroso. Ele não cuidava egoisticamente dos seus negócios, deixando-a defender-se sozinha em um ambiente estranho; ele estava ciente das necessidades, temores e preocupações dela.

"E ele olhou para mim com amor" é traduzida literalmente por "e o seu ***ESTANDARTE*** *(heb.* ***degel****, "grande estandarte militar; cp. Nm 1.52) em mim era o* ***AMOR****" (heb.* ***'ahavah****, "o amor entre marido e mulher expresso apropriadamente" nesse contexto, Ct 2.4,5; cp. 5.8; 8.6,7; cp. Gn 29.20). O rei importava-se com a Sulamita a ponto de fazê-la assentar-se sob um grande estandarte. Naquela época, os estandartes eram usados pelos exércitos para dar orientação, proteção e propósito para as tropas. Eles eram uma parte vital da estratégia militar. A Sulamita ficou orgulhosa em ser associada com Salomão e estar segura no cuidado dele por ela; a Sulamita sentia como se estivesse protegida por um estandarte magnífico.*

2.5-6 Embora todos saibam que essa é uma história de amor, alguns podem achar a sua linguagem chocantemente explícita para ser incluída no Livro Sagrado. Contudo, as suas palavras são inspiradas por Deus e carregam a intenção dEle. O amor é o desígnio e o plano do Criador, e Ele quer que os seus filhos desfrutem o amor marital no seu grau mais pleno. O alimento mencionado no versículo 5 era considerado afrodisíaco. Embora a Sulamita possa referir-se ao alimento verdadeiro ingerido no banquete, aparentemente ela também expressa o seu desejo irresistível por Salomão e até mesmo a exasperação do amor que sente por ele. E esse tipo de amor, desejado pelas pessoas de todas as gerações em qualquer lugar, é tão profundo e consumidor que a pessoa tem a impressão de estar doente quando o seu amado não está presente. A expressão amorosa de total conforto e prazer era encontrada na forte proteção das armas do seu amado

(v. 6). O abraço dele era gentil e firme. Ele era terno e era tudo o que ela precisava.

2.7 Não acordeis nem desperteis o *meu* amor, até que queira, essa frase, que é repetida ao longo do livro, é considerada uma cobrança de pureza sexual antes do casamento e fidelidade no matrimônio.

A Aproximação de Salomão (2.8-10a)

2.8-10a Esse cântico, como na maioria das poesias, inclui uma mudança interessante de cenário e uma imagem para articular claramente a experiência dos amantes para o leitor. Aqui, a Sulamita muda do palácio para um cenário rural. Ela deixou claro o seu desejo por Salomão, e ele foi apaixonadamente atrás dela. Nesses versículos, ele veio de forma agressiva e entusiástica, mas ele movia-se de forma deliberada e cuidadosa, espreitando pelas janelas enquanto se movimentava. Essa é a imagem perfeita do amor jovem.

O Convite de Salomão (2.10b-14)

2.10b-14 Salomão chama a Sulamita por nomes carinhosos e pede a ela que o acompanhe. Era primavera, e o amor estava no ar! Ele observava com alegria o tempo cálido, o florescimento das flores, a volta da **rola** e a fragrância dos **figos** (TB; vv. 12,13). Ele quer celebrar o seu amor no apogeu da primavera. Ele tenta trazê-la para fora e passar tempo com ela. Ele é gentil com ela, e eles compartilham a vulnerabilidade enquanto se conhecem.

A Expressão do Amor Mútuo (2.15-17)

2.15 Essa seção é interessante por causa da presença da maturidade no entendimento, em geral ausente no amor dos jovens. Os amantes percebiam que, enquanto estão totalmente apaixonados um pelo outro viria o tempo em que, com certeza, enfrentariam dificuldade. **As raposas** era uma ilustração de fácil compreensão dos problemas que poderiam atacar o relacionamento deles com a mesma rapidez que saqueadores arruínam uma vinha. Esse casal compara de forma sábia o seu amor a uma vinha, que

podia ter provisão, apoio, prazer e satisfação caso cuidassem da vinha e supervisionassem-na.

2.16-17 As mulheres não detinham posições públicas, e qualquer cidadão comum tem menos poder que o rei. Aqui, porém, a Sulamita é a locutora nas palavras maravilhosamente poéticas e românticas, expressando a maneira como o amor pode ser e a forma como os dois amantes devem sentir-se. Notavelmente, ela desfrutava de posses compatíveis com as dele. Ela não deixou que a posição social e/ou normas culturais impedissem a mutualidade do amor deles. Essa jovem desejava a presença de Salomão. Queria estar sempre com ele e desfrutar continuamente do amor dele. Essa não era uma admiração unilateral, mas um amor que florescia no coração tanto de Salomão quanto no da sua amada. Ela pediu que ele viesse a ela, não deixando que nada os separasse. Alguns acreditam que as **montanhas separadas** (TEB) eram uma descrição figurativa dos seios da jovem quando ela expressou o seu desejo por Salomão.

Os Pensamentos da Sulamita (3.1-5)

3.1-5 Essa seção apresenta os sentimentos da noiva conduzindo à celebração do dia do casamento. Os versículos 1-5, provavelmente, indicam um sonho ou pensamentos recorrentes que Sulamita teve antes da cerimônia. A última porção do capítulo aparentemente trata da celebração do casamento. A Sulamita, nesse sonho, fica assustada com a ausência de Salomão; isso é muitíssimo estressante para ela — ficou tão inquieta que começa imediatamente a procurar por ele, ansiosa para encontrá-lo e, com certeza, sentindo-se desesperada ao considerar a vida sem ele. Ela procura-o em todos os lugares, implorando pela ajuda dos outros. Ela, em vez de falar o nome de Salomão, identifica-o como aquele a quem ama (v. 3). A sua devoção está clara na sua mente e óbvia para os outros.

De Coração a Coração

Abraçando as diferenças

Deus, ao criar o homem e a mulher, tinha um propósito na feminilidade e masculinidade. Ele determinou cada gênero para mostrar qualidades diferentes e refletir a sua imagem de uma forma específica. O homem e a mulher juntos fornecem o equilíbrio necessário à terra, à humanidade e às famílias específicas. Essas diferenças devem ser abraçadas e entretecidas na vida.

Deus criou de forma perfeita Adão e Eva para complementar um ao outro. Como o homem tem necessidade e desejo de prover e proteger sua esposa e família, também a mulher e os filhos desejam sentir a segurança da liderança dele. Em outras palavras, a feminilidade de uma mulher acentua a masculinidade do homem. Da mesma forma, um homem forte e sensível permite que a mulher ceda a seu senso mais forte de feminilidade, o que permite a ele se sentir ainda mais másculo. Essas qualidades, quando agem em amor e abnegação, alimentam continuamente um ao outro a prover alegria e equilíbrio para a vida.

Muitos na era moderna gostam de acabar com as diferenças entre os homens e as mulheres, promovendo a androginia. Os melhores aspectos dos dois sexos são perdidos e as pessoas ficam sem sentido, propósito ou satisfação. No plano de Deus, ninguém pode fazer um homem se sentir mais importante e másculo que sua esposa; e ninguém, além do marido, pode fazer a esposa se sentir passível de ser amada e desejável no sentido mais sublime. Alguns homens destroem a esposa, esperando que elas pensem e ajam como homens. E, infelizmente, muitas mulheres destroem sua família porque se recusam a reconhecer e permitir que os pontos fortes de seu marido sejam expressos. "Toda mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola derriba-a com as suas mãos" (Pv 14.1). Ignorar as diferenças de gênero priva os homens e as mulheres de importantes responsabilidades e devasta o indivíduo, a família e a sociedade como um todo.

Entre os judeus do mundo da Antiguidade, a pureza sexual de uma jovem era altamente valorizada e teria um reflexo profundo não somente sobre ela, como também sobre a sua família toda. A escolha de entregar-se sexualmente a alguém era um compromisso muitíssimo importante e um que a Sulamita considerava com muito cuidado.

A perda da presença de Salomão, mesmo que brevemente, mostrou a ela como o amava. Ela queria ficar com ele até o amor deles ser consumado no dormitório. Embora o palavreado pareça estranho para os leitores modernos, trazer o marido para o quarto da mãe era um indício da aceitação e união da família. Isso tem uma importância simbólica e provava ser um lugar de conforto para ela e para Salomão, tanto que ela não queria que nada ou ninguém perturbasse esse momento. Ela também via essa escolha como uma decisão única e que devia ser considerada com cuidado, e não ser despertada **até que queira** (v. 5). O ato de intimidade física marcava um momento importante para o casal e um evento importante na vida. Essa ideia permanece em contraste com a crença moderna de que o sexo é apenas um instinto animal e que não merece ser preservado ou protegido.

De Coração a Coração

Admiração e submissão

Salomão e a Sulamita tinham respeito mútuo, o que lhes permitia desfrutar um valor em comum. Eles dois eram o objeto de amor, o receptáculo do mais profundo desejo, e cada um deles era o parceiro

mais valorizado na visão do outro. Essa admiração mútua permitia-lhes cumprir a ordem dada a todos os cristãos no Novo Testamento.

Os cristãos são desafiados a submeterem-se uns aos outros no temor do Senhor (Ef 5.21). Os amantes estavam dispostos a submeterem-se às necessidades um do outro a fim de edificar o relacionamento e transmitir amor. Eles, em essência, estavam dispostos a morrer para as suas próprias necessidades e desejos a fim de permitir que o outro vivesse em liberdade e alegria. Cada um deles estava comprometido com o aperfeiçoamento do outro. O marido, em vez de fortalecer a si mesmo, elogiaria e honraria a sua companheira. A esposa, em vez de lutar pelos seus direitos, renunciaria com alegria a eles a fim de agradar ao marido. A felicidade e realização do casal trouxe alegria incalculável. Esse tipo de compromisso devotado um com o outro é o melhor fertilizante para a colheita do casamento.

Enquanto os versículos finais de Efésios 5 explicam de maneira mais plena os diferentes modelos de submissão do marido e da esposa, cada um deles não é menos responsável em fazer sacrifícios pessoais e reconhecer o doce sentimento de pertencer que faz o casamento prosperar. Essa reciprocidade acontece quando os dois estão comprometidos em cumprir as suas respectivas responsabilidades diante de Deus, enquanto se submetem de livre e espontânea vontade às necessidades do outro.

A Construção do Amor: O Compromisso (3.6—6.10)

O casamento (3.6-11)

3.6-11 Esses versículos descrevem a procissão nupcial que recebe a aprovação de todos os envolvidos. Esse elemento importante da aprovação familiar e da comunidade é um elemento que muitos casais modernos recusam-se a considerar quando se preparam para o casamento; no entanto, a alegria generalizada com o casamento aumenta a alegria e esplendor da ocasião. Esses versículos retratam a Sulamita vindo de longe para participar do casamento. Essa ocasião era magnífica e pedia o uso de **mirra** e **incenso**, indicando a importância do evento. As colunas de **fumaça** subiam no ar, chamando a atenção para a mulher (v. 6). A noiva era carregada em um palanquim pertencente a Salomão e cercada por fortes e bravos (vv. 7,8). Os versículos seguintes detalham a extravagância dessa procissão. O **palanquim**, ou liteira, real segurando a noiva era incrivelmente fino e destinado à realeza, conforme indicado também pela tintura **púrpura** usada para cobrir o divã, ou cadeira, sobre o qual se reclinaria a noiva enquanto fosse carregada sobre os ombros dos homens (vv. 7,9,10). Sem dúvida, os melhores materiais eram usados, e o desenho era digno da posição real do casal.

O valioso dom da pureza

Alguns têm a impressão de que os antigos recusavam-se a falar sobre sexualidade e ignoravam as paixões naturais dos homens e das mulheres. No entanto, a sexualidade, ao contrário, era vista como um prêmio e uma parte especial da vida. A pureza da jovem era tão relevante que era um assunto de importância consumidora para a própria família da noiva, para a sua futura família, a do marido e para toda a sociedade. Apesar de muitos hoje talvez considerarem isso um triste estigma social, essa ideia, ao contrário, dá orgulho e valor à jovem, além da percepção de que tem um tesouro que merece ser protegido. Ela não era uma pessoa a ser usada. Não era algum objeto fácil de ser obtido; ao contrário, ela valia a espera e a busca. Essa expectativa de que a jovem era inalcançável até que o homem estivesse disposto a assumir um compromisso completo e duradouro desenvolvia satisfação na mulher e responsabilidade no homem. Os jovens são obrigados a aprender a paciência, a contenção e a abnegação. Essas qualidades provariam aperfeiçoar o casamento, mas, se estivessem ausentes, certamente destruiriam o relacionamento.

Uma mulher liberal com a sua sexualidade era considerada menos virtuosa e, por isso, tinha menos a oferecer na vida e na família. A sua falta de moralidade também seria refletida na sua família e nas falhas desta em transmitir e proteger um tesouro valioso.

Até mesmo na era moderna, os casais comprometidos com a pureza moral são abençoados com um foco singular sobre o seu cônjuge e confiança na habilidade do respectivo cônjuge permanecer fiel ao longo do casamento. A pureza sexual é um dom valioso de confiança e deleite, que deveria ser salvo, protegido e reservado para uma parceria duradoura.

De Coração a Coração

A aliança do casamento

O casamento é uma instituição divina criada e sustentada por Deus. É uma aliança legal, moral e interminável de compromisso fiel não apenas entre um homem e uma mulher, mas também entre o casal e o próprio Deus.

- O casamento é uma celebração em aliança. A união é um reconhecimento do que Deus faz para trazer o seu amor para a vida de um homem e uma mulher. Cada um tem de ser honrado para o trabalho duro dispendido no desenvolvimento do caráter e preparação para ser um bom cônjuge. É uma celebração do casamento e uma aceitação da responsabilidade e alegrias que o acompanham.
- O casamento traz consequências na aliança. A união traz alegria sem igual e algum sofrimento. O casal tem de aprender a cooperar um com o outro e sacrificar-se um pelo outro. Eles crescem e mudam como indivíduos e têm de escolher aceitar os pontos fortes e fracos do respectivo cônjuge. Eles unem-se para realizar o propósito de Deus.
- O casamento traz a comunidade para a aliança. A união não é apenas uma celebração para o casal que se junta em amor, mas também é uma recompensa para os pais devotos e uma celebração para os amigos. Os outros têm uma oportunidade para testemunhar e apoiar o casal. Nenhuma escolha é feita no vazio, e um casal jovem beneficia-se muito da ajuda e conselho de amigos confiáveis.
- O casamento traz criação para a aliança. A união cria uma nova família. O marido e a esposa têm de ligar-se um no outro, e eles, unidos, devem servir a Deus. Eles criam memórias e tradições suas e ligam os seus corpos na procriação para trazer filhos para o mundo e criá-los para a glória de Deus.

É possível assumir que esse não foi só o casamento mais opulento que as pessoas poderiam experimentar, mas também uma das cenas mais

inacreditáveis testemunhadas por qualquer um até aquela data. Muitos se espalhariam para ter uma visão da noiva e do rei vindo para encontrar-se com ela. O entusiasmo do rei pelo dia era de grande relevância para os dois. Ele fez preparos para a sua noiva ser honrada nesse dia. Ele também se preparou para o dia do casamento; a rainha-mãe colocou uma **coroa** cerimonial na sua cabeça; provavelmente feita de uma guirlanda de flores semelhante à que a maioria dos noivos usaria em ocasiões assim (v. 11). Todo o esforço e cerimônia do dia eram um reflexo da alegria no coração de Salomão. Ele e a Sulamita entraram no casamento com a consciência limpa diante de Deus e o coração cheio de amor um pelo outro.

A Lua de Mel (4.1-7)

4.1-3 O casal foi muito cuidadoso em proteger a castidade do seu relacionamento. O capítulo anterior descreveu o casamento, e, agora, os amantes podem desfrutar um do outro como nunca antes. Salomão, de forma apropriada, começou afirmando, dando segurança e cortejando a sua noiva. Ele foi cativado por ela, e a sua eloquência verbal tornou-o ainda mais desejável para a sua esposa. Salomão foi sábio em descrever em detalhes a beleza da sua noiva e permitir que ela sentisse total aceitação e aprovação antes de entrarem no ato conjugal de intimidade física. Embora as palavras de amor dele possam soar inapropriadas para os leitores modernos, ele escolheu as suas palavras com cuidado, e cada uma tinha um sentido especial e terno.

As filhas de Jerusalém

Essa frase é entendida de maneiras variadas para identificar as amigas da noiva, mulheres da corte real de Israel ou como um artifício literário usado para personificar uma audiência para a Sulamita e o rei. Contudo, se a interação dessas filhas de Jerusalém com a Sulamita for examinada da perspectiva de uma noiva moderna, surge o retrato de uma dama de honra

As amigas regozijam-se.	Em ti nos regozijaremos e nos alegraremos [...] (1.4).
A noiva preocupa-se	Estou escura, mas sou bela [...] (1.5; NVI).
A noiva aconselha	Não despertem nem incomodem o amor enquanto ele não o quiser (3.5; 8.4).
As amigas demonstram o seu amor.	O seu banco foi estofado em púrpura, e o seu interior foi cuidadosamente preparado pelas mulheres de Jerusalém (3.10).
As amigas admiram o noivo.	Contemplai o rei Salomão (3.11).
As amigas intercederam	Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, que, se achardes o meu amado, lhe digais que estou

	enferma de amor (5.8).
A noiva confidencia	O seu falar é muitíssimo suave; sim, ele é totalmente desejável. Tal é o meu amado [...] (5.16).

Essa frase é usada em outra passagem da Escritura — por Jesus (Lc 23.28). Nessa referência, as filhas de Jerusalém ainda observavam o rei, mas a procissão nupcial transforma-se na estrada para a cruz; e o regozijo vira pranto.

Salomão disse reiteradamente à Sulamita que ela era **formosa**, enfatizando a intensidade com que ele sentia esse amor. O **véu** (NVI) a que se refere indica um véu de casamento chamandoque chama a atenção para os olhos dela (v. 1). O **monte de Gileade** era uma cadeia de montanhas em que viviam valiosas **cabras** pretas e eram vistas com frequência descendo os montes em rebanhos (v. 1). A Sulamita devia ter um cabelo preto brilhante longo e um pouquinho cacheado, que um homem do Oriente, como Salomão, poderia comparar de forma lisonjeira aos rebanhos. Mais uma vez, o elogio de Salomão quanto aos **dentes** da sua amada parece inteiramente não romântico, mas é compreensível, reconhecendo que o sorriso da mulher é afetado pelos seus dentes (v. 2). Ele estava comentando que a sua amada tinha um sorriso maravilhoso do qual deveria orgulhar-se e o qual ele gostava de ver. Ele continua a elogiar os traços do rosto dela, dizendo que a sua **boca** (NVI), ou fala, é **doce** (v. 3). Ele, enquanto a inundava de elogios a respeito da sua aparência externa, sabiamente observa o caráter e o esmero da sua fala. Ele apreciava a aparência externa dela e o seu coração.

4.4-7 Salomão identifica a confiança da estatura e presença dela. Ela mantinha-se de modo impressionante, e os outros percebiam a sua segurança. Ela usava joias com gosto, descritas aqui como **escudos** ou **broquéis** ricamente decorados para acentuar a sua beleza natural (v. 4). O rei Salomão era um homem atraente e belo. Ele aproximava-se dela com bastante respeito a fim de honrá-la e com bastante confiança para conquistar o seu coração. Ele começa citando as suas características da cabeça aos dedos dos pés. Ele estimula com cuidado os sentidos dela em relação a ele, e os versículos posteriores mostram que ela respondeu prontamente. A **gazela** simbolizava a graça feminina, e Salomão apreciava os **seios** (ARC) perfeitos dela — um cumprimento com o qual a maioria das mulheres sentir-se-ia um tanto constrangida, em especial numa sociedade em que as formas da mulher eram veladas e escondidas (v. 5). As palavras mais ternas e sensíveis aparecem nos pontos em que Salomão não só repete a sua admiração pela sua beleza e chama-a por um nome

afetuoso, como também em que explica que ela é perfeita (v. 7). Ele sabe como conseguir a sua atenção e afeto.

A Consumação da Paixão (4.8-16)

4.8-11 Salomão mais uma vez mostra a sua habilidade em preparar a sua noiva para a intimidade. Ele faz com que ela saiba que está totalmente contente — na verdade, cativado — com ela. Ela tem a sua atenção e devoção totais — ninguém mais está na mente ou coração dele. *Ele estranhamente a chama* ***MINHA IRMÃ*** *(heb.* ***'achot****, aplicado aqui em um sentido mais amplo como um termo carinhoso, vv. 9,10). O sentido hebraico da palavra pode indicar não só uma irmã, como também uma pessoa que tem um relacionamento muito próximo e duradouro, como uma* ***NOIVA*** *(ARC, heb.* ***kallah****; implicando beleza na roupa e na aparência, vv. 8,9).*

Para Salomão, a Sulamita não era apenas bonita e maravilhosa, mas também desejável de uma forma íntima. Ele certamente a queria, e ela conseguia cativá-lo simplesmente com um olhar. Enquanto ela estava, com certeza, bem vestida para o seu casamento, ele observava que até mesmo uma joia teria seduzido-o. Enquanto ele dizia a ela os seus pensamentos, ele deixou-se levar e não conseguia imaginar nada melhor que aquilo que os dois estavam experimentando e logo experimentariam.

A noiva respondeu ou dizendo palavras de amor semelhantes para Salomão ou, mais provavelmente, o beijando (v. 11). Ela reconhecera antes o seu desejo de beijar Salomão (1.2). Com certeza, parece plausível que, após ele inundá-la de elogios e tocá-la gentilmente, se siga um beijo apaixonado. Para uma virgem comum na presença de um rei poderoso e confiante, essa afirmação seria muito reconfortante e renovaria a segurança. Ele, conforme se aproximava mais dela, desfrutava o seu aroma maravilhoso. Esse era um momento incrível para o casal, em que se entregavam alegremente na interação amorosa um com o outro.

4.12-15 Aparentemente, Salomão sabia como preparar a sua noiva para essa noite muito importante. Ele deixou-a confiante. Ele permaneceu gentil. Afirmou o seu desejo por ela e o seu prazer com ela. E agradeceu por ela permanecer pura para a noite do casamento deles. Ele reconheceu que ela era muitíssimo valiosa e honrou a esposa ao proteger a virgindade dela. Salomão, em essência, dizia que ela era ainda mais desejável porque ela, como mulher, percebera que tinha algo especial a oferecer, mantivera a sua

pureza por causa do marido e do seu casamento. Salomão expressou o seu apreço por esse compromisso e permitiu gentilmente que ela desse permissão para ir adiante. Ele certificou-se de que ela estava confortável e preparada.

4.16 Salomão claramente queria o prazer da intimidade sexual com a sua amada, porém estava mais preocupado com o conforto dela do que com a sua própria satisfação. A sua liderança nessa área fez a Sulamita responder de maneira similar. Ela queria que ele viesse a ela como o forte **vento** refrescante do **norte** e do **sul**. Ela queria senti-lo perto e queria que ele desfrutasse fisicamente dela. É interessante ela referir-se à sua sexualidade como um **jardim** para ela e também para Salomão. Os dois estavam comprometidos na satisfação mútua e queriam que o outro experimentasse igual quantidade de prazer. Cada um deles, ao satisfazer as necessidades do parceiro, conseguia desfrutar a experiência na sua plenitude.

Esse capítulo fornece um firme apoio ao casamento monogâmico e exclusivo. As duas partes são capazes de apreciar e desfrutar mais um ao outro porque se guardam apenas um para o outro. Claramente, eles conseguiram desfrutar a satisfação do amor sexual sem experiência anterior, oferecendo um modelo puro e amoroso para todos os casais.

A Celebração em Amor (5.1)

5.1 Salomão e a Sulamita consumaram o seu amor de uma forma maravilhosa e satisfatória. Eles não tiveram nenhum arrependimento, desapontamento ou desilusão. O tempo deles juntos foi totalmente satisfatório para os dois e um momento empolgante de celebração. Embora Salomão, mais tarde, tenha violado o seu compromisso de fidelidade, esse período de tempo foi marcado pela obediência a Deus e pela experiência das bênçãos mais ricas de Deus sobre a sua união com a Sulamita. Por isso, a última linha desse versículo mostra a afirmação e o deleite do seu amor apropriado do qual eles tomaram posse.

O Primeiro Conflito (5.2-8)

5.2 Pensar que o amor e a atenção perfeitos um pelo outro continuaram de maneira perfeita até o fim da vida seria, de fato, maravilhoso. Contudo, esse casal, como todos os outros, teve dificuldades. Um dos conflitos deles é

desvelado aqui. Alguns intérpretes veem essa seção como o relato de um sonho; no entanto, mesmo que seja esse o caso, a sua afinidade com a realidade é rapidamente entendida. Em todo caso, a Sulamita relata o evento, demonstrando abertamente a sua própria falta. Quem vivesse na região poeirenta da Palestina valorizaria muitíssimo a limpeza e desfrutaria dela, mas não sem muito esforço. Com certeza, tirar a roupa empoeirada e, pelo menos, lavar os pés antes de entrar na cama pareceria algo costumeiro e obrigatório. Aparentemente, já era tarde, e a Sulamita já estava limpa e confortável, adormecida na cama quando Salomão veio à porta dela desejando ter intimidade sexual. Ele usou palavras amorosas para entusiasmá-la, explicando que estava exausto do dia. Ele estivera viajando e exposto aos elementos. Ela, embora o amasse muito, não queria ser perturbada e incomodada, principalmente quando o desejo dele em horário inoportuno parecia um tanto egoísta; ele, contudo, achou a recusa dela inapropriada. Os dois sentiram-se prejudicados, como acontece com frequência nos conflitos de casais na era moderna.

5.3-5 A Sulamita explicou que realmente não queria levantar-se e não desejava a atenção de Salomão. É claro que a desculpa dela não foi convincente, e os seus atos, na sequência de eventos, foram ilógicos — todos os quais apenas salientam o ponto. Embora Salomão tenha experimentado a rejeição, ainda foi terno com ela, fazendo um pedido menos evidente para aproximar-se dela. É impossível de saber o exato significado da porta e como essa foi construída e, por conseguinte, o entendimento pleno do ato dele, mas eles claramente, mesmo em meio ao seu desentendimento, lidaram com o conflito com sensibilidade amorosa.

5.6-8 Esse tipo de gesto fez a Sulamita sentir-se mal pelo seu egoísmo. Será que ela percebeu o sofrimento que causou ao machucar o ego dele e recusar o lugar dele de conforto, o seu jardim de refrigério conforme descrito há pouco? Ela logo tentou consertar a situação, só que o dano já fora feito. Salomão estava ferido, e os efeitos da escolha da Sulamita não seriam revertidos com facilidade. Todas as mulheres deveriam prestar atenção ao impacto que a rejeição da Sulamita teve sobre o seu marido. Até mesmo o rei bonito, rico e poderoso era sensível a ser aceito pela sua esposa. Essa resposta não mostra uma fraqueza nos homens, mas um coração frágil, que a esposa pode e deve estimular.

A Sulamita não pretendia ferir Salomão de forma tão profunda. Ela, percebendo os efeitos do seu comportamento e sentindo a ausência dele,

ficou aniquilada e buscou-o em profundo estresse. Ela até mesmo saiu à procura dele ao ar livre à noite em uma cidade grande — o que não foi o ato mais sábio, e essa escolha quase a levou a uma situação terrível. Esses **guardas**, ou sentinelas — em contraste com o cuidado gentil de Salomão — que compreensivelmente tinham pouco conhecimento das mulheres isoladas na corte do rei, não a reconheceram nem tinham qualquer razão para acreditar que ela era uma mulher honrada. Por isso, foram rudes com ela. Esse incidente amedrontador — quer um sonho, quer uma experiência real — deve tê-la feito apreciar ainda mais Salomão e ansiar ainda mais por ele. Ela correu dos guardas mal conseguindo escapar. Esse cenário enfatiza a profundeza do prejuízo que as escolhas ruins podem causar a um relacionamento. Os casais têm de proteger o seu casamento, em vez de deixá-lo vulnerável, por meio do que podem ser facilmente atacados de surpresa.

Aparentemente, a jovem noiva superou com sofrimento o seu comportamento prejudicial e desejava mais que qualquer coisa ser perdoada e restaurada pelo marido (v. 8). Essa situação junto com os seus próprios anseios pessoais consumiam-na. Ela até mesmo implorou a ajuda de outros e não foi orgulhosa para reconhecer os seus erros.

As Virtudes de Salomão (5.9-16)

5.9 Essa longa descrição do rei Salomão também podia fazer parte do sonho da Sulamita. Em todo caso, uma vez que a noiva usou a ajuda das jovens de Jerusalém, elas responderam a ela com uma boa pergunta: o que torna o seu amor diferente ou mais especial que qualquer outro? Com certeza, esse questionamento fez a noiva lembrar e relatar por que amava tão profundamente o noivo. Essa lembrança das boas qualidades e permanência no lado positivo é uma boa prática para todos. Os versículos seguintes parecem mostrar que ela não teve dificuldade em declarar a superioridade dele em relação aos outros homens, dedicando o mesmo tempo descrevendo a perfeição dele quanto dispensara relatando o conflito deles.

5.10-16 A Sulamita observou primeiro que Salomão poderia ser facilmente escolhido o melhor de um grande grupo. A jovem, muito semelhantemente à noite de núpcias deles, começou a descrever o rosto dele, salientando os seus melhores traços. Contudo, a aparência é apenas

muito importante para as mulheres. Os atributos salientados por ela provavelmente também se referiam aos aspectos do caráter dele, que ela apreciava. Por exemplo, a sua cabeça como **ouro** puro pode referir-se à sabedoria e à posição real dele (v. 11). A face mostrava sentimento e expressão, e ela descreve-o como terno e amoroso. Ela descreveu os seus **braços** (NVI) e **ventre** como fortes, capazes e excepcionais (v. 14). Ele era um grande líder e um homem cuja força e honra eram confiáveis. Descreveu-o estando acima de todos os outros de praticamente todas as maneiras. Ela amava-o profundamente, dos pés à cabeça. No entanto, terminou a descrição discutindo a sua **boca** (NVI) ou o seu falar (v. 16). Ela comentou que o caráter dele manifestava-se em palavras sábias e afáveis. Não podia deixar de proclamar a perfeição dele e regozijava-se no fato de compartilharem um amor especial e amizade exclusiva.

O Caminho da Restauração (6.1-3)

6.1-3 A Sulamita estava genuinamente arrependida. As jovens, sentindo a sua sinceridade, comprometeram-se em ajudar a resolver o problema. A Sulamita tinha uma ideia muito boa de onde Salomão iria quando estivesse perturbado e sugeriu o jardim onde eles entravam mutuamente, tanto no sentido físico quanto metafórico, no deleite. Embora o incidente tivesse causado uma fissura no relacionamento deles, ela tinha a certeza de que vinha com o amor incondicional e com o verdadeiro compromisso marital. Ela, mais uma vez, expressou a confiança na união deles e no sentimento imutável de pertencerem um ao outro. Ela foi guiada a restaurar o relacionamento e a acalentar o seu rei.

As Doces Palavras de Perdão (6.4-10)

6.4-6 Salomão e a sua noiva encontraram um ao outro, só que as palavras dela não são registradas. Será que Salomão escolhera perdoar a esposa e oferecer o benefício da dúvida até mesmo antes de ela buscar o perdão? Aparentemente, ele estava disposto a mostrar amor não importando qual fosse o resultado ou a atitude. Isso deve ter sido um alívio imenso para a noiva quando ele a descreveu de forma amorosa de maneira muito semelhante à da noite de núpcias deles (cap. 4).

Salomão, contudo, entrou em ainda mais detalhes mostrando que o amor deles aumentara. A Sulamita, aos seus olhos, era tão **formosa** (heb. ***yapheh***, "bela, prazerosa de olhar", 6.4; cp. Gn 12.11,14; 29.17; 1Rs 1.3,4; Et 2.7; Sl 48.2) **como Tirza** (heb., "prazer, beleza, deleite"; o nome de uma das filhas de Zelofeade, Nm 26.33), uma cidade cananeia da Antiguidade identificada com Tell e-Farah, localizada cerca de onze quilômetros a nordeste de Siquém. Essa cidade fortificada contemplando o uádi Farah era provavelmente considerada "bonita" não só no nome, como também pelas suas características naturais. Vários reis do Reino do Norte de Israel — de Jeroboão a Onri — mais tarde acharam que Tirza era uma cidade desejável para ser a sua capital (veja 1Rs 14.17). Ser descrita como **aprazível** (heb. ***na'weh***, "bela, atraente", Ct 1.5; 2.14; 4.3; 6.4; cp. Sl 33.1) **como Jerusalém** era um grande elogio (cp. Sl 50.2; 135.21; 137.6).

6.7-8 A lista de **sessenta [...] rainhas e oitenta [...] concubinas** é provavelmente um auxílio figurativo de comparação, e não uma referência ao harém de Salomão. O aumento ou diminuição de números era um artifício poético comum, dizendo, de fato, aqui que nenhuma mulher de qualquer posição era tão perfeita quanto a noiva. Não há uma conexão clara dessas mulheres com Salomão. Por isso, é provável que estivesse apenas dizendo que a Sulamita era melhor que todas as outras mulheres.

De Coração a Coração

O amor transformador

A beleza do amor de Salomão é mostrada no fato de que o seu amor pela noiva transformou-a. Ele não era egoísta quanto ao amor que sentia por ela, tentando mantê-la completamente para ele. Ele não era aviltante a fim de ufanar-se. Ele não estava desinteressado no progresso dela. Ele cuidava, de fato, dela e desejava o melhor para ela. Estava comprometido com o crescimento dela, como todo marido deve estar.

Em Efésios 5, o texto clássico sobre o casamento, é dito ao marido para amar a sua esposa de forma sacrificial como Cristo ama a sua noiva, a Igreja. O marido é informado a encorajar a santidade da esposa e prepará-la para encontrar-se com Jesus Cristo. Essa preparação espiritual é o que Deus espera de todos os maridos cristãos. Um marido que é um líder espiritual é transformado pessoalmente pela Palavra de Deus, e a sua esposa floresce em devoção conforme se torna mais parecida com Jesus Cristo.

O amor de Cristo transforma os indivíduos que o aceitam como Salvador e Senhor, bem como os casamentos e famílias que obedecem aos seus princípios. Só Deus pode pegar o que é impuro e transformá-lo em puro. Só Deus pode restaurar o que está quebrado. Só Deus ama transformar algo indigno em algo maravilhoso. O amor devotado produz tanto estímulo que a pessoa torna-se mais deleitosa com o tempo, que é exatamente o que aconteceu com a Sulamita.

6.9-10 Salomão chama a Sulamita de **imaculada**, o que poderia parecer única. Embora fosse uma mulher comum pelos padrões externos, a sua beleza e caráter tornam-na uma escolha óbvia para Salomão, como as outras mulheres da corte ficavam felizes em afirmar. Parece que não havia competição entre essas mulheres e a Sulamita, o que empresta mais evidência à ideia de que elas não pertenciam a Salomão.

O Aumento do Amor: A Fidelidade (6.11—8.14)

A Restauração Completa (6.11-13)

6.11-12 Acontece uma transformação interessante nessa donzela comum. Ela começa na história como alguém que tinha baixa autoestima e dúvidas pessoais. Ela, depois de passar um tempo com Salomão, fora fortificada de forma relevante pelo amor dele e transformara-se, de fato, numa mulher de beleza muitíssimo desejável e disputada — mesmo quando comparada com as mais belas da nação. Essa transformação ficou clara para a Sulamita e para os outros. A Sulamita desfrutava de um relacionamento restaurado. Ela estava confiante de que Salomão perdoara-a e confiava nela. Ele não a envergonhou em público expondo a sua fraqueza, mas, antes, convidou-a a associar-se a ele nos lugares públicos.

6.13 A interpretação desse versículo é difícil. A noiva do rei foi encorajada a voltar para o palácio e é identificada como a **Sulamita**, o que provavelmente a liga à vila de Suném. *A* ***DANÇA*** *(ARC, heb.* ***mecholah****, "dançar em um aro"; cp. Êx 15.20)* ***entre dois coros*** *(BJ, heb.* ***Machanaim****, "duas companhias, acampamentos") ou "dança de Maanaim" tem origem com os habitantes dessa pequena cidade localizada ao norte de Jaboque na fronteira entre Gade e Manassés. Essa era uma das cidades de refúgio da Transjordânia (Js 21.38) e uma cidade levítica (1Cr 6.80). "A dança de Maanaim", evidentemente pegando o seu nome da visão de Jacó (Gn 32.2), talvez se refira à dança marital realizada pela esposa apenas para o seu marido.* Essa celebração das duas partes, sem dúvida, testemunha que foram bem-sucedidos na superação do conflito e eram capazes de continuarem amando-se e regozijando-se um com o outro.

Como Salomão Vê a Sulamita (7.1-8)

Nessa seção, Salomão descreve vividamente o momento de intimidade entre ele e a sua noiva. É possível aprender várias coisas. Uma vez que essa obra não oferece datas cronológicas específicas, presume-se que esses momentos aconteceram mais no casamento do casal. Salomão ainda deseja a sua esposa, embora os seus atributos físicos, com certeza, tenham mudado. Ele não salientou as falhas dela; continuou com as suas sondagens românticas para ela. Ela também continuou responsiva a ele e parecia desfrutar, assim como ele, todos os aspectos do relacionamento deles. Há um claro esforço para conhecer um ao outro e confortarem-se. A masculinidade do rei e a feminilidade da sua noiva escolhida são apresentadas como naturezas distintas e, ainda assim, complementares no seu relacionamento íntimo. Os contrastes serviam para aumentar o amor que sentiam um pelo outro, em vez de diminui-lo.

7.1-3 Salomão, em vez de começar os elogios pela cabeça dela, começa pelos seus **pés** e descreve as partes do corpo que só ele poderia ver. Isso fica particularmente explícito ao considerarmos que até mesmo os braços da mulher dificilmente ficavam expostos na cultura da Antiguidade. Apesar de o versículo 2 não soar como um elogio, Salomão foca as curvas femininas dela e o seu desejo sexual por ela; ela não poderia ficar ofendida.

7.4-8 Salomão descreve a sua esposa em termos reais. Salomão, com certeza, via a Sulamita como a sua maior glória (cp. Pv 12.4). O amor e admiração dela trazia respeito e alegria para ele. Ele certamente a via como uma força preciosa e poderosa na sua vida. O **pescoço**, **olhos**, **nariz** e **cabeça** dela simbolizavam não só a beleza externa, como também uma magnificência de caráter e aparência (Ct 7.4,5). A confiança interior e o caráter dela faziam com que a sua beleza exterior fosse ainda mais distinta. Ele estava honrado em ter essa mulher extraordinária. Ele foi cativado pela beleza dos seus **cabelos** longos (v. 59). Enquanto ela dança diante dele, ele diz a ela em palavras claras como gostaria de fazer amor com ela. Nada parece ter prejudicado o relacionamento deles. Essa vulnerabilidade por parte dos dois em um momento íntimo mostra que a sua relação foi plenamente restaurada.

Aqui, a mulher, embora tivesse rejeitado antes os avanços sexuais de Salomão, deixa claro o seu desejo por ele e aumenta a confiança dele na receptividade dela. O rei e a sua noiva estavam totalmente extasiados um com o outro. Mais uma vez, o prazer sexual deles foi exaltado pelo sólido companheirismo deles e o profundo apreço de cada um pelo caráter forte

do outro. As suas escolhas eram consistentes com os caminhos de Deus. Eles não escolheram um ao outro com base na experiência sexual, mas, sim, por causa do caráter e compromisso de cada um deles. A experiência sexual deles, por manterem essa confiança, não teve arrependimento nem timidez. O mesmo permaneceu verdade nos anos posteriores.

A Expressão de Amor mais Profundo (7.9-13)

7.9-13 O **bom vinho** simbolizava as graças abundantes da vida (v. 9). O rei e a sua noiva foram totalmente conquistados um pelo outro e pelo momento e, aparentemente, passaram das palavras para os toques físicos. Essa mulher percebeu o forte desejo sexual do marido e não ficou incomodada com isso — ao contrário, ficou agradecida por ser desejada por ele. Era esperado que os desejos sexuais desse homem e mulher comprometidos exclusivamente um com o outro fossem cumpridos. Ela exclamou que queria estar com ele e que as suas vidas fossem entrelaçadas. Ela também usava imagens de primavera, lembrando os dois no começo do seu amor.

As **mandrágoras** eram usadas como afrodisíaco, e a Sulamita estava dizendo a Salomão que desejava a sua intimidade física (v. 13). Ela queria a lembrança das antigas memórias e experiências deles e também novas oportunidades e prazeres. Ela ainda tinha encantos reservados para Salomão e considerava uma alegria satisfazer as necessidades dele. As palavras **eu pertenço ao meu amado, e ele me deseja** (NVI, v. 10) falam da exclusividade do relacionamento entre os dois amantes, salientando o compromisso com um casamento monogâmico.

O Anseio por Afeto (8.1-4)

8.1-4 A primeira seção do capítulo 8 continua a expressão apaixonada do amor. A Sulamita estava tão entusiasmada com a restauração do relacionamento deles que queria o seu amor abertamente e a qualquer momento. No entanto, as regras sociais proibiam estritamente esse tipo de comportamento. Só era apropriado para os membros da família demonstrar afeto no círculo familiar. Até mesmo os casados seriam rejeitados por demonstrações públicas de afeto. Ela usou mais uma vez a expressão **na casa da minha mãe** (v. 2) para referir-se à aprovação do seu casamento e

à expectativa de que eles continuariam a propagar a linhagem familiar. Ela expressou o seu desejo por essa intimidade e até mesmo a maravilhosa familiaridade do abraço dele. Ela explicou mais uma vez que não queria que nada perturbasse o tempo deles juntos.

A Paixão do Amor Incessante (8.5-7)

8.5 A jovem começou essa seção reconhecendo o amor e união de Salomão com a sua noiva, que vem **do deserto [...] encostad[os]** um no outro como se fossem a mesma pessoa. Essa também é uma lembrança do tempo em que se apaixonaram. Ela, relembrando os momentos, mencionou a mãe de Salomão que **deu à luz** esse filho. O amor entre a mãe e o bebê é doce, inocente e puro. Talvez a Sulamita estivesse expressando esse tipo de amor por Salomão e estimulando a crença de que não poderiam amar outra pessoa. A **macieira** talvez marcasse o limite da casa da Sulamita e talvez ela tenha experimentado o seu primeiro amor no local do seu nascimento.

8.6 A Sulamita pede para ser posta como um **selo** no **coração** e no braço de Salomão. Claro que o selo real indicava a posse e a afirmação de Salomão, bem como a sua clara associação com ele. Ela estava tão apaixonada por ele e orgulhosa dele que queria que todos soubessem que estavam prometidos um ao outro. O selo no coração era um lembrete para cada um deles de que os seus afetos eram apenas um para o outro, e o selo no braço era um sinal de que esses amantes estavam fora dos limites dos outros. A Sulamita não queria que esse selo fosse quebrado porque entendia a virtude profunda no amor e descreveu isso com grande intensidade. O selo era uma identificação preciosa e respeitável, e essa mulher queria os privilégios e posse fornecidos pelo selo.

A **morte** afeta todas as pessoas e não pode ser evitada; a Sulamita compara o **amor** deles com essa realidade inevitável e imutável. O **Sheol** (TEB; heb., "devastação, vazio, mundo de baixo"; veja estudo da palavra Pv 1.12) representava a sepultura, e ela leva a sua ilustração ainda mais adiante. Ela também compara o amor deles com as **labaredas** mais intensas que consomem totalmente e afetam todos os aspectos da vida, reconhecendo que foi Deus que os juntou e que a sua união glorificava ao Senhor. O homem, quando ama e lidera a sua noiva com o amor abnegado que Jesus demonstrou com a sua morte na cruz, está mostrando ao mundo o amor de Jesus Cristo pela sua amada. A mulher, quando se submete

espontaneamente à liderança do marido e responde com respeito e amor, está mostrando ao mundo a devoção que a Igreja deveria ter por Jesus Cristo. Deus designou de maneira magistral que o casamento não só trouxesse alegria e satisfação para seus filhos, mas também para explicar o seu grande amor e a mensagem da salvação para o mundo. Esse casal vivia em obediência a Deus e claramente testificava o amor de Cristo e a disposição de sacrificar a sua vida por meio do amor de um pelo outro. A Sulamita explica ainda que as labaredas são tão fortes que nada conseguiria apagá-las. Ela faz declarações notáveis sobre a permanência do amor e da posse que tem sobre os seus captores. Ela, claramente, tem uma perspectiva diferente sobre o amor e o casamento em relação àqueles que veem o amor ao sabor das circunstâncias — um amor que é tão frágil que só aguenta uma chuva leve.

8.7 A Sulamita, para aqueles que não apreciam o poder da natureza, também explica que o homem mais rico não pode comprar o verdadeiro **amor**, uma declaração e tanto para ser feita a um dos homens mais ricos de toda a história. Pedir amor como se este pudesse ser obtido com uma quantidade de dinheiro barateia o afeto. O verdadeiro amor só pode ser dado como um dom gratuito. A salvação também é cara demais para ser adquirida ou comprada; a vida eterna é o dom de Deus (Ef 2.8). Enquanto esse casal demonstra as profundezas do amor humano, Jesus ofereceu o maior amor de todos quando entregou a sua vida (Jo 15.13). Como o amor de Deus é gratuito e o seu dom da vida eterna não pode ser adquirido, também o amor deles não podia ser adquirido. Esse casal defende o seu amor com grande respeito e responsabilidade.

O Papel de Proteção da Família (8.8-12)

8.8-9 A pureza sexual da noiva, conforme mencionado antes, era muitíssimo valorizada, afetava a todos e abrangia a reputação da família. O pai não só era visto como uma figura de autoridade na vida das filhas, como também era esperado que os irmãos protegessem e defendessem as irmãs. Aqui, a afirmação dos irmãos sobre a pureza da irmã é combinada com o testemunho da tarefa cumprida deles de preservar a mais valiosa virtude dela e proteger o seu futuro.

Esses irmãos vigiavam as tendências, o espírito e o compromisso moral da irmã antes de ela ter idade suficiente para fazer escolhas importantes. Eles

queriam determinar se ela era sábia, obediente e devotada. Se ela escolhesse ser uma mulher de caráter e permanecer moralmente pura até o casamento, eles iriam considerá-la um **muro** inexpugnável e, por conseguinte, merecedora de honra e confiança. Se ela, contudo, escolhesse ser uma **porta** fácil de abrir, permitindo que os homens entrassem e saíssem, eles ficariam de guarda e usariam madeira pesada para impedir o inimigo de entrar.

8.10 A Sulamita proclamou orgulhosamente que fez uma escolha sábia. Ela descreveu-se como o **muro** impenetrável, comparando até mesmo os seus **seios** (NVI) com **torres**. Ela poderia ter feito uma escolha diferente, mas percebeu a importância de preservar a sua pureza sexual e guardar-se para Salomão. Essa explicação é escrita no fim de Cantares; e, embora seja uma indicação do seu comportamento antes do casamento, o seu testemunho também poderia referir-se à sua fidelidade no casamento. Essa escolha pela pureza e fidelidade trouxe alegria, paz e segurança para o casamento deles. Esse casal, em vez de produzir e exagerar os problemas de medo, desapontamento e desconfiança, viveu com alegria e tranquilidade.

No começo de Cantares, a Sulamita tinha uma autoimagem ruim. No fim, ela conseguia ver-se de maneira mais positiva, como um muro com torres finamente ornamentadas. A Sulamita, em vez do turbilhão de insegurança que experimentara na juventude, adquiriu uma paz de mente real. Ela, de forma inteligente, fez um jogo de palavras. Como resultado da sua escolha em permanecer pura, encontrou **paz** não só no seu relacionamento com Deus, mas também na provisão de Deus de Salomão, o portador da paz na sua vida. A Sulamita, embora lutasse com a imagem do seu corpo, encontrou segurança perfeita no seu amado, que a afirmou de modo que pudesse aceitá-lo completamente. Assim, embora ela sentisse que uma parte sua jamais estaria à altura do melhor padrão, ela tornou-se completa e perfeitamente aceitável aos olhos do seu amado. Ela abraçou o entendimento dele das virtudes dela como realidade. O que ele via passou a ser o que ela acreditava, e isso ilustra o poder do amor sagrado.

Muito mais incrível que o amor de um homem e uma mulher é o amor de Jesus Cristo, que provê paz com Deus (Rm 5.1-5). Essa é uma metáfora perfeita para o cristão que, quando está perfeitamente ciente das suas inseguranças, se lança na misericórdia de Cristo. Então, o cristão, uma vez que Cristo declara que Ele é santo e perfeito, começa a apropriar-se da percepção de Cristo como a sua realidade. O Pai vê o cristão como perfeito

porque o Filho declarou-o assim. O cristão encontra a sua perfeição suprema no Céu, quando é recebido pelo Pai porque vê a perfeição que o sacrifício de Jesus permitiu.

8.11-12 Por essa razão, esse dom de pureza oferecido pela Sulamita era incrivelmente valioso — tão valioso, na verdade, que ela compara-se a uma **vinha** rentável que fora administrada pela sua família. Ela tomou posse nas suas decisões e também estava disposta a dar crédito para quem a ajudou a fazer escolhas sábias. A sua vinha foi preservada para Salomão e, assim, trouxe a ele prazer e benefício inestimáveis. Ela queria satisfazer as necessidades dele e reconheceu a ajuda de outros na sua preparação para o seu parceiro para a vida.

A Declaração Final de Amor (8.13-14)

8.13-14 Salomão amava ser desejado pela sua esposa. Eles revelaram o desejo expresso do seu respectivo par. Ele queria que a esposa precisasse dele, que o chamasse e estivesse ali com ele. Quando ele expressava a sua necessidade e desejo, ela entregava-se. Ela pediu a ele que viesse rápido e viesse de forma poderosa.

> Essa mulher sabia como fazer o seu marido sentir-se encorajado como homem, e ele sabia como trazer à tona a feminilidadeda esposa. Marido e esposa tinham um propósito a cumprir, e os dois ficaram muito satisfeitos quando tiveram permissão para realizar esse propósito. Deus também planejou o relacionamento matrimonial de uma forma que exige que os dois lados matem o ego e sirvam um ao outro a fim de vivenciar o máximo de prazer. O método de Deus funciona, e esse casal trabalhou bem o seu sistema divino.

Conclusão

Embora Cantares tenha uma clara aplicação ao casamento, os leitores não devem esquecer-se de lembrar o amor do Noivo celestial que espera pacientemente a preparação da sua noiva. Jesus é o amante terno que sacrificou a sua vida pela Igreja. Jesus busca de forma apaixonada a sua amada, expressando palavras de ternura, afirmação, perdão e aceitação.

O amor de Jesus transformará a sua noiva. O Rei dos reis criará um tesouro precioso de uma noiva pecadora. Um lugar está preparado para a noiva de

Cristo. O noivo ama ouvir a voz da sua amada dizendo: "Venha logo, meu amor!"

Imagens da natureza em Cantares

ANIMAIS

Rebanho (heb. ***'ēder***):
• **de cabras** (heb. ***ēz***, "cabra", 4.1; 6.5);
• **de ovelhas tosquiadas** (4.2);
• **de ovelhas** (heb. ***rachēl***, "ovelha", 6.6).
Rebanhos (TB; heb. ***tso'n***, substantivo coletivo para "ovelhas e/ou bodes", 1.8).

As alusões frequentes ao pastoreio refletem uma economia predominantemente agrícola entrelaçando as expressões de amor.

Cabras (heb. ***gediyah***, "cabrita", 1.8).

Éguas (heb. ***susah***) **dos carros de faraó** (1.9).

Salomão importava os cavalos mais extraordinários do Egito. Embora os carros egípcios fossem puxados por garanhões, é provável que uma égua árabe fosse o animal mais apreciado e lindamente

PLANTAS E PRODUTOS DE PLANTAS

Perfumes (NVI; heb. ***shemen***, "unguento, óleo com especiarias ou aromatizado", 1.3; 4.10).
Perfumes (NTLH; heb. ***nērd***, "nardo, espicanardo", 1.12; 4.13,14) — um unguento importado e caro. A fragrância é derivada dos rizomas aromáticos (hastes grossas e subterrâneas) da planta (*Nardostachys jatamansi*) que cresce nos Himalaias da Índia, China e Nepal. Veja também Marcos 14.3; João 12.3.
Perfume (NVI; heb. ***merqach***, "ervas ou flores com aroma suave", Ct 5.13).

Vinhas (heb. ***kerem***, 1.6,14; 2.15; 7.12; 8.11,12).
As vides (heb. ***gephen***, 2.13.15; 6.11; 7.8,12) em flor (heb. semadar) — primeiro estágio do crescimento da uva quando as flores são aromáticas.
Vinho (heb. ***yayin***, 1.2,4; 2.4; 4.10; 5.1; 7.9; 8.2).
Vinho misturado (TB; heb. ***mezeg***, 7.2).
Cachos (heb. ***'eshkol, 7.7,8***) de uvas.

Mirra (heb. ***mor***, 1.13; 3.6; 4.6,14; 5.1,5,13; cp. Sl 45.8; Pv 7.17) — um óleo-resina-goma muitíssimo valorizado destilado de uma árvore grossa que cresce na Arábia e norte e oeste da África. O seu óleo é um perfume fixador. A mirra também era usada como:
• um ingrediente em óleo sagrado de unção (Êx 30.23);
• um elemento da "purificação", ou tratamento de beleza, de Ester (Et 2.12);
• um analgésico (Mc 15.23);
• um dos materiais aromáticos para envolver o corpo na mortalha fúnebre (Jo 19.39).

ROCHAS E MINERAIS

Ouro (heb. ***zahav***, 1.11; 3.10; 5.14) — a palavra comum para o metal precioso.

Ouro puro (heb. ***paz***, 5.11,15) — o ouro fino que foi purificado (cp. Sl 19.11; 119.127; Pv 8.19).

Prata (heb. ***keseph***, Ct 1.11; 3.10; 8.9,11).

Topázios (TEB; heb. ***tarshish***, 5.14; "berilo", de família de gemas em várias cores, incluindo berilos água-marinho e dourado, Êx 28.20; Ez 1.16; 10.9; 28.13; Dn 10.6; Ap 21.20; LXX, tharseis (pedra de Társis; BJ), "crisólito, pedra dourada", (um cristal translúcido amarelo) — muitas vezes traduzido por "gemas ou joias" porque a identificação precisa da pedra é incerta. A palavra hebraica pode referir-se à fonte como Tartesso, uma cidade portuária na costa sudeste da Espanha que,

decorado dos estábulos, uma vez que a qualidade e valor dos cavalos árabes estava ligada à pureza da linhagem, traçada até a égua.

Pombas (heb. ***yonah***):
• as comparações recorrem à beleza e à brandura das pombas (1.15; 4.1; 5.12);
• "pomba" que se esconde nas rochas e faz ninho em lugares de difícil acesso (2.14; cp. Jr 48.28);
• termo carinho significando inocência e pureza (Ct 5.2; 6.9).

O canto da pomba-rola (TEB; heb. ***tor***, 2.12) que sinaliza o início do padrão migratório das aves de fazer ninho e reivindicar território e, assim, anunciar a volta da primavera.

Gazelas (heb. ***tsevi***, de 2.7,9,17; 3.5; 8.14) — símbolo de beleza graciosa e velocidade.

Filhos (heb. ***'opher***) [...] **da gazela** (heb. ***tseviyah***, "corça, fêmea da gazela", 4.5; 7.3).

Raposas (heb. ***shu'al***, 2.15) — animal canino pequeno, provavelmente uma

Hena (NVI; heb. ***kopher***, Ct 1.14; 4.13). Uma pasta feita de folhas desse arbusto grande era usada para colorir o cabelo e as unhas. Os persas usavam a hena para tingir o casco e crina dos seus cavalos.

Cacho de Chipre (heb. ***kaphar***, "aldeias", 1.14).

Cedro (1.17; 5.15; 8.9; cp. 1Rs 6.14-38). Essas árvores coníferas majestosas, pelas quais o Líbano é famoso, chegam a ter 43 metros de altura e 12 metros de circunferência. **A madeira aromática do Líbano** (Ct 3.9) é apreciada por ser leve, sem nós, durável e resistente a insetos.

Rosa (heb. ***chavatstselet***) **de Sarom** (2.1; cp. Is 35.1) — uma flor silvestre comum abundante na planície de Sarom; possivelmente uma campina de açafrão com um perfume doce como a tulipa.

Marfim (heb. ***shēn***, Ct 5.14; 7.4; "dentes", 4.2; 6.6; cp. 1Rs 10.18,22; Sl 45.8; Ez 27.6,15; Am 3.15; 6.4). O marfim, material branco para esculpir produzido dos dentes dos elefantes, é um símbolo de riqueza e luxo. O marfim importado usado por Salomão e outros reis de Israel vinha provavelmente dos elefantes da Síria, que andavam nas margens do Eufrates superior e na Índia.

Safiras (Ct 5.14; cp. Êx 24.10; 28.18; Ez 1.26; 10.1; 28.13), nome antigo para o lápis-lazúli — uma pedra azul profunda (azul-celeste) muitas vezes salpicada com ouro brilhante (cp. Jó 28.6). O lápis-lazúli, uma pedra extremamente valiosa na Antiguidade, era importada da Índia e das minas de Badaquistão, no Afeganistão, no lado norte da cordilheira Indocuche, a cadeia de montanhas entre o moderno Afeganistão e Paquistão.

durante o reinado de Salomão, ficou conhecida por comerciar com os fenícios e é provavelmente identificada com Társis (veja 1Rs 22.49; 2Cr 9.20,21; Ez 27.12).

referência aos chacais.

Gazelas (heb. ’ayalah, “fêmea do corço”, 2.7; 3.5).

Cervas do campo (heb. ’ayal, “corço”, agora extinto, mas antes era comum no monte Carmelo, 2.9,17; 8.14).

Leões (4.8) — representando o perigo à espreita nas montanhas do Líbano (cp. Jó 38.40; Am 3.4; Na 2.12).

Leopardos (Ct 4.8) — um predador rápido e perspicaz das montanhas do Líbano (cp. Os 13.7; Hc 1.8).

Corvo (Ct 5.11) — ave negra brilhante.

Cipreste (Ct 1.17; cp. 1Rs 6.14-38) — árvore perene de abeto ou junípero, simbolizando a fertilidade do deserto. A madeira era usada para a construção de prédios (2Cr 2.8), navios (Ez 27.5) e instrumentos musicais (2Sm 6.5).

Lírio (heb. ***shushan***, Ct 2.1,2,16; 4.5; 5.13; 6.2,3; 7.2) — possivelmente um tipo de lótus ou jacinto aparentado com a anêmona vermelha; a açucena é abundante na Palestina.

Espinhos (2.2).

Macieira (2.3; 8.5) — símbolo de força, aroma e doçura.
Maçãs (2.5; 7.8).

Alabastro (TEB; heb. ***shēsh***, mármore “branco”, Ct 5.15; cp. 1Cr 29.2; Et 1.6) — calcário cristalino de estrutura compacta de grãos finos provavelmente de cor branca ou creme e possivelmente com veios vermelhos ou verdes. Era usado na estatuária fina e talvez fosse o famoso “mármore de Paros”.

Flores — (heb. ***nitstsan***, “flor”, 2.12) — flores silvestres que aparecem depois das chuvas da primavera.

Passas (heb. ***’ashishah***, 2.5; cp. 2Sm 6.19) — bolos de passas feitos com uvas prensadas e secas, sem assar.

Figueira (heb. ***te’ēnah***, Ct 2.13).

Figos (TB; heb. ***pag***, “figos verdes ou precoces”, 2.13), colhidos em vários momentos de agosto em diante, alguns permanecendo na árvore ao longo do inverno.

Incenso (heb. ***levonah***, 3.6; 4.6,14). Uma resina aromática clara obtida com incisões na casca da árvore em pequenas gotas amarelas com um aroma forte. Veja Êxodo 30.34-38; Mateus 2.11.

Romã (heb. ***rimmon***, Ct 4.3,13; 6.7,11; 7.12; 8.2; cp. Ex.28.33,34; Dt 8.8) — fruta do formato da maçã com uma pele fina e dura e polpa ácida vermelho escuro.

Um pomar (heb. ***pardēs***, “jardim, plantação”, especificamente em volta do palácio do rei persa como um jardim ornamental, ou pomar, e moradia dos seus animais) **de romãs** (Ct 4.13).

Bálsamos (heb. ***besem***, “especiaria, perfume, aroma agradável”, 4.10,14,16; 5.13; 6.2; 8.14; cp. Êx 25.6; 1Rs 10.2; Is 3.24; Ez 27.22) pode referir-se ao óleo aromático produzido do bálsamo nativo do sul da Arábia. En-Gedi tornou-se um centro famoso de cultivo do bálsamo.

Favos de mel (heb. ***nophet***, sentido literal, “uma queda”, como do mel caindo do favo, Ct 4.11; cp. Pv 5.3).

Mel (heb. ***devash***, Ct 4.11; 5.1).

Leite (heb. ***chalab***, 4.11; 5.1).

Açafrão (4.14) — estigma seco amarelo alaranjado do açafrão-do-outono (*Crocus sativus*). Produz um aroma único e tintura laranja e é usado medicinalmente e como tempero.

Cálamo (heb. ***qaneh***, 4.14; cp. Êx 30.23; "cana aromática", Is 43.24; Ez 27.19; "cana aromática de terras remotas", Jr 6.20) — cana aromática que cresce nos pântanos na Índia, comumente conhecida como "lírio-dos-charcos ou açoro". As suas folhas e raízes, quando esmagadas, têm um aroma parecido com o da canela.

Canela (heb. ***qinnamon***, Ct 4.14; cp. Ex.30.23; Pv 7.17) — especiaria muitíssimo valiosa, em particular pelo seu óleo aromático. A canela em pau e moída é produzida da casca da árvore.

Aloés (heb. ***'ahalim***, ct.4.14; cp. Nm.24.6; Sl 45.8; Pv 7.17) ou pau-de-águila, provavelmente do norte da Índia, que produz uma resina aromática valiosa quando infectada por um mofo raro.

Nogueiras (heb. ***ginnah***, "jardim" [heb. ***'egoz***, "noz", hápax ou palavra usada apenas aqui no Antigo Testamento, Ct 6.11]; cp. Et 1.5; 7.7,8) — provavelmente um pomar sombreado de nogueiras importadas da Pérsia.

Palmeira (heb. ***tamar***, Ct 7.7,8) — árvore majestosa encontrada em oásis. A tamareira da Judeia era um símbolo do Israel da Antiguidade. Sua fruta era usada medicinalmente e como afrodisíaco. ***Hazazon-tamar*** (heb. "cidade das palmeiras", Gn 14.7; 2Cr 20.2) era outro nome de En-Gedi (Ct 1.14).

Mandágroras (heb. ***duda'im***, "produtora de amor", 7.13; cp. Gn 30.14-16) crescem de forma abundante na Palestina e eram usadas como afrodisíaco. A planta baixa tem folhas verde escuro brilhante; uma raiz grossa e dividida; e flores púrpuras que dão lugar ao fruto vermelho brilhante com aroma doce do tamanho de uma maçã pequena.

BIBLIOGRAFIA

* Garrett, Duane. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*. The New American Commentary, vol. 14. Nashville: B&H Publishing Group, 1993.

Henry, Matthew. *Job to Song of Solomon*. Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible, vol. 3. Peabody, MA: Hendrickson, 1992.

Nelson, Tommy. *The Book of Romance*. Nashville: Thomas Nelson, 1998.

Patterson, Paige. *Song of Solomon*. Everyman's Bible Commentary. Chicago: Moody Press, 1986.

* Para estudos avançados.

ISAÍAS

INTRODUÇÃO

TÍTULO

As palavras iniciais de Isaías servem como o título hebraico do livro: "Visão de Isaías, filho de Amoz" (heb. ***Chazon Yesha'yahu ben-'Amots***). O livro de 2 Crônicas 32.32 fornece uma referência clara ao livro escrito como "visão do profeta Isaías, filho de Amoz". A Septuaginta, em grego, encurtando o título para refletir apenas o nome do profeta, usa ***Hsaias***, enquanto a Vulgata, em latim, usa ***Isaías***. O nome Isaías (heb., "Iavé é salvação") ajusta-se belamente como o título resumido para o livro, que trata de forma tão majestosa esse tema.

CENÁRIO

De acordo com Isaías 1.1, o cenário original para a visão ocorrida durante os dias de quatro reis sucessivos de Judá — de Uzias, que começou a sua corregência por volta de 792 a.C. e governou até 740 a.C., ao tempo de Ezequias, que assumiu a sua corregência por volta de 729 a.C. e governou até 686 a.C., quando Manassés tornou-se o único governante. A questão do cenário é complicada pela natureza profética do livro, tratando situações futuras que ultrapassam o tempo de vida do autor humano. Os eventos da época de Isaías servem como pano de fundo para o livro. O profeta, a princípio, trata do seu trabalho para as pessoas da sua época, falando sobretudo dos principais eventos abrangendo a sua própria carreira. Contudo, os eventos do tempo em torno da conquista babilônia de

Jerusalém, do exílio, da libertação persa e até mesmo da época do Messias impactaram a sua obra.

A nação de Judá, durante os anos de formação de Isaías, testemunhou um período de calma e prosperidade que tranquilizou em um senso inapropriado de bem-estar e segurança. Uzias reinou sobre o Reino do Sul de Judá como corregente ou governador durante um período total de 52 anos. Ele ficou conhecido como um rei bom que buscava a Deus e encorajava a adoração apropriada, embora o povo ainda sacrificasse nos altos proibidos. Deus, por causa da fidelidade de Uzias, abençoou o seu governo. Judá, sob o seu reinado, subjugou os filisteus, árabes e meunitas e também impôs tributo (demonstrando a sua habilidade) sobre os amonitas (2Cr 26.6-8). Uzias também acumulou riqueza e empreendeu grandes projetos de construção — um sinal essencial de estabilidade real, riqueza e favor divino no mundo da Antiguidade. Ele, contudo, tornou-se orgulhoso e, no lugar dos sacerdotes a quem Deus designara com exclusividade para oferecer incenso, entrou no Templo para oferecer incenso a Deus (Nm 3.10; 16.39,40; 18.7). Deus, como resultado disso, castigou-o com uma doença de pele que o forçou a viver o restante da sua vida isolado. Por isso, em 750 a.C., o seu filho Jotão tornou-se corregente (2Rs 15.5; 2Cr 26.16-21).

Durante o maior período do reinado de Uzias, o reino assírio foi governado por uma série de reis ineficazes que estavam preocupados com os inimigos do norte e, por isso, não conseguiram manter o controle das áreas mais distantes de Israel e Judá. Ao mesmo tempo, o Egito não era uma ameaça por causa das suas próprias lutas internas. Israel e Judá, com as duas superpotências preocupadas, tiveram a chance de prosperar sem impedimento. No entanto, perto do fim do reinado de Uzias, em 745 a.C., Tiglate-Pileser III assumiu o trono da Assíria. Como resultado disso, o equilíbrio do poder na região mudou de forma drástica.

Nos anos finais do reinado de Uzias sobre Judá, o Reino do Norte de Israel ficou instável após o próspero governo de Jeroboão II (793-753 a.C.). Zacarias, filho de Jeroboão, foi assassinado após apenas seis meses de governo sozinho, e o trono foi pego por Salum, assassinado um mês depois de assumir o trono. Menaém, então, usurpou o trono e reinou de 752 a 742 a.C. Ele fez o mal como os reis israelitas anteriores (2Rs 15.18). Durante o seu reinado, Tiglate-Pileser (também conhecido como Pul, primeiro dominou Israel e forçou a nação a pagar tributo (2Rs 15.19,20). Após Menaém, o seu filho Pecaías governou apenas dois anos e foi assassinado

por Peca, que parece ter exercido antes uma espécie de governo vassalo em Gileade (2Rs 15.25). Peca assumiu o trono israelita em 740 a.C., quando o rei bom Uzias morreu e Isaías teve a sua visão do trono de Deus.

Jotão seguiu os passos do pai Uzias ao fazer o que é certo; não obstante, o povo ainda praticava adoração imprópria sacrificando nos altos (2Rs 15.35), sendo descrito como corrupto (2Cr 27.2). Durante o reinado de Jotão, a situação política entre Judá e Israel ficava cada vez mais tensa. Peca fez aliança com Rezim, rei da Síria, e tentou desafiar o governo assírio. Judá resistiu em tornar-se parte dessa aliança, e Peca e Rezim começaram a atacar Judá.

Em 734 a.C., Acaz tornou-se corregente de Judá, e a influência de Jotão aparentemente diminuiu. Acaz, ao contrário de Uzias e Jotão, era mal e ignorava continuamente o conselho de Deus transmitido por intermédio das mensagens de Isaías. Acaz, ao contrário deles, voltou-se para os falsos deuses e práticas religiosas pagãs de modo que Deus permitiu que Judá sofresse perdas nas mãos de uma coalisão entre os reinos de Israel e da Síria, a coalisão sírio-israelita (ou efraimita) (2Rs 16.5,6; 2Cr 28.2-8).

Acaz — em face da ameaça contínua de Israel e da Síria, bem como de ataques dos filisteus e edomitas — pediu ajuda a Tiglate-Pileser, enviando prata e ouro para ele com um sinal da sua submissão. Voltar-se para um poder estrangeiro e rejeitar o conselho de Isaías mostrou a rejeição explícita do papel de Deus como o verdadeiro rei de Israel.

Os anais de Tiglate-Pileser, e também 2Rs 15.29 e 16.9, documentam a campanha assíria contra a Síria e Israel, bem como contra Tiro e Filístia, de 734 a 732 a.C., quando Damasco foi esmagada pela Assíria. Peca, durante o mesmo ano, foi assassinado por Oseias, que foi instalado como rei vassalo sobre Israel por Tiglate-Pileser. Acaz aviltou-se ao fazer um tratado com Tiglate-Pileser em Damasco, que exigiria o seu reconhecimento dos deuses assírios — e, por isso, a sua negação do Deus de Israel como o único Deus verdadeiro. Ele, no seu retorno, implementou práticas pagãs adicionais que observara em Damasco e, derradeiramente, fechou as portas do Templo (2Rs 16.10-18; 2Cr 28.22-25).

Em 729 a.C., Ezequias tornou-se o corregente de Judá. O reino, no início do seu reinado, estava muitíssimo enfraquecido espiritual, moral e politicamente. Judá estava sob a obrigação de pagar tributo para a Assíria. Oseias, de Israel, depois de Salmaneser V assumir o trono da Assíria em 727 a.C., tentou fazer uma aliança com o Egito para livrar-se do governo

assírio. Salmaneser V, como resultado disso, cercou Samaria durante três anos, e, em 722 a.C., o seu filho Sargão II destruiu Samaria e deportou os seus habitantes (2Rs 17.1-6). No mesmo ano, Sargão II começou o seu reinado sozinho como rei da Assíria.

Quando Acaz morreu, Ezequias assumiu sozinho o governo completo de Judá em 715 a.C. Ezequias era intrinsecamente diferente de Acaz tanto na perspectiva religiosa quanto na política. Ele buscou na mesma hora levar o seu povo a adorar somente o Senhor. Com o Templo reaberto e restaurado, os sacerdotes foram santificados, e as festas do Senhor foram reinstituídas, e os altos foram removidos (2Rs 18.1-5; 2Cr 29—31). O Senhor, por causa da fidelidade de Ezequias, abençoou-o (2Rs 18.7; 2Cr 31.21). Ele também conseguiu acumular fortuna e edificar as cidades de Judá. Judá — até a morte de Sargão II, em 705 a.C., ou por causa da distração da Assíria com outros inimigos ou ainda porque Ezequias pagou tributo à Assíria durante um tempo — desfrutou de relativa paz. No entanto, Ezequias, com o levante da Babilônia contra a Assíria e o potencial apoio do Egito, deixou de pagar tributo e planejou derrotar militarmente a Assíria. A cessação do tributo para a Assíria trouxe uma mudança de ação. Senaqueribe atacou, e Ezequias foi obrigado a pagar tributo; contudo, os assírios, por causa da libertação de Deus, não conseguiram conquistar Jerusalém. Isaías esteve pessoalmente envolvido na mediação das palavras de Deus para Ezequias quando o rei buscou o conselho do Senhor em relação aos seus dilemas políticos e à sua própria saúde pessoal.

Ezequias, por volta da época da destruição dos exércitos assírios por Deus em 701 a.C., ficou doente, porém implorou a Deus por misericórdia. O Senhor curou Ezequias e deu-lhe outros quinze anos de governo (2Rs 20.5,6; 2Cr 32.24-26). Infelizmente, Ezequias, quando experimentou a cura, recebeu orgulhosamente emissários da Babilônia e, movido pela insensatez, mostrou a eles todos os tesouros que ele tinha acumulado (2Rs 20.12-19; 2Cr 32.31). A visita da Babilônia foi um convite implícito para tornarem-se aliados contra o superpoder reinante, a Assíria. A ânsia de Ezequias de exibir a sua riqueza mostrou a disposição de engajar-se.

Contudo, a submissão à outra nação, quer como um vassalo, quer como um igual, como aconteceu com Acaz, significava a rejeição de Deus como a única autoridade sobre Israel. Ezequias, depois de tal demonstração de infidelidade a Deus, ainda caiu na armadilha de buscar meios humanos para garantir a posição de Israel no mundo, ou seja, uma aliança militar

com a Babilônia. Por conseguinte, Isaías foi enviado ao rei para transmitir o pronunciamento de julgamento do Senhor contra Judá. Quando Ezequias morreu (c. 686 a.C.), Manassés tornou-se rei, e a superficialidade das reformas religiosas de Ezequias ficou claramente evidente. Manassés, imediatamente, substitui a verdadeira adoração do Senhor pelas práticas pagãs e levou o povo de Judá a aumentar a idolatria e a corrupção.

Por essa razão, Isaías, durante os anos do seu ministério, viu a nação de Judá ir da paz relativa e prosperidade para a humilhação e escravização pela Assíria. Ele testemunhou a séria falta de consagração religiosa por parte do povo quando iam para frente e para trás segundo as preferências dos seus reis. Ao longo dos anos, o papel de Isaías como profeta de Deus foi transmitir a mensagem do julgamento de Deus por vir e da salvação futura.

GÊNERO

Isaías consiste principalmente de profecia escrita em versos poéticos, muitas vezes com paralelismo estreito e imagens brilhantes. Entrelaçados ao longo das profecias estão vários outros gêneros. Esses são oráculos de julgamento contra Judá e também contra as nações vizinhas (1.2—23.18), e há oráculos de salvação como em 29.17-24 ou 30.18-26. Além disso, há hinos (12.1-6; 38.10-20; 42.10-17), lamentos (26.7-21; 37.16-20; 63.7—64.12), palavras de sabedoria (28.23-29) e vários tipos de cânticos (5.1-7; 14.4-21; 27.2-6). O gênero evidente representado em Isaías é uma seção de história narrativa, escrita principalmente em prosa e localizada perto do meio do livro nos capítulos 36—39, que serve como uma ponte de transição para o mundo inteiro.

AUTOR

Motivos relevantes apontam a autoria unificada do livro para o profeta Isaías do século VIII a.C.:

- Primeiro, a pressuposição de que Isaías não poderia conhecer o futuro só surge quando se rejeita o envolvimento sobrenatural de Deus. Quando você aborda a Escritura reconhecendo que Deus está ativamente envolvido na transmissão de revelação, a revelação específica dos países, das ações e até mesmo da identificação de povos e pessoas no futuro

distante não é problemática. Fundamentalmente, se você aceitar a Palavra de Deus, não há problema; mas, se não aceitar a autoridade divina, então não pode aceitar o que Deus escreve. As profecias da primeira parte do livro também suportam e validam as declarações e profecias futuras da segunda parte (44.7-8).

- Segundo, o primeiro versículo atribui claramente a autoria ao profeta do século VIII a.C. Nenhum outro autor além de Isaías é identificado em outras passagens.
- Terceiro, as diferenças linguísticas e de estilo não são difíceis de explicar em vista do ministério do profeta, que durou, no mínimo, quatro décadas. As mudanças de estilo baseadas nos tópicos, gênero e intenção são naturais e esperadas. Na verdade, o estilo individual de qualquer autor muda inevitavelmente ao longo da vida. Combinadas com as mudanças naturais estão as evidências da mesma mão em operação ao longo do livro. Por exemplo, o título "Santo de Israel" é característico e mais encontrado em Isaías que em qualquer outro livro (2Rs 19.22; Sl 71.22; Is 1.4; 5.19,24; 10.20; 12.6; 17.7; 29.23; 30.11,12,15; 31.1; 37.23; 41.14; 43.3,14; 45.11; 47.4; 48.17; 54.5; 60.14; Jr 50.29; cp. "o Santo", 40.25; "Deus, o Santo", 5.16).
- Quarto, o Grande Pergaminho de Isaías, a cópia mais antiga de todo o livro, datando do século II a.C., não mostra nenhuma quebra discernível entre as "seções" sugeridas pelos estudiosos da crítica. Na verdade, a primeira linha do capítulo 40 começa como a última linha no fim do pergaminho na continuação natural do versículo anterior. Isso parece indicar claramente que o livro de Isaías era circulado como uma unidade, e não como várias seções transformadas em um livro muito mais tarde.
- Por fim, os argumentos mais fortes para a unidade do livro de Isaías são as palavras do Senhor Jesus e dos escritores do Novo Testamento. O livro de Isaías, em ocasiões diferentes, é citado de cada "seção", e a autoria é atribuída especificamente ao profeta Isaías (Mt 3.3; 4.14-16; 8.17; 12.17-21; 13.14,15; 15.7-9; Mc 7.6-8; Lc 3.4-6; 4.17-19; Jo 1.23; 12.38-41; At 8.28-34; 28.25-27; Rm 9.27-29). Claramente, o Senhor Jesus e os escritores do Novo Testamento reconheciam o profeta do século VIII a.C. como o autor do livro.

Os que rejeitam a autoria única de Isaías sugerem que o livro foi composto por dois, três ou mais autores. Esses estudiosos designam os

capítulos 1—39 como Primeiro ou "Proto-Isaías", e os capítulos 40—66 como Segundo ou "Dêutero-isaías". Outros ainda sugerem outro autor para Isaías 55—66, rotulando essa seção de "Trito-Isaías". Ainda outros postulam seções adicionais. Um dos principais motivos para essas sugestões é a pressuposição de que o autor não poderia ter informação acurada em relação a eventos futuros distantes, como na revelação do nome exato de Ciro. Outros motivos apresentados são as diferenças na linguagem e estilo nas várias seções e o que eles percebem como uma aparente falta de unidade total. Entretanto, tudo isso, sem um viés antissobrenatural, é rejeitado de forma preponderante à luz das evidências anteriores apresentadas.

DATA

A data — com base na identificação do profeta Isaías do século VIII a.C., filho de Amoz, como o autor do livro — da sua obra cairia entre o período de tempo dos últimos anos de Uzias ao reinado de Ezequias. Uma vez que há uma referência à morte de Senaqueribe (681 a.C.), talvez Isaías tenha vivido poucos anos sob o reinado único de Manassés (Is 37.38). Por essa razão, a data da composição fica aproximadamente entre 740 e 700 a.C. É bem provável que partes do livro tenham sido escritas em diferentes épocas nesse período, e Isaías, aparentemente, editou o todo antes da sua morte no reinado de Manassés.

DESTINATÁRIOS

A audiência inicial de Isaías foi a nação de Judá. A sua obra, por sua vez, foi escrita para todas as gerações, incluindo o tempo do exílio e depois dele. A importância para os judeus do século I está clara, pois o livro de Isaías, depois de Salmos, é o livro do Antigo Testamento citado com mais frequência no Novo Testamento. O Senhor Jesus citou o livro de Isaías várias vezes; e os apóstolos, incluindo Paulo, também se referiram ao livro pelo nome várias vezes. A sua mensagem continua relevante como um testemunho do controle soberano de Deus sobre a história e também da sua determinação de julgar a iniquidade e prover salvação para um remanescente.

PRINCIPAIS TEMAS

Muitos temas são desenvolvidos em Isaías; no entanto, um dos mais importantes é o tema da salvação. O livro reflete a emoção de um Deus santo que só odeia o pecado, sobre o qual traz julgamento, e ainda ama tanto a humanidade que colocou à disposição de todos que se arrependerem uma forma de salvação. Há muitos elementos de apoio contribuindo para esse grande tema:

- Judá (e Israel) e as nações são culpadas de pecado.
- Deus é o "Santo de Israel".
- Não há nenhum Deus além de Iavé.
- Deus trará julgamento.
- Deus é soberano.
- Deus restaurará um remanescente.
- Deus proverá redenção.
- O Servo sofredor salvará.
- A restauração vem por meio do arrependimento.

Isaías, desde o início, afirma claramente que Judá, não menos que o resto das nações, precisava desesperadamente de salvação dos seus pecados. Isaías esclarece que Judá era completamente incapaz de salvar a si mesma, mas que a salvação viria do Senhor (veja Is 59.15,16). Deus é apresentado como a fonte da salvação. Embora Israel tenha sofrido punição e cativeiro por causa do seu pecado, ele foi encorajado pelo fato de haver esperança de salvação por meio do ato redentor de Deus.

ESBOÇO

I. O CASO CONTRA JUDÁ (1.1—5.30)
   A. Os Pecados de Judá (1.1-5)
   B. O Chamado ao Arrependimento (1.16-20)
   C. Os Pecados de Jerusalém (1.21-23)
   D. O Julgamento de Deus (1.24-31)
   E. A Paz Futura de Sião (2.1-4)
   F. A Situação Religiosa Corrente (2.5-9)
   G. A Vinda do Dia do Senhor (2.10-22)

H. O Julgamento contra os Líderes de Judá (3.1-15)
I. O Julgamento contra as Mulheres de Judá (3.16—4.1)
J. O Futuro Remanescente Santo de Sião (4.2-6)
K. O Desapontamento com a Videira (5.1-7)
L. O Julgamento contra Judá (5.8-30)

II. O DESTINO DE JUDÁ (6.1—12.6)
A. O Chamado de Isaías (6.1-13)
1. A santidade do Senhor (6.1-4)
2. O arrependimento e purificação de Isaías (6.5-7)
3. O comissionamento de Isaías (6.8-13)
B. A Rejeição de Judá (7.1—8.22)
1. A profecia em resposta à aliança sírio-israelita (7.1-9)
2. A profecia de Emanuel (7.10-16)
3. A profecia de julgamento sobre Israel e Judá (7.17—8.22)
C. A Libertação do Senhor (9.1—12.6)
1. A vinda do Messias (9.1-7)
2. O julgamento contra Israel (9.8—10.4)
3. O julgamento contra a Assíria (10.5-19)
4. A volta de um remanescente (10.20-23)
5. A libertação da Assíria (10.24-34)
6. O reinado do Messias (11.1-16)
7. Hinos de louvor (12.1-6)

III. O JULGAMENTO E A SALVAÇÃO (13.1—35.10)
A. O Julgamento contra a Babilônia (13.1—14.23)
B. O Julgamento contra a Assíria (14.24-27)
C. O Julgamento contra a Filístia (14.28-32)
D. O Julgamento contra Moabe (15.1—16.14)
E. O Julgamento contra a Síria (17.1-3)
F. O Julgamento Referente a Israel (17.4-14)
G. A Profecia Referente à Etiópia (18.1-7)
H. O Julgamento contra o Egito (19.1-15)
I. A Futura Bênção sobre o Egito, a Assíria e Israel (19.16-25)
J. A Profecia contra o Egito e a Etiópia (20.1-6)
K. A Profecia da Queda da Babilônia (21.1-10)

L. Palavras Referentes a Edom (21.11,12)
M. O Julgamento Referente à Arábia (21.13-17)
N. O Julgamento Referente a Jerusalém (22.1-25)
1. Contra a cidade (22.1-14)
2. Contra Sebna (22.15-19)
3. Referente a Eliaquim (22.20-25)
O. O Julgamento Referente a Tiro (23.1-18)
P. O Julgamento Referente à Terra (24.1-23)
Q. O Hino de Louvor (25.1-12)
R. O Cântico de Salvação (26.1-19)
S. O Julgamento por Vir (26.20—27.1)
T. A Volta de Israel (27.2-13)
U. A Desgraça de Efraim e Jerusalém (28.1—33.24)
V. Um Resumo do Julgamento e da Salvação (34.1—35.10)
1. O julgamento sobre as nações (34.1-17)
2. A salvação do redimido por Deus (35.1-10)

IV. O TESTE DE JUDÁ (36.1—39.8)
A. A Crise em Judá (36.1—37.20)
B. A Libertação do Senhor (37.21-38)
C. A Cura de Ezequias (38.1-22)
D. A Profecia de Julgamento (39.1-8)

V. CONFORTO PARA O POVO DE DEUS (40.1—48.22)
A. As Boas-Novas para o Povo de Deus (40.1-11)
B. A Incomparabilidade do Senhor (40.12—41.29)
C. O Servo do Senhor (42.1-17)
D. O Cego e o Surdo Disciplinados (42.18-25)
E. A Redenção por Meio do Senhor (43.1—44.5)
F. A Singularidade de Iavé e a Futilidade da Idolatria (44.6-23)
G. Ciro como o Instrumento do Senhor (44.24—45.13)
H. Só Deus, não Existe outro (45.14—46.13)
I. A Queda da Babilônia (47.1-15)
J. O Êxodo da Babilônia (48.1-22)

VI. A SALVAÇÃO DO SENHOR (49.1—54.17)

A. O Servo Traz Salvação para todas as Nações (49.1-26)
B. O Comportamento de Israel e do Servo (50.1-11)
C. O Senhor Traz Conforto e Redenção (51.1—52.12)
D. A Obra do Servo (52.13—53.12)
E. A Aliança de Paz (54.1-17)

VII. O CHAMADO AO ARREPENDIMENTO (55.1—59.21)
A. A Aliança Eterna de Deus (55.1—56.8)
B. A Condenação do Ímpio (56.9-57.21)
C. O Verdadeiro Jejum (58.1-14)
D. O Pecado e a Redenção (59.1-21)

VIII. A RESTAURAÇÃO TRAZIDA PELO SENHOR (60.1—66.24)
A. A Glória de Deus em Sião (60.1-22)
B. O Ano de Favor (61.1-11)
C. A Restauração de Sião (62.1-12)
D. A Vingança do Senhor (63.1-6)
E. A Lembrança e o Arrependimento (63.7—64.12)
F. A Disciplina e a Redenção de um Remanescente (65.1-25)
G. O Julgamento Final e o Estabelecimento da Adoração (66.1-24)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

O CASO CONTRA JUDÁ (1.1—5.30)

Os Pecados de Judá (1.1-5)

1.1 Esse versículo atribui a autoria do livro a Isaías, o profeta do século VIII que ministrou durante um período de, pelo menos, quarenta anos de 740 a 700 a.C. O seu ministério foi para **Judá e Jerusalém**. O versículo 1 introduz a **visão** (heb. ***chazon***, "visão reveladora garantida por Deus, profecia" de **Isaías** transmitida no capítulo 1, incluindo muitos temas do

livro profético inteiro. Nesse capítulo inicial, Deus traça claramente o problema: Judá é pecadora e está sob julgamento. O Senhor chama ao arrependimento e indica que haverá mais julgamento; não obstante, Ele salvará um remanescente.

1.2-4 O SENHOR inicia o julgamento de Judá convocando os **céus** e a **terra** a testemunharem (veja Dt 17.6; 19.15; 30.19) do comportamento chocante dos seus **filhos** (heb. plural de ***bēn***, "filho, descendência, alguém pertencente a um grupo"). Iavé, falando como juiz, promotor e pai, apresenta a acusação — ele **cri[ara]** (heb. ***gadal***, "educar, criar, edificar, treinar") e **exal[çara]** (heb. ***rum***, "elevar, atender às necessidades e treinar") o povo de Israel, ou seja, os seus "filhos"; mas o próprio povo que devia obediência e lealdade a Deus **revolt[ou-se]** (heb. ***pasha'***, "revoltar-se, transgredir, pecar, desafiar abertamente a autoridade"; veja estudo da palavra Is 48.8).

O povo de Judá, como filhos de Deus, tinha obrigações e responsabilidades. Eles deviam a sua existência a Deus não só como o criador de cada indivíduo, mas também como o fundamento da sua nação, Israel. Eles, no monte Sinai, entraram voluntariamente em uma aliança com a responsabilidade de obedecer ao Senhor (Dt 26.16—30.20). Quando a aliança foi ratificada antes de entrar na terra de Canaã, o céu e a terra foram chamados a testemunhar o acordo (Dt 30.19). As testemunhas originais foram, como em uma corte legal, convocadas a testemunhar o que Israel comprometera-se a fazer. Contudo, Israel recusou-se a guardar os mandamentos do Senhor; eles falharam em reconhecer o seu Mestre legítimo.

Os bois e jumentos não são conhecidos pela sua inteligência; mesmo assim, eles, pelo menos, reconhecem os seus donos e sabem quem cuida deles. Em contraste, **Israel não tem conhecimento** (heb. ***yada'***, "ter informação, ter conhecimento pessoal da experiência", nesse caso em relação ao Senhor deles e as suas obrigações para com Ele) nem **entende** (heb. ***bin***, "observar, considerar com diligência, compreender a informação") que o Senhor cuida deles.

Isaías usa sete frases diferentes para transmitir a condição de rebelião do povo (Is 1.4). *Ele começou exclamando* ***Ó*** *(heb.* ***hoy****, "ah, ai de mim, oh, ai"). No Antigo Testamento, das 52 ocorrências dessa palavra, 21 são em Isaías.* ***Hoy****, com exceção de uma instância, é usada exclusivamente nos livros proféticos (1Rs 13.30). Essas ocorrências acontecem com frequência antes de uma advertência em relação a um*

julgamento no sentido de "ai" (Is 1.24; 5.8,11,18,20-22; 10.1,5; 17.12; 18.1; 28.1; 29.1,15; 30.1; 31.1; 33.1; 45.9,10). Os vários usos parecem envolver uma expressão de pesar ou mágoa, a maioria das quais se refere diretamente à morte de um indivíduo. A palavra, em alguns poucos casos, é usada para chamar atenção com um sentido de "ó" ou "oh" (Is 55.1). O uso em Isaías 1.4 transmite um sentimento de pesar e lamento sobre a condição rebelde de Israel.

Isaías aplica quatro descrições à condição espiritual e moral do povo:

- **nação pecadora** (heb. ***chotē' 'am***, "uma nação errando, perdendo a marca, ficando aquém" do padrão de Deus);
- **carregado de iniquidade** (heb. ***keved 'awon***, "pesado com o pecado", a imagem de culpa pelos pecados ou delitos sendo um grande fardo carregado pelo povo);
- **semente de malignos** (heb. ***zera' merē'im***, "semente, descendência ou descendentes dos que praticam perversidade", ou seja, eles carregam a estampa da inclinação dos pais para a rebelião e o mal); e
- **filhos corruptores** (heb. ***banim mashchitim***, "descendência que age de maneira pervertida ou moralmente corrupta; com mais frequência com o sentido de "ruína" e "despojo").

Além disso, o profeta enumera três ações procedentes da corrupção deles (v. 4). Em relação ao Senhor, eles:

- **deixaram** (heb. ***'azav***, "deixar, abandonar, rejeitar", usada com frequência quando se fala de divórcio) a Deus, o Senhor; e
- **blasfemaram** (heb. ***na'ats***, "refutar, abominar, rejeitar") dEle; e
- **afastaram-se** (BJ; heb. ***zur***, "virar para o lado, desviar-se", o conceito de alienar-se") dEle.

O profeta, ao longo do livro de Isaías, usa o nome distintivo de o ***SANTO DE ISRAEL*** *(heb.* ***qedosh yira'ēl****) para o Senhor. A expressão ocorre num total de 26 vezes em Isaías comparado com apenas seis vezes em outras passagens do Antigo Testamento. A expressão transmite a singularidade e transcendência totais de Deus. Para Isaías, o conceito da santidade de Deus incluía o seu poder e "alteridade", bem como a sua pureza e total bondade (veja Is 6.3). Essa era uma característica que o Senhor aplicava a si mesmo e ordenava que os filhos de Israel também adotassem. Em Levítico*

19.2, Ele ordena: "[...] Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou *santo" (também Lv 20.7; 1Pe 1.16).*

1.5-6 Isaías pediu aos filhos rebeldes de Israel para parar e pensar nas consequências dos seus atos. Ele perguntou: **Por que quereis ainda ser feridos?** (TB; heb. ***nakh***, "golpear, bater, ferir" com um sentido passivo: "por que ser feridos de novo?"). O resultado do pecado era a punição. O povo já tinha experimentado a disciplina do Senhor por causa da recusa em cumprir o acordo feito no Sinai: "E, se [...] ainda andardes contrariamente comigo, também eu convosco andarei contrariamente em furor; e vos castigarei sete vezes mais por causa dos vossos pecados" (Lv 26.27,28). Eles tinham de lembrar que o Senhor disciplinara Israel "como um homem castiga a seu filho" (Dt 8.5); e também como "o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem" (Pv 3.12).

Isaías descreveu a sua condição usando uma imagem física. Ele enfatizou **ainda ser feridos** (TB); os sinais da disciplina, de cima a baixo, tanto interna quanto externamente, eram visíveis, claramente dolorosos e não tratáveis pela limpeza, enfaixe ou **óleo** (heb. ***shemen***, "óleo, uma unção usada para fins medicinais"). Se eles não corrigissem os seus caminhos rebeldes, haveria mais disciplina — mais sofrimento — à espera. Muitas vezes, a linguagem é descrita como puramente figurativa; no entanto, na aliança do Senhor, é mencionada de forma específica a disciplina do seu povo, o que envolveria terror, tísica e febre ardente de alto a baixo (Lv 26.14-16; Dt 28.20-22,27,28,35).

1.7-9 Isaías explica ainda mais a disciplina da qual falara antes em termos de conquista e ocupação estrangeira. A terra deles está **desolada** (heb. ***shemamah***, "destruição, devastação", palavra ligada com frequência a julgamento divino). As **cidades** foram **abrasadas pelo fogo**, e a colheita dos **campos** (NVI) foi consumida pelo exército de saqueadores. A **filha de Sião** (heb. ***bat tsiyon***, "filha de Sião", nome figurativo para Jerusalém) ficou em um estado lamentável (v. 8).

A agricultura era o principal meio de sustento das pessoas. Muitas vezes, as pessoas que viviam em uma cidade, ou vila, trabalhavam nos campos circunvizinhos. Durante a colheita, os colheiteiros, por causa do tempo limitado, escolhiam viver nos campos em abrigos improvisados. Os campos, depois da colheita, ficavam sem produto, e a **cabana**, não mais necessária, era abandonada aos elementos (v. 8). Assim, Jerusalém foi retratada como abandonada, rodeada de terras que ficaram sem nada após a colheita.

Isaías descrevia o tipo de julgamento predito em Levítico e Deuteronômio por falhar em obedecer a Deus (Lv 26.14-33; Dt 27.14-26; 28.15-62). Talvez ele tivesse em mente ou a destruição de Judá pela coalisão sírio-israelita por volta de 735 a.C. ou (ou ambos) os eventos posteriores da invasão militar assíria e o cerco de Jerusalém em 701 a.C. Além disso, a passagem permanece como uma advertência de eventos futuros se o povo não se arrepender. Esse capítulo parece ter sido colocado de propósito como uma introdução para todo o livro ao lidar em grandes pinceladas com o pecado de Judá, resultando em punição, chamado ao arrependimento e promessa de libertação de um remanescente. Os capítulos seguintes, na maneira hebraica, desenvolvem mais essas ideias com ainda mais detalhes.

Claramente, a disciplina foi executada pelo SENHOR dos Exércitos (heb. ***Yahwe tseva'ot***, Is 1.9). *"SENHOR" é lido como* YHWH *(o nome pessoal de Deus). O nome de Deus, antes do exílio, era provavelmente pronunciado "Iavé". Depois do exílio, no entanto, o respeito maior pelo nome de Deus levou os judeus a escrevê-lo apenas como o "Tetragrama", ou "quatro letras", do nome pessoal de Deus (****YHWH****) e nunca o pronunciar a fim de manter a sua santidade. As vogais inseridas no nome pelos escribas massoréticos eram as vogais para uma palavra hebraica diferente. A palavra para "meu Senhor, Mestre" (heb.* ***'Adonay****) é a palavra lida no lugar do nome não pronunciável.* "YHWH" *("Ele é") é a terceira pessoa do verbo hebraico "ser",* ***hayah****, e está refletido na declaração feita a Moisés explicando o seu nome, "EU SOU" (veja Êx 3.14). A palavra para* ***EXÉRCITOS*** *é usada em toda a Escritura para "exércitos" celestiais ou terrenos, bem como no singular para referir-se aos corpos naturais do Sol, Lua e estrelas. O título divino SENHOR dos Exércitos, que aparece mais de 250 vezes no Antigo Testamento, refere-se à soberania de Deus no seu controle sobre todos esses exércitos e corpos.* Havia graça até mesmo na disciplina distribuída pelo Senhor. Isaías observa que houve **alguns sobreviventes** (ARA). Só isso distinguia o povo de Judá de **Sodoma** e **Gomorra** (Is 1.9; cp. Rm 9.29).

1.10-15 Isaías usa de propósito a metáfora de Sodoma e Gomorra para indicar ao povo a seriedade da sua condição pecaminosa e a aplicação das maldições da aliança tendo efeito (Dt 29.23-27). Os crimes de Sodoma e Gomorra incluíam a sua conhecida imoralidade sexual e também perversidade generalizada (Jz 7). Surgiu um "clamor" por causa das obras deles (Gn 18.20). O profeta Ezequiel, mais tarde, observou que os crimes de Sodoma incluíam o orgulho e desconsideração generalizada "do pobre e do necessitado" (Ez 16.49,50). Esses crimes também foram prescritos para Judá e sancionados pelos seus líderes (Is 1.21-23).

Deus rejeita totalmente a adoração que falta justiça e obediência. O povo de Judá seguia a lei cerimonial, as formas externas da religião, sem a justiça interna (cp. 29.13). Eles traziam os **sacrifícios** (heb. ***zevach***, "oferta queimada parcial ou totalmente no fogo", 1.11), **holocaustos** (heb. ***'olah***, "o que é posto sobre o altar", em especial v. 11), **ofertas** (heb. ***minchah***, "tudo dado a Deus", v. 13) e **incenso** (heb. ***qetoret***, "algo que sobe como fumaça ou aroma", o produto de uma queima oficial do sacerdote de um material aromático específico no Templo, v. 13; cp. Êx 30.34-38) prescritos pela lei. Eles celebravam:

- **Lua Nova** (Is 1.13,14), referindo-se ao soprar das trombetas, dar ofertas queimadas e observar as festas associadas com o primeiro dia de cada mês (Nm 10.10; 28.11-15; 2Cr 8.13; Sl 81.3);
- **Sábados** (Is 1.13) incluindo as celebrações semanais e os sábados especiais durante as festas (Êx 23.10-13; 34.21; 35.1-3; Lv 23.3; Nm 28.9,10; 2Cr 8.13);
- **Festas** (Is 1.14), incluindo as três festas anuais ordenadas pela Lei para a qual se esperava que todos os homens capazes viajassem para Jerusalém: a Festa dos Pães Asmos, a Festa das Semanas (Colheita ou Primícias) e a Festa das Cabanas (Tabernáculos [NVI] ou Tendas). Também incluíam as festas associadas com a Páscoa, o Dia das Primícias e o Dia da Expiação (Êx 23.14-19; 34.22,23; Lv 23.4-44; Nm 28.16—29.39; Dt 16.1-17; 2Cr 8.13).

O povo, à parte dos rituais, recusava-se a ser obediente no seu comportamento diário; eles negligenciavam a lei moral. Não havia arrependimento verdadeiro nem mudança de atitude (Os 11.7). Como resultado disso, as suas formas de adoração eram, em si mesmas, ofensivas e **inúteis** (NVI) na adoração de Deus (Is 1.13). Os rituais externos, em si mesmos, não agradavam a Deus; nem o agradavam o **sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes**, mas, antes, agradava-o um coração correto diante dEle (v. 11; cp. Sl 40.6-8; Mq 6.6-8). A afiliação religiosa ou participação não substitui o arrependimento. A avaliação de Deus era **não posso suportar iniquidade, nem mesmo o ajuntamento solene** (Is 1.13). A comunhão entre Deus e o seu povo, devido ao estado pecaminoso de Judá, foi quebrada. O Senhor considerava

as orações deles completamente inúteis; Ele não veria nem **ou[viria]** porque as mãos deles **estão cheias de sangue** (v. 15; 59.2,3). Em outras palavras, eles não se arrependeram e, por isso, ainda estavam manchados pelos seus crimes, que eram impuros diante do Senhor. O Santo de Israel odeia o pecado; Ele não toleraria o pecado naquele tempo nem o toleraria hoje.

O Chamado ao Arrependimento (1.16-20)

1.16,17 Judá, confrontada com a dura realidade da quebra da sua relação com Deus, não foi deixada sem esperança. O Senhor traçou nove ações que eles teriam de adotar para consertar a situação e evitar julgamento futuro. A primeira das quatro ações lidava com a condição pecaminosa deles diante de Deus e a necessidade de arrependimento (v. 16):

- **lava[r]** (heb. ***rachats***), palavra usada com frequência para descrever o banho ritual com água e aqui se referindo a lavar a impureza espiritual (cp. 4.4);
- **purifica[r]** (heb. ***zakah***), usada exclusivamente em contextos morais e, portanto, sugerindo um sentido figurativo ou espiritual por meio do qual a pessoa tinha que purificar moralmente o seu coração e ficar pura;
- **tira[r]** (heb. ***sur***) **a maldade**, exigindo o arrependimento verdadeiro e a purificação do coração, afastando-se do mal, ou seja, uma mudança completa nos atos;
- **cessa[r]** (heb. ***chadal***) **de fazer mal**, ou seja, um fim definitivo no estilo de vida caracterizado pelo mal.

Os cinco passos adicionais explicam os atos justos que fluem de um coração arrependido (v. 17):

- **Aprendei a fazer o bem**. Deus tinha expectativas em relação ao comportamento de Judá. O relacionamento deles com Deus tinha de ficar evidente nos atos deles. Mais tarde, os cristãos receberam essa mesma ordem. Os cristãos são chamados a ser o "sal" e a "luz" no mundo e a fazer "boas obras" para que Deus seja glorificado (Mt 5.13-16; Ef 2.10; Tt 2.7; Hb 10.24; 1Pe 2.12).

Essas quatro últimas ordens fornecem detalhes do que Deus considerava bom (v. 17).

- **Busquem a justiça** (NVI; heb. ***mishpat***). O conceito de justiça é ligado à probidade em toda atividade legislativa, judicial e executiva. O povo de Judá tinha de buscar a justiça em todas as facetas do governo.
- **Repreendei** (ARA; heb. ***'ashar***, "conduzir, endireitar, corrigir") **o opressor** (ARA; heb. ***chamots***, "o cruel, opressor").
- **Lutem pelos direitos do órfão** (NVI). Os direitos daqueles sem pais e daqueles sem um pai eram semelhantes aos das viúvas. Eles tinham de receber uma parte do dízimo daqueles a quem o Senhor abençoara. Além disso, tinham de ter permissão para juntar livremente os restos da produção deixados nos campos, vinhas e árvores após a colheita (Dt 14.28,29; 24.17-22; 26.12,13; Sl 10.14,17,18; 27.10; 82.3; Pv 23.10).
- **Tratai da causa das viúvas**. As viúvas, junto com os órfãos, eram as mais vulneráveis da terra. Em uma sociedade patriarcal, uma mulher sem um homem para protegê-la corria grande risco de ser vítima de abuso e de pessoas inescrupulosas que tiram vantagem dela. O Senhor determinou especificamente como o povo de Israel tinha de cuidar dessas pessoas vulneráveis. Deus também deixou claro que Ele iria defendê-los caso fossem maltratados (Êx 22.22-24; Dt 10.18; 25.5-10; 27.19; Sl 68.5; 94.6,7; 146.9; Tg 1.27).

1.18-20 Deus convocou Judá para uma audiência referente ao seu destino: **Venham, vamos refletir** (NVI; ***yakach***, "raciocinar, debater, argumentar") **juntos** (NVI): A palavra é usada em termos de um contexto legal. Deus apresentara o caso contra Judá (1.1-15). Deixou claras as falhas do povo. Explicou a necessidade de uma mudança para haver o verdadeiro arrependimento. Nessa passagem, ele chama-os a considerar a evidência e ouvir o que tinha a apresentar em relação ao futuro deles dependendo das escolhas e atos deles. Deus, a despeito da condição atual deles de pecado, ofereceu uma chance para tornarem-se limpos e puros, **brancos como a neve** e **a branca lã**. Ele apresentou dois caminhos. *Duas formas do mesmo verbo são usadas com poder poético para contrastar os dois resultados. A obediência garantiria que eles "**COMER[IAM]** (heb. **'akal**) o bem desta terra" (v. 19) enquanto a rebelião faria com que fossem "**DEVORADOS** (heb. **'akal**, "ser*

consumido") à espada" (v. 20). Essas palavras fortes foram pronunciadas pela **boca do SENHOR** (v. 20; veja também Is 34.16; 40.5; 58.14; 62.2; Jr 9.12; Mq 4.4).

Os Pecados de Jerusalém (1.21-23)

1.21-23 *Isaías, após o chamado ao arrependimento, elaborou mais os pecados de Jerusalém, que antes fora a* ***cidade fiel****, mas tornara-se uma* ***PROSTITUTA*** *(heb.* ***zonah****, "prostituta, meretriz", v. 21). As cidades infiéis de Samaria e Jerusalém foram identificadas como "prostituta" por referências com derivações do verbo hebraico* ***zanah*** *("ser uma prostituta, meretriz, praticar fornicação") ou pela palavra similar* ***na'aph*** *("cometer adultério"). Em alguns casos, as palavras são usadas lado a lado para referir-se à mesma situação (Ez 16.15-36; 23.43-45). O particípio hebraico* ***zonah*** *carrega três sentidos básicos, um literal e dois figurativos. Primeiro, o termo refere-se a uma pessoa — e, em todos os casos, com exceção de dois, a uma mulher que tem relação sexual ilícita. Além do sentido literal, há dois sentidos figurativos referentes à prostituição nacional e religiosa. A prostituição nacional requer interação com outras nações por lucro no comércio (Is 23.17). O principal sentido figurativo era a prostituição religiosa, consistindo da rejeição do Senhor e os seus padrões para a vida e adoração. A forma mais ostensiva de prostituição religiosa por parte de Israel era a idolatria, a adoração de outros deuses (Êx 34.16; 2Cr 21.11; Ez 16.23-25; Os 3.1; 4.12).*

Jerusalém, quando era fiel ao Senhor Deus, foi a casa da **justiça** e **retidão** (Is 1.21). Ela, quando deu as costas ao Senhor e deixou de seguir os seus padrões, ficou conhecida pelos **homicidas** e sinais patentes de injustiça social, além dos sinais de idolatria mencionados depois em Isaías (1.29; 2.18,20; 41.29; 42.17; 44.9-20; 46.5-13; 56.9—57.12; 59.2-8).

Isaías, depois de Jerusalém rejeitar Deus, retratou a sua corrupção com duas ilustrações (1.22). Ele disse que a sua **prata** tornara-se **escória**, uma reversão completa do processo normal de refinação em que a escória, uma impureza escura, era removida da prata clara brilhante por um processo de aquecimento. O seu **licor** (NVI; heb. ***sove'***, "bebida alcóolica, vinho") foi enfraquecido pela água. As duas imagens contrastam a pureza com a impureza e falam de uma mudança na essência, não apenas na aparência superficial. Jerusalém tornara-se corrupta e impura. Os resultados de ser infiel à aliança estavam evidentes da perspectiva religiosa e social — uma mudança enraizada na natureza da cidade.

Os líderes de Jerusalém, que, de acordo com a Lei, se esperavam proteger os vulneráveis e estabelecesse a justiça, foram corrompidos pela ganância e desonestidade. Isaías lamenta: **cada um deles ama os subornos** (heb. ***shochad***, "suborno, recompensa, presente"), um sinal de corrupção política, e **andam atrás de presentes** (heb. ***shalmonim***, "recompensa, suborno", usada apenas aqui no v. 23). Miqueias 7.3 usa uma palavra relacionada, ***shillum***, para descrever a mesma situação de corrupção por meio do suborno. Essa desconsideração materialista por justiça foi proibida expressamente na Lei (Êx 23.3,8; Dt 16.18,19). As ações dos líderes estavam em contraste direto com a natureza de Deus e a sua expectativa para o comportamento do seu povo (Lv 19.15; Dt 1.16,17; 10.17,18; Is 5.22,23; Mq 3.8-12; 7.2,3). Os ricos, por causa da ganância dos governantes da terra, podiam facilmente pagar os juízes para conseguir o veredicto desejado, e os mais vulneráveis tinham negado até mesmo a esperança de uma audiência justa.

O Julgamento de Deus (1.24-31)

1.24-26 A depravação do povo levou ao pronunciamento do veredicto. A palavra **portanto** significa que a conclusão das seções precedentes e que o "oráculo" ou "declaração" seguinte fundamentam-se nas declarações prévias (v. 24). São apresentados três títulos do Senhor no começo dessa declaração de julgamento iminente atribuídos ao pronunciamento diretamente a Ele:

- **o SENHOR** (heb. ***'Adon***), título usado cinco vezes por Isaías (1.24; 3.1; 10.16,33; 19.4) para transmitir o direito de Deus de governar e julgar — Ele é o Mestre e Governante (Êx 34.23; Ml 3.1);
- **Deus dos Exércitos** (heb. ***YHWH tseva'ot***, Is 1.24, usado treze vezes em Isaías; cp. 1.9; 48.2) é um título que enfatiza a soberania de Deus sobre todas as forças — natural, humana e angélica;
- **o Forte de Israel** (heb. ***'avir yisra'ēl***), título que aparece seis vezes — apenas em poesia e sempre enfatizando o poder e força do Senhor e a sua ligação especial com o povo de Israel (1.24; veja Gn 49.24; Sl 132.2,5; Is 49.26; 60.16). Em outras ocorrências, o título completo é o "Forte de Jacó".

O pecado de Judá era uma afronta ao Deus santo, que os levantara e cuidara deles. A recusa deles em arrepender-se levara e levaria à punição certa. Deus, como resultado disso, declara: **tomarei satisfações** (ARA; heb. ***nacham***, "ser aliviado, consolado, aliviado, confortado") **aos meus adversários e vingar-me-ei** (ARA; ***naqam***, "ser vingado" vingar-se") **dos meus inimigos** (Is 1.24). Essas frases são paralelas no conteúdo com um claro jogo de palavras entre os verbos. Deus fora ofendido pela rebelião de Israel. Eles desconsideraram as responsabilidades da aliança e estavam sujeitos às penas por desobediência. Os atos do Senhor foram justos e necessários para a sua santidade.

Embora fosse possível esperar a destruição completa, encontramos mais uma vez a grande misericórdia e graça do Deus de Israel. Ele administraria pessoalmente com a sua **mão** a punição, só que o seu propósito é purificar e salvar um remanescente. A intensidade da purificação não deixaria nenhuma **escóri[a]** ou **impureza** (v. 25). Todos que continuam a demonstrar a escória da rebelião seria completamente destruído, e os que passassem pelo processo de refinamento tornar-se-iam fiéis ao ideal de Deus para o seu povo (veja Ez 22.17-22). Seriam, de fato, os seus filhos no sentido de que obedeceriam aos seus caminhos. Jerusalém, nesse ponto, seria transformada — não seria mais infiel e impura; pelo contrário, seria conhecida como **cidade de justiça** e **fiel** (Is 1.26).

1.27-31 *"Sião", ou o remanescente de Jerusalém e Judá, "será* ***REMIDA*** *[heb.* ***padah****, "resgate, comprar por um preço"] com juízo". Na Septuaginta, em grego, a raiz usada para "será remida" é* ***sōzō****, a palavra para "salvar". Isaías não usa uma forma verbal passiva para descrever a futura salvação do remanescente por acidente. Jerusalém, claramente, já não tinha como se redimir. Embora o chamado ao arrependimento tivesse sido proclamado, a cidade estava totalmente impura; apenas por intermédio da ação de Deus mesmo ela seria purgada.* ***Os que se arrependerem*** *(NVI; heb.* ***shuv****, "voltar atrás, retornarem") seriam "remid[os]" pela "justiça" (NVI) e "retidão" (NVI) de Deus, algo que eles não têm em si mesmos. Esse conceito é central a todo o livro de Isaías e a força propulsora de toda a Escritura. A salvação trazida àqueles que se arrependem vem da provisão misericordiosa do Pai amoroso que, com a sua própria mão, provê um meio de libertação. Os detalhes dessa libertação e Libertador são desenvolvidos mais tarde em Isaías, especialmente nas passagens do Servo, só que de maneira mais completa na revelação de Jesus Cristo no Novo Testamento, que, em última análise, é identificado como satisfazendo o preço pela redenção (1Pe 1.18,19).*

Enquanto os que se voltam para o Senhor têm esperança, **os que deixarem o** Senhor **serão consumidos** (Is 1.28). Estes não têm nenhuma esperança de escapar porque a destruição vem do Senhor. A segunda pessoa pode ser lida como "impessoal", com a leitura "envergonhareis". A troca da terceira pessoa para a segunda pessoa pode ser um artifício literário deliberado para enfatizar a ofensa para a audiência. Israel, um dia, perceberia o erro sério da sua adoração imprópria.

O conceito da infidelidade de Sião foi introduzido e expandido mais pela descrição da perversão religiosa que levou Judá a adorar de formas idólatras (v. 21). Embora o povo observasse as cerimônias externas da Lei (vv. 11-15), eles também seguiam as práticas pagãs dos povos que os cercavam (v. 29). As **árvores sagradas** (NTLH) e **jardins** referiam-se às práticas comuns dos cultos de fertilidade das nações vizinhas (v. 29). As alamedas eram com frequência reservadas para as práticas pagãs, que incluíam bosques, imagens esculpidas ou pedras eretas para adoração e também lugares para sacrifícios e ofertas. A participação de Israel nessas práticas pagãs equivalia à prostituição religiosa (57.3-8; Jr 2.20,27; 3.6-9). Mais detalhes da idolatria de Israel são fornecidos mais tarde em Isaías (Is 65.3; 66.17).

O julgamento de Deus é decisivo. Ele comparou a situação deles à de árvores que **caem as folhas** e à **floresta que não tem água**; uma faísca e tudo seria destruído (1.30). Os que se rebelam contra Deus e recusam-se a arrepender-se **arderão juntamente** — eles e a sua **obra** (v. 31). *Esse evento relevante é ecoado no último versículo de Isaías usando a mesma imagem de uma fogueira que ninguém pode* ***APAG[AR]*** *(heb.* ***kavah****, "ser apagado, extinguir, conter", v. 31; cp. Is 66.24; Mt 3.8-12; Mc 9.43-48). Encontramos apenas 24 ocorrências dessa raiz no Antigo Testamento, sendo treze delas nos profetas e dois usos adicionais por uma profetisa registrados nas histórias. A palavra, quando usada por profetas, refere-se geralmente ao julgamento de Deus (2Rs 22.17; 2Cr 34.25; Is 1.31; 34.10; 43.17; 66.24; Jr 4.4; 7.20; 17.27; 21.12; Ez 20.47,48; Am 5.6). Nessas referências, o fogo tem um aspecto eterno e, com certeza, não será apagado.*

O Novo Testamento ensina que as obras dos que creem em Cristo serão avaliadas no julgamento no fim desta era; contudo, a diferença entre os redimidos e os perdidos é clara. Para os cristãos, as obras duradouras serão recompensadas, e apenas as obras indignas serão queimadas (1Co 3.12-15). Em contraste, os perdidos não têm esperança de recompensa; ao contrário, enfrentarão o fogo eterno para si mesmos e as suas obras (Ap 20.12-15).

A Paz Futura de Sião (2.1-4)

2.1 O segundo título levanta várias especulações em relação ao motivo para a sua inclusão (v. 1). Contudo, uma suposição razoável sugere que ele introduz o conteúdo até o capítulo 6, que inicia com outra visão distinta.

*A frase "**VISÃO** [heb. **davar**, "palavra, coisa, assunto, acontecimento, evento"] que **TEVE** [heb. **chazah**, "ver, contemplar, perceber"] Isaías, filho de Amoz," é incomum. Em 1.1, Isaías usou um pronome e um verbo derivados de **chazah** e traduziu-os respectivamente por "visão" e "viu". Em 2.1, ele usou **davar**, comumente ligado a palavras reveladoras (faladas) transmitidas por profetas (e.g., Jr 1.2; Jn 1.1; Zc 1.1). O único uso similar que liga a "palavra" com "viu" é encontrado em Amós 1.1. Há, contudo, casos em que a palavra do Senhor também incluía claramente visões que eram vistas (Is 13.1; Jr 1.11,13; Zc 1.7,8). Nesse caso, Isaías aparentemente recebeu a palavra acompanhada de visões referentes à condição futura de Sião.*

2.2-4 A revelação referente a Sião, nessa passagem, refere-se aos **últimos dias**, um tempo no futuro. **O monte da casa** (heb. ***bayit***, "casa, lugar de habitação") **do SENHOR** significaria um assunto importante para a audiência de Isaías, familiarizada com as civilizações vizinhas antevendo os topos dos montes como a casa dos deuses delas (vv. 2,3). Haveria um tempo em que as nações reconheceriam Iavé, o Deus de Israel, como o verdadeiro Deus e Jerusalém, como o lugar particular de habitação dEle — proeminente e sem rivais. É relevante o fato de esses povos de **todas as nações** serem mostrados vindo para a "casa" do Senhor em busca de aprender sobre os **seus caminhos** (heb. ***derek***, "caminho, vereda, maneira, hábito").

Embora isso seja inaugurado pela vinda do Senhor Jesus, a obra do Espírito Santo e o subsequente ministério e conversão dos gentios que começaram a vir para o Deus de Israel, o cumprimento total dessa visão ocorrerá quando o Senhor voltar para governar as nações. Essa manifestação é a primeira referência em Isaías a todas as nações buscando a Deus no futuro (Is 60.3-7; 66.23; Jl 3.17; Mq 4.1-3; Zc 8.20-23; 14.8.11,16; Ap 20.4-6; 21.1-3,9-11,22-24).

Essa visão em Isaías 2.4 também foi registrada por Miqueias, um contemporâneo de Isaías (Mq 4.1-3). Não fica claro qual dos profetas falou ou registrou primeiro essas palavras; de todo modo, o Senhor impressionou os dois homens com a relevância dos eventos dos últimos dias. Seguindo o

estabelecimento do governo do Senhor na terra, haverá um tempo em que todos os povos **converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças, em foices**. Esse é o reverso do chamado às armas descrito em Joel 3.10, quando se reuniria o povo para a última batalha inútil contra o Senhor antes do grande julgamento final (Jl 3.9-17; Ap 20.7-15). Isaías, na época dos eventos registrados nos versículos 2-4, proclamou de forma vitoriosa que as nações não **aprenderão mais a guerrear** (Is 2.4).

A Situação Religiosa Corrente (2.5-9)

2.5-9 Isaías — depois de apresentar a grande visão do futuro de Sião, que incluía os gentios que buscavam andar no caminho do Senhor — passou para uma descrição sombria da apostasia corrente da nação de Israel. Isaías adverte a **casa de Jacó** (heb. ***bēt ya'aqov***, "descendentes, família de Jacó", também conhecido como Israel) a **and[ar] na luz do SENHOR** (v. 5). ***LUZ*** *(heb.* ***'or****) talvez seja usada figurativamente nessa circunstância para denotar os caminhos ou ensinamentos do Senhor. Uma ideia comum expressa em Salmos 119.105,130 que liga a "luz" à palavra do Senhor. Em Isaías 51.4, a "luz" está ligada à instrução (heb.* ***torah****, "lei") e à justiça do Senhor. "Luz" também pode expressar a presença do Senhor e a sua salvação (Is 9.2; 10.17; 42.6,7,16; 49.6; 51.4; 60.3).* As similaridades entre as futuras exclamações dos gentios (2.3) e a exortação do povo de Israel por Isaías (v. 5) são impressionantes e preocupantes em vista das acusações que se seguem. Isaías implora ao povo de Israel, que tinha a revelação do Senhor, para caminhar de acordo com os ensinamentos que receberam.

Isaías observa que o Senhor **desampar[ou]** o povo de Israel por causa da falha deles em seguir os caminhos divinos. Ele, a seguir, faz várias acusações, descrevendo a casa de Jacó como (v. 6):

- **se encheram dos costumes do Oriente**. O texto massorético não inclui uma referência explícita à adivinhação nem o faz o manuscrito hebraico mais antigo conhecido como o pergaminho Grande Isaías. O sentido da frase é esclarecido pela sentença seguinte, que implica que Judá estava repleta de práticas, ou costumes, orientais como de adivinhação e vidência.
- **agoureiros** [heb. ***'anan***, "os que praticam feitiçaria, empregando 'artes secretas' ou mágica] **como os filisteus**. Não fica claro que tipo de

mágica esses "agoureiros" praticavam, mas é sugerido que eles, de algum modo, liam as formações de nuvens de uma forma similar àquela como os astrólogos liam as estrelas, por isso a raiz do sentido da palavra é "nuvem". Essas atividades foram proibidas na Lei (Lv 19.26; Dt 18.9-14).

- **fazem aliança** [TB; heb. ***saphaq***, "apertar as mãos", como no término formal de tratados; "abundância, prosperidade"] **com os filhos dos estrangeiros** (TB). No Antigo Oriente Próximo, a conduta com os estrangeiros por meio de acordos formais muitas vezes exige o reconhecimento dos seus deuses como testemunhas. Os acordos militares com estrangeiros, como com os emissários da Babilônia convidados por Ezequias, também significavam uma recusa em confiar apenas em Deus.

O fato de estarem repletos das práticas do Oriente ou dos costumes orientais foi manifestado de várias maneiras. **Sua terra** era:

- **cheia de prata e ouro** (Is 2.7). Eles tinham os sinais externos de riqueza e, com insensatez, glorificavam-se nos seus tesouros, colocando a sua confiança nas coisas materiais, e não em Deus (Dt 17.17; 2Rs 16.5-8; 2Cr 28.21; 32.27,28; Is 39.2-6).
- **cheia de cavalos** e **carros** (Is 2.7). Eles reuniram uma força militar e confiaram em um militar humano, em vez de esperar pela libertação do Céu (Dt 17.15,16; 2Rs 16.5-7; 2Cr 27.5-7; Is 7.2; 31.1-3).
- **cheia de ídolos** (heb. ***'elilim***, 2.8; veja o estudo da palavra 10.5-11).

Judá, ao procurar os caminhos diretamente opostos à Lei do Senhor, curvou-se diante de falsos deuses. O seu orgulho levou Judá a criar e a adorar ídolos sem valor da sua própria feitura. O abandono de Judá pelo Santo de Israel foi justo, e a sua punição estava garantida.

A Vinda do Dia do Senhor (2.10-22)

2.10-18 Isaías advertiu Judá sobre a vinda do **terror** [NVI; heb. ***pachad***] **que vem do SENHOR** (NVI), o que se refere à majestade devastadora da presença santa do Senhor (v. 10). Diante do poder de Deus, todos os que tinham ou teriam se exaltado por meio do **orgulho dos homens** (NVI) seriam totalmente **humilhad[os]** e **abatidos** (v. 11; cp. 5.15,16). O

versículo 11 é repetido no versículo 17, definindo uma série de pares de coisas a serem humilhadas diante da glória do Senhor.

A descrição **naquele dia** (NTLH) e o **SENHOR dos Exércitos tem um dia** (NVI; 2.12; veja o estudo da palavra 1.9) inclui a imagem que aparece em várias passagens ao longo do Antigo Testamento quando se refere ao "Dia do SENHOR" escatológico (13.6-13; Jl 1.15; 2.1-11,31, 3.12-16; Am 5.18-20; Ob 8.15-18; Sf 1.2-18; Zc 14.1-6; Ml 4.1-6). Esse "dia" (heb. ***yom***) não está limitado a um período de 24 horas, mas, antes, refere-se a um tempo futuro de julgamento a ser feito pela mão do Senhor. Terror, trevas, distúrbio da natureza e destruição de objetos feitos pelo homem farão parte desse dia enquanto Deus julga e pune todas as pessoas. Isaías, depois de uma introdução referindo-se **a todo o soberbo e altivo** e o que se **exalta**, dá exemplos do que seria ser humilhado com a aparição do Senhor (Is 2.12). Os dois primeiros pares referem-se aos elementos naturais, enquanto os dois últimos pares apontam para objetos construídos pelo homem. Os elementos naturais podem apontar figurativamente para o orgulho de Israel. Alguns sugerem que as referências também mostram a totalidade do julgamento referindo-se aos **cedros** ao norte e aos **carvalhos** a leste, como também a todos os **navios de Társis** que teriam estado em um porto como o de Elate a sul (vv. 13-15; cp. observe em 23.1).

2.19-22 Isaías ordenou ao povo que se escondesse nas pedras e pó do "terror que vem do SENHOR" (NVI; v. 10), e esse refrão é levantado mais uma vez nesses versículos. Isaías aponta que as pessoas **fugirão** (NVI) da **glória da [...] majestade** do Senhor. Uma vez que o Senhor vem **naquele dia** com poder para **assombrar a terra**, os **seus** [dos homens] **ídolos de prata e os seus ídolos de ouro** serão abandonados. Ao lado do Deus verdadeiro e exaltado, tudo o mais é visto como entulho, e todas as aspirações orgulhosas dos homens serão derrubadas. Isaías, à luz desse futuro garantido, exorta o povo a **para[r]** [heb. ***chadal***, "cessar, parar, desistir"] **de confiar no homem** (NVI) que é transitório (cp. Sl 39.5,6,11; Tg 4.14).

O Julgamento contra os Líderes de Judá (3.1-15)

3.1-7 Isaías proclamou que Deus **tira [...] o sustento e o apoio** (ARA; v. 1). *A palavra* ***APOIO*** *(ARA; heb.* ***mash'ēn umash'ēnah****, "suporte e equipe") é traduzida a partir de duas palavras no hebraico, uma masculina e outra*

feminina, derivadas do mesmo verbo hebraico ***sha'an*** *("depender de, confiar em"). Uma delas ocorre apenas cinco vezes e refere-se a algo de que é possível depender: o Senhor (2Sm 22.19; Sl 18.18) ou outros apoiadores, incluindo o "pão" e a "água" (Is 3.1 inclui três usos da mesma palavra). A outra delas ocorre doze vezes e, em geral, refere-se a uma "equipe" física de fato, mas há três usos figurativos referindo-se ao Egito como uma equipe para a qual se inclina Israel (2Rs 18.21; Is 36.6; Ez 29.6) e um uso modulado figurativamente de modo singular encontrado em Isaías 3.1. As palavras* ***mash'ēn umash'ēnah*** *podem ser entendidas como refletindo a remoção total de qualquer apoio no qual Judá confiaria no lugar de Deus.*

Deus removeria todos os apoios aos quais Israel recorrera em substituição a Ele, incluindo a liderança social e política da nação. Isaías enumerou as diferentes autoridades que seriam removidas, incluindo os líderes militares, religiosos, sociais e políticos (Is 3.2,3). Ele mencionou líderes aceitáveis, incluindo o **valente, e o soldado, e o juiz, e o profeta**, etc., lado a lado com os líderes inaceitáveis, como **o adivinho** (heb. ***qosēm***, "adivinhador", alguém que usava meios proibidos para tentar discernir as ações ou o futuro, v. 2), **o conhecedor de magia** (NVI; heb. ***chakam charashim***, podia significar "artífice habilidoso de metal, madeira ou pedra", v. 3) e o **perito em maldições** (heb. ***nevon lachash***, "alguém que entende de magia, boato ou encantamento", alguém que lida com encantamentos e mágica, em vez de comunicar-se com os mortos, v. 3).

Essa reviravolta na liderança levaria a um vazio em Israel e a uma sublevação da ordem social. Não haveria mais líderes qualificados; ao contrário, os **jovens** e os **irresponsáveis** (NVI) estariam no comando, levando à opressão e insegurança mais generalizada (v. 4). Chegaria um momento desesperador em que as qualificações para a liderança chegariam a um patamar tão baixo que ser dono de um simples **manto** (NVI) pareceria suficiente (v. 6). Contudo, mesmo aqueles com as posses mais modestas recusar-se-iam a assumir um papel na restauração da ordem (v. 7). A falta de autoridade civil estável levaria a outras dificuldades econômicas, incluindo a falta de pão e água (v. 1). Essa descrição passou a ser a condição da cidade quando Jerusalém foi derrotada pela Babilônia. Os grupos de líderes e a elite foram deportados em 605, 597 e 586 a.C. (2Rs 24.1,8-16; 25.8-12,18-21; 2Cr 36.5-7,10,20; Is 39.6-7; Dn 1.1-5). Os líderes foram exilados, deixando apenas os mais pobres na terra.

3.8-12 O julgamento estava a caminho porque **a [...] língua e as [...] obras** do povo de Judá **são contra o SENHOR** (v. 8). Os pecados deles

eram tão flagrantes quanto os de **Sodoma**; mas eles, ao invés de arrependerem-se e lamentarem os seus pecados, gloriavam-se neles (v. 9). Embora os **justos** pudessem esperar misericórdia (v. 10), o **ímpio** sofreria (v. 11), cada um colhendo as consequências dos seus atos (Dt 28; Ec 8.12,13; Rm 2.5-10; Gl 6.7).

O Senhor lidou com a situação da liderança da época observando que **os opressores do meu povo são crianças, e mulheres estão à testa** [heb. ***mashal***, a mesma palavra é usada em Gênesis 3.16 em relação à autoridade do marido] **do seu governo** (Is 3.12; cp. v. 4). Alguns sugerem que essa passagem refere-se ao reinado de Acaz; ele teria apenas vinte anos no início do seu reinado sozinho (2Rs 16.2; 2Cr 28.1). Talvez a rainha-mãe, ou o harém, tenha influenciado-o; no entanto, não há nada no texto para apoiar essa posição.

Outros pontos para a referência concernente à opressão das crianças e o governo das mulheres como indicando uma reversão da norma deve-se ao vazio que ocorrera com o exílio dos líderes; mas Isaías, nesse ponto, parece referir-se às questões da sua época. Isaías — em vista de Isaías 3.16—4.1 lidar com as mulheres corruptas da sua época e o julgamento delas — aparentemente se refere à situação corrente em que as mulheres estavam exercendo uma influência dominadora sobre o povo — talvez como a imagem apresentada em Amós 4.1.

O Senhor afirmou que **os seus guias** [heb. ***'ashar***, "ir direto sobre, avançar, liderar, colocar ordem"; Is 3.12] **o enganam** (NVI). Os responsáveis por conduzir o povo a seguir o caminho reto do Senhor estavam, ao contrário, levando o povo a errar. Eles eram parte do problema.

3.13-15 Mais uma vez, é usado o vocabulário legal. O Senhor **se levanta para pleitear e sai a julgar os povos** (v. 13). Ele refere-se especificamente aos crimes dos **anciãos** e dos **príncipes**. Eles **consumi[ram]** [heb. ***ba'ar***, "consumir, queimar"] **esta vinha** (heb. ***kerem***, v. 14) que, figurativamente, representava Israel, o povo de Deus (Is 5.1-7; 27.2-6; Jr 12.10). O Senhor acusou os líderes da terra de consumir o melhor para eles mesmos, não deixando nada para o pobre. No caso das vinhas reais, esperava-se que os pobres, de acordo com a Lei, tivessem permissão de juntar os restos da colheita (Êx 23.11; Lv 19.10). Não só os líderes falhavam em prover o sustento dos pobres, como até mesmo lucravam pessoalmente à custa desses pobres. O egoísmo e o materialismo

deles fez com que **afligi[ssem] [...] e moe[sse] as faces do pobre** (Is 3.15). O tratamento dispensado ao pobre era sempre um tipo de barômetro para a saúde espiritual de Israel. Deus criou o homem não só para cuidar da terra, mas também para cuidarem uns dos outros. Negligenciar o pobre é rejeitar a sua tarefa dada por Deus.

O Julgamento contra as Mulheres de Judá (3.16—4.1)

3.16-26 As mulheres da época de Isaías, **as filhas de Sião**, têm alguma responsabilidade pela situação social desesperadora denunciada pelo Senhor (vv. 14,15).

Com base nas acusações do Senhor e no julgamento pronunciado por Ele aqui, há vários pontos a ser delineados referentes às mulheres de Judá:

- *Elas são ímpias*. Deus prometeu aos ímpios que tudo "irá mal" (NVI; v. 11). O julgamento pronunciado por Deus sobre as mulheres indica um estado de perversidade impenitente por parte delas (3.7—4.1).
- *Elas eram orgulhosas* (3.16). Elas eram **arrog[antes]** (heb. ***gavahh***, "ser soberbo, exaltado, arrogante"), o que se manifestava pelo **anda[r] de pescoço** [heb. ***garon***, "pescoço"] **erguido** (heb. ***natah***, "esticado", particípio com o sentido "ser esticado"). Elas exaltavam a si mesmas, achando as suas necessidades e desejos mais elevados que os dos outros. O orgulho autocentrado no coração leva a uma avaliação imprópria do seu próprio valor em relação a Deus e aos outros. O julgamento, por conseguinte, é iminente (Sl 10.4; 101.5; Pv 16.5,18; 18.12; Ec 7.8; Is 2.11; 5.15).
- *Elas eram insolentes* (Is 3.16). Elas caminhavam de maneira a chamar a atenção para si mesmas. Andavam com o "pescoço erguido", **olhares impudentes** (heb. ***saqar***, "flertar, olhar convidativo, ser lascivo", uma hápax, ou palavra, usada apenas aqui no Antigo Testamento) e **como que vão dançando** (***taphaph***, "dar pequenos passos, andar de modo afetado, pular", também uma hápax). O andar delas não era natural nem modesto; elas, antes, estavam preocupadas com a importância delas mesmas, com maneirismos de flerte e adornos arrogantes para chamar a

atenção. Essa atitude contrasta com o comportamento ordenado pelo Senhor para as mulheres (cp. 1Tm 2.9,10; 1Pe 3.3,4).

- *Elas eram materialistas*. A referência aos **enfeites dos tornozelos** (NTLH) e a longa lista de **enfeite[s]** que o Senhor removeria (Is 3.16,18-23) indicam que as mulheres mencionadas eram ricas. A riqueza em si mesma não é o problema. Essas mulheres, pelo contexto (vv. 8-15), focavam as coisas materiais para ressaltar a sua posição e conforto, aparentemente desconsiderando as necessidades dos outros e contribuindo para a opressão dos pobres. Essa centralidade em si mesmo é o auge do egoísmo e do materialismo, colocando as coisas desnecessárias para você antes das necessidades básicas dos outros. Provérbios 31, em contraste, descreve uma mulher rica, porém justa (Pv 31.10-31), que provê para a sua família e para os que trabalham para ela, como também para os pobres (Pv 31.15,20).

O julgamento contra as mulheres soberbas de Jerusalém afetava todos os aspectos da vida delas. O Senhor afastaria tudo em que elas antes colocavam a sua confiança: a beleza física, as posses materiais e a autoconfiança presunçosa. A beleza delas seria desfigurada por **fedor**, **calvície** e **queimadura** (Is 3.17,24). Elas perderiam todos os confortos materiais em que se gloriavam (vv. 18-24) e os benefícios daqueles que proviam para elas (v. 25).A conexão estreita de "as filhas de Sião" com a "filha de Sião", a cidade de Jerusalém personificada, fica aparente quando também é mostrado que a cidade, ou seja, a filha de Sião, **gemer[á] e se carpir[á]**, **desolada** (v. 26).

A cidade de Sião, em um sentido figurativo, experimenta os mesmos resultados da punição de Deus quanto o povo da cidade.

4.1 Esse versículo lida mais uma vez com o destino das mulheres reais de Sião. A vinda do cerco de Jerusalém deixaria poucos homens na cidade. Como um resultado disso, **sete mulheres [...] lançarão mão de um homem** e rogarão para ser levadas para a sua casa. Essas mulheres serão humilhadas a ponto de abrirem mão dos seus direitos normais por provisão material pelos seus maridos apenas pela chance de **se[rem] chamadas pelo** seu **nome** (cp. Êx 21.10), o vocabulário legal de um contrato de casamento. A antiga autoconfiança e tendência delas para dominar (Is 3.12) foram removidas e ansiarão pela proteção legal e social que seria provida pela união marital oficial.

*De qual **OPRÓBRIO** (heb. **cherpah**, "reprovação, condição de posição baixa ou desonra", 4.1) elas queriam escapar? Aparentemente, esse "opróbrio" não poderia ser remediado pelo casamento. Há várias sugestões, incluindo a desgraça de abuso sexual nas mãos de invasores, a falta de filhos ou o isolamento social proveniente do fato de não serem casadas (Gn 30.23; 2Sm 13.13; Is 54.4). Uma situação de completo colapso social e econômico ocorreu com a destruição final de Jerusalém em 586 a.C. e a condição desesperadora que se seguiu a isso. É notável o fato de a condição da cidade de Jerusalém destruída ser descrita com a mesma palavra hebraica (**cherpah**) que a usada para relatar a condição das filhas de Sião julgadas (Ne 1.2,3; 2.17; 4.4; Dn 9.16). Além disso, as pessoas que não foram levadas para o exílio foram descritas com a mesma terminologia (Jr 29.16-18; 42.18; 44.8,12; Ez 5.14-17; 22.4).*

O Futuro Remanescente Santo de Sião (4.2-6)

4.2-4 Isaías, a seguir, forneceu outra visão da condição futura de Sião depois de ser purgada do pecado. Há percepções diferentes concernentes à expressão **Renovo** [heb. ***tsemach***, "broto, crescimento"] **do SENHOR**. Alguns estudiosos sugerem que o "renovo" e o paralelo **fruto da terra** referem-se à restauração da fecundidade real em Israel. Alguns sugerem que o "Renovo" nesse versículo refere-se a Israel, que, no fim, será replantada na terra (Os 14.5-7). Outros veem "o Renovo" como uma referência messiânica semelhante ao que é encontrado mais tarde em Isaías 11.1 (cp. Jr 23.5; 33.15; Zc 3.8; 6.12). Se for esse o caso, a frase seguinte referente ao "fruto da terra" parece refletir a fecundidade renovada sob o governo messiânico, que será vivenciada e desfrutada pelo remanescente redimido e fiel. Essa imagem é bem consistente com as passagens referentes à restauração do remanescente em Joel 3.17-21 e Amós 9.11-15, em que o Senhor é mostrado reinando e em que a abundância abençoa o remanescente salvo de Israel.

O remanescente **que permanecer em Jerusalém será chamado santo** (Is 4.3; veja o estudo da palavra 6.3; cp. Ap 21.27; 22.14,15). *Estes são os "**ESCOLH[IDOS]** [NTLH; heb. **katav**, "escritos, registrados", Is 4.3] para continuarem vivos (NTLH). O particípio passivo de **katav** transmite o sentido de que só aqueles cujo nome foi "inscrito" — ou seja, estiver inscrito no registro da cidade dos seus cidadãos — terá permissão para viver em Jerusalém. Isso conecta de forma estreita o ensinamento em relação ao salvo ser registrado pelo nome no livro da vida (Êx 32.32,33; Sl 69.28; Dn 12.1-3; Ml 3.16-18; Lc 10.20; Fp 4.3; Hb 12.23; Ap 3.5; 13.8;*

20.12-15; 21.27). A salvação não virá para os "sobreviventes" (NVI) pelos atos deles mesmos, mas só quando o Senhor **lavar** o pecado do povo de Judá **e limpar o sangue** [heb. ***dam***, "sangue", muitas vezes referindo-se à culpa de matar ou derramar sangue] **de Jerusalém** (Is 4.4; cp. 1.15; 59.1-3; Ez 9.9; 22.1-16; 24.6-11; Os 1.2; Jl 3.21; Mq 3.9,10; 7.2; Zc 3.8,9).

4.5,6 Ecos do êxodo são claramente pretendidos aqui. A **nuvem de dia** e o **um resplendor de fogo chamejante de noite** dos quarenta anos de errância manifestavam a presença do Senhor com o seu povo (Êx 13.21,22; 14.19,24; 16.10; 19.9; 24.16-18; 33.9,10; 34.5; 40.36-38; Nm 9.15-22; 11.25; 12.5; 16.42; Dt 1.32,33; 31.15). Além disso, a presença da glória do Senhor foi manifestada por uma nuvem e fogo na consagração do Templo de Salomão (1Rs 8.10-15; 2Cr 7.1,2). Ezequiel teve uma visão da nuvem e da glória do Senhor partindo de Jerusalém antes da destruição da cidade pela Babilônia (Ez 10.3,4,18,19). Observe que, na nova consagração, ou seja, a do segundo Templo, a manifestação externa da glória do Senhor não foi registrada (Ed 6.15-17). Só reapareceria depois da transfiguração do Senhor Jesus no Novo Testamento (Mt 17.1-5; Lc 9.28-35).

A visão da restauração do povo de Israel apresentada nesse capítulo não foi cumprida por completo pela volta do povo da Babilônia. As situações registradas em Esdras e Neemias ilustram que o povo não alcançara a condição de santidade descrita em Isaías 4. A glória do Senhor não é mencionada como tendo voltado ao segundo Templo. A provisão derradeira de Deus para o pecado ainda não fora feita por intermédio do Senhor Jesus. Isaías 4.2-6, em última análise, refere-se ao futuro distante em que Deus morará, de fato, com a humanidade redimida (Ap 21.1-3,22-24).

O Desapontamento com a Videira (5.1-7)

5.1,2 Um **cântico** referente à **vinha** (heb. ***kerem***) do Senhor prefacia outra série de oráculos de julgamento contra Israel. Isaías, usando alegoria, retrata a história do proprietário de uma vinha que fizera tudo para conseguir uma posição boa para a sua vinha na produção de uvas. O proprietário escolheu um lugar, preparou o solo para remover impedimentos, **plantou [-o] de excelentes vides**, construiu uma torre de vigia e **também construiu nela um lagar** (heb. ordem das palavras: "e também *um lagar* construiu nela"; a posição do substantivo *lagar* é enfática). O proprietário construiu o lagar porque **esperava** (heb. ***qavah***,

"esperar por, olhar de modo ansioso") que a vinha cumpriria a sua função e produziria uvas dignas de serem usadas para fazer vinho. Infelizmente, a vinha **deu uvas bravas** (heb. ***be'ushim***, "uvas podres, fétidas"; a maioria das formas dessa palavra transmite o conceito de odor asqueroso).

5.3-6 A história de uma vinha inaproveitável seria facilmente entendida em Israel onde os principais produtos agrícolas eram o vinho, o óleo e o grão. O Senhor dirigiu-se ao povo de Judá e convidou-os a **julga[r] [...] entre mim e a minha vinha** (v. 3). O Senhor apresentou o caso diante deles. Ele, claramente, fez todo o possível para o cuidado e a provisão da sua posse. Ele dera-lhes a Terra Prometida, a Lei e todas as bênçãos da aliança. Não havia justificativa para a falha deles em produzir bons frutos.

O Senhor, a seguir, declarou ao povo o que estava para fazer com a sua **vinha** (v. 5). A ênfase está no fato de que Deus, e não o acaso nem alguma outra força, executava as ações que devastariam totalmente a vinha inaproveitável. Ele **tirar[ia] a sua sebe** e a **sua parede**, tudo o que dava proteção (v. 5). Os predadores, então, devastariam a terra. Ademais, ele iria **torn[á-la] em deserto** ao não mais cuidar dela ou prover **chuva** para a sua sobrevivência (v. 6).

5.7 A interpretação da alegoria é fornecida após o pronunciamento do julgamento sobre a vinha. A **vinha do SENHOR dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá** (veja Jr 12.10). Os frutos esperados com correção pelo Senhor eram a **justiça** (NVI; heb. ***mishpat***), mas no seu lugar houve **derramamento de sangue** (NVI; heb. ***mispach***, "derramamento de sangue, opressão"), e **retidão** (NVI; heb. ***tsedaqah***), mas, no seu lugar, **ouviu gritos de aflição** (NVI; heb. ***tsa'aqah***, "clamor de agonia, aflição"). O jogo de palavras óbvio acentua a condição decepcionante de Judá.

Nos anos seguintes ao reinado de Uzias, várias nações — incluindo os sírios, israelitas (do Norte), assírios, egípcios e babilônios — invadiram e devastaram Judá (2Rs 15.37; 16.5,6; 18.13-16; 23.33-36; 24.1,2,10-16; 25.1,8-11). Os soldados invasores consumiriam a produção da terra, e o tributo imposto contra a nação de Judá traria dificuldades. Além disso, Deus traria uma seca para devastar mais a terra. Em todo julgamento, o controle soberano de Deus sobre os elementos naturais e humanos era manifestado (Is 5.25-30).

O Julgamento contra Judá (5.8-30)

Assim que a acusação geral de falta de justiça e retidão foi apresentada, foram fornecidos mais detalhes referentes a ambos os pecados do povo e do julgamento por vir. É bem possível que o contexto dessa mensagem fosse a época de Uzias, quando houve ali um tempo geral de prosperidade que deu origem a um grupo de ricos cuja indulgência levou a séria injustiça social. O Senhor lamentou os pecados de Judá com uma série de seis descrições começando com "ai [heb. ***hoy***, "infelizmente", uma exclamação de dor reconhecendo as terríveis consequências das ações observadas; cp. Mt 23.13-27] dos que" (Is 5.8,11,18,20-22) seguidas das palavras de julgamento correspondentes.

5.8-10 A primeira acusação específica era da ganância insaciável por parte dos ricos (**ai dos**..., v. 8). Essa ganância era demonstrada pelo empenho obsessivo em adquirir posses e terra independentemente dos direitos hereditários dos envolvidos. Essa ação contradiz diretamente as leis de herança ordenadas por Deus para manter a terra na família (Lv 25.10,13-17,23-31; Nm 27.7-11; 36.6-9). Os pobres eram provavelmente despojados das suas posses ancestrais por causa da injustiça das cortes discutida anteriormente (veja Am 2.6-8; Mq 2.2). Mostrar desrespeito pelo sistema de herança instituído por Deus era desonrar ao próprio Deus. A terra era dEle, e Ele tinha o privilégio de distribuí-la como bem quisesse. Roubar dos herdeiros legítimos era roubar de Deus, o verdadeiro proprietário.

O julgamento do Senhor era que essas **casas ficarão desertas** (heb. ***shammah***, "devastação, horror, aquilo que foi devastado", Is 5.9), o que poderia ser realizado por meio de exércitos saqueadores ou de algum fenômeno natural. Um julgamento adicional caiu sobre a produtividade da terra, possivelmente devido à seca ou ao método agrícola que resulta no desgaste dos nutrientes do solo.

5.11-17 Seguindo de perto a acusação de ganância estava a acusação de autoindulgência expressa pela descrição de pessoas dadas à bebedeira (**ai dos que**, v. 11). Eles, com os seus sentidos entorpecidos pela alimentação de desejos carnais, **não olham para a obra do SENHOR, nem consideram as obras das suas mãos** (v. 12; cp. Rm 8.5-8; Gl 5.16-25; 1Pe 2.11,12; 4.1-5). Eles não conheciam o coração do Senhor nem suas "obras".

O cativeiro e a morte são prescritos como julgamentos adicionais (Is 5.13-17). **Portanto**, explicou o Senhor, **o meu povo será levado cativo** [heb. ***galah*** "remover, partir, ser levado em cativeiro"] **por falta de entendimento** (heb. ***da'at***, v. 13; cp. Jó 36.12; veja estudo da palavra Gn 2.17). A passagem liga os pecados de Judá não só com o futuro exílio babilônio, mas também com a escravidão deles à sua própria luxúria (cp. Gn 4.7; Rm 6.16,19). Em última análise, ceder aos apetites da carne não traz satisfação (Is 5.13). Só o conhecimento do Senhor Deus — ou seja, uma relação pessoal com Ele — pode satisfazer, de fato, e salvar uma pessoa da morte (Sl 107.9; Is 55.1-3; Jo 4.13,14; 6.35,47-51; 7.37,38).

Sheol (TEB, heb. "túmulo, cova, inferno", Is 5.14; veja o estudo da palavra Jo 17.13) é apresentado como uma criatura voraz, preparada para devorar os bêbados com a sua autoindulgência e aqueles que eles desviaram. Isaías 5.15 contrasta a humilhação do homem com a elevação de Deus que **será exaltado em sua justiça** e **retidão** (Is 5.16; cp. 2.9,11,17).

5.18-30 Essa seção de "ais" lida com uma bateria de outros pecados morais e sociais, incluindo o deleite na perversidade, a zombaria na recusa em acreditar na Palavra de Deus, a rejeição dos padrões do Senhor, a arrogância, a embriaguez, a corrupção e a injustiça. O povo de Judá deleitava-se deliberadamente no pecado. Quando foram confrontados com o chamado ao arrependimento e com as advertências de julgamento iminente, eles recusaram-se a aceitar as palavras do Senhor transmitidas por intermédio de Isaías. Em vez disso, eles ridicularizavam Isaías dizendo: que Deus **se apresse** [heb. ***mahar***, "apressar-se"], **que apresse** [heb. ***chush***, "mostrar pressa"] **a sua obra para que a vejamos** (TEB, v. 19; cp. 8.1-8). Eles achavam que essa era uma ameaça vazia. Até mesmo zombavam do nome de Isaías para o Senhor Deus, o **Santo de Israel** (5.19). Em vista do conteúdo da maioria das mensagens de Isaías centrado no julgamento iminente, o povo estava, de fato, desafiando o Senhor a começar o julgamento.

O povo de Israel, uma vez que **rejeitar[a]** a Lei e **desprezar[a] a palavra** de Deus como uma vinha inaproveitável, seria destruído (Is 5.24). Isaías referia-se aos instrumentos natural e humano do julgamento de Deus. Primeiro, Isaías descreveu um terremoto que seria usado por Deus para punir o povo. É provável que esse terremoto tenha sido observado durante o reinado de Uzias (29.5-8; Am 1.1; Zc 14.5). O julgamento do Senhor

havia começado, mas ainda não terminara, pois a **sua mão continua erguida** (NVI, Is 5.25; cp. 9.12,17,21), pronta para convocar o julgamento.

A frase seguinte anuncia a conquista estrangeira. O controle soberano do Senhor é enfatizado; Deus **assobiará** para os invasores **desde a extremidade da terra** (5.26). Isaías, em resposta ao sarcasmo do povo, observa: **e eis** [heb. ***meherah***, "pressa, apressadamente", relacionado com o verbo ***mahar*** do v. 19; cp. 8.1-4] **que virão apressadamente** (5.26). Esses invasores viriam preparados para destruir. A maioria dos estudiosos sugere que a nação em referência nessa passagem é a Assíria.

Os assírios, em 722 a.C., conquistaram Samaria, e o povo do Reino do Norte foi exilado. Em 701 a.C., as forças do rei assírio Senaqueribe vieram sobre Judá e conquistaram tudo, menos a cidade de Jerusalém. Isaías compara o som dos invasores com o **rugido** (heb. ***she'agah*** de ***sha'ag***, "rugir, clamor do conquistador", v. 29; cp. Sl 74.7) do **leão** e o **bramido** [heb. ***nehamah***, um hápax, Is 5.30, e Sl 38.9; de ***naham***, "rosnado de leão filhote", Pv 19.12; 20.2] **do mar**. As duas imagens trariam medo ao coração dos israelitas. As nuvens de poeira do exército invasor seriam tão densas que a própria **luz se escurecer[ia]** (Is 5.30).

O Destino de Judá (6.1—12.6)

O Chamado de Isaías (6.1-13)

Esse capítulo é relevante por transmitir a visão da majestade do Senhor e a resposta apropriada de arrependimento em nome de Isaías, bem como a comissão de Isaías, que se seguiu ao seu arrependimento. Há questões sobre a localização desse evento essencial no capítulo 6, em vez de no início do livro. Alguns comentaristas alegam que esse evento ocorreu cronologicamente depois das mensagens transmitidas nos capítulos 1—5, e outros dizem que o relato, independentemente da cronologia real, foi posicionado aqui por motivos literários e teológicos. O relato, apesar dessas controvérsias, está acertadamente posicionado para funcionar como uma transição entre os panoramas introdutórios abrangentes dos primeiros capítulos e o restante do livro em que os conceitos do fracasso de Judá em arrepender-se, da vinda do julgamento e da salvação de um remanescente são mais desenvolvidos.

A Santidade do Senhor (6.1-4)

6.1-2 Isaías teve uma visão do Senhor ocorrida **no ano em que morreu o rei Uzias** (c. 740 a.C.). Ele **vi[u] ao Senhor** assentado sobre um **alto** [heb. ***rum***] **e sublime** [heb. ***nasa'***, "levantado, alto"; cp. 2.2,12] **trono**. Em Isaías 57.15, usa-se exatamente a mesma frase para Deus e, em 52.13, a mesma frase com uma forma verbal diferente (heb. ***yarum wenissa'*** com as mesmas raízes) é usada para o Servo. Isaías também observa com atenção os **serafins** (heb. ***seraphim*** "ardentes, flamejantes"). Essas criaturas celestiais têm seis asas cada, uma face, pés e mãos; e, de acordo com a descrição, eram semelhantes ao querubim com quatro asas mencionado em Ezequiel 1 e 10 (cp. Ap 4.6-9). Eles são descritos com aparência flamejante; foram conectados com visões do trono de Deus; eles voaram e pegaram uma brasa e tocaram os lábios de Isaías como um ato de purificação. O fato de os serafins cobrirem o rosto mostra a intensidade da santidade de Deus: nem mesmo os serafins podiam olhar para ela. Cobrir os "pés" era um sinal de humildade diante de Deus.

6.3,4 *Os serafins louvavam a Deus exclamando: "**SANTO, SANTO, SANTO*** [heb. ***qadosh, qadosh, qadosh***; *veja o estudo da palavra Is 1.9]* ***é o SENHOR dos Exércitos****". Normalmente, uma palavra repetida no hebraico intensifica o sentido, só que essa ocorrência é uma de apenas três no Antigo Testamento em que a palavra é repetida três vezes de forma consecutiva (6.3; Jr 22.20; Ez 21.27; cp. Ap 4.2-8). A separação única de Deus é enfatizada. Originalmente, a palavra "santo" era usada em referência a qualquer coisa que fosse "separada" ou "devotada" à divindade sem necessariamente possuir um sentido moral. Não obstante, concernente ao Deus dos israelitas, a pureza étnica única é uma parte da natureza de Deus e passou a ser entendida como um elemento da sua santidade. Os israelitas receberam ordem para ser "santos, etnicamente puros e separados do mal porque esse é um traço singular de Deus (e.g., Êx 19.6; Lv 11.44,45; 19.2; 20.7,26; 21.6-8; Nm 6.5; 15.40; Dt 7.6; 14.2; 28.9).*

Quando os serafins louvaram a Deus, **os umbrais das portas se moveram**. O foco de Isaías estava nas fundações, possivelmente porque ele estava sobre o seu rosto diante da presença do Senhor. Muitas vezes, nuvens, fumaça e fogo são associados com a glória e a presença do Senhor, e, nesse caso, a sua presença manifestou-se quando **a casa se encheu de fumaça** (cp. Is 4.5; cp. Gn 15.17; Êx 19.18; 20.18,19; Ez 1.27,28; 10.4).

O Arrependimento e Purificação de Isaías (6.5-7)

6.5 Isaías, diante da presença avassaladora do Deus puro e santo de Israel, reconheceu as suas próprias falhas éticas, e a sua exclamação resultante disso foi de desalento: **ai de mim, que vou perecendo** (heb. ***damah***, "ser cortado, desfeito"). *Isaías viu a si mesmo como era, "um homem de lábios* ***IMPUROS****" (heb.* ***tamē'****) que vivia numa sociedade impura. O termo "impuro" carrega o conceito de ser impuro quando comparado com os padrões de Deus. Apenas aqui no Antigo Testamento os lábios são conectados com o termo "impuro"; contudo, várias passagens ligam a condição e os pensamentos do coração aos lábios e às palavras da boca (Sl 19.14; Pv 4.23,24; 16.23; 24.2; 26.232; Is 29.13). No Novo Testamento, Jesus liga diretamente os pensamentos do coração aos pecados procedentes da boca (Mt 15.7-20). Jesus disse: "Mas o que sai da boca procede do coração, e isso contamina o homem" (Mt 15.18). Se Isaías estava pregando mensagens nos capítulos anteriores a esse ponto, talvez ele reconhecesse agora que os seus atos e as motivações do seu coração não estivessem à altura das suas palavras.*

Isaías reconheceu que o seu pecado afastara-o de Deus e que também merecia julgamento (Is 59.2). Ele esperava a sua própria ruína por causa do seu pecado e porque os seus olhos **viram o rei**. Isaías sabia que ninguém podia ver a face de Deus e esperar viver (cp. Êx 19.21; 33.20; Jz 6.22,23; 13.22).

6.6,7 O reconhecimento de Isaías da sua condição de pecado e a sua confissão prefaciam a gloriosa extensão da graça e do perdão de Deus. Um dos serafins pegou **uma brasa viva [...] do altar** e **tocou** os lábios de Isaías. Como os comentaristas observam, o fogo simbolizava santidade e purificação. Os meios para a purificação era uma brasa de um sacrifício de expiação do altar de Deus. Isaías não purificou a si mesmo; o seu perdão dependia da misericórdia de Deus e baseava-se no método ordenado pelo Senhor para prover a salvação (veja Hb 10.1-17).

O Comissionamento de Isaías (6.8-13)

6.8 Isaías, só depois de receber o perdão e purificação, estava em posição de ouvir e aceitar o chamado do Senhor. Quando os lábios de Isaías foram purificados, ele preparou-se para tornar-se o porta-voz de Deus. As frases do chamado do Senhor fazem paralelo: **A quem enviarei, e quem há de ir por nós?** Alguém está autorizado a considerar a passagem um exemplo do Deus triúno, referindo-se a si mesmo nas duas frases. Alguns comentaristas sugerem que o "nós" nessa frase, como em 1 Reis 22.19-23,

refere-se à assembleia celestial; no entanto, as situações não são a mesma. A frase, no contexto da passagem de 1 Reis, refere-se claramente à assembleia celestial e somente provê a questão "quem induzirá" sem referência àquele que inicia o chamado (1Rs 22.20). Em Isaías, o pronome "nós" refere-se aos iniciadores divinos do chamado, e não ao serafim presente. Essa frase tem similaridade com Gênesis 1.26-27, passagem em que também parece ser uma referência à Divindade três em um.

6.9-13 A mensagem dada a Isaías para que este a transmitisse não era fácil. Ele foi avisado de antemão que a mensagem era de julgamento, o que contribuiria para o endurecimento do coração dos homens. O Senhor sabia que a mensagem transmitida por Isaías seria rejeitada; contudo, parece haver mais em operação aqui que apenas presciência. O povo de Israel rebelara-se em tal grau que Deus entregou-os à sua rebelião e confirmou o endurecimento do coração deles. O endurecimento continuaria até o julgamento profetizado acontecer, e até que **o Senhor tenha enviado todos para longe** (NVI, v. 12). Na declaração de julgamento, havia esperança para um remanescente, uma **décima parte** que retornaria e permaneceria na terra, mas só para ser **destruíd[a]** (v. 13, NVI veja notas em 49.21; 53.10; 54.3).

Com certeza, houve um tanto de cumprimento quando o povo foi finalmente levado para o exílio, ficando, em última análise, apenas um remanescente. Contudo, o cumprimento maior e final veio quando do remanescente do exílio, a "santa semente", chegou mais tarde ao conhecimento de Jesus como o Messias. Jesus, citado em Isaías 6.9-10, aplicando essas palavras àqueles que se recusavam a acreditar nEle, disse: "Neles se cumpre a profecia de Isaías" (Mt 13.13-17; Mc 4.11,12; Lc 8.10). João repetiu esse entendimento (Jo 12.37-41; cp. At 28.25-27). Por essa razão, embora a mensagem de Isaías significasse julgamento para a maioria dos israelitas, que se endureceriam contra Deus, ainda havia a promessa de que alguns seriam poupados.

A Rejeição de Judá (7.1—8.22)

Isaías, durante a sua comissão, foi informado de que a sua mensagem resultaria no endurecimento do coração do povo. Nas passagens seguintes, são fornecidos mais detalhes para ilustrar esse endurecimento que estava acontecendo, mas também que o propósito de Deus de salvação de um

remanescente prevaleceria. Os capítulos 7 e 8 contêm passagens narrativas intercaladas com passagens proféticas em forma de poesia.

A profecia em resposta à aliança sírio-israelita (7.1-9)

7.1,2 Os eventos do capítulo 7 aconteceram durante o reinado de Acaz por volta de 734 a.C., depois de a **Síria** (Arã) e **Israel** unirem-se contra Jerusalém (veja a seção "Cenário" na Introdução). A palavra veio **à casa de Davi, dizendo: A Síria fez aliança** [heb. ***nachah***, "levar, guiar", mas muitas vezes lida como ***nuwach***, "assentar, descansar" com a ideia de fazer acordo ou aliança] **com Efraim**. Esta era uma das tribos do Reino do Norte de Israel. Aqui o nome referia-se ao reino inteiro de Israel. Todos de Judá ficaram amedrontados com essa aliança hostil.

A expressão ***CASA DE DAVI*** *(heb.* ***bēt dawid****) raramente é usada em referência a uma casa real que pertencia a Davi (1Sm 19.11; 2Cr 8.11; Ne 12.37). A frase "casa de Davi" normalmente se refere aos descendentes de Davi ou a um membro ou membros da dinastia real davídica (1Sm 20.16; 2Sm 3.1,6; 1Rs 12.20,26; 13.2; 2Rs 17.21; 2Cr 10.19; 21.7; Is 7.13; 22.22; Jr 21.12; Zc 12.7,8,10,12; 13.1). Nessa passagem, "casa de Davi" refere-se ao rei Acaz, o descendente de Davi. O Senhor, em 2 Samuel 7.11-16, prometera edificar e estabelecer para sempre a "casa", ou dinastia, de Davi. Jesus, o descendente de Davi por intermédio de Maria, é o Rei eterno que cumpre essa promessa.*

7.3-7 Isaías foi enviado por Deus para encorajar Acaz. Foi-lhe dito especificamente para levar consigo o seu filho Sear-Jasube (heb. "um remanescente voltará", v. 3). Acaz recusara a juntar-se à Síria e Israel na rebelião contra a Assíria. Como resultado disso, Rezim (o rei da Síria) e Peca (o rei de Israel) planejaram derrubar Acaz e instalar um rei fantoche, **o filho de Tabeal**, no seu lugar (v. 6). Essa ação agressiva foi estimulada por Deus, que usou a ocasião para disciplinar Judá e informar Judá sobre o futuro julgamento e salvação iminentes (2Rs 15.37; 16.2-3). Embora Rezim e Peca tivessem os seus próprios planos para depor o rei de Judá, Deus estava firmemente no controle da situação. O Senhor garantiu a Acaz: **Isto não subsistirá, nem tampouco acontecerá** (v. 7).

7.8,9 Deus revelou antes do tempo que a Síria e o Reino do Norte de Israel, estavam condenados, mas também estendeu uma advertência a Acaz e ao Reino do Sul de Judá. Isaías registra o julgamento de Deus em

versículo poético. Deus apontou que cada rei era **a cabeça** (heb. ***ro'sh***, "cabeça, chefe, primeiro") da sua capital e, por extensão, do país. Os reis eram responsáveis pelo seu país diante de Deus. O Senhor observou que, **dentro de sessenta e cinco anos, Efraim** (o Reino do Norte de Israel inteiro) seria **quebrantado** (heb. ***chatat***, "quebrado") como **povo**. A Assíria, em apenas alguns poucos anos, invadiu a Síria e Israel. Por volta de 732 a.C., Tiglate-Pileser (Pul) conquistou Damasco, a capital da Síria, e matou Rezim. Em 722 a.C., Salmaneser e Sargão, o seu filho, tinham cercado e arrasado Samaria, deportando os habitantes da cidade (2Rs 17.5,6,18-23; 18.10-12). O povo de Israel, contudo, ficou praticamente quebrado quando a Assíria, em cerca de 670 a.C., recolonizou completamente a terra do ex-Reino do Norte com estrangeiros de outras nações conquistadas por eles (2Rs 17.24-41). Muitos israelitas que permaneceram na terra fizeram casamentos mistos com os estrangeiros, perdendo a sua identidade pura de israelita. Em última análise, os descendentes deles passaram a ser conhecidos como samaritanos.

O elemento-chave dessa palavra profética do Senhor é a advertência final para Acaz e toda Judá. No versículo 9, há um jogo deliberado de palavras: **Se vocês não ficarem firmes** [NVI; heb. ***ta'aminu***, "permanecer firme, confiar, acreditar"] **na fé, com certeza não resistirão** (NVI; heb. ***tē'amēnu***, "feito firme, duradouro, estabelecido"). Os dois verbos estão na segunda pessoa do plural, indicando que Deus dirigia-se a toda Judá, embora Acaz fosse o "cabeça" representante da nação. Acaz conheceria as promessas de Deus concernentes à "casa de Davi". Ele confiaria apenas na proteção de Deus baseado na capacidade comprovada de Deus para salvar. No entanto, Acaz não tinha fé e procurava constantemente em outros lugares por libertação (2Rs 16.2-4,7-18).

A profecia de Emanuel (7.10-16)

7.10-13 Deus desafiou Acaz a **ped[ir] [...] um sinal** (heb. ***'ot***, "sinal, indicação ou garantia de que um evento aconteceria", v. 11). Nada seria difícil demais para pedir; seria das **profundezas** às **alturas** (v. 11). Contudo, Acaz recusou o convite para testar a capacidade de Deus de prover um sinal, o que daria uma prova precoce de que tudo o que Deus prometera nos versículos 8 e 9 também aconteceria. Acaz respondeu: **não porei o SENHOR à prova** (NVI; heb. ***nasah***, "testar, tentar, provar", v.

12). Acaz recusou-se a buscar a verdade da Palavra de Deus — não porque tomou no coração a advertência de Deuteronômio 6.16: "Não tentareis o SENHOR, vosso Deus, como o tentastes em Massá". Acaz, antes, estava determinado a tentar operar a sua própria solução para o problema sírio-israelita; ele não se importava nada com a promessa de Deus de libertação (2Rs 16.7,8).

A resposta de Isaías indica claramente que Acaz, pela sua recusa obstinada em confiar em Deus, aborrecera homens como Isaías, que se esforçavam para serem fiéis a Deus. Isaías, frustrado, exclamou: **Também vão abusar da paciência do meu Deus?** (NVI, Is 7.13). Isaías, incisivamente, não disse "seu Deus", mas, antes, "meu Deus". Acaz rejeita o Senhor Deus, e, como resultado disso, Judá também seria incluída no julgamento.

7.14-16 Embora Acaz tenha rejeitado a oferta de Deus, o Senhor deu **um sinal** para a **casa de Davi** como prova e promessa do que estava por vir: **uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel** (heb., "Deus conosco", v. 14; cp. 8.8,10). *O sentido da palavra* ***VIRGEM*** *(heb.* ***'almah****, 7.14) é muitíssimo debatido. Alguns sugerem que* ***'almah*** *pode ser aplicado a qualquer mulher jovem ou no sentido especial de virgem, enquanto a palavra* ***batulah*** *era usada apenas para virgens. Até mesmo esse sentido específico para* ***betulah*** *é debatido (veja 47.1). A palavra* ***'almah*** *ocorre seis vezes no Antigo Testamento além dessa passagem. Em três ocorrências, as mulheres jovens em questão eram obviamente virgens (Gn 24.43; Êx 2.8; Ct 6.8). Em outras três passagens, não há evidência suficiente para determinar com certeza se as mulheres eram virgens, mas nada argumenta contra essa conclusão (Sl 68.25; Pv 30.19; Ct 1.3). Mateus cita de forma notável essa passagem como uma profecia ligada ao nascimento virginal de Jesus (Mt 1.18-24). Maria, sem dúvida, era virgem, e Mateus pegou o sentido em Isaías para afirmar esse fato. Mateus cita a passagem de Isaías da Septuaginta (LXX) que traduz* ***'almah*** *por* ***parthenos*** *(gr. "mulher solteira após a puberdade que ainda é virgem").*

Com certeza, a profecia de Emanuel, que, no sentido literal, é Deus habitando com o homem, era messiânica e, em última análise, foi cumprida no nascimento virginal de Jesus (Mt 1.22,23; Lc 1.31-35). Mesmo assim, vários pontos sugerem um cumprimento inicial precoce, especificamente no tempo de Isaías.

- O contexto sugere que o nascimento de Emanuel aconteceria como um sinal antes de a Síria e Israel serem conquistadas a fim de provar que a

futura profecia também aconteceria.

- Antes que a criança pudesse escolher entre certo e errado, **a terra dos dois reis** (NVI), Rezim e Peca, ficaria **deserta** (NVI; Is 7.16).
- Em outras palavras, o menino estaria comendo **manteiga** [heb. ***chem'ah***, "coalhada, leite azedo, manteiga"; cp. Pv 30.33] **e mel** (Is 7.15) — ou seja, ele seria uma criancinha de dois a três anos e, provavelmente, desmamada — quando a Síria e Israel fossem destruídas pela Assíria (v. 16).
- O uso da palavra ***'almah***, em vez de ***betulah***, deixa aberta a possibilidade de que houvesse uma mulher jovem, não necessariamente uma virgem, que teve um filho chamado Emanuel. Nesse contexto, o nome do menino lembraria aos sobreviventes que Deus ainda estava com eles.

Quem era o **menino** (heb. ***na'ar***, "homem jovem, criança, jovem", v. 16) mencionado no tempo de Isaías e Acaz? Vários comentaristas sugerem que pode ser um filho da casa real, possivelmente de Ezequias; outro filho de Isaías (ou seja, Sear-Jasube, v. 3); ou, talvez, até mesmo o filho de Isaías, Maer-Salal-Hás-Baz (8.1-4). O contexto permite que a palavra seja traduzida como uma referência obviamente messiânica a Emanuel (7.14,16; cp. "o Filho", NKJV). Em última instância, esse jovem não pode ser identificado positivamente; ele, no entanto, poderia lembrar o seu povo que Deus estava com eles em tudo o que estava para acontecer.

A profecia de julgamento sobre Israel e Judá (7.17—8.22)

7.17-25 Uma vez que Isaías compartilhou com Acaz o sinal, a profecia do julgamento anunciado não era só sobre a Síria e Israel, mas também sobre Judá. Ele advertira: **o SENHOR fará vir sobre ti, e sobre o teu povo, e sobre a casa de teu pai** um período de agonia, que ele comparou com a situação quando a monarquia unida dividiu-se após a morte de Salomão (v. 17; cp. 1Rs 12.16-24).

Quem traria esse caos seria o **rei da Assíria** (Is 7.17; cp. 2Cr 28.19,20). A colocação e ênfase na expressão "rei da Assíria" é transmitida corretamente com a posição enfática no hebraico. Acaz confiara nesse rei

estrangeiro por ajuda, só que a sua vinda não traria paz, mas, antes, tormento e vergonha para Judá.

Haveria quatro efeitos do julgamento trazido pelo Senhor. Cada efeito foi prefaciado pela expressão **naquele dia** (Is 7.18,20,21,23).

- *Os exércitos invasores cobririam a terra.* As **moscas** simbolizavam os exércitos egípcios ao sul, assim como as **abelhas** simbolizavam o exército assírio que vinha do norte (v. 18).
- *O povo seria humilhado.* O "rei da Assíria" seria usado por Deus como **uma navalha** para envergonhar e humilhar o povo da terra (v. 20). Na cultura israelita, raspar o cabelo era vergonhoso, a menos que houvesse uma ordem específica de Deus (Lv 14.8,9; 19.27; 21.5; Nm 6.9,18; 8.7; Dt 21.12; 2Sm 10.4; 1Cr 19.4; Ez 5.1).
- *Os sobreviventes* ***criar[iam]*** *rebanhos para a subsistência, suplementando a sua dieta com os produtos naturais da terra* (Is 7.21). Não houve falta de alimento porque poucas pessoas foram deixadas na terra. A menção à **abundância do leite** (heb. ***chalav***) junto com a expressão **manteiga e mel** (v. 22) lembra uma das dádivas encontradas na terra quando o Senhor tirou inicialmente os filhos de Israel do Egito e trouxe para a terra "que mana leite e mel" (e.g., Êx 3.8,17; 13.5; 33.3; Nm 13.27; 14.8; Dt 6.3; 11.9; 26.9,15; 27.3; 31.20; Js 5.6). Até mesmo no julgamento de Deus houve graça. Houve bênção porque o alimento estava disponível para os sobreviventes, mas houve um sentimento de perda em relação aos campos bem mantidos antes.
- *Os campos voltariam a ser uma imensidão árida.* Até mesmo a terra mais fértil e produtiva ficaria coberta de **sarças** e **espinheiros** (Is 7.23,24).

O povo de Israel, após a invasão dos exércitos da Assíria, foi morto ou deportado. O povo de Judá também foi destruído pelas forças assírias (2Rs 18.9-14; Is 36.1). Sob a conquista assíria, houve um ponto em que apenas a pequena Jerusalém foi deixada intacta entre as cidades do Reino do Sul; todas as demais foram conquistadas. Após a Assíria inicialmente subjugar Judá, o reino nunca mais ficou sem o tormento de um conquistador exigindo tributo ou sem um exército invasor até o ponto do exílio final na Babilônia (586 a.C.). A devastação realizada pela Assíria e, logo depois, pelo Egito foi apenas um percussor da desolação trazida pela Babilônia. A

situação estava diretamente ligada à subjugação assíria (Is 7.21-25). Mais tarde, quando a Babilônia começou a levar o povo de Judá para o exílio, a terra ficou ainda mais desolada. No fim, a terra ficou em pousio sob o tempo imposto por Deus para o repouso dela até a volta do remanescente do exílio para a terra da qual manava leite e mel (2Cr 36.20,21).

8.1-4 Isaías, depois da profecia inicial concernente à derrota de Israel e Síria nas mãos da Assíria, forneceu mais detalhes por meio da revelação do Senhor. Ele recebeu ordem para escrever **Maer-Salal-Hás-Baz** (heb., "apressando-se ao despojo, apressando-se ao saque", v. 1) sobre um **grande volume** (heb. ***gillayon***, "tábua") na presença de **fiéis testemunhas** designadas por Deus — **a Urias** [heb., "Iavé é minha luz"] **[...] e a Zacarias** (heb., "Iavé lembra"). Esses homens profetizaram a destruição de Israel e Síria antes do evento real (v. 2). Além disso, Isaías tinha aparentemente de escrever em uma tábua grande que pudesse ser colocada para todos verem. Urias provavelmente era o mesmo sacerdote que Acaz mencionou em 2 Reis 16.10-16. Talvez Zacarias fosse o profeta que serviu sob Uzias (2Cr 26.5) e que, talvez, também fosse o pai de Abia, esposa de Acaz (2Cr 29.1). Em todo caso, as testemunhas eram homens cuja palavra tinha peso diante do povo. Eles seriam capazes de autenticar que as profecias de Isaías foram totalmente cumpridas.

Isaías, após escrever a tábua como um sinal, **então deit[ou-se]** [heb. ***qarav***, "aproximar-se, abordar sexualmente"] **com a profetisa** (Is 8.3). O Senhor ordenou que Isaías chamasse o seu filho "Maer-Salal-Hás-Baz"; assim, o seu filho serviria como um sinal vivo em relação à derrota iminente de Israel e, por conseguinte, da libertação de Judá do tormento da aliança sírio-israelita, que preocupava Acaz e o povo de Judá (7.2; 8.18). Deus disse a Isaías que antes que o seu filho conseguisse **dizer meu pai ou minha mãe, se levarão as riquezas** [heb. ***chayil***, "riquezas"; cp. Dt 8.17,18] **de Damasco e os despojos** [heb. ***shalal***, "saque, espólio, posses ganhas pelos conquistadores"; cp. Nm 31.12] **de Samaria, diante do rei da Assíria** (Is 8.4).

8.5-10 Deus acusou Judá por rejeitar **as águas de Siloé que correm brandamente**, um reservatório a sudeste de Jerusalém perto da intersecção dos vales do Cedrom e Tiropeon (v. 6). Siloé representava a provisão segura e a proteção de Deus para Jerusalém. Não obstante, Acaz e Judá desdenharam a promessa de Deus de libertá-los e voltaram-se para Tiglate-Pileser, o rei pagão da Assíria, em busca de ajuda. Embora Judá

tenha-se regozijado com a derrota de **Rezim** [Síria] **e com o filho de Remalias** (Israel), Deus advertiu que Judá também experimentaria a destruição pelas forças assírias (v. 6).

A Assíria ficava localizada a leste do rio Eufrates, que corria a nordeste de Judá. **O rei da Assíria, com toda sua glória** foi descrito de forma figurativa como o poderoso rio (v. 7). O Senhor advertiu que a nação pagã para a qual Acaz voltara-se em busca de ajuda aniquilaria Judá. Mesmo nessa terrível predição, havia esperança porque a torrente foi descrita como **chega[ndo] até ao pescoço** (v. 8). Judá não seria totalmente aniquilada nesse ataque da Assíria; só Jerusalém sobreviveria, só que a devastação em torno da cidade seria completa. O Senhor, em uma segunda referência, observou que a Assíria **encherá a largura da tua terra, ó Emanuel** (v. 8). A referência a Emanuel, em um patamar, talvez seja o menino da época de Isaías nascido como um sinal de que esse evento aconteceria e que cresceria para ver a sua terra cheia com os exércitos assírios. Em última análise, esse "ó Emanuel" refere-se ao Messias, que era o verdadeiro proprietário da terra e realizaria a sua salvação a despeito dos planos das nações vizinhas.

Os versículos 9 e 10 desafiam as nações a fazer o seu pior contra o povo de Deus. As nações são informadas a **prepar[ar-se] para o combate** (NVI; heb. ***'azar***, sentido literal "cingir-se"; figurativamente, "prepare-se para a batalha"; cp. 2Sm 22.40). *Eles são informados três vezes sobre o resultado da sua agressão —* ***SEREIS QUEBRANTADOS*** *(heb.* ***chatat****, "ser dispersado com medo, ser desconcertado"). O Senhor, inúmeras vezes ao longo do Antigo Testamento, comanda o seu povo e designa líderes da maneira precisamente oposta: "Não [...] desanimem" (heb.* ***chatat****, Dt 1.21; 1Cr 22.13).* O Senhor estava no controle soberano da situação. Judá, conforme observou Isaías, tinha esperança, **porque Deus é conosco** (heb. ***'immanu 'ēl***).

8.11-17 Isaías relata que Deus admoestara-o especificamente para não seguir os temores e caprichos do povo em relação a qualquer **conjuração** (heb. ***qesher***, "conspiração", v. 12). Quer se tratasse da aliança sírio-israelita (7.2), quer de uma conspiração interna de Judá, quer dos planos das nações, o povo, em vez de focar o que os outros dizem ou planejam, têm de focar o poder do **SENHOR dos Exércitos** (8.13; veja o estudo da palavra 1.9). Ele era aquEle que eles tinham de separar. O texto hebraico coloca o "SENHOR dos Exércitos" na primeira parte da sentença, ou seja, na posição

enfática. A tradução mais acurada seria "quanto ao SENHOR dos Exércitos, é Ele — e ninguém mais — que têm de ser considerado como santo".

A ênfase em todo o versículo 13 está no Senhor e em como Ele tem de ser visto. O ponto para Judá, desde que apenas Deus é soberano, era **seja ele o vosso temor** (8.13). As fracas ameaças de meros homens empalidecem em comparação com as promessas e palavras do Deus do Universo.

Isaías observa que Deus **será santuário** (heb. ***miqdash***, "lugar santo"; metaforicamente, "um refúgio", v. 14; cp. Ez 11.16). Mas santuário para quem? Só para aqueles que esperam no Senhor e na sua libertação (cp. Sl 91.1,9,10). Infelizmente, para as **duas casas de Israel**, os reinos de Israel e Judá, a maioria falharia em buscar o Senhor por libertação (Is 8.14). Estes, em vez de um santuário, encontrariam nele **pedra de tropeço e [...] rocha de escândalo** (v. 14; veja estudo da palavra 17.10). Essa fala certamente se aplica a Israel e a Judá na sua falha de buscar ao Senhor e ao seu caminho; mas o cumprimento derradeiro dessa passagem também se aplica à pessoa de Cristo. Várias passagens do Novo Testamento combinam as imagens dessa profecia com Isaías 28.16 e Salmos 118.22 em relação a Jesus (Mt 21.42-44; Lc 2.34; 20.17,18; Rm 9.32,33; 1Co 1.23; 1Pe 2.7,8).

*O **TESTEMUNHO** (heb. **te'udah**, "atestação") vem de uma raiz verbal com o sentido de "chamar para testemunhar" ou "advertir" (heb. **'ud**). A palavra, que aparece apenas em Isaías 8.16,20 e Rute 4.7, nesse contexto tem a conotação de um documento escrito efetuando uma transação legal. Outra palavra da mesma raiz é **'ēdut**, um sinônimo para lei. Esses termos, em particular quando usados junto com outros como "mandamentos" e "estatutos", referem-se à palavra revelada de Deus.* **O testemunho** e **a instrução** (BJ; heb. ***torah***, "lei"; cp. Is 1.10; 2.3; 5.24; 30.9; veja estudo da palavra Sl 1.2) dados a Isaías tinham de ser combinados, selados e passados para os **discípulos** (heb. ***limuud***, "alguém sendo ensinado, aprendiz", Is 8.16; cp. 50.4; 54.13). Isaías expressa o seu compromisso em esperar pelo Senhor. Isaías, apesar de a libertação de Deus não ser imediata nem clara, estava comprometido em **espera[r] o SENHOR** (8.17).

8.18-22 *Isaías afirma que tanto ele quanto os seus filhos foram orientados por Deus a ser "como **SINAIS** [heb. **'ot**, "portento, sinal de algo futuro"; cp. "sinais milagrosos", Êx 10.1] **E MARAVILHAS** [heb. **mophēt**, sinal de algo futuro; prova milagrosa" da ação divina] em Israel" (Is 8.18). Sempre que esse par de palavras, "sinais e maravilhas", aparece, há uma alusão retrospectiva aos sinais e maravilhas realizados por Deus por intermédio de Moisés no Egito (e.g. Êx 7.3; Dt 4.34; Ne 9.10; Sl 78.43; Jr 32.20). Há dois lados: eles eram maravilhas como um meio de preparar a libertação*

daqueles que acreditavam, mas eram terríveis no sentido de predizerem o julgamento e condenação daqueles que rejeitavam a Deus.

O Senhor estava revelando estágios do seu plano por intermédio de Isaías e os seus filhos, e a sua mensagem para Israel foi fatídica. Se eles rejeitassem a mensagem de Isaías e os seus filhos estariam se dirigindo para a perdição. Isaías desafiou o povo a rejeitar as fontes falsas e proibidas de informação referentes ao futuro. *As fontes mencionadas eram os "**ADIVINHOS** [heb. **yidde'oni**, "falso profeta, bruxo"] [...] [e] os **MORTOS**" (heb. **'ov**, "médium, adivinhador, alguém que invoca os mortos por meio de encantamentos" a fim de conseguir informação sobre o futuro"; cp. 1Sm 28.3,7-9; Is 8.19; cp. 19.3), par de palavras comuns. A prática de falar com os mortos ou procurar alguém que predizia o futuro usando o oculto era estritamente proibida (Lv 19.31; 20.6,27; Dt 18.10,11; 2Rs 21.6; 23.24; 1Cr 10.13; 2Cr 33.6).*

Essa advertência também é aplicável hoje. As práticas ocultas são todas demoníacas, e as pessoas têm de decidir a quem servem: a Deus ou ao Diabo e os seus demônios. Se o povo de Deus está associado com o Diabo, dão forte indicação de que, afinal, não são o povo de Deus. Isaías exclama: **à lei** [heb. ***torah***; veja estudo da palavra Sl 1.2] **e ao testemunho** (heb. ***te'udah***; veja Is 8.16). Só a palavra de Deus é o guia para o seu povo. Os que buscam o oculto só **serão atirados** [heb. ***nadach***, "ser empurrado, fazer sair"; cp. Jr 23.12] **em densas trevas** (NVI; heb. ***'aphēlah***, muitas vezes uma metáfora para uma condição de extrema descrença, Is 8.22; cp. 59.9; Dt 28.29; Pv 4.19).

A Libertação do Senhor (9.1—12.6)

Isaías 9.1, no texto hebraico, é o último versículo do capítulo precedente. No manuscrito hebraico mais antigo encontrado para datar o livro, não há quebra até o fim de Isaías 9.2. A profecia do povo que tinha de ser mergulhada nas trevas estava diretamente ligada à profecia de esperança concernente à vinda do Messias. *A vinda do Messias (9.1-7)*

A profetisa

A esposa de Isaías

A vida • Ela casou-se com Isaías (8.3).

• Ela foi descrita como profetisa (8.3).

O título

Todas as outras mulheres do Antigo Testamento que sustentam o título de profetisa aparecem no exercício dessa função:
• Miriã (Êx 15.20,21; Nm 12.1-15; Mq 6.4)
• Débora (Jz 4–5)
• Hulda (2Rs 22.14-20; 2Cr 34.22-28)
• Noadias, uma falsa profetisa (Ne 6.14)
Contudo, muitos acreditam que o título aqui simplesmente ligava a esposa de Isaías ao marido.

A bênção

• Ela deu a Isaías pelo menos um filho, possivelmente dois, cujos nomes tinham relevância profética (8.18): Sear-Jasube (heb., "o remanescente voltará", 6.3) e Maer-Salal-Hás-Baz (heb. "apressar-se ao espólio, apressar-se ao saque").
• Ela testemunhou o ministério do seu marido a reis e ao povo de Judá.
• Ela testemunhou o cumprimento da profecia ligada ao nome de Maer-Salal-Hás-Baz quando a Assíria rapidamente subjugou e saqueou Israel (8.4,8).

9.1-7 Em 734 a.C., Tiglate-Pileser começou a sua campanha que, no fim, terminou na destruição da aliança sírio-israelita e na invasão de Israel pela Assíria, conforme profetizado nos capítulos 7 e 8. As terras de **Naftali**, a noroeste do mar da Galileia, e de **Zebulom**, a oeste do mar da Galileia, foram as primeiras a sentir a ira do exército assírio, que invadiu a partir do norte (2Rs 15.29). Essas terras sofreriam humilhação, anunciou Isaías, mas Deus, em um tempo posterior, **cobrirá de glória** (BJ) as mesmas terras. O **caminho do mar** era uma rota de comércio que ia do oeste do território de Naftali até à rota ao longo do mar Mediterrâneo a sul do Egito, e também é o nome de uma nova província (Dor), criada pela Assíria sob o seu domínio. A terra além do Jordão era o nome da província assíria de Gileade, e a **Galileia dos gentios** (heb. ***Galil haggoyim***, "circuito das nações"; cp. Js 20.7; 2Rs 15.29; 1Cr 6.76) era a província assíria de Megido.

O uso de nomes assírios para as províncias era grave, pois ressaltava o cativeiro deles e a separação da liberdade e prosperidade na Terra Prometida. Mas até mesmo na terra conquistada pelos estrangeiros haveria uma grande reviravolta das **trevas** para a **luz**. O Novo Testamento aplica especificamente essa passagem à vinda do Senhor Jesus (Mt 4.12-16; veja também Jo 8.12; 9.5).

A esperança resplandeceu contra o pano de fundo de desespero tenebroso. *O profeta observou aquele que "andava em trevas* ***VIU*** *[heb.* ***ra'ah****] uma grande luz" (Is 9.2; cp. 1Pe 2.9). Gramaticalmente, esse verbo e vários outros nessa passagem estão no tempo perfeito, significando que expressam, em geral, a ação concluída. Nesses versículos, os verbos são geralmente entendidos como "perfeitos proféticos", ou seja, falando de uma ação futura com tal certeza como se já tivessem acontecido.* A nação

experimentaria grande **alegria** (Is 9.3). Isaías salienta três motivos para essa alegria, cada um deles começando com **pois** (TB; heb. ***ki***, "porque"):

- *A opressão terminaria.* Isaías comenta que Deus libertaria o povo da opressão como fizera **no dia dos midianitas** (v. 4). Essa fala refere-se à batalha que Gideão travou com apenas trezentos homens em face de desigualdade esmagadora. A vitória foi conquistada só pelo Senhor; o exército minúsculo de Gideão não podia reivindicar nenhum crédito por ela (Jz 6.1-16; 7.2.25; 8.10-12). O Senhor, no dia futuro de libertação, dispersaria mais uma vez toda opressão e não haveria ninguém além dEle para receber o crédito.
- *A guerra cessaria.* Não haveria necessidade de traje de guerra; todas as lembranças de batalha **serão queimadas, servirão de pasto ao fogo** (Is 9.5). A libertação da guerra é que levaria à libertação da opressão.
- *O Messias viria.* O motivo derradeiro para o fim da opressão trazido pelo fim da guerra estava no governante prometido que reinaria **sobre o trono de Davi** e seria estabelecido **com justiça e retidão** (NVI; vv. 6,7).

Os versículos 6 e 7 são o apogeu da proclamação de Isaías da esperança para os filhos de Israel em face da vinda do julgamento por intermédio da Assíria. O versículo 6 salienta a humanidade e a divindade do **menino** (heb. ***yeled***, "filho"). O menino **nos nasceu** (heb. ***yalad***), indicando a sua humanidade. Ele **nos foi dado** (NVI), afirmando a sua divindade. Ele seria o cumprimento da profecia de Emanuel (7.14). O entendimento do caráter humano e divino do Rei por vir é mais desenvolvido pelos quatro nomes compostos seguintes:

- ***MARAVILHOSO CONSELHEIRO*** *(heb.* ***pele' yo'ēts****, 9.6). Todo uso dessa forma de "maravilhoso" tem a ver com a obra de Deus. A maioria das outras formas dessa raiz também lida com os atos de Deus. Importante, o anjo de Deus identificou o seu nome com a forma adjetiva de "maravilhoso" (Jz 13.18). A palavra* ***yo'ēts*** *descreve alguém que estabeleceria os planos, e não apenas outro conselho. O governante por vir seria maravilhoso na criação dos seus planos (veja Is 11.2; 25.1; 28.29).*

- ***DEUS FORTE*** *(heb.* ***'el****, "Deus";* ***gibbor****, "forte, poderoso", muitas vezes usado para descrever homens como guerreiros de elite comprovados, 9.6; cp. 3.2; Jz 6.12; Jr 51.30). A única outra ocorrência desse exato nome composto é em Isaías 10.21, que se aplica claramente a Iavé (veja Dt 10.17; Ne 9.32; Jr 32.18; Ap 18.8). Essa referência é à divindade do menino e acentua a força dele (Lc 11.20-22; Jo 16.33).*
- ***PAI DA ETERNIDADE*** *(heb.* ***'avi'ad****, "pai da eternidade", Is 9.6). Esse nome pode ser entendido de duas maneiras. Pode ser entendido como enfatizando a eternidade do relacionamento paterno do Messias por vir com o seu povo (Mt 11.27; 23.9; Rm 8.14-17; Ap 21.7). Além disso, a expressão podia enfatizar a eternidade do Filho e a sua união com a Trindade (veja Is 57.15; Mq 5.2; Jo 1.1-3,18; 10.30,33,38; 14.6-11; 16.26-28; 17.5; Cl 1.15-17; Ap 22.13).*
- ***PRÍNCIPE DA PAZ*** *(heb.* ***sar-shalom****, Is 9.6). O conceito de "paz" (heb.* ***shalom****; veja estudo da palavra 1Cr 22.9; Sl 119.165) incluía a ideia de "completude ou totalidade". O Messias traria paz militar, só que ainda mais importante é a paz que Ele estabeleceria entre Deus e o homem (v. 5; cp. Is 53.5; 54.10; 57.19; 63.16; 66.12; Zc 9.9,10; Lc 2.14; Jo 14.27; 16.33; 20.21; Rm 5.1; Ef 2.14-18; Fp 4.7; Cl 1.19,20).*

Isaías falava para o seu povo sobre uma esperança futura de um Rei perfeito e ideal que estabeleceria a paz. Alguns veem a passagem como um mero hino real para celebrar o nascimento de um rei humano como Ezequias ou, mais tarde, Josias. No entanto, limitar a interpretação a um rei puramente humano é desconsiderar a linguagem clara associada com a divindade. Israel, ao contrário do Egito e das regiões vizinhas, não designava divindades para o seu governante, o que torna a estrutura da passagem tão notável. Os quatro nomes são arranjados na forma de quiasmo,[1] ou seja, com aqueles que podem ser interpretados como humanos no exterior e aqueles claramente divinos no interior. Os arranjos quiasmáticos de ideias são comuns na Escritura. Em especial para a análise de um texto quiasmático, as partes paralelas podem ser interpretadas em um padrão visualmente discernível, como no exemplo abaixo:

Maravilhoso Conselheiro
Deus Forte
Pai da Eternidade
Príncipe da Paz

Esse quiasmo no versículo hebraico faz todos os quatro títulos referirem-se de forma inequívoca à mesma pessoa.

Isaías estava profetizando sobre alguém que era humano e divino — um conceito desconhecido em Israel. Isso parecia impossível na história hebraica. Só com a encarnação do Senhor Jesus iniciou-se o cumprimento dessa passagem. Ele nasceu de Maria, totalmente humana. Contudo, Ele era totalmente Deus, preexistente antes da encarnação, herdeiro dos títulos e atributos apropriados ao Deus eterno de Israel. Isaías previu o tempo em que o Senhor, como o ungido, o Messias, "o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi" para sempre (Lc 1.32,33). Embora esse governo tenha-se iniciado com a vinda de Jesus, o cumprimento completo de Isaías 9.7 aguarda a volta e reinado do Senhor Jesus quando governará com justiça e retidão desde agora e para sempre (veja Ap 22.1-3).

O julgamento contra Israel (9.8—10.4)

Isaías, depois de expressar a promessa de esperança, volta ao tema do julgamento de Deus contra Israel. Ele dirige-se a Israel em quatro seções subsequentes. Em cada seção, Deus apresenta acusações de mais julgamento: orgulho, liderança corrupta, desconsideração perversa pelos outros e injustiça social. Cada seção conclui com o refrão que apareceu primeiro em Isaías 5.25: **nem com tudo isto se apartou a sua ira, mas ainda *está* estendida** [heb. ***natah***, "estendida, esticada", 9.12,17,21; 10.4] **a sua mão**. A intenção da repetição é ser forte e incômoda. Mesmo com esse julgamento ainda há raiva e ira a ser extravasada. Os pecados de Israel eram, de fato, graves.

9.8-12 Deus transmitiu uma mensagem contra **Jacó** que permaneceria para todo o povo de Israel (v. 8). **Efraim**, mais uma vez, designa todo o Reino do Norte com a referência a **Samaria** como a capital (v. 9). Apesar do fato de que a nação seria humilhada e sofreria derrota, o povo persistiria confiando na sua própria capacidade em vez de voltar-se para Deus. Eles, em face do julgamento inicial, falariam com **soberba e altivez** (v. 9). A intenção deles, em vez de humilharem-se diante de Deus, seria reconstruir tudo como antes — só com materiais mais excelentes.

Aram (BJ) e os **filisteus** juntos referem-se aos inimigos dos dois reinos (de Israel e de Judá) dos dois lados, simbolizando, assim, também a

universalidade do julgamento. Com a Assíria no norte e o Egito no sul, não havia por onde fugir.

9.13-17 Israel recusou-se a **volt[ar-se] para quem o feria**; a nação falhou em arrepender-se (veja 1.5,6). Deus, como resultado disso, cortou **a cabeça e a cauda** de Israel, uma figura de linguagem que transmite a completude do julgamento e denúncia contra a liderança de Israel (9.14). Os anciãos e falsos profetas, os líderes de Israel, desencaminharam o povo provocando a destruição da nação (5.13,14). A corrupção da liderança afetara toda a nação. Deus não pouparia ninguém porque **todos** eram **hipócritas e malfazejos** (9.17; cp. Mq 7.2).

9.18-21 A **impiedade** levou à destruição ainda maior simbolizada por um incêndio levando a uma **floresta** em chamas e uma **terra ressecada** (NVI). Essa destruição autoperpetuada foi confirmada pela **ira** [heb. ***'evrah***, "raiva superabundante, fúria"] **do SENHOR dos Exércitos** (v. 19). Os atos horrendos de irmão contra irmão são condenados nessa seção. O profeta observa: **ninguém tem compaixão** [BJ; heb. ***chamal***, "poupar"] **do seu próximo** (BJ; v. 19). Ao contrário, eles devoravam uns aos outros, uma imagem que muitos interpretam como luta civil e familiar.

Efraim e **Manassés**, os dois filhos de José, eram os progenitores das tribos que levavam os seus nomes (vv. 20,21; cp. Gn 48.13-20; Nm 32.33,39-41; Js 14.4; 16.1—17.18). As duas tribos juntas, como as maiores tribos do norte, representavam todo o Reino do Norte. Todos os israelitas, do norte e do sul, faziam parte de uma mesma família, de Jacó, chamado Israel; eles compartilhavam a mesma herança e promessas. Eles, contudo, lutavam continuamente uns com os outros para a destruição deles mesmos (Jz 12; 1Rs 14.30; 16.21; 2Cr 13.2-18; 25.17-24; 28.5-8).

10.1-4 A acusação final de Deus nesse grupo de quatro seções era contra **os que decretam leis injustas e dos escrivães que escrevem perversidades** (v. 1). Os ricos e poderosos planejaram e impuseram especificamente leis para o seu próprio benefício. Os israelitas do norte e do sul falharam no cuidado dos mais fracos do seu povo — os **pobres**, as **viúvas** e os **órfãos** (10.2; cp. Am 3.9,10; 4.1; 5.10-13; 8.4-6; Mq 3.1-4,9-12; 7.2,3). As pessoas mais fracas eram oprimidas e não tinham nenhum recurso. Isaías advertiu que os opressores seriam punidos pelos seus crimes. Os ganhos ilícitos não os ajudariam quando fossem conquistados pela cruel Assíria. Após a destruição de Samaria, os líderes orgulhosos, antes ricos, que sobreviveram foram despojados de tudo o que adquiriram e forçados a

encolher-se entre os prisioneiros (NVI; Is 9.4). Eles não teriam ninguém a quem recorrer em busca de libertação e nenhum lugar para voltar, pois rejeitaram a Deus, o Senhor (veja Mq 3.4; Zc 7.8-14).

O julgamento contra a Assíria (10.5-19)

10.5-11 Isaías afirmou que a Assíria também seria julgada. Mais uma vez, a soberania de Deus é enfatizada. A Assíria seria uma ferramenta, a **vara** e o **bordão** usados por Deus para cumprir o seu propósito para Israel (v. 5). A ordem dada por Deus, **para saqueá-lo** [NVI; heb. ***shalal***; cp. 8.4] **e arrancar-lhe os bens** (NVI; heb. ***bazaz***, "pegar, tirar, pegar a presa" com o objeto ***baz***, "presa, despojo") é explicitamente reminiscente do nome do filho de Isaías, Maer-Salal-Hás-Baz (10.6; veja 8.1). A Assíria, contudo, não queria parar com o seu comportamento violento porque veria a vitória como um sinal da sua própria força.

Calno, Carquemis, Hamate, Arpade, Samaria e **Damasco** foram todas cidades que caíram para a Assíria de 740 a 717 a.C. (10.9). A Assíria veria as cidades derrotadas da mesma forma, como **reinos dos ídolos** (heb. ***mamlekot ha'elil***, "reinos de deuses inúteis, ídolos", v. 10; cp. 9.7), considerando os deuses dessas cidades **ídolos** (heb. ***pasil***, 10.10) impotentes, incapazes de salvar o seu povo. A Assíria diria, de fato: "Porventura, os deuses das nações livraram cada um à sua terra das mãos do rei da Assíria? Onde estão os deuses de Hamate e de Arpade? Onde estão os deuses de Sefarvaim? Porventura, livraram eles a Samaria das minhas mãos? Quais são eles, dentre todos os deuses desses países, os que livraram a sua terra das minhas mãos, para que o Senhor livrasse a Jerusalém das minhas mãos?". Essa vanglória foi verbalizada por Rabsaqué, que zombou do povo de Jerusalém durante o ataque assírio contra Judá pelo rei Senaqueribe por volta de 701 a.C. (36.18-20).

10.12-19 A Assíria falhou em perceber que o Deus de Israel estava no controle da situação. O Senhor estava usando a Assíria para a **sua obra contra o monte Sião e contra Jerusalém** (NVI), mas Ele não permitiria que a Assíria destruísse Jerusalém (v. 12). O orgulho do rei é retratado de forma vívida na sua arrogante vanglória, em especial dizendo: **eu ajuntei toda a terra** (vv. 13,14). No hebraico, o pronome "eu" (heb. ***'ani***) é enfático, uma vez que o verbo flexionado já inclui o sujeito da primeira pessoa do singular. A tradução mais literal é: "fui eu (e não outro)

quem reuniu a terra toda como **ovos abandonados** (v. 14). Essa arrogância era uma afronta explícita a Deus.

A Assíria foi apenas uma ferramenta, como um **machado** ou uma **serra** que Deus usou. O ponto era que os assírios eram impotentes se não fossem investidos de poder por Deus para derrotar Israel. Nada poderia tocar Israel ou Judá sem a permissão de Deus. O seu poder de salvar não era limitado. O sucesso da Assíria deveu-se à determinação de Deus de usar as nações para disciplinar o seu povo pela sua infidelidade à aliança com Ele (Dt 28.25,29,31,32,36-41,45-52). A Assíria seria punida por causa da sua arrogância.

Isaías usou artisticamente metáforas de doença e **fogo** para descrever os efeitos do julgamento do Senhor (Is 10.16). A Assíria não teria mais a abundância e glória de tempos anteriores.

A volta de um remanescente (10.20-23)

10.20 Isaías volta a um dos grandes temas do seu livro: a promessa de um **remanescente** (NVI) que sobreviveria ao julgamento por vir. *O substantivo* ***REMANESCENTE*** *(heb.* ***she'ar****, "resto, resíduo, restante") é usado doze vezes em Isaías das 26 ocorrências no Antigo Testamento (1Cr 11.8; 16.41; 2Cr 9.29; 24.14; Ed 3.8; 4.3,7; Ne 10.28; 11.1,20; Et 9.12,16; Is 10.19,20,21[2x],22; 11.11,16; 14.22; 16.14; 17.3; 21.17; 28.5; Sf 1.4; Ml 2.15). A forma cognata sinônima (heb.* ***she'ērit****) aparece seis vezes em Isaías das 66 ocorrências. As duas derivam do verbo hebraico* ***sha'ar****, que significa "permanecer ou ser deixado". Os substantivos são usados em relação a algo deixado ou restante, quer animado, quer inanimado. Em Isaías, a palavra identifica de forma preponderante os sobreviventes do julgamento de Deus. O rei Ezequias descreveu os israelitas sobreviventes da sua época com essa palavra (Is 37.4). O uso mais frequente do termo por Isaías é, em um sentido positivo, para descrever os futuros sobreviventes do julgamento por vir. Os sobreviventes mencionados, em geral, eram israelitas, embora houvesse alguns poucos casos em que o termo fizesse referência a sobreviventes de outras nações (14.22,40; 15.9; 16.14; 17.3; 21.17). Em cinco das seis referências a nações pagãs, o contexto indica que até mesmo os sobreviventes seriam eliminados ou sofreriam mais julgamento. Em 10.19, Isaías usa o termo* ***she'ar*** *para descrever as árvores restantes da Assíria que logo seriam florestas destruídas — simbólico da própria nação. Um uso único de* ***she'ar*** *referia-se ao resto de madeira que os adoradores de ídolos usaram para esculpir um ídolo (44.17).*

Isaías, talvez pensando na imprudência de Acaz em pedir ajuda à Assíria em vez de a Deus, observou que viria um tempo em que Israel **já não confiar[ia] naquele que os feriu** (NVI; 10.20; cp. 2Cr 28.16,20; os 14.1-8). Em vez disso, o povo finalmente dependeria do **Santo de Israel**.

10.21-23 Isaías profetizou: **um remanescente voltará [...] para o Deus Poderoso** (NVI; Dt 30.1-4; veja o estudo da palavra Is 44.22). Essa frase, "um remanescente voltará" (NVI; heb. ***shear-yashuv***) é um lembrete do nome do filho de Isaías (7.3). A nação de Israel é advertida que a volta do povo seria pouca se comparada com os números originais porque Deus **executará a destruição decretada** (NVI; 10.23; cp. Dt 28.62). As maldições da aliança, delineando o que aconteceria se Israel se rebelasse contra Deus, seriam cumpridas (veja Dt 28.15-68). No Novo Testamento, Paulo aplica especificamente o cumprimento final da profecia de Isaías 10.22,23 aos israelitas que acreditariam no Senhor Jesus (Rm 9.27).

A libertação da Assíria (10.24-34)

10.24-26 O povo de **Sião**, em vista dessa promessa de Deus, foi informado para **não tem[er] [...] a Assíria**. Quando se completasse o tempo da disciplina do Senhor para Israel, Ele disciplinaria a Assíria (v. 26; cp. 10.12,15). O Senhor, em última análise, usou a Babilônia e os Medos para disciplinar a Assíria como usara esta para disciplinar Israel (8.7,8; 10.5). A futura destruição da Assíria é comparada com a queda de duas nações no passado de Israel. Nas duas circunstâncias, Israel ganhou a batalha graças apenas a Deus:

- **Midiã** (10.26; veja nota em 60.6) referia-se à batalha em que o pequeno grupo de Gideão de 300 homens prevaleceu contra milhares de midianitas porque Deus "d[eu]" os midianitas para ele (veja Jz 7.2,7-25; 8.10).
- **Egito** (NVI; Is 10.26) referia-se à derrota do exército egípcio logo após a partida de Israel do Egito. Deus separou o mar Vermelho para fazer um caminho de escape para Israel. Quando o exército egípcio perseguiu os israelitas, Deus fez o mar voltar à sua profundidade normal, afogando todos os egípcios que seguiram os israelitas "no mar" (Êx 14.8-31). Israel não poderia reivindicar ter travado essa batalha por conta própria; foi tudo obra de Deus.

10.27 Assim como Midiã e o Egito foram derrotados e a opressão deles sobre Israel foi terminada por Deus, também a Assíria seria derrotada, e **o jugo** sobre Israel seria **despedaçado por causa da unção** (heb. ***shemen***, "óleo, gordura"). O sentido do fim do versículo não está claro e leva a várias ideias sobre a quem se refere e por que o jugo seria despedaçado. Alguns sugerem que a "unção" é uma referência ao ungido (o Messias) que despedaçaria o jugo (9.4). Outros propõem que a palavra hebraica ***shemen*** poderia ser entendida como "gordura" ou prosperidade da Assíria, que a faria tornar-se ineficaz como nação governante e, assim, levaria à ruptura do jugo da sua antes vassala. Por fim, vários estudiosos aventam que a "unção", como uma expressão idiomática para "prosperidade", pertenceria a Israel, que se livraria do jugo imposto pela Assíria. Em última instância, a libertação seria operada por Deus (14.25; Mq 5.6; Sf 2.13-15).

10.28-34 As séries de cidades enumeradas por Isaías traçam o caminho do exército inimigo enquanto marchavam e pilhavam através da terra de Judá (vv. 28-32). Embora não fique claro a que campanha refere-se, o contexto sugere o exército assírio. Essa rota de ataque é diferente daquela de Senaqueribe em 701 a.C. Apesar de a campanha atual não ser identificada, fica claro que, conforme a Assíria conquistava as cidades, eles causavam terror e miséria. Isaías observa que o inimigo chegaria a **Nobe**, a pouca distância de Jerusalém, mas não além dela. A imagem dramática predita era do inimigo do lado de fora de Jerusalém, **acena[ndo] com a sua mão ao monte da filha de Sião** (v. 32), o que transmite de forma apropriada a frustração posterior dos líderes da Assíria quando não conseguiram conquistar a cidade de Jerusalém (veja 36.1—37.38).

Isaías volta à imagem de árvores na referência à nação da Assíria (10.17-19). Deus julgaria a Assíria. Ele **desbastará os ramos com violência**; os ramos não só seriam cortados, mas também as árvores seriam **cortad[as]** (v. 34; veja Ez 31.3-12).

O reinado do Messias (11.1-16)

11.1-12 Nesse capítulo, Isaías fornece mais detalhes sobre a vinda do Messias que governaria Israel. Há três grupos de detalhes:

- O Messias seria um descendente **do tronco** [heb. ***nētser***, "broto, ramo"] **de Jessé, e das suas raízes** (heb. ***sheresh***, "rebento que brota de uma raiz", v. 1). Isaías também chamou o futuro governante de **raiz** [heb. ***sheresh***] **de Jessé** (v. 10; cp. 53.2), que, como pai de Davi, é incluído na linhagem do governante por vir, o Messias (Mt 1.1,6; At 13.22,23; Rm 1.3). No Novo Testamento, o título "Filho de Davi" é corretamente aplicado na identificação de Jesus como o Messias (e.g., Mt 9.27; 21.9). Jesus afirma pessoalmente essa herança como sendo dEle em Apocalipse 22.16, quando declara claramente: "Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a resplandecente Estrela da manhã" (cp. Is 4.2; 9.7; 53.2; Jr 23.5-8; 33.14-18; Zc 3.8; 6.12,13; Ap 5.5). A preexistência de Cristo é uma verdade vital inerente à sua designação como "raiz" e "ramo" de Davi (Mt 22.41-46; Jo 1.1,14). Mais uma vez, o aparente paradoxo de ser raiz e ramo só é resolvido no Deus-homem, Jesus Cristo.
- Ele seria investido de poder pelo **Espírito do SENHOR** que **repousar[ia] sobre ele** (Is 11.2). Em geral, no Antigo Testamento, quando Deus chama as pessoas para tarefas específicas, o Espírito do Senhor vem sobre elas de uma forma especial para permitir que realizem a missão (Jz 3.10; 11.29; 13.25; 1Sm 10.6,10; 16.13; 2Cr 20.14; Ez 11.5; Mq 3.8). O Messias teria a medida perfeita do Espírito, que nunca se afastaria dEle. As qualidades concedias pelo Espírito caracterizariam o reinado dEle (Is 9.6; 42.1; 48.16; 61.1,2; Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.21,22; 4.16-21; Jo 1.32,33; 14.16-18,23). A sabedoria é um atributo de todas as três pessoas do Deus triúno (Jo 12.13; Pv 2.6; 3.19; At 6.3,10; Rm 11.33; 1Co 1.24,30).
- Ele governaria com justiça (Is 11.3-5; cp. Ap 19.11). O Messias, ao contrário dos líderes corruptos de Israel, satisfaria o padrão ideal de um rei justo (Sl 72.1-20). Os seus julgamentos não seriam baseados em coisas externas, que podem ser enganadoras; ao contrário, esse Rei conheceria as obras do coração (cp. Jo 2.25). Os seus julgamentos seriam misericordiosos, e Ele cuidaria dos mais fracos da terra. Ele, ao mesmo tempo, **ferirá a terra com a vara** [heb. ***shēvet***, "bordão"; veja estudo da palavra Pv 13.24] **de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio** (Is 11.4; Ap 19.11-16). A qualidade moral do reino de um rei do Antigo Oriente Próximo poderia ser resumida em com ele tratava o pobre e o necessitado e se julgava corretamente ou era

influenciado pelo poderoso e rico. O Messias por vir seria perfeito de todas as maneiras.

Os que interpretam essa passagem de forma figurativa sugerem que a imagem seria tomada como descritiva do novo reinado de paz no reino humano. Os favoráveis à interpretação literal sugerem que o governo do Messias realizaria uma reversão completa das relações humana e natural caídas. Os predadores seriam juntos com as presas para ressaltar o fato de que o próprio instinto animal mudaria em um mundo onde não existem mais os efeitos da maldição (Is 11.6-8; cp. Gn 3.15; Rm 8.18-22). **Não se fará mal** [heb. ***ra'a'***, "fazer mal"] **nem dano algum**, um lembrete das declarações anteriores de Isaías referentes aos últimos dias (Is 11.9; cp. 2.4; 35.9; 65.25; Ez 34.24,25,28; Os 2.18; Zc 9.10). O motivo para a paz seria o fato de a terra estar cheia **do conhecimento do SENHOR** (Is 11.9). Esse período de paz sob o reinado direto do Messias ainda não foi cumprido. O cumprimento futuro aguarda a volta do Senhor Jesus e o estabelecimento do seu governo eterno (Ap 20.4; 21.1-4).

Isaías 11.10 serve como a transição entre as duas seções desse capítulo. A referência ao Messias ("raiz de Jessé") separa de forma efetiva a primeira seção pela sua similaridade com o versículo 1. O fato de que essa "raiz de Jessé" que seria **posta por pendão dos povos** aponta em direção ao resto da passagem. *Um **PENDÃO** (heb. **nēs**, "algo levantado, um emblema para ser visto à distância", Is 11.10,12) ou "estandarte" (Sl 60.4; Is 5.26; 31.9; Jr 4.6,21; 50.2; 51.12,27) era levantado, em geral, como um ponto de reunião, especialmente em um contexto militar. Quando se aproximava um exército invasor, a bandeira mostraria ao povo, ou tropas, onde se reunir. As distintas bandeiras identificavam grupos específicos — uma unidade militar, tribo ou nação — e a sua localização. Na batalha, a bandeira serviria não só como um ponto de reunião para o pessoal militar, mas também como o objeto para o qual as pessoas olhariam com esperança de vitória. O hino nacional dos Estados Unidos expressa essa ideia em relação à bandeira norte-americana. A esperança prevalece contanto que "nossa bandeira ainda estivesse lá".*

O Messias, como uma bandeira, atrairá as **nações** (heb. ***goyim***, a forma plural "povos", referindo-se tipicamente a grupos não hebraicos ou gentios, ou seja, as nações vizinhas pagãs) para si, além do **remanescente** (NVI; Is 11.11), ou seja, **os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá** (v. 12). No Novo Testamento, Paulo cita o versículo 10 como uma profecia indicando que o Senhor atrairia os gentios para si (Rm 15.8-12).

As nações mencionadas açambarcam os reinos conhecidos do tempo de Isaías, incluindo a **Assíria**, **Egito**, **Patros** (a sul, conhecida como Alto Egito), **Etiópia**, **Elão** (Pérsia), **Sinar** (Babilônia), **Hamate** (Síria) e as **ilhas do mar** (Is 11.11). Há opiniões variadas sobre o sentido de **pela segunda vez** (NVI, v. 11). Alguns sugerem que o êxodo do Egito seria considerado a primeira ocasião e que a "segunda vez" refere-se à volta do exílio babilônio. Outros estudiosos consideram que o contexto dessa passagem é o dos últimos dias. O Messias parece estar ativamente envolvido na reunião do seu povo, e Ele só veio depois da volta do exílio babilônio.

Essa profecia, mesmo com a vinda de Cristo, não parece ter sido completamente cumprida. Assim, a passagem parece referir-se a uma reunião futura do **remanescente do seu povo** (NVI) e uma futura subjugação das nações vizinhas (v. 11; cp. Rm 11.1,5,23-28). Embora a volta do cativeiro na Babilônia tenha fornecido uma medida de cumprimento, o cumprimento final perfeito iniciado pelo Reino de Jesus, o Messias, ainda está por vir (cp. Jr 23.7,8).

11.13.16 Quando o povo de **Efraim** (Reino do Norte) e **Judá** (Reino do Sul) voltassem, as antigas rivalidades terminariam (v. 13; cp. 9.20,21). Mais uma vez, eles seriam o povo unificado de Israel, habitando a Terra Prometida por Deus.

Hinos de louvor (12.1-6)

12.1-6 O capítulo 12, conectado à passagem precedente pela expressão **naquele dia**, contém cânticos de louvor jubilosos referentes à certa libertação por vir. Apesar do fato de que Israel como nação seria julgada, eles tinham esperança. O tema da salvação, reminiscente do cântico de Moisés após a libertação de Deus através do mar Vermelho (Êx 15.1-18), é proeminente aqui. *Isaías declarou que viria um dia em que o povo diria: "Eis que Deus é a minha **SALVAÇÃO**" (heb. **yeshu'ah**, significando "salvação" Is 12.2). A palavra **yeshu'a** é usada 78 vezes no Antigo Testamento¸ 19 ocorrências são encontradas em Isaías (12.2,3 [3x], 25.9; 26.1,18; 33.2,6; 49.6,8; 51.6,8; 52.7,10; 56.1; 59.11,17; 60.18; 62.1), e 45 ocorrências são encontradas em Salmos. A maioria das referências são claramente conectadas com a ideia de que a salvação foi provida por Deus. O Senhor, por intermédio de um mensageiro angélico, instruiu Maria e José a chamar o Messias de Jesus (gr. **Iēsous**, "Salvador", Mt 1.21,25; Lc 1.31; 2.21). Deus realizou a salvação por intermédio de Jesus, o Salvador.*

O povo viria, de fato, a confiar em Deus para a sua libertação. Se Deus era a salvação deles, por que temer? Ninguém pode derrotar o propósito do Senhor Deus. O povo reconheceria que Deus **tornou-se a [...] salvação** deles (v. 3). Essa fala contém um sentido profundo. O Senhor, após o êxodo, permanecendo acima da rocha em Massá e Meribá, proveu água da rocha para o povo (Êx 17.6,7; Nm 20.2-13). Paulo via a rocha como um símbolo de Cristo, que provia a bebida espiritual para o povo no deserto (1Co 10.4).

Além disso, Cristo referia a si mesmo como a fonte da água viva que proveria para dar vida eterna (Jo 4.7-14; 7.37-39; cp. Tt 3.4-7). A alegria incontrolável resultante da salvação seria expressa no louvor ao Senhor; o seu nome seria exaltado (Fp 2.9-11). Os habitantes **de Sião** foram exortados a regozijar-se porque **grande** é **o Santo de Israel** no meio deles (Is 12.6; cp. Ap 21.1-4,22,23).

O Julgamento e a Salvação (13.1——35.10)

A seção seguinte de Isaías inclui passagens que alternam entre oráculos e palavras de julgamento contra as nações e palavras de encorajamento referentes à salvação. Isaías observa que Israel, assim como as outras nações, seria julgada. Não obstante, todas as nações tinham esperança na salvação trazida pelo braço de Deus.

O Julgamento contra a Babilônia (13.1—14.23)

13.1-8 Esse **oráculo** (BJ; heb. ***massa'***, "pronunciamento"), claramente atribuído ao profeta **Isaías**, do século VIII, era **contra a Babilônia** (ARA; v. 1). A Assíria, até essa passagem, fora apresentada como o principal inimigo e ameaça. Na época de Isaías, a Assíria era o poder dominante, não a Babilônia. No entanto, o capítulo 39 indica que Deus revelou a Isaías que a Babilônia seria a nação que conquistaria Jerusalém no futuro. No Novo Testamento, o poder e o orgulho do Império Babilônico vieram a ser entendidos como um tipo (padrão) para aqueles que se oporiam a Deus (47.5-10; cp. Ap 14.8; 16.19; 17.1—18.24). Assim como Deus revelara a Isaías que a Babilônia conquistaria Judá, Ele também revelou que a retribuição certa cairia sobre o arrogante império. A soberania de Deus é central. Ele chamara os **santificados** e **valentes** separados para serem usados como **armas da sua ira** (NVI; Is 13.3,5).

13.9-18 *O* ***DIA DO SENHOR*** *(heb.* ***yom-YHWH****) é um tema que aparece com frequência em várias obras proféticas (v. 9; cp. Jl 1.15; 2.1,11; 3.14; Am 5.18,20; Ob 15; Sf 1.7,14; Zc 14.1-15; Ml 4.1,5; 1Ts 5.1-4; 2Pe 3.10-13; Ap 6.12-17). As referências ao "dia do SENHOR" incluem a imagem do Senhor vindo em vingança para executar julgamento sobre o mundo todo. A sua vinda é acompanhada de agitação cósmica. Muitas vezes, as trevas são conectadas ao "dia do SENHOR" (Is 13.10; cp. Jl 2.1,2,10,31; Am 5.18,20; Sf 1.15; Ap 6.12). O "dia do SENHOR" indica um tempo em que Deus consertará o mundo, quando Ele, finalmente, derrotará o injusto e vindicará o justo. O "dia do SENHOR" é frequentemente conectado à época dos últimos dias em que Deus julgaria e puniria os perversos de forma permanente (Is 13.11; Jl 1.15; 3.1-16; Ob 15; Sf 1.8,9,12; Ml 4.1; Ap 20.11-15).* Essa passagem pode ser uma declaração figurativa concernente apenas à queda do Império Babilônio no século VI, ou talvez tenha em vista uma profecia ainda futura. Alguns estudiosos acreditam que a passagem encontra o seu cumprimento completo na destruição da Babilônia por Ciro, do Império Medo-Persa, em 539 a.C. (Is 13.17; Jr 51.11; Dn 5.28,31).

No entanto, talvez permaneça um cumprimento final futuro considerando o "dia do SENHOR" e a própria Babilônia ou uma "Babilônia" tipificada. A descrição do "dia do SENHOR" parece referir-se ao julgamento que envolve poderosos eventos cósmicos para o mundo (Is 13.9-16) com o resultado de que os homens seriam destruídos — eles seriam **mais raro[s] do que o ouro fino de Ofir** (v. 12; a localização exata de "Ofir", embora desconhecida hoje, era claramente a fonte de um ouro muito raro e precioso).

Essa passagem está mais de acordo com os relatos de Apocalipse concernentes aos últimos dias (Ap 6.8; 9.15,18) do que com a destruição da Babilônia. A conquista da Babilônia (539 a.C.) foi rápida e relativamente tranquila (Dn 5.30,31). Ciro, segundo o relato (reconhecidamente publicitário) preservado em um artefato conhecido como o "Cilindro de Ciro", parece ter entrado na cidade com pouca resistência. Ele observou especificamente que impediu as suas tropas de causar qualquer dano. O relato de Heródoto, historiador grego do século V a.C., provavelmente é mais verdadeiro para efeitos deletérios; contudo, ainda não registra danos abrangentes como os descritos nessa passagem (veja notas, Is 44.28).

Em 539 a.C., a Babilônia não foi toda saqueada e nem parece ter sido queimada. A cidade manteve muito prestígio, e a sua população permaneceu ali. Danos mais abrangentes ocorreram durante as rebeliões

contra Dario I e Xerxes, governantes posteriores da Pérsia. Alguns argumentam que a cidade, em última análise, caiu em desespero e foi, por fim, completamente abandonada, cumprindo a profecia. A cidade tem estado praticamente abandonada desde o século II a.C.

13.19-22 A Babilônia, por fim, quer fosse a cidade literal da Antiguidade, quer fosse o símbolo de uma sociedade em rebelião contra Deus, seria totalmente destruída. Seria um fim rápido, violento e irascível reminiscente de **Sodoma e Gomorra** (v. 19; Gn 19.24,25,28). Deixada em total desolação, apenas **as feras** (Is 13.21) iriam para esse local; aves impuras e **bodes selvagens** [NVI; heb. ***sa'ir***, "bode, demônio", veja Ap 18.2] **[...] hienas [...] e os chacais** (NVI; Is 13.20-22; cp. 14.23; 34.9-15; Lv 11.13-19). Essa passagem, com certeza, parece aplicar-se em parte à futura destruição da "Babilônia" mencionada no livro de Apocalipse (Jr 50.39,40,51; Ap 14.8; 16.19; 17.1-18,24), que inclui algumas das mesmas imagens usadas por Isaías para descrever uma terra completamente abandonada por Deus.

14.1-2 A linguagem dessa passagem ecoa o primeiro êxodo quando Deus tirou Israel da escravidão egípcia e levou a nação para a terra de Canaã. A promessa de Deus para o remanescente de israelitas era que **ainda elegerá a Israel** e que **o porá na sua própria terra**. De forma notável, **os estrangeiros se juntarão a eles e farão parte da descendência de Jacó** (NVI). ***ESTRANGEIROS*** *(heb.* ***gēr****, "residente temporário, estrangeiro") poderia denotar qualquer um que habitasse em uma terra que não fosse a sua, bem como uma pessoa separada da sua família. Os patriarcas e os israelitas foram chamados de estrangeiros em várias épocas. No caso de estrangeiros habitando em Israel, os estrangeiros, sob a Lei, compartilhavam certos direitos com os israelitas nativos, como o direito ao descanso do sábado, direitos similares aos das viúvas e órfãos, bem como direito à justiça, ao respeito e ao cuidado (Lv 19.33,34; 25.35; Nm 15.14-16; Dt 10.18; 14.29; 24.17,19-21; 27.19). Eles eram responsáveis por seguir a maioria das leis dos israelitas e podiam enfrentar as mesmas penalidades (Lv 17.8-13; 18.26; 20.2; Nm 15.29,30; Js 20.9). Todavia, certos direitos, como o de celebrar a Páscoa, não seriam conferidos a eles a menos que se tornassem completos prosélitos (Êx 12.48).*

Esses estrangeiros que se juntaram a Israel compartilhariam os direitos dos israelitas nativos. Mais tarde, Isaías registra que esses estrangeiros teriam "um nome, melhor do que o de filhos e filhas" (Is 56.3-7; Ez 47.22,23). Isso continua a ser verdade para todos os cristãos não judeus em Jesus. Israel, tanto o remanescente quanto aqueles que se juntaram a eles, nesse dia

dominarão os seus opressores (veja Is 60.12,14). Os israelitas, após o cativeiro na Babilônia, tiveram permissão para voltar para a terra de Israel. Esse êxodo da Babilônia e de volta à terra também pode prefigurar uma volta e restauração maiores. O Novo Testamento observa que haverá um remanescente salvo de crentes israelitas que se unirão aos gentios salvos que foram "enxertados" na oliveira, significando o povo da aliança de Deus (Rm 11.17,23,24).

A forma como os gentios são trazidos para ser "concidadãos dos Santos" é "pelo sangue de Cristo" (Ef 2.8-22). Todas as pessoas podem aceitar pela fé o dom gratuito da salvação fundamentada no derramamento do sangue de Cristo como pagamento pelo pecado. Essa Boa Nova é a libertação suprema da escravidão. A salvação é oferecida a todos, "primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16). No futuro, quando o Senhor voltar para estabelecer o seu Reino em Sião, os cristãos israelitas e os que se juntaram a eles serão conhecidos como o seu povo (Zc 2.11).

14.3-8 Uma vez que o povo fosse liberto da sua escravidão, eles refletiriam sobre a queda do seu antigo opressor, **o rei da Babilônia** (v. 4). O cântico seguinte está na forma de um hino fúnebre transformado pelo conteúdo em um cântico de escárnio contra o rei babilônio. Em vez das palavras de pesar esperadas, há palavras de celebração pela queda desse rei.

Não obstante, nenhum único rei assírio ou babilônio, com base na história, parece satisfazer todas as características e atos registrados. Alguns, observando essa falta aparente de cumprimento em um único rei, argumentam que a passagem é figurativa, de modo que o "rei" representa o rei babilônio, que incorporava o orgulho e desafio contra Deus.

O ponto da passagem é que só Deus é onipotente e soberano. O Senhor quebraria **o bastão dos ímpios** (Is 14.5).

14.9-11 O **Sheol** (NVI), lugar do morto, é personificado como ansioso pela chegada do rei babilônio derrotado. Em uma paródia de uma corte real, os **reis das nações**, que precederam o rei babilônio na morte, levantam-se na sua presença (v. 9). Alguns sugerem que os comentários deles ridicularizavam o governante caído. Outros tomam a resposta deles como procedendo do choque e espanto de que alguém tão poderoso terminaria exatamente como eles estavam. O grande e temido governante terminaria sendo tão fraco quanto todos os outros mortais. O **som dos teus alaúdes** indica as luxúrias a que os mais prósperos têm acesso (v. 11). A vida do governante, rodeado pela **soberba**, pompa e luxúria terrenas,

terminaria de forma vergonhosa. **Larvas** e **vermes** (NVI) seriam os seus novos auxiliares (v. 11).

14.12-15 Isaías, a seguir, resume o orgulho e a arrogância absolutos do governante. Ele dirige-se ao governante como **brilhante estrela da manhã** (NTLH; heb. ***ben-shachar***, "filho da alvorada") e continua **como foste lançado por terra**! A palavra ***BRILHANTE*** *(heb.* ***hēlēl****) é traduzida de várias maneiras. Duas raízes hebraicas dão origem a essa palavra:* ***halal*** *(heb., "brilhante" ou "louvor, ser arrogante") ou* ***yalal*** *(heb., "uivar"). Se* ***hētēl*** *é uma forma verbal no imperativo de* ***yalal****, a tradução poderia ser "uiva, estrela da manhã" (cp. Ez 21.12; Zc 11.2). Muitos estudiosos, contudo, tomam a palavra em Isaías 14.12 como um substantivo derivado de* ***halal****, que significa "brilhante, estrela da manhã", referindo-se à estrela mais brilhante do céu, que a maioria hoje considera que é Vênus. Quando Jerônimo traduziu a palavra na Vulgata, em latim, ele escolheu a palavra* ***lúcifer*** *(lat., "portador da luz, estrela da manhã"). De maneira similar, a palavra usada na Septuaginta (LXX) significa "estrela da manhã" (gr.* ***eōsphoros****). Em 2 Pedro 1.19, a palavra similar* ***phōsphoros*** *(gr. "estrela da manhã") é aplicada a Jesus, que era tudo o que esse ser orgulhoso não era.*

Os mitos cananeus incluíam histórias sobre deuses inferiores tentando suplantar outros deuses. Talvez Isaías soubesse dessas histórias e usasse as imagens delas para apresentar o seu ponto, embora não atribuindo mérito ao valor desses mitos. Isaías observa que esse homem pretendia exaltar a si mesmo à posição de ser igual a Deus. Isaías expressa o desejo arrogante do governante usando cinco frases que indicam a sua intenção. Isso ecoa o relato de Babel (Gn 11.1-9), provocando o julgamento de Deus, uma das primeiras imagens da arrogância humana.

- **Eu subirei ao céu** (Is 14.13) é espelhado no comentário no versículo 14 (cp. 2Sm 22.14; Jó 22.12; 26.9).
- **Acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono** (Is 14.13). Ele pretendia governar até mesmo sobre os seres angélicos (cp. "filhos de Deus", Jó 38.7; "exército dos céus", Dn 8.10).
- **No monte da congregação, me assentarei** (Is 14.13). Ele pretendia alcançar divindade (cp. 1Rs 22.19-22; Jó 1.6-12; 2.1). No entanto, a maioria dos estudiosos enfatiza que o sentido está relacionado ao conceito cananeu da "congregação" da perspectiva do governante arrogante. Na erudição cananeia, a congregação dos deuses era mencionada com frequência como se reunindo no monte Safon, agora identificado como

Jebel el-Aqra, uma montanha na Síria. O monte Safon era considerado o lugar de habitação dos deuses El e Baal. O ponto é a arrogância do rei humano que tentava alcançar as alturas de Deus.

- **Subirei acima das mais altas nuvens** que tanto os cananeus quanto os israelitas consideravam como o domínio da divindade (Is 14.14; cp. 19.1; Êx 19.9; 2Sm 22.10-12; Sl 18.11,12; 68.4; 104.3).
- **Serei semelhante ao Altíssimo** (Is 14.14). Ele tentaria tornar-se igual a Deus. Jesus foi acusado disso pelos fariseus. Contudo, só em relação a ele isso é verdade — não blasfema.

Isaías contrasta de forma incisiva os desejos soberbos do governante com o seu destino derradeiro. Ele, do alto das suas aspirações, seria jogado nas profundezas do **Sheol** (NVI), **ao mais profundo do abismo** (heb. ***bor***, "prisão, tumba", v. 15; cp. 24.22; 38.18; Sl 28.1; 143.7).

14.16-21 Todos que vissem a queda desse rei contemplariam e considerariam o destino do **varão que fazia estremecer a terra** com as suas obras (v. 16). Esse homem que causou grande angústia ao mundo abalando as nações, destruindo os domínios naturais e os produzidos pelo homem e que se recusava a **deix[ar] que os seus prisioneiros voltassem para casa** (NVI) sofreria um destino ignóbil (v. 17). Na morte, o seu corpo não seria tratado com a honra de um ser humano, muito menos de um rei. A falta de um sepultamento apropriado era uma desgraça no Antigo Oriente Próximo. O corpo morto do governante seria jogado ao solo, coberto por corpos mortos de outros que sofreram um fim violento e inglório ***como*** **os que descem ao covil de pedras** (v. 19). Não seria mostrado nenhum respeito por causa da sua malignidade até mesmo com o seu próprio povo.

14.22,23 Deus, ao lidar com as declarações arrogantes do governante da Babilônia, apresenta uma série das suas próprias declarações em relação à intenção. O Senhor dirige o seu julgamento à Babilônia como nação, e não apenas ao seu governante. Alguns sugerem esse detalhe como outra razão para entender os versículos precedentes referentes ao orgulho do governante como figurativos, o que certamente pode ser o caso concernente ao passado. No entanto, a possibilidade de a imagem do governante funcionar por desígnio divino como um tipo para o futuro "filho da perdição" não deveria ser rejeitada (2Ts 2.3-10). O ponto é que Deus destruiria totalmente a Babilônia, a nação que se opusera a ele. O Senhor,

em contraste contundente com o seu plano para salvar um remanescente de Israel, declarou que não pouparia nem mesmo um **resídu[o]** da Babilônia. Tudo seria destruído, e a terra tornar-se-ia **pantanosa** (NVI). A nação seria tratada com o mesmo desrespeito com que seria o corpo do rei: o Senhor **varrê-la-[ia]** como lixo.

O Julgamento contra a Assíria (14.24-27)

14.24-27 A Babilônia era uma ameaça distante, já a Assíria era uma ameaça iminente. Contudo, Deus, no caso dos dois poderes militares, estava no controle firme e soberano. O Senhor observou: **Como pensei, assim sucederá; e, como determinei, assim se efetuará** (v. 24). A queda da Assíria acorreria bem antes da queda da Babilônia e fornece evidência de que os planos futuros de Deus também seriam executados. O Senhor garantiu a Israel que **quebrantar[ia]** o poder da Assíria; a nação inimiga encontraria a derrota nas **montanhas** de Deus (plural também no hebraico).

Talvez isso seja uma referência ao anjo da futura destruição do Senhor de 185 mil soldados assírios acampados na terra (c. 701 a.C.; 37.36-38; cp. 2Rs 19.35-37). Quando a Assíria caísse pelo desígnio de Deus, o **jugo [...] e a sua carga** seriam **tirados** (NVI) de Israel (Is 14.25; cp. 9.4; 10.27). Essa profecia contra a Assíria encerra-se do mesmo modo como se iniciara, firmemente focada no plano soberano de Deus. Como só Deus é Todo-poderoso, ninguém pode frustrar os seus planos. Israel e o resto das nações estavam asseguradas de que, se o Senhor disse que algo aconteceria, isso aconteceria.

O Julgamento contra a Filístia (14.28-32)

14.28-32 O rei Acaz morreu por volta de 715 a.C. Deus, por causa da infidelidade dele, permitiu que as nações vizinhas, incluindo cidades da Filístia, atacassem Judá durante o seu reinado (2Cr 28.16-19). A Filístia foi organizada em torno de cinco cidades (Gaza, Asdode, Asquelom, Gate e Ecrom), cada uma governada pelo seu respectivo rei (Js 13.3; Jz 3.3). Ezequias, mais tarde, conseguiu subjugar os filisteus (2Rs 18.8). Estes provavelmente exultaram com a morte de Acaz, porque este auxiliara os assírios, e a sua morte enfraqueceria o controle assírio na região. Tiglate-

Pileser III, rei da Assíria, causou sérios prejuízos para a Filístia, junto com as nações vizinhas, na sua campanha (734-732 a.C.). Os sucessivos reis assírios lideraram campanhas contra os filisteus, cujas cidades eram estrategicamente localizadas ao longo da estrada principal que ia da Assíria para o Egito e ficava entre a costa mediterrânea e Judá.

Embora alguns intérpretes tentem ligar esse oráculo à morte de um líder assírio, o cenário mais provável é que, na morte de Acaz, a Filístia, junto com o Egito, tentou convencer Ezequias a juntar-se a eles na rebelião contra uma Assíria temporariamente enfraquecida após a morte de Salmaneser V (c. 722/721 a.C.; cp. Is 14.32). Deus advertira Ezequias para não fazer alianças, mas, sim, para depender dele para a libertação (30.1-7).

Os filisteus foram advertidos que surgiriam opressores muito piores, progredindo de uma **cobra** para uma **víbora** (NVI; heb. ***tsepha'***, "serpente venenosa") e, depois, **serpente ardente, voadora** (heb. ***saraph***, "serpente ardente", 14.29; cp. Nm 21.6). Os **pobres** e os **necessitados** referem-se ao povo de Judá, um remanescente que Deus pouparia da mão da Assíria (Is 14.30). Em contraste, os **resíduos** da Filístia seriam **destruídos** (v. 30). Qualquer mensageiro da Filístia para Judá seria recusado. A **Sião** provida por Deus seria o **abrigo** para o seu povo, e não para uma aliança pagã (v. 32). Entre 714 e 711 a.C., uma rebelião dos filisteus provocou um ataque renovado dos assírios pelo norte ordenado por Sargão II e levando à captura de Asdode e Gate (Is 20.1).

O Julgamento contra Moabe (15.1—16.14)

15.1-9 A nação moabita descendia de Moabe, filho de Ló da sua união incestuosa com a sua filha mais velha (Gn 19.31-37; Dt 2.9). Moabe, localizada a oeste de Judá do outro lado do mar Morto, fora um espinho no lado de Israel desde antes da conquista de Canaã (Nm 22.1-7; 25.1-3; Js 24.9; Jz 3.12-14; 1Sm 12.9; 1Rs 11.7). Os moabitas adoravam Quemos nos **lugares altos** (heb. ***bamah***, Is 15.2; veja estudo da palavra 1Rs 3.2). Esses eram lugares de adoração muitas vezes localizados nos topos dos montes, mas podiam ser associados com outras áreas separadas para a adoração em uma cidade ou outro lugar. Algumas práticas cultuais nos "lugares altos" incluíam a apresentação de ofertas de incenso ou sacrifícios, oração e, às vezes, prostituição cultual. Os moabitas, embora fossem religiosos, adoravam um deus falso. Quemos, no momento de angústia deles, não seria

de nenhuma ajuda (Nm 21.29; 1Rs 11.7; 7.33; Is 16.12; Jr 48.7,13). Em última análise, os moabitas teriam vergonha do seu deus (Jr 48.13).

Quando Isaías menciona as cidades moabitas, ele enfatiza o desespero geral que ocorreria em toda a terra quando as cidades caíssem diante dos seus opressores e quando o povo fugisse aterrorizado. Os moabitas chorariam nos seus lugares santos sem sucesso (Is 15.2; cp. 16.12). A passagem enfatiza muitíssimo o **chorar** e o clamar com onze referências a clamor. Há o uso de quatro palavras hebraicas diferentes para transmitir a desolação total de um povo abandonado:

- **chorar** (heb. ***beki***, 15.2,3,5; cp. Gn 45.2);
- **uivando** (heb. ***yalal***, "clamar, lamentar, uivar", Is 15.3,8);
- **clamam** (heb. verbo ***za'aq***, "exclama", em especial na expressão de dor, queixa e pedido por ajuda, vv. 4,5; cp. 14.31; 26.7); **pranto** (heb. substantivo ***za'aq***, "clamor, grito de desespero", 15.5,8; cp. Ne 9.9; Et 4.1; Jr 50.46; Ez 27.28); e
- **gritando** (heb. ***rua'***, "clamor em aflição, grito", Is 15.4).

As cabeças e barbas **raspadas** (NVI) e **panos de saco** eram sinais comuns de pesar (v. 2).

Até mesmo o **coração** [do falante] **clama por causa de Moabe** (v. 5; cp. 16.9,11; Jr 48.31-33,35,36). Quem é o falante — o Senhor ou Isaías? Em outras referências na primeira pessoa mescladas na mesma passagem, o falante é, claramente, o Senhor (Is 15.9; 16.10). O profeta, muitas vezes durante as passagens proféticas, fala em unidade com o coração de Deus. A compaixão e a empatia refletidas teriam sido as reações de Deus ao fracasso de Moabe em buscá-lo em meio ao seu sofrimento. O Senhor expressou compaixão noutras ocasiões (2Cr 36.15,16; Os 11.8; Jn 4.11; Mt 23.37,38; Jo 11.33-38). A empatia do Senhor referente ao sofrimento do povo é expressa por intermédio das palavras de Isaías. Contudo, os moabitas, conforme o capítulo 16 elabora, provocaram a própria destruição por causa do seu orgulho, autoconfiança e contínua dependência de falsos deuses, em vez de depender do Senhor Deus Altíssimo. Por essa razão, o povo fugiria dos invasores carregando **a riqueza que adquiriram e armazenaram [...] para além do riacho dos Salgueiros** (NVI), identificado comumente como a fronteira entre Moabe e Edom ao sul (Is 15.7). O

Senhor observou que até mesmo mais julgamento estava à espera do remanescente.

16.1-5 Moabe foi admoestada a voltar-se para o governante de Judá em busca de refúgio. Os moabitas foram informados para **envia[r] o cordeiro [...] até ao monte da filha de Sião** (v. 1). O tributo era enviado para os governantes como um sinal de submissão do reino vassalo e também quando eram feitos pedidos por proteção (2Sm 8.2; 2Rs 3.4; 16.7,8; 18.14,15). Por fim, os moabitas perceberiam que a ajuda não poderia vir dos seus deuses falsos nem deles mesmos; eles precisariam depender do governante de Sião.

A derrota do **dominador** prefacia o estabelecimento final do futuro reinado messiânico (Is 16.4). O versículo 5 soa com a esperança do futuro governante messiânico ideal a partir de Sião. Alguns sugerem que Ezequias cumpriu isso como um governante justo. Contudo, o cumprimento, conforme o versículo deixa claro, tem de ser aplicado àquele que **se assentará** no trono para sempre (v. 5). É apenas no reinado do Senhor Jesus que essa passagem encontrará o seu cumprimento final (2Sm 7.16; Sl 72.2-17; Is 9.6,7; 32.1; 55.4,5; Dn 7.13,14; Am 9.11,12; Ap 11.15). Israel encontraria refúgio não só no Senhor, como também em todas as nações que se submetem a ele (Is 2.1-4; At 15.11,16,17). Tornar o Messias de Israel a esperança de Moabe é relevante. Todas as esperanças para o futuro colocadas em qualquer coisa ou qualquer um que não o Messias de Israel é vão. Mas a esperança no Messias é boa para todas as nações, independentemente da etnia. Isaías, por bons motivos, é chamado o profeta para os gentios.

16.6-14 Esses versículos, em contraste com a imagem futura da humildade e submissão de Moabe ao Messias, salientam a **soberba** (NVI) e a **arrogância** (NVI) que levaria à punição de Moabe, que, como a Babilônia, seria destruída, e o seu território, completamente devastado (v. 7). A imagem da vinha **pisotea[da]** (NVI; heb. ***halam***, "pisar, golpear", v. 8) parece simbolizar a desolação de Moabe. O resultado da devastação operada pelas nações seria o pranto, em vez da alegria com a colheita. Sem colheita, **o pisador não pisará** [heb. ***darak***, "pisar, marchar"] **as uvas nos lagares** (v. 10). Moabe, em contraste com a Babilônia e a Filístia, teria alguns sobreviventes, embora fossem **poucos e fracos** (NVI, v. 14; Jr 48.47). Veja também outras profecias concernentes a Moabe (Is 11.14; 25.10-12; Jr 27.3-6; 48.1-47; Ez 25.8-11; Am 2.1-3; Sf 2.8-11).

O Julgamento contra a Síria (17.1-3)

17.1-3 Isaías mais uma vez usa profecias contra a Síria e Israel, parceiros de coalisão que ameaçavam a segurança de Judá. **Damasco**, o coração e capital da Síria, tornar-se-ia **um montão de ruínas**, o que ocorreu quando a Assíria, sob o reinado de Salmaneser, conquistou a cidade em 732 a.C. As **cidades de Aroer**, no distrito a oeste do mar Morto, além de Moabe nas fronteiras de controle sírio, seriam **abandonadas**. O **resíduo da Síria** foi comparado com a **glória** [heb. ***kavod***, "glória, abundância"] **dos filhos de Israel**.

O Julgamento Referente a Israel (17.4-14)

17.4-14 Como seria **a glória de Jacó** (v. 4)? Uma imagem com três palavras transmite a futura condição deles:

- um corpo **emagrec[ido]** (TB; heb. ***razah***, "deixar magro"), ou seja, diminuído em tamanho e força como uma doença prolongada faz o corpo saudável definhar (v. 4);
- um campo colhido — como os campos produtivos no **vale dos Refrains** a oeste de Jerusalém — dificilmente deixando algum grão para trás (vv. 5,6; Lv 19.9; 23.22); e
- **como no sacudir da oliveira** sobram algumas azeitonas para respiga (Is 17.6; Dt 24.20).

O ponto era que Israel e a Síria ficariam fracas e diminuiriam em número. Damasco, em 732 a.C., cairia para os assírios liderados por Salmaneser. Samaria, a capital das tribos do norte, também foi cercada por Salmaneser durante três anos e caiu para Sargão, o seu sucessor, em 722 a.C. (2Rs 17.5-6; 19.9-11). Depois das subsequentes deportações, restou apenas um pequeno remanescente no Reino do Norte. Quando o julgamento de Deus viesse, apenas um remanescente sobreviveria.

Ao mesmo tempo, **naquele dia os homens** (NVI, heb. ***'adam***, "homem, humanidade, espécie humana"), por fim, olhariam **para o seu Criador** (Is 17.7). "Criador" não se refere a um conceito genérico de Deus como um poder divino anônimo. "Criador", de acordo com a declaração paralela, é sinônimo de **Santo de Israel** (v. 7; cp. 1.4; 30.15; 2Rs 19.22).

As pessoas, ao invés de voltarem-se para ídolos inanimados e altares não autorizados, **obra das suas mãos**, reconheceriam mais uma vez a Deus e apegar-se-iam a Ele, que os criou junto com toda a criação (Is 17.8; veja Dt 4.28-31; 28.64; 32.17,18,39; Jr 2.27).

ASERÁ[S] *eram imagens de madeira, em árvores ou postes, associadas com os ritos usados na adoração pagã de Aserá, uma deusa cananeia da fertilidade sendo adorada por israelitas infiéis. Na literatura cananeia, ela era descrita às vezes como a esposa de El, o deus superior do panteão, e, às vezes, como a esposa de Baal. Deus ordenara ao seu povo para destruir essas imagens proibidas (cp. Êx 34.13; Dt 7.5; 12.3; 16.21; Jz 3.7; 6.25-30; 1Rs 14.15,23; 15.13; 16.33; 18.19; 2Rs 13.6; 17.10,16; 18.4; 21.3,7; 23.4.6,7,14,15; 2Cr 14.3; 15.16; 17.6; 19.3; 24.18; 31.1; 33.3,19; 34.3,4,7; Is 27.9; Jr 27.2; Mq 5.13).*

Muitos estudiosos identificam o cumprimento dessa passagem que acontece entre o remanescente das tribos do norte após a destruição e exílio de Samaria, em 722 a.C. Ezequias, durante as suas reformas, convidou-os a voltar ao Senhor reunindo-se na celebração da Páscoa no Templo em Jerusalém. Alguns rejeitaram o convite, enquanto outros participaram (2Cr 30.1-11). Outros estudiosos observam que o vocabulário do versículo, especificamente a menção à humanidade como olhando para Deus, também parece referir-se à futura e mais global volta ao Senhor.

Embora o remanescente, no fim, rejeitasse os deuses falsos, ainda teria de sofrer as consequências do seu pecado anterior. Pois, **naquele dia**, em toda a terra, **tudo será desolação** (NVI; heb. ***shemamah***, "devastação", Is 17.9; cp. 1.7; Lv 26.33). O oráculo identifica o motivo para a punição de Israel: **te esqueceste** [heb. ***shakach***, "cessar ou deixar de lembrar, negligenciar ou desconsiderar de propósito"; cp. Dt 6.12; 32.18; Jz 3.7; Is 51.13] **do Deus da tua salvação** (Is 17.10). **Não te lembraste** (heb. ***lo' zakar***, "não lembrar, trazer a mente", v. 10; cp. 12.4; 44.21; 46.8,9; 57.11) do teu Redentor Altíssimo, de quem a existência e identidade deles dependia. Conforme as maldições da aliança esboçadas em Deuteronômio, os israelitas, caso se esquecessem do Senhor e dos seus mandamentos, sofreriam perda (Dt 4.9,23-27; 6.12-17; 8.11-20). O povo de Deus havia-o tirado voluntariamente da sua vida.

No livro de Isaías, a palavra ***ROCHA*** *(heb.* ***tsur****, "rochedo íngreme") é usada no sentido literal (e.g., Is 2.10) e figurativo (e.g., 8.14). A palavra "rocha" era usada para lugares rochosos de refúgio e fortalezas para os quais os foragidos podiam retirar-se e a partir dos quais as batalhas podiam ser travadas. Uma rocha era uma base sólida que não*

cederia. A metáfora convida a audiência a comparar essas características da "rocha" com os traços do caráter de Deus. A expressão "rocha da tua fortaleza" — ecoando a referência repetida a Iavé como a "Rocha" de Israel no cântico de Moisés (Dt 32.4,15,18,30,31; cp. Hb 1.12) — refere-se ao Senhor. Qualquer deus pagão era chamado de forma sarcástica de "rocha" ineficiente (Dt 32.31,37), enquanto Iavé, o Deus de Israel, era a única "Rocha" segura — que é forte, poderosa, imutável e completamente confiável (Dt 32.30). A metáfora aparece com frequência no Antigo Testamento, especialmente na sua poesia (e.g., 1Sm 2.2; 2Sm 22.2,32,47; 23.3; e pelo menos 26 vezes em Salmos, incluindo Sl 18.2,31,46; 62.2,6-8; 78.35; 89.26; 144.1). Em Isaías, o Senhor também era:

- "pedra de tropeço" (Is 8.14);
- "uma rocha eterna" (26.4);
- "Rocha de Israel" (30.29);
- a "Rocha" como o único Deus (44.8);
- "a rocha" da origem de Israel (51.1; cp. Dt 32.4).

Jesus também era identificado com essa mesma imagem de rocha (Rm 9.32,33; 1Co 10.4; 1Pe 2.8). Paulo, claramente, identificava Cristo como sendo a "rocha" no deserto, e todo o entendimento da imagem, como em Deuteronômio 32, podia ser aplicado. Jesus era e é a Rocha única, a fonte da força e salvação.

Uma vez que o povo esquecera-se do seu Deus, ele poderia até **planta[r] plantas formosas**, mas não se beneficiaria da colheita (Is 17.10). Em vez disso, tudo o que tentasse com a sua própria força **voar[ia] no dia da tribulação e das dores insofríveis** (v. 11; cp. 18.5).

Isaías comenta rapidamente o destino daqueles que seriam usados por Deus para disciplinar os filhos de Israel. Ele observa a ferocidade e turbulência **das nações** vindo contra a terra e a promessa de que elas, embora rujam **como rugem as muitas águas**, no fim, seriam detidas por Deus (17.12,13). As nações espoliariam Israel, mas o reinado delas seria breve — elas também seriam derrotadas, possivelmente uma referência à destruição e ao desaparecimento durante a noite do exército assírio (37.36,37; cp. 2Rs 19.35,36; 2Cr 32.21).

A Profecia Referente à Etiópia (18.1-7)

18.1-3 Durante o tempo de Isaías (c. 715 a.C.), os etíopes assumiram o controle do trono do Egito. A Etiópia (também denominada de Cuxe, país localizado na África a sul do Egito) e o Egito unidos tentaram incitar uma rebelião entre as províncias controladas pelos assírios até que perderam batalhas-chave, incluindo uma batalha com Esar-Hadom (671 a.C.). Mais tarde, eles sofreram uma derrota decisiva para Assurbanípal (663 a.C.), perdendo, assim, o controle sobre o Egito (20.4; 37.9; cp. 2Rs 19.9).

Nessa passagem, Isaías retratou a Etiópia enviando **embaixadores por mar**. O destino deles não é declarado, porém muitos estudiosos sugerem que os embaixadores foram até Ezequias, em Jerusalém, pedir a sua ajuda na revolta contra os assírios. A frase **ide, mensageiros velozes** é entendida pela maioria como a resposta para o povo da Etiópia (Is 18.2). Todos os **habitantes do mundo** foram chamados para prestar atenção quando vários movimentos militares começaram e para observar a posição de Deus (v. 3).

18.4-6 O Senhor, em contraste agudo com o intenso tumulto dessas conspirações de rebelião, comentou que **estar[ia] quieto, olhando desde a** sua **morada** (v. 4), como a energia da tempestade acumula-se até estar preparada para irromper (25.5). O Senhor, no controle soberano da caótica situação militar, aguarda até o momento em que **a floração está no fim** (TEB) e os ramos ficam carregados de uvas **amadurec[idas]**, quando os planos dos homens estiverem prontos para aparecer (18.5). Nesse ponto, ele **cortará os brotos com a podadeira**, e os ramos serão totalmente removidos. No versículo 6, a imagem muda, intensificando o sentido do versículo 5. As **aves de rapina** e os **animais da terra** não se alimentam de casca de árvore morta, mas, sim, de carne. Uma vez que o tempo determinado por Deus chega, o poder militar dos povos e nações seria cortado e destruído, os seus corpos ficariam expostos para os predadores do mundo natural. Qualquer ideia que Israel tivesse de unir-se à Etiópia em aliança deveria ser detida por essas palavras.

18.7 Após a poda (18.5,6), houve **um presente ao SENHOR dos Exércitos** de pessoas a quem o texto de 18.2 refere-se (cp. 45.14; Sl 68.29-31). O Senhor estaria no monte Sião, o **lugar do nome do SENHOR dos Exércitos**, uma referência explícita a Jerusalém como o lugar predito durante a errância no deserto em que o Senhor colocaria o seu nome (Dt 12.5-11; 1Rs 8.16-21,29,44,48; 9.3; 2Cr 6.5-10; 7.15,16; 12.13).

Correspondendo a Isaías 18.7, Ezequias pareceu receber presente de várias nações após a retirada do exército (2Cr 32.23).

Um possível cumprimento futuro corresponderia a outras referências bíblicas referentes ao fim da era. Os temas dessa época são os mesmos. O mundo estaria em tumulto com guerras e planos de guerras (Mt 24.6,7; Ap 16.14-16). Ali estaria uma futura colheita (Ap 14.14-20). Os exércitos em rebelião contra Deus seriam totalmente derrotados, com os seus corpos expostos a abutres durante meses (Is 66.24; Ez 39.12-20; Ap 19.17,18). O Senhor reinaria de Sião (Ez 48.35; Jl 3.17,21; Zc 8.20-23; 14.16).

O Julgamento contra o Egito (19.1-15)

19.1-4 Isaías registra a seguir um oráculo explícito contra o Egito, fornecendo mais motivos para Judá resistir à formação externa de alianças com o Egito (e, por conseguinte, com a Etiópia). O Senhor foi descrito como indo para o Egito cavalgando **em uma nuvem ligeira** (v. 1; veja nota sobre Is 14.4). A presença dEle no Egito espalharia terror. Os egípcios tinham base para temer; Deus lidara com o Egito antes em relação ao seu povo escolhido (Gn 12.17; Êx 5; 7.1—11.10; 12.29-33; 14.1-30). Deus ocasionaria um conflito civil interno, e os egípcios terminariam lutando uns contra os outros. Os estudiosos indicam que, na época de Isaías, o conflito interno no Egito era prevalente, pois a Etiópia lutava para controlar o Egito propriamente dito.

Os egípcios, na sua frustração, **consultar[iam] os seus ídolos** [heb. ***'elil***], **e encantadores** [heb. ***'at***, "alguém que fala suavemente, encantador ou mágico"]**, e necromantes** [heb. ***'ov***; veja estudo da palavra Is 8.19]**, e feiticeiros** (ARA; heb. ***yidde'oni***; veja o estudo da palavra 8.19). Todas essas práticas eram e são abomináveis aos olhos de Deus e proibidas para o seu povo. Jerusalém alinhar-se com uma nação que consultava fontes proibidas por Deus quando tinha acesso ao conselho de Deus por intermédio da sua palavra e dos seus profetas não seria apenas imprudente; seria o máximo da insensatez. O destino final do Egito seria ser conquistado e ficar sob o domínio de **um rei rigoroso** (19.4). A dinastia etíope não suportou o poder da Assíria. O Egito, de 671 a.C. em diante, caiu de tempos em tempos sob o domínio estrangeiro — para a Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia.

19.5-15 O Senhor, além da opressão que traria sobre o Egito por intermédio dos homens, também traria angústia por intermédio de meios naturais. O Egito dependia da constância do rio Nilo e da previsibilidade das inundações no delta para fazer a terra ser produtiva. O Nilo simplesmente era a força vital do Egito. Mas haveria um dia em que **o rio se esgotar[ia] e secar[ia]** (v. 5). Quando a água secasse, a economia seria destruída. A pesca seria seriamente impactada, e as safras cruciais, como a de **linho**, usadas para a fabricação de óleo, tecido, papel e até mesmo de redes de pesca, falhariam trazendo a ruína (vv. 6-9). Quando as safras falhassem devido à seca, os egípcios de profissões afetadas, como **os que trabalham em linho** e os **tecelões** (NVI) seriam **despedaçados** (heb., ***bush***, "falhar na esperança" e, por conseguinte, "humilhado[s]", v. 10).

O Egito, assim como confiava em falsos deuses e na permanência do rio Nilo, também confiou nos **conselhos tolos** (NVI) dos seus **sábios conselheiros** (vv. 11,12). Como Isaías observou em tom de zombaria, os conselheiros mais sábios do Egito eram inúteis. Eles não conseguiam revelar o que o Senhor estava prestes a fazer com o Egito (cp. Gn 41.8,16,38). Os **príncipes** — de **Zoã**, no norte do delta, a **Mênfis** (NVI), no sul — de todo o Egito eram **tolos** (NVI; Is 19.13). Assim como os líderes de Israel fizeram Israel desviar-se, também a liderança do Egito fez a nação **revolve[r-se]** (heb. ***ta'ah***, "errar mental ou moralmente, perambular") em todos os seus atos. Tal liderança não tinha mais clareza de pensamento ou de julgamento que um **bêbado** (v. 14). Não há **nada que a cabeça ou a cauda, a palma ou o junco possam fazer** (NVI) para ajudar o **Egito** — essa imagem transmite totalidade (v. 15; cp. 9.14). O Egito não tinha ninguém para ajudá-lo; com certeza, não tinha a oferecer como um aliado de Judá, a despeito das suas grandes promessas (36.4-7).

A Futura Bênção sobre o Egito, a Assíria e Israel (19.16-25)

19.16-25 O julgamento não seria a última palavra para o Egito. Assim como Israel tinha esperança de salvação, também a teriam as nações que aprendessem a temer o Senhor. Conforme a Escritura ensina: "Eis que o temor do Senhor é a sabedoria" (Jó 28.28; Sl 111.10; veja estudo da palavra Pv 1.7). O Egito aprenderia esse temor. Isaías começa a compartilhar a

esperança para o Egito por meio de uma série de declarações que começam com a mesma frase inicial: **naquele tempo** (Is 19.16):

- O Egito viria a temer o Senhor. Isaías compara o Egito a **mulheres**, enfatizando uma nova timidez em como a nação antes arrogante e endurecida passa a ver Deus (cp. Êx 5.2). Na cultura do mundo da Antiguidade, as mulheres eram vulneráveis e bastante indefesas. O Egito, por fim, reconheceria a sua vulnerabilidade e total falta de defesa diante **do movimento da mão do SENHOR dos Exércitos** (Is 19.16).
- O Egito teria **cinco cidades** leais a Deus (v. 18). Há debate se os números são literais ou simbólicos, mas essas cidades voltar-se-iam para o Senhor de modo que **falar[iam] a língua de Canaã**, ou seja, hebraico. Essa seria uma virada chocante dos eventos para uma terra que normalmente detestava tudo o que era hebraico. A menção a uma cidade é textualmente difícil. O nome pode ser entendido como **Cidade do Sol** (NVI; heb. ***cheres***) ou como "Cidade da Destruição" (heb. ***heres***). A maioria dos manuscritos traz "Cidade do Sol", e os comentaristas sugerem que Isaías apresentava o ponto de que até mesmo um lugar com o paganismo arraigado como a antiga cidade egípcia de Heliópolis (conhecida pela adoração dos deuses sol Atum e, mais tarde, de Ra) seria convertida a seguir o Senhor. A maior parte da Heliópolis da Antiguidade está em ruínas hoje. O antigo lugar não é o mesmo do distrito egípcio moderno de Heliópolis (também conhecida como Novo Egito), que é um importante distrito do Cairo.
- O Egito estabeleceria a adoração ao Senhor construindo um **altar** no meio **da terra** e um **monumento** dedicado ao Senhor **perto da sua fronteira** (TEB; v. 19). Ocorreria uma verdadeira mudança de coração. Nessa passagem, Isaías usa de forma explícita as imagens reminiscentes da experiência anterior de Israel seguindo o Senhor. Deus enviaria líderes para libertá-los como enviara Moisés. Deus iria salvá-los e revelaria ele mesmo a eles. **Os egípcios conhecer[iam] ao SENHOR, naquele dia** (v. 21); o Egito entraria em um relacionamento com o Senhor. Deus iria discipliná-los, como disciplinara Israel, **feri[ndo]** e **cura[ndo]** (v. 22; cp. 1.5,6). O Egito, por meio do arrependimento, também seria curado.
- O Egito ficaria em paz com o seu antigo inimigo, a Assíria, e os dois adorariam o Senhor (19.23). Essa seria uma declaração absolutamente

chocante na época de Isaías. Esses dois países eram arqui-inimigos e passaram a maior parte do tempo da vida de Isaías em conflito (v. 20).

- O Egito faria uma aliança com Israel e com a Assíria, e todos seriam abençoados pelo **SENHOR dos Exércitos** e teriam um relacionamento com Ele (v. 24; cp. Gn 12.3). Deus até mesmo chamaria o Egito de **meu povo** e a Assíria, de **obra de minhas mãos**, designações especiais normalmente usadas para Israel (Is 19.25; cp. 60.21; Êx 3.7; 5.1; 6.7). Isso também seria chocante. Como Deus poderia chamar algo que não Israel de "meu povo"? Os planos de Deus estendem-se muito além da Israel étnica.

O mundo ainda aguarda em antecipação essa transformação maravilhosa. O cumprimento completo aguarda a volta do Messias e o estabelecimento do seu Reino na terra. Nessa época, Egito e Assíria estarão entre as nações que se voltam para o Senhor (Is 2.1-4; 45.22,23; Ef 2.11-13,19-22).

A Profecia contra o Egito e a Etiópia (20.1-6)

20.1-6 Isaías, após a profecia da futura restauração distante do Egito, apresenta uma profecia centrada em um sinal visual que fornece mais detalhes sobre o julgamento iminente do Egito e da Etiópia. Em 714 a.C., Asdode, uma das cidades-estados filisteia, encorajada pelo Egito, rebelou-se contra a Assíria. Em resposta, Sargão II, rei da Assíria, enviou **Tartã** [heb. ***tartan***] **a Asdode** (v. 1). A cidade foi tomada, e o rei filisteu Azuri foi deposto e substituído em 713 a.C. por Ahimiti, que logo foi derrubado pelos insurgentes. Não obstante, as cidades da Filístia e outras nações do Levante continuaram o plano de rebelião encorajado pelo Egito, que prometeu apoio militar, mas raramente aparece com ajuda. Na verdade, quando Asdode caiu mais uma vez (c. 711 a.C.), Yamani, o seu governante, tentou conseguir abrigo no Egito, porém foi sumariamente traído e entregue aos assírios. Isaías advertiu Ezequias e Judá sobre a insensatez de confiar no Egito, em vez de confiar no Senhor para ajuda.

Por volta de 713 a.C., Isaías recebeu ordem para tornar-se um sinal vivo para Judá referente ao que aconteceria ao Egito e Etiópia (8.18). O profeta, seguindo a ordem de Deus, **andou três anos nu e descalço** (20.3). *A palavra **NU** (heb. **'arom**) nem sempre significava completamente nu, mas, sim, sem a roupa externa, deixando apenas a roupa de baixo (1Sm 19.24; Jó 24.7; Is 58.7).*

Outros sustentam que Isaías ficou completamente nu conforme fica claro em outras passagens e possivelmente indicado pelas palavras "nádegas descobertas" (Is 20.4; cp. Gn 2.25; Jó 1.21; Ec 5.15; Os 2.3). Os conquistadores conduziam com frequência os cativos sem roupa alguma (Is 20.4; 2Cr 28.15; 47.2,3).

A maioria concorda que Isaías teve de andar por todo lado sem roupa durante três anos, mas não necessariamente todas as horas do dia durante esse período. Ezequiel, também de uma forma a fazer uma representação, teve de ficar deitado sobre o seu lado esquerdo durante 390 dias e 40 dias sobre o seu lado direito (Ez 4.4-6). Isaías, em obediência à ordem de Deus, serviu como um testemunho vivo para o fato de que o **Egito** e a **Etiópia** tornar-se-iam **exilados** levados em **vergonh[a]** (Is 20.4,5; cp. 2Sm 10.4,5). Quaisquer países que confiassem no apoio deles teriam **medo** (NVI) e ficariam completamente **decepcionados** (NVI; Is 20.5,6).

Asdode e outra cidade da Filístia, no fim dos anos de advertência de Isaías, foram completamente dominadas pela Assíria. Além disso, a falta de confiabilidade no Egito foi revelada. Em poucos anos mais, o Egito e a Etiópia cairiam para vários governantes assírios — para Senaqueribe, em 701 a.C. (2Rs 19.9; Is 37.9), para Esar-Hadom, em 671 a.C., e, por fim, para Assurbanípal, em 663 a.C. (Na 3.8-10). Mais tarde, o Egito também seria derrotado pela Babilônia (Jr 46.2-25; Ez 30.4-25; 31.18; 32.1-17,31,32).

A Profecia da Queda da Babilônia (21.1-10)

21.1-10 A primeira parte do oráculo no capítulo 21 parece lidar com a nação da Babilônia, tratada inicialmente como **deserto do mar**. A **Babilônia** (v. 9), a capital, ficava localizada no grande rio Eufrates, enquanto a nação da Babilônia fazia fronteira com o mar Baixo (Golfo Pérsico). Há basicamente três percepções diferentes concernentes à data dos eventos profetizados nessa passagem.

- Alguns sugerem que a descrição da queda ajusta-se melhor à violenta destruição da Babilônia pelo exército assírio sob Senaqueribe (c. 689 a.C.). Senaqueribe foi um invasor cruel e criou confusão na cidade, destruindo boa parte dela e levando embora o ídolo de Marduque. Segundo essa percepção, o destruidor que anda destruindo refere-se à Assíria e ao gemido da Babilônia (v. 2; cp. 33.1). Além disso, a angústia de Isaías

estaria relacionada com o fato de que Ezequias e Judá cometeram o erro de aliarem-se à Babilônia (21.3; cp. 39.1-4). Isaías, por intermédio desse oráculo, viu que não viria nenhuma ajuda da Babilônia, porque a Babilônia cairia. Um problema com essa percepção é que a referência a Elão e à Média é confusa, uma vez que a Babilônia parecia ter-se aliado com esses povos contra a Assíria (21.2). Os proponentes dessa interpretação sugerem que a Assíria usou mercenários do Elão e da Média.

- Outros sugerem que o evento histórico cumprindo a profecia ocorreu quando a união dos medos e dos persas sob o governo de Ciro derrotou a Babilônia (c. 539 a.C.). Segundo essa percepção, o traidor (NVI) refere-se à Babilônia, que seria conquistada para que o gemido das nações sob o domínio da nação cessasse (v. 2). Daniel 5 reconta como o corregente babilônio, Belsazar, e os seus companheiros festejavam no dia da queda, evento este que parece corresponder à imagem do povo festejando até o chamado às armas (v. 5). A principal dificuldade com essa interpretação gira em torno da reação de Isaías. É difícil entender por que ver a queda da Babilônia nesse ponto seria tão difícil para Isaías (39.5-7). Alguns sugerem empatia profética; outros descrevem a sua reação com desânimo a respeito do fato de Israel pôr a sua confiança em uma nação que seria totalmente destruída.
- Por fim, alguns argumentam que, embora a profecia seja parcialmente cumprida pela primeira ou segunda (ou ambas) ocasiões quando a Babilônia histórica caiu, permanece um cumprimento final futuro quando a grande cidade "Babilônia", de Apocalipse, cai antes da volta do Senhor (Mt 24.36-39; Ap 18.1-24). A frase **Caída é Babilônia, caída é!** parece aplicar-se à "Babilônia" futura (Is 21.9; cp. Ap 14.8; 18.2). É mais provável que essa referência à Babilônia futura seja uma referência a uma cidade com os atributos e características da Babilônia da Antiguidade com a sua idolatria e imoralidade graves.

Isaías, mais uma vez, recebe a visão da queda e recebe a ordem de pôr **uma sentinela** para vigiar o sinal fornecido concernente à queda (Is 21.6). A maioria concorda que o próprio Isaías funcionava como o vigia e reportava a sua fidelidade permanecendo em vigília (v. 8). A sua fidelidade foi recompensada pela confirmação da queda da Babilônia por vir (v. 10). Durante o tempo de Isaías, o seu povo, oprimido pela mão pesada da

Assíria, seria encorajado a não depender da Babilônia. Os israelitas, oprimidos sob o futuro reino da Babilônia, seriam encorajados pelo fato de restar pouco tempo à Babilônia.

Palavras Referentes a Edom (21.11,12)

21.11,12 A **advertência contra Dumá** (NVI; heb. "silêncio", conectada figurativamente com a morte) está intimamente conectada ao oráculo da Babilônia. "Dumá", semelhante em som a "Edom" (heb. ***'Edom***), parece estar intimamente ligada ao destino de Edom. Ademais, **Seir** (heb., "uma cadeia de montanha em Edom" e "a terra a sul do mar Morto"), representando Edom, é mencionada (Gn 32.3; 36.8,9,21; Nm 24.17,18; Dt 2.4,5; Jz 5.4; 2Cr 25.14). Alguns também sugerem que Dumá refere-se ao local a noroeste de Edom na interseção de rotas comerciais vitais ligando a região. Uma rota direta da Babilônia a Edom atravessa Dumá.

Esse oráculo consiste de uma pergunta de alguém em Edom e a resposta do **guarda**. O exausto edomita pergunta ao guarda da noite quando a noite terminaria. Isaías, como o guarda, fornece uma resposta ambígua: **Vem a manhã, e, também, a noite**. Embora o livramento de um opressor esteja em vista, ainda está à frente mais opressão de outro (Ez 25.13; 35.2-15; Am 1.11; 9.12; Ml 1.4). O edomita é encorajado a perguntar de novo no futuro, indicando a possibilidade de outro amanhecer ou trégua da opressão.

O Julgamento Referente à Arábia (21.13-17)

21.13-17 O destino da Arábia, como o de Edom, estava diretamente ligado ao da Assíria e da Babilônia. A Arábia incluía a terra deserta situada a leste e sudeste de Israel e estendia-se até a península logo a oeste e sudoeste da Babilônia. Quedar era a região árabe em que ficavam Dumá, Tema e Dedã. O profeta anteviu os **fugitivos** (NVI) indo para **Tema** e encorajou os temanitas a prover para eles (v. 14). O Senhor disse a Isaías que, **dentro de um ano, [...] toda a glória de Quedar desaparecerá** (v. 16; veja nota Is 42.11). Apenas um pequeno número permaneceria. Senaqueribe fez campanha contra as tribos árabes quando estas se juntaram à revolta encorajada pelo rei Merodaque-Baladã, da Babilônia (703 a.C.). Além disso, os assírios, sob Sargão II, invadiram e saquearam a Assíria (715 a.C.).

Mais tarde, o rei Nabonido, da Babilônia, invadiu a Arábia e, no fim, prosseguiu todo o caminho para Iatrebe (c. 539 a.C.). Nabonido levantou um quartel-general na própria Tema.

O Julgamento Referente a Jerusalém (22.1-25)

Contra a cidade (22.1-14)

22.1-7 O capítulo 22, como a misteriosa abertura do capítulo 21, começa com uma referência não explicada ao **vale da Visão** (cp. v. 5), que pode referir-se simbolicamente a Jerusalém, uma vez que fica claro que a sua situação está sendo descrita (vv. 4,8-11). Contudo, a imprecisão da linha inicial pode indicar um aspecto futuro de todo o oráculo, além da aplicação imediata (cp. cap. 21).

A imagem documentada por Isaías é do povo da cidade regozijando-se e celebrando nos **telhados** (22.1). Os telhados planos dos prédios de Jerusalém eram lugares naturais para reunião; eles propiciavam refúgio do calor das áreas apertadas na parte de baixo da casa e eram comumente usados para dormir, orar ou reunir. O povo estava celebrando quando deveria estar lamentando (veja vv. 12,13). A maioria dos comentaristas sugere que Isaías aqui lidava com duas situações. A primeira ocasião que deu origem à celebração possivelmente resultou do livramento de um dos ataques dos assírios, quando o povo deleitou-se com a provisão feita por eles mesmos, em vez de confiar apenas na provisão de Deus (vv. 8b-14). As ocasiões sugeridas incluem a repressão da rebelião por Sargão II (711 a.C.; veja 20.1) ou o cerco por Senaqueribe (701 a.C.; 2Cr 2.1-26). Pela revelação do Senhor, parece que Isaías previu um tempo em que ocorreria a total destruição de Jerusalém. Por isso, ele lamenta: **não *vos* canseis mais em consolar-me pela destruição da filha do meu povo** (heb. ***bat-'ammi***, "filha do meu povo", Is 22.4). A maioria sugere que os versículos 2-8a descreve a situação encontrada em 2 Reis 25.1-11. Isaías observa:

- Os **mortos não [...] morreram na guerra** (Is 22.2). No cerco final a Jerusalém, a fome provocada pelo cerco, conforme descrito em 2 Reis 25.1-3, foi provavelmente responsável por muita morte por falta de alimento na cidade antes de a cidade cair de fato.

- Os **príncipes [...] fugiram** (Is 22.3). Essa imagem é totalmente compatível com a queda de Jerusalém para Nabucodonosor. O rei Zedequias, de Judá, fugiu junto com o seu exército por uma brecha no muro da cidade (2Rs 25.4).
- Os fugitivos **foram capturados** (NVI; 22.3; veja 2Rs 25.5-7).

Isaías chora pelo que seria a destruição de Jerusalém provocada pela mão soberana do **Senhor JEOVÁ dos Exércitos** (Is 22.5). Ele anteviu os contingentes de soldados de **Elão** (21.2) e **Quir** (heb. ***Qir***, "muro; lugar fortificado com um muro", cuja localização é desconhecida; cp. Am 1.5; 9.7) fariam parte do exército, possivelmente como mercenários lutando com o exército babilônio (Is 22.6).

22.8-14 Quando confrontado com um inimigo, o povo tendia a confiar mais nas defesas operadas pelas suas próprias mãos do que na capacidade de Deus para salvar. Isaías condena isso: **olharás para as armas** guardadas na **casa do bosque** (v. 8). "Olharás" (heb. ***navat***) está na segunda pessoa do singular. A maioria dos estudiosos acha que o rei Ezequias é o sujeito do verbo. A "casa do bosque" construída por Salomão era uma construção de cedro com 45,7 metros por 23 metros, apoiada sobre muitas colunas de cedro e abrigando armas exóticas (1Rs 7.2; 10.12; 2Cr 9.16). Esse arsenal, provavelmente, fora reabastecido por Ezequias enquanto se preparava para um ataque assírio (2Cr 32.5). Ezequias empreendeu muitos projetos de construção para fortalecer as defesas da cidade, incluindo a construção de muros e a escavação de um túnel da fonte superior de Giom Superior a um lugar nos muros para garantir o suprimento de água durante um cerco (2Rs 20.20; 2Cr 32.2-5,32). O povo deu passos na sua própria força para proteger-se. Aparentemente, Ezequias e o povo de Jerusalém ficaram orgulhosos das suas provisões feitas pelos homens para a segurança em relação a esse **reservatório** coletando as águas do **viveiro velho**, e não olhou de forma apropriada **para aquele que fez estas coisas** (NVI; Is 22.11).

Ezequias, embora tenha-se humilhado ocasionalmente quando as coisas ficavam terríveis (2Rs 19.14-19; 20.2,3; Is 37.1-4,14-20; 38.2,3), também ficou impropriamente orgulhoso das suas realizações (2Cr 32.25,26). Em última instância, o orgulho a respeito das suas conquistas e realizações levou à predição concernente ao cativeiro babilônio (veja Is 39).

Deus chamou o povo a confiar só nele, a arrepender-se e mostrar sinais de quebrantamento, incluindo o **choro** e o **pranto** com **rapar da cabeça** e **cingidouro do cilício** (Is 22.12). O povo, em vez disso, celebrou negando a realidade de que o Senhor pronunciara julgamento contra a nação. A atitude deles foi de desrespeito com a palavra de julgamento de Deus e para as consequências dos atos deles. Eles rejeitaram de modo flagrante o chamado de Deus ao arrependimento e a dependência apenas no Senhor para a salvação e, ao contrário, abraçaram o abandono egoísta e materialista ao prazer em face do julgamento que se aproximava. A vida deles incorporava a frase: **Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos** (v. 13; Ec 8.15-17; Is 56.11,12; Lc 12.19-21; 1Co 15.32). Eles não consideravam que, além do julgamento terreno, haveria um julgamento celestial no qual teriam de prestar contas de toda obra irresponsável que tivessem praticado (Mt 25.31-46; Hb 9.27,28; Ap 20.11-15). O coração deles estava endurecido para o que Deus tinha a dizer, e eles não se arrependeriam. Assim, o Senhor, usando a fórmula de condenação, declarou que o pecado deles nunca **ser[ia] expiado** (Is 22.14).

Contra Sebna (22.15-19)

22.15-19 Sebna forneceu um exemplo que incorporava as piores características evidenciadas pelo Senhor nos versículos anteriores. Sebna foi identificado como administrador do palácio (NVI; v. 15). Os administradores detinham posições poderosas de liderança com grandes responsabilidades com as preocupações do povo da terra. Sebna, em vez de cumprir fielmente as suas obrigações, era consumido pelos seus próprios objetivos materialistas. Embora ele planejasse ser sepultado em uma tumba ricamente preparada ali na cidade, Deus decretou que os seus planos fracassassem. O Senhor o embrulhar[ia] como uma bola e o atirar[ia] num vasto campo (NVI); ele seria enviado para o exílio e morrer[ia] na terra estrangeira (v. 18). Sebna usava a sua posição de administrador para as suas próprias ambições, em vez de satisfazer as necessidades do povo da terra; por isso, Deus iria **arrancá[-lo]** do seu posto e iria substituí-lo por um servo mais fiel (v. 19).

Referente a Eliaquim (22.20-25)

22.20-25 Enquanto Sebna incorporava o líder infiel que via as suas próprias necessidades antes de atender às necessidades do povo, Eliaquim personificava as características de um servo fiel de Deus. Seria dada a ele a antiga posição de Sebna; e ele, como administrador, exerceria a **autoridade** (NVI) e seria **como pai para os moradores de Jerusalém** (v. 21). Eliaquim cuidaria de verdade do povo e tentaria suprir as necessidades deles. Deus daria a ele **a chave da casa de Davi** com a autoridade para **fechar** (NVI) e **abrir** (NVI) as portas (v. 22). Alguns sugerem que a "chave" era simbólica do seu poder; outros também sugerem que havia, de fato, uma chave principal na posse do administrador que vinha junto com a sua autoridade para tomar decisões e prover acesso ao rei. Essa frase é usada mais tarde para Jesus (Ap 3.7). Deus estabeleceria Eliaquim, havia uma nota de advertência. A constância e a capacidade de Eliaquim estaria sujeita à **casa de seu pai, os renovos e os descendentes** e viria o dia em que a estaca **ser[ia] arrebentada e desabar[ia], e o peso sobre ela cair[ia]** (Is 22.24,25, NVI). Os comentaristas diferem sobre como entender a advertência. Era a advertência de que Eliaquim também cairia, talvez sobrecarregado a ponto de confiar mais em si mesmo que em Deus? Ou a sua família, os seus descendentes — que talvez assumiram uma posição de autoridade depois dele — mostraram ser menos confiáveis? O ponto parece ser que, quando a nação de Judá confiasse em algo ou alguém que não em Deus para o seu bem-estar, a destruição inevitavelmente se seguiria a isso. A maioria dos comentaristas acredita que o Sebna e o Eliaquim mencionados nessa passagem sejam os mesmos mencionados mais tarde em Isaías (Is 36.3,11,22; 37.2). Aparentemente por volta de 701 a.C., Eliaquim já assumira a posição de administrador, e o Sebna mencionado ocupava apenas a posição de escriba. A posição de um escriba ainda era digna de nota e carregada de certa medida de responsabilidade. Se o Sebna nas passagens posteriores de Isaías era o mesmo mencionado no capítulo 22, então pareceria que ele fora rebaixado de posto, mas não ainda exilado para uma terra distante. Nada foi mencionado depois sobre a morte de Sebna, o escriba. Uma vez que o rebaixamento de posto não parece cumprir toda a extensão da profecia, alguns sugerem que havia dois Sebna, sendo um administrador, e outro, escriba.

O Julgamento Referente a Tiro (23.1-18)

23.1-7 Na última **advertência** (NVI) de julgamento dessa série, Isaías proclamou que **Tiro** também sofreria sob o julgamento de Deus (v. 1). Tiro era uma cidade proeminente e porto na costa da Fenícia (moderno Líbano). A cidade, construída parcialmente em uma ilha e parcialmente na costa, era famosa por ter um comércio intenso e lucrativo com muitas nações. O resultado da sua destruição traria pesar em nome daqueles que faziam dinheiro com o comércio por intermédio dos seus portos. Com frequência, Tiro, assim como a Babilônia, parece permanecer como um tipo para a "Babilônia" final mencionada em Apocalipse. O vocabulário referente às reações do comerciante com a queda de Tiro parece ser incorporado em Apocalipse 18.11-24 (veja também Ez 27.1—28.19).

Isaías ordenou: **Uivai, navios de Társis, porque está assolada** (Is 23.1; cp. v. 14). A maioria dos comentaristas identifica Társis como provavelmente sendo Tartesso, uma cidade na costa sul da Espanha. A expressão "navios de Társis" talvez se referisse a qualquer navio mercante grande capaz de fazer longas viagens marítimas. As tripulações dos grandes navios recebiam notícia da queda de Tiro vindas de **Chipre** (NVI), uma ilha no mar mediterrâneo a noroeste de Tiro. Além disso, **Sidom**, outra importante cidade fenícia situada na costa cerca de quarenta quilômetros ao norte de Tiro, foi chamada a **cala[r]** por causa da destruição de Tiro (v. 2). Tiro tornara-se grande por meio do comércio transportando, comprando e vendendo bens como o **trigo de Sior** (NVI; "a ceifa do Nilo", v.3; cp. Js 13.3).

Entre os que lamentaram a queda de Tiro estariam os seus distantes parceiros comerciais, incluindo o **Egito** e também **Társis** (Is 23.5,6; veja Jo 1.3). Parte do choque com a queda de Tiro vem do fato de que a **origem é dos dias antigos** (TB); a cidade fora fundada bem antes de 2000 a.C. A cidade também era famosa por estabelecer as suas próprias colônias fenícias em todo o mundo (Is 23.7).

23.8-14 O principal ponto era que **o Senhor dos Exércitos [...] planejou** (NVI) a destruição de Tiro. O motivo para a destruição de Tiro foi acabar com o seu orgulho **para denegrir a soberba de todo o ornamento**, ao pé da letra "a exultação de toda beleza" (vv. 8,9). A glória e a honra pertencem apenas a Deus, bem como a completa autoridade e soberania sobre até mesmo as nações pagãs. Ele ordenou que, **se**

destruíssem as suas [de Canaã] fortalezas (heb. ***ma'oz***, "lugar de segurança", v. 11). Esse versículo e a referência repetida a Sidom, a outra cidade proeminente da Fenícia, parecem indicar que a destruição englobaria o resto da Fenícia e também Tiro. O profeta apontou que nem mesmo no **Chipre** (NVI), os habitantes não teriam **descanso** (v. 12).

A menção à destruição da **terra dos caldeus** na mão dos assírios é entendida pela maioria dos estudiosos para referir-se à destruição esmagadora produzida pela Babilônia em 689 a.C. por Senaqueribe em resposta ao levante patrocinado por Merodaque-Baladã (v. 13; veja Is 21.1-10). Como a Babilônia foi arruinada, tiro também seria destruída.

Debate-se o tempo real do cumprimento histórico referente a Tiro. Os comentaristas geralmente indicam que Tiro foi cercada várias vezes pela Assíria, Babilônia e até mesmo Pérsia. Tiro foi cercada por Samaneser e Esar-Hadom; e o comércio ficou limitado, embora a ilha permanecesse intacta. O cerco feito por Nabucodonosor durou treze anos. Apesar de a Fenícia ter caído e Tiro ter começado a pagar tributo para a Babilônia, a ilha de Tiro não foi invadida. Toda a região de Tiro, incluindo a ilha, foi finalmente aniquilada por Alexandre, o Grande, em 332 a.C. Alexandre, durante um cerco de sete meses, construiu um passadiço da terra principal para a ilha, capacitando-o a conquistar totalmente a ilha. Tiro, mesmo após a queda, continuou a funcionar como um porto comercial, mas a sua influência diminuiu.

23.15-18 Tiro seria **posta em esquecimento por setenta anos** (v. 15). Vários comentaristas sugerem que o número setenta foi usado de forma simbólica para indicar um período de tempo. Outros sustentam que os setenta anos foram um período de tempo literal cumprido e, em geral, atribuído ao período seguinte ao assírio, babilônio ou algum outro ataque. No fim do período designado, **o Senhor visitar[ia]** [heb. ***paqad***, "visitar", em um sentido positivo, com frequência, "inspecionar, tomar conta"; algumas vezes no sentido negativo de "punir, atacar", v. 17] **a Tiro**, a qual funcionaria mais uma vez como um centro de comércio, mas com uma diferença relevante. Toda receita não seria mais usada para propósitos egoístas e materialistas, mas **ser[ia] para os que habitam perante o Senhor** (v. 18).

A palavra ***CONSAGRADO*** *(heb.* ***qodesh****, "separado, sagrado, santidade") chama atenção para esse resultado impressionante da conduta do Senhor com Tiro. A raiz verbal de* ***qadash*** *significa "separar" como santo ou "consagrado" para um uso, ou*

propósito, sagrado (veja Js 6.19,24; 2Sm 8.11; 1Rs 7.51). A Lei Mosaica bane explicitamente o "salário de rameira [heb. ***'etnan****, sempre o "pagamento, taxa ou ganho" de uma prostituta, Is 23.18; cp. Ez 16.31,34; Os 9.1; Mq 1.7] [...] à casa do Senhor [...] porque ambos estes* são *igualmente abominação ao Senhor" (Dt 23.18). Não há indicação de que a lei foi mudada; o oráculo não fala desses ganhos sendo trazidos "à casa do Senhor". Contudo, o* ***LUCRO*** *(NVI, heb.* ***'etnan****, Is 23.18) do* ***COMÉRCIO*** *(heb.* ***'etnan****, v. 17) — ou seja, aquilo que é profano — seria separado para o propósito sagrado de suprir as necessidades daqueles cuja vida é separada para a glória de Iavé (v. 18; cp. 18.7; 19.21; 61.6).*

Quando Israel voltasse do exílio após o édito de Ciro, o povo compraria suprimentos de Tiro e Sidom (Ed 3.7). Alguns comentaristas mencionam esse intercâmbio em referência a Isaías 23.18; no entanto, esse comércio, com certeza, não cumpriu a imagem da riqueza de Tiro sendo dedicada ao povo do Senhor. Embora Tiro, ao longo dos anos, tenha caído e se reerguido várias vezes, a última parte dessa profecia ainda pode ter o seu cumprimento no fim da era quando Tiro irá juntar-se a todas as nações na bênção a Israel (Sl 72.8-11; Is 60.3-14; Ap 21.24-26).

O Julgamento Referente à Terra (24.1-23)

Os capítulos 24 a 27 elaboram conceitos desenvolvidos nos oráculos de julgamento sobre as nações individuais e expandem a visão para incluir as proclamações referentes ao eventual destino do mundo todo. Essa seção é mencionada por muitos comentaristas como o "Apocalipse de Isaías". A palavra "apocalipse" vem da palavra grega ***apokalupsis***, que significa "desvelamento, revelação, tornar totalmente conhecido ou descoberto". Esses capítulos, de forma específica, revelam o que acontecerá, por fim, a toda a terra e os seus habitantes no fim da era. Por isso, os estudiosos referem-se com frequência a essa passagem junto com seções similares de outros livros — de forma mais proeminente Daniel, Ezequiel, Zacarias, Mateus, 2 Tessalonicenses, 2 Pedro e Apocalipse — quando discutem a escatologia, o estudo, ou doutrina, das coisas finais (do gr. ***eschatos***, "coisas finais, últimas"). Também há alguns estudiosos que entendem essa passagem como já tendo sido cumprida por diferentes eventos passados.

24.1-13 Isaías observa: **o Senhor esvazia** [heb. ***baqaq***, "esvazia, desnuda, assolar"] **a terra** [heb. ***'erets***, "terra"]**, e a desola** (heb. ***balaq***, "assolar, destruir", v. 1). O julgamento a cair afetará a terra e também a

todos os povos, independentemente da situação na vida, conforme ilustrado pelos seis pares de tipos opostos. O versículo 3 ecoa o destino retratado pelo versículo 1 com intensificação; **de todo se esvaziará** [heb. ***baqaq***) **a terra e de todo será saqueada** (heb. ***bazaz***). A repetição da mesma raiz é enfática, indicando a totalidade da destruição. A certeza do seu cumprimento repousa no fato de que Deus **falou** (NVI, v. 3).

A terra [heb. ***'erets***] **pranteia *e* se murcha; o mundo enfraquece e se murcha** (v.4). *A palavra hebraica para* ***MUNDO (tēvēl)*** *é usada 36 vezes no Antigo Testamento, nove delas em Isaías (Is 13.11; 14.17,21; 18.3; 24.4; 26.9,18; 27.6; 34.1). A maioria das ocorrências de* ***tēvēl*** *fora de Isaías transmite um sentido de todo o mundo físico (1Sm 2.8; 2Sm 22.16; 1Cr 16.30; Jó 34.13; 37.12; Sl 9.8; 24.1; 33.8; 50.12; 89.11; 90.2; 93.1; 96.10,13; 98.7,9; Pv 8.26; Jr 10.12; 51.15; Na 1.5). A palavra também pode referir-se a todas as pessoas do mundo e raramente a uma possivelmente região menor habitada do mundo.* ***'Erets****, quando usada de forma paralela como um sinônimo para* ***tēvēl****, geralmente significa o planeta "terra", e não apenas "terra" em um sentido regional.*

O julgamento cai sobre toda a terra e os seus habitantes porque as pessoas **transgridem as leis** [heb. ***torah***, "lei, instrução"; veja estudo da palavra Sl 1.2]**, mudam os estatutos** [heb. ***choq***, "estatuto"] **e quebram a aliança** [heb. ***berit 'olam***, Is 24.5; veja estudo da palavra 55.3] **eterna**. Os estudiosos sugerem que essa "aliança eterna" parece estar particularmente ligada à "aliança eterna" estabelecida com Noé e toda a humanidade logo após o Dilúvio enviado por Deus porque a humanidade corrompera-se completamente, e a terra estava "contaminada" (Gn 6.5,11,12).Além disso, a passagem parece fundamentada na aliança original com o homem no início do tempo (Gn 2.16,17). Quando o homem, originalmente, violou o mandamento de Deus no Éden, as maldições foram aplicadas à ordem natural, bem como a todos os descendentes humanos (Rm 5.12,18,19; 8.20-22). Em Romanos 2.15, Paulo observa que toda a humanidade tinha de prestar contas a Deus quanto a seguir as suas leis. Os judeus tinham as leis escritas de Deus, mas até mesmo os gentios demonstravam que a Lei estava "escrita no seu coração" (veja Rm 1.18—2.16). A **maldição** segue toda a humanidade de modo que todos são **culpado[s]**, e o resultado natural da maldição é o julgamento que todos sofrerão (veja Gn 3.14-19; 5.29; 8.21). Só após a volta do Senhor Jesus e a criação do novo céu e da nova terra é que "ali nunca mais haverá maldição" (Ap 22.3).

Isaías previu um tempo em que os habitantes da terra seriam **queimados** com apenas um remanescente sobrevivendo (Is 6.11-13; 2Pe 3.7,10). A imagem apresentada foi de uma terra vazia e devastada (Is 24.7-13). Seguindo o julgamento predito **poucos homens restarão** (veja 17.4-6). Os sobreviventes descritos nesses versículos estão desolados, sentindo falta da antiga orgia e abundância de vinho.

24.14-16 A promessa de julgamento, como é típico de Isaías, é equilibrada com a esperança referente ao remanescente. O remanescente salvo, em contraste marcante com a obscuridade e tristeza da cidade, cantará alegremente para o Senhor. O pronome **eles** (ARA) do versículo 14 é enfatizado para que a passagem diga literalmente: "**Eles levantam a voz**" (ARA) com relação à **majestade do SENHOR** (NVI, v. 14). O louvor soará **dos confins da terra** (v. 16). Debate-se a identidade das pessoas louvando ao Senhor. Aparentemente, elas foram salvas; cantam **honra ao Justo** (TEB), mais bem traduzido por "glória ao Justo". Todavia, o profeta, provavelmente dominado pela magnitude do julgamento que chegaria até esse ponto, chorou, sabendo que muito mais infidelidade viria antes que a paz e o louvor reinassem (Is 21.2).

24.17-23 Isaías, voltando às palavras de julgamento, aponta que não haveria escapatória do julgamento iminente para aqueles na terra. Embora as pessoas pudessem fugir, **cair[iam] na cova**; e, se conseguissem escapar, **o laço** as **prender[iam]** (v. 18). Os habitantes da terra, assim como os animais selvagens podem ser pegos, seriam pegos nas convulsões do julgamento final. O vocabulário do versículo 18 é similar ao de Gênesis 7.11, que descreve quando Deus liberou o Dilúvio para destruir tudo sobre a terra exceto aqueles na arca. A mesma imagem de destruição global é evocada. O versículo 19 é extremamente enfático com uma sequência de infinitos absolutos emparelhados com a forma finita do verbo com a mesma raiz. A imagem é de intensa destruição e corresponde a outros relatos do julgamento final sobre o mundo (veja Ap 6.12-14; 8.5; 16.17-21). A terra será derrubada para **nunca mais se levanta[r]** (Is 24.20).

No ponto em que o Senhor enviar a sua ira final sobre a terra para a rebelião generalizada, Ele também **castigará o exército dos altos nas alturas** (TB), bem como punirá **os reis da terra, sobre a terra** (v. 21). Há muitos debates em relação à intenção de Isaías com o uso da expressão "o exército dos altos". A frase pode ser usada para os corpos celestiais e também para as estrelas ou planetas. Além disso, os deuses pagãos eram

mencionados como o exército do céu. "O exército" também se refere às vezes à ordem angélica. Algumas referências na Escritura podem também sugerir que os deuses pagãos eram, na verdade, demônios, os anjos caídos.

O ponto é que, de uma ponta a outra da criação de Deus, quaisquer elementos de rebeldia, quer angélicos, quer humanos, serão chamados a prestar contas (Is 14; 2Pe 2.4; Jd 6; Ap 20.1-3). A imagem de exércitos e reis rebeldes sendo brevemente confinados antes da punição permanente final corresponde perfeitamente à imagem apresentada em Apocalipse 19.19—20.15. O Senhor dos Exércitos, depois de julgar todos os rebeldes, reinará do monte Sião. A luz fraca do sol e da lua, na presença do Deus glorioso do Universo, será insignificante como Apocalipse 21.23 documenta em relação à futura cidade de Deus: "a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada".

O Hino de Louvor (25.1-12)

25.1-10 Isaías expressa o seu louvor a Deus referente às suas obras soberanas, planejadas **desde muito tempo** (TEB) e executadas **em fidelidade** (TB, v. 1). A Escritura ensina que Deus tinha planos para a redenção da humanidade e também para a punição dos rebeldes desde o princípio do mundo (Mt 25.34; Rm 16.25; Ef 1.4; 2Tm 1.9; Tt 1.2,3; Ap 13.8; 17.8). Tudo o que Ele prometera para os rebeldes aconteceria. Isaías previu que o Senhor transformaria a **cidade** em um **montão de pedras** (v. 2). Essa cidade é descrita como **fortificada** (NVI) e a **fortaleza dos estranhos** (ARA, heb. ***zarim***, "estranhos, estrangeiros", v. 2). Enquanto aqueles que confiam nas fortalezas feitas pelo homem seriam levados à ruína, aqueles que confiam no Senhor iriam achá-lo uma **fortaleza [...] refúgio** e **sombra contra o calor** (v. 4; 1Sm 2.4-10). Pois os que eram humildes o bastante para depender do Senhor para a salvação descobririam que Ele era tudo de que precisavam para reprimir os ataques **dos opressores** (Is 25.4; veja 37.36-38).

Como Isaías previu a derrota derradeira dos "opressores", também anteviu um tempo em que o **SENHOR** prepararia **neste monte, a todos os povos uma festa** (v. 6). Os comentaristas concordam que o monte em vista é o monte Sião mencionado em Isaías 24.23, o futuro lugar de habitação do Senhor e do seu povo redimido de todas as nações (veja Jo

11.50-52; Ap 19.7-9). Ademais, Deus derrotaria a morte — o último grande inimigo do seu povo redimido. Ele **destruirá a morte para sempre** (NVI, heb. ***netsach***, "perpetuidade, vitória", Is 25.8).

DESTRUIR *(heb.* ***bala‘****, "engolir, devorar") é usado 49 vezes, oito delas em Isaías. A palavra foi usada para o ato literal de engolir no sentido de comer (Êx 7.12; Jn 1.17) e também como o engolir figurativo com o sentido de destruir (Lm 2.2,5,8). Isaías observou que Deus engoliria ou "destruiria até a morte". Essa imagem permanece em contraste contundente com a imagem voraz do* ***Sheol*** *(NVI; a sepultura), figurativamente uma boca aberta para engolir as suas vítimas (Is 5.14; veja também Sl 69.15; Pv 1.12 para imagens da cova). A Septuaginta grega traduz* ***bala‘*** *em Isaías 25.8 por "tragará" (ARA), que é como Paulo cita a passagem em 1 Coríntios 15.54. A Escritura ensina que o Senhor, um dia, dará um fim à morte. Os mortos redimidos pela confiança no Senhor Jesus para salvá-los serão ressuscitados para nunca mais morrer (Is 26.19; Os 13.14; 1Co 15.35-38; Ap 20.6); em contrapartida, aqueles que morrerem sem receber Jesus Cristo como o seu Salvador serão, no fim, ressuscitados, julgados e lançados com a morte e o Hades no lago de fogo para sempre (1Co 15.26; Ap 20.12-15; 21.8).*

Isaías continua e comenta que **enxugará o Senhor JEOVÁ as lágrimas de todos os rostos** (Is 25.8; veja as notas em Is 65.19; Ap 7.17; 21.4). As pessoas salvas naquele monte santo proclamaram com júbilo: **Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará** (Is 25.9; veja 8.17). Eles reconhecerão que a salvação foi realizada apenas por Deus (Ef 2.4-9).

25.11,12 Em contraste com o povo redimido do Senhor habitando em segurança e alegria, **Moabe será pisoteado em seu próprio lugar** (NVI, v. 11). Nos capítulos 15 e 16, Isaías tratara do julgamento de Moabe. Isaías observara: "Ouvimos da soberba de Moabe, a soberbíssima" (16.6; 25.11). A soberba de Moabe é mencionada, bem como a **perícia das suas mãos**. Moabe recusou-se a buscar o Senhor para a salvação e, por conseguinte, **as altas fortalezas dos teus muros [...] derribá-las-á por terra, até ao pó** (v. 12). Só Deus pode salvar. Qualquer coisa que o homem use para tentar substituí-lo será sobrepujado e envergonhado. Os que se recusam orgulhosamente a aceitar a salvação de Deus, quer a nação de Moabe, quer qualquer outro grupo de pessoas, enfrentarão a condenação e a destruição.

O Cântico de Salvação (26.1-19)

26.1-13 Embora alguns confiem nos planos feitos pelo homem para a defesa, eles seriam lançados por terra; ao mesmo tempo, aqueles que confiam no Senhor descobririam que a salvação é a sua defesa contra os

ataques. A **forte cidade** parece refletir a cidade de Sião, onde apenas os salvos serão admitidos. Isaías comentou que o Senhor protegeria com **perfeita paz** (NVI), ao pé da letra "paz, paz" (heb. ***shalom, shalom***), aquele com uma **mente [...] firme** no Senhor (v. 3; Sl 37.39,40). A salvação e a paz subsequente são sempre recebidas pela fé, ou seja, a confiança no Senhor e as suas promessas. Em contraste com a paz daqueles que terão permissão para entrar na forte cidade, **os que habitam em lugares sublimes serão** derrubados, assim como o orgulho e a autossuficiência do homem são derrubadas (Is 26.5).

Aqueles que confiam verdadeiramente no Senhor exibem a evidência do senhorio dEle na sua vida. Isaías observa que **o caminho do justo é todo plano** (heb. ***mēshar***, "igualdade, retidão, sinceridade", v. 7). Deus ordena e estabelece como os justos têm de caminhar e capacita-os para seguir o caminho reto (Sl 27.11; 37.23,24). No hebraico, essa frase é seguida pelo adjetivo ***yashar***, que muitos traduzem por "o Justo". O padrão para os cristãos é o próprio Senhor; Ele teria o seu povo caminhando de uma forma que testificaria o seu caráter. Os que o conhecem e o amam são conformados à sua imagem e desenvolvem um desejo de glorificar a Deus por meio da sua vida. Por isso, os salvos exclamarão com Isaías: **Até no caminho dos teus juízos, SENHOR, te esperamos; no teu nome e na tua memória está o desejo da nossa alma** (Is 26.8; Sl 27.14; 37.3-7a,9,34). Os redimidos têm de focar o Senhor e os seus caminhos e objetivos, buscando a glória dEle.

Por sua vez, o ímpio, mesmo quando é favorecido, escolhe seguir o seu próprio caminho, em vez de seguir o de Deus. A pessoa ímpia continua em desonra e injustiça. **Erguida está a [...] mão** (NVI) do Senhor com o sentido de que os seus julgamentos logo cairão sobre os ímpios (v. 11; veja expressão similar em Is 5.25; 9.12,17,21). Isaías proclamou: **o fogo consumirá os teus adversários** (26.11; cp. Mc 5.9). Apesar de ser afirmado que os inimigos de Deus serão derrotados, o Senhor protegerá e salvará o seu povo. Os redimidos reconhecerão que Deus é aquEle que **estabelec[e] a paz** (NVI). Ele fará todas as **obras** (Is 26.12).

26.14-19 O versículo 14 deve ser visto junto com o versículo 19. O versículo 14 resume o destino dos ímpios, enquanto o versículo 19 ressoa com segurança referente à ressurreição e triunfo futuros do povo do Senhor (veja 25.7,8). Isaías indicou que as pessoas foram orientadas a orar a Deus quando estavam sob a sua disciplina. Embora eles clamassem ao Senhor,

sofreram intensamente como **a mulher grávida, quando está próxima a sua hora** (26.17). Neste mundo, a vitória não era aparente. Apesar de Israel ter lutado como uma mulher em trabalho de parto, nenhuma substância resultara desse trabalho, mas apenas **de[ram] à luz o vento** (v. 18). A alegria de dar à luz uma criança dá sentido à longa agonia do trabalho de parto. A imagem do trabalho de parto não resultando em uma criança mostra a aparente futilidade do esforço deles, por mais árduo e prolongado que tenham sido, foram todos em vão.

Não obstante, havia esperança por causa da promessa de vitória para além desta vida. As pessoas receberam a garantia de que os **mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão** (v. 19).

O Julgamento por Vir (26.20—27.1)

26.20—27.1 O povo do Senhor foi encorajado a **esconde[r-se] só por um momento, até que pass[asse] a ira** (v. 20; veja também Sf 2.3). Qual era a ira mencionada? A ira era do **SENHOR**, que **sairá do seu lugar para castigar os moradores da terra** [heb. ***'erets***, "terra", v. 21] **por causa da sua iniquidade** (Is 26.21). Há uma clara semelhança nessa passagem com a noite de Páscoa durante a qual a ira de Deus foi derramada sobre o Egito. Só aqueles com o sangue do cordeiro no umbral da porta foram poupados (Êx 12.22-27). Da mesma forma, quando o dia da ira de Deus vier e a humanidade enfrentar o julgamento final, só aqueles cobertos com o sangue de Jesus, o Cordeiro de Deus, serão poupados.

Nesse dia, quando Deus julgar toda a criação, Ele também **castigará [...] o leviatã, a serpente veloz** (Is 27.1). O nome ***LEVIATÃ*** *(heb.) ocorre seis vezes no Antigo Testamento (Jó 3.8; 41.1-34; Sl 74.13,14; 104.26; Is 24.22). Em toda a literatura do Antigo Oriente Próximo, um grande monstro marinho associado com os conceitos de mal e caos é mencionado com frequência. Os vários nomes usados incluíam* Lotan, Shalyat, Tiamat e Tannin. *Na Escritura, "Leviatã" é o nome usado para a derradeira serpente marinha maligna. A Escritura retrata a serpente como uma criatura tão literal quanto nas passagens de Jó (veja estudo da palavra Jó 41.1-34); contudo, a designação também é usada de forma simbólica como em Salmos 74, em que a descrição parece representar o Egito.*

Em relação a Isaías 27.1, alguns comentaristas tomam a imagem da serpente de forma simbólica referindo-se às diferentes nações que oprimiram Israel, incluindo Assíria, Egito e Babilônia. Outros comentaristas

tomam a referência à derrota de Leviatã simplesmente com o sentido de que, no fim, todo mal será derrotado. Por fim, alguns comentaristas conectam a imagem de Leviatã com passagens referentes a Satanás, aquele grande dragão da Antiguidade, que será amarrado por Deus e morto de uma vez por todas (Ap 12.9,15; 20.2). O sentido da passagem é claro: a vitória contra o inimigo de Deus está garantida.

A Volta de Israel (27.2-13)

27.2-6 Isaías introduziu primeiro a imagem da vinha sob a condenação de Deus em 5.1-7. No capítulo 27, o profeta registra um novo cântico sobre a vinha do Senhor. A vinha, nos dois casos, era supervisionada pelo Senhor; contudo, no capítulo 5, a vinha, identificada com Israel, produziu fruto sem valor e estava sob a condenação de Deus enquanto no capítulo 27, a vinha era **deliciosa** (TEB, veja Jo 15.1-8). O Senhor vigia, rega e guarda a vinha **para que ninguém lhe faça dano** (Is 27.3). Em contraste, a imagem em 5.25, com a vinha do capítulo 27, o Senhor afirmou: **não há indignação em mim** (v. 4). Nesse cântico, a ira do Senhor afastou-se da vinha, refletindo um ponto após a provisão da expiação (Rm 5.6-11).

Independentemente do que é refletido por **sarças e espinhos**, claramente existe a esperança de paz com Deus (Is 27.4). Até mesmo as pessoas inúteis, ao tornarem-se dependentes de Deus, podem **fa[zer] paz** com Ele (v. 5). A imagem de esperança é que haverá um dia em que a Israel verdadeira e redimida estará enraizada e produtiva; eles **encherão de fruto a face do mundo** (v. 6; 37.31,32; Os 14.4-8; Am 9.15; Jo 15.1-8). Essa futura produtividade permanece em contato com a imagem de Isaías 5.24. Essas profecias, quando juntas, refletem a transição da vinha da desolação para a produtividade universal. Jesus usou um vocabulário similar de vinha para descrever a infidelidade dos judeus descrentes e a transição da vinha para outras (Mt 21.33-45; Mc 12.1-11; Lc 20.9-19). No capítulo 27, a vinha reflete aqueles de Israel e de algumas outras nações que "fa[riam] paz" com Deus. Todas as outras enfrentarão a destruição.

27.7-11 Embora a nação de Israel tenha sido disciplinada, Isaías aponta que ela era diferente das outras nações repreendidas por Deus. Ele disciplinou Israel para purgar os pecados desta, e não para esmagá-la. A referência ao banimento e afastamento dela por Deus é muitas vezes entendida como uma alusão aos exílios que sofreram nas mãos da Assíria e,

depois, da Babilônia. Isaías observou que **o fruto da remoção do [...] pecado [de Israel]** (NVI) seria que a idolatria seria purgada da terra; **os postes sagrados e os altares de incenso não permanecerão em pé** (NVI, v. 9). Essa era a imagem da devoção convicta só a Deus, com nenhuma tolerância com nem mesmo um flerte com outras religiões. Por ora, Deus estava permitindo a disciplina por meio da derrota, destruição e exílio porque Israel ainda não entendera. Não obstante, um dia, surgiria uma Israel purificada.

27.12,13 A purificação, como sempre, deixaria apenas um remanescente. **Naquele dia o SENHOR debulhará as suas espigas desde as margens do Eufrates até o ribeiro do Egito** (NVI), englobando toda a terra dada originalmente por Deus aos filhos de Israel (v. 12; veja Gn 15.18). Quando o Senhor reunir a colheita, Ele reunirá os israelitas, um a um, com grande cuidado. Quando a **grande trombeta** soar, os **perdidos** e **desterrados** reunir-se-ão e **adorarão ao Senhor [...] em Jerusalém** (Is 27.13). Essa assembleia final no **monte santo** incluirá todos os que confiaram no Senhor para a salvação (veja 2.2-4; 25.6-8; 66.18-23). O Egito e a Assíria eram os confins da terra para Isaías. Para Deus trazer o seu povo dali, significava que Ele limparia a terra toda. Nenhum lugar está fora do seu alcance.

A Desgraça de Efraim e Jerusalém (28.1—33.24)

28.1-6 Foi soado um **ai** para a **coroa** [heb. ***'atarah***] **de soberba dos bêbados de Efraim** (vv. 1,3; cp. v. 5; 62.3), ainda descrita como **a flor caduca da sua gloriosa** [heb. ***tiph'arah***] **formosura** (heb. ***tsevi***, 28.1,4-5, ARA). Muitas vezes, os bêbados participantes de orgias usavam coroas de flores que, no fim, murchavam, caíam e eram pisadas. Isaías usou essa imagem de uma coroa murcha para representar Samaria, a capital do Reino do Norte de Israel, localizada no topo de uma colina com vista panorâmica para um **vale** fértil (v. 1). A autoindulgência e a negligência com o Senhor levaria à destruição trazida por Deus.

Essa profecia, que parece referir-se a Samaria antes da sua queda, é datada de antes de 722 a.C. A Assíria foi usada por Deus para derrubar Samaria depois de três anos de cerco. A imagem de inundação lembra Isaías 8.7-8. Isaías comenta que Samaria seria **pisada aos pés** (ARC) e

devorada **como figo maduro** (NVI, vv. 3,4). Contudo, um remanescente seria preservado.

Isaías, em uma bela virada das imagens de abertura, observa que, **naquele dia o SENHOR dos Exércitos será uma coroa** [heb. ***'atarah***] **gloriosa** [heb. ***tsevi***]**, um belo** [heb. ***tiph'arah***] **diadema** [heb. ***tsephirah***] **para o remanescente** (NVI, v. 5; 62.3). Ele proviria um **espírito de justiça** (NVI) e **força** (NVI) para o seu povo. O povo achava que conhecia a beleza e podia encontrá-la no meio da vida extremamente indulgente. Isaías trazia constantemente imagens contraditórias para corrigi-los. A verdadeira beleza tem de ser encontrada no Senhor, na sua retidão e justiça.

28.7-13 A acusação dos versículos 7 e 8 era contra a liderança religiosa de Israel, **o sacerdote e o profeta**. Os próprios líderes que deviam liderar o povo com sabedoria e responsabilidade eram culpados de bebedeira e falta de entendimento. A bebedeira era insensatez para qualquer um (Pv 20.1; 23.29-32; 31.4,5; Is 5.11; Os 4.11; Rm 13.13; Gl 5.21; Ef 5.18); no entanto, era especialmente repreensível para os líderes espirituais ou aqueles consagrados a Deus que tinham de abster-se completamente do uso de bebida forte sempre que tinham de servir diante do Senhor (Lv 10.9; Ez 44.21; também o voto especial de Nm 6.2,3).

Os líderes espirituais do tempo de Isaías zombavam dos repetidos ensinamentos simples do profeta (veja Is 28.14). Eles revelavam o seu orgulho e espírito não receptivo ao ensinamento pela sua reação à mensagem de Deus transmitida por intermédio de Isaías. Eles, ao invés de humilharem-se e buscarem o Senhor, tomavam como ofensa e exclamavam: **Quem é que está tentando ensinar? [...] a bebês recém-tirados do seio materno?** (NVI). Os sacerdotes e profetas infiéis sentiam que estavam além da mensagem simples de Isaías; eles, embora fossem sábios aos próprios olhos, eram, na verdade, imaturos espiritualmente (veja Hb 5.12-14). A repetitividade da mensagem é clara. O **mandamento** parece referir-se aos mandamentos do Senhor, que Isaías repetiu. A **regra** (heb. ***qaw***) refere-se à "linha de medida", uma possível alusão aos padrões de Deus.

Alguns comentaristas sugerem que a frase ***REGRA SOBRE REGRA, REGRA E MAIS REGRA*** *(heb.* ***qaw laqaw, qaw laqaw****) era um balbucio sem sentido (muito parecido com "blá, blá, blá") feito pelos zombadores na rima simples com os termos* ***tsaw latsaw*** *precedentes como se falassem como uma criancinha. A palavra*

qaw *é usada 21 vezes no Antigo Testamento com 12 ocorrências em Isaías. A palavra, embora possivelmente se refira a uma linha literal, era muitas vezes associada, quer de forma literal, quer simbólica, com um padrão de medida (1Rs 7.23; 2Cr 4.2; Jó 38.5; Is 34.17; 44.13; Jr 31.39; Ez 47.3; Zc 1.16). A palavra, em várias ocasiões, era usada em relação ao julgamento a Israel ou outra nação (2Rs 21.13; Is 34.11; Lm 2.8) e, mais tarde, para o padrão de justiça que o Senhor usaria (veja Is 28.17). Nos versículos 10 e 13, o sentido pode estar relacionado com o padrão de medida de Deus, refletindo a impaciência dos zombadores com a mensagem de Isaías em relação aos padrões do Senhor.*

As pessoas, por desconsiderarem as palavras simples e diretas do profeta, seriam julgadas. Deus falaria **por lábios estranhos e por outra língua** para tentar fazer com que entendessem no seu íntimo (v. 11). A maioria dos comentaristas assume que essa passagem refere-se às línguas estranhas dos assírios ou de outros invasores que ocupariam a terra e levariam o povo embora. O sentido seria que Israel seria ensinada por meio da disciplina difícil da opressão, em vez da liderança gentil do Senhor.

Fora dada aos israelitas a oportunidade de libertação. Isaías comentou que o Senhor dissera a eles: **este é o lugar de descanso** (NVI). Infelizmente, eles **não quiseram ouvir** (Is 28.12). O que era o **lugar de repouso** (NVI)? O sentido parece relacionar o descanso ou confiança na provisão do Senhor e o seu cuidado soberano (veja Is 11.10; 30.15; 40.31). Uma vez que eles recusaram confiar no Senhor Deus para a libertação, Ele voltaria a zombaria deles para eles e faria com que tropeçassem e caíssem para que aprendessem da maneira difícil (veja Is 8.13-15).

28.14-22 Os zombadores sentiram que podiam escapar da punição por vir. Tinham feito **concerto com a morte** (v. 15; veja notas em 57.9). Alguns sugerem que essa é uma referência às pessoas que se comunicavam com os mortos para determinar o futuro ou garantir um resultado desejado, algo que Isaías condenara em 8.18,19. Outros comentaristas sugerem que essa fala refere-se às alianças insensatas que as pessoas tentavam fazer com as nações vizinhas — nesse caso, o Egito.

Os escritores do Novo Testamento claramente identificam a **pedra preciosa de esquina** como Jesus Cristo (28.16; veja 8.14; Rm 9.33; 10.11; Ef 2.20; 1Pe 2.6-8). Para a audiência de Isaías, a referência é ao método de Deus para a libertação. Com o estabelecimento do alicerce seguro de Deus, este **far[ia] do juízo a linha de medir e da justiça o**

fio de prumo (NVI, Is 28.17). Qualquer coisa que não estivesse à altura do seu padrão cairia.

Há outras referências ao uso por Deus das forças destrutivas da **saraiva** e **águas** (v. 17; veja 8.7,8; 28.2). Deus, como fez muitas vezes com outras nações, poderia ter simplesmente destruído Israel e Judá. Ele, contudo, nunca desistiu; na verdade, Ele nunca precisou desistir, pois tinha o seu plano desde o princípio e estava simplesmente levando o seu tempo para executá-lo. Jerusalém era a sua cidade escolhida, independentemente da falta de fidelidade do povo. Ali, Ele colocaria a pedra de fundação para a nova vida na morte e ressurreição do seu Filho. Em Jerusalém, os infiéis trariam julgamento sobre si mesmos, mas não podiam parar ou atrasar os planos de Deus.

Isaías advertiu as pessoas que não escapariam do julgamento por vir por meio de nenhum dos seus métodos autoimprovisados de fuga. Quando **o dilúvio** [heb. ***shataph***, "inundação, transbordamento, ser engolido ou varrido pela água"; cp. Sl 69.2; Jr 47.2] **do açoite** (heb. ***shot***, "chicote", referindo-se de forma figurativa a desastres ou aflições ordenadas por Deus; cp. Is 28.15) viesse sobre eles, eles seriam **oprimidos** (28.18). Nesse contexto, a imagem combinada de um dilúvio e "açoite" parece estar relacionada com os invasores assírios que foram mencionados antes como um dilúvio (Is 8.7,8). Deus iria usá-los para fazer a sua mensagem penetrar em Israel. Esta descobriria que os seus planos de libertação inventados por eles mesmos ficariam desconfortavelmente aquém das expectativas (28.20). Por causa da rejeição da provisão de Deus por Israel, o Senhor, em vez de ser a defesa deles, lutaria contra eles como antes lutara contra os inimigos de Israel (v. 21; Js 10.6-14; 2Sm 5.20-25; 1Cr 14.11-16). A zombaria só aumentaria a severidade da destruição por vir (Is 28.22).

28.23-29 Isaías usou a imagem agrícola para ilustrar que a maneira correta e medida de semear e fazer uma colheita estava na mão de Deus. **Deus [...] ensina** o lavrador a forma apropriada de semear e colher (v. 26). Qualquer um que busque uma colheita produtiva deveria estar disposto a aprender com o **maravilhoso conselho** (TEB) do Senhor (28.29). Rejeitar a sabedoria dada pelo Senhor, como fizeram os zombadores, era o auge da tolice.

29.1-8 Isaías, almejando Jerusalém, continua a proclamar ais para os israelitas. *Que o termo* ***ARIEL*** *(heb. "leão de Deus, fornalha de altar [NVI]" refere-se a Jerusalém é esclarecido pelo fato de a cidade ser onde Davi acampou e pela referência ao*

monte Sião (v. 8). Como Deus derrubaria Samaria (28.2), o Senhor também "sitiar[ia]" (NVI) Ariel (Jerusalém) para que ela fosse "como Ariel", ou seja, fornalha de altar (24.2). Isaías usa "Ariel" cinco das seis vezes em que a palavra ocorre no Antigo Testamento (Ed 8.16; Is 29.1-2,7; 2Sm 23.20; 1Cr 11.22).

A ocorrência em Esdras é um nome pessoal, mas o sentido das ocorrências em Isaías é objeto de debate. Há dois sentidos principais discutidos. Alguns entendem que a palavra é uma combinação da palavra hebraica ***'ariy****, que significa "leão", com a palavra* ***'ēl****, que significa "Deus" (para Judá como leão, veja Gn 49.9). Outros relacionam a palavra com a palavra escrita em Ezequiel 43.15,16 como* ***'ari'ēl****, que significa "altar ou fornalha de altar". Nessa passagem, a palavra é lida no texto massorético com vogais ligeiramente diferentes como* ***'ari'ēl****. Em vista do gosto de Isaías por jogo de palavras, talvez os dois sentidos estejam em vista com o nome de Jerusalém refletindo o "leão de Deus" e também o sentido de "fornalha de altar". Quando Deus lutou contra a cidade, Ele tornou-a uma "fornalha de altar" donde o inferno da sua destruição seria elevado, em vez dos sacrifícios de adoração. Isso funcionaria bem com a introdução da "cidade onde acampou Davi" (NVI) como uma lembrança nostálgica e positiva para a declaração de guerra que, assim como Davi "acamp[ou] ao seu redor; [...] [e] cercou[-a]", também o faria Deus.*

A menção de **rampas de ataque** (NTLH) e **baluartes** pode referir-se a vários cercos reais que o Senhor trouxe contra Jerusalém primeiro por intermédio da Assíria e, mais tarde, da Babilônia (Is 29.3). As cidades muradas eram o refúgio no Antigo Oriente Próximo: os muros eram a principal proteção contra os invasores. Todavia, os exércitos grandes conseguiam construir rampas de terra e torres de cerco para superar até mesmo os muros fortificados, trazendo desastre para as cidades que confiavam nas suas poderosas fortificações. O ponto era que a cidade seria humilhada e **abatida**, como a **fala** de uma pessoa morta vindo do **pó** (v. 4).

Embora Deus permitisse que a cidade fosse cercada por uma **multidão dos [s]eus inimigos** e **tiranos** (heb. ***'arits***, "causador de terror", v. 5; veja v. 20), no fim, Ele libertaria a cidade. Isaías comentou que, em um **momento repentino**, Jerusalém será **visitada** pelo **SENHOR dos Exércitos**, que virá com grandes sinais naturais (v. 6; 66.15,16). Com o aparecimento do Senhor, **como o sonho e uma visão da noite será a multidão de todas as nações que hão de pelejar contra Ariel**, algo que se desvanece quando chega a manhã (29.7). No fim, **toda a multidão das nações que pelejarem contra o monte Sião** falhará em destruir a

cidade de Deus (v. 8). Com certeza, um cumprimento inicial dessa profecia ocorreu com a libertação sobrenatural da Assíria (30.27-31; 37.36-38); no entanto, a passagem pode ter um cumprimento futuro quando o Senhor Jesus vier no fim da era para lutar por Jerusalém (veja Ez 38.14—39.7; Zc 14.1-16; 24.6-31; Mc 13.8-27; Lc 21.10-28; Ap 16.18,19; 19.11-15).

29.9-16 Isaías dirige-se aos profetas e videntes da sua época que são cegos para o sentido das suas palavras (vv. 9,10). Ele observa que o fracasso deles em entender vem do Senhor, em cumprimento à proclamação de Deus no chamado de Isaías (6.9,10). Como resultado disso, a visão seria incompreensível para os que a ouvissem. Quer o indivíduo soubesse ler, quer não, o sentido das palavras estaria escondido ou **selado** para o entendimento deles (29.11,18; Rm 11.7,8). O motivo para a dureza deles contra receber a mensagem do profeta era que faltava às pessoas uma relação verdadeira com o Senhor. Embora eles, **com os lábios [...], honr[assem], [...] seu coração** não estava certo (Is 29.13; veja 1.11-15). O Senhor Jesus aplicou essa passagem aos líderes religiosos dos seus dias (Mt 15.7-9; Mc 7.6-9). Nos dois casos, a adoração deixou de ter sentido e era apenas uma série de **mandamentos de homens** (Is 29.13). O fracasso do povo em compreender o poder de Deus ficou evidente no fato de não compreender que absolutamente pode ser escondido de Deus, que sabe tudo (veja Sl 139). A insensatez da arrogância do povo é capturada de maneira apropriada pelo exemplo de Isaías de um pedaço de **barro** questionando os direitos ou sabedoria do seu **artífice** (Is 19.16; 45.9-12; cp. Pv 16.4-6; Jr 18.2-11; Rm 9.18-24; 2Tm 2.19-21). Duvidar ou desafiar os atos, autoridade ou conhecimento de Deus era tão ridículo quanto isso.

29.17-24 Isaías continua ao tratar do tempo da futura libertação quando os ensinamentos previamente selados seriam abertos para que **os surdos ouvi[ssem]** e os **cegos torna[ssem] a ver** (NVI, v. 18; cp. 35.5; 42.6,7; Mt 11.3-6). Isaías observa que haverá um tempo em que a mensagem de Deus não cairá mais em ouvidos moucos. Ele observa que a alegria viria para os **mansos** e os **necessitados** que **se alegrarão no Santo de Israel** (Is 29.19; veja Mt 5.3,5). Além disso, **o tirano** e **o escarnecedor** serão **desarraigados** quando o julgamento de Deus for executado (Is 29.20).

Isaías mencionara anteriormente que o ***TIRANO*** *(heb.* ***'arits****, "causador de terror, violento", v. 5) cercaria Jerusalém. Nessa passagem, Isaías anuncia que o "tirano" seria derrotado. A palavra* ***'arits*** *ocorre vinte vezes, sendo sete ocorrências em Isaías (Jó 6.23;*

15.20; 27.13; Sl 37.35; 54.5; 86.14; Pv 11.16; Is 13.11; 25.3,4,5; 29.5,20; 49.25; Jr 15.21; 20.11; Ez 28.7; 30.11; 31.12; 32.12). Normalmente, a palavra é usada em relação aos inimigos ímpios em geral e também a estrangeiros opressores de Israel. Um versículo usa de forma única a palavra para descrever o poder imenso e inspirador de temor de Deus (Jr 20.11). Na maioria das vezes, Isaías usa a palavra em referência aos inimigos externos. Viria um tempo em que os inimigos externos de Israel seriam eliminados juntamente com quaisquer escarnecedores do Senhor.

As promessas de Deus para Abraão serão completamente cumpridas porque o próprio Deus redimirá os seus verdadeiros descendentes (Rm 4.1-25; Gl 3.6-8). O Senhor comentou que **Jacó não será, agora, envergonhado** no que foi feito dos seus descendentes (Is 29.22; 45.17). Deus estabelecerá filhos fiéis que o **santificarão** e **temerão** (29.23).

30.1-7 Isaías proclama: **Ai dos filhos rebeldes** de Israel porque insistem em buscar aliança com o Egito. Eles, em vez de refugiarem-se com Deus, voltam-se **para buscar proteção no poder do faraó** (NVI, vv. 1,2). Judá, aparentemente, enviara embaixadores para as cidades egípcias de Zoã e Hanes pedindo ajuda.

Deus advertira que a dependência do Egito traria desapontamento. Isaías enfatiza que o Egito não traria nada além de **vergonha** (heb. ***boshet***, "falta de dignidade, senso de humilhação", v. 3). Deus também observa que **a ajuda do Egito** (NTLH) é **totalmente inútil** (NVI). O Senhor, com desdém, atribui ao Egito o nome **Raabe que não se move** (TB, v. 7; veja 51.9-11; Jó 26.12; Sl 87.4; 89.9,10). Raabe era um monstro marítimo nos mitos do Antigo Oriente Próximo; os escritores do Antigo Testamento, no entanto, também usavam o nome Raabe de forma figurativa para referir-se ao Egito.

30.8-17 Isaías recebeu ordem para escrever as profecias **perante eles** para que **fique escrito para o tempo vindouro, para sempre *e* perpetuamente** (v. 8; cp. 8.1). A referência a filhos rebeldes lembra um dos capítulos iniciais (1.2-4). O povo, mesmo quando eles rejeitaram as advertências verdadeiras de Deus e o chamado ao arrependimento, abraçou as mentiras dos falsos profetas. Deus, como resultado disso, proclamou que o pecado deles seria **como a parede fendida**, um defeito que continuaria a aumentar até à própria parede **desaba[r]** (NVI, Is 30.13).

Quando o colapso vier, que a maioria identifica com o exílio final na Babilônia, Israel seria tão completamente esmagada que nem mesmo uma

pequena lasca ficaria disponível para ser usada. As lascas de cerâmica eram usadas o tempo todo e são, de fato, essenciais para a datação na arqueologia moderna. Até mesmo os cacos de cerâmicas serem inúteis era uma imagem da destruição completa, até o mínimo detalhe. Isaías lembra-os do que Deus dissera-lhes: **No arrependimento e no descanso está a salvação de vocês** (NVI, v. 15); contudo, eles rejeitaram o método de salvação de Deus — depender apenas dEle — e buscaram métodos de libertação feitos por eles mesmos (28.12). Como resultado disso, nada que tentassem teria sucesso, e eles seriam devastados de modo que apenas a cidade sobreviveria **como o mastro no cume do monte** (v. 17).

30.18-26 A despeito da rebeldia do povo, Deus ainda esperava para mostrar misericórdia para com eles. Os que esperavam nEle encontrariam felicidade (8.17). Todos que afinal viviam em Sião nunca chorariam de novo (30.19; cp. 25.8).

A palavra para ***MESTRE*** *(NVI, heb.* ***moreh****, 30.20) é debatida entre os comentaristas porque pode ser entendida como singular ou plural. O verbo correspondente é singular. Em vista do contexto em que os líderes religiosos de Israel foram criticados, o substantivo parece ser mais bem entendido como singular. Assim, o "mestre" seria Deus, que, com o tempo, revelaria a si mesmo, fornecendo orientação e cuidado para o povo, levando-os a rejeitar a idolatria (Ez 39.29). No Novo Testamento, primeiro o Messias e, depois, o Espírito Santo assumem o papel de "Mestre" (Mt 23.10; Lc 12.12; Jo 14.26; 1Co 2.12,13). O Espírito Santo ensina ao cristão como entender a Palavra de Deus e como caminhar de uma forma que agrade ao Senhor.* Com a vinda desse derramamento da revelação de Deus, as **esculturas de prata** e também as **esculturas fundidas de ouro** serão rejeitadas como impuras (Is 30.22).

A referência à bênção da chuva e à prosperidade indica a restauração do povo com a restauração das bênçãos da aliança. Embora antes o Senhor tenha dado a eles **pão de angústia e água** (v. 20), o arrependimento deles incitaria a provisão abundante. Para os contemporâneos de Isaías, isso pode referir-se ao auxílio após a partida de Senaqueribe depois do cerco a Jerusalém. Além disso, essa passagem também pode corresponder aos dias posteriores em que o Senhor reinará na terra e todos virão a Ele para receber bênçãos. Nesse momento, qualquer nação que não reverencie ao Senhor sofrerá disciplina imediata por meio da cessação da chuva (Zc 14.16-21). Isaías diz que viria o tempo em que **o Senhor ligar[ia] a quebradura do seu povo e curar[ia] a chaga da sua ferida** (Is

30.26; 1.5,6) — um tempo de reversões: em vez de desobediência, obediência total; e em vez de sofrimento e dor resultando do pecado, cura e restauração vindas da misericórdia de Deus.

30.27-33 Isaías, por fim, garante a Israel que Deus já planejou executar a queda do grande inimigo deles identificado como Assíria (v. 31). Deus lutaria contra o rei assírio e, no fim, iria destruí-lo. **Tofete** (NVI, heb. "lugar de fogo") referia-se ao vale de Hinom, localizado a sul de Jerusalém, onde os israelitas realizavam a prática pagã de sacrificar crianças no fogo (2Rs 23.10; 2Cr 28.3; Jr 7.31; 19.6,11-14). Esse mesmo vale era chamado ***Geena*** (gr. transliteração de heb. ***ge'***, "vale", combinado com heb. ***Hinom***, "lamentação", ou seja, vale de Hinom; veja o estudo da palavra 2Cr 28.3) no Novo Testamento, e o seu nome era aplicado de forma figurativa ao Inferno (Mc 9.43-48). Deus relaciona a imagem de Tofete com a **fogueira** fúnebre do rei pagão (Is 30.33).

31.1-9 Isaías repete a advertência contra todos os que confiariam no Egito para a libertação, em vez de confiar no Santo de Israel (Sl 20.6,7). Na verdade, como Deus executou a destruição dos egípcios durante o êxodo, Ele também destruiria mais uma vez o Egito e aqueles a quem eles **ajuda[m]**. Isaías observa que **todos juntamente serão consumidos** (Is 31.3). Em 701 a.C., os exércitos egípcios, liderados por Tiraca, levantaram-se contra Senaqueribe, da Assíria, mas foram completamente derrotados perto de Ecrom (2Rs 19.9; veja notas em Is 20.5; 37.9).

Os inimigos de Judá cairiam como presas; ninguém deteria o Senhor no seu propósito. O Senhor mesmo, o Leão de Judá, defenderia Jerusalém (Ap 5.5). Isaías comenta: **ele a protegerá e a livrará; ele a poupará** [heb. ***pasach***, "ignorar", a mesma palavra usada em referência à Páscoa, Is 31.5; cp. Êx 12.11-13,23,27] **e a salvará** (NVI). Assim como Deus protegeu e ignorou Israel no Egito, enquanto destruía os inimigos dela, também aconteceria na situação com a Assíria. Israel seria poupada da praga enquanto os soldados de Senaqueribe seriam golpeados pelo "Anjo do SENHOR" (Is 37.36). Assim, a **Assíria cairá por uma espada que não é de homem** (NVI, 31.8).

32.1-8 Mais uma vez, a vinda do Reino messiânico, caracterizado pela justiça, é anunciada (cp. Is 9.7; 11.4; 16.5). Os loucos e os avarentos seriam avaliados à luz dos padrões de Deus e reconhecidos pelo que eram (32.5). Nas duas descrições de **louco** (heb. ***naval***, "ímpio, perverso", v. 5; cp. Nabal, 1Sm 25.3) e de avarento, as obras más deles eram especialmente

destrutivas para o pobre e o fraco. Em contrapartida, a pessoa **nobre** [heb. ***nadiv***, "principesco"; nobre ou generoso de mente e caráter"] **[...] projeta coisas nobres** (Is 32.8).

32.9-20 Isaías, mais uma vez, dirige-se às **mulheres** indulgentes e seguras demais de Israel com advertências do julgamento iminente (v. 9; veja 3.16—4.1). Ele adverte que ***daqui a* um ano e dias [...] a vindima se acabará** (32.10). Quando os exércitos assírios invadiram em 701 a.C., eles destruíram os campos do interior, deixando apenas Jerusalém de pé no meio de uma terra improdutiva despojada da chance de colheita. A resposta apropriada das mulheres em face da advertência deveria ser acreditar nas palavras de Deus, o que levaria ao pranto e ao arrependimento.

Isaías ainda observa que a **cidade barulhenta** (NVI) ficaria **deserta** (NVI) e desolada **até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto** (v. 15). Nesse ponto, a devastação seria revertida. O Espírito traria produtividade, justiça e retidão sobrenaturais, bem como paz. O vocabulário concernente ao Espírito ser "derram[ado]" também é usado em outras passagens ligadas aos últimos dias (Ez 39.29; Jl 2.28-32) e é, pelo menos parcialmente, cumprido pela vinda do Espírito no Pentecostes (At 2.16-21). A desolação não era física, mas, sim, a ausência da presença de Deus, a fome "de ouvir as palavras do SENHOR" (Am 8.11). Os escritores intertestamentários falam de quando a "profecia cessou" e a palavra de Deus não veio mais.

33.1-9 Nesse capítulo, Isaías lida com o destino dos ímpios e também com a alegria futura dos justos. Ele começa dirigindo-se ao destruidor nunca destruído, identificado, de início, como a nação da Assíria, que conquistara tantos e não tinha sido conquistada (21.2). É feita uma oração por libertação em face do problema enfrentado pelo povo (33.2-6). O problema parece ser em relação à quebra da aliança discutida nos versículos 7-9. **Os mensageiros de paz estão chorando amargamente** porque **ele rompeu a aliança** (vv. 7-8).

Ezequias e o rei de Judá, por volta de 701 a.C., foram cercados porque se recusaram a pagar tributo para a Assíria. Quando os exércitos assírios afluíram a Judá, destruindo a cidade e a terra, Ezequias tentou fazer um acordo de paz com a Assíria enviando o tributo exigido pelo rei assírio. O rei da Assíria, todavia, pegou o tributo e continuou o cerco a Jerusalém, para desalento e temor dos habitantes da cidade (2Rs 18.13—19.37; Is 36.1—37.38). Embora, de início, o contexto fosse o ataque assírio, alguns

também relacionam esse evento como um tipo dos eventos futuros envolvendo a fraude do anticristo (Dn 9.27).

33.10-24 Seguindo o período de desolação, em um momento específico transmitido pelas três repetições da palavra **agora**, o Senhor escolherá **levanta[r]** a fim de **levanta[r]** a si mesmo e **se[r] exaltado** (33.10, cp. cap. 2). Ele virá em julgamento contra os injustos, e **os povos serão como os incêndios de cal, como espinhos cortados arderão no fogo** (33.12; cp. 5.24; 9.18,19; 10.16-19; 24.6). Os comentaristas apontam que o julgamento, de início, foi sobre a Assíria, primeiro quando Deus venceu o exército que cercava Jerusalém e, depois, quando esse reino e a sua capital, Nínive, caíram (Na 1.6,10); no entanto, a passagem também parece ser aplicada a um tempo futuro de julgamento final (Ml 4.1; Mt 25.41; 2Ts 1.7-10; 2Pe 3.7,10,11).

Por repetidas vezes, há a mistura do inimigo imediato de Deus (Assíria) e o inimigo derradeiro de Deus (o mal e os seus seguidores). Toda a situação é vista como uma batalha miniatura na guerra entre Deus e as forças do mal. A confiança de que o Senhor vencerá nas pequenas batalhas vem da certeza de que Ele vencerá a guerra toda. E cada pequena vitória é um lembrete para regozijar-se na vitória total que vem da morte de Cristo na cruz.

A vinda do Senhor em julgamento desperta medo no coração dos **pecadores** e **ímpios** (NVI) porque finalmente reconhecem a pureza absoluta do Santo de Israel, que vem como um **fogo consumidor** (Is 33.14; Êx 24.17; Dt 4.24; 9.3; Is 29.6; 30.30; Os 12.29). Os que são considerados justos desfrutam a libertação do Senhor e entram na paz do seu governo. Eles não têm mais de pagar tributo ou temer um inimigo estrangeiro como a Assíria e não **ver[ão] mais aquele povo cruel** (heb. ***ya'az***, "arrogante, feroz", Is 33.19) falando uma língua estranha (uma reversão de 28.11).

Em vez disso, Israel será estabelecida de forma sólida, e **o Senhor será o Poderoso para** (NVI) os justos (33.21). Nesse ponto, o governo do Senhor será estabelecido de forma permanente de modo que será o **Juiz**, o **Legislador** e **Rei** deles (v. 22; 1Sm 8.5-8,18-22; 12.12,13,17-19; Os 13.9-11). Deus salvaria. Os justos que habitam na cidade seriam justos não porque eram perfeitos, mas porque foram **absolvido[s] da sua iniquidade** pela graça e misericórdia de Deus (Is 33.24; 40.1,2; Jr 50.20; Mq 7.18-20; Rm 3.10,21-26; 1Jo 1.7-9).

Um Resumo do Julgamento e da Salvação (34.1—35.10)

Os temas de julgamento e salvação estão entremeados ao longo dos capítulos precedentes. Nos capítulos 34 e 35, a dupla mensagem é recapitulada com claras nuanças escatológicas. O capítulo 34 lida com o julgamento, e o capítulo 35 trata da salvação do redimido.

O julgamento sobre as nações (34.1-17)

34.1-17 O versículo 1 é um chamado geral da atenção de todos os habitantes da terra referente ao julgamento iminente de Deus. Os versículos 1 a 4 lembram outras passagens que têm a ver com o julgamento dos últimos dias. Essa passagem cobre dois aspectos desse julgamento:

- *Os exércitos serão* ***DESTIN[ADOS] PARA A DESTRUIÇÃO*** *(ARA, heb.* ***charam****, "devotado a destruir totalmente", vv. 2-3; 66.24; veja Ez 39.17-20; Ap 19.15-21; 20.7-9). Nessa passagem, o verbo* ***charam*** *tem nuanças específicas em relação ao tipo de destruição. O verbo é usado 52 vezes ao longo do Antigo Testamento e, em geral, para referir-se a algo ou alguém sendo consagrado ou dado completamente ao Senhor. A consagração ao Senhor era muitas vezes expressa pela destruição total do objeto ou ser (e.g., Lv 27.28,29; Nm 21.2,3; Dt 2.34). A maior parte das ocorrências refere-se às cidades cananeias sendo separadas por Deus para a destruição. Raramente, a palavra é usada para descrever uma destruição realizada pelas nações pagãs. O verbo aparece três vezes em Isaías (Is 11.15; 34.2; 37.11). Essa passagem observa que os exércitos das nações rebeldes serão totalmente exterminados.* Haverá duas batalhas principais nos últimos dias quando o Senhor intervirá e destruirá completamente os exércitos rebeldes — a primeira precedendo o estabelecimento do reino milenial do Senhor, e a segunda, após a rebelião das nações encorajada por Satanás no fim do reino milenial (34.1-4; cp. Ap 16.15-21; 20.7-10).
- **As estrelas dos céus serão todas dissolvidas** (NVI, Is 34.4; veja 51.6; Jl 2.30,31; 3.14-16; Mt 24.29; Mc 13.24,25; Lc 21.25,26; 2Pe 3.12; Ap 6.13,14; 8.10; 20.11). Outras passagens discutem a criação de um novo céu e uma nova terra seguindo a destruição dos antigos (Is 65.17; 66.22; 2Pe 3.13; Ap 21.1).

Uma vez que aconteça o julgamento das nações e corpos celestiais, **Edom** está marcada para a **destruição** (NVI, heb. ***chērem***, "a devoção de algo à destruição total", Is 34.5; de ***charam***; veja estudo da palavra 34.2,3; cp. 43.28). Edom, na história de Israel, é caracterizada pelo ódio ao povo de Deus e desafio aos propósitos divinos (Nm 20.14-21; 2Rs 8.20-22; 2Cr 28.17; Sl 137.7; Jr 49.7-22; Ez 35.1-15; Jl 3.19; Am 1.11,12; Ob 1-21; Ml 1.2-5). A verdade dessa profecia de destruição é estabelecida com gerações de desolação de Edom até mesmo agora. O vocabulário referente ao sacrifício de vários animais é entendido como referindo-se aos vários tipos de pessoas, dos mais baixos aos mais altos líderes da terra, que cairiam para a espada de Deus. Isaías proclama que Deus tem **o dia da vingança** [heb. ***naqam***; veja estudo da palavra Is 63.4], um **ano de retribuições** [heb. ***shillum***, "revide, retribuição"] **pela luta de Sião** (34.8; veja notas em 63.1-6; veja Jr 49.13; Ez 35.12-15; Am 1.11; Ob 10-14).

Em 586 a.C., quando a Babilônia destruiu Jerusalém, Edom juntou-se ao saque. Deus advertira Edom de antemão que retribuiria o mal que a nação cometera contra Israel no tempo de angústia desta (Ob 15). O julgamento de Deus sobre Edom caiu sobre a terra, os governantes e as cidades. Muitos comentaristas entendem que a descrição da destruição de Edom, semelhante à da Babilônia, representa o destino de todos os povos que se opõem a Deus (Is 13.19-22; 14.22,23; Ap 14.11).

A salvação do redimido por Deus (35.1-10)

35.1-10 Embora Edom e as nações desafiantes tenham sido condenadas à destruição, o remanescente de Sião recebeu a promessa de redenção e restauração. Até mesmo **o deserto se alegrar[á] com isso** (v. 1). A devastação da terra operada pelo inimigo seria mais que revertida (veja 33.9; 51.3). São mencionadas mais uma vez a **vingança** (heb. ***naqam***; veja 34.8) e a **retribuição** (NVI, heb. ***gemul***, "recompensa") do Senhor; mas a vinda do Senhor, no caso daqueles que pertencem a Ele, significa salvação (35.4).

Isaías, com a linguagem de cura encontrada em outras passagens messiânicas, descreve uma transformação completa do redimido. Os **olhos** serão abertos, **se destaparão os ouvidos** (NVI), **os coxos** não só andarão, como também **saltarão** de alegria quando as línguas que antes eram mudas não só falarão, como também **cantar[ão] de alegria** (NVI,

vv. 5,6; veja 29.18; 42.6,7; Mt 9.27-30;32,33,35; 11.3-6; 12.22; 15.30,31; Lc 7.20-22; Jo 9.3-7; At 3.6-9; 8.7,8). As **águas** fluiriam, representando a presença e provisão de vida da parte de Deus (Is 35.6; cp. 12.3; 32.3; 41.17.18; Jo 4.14). As transformações físicas e espirituais foram iniciadas com a primeira vinda do Messias, Jesus Cristo. O cumprimento acontecerá quando Ele voltar para estabelecer o seu Reino eterno.

Nesse momento, haverá uma estrada chamada **O Caminho Santo** (Is 35.8). *Só os* ***REMIDOS*** *(heb.* ***ga'al****) "andarão por ele", e o progresso deles será protegido (v. 9). O conceito de redenção é crucial para Isaías. Para os israelitas, esse verbo,* ***ga'al****, que ocorre cerca de 104 vezes com 23 referências apenas em Isaías, tinha um sentido rico além da definição básica de "redimir". A palavra geralmente inclui o envolvimento de um parente próximo ou proprietário que pagaria um preço para resgatar alguém ou algo. O parente remidor, ou parente próximo, era obrigado a adquirir e restaurar um campo, ou até mesmo uma pessoa, que fora vendido por necessidade (Lv 25.25-27; Rt 2.20; 3.9,12,13; 4.1-14; veja as notas em Rt 2.18-23). Além disso, a palavra era usada quando um proprietário pagava um preço para redimir algo separado para o Senhor (Lv 27.11-33). A forma participial de* ***ga'al*** *também pode ser usada para descrever um parente de sangue próximo que foi chamado para vingar a vida de um parente (Nm 35.12,19,21,24-27).*

Em Isaías, a palavra é usada com frequência no contexto das ações de Deus para salvar o seu povo, em que Ele assume o papel de parente-remidor para pagar uma dívida que o seu povo não poderia pagar a fim de trazê-los à restauração (Is 35.9; 41.14; 43.1,14; 44.6,22-24; 47.4; 48.17,20; 49.7,26; 51.10; 52.3,9; 54.5,8; 59.20; 60.16; 62.12; 63.9,16). Na Septuaginta, o verbo hebraico ***ga'al*** *é traduzido pelo verbo grego* ***lutroō****, "redimir, libertar, liberar" (35.9; 41.14; 43.1,14; 52.3; 62.12; 63.9; cp. Lc 24.21; Tt 2.14; 1Pe 1.18) ou por* ***ruomai*** *(gr. "salvar, resgatar, libertar", Is 44.6; 47.4; 48.17,20; 49.7,26; 51.10; 52.9; 54.5,8; 59.20; 63.16; cp. 2Co 1.10; Cl 1.13; 1Ts 1.10). Há um caso de* ***exaireō*** *(gr., "resgatar, libertar, salvar") em Isaías 60.16 (cp. Gl 1.4).*

Seguindo o "Caminho Santo", **os resgatados** [heb. ***padah***; veja estudo da palavra Is 1.27-31] **do Senhor voltarão e virão a Sião**. Isaías 35.10 é quase idêntico a 51.11, passagem esta que descreve a volta dos israelitas do cativeiro babilônico para Sião com uma clara referência ao êxodo original do Egito. Em todos os casos, a redenção do povo foi realizada apenas pela obra soberana de Deus. Para todos remidos, a ***alegria*** pura e não contaminada por qualquer ***tristeza*** estaria presente em Sião (35.10; cp. Ap 7.17; 21.4).

O Teste de Judá (36.1——39.8)

As profecias iniciais de Isaías fornecem um alicerce firme para a narrativa histórica apresentada nos capítulos 36 a 39, que funcionam como uma ponte entre o conflito assírio experimentado pelo povo da época de Isaías e a futura opressão babilônica. Esses capítulos levantam a questão de suma importância: Deus pode salvar Israel? Ele é um Deus Todo-poderoso, soberano e onipotente ou é fraco e impotente? A questão, embora posta na boca de um servo pagão da Assíria, certamente tem ressonância no coração de todos os israelitas. Boa parte do restante do livro responde a essa pergunta. O Senhor é o único Deus e não só pode salvar, como salvará. Esses capítulos e, em particular, o desafio da Assíria, estabelecem a estrutura para o entendimento do restante do livro. O fracasso do povo de Deus não sugere de modo algum o fracasso do Senhor, e a vitória dos povos pagãos não implica de maneira alguma na vitória dos deuses deles.

A mensagem de Isaías para o povo, como sempre, era para confiar no Senhor, e não em outras nações, para a libertação. Quando Judá e o rei Ezequias buscaram o Senhor por salvação, a libertação foi provida. Quando o rei ou o povo tiram o seu foco de Deus, o julgamento vem.

A Crise em Judá (36.1—37.20)

O relato de Isaías do cerco assírio de 701 a.C. e da libertação de Deus é repetido em 2 Reis 18.17—19.37. Além disso, são fornecidos destaques em 2 Crônicas 32.1-23. O rei Ezequias rebelou-se contra os assírios e parou de pagar o tributo (2Rs 18.7). Apesar de a resposta dos assírios ter demorado por causa de agitação em outras partes do reino deles, em 701 a.C., as forças de Senaqueribe marcharam através de Israel e Judá, trazendo devastação. O rei assírio, Senaqueribe, vangloriou-se na Inscrição do Touro de que conquistara 46 cidades de Israel e também muitas vilas (Is 36.1; 2Rs 18.13).

O rei Ezequias, confrontado com os resultados tenebrosos da invasão assíria, enviou uma mensagem ao rei da Assíria, que estava fazendo cerco a Laquis, a apenas 40 quilômetros de Jerusalém. Ezequias implorou por paz, concordando em pagar qualquer quantia estipulada pelos assírios (2Rs 18.14-16). Por conseguinte, o rei assírio estipulou um preço alto; mas,

apesar de o rei Ezequias esvaziar o tesouro de Jerusalém para pagar o tributo excessivo, os assírios decidiram vir contra Jerusalém (veja Is 33.7-9).

36.1-7 Senaqueribe, do cerco em Laquis, enviou **Rabsaqué [...] com um grande exército** para Jerusalém a fim de encorajar a rendição de Ezequias. *O substantivo* ***RABSAQUÉ*** *ocorre dezesseis vezes no Antigo Testamento, aparecendo apenas no relato em relação ao ataque contra Jerusalém pelos assírios em 2 Reis e Isaías. A palavra é entendida como um título a ser usado para um chefe militar assírio, em vez do nome próprio.* Três homens proeminentes de Jerusalém saíram para falar com ele, **Eliaquim**, a essa altura mordomo do palácio, **Sebna** e **Joá** (v. 3; veja notas em 22.15-25). O Rabsaqué começou imediatamente a desacreditar as duas principais maneiras pelas quais Judá poderia abraçar a esperança por libertação dos assírios:

- *Os egípcios (36.6).* A falta de fidelidade por parte dos egípcios era bem conhecida pelos assírios. O chefe assírio observou que qualquer dependência do fraco Egito traria inevitavelmente prejuízo. Deus também advertiu reiteradamente Judá para não confiar no Egito para libertação (veja notas em 19.1—20.6).
- *O Senhor (36.7).* O Rabsaqué referiu-se à reforma espiritual do rei Ezequias para restaurar a adoração apropriada em toda a terra e, em especial, no Templo em Jerusalém. Ezequias tentou purgar a terra dos **altos e os altares** (NVI) impróprios em obediência à orientação de Deus (2Rs 18.3,4; 2Cr 31.1). O Rabsaqué não teria entendido a necessidade de haver um lugar para adoração cultual e, por isso, teria percebido os atos de Ezequias como contra Deus, e não em obediência a Ele. O Rabsaqué presumiria incorretamente que esses atos deixariam Deus com raiva e sem vontade de defender o seu povo. (Veja notas sobre passagem paralela, 2Rs 18.13-37.)

36.8-22 O Rabsaqué continuou a ridicularizar o povo de Jerusalém provocando-os a respeito da sua falta de força em face do poderoso exército assírio. O chefe militar estivera falando em hebraico de modo que as pessoas comuns em Jerusalém conseguiam entender a sua mensagem desmoralizante. Os três homens que foram ao encontro do Rabsaqué pediram que ele falasse com eles usando a língua diplomática corrente, o

aramaico (NVI), a qual na época não seria entendida pela maioria dos habitantes de Jerusalém (v. 11).

O pedido dos funcionários só estimulou o atormentador a intensificar a sua zombaria apresentando a imagem implacável de fome em que teriam de **comer as próprias fezes e beber a própria urina** (NVI) como resultado do cerco assírio (v. 12). A esperança do comandante assírio era minar a autoridade de Ezequias e encorajar qualquer golpe interno possível levando a rendição da cidade. Essa imagem do que os habitantes de Judá enfrentavam não era uma ameaça ineficiente.

O Rabsaqué persistiu: **não deis ouvidos a Ezequias** (v. 16). Ele recusou-se de forma incisiva a dirigir-se ao rei de Judá com o seu título apropriado, rebaixando o seu caráter e habilidade para salvar, enquanto pintava uma imagem misericordiosa e generosa do **rei da Assíria** e, ao mesmo tempo, apelava para o desejo do povo por paz e plenitude (vv. 16,17). Ele também argumentou que nenhum Deus de qualquer outra nação fora capaz de ficar contra a Assíria e enumerou as cidades da Síria (Arã) e também a cidade de Samaria. Uma vez que, àquela altura, nenhuma cidade fora libertada, ele questionou a ideia de que o Senhor poderia **livra[r] a Jerusalém** (v. 20; 10.8-11). O Rabsaqué não entendeu que Deus permitira à Assíria conquistar as cidades, usando a Assíria para julgar e disciplinar Israel, bem como a Judá. Contudo, viria um tempo em que a Assíria também seria julgada (10.5-19). Os três funcionários, após ouvir as palavras ardentes do comandante assírio, **vieram a Ezequias com as vestes rasgadas** como um sinal externo da sua angústia e tristeza (36.22).

37.1-7 A resposta do rei Ezequias foi voltar em angústia para o Senhor Deus. Isaías fora uma testemunha fiel da palavra do Senhor referente a Israel e Judá, e Ezequias, desesperado, pede que o profeta interceda junto a Deus. O rei descreve a **angústia** da situação como quando chegados **os filhos ao parto, e força não há para os dar à luz** (v. 3; 26.17,18). A imagem retratava uma mulher em absoluta agonia e total exaustão sem nenhuma capacidade para viabilizar uma forma de libertar a si mesma ou ao filho. O tempo todo, Ezequias estivera preparando para a guerra e encorajando o povo a confiar no Senhor, e, nesse ponto, a sua angústia era compreensível (2Cr 32.1-8). A vitória ou derrota estava próxima; Jerusalém não se salvaria da destruição, mas Deus iria libertá-la?

Ezequias mostra que Rabsaqué não só insultara Judá, como também zombara do **Deus vivo**. A frase o **remanescente que ainda sobrevive** (NVI) aplica-se àqueles de Judá que partiram depois de aguentar a ira dos assírios, especificamente aqueles de Jerusalém (Is 37.4; veja 1.7-9). A resposta de Isaías não se referia apenas à trégua imediata, mas à eventual libertação completa da Assíria, que ocorreria conforme documentado em 37.36-38.

37.8-13 O Rabsaqué foi perturbado pela notícia dos movimentos do rei assírio e partiu para juntar-se a ele. Senaqueribe lutou primeiro contra Libna, antes sob o controle de Judá (Js 10.29; 21.13; 2Rs 8.22; 2Cr 21.10) e, depois, teve um confronto com uma força egípcia liderada por **Tiraca, rei da Etiópia** (Cuxe, Is 37.9, veja notas em 20.4,5; 31.3). Na época, Tiraca estava provavelmente liderando os exércitos egípcios do seu irmão, Xabaca, a quem sucedeu como rei do Egito. Os assírios, embora momentaneamente distraídos por batalhas contra outras nações, continuaram a sua estratégia de intimidação e guerra psicológica por meio de cartas trazidas a Ezequias por mensageiros (37.9,14). O principal argumento de 36.18-20 é repetido com o acréscimo de referências à total destruição de mais cidades e reis.

37.14-20 Ezequias, mais uma vez confrontado com a sinistra ameaça do rei da Assíria, volta-se para o Senhor. Ele, pegando **as cartas**, vai para o Templo, **as estendeu perante o Senhor** e abriu o seu coração para Deus, colocando a situação toda nas mãos do Senhor (v. 14). Na oração de Ezequias, há várias declarações essenciais referentes a Deus:

- O **Senhor dos Exércitos** é o **Deus de Israel [...] [que] habit[a] entre os querubins** (v. 16). Os querubins são outros seres angélicos, como os serafins (veja 6.1-2), que servem diante de Deus. A Arca da aliança tinha dois querubins esculpidos em frente um do outro olhando para baixo para o propiciatório, o lugar de expiação que cobre a Arca (Êx 25.19-22; 37.7-9). O Senhor, em outras passagens, é descrito como habitante entre ou sobre os querubins (1Sm 4.4; 2Sm 6.2; Sl 18.10; 80.1; 99.1; Ez 9.3; 10.1-20; 11.22). Quando Salomão construiu o Templo, ele incluiu dois querubins grandes de pé com as asas estendidas sobre a Arca (1Rs 6.24-27; 8.6,7; 2Cr 3.7-14; 5.7,8). Ezequias estava enfatizando a presença de Deus com Israel e o seu lugar escolhido para residir. Reconhecer Deus como "entronizado" (NTLH) é reconhecer a sua realeza acima até mesmo da realeza de Ezequias e de Senaqueribe, e ser

entronizado "acima dos querubins" (NTLH) reconhece-o como o Rei divino, e não como um governante terreno.

- O Deus de Israel era o único Deus de **todos os reinos da terra** (Is 37.16). O entendimento comum no Antigo Oriente Próximo era que cada povo e reino tinha o seu próprio deus local. O povo acreditava que, nos conflitos, o deus mais poderoso em geral os vencia, embora os deuses, devido a desgostos, pudessem permitir a derrota como punição para o povo do seu território. Ezequias, em contraste com esse pensamento, entendia e reconhecia corretamente que o Deus de Israel era o único Deus; Ele não tinha de concorrer contra os outros deuses territoriais. Havia outros poderes demoníacos, mas não se comparavam ao único Deus verdadeiro. A derrota do povo de Deus só acontecia por causa do desprazer dEle, nunca porque Ele mesmo fora derrotado por outro deus. O Senhor Deus era e é soberano sobre todos os assuntos de todos os reinos, não apenas de um território (43.10-13; 44.6-8; 45.21,22). Ezequias, ao afirmar isso de forma tão firme, rejeitava explicitamente a mensagem das cartas, ou seja, que o deus assírio era maior que o Deus de Israel.
- O Deus de Israel era o Criador dos **céus e a terra** (37.16). Deus não foi "feito" como os ídolos das nações. O Senhor Deus era o único Criador de todas as coisas e, portanto, tinha controle total sobre a sua criação (Gn 1.1; Sl 3.6-9; Is 40.18-28; Jo 1.1-3).

Ezequias pediu ao Senhor para **ouv[ir]** e **olha[r]** tudo de que Senaqueribe vangloriara-se contra **o Deus vivo** (Is 37.17). Ezequias não duvidava de que Deus soubesse sobre a situação. O pedido não era por conscientização, mas por ação com base no conhecimento. Ezequias pediu ao Senhor para libertar Israel a fim de provar ao mundo que os assírios estavam errados e que o Deus de Israel era o único Deus verdadeiro.

A Libertação do Senhor (37.21-38)

37.21-29 Uma vez que Ezequias humilhara-se diante de Deus, recorrendo à sua misericórdia para a salvação, o Senhor, por intermédio de Isaías, disse a Ezequias que Jerusalém seria poupada. A resposta inicial do Senhor foi para o arrogante rei assírio. O Senhor, em uma expressão ardorosa de desprezo, indicou uma reversão da zombaria assíria, pois a **filha de Sião** (v. 22; na verdade, "a filha virgem de Sião"; veja o estudo da palavra 47.1)

seria quem zombaria dos assírios blasfemos. Os assírios não só zombaram de Jerusalém, como também falaram **contra o Santo de Israel** (37.23). Senaqueribe, o rei dos assírios, tomou orgulhosamente para si mesmo o crédito pelo seu sucesso. Deus anunciou que só Ele, **desde os dias da antiguidade [...] o havia planejado** (NVI, v. 26; veja 10.12-14). A Assíria só foi bem-sucedida militarmente porque o Senhor determinara usá-los para julgar as nações. A Assíria, como Isaías professara antes, foi um instrumento do Senhor (10.5,15).

Chegara o tempo da arrogância e orgulho dos assírios também cair sob o julgamento de Deus; o Senhor mostraria que só Ele levantava e abatia. O Senhor disse a eles: **porei o meu anzol no teu nariz e o meu freio, nos teus lábios e te farei voltar pelo caminho por onde vieste** (37.29; cp. 30.27-31; veja o estudo da palavra, 2Rs 19.20-37). Há uma evidência antiga revelando os anzóis humilhantes que os assírios usavam para conduzir os prisioneiros. O Senhor iria tratá-los da mesma forma.

37.30-35 O Senhor, após se dirigir ao rei assírio, dá garantias a Ezequias de que Jerusalém seria poupada. A Assíria seria expulsa pelo Senhor e nunca mais ameaçaria Jerusalém. Os campos vizinhos foram destruídos pelos assírios, e a recuperação, embora prometida, seria gradual. Vários comentaristas sugerem que o período de tempo cobriu partes dos três anos de modo que o início do segundo ano foi encerrado no tempo da libertação. Nesse caso, o povo de Jerusalém não teria podido plantar para a safra seguinte. Nesse primeiro ano, o povo teria apenas o que fora deixado, o que crescera sem cultivo e, no ano seguinte, apenas o que crescesse dessas raízes velhas. No entanto, eles receberam a promessa de que, no terceiro ano, conseguiriam **seme[ar] e colh[er]** (NVI) livremente para que tudo voltasse ao ciclo normal (v. 30). Assim como a terra se recuperaria e produziria fruto, também aconteceria com a população do **remanescente da tribo de Judá** (NVI, v. 31).

Deus prometera que o rei assírio nunca entraria na cidade de Jerusalém porque ele protegeria a cidade. Foi uma libertação, porém uma que exigiu um período de dois anos de espera antes de a libertação total vir, permitindo a volta à vida agrícola regular. É possível ver a paixão no desdém de Deus pela Assíria e o cuidado por Israel e não deixar escapar a dura realidade de que a libertação milagrosa de Deus ainda exigia confiança constante e paciente ao longo de vários anos.

37.36-38 Como o Anjo do Senhor feriu os primogênitos dos egípcios, também em uma noite saiu **o Anjo do SENHOR e feriu, no arraial dos assírios, a cento e oitenta e cinco mil** (v. 36; 2Rs 19.35). A Escritura não especifica exatamente onde a força principal estava acampada no momento da calamidade. Alguns estudiosos, baseados no relato de Heródoto que menciona a fuga dos assírios diante da praga de rato perto do Egito, sugerem que aconteceu uma praga quando os assírios estavam perto do Egito. No entanto, o relato de Heródoto foi tirado de fontes egípcias, e a natureza repentina das mortes em massa durante a noite apresentada no relato bíblico não parece coincidir com a história de Heródoto.

Talvez as forças estivessem agrupadas em algum lugar em Judá na época. As nações vizinhas podem ter creditado, de alguma forma, a destruição do exército assírio a Ezequias. Aparentemente, foram apresentados presentes a Ezequias em conexão próxima com esse evento, "de modo que, [ele] depois disso, foi exaltado perante os olhos de todas as nações" (2Cr 32.22,23). Que Deus realizou o evento milagroso de uma forma abrupta e decisiva a fim de libertar Jerusalém, isso é certo.

Senaqueribe nunca conseguiu conquistar Jerusalém. Os seus próprios relatos deixam isso bem claro; ele só conseguiu prender Ezequias em Jerusalém "como um pássaro na gaiola".[2] Quando Deus o tirou da terra, ele **voltou** para a Assíria **e ficou em Nínive** por cerca de vinte anos (Is 37.37). Não há indicação de que ele tenha se aventurado a voltar a Judá. Em 681 a.C., Senaqueribe, **estando ele prostrado na casa de Nisroque, seu deus**, foi assassinado por dois filhos seus (v. 38; cp. v. 7). Como muitos comentaristas observam, o profeta transmite uma ironia sutil ao fornecer a informação final em relação ao fim do rei blasfemo. Senaqueribe negara o poder do Deus Altíssimo. Contudo, quando Ezequias voltou-se em submissão e dependência para o Senhor, Deus proveu libertação sobrenatural impressionante. Em contrapartida, apesar de Senaqueribe estar "adorando no Templo de seu deus" (NVI), o ídolo impotente foi incapaz de salvá-lo.

A Cura de Ezequias (38.1-22)

38.1-8 Por volta da mesma época da poderosa libertação de Jerusalém por Deus, **Ezequias adoeceu de uma enfermidade mortal** (v. 1; 38.21; 2Rs 20.1-11; 2Cr 32.24). Os comentaristas debatem a cronologia da doença

de Ezequias em relação à invasão e derrota assíria. Alguns comentaristas sugerem que os capítulos 38 e 39 ocorreram antes da derrota assíria e foram colocados de propósito depois de 36 e 37 a fim de introduzir os capítulos seguintes que lidam com a Babilônia. A expressão inicial, **naqueles dias**, é bastante abrangente para permitir algum espaço de manobra para o momento exato (Is 38.1). A promessa é de libertação dupla — da doença e do rei assírio (v. 6; 37.35).

Isaías foi enviado a Ezequias por Deus para dizer: **Põe em ordem a tua casa** (38.1), e esse é o sentido mais literal da fala. Ezequias, apesar de ter sido informado de início para emitir as suas últimas ordens, pois morreria, ainda rogou a Deus pela sua vida, apontando a sua fidelidade como um motivo para a misericórdia divina. O relato paralelo em 2Reis 20.4 observa que Isaías não chegara nem a deixar o "meio do pátio" quando Deus disse-lhe para dar meia-volta e transmitir uma nova mensagem. Deus disse a Ezequias que este seria curado e teria **quinze anos** a mais de vida (Is 38.5). O Senhor também reafirmou que salvaria Ezequias e a cidade **das mãos do rei da Assíria** (v. 6). No relato paralelo em 2 Reis 20.6, a promessa de Deus de libertação para Ezequias durante a sua doença foi a mesma promessa em Isaías 37.35. Deus salvaria Ezequias e Jerusalém pela sua própria causa e por causa de Davi, o seu servo — não por causa de mérito pessoal de Ezequias.

O relato em 2 Reis fornece mais informação sobre o sinal dado por Deus. Ezequias pediu por um sinal de que seria curado, e o Senhor deu a ele uma escolha sobre se a sombra da escada de Acaz seria movida dez passos para frente ou para trás. Ezequias escolheu a opção mais difícil, e o Senhor realizou o sinal milagroso (2Rs 20.9-11; 2Cr 32.24). A disposição de Ezequias de aceitar o sinal do Senhor estava em contraste com a descrença do seu pai, Acaz (Is 7.10-14).

38.9-22 A poesia é claramente atribuída a Ezequias e é uma expressão apropriada da sua gratidão pela cura provida por Deus. A poesia de Ezequias, embora tenha semelhança no pensamento e fraseado de outras poesias encontradas em Salmos, só aparece em Isaías. Essa semelhança faz sentido, em vista do uso dos salmos por Ezequias na adoração (2Cr 29.30). Havia três aspectos principais para a poesia de Ezequias:

- Ele expressa o seu pesar pela sua doença e prospecto de ir **nas portas do Cheol** (TB, heb. "sepultura, cova, inferno", Is 38.10; Sl 88.3-6; 116.3).

Ele lamenta que a sua morte seria prematura. Os comentaristas também apontam que parte do grande pesar de Ezequias devia-se ao fato de que, no momento da sua doença, ele não tinha herdeiro.

- Ele reconhece que Deus restaurou-o da doença e deixou-o vivo (Is 38.16; Sl 30.3; 116.8,9). A cura física era um sinal de cura espiritual. Conforme Ezequias observou, o Senhor **lanç[ou] para trás das [s]uas costas todos os meus pecados** (veja 2Sm 12.13; Sl 103.12; Is 43.25; Mc 7.19).
- Ele deu graças e determinou o louvor a Deus (38.19,20; Sl 6.5; 30.9; 78.3,4; 88.10-12; 115.17). Ele observou que **o pai aos filhos fará notória** a verdade de Deus. Era responsabilidade do pai (e da mãe) contar as histórias da libertação do Senhor e treinar os seus filhos a honrar o Senhor (cp. Dt 4.9; 6.7). Ezequias recebeu mais quinze anos de vida. Durante esse tempo, Manassés, o seu filho e herdeiro, nasceu. Manassés, embora se tenha beneficiado nos seus primeiros anos de vida do treinamento de Ezequias, tornou-se o pior rei que Judá já tivera (2Rs 21.1-17). Contudo, quando Deus puniu-o com o cativeiro, Manassés sabia o bastante para arrepender-se e humilhar-se diante do Senhor (2Cr 33.11-13).

Para Ezequias, assim como para a maioria no Antigo Testamento, a sepultura era algo a ser temido. Embora houvesse um conceito de vida além da sepultura no pensamento hebraico (Jó 19.25,26; Dn 12.1,2), isso só foi completamente definido com a vinda do Senhor Jesus. Este conquistou a sepultura e prometeu alegria na vida eterna para todos os que confiassem nEle como Senhor (veja notas em Is 25.7,8; Jo 11.23-27).

Isaías, subsequente à promessa de cura, instruiu Ezequias a aplicar "pasta de figos" na ***CHAGA*** *(heb.* ***shichin****, "furúnculo, erupção ou lugar inflamado", Is 38.21). A praga com furúnculos foi uma das que Deus enviou ao Egito (Êx 9.9-11). Havia métodos prescritos fornecidos para Israel lidar com as chagas a fim de garantir que não fossem lepra ou relacionadas com uma praga (Lv 13.18-20,23). As chagas eram incluídas como uma das maldições que Deus enviaria sobre Israel se fossem infiéis (Dt 28.27,35). Jó sofreu de chagas enquanto foi testado por Satanás (Jó 2.7,8).* O rei, depois de aplicado o emplastro, ficou curado (2Rs 20.7).

A Profecia de Julgamento (39.1-8)

39.1,2 Ezequias, depois da sua doença e cura, recebeu enviados de Merodaque-Baladã, filho de Baladã, rei da Babilônia. Merodaque-Baladã enviara-os com **cartas e um presente a Ezequias, porque tinha ouvido dizer que havia estado doente e que já tinha convalescido** (v. 1; 2Rs 20.12-19; 2Cr 32.24-26,31). Os relatos de Crônicas comentam que os homens da Babilônia também vieram "pergunta[r] acerca do prodígio que se fez naquela terra", referindo-se ou ao sinal em relação ao Sol ou à destruição do exército assírio (2Cr 32.31).

Quando Salmaneser V morreu, Merodaque-Baladã liderou a Babilônia em revolta contra a Assíria e governou na Babilônia de cerca de 721-710 a.C.; antes dessa época, ele fora derrotado por Sargão II. Ele, embora derrotado, continua a sua luta pela independência babilônica e instigou outra rebelião logo após a morte de Sargão II, em 705 a.C. Merodaque-Baladã foi capaz de restabelecer-se como rei da Babilônia por um breve período em cerca de 703 a.C., até Senaqueribe ser bem-sucedido e reafirmar o controle assírio sobre a Babilônia. Nesse ponto, o rei da Babilônia foi forçado a fugir para Elão, em cerca de 702 a.C. Merodaque-Baladã, mesmo seguindo esse exílio, ainda continuou a tentar retomar a Babilônia até a sua morte no exílio alguns anos mais tarde.

Os comentaristas divergem em relação à data da doença de Ezequias e o envio da visita. Algumas sugestões incluem:

- 712-711 a.C: com a morte de Ezequias caindo em cerca de 697-696 a.C.;
- 703-702 a.C:, com a morte de Ezequias caindo em cerca de 688-687 a.C.;
- 701 a.C., antes da destruição dos assírios, com a morte de Ezequias caindo em cerca de 686 a.C.; e
- 701 a.C:, com a doença de Ezequias acontecendo antes da destruição dos assírios, o envio da visita seguindo a destruição dos assírios e a morte de Ezequias caindo em cerca de 686 a.C.

A identificação do verdadeiro ano da doença do rei, como a variedade de teorias indica, é difícil; e, uma vez que a Escritura não comenta abertamente sobre o período de tempo, a sua época é especulativa, porém não necessária para a interpretação correta.

O propósito da visita era buscar uma aliança entre a Babilônia e Judá para a união na batalha contra a Assíria. Ezequias provara ser um dos

únicos reis que desafiara a Assíria e resistira a ela, e Merodaque-Baladã buscava ansiosamente a sua ajuda. Quando Ezequias mostrou os seus tesouros aos enviados, essa foi a sua resposta afirmativa a uma aliança, demonstrando todos os recursos que tinha e, por conseguinte, o poder disponível para empreender uma guerra.

39.3-8 A passagem observa que os enviados vieram **de uma terra remota, [...] da Babilônia** (v. 3). Muitos intérpretes presumem que isso aconteceu durante uma das épocas em que o rei da Babilônia reinou, de fato, da Babilônia quando enviou os seus enviados trazendo cartas para solicitar o envolvimento de Ezequias em uma aliança contra a Assíria. Muitos também apontam para o fato de que Ezequias aparentemente ainda tinha considerável tesouro para mostrar aos enviados, presumindo que a época era antes de Ezequias ser forçado a enviar um grande tributo a Senaqueribe, em Laquis (veja os comentários em 36.1—37.20; 2Rs 18.14-16).

Os que sugerem que a visita dos enviados ocorreu depois da invasão de Senaqueribe e da destruição do exército assírio especulam que, talvez, depois da derrota dos assírios, outras nações, como a Babilônia, tenham enviado presentes para Ezequias, o que aumentara os seus tesouros (2Cr 32.23). Além disso, o grande pagamento feito por Ezequias ainda o deixara com tesouro que não era de prata, incluindo o ouro do tempo de Salomão, que fora deixado no Templo; talvez o tesouro não de prata fosse considerável (2Rs 18.15,16; 24.13; 25.13).

O que motivou Ezequias a mostrar tudo aos babilônios? Talvez ele estivesse tentando provar que era um parceiro valioso em uma aliança com a Babilônia. A raiz do problema com os seus atos foi identificada no relato em 2 Crônicas, que comenta que o seu "coração se exaltou" (2Cr 32.24-26). Ele falhou em manter a sua confiança apenas em Deus, rejeitando todas as alianças externas, e o seu orgulho levou ao julgamento de Deus. O que ele oferecera para a aliança com a Babilônia seria, de fato, dado à Babilônia, mas não como Ezequias pretendia.

Ademais, alguns dos descendentes de Ezequias terminariam sendo exilados e seriam **eunucos no palácio do rei da Babilônia** (v. 7). O membro de uma família real em serviço em outro reino significava subserviência. Ezequias fora libertado da Assíria, mas o seu reino não permaneceria independente por muito tempo.Essa profecia foi cumprida sob o reinado do rei Nabucodonosor, da Babilônia. Em 605 a.C.,

Nabucodonosor levantou-se contra Jerusalém e pegou o primeiro grupo de cativos, incluindo o rei Jeoaquim e "alguns dos utensílios" do Templo (2Rs 24.1; 2Cr 36.5-7; Dn 1.1-4). Em 596 a.C., "todos os tesouros da Casa do Senhor e os tesouros da casa do rei" junto com o rei Joaquim e as pessoas importantes da terra foram levados para a Babilônia por Nabucodonosor (2Rs 24.11-16; 2Cr 36.10). Por fim, em cerca de 586 a.C., ele destruiu completamente Jerusalém, levando um último grupo de cativos e despojos para a Babilônia (2Rs 25.8-21; 2Cr 36.17-20).

Ezequias aceitou a profecia como certa. Há algumas questões quanto a se ele a aceitou tão facilmente, em vez do pesar choroso que demonstrou quando recebera inicialmente a notícia de que ele morreria (Is 38.2,3). Ele parecia mais preocupado com que a profecia não acontecesse durante o seu tempo de vida do que com o fato de que aconteceria. O relato em 2 Crônicas indica que o rei humilhara-se diante de Deus em relação ao seu orgulho; no entanto, talvez essa passagem saliente um toque de egoísmo nesse rei "bom".

Conforto para o Povo de Deus (40.1——48.22)

Na passagem precedente, Isaías ressalta claramente que Israel falhou em estar à altura dos padrões de Deus. Até mesmo um rei bom como Ezequias ficou aquém do ideal para o rei de Israel. O povo, a despeito da longanimidade e graça abundante de Deus, continuou a confiar em outras coisas para a libertação, em vez de no seu Deus. Como resultado disso, eles receberam a promessa de que o julgamento cairia sobre eles. A Babilônia seria o seu eventual opressor. Isaías, nas passagens seguintes, continua a desenvolver os temas da incomparabilidade de Deus e a necessidade de um Salvador para Israel, bem como para todas as nações.

As Boas-Novas para o Povo de Deus (40.1-11)

40.1,2 O Senhor proclamou: **Consolai, consolai** [heb. ***nacham, nacham***, "aliviar, tristeza do outro, restaurar a esperança do outro, trazer alegria para alguém em desespero"] **o meu povo** (v. 1). Com essa abertura terna e enfática, é feito o anúncio de que a opressão futura não duraria para sempre. Deus traria perdão após Jerusalém ser punida **em dobro [...] por**

todos os seus pecados (v. 2). Ele perdoaria Israel. Que consolo glorioso seria esse para o povo em cativeiro.

40.3-5 A esperança de perdão estava ligada à vinda física do Senhor. Isaías refere-se à **voz [que] clama: [...] preparem o caminho para o SENHOR; [...] um caminho reto para o nosso Deus** (NVI, v. 3). Isaías usa a imagem das preparações para a vinda de um grande rei. Muitas vezes, as estradas na preparação para o séquito acompanhando um rei tinham de ser arrumadas e limpas para tornar a viagem dele agradável. Essa passagem foi aplicada expressamente à pregação de João Batista em relação ao arrependimento como preparação do caminho para o Senhor Jesus, que realizaria os meios de salvação (Mt 3.3; Mc 1.3; Lc 3.4-6; Jo 1.22,23). Em Marcos 1.3, essa passagem foi combinada com as palavras concernentes à vinda do mensageiro em Malaquias 3.1. Uma vez que o caminho estivesse preparado, o Senhor viria, demonstrando a glória e a própria imagem de Deus (Jo 1.14; Cl 1.15; Hb 1.2,3). Haverá um dia em que Ele voltará e **toda carne [...] verá** a sua glória (Is 40.5; 35.2; Ap 1.5-7). Embora a esperança de consolação seja proclamada por Isaías, a realidade desse consolo só chegaria com a vinda física do Senhor na pessoa de Jesus.

40.6-8 Os comentaristas sugerem que Isaías foi encorajado a clamar a respeito da temporalidade da carne. Embora a humanidade decaia como a **relva murcha** (NVI) e embora o melhor do homem passe, **a palavra de nosso Deus subsiste eternamente** (v. 8; 1Pe 1.23-26). Essa rejeição da absorção em si mesmo e arrogância está explícita porque o homem não é nada diante da devastação do tempo, e só Deus permanece eterno e soberano.

40.9-11 *O **ANUNCIADOR DE BOAS-NOVAS** (heb. **basar**, um particípio denotando "quem tem boas-novas, anúncios; mensageiro transmitindo boas-novas") tinha de proclamar a sua mensagem em voz alta das alturas. O verbo **euaggelizomenos**, "aquele que anuncia boas-novas", ou seja, o evangelho, que foi traduzido pela Septuaginta em grego com o particípio da raiz **euaggelizō**, em português é "boas-novas, evangelho". A raiz hebraica ocorre 24 vezes no Antigo Testamento e 7 vezes em Isaías (Is 40.9 [2x]; 41.27; 52.7 [2x]; 60.6; 61.6). A palavra é usada normalmente no contexto de trazer boas-novas, embora haja casos em que a notícia é negativa (1Sm 4.17). A palavra é frequentemente usada para o resultado militar de batalhas (2Sm 4.10; 18.19,20,26,31; 1Rs 1.42; 1Cr 10.9). Isaías usa a imagem de um mensageiro proclamando boas-novas da maneira mais evidente possível.*

O conteúdo das boas-novas era que Deus estava vindo. Ele viria com o poder e autoridade para governar e trazer a **sua recompensa** (NVI, veja notas em Is 62.11; Ap 22.12). A imagem do pastor é usada em toda a Escritura para transmitir o cuidado terno e a proteção do Senhor para o seu povo (Sl 23.1-4; 78.52-54; 80.1; Is 53.5,6). Mais tarde, o Senhor Jesus identificou-se como "o bom Pastor" que cuidaria das suas ovelhas e morreria por elas, ou seja, aqueles que acreditam nEle (Zc 13.7-9; Jo 10.1-5,7-18,25-30; Hb 13.20; 1Pe 2.25).

A Incomparabilidade do Senhor (40.12—41.29)

40.12-31 Essa passagem é reminiscente das questões que o Senhor Deus colocou para Jó quando revelou a sua onipotência e onisciência gloriosas (Jó 38.4—39.30; 40.8—41.34). Deus não tem igual; ninguém pode contender com o Criador Todo-poderoso de todas as coisas que segura o Universo na sua mão. Comparado com a grandeza de Deus, **as nações** são **consideradas por ele como a gota de um balde** irrelevantes em poder (Is 40.15). Deus controla o destino dos **príncipes** e **juízes** como controla o inumerável **exército celestial** (NVI, v. 26).

Israel, confrontada com a verdade sobre o Senhor Todo-poderoso, foi repreendida por duvidar que Deus conhecia a angústia deles (Sl 139.1-16; Is 54.7,8). Isaías, com segurança sublime, proclama que o **Jeová** (TB), o Deus pessoal dos israelitas, é **o Deus eterno, o Criador de toda a terra. Ele não se cansa nem fica exausto; sua sabedoria é insondável** (NVI, 40.28). Deus conhecia a condição deles, e eles, só ao colocar a sua confiança apenas no Senhor, podiam encontrar a força de que precisavam para **subi[r] com asas como águias; corre[r] e não se cansa[r]; caminha[r] e não se fatiga[r]** (v. 31).

41.1-4 O Senhor estava ordenando silêncio para que todos **cheguemo-nos juntos a juízo** (v. 1). O juízo em questão tinha a ver com quem era digno de ser chamado Deus. O Senhor confrontou direto os ídolos das nações. Essa passagem abre e encerra com a prova da onisciência e soberania de Deus. Deus é a "primeira" fonte autoexistente de tudo. Ele é eterno, vive além do "fim" dos tempos. Essa frase-chave ressalta a singularidade de Deus e é uma marca da sua divindade. O fato de a frase ser claramente usada pelo Senhor Jesus é relevante (Ap 2.8; 22.13).

41.5-7 O povo de toda a terra, confrontado com o conquistador mencionado nos versículos 2-4, estava com medo. Eles voltavam-se uns para os outros em busca de ajuda e para os ídolos sem utilidade, que eles mesmos tinham feito. Mais uma vez a impotência e a vulnerabilidade de um ídolo é enfatizada. É necessário ter cuidado **para que não venha a mover-se** (v. 7; 40.19,20; 44.13). Se um bloco instável de madeira não podia salvar a si mesmo, como poderia salvar os que o adoravam?

41.8-20 Em oposição à desesperança daqueles que serviam os ídolos, o povo de Deus tinha esperança. Essa esperança baseava-se na graça do Deus Altíssimo que escolheu Israel, a quem identificava como **Israel, servo meu**. Israel tinha o privilégio especial de ser chamada para servir o Senhor. Deus chamou Abraão de ***MEU AMIGO*** *(heb. **'ahav**, "amor, como", v. 8; 2Cr 20.7). A forma de particípio desse verbo carrega o sentido de "aquele que ama". Talvez seja traduzido de forma apropriada usando a palavra moderada "amigo" (Sl 5.11; 38.11; 40.16; 70.4; 97.10; Pv 8.21).*

Israel podia ter esperança porque Deus escolhera-os. Foi garantido a Israel que todos os seus inimigos seriam derrotados porque Deus disse: **não temas, que eu te ajudo** (Is 41.13). Essa garantia baseava-se no fato de que o seu **Redentor** (heb. ***ga'al***, "redimir, agir como um parente redentor"; veja o estudo da palavra 35.9), aquEle que os comprou, é Deus.

Isaías usa a imagem da seleção e peneiração durante a colheita. Deus transformaria Israel em **debulhador novo e cortante** (NVI, 41.15). Quando a debulhadora era empurrada com força sobre uma planta, os dentes afiados separavam as sementes, ou grãos, da palha que as envolvia. Uma vez que os grãos, ou sementes, fossem liberadas, acontecia a peneiração, e tudo era jogado no ar. A leve palha indesejável era soprada para longe, deixando o grão bom para trás. A imagem de debulhar e peneirar era usada em relação ao tempo do julgamento quando os povos indignos e inúteis seriam destruídos (Mc 4.11-13; Lc 3.17).

Os povos poderosos do mundo seriam debulhados, mas o Senhor mesmo proveria para **os aflitos e necessitados** (Is 41.17). A provisão seria uma reversão milagrosa da natureza. O Senhor pegaria uma terra seca e árida e iria transformá-la em **mananciais de água** (TB, v. 18). O Senhor, depois de prover a fonte de vida, plantaria árvores, sete variedades (sete simbolizando perfeição, ou seja, uma reversão perfeita da aridez em produtividade), que eram comuns à terra de Israel. Esse ato de renovação

da terra seca seria feito **para que todos vejam** e **entendam que a mão do SENHOR fez isso** (v. 20).

A vinda do Senhor Jesus, predita pela pregação de João Batista, iniciou o fim da seca na revelação de Deus para Israel. Jesus trouxe a água da vida, que transformaria espiritualmente a aridez em produtividade (Jo 4.13,14; 6.35; 7.37,38). Chegaria o dia em que o povo escolhido de Deus floresceria espiritualmente, e todos reconheceriam que só o Senhor poderia fazer isso acontecer.

41.21-29 O Senhor desafiou os falsos deuses a provar que eram deuses relatando as **coisas passadas** (heb. ***ri'shon***, "coisas passadas; primeiro ou antes de tudo", v. 22; cp. v. 4) ou que **hão de acontecer** (heb. ***'atah***, "coisas por vir; o futuro", com ***'achor***, "vida futura"). Eles, falhando nesse teste, foram desafiados a fazer qualquer coisa, **bem** ou **mal**, para mostrar que tinham habilidade sobrenatural. O Senhor, com desdém, observou que **todos são vaidade; as suas obras não são coisa alguma** (v. 24; cp. v. 29).

O Senhor, que é o primeiro e o último, em contraste contundente com os ídolos inúteis das nações, não só conhece todos os eventos, como também é soberano sobre os eventos. Ele, para provar a sua onisciência e soberania, compartilhou detalhes sobre o futuro antes de os eventos ocorrerem. O Senhor **do norte suscit[ou] a um que já é chegado; do nascente do sol a um** que **invoca** seu **nome** (TB, v. 25). Esse rei esmagaria os outros governantes.

Essa profecia veio do passado como reinado de Ciro, que foi do Elão persa no Oriente (perto do local moderno do Irã). Ciro conquistou e uniu-se com a nação do norte da Media (veja 41.2-4,25; 44.28; 45.1; 46.11; 48.15). A repetição de **anunciador de boas-novas** (41.27 e 40.9), formando um *inclusio*, um tipo de envelope literário modelando os dois capítulos em uma unidade. Em suma, as Boas-Novas são um repúdio aos falsos deuses e o recebimento de um libertador enviado por Deus para terminar o exílio. Mas esse é apenas o começo das boas-novas; a completude vem no restante de Isaías.

O Servo do Senhor (42.1-17)

42.1-9 Embora Israel servisse como serva de Deus, e embora Ciro agisse em nome de Deus, havia outro Servo a ser proclamado — um que

cumpriria perfeitamente o papel de Servo, e não de forma imperfeita como todos antes dele. A vinda do Messias é o Servo perfeito retratado nos versículos 1-9. A expressão **o meu Eleito, em quem se compraz a minha alma** é aplicada especificamente ao Senhor Jesus no seu batismo e também na sua transfiguração (v. 1; Mt 3.17; 17.5; Mc 1.11; Lc 9.35; 2Pe 1.16-19). O Evangelho de Mateus indica claramente que essa profecia de Isaías foi cumprida no ministério do Senhor Jesus (Mt 12.17-21). A missão do Servo seria **tra[zer] justiça** (NVI, heb. ***mishpat***, "julgamento"; veja nota em Is 1.17) e libertação, tanto física quanto espiritual, para todas as pessoas.

A vinda do Servo fazia parte do plano de Deus, e, por isso, Ele não falharia na sua missão. Deus o tornaria **por concerto** [heb. ***berit***, "pacto, tratado, aliança", 42.6] **do povo e para luz dos gentios** (veja 49.6,8). O Servo foi enviado para abrir olhos dos cegos e soltar prisioneiros da masmorra (42.7). Isso era o reverso do julgamento anunciado no capítulo 6 e aplicado às curas físicas literais e também à libertação espiritual operadas pelo Senhor, dando visão espiritual e libertação para aqueles cativos do pecado (cp. 29.18; 35.5; 61.1; Mt 9.27; 11.3-6; Jo 9.6,7; At 26.18). Deus indicou que tudo o que previra antes **acontece[u]** (NVI, Is 42.9). Ele, por ser o verdadeiro Deus onisciente, podia dizer o que viria no futuro antes de os eventos ocorrerem, e o cumprimento era certo.

42.10.17 A ênfase é no **cântico novo** em que toda a terra juntar-se-ia cantando como um resultado da obra realizada pelo Servo (v. 10; Sl 33.3; 40.3; 96.1; 98.1; 144.9; 149.1). **Quedar**, uma tribo de nômades descendentes de Ismael, vivia na Arábia; uma região árabe tinha o mesmo nome (v. 11; Gn 25.13; Sl 120.5; Ct 1.5; veja notas em Is 21.16,17; 42.11; Jr 2.10; 49.28,29; Ez 27.21). **Selá** (NVI) era a capital de Edom. Até mesmo as nações historicamente antagônicas a Israel são encorajadas a juntarem-se ao louvor a Deus (Is 42.11). Há duas imagens contrastantes usadas para a obra de Deus:

- Ele **sairá; como homem de guerra** (heb. ***gibbor***, "poderoso, forte", Is 42.13), transmitindo a sua força e compromisso com o seu plano.
- Ele **dar[á] gritos como a que está de parto** (heb. ***yalad***, "carregar, dar à luz", v. 14). Não há imagem melhor para transmitir que alguma dor e esforço trazem uma tremenda recompensa. O preço por trazer uma vida nova ao mundo é a dor excruciante do trabalho de parto. O preço para a

conclusão do plano de salvação de Deus incluía o sofrimento, porém Deus estava comprometido com o seu povo. Ele não **os desamparar[ia]** (v. 16). Ele traria vergonha para todos os idólatras (v. 17; Zc 12.10—13.2).

O Cego e o Surdo Disciplinados (42.18-25)

42.18-25 A referência ao **meu servo** nessa passagem refere-se ao povo de Deus, Israel, que sofria de cegueira espiritual (v. 19; 41.8-16). Eles falharam em viver o papel pleno de servidão; eles, em vez de abrir os olhos do cego, eram eles mesmos cegos. Como é triste o povo que teve tanta revelação de Deus caminhar nas trevas.

Não havia ajuda para eles porque Deus mesmo os entregara àqueles que os saquearam — primeiro a Assíria e, depois, a Babilônia. Israel, embora **queim[ada]** pelo cumprimento das maldições culminando no exílio na Babilônia, ainda **não atent[ou]** (v. 25).

A Redenção por Meio do Senhor (43.1—44.5)

43.1-13 Israel, como a passagem anterior deixou claro, falhou em obedecer a Deus e, como resultado, sofreu punição. O Senhor, com graça e misericórdia impressionantes, exclamou: **Não temas, porque eu te remi** (heb. ***ga'al***, v. 1; veja o estudo da palavra 35.9). O resultado dessa redenção é a presença e a proteção do Senhor e também a reunião do remanescente. O Senhor indicou que o Egito, a Etiópia (Cuxe) e a Sebá (possivelmente a Sebá africana ou árabe, cp. 20.4,5; 45.14) foram dados como **resgate** (heb. ***kopher***, "preço por uma vida", 43.3) por Israel. Os estudiosos sugerem que essa referência indica que essas três nações foram dadas para a Pérsia em troca pela libertação de Israel. Eles foram conquistados pelo filho de Ciro, Cambises.

O Senhor continuou para dizer que **trar[ia]** a **descendência** (ARA) deles e os **ajunt[aria]** de todas as direções (43.5). O que é descrito por essa reunião? Na época de Isaías, a aplicação é a volta do exílio babilônio. Quando Israel experimentou a restauração prometida anos antes do evento, eles testemunharam a existência e atos de Deus. Todas as nações foram desafiadas a aceitar a evidência de que só Iavé é Deus e **fora de mim [dEle] não há Salvador** (v. 11). Deus foi o único que **anunci[ou]** as

suas intenções desde o começo, **salv[ar]** viabilizando o caminho da restauração e **anunci[ou]** (NVI) a notícia dos seus atos (v. 12).

43.14-28 Deus, por causa do seu povo Israel, faria a Babilônia cair para a Pérsia em 539 a.C. Os babilônios tornar-se-iam **fugitivos** (v. 14). Os babilônios usavam navios nos rios Tigre e Eufrates e também no Golfo Persa. Os babilônios cairiam porque Deus, que se identificava com Israel, como **o SENHOR, o Santo de vocês, o Criador de Israel e o seu Rei** (NVI, v. 15). O Senhor, em linguagem que se refere claramente ao primeiro êxodo do Egito, descreveu um novo êxodo (43.14-21; cp. 40.3-5; 41.17-20; 42.14-16; 48.20,21; 49.8-12; 51.9,10; 52.11,12; 55.12,13). Ele derrotaria o opressor deles como aniquilara o exército egípcio no mar Vermelho (Êx 14.15-30). Mais uma vez, Deus libertaria de forma milagrosa o seu povo, provendo um **caminho** e **águas no deserto** (Is 43.19,20; cp. 48.21; Êx 15.22-25; 17.1-6; Nm 20.2-11). Isso seria encorajador para o remanescente que tentava voltar da Babilônia para Jerusalém porque o caminho de volta cobria mais de 805 quilômetros de deserto inóspito.

Israel, a despeito da misericórdia de Deus, falhou em invocar ao Senhor. Israel negligenciou as exigências básicas para a adoração e manutenção do seu relacionamento com Deus, incluindo as ofertas e sacrifícios ordenados por Ele. Israel, em vez de servir a Deus, mas **sobrecarreg[ou-o]** (NVI) com os seus **pecados** (v. 24). Contudo, Deus, da sua misericórdia, fez um caminho para eles serem restaurados. O Senhor afirma de forma enfática: **Eu, eu mesmo, sou o que apaga** [heb. ***machah***, "apagar, limpar"] **as tuas transgressões** e **dos teus pecados me não lembro** (v. 25). Que promessa impressionante para um povo que falhara em seguir as prescrições levíticas para a expiação. Deus iria redimi-los — não porque eles mereciam isso, mas simplesmente como resultado da sua graça soberana.

O Senhor, voltando mais uma vez à linguagem de uma corte, desafiou-os a tentar vindicar a si mesmos. O pecado deles era óbvio. Do **primeiro pai** deles aos seus **intérpretes**, o pecado era a norma (v. 27). Várias sugestões são feitas concernentes à identidade do "primeiro pai" em questão: Adão, Abraão ou Jacó. Ademais, Arão, o primeiro sacerdote, foi proposto, uma vez que a referência a "intérpretes" pode ser entendida como se referindo aos seus sacerdotes. Em vista do seu caráter e do fato de Israel ser tratada pelo nome de família de **Jacó** (vv. 22,28), é bem possível que Jacó estivesse em vista aqui (Gn 27.18-24,35,36; 47.9). Israel tinha muitos mediadores, ou intérpretes, não só os sacerdotes, mas também os profetas e reis. A questão

era que, desde o início, os israelitas não satisfizeram o padrão santo de Deus, e até mesmo as pessoas que se esperava que fossem exemplos ficavam aquém. O resultado da rebelião deles foi a **destruição** (NVI, v. 28).

44.1-5 Os israelitas, embora a nação tivesse sido disciplinada, foram lembrados de que eram os escolhidos de Deus. Isaías 44.1, como 43.1, enfatiza o fato de que eles foram feitos pelo Senhor **que [...] te formou** [heb. ***yatsar***, "formar, criar"; veja estudo da palavra Gn 2.7-8] **desde o ventre** (heb. ***beten***, "ventre", Is 44.2). AquEle que os fez certamente tinha o poder para salvá-los. *Ele dirige-se aos filhos de Jacó como* ***JESURUM****, uma designação poética para Israel, ocorrendo apenas quatro vezes na Escrituras (v. 2; Dt 32.15; 33.5,26). Alguns sugerem que o nome deriva da raiz hebraica* ***yashar****. Embora Israel certamente não fosse reta pela sua própria força, Deus escolheu-a para tornar-se a sua justa.*

O nome de Jesurum para Israel provê um elo de volta ao cântico e bênção de Moisés em Deuteronômio 32 e 33. Esse elo é importante, uma vez que muitos dos temas e palavras são os mesmos de Isaías 43 e 44:

- Deus é a Rocha (Dt 32.4,15,18,30,31; Is 44.8).
- Deus fez e escolheu Israel (Dt 32.6,18; Is 43.1,7,10,21; 44.1,21,24).
- Israel corrompe-se e volta-se para a idolatria (Dt 32.5,15-21; Is 43.22-24,27; 44.9-20).
- Deus disciplina o seu povo (Dt 32.22-38; Is 43.28).
- Não há nenhum Deus além de Iavé (Dt 32.39; 33.26; Is 43.10-13; 44.6,8).
- Deus salva o seu povo (Dt 32.43; 33.26-29; Is 43.1-7,12,25; 44.2-4,22,23).

O povo deve ter reconhecido que muitas das profecias no Cântico de Moisés foram cumpridas, como Deus predissera. Isso fornece mais garantia de que o Senhor é, de fato, o verdadeiro Deus soberano.

O Senhor indicou que enviaria o seu Espírito sobre os descendentes do seu povo escolhido. Ele ligou a vinda do Espírito com a da **água [...] sobre a terra seca** (44.3; veja notas em 32.15 e 41.17-20).

A Singularidade de Iavé e a Futilidade da Idolatria (44.6-23)

44.6-8 No capítulo 41, Deus desafiara os ídolos a provar o seu valor contando coisas passadas ou presentes ou fazendo algo (41.21-24). Esse desafio foi repetido em 43.8-13 e em 44.6-8. Deus observa: **Eu sou o primeiro e eu sou o último, e fora de mim não há Deus** (v. 6; veja notas em 41.4). A prova da sua divindade única era a sua habilidade única em predizer os eventos antes que acontecessem.

44.9-20 Nesses versículos, a incongruência de adorar imagens feitas pelo homem fica clara. O Senhor enfatizara antes o fato de que Israel fora formada por Ele. Deus não só criara toda a vida, como também realizou a formação de Israel como um povo pelo fato de tê-los elegido (v. 2; 42.5,6; 43.21; 44.2). Embora o tema tenha sido levantado em capítulos anteriores, os versículos 9 a 20 desenvolvem de maneira mais completa o argumento sobre a absoluta insensatez da idolatria (40.19,20; 41.7; 42.17; também 46.1-7).

Isaías observa: **Todos os que fazem** [heb. ***yatsar***, "formar, criar"; veja estudo da palavra Gn 2.7-8] **imagens nada são** (NVI), e qualquer ídolo que eles **estimam são sem valor** (NVI, Is 44.9). A palavra hebraica ***yatsar*** é usada nos versículos 2 e 21 em relação a como Israel foi feita por Deus, e esses versículos estruturam de forma adequada o retrato de Isaías dos ídolos como feitos por meros homens. Os ídolos serviam como representações dos deuses que supostamente habitariam neles depois de serem feitos. Contudo, mesmo depois do ponto em que o "deus" tinha de habitar o material, não havia sinal de vida porque não havia nenhum deus além de Iavé (vv. 7,8; cp. 41.21-24,29; 42.8,17; 43.10-12). Isaías argumenta contra a completa insensatez de venerar quaisquer imagens. Há várias observações a ser feitas concernentes aos comentários de Isaías sobre os ídolos:

- Os ídolos não podem ser maiores que aqueles que os fazem. Isaías aponta a debilidade dos seres humanos que fazem os ídolos. Os criadores humanos ficam famintos, cansados e sedentos (44.12). Em contraste, Deus nunca dorme ou fica cansado. Ele não depende de nada externo para manter a sua existência (Sl 121.2-4; Is 40.28).
- A existência de qualquer ídolo dependia da criatividade do homem. Os ídolos eram desenhados, modelados e feitos segundo a concepção do homem (44.13). Em contraste, o homem era formado no ventre por Deus

e é totalmente dependente dEle para a vida (44.2,21; cp. 43.1,7,21; Sl 115.4-8).

- Os ídolos tinham de ser moldados de materiais já existentes. Embora o homem pudesse escolher a madeira mais fina, cedro, cipreste, carvalho ou loureiro, as próprias árvores usadas por ele foram criadas por Deus e sustentadas pela chuva enviada por Ele (Gn 1.1; Jó 5.8-10; 37.5,6; Sl 147.7,8; Jo 1.1-3).
- Não havia absolutamente nada de especial a respeito do material usado para fazer um ídolo. Uma parte da madeira pode, por acaso, ser usada para fazer **fogo** (NVI), e a outra, ser escolhida para ser modelada em **um deus** (Is 44.15). Isaías salienta a insensatez da ideia de adorar ídolos dizendo sem meias-palavras que as pessoas ajoelham-se diante de um **pedaço de madeira** (NVI, v. 19).

Isaías observa que o idólatra **não pode livrar a sua alma, nem dizer: Não há uma mentira na minha mão direita?** (44.20). O indivíduo pego na cilada da idolatria não consegue nem mesmo discernir que os ídolos nas suas mãos não têm valor. Como poderia haver alguma esperança para eles?

44.21-23 A única esperança para Israel tinha de ser encontrada na grande misericórdia do Deus que os **form[ou]** (heb. ***yatsar***, v. 21, veja notas em 44.9) para o seu propósito. Os israelitas, embora esquecessem o Senhor, **não [seriam] [...] esquec[idos]** por Deus. Embora o seu povo não pudesse salvar a si mesmo, o Senhor **desfa[z]** (heb. ***machah***, "limpar, apagar") as suas **transgressões como a névoa** e os seus **pecados, como as nuvens** (v. 22).

*A resposta para a sua oferta de graça foi exigida; o Senhor exortou: "**TORNA**-te para mim, porque eu te remi" (v. 22). A raiz hebraica **shuv** é um dos verbos mais comuns no Antigo Testamento, ocorrendo mais de mil vezes. O sentido mais frequente envolve um giro, ou volta, físico a uma pessoa ou lugar (e.g., 1.25; 37.7,8,29,34,37). A palavra assume uma nuança especial quando usada em relação ao relacionamento entre Deus e as pessoas no contexto de redenção. Nesse uso, é a ideia de arrependimento, um dar as costas ao pecado e tornar para Deus. A palavra ocorre com esse sentido acrescentado em Isaías (1.27; 6.10; 9.13; 19.22; 30.15; 31.6; 44.22; 55.7; 59.20). Além disso, a raiz **shuv** é usada em relação à volta para Jerusalém do exílio, que poderia incorporar o entendimento físico e espiritual do termo (10.21,22; 35.10).* Os detalhes de como a redenção tinha de ser efetuada só aparece mais tarde em Isaías (52.13—

53.12; Rm 5.8-11). No entanto, uma resposta de pura alegria e admiração por toda a criação é encorajada seguindo a ação redentora de Deus, que Isaías viu profeticamente como um ato concluído.

Ciro como o Instrumento do Senhor (44.24—45.13)

44.24-28 Nessa passagem, o Senhor fornece uma profecia muito contundente sobre a libertação por vir de Israel. A nação foi lembrada mais uma vez de que Deus **form[ara-os]** quando **f[ez] todas as coisas** (v. 24). Deus, de um lado, **atrapalha os sinais dos falsos profetas** (NVI) e, de outro lado, **confirma a palavra do seu servo** (vv. 25,26). Em Israel, o profeta verdadeiro tinha de ser conhecido pela sua mensagem profética, que sempre teria de ser verdade e não levaria o povo à idolatria (Dt 31.1-3; 18.21,22; Zc 1.6). Isaías profetizou por meio da inspiração de Deus que **Jerusalém** e **Judá** seriam **reedificadas** (Is 44.26). Ademais, Isaías identificou o nome do homem a quem usaria para realizar o seu propósito — **Ciro**, a quem o Senhor chamou de o seu **pastor**, uma metáfora comum no Antigo Oriente Próximo para um governante (v. 28; veja 41.2-4,25; 45.1-6; 46.11).

Ciro tornou-se rei de Anshan, uma cidade elamita, (na Pérsia), em 559 a.C. Em cerca de 550 a.C., ele tinha conquistado as nações vizinhas, incluindo a Média. Pouco depois, ele assumiu o título de rei da Pérsia enquanto continuava as suas conquistas. Por volta de 539 a.C., Ciro atacou a Babilônia e logo conseguiu tomar a Babilônia sem uma luta (veja notas em 13.17; 21.2). Heródoto registrou que Ciro tomou a cidade de Babilônia desviando o rio Eufrates para que as suas tropas conseguissem entrar na cidade pelo leito do rio durante a noite. De acordo com Daniel 5.30,31, na noite do banquete em que Deus falou contra a Babilônia, Belsazar, que correinara com o seu pai Nabonido, foi morto. Embora os detalhes reais da invasão babilônica não estejam registrados, os relatos babilônicos refletem uma transição relativamente pacífica. Estudiosos especulam que a impopularidade de Nabonido como rei da Babilônia levou à pouca determinação da sua força armada para lutar e à abertura dos babilônios em aceitar o controle de Ciro.

Ciro, de acordo com a profecia de Isaías, facilitaria a reconstrução de Jerusalém e do **Templo** (Is 44.28). Isso foi cumprido depois de Ciro

conquistar a Babilônia. Durante o seu primeiro ano naquele reino, ele lançou um édito que permitiu que os israelitas voltassem para Jerusalém. Ele também encorajou a reconstrução do Templo (2Cr 36.22,23; Ed 1.1-11). Alguns estudiosos rejeitam a ideia de que o profeta Isaías do século VIII pôde predizer com tanta precisão o nome do futuro rei mais de 150 anos antes dos eventos que ocorreram durante o seu reinado. No entanto, a questão toda dessas passagens é que o Senhor seria conhecido como Deus porque podia predizer o futuro. Além disso, o povo de Israel era testemunha do fato de que foram informados de eventos futuros "muito tempo atrás" (NVI, Is 44.8). O argumento para a supremacia de Iavé não faria sentido se a predição fosse um palpite intuitivo de um escritor vivendo no exílio. Na realidade, a exatidão dessa profecia valida Isaías como um profeta verdadeiro e fornece a prova de que só Iavé, que detém toda a história na sua mão, é Deus.

45.1-13 O Senhor chamou Ciro deo **seu ungido**, o que é bem surpreendente (v. 1). Apenas os reis, sacerdotes e profetas de Israel são tipicamente mencionados por essa designação. O termo indica claramente que Ciro foi escolhido a dedo pelo Senhor para realizar o seu propósito. Ciro alcançaria o poder porque Deus tomara-o pela **mão direita**, indicando seu apoio (v. 1; cp. Sl 75.6,7). Ciro, pelo desígnio e ajuda de Deus, foi capaz de conquistar nações.

Isaías observa que o Senhor chamou Ciro pelo seu nome por causa de Israel (veja Is 41.2-4,25; 44.28; 46.11). Deus levantou Ciro para libertar o seu povo da escravidão à Babilônia. Deus, em relação a Ciro, observou: **pus-te o teu sobrenome, ainda que não me conhecesses** (45.4). Ciro era um rei pagão. Embora ele, evidentemente, tolerasse várias religiões, não há indicação de que teve um relacionamento experiencial com o Senhor. Contudo, os seus atos ressaltam que o único Deus verdadeiro estava no controle soberano de todos os eventos que o Cilindro de Ciro atribui às vitórias de Ciro a Marduque, o eminente deus babilônio, e reconhece Nebo além de outros deuses (veja cap. 42). Ciro parecia ter uma política de devolver à sua terra de origem todos os ídolos que os babilônios trouxeram para a Babilônia, por motivos políticos e também religiosos, para estimular a estabilidade e contentamento no seu império. Ciro encontrou o verdadeiro Deus, como indica o seu édito, mesmo que tenha falhado em confiar apenas no Senhor. Deus ainda usou Ciro para glorificar o seu nome para que todos soubessem que apenas Ele é Deus. A

frase, ou parte da frase, **Eu sou o SENHOR, e não há outro; fora de mim** é repetida sete vezes nos capítulos 45 e 46 (45.5,6,14,18,21,22; 46.9). Deus, ao expor completamente os seus planos para Ciro mais de cem anos antes do cumprimento, estava provando a sua soberania. Deus não está estrito a trabalhar entre os cristãos e por intermédio deles. Ele pode e faz uso de quem escolhe, quando escolhe fazer assim.

Os métodos de Deus, às vezes, não fazem sentido para o seu povo. O povo de Israel provavelmente zombou da ideia de que o Senhor chamaria Ciro de o seu "ungido". Também devem ter resistido à ideia de que o direito de reconstruir o seu Templo seria dado por um rei pagão. Ainda assim, como o Senhor indicou, não faz sentido a criatura questionar as intenções do Criador. É tão ridículo quanto um vaso questionar a intenção do oleiro ou uma criança questionar a intenção dos pais (veja 29.16; Rm 9.18-21). Assim como o Senhor escolheu usar uma nação pagã para destruir Israel, também poderia usar um rei pagão para ajudar a restaurar o povo.

Os seres humanos têm uma perspectiva limitada. Só o Senhor conhece do primeiro ao último. Deus observou especificamente que Ciro **edificará a minha cidade e soltará os meus cativos** (Is 45.13; veja notas em 44.28). Deus, ao usar Ciro, removeu a possibilidade de Israel pegar sozinha o crédito pela reconstrução do Templo. O Senhor proveu a oportunidade e os recursos financeiros (veja os livros de Neemias e Ester).

Só Deus, não Existe outro (45.14—46.13)

45.14-25 As três nações mencionadas em Isaías 43.3, **Egito [...], Etiópia** (Cuxe) **e Sebá**, são mais uma vez mencionadas juntas. Isaías comenta que eles **virão em grilhões e diante de ti se prostrarão** (45.14). No texto hebraico, o termo traduzido pelo pronome "ti" está no feminino singular; logo, a referência não é a Ciro. Ao contrário, a referência, ao que parece, é a Israel redimida. A época em vista parece ter mudado e também engloba o período dos últimos dias quando, como passagens anteriores e posteriores profetizam, todas as pessoas reconheceriam o único Deus verdadeiro de Israel e trariam a riqueza das nações para Israel (2.2-4; 19.18-24; 60.3-18).

Há alguma questão sobre quem, de fato, faz a declaração: **tu és o Deus que te ocultas** (45.15). Isso é expresso pelas nações, por Israel ou por Isaías? Cada um desses tinha motivo para ficar perplexo com o caráter e as ações do Deus de Israel. Os pagãos podiam estar fazendo uma declaração

sobre o fato de que o Deus de Israel recusava-se a ter imagens feitas dEle mesmo, com efeito, escondendo-se dos adoradores. A declaração deles refletiria uma rejeição final da idolatria e o entendimento de que o Deus de Israel não podia ser representado por uma imagem feita pelo homem. Israel talvez estivera falando de uma maneira mais simbólica sobre a inescrutabilidade dos atos de Deus. O Senhor age, só que os seus planos às vezes parecem ocultos para o homem. As pessoas recebem a garantia de que o destino dos **que fabricam imagens** é serem **envergonhados**; em contraste, Israel será **salvo pelo SENHOR** (vv. 16-17).

O Senhor fala mais uma vez e lembra todos que estão dispostos a ouvir que Ele **não fal[ou] em segredo** (v. 19). Ele não deixara a **descendência de Jacó** em tenebrosa preocupação quanto a qual eram os seus planos ou os seus desejos para eles. Israel tivera a revelação de quem Deus é e como tinham de relacionar-se com Ele. As interações de Deus com Israel não foram secretas para as nações. Várias vezes, Deus agiu para que as nações pudessem reconhecer que Ele era verdadeiramente Deus (Êx 7.3-5; 11.9; 14.4; 1Sm 17.46,47; 2Rs 5.15; Dn 2.28,29). O Senhor dirigiu-se aos **fugitivos** [heb. ***palit***, "sobrevivente", alguém que escapou fugindo] **das nações** (NVI) que ainda eram dados à idolatria e adoração de falsos deuses e desafiou-os mais uma vez, como em passagens anteriores, a comparar as obras dos seus ídolos inúteis com a obra do Senhor, que Ele anunciava antes do evento acontecer (Is 45.20; veja estudo da palavra 66.18).

O Senhor, em uma mensagem simples e direta, estende o arrependimento a todas as nações, não apenas a Israel. Ele chama as nações: **Olhai para mim e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro** (45.22). Iavé não é um deus territorial de Israel, como tantos no mundo da Antiguidade acreditavam. Ele é o único Deus e, por isso, o Deus de todos os povos. O pluralismo (a coexistência de múltiplas religiões, implicando muitas vezes a aceitação de múltiplas religiões como igualmente válidas) não é novidade para o mundo pós-moderno. Deus reprovou essa ideia milhares de anos atrás, proclamando por intermédio dos seus profetas que há apenas um Deus, e todos os outros são falsos, inúteis e impotentes.

Deus deixa muito claro que haveria alguns que aceitariam o seu chamado e alguns que rejeitariam. Mesmo assim, Deus **jur[a]** por si mesmo, uma vez que não há nada maior, que um dia **se dobrará todo joelho, e [...] jurará toda língua** (v. 23). Paulo cita essa passagem em relação ao trono

de julgamento de Cristo (Rm 14.11), e é provável que o apóstolo tivesse essa passagem em mente quando escreveu: "Ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2.10,11). Para aqueles que rejeitam o seu chamado para virem para Ele, embora reconhecerão um dia a sua supremacia, estes **virão, mas serão envergonhados** (Is 45.24; Dn 12.1-3; Ap 20.11-15). O Novo Testamento ensina que aqueles que se ajoelham para o senhorio de Deus por intermédio de Jesus tornar-se-ão uma parte dos verdadeiros descendentes de Israel (veja notas em Is 14.1,2; Rm 10.9-13; 11.5-23). Como resultado disso, naquele grande dia, quando todos se ajoelharão diante dEle, os que são herdeiros da promessa de Abraão como os seus verdadeiros descendentes **no SENHOR ser[ão] justificad[os] e se gloriar[ão]** (Is 45.25; Gl 3.6-9,26-29).

46.1-13 Bel (heb. "senhor") era um nome usado para Marduque, o mais alto deus no panteão babilônio. **Nebo** (heb. "orador" ou "aquele que chama") era o filho de Marduque (v. 1). Nebo era o deus babilônio da sabedoria e da escrita que normalmente estava no seu Templo em Borsipa. Os estudiosos apontam que, durante a festa de Ano Novo, as imagens desses "deuses" eram desfiladas juntas nas ruas principais da Babilônia e colocadas no proeminente complexo do Templo Esagila, a principal residência de Marduque. Esse ritual elaborado era para restabelecer a soberania deles como entronizados sobre as nações. A ironia era que os ídolos que eram adorados tinham de ser carregados como fardos impotentes. A imagem que Isaías parece retratar é dos ídolos sendo carregados aleatoriamente em carros puxados por bois para ser transportados sem cerimônia como se **eles mesmos [fossem] para o cativeiro** (NVI, v. 2). Eles não podiam salvar a si mesmos, muito menos a Babilônia.

Em contraste, **o resíduo da casa de Israel** foi assegurado em termos incontestáveis que seriam **sustentado[s]** (NVI) e **carregado[s]** [heb. ***nasa'***, a mesma palavra usada para os ídolos sendo transportados pelas pessoas, 45.20] **desde o seu nascimento** (NVI) pelo único Deus verdadeiro (46.3). O Deus imutável estaria ali para carregá-los mesmo quando estivessem velhos. Só Deus iria **sustent[á-los]** [heb. ***saval***, "carregar uma carga pesada"] **e [...] salv[á-los]** (NVI, heb. ***malat***, "causa para escapar, livrar do perigo", v. 4; cp. "livrar", v. 2). Esse contraste levou mais uma vez à questão do senso comum concernente a como o Senhor sequer poderia ser comparado com os ídolos.

Enquanto Deus, na sua sabedoria e força, **sustentar[ia]** (NVI) Israel (v. 4; cp. 53.4,11; Lm 5.11), os que se voltavam para um ídolo tinham de **carreg[á-lo]** (NVI, heb. ***saval***, Is 46.7). Até mesmo no seu Templo, após o momento em que foi feito e onde o "deus" supostamente o habitaria, o ídolo venerado não podia fazer nada pela sua própria vontade: ele é **p[osto], [...] fica [ali] [...] [e] não consegue se mexer** (NVI, v. 7). Em suma, **n[ão] livra** [heb. ***yasha'***, veja estudos da palavra Êx 2.16; Sl 7.1] **ninguém da sua tribulação** (Is 46.7).

A nação de Israel foi encorajada enquanto o povo enfrentava o exílio babilônio e, depois, passava pelo exílio, a lembrar que o seu Deus não era como os ídolos impotentes dos babilônios. Ao contrário, o Deus de Israel agia de acordo com os seus planos, que Ele contara a eles de antemão. Eles estavam sendo punidos justamente segundo os seus pecados. Eles eram **transgressores** (TB, v. 8). Ainda assim, tinham de ter coragem porque, como Deus predissera a punição, também revelara a promessa e o meio de libertação. O Senhor disse: **o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade** (v. 10; Mc 4.10). Eles podiam ter certeza de que a vontade divina de Deus seria realizada.

A menção à **ave de rapina desde o Oriente** era outra referência a Ciro, o governante do Oriente, a quem Deus usou para derrotar a Babilônia a fim de realizar a libertação de seu povo (Is 46.11). A ênfase está mais uma vez na soberania absoluta de Deus. Nada é surpresa para ele; tudo que ele planeja, ele é capaz de fazer. A promessa de Deus de que estabeleceria **em Sião a salvação**, e **em Israel, a minha glória** deveria encorajar o remanescente na Babilônia não importa quão terrível parecesse o futuro deles (v. 13).

A Queda da Babilônia (47.1-15)

47.1-15 Nos capítulos anteriores, o povo foi preparado para esperar a libertação da Babilônia. Bem, o capítulo 47 é um cântico provocativo contra seus captores. A Babilônia, como Judá e outras nações personificadas como filhas virgens, é retratada como a **virgem** [heb. ***belulah***] **filha de Babilônia** (v. 1; 23.12; 37.22; Jr 14.17; 46.11; Lm 2.13; Am 5.2). O sentido de "virgem" transmite a ideia de uma cidade invencível antes de ser repentinamente derrubada e violada. Ela não reinaria mais de forma orgulhosa e intocada; perderia o seu trono e o seu conforto autoindulgente.

Seria forçada a **toma[r] a mó e m[oer] a farinha** como uma criada subalterna despojada dos seus adornos, a vergonha da sua queda seria visível para todos (Is 47.2; para julgamento similar sobre Israel veja 3.16—4.1).

Deus usara a Babilônia para punir Israel; contudo, a Babilônia governava como se o seu reinado nunca fosse ter fim. Ela falhou em reconhecer que o seu destino estava nas mãos de Deus, e não nas suas. Não obstante, o tempo de a Babilônia governar sem misericórdia terminara, e o Senhor já designara os meios para a sua destruição como punição da nação pelos seus excessos. Isaías salienta várias características negativas referentes à Babilônia:

- O Senhor indicou que a Babilônia deixou **sobre os velhos [...] muito pesado o [s]eu jugo** (47.6). A Babilônia era inclemente e não mostrava nenhuma compaixão nem mesmo pelos mais vulneráveis.
- As conquistas militares da Babilônia tornaram a nação rica. Ela era autoindulgente, **dada a delícias** (v. 8). Com a prosperidade, veio a tendência a ser muito indulgente com os apetites carnais porque era possível financiá-los. Um bom exemplo dessa autoindulgência é o banquete de Belsazar na noite em que a Babilônia caiu. Belsazar e "mil dos seus grandes", usando os utensílios de ouro do Templo de Salomão, beberam vinho neles durante a festa (Dn 5.1-4). Os Jardins Suspensos da Babilônia, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, são outro exemplo da riqueza e poder ostentados (belamente) pela Babilônia.
- A Babilônia vangloriava-se: **Eu sou, e fora de mim** [heb. ***'od***, "além"] **não há outra** (heb. ***'ephes***, Is 47.8,10). Essa frase, de acordo com os acentos do texto massorético, é separada da frase seguinte, **não ficarei viúva**, que seria mais bem traduzida como um novo pensamento: "Não ficarei viúva, **nem conhecerei a perde de filhos**". Ela era autoconfiante e orgulhosa. Sete vezes nos capítulos 45 e 46, o Senhor afirmou em várias combinações: "eu sou Deus, e não há outro [heb. ***'od***] Deus, não há outro [heb. ***'ephes***] semelhante a mim" (46.9; veja também 45.5,6,14,18,21,22). A similaridade no fraseado ressalta o orgulho da Babilônia em declarar uma supremacia que só Deus pode declarar. A Babilônia está convencida de que teria provisão e segurança para sempre. Deus disse à Babilônia que ela, ao contrário, ficaria viúva e também sem

filhos. Ela perderia a provisão e o seu lugar na sociedade até mesmo quando perdesse a esperança de cuidado futuro.

- O oculto era muito praticado na Babilônia, e os seus sábios eram renomados (Dn 2.2; 5.7). Eles, contudo, confrontados com o Deus supremo do Universo, ficavam impotentes (Dn 2.10,11; 5.8,15; cp. Êx 7.11,12). A nação era ímpia e confiava nas suas **feitiçarias** (Is 47.9). Deus desafia zombeteiramente a Babilônia a ver se os seus **encantamentos** e **feitiçarias** podiam salvá-la. A Babilônia confiava nos **agoureiros dos céus, os que contemplavam os astros** para dizer o seu futuro, exatamente como as pessoas hoje se voltam para o horóscopo (v. 13). A feitiçaria e a astrologia eram e são inúteis e desprezadas por Deus (v. 14; Dt 18.10-12; 2Cr 33.6; Jr 10.2; 27.9; Mq 5.12; Na 3.4,5; Ml 3.5). Ele observa que aqueles que praticam essas artes ocultas não podem salvar nem a si mesmos, muito menos a outros. Embora a Babilônia fizesse uso dessas práticas desde o seu início, elas não a salvariam. A Babilônia envolveu-se na feitiçaria porque esta pode "funcionar" por um tempo — Deus permite às vezes que os poderes demoníacos operem por meio da feitiçaria —, mas sempre apenas com a sua permissão. Quando Deus decide agir, não há feitiçaria poderosa o bastante para pará-lo ou competir com Ele de qualquer maneira. Há algum poder no oculto, porém nada comparado com o poder do Deus Todo-poderoso. E o poder existente no oculto é totalmente subserviente ao comando do único Deus verdadeiro.

Embora a Babilônia que Isaías tinha em vista inicialmente fosse aquela que caiu para Ciro, o termo "Babilônia" tornou-se símbolo do peso do pecado e idolatria humanos. O livro de Apocalipse adota algo dessa linguagem para refletir a atitude encontrada na grande Babilônia dos últimos dias (Ap 18.7,8,23; veja notas em Is 13.9-18). O cerne do pecado da Babilônia era o seu orgulho, expresso pela suposição de que somente ela estava no controle do seu destino e que não respondia por nenhuma das suas obras. Essa atitude rejeita a soberania e a autoridade de Deus, em essência deificando-se (o auge da idolatria), convidando a medida total da ira de Deus.

O Êxodo da Babilônia (48.1-22)

48.1-11 O Senhor Deus dirige-se àqueles de Israel que estiveram no cativeiro. Paralelamente à linha dirigida a todos os israelitas, Ele dirigiu-se àqueles da **linhagem de Judá** (v. 1, NVI). Judá, a tribo da qual vieram reis, era a principal tribo do Reino do Sul, cuja capital era Jerusalém (Gn 49.8-12). Isaías 48.1 poderia indicar que o Senhor dirigiu-se a eles enquanto ainda estavam na sua condição pecaminosa. Eles faziam expressões insinceras para o Senhor e chamavam-se de o seu povo, mas as suas declarações ainda não eram feitas **em verdade nem em justiça** (v. 1; 1.10-20; Zc 7.5-11).

O Senhor indica mais uma vez que a sua revelação do futuro foi feita para que todos soubessem, sem dúvida, que ele fizera-a. Ele levou em consideração o fato de que Israel era **obstinado** (NVI, heb. ***qasheh***, "duro", v. 4) e tendia a atribuir os atos de Deus a outras fontes (Is 48.4; Êx 32.1-9; 1Rs 12.28). Uma descrição comum para Israel no deserto após o êxodo era de "cerviz dura" (TB, heb. ***qeshēh-ʿoreph***, "pescoço duro", Êx 32.9; 33.3,5; 34.9; Dt 9.6,13). O mesmo conceito é transmitido por **a tua cerviz, um nervo de ferro** (Is 48.4). Deus queria explicitamente que eles reconhecessem que só Ele era responsável pela escravidão e libertação deles da Babilônia. O Senhor não libertou Israel por causa da bondade da nação, mas por causa da misericórdia dEle mesmo. Ele conhecia desde o início o caráter do povo a quem escolhera.

O Senhor observou que a descendência de Jacó era **traiçoeir[a]** (NVI, heb. ***bagad***, "agir de forma enganosa, infiel"; v. 8, duas formas do mesmo verbo são usadas para transmitir a totalidade da traição). *Israel também era conhecida como* ***REBELDE*** *(NVI, heb.* ***pashaʿ****, particípio significando "aquele que cai ou foge, um transgressor", 48.8; Dt 9.6,24; veja notas em Is 43.27; 46.3,8). Esse verbo é usado 41 vezes no Antigo Testamento e transmite o sentido de quebrar ou violar um acordo ou relacionamento. A palavra era usada em um sentido político quando as nações rebelavam-se contra outras nações (1Rs 12.19; 2Rs 1.1; 3.5,7; 8.20,22; 2Cr 10.19; 21.8,10). Além disso, a palavra também era usada quando Israel violava as leis ou cruzava as fronteiras estabelecidas por Deus para a nação. Isaías usou nove vezes a raiz verbal, sempre no sentido espiritual da desobediência às leis de Deus por Israel ou outras nações (Is 1.2,28; 43.27; 46.8; 48.8; 53.12 [2x]; 59.13; 66.24). O substantivo derivado dela,* ***peshaʿ****, carrega o sentido de "transgressão" e é uma das palavras usadas para transmitir o conceito de "pecado" (24.20; 43.25; 44.22; 50.1; 53.5,8; 57.4; 58.1; 59.12 [2x],20).*

O Senhor punira Israel por causa das suas transgressões. Ele **refin[ara-a]** (NVI, heb. ***tsaraph***, 48.10; veja Sl 119.9-16, p. 111 cp. Is 1.25; Sl 17.3; 66.10), mas o processo não estava completo como o era o processo de refinamento da prata. Deus, embora ainda se encontrasse impureza no seu povo, libertou-o da Babilônia por **amor de mim [de Deus]** (Is 48.11). Haveria mais uma purgação futura que seria completada naqueles que vinham ao Senhor Jesus (Dn 1210; Zc 13.9; Ml 3.2,3).

48.12-16 O Senhor observa **eu sou o mesmo, eu o primeiro** [heb. ***ri'shon***]**, eu também o último** (heb. ***'acharon***, v. 12; veja notas em Is 41.4; 44.6). No Novo Testamento, essa identificação é adotada pelo Senhor Jesus como uma expressão da sua divindade e da sua união com Deus Pai (Ap 1.8,17; 2.8; 22.13). A criação do mundo é só de Deus, e Ele é sempre soberano sobre a sua criação. Os estudiosos sugerem que Isaías 48.14 refere-se a Ciro como aquele a quem Deus usaria contra a Babilônia (45.1,2).

O povo foi chamado a ouvir a Deus, presente no início de todo o tempo e que **não fal[ou] em segredo** (48.16). Os comentaristas debatem a identidade do enviado. Alguns sugerem que a passagem refere-se a Isaías como o mensageiro do Senhor que profetizou por intermédio do Espírito dEle. Outros sustentam que a passagem refere-se à vinda do Servo messiânico. Em Isaías 42.1, o Espírito já é mencionado em conexão com a vinda do Servo. Além disso, o tema da vinda do Servo passa a ser dominante na seção seguinte, começando com o capítulo 49. Ademais, as palavras de 48.16 possivelmente vieram de um locutor.

Com esse entendimento, só Jesus Cristo, cuja vinda cumpriu mais tarde as passagens do Servo messiânico, poderia ser o locutor. O Novo Testamento afirma claramente que o Senhor Jesus existia na Trindade antes da criação e foi enviado ao mundo em um tempo determinado (Jo 1.1-3,14-18). O Espírito Santo também estava presente com o Senhor Jesus continuamente enquanto Ele ministrava e, mais tarde, foi enviado para os seguidores do Senhor depois de Jesus retornar para o Pai (Jo 1.29-34; 14.16-18; 15.26; 16.7-15; At 2.1-4,33,38). O mais provável é que Isaías 48.14 faça a transição de Ciro, o conquistador da Babilônia histórica, para o conquistador maior da Babilônia simbólica, o Messias que, um dia, libertaria Israel de todos os seus inimigos para sempre.

Essa boa-nova será o tópico das passagens seguintes. A libertação da Babilônia só prenuncia a libertação por vir do pecado e do julgamento por

toda a eternidade. O versículo 15 e a primeira metade do versículo 16 é a voz de Deus Pai mais uma vez, confirmando que planejou enviar o Messias; e, na segunda metade do versículo 16, o Messias fala mais uma vez, reconhecendo a sua própria comissão do Pai.

48.17-22 O Senhor ensinou o povo de Israel para o seu próprio bem (Sl 119.1-8,65-80,97-104,105-120,129-138). Ele lembrou o remanescente de Jacó que o sofrimento deles na Babilônia foi imposto por eles mesmos por causa do seu fracasso em ouvir e obedecer.

No fim do tempo pré-ordenado pelo Senhor, Deus, não por mérito deles, redimiu o seu povo do exílio (veja notas em Is 44.24-28; veja Mq 4.10). O Senhor chamou o seu povo dizendo: **Saí da Babilônia, fugi de entre os caldeus** (Is 48.20; observe Ap 18.4). O Senhor, lembrando a linguagem do êxodo do Egito, redimiu o seu povo, **o levava pelos desertos** e proveu água para eles (veja notas em Is 12.3 e 43.14-28 concernentes à provisão de água e linguagem do êxodo). A imagem toda girava em torno da provisão milagrosa de Deus para o seu povo, provisão esta que não pode ser atribuída a ninguém nem a nada além de Deus.

Em contraste com a alegria e paz do redimido, o Senhor adverte: **Mas os ímpios não têm paz** (48.22). Essa última advertência parece ser feita para aqueles fugindo da Babilônia como uma advertência sombria sobre o futuro para quem continuasse a andar em maldade. Também serve como uma nota de conclusão para a primeira divisão, os capítulos 40—48 (cp. também 57.21 e a imagem similar em 66.24).

A Salvação do Senhor (49.1——54.17)

O capítulo anterior discutiu a pecaminosidade do povo de Israel até mesmo seguindo o cativeiro. Embora Israel estivesse fisicamente livre do exílio pelos atos de Ciro, o povo ainda precisaria de redenção espiritual da servidão do pecado. As passagens seguintes desenvolvem mais o tema da vinda do Servo do Senhor que proveria a salvação final que todos os povos, e não apenas Israel, precisam.

O Servo Traz Salvação para todas as Nações (49.1-26)

49.1-13 São fornecidos os detalhes iniciais sobre a obra do Servo por vir, o Messias, que salvaria o mundo (cp 42.1-7). Mateus identifica claramente Jesus Cristo como o Servo do capítulo 42 (veja notas em 42.1-7; Mt 12.17-21). Em Isaías 42, Deus dirige-se ao Servo, mas, no capítulo 49, o Servo fala primeiro, e Deus conclui. Há muitas similaridades entre os capítulos 42 e 49.

- Deus indica que o Servo foi escolhido (Is 42.1). O Servo diz que foi **cham[ado]** antes de nascer e **fez menção do meu nome** desde as **entranhas** (49.1; veja também Mt 1.20-23; Lc 1.31-35). Esse homem não é apenas aquele que "sobe ao topo"; ele foi designado por Deus antes de nascer para um chamado particular.
- "As ilhas aguardarão a sua doutrina" (Is 42.4). O Servo ordena às **ilhas** que **ou[çam]** e **escut[em]** (49.1; veja também referências a ilhas/costas em 42.10; 51.5; 60.9). A ideia de costa transmite um senso da atenção dada pelos povos distantes ao Servo, indicando a sua grandiosidade e renome.
- Deus iria deleitar-se no Servo e **ser[ia] glorificado** no Servo (42.1; 49.3; veja também Mt 3.17; 17.5; Mc 1.11; Lc 3.22; 9.35; Jo 1.14; 12.27,28; 13.31,32; 17.1-5). Esse Servo — ao contrário de Adão, Noé, Abraão e Israel — não teria nenhuma mácula; assim, o Senhor seria total e perfeitamente glorificado nele.
- O Servo não capitularia para a fraqueza nem seria quebrantado "até que ponha na terra o juízo" (heb. ***mishpat***; veja o estudo da palavra Pv 1.3; Is 42.4). O Servo despende grande esforço e sente desencorajamento, mas mantém-se: **o meu direito está perante o SENHOR, e o meu galardão, perante o meu Deus** (49.4; veja 53.10-12). Os cânticos do Servo em 50.4-11 e 52.13—53.12 lidam com o sofrimento do Messias, identificado pelo Novo Testamento como Jesus de Nazaré. O seu "galardão" (heb. ***pe'ullah***, "recompensa", Is 49.4; veja o estudo da palavra 62.11) pode estar ligado à redenção e à salvação daqueles que confiariam nEle (40.10; 53.10,11; veja notas em 62.11,12; Ap 22.12).
- Deus faria o seu Servo **luz dos gentios** (heb. ***'or goyim***, só usado em Is 42.6 e 49.6; cp. "luz dos povos" [heb. ***'am***, "um povo ou nação", 51.4]; 60.1-5). Simeão reconheceu o Senhor Jesus como o cumprimento dessas palavras (Lc 2.27-32). Além disso, o Senhor foi identificado como a luz do mundo em várias ocasiões (Jo 1.4,5; 8.12; 9.5; 12.34-36,46). Esse foi um

distanciamento radical da teologia do Antigo Oriente Próximo. Deus era territorial e específico com um determinado povo. Mas aqui, esse Servo seria uma luz, libertador e líder universais — não apenas para Israel. Mais uma vez, não há espaço para pluralismo ou múltiplos caminhos para Deus. Há apenas um Servo, que é a luz para todas as nações.

- *Deus tornaria o Servo* ***UM CONCERTO*** *[heb.* ***berit****]* ***DO POVO*** *(heb.* ***'am****), expressão usada apenas aqui em Isaías 42.6 e 49.8. Como o Servo torna-se um concerto? Um concerto precisa de duas partes não relacionadas e da declaração que estão relacionadas por intermédio de ligação (e.g., casamento e adoção). A palavra hebraica* ***'am*** *é um termo para relação de parentesco, às vezes mais bem traduzida por "próprio povo". Parte do ritual envolvido muitas vezes é o derramamento de sangue por meio de sacrifício, como no caso com o concerto no Sinai (Êx 24.5-8; Hb 9.19-22); a causa para um concerto era, em geral, uma ruptura ou interrupção no que, do contrário, seria um relacionamento civil; por isso, era exigida a reconciliação. Quando o Senhor Jesus instituiu a Ceia do Senhor, ele observou a respeito do vinho: "isto é o meu sangue, o* sangue *do Novo Testamento"; literalmente "que é derramado por muitos, para remissão dos pecados" (Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20; 1Co 11.25). O autor de Hebreus identifica Jesus Cristo como o mediador do novo concerto por meio do derramamento do seu sangue para que as pessoas possam ser reconciliadas com Deus (Hb 9.11-15; 12.24; 13.20). Essa reconciliação significa que nós, separados de Deus e declarados "não sois meu povo", temos ligação com Ele por meio do concerto, "és meu povo" (Os 1.9,10; 2.23; Rm 9.25,26).*
- O Servo libertaria os **presos** e libertaria das **trevas** (49.9; 42.7). A mesma imagem de libertação do cativeiro é encontrada em Isaías 61.1, uma passagem cumprida pelo Senhor Jesus (Lc 4.16-21). Em todos os sentidos, os cegos são libertos das suas trevas e podem ver; os prisioneiros físicos são libertados das suas celas; os prisioneiros emocionais e psicológicos são libertados da sua escravidão. Jesus veio para libertar todos os prisioneiros que se identificam com Ele na sua morte e ressurreição e reconhecem-no como Deus, Servo único, enviado para libertar o mundo do pecado por intermédio do seu sangue.

Alguns comentaristas identificam o Servo no capítulo 49 como Isaías, outro profeta ou o povo de Israel, em vista da referência ao **meu servo, e Israel** (49.3). Não obstante, quando se considera que o Servo salva, de fato, Israel, é difícil manter apenas essa interpretação (vv. 5-6). O orador pode representar, em parte, a Israel fiel redimida. Por exemplo, Paulo cita Isaías

49.6 em referência ao trabalho que ele e Barnabé estão comissionados a fazer, o qual se seguiu e foi construído sobre o de Cristo (At 13.47; 26.17,18,22 23; 2Co 5.18-20). A passagem, em vista da semelhança com Isaías 42.1-7 e a similaridade de temas com a vida do Senhor Jesus, provavelmente é cumprida no Messias e também, em alguma medida, na obra dos seus seguidores.

O Senhor prometeu **no tempo favorável, te ouvi** (heb. ***ratson***, "boa-vontade, favor, aceitação", Is 49.8; 56.7; 58.5-14; 60.7; veja notas em Is 61.2; Sl 69.13; 106.4,5). Há duas maneiras principais de considerar essa referência. A primeira é uma descrição da restauração do povo à sua terra após a volta do exílio babilônico. Além disso, essa restauração era um tipo da restauração iniciada quando o Senhor fez um caminho para a reconciliação com Deus por intermédio do seu sacrifício (2Co 5.18—6.2). O Servo seria um concerto para o povo. Ele restauraria a terra, tornando possível ao povo possuir totalmente a sua herança; ele libertaria os prisioneiros, dissipando as trevas (Is 49.9; 61.1; Lc 4.16-21; At 26.17,18). O **que se compadece** cuidará do povo redimido como o pastor cuida das ovelhas (Is 49.10). Esse vocabulário de pastoreio é aplicado à atividade do Servo (Messias), sendo relevante também para Deus (Sl 23.1-4; Is 40.10,11; 44.2; Jr 31.10-12; Ez 34.11-31; Mq 5.2-4; 7.14). O Senhor Jesus é identificado no Novo Testamento como o bom Pastor supremo (Jo 10.7-18,24-30). Hebreus descreve Jesus como "pelo sangue do concerto eterno tornou a trazer [...] [o] grande Pastor das ovelhas" (Hb 13.20). O cumprimento final dessa passagem parece ser quando o Cordeiro que foi morto, o Senhor Jesus, "apascentará" os que foram redimidos (Ap 7.16,17). A despeito da posição presente do profeta na perdição e tristeza do cativeiro, ele poderia irromper em exultação, ordenando que a criação **exult[e]** com a redenção provida pelo Senhor (Is 49.13). Deus revelara o seu plano para o futuro, e Isaías confiava totalmente nEle para fazer tudo o que prometera (cp. Jo 29.11-14).

49.14-26 Sião, embora personificada, expressa um sentimento de abandono pelo Senhor, que responde com ardor: **Pode uma mulher esquecer-se tanto do filho que cria, que se não compadeça dele, do filho do seu ventre?** (vv. 14,15). Há um desconforto extremo, a ponto de provocar uma dor excruciante para a mulher que para de repente de amamentar um bebê. Uma mulher esquecer-se do seu filho seria algo extraordinário; contudo, mesmo se isso acontecesse, Deus jamais se

esqueceria de Sião. Ele exclamou: **Eis que, na palma das minhas mãos, te tenho gravado** (v. 16). O compromisso de Deus com Sião e o povo restaurado que habitaria em Sião é permanente. A cidade foi assegurada que o tempo de desolação terminaria. A cidade seria restaurada como o seu povo redimido **junta[r-se-ia]** e **v[iria]** a ela (NVI, v. 18).

Sião exibiria orgulhosamente os **filhos** redimidos que vêm para habitar a cidade santa de Deus da mesma forma como a **noiva** coloca ornamentos caros para a cerimônia de casamento (v. 18; veja 61.10; 62.4,5). A terra, em vez de árida e **destruída**, ficará cheia com as pessoas restauradas (54.1-13). Sião questionará de onde todos os "filhos" vêm uma vez que ela mesma fora retirada e não tinha chance de gerar outros naturalmente (49.21).

Os estudiosos observam que os filhos que voltam nasceram no cativeiro, na Babilônia (54.1). Além disso, outros sugerem que essa reunião também pode ser cumprida na reunião ainda por acontecer, que incluiria as pessoas redimidas entre os judeus e gentios no início do reino milenial (veja 62.11,12; 66.18-21). Essa interpretação daria mais sentido à pergunta de Sião referente à origem dos filhos; os filhos incluiriam aqueles que não descendiam fisicamente de Abraão.

Os que creem em Cristo são adotados na família de Abraão como descendência espiritual e unem-se aos redimidos de Israel (veja 53.10 e notas em 54.1-3; Gl 3.28,29). Os redimidos judeus e gentios são a recompensa do Senhor Jesus, o resultado da sua obra salvífica na cruz.

Em resposta à pergunta de Sião sobre a volta dos redimidos, o Senhor observou que Ele **levantar[ia]** a sua mão **para as nações**, e ao seu comando elas trariam filhos e filhas para Sião (Is 49.22; 66.20). Essa ordem foi cumprida em parte pela volta do exílio; no entanto, além disso, os gentios virão para servir aqueles que estão em Sião. Essa descrição da volta a Sião é resumida em 60.1-22. A imagem final é da futura glória de Sião, quando todos os dispersados de Israel são trazidos de volta a Sião com honra. As nações irão trazê-los e servirão a eles.

Foi levantada uma pergunta sobre se aqueles que foram levados em cativeiro poderiam ou não ser libertos. O Senhor respondeu, revertendo a ordem de cada frase. Deus assegurou a Israel que os cativos seriam libertos porque ele lutaria por eles e **remi[ria]** os seus **filhos** (49.25). Deus faria com que os que oprimiram Israel destruíssem a si mesmos e, no fim, toda carne saberá que o Senhor é o **Salvador**, **Redentor** e **Forte de Jacó** (v. 26; cp. Ap 16.6). A imagem é bizarra, mas simplesmente revela a

profundidade da verdade de que os redimidos por Deus têm alegria sem-fim, mas os que Deus não redime têm tormento e sofrimento igualmente sem-fim. Abandonar a redenção de Deus não é algo leve.

O Comportamento de Israel e do Servo (50.1-11)

50.1-3 O Senhor pergunta ao seu povo sobre a localização da **carta de divórcio** da **mãe** deles a fim de apontar que ali não havia separação oficial permanente (v. 1). De acordo com a Lei, um homem poderia divorciar-se da esposa se descobrisse "coisa feia" nela, o que é entendido por muitos estudiosos como um tipo de impureza ou imoralidade (Dt 24.1-4). Um documento de divórcio escrito a fim de tornar o divórcio oficial era dado para a mulher, e o homem era proibido de tomá-la de volta, mas ela tinha permissão para casar-se com outro. Logo antes do exílio, o Senhor indicara que provera para o Reino do Norte de Israel apóstata papéis de divórcio; no entanto, embora Judá tivesse desempenhado o papel da prostituta com falsos deuses como Israel, ele não mencionou o divórcio permanente de Judá (Jr 3.1,6-10; Os 1.6,7; 2.2). As acusações de prostituição poderiam ser levantadas contra Judá, e o Senhor temporariamente o afastaria enviando-o para o exílio. Não obstante, Deus redimiria o remanescente do cativeiro e iria levá-lo de volta como seu.

Os descendentes de Israel seriam vendidos temporariamente. Durante o tempo do Antigo Testamento, os filhos e as filhas eram vendidos para prover sustento ou pagar uma dívida (Êx 21.7; 4.1; Ne 5.5). Jerusalém não fora vendida para pagar uma dívida; pois Deus não tinha **credor** (Is 50.1). Ao contrário, o povo fora vendido temporariamente por causa do seu próprio pecado (Dt 32.29,30; como em Jz 3.8; 4.2; 10.7). Apesar de o povo ter sido vendido por causa das suas próprias **iniquidades** (TB, heb. ***'awon***; veja o estudo da palavra Sl 32.1,2) e **transgressões** (NVI, heb. ***pesha'***; veja o estudo da palavra Sl 32.1,2), Deus iria redimi-los tanto do cativeiro babilônio quanto do cativeiro espiritual maior do pecado (Is 52.3; 53.5,6). Essa é a imagem mais clara de redenção — comprar de volta um escravo que fora previamente vendido. A redenção é necessária apenas quando uma venda indesejável tem de ser revertida.

O Senhor pergunta: **Por que razão vim eu, e ninguém apareceu? Chamei, e ninguém respondeu?** (50.2). Os estudiosos ligam essa referência ao fato de ninguém em Israel ter respondido quando o Senhor

chamou-os de volta a Ele. O Senhor questiona a falta de resposta deles. Será que eles duvidavam da sua capacidade de salvá-los? Deus, com vocabulário mostrando a sua maestria até mesmo sobre a natureza, lembra o povo de Israel que Ele tinha, de fato, o poder para redimi-los. Ele menciona o **secar o mar** e outras obras na natureza que lhes deveria trazer à lembrança a libertação anterior que Ele provera durante o êxodo inicial do Egito (Êx 7.18; 10.21-23; 14.14-16,21-27; Is 43.16,17).

50.4-11 Essa passagem constitui o terceiro cântico do Servo. Cada cântico do Servo revela mais detalhes sobre o caráter e as ações do Servo. Embora o povo de Israel fosse cheio de pecado e tivesse se rebelado ao chamado do Senhor, o Servo exibia completa dependência de Deus e obediência a Ele.

- O Servo tinha **uma língua erudita** (v. 4). Ele aprendera com Deus e falava ao povo o que Deus dera a ele para dizer (Jo 5.19,20,30; 12.49,50; 14.10,24; 15.15; 17.7,8).
- Ele **não** era **rebelde**, mas, antes, submisso à vontade de Deus (Is 50.5; 53.12; Jo 6.38). O Evangelho de João menciona continuamente a submissão de Jesus ao Pai; Ele encontrava a sua maior alegria nessa negação de si mesmo e submissão ao Pai, mesmo suportando todo o sofrimento (cp. Jo 5.30; 8.28; 10.18).
- Ele sofreu abuso físico e humilhação (Is 50.6). Foi surrado e humilhado, tendo a barba cortada e sendo cuspido (Mt 26.67; 27.2,27-31; Mc 14.65; 15.16-20; Lc 18.31-33; 22.63-65; 23.11; Jo 18.22; 19.1-3). O sofrimento narrado no versículo 6 é descrito também no quarto cântico do Servo de Isaías 52.13—53.12.
- Ele era inocente de crime e seria vindicado por Deus (50.8,9; 53.9). O Servo, embora se submeta ao abuso, mantém a sua inocência e merecimento de exoneração diante de Deus. O Senhor iria justificá-lo e ajudá-lo enquanto aqueles que condenam o Servo seriam destruídos. O Sinédrio recorre a falsas testemunhas para acusar o Senhor Jesus; contudo, mesmos estas entram em conflito (Mt 27.18-24; Lc 23.4,14,15; Jo 18.38; 19.4,6).

O Servo era o modelo perfeito de obediência à vontade de Deus e seria justificado por este. Ouvir o Servo está vinculado ao temor ao Senhor (Jo

5.22,23). Todos os que caminham nas trevas são encorajados a confiar apenas em Deus. Aqueles que **acende[m] fogo** e caminham na luz da sua própria invenção recebem o julgamento pela mão do Servo (Is 50.11). O destino deles seria **em tormentos jaze[r]** (heb. ***ma'atsēvah***, "um lugar de sofrimento, dor", v. 11).

O Senhor Traz Conforto e Redenção (51.1—52.12)

51.1-8 Essa passagem é construída em torno de três seções com ordens para o justo ouvir (vv. 1,4,7). O orador, dirigindo-se àqueles **que busca[m] ao SENHOR**, leva-os a considerar a sua origem (v. 1). O Senhor é frequentemente mencionado como a Rocha; contudo, nesse contexto **rocha** (heb. ***tsur***, veja o estudo da palavra em 17.10) parece apontar para o ato deliberado de Deus de escolher Abraão e Sara para ser os pais do seu povo escolhido, uma vez que Isaías 51.1b e 2a parecem expressar pensamentos paralelos. Abraão estava **só** quando foi escolhido por Deus para tornar-se o herdeiro das promessas de terra, ter descendentes e bênçãos (51.2; Gn 12.1-3,7). De Abraão e a sua esposa estéril Sara, que até mesmo passara da idade de ter filho, Deus levantou milagrosamente uma nação (Gn 18.11-14). O mesmo Deus também **consolar[ia] a Sião** e restauraria os seus **lugares assolados** (heb. ***chorbah***, "ruínas", Is 51.3). O Senhor tornaria milagrosamente a terra estéril em produtiva e iria enchê-la de alegria e felicidade (35.1,2; 58.11,12; 61.4; 64.10,11; 65.17-19).

O fraseado de Isaías 51.4-8 tem similaridades com os cânticos anteriores do Servo, em especial 42.1-9 e 49.1-7. Como resultado disso, alguns comentaristas sugerem que o orador ainda é o Servo, embora expondo a sua natureza divina. A ênfase é o futuro estabelecimento da **lei** (heb. ***torah***, "lei") e **juízo se estabelecerá como luz dos povos** (heb. ***'ammim***, "povo", 51.4; veja o estudo da palavra 49.1-13). Haverá uma qualidade eterna na sua **justiça** e **salvação** (51.5) — não a justiça e salvação decretadas pelos reinos terrenos que logo se desvanecem.

A imagem de sublevação cósmica era usada com frequência para descrever mudanças no regime sociopolítico. Entendendo isso, a libertação mencionada inicialmente foi cumprida na libertação do povo do cativeiro babilônico. As menções a "para sempre" e uma libertação que nunca termina apontam para um tempo posterior quando até mesmo os **povos**

(heb. ***'am***, "povo", veja o estudo da palavra 49.1-13) e **as ilhas me** [o Senhor] **aguardarão** (51.5; cp. 42.4; 49.1). A referência à destruição dos céus, terra e todos os habitantes também aponta para o fim dos tempos (13.9-13; 24.17-23; 34.2-4; Sl 102.25-28; Hb 1.10-12; 2Pe 3.10). Em contraste com a temporalidade da criação, a **salvação [de Deus] durará para sempre** (Is 51.6; Mt 24.35).

O Senhor encoraja todos os que sofreriam humilhação nas mãos dos homens, como o Servo sofreria, a lembrarem-se da mortalidade dos seus torturadores em contraposição às promessas eternas de Deus (Is 51.7,8; 50.9). Eles não devem temer o que o homem pode fazer, mas, ao contrário, devem agarrar-se à **justiça** e à **salvação** eternas de Deus (51.8; cp. 45.17; Mt 10.28).

A passagem de 51.9—52.6 é estruturada em torno de quatro seções começando com duplos imperativos (Is 51.9,17; 52.1,11).

51.9-11 O primeiro imperativo duplo e enfático **desperta, desperta** (heb. ***'ur, 'ur***, "levante-se") e o pedido **veste-te de força** são dirigidos ao **braço do SENHOR** (heb. ***zeroa'***, "braço, ombro, força"). O profeta pede ao Senhor para agir como libertador como fizeram no passado. "Braço do SENHOR" é a tradução literal, especialmente em vista da referência seguinte ao braço do Senhor cortar em pedaços **Raabe** e ferir o **Monstro dos Mares** (NVI, heb. ***tannin***, "serpente, dragão"), além das referências passadas e futuras concernentes à salvação operada pelo "braço do SENHOR" (30.30; 33.2; 40.10,11; 48.14; 51.5; 52.10; 53.1; 59.16; 62.8; 63.5,12).

Provavelmente, Raabe e ***Tannin*** são referências ao Egito e também a um monstro marítimo do caos como o monstro marítimo babilônico (veja notas em 27.1 e 30.7). Nos dois casos, Deus é mostrado como o conquistador vitorioso (51.9). Nem mesmo um monstro mitológico pode derrotar Deus! O Senhor, durante o primeiro êxodo, **secou o mar [...] para que passassem os remidos** (v. 10; 63.12). Se Deus pôde fazer isso no passado, também pode fazer no futuro. O profeta funde o vocabulário do êxodo com a volta futura do exílio babilônico quando **voltarão os resgatados do SENHOR e virão a Sião com júbilo** (51.11; Êx 15.1-21; veja Is 35.10), libertados mais uma vez da escravidão.

51.12-16 A resposta de Deus aos dois pedidos de Isaías para "levanta[r]" foi enfática: **Eu, eu sou aquele** [heb. ***hu'***, "ele"] **que vos consola** (v. 12; 40.1). O conforto provido pelo Senhor é fundamentado na sua identidade

como Criador soberano do mundo e o **cri[ador]** da nação de Israel (51.13).

Os comentaristas diferem a respeito de a quem é, de fato, dirigida a fala. Alguns sugerem que o profeta é a pessoa a quem são dadas as palavras do Senhor a fim de completar os propósitos de Deus. Não obstante, outros comentaristas sugerem que o Servo, em última instância cumprido em Cristo, é a pessoa a quem a fala é dirigida. Jesus viabilizou a garantia de um novo céu e uma nova terra e uma Sião redimida, de quem Ele poderia dizer: **tu és o meu povo** (51.16; 65.17-19; Os 2.23; Zc 8.7,8; 13.9; Ap 21.1-4).

51.17-23 Deus não foi negligente em relação ao seu povo. O povo de Jerusalém estava colhendo as consequências dos seus pecados. Deus não precisava acordar; mas, antes, os filhos de Israel precisavam reconhecer que sofriam a justa repreensão do Senhor, baseada nas maldições da aliança. Deus comenta que eles sofrem **a assolação, e o quebrantamento, e a fome, e a espada,** reminiscentes das maldições de Deuteronômio (v. 19; Dt 32.24,25). Eles estavam embriagados **não de vinho**, mas do julgamento do Senhor. Contudo, Deus iria libertá-los e removeria o **cálice** da sua **fúria** deles para que **nunca mais dele bebe[ssem]** (Is 51.22). Em vez disso, o cálice do julgamento seria derramado sobre os **atormentadores** (NVI) deles (v. 23; cp. Ap 18.6).

52.1-6 O terceiro par de imperativos encoraja Sião a levantar e **v[estir]-se de força** (NVI) e com as **vestes formosas** em penhor da sua redenção e nova consagração como a **cidade santa** (v. 1). *A palavra* ***FORMOSAS*** *(heb.* ***tiph'arah****, "beleza, glória"), que ocorre 51 vezes no Antigo Testamento, é usada muitas vezes para descrever Deus (1Cr 29.11,13; Sl 71.8; Is 46.13; 60.19; 63.12,14) ou o seu Templo ou lugar de habitação (1Cr 22.25; 2Cr 3.6; Is 60.7; 63.15; 64.11). A palavra, de vez em quando, é usada em relação à honra e à glória de uma nação (Dt 26.19; Is 10.12; 13.19; 20.5; Lm 2.1). A palavra também tem ligação com coroas, ornamentos ou refinação (Pv 4.9; 16.31; Is 3.18; 62.3; Ez 16.12,17,39). No único outro caso em que está ligada com "vestes", a referência é às roupas usadas pelos sumos sacerdotes (Êx 28.2,40).*

Jerusalém e os seus habitantes tinham de ser separados e preparados para o serviço sacerdotal diante de Deus (Is 61.6). Além disso, Jerusalém seria adornada junto com os redimidos vestidos com a salvação e a justiça (veja notas em 49.18 e 61.10; Ap 21.2). *A cidade renovada estaria livre de qualquer influência impura: "nunca mais entrará em ti nem* ***incircunciso*** *[heb.* ***'arēl****, muitas*

se referindo a qualquer não israelita, como os filisteus, que estavam fora da aliança; Êx 12.48; Jz 14.3; 1Sm 17.26,36] nem imundo" (Is 52.1). Ademais, no Antigo Testamento, havia um conceito de ser espiritualmente "incircunciso" (Lv 26.40-45; Jr 9.26; Ez 44.6-9). A circuncisão do coração implicava abertura e dedicação a Deus (Dt 10.16; 30.6; Jr 4.4). No Novo Testamento, Paulo observa que a verdadeira circuncisão era a do coração, realizada pela fé em Jesus Cristo (Rm 2.28,29; Ef 2.11,22; Cl 2.11-14). O incircunciso não terá lugar no Reino redimido de Deus, mas está reservado para a destruição (Ez 31.18; 32.19-32). Essa completa separação de qualquer coisa impura será cumprida no estabelecimento final de Jerusalém seguindo o retorno e reinado de Cristo (Ap 21.1,2,8,27).

Jerusalém foi encorajada a levantar-se da sua antiga posição de humilhação e pesar e **sac[udir] o pó** (Is 52.2; 51.23; em contraste com Babilônia, 47.1). Ela seria entronizada como a cidade santa de Deus. Não seria mais oprimida nem estaria em escravidão, pois fora dito à filha de Sião para **livr[ar]-se das correntes em seu pescoço** (NVI, 52.2), o que só era possível por intermédio da redenção do Senhor. Deus disse ao seu povo: **Por nada fostes vendidos; também sem dinheiro sereis resgatados** (v. 3; veja notas em 43.1 e 50.1; Jr 15.13). O Senhor permitiu que o seu povo fosse cativo por causa do pecado deles — não porque Deus precisasse pagar algo ou alguém. O motivo do retorno seria a remoção do pecado, mais uma vez não com Deus pagando alguém ou algo, pois não existe um poder maior que Deus a ser aplacado, mas o pecado precisa de ser purgado. Os detalhes da redenção física já foram fornecidos (Is 44.24—45.13; 46.10—47.15; 48.20); os detalhes para a redenção espiritual seriam dados nas passagens seguintes (52.13—53.12).

O Senhor menciona os cativeiros da história de Israel. O Senhor libertou a nação do Egito com mão poderosa para trazer glória para o seu nome. Durante o tempo de Isaías, o Senhor primeiro prometeu e, depois, libertou Jerusalém da opressão dos assírios para a glória do seu nome. Quando o povo de Israel continuou a rejeitar a autoridade de Deus, eles, em essência, estavam blasfemando ou desprezando o Senhor, e os seus atos trouxeram o justo julgamento divino sobre eles (5.24). O que eles faziam afetava diretamente como os outros viam Deus. Por causa da falta de obediência de Israel e a sua resultante destruição, os seus inimigos exultaram e **blasfema[ram]** (heb. ***na'ats***, "desprezado, desdenhado") o nome de Deus (veja 2Sm 12.14; Rm 2.17-24).

No entendimento da época, o "deus" mais forte vencia nas confrontações entre as nações (Ez 36.16-28). O Senhor, para a sua própria glória, libertaria o seu povo e restabeleceria Israel na sua terra (Dt 32.26-29) e garantiria que o seu povo conheceria o seu nome; Ele revelaria a si mesmo de forma clara como aquEle que diz **Eis-me aqui** (heb. ***hinnēni***, "contemple-me" cp. Is 52.6; veja 65.1).

52.7-12 Isaías, na contemplação da gloriosa notícia da iminente revelação e libertação de Deus irrompe com uma expressão de júbilo concernente à mensagem daquele **que faz ouvir a paz, que anuncia o bem** (heb. ***basar***, "aquele que carrega ou anuncia as boas-novas ou notícias alegres", v. 7; veja o estudo da palavra, 40.9; cp. 41.27; 61.1) e a **salvação** (heb. ***yeshu'ah***; veja o estudo da palavra, 12.2). As boas-novas para o povo de Jerusalém em servidão para a Babilônia seriam que estavam livres; eles saberiam por experiência que o seu **Deus reina** (52.7).

Essa passagem também tem um cumprimento muito maior quando vista em relação ao plano principal de Deus para a humanidade redimida do pecado. Paulo conecta claramente as Boas-Novas de paz e salvação mencionadas nessa passagem com a notícia de que a salvação veio para aqueles que têm fé em Jesus Cristo (Rm 10.9-15; Ef 2.13-17; 6.15). Virá um dia em que o Senhor Jesus voltará a Sião com o seu povo redimido e estabelecerá o seu Reino terreno (Dn 7.13,14; Mc 13.26,27; Lc 21.27,28; At 1.11; 2Ts 1.10).

Por fim, o povo recebeu a ordem **retirai-vos, retirai-vos, saí daí** (Is 52.11; Ap 18.4). Os estudiosos sugerem paralelos com o êxodo original do Egito acrescido de duas diferenças:

- Em contraste com o êxodo em que foi dito ao povo para requerer e pilhar os egípcios quando partissem dali, aos que deixavam a Babilônia foi orientado que **não to[cassem] coisa imunda** (Is 52.11; Êx 11.2; 12.35,36). Eles, em vez de pilhar dos babilônios, tinham de levar de volta para Jerusalém os **utensílios do SENHOR** (Is 52.11). Os utensílios do Templo tinham sido pegos por Nabucodonosor e levados para a Babilônia (2Rs 24.13-17; 2Cr 36.7,18; Jr 52.17-23; Dn 5.2,3). Esses utensílios foram levados de volta pelos exilados que retornavam (Ed 1.7-11).
- Em contraste com a fuga apressada do êxodo, foi dito ao povo que deixava a Babilônia: **não saireis apressadamente, nem vos ireis fugindo** (Is 52.12; Êx 12.33,34,39; Ed 1.1-11). Deus iria **diante** deles e seria a **retaguarda** deles (Is 52.12). Essa proteção e liderança do Senhor lembram a presença e o cuidado do Senhor durante o êxodo do Egito, quando eram conduzidos pelo Senhor por meio de uma "coluna de nuvem" de dia e uma "coluna de fogo" de noite, e protegeu-os dos egípcios passando para trás deles quando foram perseguidos (Êx 13.21,22; 14.19,20).

As palavras de Isaías 52.11,12 foram escritas primeiro sobre a libertação do exílio babilônico. Essas palavras, assim como outras passagens de Isaías, pintam uma imagem em miniatura de outra libertação muito mais relevante — a saída do pecado do mundo. O apóstolo Paulo cita parte do versículo 11 no curso de uma discussão sobre a importância da santidade na vida de um cristão (2Co 6.14-18—7.1). Os redimidos por Cristo são encorajados a deixar para trás qualquer impureza a fim de ser separados como "o Templo do Deus vivente" (2Co 6.16). O mesmo tipo de chamado para partir da "Babilônia" ocorrerá nos últimos dias (Ap 18.4).

A Obra do Servo (52.13—53.12)

O quarto Cântico do Servo, começando com Isaías 52.13 e continuando ao longo de 53.12, é considerado pela maioria dos estudiosos o cerne da última parte do livro.

Tudo em Isaías gradualmente reflete uma expectativa sobre a subsequente salvação de Israel. Seria Deus poderoso o bastante para salvar Israel? Até aqui o texto proclama de forma ressoante que Deus é poderoso o bastante, mas agora o texto revelará um tipo de salvação completamente inesperado

de um Deus poderoso. A salvação viria por meio da fraqueza, sofrimento e morte, e não de uma batalha poderosa. A libertação da Babilônia apenas prefigurava uma libertação espiritual maior, a qual Deus realizaria por intermédio do seu Servo. A passagem seguinte fornece detalhes específicos referentes à missão e à identidade do Messias por vir.

52.13-15 Esses versículos servem como uma introdução geral para a natureza do sofrimento pelo qual o Servo de Deus passaria e o resultado dele. Um resumo do resultado final abre a passagem. O Servo **operará com prudência** e será **muitíssimo exaltado** (NVI, v. 13; 53.12; Jr 23.5,6; At 2.32-36; Fp 2.8-10). Essa imagem de exaltação corresponde ao sucesso transmitido nos cânticos iniciais sobre o Servo (Is 42.1-7; 49.1-7; 50.7-9), e é essencial manter em perspectiva do que se segue. Nos capítulos anteriores, também havia indícios sobre o fato de que o Servo seria maltratado (42.4; 49.4,7; 50.6-9); o Senhor, com detalhes cada vez maiores, delineia o grau e o propósito para o sofrimento. O Servo também ficaria **tão desfigurad[o]** (NVI) que ficaria **irreconhecível como homem** (NVI); ele seria abusado de forma tão séria que ficaria irreconhecível (52.14). Não obstante, ele, por meio deos seus atos, **borrifará muitas nações** (heb. ***goyim***, v. 15).

BORRIFARÁ *(heb.* ***nazah****) ocorre apenas 22 vezes no Antigo Testamento. Algumas ocorrências têm que ver com a purificação ou a consagração do povo ou itens santos por meio do borrifo de sangue, óleo ou água (Êx 29.21; Lv 6.27; 8.11,30; 14.7,16,27,51; Nm 8.7; 19.18,19,21). A maioria dos outros usos está conectada ao sangue sendo borrifado no curso da oferta de sacrifício pelo pecado (Lv 4.6,17; 5.9; 16.14,15,19; Nm 19.4). Em Isaías 52.15, o borrifo, baseado no entendimento do Novo Testamento, refere-se ao sangue do sacrifício feito por Jesus Cristo para os pecados de todos (Hb 9.12-15; 18.22,24-28; 10.1-14,19-22; 12.24; 1Pe 1.2).* Em última análise, os reis **entenderão** o que **não ouviram** anteriormente (Is 52.15). Aconteceria a reversão completa. Os israelitas ouviam (ou seja, tinham a Lei), porém não entendiam o que Deus estava fazendo no capítulo 6; no entanto, os reis gentios que não ouviram (ou seja, não tinham a Lei) entenderiam; Deus revelaria para eles! Esse evento seria diferente de toda a revelação prévia feita para Israel. Paulo cita essa passagem em relação ao seu chamado para levar as Boas-Novas da salvação para os gentios (Rm 15.20,21). Os sofrimentos desse Servo não foram só por Israel, a quem a Lei fora revelada, mas também por todas as nações.

Como alguns poucos versículos seguintes demonstram, a ideia da revelação é central. Deus afirma que a sua capacidade de revelar eventos antes do tempo identifica-o como o único Deus. Mas, embora Ele tenha revelado a sua Lei para Israel, eles não entenderam. Mas haveria alguns, judeus e gentios, que entenderiam e ficariam atônitos com a notícia.

53.1-6 O versículo inicial desse capítulo inspirador de admiração é citado diretamente duas vezes no Novo Testamento em relação a Jesus Cristo (Jo 12.37,38; Rm 10.16). João observa claramente a falha em acreditar daqueles que testemunharam que as obras de Jesus cumpriam essa passagem, e Paulo, de maneira similar, refere-se a ela em relação às Boas-Novas sobre Jesus Cristo. Isaías observa: **a quem se manifestou o braço do SENHOR?** (Is 53.1). *A expressão exata* **O BRAÇO** *[heb.* ***zeroa‘****, "ombro, força"] do Senhor ocorre apenas duas vezes no Antigo Testamento (v. 1; 51.91); contudo, há muitas ocorrências de* ***zeroa‘*** *usado de forma antropomórfica para explicar a força e o poder das obras de Deus. O termo é usado várias vezes em relação à libertação dos israelitas do Egito operada por Deus (e.g., Êx 6.6; 15.16; Dt 4.34; Sl 77.15; Is 63.12). Essa é a libertação prototípica, sempre vista como estabelecendo o padrão para como Deus liberta o seu povo e como garantia de que o Deus que libertou uma vez o seu povo do Egito o irá libertá-lo mais uma vez de outros problemas. Há muitos outros casos em que a ideia da força ou do poder de Deus está ligada à libertação ou cuidado por intermédio do seu braço (Sl 89.13; 98.1; Is 33.2; 40.10; 51.9; 52.10; 63.5; Ez 20.33). Nessa passagem, o "braço do Senhor", ou a força de Deus, é manifestado por intermédio do Servo sofredor, Jesus, para todos aqueles que o viram ou o ouviram. A admiração é dupla — tanto com a mensagem do que Deus está fazendo quanto com a falta de crença na mensagem. Esse Servo não era a libertação esperada, e ele não seria crido por muitos.*

A imagem do **renovo** e **raiz** lembra as referências anteriores a plantas concernentes ao Messias (Is 53.2; 11.1,10). O chão seco é um comentário desfavorável sobre o ambiente em que o Servo cresceu, mas isso não o impede; mesmo assim, ele cresceu. Mas ele, segundo os padrões humanos de mera aparência externa, era indesejável. Ele seria **desprezado e rejeitado pelos homens** (NVI, 53.3). ***SOFRIMENTO*** *(NVI, heb.* ***mak'ov****, literalmente "dor" — física, emocional, mental, v. 3) é a mesma palavra usada para "dores" (v. 4). Também,* ***DORES*** *(heb.* ***choli****, v. 3) é a mesma palavra usada para "enfermidades" no versículo 4. Os estudiosos observam que as "dores" podiam ser físicas ou espirituais.*

Mateus cita a primeira metade do versículo 4 em relação ao ministério de cura física e espiritual de Jesus, que o apóstolo via como um cumprimento da profecia de Isaías (Mt 8.16,17). Quando Jesus curava os outros, havia um custo. Ele tomava sobre si a batalha com a doença e as consequências do pecado (doença, todos os tipos de enfermidades). Ele pagava o preço das dores e doenças dos outros. Mas a resposta das pessoas não era de gratidão nem de admiração; ao contrário, ele era considerado **ferido de Deus e oprimido** (Is 53.4). Em vez de entender que o seu sofrimento era em nosso favor, quando éramos os que mereciam o sofrimento, presumimos que ele sofreu porque Deus estava afligindo-o. Que diferença entre as duas perspectivas!

O versículo 5 passa do vocabulário de dor e doença, os resultados do pecado, para o vocabulário claro do próprio pecado. Não há confusão: o sofrimento do Servo foi pelo pecado humano em todas as suas manifestações. Isaías, enfatizando o Servo pela posição do pronome, diz: **ele foi ferido** [heb. ***chatal***, "ferido fatalmente, perfurado"] **pelas nossas transgressões** (heb. ***pesha'***, v. 5; veja o estudo da palavra, 48.8). *Nós* deveríamos pagar o custo de nossas próprias transgressões, mas, em vez disso, *Ele* pagou. Em outro lugar do Antigo Testamento outros sinônimos hebraicos para ***chalal*** são usados para descrever o traspassamento do Messias (Sl 22.16,17; Zc 12.10). Esse foi o cumprimento derradeiro quando Jesus foi crucificado pelos pecados de toda a humanidade.

As passagens do Novo Testamento registram que espinhos foram colocados em sua testa, pregos perfuraram sua carne e uma lança traspassou o seu lado (Mc 15.17; Jo 19.34-37; Ap 1.7). O Servo foi **moído pelas nossas iniquidades** (heb. ***'awon***, Is 53.5; cp. 50.1).

MOÍDO *(heb.* ***daka'****, "quebrado em pedaços, despedaçado") aparece apenas dezoito vezes no Antigo Testamento. O verbo relacionado* ***dakah*** *("ser esmagado, quebrado") ocorre apenas cinco vezes em Salmos. Embora alguns usos transmitam principalmente destruição física (Jó 4.19; 6.9; Sl 94.5), muitas das ocorrências transmitem figurativamente um senso de angústia emocional ou espiritual (Jó 5.4; 19.2; Sl 10.10; 38.8; 51.8,17; 143.3; Pv 22.22; Is 3.15; 53.10; 57.15; Jr 44.10; Lm 3.34). Os estudiosos sugerem que o esmagamento em Isaías 53.5 transmite a agonia espiritual experimentada pelo Senhor Jesus quando os pecados do mundo foram colocados sobre Ele ao ser pendurado na cruz (Mc 15.33,34). Muito maior que a dor física foi a separação espiritual de Deus Pai quando o Filho foi abandonado para pagar o preço do pecado da humanidade. Não há angústia maior que a expressa pelo clamor de Jesus: "Deus meu,*

Deus meu, por que me desamparaste?". Mas essa era uma angústia que ele estava disposto a aceitar pelo seu amor por nós.

O motivo para o sofrimento do Servo não é secreto; a punição era para *tornar-nos* inteiros, e por meio das contusões dele *nós* somos curados. O exílio babilônio foi a punição pela desobediência de Israel à aliança. Mas o sofrimento e a morte são a punição pelo pecado humano. O sofrimento e a morte do Servo (como o restante do capítulo revela) não são a punição do seu pecado, mas dos nossos. Ele tomou sobre si nossa punição como tomou sobre si mesmo a batalha contra as dores e a doença e, por meio disso, tornou possível sermos curados. Se ninguém tirasse a punição de nós, não haveria possibilidade de cura. **Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho** (Is 53.6; veja notas em 40.11; 1Pe 2.24,25).

O salmista, transmitindo o mesmo conceito, observa em relação a toda a humanidade: "Desviaram-se todos e juntamente se fizeram imundos" (Sl 14.3). Paulo afirma: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rm 3.23). Todos eram e são culpados de violar os padrões de Deus de comportamento justo. A humanidade não tinha como ser justificada derradeiramente até o Servo tomar a punição pela **iniquidade de nós todos** (Is 53.6,12; Rm 3.21-26; 4.24,25; 1Pe 1.18-21; 2.21,24,25). Isaías, para que não pensemos que não precisamos de cura para nossos pecados, não nos deixa dúvida. Todos nós precisamos dessa cura!

53.7-9 Lucas registra que o eunuco etíope lia essa passagem na Escritura quando Filipe o ouviu por acidente (At 8.30-37). Quando o eunuco perguntou quem o profeta descrevia, "Filipe, abrindo a boca e começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus" (At 8.35). Na verdade, esses versículos explicam completamente a missão do Servo — morrer pelos pecadores. Essa passagem usa a imagem de uma **ovelha muda perante os seus tosquiadores** para descrever o comportamento do Servo que permitiria ser levado para a sua morte sem resistir porque a sua morte era a expiação necessária para cobrir os pecados da humanidade e trazer a redenção. O Senhor Jesus cumpriu essa passagem quando, em silêncio, se submeteu ao abuso dos seus interrogadores e não fez nada para resistir às tentativas deles de encontrar motivo para condená-lo à morte (Mt 26.62,63; 27.11-14; Mc 14.60,61; 15.3-5; Lc 23.8,9; Jo 19.9). A sua submissão à morte foi a obediência intencional à vontade de Deus (Mt 16.21; 17.12,22,23; 20.17-19; Mc 8.31; 9.31; Lc 9.22; 18.31-33; 24.44-47; Jo 12.23-27,31-33).

A imagem do cordeiro cumpre duas tarefas: não só se refere à submissão humilde, como também se refere ao papel de Jesus como o sacrificial "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29; At 8.32,35; 1Pe 1.18-20; Ap 5.5-14; 13.8). O Senhor Jesus foi o sacrifício perfeito e final de Deus para cobrir os pecados da humanidade (veja Is 53.10; Hb 9.24-28; 10.4-10). O sangue desse Cordeiro limpa e torna possível para todos a reconciliação com o Deus santo (Ap 5.9; 7.14; 12.10,11; 19.7-9; 21.2,3,9,10).

O Servo tinha de ser **cortado da terra dos viventes**; ele tinha de morrer **pela transgressão** [heb. ***pesha'***, Is 53.8, veja o estudo da palavra relacionada em 48.8] **do [...] povo.** Isaías profetiza especificamente que o povo poria a sepultura do Servo **com os ímpios e com o rico, na sua morte** (53.9). Isso foi cumprido na morte e sepultamento incomum de Jesus. O Senhor foi crucificado entre dois criminosos (Mc 15.27,28; Lc 23.32,33,39-41). Os soldados quebraram as pernas dos dois criminosos para apressar a morte deles e, assim, pudessem ser tirados logo da cruz e sepultados; o Senhor já estava morto naquela hora (Jo 19.31-34).

O destino do sepultamento de criminosos crucificados provavelmente era um enterro rápido e sem cerimônia, feito pelos soldados. Mas José de Arimateia, um membro rico do Sinédrio, pediu permissão a Pilatos para pegar o corpo de Cristo (Mt 27.57-60; Mc 15.43-46; Lc 23.50-53; Jo 19.38-41). JJosé, após conseguir a autorização, colocou o corpo de Jesus no seu próprio túmulo recém-talhado, um luxo do rico. Essa honra é o primeiro indício da exaltação em Isaías 52.13. O sofrimento *não* indicava a condenação de Deus.

A morte ignóbil para um inocente era surpreendente. Ele morreu de forma ignóbil **embora não tivesse cometido nenhuma violência** (NVI, heb. ***chamas***, "erro", 53.9). Pedro prova o seu ponto de vista ao citar essa passagem quando encoraja os cristãos a aguentarem com paciência os seus sofrimentos (1Pe 2.21-25). A palavra hebraica ***chamas*** foi traduzida na Septuaginta por ***anomian*** (gr. "pecado, sem lei"). O Senhor Jesus cumpriu isso perfeitamente; na verdade, Ele foi proclamado inocente de cometer algum erro pelo juiz que o sentenciou (Lc 23.13-15,22,41; Jo 19.4,6; At 3.13-15; 2Co 5.21). E, conforme Pedro argumenta, Jesus é um modelo que tem de ser seguido pelos cristãos. Embora a vitória final de Jesus contra o pecado esteja garantida, os cristãos são escolhidos para continuar combatendo a guerra até o fim. E isso significa ter a mesma

submissão humilde ao sofrimento na sua vida enquanto permanece inocente de todo erro.

53.10-12 O Servo, obediente à vontade de Deus, obteria sucesso e seria exaltado depois do seu sofrimento. O Servo, de acordo com o desígnio de Deus, passou a ser uma **oferta pela culpa** (NVI, heb. ***'asham***, "culpa, transgressão, oferta pelo pecado", v.10; veja notas nos vv. 7-9). O resultado de sua oferta perfeita e aceitável seria a O resultado da sua oferta perfeita e aceitável seria a **posteridade** (heb. ***zera'***, "semente, posteridade"; veja notas em 6.13 e 49.21; cp. 54.3; Jo 1.121-3; 1Pe 1.22,23; 1Jo 3.9). Jesus não teve filhos enquanto esteve na terra, mas a sua morte abriu o caminho para a adoção de todos os cristãos como filhos de Deus. E, embora a vida de Jesus na terra tenha sido interrompida, Ele conquistaria essa morte e prolongaria os seus dias — vida eterna — na ressurreição. A morte não seria capaz de privá-lo da vida.

O sucesso para o Servo fora decretado; embora o fato de que haveria **sofrimento** (NVI), o Servo ficaria **satisfeito com o seu conhecimento**. O Servo ficaria satisfeito pela sua obra ser efetiva e ele poder **justifica[r] a muitos**, levando sobre si as **iniquidades deles** (Is 53.11; Jo 11.51,52; Rm 3.21-26; 5.6-21; Hb 12.2; 1Jo 2.1,2; 4.9,10).

Assim como o versículo inicial nesse capítulo foi citado diretamente se aplicando a Jesus, também o foi o versículo final. Jesus citou de Isaías 53.12 — ele "foi contado com os transgressores" ("e com os malfeitores foi contado"), indicando que a passagem tinha de ser cumprida nEle mesmo (Lc 22.37). Marcos comentou que a profecia foi cumprida quando o Senhor Jesus foi pendurado na cruz entre os dois criminosos (Mc 15.27,28). Isaías 53, do versículo inicial ao versículo final, detalha o sofrimento e a vitória trabalhados pelo Servo de Deus, Jesus Cristo. Essa imagem parece desafiar tudo o que é certo: o bom prosperaria, e o mau sofreria. Mas aqui aquele sem pecado toma sobre si mesmo a plena punição devida ao ímpio — todos nós. O Justo, ao fazer isso, sendo contado com os transgressores, é capaz de tornar justos todos os verdadeiros transgressores.

Levítico 17.11 deixa claro que "a alma da carne está no sangue [...] para fazer expiação" pelo pecado. No entanto, os sacrifícios de animais tinham de ser repetidos porque o sangue de bois e bodes não podia cobrir o pecado (Hb 10.1-4). Quando o Senhor, Deus na carne, sem pecado e puro, derramou intencionalmente o seu sangue e morreu no lugar dos pecadores, **levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores**

intercedeu (Is 53.12). O seu sacrifício foi eficaz de uma vez por todas e por todos (Hb 7.25; 10.10). A redenção do pecado provida por Ele está disponível para todos os que creem (At 3.26; 1Co 15.3, 2Co 5.18-21; 1Pe 2.21,24; Ap 1.5,6).

A Aliança de Paz (54.1-17)

54.1-3 A resposta à obra do Servo só pode ser a celebração jubilosa. No capítulo 49, a obra do Servo é seguida da promessa de Deus da volta dos filhos para Sião. Embora Sião "est[ivesse] enlutada e estéril" (NVI), ela, a seguir, experimentou um aumento milagroso dos filhos (49.20,21). O mesmo júbilo na redenção milagrosa e abundante realizada pelo Servo é encontrado no capítulo 54. *Foi dito à* ***ESTÉRIL*** *(heb.* ***'aqar****, "infértil, estéril", v. 1; Dt 7.14; Sl 113.9): "Dê-nos mais espaço" (NVI) porque o grande número de filhos que ela teria afinal criaria a necessidade de mais espaço para viver (Is 49.20). A palavra para "estéril" (heb.* ***'aqar****) ocorre doze vezes no Antigo Testamento (Gn 11.30; 25.21; 29.31; Êx 23.26; Dt 7.14 [2x]; Jz 13.2,3; 1Sm 2.5; Jó 24.21; Sl 113.1; Is 54.1). Sara, Rebeca, Raquel, Ana e a esposa de Manoá (mãe de Sansão) são descritas como estéreis em algum estágio da vida. Em todos esses casos, o Senhor interveio, capacitando cada uma delas a ter filhos. A esterilidade era uma das formas mais poderosas de Deus intervir na vida das mulheres, demonstrado a sua autoridade e soberania. Ele selaria o ventre da mulher e, quando fosse adequado ao seu propósito, iria provê-la de forma milagrosa com um filho. Ele exigiria fé por parte dos pais de quem Ele reverteria a esterilidade e faria o que nenhum homem pode fazer. Qualquer casal incapaz de ter filhos conhece a angústia e o desespero da esterilidade. E aqueles que subsequentemente têm filhos conhecem a surpresa e a alegria irresistíveis que acompanham essa dádiva extraordinária. A ausência de vida repentinamente é substituída pela vida. É a obra de Deus em miniatura — trazendo vida onde não havia nenhuma vida antes. O equivalente de hoje seria: "Estéreis e inférteis, vendam a sua casa e comprem outra com dezenas de cômodos, pois tantos serão os filhos para enchê-la".*

Sião recebeu a promessa de que o Senhor proveria **posteridade** (heb. ***zera'***, "descendência") que **possuir[ia] as nações e far[ia] que sejam habitadas as cidades assoladas** (v. 3; veja notas em 49.21; 53.10). Após o exílio, os filhos de Israel que não tivessem nascido em Judá viriam para a terra e repovoariam as cidades caídas. Contudo, esse é apenas o precursor de um cumprimento maior. Paulo aplica o versículo 1 dessa

passagem a todos os filhos espirituais da promessa, os judeus e gentios que acreditavam em Cristo (Gl 3.26-29; 4.21-28).

54.4-10 Sião foi assegurada de um futuro quando lhe foi dito que **não sofrerá vergonha** (NVI) nem **opróbrio**. Alguns estudiosos sugerem que a **vergonha** (heb. ***boshet***; veja 30.3) da sua **mocidade** foi o tempo da escravidão no Egito, enquanto a **opróbrio** da sua **viuvez** refere-se ao exílio (54.4). Talvez a vergonha incluísse o tempo da apostasia deplorável de Israel depois de, no deserto, entrar no relacionamento com Iavé fundamentado na aliança, na época da sua mocidade (Ez 16.4-43,58-63; Os 2.2-23). O comportamento infiel de Israel levou a sua rejeição temporária pelo Senhor. Isaías 50.1 deixa claro que Sião não estava divorciada, mas fora temporariamente deixada de lado, e o seu povo enviado ao exílio por causa dos seus pecados. A restauração de Sião, com certeza, foi por causa do caráter e da natureza do seu **marido** fiel que também era o seu **Criador** (Is 54.5).

O Deus poderoso de Israel tinha o poder e a inclinação para redimir a nação caída, e a boa notícia era que a rejeição foi apenas **por um pequeno momento** (v. 7). Conforme profetizado mais tarde por Jeremias, o exílio babilônico duraria setenta anos (2Cr 36.21; Jr 25.11,12; 29.10). Esses setenta anos serem chamados de breve momento pode parecer ridículo à primeira vista, mas apenas se a sua percepção for muito estreita. Deus não fala de apenas alguns poucos indivíduos; Ele fala da nação inteira de Israel e ainda mais, de toda a humanidade — passada, presente e futura. Setenta anos é um breve momento no período total de tempo. O povo de Israel recebeu a garantia de que haveria um tempo em que o Senhor aceitaria de volta o remanescente **com grande misericórdia** (heb. ***racham***, Is 54.7; veja o estudo da palavra, Êx 33.19). O **impulso** [NVI, heb. ***shetseph***, "inundação") **de indignação** (NVI, heb. ***qetseph***) do Senhor foi justo, pois o Deus santo não podia tolerar o pecado; no entanto, Deus **compadecer[se-ia]** do povo com **benignidade** [heb. ***chesed***, "ternura", Is 54.8; veja o estudo da palavra, Rt 1.8] **eterna**. Deus mesmo seria o seu **Redentor** (heb. ***go'ēl***, "parente remidor", o particípio ativo do verbo ***ga'al***, Is 54.5, veja o estudo da palavra, 35.9), salvando-os primeiro do exílio físico da sua terra e, segundo, da separação espiritual eterna da sua presença. A sua santidade seria satisfeita com a redenção do Servo, e o resultado seria a plena restauração do seu povo.

O caráter do compromisso de Deus com o povo redimido era igual à natureza da aliança que fez com Noé após a destruição da terra pelo Dilúvio (Gn 9.12-17; veja notas em Is 24.5). O Senhor, após o Dilúvio, fez uma aliança eterna de nunca mais inundar a terra toda a despeito da iniquidade do homem. A nova aliança que o Senhor estabeleceu por intermédio da sua obra redentora seria apenas tão eterna quanto a aliança noética. Embora as próprias **montanhas se desviarão** um dia, o **concerto da minha paz** (heb. ***berit shalom***) nunca cessará (54.10; Ez 37.26). O resultado da nova aliança foi a reconciliação eterna das relações entre a humanidade redimida e Deus (Is 42.6; veja notas em 49.8; Jr 31.31-33; Hb 8.6-13; 9.14,15; 10.16,17; 12.24). A aliança feita com Israel no Sinai falhou porque o povo quebrou-a pela desobediência. Mas essa aliança, estabelecida pela obra do Servo, nunca falharia. Os que confiam em Jesus não precisam temer nada, pois Ele removeu os pecados deles; por conseguinte, Deus não precisa olhar de novo para isso com ira ou repreensão.

54.11-17 Jerusalém é informada com ternura que o seu futuro esplendor estava garantido. O Senhor mesmo construiria a cidade do futuro. O desenho da cidade, especialmente em relação às pedras preciosas, lembra a passagem sobre a nova Jerusalém (Ap 21.10-21; veja também Is 49.18; 52.1). As pedras preciosas seriam postas **com antimônio** (TB, heb. ***puk***, "antimônio", um mineral cinza prateado, 54.11). A lista de pedras preciosas transmite a riqueza e o luxo sem limites da cidade. Não haveria pobreza nem falta ali; a cidade teria abundância em tudo o que é bom e rico. Os **filhos**, os habitantes da cidade santa, seriam **discípulos do Senhor** (v. 13; cp. 2.3; Jr 31.33,34; Mq 4.2; Jo 6.44,45). Nessa nova relação entre Deus e o seu povo, Ele estaria pessoalmente envolvido com os seus filhos, ensinando-lhes os seus caminhos. A partir de 59.21, e mais completamente do Novo Testamento, entende-se que o seu Espírito habita nos cristãos. Não só os cristãos têm professores humanos, mas também têm o próprio Deus vivendo com eles e ensinando-os. Naqueles dias, a cidade seria fundada seguramente sobre a **justiça** (54.14,17). A condição final da cidade seria de paz não qualificada. Não haveria opressão externa nem terror porque o Senhor não se moveria mais contra a cidade; **quem se ajuntar contra ti, cairá** (v. 15). Deus tem autoridade e soberania sobre aqueles que forjam armas que geram o **caos** (NVI, v. 16). Havia conforto porque Deus era aquEle que estava derradeiramente no controle. Quando Deus movia-se

contra uma cidade, não havia esperança. Quando Ele, por sua vez, defendia uma cidade, **nenhuma arma forjada contra** (NVI) ela **prevalecer[ia]** (NVI, v. 17). Essa devia ser uma mensagem poderosa para todos que estavam em Jerusalém, abalados pelo terror assírio. Jerusalém, sob a aliança, cairia para os babilônios, mas havia uma nova aliança vinda com uma nova Jerusalém que nunca cairia. Deus purgaria Israel do seu pecado, mas não a esqueceria.

Os estudiosos observam que há uma mudança decisiva no versículo 17 do singular para o plural da palavra traduzida por "servos". O Servo único descrito em Isaías 52.13—53.12 produz descendência que seriam os **servos do SENHOR** (54.17; cp. 53.10). A **herança** (heb. ***nachalah***, "herança, posse") deles era o "concerto da minha paz", a restauração eterna de uma relação que resultaria em bênçãos, incluindo uma cidade estabelecida pelo Senhor, a instrução do Senhor, a prosperidade e a proteção divinas (veja 54.10). A **justiça** dos servos não era resultado do próprio trabalho deles, mas veio diretamente de Deus e da sua obra por intermédio do Servo justo (v. 17; 45.22-25; 53.11; 64.6). O Novo Testamento esclarece que essa justiça vem por meio da fé em Jesus Cristo (Rm 1.16,17; 3.21-26; 4.5; 5.17-21; 10.3-13; 1Co 1.30; 2Co 5.21; Fp 3.8,9; Tt 3.4-7).

O Chamado ao Arrependimento (55.1——59.21)

O capítulo 54 celebrou a aliança de paz operada pela obra do Redentor descrita no capítulo 53. O capítulo 55 maravilha-se nos termos da nova aliança disponível gratuitamente e estende o chamado ao arrependimento a todos. Os que respondiam ao chamado viveriam e teriam garantido o privilégio de entrar na aliança eterna com Deus.

A Aliança Eterna de Deus (55.1—56.8)

55.1-7 Um convite é estendido a **todos** [heb. ***kol***, "todos"] **os que tendes sede** (v. 1). Nesse caso, a sede refere-se a um anseio profundo por cumprimento espiritual (Mt 5.6). A referência às **águas** afirma as passagens anteriores referentes à água suprida por Deus (Is 55.1; veja notas em 12.3; 43.20; 44.3). O chamado é para aqueles que estavam **sem dinheiro**, sem meios próprios para satisfazer as suas necessidades (41.17). O povo foi encorajado a **vi[r] e compra[r], sem dinheiro e sem preço, vinho e**

leite (55.1). O "vinho e leite" representavam o melhor da terra, simbolizando abundância. No contexto da época de Isaías, o povo gastava tudo o que tinha em vão, buscando satisfação e libertação à parte de Deus. O resultado final levou ao exílio. Contudo, o chamado de Deus ainda se estendia à volta do seu povo para Ele, para o sustento deles. Ele proviria para aqueles que voltassem para ele **a mais fina refeição** (NVI, v. 2).

Excurso:
santidade de vida

Na Escritura, há uma orientação suficiente para cada área de nossa experiência, e Deus equipa totalmente a mulher para superar os desafios da vida e determinar um curso de ação (1Co 10.13; 2Tm 3.16,17). Deus não restringe a aplicação da sua Palavra aos problemas culturais do passado — ela é adequada e relevante para cada geração (Sl 119.89). A sociedade contemporânea impele para escolhas éticas baseadas na conveniência ou caprichos pessoais — ou seja, para quaisquer hábitos ou práticas que sejam populares ou defendidos racionalmente pela cultura. Contudo, a Escritura fala de questões éticas com princípios, alguns dos quais "não negociáveis" (Mt 22.29).

A conveniência de rejeitar um filho não desejado ou imperfeito, o egoísmo de colocar o avanço da carreira ou as vantagens monetárias antes da maternidade, o desejo ardente de ser livre para escolher se quer ou não aceitar o dom da vida do Criador, a raiva de interromper os planos pessoais, a indiferença em relação aos planos do Criador como oposto aos seus próprios objetivos — todos esses são desafios para a alegria da maternidade e a sua abnegação exemplar. Os profetas fazem advertências sobre a rejeição da santidade da vida (Is 29.16; Ez 16.20,21). Com o movimento em direção ao aborto, ao infanticídio, ao abuso do idoso e à eutanásia, qualquer pessoa que não tem capacidade ou que parece incapaz de desenvolver a "qualidade de vida" apropriada está sujeita a ser descartada. Até mesmo as pessoas que parecem interromper ou atrapalhar a manutenção dessa qualidade de vida para outra pessoa são consideradas dispensáveis.

A vida é uma trama contínua, começando no útero e terminando na morte — zigoto, embrião, feto, bebê, criança, adolescente e adulto. Há muitas "autoridades" (médicos, cientistas, teólogos, juízes e, claro, as autoridades atuais autodesignadas — os portadores de direitos) que são rápidas em defender, com certezas absolutas, o aborto. Elas oferecem uma miríade de definições de vida no ventre, variando de "não vida" a "vida em potencial" a "alguma vida" a "vida" desenvolvendo-se em pessoa plena. Há quatro disciplinas correlacionadas nos debates sobre a definição de vida no ventre:

• A teologia trata da natureza da alma;
• A ciência médica estuda a natureza do feto;
• A filosofia debate a natureza da pessoa/personalidade; e
• A ética examina a natureza dos problemas morais e sociais.

Contudo, a mais alta autoridade, ou seja, Iavé, Deus, o Criador da vida, claramente, vê toda vida como sagrada (Gn 2.7).

A Escritura tem uma teologia de vida e a sua santidade distintiva. Em nenhuma passagem, essa ideia fica mais clara que em Salmos 139, em que o desenvolvimento da criança é claramente a expressão da maior criação de Deus — a humanidade. Nesse texto, o uso da primeira pessoa, sobretudo do pronome pessoal "me" em relação ao feto, indica a continuidade de uma vida humana identificável da condição fetal à pós-natal. Uma teologia bíblica de vida separa a vida no ventre como uma pessoa viva:

• O bebê é conhecido por Deus, e a sua vida é planejada por Deus (Jr 1.5).
• O bebê pode experimentar emoção (Lc 1.44).
• O bebê dá evidência de vontade própria (e.g., pular de alegria, Lc 1.41,44; Gn 25.26; Os 12.2,3).
• O bebê pode estar cheio do Espírito Santo (e.g., João Batista, Lc 1.15).
• A tendência humana para o pecado está presente desde o nascimento (Sl 51.5; 58.3).

A tentativa de justificar a destruição da vida no ventre, as "autoridades" da cultura inevitavelmente desconsideram ou negam que Deus está ativamente envolvido em cada passo da atividade procriativa e projeta cada pessoa antes mesmo do nascimento. Deus, obviamente, está ativo na concepção (Gn 29.31; 30.22; Rt 4.13) e no desenvolvimento do feto (cp. Sl 139.13-18). Deus até mesmo anunciou os trabalhos e os destinos da vida dos indivíduos antes da concepção (Jz 13.4,5; Lc 1.35; Rm 9.11). Dizer que um ser humano não nascido, criado à "imagem de Deus", só se torna uma pessoa ao nascer é o auge da presunção porque sugere que Deus forma não pessoas no ventre.

Alguns argumentam que a vida só começa quando o bebê deixa o ventre e começa a respirar. É fácil refutar o conceito equivocado de igualar vida com respiração:

• A Escritura fala claramente sobre a vida humana no ventre (Mt 1.20).
• A Bíblia confirma que a vida continua depois da respiração cessar (2Co 5.6-10; Ap 6.9-11).
• Adão não foi concebido nem passou pelo processo de nascimento como a sua descendência; ele foi criado do pó da terra. Ele recebeu a vida no ponto da sua criação quando foi formado e recebeu o sopro de Deus. Da mesma forma, a criança no ventre recebe a vida no ponto da sua criação, ou seja, na hora da concepção no ventre (cp. Gn 25.22-26; Os 12.2,3).
• Os animais também respiram, mas não são vida humana.
• A respiração, por conseguinte, representa a "saída" da vida humana do ventre, e não meramente o começo dela.

Pela lógica, o aborto (lat. *aborior*, "perecer por morte prematura") ou é tirar uma vida, ou seja, assassinato, ou não é. Caso seja, nenhum motivo torna-o válido; caso não seja, nenhum motivo precisa ser apresentado para a sua restrição. O aborto, tanto na perspectiva bíblica quanto na científica, é inquestionavelmente a destruição de uma vida humana, manifestando-se de diferentes maneiras:

- matando uma criança não nascida e tomando a vida da mãe,
- tirando (ou negligenciando salvar) a vida de um bebê nascido prematuramente, ou
- tentando "jogar fora" ou extinguir a vida em um bebê recém-nascido.

Embora Deus tenha prometido que as crianças são uma bênção (Sl 127.3-5; 128.1-4), as mães e os pais limitados e imediatistas muitas vezes decidem que, se um certo nascimento não ocorrer, a família, ou o bebê ou até mesmo o mundo ficarão melhor. O aborto também é justificado com frequência como uma panaceia para resolver os problemas da gravidez indesejada ou para tornar a vida dos pais ou da sociedade mais fácil. Contudo, as pessoas envolvidas, ao destruir o bebê não nascido, questionam abertamente a capacidade de Deus de manter as suas promessas e recusam a graça oferecida por Ele para enfrentar os desafios de quaisquer circunstâncias (Mc 10.27).

O fato preocupante dos pais ao dirigirem ("consentirem") ou, em alguns casos, até mesmo perpetrarem o ato de matar a sua descendência convida ao reconhecimento de paralelos entre o aborto e o ritual pagão de sacrifício infantil. Na Cartago da Antiguidade, o principal motivo para sacrificar uma criança era impedir perigos potenciais em um tempo de crise ou alcançar sucesso pelo cumprimento de um juramento. De maneira similar, muitos escolhiam o aborto para evitar essas crises pessoais, como pôr em risco a reputação, interromper a educação ou ameaçar a carreira. A relação sexual extramarital, ou seja, a fornicação e o adultério, sem dúvida, permanecem o motivo da maioria das gravidezes indesejadas — outro paralelo com a prática cananeia de sacrifício infantil em que a morte de uma criança passava a ser uma forma conveniente de livrar-se dos filhos concebidos por meio de práticas sexuais licenciosas das prostitutas do Templo.

Enquanto alguns na Israel da Antiguidade praticavam o sacrifício infantil na sua adoração a Moloque, muitos na era moderna praticam o aborto na sua adoração da liberdade (ir para onde quiser, fazer, ver e ter o que quer e rejeitar o que não quer), da conveniência (determinar o momento da bênção de Deus e o tipo de bênçãos que aceita) e dos direitos individuais (o egoísmo, em vez da abnegação).

Muitos, como Israel, assumem de forma equivocada que o compromisso de Deus com a nação ou povo exclui quaisquer consequências desastrosas do seu pecado. Em vez de proteger a vida das crianças e cuidar de forma abnegada dessas vidas, a demanda é por "direitos" individuais e padrões pessoais de moralidade. Em vez de aceitar a responsabilidade de conceber um filho, a "liberdade de escolha" está em voga. Em vez do autossacrifício para cuidar dos filhos de gravidezes não planejadas, a conveniência e o tempo pessoal são a ordem do dia. Contudo, sacrificar os filhos da nação não só constitui rebelião contra Deus, como também é evidência de uma visão distorcida de

Deus como não existente, não envolvido ou benignamente tolerante com o pecado de tirar intencionalmente outra vida. O julgamento de Deus sobre Israel prova o contrário.

No Novo Testamento, o Senhor repete um chamado similar, ligando a imagem da água e do pão providos apenas por Ele ao dom gratuito da vida eterna, que seria dada aos que confiassem nEle (Jo 4.10-14; 6.27,32-58; 7.37,38; Ap 21.6; 22.17). O fato de que eles pudessem receber alimento fino sem dinheiro era absurdo ou fazia parte de uma nova visão de mundo. Isaías 55.8,9 afirma a última opção. O cumprimento do anseio espiritual não vem como recompensa para qualquer dinheiro ou trabalho; estes são inúteis para esse fim. O que é recebido vem sem dinheiro e sem trabalho, vem simplesmente por meio do voltar-se para Deus e ouvi-lo.

O Senhor ordenou: **inclinai os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá** (Is 55.3). As palavras de Deus dariam vida. Aqueles que respondem ao convite do Senhor seriam participantes no **concerto perpétuo** de Deus, que incluía **a fidelidade prometida a Davi** (NVI, v. 3).

A expressão ***CONCERTO PERPÉTUO*** *(heb.* ***beril 'olam****, v. 3) é encontrada reiteradamente no Antigo Testamento para descrever vários concertos. A sua primeira aparição é em relação à promessa de Deus de não destruir mais uma vez toda a humanidade e a terra toda pelo Dilúvio (Gn 9.16; Is 24.5). Deus também usou a mesma expressão quando se referiu ao seu concerto com Abraão referente ao relacionamento, à terra e à descendência (Gn 17.7,13,19; 1Cr 16.17; Sl 105.10). A observação do sábado é descrita como um concerto perpétuo (Êx 31.16; Lv 24.8). Davi aplicou essa expressão à promessa de Deus feita a ele de que a sua casa e o seu trono seriam estabelecidos para sempre (2Sm 23.5 com respeito a 2Sm 7.16; também Is 55.3). Por fim, a promessa eterna de favor e relacionamento encontra a sua expressão final no novo concerto que Deus prometeu estabelecer com o seu povo após a obra do Messias (61.8; Jr 32.40; 50.5; Ez 16.60; 37.26). O novo concerto final cumpriria e completaria todas as promessas anteriores.*

Paulo usou Isaías 55.3 em relação ao fato de que o Senhor Jesus ressuscitou da morte para nunca mais ver corrupção (o seu corpo não ficou morto tempo suficiente para ser decomposto) a fim de prover o perdão dos pecados para aqueles que acreditam nEle (At 13.32-38). O Senhor Jesus governaria eternamente no trono de Davi, cumprindo a promessa feita por Deus a Davi de que Ele sempre teria um herdeiro no trono (2Sm 7.16; Sl

89.28,29,34-36). Além disso, Jesus, por meio da sua morte e ressurreição, capacitou qualquer um que cresse nEle a também participar nas promessas da aliança.

Os estudiosos fazem várias sugestões sobre a identidade dos mencionados em Isaías 55.4,5. As palavras eram sobre Davi, o Messias ou o povo redimido? A passagem, de algumas formas, pode referir-se em parte a todos, uma vez que há indicações de cumprir os papéis de testemunha e governante por cada um respectivamente. Davi era o **príncipe e governador** estabelecido por Deus no trono de Israel (v. 4; 1Sm 13.14; 16.1,12,13; 28.17; 2Sm 5.1-3). O rei Davi, por intermédio dos seus escritos, testemunhou sobre a natureza de Deus e também sobre a vinda do Messias (e.g., Sl 16.8-11; 110.1-4; Mc 12.35-37; At 2.25-36; Hb 5.5-10; 7.20-25). Com certeza, o Messias, o Senhor Jesus, é o Príncipe davídico eterno e ideal que testemunha diante do mundo e atrai pessoas de todas as nações para si mesmo, exercitando, assim, governo total (Dn 9.25; Jo 3.11,26-36; 12.32; Ap 1.5).

No entanto, o povo redimido também serviria como testemunhas das obras maravilhosas de Deus — primeiro, da libertação do exílio e, segundo, da libertação do pecado. Os redimidos também receberam promessas em várias passagens de que seriam estabelecidos como governantes sobre as nações que **correr[iam]** para eles (Is 55.5; 43.10-12; 45.14; 49.22,23; 60.3-14; Mt 19.28; At 1.8; 2Tm 2.12; Ap 20.4,6). As nações seriam atraídas para o Messias e para Sião redimido. Quem Deus **glorificou** (heb. ***pa'ar***, "adorno de honra", Is 55.5)? O Senhor Jesus, o povo redimido e a própria Sião foram todos descritos em várias passagens como glorificados por Deus (44.23; 49.3; 60.7,9,21; 61.3; Jo 13.31,32; At 3.13; Rm 8.17).

Todos foram convidados a juntar-se gratuitamente ao concerto perpétuo porque o preço da redenção fora pago. O custo todo foi suportado pelo Messias; não havia nada para as pessoas fazerem. No contexto do povo exilado de Israel, Deus provera redenção física (veja notas em Is 52.2,3; Jr 29.10-14). Em relação à humanidade pecaminosa, o Servo justo provera redenção espiritual (veja notas em Is 53.6,12). As exigências, a fim de o povo aceitar o dom gratuito para entrar em uma relação eterna com Deus, eram apenas o arrependimento e o voltar para Deus.

Várias ordens foram dadas para todo o povo, encorajando os dois principais aspectos do arrependimento. Primeiro, o povo foi informado para **busca[r] ao SENHOR enquanto se pode achar** (55.6). O povo tinha de

voltar para o Senhor e apelar a Ele para que os salvasse. Essa frase e também a frase paralela — **invocai-o enquanto está perto** — transmitem urgência no chamado ao arrependimento (v. 6). Virá um tempo na vida de todos em que simplesmente é muito tarde para responder ao convite de Deus. Os que neste mundo rejeitaram o chamado de Deus ao arrependimento e não aceitaram a sua provisão para o pecado são condenados ao julgamento no mundo por vir (Jo 8.21-24; Hb 9.27,28; Ap 20.12-15). Inversamente, "todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo" (Jl 2.32; veja Jo 5.24-29; Rm 10.9-13; 1Jo 4.17).

O segundo aspecto de responder ao Senhor inclui a submissão ao seu senhorio em relação aos caminhos do indivíduo, levando em última análise a uma mudança de comportamento. **O ímpio**, tendo recorrido ao Senhor para a salvação, deixa **o seu caminho, e o homem maligno, os seus pensamentos** (Is 55.7). O arrependimento genuíno é acompanhado de uma mudança de atitude e ação. O Senhor, após o arrependimento do indivíduo, teria **misericórdia** (NVI) deste e seria **grandioso [...] em perdoar** (v. 7; 43.25; 44.22).

55.8-13 Os métodos de redenção de Deus estão além da compreensão do homem. Quem em Israel entenderia por que um rei pagão chamado Ciro seria o instrumento usado para a libertação deles do exílio? Quem teria concebido que o Deus Todo-poderoso do Universo tomaria a carne humana sobre si mesmo e pagaria pessoalmente o preço para redimir a humanidade?

Em dois belos versículos arranjados de forma de quiasmo — **pensamentos** e **caminhos**, depois **caminhos** e **pensamentos** —, a soberania e alteridade de Deus são celebradas e levantadas para serem admiradas (vv. 8,9). Os métodos divinos, apesar de serem incompreensíveis para o homem, seriam perfeitamente eficazes. O Senhor observou que, assim como as águas caem sobre a terra **e a fazem produzir, e brotar**, também a sua **palavra**, que vem da sua **boca, atingirá** (NVI) os seus propósitos (v. 11). Desde o início, a palavra falada de Deus era eficaz (Gn 1.3-30; Is 45.23; 46.9-11). A Palavra escrita de Deus, assim como a Palavra falada de Deus, era indestrutível (40.8; Mt 5.18; 24.35; 1Pe 1.25). Por fim a Palavra encarnada de Deus foi vitoriosa (Jo 1.1,14; Fp 2.5-11; Ap 19.13-16).

Por ter sido Deus quem disse isso, a provisão de libertação física do exílio e espiritual da maldição do pecado era certa. O regozijo irromperia quando a restauração de Deus ocorresse e até mesmo a natureza mostraria os efeitos

dela. Em vez de plantas, comuns a áreas com pouca água e que simbolizavam devastação, seriam encontradas árvores que exigem boa água (Is 5.6; 32.13; 41.19; 60.13). Haveria libertação do cativeiro e volta a uma terra renovada e produtiva. A produtividade restaurada serviria como um **sinal eterno** da aliança (55.13). Essa restauração da Terra Prometida após o exílio serve como um tipo da futura restauração final do mundo natural do pecado no fim da era em que o Senhor criará os novos céus e a nova terra (65.17; 66.22; Hb 4.3-11; Ap 21.1,2,4,5). Com esse entendimento, a nova criação serviria eternamente como o "sinal eterno" (Is 66.22).

56.1-8 Deus encorajou o povo a agir justamente porque a sua **salvação** e **justiça** estavam próximas (v. 1). Os sinais de comportamento justo incluíam observar o **sábado** e abster-se do **mal** (v. 2). A reverência ao sábado é mencionada três vezes nessa passagem (vv. 2,4,6). Os estudiosos observam a sua importância como dependente do fato de que a observância era um símbolo de fidelidade à aliança.

O sábado era um dia de descanso do trabalho e de reflexão sobre o livramento provido por Deus. O tratamento do dia era de importância vital para o povo de Deus; e a falha em observar o sábado corretamente acarretava grande condenação por parte do Senhor, enquanto a observação apropriada obtinha a sua aprovação (1.13; 58.13; 66.23; Jr 17.21-27; Lm 2.6; Ez 20.12-24; 22.8,26; 23.38; 44.23,24; 45.17; 46.1.3,4,12; Os 2.11; Am 8.5). O sábado tinha de ser separado para descanso, como Deus descansara no sétimo dia da criação (Êx 20.8-11), e a lembrança de como Ele libertara-os da escravidão no Egito era importante (Dt 5.12-15).

A observância do sábado era um sinal entre o povo e Deus ilustrando que eles foram separados, o que servia como um testemunho para os não israelitas (Êx 31.13-17). Foi chamado "concerto perpétuo" (heb. ***berit 'olam***, "aliança eterna"; cp. Êx 31.16; veja o estudo da palavra Is 55.3). Guardar o sábado era não trabalhar, e a penalidade por violar essa ordem era a morte (Êx 31.15). O sábado também servia como um tipo para o descanso que Deus proviria espiritualmente (Hb 3.7—4.10). Os que entram no descanso do Senhor fazem-no pela fé exibida pela obediência.

Nas leis prescritas enquanto o povo vagava no deserto, havia diretrizes estritas sobre aqueles que podiam entrar na assembleia do Senhor (Dt 23.1,3,8). Os eunucos e certos estrangeiros eram excluídos. Contudo, em Isaías 56.3, é feita uma promessa impressionante aos estrangeiros e eunucos que **se houver[em] chegado ao SENHOR** e abraçaram o seu **concerto**

(56.3,4). Eles não seriam mais excluídos. Na verdade, para os eunucos que abraçassem obedientemente a aliança de Deus, o Senhor prometera estabelecê-los no lugar da habitação divina e prover para eles **um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas** (NVI, v. 5). O eunuco não tinha fisicamente a esperança de procriar para perpetuar o seu nome além da morte; uma oportunidade para construir as gerações futuras era de importância vital na mente do Antigo Oriente Próximo (2Sm 18.18). Contudo, seria dado aos que foram redimidos um **nome eterno [...] que nunca se apagará** (Is 56.5; Ap 3.5).

Os filhos naturais e descendentes podem falhar, mas a promessa de Deus para os eunucos fiéis era a vida eterna na presença dEle. Essa promessa era especialmente relevante para aqueles das famílias nobres de Judá que foram tornados eunucos à força no cativeiro babilônio (Is 39.7). A promessa era que, se fossem fiéis, embora emasculados, não seriam separados de Deus.

Como Deus preservaria os eunucos redimidos com um lugar dentro dos seus muros, também cuidaria dos **estrangeiros** que se **chega[ssem]** a Ele, **guarda[ndo] o sábado** e abraçando o seu "concerto" (56.6; veja o estudo da palavra sobre estrangeiros, 14.1,2). A fé e a obediência eram mais importantes para o Senhor do que o defeito físico ou a ancestralidade. Deus traria o fiel para o seu **santo monte** e **os festejar[ia] na minha Casa de Oração** (56.7). As ofertas trazidas pelos estrangeiros redimidos seriam aceitas, em contraste com as ofertas dos apóstatas de Israel, que seriam rejeitadas (1.10-15). Ao longo de Isaías, passagens referem-se à futura inclusão das nações no povo de Deus (2.2,3; 19.24,25; 49.19-21; 54.3,17; 60.4,5; 65.1; 66.22,23). Isaías 56.7 ressoa com a promessa de que **a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos** (cp. Mt 21.12,13; Mc 11.15-17; Lc 19.45,46). Não só um remanescente redimido de Israel seria reunido por Deus, mas também **ainda outros** (NVI, Is 56.8). Juntos, todo o povo redimido de Deus representa cada tribo, língua e nação (60.3; 66.18-21; Ez 47.22; Rm 11.25; Gl 3.26-29; Ap 5.9,10; 7.9,10).

A relevância dessa declaração não pode ser superestimada. O Deus de Israel, longe de ser um deus territorial que não pode nem mesmo proteger o seu próprio povo, como o provocador Rabsaqué (Is 36.4-20; 37.4), executava um plano de trazer todas as nações a inclinarem-se diante dEle para adorar só a Ele no seu Templo. No Novo Testamento, Jesus incorpora claramente a casa, ou Templo, de Deus; e, por intermédio dEle, todas as nações — judeus e também gentios — adoram e têm acesso a Deus.

A Condenação do Ímpio (56.9-57.21)

56.9-12 Em uma virada drástica das palavras reconfortantes providas aos antes marginalizados estrangeiros e eunucos, os líderes da Israel do tempo de Isaías não recebem nada além de condenação pelo seu comportamento descrente (observe 65.1-3). Deus, às vezes, usava bestas literais para administrar o seu julgamento (2Rs 17.25-26; Ez 5.17; 14.15,21; 33.27; 39.4,17-20). Não obstante, a referência nessa passagem aos **animais do campo todas as feras dos bosques** provavelmente simbolizam as nações estrangeiras às quais seria dado livre domínio para conquistar e devorar Israel (Is 56.9; cp. Jr 12.7-9; Ez 34.8,22,25,28; Dn 7.17; 8.20,21).

Os líderes religiosos de Israel foram comparados com **atalaias** cegos, **cães mudos** e pastores sem **entendimento** (NVI, Is 56.10,11; cp. Jr 12.10; Ez 34.1-10,22-31; Mq 3.1-7; Zc 11.3-5). Os líderes de Israel, por meio da sua posição, têm a responsabilidade de guiar Israel de maneira sábia e advertir o povo da vinda de ameaça de julgamento caso continuassem a desobedecer à aliança de Deus. Contudo, os profetas e sacerdotes corruptos não tinham a capacidade de advertir por causa da pecaminosidade deles mesmos. Eles eram governados pelos seus desejos carnais, insensíveis ao aparecimento da ameaça. Em vez de estarem preocupados com o bem-estar do povo sob a responsabilidade deles, estavam focados na busca do seu próprio prazer. Essa repetição das acusações anteriores contra a ganância e o estilo de vida devasso do povo e dos líderes religiosos de Israel (Is 5.8-12,22,23; 22.133; 28.7; Jr 6.13) foi aplicada mais tarde pelo Senhor Jesus contra os líderes religiosos da sua época (Mt 15.14; 23.1-33).

57.1-2 Os ímpios, devido à sua perspectiva corrompida e limitada, não entendem que um justo, quando morre, entra no descanso e na paz verdadeiros. Como resultado, a pessoa que está certa com Deus seria poupada do **mal**, o resultado terrível do julgamento de Deus sobre a nação (v. 1). Essa foi a misericórdia concedida a Ezequias e, mais tarde, a Josias (2Rs 20.18,19; 22.16-20; 2Cr 32.26; 34.23-28). Não importa como os servos de Deus sofreram ou morreram, a sua recompensa seria a **paz** e o **descanso** (NVI) supremos (Is 57.2; cp. 2Rs 21.16; 2Cr 18.22-27; 24.20,21; Jr 20.2;37.15—38.6; Mt 23.29-35; Hb 11.32-29).

57.3-13 No começo de Isaías, o povo foi identificado como filhos do Senhor que se rebelaram. Eles recusaram a comportar-se de uma forma que mostraria o seu relacionamento com Deus. Agora, Deus identifica-os como

os **filhos da agoureira, semente de adultério e de prostituição** (v. 3). Eles, por praticarem bruxaria e prostituição religiosa, comportavam-se como se fossem filhos de pais ímpios, rejeitando os ensinamentos retos do Senhor. Na verdade, eles zombavam de Deus e perseguiam os que tentavam ensinar os preceitos de Deus e segui-los (28.7-15,18). Não conseguiam ver que os justos escolhiam o melhor caminho para a paz e o descanso.

Deus chama-os de **ninhada de rebeldes** (NVI) e **prole de mentirosos** (NVI, heb. ***sheqer***, "decepção, desapontamento, falsidade", 59.3,13, do verbo ***shaqar***, "mentir, enganar"; cp. "desleal", 63.8 — o povo de Deus tinha de ser composto de "filhos que não mentirão"). Os atos deles contradiziam a sua herança. Israel entregara-se a seguir deuses falsos. Ardem **de desejo entre os carvalhos** (NVI) é uma referência à busca de falsos deuses e à adoração nos altos feita sob as árvores ou nas colinas em toda a Israel (57.5). Os altos, com frequência, tinham altares com pedras eretas e aserás, troncos de árvore ou postes esculpidos (veja o comentário em 1.29 e 17.8). Os rituais de fertilidade eram realizados nesses lugares em uma tentativa de garantir a prosperidade; e os filhos, quando concebidos, eram considerados filhos dos deuses da rocha e das árvores (Jr 2.27).

Além disso, o povo era acusado de matar **os filhos nos ribeiros** (heb. ***nachal***, "torrente, rio de vale", Is 57.5), uma referência às ocasiões em que o povo participava no sacrifício de crianças. Acaz e Manassés, reis de Judá, participavam da horrenda prática de queimar os filhos como sacrifício para Tofete, no vale de Hinom (2Rs 16.2-4; 21.1-9; 2Cr 7.30-32; 19.4-6; 28.3,4; 32.35; 33.6; Ez 16.20,21; veja os comentários em Is 30.27-33). As crianças eram queimadas como sacrifício a Moloque, um deus dos amonitas também conhecido como Milcom; a prática foi proibida por Deus (Lv 18.21; 20.1-5). Infelizmente, a adoração de Moloque foi promovida até mesmo por Salomão (1Rs 11.5-7).

Nas pedras lisas dos ribeiros, está a tua parte; [...] estas são a tua sorte, essas palavras são provavelmente uma referência às pedras eretas que o povo usava na sua adoração idólatra (Is 57.6; Jr 3.9; Hc 2.19). As oferendas de bebida e grão eram oferecidas nos altos diante das pedras eretas, e essa adoração imprópria era rejeitada por Deus. O povo rejeitava o Senhor, e este rejeitaria temporariamente a nação. A ideia transmitida era esta: uma vez que o povo voltara-se para as pedras, que as pedras cuidassem deles (Is 57.13; Dt 32.36-39).

Nos vales e sob as árvores, aos pontos mais altos da terra sobre os **montes altos e levantados**, o povo cometia adultério espiritual ao adorar outros deuses (Is 57.7). A referência a memoriais **detrás das portas e das ombreiras** podem referir-se a pequenos altos ou cantos cultuais bem nas portas da cidade em que era possível encontrar pedras eretas e altares (v. 8). O povo, de vez em quando, tentava adorar a Deus nesses lugares; outras vezes, adoravam abertamente falsos deuses. Os dois casos eram inaceitáveis para o Senhor e equivaliam a fazer papel de prostituta com religião falsa (2Rs 15.4,35; 16.4; 18.3,4; 21.3; 2Cr 33.17; 34.2,3).

O vocabulário da adoração ilícita dos falsos deuses é o vocabulário da prostituição. Eles **descob[ertos]** vão para a **cama** e fazem **concerto** (heb. ***karat***, "cortar" no sentido de fazer uma aliança ou trato, Is 57.8). A expressão **o membro, tu o contemplaste** (TEB, heb. ***yad***, "mão, força") aparentemente é usada como um eufemismo para atividade sexual imoral. Para transmitir o eufemismo, outras traduções optam por uma linguagem mais velada como "contemplou a nudez" (NVI) ou "lhes miras a nudez" (ARA).

Eles, vivendo à altura do sarcástico título de "filhos da agoureira", ofereciam óleos e incenso para os falsos deuses. O que significa a referência ao **rei** (heb. ***melek***, v. 9) não fica claro. Como as consoantes são as mesmas, alguns sugerem que corresponde a Moloque (heb. ***molek***), o deus para quem os sacrifícios eram feitos nos altos de Tofete. Os sacrifícios humanos poderiam ser considerados como enviados do mundo debaixo. Os comentaristas entendem que as referências a enviar **embaixadores para longe [...] até os infernos** refiram-se a atos de adivinhação ou bruxaria que faziam parte das práticas religiosas idólatras (v. 9; veja notas em 28.14,15; 65.3,4,11,12; 2Rs 21.6). O esforço para garantir o seu futuro tentando comunicar-se com os mortos ou outros meios de feitiçaria foram em vão e cobraram o seu preço; ainda assim, eles continuaram irracionalmente. Eles **não dize[m]: É desesperador** (TEB, heb. ***ya'ash***, "desespero", Is 57.10). Esse particípio é traduzido por "não há esperança" na ARC. O sentido é que, mesmo em face das claras advertências de Deus sobre os seus desejos e intenção, o povo persistiu em tentar legitimar as suas práticas ilícitas.

Além disso, os falsos profetas continuaram a declarar mensagens enganadoras de paz até o tempo da destruição de Jerusalém (Jr 6.14;

8.10,11; 14.13-16; 27.9-15; 29.8,9; Ez 12.24; 13.2-23; Mq 3.5-7). Os líderes espiritais da terra recorriam a métodos impróprios de adivinhação do futuro e mentiam para o povo para tranquilizar o medo deles, em vez de lidar com o problema, chamando ao arrependimento e confiando apenas em Deus para a libertação (Jr 23.16-22; observe as mensagens contrastantes de paz em Is 57.19,21).

Deus questiona de quem eles tinham **receio ou temor** para incitá-los a mentir e não se **lembrasse[m]** dEle (v. 11). Eles temiam o homem? As nações? O poder de outros deuses? Não obstante, eles deveriam lembrar-se do poder de Deus e da libertação provida pelo Senhor no passado. Deus, ao longo da história de Israel, mostrou pelos seus atos que não havia "outro" que pudesse rivalizar com Ele; contudo, o povo negou a sua herança e falhou em lembrar-se dEle ou temê-lo. Durante o silêncio de Deus, eles voltaram-se dEle para os falsos deuses. Quando o Senhor, por fim, moveu-se contra eles em julgamento, eles acharam a sua devoção aos falsos deuses inútil (veja 65.6,7). Deus escarnece: **que a sua coleção de ídolos a salve** (NVI, 57.13; v. 6; Dt 32.36-39). Os ídolos eram inúteis; nada poderia livrar da ira do Deus Todo-poderoso do Universo. Em contrapartida, o Senhor salvaria fielmente aqueles que confiassem nEle, e só estes **possuir[ão] a terra e herdar[ão] o meu santo monte** (Is 57.13; 65.8,9; At 26.17,18).

57.14-21 Deus, para aqueles que confiassem nEle para a libertação, prepararia o caminho diante deles para que voltassem fisicamente do exílio. A imagem é da construção de uma estrada, a limpeza de quaisquer **tropeços** do caminho que pudessem dificultar a passagem (v. 14). Deus removeria, como fizera durante o êxodo do Egito, tudo o que pudesse impedir o povo de conseguir voltar para a sua terra. O Senhor, de modo similar, também limparia o caminho para o povo voltar dos seus pecados (veja 65.10-12; observe também a semelhança do palavreado referente à preparação para a vinda do Senhor; 40.3-5). Espiritualmente, Deus proveu o caminho de volta a Ele por meio da obra do Servo (Jo 14.1-6; Hb 10.19-22).

Embora Deus seja mais exaltado, Ele, na compaixão, também faz a sua habitação com aqueles que são **contrito[s]** [heb. ***dakka'***, "esmagado, contrito"; veja o estudo da palavra em Is 53.5] **e abatido[s] de espírito** (Cr 7.15; 1Co 3.11-17; 2Co 6.16; Ef 2.4-9,19-22). Deus **vivific[a]** [heb. ***chayah***, "preservar"] **o espírito dos abatidos** e **o coração dos contritos** (Is 57.15). A boa notícia era que, embora o Senhor julgasse

Jerusalém e o povo de Israel, eles não seriam totalmente destruídos. Ele fere o povo com disciplina justa, afasta a sua face e **escond[e-se]** da nação, permitindo que eles sofram o exílio (v. 17; 1.5,6; 54.7,8). Não obstante, Ele também tem misericórdia por Israel e **v[ai] curá-lo** (57.18; Dt 32.39).

Os que seriam restaurados à nação de Israel seriam os **pranteadores**, aqueles que estavam contritos pelos seus caminhos maus (Is 57.18). O Senhor — para todos os que se humilhassem e aceitassem o caminho da salvação divina — iria pronunciar o seguinte: **paz, paz, para os que estão longe e para os que estão perto**, e iria curá-los (v. 19; 53.5). A restauração do povo de Israel do exílio prefigura a restauração daqueles que acreditariam em Jesus Cristo e, assim, teriam um relacionamento correto com Deus (Ef 2.13-18). A restauração futura do pecado incluiria os judeus "que estão perto" e os gentios "que estão longe"; todos os que confessassem Cristo seriam trazidos para perto de Deus. Em contraste com o consolo provido aos arrependidos (Is 57.2), os rebeldes foram advertidos mais uma vez: **Para os ímpios não há paz** (NVI, v. 21; 48.22). A paz provida por Deus à pessoa humildemente arrependida permanecia em contundente contraste com a mensagem vazia dos falsos profetas de "paz, paz" (Jr 6.14; 8.11).

A repetição dessa frase marca o fim da seção do Servo que começou no capítulo 49. A discussão da obra (sofrimento) do Servo, dos resultados da sua obra (redenção e exaltação) e, por fim, de um lembrete da necessidade da obra (a idolatria e a pecaminosidade de Israel) fornece um quadro completo. O Servo traria paz para todos os que se voltassem para ele, mas não haveria nenhuma paz para o ímpio. O restante do livro fala do tipo de vida que o redimido deve viver, contrastado com a vida real de Israel.

O Verdadeiro Jejum (58.1-14)

Os estudiosos diferem em relação à audiência alvo inicial dessa passagem. Alguns sugerem que a audiência era contemporânea de Isaías durante o último período do seu ministério. Além disso, a mensagem poderia ser aplicável às pessoas certas antes da conquista babilônica. Outros sugerem que a audiência era a comunidade exílica ou pós-exílica, que, embora afirmasse externamente buscar a Deus, internamente ainda estava distante do Senhor (Zc 7.5-7). O problema do jejum hipócrita ainda era prevalente no tempo do Senhor Jesus (Mt 6.16-18). O cerne da mensagem é aplicável a

todas as gerações. Deus deseja com intensidade que o seu povo trate os outros com compaixão e bondade como um sinal de obediência a Ele.

58.1-5 O povo de Israel era pecaminoso diante de Deus, embora eles, aos seus próprios olhos, sentissem-se justificados. Deus, em uma acusação fortemente reminiscente de Isaías 1.10-23, comenta a hipocrisia da adoração deles do sábado e os seus jejuns ritualistas. O povo, na superfície, tentava fazer o que era certo; no entanto, os seus atos eram vazios porque lhes faltava arrependimento interior. Os israelitas, embora seguissem a prática do jejum, falhavam verdadeiramente em submeter-se em obediência à vontade de Deus e aos seus caminhos. Ainda assim, esperavam que Deus respondesse de forma favorável a eles apenas porque **jejua[vam]** (58.3). No entanto, eles não podiam estar certos com Deus se não estivessem certos uns com os outros.

Os comentaristas observam que o principal ponto da acusação está mais uma vez apontado para os governantes da terra, aqueles que teriam o poder para "oprimir" os que estavam sob eles. O caráter inaceitável do jejum caracterizava-se pela observação externa do ritual acompanhada da opressão, **contendas e debates**, que apontavam para a falta de consagração interna. Deus não ouviria as orações dessas pessoas (vv. 3,4; Jr 14.10-12; Ez 8.17,18; Zc 7.5-13).

58.6-12 Deus, após denunciar a fraude dos jejuns observados por eles, delineia os atos que o agradariam, resumidos por dois pontos:

- O povo de Deus tinha de terminar a opressão (vv. 6,9c), caracterizada pela opressão social geral, pela escravidão injusta dos seus irmãos ou pelo abuso dos escravos legais em desconsideração das leis do sábado ou outras leis concernentes aos escravos (Êx 20.9,10; 21.1-11,26,27; 23.12; Lv 25.39-43; Dt 15.12-18; Jr 34.8-11). Parte do ministério do Senhor Jesus tratava do fim da opressão, tanto física quanto espiritual (Lc 4.18-21).
- O povo de Deus tinha de cuidar dos pobres (Is 58.7,10a), o que se manifestava pelo compartilhamento liberal de alimento, abrigo e roupa com os que passavam necessidade (Êx 22.22-27; Lv 25.35-38; Dt 15.7-11). A mesma preocupação é repetida no Novo Testamento (Mt 25.33-46).

Deus indicou que, se Israel mostrasse sinais da verdadeira autonegação mostrando compaixão pelos seus irmãos, então **romper[ia] a [s]ua luz**

como a alva (Is 58.8). Ele iria curá-los e prover-lhes proteção contínua. A justiça deles iria precedê-los, e **a glória do SENHOR** seria a **retaguarda** deles (v. 8; veja os comentários em 52.12). Em contraste com a resposta de Deus aos hipócritas no versículo 4b, quando o obediente clamar, **o SENHOR** lhe **responder[ia]** (v. 9a). Nem todos responderiam em obediência ao Senhor, mas aqueles que respondessem teriam a bênção da presença e da provisão de Deus. Alguns participariam na restauração das **velhas ruínas** (NVI, v. 12). O remanescente redimido que voltou para Jerusalém do exílio conseguiu ver em alguma extensão a restauração dos muros da antiga cidade de Jerusalém (Ne 6.15). No futuro, haveria uma restauração maior de Sião, pois o chamado remanescente dos filhos de Israel faz parte da reconstrução da "tenda caída de Davi" (NVI, Am 9.11,12; At 15.14-17).

58.13-14 Mais uma vez, a importância da observância apropriada do sábado é enfatizada. A observação sincera do sábado, como um sinal da aliança, transmitia o compromisso com a obediência à aliança (veja os comentários em 56.2). A observação fiel do sábado, como um jejum verdadeiro, incluía a negação de si mesmo, a restrição de buscar a própria agenda. O sábado tinha de ser um **santo dia** (58.13). O povo não podia trabalhar nem fazer os outros trabalharem no sábado. O foco do dia era estar em Deus, não nas buscas egoístas do indivíduo. O Senhor, em resposta à observação fiel do sábado pelo povo, faria o povo prevalecer e **banquete[ar-se] com a herança de Jacó, seu pai** (NVI, v. 14; Dt 32.9-14).

O Pecado e a Redenção (59.1-21)

59.1-8 O povo questionou por que Deus falhara em responder às suas orações (58.3). Isaías reafirma que **a mão do SENHOR não está encolhida** [heb. ***qatsar***, "ineficaz, impotente"]**, para que não possa salvar** (59.1,16; 50.2). Nem **o seu ouvido** é incapaz de ouvir. Ao contrário, como Deus observara no capítulo 58, os pecados do povo **fazem divisão** [heb. ***hadal***, "dividir, separar"] **entre** os israelitas e Deus (59.2; 1.15). Deus intencionalmente se recusou a responder ao povo carregado de pecado porque eram impenitentes. Nos versículos seguintes, Isaías usa imagem vívida para prover detalhes em relação à pecaminosidade do povo.

A acusação de estarem **contaminad[os] de sangue** transmite de forma vívida o estado impuro do povo que derramara de forma obstinada sangue inocente na terra (59.3; Nm 35.33,34; Is 1.15,21; Jr 2.30,34; Lm 4.13,14; Ez 7.23, Os 4.2). Além disso, a mentira e a injustiça foram apontadas como ofensas — os pecados estavam ligados à opressão por intermédio do sistema da corte. A imagem de incubação de **ovos de cobra** (NVI) e a do tecer **teias de aranha** referem-se a fazer complôs perversos que produziam resultados mortais (Is 59.5). Os ímpios, independentemente do intrincado dos seus esquemas, em última instância não prosperariam porque as suas obras eram **obras de iniquidade** (v. 6). O profeta garantiu ao povo de Israel que qualquer um que seguisse esses caminhos ímpios não **conhece[ria] o caminho da paz** (v. 8; 48.22; 57.21).

Paulo cita Isaías 59.7-8 como parte da sua descrição da pecaminosidade universal do homem (cp. Rm 3.15-17). Todas as pessoas são separadas de Deus pelos seus pecados. Só Cristo, pelo seu pagamento perfeito pelo pecado, justifica aqueles que confiam nEle (Rm 3.23-26). Não obstante, até mesmo os cristãos veem a sua comunhão com Deus interrompida pelo pecado inconfesso. Não há **paz** para a pessoa que escolhe seguir um estilo de vida de rebelião aos caminhos de Deus (Is 59.8).

59.9-15a Como resultado dos pecados apresentados antes, Isaías, identificando-se com o seu povo, lamentou **o juízo est[ar] longe de nós** (v. 9). Ele continuou a confissão sincera de que começara deliberadamente com a linguagem remontando à linguagem das maldições da aliança (Dt 28.28,29). A imagem de **ursos** bramando e **pombas** gemendo transmite tanto irritação quanto desalento de um povo frustrado. Isaías, pesaroso, reconhece a culpa do seu povo por rebelar-se contra o Senhor (Is 59.11). A rejeição das leis de Deus sempre leva à injustiça social e à depravação. A moralidade, sem um padrão moral absoluto fundamentado na bondade do Deus Todo-poderoso, é abandonada, causando, em última instância, que a **justiça retroced[a]** (NVI) e a **retidão** (NVI) seja inibida (v. 14). Em uma sociedade assim, quem se arrepende do mal e tenta seguir a diretriz moral de Deus é **despojado** pela rebelião (v. 15a).

59.15b-21 A mensagem de esperança ao verdadeiro arrependimento era que Deus **o viu, e foi mal aos seus olhos que não houvesse justiça** (v. 15a). O Senhor, por causa da sua profunda compaixão pelos seres humanos que se entregavam ao pecado, fez com que ocorresse um caminho para a salvação (57.18,19). Deus proveu a salvação por si mesmo, embora

pelo **seu próprio braço** (59.16; 40.10; 51.9; 52.10; 53.1,10-12). O Senhor revestiu-se com a sua **justiça, como de uma couraça, e pôs o elmo da salvação na sua cabeça** (59.17). A imagem militar transmite o senso do poder e intenção de Deus de prover a prometida salvação para o seu povo e também de causar a derrocada dos seus inimigos. Paulo, mais tarde, usou a mesma imagem para descrever como os cristãos deviam comportar-se (Ef 6.14,17; 1Ts 5.8,9).

A vinda do Senhor não só traria salvação para o arrependido, como também traria julgamento final e destruição para os seus inimigos (veja Is 63.1-6; Ap 19.11-16; 20.12,13). Isaías observou que Deus **tomou vestes de vingança** (heb. ***naqam***; veja o estudo da palavra em Is 63.4). *Ele também "cobriu-se de* ***ZELO****" (heb.* ***qin'ah****, "ardor, zelo", 59.17). A forma masculina do substantivo aparece seis vezes e apenas em relação ao desejo intenso de Deus pela devoção de Israel (e.g., Êx 20.5). Contudo, a forma feminina usada aqui transmite um sentimento intenso de desejo e, muitas vezes, é encontrada em referência ao ciúme em uma situação matrimonial, ciúme de objetos, a expressão da paixão do indivíduo por Deus ou contra um inimigo. Também transmite o compromisso apaixonado de Deus para salvar o redimido e/ou punir o perverso (Is 42.13-16; Zc 1.14-17; 8.2).* O Senhor, no momento da sua escolha, **conforme forem as obras** [heb. ***gemulah***, Is 59.18; Is 65.6,7; Rm 6.23; Ap 20.12-15] **deles, assim será a sua retribuição** (heb. ***shalam***).

Paulo cita Isaías 59.20-21 em relação à salvação final de Israel (Is 11.26,27). Essa passagem também é semelhante à promessa feita em Jeremias de que Deus faria uma nova aliança e escreveria a sua Lei no coração do seu povo (Jr 31.33; Hb 8.10; 10.16). A inscrição da Lei no coração é realizada por intermédio do ministério do Espírito Santo na vida do cristão. Deus não redime o seu povo e depois o esquece; ele redime-o e envia o seu Espírito para habitar neles, para ensiná-los. Aqui está a explicação mais completa de "os seus filhos serão ensinados pelo SENHOR".

A Restauração Trazida pelo Senhor (60.1——66.24)

Nos capítulos finais de Isaías, os temas, referentes à salvação e à vingança, iniciados no fim do capítulo 59 são mais desenvolvidos. Para a audiência inicial de Isaías, as passagens prometiam a restauração de uma futura devastação a ser operada pela Babilônia (Is 63.18; 64.10,11); essa restauração foi cumprida com a volta do exílio e a reconstrução do Templo.

Além disso, os capítulos finais prometem uma restauração e vingança ainda maiores a acontecer nos últimos dias quando Deus estabeleceria completamente o seu Reino em todo o céu e terra renovados (65.17; 66.22-24).

A Glória de Deus em Sião (60.1-22)

60.1-7 Os capítulos 60 a 63.14 celebram a gloriosa reversão das trevas tratada no capítulo 59. O povo não teria mais de dizer: "buscamos claridade, mas andamos em sombras densas" (NVI, 59.9), pois o Redentor traria a sua **luz** a Sião (60.1,19,20; Ml 4.2; Mt 4.16; Lc 1.78,79; 2Co 4.6; Ef 5.14; Ap 21.10-11,23; 22.5). O profeta, desde o início desse capítulo, parece ver mais que a restauração iminente da nação de Israel do cativeiro babilônio. Há um elenco global para o vocabulário referente às trevas da **terra** e todos **os povos** (Is 60.2). O redimido de Israel não só experimentaria a luz de Deus, como também **as nações caminharão** para a "luz" e participarão da glória final de Sião (v. 3). A fonte da luz é o Redentor, o Senhor, que brilharia sobre redimido de Sião, que, por sua vez, refletiriam a glória divina. De mesma forma, o Senhor Jesus apropriar-se-ia da linguagem de luz para Ele mesmo e para o papel daqueles que o seguem (Mt 5.14-16; Jo 1.4-18; 3.19-21; 8.12; 9.5; 12.35,36,44-48).

Sião foi encorajada a considerar todos esses rebanhos seus. Foi informada os seus **filhos virão de longe** e as suas **filhas se criarão** ao seu lado (Is 60.4). A restauração de filhos inesperados repete a promessa encontrada antes na profecia (11.12; 49.18-22; 54.1-3). Quem são esses filhos? Alguns estudiosos entendem que os filhos mencionados referem-se apenas aos descendentes físicos de Israel que foram restaurados após o exílio, quando Ciro, em 539 a.C., publicou o édito para a volta deles. A mensagem de Isaías com certeza tem esse sentido para o povo do seu tempo e do tempo do cativeiro. Outros estudiosos veem o contexto também se referindo aos filhos e às filhas espirituais da promessa que se tornariam uma parte da cidade redimida durante os últimos dias (veja os comentários em 49.18-22; Hb 12.22,23; Ap 21.9-25).

Por fim, **as riquezas das nações** fluiriam para Sião (Is 60.5). No tempo previsto, até mesmo as nações normalmente hostis a Israel louvariam o Senhor e encontrariam aceitação diante dEle (56.7,8). As nações de **Midiã, Efa** e **Sabá** descendiam todas de Abraão por intermédio de Quetura, com

quem se casou após a morte de Sara (60.6; Gn 25.1-4; veja Is 9.4; 10.26). **Quedar** e **Nebaiote** eram descendentes de Ismael, filho de Abraão com Agar, escrava egípcia de Sara (60.7; cp. Gn 25.12,13; Sl 120.5; Ct 1.5; veja os comentários em Is 21.16,17; 42.11; Jr 2.10; 49.28,29; Ez 27.21). Esses outros filhos de Abraão foram originalmente excluídos da aliança e das bênçãos concedidas a Isaque (Gn 17.18-21; 25.5,6). Não obstante, viria o tempo em que eles e todas as nações trariam mais uma vez dons como fizeram no tempo de Salomão, e até mesmo os seus **louvores**, ofertas e orações seriam aceitos diante do Senhor (Is 60.6; 1Rs 10.2,11,12,14,21-25; Sl 72.1-19; Is 56.7,8; Ag 2.6-9).

60.8-22 Mais uma vez, são fornecidos mais detalhes referentes à restauração dos **filhos** vindos **de longe** (v. 9). O povo de Deus não só é trazido a Sião, como a riqueza e o respeito também os acompanham (49.22,23; 66.20; Sf 3.10,20). O profeta proclama: os **estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão** (Is 60.10).

Ciro, quando liberta os cativos em 538 a.C., libera os tesouros do antigo Templo para os cativos que voltavam para pagar a reconstrução do Templo, além de encorajar os que não estavam voltando para Jerusalém para enviar presentes (Ed 1.4,6-11; 6.3-5). O rei Dario continuou o apoio financeiro ao projeto de reconstrução do Templo, concluído por volta de 516 a.C., durante o seu reinado (Ed 6.7-12). Mais tarde, Esdras registra que o rei Artaxerxes enviou ofertas para o Templo (Ed 7.12-23). Artaxerxes, em 445 a.C., logo após o pedido de Neemias, deu ordem para que os muros de Jerusalém fossem reconstruídos e até mesmo contribuiu com madeira para as portas do Templo e o muro da cidade (Ne 2.7,8). Esses presentes dados por reis pagãos para a restauração do Templo e dos muros de Jerusalém cumpriram e prognosticaram que Deus daria uma glória maior à futura Sião, primeiro durante o reino milenial de Cristo e, depois, na nova Jerusalém final.

Os muros de Jerusalém, uma vez que foram restaurados após o exílio, eram cuidadosamente guardados e bem fechados à noite (Ne 7.1-3). Em contrapartida, Isaías descreve, no capítulo 60, que, na cidade, as **portas esta[vam] abertas de contínuo: nem de dia nem de noite se fechar[iam]** (Is 60.11). As portas têm de ficar abertas para que **as riquezas das nações** possam entrar na cidade (v. 11). Em Apocalipse, essa descrição é explicitamente aplicada à nova Jerusalém, a nova cidade eterna criada depois do reino milenial de Cristo na antiga Jerusalém (Zc

14.5c-21; Ap 20.4-6), o levante final (Ap 20.7-10) e o julgamento derradeiro de toda a humanidade (Ap 21.1,2,24-26). Na nova Jerusalém, os reis trazendo as riquezas seriam os que são redimidos. Conforme Isaías observa, **a nação e o reino que te [ao SENHOR] não servirem perecerão** (Is 60.12). O Senhor, na época do estabelecimento da nova Jerusalém, teria julgado a humanidade; e só os redimidos, "os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro" teriam permissão para entrar na cidade santa (Ap 20.13-15; 21.27).

O Senhor, usando linguagem que lembra a construção do Templo salomônico, observa que **glorifica[ria] o lugar em que assentam os meus pés** (Is 60.13; 1Rs 5.5-9; Ez 43.7). A passagem em 1 Crônicas 28.2 menciona o Templo em conexão com a Arca sendo o escabelo dos pés do Senhor, e Isaías 66.1 menciona a terra como o escabelo dos seus pés, enquanto Lamentações 2.1 designa Sião como o escabelo dos pés do Senhor. O Senhor, um dia, habitará entre os homens em Sião, e a sua presença provocará louvor. Mesmo aqueles que antes denunciaram ou oprimiram Sião cairiam prostrados com o rosto baixo em reconhecimento de que Sião é a **Cidade do SENHOR**, a posse escolhida pelo **Santo de Israel** (Is 60.14). A cidade teria um lugar de honra e seria estimada, **um gozo de geração em geração** (v. 15).

Sião **mamar[ia] o leite das nações** (v. 16; 49.23). A imagem íntima de uma mãe amamentando o seu filho foi escolhida para transmitir a nova relação amorosa entre Sião e as nações. As melhores das nações sustentariam e nutririam a cidade. Sião veria e reconheceria que o Senhor, e só o Senhor, é o **[s]eu Salvador, e o [s]eu Redentor, e o Possante de Jacó** (60.16; veja os comentários em 1.24; 49.26).

A nova cidade seria resplandecente com as melhores coisas — ouro, prata, bronze e ferro seriam comuns. A futura terra de Sião sob o reinado do Senhor — ao contrário da cidade restaurada de Jerusalém após o exílio, destruída de novo em 70 d.C. pelos romanos — jamais enfrentaria de novo a **violência** (heb. ***chamas***, 60.18), desolação ou destruição. A cidade seria protegida pela **salvação** (heb. ***yeshu'ah***; veja o estudo da palavra 12.2) e pelo **louvor** no Reino prometido (60.18; 26.1-3). A promessa dessa futura cidade dos redimidos é aquela em que **o SENHOR será a tua luz perpétua**, substituindo o sol e a lua (60.20; Ap 21.22-25; 22.5). Isaías deixa claro que o **luto findar[ia]** e **todos** os moradores de Sião seriam **justos** (Is 60.20,21). Essa promessa parece mais uma vez encontrar o seu

cumprimento final na gloriosa futura cidade da nova Jerusalém, e Deus diz que "nunca mais se ouvirá nela voz de choro", e só o justo estará presente nela (65.17-19; Ap 21.4,27).

A promessa de Deus para Abraão será concluída, pois os descendentes de Abraão, os redimidos pelo Messias, **para sempre herdarão a terra** (Is 60.21; Gn 12.7; 13.15). As pessoas redimidas **serão renovos** [heb. ***nētser***, veja os comentários em Is 11.1] **[...] plantados** (heb. ***matta'***, do verbo ***nata'*** — literalmente, "colocado na posição vertical para ser fixado no chão"; figurativamente, "estabelecer um povo no lugar em que residirão"; cp. 61.3) pelo Senhor, **obra** (heb. ***ma'aseh***) das suas **mãos** (60.21; 61.3; veja os comentários em 4.2-6 e 14.1,2). A frase **o menor virá a ser mil** é, mais uma vez, um lembrete da promessa de Deus para Abraão (60.22; Gn 13.16; 15.5; 17.2-8; Ap 5.9-11; 7.9-17). O Senhor seria fiel e, **a seu tempo** [...], **fa[ria] prontamente** tudo o que prometeu (Is 60.22).

O Ano de Favor (61.1-11)

61.1-7 A declaração inicial do capítulo 61 levanta imediatamente a questão referente a quem está, de fato, falando: Israel, Isaías ou o Messias? Há vários motivos para interpretar o falante como o Messias, mais tarde revelado como o Senhor Jesus. Claramente, Jesus, quando cita essa frase, estava identificando a si mesmo como o cumprimento da passagem (Lc 4.16-21). Mas a identidade do falante é menos importante do que o conteúdo da mensagem — a obra que o Espírito do Senhor Deus está realizando. Essa obra é iniciada por Jesus, porém continua em todos os cristãos que obedecem ao chamado de Deus para trazer cura para este mundo (At 1.1).

O Espírito do Deus de Israel, um Deus pessoal, porém soberano, repousa sobre os servos do Senhor. O "Espírito de Deus" encheu os artesãos com a habilidade artística de que precisavam para trabalhar no Tabernáculo (Êx 31.2-6). O "Espírito do Senhor" foi concedido a vários juízes com o propósito de ajudá-los a libertar e julgar o povo (Jz 3.9,10). O Espírito de Deus muitas vezes veio sobre alguém para capacitá-lo a profetizar (e.g., 1Sm 10.10). O Espírito de Deus também é mostrado muitas vezes equipando os governantes para a sua tarefa de governar o povo, como foi no caso de Davi (1Sm 16.13). De modo que a imagem do Espírito de Deus

sobre o Servo traz o entendimento de que o Servo está sendo capacitado a realizar tarefas específicas (veja os comentários em Is 11.2; 42.1; 48.16).

O Servo observa que o Espírito também está sobre ele porque é **ungido** (heb. ***mashach***, 61.1; veja o estudo da palavra, Sl 2.2) para uma tarefa específica. A conjunção **porque** carrega a ideia de "propósito ou intenção". No Antigo Testamento, o vocabulário de ser "ungido" era usado em conexão aos cargos proféticos (1Rs 19.16), sacerdotais (Nm 35.25) e reais (1Sm 16.13; 2Sm 2.4). Nessa passagem, parece que a unção do Servo serve a uma função profética quando a sua tarefa específica é **pregar boas-notícias** [heb. ***basar***; veja o estudo da palavra, Is 40.9] **aos pobres** (NVI, 61.1). Os aspectos específicos das boas notícias são delineados nas linhas que se seguem.

- *Ele "**RESTAURAR[IA]** (heb. **chavash**, "amarrar, enfaixar", v. 1] os contritos de coração". O Servo tinha de curar o coração deles, que figurativamente são considerados quebrados. O verbo **chavash** carrega um conceito de cura além do sentido geral de amarrar, enfaixar algo. O propósito de juntar é facilitar a cura (cp. 1.6; 30.26). Essa cura poderia ser emocional ou a cura de alguém que está em pedaços e contrito por causa do pecado.*
- Ele **proclamar[ia] liberdade aos cativos** (v. 1). Tanto os fisicamente cativos (e.g., os escravos) quanto os espiritualmente cativos (e.g., os possuídos pelo demônio) precisam de libertação. A frase "proclamar liberdade" é usada em outra passagem em relação à liberdade experimentada pelos escravos, de acordo com a Lei, durante o ano de jubileu (Lv 25.10; Is 49.9; Jr 34.8,15,17).
- *Ele "proclamar[ia] [...] a abertura de prisão aos presos" (Is 61.1). A forma da palavra para **ABERTURA** (heb. **peqach-qoach**) é única, combinando duas formas da mesma raiz, **paqach** (heb. "aberto"; cp. Gn 3.5,7; Sl 146.8). O sentido normal para a raiz é "abrir" os olhos de alguém — com exceção de um caso relacionado a abrir os ouvidos (Is 42.20; cp. 35.5). Apenas aqui a palavra é usada com o sentido e abrir a porta ou um item relacionado com isso. Além disso, essa passagem espelha de perto Isaías 42.7, passagem que enumera as missões do Servo de abrir os olhos e libertar os presos. Talvez, por isso, Isaías transmitiu de propósito os dois sentidos nessa passagem — ser liberto da escravidão e ir das trevas para a luz.*
- Ele **apregoar[ia] o ano aceitável do SENHOR** (cp. 49.8,9) e também o **dia da vingança** [heb. ***naqam***, 61.2; veja o estudo da palavra, 63.4] **do nosso Deus**. A proclamação do ano aceitável do Senhor é um

lembrete do vocabulário do ano do jubileu (veja os comentários no v. 1). Pois a exposição da libertação a ser colocada lado a lado com a vingança não é incomum. Isaías 2 incorpora essas duas imagens ao apresentar uma imagem de Sião nos últimos dias como o lugar de habitação do Senhor no qual reina a paz e ao apresentar, no mesmo capítulo, uma imagem do Dia do Senhor como um dia de julgamento e terror. Isaías 59.17,18 apresenta, mais próximo no contexto, uma imagem do Redentor contendo os dois elementos — o elmo da salvação e as vestes de vingança (veja também 63.3-6). A vingança será realizada rapidamente, já o favor do Senhor perdurará.

- Ele **consolar[ia] todos os tristes** (61.2). Embora o conceito de pesar seja aplicado com certeza a todos os que são oprimidos pelos outros ou que sofrem de qualquer forma física, os comentaristas sugerem que a frase refere-se àqueles que pranteiam por causa da sua condição espiritual e da condição de **Sião**. O Servo transformaria o pranto deles em alegria. O versículo 3 desenvolve mais os detalhes dessa transformação.

Os pesarosos receberam a promessa de consolo e, a isso, segue-se uma vívida descrição dessa transformação. O Servo dará **a todos [...] uma bela coroa** [NVI, heb. ***pe'er***, "turbante, tiara, guirlanda na cabeça"; veja o estudo da palavra, v. 10] **em vez de cinzas** (NVI, heb. ***'ēpher***, v. 3). Em hebraico, as palavras para "bela" e "cinzas" soam muito parecidas e, como um jogo de palavras, enfatizam a mudança que está ocorrendo. Em tempos de pesar, a cabeça era normalmente descoberta, e, então, eram colocadas cinzas sobre ela (Jó 2.8,12). Portanto, o oposto disso era receber um belo acessório de cabeça como cobertura (Ez 24.17).

O Servo, além da cobertura para a cabeça, forneceria **óleo de gozo**, sentido literal "óleo de alegria" (Is 61.3; cp. Sl 45.7). As cinzas sobre a cabeça dos pranteadores seria substituída por óleo, indicando bênção e regozijo. Além disso, os pranteadores receberiam **veste de louvor** [heb. ***ma'atēh tehillah***, mais literalmente, "veste ou manto de louvor"] **por espírito angustiado** (heb. ***ruach***, "espírito" de ***kēheh***, "fraqueza", i.e., "espírito obscuro, débil", Is 61.3; cp. 42.3). A palavra para "veste" parece transmitir o conceito de uma peça de roupa que cobre completamente a pessoa. Esse item externo da roupa era meramente um sinal da mudança interna.

Todos os dons concedidos pelo Servo teriam um efeito duradouro. No fim, as pessoas restauradas seriam chamadas de **justiça**, o que, por sua vez, traz glória para Deus. A ação do Senhor garante que eles sejam chamados de justos. Em Isaías 56—59, Israel, claramente deixada por conta própria, não pode ser justa. Nesse versículo, eles são **plantados** [heb. ***matta'*; ** veja 60.21] **pelo Senhor** (ARA, 61.3). A imagem de "carvalhos de justiça" (NVI) previne a leitura superficial da restauração. Esse não é um paliativo nem uma restauração superficial. Os carvalhos não crescem do dia para a noite. Esse plano é cuidadosamente pensado e executado. Quando ficamos frustrados e arrasados com a lentidão de nosso crescimento espiritual, temos de lembrar que Deus não está interessado nos meros renovos de justiça; ele quer carvalhos maduros!

O Espírito tem tarefas específicas para completar. Uma vez que o povo do Senhor é curado, libertado, consolado e restaurado, eles desfrutam das bênçãos eternas dessa salvação. O povo reconstrói, restaura e renova as ruínas em uma imagem que transmite o restabelecimento na terra. Essa passagem ecoa Isaías 58.12, em que o Servo tem um papel proeminente na reconstrução das cidades desde a fundação. Assim como o povo tinha de ser restaurado, as cidades também tinham de ser reparadas (Am 9.11-15).

Um aspecto repetido das bênçãos que se seguem à restauração de Israel é que as nações irão servi-la. Isaías 60.12 já comentou: "Porque a nação e o reino que te não servirem perecerão; sim, essas nações de todo serão assoladas". Em Isaías 61.5, é fornecida uma descrição do serviço das nações. O termo **estrangeiros**, falando daqueles que não são da linhagem de Israel, equivale a **estranhos** e faz paralelo com essa palavra. Esses estranhos **v[ão] pastorear** (NVI) os **rebanhos** do povo do Senhor. Os estrangeiros serão atendentes de Israel prontos a servir como pastores, fazendeiros ou **vinhateiros** (v. 5).

Surge a questão de se a imagem é de trabalho forçado ou de participação conjunta nas bênçãos de Israel. Alguns sustentam que os empregos retratados indicam o escalão mais baixo; isso, contudo, parece ser uma imposição de uma perspectiva moderna sobre uma cultura diferente e pode limitar o que a passagem tenta transmitir. Especialmente se considerado com o versículo 6 em que aparentemente é confiado aos gentios trabalhos importantes, e estes são participantes com Israel nas bênçãos da terra restaurada.

Isaías continua: **mas vós sereis chamados sacerdotes do SENHOR** (v. 6; veja os comentários em 66.21). O pronome inicial "vós" é enfático. A função de Israel na terra restaurada é clara. Eles, por fim, cumprirão o seu chamado para ser "reino sacerdotal e povo santo" (Êx 19.6). Mais uma vez, vendo esse versículo com o versículo 5, os dois grupos de pessoas, ao que parece, estariam unidos no cumprimento das funções necessárias no novo reino. No Novo Testamento, os que são redimidos pelo Senhor Jesus são chamados sacerdotes de forma incisiva, e há referências ao seu futuro serviço diante do Senhor cumprindo esse papel (1Pe 2.9; Ap 1.6; 5.9,10; 20.4,6).

Os filhos redimidos de Israel também experimentam a riqueza material das nações. Isso ecoa Isaías 60.3-18; descrevendo em detalhes os tipos de riquezas que virão a eles, incluindo rebanhos, metais preciosos e materiais de construção. Tudo o que antes trazia glória para os gentios seria dado para os filhos de Israel. As **riquezas das nações** seriam trazidas à nação de Israel, e eles **gloriar[se-ão]** nas riquezas ou **glória** das nações (Is 61.6). O versículo 7 desenvolve mais a informação referente às bênçãos a ser herdadas por Israel depois da sua redenção. Israel, duplamente punida pelo seu pecado, receberia **porção dupla** (NVI) da restauração das suas terras e da **perpétua alegria** (v. 7; cp. 40.2).

61.8-9 O motivo para alegria na terra é o amor de Deus pela **justiça** (NVI, v. 8). A sua justiça não depende de ninguém mais ser reto ou justo. Embora as nações gentias fossem os meios da disciplina de Deus para Israel, o Senhor tinha consciência da brutalidade e da injustiça delas. Apesar do fato de que Israel sofreria pelos seus pecados, os redimidos seriam **recompensa[dos]** (v. 8). Deus também retribuiria aos seus inimigos como Ele prometera (Dt 32.39-41). A sua justiça seria estabelecida na sua execução fiel de todas as promessas feitas a Israel e aos inimigos dela.

Por último, o motivo para as bênçãos e as alegrias dos redimidos é que Deus manteria a aliança feita com eles. O vocabulário dessa passagem reflete o vocabulário de Isaías 55.3 e, em última análise, lembra as promessas feitas pela primeira vez a Abraão em Gênesis 17.7. Deus confirmou a promessa de ter relacionamento com aqueles que se afastaram das suas transgressões (Is 59.20,21). Isaías 61.8 reafirma a promessa da aliança para aqueles que, no início do capítulo, estão pesarosos. O pesar deles, por causa da fidelidade de Deus, será transformado em alegria, e os

seus descendentes, o povo da aliança, **será conhecid[o] entre as nações** (v. 9).

A redenção e a restauração de Israel resultantes têm o seu ápice no fato de que todas as nações conhecerão Israel e reconhecerão o seu relacionamento com o Senhor e com as bênçãos fluindo desse relacionamento. Israel seria única, e a fonte das suas bênçãos seria vista apropriadamente vindo do seu relacionamento com o Senhor.

61.10-11 Esses dois versículos apresentam um hino de ação de graças. No Grande Rolo de Isaías, há uma quebra marcante entre o versículo 9 e os versículos 10,11. Também nessa seção há discordância quanto ao falante, com as mesmas oposições sugeridas para os versículos 1-3. A passagem continua na primeira pessoa e parece seguir um fluxo e contexto naturais da seção inicial dos versículos 1-3. Há várias semelhanças:

• a fraseexpressão o **Senhor JEOVÁ** (vv. 1,11);
• o uso da imagem de vestes (vv. 3,10);
• o **manto de justiça** (v. 10) e **justiça e o louvor** (v. 11); e
• a imagem de plantar e crescer (vv. 3,11; cp. "árvores de justiça", v. 3).

Em vista dos paralelos, parece justo assumir o mesmo falante para as duas seções. Embora a seção possa ser separada para enfatizar, ela completa belamente a seção inicial (vv. 1-3) enquanto também mantém uma conexão estreita com a passagem seguinte através de 62.7.

As primeiras linhas do versículo 10 são paralelos soltos. Essa primeira linha no texto hebraico transmite a completude do regozijo, "regozijar-me-ei à plenitude", suavizada em português: **regozijar-me-ei muito**. A segunda linha, **minha alma exulta por causa do meu Deus** (TEB) — literalmente "minha alma [heb. ***nephesh***, o todo do "ser interior", incluindo as paixões e as emoções] alegra -se no meu Deus" — aprofunda a expressão de regozijo. Personaliza a relação com o Senhor pela inclusão do sufixo do pronome na primeira pessoa com "minha alma" e "meu Deus".

Alguns discutem que essa passagem tem de ser dita por outro que não o Messias/Servo por causa da linguagem em relação a ser vestido de **salvação** e "justiça" (v. 10). Eles sustentam que o Messias não precisa receber o manto de salvação; Ele traz o que já pertence a Ele. Isso, contudo, parece ignorar a mensagem em 59.16-18, que claramente retrata o Senhor

trazendo a própria salvação colocando-se com artigos de vestimenta, incluindo a couraça de justiça e o capacete da salvação além das vestes de vingança. Deus prepara o Servo com a salvação necessitada pela humanidade e a justiça exigida por Deus. A humanidade só pode ser redimida pela salvação e justiça do Servo.

O Servo, usando vocabulário nupcial, liga o fato de ser coberto com manto de salvação e justiça à imagem de um noivo pondo o seu ***TURBANTE*** *(ARA, heb.* ***pe'ēr****, "ornato para a cabeça"). A mesma palavra é traduzida como "veste de louvor" (v. 3), conotando beleza, alegria e ornamentação. A palavra é bastante rara com apenas sete ocorrências no texto massorético, incluindo as duas ocorrências nessa passagem (Êx 39.38; Is 3.20; 61.3,10; Ez 24.17,23; 44.18). Observe que a palavra é usada para descrever o adorno de cabeça usado pelos sacerdotes (Êx 39.28; Ez 44.18). Essa conexão, de algumas formas, foi aparentemente mantida também por causa do palavreado único usado para com o "noivo que se* ***ADORNA****" (heb.* ***kahan****, "agir como um sacerdote") a cabeça (Is 61.10). "Adorna" é ligada com a palavra para "sacerdote" (heb.* ***kohēn****). O verbo é usado em outras passagens apenas em conexão com o ofício sacerdotal.* Parece haver uma conexão intencional entre o noivo e o ofício sacerdotal, que ilustra que Jesus, o Servo e o Noivo, cumpre o ofício de sacerdote quando media a salvação daqueles que se juntam a Ele (Mt 9.15; 22.1-14; 25.1-13; Mc 2.19,20; Jo 3.28,29; 2Co 11.2; Ef 5.24-32; Hb 7.20-27; 8.1-10; 9.11-15; Ap 19.7-9; 21.2,9).

A segunda comparação conecta a capacitação do Servo com uma noiva colocando as suas joias. A construção **como noiva que se enfeita com as suas joias** é um paralelo com a sentença anterior referente ao noivo (Is 61.10). A imagem é de um momento de alegria, expectativa e rica ornamentação (49.18; 52.1; Ap 21.2).

O Servo regozija-se porque está confiante no fruto que será produzido pelo seu trabalho. Ele relata essa confiança usando uma comparação figurativa com a possibilidade de uma colheita terrena, enfatizando o fato de que Deus é o responsável pela multiplicação dela (Is 61.11). As palavras "a justiça e o louvor", reminiscentes do versículo 3, representam a colheita espiritual que só pode ser realizada pela provisão da salvação e justiça concedidas por Deus e trazidas para o homem pelo Servo. Deus traz o aumento, fazendo o fruto **brotar** na frente de todos (v. 11). Em 62.1-3, esse conceito é mais desenvolvido. O ponto da misericórdia, salvação e restauração por Deus de Israel ou de qualquer um que venha a Ele é que

têm de glorificar a Deus e proclamar a salvação, justiça e louvor divinos para as nações.

Isaías 61 proclama com as boas-novas. Deus, por meio da obra do seu Servo, prepara um meio para o seu povo ser restaurado. A obra do Servo produzirá a colheita de justiça e louvor porque é Deus quem garante que a tarefa é completada. A promessa de restauração provê encorajamento e consolo para todos os que estão lutando. Para os que creem no Senhor Jesus, a restauração é uma realidade presente. O Servo do Senhor redime-os para que possam florescer como árvores de justiça diante das nações e trazer glória para Deus. A responsabilidade deles é encaminhar outros para a grande salvação provida pelo Senhor e continuar a produzir os frutos de justiça e louvor na sua vida.

A Restauração de Sião (62.1-12)

62.1-7 Os estudiosos diferem em relação à identidade do falante nesses versículos. Alguns consideram que o falante é o Servo do capítulo 61 expressando o seu compromisso com Jerusalém. Outros sugerem que o falante tem de ser o profeta expressando a sua devoção a Sião. Talvez Isaías fale em uníssono com o coração do Servo. Em todo caso, o ponto é, mais uma vez, a mensagem. O falante, tendo recebido, nas passagens precedentes, o plano glorioso de Deus para a cidade de Jerusalém e os seus habitantes, exclama: **por amor de Sião, me não calarei [...] até que saia a sua justiça** e salvação brilhem **como uma tocha acesa** (v. 1). Ele ansiava que Deus apressasse o dia do cumprimento deos seus planos, e esse anseio seria ecoado para todos os que amam o Senhor (Tt 2.11-14; 2Pe 2.11-13; Ap 22.20). Pois no dia da transformação de Sião, a sua justiça e glória serão vistas por todos. Nesse tempo, o Senhor chamará Sião **por um novo nome** (Is 62.2), e ela será **uma coroa de glória na mão do SENHOR** (v. 3; veja 28.5; Zc 9.16).

No Antigo Testamento, os nomes eram extremamente importantes, refletindo muitas vezes o caráter do indivíduo ou circunstância. Oportunamente, o Senhor muda com propósito o nome dos indivíduos para que reflitam a sua nova circunstância (veja Gn 17.5,15; 32.28). Por exemplo, Abrão (heb., "pai exaltado") passou a ser Abraão (heb., "pai de uma multidão"). Jacó (heb., "enganador, suplantador, aquele que agarra o calcanhar ou age sorrateiramente") tornou-se Israel (heb., "Deus

prevalece"). De forma semelhante, Sião receberia um novo nome para refletir a sua condição de redimida. Não seria mais **chama[da] Desamparada** ou **Assolada**, pois o Senhor redimiria e restauraria a cidade, trazendo-a de volta para si com amor fiel. Isaías observa que a **denominarão "Nela meu prazer"** (TEB, heb. ***chephtsi-bah***; "Hefzibá", 2Rs 21.1; da raiz ***chēphets***, "deleite, prazeres") e a terra seria chamada **a "Desposada"** (TEB, heb. ***be'ulah***, Is 62.4). Esses nomes são relacionados com a relação que Sião, conforme mencionado em Isaías 54.4-8, desfrutaria plenamente mais uma vez com o Senhor.

A terra não seria mais abandonada por Deus nem pelo povo. Os filhos de Sião voltariam e se uniriam à terra. Além disso, o vocabulário de noiva é usado para refletir o regozijo de Deus com Sião, **como o noivo se alegra com a noiva** (62.5; observe 54.5-8; Os 2.16). A imagem inicial era de volta jubilosa do exílio e do restabelecimento do povo na terra; isso prefigura a restauração da Sião redimida no fim do tempo. No Novo Testamento, a imagem nupcial é aplicada especificamente ao relacionamento entre o Senhor Jesus e a sua noiva, a redimida, "santa Jerusalém" (Ap 19.7-9; 21.2,9,10). Adicionalmente, a imagem do noivo é especialmente aplicada ao Senhor Jesus (Mt 9.15; 25.1-13; Mc 2.19,20; Lc 5.34,35; Jo 3.28,29).

As ações do falante no versículo 1 são equilibradas com os versículos 6 e 7, em que os **guardas**, colocados nos **muros** de Jerusalém, foram encorajados a pedir a Deus para apressar o dia da exaltação de Jerusalém e o cumprimento das promessas de Deus. Os guardas tinham normalmente a responsabilidade pela segurança da cidade. Eles reportariam a atividade dos que se aproximavam da cidade e saíam dela ou ficavam de guarda para advertir da aproximação de perigo (2Sm 18.24-27; 2Rs 9.17-20; Sl 127.1; Ct 3.3; 5.7; Is 21.6-12; 52.8; 56.10; Jr 51.12; Os 9.8; Mc 7.4). Os profetas eram às vezes descritos de forma figurativa como guardas que tinham de advertir a nação sobre o seu pecado e a aproximação do julgamento (Jr 6.17; Ez 3.17-19; 33.2-9). Mesmo assim, os guardas do versículo 6 não são postos sobre os muros de Jerusalém principalmente para avisar da aproximação do perigo, mas, antes, para agir como intercessores pela cidade (cp. Sl 122.6,7).

62.8,9 A esperança incontestável do profeta e todos os que creem é que Deus faz uma promessa referente ao destino do seu povo; pois **Jurou o SENHOR pela sua mão direita e pelo braço da sua força** (v. 8; veja os comentários em 51.9-16). Em relação à promessa original de Deus feita

para Abraão, Hebreus 6.13 explica: "Porque, quando Deus fez a promessa a Abraão, como não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por si mesmo". O outro fato tranquilizador referente às promessas de Deus "é impossível que Deus minta" (v. 18; Nm 23.19; Is 14.24). Deus prometeu pela sua própria força que haveria um tempo em que o Sião não sofreria mais as maldições da desobediência, incluindo ter o produto das mãos do povo consumido pelos seus inimigos (Lv 26.16; Dt 8.30-33,39; Is 1.7; Jr 5.17; Am 5.11). Ao contrário, o povo de Sião **ajuntar[ia]** o seu grão e **beber[ia]** o seu vinho com louvor diante do Senhor (Is 62.9; veja os comentários em 65.21-23).

62.10-12 Como em Isaías 57.14, veio o chamado para preparar um caminho para o povo. A menção à **bandeira** (62.10) conecta a passagem a Isaías 49.22; em que o Senhor prometeu a Sião que iniciaria a volta do seu povo levantando a sua "bandeira para os povos" (NVI). Sião foi informado: **eis que a tua salvação vem; eis que com ele vem o seu galardão** [heb. ***sakar***, "salário, compensação"]**, e a sua obra, diante dele** (62.11; cp. 40.10; Gn 15.1).

GALARDÃO *(heb.* ***pe'ullah****, "trabalho, salário") ocorre catorze vezes no Antigo Testamento. A palavra ou se refere ao trabalho feito (2Cr 15.7; Sl 17.4; 28.5; Pv 10.16; 11.18; Is 61.8; 65.7; Jr 31.16) ou ao salário pago pelo trabalho (Lv 19.13; Sl 109.20; Ez 29.20). Às vezes, é difícil discernir a nuança do sentido (Is 40.10; 49.4; 62.11).* ***Pe'ullah****, em seis das suas ocorrências, aparece com as formas da raiz* ***sakar****, muitas vezes, em linhas paralelas (Lv 19.13; 2Cr 15.7; Pv 11.18; Is 40.10; 62.11; Jr 31.16). Talvez nesses casos os dois sentidos sejam pretendidos e expressos por meio de dois sinônimos, cada um representando uma das nuanças.*

A "salvação" é identificada com o Senhor, o único responsável pela libertação do povo (Is 62.11). Como foi profetizado na passagem paralela encontrada em Isaías 40.9,10, o próprio Senhor está vindo até o povo. O resultado da obra salvífica do Salvador e a recompensa por essa obra foram a alma do povo redimido. Essas pessoas seriam chamadas **povo santo, os remidos do SENHOR** (62.12). Essa designação especial invoca o pano de fundo da aliança do monte Sinai em que Deus disse ao povo que se lhe obedecessem e guardassem a sua aliança, ele iria torná-los "reino sacerdotal e povo santo" (Êx 19.6; veja os comentários em Is 61.6; 1Pe 2.9,10).

O povo santificado do Senhor habitaria a cidade de Sião transformada. O Senhor provê outros dois nomes para a futura cidade: **Procurada** (muitas vezes traduzido por "buscada" na forma participial passiva hebraica de

darash, "procurar") e **Cidade não desamparada** (Is 62.12). Esses nomes enfatizam a reversão final do estado da cidade, indicada pelos nomes anteriores mencionados no versículo 4: "Desamparada" e "Assolada" (cp. Jr 30.17). Isso, em certa medida, aplica-se aos cativos restaurados da Babilônia; no entanto, essa restauração em escala menor serve como um tipo para a futura volta do Senhor, que traria os redimidos de Israel e de todas as nações para habitar na cidade antes assolada (Is 40.9,10; 49.18-23; 59.15b-21; Ap 22.12).

A Vingança do Senhor (63.1-6)

63.1-6 Ao longo do livro de Isaías, a imagem da salvação para o remanescente é entretecida com a imagem da vingança de Deus (1.24-28; 34.8; 35.4; 59.17-18; 61.1-3). A salvação só é possível quando a ira é derramada sobre o pecado. Os capítulos 60—62 expuseram principalmente a salvação com apenas um indício do julgamento resultante (60.12,14). Isaías 63.1-6 provê uma percepção da natureza da vingança que acompanha a salvação de Sião. **Edom**, uma nação cujo povo descende de Esaú, ficava a sudeste de Judá, e os estudiosos sugerem que a nação fora representativa de todas as outras nações que desdenham a regra e o governo do Senhor e do seu povo (Gn 25.24,30-34; veja os comentários em Is 34.5-10). Em Isaías 34.5-10, o Senhor profetizou em relação à destruição de Edom como parte do seu julgamento maior contra todas as nações, evento esse que acompanhava a salvação do remanescente (Is 34.1-5; 35.4).

Isaías apresenta a imagem vívida do majestoso Senhor Deus vestido **com as roupas tingidas de vermelho** (NVI), vindo de **Bozra**, importante cidade de Edom (heb. ***'edom***, "vermelho"). A metáfora de pisar uvas no **lagar** é usada para descrever o julgamento sobre as nações. O lagar consistia de uma superfície plana simples, em geral pedra lavrada ou uma construção de pedras cimentadas sobre as quais as uvas maduras eram esmagadas, fazendo com que o suco fluísse por um canal para os recipientes à espera. A prática de pisar um lagar exigia, literalmente, que a pessoa pisasse as uvas, destruindo-as no processo e colorindo tudo em contato com o suco.

Deus, usando essa imagem, mostrou vividamente a Isaías como ele **sozinho** derramaria, por fim, a sua **ira** e **fúria** contra as nações. *O Senhor tinha "o dia da* ***VINGANÇA*** *[heb.* ***naqam*** *"corrigir um erro, executar uma punição*

justa e correta", v. 4] [...] no [s]eu coração". A Escritura insiste que a vingança pertence ao Senhor (Dt 32.35). Deus, na maioria das passagens com o substantivo, traz a vingança contra vários ofensores desde a própria Israel até as nações pagãs (Lv 26.25; Dt 32.41,43; Sl 58.10; Mc 5.15). O substantivo ***naqam*** *é usado seis vezes em Isaías (34.8; 35.4; 47.3; 59.17; 61.2; 63.4), e a forma verbal aparece apenas uma vez (1.24). Deus, em todos os casos em Isaías, está se vingando. Cada referência à palavra em Isaías, exceto para o uso em 1.24, lida com vingança sobre os inimigos de Israel, um acompanhamento frequente da salvação do remanescente.*

Embora haja momentos ao longo da história em que Deus derrama a sua ira sobre as nações, incluindo Edom, essa passagem é muitas vezes entendida como tendo o seu cumprimento derradeiro no derramamento final da ira de Deus sobre os povos hostis e rebeldes dos últimos dias (Lc 21.20-28,36; Ap 14.14-20). O apóstolo João indica especificamente Jesus usando "uma veste salpicada de sangue [...] [e] pisa[ndo] o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso" (Ap 19.11-16).

Em conexão com o "dia da vingança", o **ano dos [...] remidos** (heb. ***ga'al***, Is 63.4; veja o estudo da palavra, 35.9) do Senhor **é chegado**. Os estudiosos afirmam que o "ano dos meus remidos" está ligado com o "ano aceitável do SENHOR" (veja os comentários em 61.1,2). Só o Senhor executa vingança e redenção, e o **[s]eu braço [lh]e trouxe a salvação** (63.5; veja o estudo da palavra em 53.1).

A Lembrança e o Arrependimento (63.7—64.12)

63.7-14 Isaías, após prever vividamente a vingança por vir de Deus sobre as nações, coloca um hino relatando as interações fiéis e misericordiosas de Deus com Israel. Esse hino de louvor combina-se com um lamento referente à condição de Israel e culmina com uma confissão de pecado e oração pela misericórdia de Deus. O hino começa salientando diversos pontos.

- *Os atos de Deus com Israel procedem da sua* ***grande bondade*** (heb. ***chesed***; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) *e* ***misericórdias*** (heb. ***racham***, Is 63.7; veja o estudo da palavra, Êx 33.19). O versículo em hebraico começa assim: "O amor fiel do Senhor tornarei conhecido ", o qual, pela posição da palavra, enfatiza o "amor fiel". A palavra ***chesed*** começa e termina o versículo 7; essa palavra é central para o versículo como é fundamental para a relação de Deus com Israel. Deus, ao longo da

história de Israel, fez coisas maravilhosas para a nação não porque ela merecesse, mas porque a amava com um compromisso firme (Jr 31.3).

- *Deus escolheu Israel* (Is 63.7,8). Deus, por meio da sua aliança, estabeleceu Israel como o seu **povo** e **filhos que não mentirão** (Lv 26.12; Dt 29.13). O Senhor foi fiel com a sua aliança e desejava que o povo permanecesse fiel a Ele. Deus, com certeza, sabia que os israelitas rejeitariam a sua aliança (Is 30.9; 48.8). Deus é onisciente, e nada é escondido dEle — passado, presente ou futuro. **Ele**, da sua compaixão divina, **foi seu Salvador** (63.8). Os estudiosos observam esse versículo, e os versículos seguintes referem-se à libertação de Israel do Egito provida por Deus.
- *Deus redimiu Israel* (v. 9). **O Anjo da sua presença** (heb. ***panim***, "face") refere-se à manifestação física da presença de Deus (v. 9; Êx 33.14). Conhecido em outras passagens como o Anjo do Senhor (Gn 16.7-13; Êx 3.2; Nm 22.22-35; Jz 2.1-5; 6.21,22; 13.3-22); "o Anjo de Deus" (Êx 14.19; Jz 6.20); ou "príncipe do exército do SENHOR" (Js 5.13-15); "um Anjo"/"Meu Anjo" (Êx 23.20-23; 32.34; Nm 20.16); e "apareceu-lhe o SENHOR" no Antigo Testamento (Gn 18.1). "O anjo do SENHOR" é identificado pelos comentaristas como a manifestação do Cristo, segunda pessoa da Trindade, pré-encarnado (veja os comentários em Is 9.6). Mais uma vez, essa referência parece relacionar a presença e a redenção de Deus durante o êxodo, que apenas prefigura a redenção maior por vir por intermédio da expiação de Cristo. Eles foram redimidos apenas por causa do seu **amor** e **compaixão**.
- *Israel rebelou-se* (63.10). O povo, embora tenha visto a libertação de Deus, ainda se rebelou e **contristaram** [heb. ***'atsav***, "atormentar, irritar"] **o seu Espírito Santo** (Sl 78.40-42; Ef 4.30). A expressão exata "Espírito Santo" é rara no Antigo Testamento, ocorrendo apenas duas vezes aqui em Isaías 63.10,11 e em Salmos 51.11. Com essa referência à terceira pessoa da Trindade, a essência toda do único Deus manifestada nas três pessoas é mencionada nessa passagem (veja os comentários em Is 48.16). A rebelião começou no deserto e continuou ao longo da história deles na terra (e.g., Êx 16.4,20,27,28).
- *Deus **se lhes tornou em inimigo*** (Is 63.10; 1.24; Lv 26.14-39; Dt 32.23-25; Jr 30.14,15). Os israelitas, mesmo no deserto, experimentaram a ira de Deus quando se rebelaram (Êx 32.35; Nm 16.30-35,45-48; 21.6,7). Eles, sempre que se rebelavam contra Deus, colocavam-se em oposição a Deus

e alinhados para o cumprimento das maldições da aliança. Deus **pelejou contra eles** (Sl 78.17-64; 106.7-48).

- *Ele* ***se lembrou dos dias da antiguidade*** (Is 63.11-14). Alguns estudiosos traduzem o pronome singular masculino por "ele" ou "eles" com o sentido de referir-se ao coletivo de Israel. Os dias lembrados eram do êxodo original do Egito quando Deus **os fez passar através do mar, com o pastor do seu rebanho** (NVI, Êx 14.15-31). Moisés e Arão eram frequentemente identificados como tendo conduzido o povo para fora do Egito e através do deserto (e.g., Êx 4.14,15,29; 5.4; 6.13,27; Nm 20.10; 26.64; 33.1; Js 24.5; Sl 77.20; 105.26; 106.16; Mc 6.4). Mais tarde, Josué foi mencionado no contexto de pastorear o povo (Nm 27.17,18). O Senhor é o primeiro e principal pastor (Gn 49.24; Sl 23.1; 78.52; 80.1; Is 40.11; Jr 31.10). Talvez a menção ao Espírito Santo em meio ao rebanho refira-se à ocasião em que o Espírito desceu sobre os setenta anciãos (Nm 11.16-17,25-26); embora outros na congregação também sejam descritos como tendo o Espírito (Êx 31.2,3; 35.30,31; Nm 27.18). Neemias também registrou que o Espírito instruiu-os no deserto (Ne 9.20). Os israelitas, pelo **braço glorioso** de Deus, foram libertados através do mar Vermelho, e o **Espírito do Senhor lhes deu descanso** (Is 63.14; Êx 33.14). O descanso está conectado à posse vitoriosa da terra de Israel depois do período de errância (Dt 3.20; 12.9,10; 25.19; Js 1.13,15; 22.4).

As perguntas feitas em Isaías 63.11 trazem à mente o poder de Deus demonstrado em favor do povo no passado. Isaías e, mais tarde, as pessoas da futura conquista e exílio babilônios questionam por que Deus não interveio em favor deles da mesma forma como fez no passado. A resposta baseia-se na infidelidade do povo à aliança. Por causa do pecado deles, veio um tempo em que Deus escondeu o seu semblante de Israel. Eles sentiram muito essa ausência durante o período de disciplina. A memória das obras maravilhosas de Deus no passado contrastava de forma contundente com a realidade da destruição de Jerusalém e do exílio.

63.15-19 Isaías conhece as falhas da sua nação em seguir Deus e sabe que o julgamento futuro seria merecido como o fora no passado; contudo, ele, com intercessão sincera, roga a Deus pela sua misericórdia. O profeta lamenta: **Onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas?** (v. 15). Da perspectiva do profeta, durante um período, a **ternura** e as

misericórdias do Senhor foram **det[idas]** (v. 15). No entanto, Isaías acredita no compromisso fiel de Deus com os seus filhos. Isaías registra que, embora Sião se sentisse abandonada, Deus prometera que mesmo que uma mulher pudesse esquecer-se de alimentar o seu filho, Ele não se esqueceria de Sião (49.14,15).

Isaías, embora fique claro que entendia que o Senhor continuava a amar Israel e permanecia o seu Redentor, ainda o seu chamado difícil. O Senhor chamara-o a testemunhar para um povo que não ouviria, e Isaías fora informado de que a sua mensagem até mesmo endureceria o coração deles (veja os comentários em 6.9-13). Isaías pergunta: **Por que, ó SENHOR, nos fazes desviar dos teus caminhos?** (63.17). Deus endureceu o coração do povo, mas o povo era responsável pelos seus próprios atos. Quando o povo, inicialmente, endureceu o coração contra Deus, a situação chegou a um ponto que o Senhor abandonou-os por causa da sua rebelião e endureceu mais o coração deles a ponto de o arrependimento ser ainda menos provável. Isaías intercedeu pelos futuros exilados. Pediu a Deus que fizesse **voltar** o povo de Israel por causa dos seus **servos**, os que oram de forma fervorosa pela restauração de Jerusalém (63.17; 62.1,6,7). A "volt[a]" pela qual Isaías orou podia ter incluído uma volta espiritual na forma de arrependimento e uma volta física do exílio para a terra.

Isaías também lamentou o fato de os **nossos adversários pisaram o teu santuário** (63.18; 64.11). Essa perspectiva em relação ao estado do Templo causa muita discussão sobre a época real da profecia dada originalmente. Isaías ministrou por volta de 740 a 681 a.C. O Templo foi destruído e queimado pelos babilônios por volta de 586 a.C. (2Rs 22.8,9; Jr 52.12,13). Há fortes motivos para aceitar que o livro todo foi escrito pelo mesmo profeta do século VIII a.C. (veja a seção "Autor" na Introdução). É, portanto, necessário levantar a questão em relação a como Isaías, não tendo vivido mais tarde que o século VIII a.C., poderia discutir os eventos em um tempo posterior na história com tanta clareza e agudeza.

Passagens como essa têm incitado alguns a atribuir essa seção a um autor que viveu durante ou depois do exílio. Não obstante, outros estudiosos afirmam que o caráter de revelação profética permite que mais detalhes sejam expressos por um profeta usando o tempo verbal no passado. O profeta, sob a inspiração do Espírito Santo, testemunha dos eventos futuros tão vividamente e com tal confiança em relação à revelação de Deus que trata os eventos com uma certeza como se já tivessem acontecido.

64.1-7 Isaías continuou o seu lamento suplicante ao Senhor refletindo mais uma vez sobre a grandiosidade da revelação de Deus no passado e as suas obras poderosas. O profeta ansiava por Deus **desce[r]** e exercer o seu poder em favor de Israel para que os inimigos de Deus fossem repreendidos e **tremessem** na **presença** dEle (v. 2). A referência à descida de Deus junto com a referência ao trepidar dos montes e do fogo é um lembrete do encontro de Deus com Israel no monte Sinai (Êx 19.16-20; 20.18-21). Deus, nesse ponto crucial da história de Israel, revelou o seu poder de uma forma muito pessoal para os filhos de Israel. Iavé manifestou-se por intermédio do Anjo do Senhor, por meio do fogo e da nuvem que guiou Israel ao longo da sua errância e por intermédio de fumaça e chamas no monte Sinai. Ele também mostrou a sua presença pelas **coisas terríveis** que fez (Is 64.3). Isaías afirma mais uma vez que Deus é único: **nem com os olhos se viu um Deus além de ti, que trabalhe para aquele que nele espera** (v. 4; Dt 32.39; Is 45.5,6,14,18,21; 46.9; veja também 1Co 2.9).

Deus aceita **[a]quele que se alegrava e praticava justiça** (Is 64.5). Isaías, representando o seu povo, reconhece e confessa totalmente que **pecamos** (v. 5; Ec 7.20). Esse desvio do caminho de Deus aplica-se a todos. Isaías observa que **todos nós somos como o imundo** (Is 64.6; Sl 51.5; Pv 20.9). *O profeta reconhece que os melhores atos deles eram "como trapo da* ***IMUNDÍCIA*** *[heb.* ***'iddah****, "menstruação"], rejeitando assim qualquer possibilidade de serem aceitos por Deus. As peças de roupa ou roupa de baixo usadas por uma mulher menstruada seriam tratadas como impuras, tanto no sentido de estar permanentemente poluída (não importa o quanto fossem lavadas, elas não eram adequadas para qualquer outro uso) quanto no sentido de impureza ritual (veja Lv 15.19-33). A comparação do "melhor" em uma categoria com a imagem concreta do "pior" em outra torna inequívoca a situação desesperadora do pecador — não há esperança de alcançar o padrão de Deus de justiça perfeita (cp. Sl 14.1-3; Rm 3.10-12). A verdadeira justiça vem só de Deus (veja os comentários em Is 54.17; Ef 4.24; Fp 3.9).*

Uma segunda metáfora vívida compara a suscetibilidade do povo à tentação com a falta de resistência da **folha** seca quando o **vento** sopra (Is 64.6). A imagem apresentada por Isaías é de total depravação, de completa escravidão ao pecado. Ele reconhece que **ninguém há que invoque o teu nome, que desperte e te detenha** (64.7). Paulo também enfatiza a pecaminosidade de todos os judeus e gentios (cp. Rm 3.9-24; Sl 14.1-3; 53.1-3).

64.8-12 Isaías declara mais uma vez: **tu és o nosso Pai** (v. 8; 63.16). Deus era aquEle que produzira Israel como nação. Ele modelou-os como o oleiro molda a argila (29.16; 45.9; Jr 18.5-10; Rm 9.20-24). Isaías, com base nessa relação e dependente do amor fiel de Deus, implora ao Senhor para não **[s]e enfure[cer] tanto [...] nem perpetuamente [s]e lembr[ar] da iniquidade** deles (Is 64.9; Êx 34.6,7; Dt 4.27-31; 1Rs 8.46-50; 2Cr 6.36-39).

Isaías descreve a situação gerada pelo julgamento de Deus sobre a nação com termos vigorosos. O profeta observa que as **santas cidades estão feitas um deserto** (Is 64.10). Nem mesmo a capital Jerusalém foi poupada; ela também é descrita como **assolada** (v. 10). Ainda mais devastadora é a descrição do Templo salomônico. O profeta lamenta que o **Templo** [NVI, heb. ***bayit***, literalmente, "casa"; veja o estudo da palavra, 2Sm 7.1,2] **[...] foi destruído pelo fogo** (NVI, Is 64.11; veja os comentários em 63.18). O profeta, prevendo a devastação e a ruína que se operariam em Jerusalém e no Templo, pergunta lastimosamente a Deus se, **depois disso tudo** (NVI), ele continuaria a **conter[-se]** (64.12). Deus, ao ficar **calado** e permitir que os inimigos devastassem a nação, **afligiri[a]** a nação e permitiria que Israel sofresse a justa punição pelas suas transgressões (v. 12). Isaías ansiava por Deus intervir e realizar a prometida redenção do seu povo.

A Disciplina e a Redenção de um Remanescente (65.1-25)

Isaías confessara os pecados do seu povo e intercedera por eles diante de Deus (63.15—64.12). Isaías, prevendo a situação desesperadora do povo após a destruição de Jerusalém, precisa de garantia, bem como o povo, de que Deus teria misericórdia e que os restauraria. Nos capítulos 65—66, o Senhor dá uma resposta que eleva a perspectiva de Isaías além do destino relativamente próximo de Israel e inclui promessas em relação a culminação final dos planos de Deus para todo o povo, fiel e infiel.

65.1-7 A resposta de Deus para a oração de Isaías começa com a sua afirmação de uma nova obra que o Senhor faria entre as nações. Essa nova obra, como o chamado de Deus para Israel ser o seu povo, é baseada na ação graciosa de Deus de chamar **aqueles que me não buscavam** (v. 1). O Senhor indica que se revelaria **a um povo que se não chamava do**

meu nome (v. 1; 1Pe 2.9,10). No Antigo Testamento, a maioria das passagens com essa mesma expressão, "chamados pelo meu nome", diz respeito ao Templo, ao povo de Israel e a Jerusalém (2Cr 7.14; Is 43.3-7; Jr 7.10-14,30; 25.29; 32.34; 34.15). Paulo cita Isaías 65.1,2 no contexto das nações gentias, a quem Deus chamaria para a salvação a fim de "faze[r] que tenham ciúmes" (NVI, Rm 10.19-21; 11.11). Amós 9.12 é a única passagem no Antigo Testamento com essa expressão em relação aos gentios (veja Is 56.3-8; 60.3; At 15.14-19; Rm 9.30,31).

O Senhor, repetindo o tema iniciado nos primeiros versículos do livro de Isaías, mais uma vez trata Israel como um **povo rebelde** (Is 65.2; cp. 1.2-5). Os pecados salientados pelo Senhor giram em torno da adoração imprópria e hipocrisia. **Sacrifica[r] em jardins** e **queima[r] incenso sobre tijolos** eram formas ilegítimas de adorar Iavé, mesmo que as pessoas afirmassem estar adorando apenas o Deus de Israel. Os sacrifícios, uma vez que o Templo de Salomão foi construído, tinham de ser feitos apenas no Templo (Dt 12.2-5,11-14; 1Rs 8.29; 9.3), e os altares só podiam ser feitos de terra ou pedra bruta (Êx 20.24,25; Dt 27.5,6). Além disso, as práticas religiosas em jardins eram com frequência pagãs e equivalia a idolatria flagrante (veja os comentários em Is 1.29; 65.11,12).

Os estudiosos sustentam que a frase **assentando-se junto às sepulturas** é uma referência à prática pagã de consultar os mortos em relação ao futuro (v. 4; veja os comentários em 8.19; 28.15; e também os comentários em 57.9; Dt 18.10-12). A menção a comer **carne de porco** e **coisas abomináveis** refere-se a práticas pagãs (Is 65.4). Além disso, até os próprios alimentos eram proibidos pela lei (Lv 11.7,8). O próprio povo "santifica[do]" e "purifica[do]" participa dessas práticas ímpias (Is 66.17). Eles, das profundezas do autoengano, hipocritamente se veem como **mais santo[s]** que os outros, não vendo a corrupção em si mesmos (65.5). Essas ações inflamam a justa ira do Deus santo de Israel.

Isaías terminou a sua oração no capítulo 64 com a pergunta: "Ficarias calado, e nos afligirias tanto?" (64.12). A resposta de Deus foi: Não, ele **não [s]e calar[ia]; mas** ele **lhes dar[ia] plena e total retribui[ção]** (NVI, heb. ***shalam***, 65.6; veja 59.18; cp. Dt 32.35,41). O povo infiel de Israel comportava-se como inimigo de Deus; eles seriam julgados e punidos de acordo com as **suas obras** [heb. ***pe'ullah***, veja o estudo da palavra, Is 62.11] **antigas**. Deus retém o julgamento por um tempo, mas Israel, por fim, experimentaria completamente a severidade de todas as maldições

vindas como resultado da desobediência da aliança. O Senhor não reteria mais o julgamento.

65.8-12 O Senhor, apesar de que julgaria a nação de Israel, não cortaria completamente os descendentes de Jacó (1.9; 48.9; Jr 30.11; Am 9.8-10). Haveria uma diferença perceptível entre as consequências finais para o remanescente fiel e para o povo desobediente de Israel. As uvas e vinhas eram tradicionalmente identificadas de forma estreita com a terra de Israel (Nm 13.23; Is 3.14; 5.1-7; veja os comentários em 27.2-6; Jr 12.10). Nessa passagem, o Senhor usa a comparação de **uvas** com **algo bom** (NVI, heb. ***berakah***, "bênção", Is 65.8) para representar o remanescente de Israel que seria poupado da destruição. A palavra para "bênção" é a mesma usada na promessa original de Deus para "abençoar" a Abraão em Gênesis 12.2,3 (também Gn 28.4), a mesma "bênção" determinada por Deus em Deuteronômio para os que lhe obedecessem (Dt 11.26,27).

O Senhor observou que pouparia um cacho de uvas por causa dos meus servos (heb. ***'eved***, figurativamente, "aquele que adora a Deus"). A forma plural masculina de ***'eved*** sugere que o remanescente de Israel está em vista, e não o "servo, o justo" de Isaías 53.11 e passagens relacionadas. O remanescente, em um patamar, foi poupado para que a promessa de Deus para Abraão fosse mantida; em outro patamar, os servos colheriam as promessas associadas com as bênçãos por obediência encontradas em Deuteronômio porque **buscar[am]** ao Senhor (65.10).

Os estudiosos discordam quanto à identidade dos **meus eleitos** (heb. ***bachir***, "eleito, selecionado", v. 9; cp. vv. 15,22; 43.20; 1Cr 16.13; Sl 105.43) e dos **meus servos** (Is 65.8,9). Alguns argumentam que a passagem apenas discute a redenção do exílio dos descendentes biológicos de Jacó. Veriam o principal sentido da passagem como cumprido com a restauração do povo à terra após serem libertados da Babilônia. Outros sustentavam que a passagem, em um sentido adicional, refere-se aos descendentes físicos de Jacó e aos mencionados no versículo 1 que também "busca[ram]" e "acha[ram]" o Senhor (veja nota em 14.1,2).

A expressão "meus servos", em vista do escopo expandido apresentado em Isaías 65.17-25, em última análise, pode referir-se aos judeus e aos gentios redimidos ou apenas aos descendentes de Abraão que se tornam uma parte do corpo maior do povo redimido. Esses servos experimentariam a bênção e a herança da Terra Prometida originalmente de **Sarom** (estendendo-se a norte e a oeste do Carmelo a Jope) ao **vale de Acor**,

estendendo-se a sudeste até as cercanias de Jericó, a norte de Jerusalém (v. 10; Ez 47.21-23). Os estudiosos sugerem que a menção a Sarom e Acor representa a terra toda.

Os que rejeitam Deus teriam um destino totalmente diferente. O Senhor condena especificamente **aqueles que prepara[m] uma mesa para a Fortuna e que mistura[m] vinho para o Destino** (heb. ***meni***, "Meni, deus do destino ou da boa fortuna; a palavra aparece relacionada com o verbo ***manah*** "contar, numerar, designar", Is 65.11). As culturas do Antigo Oriente Próximo tinham a concepção de que alimentar os deuses iria mantê-los felizes, e isso os manipularia a responder aos seus pedidos de formas favoráveis. As refeições sacrificiais eram muitas vezes dispostas diante dos deuses. A amarga ironia disso seria que Deus, o Rei soberano, **destinar[ia]** (heb. ***manah***, "contar, numerar, designar") aqueles que seguiam práticas pagãs a **se dobra[r] para a degola** (NVI, v. 12). A penalidade seria a morte porque Deus **cham[ou-os]**, mas eles **não responde[ram]** e **fizer[am] o que é mal** diante do Senhor (v. 12).

65.13-16 A expressão **pelo que** (heb. ***lakēn***, v. 13; cp. Am 4.12) liga a situação retratada nos versículos 8-12 ao julgamento expandido pronunciado nos versículos 13-16. O Senhor, usando uma série de opostos, contrasta o destino final dos seus servos com o destino daqueles que rejeitaram o seu chamado (v. 12). Os **que abandonam o SENHOR** (NVI, v. 11; cp. 1.4,28) **deixarão seu nome como uma maldição** [NVI, heb. ***shebu'ah***, "juramento" pelo qual alguém denuncia ou chama o mal sobre outro; cp. Dn 9.11] **para os [s]eus escolhidos** (NVI, Is 65.9,15,22; cp. 13.13; 44.1-2; 45.4; 1Cr 16.13; Sl 105.6). O Senhor, em particular no livro de Isaías, enfatiza que chamou Israel pelo nome — ou seja, eles pertencem a Ele (Is 43.1; 48.1,2; cp. 56.3-5); além disso, Israel é chamada pelo nome dEle (63.19; 43.6,7; cp. 4.1; 65.1; Jr 14.9). Os que deliberadamente rejeitam o Senhor são descritos como não só se recusando a ser chamados pelo nome dEle, como também denunciando aqueles que abraçam a sua identidade como "escolhidos" de Deus. Contudo, os servos fiéis herdariam todas as bênçãos originais pretendidas por Deus para o seu povo escolhido: prosperidade, alegria, renovação e bênção.

O Senhor também **a seus servos** [Is 65.8,9,13-14] **chamará por outro nome** (v. 15; cp. 56.5; veja os comentários em 61.2 e 65.1), possivelmente antecipando o reinado messiânico (cp. a aplicação do nome de Deus aos cristãos em Ap 2.17; 3.12; 22.4). Os desobedientes e rebeldes,

em contrapartida, enfrentariam privação, miséria e morte (Dt 28.47,48). Isaías, com clareza direta, escreve em relação aos rebeldes: **o Senhor** Jeová **vos matará** (Is 65.15; Ap 20.12-15).

O injusto não mais pareceria próspero (Ec 7.15; Mt 5.45), pois **aquele que se bendisser na terra será bendito no Deus da verdade** (heb. ***'amēn***, "verdadeiramente, amém"; Is 65.16; 2Co 1.20; Ap 3.14). Além disso, os habitantes deixados na terra seriam aqueles que **jurar[ão] pelo Deus da verdade**, uma expressão que transmite o compromisso do povo de Deus (Is 65.16). Da perspectiva divina, **já estão esquecidas as angústias passadas e [...] encobertas** (vv. 16,17). Os estudiosos sugerem que essa passagem encontra pelo menos um cumprimento parcial no julgamento sobre a nação de Israel na época da conquista e exílio babilônicos e volta para a terra. Os comentaristas também apontam como a passagem seguinte indica que há um aspecto futuro não cumprido das promessas de Deus.

65.17-25 No início de Isaías, Deus chama os céus e a terra como as suas testemunhas do comportamento infiel de Israel (veja os comentários em 1.2). No entanto, em Isaías 65.17-25, Deus revela o seu plano de **cri[ar]** [heb. ***bara'***; veja o estudo da palavra, Gn 1.1] **céus novos e nova terra** (veja Gn 1.1; 2.4; Is 66.22). O verbo ***bara'*** aponta de volta para a criação original ao mesmo tempo que aponta para frente para a esperança futura de um mundo redimido. O mesmo vocabulário é repetido em relação ao fim dessa era no Novo Testamento (2Pe 3.10-13; Ap 20.11; 21.1-4). Isaías 65.17-25 descreve mais a nova realidade mencionada nos versículos 13-16. Há várias verdades essenciais referentes ao tempo da bênção futura:

- **Não haverá lembrança das coisas passadas** (Is 65.17; cp. 43.18,19). Os exilados que voltaram foram lembrados uma e outra vez do passado para que não repetissem o mesmo erro (Ne 9.6-37; 13.17,18,25-27). O Senhor, na nova ordem, criaria de novo; a memória de eventos passados seriam esquecidas, incluindo os fracassos, os sofrimentos e os tormentos passados; tudo seria novo (Ap 21.5).
- **Nunca mais se ouvirá nela** [Jerusalém] **voz de choro** (Is 65.19). Os cativos que voltaram para Jerusalém após o exílio continuaram a experimentar pesar, tristeza e desânimo (Ed 3.12; 10.1; Ne 8.9). O povo de Jerusalém, com certeza, chora e clama desde que essa promessa foi feita em Isaías. Hoje, o povo ainda permanece diante do muro do antigo

complexo do Templo e chora diante de Deus. O livro de Apocalipse repete a mesma promessa no contexto da criação de "um novo céu e uma nova terra" (Ap 21.1) na culminação dos eventos do mundo. Deus "limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas" (Ap 7.17; 21.4; cp. Is 25.8).

- A vida longa será de novo a norma (65.20). Antes do Dilúvio, era comum os homens chegarem aos 900 anos ou mais; depois do Dilúvio, o período de vida caiu de forma radical (Gn 5). No novo reino descrito em Isaías 65.20, os efeitos do pecado são revertidos; e a vida longa será a norma, de modo que morrer antes dos **cem anos** seria considerado morte prematura e indicaria pecado sob uma maldição. O conceito de vida longa na terra também enfatiza uma promessa da aliança para a fidelidade (Êx 23.25,26). Os estudiosos discordam quanto à época desse cumprimento. Alguns sugerem que o versículo não significa que a morte aconteceria literalmente durante esse tempo, mas que a morte é usada de forma figurativa para mostrar a condição abençoada de vida eterna na nova criação. De modo contrário, outros argumentam que esse versículo indica uma mudança de perspectiva de Isaías da criação final dos novos céus e da nova terra para uma explicação das características do milênio precedendo a destruição final de Satanás e da morte (Ap 20.4-6). O período do reino milenial de Cristo na terra leva aos eventos finais que acontecerão após o grande julgamento e antecipa-os (Is 25.7,8; Ap 20.11—21.5). A desobediência e a morte, ao longo do reino milenial, ainda serão possíveis. A morte será completamente destruída após o último julgamento e precedendo a criação dos novos céus e da nova terra (Ap 20.14).
- As bênçãos da aliança serão desfrutadas quando as maldições forem revertidas (Is 65.21-24). As pessoas **edificarão casas e *as* habitarão; plantarão vinhas e comerão** o seu fruto (v. 21), profecia que foi cumprida em parte quando os exilados que voltaram para a terra mais uma vez constroem casas e plantam vinhas na terra (Jr 32.15,37,41-44). No entanto, o povo lamentou, mesmo quando eles habitaram a terra de novo, porque o crescimento não era totalmente deles (Ne 9.36,37). Durante o milênio e na eternidade, as maldições da aliança vivenciadas antes terminariam (veja notas em Is 62.8,9). Em vez disso, eles finalmente experimentariam as bênçãos plenas descritas em Deuteronômio 28.4-12

(cp. Is 62.8,9; Jr 23.5,6; Ez 34.25-29; Mc 4.4). A vida deles **ser[ia] como os dias da árvore** no sentido tanto da existência prolongada quanto na imobilidade (Is 65.22); pois o povo seria plantado na terra e "não mais ser[ia] arrancad[o]" (Am 9.13-15). Além disso, eles, na reversão da maldição original e das maldições da aliança (Gn 3.17-22; Lv 26.16; Dt 28.30-33,38-41; Sl 78.33; Jr 15.6-9; 24.8-10), não mais **trabalharão debalde, nem terão filhos para a perturbação** (Is 65.23). O pecado não mais impedirá a comunicação com Deus (1.15; 59.1-3), pois, **antes que clamem**, o Senhor **responder[á]** (65.24; cp. 30.19; 58.9; Mt 6.8; 7.7,8; Jo 14.13,14; 16.23,24).

- A maldição será revertida no reino natural (Is 65.25). O instinto dos predadores será revertido, trazendo paz no reino da natureza (veja os comentários em 11.6-8). Embora o reino natural seja transformado, o pó permanece **a comida da serpente** (65.25; Gn 3.14).
- Haverá paz em **todo o [...] santo monte** do Senhor (Is 65.25; 11.9, Mc 4.3).

As realidades iniciadas no reino milenial para o povo de Deus serão levadas ao fim na criação dos novos céus e da nova terra. Todas as expectativas de redenção culminarão na promessa final do livro de Apocalipse: "Nunca mais haverá maldição" (Ap 22.3).

O Julgamento Final e o Estabelecimento da Adoração (66.1-24)

Esse capítulo final conclui a resposta do Senhor para Isaías e junta os principais temas iniciados no capítulo inicial e desenvolvidos ao longo do livro. Deus enfatiza a sua transcendência e detalha que tipo de pessoa aceitaria, em oposição aos que trataria como inimigos. Os dois temas de salvação para o remanescente e julgamento para os rebeldes são centrais para esse capítulo como o são para o livro todo.

66.1-6 Deus declara: **O céu é o meu trono, e a terra, o escabelo dos meus pés** (v. 1; Mt 5.34,35). A Arca e o Templo eram mencionados às vezes como o escabelo dos pés de Deus (1Cr 28.2; Sl 99.5; 132.7; veja os comentários em Is 60.13). Isaías lamentou a destruição do Templo, visto como o lugar em que Deus residia (63.18; 64.11). Contudo, o Senhor lembrou o seu povo da verdade expressa por Salomão na consagração do

Templo em Jerusalém: o Senhor é totalmente transcendente e não pode ser contido por qualquer estrutura feita pelo homem, embora condescendesse em encher o Templo de Jerusalém com a sua presença (1Rs 8.27; 9.3). O Senhor, repetindo o tema da criação encontrado ao longo de Isaías, observa: **minha mão fez todas estas coisas** (Is 66.2). Estêvão citou essa passagem no seu discurso para os judeus dizendo: "o Altíssimo não habita em Templos feitos por mãos de homens" (At 7.44-50).

Deus escolhe habitar no coração daqueles que aceitam o seu governo na sua vida por meio da submissão ao senhorio de Jesus para que se tornem "santuário do Deus vivo" (NVI, Rm 8.9-11; 2Co 6.16; Ef 3.14-19; 1Jo 4.12-16). O onipotente Senhor Deus, um dia, viverá no meio dos redimidos, e Ele será o "santuário" (Ap 7.15; 21.3,22).

Deus detalha claramente o tipo de pessoa que o agrada:

- O ***HUMILDE*** *(NVI,* ***'ani****, "pobre, afligido"; Is 66.2; 29.19; 61.1). O adjetivo* ***'ani*** *pode ser usado para descrever aqueles economicamente empobrecidos, aqueles oprimidos ou aqueles humildes. Nessa passagem, a palavra descreve uma pessoa que reconhece a sua própria necessidade profunda (Sl 25.16,18; 40.17; 70.5; 86.1; 109.22). Os humildes veem a si mesmos como dependentes da grande misericórdia de Deus e confiam nEle como o seu libertador (Is 41.17; Tg 4.8-10).*
- O ***ABATIDO DE ESPÍRITO*** *(heb.* ***nekēh-ruach****, "abatido" ou "quebrado de espírito"). O adjetivo dessa frase,* ***nekēh****, é usado apenas duas vezes no Antigo Testamento (2Sm 4.4; 9.3), transmitindo nos dois versículos a qualidade de quebrado em relação aos pés (i.e., deficiência física, manco) de Mefibosete. Uma expressão semelhante, "quebrantado de coração" (heb.* ***nik'ēh lēvav****) aparece em Salmos em paralelo com* ***'ani*** *(Sl 109.16). Em Isaías 66.2, a frase provavelmente expressa o sentido de ser quebrantado a respeito do estado espiritual de alguém. O quebrantamento em relação ao pecado precede o arrependimento (Jl 2.12,13; 2Co 7.9,10).*
- O **que treme** [heb. ***charēd***] **diante da minha palavra**. A palavra ***charēd*** é conectada com o conceito do temor real (Jz 7.3; 1Sm 4.13). Conforme o provérbio afirma de forma apropriada: "O temor do SENHOR é o princípio do saber" (ARA, Pv 1.7; 9.10; também Sl 111.10). O temor apropriado de Deus consiste de temor e reverência que afetam como o indivíduo trata as palavras e comandos divinos (Ed 9.4; 10.3; Is 66.25). As palavras de Deus não podem nunca ser tratadas com leviandade ou desconsideração. Aquele que ama a Deus tem de levar a sério todas as palavras divinas (Dt 6.2; 8.6; 10.12; 17.19; 28.58,59; 31.12).

Agradar a Deus exige sempre mais que a obediência cega ao ritual, demandando dependência interior dele, submissão ao seu senhorio e obediência à sua palavra. Em Isaías 66.3, o Senhor descreve os atos daqueles que se rebelaram contra Ele. Os estudiosos estão divididos quanto ao sentido exato da série de oito particípios. Alguns estudiosos, seguindo uma leitura encontrada em vários manuscritos antigos, incluindo o Grande Rolo de Isaías, a Septuaginta e a Vulgata, inserem palavras para mostrar a comparação entre as frases e interpretam os versículos que refletem a hipocrisia da religião ritualista de Israel na época de Isaías. A leitura do versículo com essa interpretação seria essa: "quem mata um boi é como o que tira a vida a um homem" (TB). Portanto, embora as pessoas seguissem os rituais externos sancionados por Deus, os seus atos eram ofensivos, totalmente improdutivos e iguais a atos pagãos de adoração por causa da falta de contrição interior deles (1.12-15,21-23).

Outros estudiosos mantêm a lista estrita das frases como encontradas no texto massorético e vê a série de verbos no particípio como uma acusação de sincretismo religioso. A TB segue essa tradução mais literal, trazendo: **quem mata um boi é como o que tira a vida a um homem** (66.3), leitura que indica que a pessoa segue os rituais prescritos por Deus ao mesmo tempo que participa de práticas pagãs (1.29; 2.6-8). A frase no particípio "o que tira a vida a um homem" é tomada como uma referência a matar em um contexto cultual, no sentido de sacrifício humano (veja notas em 57.5). Os cães e os porcos eram considerados impuros, e os comentaristas sugerem que as práticas mencionadas tinham a ver com rituais pagãos (Dt 14.8; Is 57.6; 65.4; 66.17).

A hipocrisia e o sincretismo são questões tratadas por Isaías ao longo do seu livro. O ponto é que o povo escolhia ativamente e deleitava-se nos seus próprios caminhos opostos aos caminhos de Deus. Uma vez que eles recusavam-se em demonstrar temor do Senhor obedecendo aos seus caminhos, Deus **escolher[á] um duro tratamento para eles** (NVI) e **far[á] vir sobre eles os seus temores** (Is 66.4). Isso, para a audiência inicial de Isaías, seria uma referência à derrota e ao exílio nas mãos dos seus inimigos (65.11,12). A grande tragédia em relação a esses israelitas rebeldes era que Deus chamara-os, só que **ninguém respondeu**. Eles rejeitaram obstinadamente a reivindicação de Deus sobre a vida deles e **fizeram *o que é* mal aos [s]eus olhos** (66.4).

Ao longo da história, aqueles que amam, de fato, o Senhor e tentam dar o lugar apropriado à palavra divina na sua vida são perseguidos e menosprezados pelas pessoas ao seu redor. Isaías recebeu zombaria por pregar a verdade de Deus para o povo (5.18,19; 28.9-22). Os estudiosos observam que os primeiros seguidores de Cristo também foram desprezados e rejeitados pelos seus próprios compatriotas (Mt 10.18,22; Jo 9.22,27-38; 12.42). Ainda há casos de cristãos que são perseguidos por causa da sua escolha de ser obedientes ao chamado do Senhor Deus e da sua crença nas promessas de Deus referentes à volta final e glorificação do Senhor Jesus. A promessa de Deus em Isaías era que Ele observa todos e traria o seu julgamento sobre toda carne. Quando todas as promessas de Deus referentes à sua glorificação e à **alegria** encontrada no coração dos seus fiéis for cumprida, aqueles que zombam dos seus fiéis **serão confundidos** (Is 66.5; cp. 61.1-3; 65.13,14).

Isaías prevê um tempo em que Jerusalém estaria em tumulto de guerra e seria destruída. Nesse caso, o Senhor **da[ria] a devida retribuição aos seus inimigos** (NVI, 66.6). A verdade dolorosa era que os israelitas impenitentes tinham de ser contados entre os inimigos do Senhor. Alguns estudiosos conectam o cumprimento dessa passagem com a destruição do Templo e de Jerusalém em 586 a.C. ou em 70 d.C. (Mt 24.1,2). Outros defendem que a passagem encontraria o seu cumprimento no julgamento, que o Senhor derramará nos últimos dias. A referência à "voz do Templo", a voz do Senhor, é um lembrete do julgamento final quando o Senhor "bramará de Sião e de Jerusalém dará a sua voz" (veja notas em Is 29.18-8; Jl 3.16,17; Ap 16.1,17).

66.7-11 A metáfora do nascimento de uma criança geralmente é usada para transmitir a dor e a dificuldade do parto (Sl 48.6; Is 13.8; 21.3,4; 26.17,18; 37.3; 42.14; Jr 4.31; 6.24; 13.21; 22.23; 30.6; 49.24; 50.43; Os 13.13; Mc 4.9-10; Jo 16.19-21; 1Ts 5.3; Ap 12.2,5). Nesse caso, o evento todo é surpreendente; o nascimento acontece antes do **parto** e das **dores** (Is 66.7). O evento descrito aconteceu de forma repentina e anormal. Esse nascimento não natural parece estar relacionado com os filhos inesperados dados a Sião depois do seu período de alienação (veja notas em 54.1; 60.4,9; 62.4,5; Gl 4.27).

Os estudiosos sugerem que o nascimento está relacionado com o nascimento de Cristo e/ou o começo de uma nova nação de judeus e gentios que creem e juntos constituiriam a nova descendência de Sião (Is

7.14; 49.21; 53.10; 54.1-3; Mc 5.3; Gl 3.28,29). Aqueles que faziam parte da nova nação que Deus levantara para si mesmo se **regozija[riam]** com a restauração de Jerusalém e seriam nutridos por todas as delícias da cidade (Is 66.10,11). A maioria dos comentaristas evangélicos concorda que a Jerusalém final é, mais uma vez, a nova Jerusalém dos últimos dias, a ser povoada pelos redimidos de todas as nações.

66.12-17 O motivo pelo qual o novo povo redimido de Deus ficaria satisfeito com Jerusalém é explicado (vv. 12-14). Esses versículos são similares a outros versículos ao longo de Isaías que falam da grande renovação de Sião (2.1-4; 14.1,2; 60.1-22). Deus observa que **estender[ia] sobre ela a paz, como um rio, e a glória das nações, como um ribeiro** (66.12). O Senhor comparou o seu cuidado pelo seu novo povo com a imagem de uma mãe que **consola seu filho** (NVI, Sf 3.16,17). O Senhor afirmou o seguinte: **eu os consolarei** (NVI, Is 66.13). No texto hebraico, há uma ênfase conectada com o pronome na primeira pessoa, e a sentença pode ser traduzida de forma mais literal por "assim eu, eu o consolarei". Deus e ninguém mais consolaria o povo. O foco no cumprimento do consolo introduzido de forma dramática em 40.1 é proeminente; a mesma raiz para a palavra "consolar" (heb. ***nacham***) é usada três vezes em 66.13.

Embora o povo fiel e redimido do senhor tivesse motivo para regozijar-se com a culminação do plano do Senhor, ao mesmo tempo **a mão do** Senhor **será notória aos seus servos, e ele se indignará contra os seus inimigos** (v. 14; cp. 35.4; Ap 11.15-18). Essa ira é reservada a todos que rejeitam a salvação provida por Jesus Cristo (Rm 1.16-18). Nesse dia, **é armado de fogo que o SENHOR entra** (TEB) para executar a sua ira contra os seus inimigos (Is 66.15; veja 29.6). Essa passagem tem uma clara semelhança com a visão de João da volta de Cristo quando este mataria as nações rebeldes com "uma aguda espada" (66.15; Ap 19.11-15,21). Quando o Senhor vem com julgamento, todos que participaram de adoração pagã **juntamente serão consumidos** (Is 66.17; veja notas em 65.3-8). Os mesmos temas levantados inicialmente em 1.27-31, referentes à salvação do povo de Deus, encontram a sua consumação simultaneamente com a destruição dos rebeldes em 66.14-17.

66.18-24 Essa passagem é difícil no texto hebraico, levantando várias tentativas de traduzir as palavras iniciais de uma forma expressiva. Não fica claro se **as suas obras e os seus pensamentos** tinham de ser

considerados de forma negativa ou positiva. O sentido básico afirma que o Senhor **ajuntar[á] todas as nações e línguas** para Ele, assim **virão e verão** a sua **glória** (v. 18; Jo 3.14,15; 12.32; 2.10,11). O termo **eles** (v. 19) parece referir-se aos povos reunidos das "nações e línguas". Alguns comentaristas indicam que o grupo reunido seria o dos redimidos dos judeus da Diáspora. Outros estudiosos sustentam que os redimidos são prosélitos ou gentios. Uma vez que "todas as nações e línguas" são mencionadas, talvez todos os redimidos estejam em vista, incluindo os judeus e gentios salvos.

Há também várias sugestões sobre o **sinal** mencionado (Is 66.19; cp. 11.12; 49.22). As percepções estão divididas entre os estudiosos que veem o tempo do sinal centrado na encarnação inicial de Cristo e aqueles que ligam o sinal a incidentes que ocorrem por volta da época do retorno de Cristo. Alguns relacionam o sinal mencionado nessa passagem com a referência ao nascimento de Emanuel em Isaías 7.14. Eles consideram que a vinda de Cristo e a totalidade da sua vida, incluindo todos os sinais que Ele deu, estão em vista aqui. Em Lucas 2.34,35, Simão declara que Jesus "está destinado [...] a ser um sinal [...] de modo que o pensamento de muitos corações será revelado". Esse vocabulário é impressionante na comparação com os versículos 18 e 19.

Outros comentaristas focam principalmente a cruz ou a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus como o sinal dado para as nações. No Novo Testamento, Jesus refere-se especificamente à sua morte, sepultamento e ressurreição como o "sinal" a ser dado para o povo (Mt 12.38-40; 16.1-4; Lc 11.29-32; Jo 2.18-22). Esses comentaristas veem a missão das pessoas salvas diretamente conectada com a propagação das Boas-Novas sobre Jesus a todos os habitantes da terra antes da Grande Tribulação (Mt 24.14; 28.19,20). Contudo, ainda outro grupo de estudiosos vê o sinal conectado ao sinal, ou sinais, que o Senhor faria na época da Tribulação (Mt 24.30,31).

*Os **SOBREVIVENTES** (NVI, heb. **palit**, "aquele que escapa pela fuga; refugiado"; cp. Nm 21.29) reunidos pelo Senhor seriam enviados "às nações" (Is 66.19). A palavra, ocorre dezenove vezes no Antigo Testamento, sendo usada de forma preponderante em referência àqueles que sobrevivem ou não a um conflito militar (Gn 14.13; Js 8.22; 2Rs 9.15) e também sendo usada com frequência especificamente em relação a um sobrevivente israelita ou um remanescente de israelitas (Ez 6.8,9; 24.26,27; 33.21,22). Às vezes, o destino dos "sobreviventes" de um conflito ainda é a*

morte (Jz 12.4-6; Am 9.1; Ob 14). A palavra aparece duas vezes em Isaías. Em Isaías 45.20, ela refere-se especificamente aos "fugitivos das nações" (NVI).

Os estudiosos que consideram a primeira vinda de Cristo como o sinal do versículo 19 identificam os sobreviventes como aqueles das nações que foram salvos do prospecto de julgamento, quer judeus, quer gentios, quer prosélitos. Por sua vez, os estudiosos que consideram a volta como o tempo geral do sinal, muitas vezes, veem os sobreviventes como sobreviventes literais dos julgamentos que Deus derramaria sobre o mundo durante a tribulação. Alguns comentaristas que defendem essa percepção identificam ainda mais esses sobreviventes com os homens salvos e selados de Israel que propagariam o evangelho durante o período que conduz ao retorno de Jesus (Ap 7.3-8; 14.1,3,4).

Os descendentes de cada filho de Noé são representados na lista daqueles que deveriam ouvir a glória de Deus (Gn 10.1-5). Entende-se muitas vezes que **Társis** (filho de Javã e neto de Jafé) refere-se à Espanha, o ponto mais distante conhecido para Isaías, que representa as partes mais remotas da terra (Is 66.19; Gn 10.4; veja os comentários em 23.1). **Pul** era filho de Cam e também se referia a uma nação africana ocidental identificada como Líbia. **Lude** era um descendente de Sem, e a terra era identificada como um país da África ou, possivelmente, Lídia (Is 66.19). Há discordância entre os manuscritos em relação a se Pute ou um país desconhecido chamado Pul seria referenciado. O texto massorético designa Pul. Contudo, todas as outras nações mencionadas estão enumeradas na genealogia dos descendentes de Noé. Alguns estudiosos — com base nisso e no fato de que Pute, um nome da Tabela das Nações, aparece junto com Lude em outras passagens — seguem a Septuaginta, que designa Lude no lugar de Pul (Jr 46.9; Ez 27.10; 30.5). Talvez os dois nomes, ao longo do tempo, tenham sido usados para o mesmo lugar.

Tubal e **Javã**, descendentes de Jafé, também são referenciados em Gênesis 10.5 (Is 6619). Tubal era um reino ao norte (Ez 39.1,2), e Javã, as terras gregas, a oeste. Em outras passagens em que Javã e Tubal são mencionadas juntas, o nome de Javã é colocado primeiro; Isaías, contudo, inverte a ordem para que Javã, e não Tubal, preceda imediatamente a referência **às ilhas** [heb. "costas"; Is 42.4] **de mais longe** (66.19). Em Gênesis 10.5, Javã é seguida de uma referência aos "povos marítimos" (NVI). O povo que seria atraído para o Senhor proclamaria a sua glória

entre aqueles que não tinham ainda ouvido falar disso (Is 66.19; Mt 28.19,20; Mc 13.9).

Os comentaristas também diferem a respeito daqueles que seriam trazidos de todas as nações como um presente para o Senhor (Is 43.5-7; 49.22,23; 60.3-9). Seriam os **irmãos** descendentes biológicos ou espirituais de Israel (66.20)? Aparentemente, está em vista mais que apenas a Israel física. Especialmente em vista do ponto anterior de enviar mensageiros às nações gentias que ainda "não ouviram" sobre a fama ou glória do Senhor. "Irmãos" pode ser tomado em um sentido global como todos os redimidos. Daqueles que são trazidos ao Senhor, Deus **tomar[ia] alguns para sacerdotes e para levitas** (66.21). Os estudiosos também diferem sobre quem será designado como sacerdote e levita: serão apenas judeus salvos, ou gentios salvos também seriam escolhidos? No futuro, apenas judeus que creem serviriam exclusivamente no ministério do Templo diante do Senhor, talvez fariam isso no período do reino milenial no qual ainda existiria um Templo terreno (Ez 40.1—44.31). Uma vez que **os céus novos e a terra nova** fossem criados juntamente com a nova cidade, não haveria mais um Templo físico (Is 66.22; Ap 21.22). Todos os povos redimidos seriam aceitáveis para o Senhor, até mesmo para ministrar diante dEle como sacerdotes (veja os comentários em Is 56.6-8 e 61.1; 1Pe 2.9,10; Ap 22.3).

Os novos céus e terra seriam duradouros, e também a **posteridade** e o **nome** dos redimidos **durarão** (NVI, Is 66.22; veja os comentários em 53.10 e 55.13; Ap 22.1-5). Todos que vivessem nesse novo mundo viriam a adorar a Deus (Ap 15.4). Em contraste com a rejeição da adoração conforme retratado primeiro em Isaías 1, a adoração das pessoas redimidas oferecida da **Festa da Lua Nova até à outra e desde um sábado até ao outro** seria aceita pelo Senhor Deus por toda a eternidade (Is 66.23; veja os comentários em 1.13). Essa descrição gloriosa da futura culminação de todos os planos do Senhor para o seu povo é ampliada pelas descrições no livro de Apocalipse. O Senhor habitará com o povo redimido por Ele, e eles servirão fielmente e reinarão com alegria com ele para todo o sempre (Ap 22.5).

Infelizmente, haverá pessoas de todas as nações e línguas que rejeitarão o chamado do Senhor Deus para "olha[r] para [ele] e se[r] salvos" (Is 45.22). Para aqueles que rejeitam a oferta de salvação provida pelo Senhor, o fim do julgamento seria que **o seu fogo não se apagará** (NVI, 66.24; cp. 1.31). O Senhor Jesus cita essa passagem em relação à seriedade do pecado

e observa que seria melhor remover tudo o que causasse o pecado, em vez de arriscar ir para o Inferno (Ap 20.10-15). Pois aqueles que morrem sem confiar na provisão de Deus para o seu pecado não haveria esperança (Rm 6.23).

A mensagem de Isaías era que o julgamento está vindo, mas Deus traria salvação àqueles que se arrependessem e confiassem nEle. A mensagem do profeta, de início, aplicava-se ao julgamento a cair sobre Israel por intermédio da Assíria e Babilônia e também à salvação de um remanescente por meio da sua intercessão. Esses eventos serviam como tipos para a mensagem maior em relação ao julgamento final pendente sobre o mundo todo e a redenção dos povos, judeus e também gentios, que confiariam em Deus (veja os comentários em Is 53.10-12; Rm 3.21-26). Pois, no tempo de Deus, o Servo perfeito, Jesus Cristo, pagaria o preço pelo pecado para que todos que nEle cressem fossem salvos.

BIBLIOGRAFIA

Leupold, H. C. *Exposition of Isaiah.* Edição de um volume. Grand Rapids: Baker Book House, 1968, 1971.

* Smith, Gary. *Isaiah 1–39.* The New American Commentary, vol. 15a. Nashville: B&H Publishing Group, 2007.

Walker, Larry. *Isaiah.* Cornerstone Biblical Commentary, vol 8. Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 2005.

Youngblood, R. F. *The Book of Isaiah.* Grand Rapids: Baker, 1993

* Para estudos avançados.

NOTAS

[1] Quiasmo é a disposição cruzada da ordem das partes simétricas de duas frases, de modo que formem uma antítese ou um paralelo. Assim, o primeiro e o último elementos são o mesmo ou, de alguma forma, paralelos (ideias sinônimas, vocabulário ou estrutura gramatical semelhante). O nome desse artifício literário, ou retórica, vem da letra grega *chi* (X), que, visualmente, representa o padrão quiástico de inverter os elementos relacionados.

[2] James Bennett Pritchard, ed., *Ancient Near Eastern Texts* [ANET] (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1969), p. 288.

JEREMIAS

INTRODUÇÃO

TÍTULO

Esse livro traz o nome do seu autor, o profeta Jeremias (heb. "que o Senhor exalte ou estabeleça"), algumas vezes mencionado como o "profeta chorão". Ele, ao longo do livro, experimenta uma profunda perturbação emocional enquanto passava de uma tarefa difícil e, em geral, aparentemente impossível, para a seguinte — sem, contudo, jamais vacilar na sua devoção a Deus Iavé. Os seus desafios incluem a perseguição pessoal repetida e a resistência contínua aos ministérios para os quais foi divinamente designado. O uso do seu nome no título é apropriado, considerando-se que a vida e o ministério desse profeta estavam muitíssimo entremeados.

CENÁRIO

O cenário do livro de Jeremias passa-se em Judá (também chamada de Reino do Sul), na capital Jerusalém ou nos seus arredores. Israel (o Reino do Norte) fora derrotado e exilado pelos assírios em 722 a.C., cerca de 130 anos antes do período de Jeremias. A Assíria (a noroeste), política e militarmente, continuava a exercer poder, mas o Egito (a sul) e a Babilônia (a leste) também rivalizavam pela supremacia. Os vizinhos mais imediatos de Judá — Edom, Moabe, Amnom, Tiro, Sidom e Damasco — comprovaram ser inconstantes, agindo às vezes como aliados e outras vezes como inimigos. Em 609 a.C. o rei Josias morreu na batalha em Megido contra o Faraó Neco do Egito. Ele foi sucedido pelo seu filho Jeoacaz (Salum, Jr 22.11); Neco, porém, depôs Jeoacaz depois de três meses e levou-o para o Egito, deixando o seu irmão Jeoaquim, um rei fantoche.

Jeoaquim pagou tributo primeiro ao Egito, depois à Babilônia. Uma nação menor, como Judá, na situação de Estado vassalo, tinha de sujeitar-se ao país maior e mais poderoso por intermédio de pagamentos regulares, reconhecendo, com isso, o rei desse outro país como o seu defensor e senhor no lugar de Deus Iavé. Jeoaquim, por fim, rebelou-se contra a Babilônia e foi aparentemente morto em um ataque a Jerusalém em 598 a.C. pela coalizão babilônica (ou dos caldeus), que incluía os moabitas, os filhos de Amom e os sírios (2Rs 24.1-6).

Jeoaquim foi sucedido pelo seu irmão Joaquim (também chamado Jeconias ou Conias), deportado por Nabucodonosor para a Babilônia três meses após a sua ascensão ao trono. Joaquim foi sucedido como rei pelo seu tio Zedequias em 597 a.C. (2Rs 25.12; 2Cr 36.10 trazem apenas "irmão/parente"). Zedequias também se revoltou contra Nabucodonosor em 589 ou 588 a.C., e Jerusalém foi cercada e, por fim, caiu diante do inimigo em 586. Zedequias foi deportado para a Babilônia e morreu ali no cativeiro.

Além do cenário histórico, político e geográfico, também havia o cenário espiritual. O ministério de Jeremias desenrolou-se em um contexto em que houve uma reforma religiosa abrangente. Essa reforma foi estimulada pela descoberta do Livro da Lei (provavelmente o livro de Deuteronômio), encontrado no Templo por um dos sacerdotes de Josias em 621 a.C. Josias viu que o povo estava muito aquém das exigências de Deus para uma vida santa e, depois de consultar os sacerdotes e a profetisa Hulda (2Cr 34.22-28), tomou medidas drásticas (2Rs 23.4-15), incluindo:

- uma cerimônia para a renovação da aliança na qual ele consagrou-se mais uma vez ao Senhor;
- a remoção "de todos os artigos feitos para Baal, Aserá e a todas as hostes do céu" do Templo e a queima de todos eles;
- a profanação e destruição dos altos, onde a idolatria era praticada em várias cidades;
- a matança dos sacerdotes que facilitavam a idolatria; e
- a contaminação do vale de Hinom em Tofete, onde o sacrifício infantil dedicado a Moloque era praticado.

Josias, depois dessa purgação, levou o povo em Jerusalém a observar a Páscoa, uma celebração que não fora guardada "desde os dias do profeta Samuel" (2Cr 35.1-18). Essas reformas religiosas foram importantíssimas na história de Judá e marcaram os pontos altos literários e morais nos livros de Reis. Infelizmente para Judá, os filhos de Josias e os seus sucessores não demonstraram a mesma devoção zelosa ao Senhor e levaram o povo de volta à idolatria, precipitando, por fim, o exílio babilônio — a derradeira maldição mencionada na aliança e punição divina por quebrar a aliança estabelecida por Moisés.

GÊNERO

O livro de Jeremias classifica-se principalmente como profecia. A pregação da palavra do Senhor recebe mais ênfase que a previsão do futuro, embora Jeremias pratique essas duas ações. Os ditos proféticos são preferidos aos "oráculos". O *gênero profético* envolve prosa e poesia. Essa diferença pode ser vista em algumas versões no formato do texto : as seções de narrativa, ou prosa, aparecem na forma de blocos, enquanto as passagens poéticas têm um formato denteado, organizado em estrofes. No hebraico, a poesia consistia de jogo de palavras, certas métricas rítmicas, metáforas vívidas (em geral, usando objetos e eventos da vida do escritor) e vários tipos de paralelismo, em vez de esquemas de rima. Por exemplo, no paralelismo sinônimo, uma mesma ideia é expressa duas vezes de formas distintas em linhas paralelas:

> Ouvi, pois, vós, mulheres, a palavra do SENHOR,
> e os vossos ouvidos recebam a palavra da sua boca (9.20).

No paralelismo *antitético*, a segunda linha expressa uma ideia contrastante com a primeira ideia ou a mesma ideia usando termos contrastantes e opostos:

> E eu vos introduzi numa terra fértil,
> para comerdes o seu fruto e o seu bem;
> mas, quando nela entrastes, contaminastes a minha terra
> e da minha herança fizestes uma abominação (2.7).

Outra técnica de paralelismo é o amplamente *sintético*, isto é, a combinação de partes em um todo. Em muitos casos, duas ou mais linhas ou várias unidades poéticas são ligadas pela continuidade ou desenvolvimento do pensamento. Por exemplo:

Voltai, ó filhos rebeldes,
eu curarei as vossas rebeliões (3.22).

A primeira linha é uma ordem; a segunda, expressa o resultado prometido da obediência a essa ordem. Veja também "Gênero" na Introdução ao livro de Salmos.

A última forma literária que merece menção é o *lamento*. O nome de Jeremias tornou-se, de alguma forma, sinônimo de choro e lamentação, e o termo literário "jeremiades" deriva-se desse livro (como também do livro de Lamentações).

AUTOR

Jeremias era de Anatote, uma pequena cidade localizada na porção de terra designada à tribo de Benjamim, cerca de oito quilômetros a nordeste de Jerusalém. Jeremias, embora ele mesmo não seja chamado de "sacerdote", era da família sacerdotal de Hilquias (1Rs 2.26,27). Estranhamente, ele recebe a ordem de não se casar nem ter filhos (Jr 16.1-4). Ele tornou-se um ávido apoiador e promotor da reforma espiritual entre o povo de Judá no início das reformas nacionais do rei Josias. É possível que Jeremias tenha aparecido em 2 Crônicas 35.25, cantando um canto fúnebre (lamento) por Josias, quando este morreu em 609 a.C.

Jeremias recebeu o seu chamado para ministrar em 627 a.C. A sua principal mensagem foi o desastre iminente em Jerusalém — a rejeição por Deus porque o seu povo rejeitara a Ele. Exatamente como Jeremias profetizou, o desastre abateu-se sobre a cidade de Jerusalém, e o povo foi exilado em três estágios. Quando Nabucodonosor atacou Jerusalém em 598-597 a.C., Jeremias foi deixado para trás, não sendo deportado com os exilados. Jeremias avisou Zedequias, o rei de Judá no poder à época, que deveria submeter-se aos babilônios e servi-los, mas esse rei negou-se a ouvi-lo e rebelou-se contra Nabucodonosor. Jerusalém, em razão disso, foi cercada e destruída em 587-586 a.C. Jeremias teve mais uma vez permissão

para ficar em Judá, pois recebeu a opção de permanecer ou seguir com os exilados para a Babilônia. Jeremias, nesse momento, escolheu ficar e viver em Mispa, uma cidade a cerca de dezesseis quilômetros ao norte de Jerusalém, local que passou a ser o novo centro do governo.

Por fim, um grupo de insurrecionistas dominou o governante Gedalias, empossado por Nabucodonosor, e Jeremias ficou sob os cuidados desse rei judeu. Esses insurrecionistas, contrariando o conselho de Jeremias, decidiram buscar asilo no Egito e levaram Jeremias à força com eles. O profeta Jeremias morreu provavelmente no Egito. No entanto, a sua reputação como um profeta fiel e fervoroso de Deus estendeu-se para muito além do seu período de vida. O ministério profético de Jesus é semelhante ao de Jeremias, e este aparece na mesma posição que João Batista e Elias (Mt 16.14).

DATA

As datas das profecias encontradas neste livro englobam os anos de 627-587 a.C. do "décimo terceiro ano do [...] reinado" de Josias até o fim do reinado de Zedequias, quando "Jerusalém foi levada em cativeiro no quinto mês" (Jr 1.1-3). O império assírio começou a desmoronar depois da morte de Assurbanípal em 627 a.C., o ano do chamado de Jeremias para o ministério profético. O rei Josias, no ano seguinte, deu início às reformas em Judá, que permaneceu independente durante o seu governo. Além disso, o príncipe caldeu Nabopolassar declarou a sua independência da Assíria e, em vinte anos, esmagou a resistência assíria e egípcia. Ele foi sucedido pelo seu filho Nabucodonosor em 605 a.C.

Os eventos importantes durante a carreira de Jeremias como profeta incluem a morte do rei Josias (609 a.C.), a deportação de Joaquim (597 a.C.), a queda de Jerusalém (587 a.C.) e, por fim, Jeremias ter de acompanhar contra a sua vontade os israelitas que fugiram para o Egito. Um aspecto importante do texto é a atenção dedicada às referências históricas que identificam o cenário das profecias e eventos registrados no livro (e.g., 3.6; 24.1; 25.1; 26.1; 27.1; 28.1; 32.1; 39.1).

DESTINATÁRIOS

Os destinatários eram, principalmente, o povo de Judá. Jeremias dirigiu-se àqueles que habitavam em Jerusalém, bem como ao grupo que já fora deportado para a Babilônia. Há algumas seções referindo-se a Israel, isto é, o Reino do Norte. Em geral, no entanto, Jeremias, quando se dirige a Israel, refere-se de modo mais geral aos judeus de Judá que participam da "casa de Jacó" (e.g., 2.4; 31.31).

PRINCIPAIS TEMAS

Jeremias é algumas vezes chamado de o profeta da nova aliança em referência ao cerne da sua pregação: a nova aliança do coração (veja 31.31-40; 32.36-41). Essa aliança (de modo distinto do que se tornou a aliança mosaica) era para ser fundamentada em um relacionamento íntimo, e não centrado em um ritual externo: o relacionamento da pessoa com Deus tem de ser mais importante que os sinais externos da presença de Deus, como o Templo ou a Arca da Aliança. Essa nova aliança seria fundamentada no arrependimento autêntico e detalhado e na obediência ao Senhor. "Arrependimento" (heb. ***shuv***, "dar a volta, retornar") significa uma volta ao Senhor. Jeremias usa essa palavra *e* as suas muitas variações 125 vezes, mais do que qualquer outro profeta (e.g., 3.12,14,22; veja o estudo da palavra, 3.6-18). A aliança também é pessoal. Cada indivíduo é responsável pela sua própria posição diante de Deus. Há, ao longo de todo esse livro, um uso proeminente e consistente do nome do Senhor usado na aliança, Iavé.

Um tema profético recorrente ao longo do livro aparece primeiro no chamado de Jeremias, contendo um elemento preditivo e a vontade de Deus para o presente, bem como, por intermédio de Jeremias, uma mensagem para os exilados. A sua mensagem contém verbos de destruição como "arranca[r]" e "derriba[r]", bem como alusões à construção como "edifica[r] e planta[r]". Uma metáfora usada com frequência relacionada com o violento processo de "arranca[r]" e "derriba[r]" (em especial, nos oráculos contra as nações nos caps. 46—51) refere-se à mulher em trabalho de parto e enfatiza os aspectos mais negativos — ansiedade, medo, angústia, grande dor e sofrimento — sem nenhum pensamento de alegria vindo da vida por nascer. Essa imagem feminina — especialmente em referência à "filha do meu povo" (4.11), "filha de Sião" (6.2), "virgem filha do Egito" (46.11,19,24) e "filha da Babilônia" (50.42) — são figuras de linguagem.

Quando o termo "filha" é combinado com o nome de um lugar ou povo, o seu uso meramente como figura de linguagem geralmente se refere aos habitantes do lugar com o qual está ligado (cp. Is 23.10,12; Sf 3.14).

O material — embora algumas partes do livro apareçam fora da ordem cronológica, sem comprometer em nada a veracidade do livro — foi organizado tematicamente para salientar um dado tema teológico. Jeremias é único como o único livro do Antigo Testamento como algum indício sobre a maneira da sua composição (Jr 29.1-29; 30.1-3; 36.1-32; 45.1; 51.60-63), e a sua narrativa desvela as vicissitudes da tarefa do profeta ao tentar proteger a transmissão escrita da Palavra de Deus para o seu povo.

ESBOÇO

I. CHAMADO E COMISSÃO DE JEREMIAS (1.1-19)
   A. A Linhagem e o Chamado Divino de Jeremias (1.1-8)
   B. As Visões do Profeta Confirmam a sua Comissão (1.9-15)
   C. O Senhor Equipa o Profeta para a Tarefa (1.16-19).

II. OS ALERTAS E O JULGAMENTO DO SENHOR SOBRE JUDÁ (2.1—25.38)
   A. O Processo Judicial de Deus contra Israel (2.1-37)
   B. A Apostasia do Povo e o Chamado do Profeta ao Arrependimento (3.1—4.4)
   C. Os Alertas e as Ameaças do Julgamento por Vir (4.5—7.34)
   D. O Lamento de Jeremias sobre a Perdição do Povo (8.1—10.25)
   E. A Punição pela Violação da Aliança (11.1—12.17)
   F. As Consequências da Apostasia (13.1—15.9)
   G. A Reclamação e a Repreensão de Jeremias (15.10-21)
   H. A Solidão de Jeremias e a Devastação e Esperança da Nação (16.1-21)
   I. O Pecado e a Punição de Judá (17.1-27)
   J. As Lições do Oleiro (18.1—19.15)
   K. O Profeta Jeremias É Maltratado (20.1-18)
   L. O Alerta e o Julgamento Concernente aos Reis (21.1—22.30)
   M. A Condenação dos Falsos Profetas (23.1-40)
   N. A Visão dos Figos Bons e dos Figos Maus (24.1-10)
   O. Os Setenta Anos de Exílio (25.1-38)

III. A Vida de Jeremias antes do Cativeiro (26.1—38.38)
- A. A Profecia Falsa *versus* a Verdadeira (26.1—29.32)
- B. O Livro da Consolação (30.1—33.26)
- C. O Alerta de Zedequias e a Acusação contra Judá (34.1—35.19)
- D. Jeremias, Jeoaquim e o Rolo da Palavra de Deus (36.1-32)
- E. As Notificações Reais e os Encarceramentos (37.1—38.28)

IV. A Vida de Jeremias depois da Queda de Jerusalém (39.1—45.5)
- A. O Colapso Final de Jerusalém (39.1—40.6)
- B. A Governança de Gedalias (40.7—41.18)
- C. O Conselho de Jeremias É Requisitado e Rejeitado (42.1—43.7)
- D. O Julgamento de Deus sobre o seu Povo no Egito (43.8—44.30)
- E. A Mensagem de Baruque (45.1-5)

V. Os Oráculos do Profeta contra as Nações Estrangeiras (46.1—51.64)
- A. Contra o Egito (46.1-28)
- B. Contra os Filisteus (47.1-7)
- C. Contra os Moabitas (48.1-47)
- D. Contra os Amonitas (49.1-6)
- E. Contra os Edomitas (49.7-22)
- F. Contra Damasco (49.23-27)
- G. Contra Quedar e Hazor (49.28-33)
- H. Contra Elão (49.34-39)
- I. Contra a Babilônia (50.1—51.38)
- J. As Instruções para Seraías (51.59-64)

VI. Os Detalhes concernentes à Queda de Jerusalém (52.1-34)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

Chamado e Comissão de Jeremias (1.1–19)

A Linhagem e o Chamado Divino de Jeremias (1.1-8)

1.1-8 Jeremias era o **filho de Hilquias, dos sacerdotes que estavam em Anatote** (v. 1). O seu ministério profético estendeu-se pelo governo de três reis: **Josias** e os seus dois filhos, **Jeoaquim** e **Zedequias** (vv. 2,3). O chamado de Jeremias, como todo chamado válido para a obra de Deus, foi iniciado por Deus. O seu chamado é expresso pelo uso de certos elementos que também aparecem no chamado de Isaías (Is 6.1-13), do Servo do Senhor (Is 49.1-7), de Ezequiel (Ez 2.1—3.11) e do apóstolo Paulo (Gl 1.11-16). O escritor transmite a iniciação do ministério de Jeremias com quatro verbos fortes de ação (Jr 1.5):

- Deus **conhec[e-o]** (heb. ***yada'***, "conhecer", em especial no sentido de intimidade, conhecimento pessoal; veja o estudo da palavra, Êx 2.25; Sl 76.1).
- Deus **form[ou-o]** (heb. ***yatsar***, "formar, modelar", como um oleiro modela o barro; veja o estudo da palavra, Gn 2.7,8).
- Deus **santifi[cou-o]** (heb. ***qadash***, "consagrou, declarou como santo"; veja o estudo da palavra, Êx 13.1).
- Deus **de[u-o]** [heb. ***natan***, "dar; estabelecer ou pôr no lugar; constituir alguém para algo") **por profeta**.

A escolha soberana de um profeta por Deus vem com a sua autoridade e, portanto, confere autoridade sobre o recipiente. Jeremias protestou contra a sua designação para o ministério de falar publicamente fundamentado na sua inadequação (cp. Moisés, Êx 4.10,11), mas o Senhor garantiu a sua presença equipando Jeremias para cumprir a tarefa necessária e falando com ele em duas visões.

As Visões do Profeta Confirmam a sua Comissão (1.9-15)

1.9-15 Jeremias foi instrumentalizado para a sua comissão de pregar pela garantia de Deus de que as palavras que proferisse seriam as palavras de Deus. O Senhor **tocou** a boca do profeta com a **mão**, dizendo: **Eis que ponho as minhas palavras na tua boca** (v. 9; cp. Is 6.6,7; Ez 3.1-4). Além disso, Deus revelou a missão profética de Jeremias com verbos refletindo a metáfora bíblica de Israel como a vinha do Senhor (Jr 1.10; cp. 18.7; 31.28; 45.4; Is 5.1-7; Ez 19.10-14):

- **arranca[r]** (heb. ***natash***, "desarraigar" como quando a pessoa arranca as ervas daninhas do solo; cp. Dt 29.28; 1Rs 14.15; 2Cr 27.20; Jr 12.14-15,17; 18.14; Mq 5.14);
- **derriba[r]** (heb. ***natats***, "empurrar ou quebrar, destruir"; cp. Êx 34.13; Dt 7.5; 12.3);
- **destru[ir]** (heb. ***'avad***, "cortar, devastar, perecer"; cp. Êx 10.7; Sl 2.12; 5.6; Is 60.12);
- **arruina[r]** (heb. ***haras***; "demolir, destruir"; cp. 1Rs 19.10,14; Lm 2.2; Ez 16.39; 36.36);
- **edifica[r]** (heb. ***banah***; veja o estudo da palavra, Gn 2.4-9,22);
- **planta[r]** (heb. ***nata'***, "pôr reto para que [a planta] fixe-se no solo"; cp. Êx 15.17; 2Sm 7.10; 1Cr 17.9; Sl 44.2; 80.8,15; Is 40.24; 51.16; Jr 2.21; 11.17; 12.2; 18.9; 24.6; 32.41; 42.10; 45.4; Am 9.14,15).

Essas frases são recorrentes em todo o livro, com mais frequência em referência aos eventos da vida de Judá.

Deus confirmou a designação de Jeremias ao dar-lhe duas visões — uma de um ramo da amendoeira e a outra de uma panela a ferver. O jogo de palavras é usado para transmitir o sentido da primeira visão. *A palavra* ***AMENDOEIRA*** *(heb.* ***shaqēd****, Jr 1.11) provêm de* ***VEL[AR]*** *(heb.* ***shaqad****, "não dormir ou estar acordado, atender a", v. 12; cp. 31.28; Sl 127.1) no sentido de que é a primeira árvore a "despertar" do sono invernal.* Deus prometeu fixar a sua atenção na sua **palavra para a cumprir** (heb. ***'asah***, "realizar, fazer, efetuar, completar", Jr 1.12; veja o estudo da palavra, Gn 2.4-9), com o sentido de que tomaria para si mesmo a responsabilidade de garantir que a sua vontade prevalecerá. A segunda visão — de uma **panela a ferver** apontando para a **banda do Norte** (i.e., na direção de Judá, no sul) — era

uma imagem de algo **mal** que certamente viria da Babilônia, nação que invadiria Judá vindo do norte (Jr 1.13,14).

O Senhor Equipa o Profeta para a Tarefa (1.16-19)

1.16-19 Deus ordenou que Jeremias não se intimidasse com a sua tarefa profética diante do povo e líderes nacionais; caso contrário, Deus iria levá-lo a **não tem[er]** [heb. ***chatat***, "amedrontar-se, ser envergonhado"] **na sua** [dos inimigos] **presença** (v. 17). Jeremias recebeu poder do Senhor que o pôs por **cidade forte, e por coluna de ferro, e por muros de bronze, contra toda a terra, e contra os reis de Judá, e contra os seus príncipes, e contra os seus sacerdotes, e contra o povo da terra** (v. 18; cp. Ez 3.8,9).

Os Alertas e o Julgamento do Senhor sobre Judá (2.1—25.38)

O Processo Judicial de Deus contra Israel (2.1-37)

2.1-8 O Senhor falou com o seu povo quando o escolheu e o redimiu da escravidão no Egito, um "período de lua de mel". Israel seguiu o Senhor assim como uma **noiva** (NVI) profundamente apaixonada segue o seu noivo em todos os cantos, até mesmo **no deserto** — essa era a profundidade da sua lealdade e devoção naquela época (vv. 2,6). O Senhor protegeu-a, e ela **and[ou] após** ele (vv. 2,5,8). Por contraste, a esposa tornou-se infiel e ficou desinteressada no seu marido e redentor, dando as costas ao provedor, que a levou a uma **terra fértil** (v. 7). A apostasia de Israel abraçando a idolatria foi total, liderada pelos líderes políticos e espirituais — incluindo os sacerdotes, especialistas legais, governantes e, mais tragicamente, os profetas. Esse último grupo recebeu o encargo de transmitir a mensagem do Senhor com verdade, mas eles **profetizaram por Baal** (v. 8).

BAAL *(heb.* ***ba'al****, "senhor, mestre, proprietário; marido") era um deus da fertilidade dos cananeus, também conhecido como um deus da tempestade. A sua deusa consorte era Aserá, mãe das divindades cananeias. A adoração de Baal comprovou sempre ser um laço para o povo de Israel, um povo inclinado a desejar ser como as nações circunvizinhas,*

apesar da aliança que Deus fizera com eles, por meio da qual eram para ser uma nação santa e um "reino sacerdotal" (Êx 19.5,6). A adoração a Baal envolvia rituais de prostituição sagrada em que alguns adoradores tinham relações sexuais com prostitutas dedicadas a Baal a fim de promover fertilidade na agricultura.

2.9-19 O Senhor, por causa da infidelidade à aliança feita no monte Sinai, apresentaria um processo judicial contra Israel. O estilo da fala segue a de um processo legal designado para acusar Israel de quebrar a aliança em relação aos seus antigos votos. Deus lamentou que o seu povo **trocasse** [heb. ***mur***; cp. gr. (LXX) ***allassō***, Rm 1.23] **[...] a sua glória**, isto é, a presença divina, **pelo que é de nenhum proveito** (heb. ***lo' ya'al***, "sem valor, sem proveito", Jr 2.11; cp. v. 8; 12.13; 16.19; 23.32; 1Sm 12.21). Deus, ao denunciar a rejeição de Israel a Ele, dirigiu-se aos **céus** como júri da corte/testemunhas que deveriam ficar **espanta[dos]** (heb. "perplexos, silenciados, abalados"), **horroriza[dos]** (heb. ***sa'ar***, "arrepiar de medo", especialmente quando a pele treme quando a pessoa foi tomada pelo medo; cp. Ez 27.35; 32.10) e **verdadeiramente desolados** (heb. ***charav***, literalmente, "ficar desolado ou arruinar totalmente", Jr 2.12) com o que Israel fizera.

Israel, ao abandonar **o manancial de águas vivas** para ficar com **cisternas rotas, que não retêm as águas**, fez um acordo terrível — trocou algo vivo por algo sem vida; algo doador de vida por algo estragado, estagnado e desapontador (v. 13). O resultado de abandonar Deus, de quebrar a aliança, fora-lhe dito no início das maldições mencionadas na aliança de Deuteronômio 28—29. Aqui, Jeremias reconta como Deus permitiu que o **Egito** e a **Assíria** trouxessem destruição, desolação e ruína sobre a terra (v. 18). Deus libertou Israel da escravidão no Egito, mas Israel escravizou-se por fazer tratados tolos com as nações circunvizinhas e pagar tributos a elas em troca de proteção (demonstrando com essa atitude que a aliança ou "concerto" com Deus era insuficiente).

2.20 Uma série de vívidas atitudes semelhantes descreve a apostasia de Israel. Em suma, Israel jogou fora as leis de Deus em troca de servir ídolos, algo que o Senhor considerou como prostituição. Israel, como um boi rebelde tentando livrar-se do seu **jugo**, afirmou que nunca mais serviria a um senhor, isto é, que não **transgredir[ia]** (v. 20).

*O **JUGO** (heb. **'ol**) é uma peça curva de madeira ajustada no pescoço do animal e ligada a uma trava ou vara para puxar um peso ou um arado (Nm 19.2). Um "jugo" representa figurativamente a servidão ou escravidão (cp. Gn 27.40; Lv 26.13; Dt 28.48;*

*Jr 27). **ALGEMAS** (heb. **mosēr**, "ligações, vínculos"), as tiras de metal ou correntes de um jugo, significam, da mesma forma, escravidão. Tanto em Jeremias 2.20 quanto em 5.5 (cp. Sl 2.3), a imagem de quebrar ou arrebentar o "jugo" descreve a provocação contra o Senhor, como se o seu senhorio restringisse a liberdade. No entanto, rejeitar o seu governo é o mesmo que escolher a escravidão para pecar (Rm 6.16) e perverter a identidade de Deus como aquEle que liberta o povo do pecado e as suas consequentes formas de escravidão (veja Ez 34.27); que "quebrou as suas prisões" (Sl 107.14); que prometeu "quebra[r] o seu [da Assíria] jugo de cima de ti e rompe[r] os teus laços" (heb. **mosēr**, Na 1.13); que "para eles como os que tiram o jugo [heb. **'ol**] de sobre as suas queixadas" (Os 11.4); e, no Filho encarnado, declara que o seu "jugo é suave" (Mt 11.29,30; cp. Gl 5.1).*

2.21-22 Israel também era como a **vide** [heb. ***sorēq***, "espécies preferidas de vinhas, vinha produtora de frutos"; Jo 15.1-5] que fora **plant[ada]** (heb. ***nata'***; Is 5.2; Jr 11.17; 12.2) pelo próprio Deus com **uma semente inteiramente fiel** (heb. ***kol***, "completamente", modificando ***'emet***, "fiel, verdadeiro"). ***COMO** (heb. **'ēk**, Jr 2.21,23) não só apresenta a pergunta que Deus faz a Israel, como também funciona como uma expressão de lamento. No versículo 21, intensifica o contraste entre a forma como Deus nutre Israel e a traição desafiadora dessa nação. No versículo 23, a pergunta de Deus deve ser mais uma vez ouvida como um clamor contra o absurdo concernente ao comportamento de Israel e uma tentativa de negar o erro. A expressão é usada raríssimas vezes no Antigo Testamento, mas aparece dezessete vezes no livro de Jeremias.*

Figurativamente, nenhum agente purificador com o qual Israel pudesse tentar **lav[ar]** a si mesma removeria essa **iniquidade** (heb. ***katam***, "sujo, maculado, imundo ou profundamente manchado", usado apenas aqui no Antigo Testamento), ou seja, pecado, da visão de Deus. *O **SALITRE** (heb. **neter**, "sódio"), uma forma de carbonato de sódio natural, era misturado com óleo para fazer sabão, desengordurante ou removedor de manchas (cp. "salitre", Pv 25.20). O **SABÃO** (heb. **borit**, "algo com propriedade purificadora"), em geral um vegetal alcalino adquirido pelas cinzas das plantas, também era misturado com óleo para o sabão do pisoador, isto é, para lavar as roupas. O **borit** também é usado na purificação de alguns metais. O verbo **LAV[AR]** (heb. **kavas**) refere-se literalmente a lavar roupa "pisoando" com os pés. A palavra também é usada metaforicamente com o sentido de "purgar a alma" (Jr 2.22; cp. 4.14; Sl 51.2,7). Davi, reconhecendo que só Deus pode remover a "iniquidade" do homem (heb. **'awon**, "iniquidade, pecado, crime; depravação, perversidade"; cp. Jr 3.13; 5.25; 11.10; 14.10,20), orou: "Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado" (Sl 51.2). As palavras*

para "lava[r]" e "sabão" são usadas juntas em Malaquias 3.2 para comparar a vinda do Messias com "o fogo do ourives" e com o "sabão [heb. ***kavas****] dos lavandeiros" (heb.* ***borit****). Em Apocalipse 7.14, aqueles privilegiados a servir "diante do trono" são descritos como os que "lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro", isto é, de Jesus, o Messias (veja 1Pe 1.18,19).*

2.23-24 Deus também comparou a Israel rebelde a uma **dromedária** e uma **jumenta montês** no **deserto**, procurando com **desejo** incontrolável por um parceiro, após ter perdido toda a decência e propriedade (vv. 23,24). Israel, não tendo nenhum desejo de refrear o seu apetite, resignou-se ao adultério espiritual, dizendo: **Não há esperança; não, porque amo os estranhos e após eles andarei** (v. 25; 18.12). Os líderes do povo, ao abraçar a religião panteísta, trouxeram vergonha para Israel. Eles, atribuindo ridiculamente a sua origem à natureza, **viraram as costas** (heb. ***'oreph***, "pescoço") para o Criador, pelo menos até defrontarem-se com os problemas resultantes dessa decisão (2.26,27; cp. 32.33). Deus, por causa dessa hipocrisia, zombou da impotência de **numerosos** deuses nos quais Judá depositara a sua confiança (2.28).

O Senhor, como um pai lamentando o deplorável comportamento de um filho ou uma filha incorrigível, protestou que o seu povo não tinha fundamento para **disputa[r]** (heb. ***riv***, "contender ou lutar contra", sobretudo no sentido forense de pleitear uma causa, v. 29; cp. v. 9) porque eles eram aqueles que se **transgredi[ram]** (heb. ***pasha'***, "separar-se de alguém, quebrar uma aliança com, pecar, transgredir", v. 29; cp. v. 8; 3.13; 33.8), recusando-se a ser disciplinados e matando os profetas enviados para repreendê-los (2.30; cp. Mt 21.33-44; Lc 13.34).

O verbo traduzido por ***NUNCA MAIS A TI VIREMOS*** *(heb.* ***rud****, "vagar ou perambular", Jr 2.31) estende a imagem dos versículos 20 e 24,25 como uma descrição usada especialmente por um animal que vagueia livremente, sem rédeas nem freio, depois de romper o seu jugo. A comparação reforça os resultados perigosos e indesejáveis de lançar fora a restrição, isto é, tratar com desprezo as fronteiras da aliança estabelecidas pelo Senhor (Os 11.12).*

Pois era tão ridículo o povo de Deus **esquec[ê-lo]** (heb. ***shakach***, "ignorar, não cuidar de"; cp. Jr 3.21; 13.25; 18.15) quanto uma **virgem** esquecer-se dos **seus enfeites ou a esposa de seus cendais** (2.32). Israel teve até mesmo conselhos de especialistas para as **malignas**, adúlteras e assassinas (vv. 33,34).

2.35-37 Embora Israel negasse impudentemente a sua culpa, presumindo a misericórdia de Deus, este julgaria o seu povo pecaminoso e infiel por intermédio da invasão e cativeiro pelos poderes estrangeiros. O povo seria conquistado — **sair[ia] com as mãos sobre a tua cabeça**, a postura dos escravos cativos.

A Apostasia do Povo e o Chamado do Profeta ao Arrependimento (3.1—4.4)

3.1-5 A metáfora de casamento é usada pelo Senhor para comparar Judá e Israel, pois ambas as nações foram infiéis a Ele. O Senhor salientou que uma mulher divorciada, depois de casar-se com outro homem, não pode ser tomada de volta pelo primeiro marido (Dt 24.1-4). Israel, cuja busca de ídolos é descrita como desempenhando o papel da mulher que se **macul[ou]** [heb. ***zanah***, "cometer fornicação ou adultério, agir como prostituta", Jr 3.1; 2.20; 3.6,8] **com muitos amantes** não tinha o direito de esperar que o Senhor tomasse-a de volta. O pecado espiritual de idolatria cometido por Israel ocasionou consequências físicas: a terra de Deus foi **mancha[da]** (heb. ***chanēph***, "poluir, corromper, degradar; profanar, tratar de forma irreverente ou desdenhosa, violar a santidade do lugar", vv. 2,3) pela infidelidade de Israel, assim as chuvas necessárias foram retidas. A falta de chuva não só demonstrou a retirada da bênção de Iavé e a impotência de Baal, o deus cananeu do "temporal com trovões e raios", de prover a fertilidade na agricultura, pois Deus é verdadeiramente Senhor sobre toda a terra.

A dor da traição de Israel pode ser ouvida nos versículos 3b-5. Israel, confrontada com o seu comportamento vergonhoso, parece, não obstante, ter a atitude desafiadora. *Há muitas ocorrências do verbo traduzido por* ***NÃO QUERE[R]*** *(heb.* ***ma'ēn****, "estar sem vontade de", v. 3b) em Jeremias, apresentando uma evidência avassaladora da resistência obstinada de Israel aos avisos e disciplina do Senhor. Israel recusou-se a:*

- *"ter vergonha" (3.3);*
- *"receber a correção" (5.3);*
- *"voltar" (8.5);*
- *"conhecer-me [o Senhor]" (9.6);*

- *"ouvir as minhas [do Senhor] palavras" (como os "seus pais", ou seja, os seus ancestrais, 11.10).*

Chamar Deus de **Pai meu** é dirigir-se a Ele com a intimidade reinante no seio da família; chamá-lo de **guia** [heb. ***'alluph***, "familiar, amigo íntimo; marido, como o amigo da sua juventude", v. 4) **da minha mocidade** é o reconhecimento de um relacionamento similar ao casamento entre Israel e o Senhor. As coisas **más** disso residem na duplicidade de Israel ao assumir que ela poderia desempenhar o papel da prostituta sem causar danos no seu relacionamento com o Senhor. Israel considerou como garantido o amor incondicional de Deus, esperando aparentemente que a sua ira contra o comportamento do seu povo seria arrefecida e que as profecias horrendas de julgamento seriam evaporadas.

3.6-18 A expressão **nos dias de Josias** reestabelece a mensagem profética, entregue em forma poética na estrutura histórica. "A ele [Jeremias] veio a palavra do SENHOR", durante o governo de vários reis de Judá (1.1-3). Jeremias recebeu a mensagem aqui durante o reinado de Josias (veja 2Rs 22.1—23.30; 2Cr 34.1—35.27).

O SENHOR reviu a razão por que dera o Reino do Norte de Israel um **libelo de divórcio** (heb. ***sēpher***, "documento legal por escrito"; ***keritut***, "ser separada do casamento", Jr 3.8; Dt 24.1,3; Is 50.1). Essa nação fora **infiel** (NVI; heb. ***meshuvah***, "virar as costas, deserção", Jr 3.6,8,11,12; "desvio", Pv 1.32; "apostasias", Jr 2.19), **prostituindo-se** (3.6,8) e **comet[endo] adultério** (heb. ***na'aph***, v. 8; 5.7; 23.14). A adoração de Baal constituía infidelidade ao Deus verdadeiro, o "marido" (NVI) de Israel.

Jeremias emprega com frequência a palavra "volta" e várias palavras derivadas dela. Só nesse capítulo ele usa, pelo menos, quinze vezes essas variações: ***TORNARÁ*** *(heb.* ***shuv****, "arrepender-se", 3.1,7,10,12,14,22); e* ***REBELDE*** *(heb.* ***meshuvah****, "desviar-se, estado de apostasia, apostatar", 3.6,8,11,12). Inerente nessa palavra e nas suas muitas variações está a resposta ativa da "volta" e a sua aplicação basicamente com contextos relacionais — afastar-se de alguém (dar as costas para alguém) ou virar-se na direção de alguém.*

Tragicamente, a **aleivosa** [heb. ***bagad***, "aquela que age de modo enganoso, fraudulento e em segredo; aquela que é deliberadamente infiel", vv. 8,11; ***bagod***, "perfídia, inclinada a trair", vv. 7,10] **Judá** não aprendeu nada com a apostasia e punição de Israel; antes, Judá também

contaminou a terra; porque adulterou com a pedra e com o pedaço de madeira, isto é, com ídolos (v. 9; 2.27; "deuses de madeira e pedra", Dt 4.28; 28.36,64; 29.17; Is 37.19). Na verdade, essa nação considerou o pecado de forma leviana, sem cuidado e indiferente (Jr 3.9).

Judá teve algum tipo de abertura para o arrependimento, embora de modo superficial, diante do Senhor, mas agiu **falsamente** (heb. ***sheqer***, "em vão, de modo enganoso e fingido", v. 10). Essa acusação de hipocrisia refere-se provavelmente às reformas executadas pelo rei Josias (veja 2Rs 23.4-25; 2Cr 34.3-8). Embora o rei tenha determinado a remoção de toda a evidência visível das práticas idólatras e a restauração do Templo, as lealdades internas do povo não mudaram (2Rs 23.26,27,31,32,36,37; 2Cr 36.5,8-21). O Senhor ordenou que Jeremias fosse **apregoa[r]** a sua oferta de perdão para **a banda do Norte**, onde Israel estivera habitando no exílio assírio desde 722 a.C. (Jr 3.12). As palavras de esperança e a promessa de restauração, no entanto, estavam condicionadas ao arrependimento sincero (v. 13).

A nota de arrependimento pessoal e sincero é apresentada cedo no livro, e o coração amoroso do Senhor em relação ao seu povo fica evidente. Deus anseia em ter um relacionamento de coração com o seu povo fundamentado no sincero reconhecimento do pecado, no perdão pleno do Senhor e no amor mútuo.

*A asserção do Senhor: "porque eu vos **DESPOSAREI** (heb. **ba'al**, v. 14) como um verbo, nesse contexto, tem o sentido de "tomar uma esposa". Deus estava declarando que Ele era o marido de Israel, isto é, que Ele entrara em um relacionamento com Israel fundamentado na aliança, relacionamento esse similar ao de casamento. Veja também o estudo da palavra, Juízes 2.11,13.* A sua promessa para o futuro é espiritual, e a restauração é física:

- O Senhor os **levar[ia]** [heb. ***bo'***, "liderar ou causar a entrada em", Jr 3.14; cp. Gn 43.17; Êx 6.8; o sentido do uso especial "trinta filhas trouxe de fora para seus filhos", Jz 12.9] **a Sião** — isto é, Jerusalém — a cidade de Davi (Jr 3.14; Sl 132.13).
- O relacionamento do povo com Deus seria renovado, e eles teriam uma nova liderança — **pastores segundo o meu** [de Deus] **coração** —

literalmente, "de acordo com o meu coração" (heb. ***lēv***, Jr 3.15). *Eles* ***APASCENT[ARIAM]*** *(heb.* ***ra'ah****, "alimentar, pastagem"; cp. 23.2,4; "proteger", Is 40.11) o povo "com* ***CIÊNCIA****" (heb.* ***dē'ah****, Jr 3.15; cp. Is 28.9). A LXX traduz essa palavra por "conhecimento elevado [gr.* ***epistēmōn****, "compreensão", Tg 3.13], o conhecimento experimental de um especialista". A palavra hebraica é usada apenas seis vezes no Antigo Testamento, denotando em cada caso "conhecimento" que pertence a Deus ou proveniente diretamente do Senhor. Ana, na sua oração, descreveu o Senhor como "Deus de sabedoria" (1Sm 2.3). No livro de Jó, Eliú vangloriou-se de ter "perfeição no conhecimento" (NVI), uma declaração ridícula (Jó 36.4; a palavra relacionada* ***dēa'****, todas as cinco ocorrências aparecendo nas falas de Eliú: Jó 32.6,10,17; 36.3; 37.16). Salmos 73.11 revela uma pecaminosidade deliberada e ousada dos "ímpios" na sua pergunta: "Como o sabe Deus? ou: Há conhecimento no Altíssimo?" (a resposta implícita é afirmativa: "Sim". O Reino vindouro do Messias, de modo distinto da descrição profética do futuro em Jeremias 3.14,15, é descrito como trazendo a paz semelhante à do Éden, quando "a terra se encherá do conhecimento do SENHOR" (Is 11.9).*

- O Senhor mesmo, naquele momento, estaria presente entre o seu povo. A arca do concerto do Senhor, simbolizando a presença de Iavé — contida ali para não destruir o povo pela sua não santidade — seria desnecessária. Nem lhes virá ao coração, nem dela se lembrarão — a presença do Senhor não seria mais contida, mas habitaria livremente com um povo santo (Jr 3.16).
- **Jerusalém** (Sião) seria chamada de **trono do SENHOR**, significando o seu governo justo e incontestável sobre **todas as nações** (heb. ***goy***, "pessoas", principalmente "não hebreias, gentias", v. 17) que seriam **ajunta[das]** (heb. ***qawah***; cp. gr. [LXX] ***sunachthēsontai***, termo também usado em Mt 25.32 — "todas as nações serão reunidas diante dele" (cp. Ap 21.2,3,22-27).

3.19-25 No entanto, Israel, ao servir a ídolos, foi **infiel** (NVI) ao Senhor como a que **se aparta aleivosamente** [heb. ***bagad***, "lidar traiçoeiramente com", veja vv. 7-11] **do seu companheiro** ou marido (v. 20). Israel pareceu expressar arrependimento e anunciou o seu retorno ao Senhor, que prometeu **cura[r]** as suas **rebeliões** (heb. ***meshuvah***, "apostasia, dar as costas a, deserção", v. 22; veja o estudo da palavra, 3.6-18). O povo confessou que, por um longo período, eles confiaram **nos outeiros** (um eufemismo para Baal, adorado em santuários construídos nos

lugares altos) para devorar as suas posses e famílias (vv. 23,24). Eles estavam com vergonha e confusos, envergonhados de si mesmos, e agora se deitavam, assumindo a posição normal para aqueles que pranteiam pelo seu pesar.

4.1-4 O Senhor chamou Israel não só ao arrependimento, como também à sua missão original. **Se** Israel fosse sério sobre retornar a Ele, colocando de lado as suas **abominações** (heb. ***shiqquts***, "coisas impuras, abomináveis", referindo-se aos ídolos cananeus; cp. 2Rs 23.24; Ez 20.7,8; Na 3.6; Zc 9.7) e fazendo juramentos refletindo a aliança com Iavé, então **as nações** (heb. ***goy***; veja Jr 3.17) se **bendirão** nEle, conforme expresso na aliança abraâmica (4.1; Gn 12.3). Tal arrependimento tem de ser mais profundo que o anterior (Jr 3.10). Portanto, o Senhor ordenou:

- **Lavra[r] [...] o campo de lavoura** (heb. ***nir*,** "campo recentemente cultivado, solo virgem", 4.3) — isto é, começar de novo. Esse primeiro passo na preparação de um campo para plantação — o desejo derradeiro para Israel ("para edifica[r] e para plantar", 1.10).
- **Não seme[ar] entre espinhos** (v. 3; Os 10.12), reitera a ordem para buscar um novo começo. Depois do plantio, os espinhos que cresciam junto com a plantação eram, em geral, recolhidos e queimados, só que muitas sementes de espinheiros permaneciam no solo e eram, de fato, plantadas quando o solo era sulcado para a nova semente. Metaforicamente, "seme[ar] entre espinhos" significaria uma tentativa de reincorporar a adoração a Iavé na vida religiosa de Israel, fértil como era nas suas práticas idólatras, em vez de rejeitar completamente os falsos deuses e remover cada um dos vestígios das associações passadas com eles (2Sm 23.6; Is 32.13; 33.12).
- **Circuncida[rem-se] [...] tira[ndo] os prepúcios de** seu **coração** (Jr 4.4). A circuncisão era o sinal externo de obediência à aliança entre Iavé e Israel (Gn 17.10-14). No entanto, o Senhor exige um compromisso e devoção genuínos e internos, necessitando a completa remoção de quaisquer interferências com a obediência (Dt 10.16; 30.6; cp. Jo 7.22-24). A aliança do Senhor com o seu povo tem de estar no coração deles, e não apenas no corpo. Essa ideia prenuncia as famosas passagens sobre a "nova aliança" no capítulo 31 (Rm 2.25-29; Gl 6.15; Cl 2.11).

Os Alertas e as Ameaças do Julgamento por Vir (4.5—7.34)

4.5-18 Se o povo se recusasse a arrepender-se, o resultado seria o desastre. O tom dos versículos 5-9 é dramático e urgente. Os imperativos e exclamações — como: **Tocai a trombeta [...] Ajuntai-vos [...] fugi [...] Arvorai a bandeira [...] fugi para a salvação** — emprestam força e um sentido de agitação à passagem. A razão para a ordem para responder com pesar e lamento sugere que Judá falhou em arrepender-se conforme instruído. Se a atitude fosse outra, **o ardor da ira do SENHOR** se **desviar[ia]** (v. 8; 4.4b). Quando aquele tempo de julgamento vier, todos os líderes de Judá seriam considerados inúteis.

Talvez porque Jeremias teve de declarar que até mesmo **os profetas** ficariam estarrecidos em ver o julgamento cair sobre Jerusalém, ele introduziu uma expressão de desalento (v. 9). Possivelmente, essa afirmação intrigante reflete o clamor dos falsos profetas que Jeremias esperava. Se esses profetas tivessem crido nas suas próprias afirmações de que Deus traria **paz**, e não a **espada**, então naturalmente culpariam a Deus por enganar o povo com a falsa mensagem que entregaram em seu nome (v. 10; 6.13,14; 8.10-11,15; 23.17-26; 28.9).

A frase ***PENETRA-LHE ATÉ*** *[heb.* ***naga‘****, "tocar, chegar, alcançar tão longe quanto"]* ***A ALMA*** *descreve vividamente o quanto a ameaça de destruição estava perto (4.10). Esse anúncio de julgamento encerra-se com uma frase similar usando o verbo* ***naga‘*** *— "penetra" — para deixar claro a causa do desastre iminente. A ofensa do povo estava no seu íntimo, as ações rebeldes deles brotavam do coração não arrependido. As consequências não poderiam ser superficiais, mas tinham de ser "amargosa[s]" o suficiente para chegar até o "coração" (v. 18).*

As descrições de maldição e os seus efeitos são vívidos. Os babilônios — **um mal do Norte** — são descritos metaforicamente como um **leão** feroz (v. 7) e **um vento seco das alturas do deserto** — um vento nada desejável nem útil para separar o trigo da palha (os bons dos maus), mas uma ventania forte que só destrói. A **filha do meu** [de Iavé] **povo** (heb. ***bat-‘ammi***, "filha do meu povo", v. 11; 6.26; 8.11,19,21; 9.1; 14.17) seria claramente o objeto de julgamento vindo por intermédio dos babilônios, cujos **carros** estavam avançando **como a tormenta** (4.13). Embora o livramento ainda estivesse disponível se Jerusalém **lava[sse]** [heb. ***kavas***, veja o estudo da palavra, 2.21,22] **o** seu **coração da malícia** (4.14), o

imperativo para fazer isso é seguido de imediato por uma expressão de angústia de que os maus pensamentos de Judá **permanecer[iam]** (heb. ***lun***, "apreciados, motivo para continuar ou permanecer nessa condição") ali **no meio** (heb. ***qerev***, "íntimo, parte interior, no coração ou mente", v. 14; cp. "interior") desse povo. As duas partes do versículo 14 localizam o problema de Judá no cerne da sua identidade — em um coração recalcitrante que o Senhor promete corrigir (31.33).

4.19-26 O lamento de Jeremias nesses versículos receberam muita atenção dos estudiosos pela sua beleza lírica e *páthos* evocativo. Jeremias solidarizou-se com o seu povo, agonizando sobre a trágica consequência do seu pecado, diante da destruição física da sua terra natal (vv. 19-21). O Senhor reclamou que o seu povo não tinha conhecimento dEle e, portanto, não sabia **fazer** o **bem** (v. 22).

Os versículos 23-26 soam como uma dramática reversão do relato da criação. **A terra** [...] **estava assolada e vazia** (v. 23; Gn 1.2) e não havia **luz** nos **céus** (Jr 4.23; cp. Gn 1.3-5; 2.1). Os **montes** e os **outeiros** tremeram — imagem que frequentemente transmite o poder aterrorizante da ira de Deus (Jr 4.24; Na 1.5). Nenhum ser humano nem animal permaneceu (Jr 4.25), e a **terra fértil** (heb. ***karmel***, "jardim cultivado, lugar frutífero"; cp. 2.7) era **um deserto**. O povo precipitara o **furor da sua** [de Deus] **ira**, o que os deixaria totalmente devastados (4.26).

4.27-31 Deus realizará o que determinou. Ele não se **arrepend[eria]** da destruição prometida e não se **desviar[ia]** [heb. ***shuv***; veja o estudo da palavra, 3.6-18] **disso** (4.28). No entanto, uma nota de esperança foi soada na promessa do Senhor de não infligir a destruição total (v. 27). A imagem final do destino de Jerusalém é o da prostituta que se veste de modo atraente para os seus **amantes**, que, por sua vez, a trairão e matarão (v. 30). O Senhor não estava surdo para essa **angústia** (heb. ***tsarah***, "sofrimento, inquietação") de Jerusalém (v. 31). O fato de a cidade ser chamada de **filha de Sião** ainda sugere os pensamentos de compaixão do Senhor para com a cidade condenada (v. 31; em Jeremias, usado apenas aqui e em 6.2,23).

5.1-10 O povo que não se arrependeu estava tão endurecido que a correção do Senhor era sem sentido para eles — **não lhes doeu [...] endureceram as suas faces mais do que uma rocha; não quiseram voltar** (v. 3). Jeremias aproximou-se dos líderes do povo, isto é, dos **grandes**, achando que poderiam **sabe[r] o caminho do SENHOR**

(v. 5). Contudo, até mesmo estes eram obstinados de coração. As imagens de animais predadores referiam-se à ameaça de invasão pelo norte e relacionava-se à imagem de um boi que escapara do **jugo** (heb. ***'ol***; veja o estudo da palavra, 2.20) do seu senhor, ficando, desse modo, vulnerável ao ataque (5.5,6). Deus desistiria da cidade e não a pouparia. O povo voltara-se para os ídolos e, concomitantemente, tinham um estilo de vida depravado.

A linguagem da imoralidade sexual está incorporada na imagem dos **cavalos bem fartos** usados para descrever o adultério entre o povo (v. 8). A violação do primeiro dos Dez Mandamentos (Êx 20.3) deu origem a uma queda espiralada levando a outras violações do segundo mandamento (contra imagens esculpidas), do sétimo mandamento (contra o adultério) e do décimo (contra cobiçar a esposa do próximo). No entanto, apesar de todo o pecado de Judá, Deus não decretou **uma destruição final** (5.10; 5.18), mas apenas podar com severidade, assim como o vinhateiro poda meticulosamente a sua vinha.

5.11-19 O Senhor prometera cuidar da sua palavra para cumpri-la (1.12). Em contrapartida, as palavras dos falsos profetas não passavam de mentiras contradizendo os alertas de Deus. Jeremias ridicularizou-os por serem pessoas cheias de **vento** (heb. ***ruach***, "espírito"), ou seja, não eram nada além de sacos cheios de vento, porque **a palavra de Deus não está neles** (v. 13). As verdadeiras palavras de Deus, postas na boca de Jeremias (1.9), tornar-se-iam agora um **fogo** consumidor, representativo do julgamento do Senhor, destruindo as pessoas com a predição do desastre iminente (5.14-17).

5.20-31 A tolice do povo foi manifestada na sua recusa perversa de adorar o Criador, que é soberano sobre as estações e generoso na agricultura. Antes, eles persistiram na adoração de Baal, que, conforme criam, proveu a **chuva** para a estação da colheita (v. 24). A retidão e a justiça eram inexistentes em todas as cidades de Judá, e os **profetas** e **sacerdotes** contribuíram para a negação da responsabilidade para a tragédia vindoura.

6.1-15 A resposta não demorou para vir: **Fugi para salvação [...], filhos de Benjamim, do meio de Jerusalém** (v. 1). A ameaça da maldição do Norte assomava-se cada vez mais próxima. Os **pastores** que subiram contra Judá eram os lutadores inimigos, tão inclinados à guerra e à

destruição que estavam preparados para atacar a qualquer hora do dia ou da noite (v. 3). Eles cercariam a cidade e iriam deixá-la **desolada** (v. 2).

O versículo 2 é apresentado com palavras distintas nas várias traduções para o português. Dependendo de como as palavras ***DESOLADA*** *(heb.* ***damah****, "ficar em silêncio ou quieta", como na morte; "trazer o fim para") e* ***FORMOSA*** *(heb.* ***nawah****, "sentar-se para descansar; ser atraente") são lidas, o versículo poderia alternativamente dizer: "Você é como uma bela pastagem" (NVI; heb.* ***naweh****). Alguns preferem essa última leitura porque o versículo 3 também usa imagens pastorais para descrever o inimigo. De qualquer modo, a cidade é chamada mais uma vez de "filha de Sião", ligando os adjetivos "formosa e delicada" para apresentar uma imagem de uma jovem mulher vulnerável (se comparada ou não com uma pastagem) prestes a ser destruída (v. 1; 4.30,31).*

Judá bem que merecia o seu destino, pois ela mesma oprimia o seu próprio povo, derramando **malícia; violência e estrago** (6.7). Outra **advertência** (NVT) foi proferida em termos de respigar totalmente a vinha (vv. 9-10; cp. 5.10). O povo, embora Deus tenha dado repetidos alertas, era incapaz de **ouvi[r]** (NVT) porque **os seus ouvidos estão incircuncisos**, isto é, não receptivos à palavra de Deus (6.10). Anteriormente, o Senhor ordenara a circuncisão do corpo e do coração. Eles recusaram-se a prestar atenção ao alerta de Deus porque **a palavra do SENHOR é para eles coisa vergonhosa; não gostam dela** (v. 10).

A punição de Deus, portanto, viria sobre o povo, incluindo os **meninos**, os **jovens**, **o[s] velho[s]**, o marido, as **mulheres** e os filhos (vv. 11,12). Os profetas e os sacerdotes eram como médicos que tratavam a **ferida** (heb. ***shever***, do verbo ***shavar***, "quebrar ou esmigalhar, fraturar, despedaçar", v. 14; cp. 8.21), isto é, uma ferida séria, como se não fosse tão séria. Eles profetizavam falsamente que a **paz, paz** (heb. ***shalom, shalom***, 6.14) viria, mas a paz não era o que Deus planejara; então, os profetas mentirosos pereceriam.

6.16-26 As pessoas foram avisadas por intermédio de cinco verbos de ação no imperativo (v. 16):

- Ponde-vos nos caminhos — isto é, pare o que está fazendo e dê atenção às opções que estão diante de ti.
- Vede — isto é, examine ou veja por si mesma as escolhas que as pessoas estão fazendo.

- Perguntai pelas veredas antigas — isto é, o povo deveria olhar em retrospectiva para as leis da aliança com Deus (cp. 19).
- Andai por ele, isto é, o bom caminho.
- Achareis descanso [heb. margowa'; um hápax, ou palavra usada apenas aqui no Antigo Testamento, do verbo raga', "ficar quieto, habitar em tranquilidade" para a vossa alma.

O povo, com obstinação, recusou-se a obedecer ao conselho de Deus. Eles até mesmo recusaram os alertas dos **atalaias** (heb. ***tsaphah***, "estar alerta, posicionados para ver a aproximação do perigo e alertar sobre ele; metáfora para 'profeta' "; Jr 6.17; cp. Ez 3.16-21; 33.1-20), dizendo: **Não escutaremos** (heb. ***qashav***, "escutar atentamente, dar ou prestar atenção a"; Jr 6.10,17,19; Is 48.18). Deus, em razão da desobediência intencional do povo, **armar[ia] tropeços** para eles. A palavra **portanto** (Jr 6.18,21) indica, em geral, que o julgamento segue-se (e.g., 2.9; 5.6,14). Deus proferiu julgamento diante das nações e dos céus, as suas testemunhas (6.18,21). Os sacrifícios e as especiarias não agradam a Deus quando há desobediência (v. 20). A destruição nas mãos dos cruéis babilônios — **uma grande nação [...] das bandas da terra** — é descrita de modo vívido. Judá, personificada como a **filha de Sião** (v. 23) deveria chorar e lamentar a destruição por vir.

6.27-30 O Senhor **designou** (NVI) Jeremias para **examinador** (NVI; heb. ***bachon***, "buscar, examinar; testar ou refinar" metais, v. 27; Zc 13.9) do povo para separar o ímpio do bom. Esse esforço, todavia, comprovou ser inútil. A imagem de fundir e refinar minério é usada para mostrar que o processo de purificação espiritual não produziu qualquer pureza porque não sobrou nada.

7.1-20 Essa seção é algumas vezes referida como o "Sermão do Templo", porque essas palavras foram proferidas à **porta da Casa do SENHOR** em Jerusalém (v. 2). Os adoradores, ao que parece, repetiam três vezes o canto usado muitas vezes nessa situação, **Templo do SENHOR**, o que, segundo acreditavam, dava uma sensação de segurança, proteção e segurança (v. 4). O Senhor desejava a rejeição das obras más, como a opressão dos estrangeiros, órfãos e viúvas; os assassinatos; e a idolatria — e nada de canções vazias. O povo quebrava os mandamentos e depois vinha para o Templo, acreditando que eles poderiam repetir esse refrão envolvendo o Templo e sentirem-se **livres** da punição (v. 10). Eles depositavam a falsa

esperança na presença do Templo como um indício do favor e proteção de Deus, tratando essa construção como se fosse um amuleto da sorte.

O povo, com os seus sacrifícios sem valor e o pressuposto da bênção de Deus, tratava o Templo de Deus como uma **caverna de salteadores** (v. 11). *A metáfora sugere a imagem de ladrões que se escondem temporariamente em uma caverna até a oportunidade seguinte de sair e cometer um crime. O termo* ***SALTEADORES*** *(heb.* ***perits****), no entanto, vem de uma raiz verbal (heb.* ***parats****) cujo sentido é "quebrar ou destruir" e denota "homens violentos", e não apenas aqueles que roubam (Ez 7.22; 18.10; Dn 11.14).* Jesus citou Jeremias 7.11 quando limpou o Templo (cp. Mt 21.13; Mc 11.17; Lc 19.46). Muitos acham que a sua perversidade durante a semana poderia ser superada com a concordância insincera dos lábios em uma adoração ocasional ou com a posse de vários itens religiosos — cruzes, bíblias ou outras parafernálias bíblicas.

Deus, como um alerta, apontou para o destino de **Siló**, a cidade do Antigo Testamento situada no Reino do Norte de Israel onde a Arca da Aliança ficou durante o período de juízes (Jr 7.12-14). A Arca, que representa a presença de Deus, foi equivocadamente considerada um talismã. Siló foi totalmente destruída pelos filisteus em 1050 a.C. e fica claro que o desastre que se seguiu era obra de Deus.

Deus instruiu Jeremias a não interceder pelo povo; Ele não ouviria porque o provocaram com a idolatria (vv. 16-20). Um incidente específico de idolatria que provocou a fúria de Deus contra Judá foi a adoração da **Rainha dos Céus**, uma deusa pagã da fertilidade também conhecida por Ishtar/Istar, pelos babilônios, e Astarte/Ashtoreth, pelos egípcios e cananeus (v. 18). Todos os membros da casa dos judeus estavam envolvidos no serviço, ou culto, a essa deusa, tornando-os culpados (cp. Os 7.4). Enquanto eles **oferecem libações** (heb. ***nasak***, "derramar libações", Jr 7.18; cp. Sl 16.4) aos ídolos, **a [...] ira e o [...] furor se derramarão** (heb. ***natak***, "derramar, derreter", Jr 7.20; cp. 42.18; 44.6; 2Cr 34.21,25; Ez 22.21,22; Na 1.6) sobre eles e a sua terra. Jeremias 8 e 44 acrescentam mais informações sobre a participação das mulheres judias nessas práticas idólatras (Jr 7.18-20).

7.21-34 O povo, apesar dos consistentes alertas por intermédio dos profetas, ignorara deliberadamente a Deus; agora, o Senhor ignoraria as orações do povo (vv. 24,26). A urgência dos alertas proféticos é demonstrada na frase **todos os dias madrugando e enviando** os profetas, uma tradução literal do texto hebraico (v. 25). O povo era

obstinado e desobediente, e Deus indicou que eles haviam-se corrompido. **Corta o cabelo da tua cabeça** refere-se ao voto de nazireu, cujo cabelo longo era um sinal de dedicação ao Senhor, como se já tivesse se contaminado por tocar um cadáver (v. 29; cp. Nm 6.5-12). Cortar o cabelo também era um sinal de luto.

A razão para a contaminação é apresentada a seguir — uma abominação total e idólatra na família e na comunidade: o povo sacrificava os seus próprios filhos queimando-os como uma oferta ao deus Moloque no **vale do filho de Hinom** (heb., "lamentação", Jr 7.31). O julgamento de Deus sobre o povo é indicado pela mudança do nome de "vale do filho de Hinom" para **vale da matança**, onde as pessoas que praticavam tais crimes seriam assassinadas e os seus corpos ficariam insepultos (v. 32). Essa cena representa o pináculo do desastre que Judá trouxera para si mesma. Essa nação destruíra a sua própria comunidade — família a família — uma vez que a prática idólatra unia a família na sua participação conjunta na adoração e dividia as famílias enquanto adoravam por intermédio do sacrifício infantil. A família, por conseguinte, seria totalmente subvertida pela remoção da solenidade e respeito caracterizando os funerais apropriados e pela alegria dos casamentos.

O Lamento de Jeremias sobre a Perdição do Povo (8.1—10.25)

8.1-17 Os ossos dos líderes de Judá, como parte do julgamento por vir (7.32), foram exumados e expostos aos elementos, ironicamente aos próprios elementos que adoravam (8.2). O corpo deles permaneceria insepulto, e aqueles que sobrevivessem ao desastre desejariam escolher a morte à vida. O Senhor lamentou que Jerusalém estivesse sempre a **desviar[-se]** sem jamais retornar, isto é, ela não estava disposta a arrepender-se, preferindo continuar a buscar o mal e o engano (vv. 4-6). Até mesmo os pássaros migratórios obedecem a vontade do Senhor — eles conhecem o **tempo da sua arribação**, mas o povo de Deus não obedece porque **não conhece o juízo do SENHOR** (v. 7). Os líderes religiosos que pensavam que eram **sábios**, mas eram, na verdade, tolos porque não eram sábios da maneira de Deus. A punição deles era a perda da fertilidade da terra — e até mesmo **a folha caiu** (v. 13), presumivelmente por causa de uma seca descrita de modo mais completo no capítulo 14.

8.18—9.3 Essa passagem de lamento é uma dentre várias que estimulam o epíteto de "profeta chorão" para Jeremias. Ele parece falar por si mesmo, bem como pelo Senhor. A angústia sincera de Jeremias em relação ao destino do seu povo era esmagadora. O profeta do Senhor, de modo distinto daquele dos falsos profetas que "curam a ferida da filha de meu povo levianamente" (8.11), foi **quebrantado pela ferida da filha** do seu querido **povo** (8.21). O pecado deles é descrito como uma doença para a qual não se encontra a cura — nem mesmo em Gileade, uma região renomada pelo seu bálsamo de cura e pela quantidade de médicos existentes ali. A resposta a duas perguntas retóricas do versículo 22 é: "Sim, porém sem proveito", pois até mesmo aquele famoso unguento e aqueles renomados médicos não seriam de nenhum proveito para a grave doença do não arrependimento.

A profunda **tristeza** (heb. ***yagon***, "grande pesar", v. 18; cp. 20.18; 31.13; 45.3; Gn 42.38; Rm 9.2) de Jeremias é transmitida por meio de uma hipérbole: (Jr 9.1). **Prouvera a Deus a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos, em uma fonte de lágrimas! Então, choraria de dia e de noite** sobre a situação de Judá (Jr 9.1). Ao mesmo tempo, o profeta experimentou sentimentos conflitantes. Sentia tristeza e repulsa pelas ações do povo e gostaria de separar-se deles, pois eram mentirosos, **adúlteros** e malfeitores (9.2).

9.4-16 Na visão do Senhor, os pecados praticados pela língua das pessoas, os quais continuam a ser enumerados, eram tão graves quanto quaisquer outros pecados. Essas pessoas eram traiçoeiras, enganosas e difamadoras; o fato de esses pecados estarem entrincheirados na vida delas acabava por impedi-las de conhecer o Senhor. O detalhe de que **todo irmão não faz mais do que enganar** indicava que o povo estava vivendo segundo a herança de Jacó, ancestral deles que enganou o seu irmão Esaú (v. 4; Gn 27). O Senhor, graças à propagação da falsidade entre o povo, não teve escolha, decidiu que **os fundir[ia]** [heb. ***tsaraph***; cp. Jr 6.29; veja Sl 119.9-16] **e os provar[ia]** (heb. ***bachan***; veja Jr 6.27). E fez isso por intermédio da destruição da sua terra que fora queimada e ressecada a tal ponto que não poderia mais ser usada — a vida selvagem fugiu dali, e a cidade continuou desolada como um monte de **pedras** (9.7-11). A pessoa sábia entenderia que a causa para tal tragédia natural e nacional foi Judá ter abandonado o seu Deus.

A **alosna** (heb. ***la'anah***, "erva perniciosa ou venenosa"; cp. 23.15; Dt 29.18; Pv 5.4) e a **água de fel** (heb. ***mayim,*** "águas" de ***ro'sh***, "fel, veneno", Jr 9.15; 8.14; Dt 29.18; 32.32; Sl 69.21) indicavam que a punição seria amarga e mortal (Jr 9.15). Os pecados da língua, sintomáticos da corrupção espiritual do povo, dividiu a comunidade e contribuiu para a sua desintegração (Tg 1.26).

9.17-26 O choro e o lamento de Judá continuaram quando os pranteadores profissionais foram reunidos. O pesar era uma forma de emprego para muitas **mulheres** na Israel da Antiguidade (v. 17); essas mulheres, as carpideiras, lamentavam em voz alta, batiam no peito, arrancavam os cabelos e cantavam uma **lamentação** ou cântico de pesar (v. 20). Essa profissão era passada à geração seguinte, às **filhas** (v. 20). As **lágrimas** dessas mulheres, abundantes a ponto de os olhos **desfa[zerem-se]** e as pálpebras destilarem águas (bem como a "fonte de lágrimas" do próprio Jeremias, v. 1), contrastam de modo absoluto com a seca (v. 18; 14.1). A **morte** é personificada como uma intrusa que adentrou a cidade e levou a vida das **crianças** e dos **jovens** fortes (9.21). A imagem severa do **esterco** e da **gavela** deixados no campo e sujeitos aos elementos aumenta o horror dos corpos deixados ali para decompor-se sem a dignidade de um sepultamento (v. 22).

O problema da falta de conhecimento de Deus volta à tona. Muitas pessoas em Judá achavam que as **riquezas**, a **sabedoria** ou a força eram suficientes para uma vida segura, mas o Senhor insiste que essas coisas não são motivo de vanglória; antes, o indivíduo pode vangloriar-se no conhecimento do Senhor cujas qualidades da aliança (**beneficência, juízo e justiça**), e só elas, são suficientes para a vida (vv. 23,24). A seção termina com uma comparação favorável do povo escolhido com outras nações em que os indivíduos, por outros motivos, também praticavam a circuncisão. Os israelitas praticavam-na como um sinal da sua aliança com o Senhor (cp. Gn 17.10-14), enquanto os vizinhos eram circuncidados na sua carne (Rm 2.25-29). O povo de Deus não guardou a aliança no seu coração e, portanto, foi igualmente rejeitado e punido junto com as nações circunvizinhas (Jr 9.25,26).

10.1-16 Essa porção é um hino sobre a natureza incomparável de Deus, alternando nas suas estrofes entre a vaidade dos ídolos e a majestade poderosa do Deus de Israel. **O caminho das nações** e **os sinais dos céus** referem-se aos pagãos supersticiosos que depositam as suas esperanças

em presságios (v. 2). A inutilidade dos ídolos e a loucura da idolatria são dessa forma salientadas. O que começa como **um madeiro** do **bosque** é esculpido pelas mãos habilidosas dos artífices como um ídolo a ser adorado, embora seja tão inofensivo quanto um espantalho sem vida (vv. 3-5). A futilidade de adorar ídolos é salientada por quatro verbos negativos de ação: os ídolos **não podem falar** nem **andar**; **não podem fazer mal, nem tampouco têm poder para fazer bem** (v. 5). Em suma, são mortos e ineficazes. Tudo de valor em um ídolo — a sua arte, decoração e vestes — provém de um ser humano.

O Senhor, por sua vez, é o **Rei** poderoso que deve ser temido (vv. 7,10). Ele é o Deus **vivo** e **eterno** (v. 10). O poder, a vitalidade e a criatividade do Senhor são justapostas com a futilidade, a esterilidade e a inércia dos ídolos. Esse canto de glória a Iavé como o Deus sobre os elementos é reminiscente da linguagem do Salmo 29 e possivelmente constitui uma crítica adicional à adoração de Baal.

10.17-25 Jeremias relatou um oráculo de Iavé predizendo uma punição severa na forma de exílio. Esses versículos podem referir-se ao povo falando ou à expressão de pesar de Jeremias em nome deles e a identificação do profeta com eles. O **quebrantamento**, a **chaga** (heb. ***makkah***, "golpe, ferimento após ser golpeado", 10.19; 6.7) que causa **grande dor** (heb. ***chalah***, "grave", tão ruim que é improvável que seja curada", v. 19; cp. 14.17; 30.12) e a **enfermidade** (heb. ***choli***, "doença, enfermidade, aflição, pesar", de ***chalah*** [veja acima]; cp. Is 1.5; 53.3,4) — ocasionados pela invasão, cerco e exílio — são expressos por intermédio da imagem doméstica (Jr 10.20,21):

- **A minha tenda** [heb. ***'ohel***, "a casa móvel do nômade; Tabernáculo", vv. 19,20] **está destruída** (heb. ***shadah***, "devastada, destruída, arruinada", v. 20; 4.13; Is 15.1; 23.1; Na 3.7) — possivelmente uma referência à destruição do Templo e/ou Tabernáculo.
- Os **filhos** (heb. ***bēn***, Jr 10.20) ou os cidadãos fugiram em terror. Por conseguinte, não havia ninguém para restabelecer a adoração de acordo com a prescrição de Deus — isto é, a "tenda" e as suas **cortinas** (heb. ***yeri'ah***; veja Êx 26.1-6).
- Os **pastores**, ou líderes civis, **se embruteceram** (heb. ***ba'ar***, "insensível, carnal ou cruel", Jr 10.21; v. 14; 51.17). Tendo falhado em

busca[r] ao SENHOR, todos os seus gados **espalharam[-se]** (heb. ***puts***, "ser dispersos", 10.21; cp. Ez 34.6) — uma forma figurativa para falar sobre o que aconteceu com o povo sem uma liderança espiritualmente competente.

Jeremias 10.23-25 constitui a última tentativa do povo para apaziguar a ira de Deus ou a oração de Jeremias.

A Punição pela Violação da Aliança (11.1—12.17)

Os comentaristas referem-se algumas vezes a Jeremias 11—20 como as "Confissões" (ou reclamações) de Jeremias".

11.1-17 Esse **concerto** parece implicar algo mais recente — provavelmente uma referência à redescoberta do livro de Deuteronômio durante o reinado de Josias, que, estimulado por essa descoberta, iniciou uma renovação da celebração da aliança e um programa de reforma religiosa (v. 2; 2Rs 22.1—23.30). As conspirações contra Deus e contra Jeremias aconteciam, de alguma forma, em paralelo; a deslealdade ao Senhor levou à rejeição do seu porta-voz. O Senhor, por sua vez, rejeitou o seu povo de tal forma que chegou a até mesmo proibir Jeremias de interceder em favor do povo e chamá-los de volta à aliança. Quando Deus proibiu o profeta de interceder, os meios de arrependimento e de restauração foram eliminados.

Embora o Senhor chamasse o seu povo de **meu amado** (heb. ***yedid***; cp. Dt 33.12; Sl 60.5; 108.6; 127.2; Is 5.1), eles **comete[ram] grande abominação** (heb. ***mezimmah***, "plano maligno, pensamento ou conselho; lascívia") que não poderiam ser admitidos na **casa** de Deus (Jr 11.15). A rejeição de Iavé incluía os sacrifícios do Templo que, na visão do Senhor, estavam maculados por causa do mal do povo. A **oliveira** — uma imagem da experiência por parte de Judá das bênçãos da aliança com Deus — tem a conotação de beleza, saúde, abundância e prosperidade (v. 16). Deus acenderia **fogo ao redor dela** — uma imagem comum de destruição — em razão da sua ira com a idolatria (v. 16; 2Rs 22.13,17); não só as bênçãos foram removidas, mas também as maldições decretadas quase destruíram toda a nação.

11.18-23 Jeremias comparou a **um manso** [heb. ***'alluph***, "domesticado, gentil, domado"; a nota de rodapé da HCSB: "animal de

estimação ou boi"] **cordeiro, que levam à matança**, para salientar que tomara conhecimento dos **projetos** para destruí-lo (Jr 11.18,19). Jeremias, por conseguinte, apelou ao **SENHOR dos Exércitos** para lidar de modo **justo** com todos os envolvidos (v. 20). O versículo 21 identifica os **homens de Anatote** como aqueles que tramaram contra a vida do profeta. Anatote, uma cidade dos levitas no território benjamita, era o local de nascimento de Jeremias. Eles, ao tentarem proibir o profeta de entregar a palavra de Deus, provocaram a punição do Senhor sobre eles mesmos (vv. 22,23).

12.1-6 Jeremias fez a sua primeira queixa, apresentando o antigo enigma da prosperidade dos perversos. Talvez ele estivesse se referindo aos "homens de Anatote" (11.21), mas não necessariamente, pois os **ímpios** e os **que cometem o mal** existiam em toda a terra (12.1; 9.2-6). A pergunta seria geral, conforme aparece com frequência nos escritos de sabedoria (Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes), e não dirigida a alguns indivíduos específicos. O Senhor respondeu de uma forma indicando que as piores tribulações para Jeremias ainda estavam por vir. A expressão **na enchente do Jordão** refere-se à grande área pantanosa e perigosa ao longo das margens, especialmente comum durante a época das chuvas quando havia uma extensa inundação (12.5). Jeremias, até esse ponto do seu ministério (tanto quanto tivesse consciência), encontrara uma oposição relativamente moderada. Se ele lutasse com uma situação de **paz**, o Senhor perguntou-lhe, como lidaria com momentos de maior precariedade (v. 5)?

O perigo estava mais próximo de Jeremias do que ele imaginava. Os membros da sua própria família que falavam bem dele em público tramavam em particular para tirar a sua vida por causa da sua mensagem impopular em nome do Senhor (v. 6). O Senhor prometera proteger o seu porta-voz (1.8,17-19) e garantiu a Jeremias que os seus perseguidores em Anatote seriam punidos. Deus usava com frequência experiências na vida pessoal do profeta para ensinar o profeta e aqueles em torno dele de uma forma pungente. Aqui, Jeremias foi alertado sobre o apoio da boca para fora que a sua família dedicava-lhe em tempo de paz, quando a traição estava sob a superfície — exatamente a acusação de Deus contra Israel. Jeremias poderia ter esperado que Deus, em resposta a sua queixa, traria julgamento imediato sobre o povo perverso de Israel. Deus, no entanto, em vez de corrigir instantaneamente os erros, deu a Jeremias uma lição sobre a profundidade do logro e traição de Israel.

12.7-17 Essa seção tem várias metáforas que descrevem o relacionamento entre Deus e Judá:

- uma **casa** (heb. ***bayit***, v. 7), referindo-se aqui não ao Templo, mas à nação, a "casa de Israel" no sentido de uma casa ou dinastia real, uma nação instalada por Deus;
- a **herança**, indicando que Judá era a posse pessoal de Deus (vv. 7-9,14,15);
- **a amada** [heb. ***yedidut***, "aquela claramente amada, querida, deleite"; de ***yedid***, e.g., 11.15] **da minha alma**, indicando que Deus era o marido da nação de Judá e tinha um relacionamento único com essa nação — ela *não* era como as outras nações;
- **a minha vinha** e **o meu campo desejado** indicam que Deus é o vinhateiro e o fazendeiro que cuida da sua propriedade, tornando-a frutífera e próspera (12.10).

Judá, **como leão**, levantou **a voz contra** o seu esposo — aquEle que cuidava dela —, em vez de deleitar-se nEle como deveria ter feito (v. 8). Ele, por conseguinte, iria abandoná-la aos seus inimigos, que se reuniam em torno dela como **aves de rapina** para **devorá-la** (v. 9). A **espada do SENHOR** que **devora** estava por trás dos destruidores agindo como punição (v. 12). Não obstante, as ações más dos atacantes não estavam isentas de punição e, ainda assim, foram considerados culpados. Os destruidores seriam punidos com Judá, mas poderiam ser redimidos caso se voltassem para o Senhor e **aprende[ssem] os caminhos do meu povo** (v. 16), a reversão de Jeremias 10.2,3, em que Judá seguiu o "caminho das nações". A terra era central para a promessa da restauração. A punição consistia de ser desarraigado da terra; a restauração consistia de retornar à terra.

As Consequências da Apostasia (13.1—15.9)

Várias consequências da apostasia aparecem nessa passagem. Deus arruinaria Judá, destruiria o povo, humilharia a sua realeza e iria puni-la por causa dos seus falsos profetas. Em suma, Ele julgaria a nação de modo inclemente porque ela rejeitara de modo intencional a Deus e devotara-se a

Baal. O exílio ainda estava por vir, mas uma punição mais imediata foi a seca devastadora descrita no capítulo 14, um golpe duro para aqueles que confiavam no deus da tempestade, Baal, para enviar a água necessária para as suas plantações (veja 3.3; 5.24). A referência a Baal é confirmada em 14.22, o último versículo da segunda queixa de Jeremias, à qual o Senhor respondeu em 15.1-9.

13.1-14 O oráculo concernente ao **cinto de linho** (heb. ***'ēzor***, "cinto, cinta, faixa da cintura", v. 1) era uma demonstração física com uma interpretação provida por Deus. O segundo oráculo do odre que se **encher[ia] de vinho** veio só por meio da metáfora verbal (v. 12). O "cinto de linho" na sua composição representava os modos dos sacerdotes (os sacerdotes em geral usavam linho) e muita intimidade por causa da sua posição próxima daquele que o traja. Deus queria ter um relacionamento santo e íntimo entre si mesmo e Israel/Judá, mas o povo decaiu e tornou-se inútil por causa da desobediência. O rio **Eufrates** (heb. ***perat***, "infrutífero", vv. 4-7; ficava cerca de 560 quilômetros de Jerusalém. Algumas pessoas acreditam que ***Perath***, a designação hebraica, pode referir-se a uma fonte apenas cerca de 6,4 quilômetros de Anatote.

O segundo oráculo envolvia a imagem de odres de vinho, representando riqueza, alegria e bênçãos, sendo esmigalhados (v. 12). A **embriaguez**, no entanto, indicava uma boa situação que se tornou ruim — isto é, confusão, vulnerabilidade e fraqueza (v. 13). Os líderes, bem como o povo, ficariam embriagados com a ira de Deus e vulneráveis aos invasores que os destruíram.

13.15-19 Jeremias apontou para a **soberba** como um motivo para continuar com a desobediência e a recusa de voltar-se para Deus (v. 17). A realeza incorporou aquela soberba autossuficiente que rejeita a submissão ao Senhor, e Deus dirigiu uma mensagem ao rei (provavelmente Joaquim) e à mãe deste (Neusta) de que a perda do trono e a tomada do reino deles por outra nação já foram decididas.

13.20-27 As imagens de destruição não são somente trágicas, como também violentas, chocantes e perturbadoras. Os invasores estavam vindo **do Norte**, prontos para destruir o **rebanho**, isto é, Jerusalém (v. 20). A nação de Judá era a pastora a quem fora confiado um rebanho (v. 20). Judá, em razão da sua preferência por **mentiras** e os rituais depravados e sensuais da adoração a Baal, fora publicamente desgraçada (v. 25).

Jerusalém é retratada figurativamente como uma mulher cuja culpa fora exposta (vv. 22,26). A imagem é chocante:

- As suas **vestes** [heb. ***shul***, "saia esvoaçante ou calda de uma veste, a orla de uma veste"; cp. Êx 28.33-34; Lm 1.9] **foram levantadas** (NVI; ***galah***, "descobertas ou reveladas, desnudar", Jr 13.22; cp. Is 47.3; Ez 16.36; 23.29).
- Os **calcanhares** [heb. ***'aqēv***, "calcanhares"] **sofrem violentamente** (heb. ***chamas***, "desnudada de modo violento, tratada com violência", Jr 13.22).
- O Senhor diz: **eu descobrirei** [heb. ***chasaph***, "arrancar uma coberta, desnudar", cp. Is 47.2; Jl 1.7] **as tuas fraldas até ao teu rosto** (Jr 13.26).
- Os **adultérios** — isto é, as práticas idólatras — são comparadas aos **rinchos** de cavalos copulando (v. 27).

A severidade da punição aponta ainda para a natureza clamorosa do pecado de idolatria de Judá, pecado esse que começou com a desvalorização do seu relacionamento único com Deus. Assim, o Senhor permitiu que ela seguisse o seu próprio caminho, removendo a sua proteção e cuidado e deixando-a desamparada diante dos amantes que se tornaram predadores.

14.1-16 A **grande seca** (heb. ***batstsoret***, "refrear", como segurando a chuva; o termo aparece apenas aqui e em 17.8) ocorreu em duas esferas: a física e a espiritual (14.1). Na física, a terra ficou, de fato, ressecada; não caiu chuva por tanto tempo que até os reservatórios, que deveriam sustentar a nação em tempos de seca, ficaram completamente secos (vv. 2-4). Até mesmo as cervas do campo, que protegem instintivamente os seus filhotes, abandonaram-nos à própria sorte (v. 5). **Os jumentos monteses**, que, em geral, conseguem sobreviver no deserto, experimentaram dificuldades durante essa seca (v. 6). Considerando-se a recusa de Deus em ouvir as orações do povo, o clamor desesperado para salvá-los dessa situação devastadora era em vão. Eles mesmos identificaram a causa da seca — os pecados, as **maldades** e as **rebeldias** (v. 7). As metáforas usadas por Deus indicam a visão do povo em relação ao Senhor durante esse apuro. Ele parecia:

- **um estrangeiro** [heb. ***gēr***, "estrangeiro, estranho, pessoa vivendo fora do seu país", v. 8] **na terra**, aquele que não caracterizado como pertencente ao povo de Deus;
- um **viandante** passando por ali e, portanto, não presente na hora da angústia (v. 8);
- um **homem cansado** (heb. ***daham***, "confundido pela repentina calamidade", v. 9); e
- um homem **valoroso que não pode livrar** (v. 9).

Deus viu a insinceridade e instabilidade do povo e respondeu com uma verdade áspera: o povo era infiel e merecia punição. Deus não ficaria impressionado nem se comoveria se trouxessem sacrifícios ou fizessem jejum.

O pecado do povo fazia parte do problema, e os falsos profetas levaram o povo a sentir complacência sobre o seu pecado. Eles enganaram o povo para que este acreditasse que as consequências do pecado (a **espada**, a **fome** e a **peste**) poderiam ser evitadas ou que mesmo sem voltarem-se para o Senhor haveria **paz** (vv. 12-16). O oráculo de Deus afirmou que os profetas que mentiam para o povo, bem como aqueles enganados por estes, pereceriam pelo mesmo meio que buscavam evitar, mas que, por causa da sua apostasia, trouxeram inevitavelmente sobre si mesmos esse infortúnio (v. 16; 9.22).

14.17-22 O lamento de Jeremias por Judá é apresentado na forma de um cântico fúnebre. Ele chorou, em retrospectiva e também em antecipação, pela calamidade assolando a nação — o exílio não estava em progresso nem era iminente. O povo já fora destruído porque a seca resultara em fome, e o povo estava sendo deportado para a Babilônia (v. 18). Jeremias confessou o pecado do povo, implorando pela misericórdia de Deus por causa do seu **nome**, do **trono da** sua **glória** e do **concerto** com o seu povo (v. 21). Ele reconheceu que só Iavé era o Deus vivo, o responsável por aquela seca e, por intermédio das suas perguntas, indicou a causa para a falta devastadora de chuva: **Haverá, porventura, entre as vaidades** [os ídolos inúteis] **dos gentios, alguma que faça chover?** (v. 22). Essa pergunta refere-se aparentemente à confrontação entre Elias e o rei Acabe, cuja esposa era adoradora de Baal, mantendo 450 profetas de Baal na corte real. A confrontação entre Elias e aqueles sacerdotes aconteceu no contexto de outra seca com duração de três anos, cujo resultado foi a fome. Elias, após a

morte dos profetas de Baal, orou para que chovesse. A seca teve fim quando o Deus verdadeiro enviou uma tempestade (1Rs 17—18).

15.1-9 A paciência do Senhor com o seu povo esgotara-se. Não só não ouviu a oração de Jeremias (e já instruíra Jeremias para que não orasse pelo povo), mas também não ouviria nem mesmo se outros mediadores (como **Moisés** ou **Samuel**) da história de Israel intercedessem pelo povo (v. 1). As punições deles seriam horríveis, e Deus apresentou como uma razão as ações do rei **Manassés**, avô de Josias (v. 4; 2Rs 21.1-17; 2Cr 33.1-20). Manassés não só levou a nação de volta à idolatria depois que o seu pai **Ezequias** já havia purgado a terra, como também sacrificou os seus filhos aos ídolos no vale de Hinom. Deus, por intermédio dos profetas da época de Manassés, alertou que a nação de Judá (e Jerusalém) seria tratada como Israel (e a sua capital Samaria), brutalmente exilada pelos assírios (2Rs 21.10-15). Quando o exílio veio na época de Jeremias, Deus apresentou um lembrete das práticas detestáveis que o levaram a retirar a sua compaixão do seu povo impenitente, abandonando-os ao seu destino violento. Judá, apesar da punição enviada pelo Senhor (Jr 15.6,7), após abandonarem a Deus e ter **volta[do]** [heb. ***'achor***, "para trás", a direção do verbo ***yalak***, "ir, caminhar", v. 6; cp. 7.24] **para trás**, recusou-se a **voltar[-se]** [heb. ***shuv***, 15.7; veja o estudo da palavra, 3.6-18) **dos seus caminhos.**

Jeremias 15.5-9 constitui um lamento de guerra, resumido no terrível efeito da guerra nas mulheres de Judá (cp. Jz 5.28-30, um lamento desdenhoso). A resposta esperada às três perguntas retóricas no versículo 5 é "ninguém". Jerusalém não poderia contar com ninguém para ter solidariedade ou comiseração por ela quando o julgamento viesse porque, conforme afirmou o Senhor, fora ela que o abandonara (Jr 15.6). O Senhor, por conseguinte, **estende[u]** a sua **mão**, manifestando o seu poder no julgamento (v. 6; 21.5; 51.25; Is 5.25; 23.11; Ez 6.14; Sf 1.4; 2.13).

A morte de tantos guerreiros de Judá é indicada pela reversão evidente da promessa da aliança do Senhor com Abraão — de que os seus descendentes seriam mais numerosos que os grãos de areia na praia (Gn 22.17). As **viúvas** se **multiplicariam** mais que as areias do mar (Jr 15.8). A frase **dava à luz sete** filhos refere-se à mulher que se sente realizada com as gestações, sentindo orgulho e alegria por ter muitos filhos (v. 9). Sete era o número da perfeição, de modo que a mulher que pensou que encontraria bênção em ter muitos filhos seria **confundi[da]** e **envergonh[ada]** e não sentiria mais orgulho da sua condição (v. 9). Os dias restantes da sua vida

seriam de angústia e repentinamente escuros por causa do pesar, como se o **sol** tivesse se posto de forma prematura, transformando o meio-dia em escuridão (vv. 8,9). Assim como a proliferação de filhos e a alegria do casamento eram o epítome de uma comunidade florescendo, também o choro das viúvas e das mães enlutadas resume o fracasso da comunidade.

A Reclamação e a Repreensão de Jeremias (15.10-21)

15.10-21 Há um diálogo entre o Senhor e Jeremias, pois este lutava com as consequências do cumprimento do seu chamado profético. Deus entregara-lhe uma mensagem de condenação e maldição para Judá; Jeremias, desse modo, não recebeu o apreço do povo e foi vítima do complô preparado pela sua própria família (11.18,19; 12.6). O profeta expressou a sua profunda angústia ao desejar que estivesse morto ou que jamais tivesse nascido (cp. Jó 3.1-11). O Senhor, enquanto Jeremias lamentava, confortou-o e acalmou-o (Jr 15.10,11). A resposta à pergunta retórica no versículo 12 é que ninguém pode **quebrar o ferro [...] ou o aço**, em especial **o ferro do Norte**, provavelmente se referindo aos babilônios, os instrumentos do julgamento de Deus que seriam invencíveis nesse papel.

O lamento de Jeremias continuou, e ele orou por vingança contra os seus **perseguidores** (v. 15). O versículo 16 descreve a aceitação por Jeremias da sua comissão (1.9; Ez 3.1-3) e a **alegria** resultante, em contraste com as expressões subsequentes e anteriores do sofrimento e do desespero concomitantes com o trabalho do seu ministério. O seu chamado profético produziu alegria, por saber que se identificava com Deus, e a sua identificação com o seu povo produziu apenas dificuldades, alienação, solidão, peso e **dor** (Jr 15.16-18).

A experiência de Jeremias não deve vir como surpresa para os servos de Deus, pois o sofrimento acompanha a alegria, e isso aconteceu até mesmo no ministério de Paulo (2Co 11.24-31; Fp 1.3; 4.1). Jeremias, no seu desencorajamento, sentiu que Deus, em algumas circunstâncias, fora **ilusório** — como o ribeiro cujas águas são inconstantes (Jr 15.18). O Senhor, de modo gracioso, disse a Jeremias para **volta[r]**, admoestando-o a continuar a falar as palavras de autoridade provenientes do Senhor, em vez das palavras **vi[s]** derivadas do seu desânimo pessoal (v. 19). Ele foi encorajado a buscar aceitação do Senhor, e não do povo. A solidão de

Jeremias era, de fato, crítica, pois, pelo visto, poucos profetas estavam dispostos a trocar a aceitação popular pela aprovação de intimidade com o Deus vivo. O Senhor assegurou mais uma vez o seu porta-voz (a **sua boca**) quanto à proteção em palavras que reiteravam a sua promessa no tempo do comissionamento profético de Jeremias (v. 19; 1.19,20).

A Solidão de Jeremias e a Devastação e Esperança da Nação (16.1-21)

16.1-9 O Senhor ordenou Jeremias a representar três parábolas ao observar as seguintes três restrições. Jeremias:

• não deveria casar-se nem ter filhos **neste lugar**, isto é, em Judá (vv. 2-4);
• não deveria ir a um funeral (vv. 5-7);
• não deveria participar de uma festa (vv. 8,9).

O ponto era para transmitir que as rotinas da vida em comunidade haviam terminado. Não mais haveria alegria na terra por intermédio do casamento, da família e das festas; não haveria **consol[o]** nem **consolação** para os pranteadores no seu pesar (v. 7). O Senhor explicou a relevância de cada um desses atos. Deus logo tiraria a vida de homens, mulheres e crianças pela peste e fome. Seria muito melhor não se casar nem ter filhos que sofrer por causa desse destino. Jeremias não deveria oferecer consolação em festas de luto porque Deus não tinha mais piedade nem compaixão pelo seu povo. Jeremias não deveria regozijar-se em alguma festa porque Deus retirara a alegria da terra. As ações de Jeremias sinalizavam uma ruptura em um sistema em que o matrimônio, os filhos, a família, as festas de casamento e funerais eram atos vitais na comunidade. Os atos e as instituições que significavam a bênção de Deus eram para ser retirados, da mesma forma como Jeremias retirara-se deles.

16.10-18 Enquanto os versículos 10-13 reiteram outras passagens sobre o pecado de idolatria de Israel e o exílio resultante, os versículos 14 e 15 oferecem um vislumbre de esperança para a nação. Assim como o Senhor tirara Israel do Egito, também resgataria e restauraria o seu povo das terras do Norte para as quais foram exilados. A imagem de restauração e do retorno apareceu quando Deus prometeu fazê-los **voltar** a sua **terra**, aquela que dera aos seus **pais** ou ancestrais (v. 15). Essa promessa de um futuro mais brilhante está entre duas passagens, uma de condenação e outra de punição. Os versículos 16-18 enfatizam mais uma vez o **pecado** do povo, alertam da invasão por vir por meio de dois grupos de agressores referidos por **pescadores** e **caçadores** e descrevem a idolatria do povo como eles tendo **profana[do] a [...] terra**.

16.19-21 Essa seção contém afirmações sobre a soberania e singularidade de Deus. A passagem é um anúncio cheio de esperança de um tempo em que todas as nações reconhecerão Iavé como o verdadeiro Deus. A primeira palavra, **SENHOR**, é a tradução da palavra hebraica ***Yahweh***, o nome de Deus afirmado por Jeremias. A última palavra dessa passagem também é **SENHOR**, uma autoafirmação de Deus. Esse parêntesis "SENHOR" engloba uma breve confissão de que os ídolos são vãos, inúteis e ineficazes e não passam de **mentiras**, incluindo também a loucura da ideia de que a humanidade pode manufaturar deuses. *A intenção de Deus de revelar a si mesmo e de ter um relacionamento com as nações que antes eram idólatras é demonstrada pelo uso*

de três formas do verbo ***CONHECER*** *(heb.* ***yada‘****, v. 21; veja o estudo da palavra, Jó 38.21): "conhecer ["causa de conhecer, ensinar"] [...] fa[zer] conhecer [...] saberão". Esses termos enfatizam o conhecimento profundo de Deus que é relacional e fundamentado na aliança.*

O Pecado e a Punição de Judá (17.1-27)

Várias formas de poesia abrangem grande parte desse capítulo, enquanto o restante é prosa narrativa, uma mensagem concernente ao respeito pelo sábado dado ao povo por intermédio de Jeremias. As porções poéticas podem ser classificadas como um oráculo profético (vv. 1-4), ditos de sabedoria (vv. 5-13) e um lamento (ou queixa) de Jeremias (vv. 14-18).

17.1-4 Nesse oráculo, o pecado de Judá é descrito metaforicamente como indelével. Tragicamente, o **pecado de Judá está escrito [...] na tábua do seu coração** (o lugar por direito da nova aliança com Deus) e nos seus **altares** (o local reservado para a expiação e perdão do pecado). Fica claro que a persistência no pecado levou à queda e à punição de Judá.

17.5-13 Os três grupos de ditos podem ter sido direcionados ao rei Jeoaquim, ou podiam ter a intenção de aplicar-se mais geralmente a qualquer outra pessoa. A imagem aqui é um reminiscente do Salmo 1, em que duas árvores simbolizam aqueles que confiam na força humana em contraste com aqueles que confiam em Deus. A pessoa que confia na força humana fica isolada, seca e estéril como um arbusto do deserto; mas aquela que confia no Senhor é como uma árvore que é continuamente frutífera, abundante e viçosa porque se apoia em fontes confiáveis de água.

O grupo seguinte de ditos afirma que Deus testa e examina o coração e a mente. O **coração** é o assento do pensamento e da razão, enquanto os **pensamentos** (heb. ***kilyah***, literalmente "rins") são o assento das emoções (vv. 9,10). Jeremias identificou o problema incurável no coração de Judá (v. 1). Os pensamentos de uma pessoa resultam de ações dignas ou indignas, as quais serão recompensadas com justiça por Deus, como no caso do homem que se tornou rico por intermédio da injustiça. Os versículos 9-13 podem referir-se mais uma vez a Jeoaquim, aquele que abandonou a Deus, ficou rico injustamente, perdeu as riquezas materiais e o poder e foi **envergonhad[o]** (v. 13). Ele, dessa forma, tornou-se como a **tamargueira no deserto** da Arábia (v. 6) porque abandonara a **fonte**

das águas vivas (v. 13), e essa fonte poderia resultar na produção abundante de frutos.

17.14-18 Jeremias confiou em Deus para a cura, a salvação e a proteção contra aqueles que zombavam dele e da sua mensagem divinamente dada a eles. Esse profeta, enquanto pedia proteção a Deus contra os seus perseguidores, lembrou a Deus as promessas que fizera antes no seu comissionamento (1.8,17-19).

17.19-27 O povo — os líderes e os sujeitos também — violaram de modo consistente o sábado ao realizar os seus negócios entrando e saindo de Jerusalém. Honrar o sábado é o quarto mandamento da aliança mosaica, um pilar central de um relacionamento com o Criador e o Deus que faz aliança. Assim como o povo violara outros mandamentos (contra o adultério, a idolatria, a mentira, etc.), também violou esse mandamento. A natureza condicional da aliança pode ser observada em várias consequências apropriadas às suas ações. Honrar o sábado como Deus queria levaria à continuidade da dinastia de Davi e ao vicejar da adoração no Templo, o que poderia incluir israelitas de todas as regiões de Judá. A desonra contínua do sábado significava rejeitar a Deus e resultaria no julgamento e destruição, como simbolizado por um fogo inextinguível que a tudo consome.

As Lições do Oleiro (18.1—19.15)

18.1-17 O principal tema dessa metáfora representada é a soberania de Deus no modelar dos destinos nacionais. A soberania divina estende-se sobre todas as nações, porém esse texto diz respeito particularmente a Judá. Deus não abriu espaço para a resposta humana — quer obediência, quer desobediência. A compatibilidade da soberania divina com a liberdade humana é bem ilustrada nesse texto que mostra a inconsistência e inconstância da humanidade. As ações do homem não anulam os planos de Deus. O Senhor continua soberano e cumpre derradeiramente os seus propósitos, apesar das falhas do homem em obedecer. Deus ensinou essa lição a Jonas na sua experiência com os ninivitas (Jn 3).

Deus disse a Jeremias que lhe revelaria as suas **palavras** na **casa do oleiro** (Jr 18.2). *Em hebraico, a palavra* ***OLEIRO*** *é um particípio ativo do verbo* ***yatsar*** *("formar, moldar") — "aquele que forma ou molda". O verbo é usado com frequência em relação a Deus como o Criador (Sl 94.9; Is 43.1; veja o estudo da palavra,*

Gn 2.7,8,19). As ***RODAS*** *(heb.* ***'ovnayim****, "par de pedras, duas pedras", Jr 18.3) consistiam provavelmente de duas pedras no formato de disco. A pedra maior de cima, sobre a qual a argila era jogada e virada, era construída para servir de pivô sobre pedra de baixo, ou as duas pedras estavam ligadas a um eixo.* Jeremias observou o oleiro em suas rodas por um instante, prestando atenção à sua habilidade com a argila e a forma como a dominava. O oleiro planejou moldar a argila para confeccionar um determinado vaso; mas, dependendo da qualidade da argila, o oleiro exercitava a sua liberdade para buscar um plano alternativo de acordo com o que considerava apropriado. A explicação do Senhor para as ações do oleiro (vv. 6-10) reitera o tema profético anunciado em 1.10.

Jeremias foi chamado de porta-voz de Deus, transmitindo os seus planos **para arrancar, e para derribar, e para destruir**, mas também para **edificar e [...] plantar** um povo ou um **reino** (18.7,9; 1.10; 31.28). Os diferentes destinos dependeriam do arrependimento da nação ou rebelião constante. O Senhor convidou Judá para desviar-se do mal e converter-se do **seu mau caminho** e melhorar as suas **ações**, indicando que o Senhor estava disposto a "projet[ar] um plano" contra eles (18.11). Judá, no entanto, respondeu com desobediência, agindo de acordo com o seu **malvado coração** (18.12; 17.9-10). Judá desviara-se das **veredas antigas**, isto é, dos caminhos da obediência fiel ao Senhor (18.15). Antes, o povo andava por estradas laterais — caminhos ásperos e sujos, representando a sua idolatria — em oposição às **veredas** aplainadas da adoração do Deus vivo e verdadeiro (v. 15). Judá, por conseguinte, escolhera a maldição e a destruição. O Senhor, por ela tê-lo rejeitado, também a rejeitaria no **dia da sua perdição**, dando-lhe as **costas** (v. 17).

18.18-23 Esse lamento de Jeremias foi ocasionado por outra trama contra ele. Ele, anteriormente, intercedera pelo povo de Judá, mas agora ele pedia ao Senhor para que os destruísse.

19.1-15 Essa passagem contém outra parábola representada em que uma **botija de oleiro** (simbolizando Judá) é esmigalhada como uma ilustração visual de como Deus esmagará de modo irreparável o seu povo por causa da sua desobediência (v. 1). *Em 18.4, a palavra "barro" (heb.* ***chomer****) denota o material bruto ainda maleável com o qual se produz os potes. Aqui, uma palavra distinta para* ***BARRO*** *(NVI; heb.* ***cheres****, 19.1) identifica a botija do oleiro já cozida ou o artefato de barro já seco (32.14; cp. Sl 22.15). Em outros contextos, a palavra refere-se com frequência a "cacos de um vaso de barro", um fragmento inútil de cerâmica quebrada (cp. Jó 2.8). Uma "botija" de barro quebrada, de modo distinto da argila úmida na roda*

do oleiro que ainda pode ser moldada (Jr 18.4), não poderia ser consertada, sendo jogada fora, ou os seus fragmentos eram usados como se fossem papel para escrever. A "porta dos Cacos (heb. ***charsut****)" (NVI), também conhecida por "Porta do Sol", pode ter recebido esse nome por ser usada como um lugar de despejo da cerâmica quebrada e inútil (19.2; Ne 2.13).*

A metáfora visual era particularmente relevante, considerando-se as instruções de Deus na lei para que fossem "quebrado[s]" (heb. ***shavar,*** *"quebrar em pedaços, esmigalhar") os potes de cerâmica que se tornaram "imundo[s]" (veja Lv 6.28; 11.33; 15.12). O Senhor "****QUEBRAR[IA]*** *[heb.* ***shavar****] [...] este povo e esta cidade" da mesma forma como Jeremias "quebr[ou] o vaso do oleiro" (Jr 19.10,11). A palavra* ***VASO*** *(heb.* ***baqbuq****, "garrafa, frasco, botija", 19.1,10) provém do verbo* ***baqaq*** *(heb., "derramar para esvaziar"). O utensílio de barro que Jeremias foi orientado a comprar foi provavelmente designado para armazenar ou servir algum líquido. O verbo em si aparece como um jogo de palavras na promessa de* ***DISSIPA[R]*** *(heb.* ***baqaq****, "tornar vazio, cancelar", 19.7) os planos de Judá.*

O **vale do filho de Hinom** (vv. 2,6), ou **Tofete** (vv. 11-14), era um lugar onde aconteciam os rituais pagãos e o sacrifício infantil, praticados pelos israelitas (cp. 7.30-34). O rei Josias transformou-o em depósito de lixo em que tudo jogado ali era queimado (veja "Cenário" na Introdução; 2Rs 23.1-20). Esse oráculo foi direcionado a toda a casa de Judá, passada e presente, incluindo os reis anteriores cujas ações levaram a nação à apostasia. O local tornou-se estrangeiro ou estranho no sentido de ser não israelita, uma vez que a nação de Israel estava ligada de modo inextricável à aliança com o seu Deus. O desastre viria sobre Israel por causa da idolatria, assassinato e oferta sacrifícios de crianças a Baal.

O Senhor descreveu as condições espantosas durante o cerco de Jerusalém, quando o desespero levou ao canibalismo (Jr 19.9). As maldições da aliança, apresentadas em Deuteronômio 5—6, 10—12 e 26—28, descrevem de modo vívido a situação que se abateu sobre Judá na época de Jeremias (esp. Dt 28.45-57). A profecia de Jeremias foi cumprida em 586 a.C., quando Nabucodonosor invadiu Judá e cercou Jerusalém (Jr 52.4-6; Lm 2.20). A cidade de Jerusalém, como o vaso quebrado e sem qualquer possibilidade de conserto, deveria tornar-se um lugar tão vil e tão violado quanto Tofete. Jeremias repetiu a sua mensagem no pátio do Templo, dirigindo-se publicamente ao povo e citando a desobediência obstinada como a causa dos desastres profetizados.

O Profeta Jeremias É Maltratado (20.1-18)

20.1-6 Quando **Pasur, [...] o sacerdote**, ouviu a profecia de Jeremias quando retornou de Tofete/Hinom, fez com que esse profeta fosse surrado e encarcerado (v. 1). A **porta superior de Benjamim** era provavelmente uma entrada para o Templo no lado norte, uma vez que o território de Benjamim fica bem a norte de Jerusalém (v. 2; Ez 8.14; 9.2). Talvez Pasur fosse um dos que tramaram contra Jeremias (Jr 18.18), confiante de que ele e os líderes religiosos de Judá (sacerdotes, conselheiros sábios e profetas) sempre teriam as verdadeiras palavras de Deus. Pasur trouxe desastre sobre si mesmo, extraindo de Jeremias uma profecia de cativeiro na Babilônia para ele e a sua família. Pasur também recebeu uma acusação de falsa profecia. Jeremias deu um novo nome a Pasur, **Magor-Missabibe** (heb. "terror por todos os lados", 20.3; ***magor***, "terror, medo, pavor" no v. 10; 46.5; 49.29; Sl 31.30; Lm 2.22), com a intenção de profetizar sobre o futuro de Pasur. Ironicamente, enquanto Pasur reagia de modo violento contra a mensagem de Jeremias, ele caiu presa das suas próprias ações, tornando-se um **terror** (heb. ***magor***, Jr 20.4) para a sua própria família.

20.7-13 Jeremias lamentou a seguir o seu tratamento e a dificuldade da sua tarefa profética como um representante autêntico do Senhor e os seus propósitos. Ele acabara de profetizar que Pasur seria aquele associado com o terror em todos os lados, mas ele mesmo, na sua experiência, era aquele para quem o terror estava em todos os lados! A **palavra do SENHOR** — a mensagem que Jeremias pregava — só trouxe **opróbrio** e **ludíbrio** para o mensageiro (v. 8). Mas o mandato profético era incontestável. O versículo 9 é muitíssimo importante para compreender a motivação que levou o profeta a continuar a pregar uma mensagem repugnante e ofensiva sobre mortes, praga e exílio.

20.14-18 A confiança de Jeremias na proteção do Senhor (vv. 11-13) não alterou nem diminuiu o seu sofrimento. Ele, como Jó, desejou algumas vezes a morte. Nesse lamento de Jeremias, ele não era suicida, mas apenas um homem quebrantado, solitário e desprezado, cuja dor e pesar eram profundos. Ele amaldiçoou o dia do seu nascimento, uma vez que marcou o início da sua miséria. Ele amaldiçoou o mensageiro que anunciou o seu nascimento como se fosse uma boa notícia (ele não amaldiçoou os seus pais, pois isso era proibido pela Lei) e, com amargura, ponderou por que não fora abortado ou não nascera morto. Como podemos compreender esses

sentimentos perturbadores? Jeremias estava profundamente desencorajado. Ele, embora tivesse certeza do chamado de Deus para o ministério profético, sentia que a sua mensagem trouxera apenas dor e rejeição; além disso, nenhuma das suas profecias fora ainda cumprida. O seu abatimento era real — a resposta normal e possivelmente apropriada à sua situação. A verbalização da sua situação diante de Deus fazia parte do seu relacionamento com o Senhor. Considerando-se que Deus fizera Jeremias passar o tempo todo por experiências que imitavam a dEle, ficava óbvio a profundidade do desapontamento e tristeza do Senhor em relação a essa situação.

Jeremias, já em desespero, acreditava que a sua vida e obra eram inúteis — a morte seria preferível. **No ventre** (NVI) era precisamente o local em que o chamado de Deus foi afirmado, até mesmo antes do nascimento de Jeremias; este, já angustiado, caracterizou aquele período não como algo alegre, mas um tempo tão trágico quanto a destruição de Sodoma e Gomorra (v. 17). Esse lamento é a última "queixa" de Jeremias, e o Senhor aparentemente não o repreendeu por causa desses pensamentos. Deus, como aconteceu com Jó, permite que os seus servos expressem o pesar profundo diante da fragilidade humana e incapacidade de suportar as demandas da vontade de Deus. Os sentimentos fortes (e, talvez, chocantes) registrados aqui mostram Jeremias como um homem frágil cuja fé algumas vezes oscilava e cujo Deus é paciente e soberano no seu intento de cumprir as palavras proferidas por intermédio do seu servo.

O Alerta e o Julgamento Concernente aos Reis (21.1—22.30)

Os capítulos do 21 em diante não estão necessariamente em ordem cronológica. Após a morte de Josias, dois dos seus filhos (Salum/Jeoacaz e Eliaquim/Jeoaquim) reinaram; a seguir, o seu neto (Joaquim/Jeconias, filho de Jeoaquim); depois, outro filho, Matanias/Zedequias foi o último rei de Judá. Cada um deles assumiu um nome quando se tornou rei e assumiu o trono. Quando os oráculos usam o nome dado, em vez de nome usado no trono, pode haver uma repreensão implícita, uma vez que a rejeição do nome pode indicar uma rejeição da legitimidade do rei. Os capítulos 21 e 22 contêm alertas e julgamentos para os quatro reis que vieram depois de Josias, além de uma mensagem adicional para o povo de Judá. As questões

subjacentes a esses capítulos são: o que é necessário para ser um rei em quem Deus se deleita? E como os reis de Judá ficaram aquém disso?

21.1-7 (*Contra Zedequias*) **Zedequias** pediu uma palavra do Senhor a Jeremias, esperando conjecturar sobre o poder de Deus e os livramentos passados nesse momento de crise em que os babilônios estavam sobre eles. Ironicamente, Deus reverteu a fórmula — "com mão forte e braço estendido" (Dt 5.15; Sl 136.12) — usada geralmente para indicar livramento dos inimigos, voltando-a contra Zedequias e Jerusalém: **E eu pelejarei contra vós com mão estendida, e com braço forte** (Jr 21.5). Essa mensagem deve ter soado devastadora. Assim como Deus libertara-os pessoalmente no passado *do* cativeiro egípcio, Ele agora os entregaria pessoalmente *ao* cativeiro babilônico.

21.8-14 A mensagem de Jeremias para o **povo** parecia oferecer um vislumbre de esperança, mas esta era tênue e condicional (v. 8). Deus voltou-se mais uma vez aos reis de Judá que violaram as exigências do Senhor concernentes ao julgar **justamente** na terra, incorrendo, desse modo, no **furor** de Deus, simbolizado como **fogo** inextinguível (v. 12). A condenação frequente dos reis por injustiça disseminada na terra salienta a principal tarefa da função real (v. 12; Pv 31.4,5,8,9). A injustiça caracterizou o reino de todos os quatro reis que sucederam a Josias até que o furor de Deus veio contra Judá, resultando na destruição, cativeiro e exílio. Em vez de justiça em Jerusalém, achou-se apenas orgulho pela sua alegada invencibilidade; mas a punição de Deus por causa do orgulho é garantida, mais uma vez simbolizada pelo fogo consumidor (Jr 21.14).

22.1-9 Esse capítulo consiste de uma coletânea de oráculos contra a realeza de Judá. O imperativo para **exerce[r] o juízo e a justiça** é reiterado e expandido para incluir outras vítimas: o **estrangeiro**, o **órfão** e a **viúva** (v. 3). O derramamento de **sangue inocente** foi um dos pecados mais graves do rei Manassés de Judá (neto de Josias), e os seus netos podem ter seguido o seu exemplo (v. 3; 22.17; 2Rs 24.1-4).

As bênçãos políticas que poderiam resultar de atos de justiça agradáveis a Deus são os mesmos resultantes do respeito ao sábado (Jr 17.24-27). **Gileade** e o **Líbano** eram conhecidos pelas suas florestas viçosas, sobretudo o Líbano, renomado pelos seus **cedros** (22.6,7). Existe um contraste marcante entre aquela vegetação viçosa e o **deserto**, resultante das devastações dos **destruidores** (vv. 6,7). A razão para essa destruição

aparece mais uma vez como idolatria e abandono do **concerto do SENHOR** (v. 9).

22.10-12 (*Contra Jeoacaz/Salum*) O rei Josias não deveria ser pranteado na sua morte; antes, o seu filho, exilado sem possibilidade de retorno, deveria ser tratado com compaixão. Jeoacaz reinou como rei apenas três meses antes de o Faraó Neco deportá-lo para o Egito, onde ele, por fim, morreu (2Rs 23.31-34).

22.13-23 (*Contra Jeoaquim*) O oráculo contra Jeoaquim é o mais longo nesse capítulo. Jeoaquim reinou por onze anos. Ele, de modo distinto do seu pai **Josias**, falhou em governar com justiça e retidão e seguir os padrões por meio dos quais Deus media os seus reis (v. 18). Os pecados do orgulho e presunção (mencionados no capítulo 21) estão mesclados com o seu fracasso como rei, pois ele usou a **injustiça** e meios **corruptos** (NVI) para construir a **sua casa** e os **seus aposentos**, oprimindo o seu **próximo** ao não lhe pagar os seus salários (v. 13).

Jeoaquim teve uma visão de esplendor real para si mesmo, e as vigas e painéis de **cedro** do seu palácio representando a força e magnificência, reminiscentes da época de Salomão (v. 15; 1Rs 7.2-11). Ele, no entanto, negligenciou Deus e não o **conhece[u]**, isto é, não tinha um relacionamento verdadeiro com Deus como Josias tivera-o (Jr 22.16). A rejeição de Jeoaquim como um rei verdadeiro está implícita na pergunta sarcástica: **Reinarás tu, só porque te encerras em cedro?** (22.15). Jeoaquim confiou na sua aparente força terrena e proteção do palácio, onde se sentia **segur[o]** (NVI) e sentia-se abrigado como se estivesse em um **ninho de cedros** (22.21,23). Ele seria levado derradeiramente para o cativeiro e morreria de forma humilhante, e os outros líderes (**pastores**) também seriam levados para longe e dispersos (v. 22).

22.24-30 (*Contra Joaquim*) O oráculo final nessa seção vem contra Joaquim, também chamado de **Jeconias, filho de Jeoaquim** (v. 24). Joaquim seguiu os passos maus dos seus predecessores; assim, ele seria banido para a Babilônia junto com a sua mãe, Neusta, que evidentemente era incapaz ou não estava disposta a influenciá-lo para o bem. Ela provavelmente exercitou influência e poder sobre Joaquim, uma vez que este ainda era muito jovem quando ascendeu ao trono.

Joaquim recebeu apenas palavras devastadoras na descrição que Deus fez dele. O Senhor descreveu Joaquim com metáforas, dizendo que o arrancaria mesmo que fosse o **selo do anel** da sua **mão direita** (v. 24). O

selo do anel, como uma assinatura real, quando pressionado na argila úmida ou na cera quente, deixava uma impressão singular, autenticando um documento ou demonstrando a posse deste. Esse anel, um símbolo de autoridade, estava sempre na pessoa do rei (v. 24). O Senhor disse que **arrancaria** Joaquim da sua mão — isto é, o Senhor não mais governaria Israel por intermédio desse rei. Joaquim seria como um **vil utensílio** [heb. ***'ētsev***, "vaso de barro"] **quebrado** (heb. ***naphats***, "quebrado, esmigalhado em pedaços", v. 28; 13.14; 48.12; 51.20-23; Jz 7.19; Sl 2.9), um **utensílio** [heb. ***keli***, "utensílio, vaso, recipiente", Jr 14.3] **de que ninguém se agrada**, e ele seria jogado em uma terra estrangeira onde ficaria sujeito aos seus inimigos (22.28).

Deus, a fim de ser enfático, chamou a **terra** para testemunhar a verdade da declaração do seu profeta de que Joaquim jamais retornaria para a sua terra natal (vv. 26,27). A separação da terra natal e a morte em país estrangeiro eram as derradeiras e piores maldições dentre as maldições da aliança. Por conseguinte, **nenhum dos seus descendentes** (NVI) governaria depois dele; então, seria o mesmo que fosse **privado de seus filhos**, a consequência mais lamentável que uma pessoa poderia experimentar no mundo da Antiguidade (v. 30).

A Condenação dos Falsos Profetas (23.1-40)

O Senhor, após pronunciar o julgamento sobre os reis por terem ficado aquém dos padrões de Deus, voltou-se para os outros líderes do povo, já mencionados pelo termo "pastores" (22.22). Ele, depois destes, voltou a sua atenção para os profetas de Judá que receberam o incentivo mais minucioso.

23.1-8 Essa passagem assemelha-se muitíssimo ao tema e conteúdo de Ezequiel 34, em que os líderes são comparados com os pastores que causam danos ao rebanho e **dispersam** as ovelhas de tal forma que estas se perdem (v. 1). Só o Senhor pode pastorear de modo apropriado o seu

rebanho e, no futuro, Ele levantará um rei justo da linhagem de Davi que garantirá a segurança de Israel (Ez 34.1-31).

A palavra da profecia messiânica é inaugurada pela frase **eis que vêm dias**, e o uso do título **Renovo** (heb. ***tsemach***, literalmente "brotar, aquilo produzido pela planta viva"; figurativamente "filhos, descendência") de **Davi** (Jr 23.5; 33.15; Is 4.2; Zc 3.8; 6.12). Um **rei** legítimo seria apontado por Deus, rei esse que exibiria as verdadeiras virtudes reais de sabedoria, **juízo** e **justiça** (Jr 23.5; 33.15; Is 4.2; Zc 3.8; 6.12), e o seu nome seria, de fato, este: **O SENHOR, Justiça Nossa** (heb. ***YHWH-tsidqēnu***, v. 6). O fato de que o futuro governante legítimo incorpora a justiça serve para enfatizar a injustiça (e, portanto, ilegitimidade) dos reis mencionados no capítulo anterior. Por fim, a obra do Senhor em reunir de novo o seu povo ficaria renomada, superando o milagre do êxodo, até que a fórmula popular de juramento fosse alterada para refletir o mais recente ato de livramento e repovoamento do seu povo na Terra Prometida.

23.9-15 Os profetas receberam a condenação por vários motivos. Jeremias chamou-os (ou, possivelmente, aqueles a quem influenciavam) de **adúlteros**, referindo-se aos ensinos e práticas idólatras deles, e **a terra chora** por causa da seca resultante (v. 10; cap. 14).

Jeremias sentiu-se sobrepujado pelo contraste desolador entre a santidade de Deus e a magnitude da maldade e conduta profana dos profetas. O julgamento de Deus sobre eles era iminente. Os **profetas de Samaria** eram os profetas de Israel, o Reino do Norte cuja capital era Samaria (23.13). A comparação entre as duas capitais enfatiza a recusa obstinada de arrepender-se por parte de Judá. Essa nação, em vez de permanecer em um relacionamento fundamentado na aliança, escolheu não cumprir os mandamentos. Deus, por conseguinte, considerou-as imorais e incorrigíveis como **Sodoma** e **Gomorra**, cidades pagãs com cujo povo Deus não tinha nenhum relacionamento fundamentado na aliança e cujo pecado ocasionou o julgamento arquétipo da repentina destruição total pelo fogo e enxofre (v. 14).

Jerusalém imitou as obras de Samaria apesar de ter testemunhado a sua destruição e a deportação dos seus habitantes (v. 14; 3.6-11; Ez 23). Os profetas suportariam o fardo da punição de Deus por levar o povo à idolatria e à **contaminação** (heb. ***chanuphah***, "poluição", Jr 23.15; do verbo ***chanēph***, "ser profanado, poluído ou contaminado"; 3.1-2,9; Nm 35.33; Sl 106.38).

23.16-32 O Senhor alertou o seu povo contra prestar atenção aos profetas que pregavam mensagens de falsa segurança; aqueles que pregam mensagens de **paz** e de que nenhum **mal** iria abater-se sobre o povo desobediente a Deus (vv. 16,17). Na realidade, a **ira** de Deus vem sobre os **ímpios**, e a sua **ira** não **se desviará** até que se complete a punição (vv. 19,20). A ira divina contra o pecado deles era impossível de ser detida, como acontece com um furacão. O **conselho** [heb. ***sod***, "uma assembleia", que se refere a um grupo de seres celestiais que se reúnem na presença celestial de Deus e que recebem informações sobre os planos pretendidos de Deus e a sua sabedoria; vv. 18,22; Sl 89.7] **do SENHOR** é mencionado duas vezes. Os falsos profetas não conheciam nada sobre o Senhor e seu conselho porque não se consultavam com Deus. O Senhor não os comissionou nem lhes transmitiu uma mensagem, e todas as mensagens deles partiam do **coração dos profetas** e dos **sonhos** deles (vv. 26,27). A punição do povo de Deus era inescapável porque o Senhor é onipresente: é Deus **de perto** e **de longe**, e ninguém consegue esconder-se em **esconderijos** nem em lugares abertos — Ele enche **os céus e a terra** (vv. 23,24).

Deus condenou os **profetas profetizando mentiras** por afirmarem enganosamente que os seus sonhos eram a fonte de autoridade para a mensagem deles (vv. 25,26). Embora os sonhos sejam modos aceitáveis da revelação profética, o Senhor comparou o valor relativo de **um sonho** com a sua **palavra** ao valor da **palha** (heb. ***teven***, "palha, grama seca que alimenta o gado e cavalos") e o **trigo** (heb. ***bar***, "milho ou trigo"), uma fonte importante de alimento e o fundamento da dieta do povo (v. 28). Iavé comparou ainda a sua **palavra** ao **fogo** e ao **martelo que esmiúça a penha** (v. 29). A palavra de Deus como entregue pelo profeta genuíno era de destruição e julgamento sobre aqueles que **fazem errar o [s]eu povo** (v. 32).

23.33-40 O termo **peso** (heb. ***massa'***), ao longo de toda essa seção, é um jogo de palavras que pode referir-se não só ao "peso" que se carrega, mas também a um "oráculo ou palavra proferida" (v. 33). O **povo** e os seus **profeta[s]** e **sacerdote[s]** estiveram confiando em oráculos falsos, e, assim, por garantia, eles perguntaram pelos últimos oráculos — isto é, mais garantia (vv. 33,34). Deus respondeu que não havia oráculo, apenas um peso não tranquilizador. Na realidade, *eles* eram o "peso" que o Senhor descartaria. O Senhor proibiu o uso da expressão "Peso do SENHOR"

porque o povo estava fazendo a sua própria revelação de Deus, pervertendo com isso **as palavras do Deus vivo** (vv. 36-38). Deus ameaçou pegá-los e tirá-los da sua **presença** (ou aliviar a si mesmo do "peso" deles), pois falaram mentiras em seu nome (v. 39).

A Visão dos Figos Bons e dos Figos Maus (24.1-10)

24.1-3 A visão dos **dois cestos de figos** aconteceu durante o reinado de Zedequias, após a deportação de Joaquim. Essa visão tinha a intenção de distinguir entre os exilados já na Babilônia e aqueles que permaneceram em Judá.

24.4-10 O próprio Senhor interpretou a visão que deu a Jeremias. Ele explicou a visão do cesto com **bons figos** em termos do reminiscente da sua intenção original para a missão de Jeremias (v. 4; 1.10). O propósito dos dois tipos de figos era dramatizar a natureza bivalente da situação — os figos eram bons ou maus, mas não havia nada em situação intermediária. De modo similar, havia esperança (para os exilados) e nenhuma esperança (para aqueles na terra), não havendo nenhuma situação intermediária. Os exilados já na Babilônia consistiam do remanescente que acabariam por **voltar** a Israel (24.6). Deus disse que os **edific[aria]** e **não os destruir[ia]** (v. 6; 42.10). Além de voltar à terra, eles também se **converter[iam]** ao Senhor **de todo o seu coração** (24.7). O retorno deles tornou-se possível pela obra de Deus: ele daria a todos um **coração para que** o **conheçam**, evidenciando um dos temas mais importantes de Jeremias — que a nova aliança é escrita internamente no coração, e não apenas externamente nas tábuas de pedra (v. 7).

Em contrapartida, aqueles que foram deixados para trás seriam destruídos, não porque Deus escolhe arbitrariamente os seus favoritos, mas por causa da sua própria rebelião contra a palavra de Deus. A punição daqueles que permaneceram na terra viria como uma surpresa para os ouvintes de Jeremias, uma vez que estes provavelmente teriam considerado aqueles levados para o exílio como aqueles sendo punidos, enquanto os que permaneceram seriam os favorecidos por Deus.

Os Setenta Anos de Exílio (25.1-38)

25.1-14 As profecias contidas nesse capítulo datam do **quarto ano de Jeoaquim**, antes da segunda deportação para a Babilônia (v. 1). Jeremias, por essa época, pregava havia 23 anos a mensagem de Deus para Judá, sem qualquer resposta positiva. O Senhor, por intermédio dele, incitou o arrependimento, a obediência e o dar as costas à **obra** das **mãos** deles, isto é, a idolatria, mas Judá recusou-se a ouvir (v. 7). **Portanto**, o Senhor incitaria **todas as gerações do Norte** (os babilônios) a destruir totalmente a terra e a deixá-la em ruínas (vv. 8,9). O cativeiro dos habitantes é profetizado aqui, e o período do exílio deles é dado como **setenta anos**, dando, desse modo, à terra o seu descanso sabático (vv. 1-12; 2Cr 36.21). As palavras do Senhor transmitidas por intermédio de Jeremias foram lidas muitos anos mais tarde por Daniel, um contemporâneo mais moço do profeta. Daniel (levado para o cativeiro com o primeiro grupo de exilados) apurou "pelos livros que o número de anos, de que falou o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de acabar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos" (Dn 9.2).

Essa passagem ilustra com clareza a soberania de Deus sobre todas as nações, e não apenas sobre o seu povo. Deus chamou Nabucodonosor, um gentio pagão, de **meu servo**, aquele a quem seria confiada a tarefa de punir Judá pelos seus pecados. Nabucodonosor fez isso inconscientemente, e até mesmo Ciro, o persa, chamado de "meu pastor" (Is 44.28) e "seu ungido" (Is 45.1), serviria como instrumento de Deus para a restauração do seu povo à terra e à cidade deles, Jerusalém, cujas ruínas seriam reconstruídas (Is 44.24—45.6). Ciro fez isso, embora não conhecesse o Senhor (Is 45.4,5), e Deus realmente iniciou e realizou essas ações, conforme indicado em Jeremias 25 e em Isaías 45 pelos verbos repetidos na primeira pessoa do singular (identificados em português pelo uso do futuro; Jr 25.10). A desolação completa da terra é marcada pela ausência de sons da atividade humana. *A palavra hebraica* ***qol*** *é repetida três vezes, traduzida tanto por* ***VOZ*** *quanto por* ***SOM*** *(v. 10).* O **folguedo**, a **alegria** e os sons das atividades diárias (**mós**) e noturnas (**candeeiro**): tudo isso seria eliminado (v. 10).

Quando se completou a punição de Judá, um julgamento similar também recairia sobre a Babilônia. Na realidade, não só a Babilônia sofreria, mas também **todas estas nações** contra as quais **profetizou Jeremias** seriam punidas por causa da sua perversidade e idolatria (vv. 12-14).

25.15-38 As nações que seriam punidas são mencionadas nos versículos 18-26. A punição delas foi assinalada pelo **copo de vinho do furor** proveniente do Senhor (v. 15). O **copo** simboliza a ira de Deus em outros trechos das Escrituras (v. 17; Jó 21.20; Is 51.17; Ez 23.31; Mt 26.39; Mc 10.38,39; Ap 14.10; 16.19). Nessa instância, ele simboliza não só a ira do Senhor, mas também os efeitos do julgamento de Deus pela **espada** (guerra), uma punição devastadora que começou com o próprio povo de Deus, **Judá** (Jr 25.18,27,29), e culminando com a devastação de **Sesaque**, um codinome para Babilônia (v. 26). Será que essa passagem refere-se a uma visão ou deve ser compreendida de forma literal? As duas opções são possíveis, e os comentaristas discordam sobre o sentido preciso dela. Alguns sugerem que a passagem é puramente metafórica, enquanto outros argumentam que Jeremias pode ter-se aproximado dos representantes políticos ou embaixadores estrangeiros dos países mencionados.

O julgamento de Deus não se limita às nações circunvizinhas, mas é contra **todos os moradores da terra** (v. 29). Deus, na sua soberania, julga **toda carne** (v. 31). Várias metáforas transmitem a magnitude do julgamento do Senhor. As imagens ameaçadoras do leão rugindo, tanto a primeira quanto a última, servem de parênteses para as metáforas intervenientes (vv. 30,38). A imagem do lagar para o pisoteio das uvas denota julgamento, e não a alegria festiva da colheita das uvas (v. 30). Isso pode estar relacionado à imagem anterior do copo e a outras imagens violentas que utilizam a imagem do lagar (Is 63.2-6; Ap 14.19,20), fazendo um paralelo entre o vinho e o sangue e associando esses elementos com o julgamento e a ira divinos.

O Senhor, a seguir, volta-se para a imagem pastoral com pastores e rebanhos (Jr 25.34-37). Os termos **pastores** e **principais do rebanho** (v. 34) referem-se aos reis das nações enumeradas nos versículos 18-26. Eles não escapariam do julgamento, e o **pasto** (v. 36) ou **pastagens** (NVI) — talvez se referindo aos reinos deles — seriam totalmente destruídos pelo Senhor (v. 37).

A Vida de Jeremias antes do Cativeiro (26.1—38.38)

A Profecia Falsa *versus* a Verdadeira (26.1—29.32)

Embora a missão de Jeremias resultasse em solidão e alienação, os capítulos seguintes colocam Jeremias no contexto de outros contemporâneos proféticos. Alguns (como Hananias, Acabe, Zedequias, Semaías) eram os seus inimigos, enquanto outros (como Urias) pregavam em solidariedade com ele. A mensagem do profeta de Deus desagrada com frequência a sua audiência, enquanto os falsos profetas buscavam acalmar a audiência e apaziguar o rei com profecias de paz, em vez da submissão ao jugo babilônico. Dois pontos principais emergem em relação aos profetas. Primeiro, o teste de um verdadeiro profeta repousa no cumprimento da sua profecia (28.9; Dt 18.21,22). Segundo, a punição do Senhor para o falso profeta era a morte e extermínio da sua linhagem de descendentes (Jr 28.16; 29.21,32).

26.1-24 Esse capítulo é, ao mesmo tempo, um resumo do sermão do Templo do capítulo 7 e a expansão desse incidente. Enquanto o capítulo 7 provê uma apresentação completa do sermão, o capítulo 26 fornece uma apresentação mais completa do julgamento de Jeremias.

A tônica da mensagem de Jeremias era que, se Judá se recusasse a arrepender-se, o Templo de Jerusalém seria destruído pelos filisteus por volta de 1050 a.C. A destruição de Jerusalém serviria como uma lição objetiva para todas as nações. Jeremias, por causa das suas palavras contra o Templo, atraiu ameaças contra a sua vida. Na realidade, **os sacerdotes, e os profetas, e todo o povo** consideraram a profecia de Jeremias como uma mentira blasfema entregue **no nome do SENHOR** (vv. 7-9). O falso profeta, de acordo com a Lei deuteronômica, tem de morrer (como, nos capítulos seguintes, será o caso com relação aos falsos profetas). Jeremias, no entanto, defendia-se ao reiterar o seu chamado ao arrependimento, insistindo que a sua mensagem trazia a autoridade divina. Os **príncipes** e os **anciãos** formavam um tipo de júri ou conselho de defesa, lembrando os acusadores de Jeremias de que **Miqueias, o morastita**, pregou uma mensagem igual, mas a sua vida foi poupada (vv. 16-19).

Em contrapartida, o destino de **Urias, filho de Semaías**, foi trágico (v. 20). A mensagem de Urias era, aparentemente, a mesma que a de Jeremias, mas, ao que parece, ele não tinha ninguém para defendê-lo. Jeremias defendeu a sua posição, foi julgado e protegido por **Aicão, filho de Safã**, um importante cortesão (v. 24). Por que o destino de Urias difere do de Jeremias? Urias fugiu para o Egito em busca de asilo, mas Judá e o Egito compartilhavam leis de extradição, uma vez que Jeoaquim era um

governante vassalo. Urias foi considerado um falso profeta e traidor, sendo, por conseguinte, extraditado e executado; além disso, também lhe foi negado um sepultamento no sepulcro da família. O seu corpo foi jogado em um local de sepultamento comum, onde outros também eram sepultados, talvez o vale de Cedrom.

Nesse breve relato, tomamos conhecimento da forma inconstante, assassina e impulsiva de como os israelitas lidavam com os seus profetas. Essas eram as pessoas contra quem Jeremias tinha de profetizar. Não é de admirar que ele tenha sido tomado pelo desânimo.

27.1-22 A parábola representada das **prisões e jugos** (heb. ***motah***, "jugo" em si ou as "barras" deste, v. 2; 28.10-13; Lv 26.13) da Babilônia ocorreram no reinado de Zedequias, o último rei de Judá antes da queda final de Jerusalém. A mensagem de Jeremias proveniente do Senhor representou uma reiteração da mensagem que pregara para os outros reis, Jeoaquim e Joaquim: **colocai o pescoço no jugo do rei da Babilônia, e servi-o, a ele e ao seu povo, e vivereis** (Jr 27.12). Nessa ocasião, os embaixadores estrangeiros de **Edom**, **Moabe**, Amom, **Tiro** e **Sidom** foram a Jerusalém para discutir com **Zedequias** a forma como poderiam juntar forças contra o rei da Babilônia (v. 3). O Senhor, a fim de ilustrar o seu propósito, ordenou a Jeremias representar fisicamente o oráculo profético. Ele deveria fazer um jugo e usá-lo, aconselhando a reunião política a submeter-se ao "jugo do rei da Babilônia" (vv. 2,8-15). Nabucodonosor, mais uma vez, é chamado de **meu servo** e recebe o governo de todos os reinos — ainda que também viria o tempo em que seria derrubado e escravizado (v. 6). Observe que o Senhor aconselhou as nações circunvizinhas a não levar em consideração os prognosticadores, ilegais em Judá: os **adivinhos**, os que têm **sonhos**, os **agoureiros** e os **encantadores** (v. 9).

Jeremias rejeitou duas vezes o falso conselho para rebelar-se contra a Babilônia (vv. 9,14) e condenou uma vez as profecias concernentes aos utensílios do Templo levados para a Babilônia (v. 16). Enquanto as outras mensagens proféticas eram encorajadoras, porém falsas, a mensagem de Jeremias era desencorajadora, talvez percebida como traiçoeira e humilhante — uma vez que o jugo simbolizava servidão — porém verdadeira.

Os utensílios da Casa do SENHOR levados por Nabucodonosor eram de ouro, recipientes usados na adoração no Templo (v. 16; 2Rs 24.13).

Esses recipientes foram feitos por Salomão durante a construção do Templo (1Rs 7.48-51). A remoção deles representava uma preocupação em particular para os sacerdotes, e Jeremias tratou desse tópico com eles. Os falsos profetas tentaram assegurar os sacerdotes de que os utensílios logo retornariam, mas Jeremias insistia que a destruição da cidade, por causa da sua desobediência, já fora decretada. Aqueles profetas fariam melhor se intercedessem a Deus com a esperança de que nada pior acontecesse com o restante dos utensílios de cobre (1Rs 7.15-47 para a origem destes). As palavras de Jeremias trouxeram pouco conforto para os sacerdotes, pois Deus já determinara que os utensílios de cobre também seriam **levados para a Babilônia**, mas, no tempo apropriado, seriam restaurados ao Templo de Jerusalém. A profecia de Jeremias foi cumprida em 52.17-23 e Esdras 1.7-11.

28.1-16 A confrontação com **Hananias** (v. 1) no Templo deve ter deixado perplexos todos os que testemunharam isso, pois o diálogo foi de um profeta contra outro profeta, ambos afirmando falar verdadeiramente em nome de Deus e ambos usando uma fórmula oracular idêntica: **Assim fala o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel** e **assim diz o SENHOR** (vv. 2 e 11). Jeremias, aparentemente, ainda usava **o jugo** (heb. ***motah***, v. 10) que Deus ordenara-lhe fazer e usar por um tempo não especificado (v. 10). Hananias, que aparece apenas aqui, contradisse cabalmente Jeremias, usando a parábola representada de Jeremias para apresentar o seu argumento (vv. 10,11). Ele, ao quebrar o jugo de Jeremias, declarou que Deus quebrara o jugo da Babilônia e que todos os que foram deportados retornariam em dois anos (v. 11). A profecia de Hananias pode ter sido motivada por um desejo de bajular o rei e os outros embaixadores.

Jeremias, após lançar mão do sarcasmo, salientou que a mensagem de Hananias era inconsistente com a sua e com a dos seus predecessores (talvez uma referência a Isaías e Miqueias). Jeremias, diante da profecia contrária de Hananias, pareceu recuar; mas, quando recebeu uma palavra do Senhor concernente a Hananias, falou mais uma vez com destemor. Ironicamente, aquele que previra **paz** e restauração em dois anos foi julgado e morto em dois meses (vv. 9,17; v. 1). A falsa profecia incorria na pena de morte, e o Senhor foi quem deu início à punição de Hananias. As palavras da sentença de Hananias também revelam certa ironia: aquele que não fora enviado pelo Senhor para pregar seria agora enviado pelo Senhor para a sua morte (vv. 9,16).

29.1-9 Jeremias foi instruído a escrever um oráculo profético na forma de uma **carta** aos exilados já na Babilônia (c. 597 a.C.). A carta foi **enviad[a] à Babilônia, a Nabucodonosor**, por Zacarias (v. 3). Esse capítulo contém, pelo menos, duas cartas de Jeremias, possivelmente três delas aos exilados. A primeira carta diz respeito ao plano de Deus para eles e inclui a condenação de dois falsos profetas — Acabe e Zedequias (29.21) — que levaram o povo a acreditar em coisas contrárias ao plano de Deus; a segunda carta menciona outro falso profeta — Semaías, o neelamita (29.24). Todos os três profetas pereceriam pelo decreto de Deus.

A carta de Jeremias indica que Deus era o instigador do exílio desses homens por intermédio de Nabucodonosor, o agente divino. Deus era também aquele que os restauraria do exílio. A primeira pessoa, transmitindo a fala de Deus, é usada continuamente com os verbos de ação: **eu fiz transportar** [os exilados] **de Jerusalém para a Babilônia** (v. 4). A mensagem para os exilados é um cumprimento da intenção de Deus, conforme expressa para Jeremias no seu comissionamento (1.10):

- **Edificai** e **plantai** (29.5).
- Tomai mulheres e **gerai** filhos (v. 6).
- **Orai** pela **paz** na terra dos seus captores a fim de assegurar a sua própria **paz** (v. 7).

Essa mensagem para estabelecer-se numa terra estrangeira deve ter confundido os exilados, principalmente à luz das predições otimistas dos profetas existentes entre eles. O Senhor, rotulando as mensagens proféticas como falsas, deu ao povo um oráculo que, de modo distinto dos outros, foi positivo, embora não gratificante de imediato.

29.10-14 Embora essa mensagem celebrada seja muitíssimo amada, poucos leitores têm consciência de que foi proferida em um contexto de desesperança. Aquele responsável pela punição e rejeição de Judá era também responsável pela restauração final de Judá. Deus, em meio ao **mal** infligido a si mesmos, prometeu **esperança e um futuro** (NVI; v. 11). Ao passo que o Senhor mais recentemente dera as costas ao seu povo e não permitira nem mesmo que Jeremias intercedesse por eles, ele iria **ouvi[-los]** no futuro (v. 12). A condição para buscar e encontrar a Deus estava no

coração (v. 13). A busca deveria ser sincera para que a restauração do povo fosse completa.

29.15-32 Os versículos 15-19 constituem uma expansão do capítulo 24 que compara aqueles deixados para trás em Jerusalém com os figos maus. O versículo 15 indica que algumas informações foram trocadas entre os exilados babilônios e aqueles deixados para trás, quer pela carta, quer por meio do boca a boca. O **rei que se assenta no trono de Davi** refere-se a Zedequias, o governante na época (v. 16). No restante do capítulo, três falsos profetas são mencionados, todos os quais moravam entre os exilados: **Acabe, Zedequias** e **Semaías** (vv. 21,24).

Os dois primeiros também eram adúlteros que seriam punidos pela incineração, uma punição babilônica refletida na história de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (Dn 3). Semaías escreveu a **Sofonias**, o **sacerdote**, em resposta à carta de Jeremias em Jeremias 29.4-15 (Jr 29.25). Ele opôs-se a Jeremias, fazendo objeção à mensagem deste de que **o cativeiro muito há de durar** e de que o povo deveria **edifica[r] casa** para **habita[r]** na Babilônia (v. 28). A descendência de Semaías, por causa dessa oposição, morreria, e, por conseguinte, nenhum dos seus descendentes retornaria do exílio.

O Livro da Consolação (30.1—33.26)

30.1-17 O tema do comissionamento profético de Jeremias é reiterado aqui (1.10). As porções de julgamento da passagem constituem exemplos de desarraigamento, destruição e queda do governo, enquanto as mensagens de esperança e restauração são exemplos de estruturação, isto é, edificação e instalação (estabelecendo um relacionamento/aliança correto). Esse livro da consolação apresenta esperança para Israel e Judá, mas a esperança futura deles não elimina a punição do desastre que já foi determinado pelo Senhor.

O pavor, pânico e medo ocasionados pela punição deles são ilustrados de modo vívido pela imagem de uma mulher com **dores de parto**; essas dores são excruciantes e inevitáveis (v. 6). Os breves momentos de descanso entre uma contração e outra são preenchidos com o pavor da contração seguinte, e não há nada que se possa fazer para escapar dessas contrações. O fim virá, mas só depois do aumento da dor para o que parece ser um tempo insuportável. Antes dos dias da medicina moderna, não se podia ter

certeza de que a mulher sobreviveria ao parto; a morte da mãe durante o parto era comum. O parto era um momento aterrorizador.

O tempo de problemas, no entanto, passaria, e o Senhor libertaria o seu povo do cativeiro depois de eles sofrerem. Duas frases — **eis que dias vêm** (v. 3) e **naquele dia** (v. 8) — indicam um tempo futuro de libertação dos inimigos, restauração deles a sua terra e um retorno ao governo pelo seu próprio rei, **Davi**, sob a proteção de Deus, a quem eles **servir[iam]** (v. 9). A libertação e restauração do povo foram garantidas e asseguradas pelo Senhor, mas os pecados deles não permitiram que ficassem sem a punição. A restauração/libertação e a punição demonstram o amor justo e misericordioso de Deus. Eles, por fim, **descansar[iam], e ficar[iam] em sossego, e não haver[ia] quem o[s] atemorize**, mas primeiro deveriam enfrentar **a voz de tremor, de temor, mas não de paz** (vv. 5,7,10).

Apesar de Deus amar profundamente o seu povo e destruir as nações invasoras, ele, não obstante, iria **castig[á-los] com medida** (v. 11). A punição daqueles que executaram o juízo de Deus sobre Judá é repetida de modo mais enfático no versículo 16 com a devoração dos devorados, a destruição dos destruidores e o saque dos saqueadores. Tudo isso era obra de Deus, como também o era a punição do seu povo. O Senhor pune, mas também salva; e, embora fira o seu povo como um **inimigo** o faria, Ele também traz **saúde**, cura para as feridas deles como só Ele é capaz de fazer; pois, à parte dEle, as **chagas** de **Sião** são **incuráve[is]** (NVI), chagas essas causadas pelos seus pecados (vv. 12-17).

30.18-22 A consolação continuou quando a restauração da terra foi prometida, envolvendo a reconstrução física das cidades de Judá. Haveria mais uma vez **louvor e voz de júbilo** do povo; e, apesar de em breve eles defrontarem-se com a dizimação, o futuro promete expansão, prosperidade e respeito (v. 19). O povo, como nação (a **sua congregação**), seria restaurado mediante o seu relacionamento com Deus: eles seriam **confirmad[os] perante o [...] rosto** do Senhor (v. 20). Segue-se uma breve passagem messiânica prometendo um futuro **príncipe** que sairia **do meio deles** e não seria um estrangeiro (v. 21) — **Davi, seu rei** (v. 9).

Esse **governador** seria um sacerdote-rei, aquele que entra na presença de Deus a convite deste, e não pela sua própria iniciativa (v. 21). A sua mediação sacerdotal/real resultaria na renovação da aliança com Deus (como no caso do rei Josias e a cerimônia de renovação da aliança, feita

após ele descobrir o livro da Lei, que estava perdido no Templo, 2Rs 23.1-3), de acordo com a intenção original de Deus. A fórmula em Jeremias 22 aparece em Êxodo 19.6, Levítico 26.12 e Oseias 2.23 (para o quebrar da aliança, observe o reverso da fórmula em Os 1.9). Essa é a fórmula da aliança, abrangendo tudo o que ela significa — isto é, um relacionamento mútuo entre Deus e o seu povo, por intermédio do qual o povo tem privilégios e responsabilidades.

Jeremias 30.23,24 pode referir-se à punição sobre a queda de Judá ou, possivelmente, aos babilônios que, em breve, esmagariam e oprimiriam Judá. A ira de Deus é descrita como uma **tormenta** — um furacão que, uma vez desatado, não pode ser interrompido antes de cumprir os **desígnios** de Deus (Jr 30.23,24). Na véspera da privação e devastação, Judá pode não ter compreendido a justiça de Deus, embora tenha sido temperada pelo amor; no entanto, em retrospectiva, eles compreenderiam tudo o que lhes sucedeu.

31.1-14 Essa passagem olha para a frente, referindo-se ao **tempo** do retorno de Israel do cativeiro (vv. 1,6). É também uma passagem de esperança prometendo a **benignidade** (heb. ***chesed***, "lealdade à aliança" de Deus, "bondade fiel" do Senhor; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) de Deus, sempre manifestada para com Israel, e a qual seria **etern[a]** (Jr 31.3). Ele prometeu uma bênção incrível — a reunificação de Israel (o Reino do Sul e o Reino do Norte) sob Iavé. Uma reiteração profética segue-se, uma variação do tema inicial na promessa de Deus para **edifica[r]** e reconstruir Israel, cuja alegria seria restaurada (v. 4). Essa reconstrução pode referir-se à multiplicação da nação após ter encolhido por causa da guerra e exílio.

A imagem da reconstrução de uma família é sugerida em Gênesis pelo uso desse termo por Sarai e Raquel, quando cada uma delas deu a sua serva ao seu respectivo marido para produzir filhos em seu nome, dizendo: **e eu assim receba filhos por ela** (Gn 30.3; Gn 16.2). Ilustrando essa alegria está a imagem de mulheres cantando com **adufes** (Jr 31.4,13; cp. Êx 15.20,21). Israel também **plantar[ia] vinhas** de novo, e a terra produziria frutos em abundância (Jr 31.5).

Deus prometeu um retorno alegre para o seu povo exilado e disperso, referindo-se a um novo êxodo para fora da terra do Norte. O remanescente que retornaria, incluiria até mesmo o povo fraco e vulnerável (**os cegos, os aleijados, as mulheres grávidas e as de parto**), indicando que

ninguém seria deixado para trás nem seria excluído (v. 8). Deus confrontou o seu povo que retornou chorando e liderou-os de volta para casa pelo **caminho direito, em que não tropeçar[iam]** e não passariam pelo caminho difícil que poderia levá-los a tropeçar (v. 9).

Assim como Deus identificou-se como o marido de Israel (v. 32; Is 54.5; Os 2.16), também se identifica como **pai** para Israel (**Efraim** é outro nome de Israel, Jr 31.6,9,18,20; Os 11). A reunião de Israel na sua terra serviu como testemunho diante das nações da soberania (**Aquele que espalhou**), proteção (imagem do pastor) e poder de Deus, quando resgatou Israel de um poderoso opressor (Jr 31.10). A **alegria**, em contraste com o desânimo e choro, emerge de modo proeminente nessa passagem lírica (vv. 9-14). Essa alegria brotava da bondade de Deus demonstrada por intermédio da produção agrícola abundante e da consolação estimulada pelo retorno a sua terra e pela restauração espiritual a Deus.

31.15-20 Jeremias 31.15 é citado em Mateus 2.16-18 com referência à matança de inocentes por Herodes. **Ramá** (heb., "monte, montanhas", v. 15) pode ser o local da sepultura de Raquel, mas isso é incerto. **Raquel**, a segunda esposa de Jacó, era uma matriarca de Israel associada com as tribos do Norte e com as do Sul; com essas últimas, por intermédio de Benjamim, e com as primeiras por meio dos filhos de José, Efraim e Manassés (v. 15). Ela, por conseguinte, era matriarca de Israel chorando por Israel, tanto pelo Reino do Norte (já exilado na Assíria) quanto o Reino do Sul, cujo exílio era eminente. Os exilados eram os filhos perdidos por quem a mãe deles lamentava. Leia, é claro, também tem associação com os dois reinos e pode ter até mesmo uma reivindicação mais forte para ser a matriarca de Israel, por ter tido muitos mais filhos que Raquel.

No entanto, o **choro amargo** parece ligado ao parto difícil e fatal de Benjamim a quem ela originalmente chamou de "Benoni", com o sentido de "filho do luto" (TEB) (v. 15; Gn 35.18). A imagem é de Raquel, morta em decorrência do trabalho de parto, chorando no seu túmulo porque os seus filhos também se foram. Embora ela tenha morrido para dar à luz Benjamim, até mesmo a vida deste e dos seus descendentes foram tiradas. Tudo parecia perdido. Não há pesar maior que um pai ou mãe chorar por um filho perdido. A citação desse versículo em Mateus 2.18 combina a ideia de Raquel como uma matriarca pesarosa de Israel com a associação do seu lugar de morte em algum lugar próximo de Belém. Os meninos de dois anos para baixo mortos eram aqueles "em Belém e em todos os seus

contornos" (Mt 2.16). O choro de Raquel, por conseguinte, é retomado e ecoado por todas as mães de Belém.

O SENHOR confrontou Raquel, prometendo um futuro esperançoso para os seus filhos, mas só depois que enfrentassem a disciplina que os pecados deles mereciam (Jr 31.16,17; 29.11). Paulo fundamentou-se nessa imagem do povo sendo morto no seu pecado sem qualquer esperança em Efésios 2 — quando Deus vem e traz vida para os sem vida e esperança para os desesperançados. Essa passagem contém inúmeros usos da palavra hebraica ***shuv*** ("voltar") em termos do **arrependimento** (Jr 31.19), do **volta[r]** (vv. 16,18,21) e do **converte[r-se]** (vv. 18,23). **Bati na minha coxa** refere-se a um gesto de tristeza e remorso; o sentido faz paralelo com ter "arrependimento" (v. 19).

A compaixão de Deus em relação a Israel é comunicada aqui por intermédio de um vocabulário emocionalmente intenso. **Por isso, se comove** [heb. ***hamah***, "gemer", referindo-se à produção de emoções profundas"; cp. "turmoil", Sl 42.5] **por ele o meu coração** (heb. ***mē'ah***, "entranhas, coração", como metáforas da "alma mais íntima" do indivíduo; Lm 1.20); é possível dizer ao comparável a isso: "Meu coração estremece". O verbo hebraico traduzido por **deveras me compadecerei dele** (heb. ***racham***, usado apenas duas vezes para ênfase, Jr 31.20) está relacionado à palavra "ventre" (veja o estudo da palavra, Êx 33.19). Esse uso liga a passagem de uma forma sutil, pois a emoção intensa de pesar de Raquel pelos seus filhos exilados culmina com a emoção intensa de "compaixão" de Deus pelos seus filhos que se desviaram espiritualmente.

31.21-40 O Senhor responde ao arrependimento de Efraim ao aconselhar um curso de ação — estabelecendo indicadores que levam ao caminho reto, o caminho direto para voltar a Deus. Incita-se a **virgem de Israel** a **regressa[r] [...] regressa[r] [...]. Até quando andarás errante, ó filha rebelde?** (vv. 21,22). Israel desviara-se de tal forma que foram necessárias medidas drásticas em nome de Iavé, sabendo-se que este **criou uma coisa nova na terra**. Uma situação desconhecida e considerada impossível pelas convenções sociais da época: **uma mulher** [heb. ***neqēvah***, palavra para o gênero "feminino"; cp. Gn 1.27] **cercará um varão**. Por mais inacreditável que essa reversão de papéis de gênero soe, a nova aliança seria tão inacreditável e chocante quanto essa troca de papéis. A ênfase está, sem sombra de dúvidas, em algo incomum e

inesperado. Deus precisaria de um novo ato de criação para restaurar completamente o seu povo.

Seguem-se quatro promessas escatológicas:

- A primeira, Israel e Judá são pastoreadas de volta para a sua terra natal por Iavé, e este as abençoa e entra em comunhão com elas (Jr 31.23-25).
- A segunda promessa contém uma reiteração profética. Iavé declarou que, embora o seu povo tenha sido demolido, destruído, desarraigado e demolido, Ele ainda assim os **edificar[ia]** e **plantar[ia]** (v. 28). A culpa pela destruição deles (naquela época e atualmente) não poderia ser transferida para as gerações anteriores; antes, eles sofreram as consequências dos seus próprios pecados (v. 30).
- A terceira promessa constitui o cerne da pregação de Jeremias, a mensagem pela qual é mais bem conhecido: o **concerto novo** com o seu povo. ***NOVO*** *(heb.* ***chadash****) significa em parte que esse concerto, ou aliança, seria diferente do anterior (v. 31). Não seria passível de ser quebrado nem externo como o concerto do Sinai. A expressão "concerto novo" não aparece em nenhum outro texto do Antigo Testamento, mas outras passagens podem referir-se a ele (32.40,41; Ez 11.19,20). O seu cumprimento está no sangue de Jesus como um sacrifício expiatório (Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20; 1Co 11.25); é pregado pela nova comunidade, a igreja (Rm 11.27; 2Co 3.6-11; Hb 8.7-13; 9.15; 10.11-18). A "minha lei" (heb.* ***torah****; veja o estudo da palavra, Sl 1.3) em vez de estar escrita em tábuas de pedra, estaria escrita "no seu interior", ou seja, "no seu coração" (Jr 31.33).*
- Ensinar a Lei de Deus uns para os outros era uma obrigação a fim de passar o conhecimento de Deus de uma geração para outra (Dt 6.1-9; 11.18-21). O ensino sobre Deus, com o advento do "concerto novo" inscrito internamente na mente e no coração das pessoas, acabaria por tornar-se obsoleto uma vez que todos se recusam a "conhecer" o "SENHOR", uma reversão da situação lamentável que anteriormente resultou na punição e exílio (Jr 9.4-6). A permanência do concerto é fundamentada na ordem fixa do cosmos (**se puderem ser medidos os céus para cima, e sondados os fundamentos da terra para baixo**), pois aquEle que criou o cosmos também criou a **nação** de Israel, ligando-se a ela por esse novo concerto espiritual que durará eternamente (31.36,37). A restauração deles à posição de nação (vv. 35,36) e a restauração espiritual deles a Deus, que os perdoou, estava intata (v. 37).

- a quarta profecia futura menciona alguns marcos específicos de Jerusalém, cidade essa que seria reconstruída e que denotava uma área (isto é, toda a cidade) a ser santificada por Deus (vv. 38,39). **Todo o vale** pode referir-se ao vale de Hinom que (inacreditavelmente, à luz da sua história de sacrifícios e rituais pagãos) também seria consagrado a Deus (v. 40). Uma reversão do mandato profético aparece aqui na promessa de que a cidade **não** mais seria **arranca[da]** nem **derriba[da]** (v. 40).

32.1-44 Os eventos nesse capítulo datam do reinado de Zedequias, aproximadamente 588/587 a.C. **Zedequias** questionou a lealdade de Jeremias uma vez que a mensagem que pregou parecia ser em favor da Babilônia e, portanto, era de traição (v. 1). Jeremias relacionou uma profecia representada, demonstrada enquanto ainda estava **encerrado no pátio da guarda** (v. 2). Ele fora instruído por Deus a comprar um pedaço de terra pela qual seria o seguinte na linhagem em relação ao direito de propriedade. A compra da terra por Jeremias, à luz da iminente destruição de Jerusalém e os seus arredores (estava cercada, v. 2), era uma atitude risível, pois parecia uma perda de dinheiro e negação da realidade. As duas partes cumpriram os procedimentos legais para essa transação, com testemunhas e toda a documentação apropriada. Um **vaso de barro** era geralmente usado para preservar os documentos, assim como os Manuscritos do Mar Morto foram armazenados em vasos de barro que os protegeram por vinte séculos (v. 14).

A explicação dessa profecia representada aparece nos versículos 15,42,44: a ação de Jeremias constituiu um ato de fé na promessa de Deus da restauração futura dos habitantes a sua terra. Não era uma negação da realidade, mas o reconhecimento de uma realidade futura ainda mais notável — a de que um dia o povo retornaria a sua terra.

A oração de Jeremias e a resposta do Senhor são apresentadas a seguir. A oração do profeta começa com o louvor do Criador (vv. 16-19). Depois, ela continua com a reiteração da história da salvação de Israel e a sua subsequente apostasia e punição (vv. 20-24). Jeremias lutava para compreender as implicações da compra do pedaço de terra (v. 25). Essa ação, até mesmo para ele, não parecia nada mais além da negação da realidade presente — a realidade de que estivera pregando por muitos anos. Jeremias gastara **dezessete siclos de prata** — dinheiro que poderia ser usado na compra de alimentos — por um pedaço de terra destinado à

destruição inescapável pelo exército inimigo (v. 9). Ele até mesmo teve **testemunhas** para essa aparente tolice (v. 12). Esse tipo de coisa parecia ser o que os falsos profetas estavam fazendo — predizendo que tudo estava bem — e não o que Deus estivera dizendo para Jeremias profetizar.

O Senhor respondeu a Jeremias ao reafirmar a sua identidade como Senhor; **Deus** soberano e universal **de toda a carne**, e não apenas de Israel (v. 27). Jeremias afirmara que **nada é difícil demais para** o Senhor (v. 17; NVI); ainda assim, ele parecia duvidar das palavras de Deus. O Senhor perguntou-lhe: **Há alguma coisa difícil demais para mim?** (v. 27; NVI). Deus estava dizendo a Jeremias para reconhecer a plenitude da mensagem — destruição e julgamento, isso mesmo, mas não destruição permanente. Havia mais nessa história.

A causa da destruição do povo vem a seguir em uma passagem onerada com material sobre o julgamento anterior dos capítulos antecedentes. Assim como os judeus **queimaram** incenso a **Baal** e chegaram até mesmo a queimar as próprias crianças como sacrifícios a **Moloque**, também a terra, as casas e na verdade toda a cidade seria tomada pelo **fogo** (vv. 29-35; 7.30,31). A punição seria apropriada para o crime. O fogo foi destrutivo e purificador, uma vez que as práticas deles macularam a casa de Deus (32.34; 6.27-30). Enquanto em 7.30-34 a depravação e a pecaminosidade resultaram na destruição punitiva e cruel, uma nota de restauração é soada em 32.35-44. A **ira**, o **furor** e a **grande indignação** de Deus os **lança[ram]** em outras terras, mas o Senhor planejava restaurá-los a sua própria terra e afirmá-los mais uma vez como o seu povo (v. 37).

A linguagem do concerto novo foi reiterada: **E eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus** (v. 38). Além da novidade do concerto, a superioridade desse concerto, ou aliança, em relação ao anterior, e a sua natureza interna, o concerto, de acordo com essa passagem, unificaria o povo uns com os outros e com Deus (vv. 39,40). O Senhor iria **plant[á-los]** fielmente, e o concerto fundamentado na sua intenção firme e fixada seria **eterno** (vv. 40,41; 1.10). A futura restauração do povo de Deus seria tão certa quanto a punição que enfrentaram (32.42-44).

33.1-13 Esse capítulo final do livro da consolação continua apresentando as promessas de um bom futuro apesar dos trágicos eventos do presente. Esse capítulo parece seguir naturalmente o anterior, pois a palavra de Deus veio a Jeremias **estando ele ainda encerrado no pátio da guarda** (v. 1). Uma palavra de condenação foi proferida com relação a Judá e

Jerusalém, pois Deus disse de modo ominoso: **escondi o rosto desta cidade**, uma demonstração do seu desfavor e rejeição (v. 5; 2.27; 32.33). Deus ainda assim os **cura**, dá-lhes abundante **paz**, põe fim ao cativeiro deles e **edificar[ia]** toda a nação, isto é, Judá e Israel (33.6,7). Essas bênçãos serviriam como testemunho às nações circunvizinhas do poder impressionante e aterrador do Senhor e do seu desejo e disponibilidade de perdão. A prosperidade agrícola e a adoração no Templo seriam restauradas, e os sons de **alegria, e a voz do noivo, e a voz da esposa** soariam mais uma vez (v. 11).

33.14-26 A aliança, ou concerto, davídica (que parece ser abolida pelo exílio iminente) foi reafirmada, e ali se seguiu uma reiteração parcial de 23.5-8. Apesar das diferenças menores, o propósito é idêntico. Um governante justo da dinastia de Davi governaria Judá, e **Jerusalém** seria chamada pelo nome de Deus: **O SENHOR É Nossa Justiça** (v. 16). Iavé reafirmou as suas promessas da aliança para Davi e a linhagem dos **levitas** — estes continuariam perpetuamente (vv. 21,22). Deus é para sempre fiel às promessas da sua aliança, ou concerto (cp. Gn 9.13).

A compreensão mais provável dessas profecias é messiânica, e não literal-histórica. Cristo, no seu papel de Sacerdote-Rei, cumpriu a promessa a Israel. Ele nasceu da linhagem de Davi, na cidade de Davi (Lc 2.10), e Gabriel afirmou com clareza a Maria que Jesus receberia "o trono de Davi, o seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim" (Lc 1.32,33). Cristo também assumiu o papel levítico, substituindo o sacerdócio levítico, uma vez que a aliança no seu sangue substituiu a aliança anterior (Hb 7.11-28; 8.6-13). A promessa de Deus, como em Jeremias 31.35-37, estava fundamentada nas suas outras alianças com a ordem natural, o **dia** e a **noite** e **as ordenanças dos céus e da terra** (Jr 33.25), prometendo que jamais rejeitaria Israel, representada pela **descendência de Jacó** e Judá e de **Davi, meu servo** (v. 26). Conforme diríamos, a restauração deles era tão provável quanto o sol nascer no dia seguinte. O que poderia ser mais certo do que isso?

O Alerta de Zedequias e a Acusação contra Judá (34.1—35.19)

34.1-22 Uma **palavra** do **SENHOR** veio a Jeremias para ser entregue ao rei Zedequias — o rei de Judá iria para a Babilônia junto com os outros

exilados (vv. 1-3). Ele não seria morto, mas morreria de morte natural, com cerimônia e lamento apropriados à realeza (vv. 4,5). A segunda porção principal da passagem refere-se a uma situação em que os proprietários dos servos por contrato libertavam-nos só para renegá-los mais tarde. As frases operativas são fazer **concerto** e **apregoar a liberdade** (v. 8). O **bezerro que dividiram em duas partes** refere-se à cerimônia de fazer (literalmente "dividi[ndo]") um concerto (v. 18; Gn 15.10-18), em que cada parceiro amaldiçoava a si mesmo com o mesmo destino dos animais mortos se não executasse com fidelidade a sua parte da aliança. Zedequias e o povo de Jerusalém podem ter realizado esse ritual antigo da aliança **na casa que se chama pelo [...] nome** do Senhor (Jr 34.15). A decisão de libertar os escravos pode ter sido estimulada por um desejo desesperado para agradar a Deus durante o cerco babilônico. A razão deles para renegar não fica clara, porém desagradou a Deus.

Iavé pronunciou duas punições. Primeira, aqueles que falharam em **apregoar a liberdade** (heb. ***deror***, "liberdade", vv. 8,15,17; Lv 25.10; Is 61.1; Ez 46.17) aos seus escravos ficariam livres da proteção de Deus, tornando-os vulneráveis à **espada**, à **pestilência** e à **fome** (Jr 34.17). Segunda, aqueles que quebraram a aliança seriam semelhantes ao "bezerro que dividiram em duas partes", isto é, cairiam presas daqueles que tirariam a sua vida. Quebrar a aliança é uma profanação do nome de Deus, um sacrilégio.

35.1-19 Os **recabitas**, também conhecidos por queneus (Jz 4.11), eram uma família de escribas e descendentes de Hamate, o pai da casa de Recabe (1Cr 2.55). Eles estavam morando temporariamente em Jerusalém, depois de buscar asilo ali quando Nabucodonosor começou a molestar as cidades ao redor de Jerusalém (Jr 35.2,3). Essa narrativa constitui uma lição objetiva **aos homens de Judá e aos moradores de Jerusalém** (v. 13). Os recabitas, ao longo das gerações, obedeceram a um mandato humano de não beber vinho e ter um estilo de vida nômade. O povo de Deus, em contrapartida, desobedeceu e até mesmo rejeitou um mandato divino para que se **converte[ssem], agora, cada um do seu mau caminho, e f[izessem]** [heb. ***yatav***, "fazer bem ou corretamente, praticar o bem ou agradar, ajustar", v. 15; 7.3,5; 18.11; 25.5; 26.13; Gn 4.7] **boas as** suas **ações**. O povo de Judá, pela sua rebelião, selara o seu destino; a destruição deles era certa. Os obedientes recabitas obtiveram favor aos olhos de Deus.

O Senhor prometeu preservar as famílias deles pelo seu exemplo obediente (Jr 35.18,19).

Jeremias, Jeoaquim e o Rolo da Palavra de Deus (36.1-32)

36.1-32 Esse capítulo registra de modo único a revelação inspirada da profecia oral em uma forma a ser passada para os leitores de futuras gerações. A mensagem de Jeremias foi direcionada para **Israel**, **Judá** e **todas as nações** (v. 2). O **rolo de um livro** (v. 4) talvez tenha sido feito de papiro, uma vez que o outro material usado — o couro — seria mais difícil de cortar e queimar, conforme descrito no versículo 23. Nesse momento no ministério profético de Jeremias, ainda existia uma chance para o arrependimento e o perdão, evitando, com isso, o desastre.

Jeremias usou um escriba, **Baruque, filho de Nerias**, cujo nome aparece em selos de argila encontrados em 1975 em Israel, aproximadamente setenta quilômetros a sudoeste de Jerusalém (v. 4). O selo, servindo como a assinatura oficial de uma pessoa, traz a seguinte inscrição: "Berekhyahu filho de Neriyahu, o escriba". A coleção também inclui um selo de "'Elisama', servo do rei" (veja 36.10-12) e "Yerahme'el, filho do rei", isto é, Jerameel, filho de Jeoaquim (36.26). Um selo de argila de "Gemarias, filho de Safã" (36.10-12,25) foi encontrado em 1978.

Apesar de Baruque ser mencionado no capítulo 32, essa ocasião aconteceu antes dessa descrita, demonstrando que o relacionamento de trabalho entre os dois homens durou durante o reinado de três reis. Baruque foi leal a Jeremias e executou com fidelidade a tarefa da qual o profeta incumbira-o. Ele anotou o ditado de Jeremias em um rolo e leu-o em voz alta no Templo para que os residentes e os peregrinos ouvissem a mensagem. Talvez, **no dia de jejum**, se apresentassem com o coração receptivo à palavra do Senhor, coração que se arrependeria e obedeceria (36.5-7). A reação do povo não é registrada, mas a reação dos **príncipes** e dos escribas foi imediata e surpreendente: eles ficaram **temerosos** (v. 16). Eles, ao que parece, aceitaram as palavras do Senhor e consideraram Jeremias como um profeta genuíno de Deus.

Assim, por causa do respeito que tinham por Jeremias, queriam garantir que as palavras eram provenientes diretamente do profeta. Indagaram Baruque se as palavras eram **da sua boca** (heb., esse é o sentido literal do

texto hebraico, v. 17). Os escribas às vezes tomavam liberdades com o material que copiavam ou registravam. Baruque assegurou-lhes que todas essas palavras são de Jeremias ("da sua boca"), e a tradução literal refere-se ao chamado de Jeremias quando Deus estendeu a sua mão, tocou a boca de Jeremias e disse-lhe: "Eis que ponho as minhas palavras na tua boca" (1.9). Os escribas e os príncipes, com a confirmação de Baruque da autoria de Jeremias, agiram com decisão. Transmitiram a mensagem alarmante ao rei, e este ficou descontente e irritado. Baruque e Jeremias, por conseguinte, tiveram que se esconder.

Jeoaquim ficou, de fato, desgostoso, e a sua destruição sistemática do livro demonstrou a sua descrença no pronunciamento divino. Ele não evidenciou nenhum remorso nem deu nenhum sinal de arrependimento. Jeoaquim e os seus servos, contrastando com a reação de temor dos príncipes, **não temeram nem rasgaram as suas vestes**, como fizera o seu pai quando confrontado com a palavra de Deus (36.24; 2Rs 22.11). É bastante interessante observar que **Miqueias** e **Gemarias** eram neto e filho, respectivamente de **Safã**, secretário da corte de Josias que lera em voz alta para o rei o livro da Lei encontrado no Templo pelo sacerdote Hilquias (Jr 36.10-12; 2Rs 22.8-10). Há uma comparação inconfundível aqui entre o irreverente Jeoaquim e o seu pai, Josias, homem temente a Deus.

Jeoaquim usou o canivete de escrivão para cortar em pedaços o rolo de um livro antes de queimá-lo no fogo que esquentava o seu apartamento de inverno (o **nono mês** era dezembro, Jr 36.22). Uma maldição foi proferida contra Jeoaquim por ter desconsiderado o alerta de Deus, e a linhagem desse rei cessaria. Quanto a Jeremias, o Senhor instruiu-o a reescrever o rolo com a ajuda de Baruque.

As Notificações Reais e os Encarceramentos (37.1—38.28)

37.1-21 Os eventos registrados nesse capítulo aconteceram provavelmente antes daqueles na narrativa relacionada do capítulo 32. Aparentemente, pela segunda vez, Zedequias pediu a Jeremias para **roga[r]** [heb. ***palal***, "interceder, interpor como mediador", v. 3; Gn 20.7,17; Nm 11.12; 21.7; Jó 42.8]**, agora, por nós ao SENHOR, nosso Deus**, apesar de nem ele nem **o povo da terra** obedecerem às **palavras do SENHOR** (Jr 37.2). Esse pedido devia ser uma medida desesperada por parte de Zedequias,

uma vez que Jerusalém estava cercada naquele momento e o exército do Faraó veio para desviar a atenção dos **caldeus** (babilônios) de Judá (vv. 4,9-11). Talvez o pedido do rei tenha sido feito por mera zombaria (o que pode explicar a resposta derrisória de Jeremias, v. 19), uma vez que, ao que tudo indica, o aliado de Judá, o Egito, poderia ser bem-sucedido em salvar Judá do seu inimigo; apesar de Jeremias estar orando para a maldição que certamente se abateria sobre eles.

O Senhor respondeu ao pedido de Zedequias com uma mensagem de cativeiro e destruição inevitáveis, em que a cidade seria arrasada pelos babilônios. A mensagem encerra-se com uma hipérbole: mesmo se os babilônios fossem **fer[idos]** (heb. "perfurar, trespassar", i.e., mortalmente feridos; Jz 9.54), ainda assim eles capturariam e **queimaria[m]** Jerusalém (Jr 37.8-10).

Jeremias, quando houve uma interrupção temporária no cerco, tentou fugir da cidade, mas foi **pre[so]** na porta da cidade e acusado de desertar o seu povo para unir-se aos babilônios (v. 13). Jeremias, possivelmente porque a sua mensagem era desmoralizante para aqueles em torno deles, era visto como um traidor. Os **príncipes** (que podiam representar o partido pró-Egito na corte real) surraram Jeremias e encarceraram-no em uma **prisão** localizada **na casa de Jônatas, o escrivão** (vv. 15,16). O rei inquiriu mais uma vez sobre a mensagem proveniente do Senhor, mas esta continuava a mesma. Jeremias, apesar do custo de dor e sofrimento para ele, foi forçado a transmitir a mensagem de Deus em todo o seu dissabor. Ele implorou ao rei que não o enviasse de volta à casa de Jônatas, onde provavelmente seria maltratado e, por fim, morreria em consequência dos maus tratos e da fome. Ele, portanto, teve permissão para permanecer no **átrio da guarda** e ali recebeu a porção de **um bolo de pão cada dia**, proveniente da rua dos padeiros, até que não restou mais nenhum deles por causa do cerco (v. 21).

38.1-28 Esse capítulo e o anterior enfatizam a indecisão do rei. Ele temia confrontar os seus príncipes, demonstrando pouca ou nenhuma confiança nos seus conselheiros, uma vez que continuou a consultar-se com Jeremias em segredo. Esse governante oferecia uma liderança fraca para o povo. Possivelmente, viera a acreditar que Jeremias era um verdadeiro profeta (37.19).

Os **príncipes** do rei, uma vez que Jeremias continuou a pregar a mesma mensagem pró-Babilônia, pediram a vida do profeta, pois este estava

enfraquece[ndo] as mãos dos homens de guerra (38.4). ***ENFRAQUECE AS MÃOS*** *(heb.* ***raphah****, "baixar" com o objeto* ***yad****, "mãos") expressa de modo eficaz o sentido literal da expressão "baixar as mãos" (Ez 4.4). A expressão idiomática transmite o sentido de desertar o povo no momento da necessidade e, com isso, destruir a coragem deles.*

Alguns soldados, ao que parece, seguiram o conselho de Jeremias e desertaram e **passaram** [heb. ***naphal***, "abandonar"] **para os caldeus** (Jr 38.19; 37.13,14). O governante fraco permitiu que esses homens fizessem o que lhes apetecesse com Jeremias. O profeta, durante o seu terceiro encarceramento, foi jogado em um **calabouço** (heb. ***bor***, "fosso, prisão") cheio de **lama** — calabouço que deveria ser muito profundo, uma vez que tiveram de baixá-lo com cordas (38.6-12). Deus resgatou Jeremias por intermédio de uma fonte improvável: **Ebede-Meleque** [heb. "servo do rei"]**, o etíope**, um eunuco que estava na casa do rei, provavelmente um eunuco etíope responsável pelo harém. Esse homem fez um pedido ao rei em nome de Jeremias (vv. 7-9). O rei cedeu um grupo de trinta homens para resgatar Jeremias, transferindo-o mais uma vez para o **átrio da guarda** (vv. 10-13).

A terceira conversa de Zedequias com Jeremias seguiu as mesmas linhas das anteriores. Pelo que se pode observar, Zedequias ainda tinha oportunidade para obedecer à palavra de Deus e salvar o seu povo. Se não obedecesse, ele seria ridicularizado pelas mulheres do seu harém, pois elas e os seus filhos seriam **leva[das] aos caldeus**, e ele mesmo seria capturado (v. 23). O capítulo termina com o testemunho de Jeremias do cumprimento das suas profecias.

A Vida de Jeremias depois da Queda de Jerusalém (39.1—45.5)

O Colapso Final de Jerusalém (39.1—40.6)

Esse capítulo faz paralelo com o relato do capítulo 52, exceto que o capítulo 39 inclui informações sobre as circunstâncias de Jeremias, enquanto o capítulo 52 provê detalhes sobre a destruição do Templo e o saque dos seus utensílios.

39.1-10 O **nono ano** de Zedequias foi aproximadamente 589/588 a.C., o ano em que teve início o cerco da cidade (v. 1). Esse cerco durou dezoito

meses, e o muro da cidade, depois desse tempo, foi rompido no **ano undécimo**, por volta de 587 a.C. (v. 2). O povo estava esgotado por causa do cerco; os suprimentos de alimentos haviam acabado (38.9; 52.4-6). Os oficiais babilônios, depois de o muro ser rompido, entraram na cidade. Há algumas incertezas concernentes às traduções exatas dos títulos (em acadiano, a língua dos babilônios), mas eles certamente são títulos militares. Muitos dos nomes, como Nabucodonosor ("que Nebo possa proteger a coroa", v. 1), incluem Nebo (heb.), o nome de uma divindade babilônia (em geral Merodaque) associada com o planeta Mercúrio. Nergal era uma divindade solar retratada como um deus da guerra e associada com o planeta Marte. A mitologia caldeia também considerava Nergal como um governante das profundezas dos infernos. Os nomes desses oficiais geralmente indicam a sua procedência e posição.

- **Nergal-Sarezer** ("que Nergal proteja o rei", 39.3,13);
- **Sangar-Nebo** ("espada de Nebo", 39.3);
- **Sarsequim** ("chefe ou príncipe dos eunucos", v. 3), o **Rabe-Saris** (um título cujo sentido é "chefe principal", vv. 3.13; 2Rs 18.17);
- **Rabe-Mague** (um título cujo sentido é "alto oficial", Jr 39.3,13);
- **Nebusazbã** ("que Nebo me salve", v. 13);
- **Nebuzaradã** ("o líder a quem Nebo favorece; Nebo deu descendência", vv. 9-13; 40.1; 41.10; 52.12,15,16,26,30; 2Rs 25.8,11,20).

A primeira ordem de ação dos babilônios era a captura do rei e dos seus nobres e guerreiros. Zedequias e os seus homens fugiram da cidade à noite, mas foram dominados, capturados e levados para ficar diante de Nabucodonosor em **Ribla**, uma cidade síria localizada próxima de Cades, às margens do rio Orontes e próxima da fronteira onde Nabucodonosor provavelmente estabelecera o seu quartel general (Jr 39.5,6; 52.9,10,26,27; Nm 34.11; 2Rs 23.33; 25.6,20,21). Jeremias predissera que Zedequias seria preso e entregue aos babilônios e que também os "[s]eus olhos ver[iam] os olhos do rei da Babilônia, e ele [lhe] falar[ia] boca a boca" (Jr 34.3; 32.4). O rei da Babilônia **matou os filhos de Zedequias** e os comandantes, conforme Jeremias alertara (39.6). Os olhos de Zedequias foram **arranc[ados]**, ele foi acorrentado e levado para a Babilônia onde, por fim, morreu (v. 7; 52.9-11). A maioria dos que ficaram em Jerusalém foi

deport[ada] (NVI), mas os indigentes foram deixados para cuidar da terra (39.9,10; 52.15,16).

A segunda ordem de ação dos babilônios era destruir totalmente a cidade de Jerusalém. Compreender a completa destruição de Jerusalém pelos babilônios fornece uma melhor apreciação da enorme tarefa de reconstrução que Esdras, Neemias, Zorobabel, Zacarias e Ageu tinham diante de si.

39.11-14 Os babilônios aparentemente conheciam Jeremias. O fato de que esse maltratado profeta do Senhor era o assunto de discussão entre os mais altos oficiais babilônios, incluindo o próprio rei, era surpreendente. Jeremias foi enviado para **Gedalias**, com cuja família Jeremias já estava familiarizado (v. 14; 26.24; 2Rs 22.3-20).

39.15-18 Essa breve seção não está em ordem cronológica, mas provavelmente aconteceu antes de o muro ser rompido. Ebede-Meleque é informado de que a sua vida seria poupada por causa da sua fé. Esse servo imperial estrangeiro salvou a vida do profeta de Deus, e a vida desse servo, por sua vez, foi poupada. Essa frase foi repetida para Baruque em 45.5, possivelmente indicando que Baruque e Ebede-Meleque, embora tivessem poucas esperanças quanto ao futuro, tinham, não obstante, *alguma* esperança como parte do remanescente sobrevivente que seria poupado na Babilônia.

40.1-6 Jeremias aparentemente foi libertado pela população em geral, depois foi recapturado e levado junto com um grupo dos que estavam em **cativeiro** para **Ramá**, cidade usada como um ponto de reunião para aqueles indo para o exílio (v. 1). Nebuzaradã, o capitão da guarda babilônica, encontrou e reconheceu Jeremias e libertou-o de novo (junto com o **sustento para o caminho e um presente**) para que voltasse a Gedalias ou a qualquer outro canto que lhe aprouvesse (v. 5). Nesses versículos, Nebuzaradã aparece como o porta-voz do Senhor, embora fosse um gentio e inimigo de Israel (vv. 2-5). Quando Jeremias ficou totalmente livre, a sua preferência foi permanecer entre o seu próprio povo na sua terra natal. Apesar de o futuro de Israel estar nos exilados indo para a Babilônia, Jeremias escolheu ficar para trás (v. 6).

A Governança de Gedalias (40.7—41.18)

40.7-16 Essa passagem e várias que se seguem indicam o caos espiritual, moral e político resultantes da destruição de Jerusalém. Aqueles que não foram deportados, junto com aqueles que escaparam, **vieram ter com Gedalias, a Mispa** (em Benjamim), o novo centro administrativo (vv. 8,13). Quando a notícia de que Gedalias seria o governador espalhou-se, outros judeus dispersos entre as nações circunvizinhas retornaram a Mispa a fim de reunir-se para a colheita (vv. 11,12). Talvez os **príncipes dos exércitos** também tenham sentido a garantia de segurança uma vez que um deles (um judeu) fora posto como governador (vv. 7,13). Esses príncipes provavelmente estavam entre aqueles que fugiram com Zedequias, mas que o abandonaram e "espalh[aram-se]" a fim de evitar a captura pelos babilônios que os perseguiam; aqueles que não escaparam foram mortos em Ribla (52.8-10; 40.11,12).

Gedalias, assim como Jeremias anteriormente, aconselhou a mesma submissão à Babilônia (vv. 9,10). Com a menção à colheita por vir veio também um indício de que a destruição acabara-se e chegara o tempo "para edificar e para plantar" (31.28). O alerta para Gedalias sobre a conspiração contra a sua vida salienta as consequências do vazio político em Judá, bem como a rebelião persistente do povo contra o comando de Deus para submeter-se aos babilônios.

41.1-10 Não houve nenhuma oposição à conspiração de Ismael contra Gedalias, e Ismael, com o assassinato de Gedalias, deu início a um excesso de violência. Ele, de descendência real, quase certamente estava tentando restaurar o trono davídico, arrancando o jugo babilônico. Encontrou um aliado em Baalis e achou que havia chegado a hora de livrar-se de Gedalias, um vendido aos babilônios.

Ismael matou todos na casa de Gedalias, incluindo os **caldeus, homens de guerra**, provavelmente um pequeno destacamento (v. 3). No dia seguinte, ele matou de 70 a 80 peregrinos que vieram do Norte (**Siquém, Siló** e **Samaria**) para celebrar a Festa dos Tabernáculos ou a reunião da colheita em Jerusalém (vv. 4-8). Dez homens foram capazes de salvar a si mesmos por intermédio do suborno, oferecendo **trigo, e cevada, e azeite, e mel** — itens que podiam estar escassos naquela época (v. 8). Ismael, por conseguinte, pegou tudo o que capturara em Mispa e partiu para Amom (v. 10).

41.11-18 Joanã, quem de início se oferecera para eliminar Ismael, assumiu o controle, junto com outros **príncipes dos exércitos** (vv.

11,13). Ismael conseguiu evitar a captura, escapando dos amonitas, enquanto o remanescente resgatado por Joanã começara a sua jornada em direção ao sul, para o Egito, buscando escapar da retribuição que certamente viria pelas mãos dos babilônios, pois haviam matado o seu representante e um destacamento de soldados (vv. 16-18).

O Conselho de Jeremias É Requisitado e Rejeitado (42.1—43.7)

42.1-6 O fato de o povo consultar Jeremias nesse momento crítico, quando já estavam em rota para o Egito, parece um tanto estranho. Uma decisão provavelmente já fora tomada, mas Jeremias ainda era reconhecido como o profeta de Deus entre o remanescente. Muitos comentaristas acreditam que essa conversa entre o profeta e o povo é relevante em termos do uso da expressão o **SENHOR, [s]eu Deus** (v. 2). Depois de o povo referir-se a Deus como o "[s]eu Deus", Jeremias respondeu em termos similares. Eles, depois de o povo usar mais uma vez a expressão em relação a Jeremias, por fim afirmaram duas vezes o **SENHOR, nosso Deus**, prometendo obediência **à voz do SENHOR** (vv. 5,6).

42.7-22 É bastante interessante observar que o profeta esperou até ouvir Deus e só falou depois disso, embora fossem necessários **dez dias** para receber a sua resposta (v. 7). Jeremias foi cuidadoso para esperar pelo tempo do Senhor e não seguir o desejo de homens desesperados ou impacientes. As palavras de Jeremias, como de costume, não foram do agrado do povo, e o seu conselho para que permanecessem em Judá e não seguissem para o Egito parecia contradizer a sabedoria humana e o pensamento estratégico. A Babilônia não aceitou de imediato a rebelião (vv. 9-17). A promessa de Deus de abençoar aqueles que lhe obedecessem e permanecessem reitera o tema profético de edificar, plantar, demolir e desarraigar. Deus prometeu livramento de Nabucodonosor afirmando que Ele iria **edific[á-los]** e **plant[á-los]** (v. 10; 33.7). No entanto, ir para o Egito não os ajudaria a escapar da guerra e fome; antes, estas os **alcançar[iam] na terra do Egito** (42.16). Deus disse-lhes de modo claríssimo que não fossem para o Egito, ou o remanescente seria totalmente obliterado (vv. 17,18).

43.1-7 Azarias e **Joanã**, os líderes do povo, responderam de modo desafiador. Esses **homens soberbos** (heb. ***zēd***, "orgulhosos, cheios de si") achavam que sabiam o que Deus faria e não faria, apesar da mensagem do

Senhor enviada por intermédio de Jeremias (v. 2; Sl 119.69,78,85; Is 13.11; Ml 4.1). Eles negaram a veracidade da mensagem de Jeremias e culparam **Baruque** por **incita[r]** Jeremias contra eles, entregando uma mensagem pró-Babilônia (Jr 43.3,6). Os príncipes dos exércitos decidiram levar todos para o Egito — incluindo Jeremias e Baruque.

O Julgamento de Deus sobre o seu Povo no Egito (43.8—44.30)

43.8-13 Em **Tafnes** (fronteira norte do Egito), o Senhor falou com o seu povo desobediente sobre o destino do Egito, o país onde acreditavam que encontrariam proteção da Babilônia (vv. 8,9). De acordo com o plano de Deus, Nabucodonosor, o rei babilônio do remanescente que fugira, derrotaria de forma cabal o Egito e mataria e/ou capturaria o seu povo (vv. 10,11). O destino do Egito seria o mesmo do de Judá, e Nabucodonosor realizaria essa tarefa sem nenhum esforço (esse é o efeito da vívida metáfora utilizada, v. 12), destruindo o Egito e os seus deuses (v. 13).

44.1-14 Deus dirigiu-se ao povo usando o nome utilizado na aliança, de guerreiro divino, **o SENHOR** [heb. ***Yahweh***] **dos Exércitos** (heb. ***tsava'***, "exército") e o seu direito de falar como o **Deus de Israel** (vv. 1,2). Ele identificou o problema recorrente da idolatria que contaminara Israel e Judá ao longo da história deles na Terra Prometida, a razão para o desastre que tinham acabado de testemunhar em Jerusalém.

Há possivelmente uma alusão aqui ao sacrifício infantil (veja cap. 7). Assim como praticavam idolatria em Judá, também continuaram com essa prática no Egito. O povo, apesar do exemplo de desastre causado pela idolatria, não se humilhou nem se arrependeu (vv. 9,10). O uso de **portanto** indica que se seguiria um julgamento (v. 11). Deus decidiu que todos, exceto alguns poucos fugitivos, seriam eliminados no Egito.

44.15-25 A idolatria não é trabalho das "mulheres". Jeremias especifica que a responsabilidade pelos desastres passados e futuros é tanto dos homens quanto das **suas mulheres** (v. 15). Todos eles atingiram progressivamente esse ponto de desobediência rebelde, obstinada e absoluta. A violação do primeiro mandamento levara-os à decadência moral (Êx 20.1-3). A **Rainha dos Céus** (Jr 44.17-19,25; 7.18) refere-se provavelmente a Ishtar, ou Istar, (acadiana)/Ashtoreth (assíria, cananeia)/Astarte (cananeia, egípcia). Os elementos da adoração a essa

deusa consistiam da queima de **incenso**, um perfume doce para agradar a deusa; da oferta de **libações** (em geral derramadas sobre o solo ou sobre o sacrifício do altar), de vinho e **bolos** para a deusa comer (44.18,19,21-23).

Os bolos são ainda descritos como feitos **na forma da imagem dela** (NVI), sugerindo que podiam ter impresso ou estampado a imagem da deusa neles, que havia um molde no formato da deusa usado para assar os bolos ou que os bolos tinham forma de estrela para representar Ishtar, ou Istar, como um divindade astral (v. 19). Talvez esses bolos fossem assados em um molde como aquele encontrado na cozinha do palácio em Mari, uma cidade babilônica. O molde mostrava uma figura feminina com quadril largo e as mãos segurando os seios — indicadores físicos de fertilidade. As mulheres judias podem ter praticado rituais de adoração à deusa nos telhados das casas (8.2; 19.13; 32.29).

Na mitologia cananeia, Ashtoreth/Astarte era a consorte de Baal, embora as descrições de Ashtoreth e da acadiana Ishtar, ou Istar, sejam muitíssimo distintas. Além disso, enquanto Astarte, nas representações dela, parece núbil e arredondada, Ashtoreth é representada por postes esculpidos ou algumas vezes por tocos de árvores. A adoração a Ashtoreth em santuários (internos e externos) pode incluir a prostituição ritual para simular o rito de fertilidade entre essa deusa e Baal (2.20; 3.6). O que é ainda mais chocante é saber que havia postes para Aserá, ou Asherah (outra consorte de Baal na mitologia), no Templo de Jerusalém até Josias purgá-lo (veja "Cenário" na Introdução).

A menção específica de Jeremias às **mulheres** (44.15,19,20,24,25) e às esposas (vv. 9,15,24) nessa passagem é interessante e incomum. Na sociedade patriarcal, os homens eram considerados responsáveis pela guerra espiritual da família, enquanto as mulheres eram responsáveis pela sua administração. Os homens **sabiam que suas mulheres queimavam incenso a deuses estranhos** e aprovavam essa atitude, tornando-se, portanto, participantes na idolatria, junto com as esposas, em nome da proteção, fertilidade e prosperidade da família (v. 15). Homens e mulheres juntos desafiaram a estipulação de Deus contra a idolatria, afirmando a lealdade deles à "Rainha dos Céus" por meio de um ritual de adoração. Enquanto interpretavam a sua situação, as coisas ficaram ainda piores precisamente em relação à adoração dessa deusa. Além da multidão de homens, há cinco ocasiões em que as palavras são dirigidas especificamente às mulheres (vv. 15-25), indicando que funcionavam ativamente nas suas

famílias como sacerdotisas do culto idólatra. Uma parcela igual de culpa serve como exemplo do tema de responsabilidade espiritual pelo pecado (vv. 24,25; 31.29,30).

44.26-30 O uso de **portanto** indica um pronunciamento de julgamento (v. 26; 44.11). Deus jurou pelo seu **nome** que a maioria do remanescente morreria e, de fato, não experimentaria a proteção e prosperidade na terra para a qual fugiram, pois o Faraó logo seria derrotado.

A Mensagem de Baruque (45.1-5)

45.1-5 A datação desse oráculo é debatida, como também o é a ocasião da expressão de temor e ansiedade de Baruque. No **ano quarto de Jeoaquim** (605/604 a.C.), a Babilônia derrotou o Egito na Batalha de Carquemis, tornando, portanto, Jeoaquim, que fora vassalo do Egito, em servo da Babilônia (v. 1; 46.2). Além disso, Jeoaquim, naquele ano, cortara e queimara o **livro** da palavra de Deus (45.1). Baruque talvez tenha sido sobrepujado pela percepção de que o cumprimento da profecia de condenação proferida por Jeremias estava próxima. Baruque, considerando-se a sua lealdade e relacionamento próximo com Jeremias, bem como a sua justiça como homem de fé, talvez esperasse um tratamento especial (salvação do desastre). A sua pergunta expressa a sua crença sobre o destino dos perversos — **não ach[ar] descanso** —, e lamentou que ele, um homem justo, recebera esse destino injustamente (45.3).

O Senhor censurou Baruque pelo seu desejo. Quando Deus determinou destruir e desarraigar o seu próprio prédio e plantação, como Baruque poderia esperar receber consideração especial? O Senhor, não obstante, prometeu que pelo menos ele escaparia com vida (e isso em si mesmo era uma generosa concessão), mas Deus também indicou que Baruque talvez também fosse para o exílio, uma conclusão que parece provável uma vez que Seraías, irmão de Baruque, fora levado para a Babilônia (51.59-64).

Os Oráculos do Profeta contra as Nações Estrangeiras (46.1—51.64)

Essa coletânea de profecias contra as nações circunvizinhas de Judá foi composta em vários momentos distintos, reunidas e postas no fim do livro. Embora não estejam em ordem cronológica no livro de Jeremias, a aparição

delas no fim, todavia, é apropriada. Depois que a condenação de Judá foi cumprida, as nações que perpetraram a opressão, a destruição, o molestamento e o exílio de Judá também receberiam a sua punição de Deus, soberano sobre todas as nações. Várias dessas nações também estavam envolvidas na coalizão contra a Babilônia, nações estas reunidas por Zedequias em 594 a.C. (27.3). O Egito e a Babilônia, os dois principais poderes militares da época, servem na presente passagem como pontos extremos da narrativa, enquanto as outras nações são tratadas do oeste para o leste.

A questão surge a partir do uso de nações estrangeiras por Deus, em especial a Babilônia, como instrumentos políticos e militares para disciplinar e punir a pecadora Judá e, depois, a sua punição subsequente daquelas nações. Os atributos de Deus — justiça, soberania e amor — parecem interagir e, talvez, entrar em conflito; mas esse não é o caso. O amor de Deus pelo seu povo da aliança parece ser primordial aqui. Na aliança abraâmica, Deus prometeu: "E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra" (12.3). Portanto, por intermédio de Abraão, todas as famílias da terra podem ter acesso à bênção de Deus. O Senhor afirmou Israel como a sua posse especial, e as nações hostis a Israel seriam julgadas. Apesar de Deus ter permitido que uma nação oprimisse o seu povo desviado como um meio de punição, essa nação também seria punida pelos seus próprios pecados.

Em uma série de oráculos, por exemplo, a idolatria e desumanidade na guerra são mencionadas como ofensas contra Deus. A Babilônia recebeu uma dura punição por saquear o Templo de Jerusalém. Por fim, os oráculos representam um aspecto do chamado de Jeremias por Deus, e essa é a razão de Deus tê-lo posto "sobre as nações e sobre os reinos, para arranca[r], e para derriba[r], e para destru[ir], e para arruina[r]; e também para edifica[r] e para planta[r]" (Jr 1.10). A maioria dos oráculos profetizaram destruição sobre uma nação, mas muitos deles também enviaram uma nota de esperança.

Contra o Egito (46.1-28)

46.1-12 Os oráculos contra o Egito assumem a forma de uma canção de insulto e zombaria. A passagem refere-se aos eventos que aconteceram em

605/604 a.C., a batalha de Carquemis. A evidência arqueológica (artefatos egípcios e indícios de destruição em 600 a.C.) mostram que a datação bíblica está correta. O Egito foi encorajado a fazer todas as preparações necessárias para a batalha, mas, apesar desses esforços, os homens do exército ficaram **medrosos**, foram derrotados e fugiram da batalha (v. 5). Os guerreiros, apressados para **escap[ar]** à devastação pelos babilônios, tropeçavam uns sobre os outros (v. 6). O Egito, figurativamente descrito subindo **como o Nilo** para tomar outros reinos, é identificado com o Faraó Neco (vv. 7,8). O Egito exibe toda a sua força de luta, incluindo os mercenários estrangeiros **etíopes** (Núbia ou Sudão moderno), e os de **Pute** (Líbia) e os **lídios** (possivelmente da Lídia, v. 9).

Tudo, contudo, foi em vão, porque **este dia é o dia do Senhor JEOVÁ dos Exércitos** (v. 10). A intervenção sobrenatural e a vontade soberana de Deus resultaram numa derrota dos egípcios, que fora como vítimas sacrificiais mortas pelo Senhor, o verdadeiro guerreiro vitorioso. Sarcasticamente, o Egito (famoso pelas suas artes de cura) foi incitado a buscar **bálsamo** de **Gileade**, mas, infelizmente, **não** havia **cura para** ele (v. 11).

46.13-26 O Senhor, nessa passagem, é o principal oponente do Egito, apesar da informação de que o oráculo refere-se à vinda de Nabucodonosor. Um anúncio aterrador seria feito em várias das principais cidades egípcias de que **a espada devorou o que está ao redor** delas (v. 14). A verdadeira fonte dessa destruição não foi Nabucodonosor, mas **o SENHOR [que] os abateu** (vv. 14,15). Os mercenários egípcios lamentaram a sua situação e decidiram abandonar o Faraó (v. 21).

Tabor e **Carmelo** fornecem imagens daquele que **vir[ia]** (v. 18). Essas são montanhas maciças e intimidantes — Tabor subindo nas alturas e Carmelo projetando-se no mar. O Egito e os seus **mercenários** são retratados como gado, isto é, estúpidos e indefesos, e não como animais guerreadores (vv. 20,21). O Egito era vulnerável à ferroada da **mutuca** (NVI) vinda contra ele, isto é, um exército invasor (v. 20). O inimigo — **um exército [...] com machados** — é ainda comparado com os **gafanhotos**, insetos que devastam a paisagem ao consumir totalmente as suas folhagens (vv. 22,23).

No cerne desse capítulo, falando sobre dois reis terrenos, o verdadeiro **rei** jurou pelo seu nome, o **SENHOR dos Exércitos**, que entregaria um rei a outro (v. 18). O povo, e a terra, **a filha do Egito**, depois de os seus

exércitos sofrerem uma derrota humilhante e acachapante, seria levado por um **povo do Norte** (v. 24). O Faraó, os seus deuses (**Amom de Nô** e outros) e os seus acompanhantes (os **que confiam nele**) seriam entregues a **Nabucodonosor, rei da Babilônia e nas mãos de seus servos** (vv. 25,26). O Egito e todas as nações, por conseguinte, saberiam que a verdadeira majestade pertence a Deus.

46.27,28 Uma palavra de esperança e garantia segue-se à predição da condenação do Egito, o inimigo de Judá. O Senhor prometeu que o remanescente seria preservado no exílio e retornaria à terra para um futuro em que **descansar[ia]** e **sossegar[ia]**, e duas razões são dadas: o Senhor iria **salv[á-los]** (NVI) e **est[aria] com** (NVI) o seu povo, destruindo os seus opressores, enquanto punia Judá (**Jacó**) com justiça por causa dos seus pecados e dando-lhe um futuro esperançoso.

Contra os Filisteus (47.1-7)

Esse breve oráculo é dirigido contra os inimigos de longa data de Judá, os filisteus, uma vez que as duas nações compartilhavam a terra de Canaã. A tônica desse oráculo é alertar a Filístia da ameaça iminente vinda do Norte, descrita em termos de águas que sobem e transformam-se em **torrente transbordante**, do ruído estrondoso dos **carros** puxados por cavalos e a destruição da **espada do SENHOR** (vv. 2,3,6). A força desses exércitos era tão avassaladora que os filisteus seriam incapazes de proteger até mesmo as suas famílias (v. 3). As cidades de **Tiro** e **Sidom** eram aliadas dos filisteus (v. 4). **Gaza** poderia esperar apenas a **calvície** (heb. ***qorchah***, v. 5; Is 15.2; Ez 7.18; Am 8.10), provavelmente se referindo à prática funerária comum de raspar a cabeça em sinal de luto (Jr 48.37; raiz do verbo ***qarach***, "tornar calvo", 16.6; Ez 27.31) ou, figurativamente, à destruição total da cidade. **Asquelom** ficaria **quieta** (heb. ***damah***, "ser cortada ou devastada", Jr 47.5,6; Is 15.1; Os 10.7). Em 604 a.C., as duas principais cidades — Asquelom e Gaza — foram destruídas por Nabucodonosor (Jr 47.1,5,7; Jz 1.18; Am 1.8; Sf 2.4,7; 9.5). Nessas duas cidades, os habitantes se **retalhar[iam]** (heb. ***gadad***, "cortar-se", Jr 47.5; cp. Dt 14.1; 1Rs 18.28; Jr 16.6; 41.5) como um sinal de luto ou como uma tentativa de apaziguar os seus deuses. Jeremias 47.6 possivelmente representa uma pergunta feita pelos filisteus e cuja resposta foi que a espada só **repousar[ia]** depois que tivesse completado a tarefa designada pelo

Senhor; isto é, a destruição fora ordenada e totalmente executada por iniciativa do Senhor (v. 7). Não há o menor vislumbre de esperança para a Filístia.

Contra os Moabitas (48.1-47)

O oráculo contra Moabe, embora esse povo não tivesse muito poder na época de Jeremias, é particularmente longo e virulento, o segundo em extensão, ficando atrás apenas dos oráculos contra a Babilônia. Os nomes de várias cidades que permanecem não identificadas aparecem aqui. O tema geral indica que Moabe estava destinada à destruição, devastação e desastre pelo Senhor por causa dos seus pecados de orgulho e adoração idólatra de Quemos.

48.1-20 Nebo, nessa referência, é uma cidade moabita, não a montanha (v. 1; 48.22; Nm 32.38; Is 15.2). O pecado de Moabe foi desvelado após uma série de versículos ameaçando desastre acompanhado por grande pesar. A nação confiava em si mesma e na sua força.

A total **destruição** é indicada por um uso poético de merismas ou opostos para indicar a totalidade de algo (Jr 48.3). Por exemplo, o versículo 5 prediz **choro contínuo** e **lastimoso clamor** na terra, tanto na **subida de Luíte** quanto na **descida de Horonaim** (Is 15.5). Moabe tornou-se complacente porque não experimentara o exílio nem fora *chacoalhado*, isto é, **mudado de vasilha para vasilha** (Jr 48.11). Os homens, por iniciativa do Senhor, levantar-se-iam contra Moabe, os **derramadores** que **despejar[iam] as suas vasilhas e romper[iam] os seus odres** (v. 12).

Uma metáfora idêntica foi usada por intermédio do sinal-ato de Jeremias (19.10,11) para comunicar a Judá o seu esmigalhamento sem qualquer esperança de ser consertado. Moabe perceberia que fora enganada pela sua confiança em Quemos, que não poderia salvá-la como **Betel** (ou um bezerro de ouro ou um local de adoração em Jerusalém) não pôde salvar Israel (48.13). O Senhor afirmou diretamente a sua soberania nos eventos que assolariam Moabe em breve (v. 16; 46.18). A expressão **filha de Dibom** representa a nação de Moabe (48.18; "Filha do Egito", 46.11,19,24; "filha do meu povo", 6.26; "filha de Sião", 6.23). A figura feminina é de alguém fraca e vulnerável. Ela percebeu que o exílio logo viria sobre ela e agiu aqui como uma imagem de pesar e lamento,

consistente com as pranteadoras. Ela, em pesar, sentou-se **em seco**, lamentando a destruição da sua nação e as suas **fortalezas**, à espera de ser levada para o cativeiro (48.18).

48.21-39 Chifre (TB) e **braço** simbolizam poder, e o número de cidades destruídas indica que Moabe fora totalmente drenada de toda a sua força (v. 25). O Senhor forçou Moabe a beber do cálice da ira de Deus até a nação estar tão embriagada que se tornou objeto de escárnio, assim como o Senhor zombara antes de Israel (vv. 26,27; 25.15,16,27-29). Nessa punição, parece haver um lembrete dos termos da aliança abraâmica (veja Gn 12.3). O principal pecado de Moabe é reiterado e expandido por meios de vários sinônimos (Jr 48.29; Is 16.6):

- **arrogância** (heb. ***govahh***, "orgulho, arrogância"; literalmente "altura");
- **orgulho** (heb. ***ga'awah***, "levantar-se, soberba"; Pv 29.23);
- **altivez** (heb. ***ga'on***; cp. Pv 16.18);
- **altura** [heb. ***rum***, cp. Pv 21.4; Is 2.11,17] **do coração**

Toda prosperidade e fertilidade agrícolas (conforme indicadas pela metáfora da **vindima**) desapareceram de Moabe por iniciativa divina do Senhor (Jr 48.32,33; Is 16.8,9). **O folguedo e a alegria** que geralmente acompanhavam as festas das colheitas quando as uvas eram pisadas no lagar acabaram-se (Jr 48.33). Houve, de fato, **gritos** (NAA), não gritos de **júbilo**, mas o **lamento** ou o grito de vitória dos inimigos, conforme interpretado pelos estudiosos com as suas respectivas interpretações (v. 33). Aparentemente nesses versículos, o Senhor lamentou a sorte de Moabe e a sua total destruição, aniquilamento este que o próprio Senhor ocasionaria. Alguns comentaristas interpretam essa seção como um lamento pessoal de Jeremias sobre Moabe, mas há vários indícios de que toda essa fala é do Senhor (vv. 35,38,40,43,44,47). O Senhor — ao usar termos essencialmente legais, de processo, acusação, execução e funeral nacional em linguagem poética (vv. 36,37) — expressou o seu pesar sobre os pecados de orgulho e idolatria de Moabe (v. 35), que atraiu sobre si a punição divina. A total destruição da nação é lamentável. Deus não tem sede de sangue, não se regozija na destruição pelo prazer da destruição.

48.40-47 O Senhor (ou os invasores) atacariam Moabe **como a águia** (v. 40). Os **valentes de Moabe** experimentariam o mesmo terror que os

homens da Filístia (v. 41; 47.3) e o mesmo temor da dor iminente como a **da mulher em suas dores**, uma metáfora comum para descrever a reação do povo a uma destruição iminente da qual não há possibilidade de escapar (48.41; 49.22). O **temor** deles, para onde quer que se voltassem, seguia-os (48.44). É surpreendente observar que o Senhor termina com uma nota de esperança e restauração depois do exílio (v. 47).

Contra os Amonitas (49.1-6)

O oráculo contra Amom começa com duas perguntas retóricas, e a resposta para ambas é negativa, "não". Esses versículos ilustram as tensões entre as duas nações sobre a propriedade de terra, existente desde a época dos juízes em Israel. **Malcã** (ou Moloque), como o deus nacional, representa os **filhos de Amom** que tomaram parte da terra que pertence à tribo de **Gade**, preenchendo o vácuo na região deixada pelo colapso do Reino do Norte de Israel (vv. 1,3,6). **Rabá** era a capital de Amom, e **Hesbom** e **Ai** eram cidades amonitas, embora não haja evidência arqueológica para uma cidade Ai em Amom (vv. 2,3).

A ideia de propriedade de terra salienta um resultado sobre as realidades políticas da época — a terra poderia ser facilmente perdida ou tomada com a troca de poder em uma região. Assim como Israel foi desapropriado por Amom, também Deus moldaria o poder político para que os que expulsaram o povo fossem expulsos (vv. 1,2). No fim, no entanto, de acordo com o plano soberano de Deus, até mesmo a sorte de Amom seria revertida do **exílio** e cativeiro para a restauração (vv. 3,6).

O choro, o lamento, o pano de saco e o **da[r] voltas pelos valados**, como ovelhas no seu redil, todos têm de lidar com o pesar ou desespero (v. 3). *Alguns comentaristas modernos observam a possibilidade de que a palavra traduzida por* ***VALES*** *(heb.* ***ʻēmeq****, v. 4; 47.5) deveria ser considerada como um homônimo com o sentido de "força". No entanto, 49.4 é contextualmente consistente com 48.7,11. Amom confia em si mesmo e nos seus "tesouros".*

Os próprios recursos de Amom, até a época de Jeremias, capacitaram que ela fosse relativamente independente dos impérios dominadores, aliando-se uns com os outros quando conveniente ou se rebelando segundo a sua vontade. Esse oráculo em particular foi provavelmente cumprido quando Nabucodonosor puniu Amom por causa da sua deslealdade e rebelião demonstradas na sua participação no assassinato de Gedalias por Ismael

(40.14; 41.10). Deus declarou solenemente que os dias de vanglória nacional e complacência de Amom estavam chegando ao fim. O seu povo seria banido (49.5). Iavé, de modo autoritativo, declarou, a seu prazer, a reversão do destino de Amom.

Contra os Edomitas (49.7-22)

O oráculo contra **Edom** (intercambiável com **Esaú**, vv. 8,10; Gn 25.30) é o mais longo no capítulo 49. Edom era tradicionalmente conhecida como um lugar de **sabedoria** (Jr 49.7). Os residentes das suas cidades foram sábios em fugir (v. 8). Deus, de modo distinto dos **vindimadores** ou dos **ladrões** que só levam o que querem, **despi[u] a Esaú**, devastando a nação de modo que fossem incapazes até mesmo de proteger os fracos e vulneráveis entre eles, isto é, as **viúvas** e os **órfãos** (vv. 10,11). Eles e outras nações, pegos pela violência e destruição dos jogos de poder geopolítico regional, foram forçados a **beber o copo** da punição (v. 12).

O pecado de Edom consistia da **arrogância** [heb. ***zadon***, "orgulho, soberba", 50.31,32; Pv 11.2; 13.10; Ob 3] **do** seu **coração** (Jr 49.16). Quando Deus veio contra eles, não havia lugar para esconder-se, nem mesmo **nas cavernas das rochas** ou nas **alturas dos outeiros**, características geográficas predominantes em Edom, região montanhosa e rochosa (v. 16). A punição de Edom — a sua total devastação — é apresentada de modo metafórico em termos de três imagens ameaçadoras: **Sodoma e Gomorra** e o seu destino muito conhecido; um **leão** a quem nenhum **pastor** poderia resistir; e uma **águia** que **estenderá as asas** sobre a sua presa (vv. 17-22). A força destrutiva levantando-se contra Edom faria até mesmo os seus **valentes** ficarem temerosos (v. 22).

Contra Damasco (49.23-27)

Hamate e Arpade são cidades na Síria que, junto com **Damasco**, representam o país da Síria nesse oráculo (v. 23; 2Rs 18.34; 19.13; Is 10.9; 36.19; 37.13). O **mar** provavelmente se refere de forma figurativa à imagem cósmica e mítica do caos destrutivo, pois se acreditava que o mar abrigava Leviatã, o grande monstro marinho (Jr 49.33; Jó 41; Sl 74.13,14; 77.16; 104.26; 114.3,5). **Tremor**, **angústia** e **dores** estavam reservados para a cidade que, certa vez, fora alegre (Jr 49.24). Damasco ficaria

totalmente sem qualquer defesa, uma vez que todos os seus **jovens** e **homens de guerra** foram mortos, e o seu **muro** e fortalezas foram incendiados (vv. 26,27). Parece não haver esperança para a cidade.

Contra Quedar e Hazor (49.28-33)

Quedar e **Hazor** eram povos nômades que viviam no deserto da Arábia (v. 28; Sl 120.5; Ct 1.5; Ez 27.21). Os habitantes de Quedar eram descendentes de Quedar, filho de Ismael, filho de Abraão e Agar (Gn 25.13; 1Cr 1.29). Jeremias considerou Quedar e Hazor nações pagãs, descrevendo o seu povo como **aqueles que têm cortados os cantos do seu cabelo**, uma prática pagã proibida aos judeus (Jr 49.32; 2.10; Lv 19.27; Is 21.16,17). Eles, apesar de viverem em lugar aberto, são descritos como **uma nação em repouso, que habita confiadamente** (Jr 49.31). Quedar recebeu alertas específicos sobre a vinda de Nabucodonosor. Embora a passagem não cite nenhuma razão em particular para a sua destruição, eles, não obstante, foram contados entre as nações pagãs que o Senhor prometeu **espalha[r]** sem qualquer garantia de esperança futura (v. 32).

Contra Elão (49.34-39)

Elão, junto com o litoral do golfo pérsico, tornou-se uma província persa cuja capital era Susã (v. 34; Ez 4.9; Dn 8.2). Essa região fica hoje na parte sudoeste do Irã. O oráculo foi dado no início do reinado de Zedequias (c. 597 a.C.). Elão, embora não seja fornecida nenhuma explicação para a sua destruição, fora inimiga de Israel por algum tempo e aliara-se no passado com a Assíria contra Judá. Todos os pronomes e verbos na primeira pessoa indicam que o Senhor foi o principal agente e arquiteto da destruição deles. No fim, no entanto, dias melhores esperavam por Elão, depois que o verdadeiro Rei estabelecesse o seu **trono** em meio ao povo (Jr 49.38).

Contra a Babilônia (50.1—51.38)

Essa unidade particular de profecias contra a Babilônia faz parte de um documento dado a Seraías, irmão de Baruque, que ele deveria levar para a Babilônia (51.61-64). A mensagem contra a Babilônia foi direcionada contra os exilados judeus. Seraías serviu como delegado religioso e político

para Zedequias, transmitindo ironicamente duas mensagens conflitantes — um tributo de submissão política e uma profecia de destruição.

50.1-16 Veio uma palavra para as nações que acabaram de ser destruídas. Aquela nação que veio contra elas como um agressor destruidor seria ela mesmo destruída por **uma nação do Norte** (vv. 3,9,41). A Babilônia seria punida pelos seus próprios pecados, incluindo a idolatria e a arrogância contra Deus. **Bel** era um título cujo sentido era "senhor" ou "mestre" (v. 2; 51.44; Is 46.1), que passou a ser associado com **Merodaque** (ou Marduque [NAA]). Eles representam a Babilônia como divindades que falharam em proteger o império. A punição da Babilônia assinalou esperança para o retorno do exílio (Jr 50.2). Os **filhos de Israel** e os **filhos de Judá** retornariam para casa, **chorando**, buscando o Senhor e perguntando sobre a sua terra natal (v. 4). Além da sua restauração à terra, o novo e **concerto eterno, que nunca será esquecido** (conforme prometido no livro da consolação), seria implementado (v. 5). Nas metáforas pastorais, Israel é descrita como as **ovelhas perdidas** cujos **pastores** (líderes) conduziram-nas de forma equivocada, deixando-as vulneráveis diante de qualquer pessoa que as desejasse devorar (vv. 6,7).

O Senhor retrata a si mesmo como o **lugar de seu repouso** e como a sua **verdadeira pastagem** (NVI), dos quais (i.e., de quem) eles desviaram-se (vv. 6,7). O tom dos **adversários** (babilônios) parece, de alguma forma, servir a si próprios, transferindo a culpa deles para a devastação engendrada sobre Judá e citando, por sua vez, os pecados de Judá "contra o SENHOR" (v. 7). Judá, agora que os adversários foram destruídos, foi incitada a ser **como os carneiros diante do rebanho**, isto é, a tomar a iniciativa para uma liderança mais forte, a liderar o povo na saída da Babilônia condenada (v. 8). A Babilônia pagaria pelos seus próprios pecados, pois ela também **pec[ou] contra o SENHOR** (v. 7).

A Babilônia, **como bezerra gorda** e **como cavalos vigorosos**, agira segundo os seus próprios apetites saqueando e destruindo outras nações (v. 11). No entanto, o dia da prestação de contas já fora preparado para ela, momento em que seria humilhada e envergonhada pelos atos maldosos que perpetrara: **esta é a vingança do SENHOR; [...] como ela fez, fazei-lhe** (v. 15). Essa passagem ilustra a soberania e a providência de Deus *versus* a liberdade humana. A Babilônia teve permissão para destruir e punir outras nações pecaminosas, enquanto serviu aos propósitos divinos do

Senhor, mas ela fez essas coisas livremente segundo a sua agenda imperialista; portanto, a sua punição foi justa.

50.17-32 Usando mais uma vez as metáforas pastorais, Israel (usada aqui para denotar os dois reinos) é descrita como um **cordeiro desgarrado**, enquanto os seus opressores (primeiro a **Assíria**, depois **Nabucodonosor**) são os **leões** (v. 17). Deus, o pastor protetor, trataria, portanto, um agressor como tratou o outro. A Babilônia seria tratada pelo Senhor da mesma forma que a Assíria, enquanto Israel seria pastoreada em terras ricas com pastagens viçosas no seu próprio país: **Carmelo**, **Basã**, **Efraim** e **Gileade** (v. 19). Israel não só seria fisicamente alimentada, como também seria restaurada espiritualmente, de uma forma similar à descrição de Davi do Senhor como pastor (Sl 23.1-3).

A maldade de Israel e **os pecados de Judá** seriam perdoados (Jr 50.20). A punição da Babilônia continuaria, pois a guerra foi declarada contra ela não só pelo agressor do norte descrito acima, como também pelo próprio Senhor: **Laços te armei, e também foste presa, ó Babilônia, [...] porque contra o SENHOR te entremeteste** (v. 24). As referências a **todos os seus novilhos** provavelmente denotam os guerreiros homens (v. 27). A Babilônia é descrita três vezes como **o soberbo** (heb. ***zadon***, "inchado de orgulho", vv. 31,32; cp. 49.6) ou agindo **arrogantemente** (heb. ***zud***, "agir de modo insolente, orgulhoso, presunçoso", 50.29), enfatizando o relacionamento lógico entre a atitude da nação em relação a Deus e a sua manifestação no saque indiscriminado do seu Templo e utensílios sagrados (52.1-23), pelas quais Deus agora buscava a **vingança** (50.28). Esses artigos foram ainda profanados quando Belsazar, rei babilônio, ordenou que os utensílios de ouro e prata fossem utilizados como taças na sua festa, na qual ele, os seus nobres e o seu *entourage* adoravam os seus ídolos (Dn 5.1-4).

50.33-46 Nos vários versículos, a ideia do Parente-Redentor e o seu trabalho em favor dos filhos de Israel fica evidente. O **SENHOR** mesmo era o **Redentor** (heb. ***ga'al***, Rt 2.18-23; veja o estudo da palavra, Is 35.9) dos **filhos de Israel** e dos **filhos de Judá** (Jr 50.33,34). Ele, como parte da sua obra de vingança pelo seu povo, pôs a **espada** sobre os líderes políticos, os sábios, os adivinhos, os **valentes**, os seus **carros** e os seus **cavalos**, os mercenários e os **tesouros** da Babilônia, uma **terra de imagens de escultura** (vv. 35-38, algumas vezes chamados de "Canção da Espada"; cp. "Canção do Martelo", 51.20-23). Ele predisse a deserção de todos os

seres vivos da supersticiosa Babilônia, cujo futuro foi comparado **a Sodoma e a Gomorra**, cidades que se tornaram o exemplo da destruição total (vv. 39,40; Gn 19.24; Is 13.19). Os versículos 41-43 descrevem o[s] agressor[es] do Norte e o sofrimento da Babilônia, semelhante às **dores, como da que está de parto**, fazendo um paralelo com o destino à espera de Judá, que seria revertido pela ação da Babilônia (6.22-24). As mesas virar-se-iam sobre a Babilônia. Jeremias 50.44-46 faz paralelo com 49.19-22 sobre a profecia contra Edom.

51.1-14 O regozijo sobre a destruição da Babilônia continua. Ao longo de todo esse capítulo, as ironias da reversão das circunstâncias da Babilônia — conforme causadas pelo Senhor — são motivo de exultação. *O verbo hebraico traduzido por* ***LEVANTAREI*** *(heb.* ***ʿur****, "acordar, despertar do sono", v. 1) tem o sentido de "incitar ou provocar" algo a agir. Um* ***VENTO*** *[heb.* ***ruach****, "sopro, espírito"]* ***DESTRUIDOR*** *(heb.* ***shachat****, "destruidor"; Êx 12.23; 2Sm 24.16) é uma metáfora vívida para o desastre rápido e inevitável que seria liberado sobre a Babilônia (Jr 51.1).* **Lebe-Camai** (NVI; heb. ***lēv***, "coração"; ***qum***, "aquele que se levanta em oposição a", v. 1; Gn 4.8) refere-se à Babilônia rebelde.

PADEJADORES *(heb.* ***zur****, um particípio com o sentido de "aqueles que se desviaram") adquire o seu sentido do desviar-se de um caminho para ser hóspede na casa de alguém. A forma plural (****zarim****) com vogais distintas seria lida como* ***zorim*** *(heb. "joeiros") do verbo "padeja[r]" (heb.* ***zarah****, "peneirar, dispersar, coar", v. 2). O "vento destruidor" do versículo 1 tem a mesma força de "padejadores" no versículo 2, de forma que o jogo de palavra é possível. "Padejadores" seriam enviados à Babilônia e usariam o vento não só para separar o trigo da palha, como também para "despoja[r] a sua terra" (v. 33; 15.7; Is 41.16; Ez 5.2).*

Os exilados e talvez outras nações cativas, com a vinda da **vingança** do Senhor, foram incitados a **fugi[r] do meio da Babilônia** a fim de evitar sofrer com essa nação o destino reservado a ela (Jr 51.5-9). Ela não poderia **sarar**, e o seu fio de vida foi cortado, isto é, o **seu juízo chegou**. A frase **a Babilônia era um copo de ouro na mão do SENHOR** significa que a Babilônia foi usada por Deus para distribuir entre as **nações** a sua porção de punição (o **seu vinho**, v. 7). No entanto, de modo repentino, a Babilônia caiu como um copo jogado no chão e esmigalhado sem a menor chance de ser consertado.

Israel testemunhou a **justiça** (heb. ***tsedeqah***, "justiça, juízo", v. 10), bem como a **vingança** [heb. ***neqamah***, vv. 6,11; 50.28] **de seu Templo.** Essas coisas seriam realizadas por intermédio dos **reis da Média** (51.11).

A Média provavelmente se localizava na área noroeste do Irã. Os medos, após fazer uma aliança com os babilônios contra a Assíria, voltaram-se, por fim, contra eles. A referência a **muitas águas** pode indicar a localização da Babilônia às margens do rio Eufrates, uma via aquática que permitia acesso às atividades comerciais de comerciantes estrangeiros (Ap 18.11-19), tornando a cidade **rica em tesouros** (Jr 51.13).

51.15-33 A doxologia exaltando a superioridade do Criador sobre a **imagem de escultura** e a **de fundição** (v. 17) é seguida pela canção conhecida por "Canção do Martelo" (vv. 20-23). Os medos invasores vindos do Norte parecem ser a referência aqui. Anteriormente, a Babilônia era "o martelo", mas a Babilônia fora "despedaça[da]" por um novo inimigo (50.23). O Senhor declarara a sua oposição à Babilônia, o **monte destruidor** (heb. ***mashchit***, "destruição", do verbo ***sachat***; cp. 2Rs 23.12-14) que abusou do seu poder (Jr 51.25; 46.18). Por conseguinte, a Babilônia, em vez de ser uma montanha opressora e protuberante, tornar-se-ia como um vulcão de **incêndio** (51.25). A destruição da Babilônia seria de tal forma que nem as pedras das construções seriam reutilizáveis.

Há menção uma vez mais ao instrumento de Deus, os **reis da Média**, bem como daquelas terras e povos sobre quem eles governavam e de onde retiravam soldados para servirem nos seus exércitos (v. 28). O destino dela era irrevogável porque **cada um dos desígnios** [heb. ***machashavah***, "pensamento, plano"; 29.11; 49.20; 50.45] **do SENHOR está firme contra Babilônia** (51.29). Os **valentes** dela estavam exauridos e tornaram-se **como mulheres**, isto é, eles tornaram-se não combatentes (v. 30). A cadeia de imagens e metáforas destrutivas é concluída mais uma vez com o tema da colheita.

*A Babilônia é comparada a **UMA EIRA** (heb. **goren**, v. 33), um pedaço de terra nivelado sobre o qual o grão era pisado para quebrar e retirar os grãos dos talos e cascas (Is 41.15,16). Aqui, a eira era um lugar usado algumas vezes como um tribunal (1Rs 22.10), e, aqui, a colheita e as suas metáforas simbolizam julgamento (Jr 51.33), um tema refletido também nas passagens do Novo Testamento, como Mateus 3.12 (que se refere à "ira vindoura" [v. 7]) e Apocalipse 14.14-20 (que contém imagens semelhantes).*

51.34-58 Nesses versículos, Deus mostra-se como um advogado para o seu povo oprimido. A imagem da Babilônia (ou Nabucodonosor) como um **dragão** (também são possíveis as imagens de uma serpente ou monstro marinho, todos símbolos do poder do mal, 51.34) é consistente com 49.23 e mais explícita que esta. O Senhor é um vingador que transformaria a casa

do monstro em **habitação de chacais** (NVI; v. 37; Quedar e Hazor, 49.33). Ele serviria a eles vinho letal em um banquete mortal para que se **embriag[uem]** e durmam **um sono perpétuo e não acord[em]** (51.57), possivelmente cumprido em Daniel 5.30-31. **O mar** — o local de habitação do monstro — **subiu sobre Babilônia**; os seus poderes do caos são agora uma ameaça para ela, e ela seria punida pela sua idolatria, **as imagens de escultura da Babilônia** (Jr 51.42,47,52).

Os versículos 45-50 são direcionados aos exilados judeus na Babilônia. O Senhor garantiu a Israel que os **destruidores** do Norte atacariam a Babilônia e que Ele mesmo seria o agente que iniciaria a invasão (v. 53). Israel foi incitada a fugir da cidade condenada, e a comunidade do exílio lamentou enquanto eles lembraram-se de Jerusalém, do seu Deus e da profanação da **Casa do SENHOR** (v. 51; v. 6; Sl 137). Todas as defesas da Babilônia, as **recompensas** dadas pelo Senhor, seriam totalmente retiradas dela — os **valentes**, os **príncipes**, os líderes políticos, os **largos muros** e as **portas excelsas** (Jr 51.56-58).

A Babilônia tornou-se mais tarde um símbolo bíblico de adversário arrogante de Deus, um destruidor voraz que, por sua vez, fora totalmente destruído, e todo o céu regozijou-se com o seu destino. A destruição total de uma nação cujo nome não é mencionado é profetizada no livro de Apocalipse usando os termos de derrota da Babilônia. Um simbolismo similar ocorre — cálice, lagares e cálice da ira de Deus (Ap 18.1—19.5).

As Instruções para Seraías (51.59-64)

Nessas palavras finais de Jeremias, **Seraías**, irmão de Baruque, foi comissionado pelo profeta a levar para a Babilônia um **livro**, escrito por Jeremias, contando **todo o mal que havia de vir sobre a Babilônia** (vv. 59,60). A mensagem consistia provavelmente de oráculos contra a Babilônia nos versículos 50,51 (v. 62). Jeremias instruiu Seraías a realizar um sinal-ato na Babilônia, similar aos sinais-atos que Jeremias realizara em Jerusalém (caps. 19; 27).

Na execução desse sinal-ato, há mais uma vez um paralelo com o livro de Apocalipse. Depois da profecia da destruição da Babilônia, um "forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada" (Ap 18.21). O tributo de Seraías reconhece o senhorio de

Nabucodonosor ao mesmo tempo que afirma com veemência o senhorio do verdadeiro Rei.

Os Detalhes Concernentes à Queda de Jerusalém (52.1–34)

Esse capítulo faz paralelo com o capítulo 39 e sobrepõe-se a ele, e o mesmo acontece com os relatos encontrados em 2 Reis 25 e 2 Crônicas 36.15-21, embora este último texto resuma os eventos. O capítulo 52 difere do 39 ao focar o saque do Templo por Nabucodonosor, incluindo o catálogo dos itens levados por ele.

52.1-16 Para 52.1-16, veja comentário sobre 39.1-10.

52.17-23 Essa passagem faz paralelo com 2 Reis 25.13-17 ao descrever o saque do Templo e os utensílios sagrados. Os utensílios de ouro e prata foram levados, bem como uma inestimável quantidade de cobre contido em algumas peças enormes que tiveram de ser quebradas a fim de ser transportadas. Notavelmente, 2 Reis 24.13 e 2 Crônicas 36.10 descrevem o saque do Templo que teria ocorrido em algum momento anterior, em 597 a.C., quando outros utensílios de ouro e prata foram levados para a Babilônia.

52.24-29 Os versículos 24-27 especificam 74 outros homens separados para a execução em Ribla (2Rs 25.18-21). Os versículos 28,29 apresentam alguns números dos judeus deportados, a única informação numérica concernente à deportação para a Babilônia depois da queda de Jerusalém.

52.30-34 Tanto essa passagem final quanto 2 Reis 25.27-30 contam a história da libertação do rei Joaquim por **Evil-Merodaque** (ou Amel-Marduque). Essa adição ou inclusão, que ilustra o cumprimento da profecia de Jeremias, confirma o profeta como um genuíno mensageiro de Deus. No entanto, a conclusão, terminando com uma nota de esperança, indica apenas que a mensagem de destruição de Jeremias foi cumprida, então a sua mensagem de esperança também se realizaria. Os leitores ficam com a sensação de que o fim da história de Joaquim não é o fim da história de Israel, nem a última palavra concernente às promessas de Deus para a casa de Davi.

BIBLIOGRAFIA

* Feinberg, Charles L. *Jeremiah*. Expositor's Bible Commentary, vol. 6. Grand Rapids: Zondervan, 1986.
* Huey, F. B. *Jeremiah, Lamentations*. The New American Commentary, vol. 16. Nashville: B&H Publishing Group, 1993.

* Para estudos avançados.

LAMENTAÇÕES

INTRODUÇÃO

TÍTULO

O título do livro na maioria das traduções em português vem da Vulgata latina (***Lamenta***) e é descritivo do seu conteúdo. Na Bíblia hebraica, é chamado de "Infelizmente, como [...]", a frase inicial nos capítulos 1, 2 e 4.

CENÁRIO

O livro de Lamentações foi escrito em resposta aos eventos do cerco de Jerusalém pelo exército de Nabucodonosor II e a subsequente deportação de Judá para a Babilônia (veja Introdução a Jeremias).

GÊNERO

Lamentações é literatura poética. É identificada específica e principalmente com o cântico fúnebre de lamento (choro por causa da morte) e/ou queixa (de sofrimento). A obra, como poesia, é caracterizada por uma estrutura acróstica, isto é, as estrofes são organizadas em ordem alfabética. Cada versículo começa tipicamente com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico com 22 letras (e.g., 1.1 começa com o ***álefe***; 1.2 com ***bete***, etc. veja Salmos, Introdução). Por conseguinte, cada capítulo (exceto o 3) tem 22 versículos. O capítulo 3 é um acróstico triplo (três versículos para cada letra), tendo, portanto, 66 versículos. A intensidade do capítulo 3, como o ápice do livro, é espelhada pelo acróstico triplo. O capítulo 5 não é um acróstico; no entanto, até mesmo nesse capítulo há uma estrutura literária caracterizada por 22 paralelismos/versículos (veja "Gênero" em Jeremias).

Além disso, o livro é escrito em um estilo rítmico conhecido por métrica ***qinah***, um ritmo específico das canções de luto e lamento.

AUTOR

A visão tradicional de Jeremias como o autor, embora não haja um consenso acadêmico absolutamente estabelecido, não foi comprovada ser um erro. Embora Jeremias não seja mencionado no livro como o seu autor, há uma tradição antiga e forte apoiando a sua autoria em meio a estudiosos judeus e cristãos. Lamentações contém muito mais material similar em conteúdo às passagens jeremiânicas, sobretudo concernente ao choro amargo e incessante com o pesar pelo apuro de Judá (Jr 14.17; Lm 3.48-51). Além disso, algumas das razões contra a autoria de Jeremias não parecem ser convincentes, como a acusação dos profetas pelo autor (2.9) ou o seu chamado para retribuição à Babilônia, a quem Jeremias incitou a submissão (Jr 20.9,10; 27.1-22). Aparentemente, portanto, Jeremias é o candidato mais provável. (Para um esboço biográfico, veja a seção "Autor" na Introdução do livro de Jeremias.)

DATA

A datação tradicional de Lamentações é logo após a queda de Jerusalém diante da Babilônia (587/586 a.C.). Alguns estudiosos, porque o sofrimento e pesar do autor ainda parecem recentes, concluem que o livro deve ter sido escrito logo depois desse período.

DESTINATÁRIOS

Essa breve, porém intensa obra foi possivelmente usada na adoração no Templo até mesmo depois da sua destruição. Um grupo de peregrinos, ao que parece, veio adorar nas ruínas do Templo, indicando a continuação da santidade desse lugar para Judá (Jr 41).

PRINCIPAIS TEMAS

O principal tema do livro centra-se no sofrimento e pesar de Jerusalém diante do cerco, invasão e total destruição da cidade, um conjunto de situações inimagináveis para o "povo escolhido", conforme fica evidente na

atitude deles registrada em Jeremias 26.7-9 (veja também a predição do profeta em Jr 7.1-15). A possibilidade de profanação da cidade e do Templo — isso para não mencionar a sua total destruição — pelos gentios era impensável para Judá (Lm 4.12). Eles tomaram como certo que a presença do Templo em meio a eles era sinônimo da presença de Deus com o seu poder, protegendo-os contra qualquer dano. No entanto, Jeremias 7.9-15 demonstra a complacência moral na qual Judá caíra, fundamentada no seu pressuposto da proteção de Deus se o seu povo apenas cantasse uma fórmula concernente ao Templo.

Deus, todavia, é consistente na sua natureza totalmente santa; e Ele punirá até mesmo o seu povo pelos pecados deles. Nas visões de Ezequiel, Deus abandonou o Templo por causa da pecaminosidade dos sacerdotes que praticavam a idolatria ali (Ez 8.5-18). As previsões horrendas de Jeremias, depois que a glória de Deus abandonou o Templo, foram cumpridas. O livro de Lamentações expressa o tormento do cerco e a fome subsequente, a invasão e a destruição da cidade, bem como o pesar, sofrimento e angústia excruciantes — sem nenhum conforto de palavras do Senhor para o povo exilado na sequência dos eventos.

ESBOÇO

I. O LAMENTO SOBRE JERUSALÉM (1.1-22)
   A. O Lamento pela Situação Abjeta da Cidade (1.1-11)
   B. O Desconsolo da Filha de Judá (1.12-22)

II. O JULGAMENTO DE JERUSALÉM (2.1-22)
   A. A Total Destruição da Cidade (2.1-9)
   B. O Choro dos Habitantes de Judá por Causa da sua Devastação (2.10-22)

III. A ESPERANÇA POR INTERMÉDIO DA MISERICÓRDIA DE DEUS (3.1-66)
   A. O Senhor: o Inimigo de Jerusalém (3.1-20)
   B. O Senhor: o Deus Compassivo e Justo (3.21-33)
   C. O Senhor: o Castigador de Judá (3.34-54)
   D. O Senhor: o Defensor e Vingador de Judá (3.55-66)

IV. OS TERRORES DA CIDADE SITIADA (4.1-22)
A. A Maldição da Destruição e da Fome (4.1-11)
B. Os Pecados de Jerusalém como a Causa do seu Colapso (4.12-22)

V. A ORAÇÃO POR RESTAURAÇÃO
A. O Arrependimento da Nação (5.1-18)
B. A Oração pela Restauração da Nação

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

O LAMENTO SOBRE JERUSALÉM (1.1–22)

O Lamento pela Situação Abjeta da Cidade (1.1-11)

1.1-11 A **cidade** de Jerusalém é personificada como uma figura feminina, de acordo com o gênero da palavra "cidade" em hebraico. Ela às vezes é descrita como uma mãe abandonada ou uma viúva, e outras vezes como uma mulher solitária, uma adúltera desertada pelos seus **amadores** (v. 2). Às vezes, toda a nação é personificada (v. 3), e outras vezes apenas a cidade, sem a sua população, é personificada (v. 4). Em geral, a personificação refere-se à cidade abandonada (v. 1). Ela chora sobre a mudança da sua sorte. Ao passo que, nos dias passados, ela era **populosa**, agora está deserta e abandonada como uma **princesa** que se tornou **tributária**, ou seja, escrava (v. 1). Os amantes e os **amigos** de Jerusalém são, muito provavelmente, essas nações (como Amom, Edom, Tiro, Moabe e, máxime, o Egito) com quem ela formou alianças políticas, desafiando a ordem de Deus para que não fizesse isso (v. 2; 5.6).

O adultério era uma metáfora comum para a infidelidade de Israel ao seu Deus, quer na adoração (idolatria), quer na política (alianças estrangeiras, que proclamavam oficialmente a insuficiência de Deus para proteger e

salvar Israel). Jerusalém abandonara o seu Deus; agora ela, por sua vez, fora abandonada pelos seus amantes, ou amadores, para os quais se voltara.

O sofrimento estende-se até mesmo a objetos inanimados associados com Jerusalém, como, por exemplo, **os caminhos de Sião** e **as suas portas** (1.4). Essas eram estradas através das quais os peregrinos e visitantes chegavam à cidade para as festas, e as portas ficavam com frequência amontoadas com pessoas vindo adorar no Templo ou apenas fazendo transações comerciais, socializando ou discutindo assuntos referentes à vida diária na cidade. Alguns sugerem que a perda de oportunidades para as **virgens** casarem-se é a razão desse pesar, mas, no contexto da imagem do Templo e dos dias de festa, o pesar corrente das mulheres contrasta de modo marcante com a alegria normal que seria expressa durante os dias de prosperidade em Jerusalém (v. 4).

Fica claro desde o início da poesia que o agente de punição é **o SENHOR**, e a causa para a punição deles deve-se às **prevaricações** de Judá (Lm 1.5). Os líderes de Judá eram espiritual e militarmente fracos, descritos aqui como **corços que não acham pastos** (v. 6). A fome leva à exaustão, resultando em vulnerabilidade diante do inimigo. Talvez o autor tivesse em mente a tentativa de fuga de Zedequias e os seus homens, dominados e punidos severamente.

*Nos versículos 7 e 10, as **MAIS QUERIDAS COISAS** (heb. **machmud**; do verbo **chamad**, "desejar, deleitar-se em") referem-se provavelmente aos tesouros do Templo, saqueados quando os babilônios entraram, pilharam e queimaram o Templo (2Rs 24.13; 25.13-17; 2Cr 36.18,19; Jr 52.17-23). Em Lamentações 1.11, "coisas mais preciosas" é a tradução de **machmud** ou **machmad** (heb., "objeto de desejo, algo precioso"). A palavra **machmad** refere-se em outros textos ao mobiliário do Templo (2Cr 36.19; Is 64.11; Jl 3.5). Aqui, no entanto, as "coisas mais preciosas" foram trocadas por "mantimento" podem referir-se aos filhos canibalizados durante o cerco ou vendidos depois como escravos (Lm 1.11; 2.20; 4.10; Dt 28.53-57; 2Rs 6.28,29), conforme comentou Teodoreto, teólogo do século V, que traduziu o termo por "queridos" (Lm 2.4; Ez 24.16; Os 9.16).*

As intérpretes feministas sugerem algumas vezes que a imagem empregada no versículo 1 para Jerusalém/Judá como **filha de Sião** fala da situação deplorável de mulheres que apanham na sociedade contemporânea (Lm 1.6), descrevendo o Senhor como o marido abusivo e a filha de Sião como a vítima que é tanto a causa do seu próprio sofrimento quanto uma colaboradora desse sofrimento. Essas feministas, referindo-se à descrição da

impureza de Jerusalém, à **sua nudez** e à **sua imundícia** que está nas suas **saias** (1.8,9,17), ainda argumentam que a linguagem de impureza ao longo do livro leva ao ódio e à desvalorização do corpo feminino e afirma que só as mulheres são culpadas pela queda de Jerusalém.[1]

Vários erros ficam imediatamente aparentes nesses argumentos. Primeiro, é incorreto sugerir que, ao longo do livro, a imundícia é sempre associada com a menstruação. De fato, até mesmo as intérpretes feministas observam que, nesse livro, as referências iniciais à imundícia estão ligadas ao adultério e ao pecado de Judá (vv. 2,5). Deus não é culpado porque as ações contra Judá/Jerusalém e os seus habitantes não constituem abuso; antes, essas ações são vistas apropriadamente como a disciplina de um Deus santo. Quando o adultério é compreendido como a metáfora para a infidelidade da nação a Deus, claramente isso não se restringe às mulheres. Rememorando Ezequiel, os sacerdotes homens são, de fato, culpados de acusar a infidelidade espiritual. E é bastante interessante, até mesmo quando a imundícia é associada com sangue, que a referência é muito mais frequentemente ligada ao derramamento de sangue dos inocentes do que ao ciclo menstrual da mulher. Na melhor das hipóteses, a afirmação de que toda a culpa é posta sobre as mulheres é enganadora.[2]

Segundo, a afirmação de que a estrutura de Lamentações põe a culpa apenas sobre os ombros das mulheres, ou de que o escritor retrata as imagens femininas só em uma luz negativa, não se sustenta após um escrutínio do texto. Enquanto muito da culpa é lançada sobre a expressão "filha de Sião" e "filha de Judá" e embora a imagem feminina seja a mais comum no livro, há também o uso de imagens masculinas como descrições negativas da nação de Judá em todo o livro (2.2,3). O capítulo 3 contém algumas das muitas imagens violentas, e, desde o princípio, o narrador é masculino — "Eu sou o homem que viu a aflição" (3.1).

Terceiro, tentar aplicar os padrões da sociedade moderna ao século VI a.C. considerando as respostas ao adultério é anacronismo. Na Torá (a Lei judaica), o adultério era uma ofensa capital para os dois ofensores pegos nesse ato, e não apenas para a mulher — a ausência do homem em João 8 pode ter sido a razão por que Jesus permitiu que a mulher recebesse misericórdia. A punição prescrita na época era o apedrejamento. Por conseguinte, o julgamento sobre Judá/Jerusalém pela sua infidelidade pode muito bem ser misericordioso, uma vez que ela tem esperança de restauração e purificação dos seus pecados.

O Desconsolo da Filha de Judá (1.12-22)

1.12-22 A filha de Judá lamenta agora na sua própria voz, implorando por compaixão a Deus e aos transeuntes que testemunham a sua devastação (começando no v. 11). Ela clama que não há consolo para ela em nenhum lugar (vv. 16,17). Fica claro que a sua punição fora distribuída por Deus por causa das suas **prevaricações**, cuja maioria era tão grande que se transformou em um **jugo** (heb. ***'ol***, v. 14; veja o estudo da palavra, Jr 2.20) pesado e escravizador **atado** sobre o seu pescoço. Judá lamenta a perda de vida no seu íntimo, recontando as mortes dos seus **valentes** e **jovens**, esmagados como uvas **pis[adas] [...] em um lagar** (Lm 1.15; Is 63.1-6).

Possivelmente, a linguagem do versículo 16 indica a autoridade de Jeremias. Judá, retratada como a mãe, pode fazer paralelo com Raquel chorando pelos seus filhos (Jr 31.15-17). Uma tradução literal da frase **meus olhos se desfazem em águas** (Lm 1.16) é "meu olho, meu olho flui com lágrimas", em que a repetição existe para dar ênfase. Ela tem o impacto de nossa expressão popular: "morri de tanto chorar". Outro pedido em um gesto de súplica, **estende Sião as suas mãos**, pede misericórdia e compaixão, mas **não** tem **quem** a **console** (vv. 17,21). Ela confessa os seus pecados que lhe causaram dor e sabe que Deus tornou-a um exemplo para os seus vizinhos (vv. 12,18).

*Judá é para eles "como uma coisa **IMUNDA**" (heb. **niddah**, "algo imundo ou obsceno", v. 17). No contexto da Lei levítica, a palavra refere-se com mais frequência à "impureza menstrual" (Lv 12.2; 15.19,20,24-26,33; 18.19) ou alguma outra impureza (Lv 12.5; 20.21). Algumas traduções consideram a sentença aqui como uma metáfora comparando a pecaminosidade de Judá com a impureza de uma mulher menstruada (Lm 1.17; Ez 18.6; 36.17). No entanto, nesse contexto, a impureza, compreensivelmente, é o pecado do adultério espiritual, e não uma referência à impureza menstrual (Lm 1.17-20). A palavra significa "algo impuro" ou "imundícia" no sentido de pecado, algo que não pode estar na presença do Deus santo. Depois do exílio, Esdras usou a palavra na descrição dos cananeus (antes da conquista de Israel) como tendo "ench[ido]" a terra com as suas "imundícias" (heb. **niddah**, Ez 9.11). De modo similar, o rei Ezequias de Judá ordenou certa vez que os sacerdotes e os levitas se livrassem de toda "imundícia" (heb. **niddah**, 2Cr 29.5,10) encontrada no Templo para preparar a sua restauração. Ele, embora se referindo em especial aos ídolos, também mencionou tudo o que não deveria estar na presença de Deus, supremamente santo (Ez 7.19,20; Zc 1.1). Lamentações 1.17 também especifica que Judá "é para eles como uma*

coisa imunda", isto é, em meio aos "inimigos, os que estão em redor", sugerindo uma reversão do que Deus tinha intenção que Israel fosse. Em linha com o sentido fundamental de ***niddah*** *— "separação ou remoção" estimulada por um encontro com algo repulsivo — a busca de Judá por outros deuses não só exigia o julgamento do Senhor, como também motivava os seus inimigos a removê-la da terra.*

Judá confessou a sua rebelião e o seu adultério (vv. 18-20). Ela foi **engana[da]** e zombada, e o conforto proveniente de qualquer canto foi-lhe negado, até mesmo pelo seu próprio Deus; Judá, portanto, implora por retribuição para que esta se abata sobre os seus **inimigos** que causaram a sua devastação (v. 21).

O Julgamento de Jerusalém (2.1–22)

A Total Destruição da Cidade (2.1-9)

2.1-9 Essa seção concentra-se na descrição da destruição de Jerusalém pelo Senhor como se Ele fosse o inimigo, um tema repetido no capítulo 3. O tema de não ter conforto e ser **sem piedade** (NVI) é uma continuação do capítulo anterior, sendo intensificado nesse aqui (1.2,17,21; 2.2). Judá não só não recebe nenhuma compaixão do Senhor, como também é **cob[erta] [...] de nuvens** (heb. ***'uv***, "anuviar, cobrir com escuridão", um hápax ou termo usado apenas uma vez no Antigo Testamento, v. 1) pela plenitude da sua **ira**. As palavras como "furor", **ira**, **fogo ardente** (NVI), **labareda de fogo**¸ **ardeu, consumiu** aparecem agrupadas nos versículos 1-6 e 21-22. A imagem de ataque por um **inimigo** é prevalente aqui (vv. 4,5). O Senhor, em vez de proteger o seu povo com a **sua destra**, retira-se e usa-a contra Judá (v. 3). O termo **devorou** (vv. 2,5,16) aparece em outras passagens lidando com o ataque de Jerusalém pela Babilônia (e.g., Jr 51.34). Lamentações 2.6-8 expressa claramente o fato insondável de que o próprio Senhor rejeitou e produziu a destruição do Templo, nesse capítulo mencionado como **a glória de Israel [...] [o] escabelo de seus pés** (2.1), **a sua congregação** (v. 6), **o seu altar [...] o seu santuário [...] [e a] Casa do SENHOR** (v. 7). Os alertas de Jeremias, portanto, foram cumpridos (Jr 7.1-15).

Os **príncipes** da cidade foram humilhados ao serem espalhados **entre as nações**, os gentios sem deus que tiveram permissão para capturar e escravizá-los (2.9). Aqueles que incorporavam a Lei, por conseguinte,

haviam partido: **não há lei** (heb. ***torah***; veja o estudo da palavra, Sl 1.2; Lm 2.9). Além da Torá, a **visão** era um segundo meio de revelação profética, algo que o Senhor também retirara do povo, como uma forma de rejeição do seu povo (v. 9). Os profetas que negaram esse julgamento afirmaram que receberam visões, mas elas eram "vaidade e loucura", não revelando nada sobre a "maldade" de Judá (v. 14; Jr 14.14; 23.16). Estes eram profetas mentirosos, como os mencionados em Jeremias 27 e 28. Os muros da cidade, as residências do povo e o seu lugar de adoração, tudo isso fora abandonado por Deus.

O Choro dos Habitantes de Judá por Causa da sua Devastação (2.10-22)

2.10-22 Nessa seção, o autor expressa profundo pesar por intermédio do choro incessante (vv. 11,18,19) por causa das vítimas inocentes desse cerco, **os meninos e as crianças de peito** que morreram de fome (vv. 11,12). *O escritor, talvez personificando a si mesmo como a cidade, expressa agonia severa com a situação difícil de Jerusalém: "o meu* ***CORAÇÃO*** *[heb.* ***kavēd****, "fígado"] se derramou pela terra" (v. 11). Uma palavra diferente é usada com mais frequência para "coração" (heb.* ***lēv****, vv. 18,19; 1.20). O termo* ***kavēd****, quando não se refere literalmente a um órgão do corpo (e.g., Êx 29.13), indica o órgão que é "pesado" (heb.* ***kavod****), isto é, "importante". Metaforicamente, indica aquilo que é "doloroso ou pesado". Considerando-se que o termo traduzido por "se derramou" tem a conotação de morte, a afirmação fala da maneira como o pesar é fisicamente devastador, como o seria uma ferida para esse órgão muitíssimo importante. Em uma expressão idiomática contemporânea, poderíamos dizer: "Minha alma se abateu".*

Os versículos 11,12 e 19,20 provêm um vislumbre dos horrores dentro das cidades muradas durante um cerco. Aqui, o que logo se tornaria realidade (4.10) é apresentado como um protesto ao Senhor. A fome resultante do cerco da cidade pelo exército babilônico ocasionou os horrores descritos no capítulo 4.

A Esperança por Intermédio da Misericórdia de Deus (3.1-66)

O Senhor é apresentado nesse capítulo tanto a favor quanto contra Judá. Ele é o inimigo de Jerusalém ao destruir e humilhar a cidade diante das outras nações; ainda assim, Judá pode contar com a fidelidade de Deus para com o seu próprio amor pelo seu povo fundamentado na aliança (heb. ***chesed***, 3.21,32; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). Correntemente, a compaixão do Senhor é ofuscada pela intensidade do sofrimento ocasionado pela sua justiça na punição do pecado. Na verdade, Deus enviou de modo pungente esse alerta por intermédio de Jeremias: "Tu me deixaste, diz o SENHOR, voltaste para trás; por isso, estenderei a mão contra ti e te destruirei; estou cansado de me arrepender" (Jr 15.6).

O Senhor: o Inimigo de Jerusalém (3.1-20)

3.1-20 Esse segmento foca a "rebeld[ia]" e a "ira" (3.42,66) e o **furor** (v. 1), contendo inúmeros termos de maldição, desesperança, rejeição, cativeiro e **trevas** (vv. 2,6). A linguagem violenta de guerra, batalhas, lutas e destruição fazem paralelo ao cerco real da cidade. Deus é retratado como:

- um inimigo invasor que conquista Jerusalém (vv. 4,7,9);
- um animal de rapina, um **urso** ou um **leão** à espera para atacar, mutilar e devorar a sua presa (v. 10);
- um inimigo cujas **flechas** ferem mortalmente (v. 13).

A imagem empurra o falante para uma posição cada vez mais baixa até ele ser atirado no solo, atropelado com a face para baixo e ficar coberto de **cinza** e comer **pedrinhas** (v. 16). Ele fica completamente desesperado e **abat[ido]**, descartando qualquer **esperança** ou futuro (vv. 18-20).

O Senhor: o Deus Compassivo e Justo (3.21-33)

3.21-33 Repentinamente, o falante rememora a **fidelidade** (heb. ***chesed***, v. 22; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) do Senhor, em quem podemos sempre confiar. O autor, pela primeira vez nesse capítulo, invoca o nome de Deus usado na aliança, **SENHOR** (heb. ***YHWH***, "Yahweh", Lm 3.2,24-26). Os versículos 21-27 contêm expressões de esperança, confiança e confiabilidade. O pensamento do amor de Deus dá ao falante um otimismo renovado de que há, de fato, misericórdia e compaixão com o Senhor e que há um suprimento infinito de ambas. Essa passagem deu origem a um dos

hinos mais amados, "Grande é tua fidelidade", uma canção que testifica da bondade providencial de Deus; trata-se do ponto mais marcante desse livro. Embora aquele que quebra a aliança não mereça compaixão, não obstante, o Deus fiel da aliança dá-nos **novas** "misericórdias" a **cada manhã**; e, quando todos os outros confortos são removidos, é suficiente ter "o SENHOR" como **minha porção** (vv. 23,24).

Judá tinha de aprender que a esperança não pode fundamentar-se em nenhuma aliança política ou militar, mas apenas no Senhor. Como alguém deve lidar com a disciplina do Senhor? A disciplina do Senhor deve ser aguentada em uma espera e busca calmas, suportando **o jugo** (heb. ***'ol***, v. 27; veja o estudo da palavra, Jr 2.20; 1.14), em silêncio e na solidão. Essa descrição do sofrimento esperançoso e paciente (3.30) tem tons messiânicos, sendo encontrada em um dos Cânticos do Servo em Isaías (Is 50.6), tendo conhecimento de que ninguém é abandonado para sempre pelo Senhor que **não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens** (Lm 3.31-33). Essas expressões de otimismo contrastam de maneira marcante com a conclusão final do livro (5.21,22).

O Senhor: o Castigador de Judá (3.34-54)

3.34-54 Os versículos 34-36 parecem revelar alguns dos pecados dos quais Judá é culpado — uma deficiência aguda de misericórdia e justiça — enquanto os versículos 37-39 parecem relacionados ao material de sabedoria como aquele encontrado no livro de Jó (Jó 2.10). Se Lamentações 3 constitui uma oração de confissão por Judá, a oração começa de uma forma sincera e profunda (v. 40). Judá expressa não só arrependimento pelos seus pecados, como também um desejo de conversão (vv. 40-42). Essa nação também começa a dirigir-se a Deus na segunda pessoa do singular, estendendo-se na direção dEle externa e internamente (vv. 43-45). Ela, enquanto confessa e lamenta, rememora as punições de Deus (vv. 43,44), sobre as quais chora incessantemente (vv. 48-51), não só por si mesma e o seu sofrimento particular, mas também pela aliança violada e os seus resultados desastrosos em meio às nações (vv. 45-47). Porque o Deus de Judá abandonou-a, os seus inimigos aproveitaram a oportunidade para capturá-la (vv. 52-54).

O Senhor: o Defensor e Vingador de Judá (3.55-66)

3.55-66 A punição de Judá sobrepujou-a, e ela apela por misericórdia do justo Juiz (v. 58). Esse pedido de vindicação é semelhante ao material de imprecação (veja tabela, "Tipos de salmos", p. 12,13) enquanto Judá pede que os seus inimigos sejam **persegui[dos]** na sua **ira**, assim como acontecera com ela (vv. 43,66).

Os Terrores da Cidade Sitiada (4.1–22)

A Maldição da Destruição e da Fome (4.1-11)

4.1-11 O autor relata os horrores da fome resultante do cerco. Nessa situação, a ira de Deus é completa (v. 11), servindo de epítome das maldições para a desobediência descrita em Deuteronômio 28, bem como predição de Jeremias 19.8,9. Algumas teólogas feministas argumentam que o escritor de Lamentações omite a referência aos pais comendo os seus filhos (Dt 28.54,55), em um esforço para demonizar as mulheres; contudo, essas alegações não podem ser sustentadas. Antes, o relato bíblico tem a intenção de mostrar como as condições estavam, de fato, extremas na cidade.

A conexão íntima de uma mãe com os seus filhos durante a gravidez, arriscando com frequência a própria vida e saúde no parto, cria um laço que só é fortalecido enquanto ela pessoalmente nutre o bebê. Em vista disso, uma mãe cozinhando o seu filho é o ponto culminante de que a humanidade fracassou.

Há vários motivos que enfatizam o fato de que isso apenas transmite o horror do cerco e não serve como uma acusação das mulheres. Embora emocionalmente insatisfatório, Lamentações fala de *cozinhar* (algo que só as mulheres faziam), enquanto Deuteronômio fala em *comer*. Contudo, o papel de nutrir da mãe fala basicamente contra essa interpretação. O escritor de Lamentações queria apenas transmitir o horror da cena, e a imagem de uma mãe **piedos[a]** cozinhando os próprios **filhos** transmite o horror extremado (Lm 4.10).

Os Pecados de Jerusalém como a Causa do seu Colapso (4.12-22)

4.12-22 Há, mais uma vez, a demonstração de descrença diante do fato de que um inimigo foi bem-sucedido na invasão da cidade escolhida do Senhor; ainda assim, o motivo para isso fica claro: **Foi por causa dos pecados dos profetas, das maldades dos seus sacerdotes, que derramaram o sangue dos justos no meio dela** (v. 13), uma descrição que usa a linguagem da impureza e profanação — mais uma vez uma referência à culpa de sangue, e não à menstruação (v. 14). Judá esperou em vão pelos seus aliados para fazer o bem nas suas alianças e promessas de proteção, só que esses aliados traíram-na. Zedequias, o rei deles considerado uma pessoa sacrossanta (**O respiro das nossas narinas, o ungido do SENHOR**), foi levado para o cativeiro como um criminoso, para nunca mais liderar a nação de novo (v. 20). **Edom** é mencionado aqui como um inimigo de longa data de Judá, e há indicações de que Edom também será punida pela sua parte em causar a destruição de Judá ou, pelo menos, por exultar-se com isso (v. 21; Jr 49.7-22, um dos mais longos oráculos contra as nações e uma nação para a qual não há promessas esperançosas).

A Oração por Restauração

O Arrependimento da nação (5.1-18)

5.1-18 A porção final termina como um apelo ao **SENHOR**, o Deus da aliança, para agir em favor da nação (v. 1). Essa seção descreve possivelmente as condições vivas daquelas pobres pessoas que permaneceram em Jerusalém (deixadas para trás por Nabucodonosor) depois da queda da cidade. A geração corrente estava colhendo as consequências dos pecados de idolatria dos **pais**, o que levou à aliança deles com nações sem deus (vv. 6,7). A situação era de dificuldade e servidão em que o conquistador reinava supremo. A desolação do **monte Sião**, onde estavam as ruínas do Templo, era especialmente angustiante e lembrava os cidadãos da ira de Deus para com eles (v. 18).

A Oração pela Restauração da Nação

5.19-22 O livro termina com uma expressão de triunfo de que o **trono** do **SENHOR** permanece **de geração em geração**, inspirando esperança de que Ele veja a situação lamentável de Judá e ouça a sua súplica (v. 19). Judá pede a restauração e o retorno (ambos os termos têm ***shuv*** como a sua raiz hebraica) para o Senhor e a renovação da sua posição anterior.

BIBLIOGRAFIA

Ellison, H. L. "Lamentations." *The Expositor's Bible Commentary,* vol. 6. Grand Rapids: Zondervan, 1986.

* Huey, F. B., Jr. *Jeremiah, Lamentations*. The New American Commentary, vol. 16. B&H Publishing Group, 1993.

* Wenthe, Dean O., ed. *Jeremiah, Lamentations*. Ancient Christian Commentary on Scripture, OT vol. XII. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009.

* Para estudos avançados.

NOTAS

[1] Kathleen M. O'Connor, "Lamentations", em *Women's Bible Commentary, Expanded Edition with Apocrypha*, ed. Carol A Newsom e Sharon H. Ringe (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1998), p. 189.

[2] Veja, por exemplo, a discussão da culpa dos sacerdotes e profetas — o sangue que traz impureza pertence à morte de inocentes por eles, e não ao ciclo menstrual da mulher (Lm 4.13-16).

EZEQUIEL

INTRODUÇÃO

TÍTULO

O livro recebe o nome do seu autor, o profeta/sacerdote Ezequiel (heb., "Deus fortalece", ou "Deus endurece"). O seu nome torna-se um jogo de palavras quando Deus compara a obstinação do povo de Judá com o fortalecimento de Ezequiel para a sua tarefa ministerial.

CENÁRIO

Ezequiel era um profeta do exílio — o seu ministério desenrolou-se totalmente fora da Palestina. Enquanto o seu contemporâneo, Jeremias, profetizou para os habitantes de Jerusalém, Ezequiel pregou para a comunidade do exílio que aparentemente estava em Tel-Abibe, local próximo da Babilônia e Nipur (ou Nippur), perto do canal/rio Quebar (3.15; para o cenário espiritual e político, veja a introdução ao livro de Jeremias). Ezequiel foi designado por Deus como "atalaia" para os exilados com quem vivia (caps. 3; 33). Os babilônios possivelmente assentaram os exilados em vilarejos abandonados. Ao que parece, a comunidade deles era relativamente segura, e a vida deles não era muito difícil. É provável que Ezequiel vivesse numa casa com a esposa (3.24).

GÊNERO

A designação geral é de literatura profética, porém outras formas literárias características aparecem no livro. Ezequiel contém vários provérbios (caps. 16; 18), lamentos (caps. 19; 28; 32) e passagens líricas/poéticas, incluindo

vários cânticos — o da espada (21.8-17 ou 13-22), o da panela (24.3b-13) e o do copo (23.32-34). Também ocorrem alegorias e parábolas — da videira inútil (cap. 15), das águias (cap. 17), as duas irmãs imorais (cap. 23) e o trágico romance de Deus com Jerusalém (cap. 16). Algumas das descrições são vívidas, não deixando a menor sombra de dúvida sobre a intenção do autor de chocar a audiência, induzindo à náusea a fim de alcançar o remorso e o arrependimento com a percepção da natureza nojenta e odiosa do pecado humano aos olhos de Deus. A intenção dessas passagens não é denegrir as mulheres, nem o casamento, nem o sexo no casamento, nem, tampouco, selecionar as mulheres para um tratamento violento ou abusivo.

AUTOR

Sabemos muito pouco sobre a pessoa de Ezequiel. Ele era proveniente de uma linhagem sacerdotal por intermédio de Zadoque (veja 1Rs 2.35) e o seu pai Buzi, que provavelmente morava em Jerusalém (Ez 1.3). Ao que parece, ele foi preparado para o ministério sacerdotal e entrou no sacerdócio, ou teria feito isso se não tivesse sido exilado para a Babilônia na segunda deportação em 597 a.C. A informação "no trigésimo ano" (1.1) pode indicar que Ezequiel tinha 30 anos, a idade em que um sacerdote era "ungido" para trabalhar no Templo (Lv 4.3). Esse pano de fundo é relevante para as muitas imagens do Templo e alusões ao Código de Santidade Levítico (especialmente a linguagem de imundícia e profanação) ao longo de todo o livro.

A única informação sobre o chamado de Ezequiel para o ministério é da sua própria escrita (Ez 1—3). Ele resistiu tanto a sua vocação dada por Deus que precisou ser persuadido para aceitar a sua indicação. Ele chegou até mesmo a ser admoestado pelo Senhor: "Não sejas rebelde" (2.8). À medida que se desdobrava o seu ministério, as demandas esmagadoras da sua tarefa tornaram-se evidentes, exigindo mesmo dele o sacrifício inimaginável de conter o lamento pela morte da sua esposa, que foi repentinamente tomada pelo Senhor como um sinal profético para o povo (cap. 24).

DATA

Ezequiel, no texto, apresenta dois indícios concernentes à datação do ministério do profeta. O primeiro, há uma referência um tanto enigmática

ao "trigésimo ano"; o segundo, uma identificação com o quinto ano após o exílio de Joaquim para a Babilônia (2Rs 24; 2Cr 36.9,10). Os estudiosos não concordam com o sentido de "trigésimo ano" (veja exposição de Ez 1), ao passo que não há muita dúvida concernente ao momento do exílio de Joaquim, ocorrido em 597 a.C. durante o reinado de Nabucodonosor II da Babilônia (algumas vezes chamado de "Nebucadrezar", 605-562 a.C.). O ministério de Ezequiel, portanto, começou em 592 ou 593 a.C., e a Nebucadrezar sua visão final parece ser por volta de abril de 571 a.C.

DESTINATÁRIOS

A comunidade do exílio na Babilônia recebeu as palavras de Ezequiel. A comunidade era formada por anciãos, homens e mulheres provavelmente provenientes das classes mais altas, muitos dos quais ainda praticavam idolatria e, ao mesmo tempo, inquiriam ao Senhor. A referência a estes é encontrada em Jeremias 29, quando Jeremias enviou uma carta encorajadora e cheia de esperanças a eles.

PRINCIPAIS TEMAS

O tema mais proeminente do livro é a glória do Senhor:

- como Deus foi privado da glória que lhe é devida quando o povo o pôs de lado em favor dos ídolos;
- como o povo, ao fazer isso, violou a sua aliança com Deus e contaminou a si mesmo, o santuário de Deus e a Terra Prometida, privando-se das bênçãos da aliança mosaica e incorrendo em todas as maldições mencionadas ali;
- como o Senhor tomou medidas drásticas para limpar o povo e a terra, dando-lhes um novo coração e um novo espírito, dando nova vida à terra e tornando-a frutífera e concedendo um plano para um templo novo e celestial em que o Senhor habitaria uma vez em meio ao seu povo.

Vários temas prevalentes estão presentes com destaque nessa perspectiva. Um deles, ainda que difícil, é a necessidade de desarraigar a idolatria do coração e da mente da nação. Fica claro que tanto homens quanto mulheres são culpados de idolatria. Embora a cidade de Jerusalém tenha sido apresentada nessa alegoria como uma figura feminina, a pregação de

Ezequiel contra a idolatria, não obstante, dirige-se aos homens e às mulheres. O livro de Ezequiel também é cativante pelos seus aspectos retrospectivos e futuros. O livro, na sua mensagem de condenação e julgamento pelos pecados da violação da aliança, olha em retrospectiva para a Torá, especialmente Levítico e Deuteronômio. Na sua mensagem de esperança, olha para o futuro para as visões aterradoras, embora magníficas, de Apocalipse, sobretudo com relação à nova cidade/nova Jerusalém, o novo/celestial Templo e o seu rio da vida. Nas suas mensagens de restauração física e espiritual, oferece um vislumbre do glorioso plano de Deus para habitar eternamente não só pessoalmente com o seu povo, como também em meio a eles e no íntimo deles por intermédio do seu Espírito.

Os temas de um "coração novo" e "espírito novo" (caps. 11; 36—37) são notavelmente similares ao do seu contemporâneo, Jeremias (Livro da Consolação, caps. 30—33). A nova aliança do coração envolve um contraste entre um coração de pedra, ou dureza de coração que leva à idolatria e à rebelião, e um coração de carne, ou um mesmo coração e um espírito novo que os capacita a obedecer (caps. 2; 11; 36—37).

ESBOÇO

I. AS VISÕES DA GLÓRIA DE DEUS (1.1—11.25)
- A. O Chamado de Ezequiel para o Ministério (1.1—3.27)
  - 1. A sua visão do Senhor (1.1-28)
  - 2. O seu comissionamento (1.1—3.15)
  - 3. A sua responsabilidade (3.16-27)
- B. A Profecia contra o Pecado de Israel (4.1—5.17)
  - 1. Os três atos simbólicos (4.1—5.4)
  - a. Ato I: o cerco de Jerusalém (4.1-8)
  - b. Ato II: a ingestão de alimentos imundos (4.9-17)
  - c. Ato III: o corte do cabelo (5.1-4)
  - 2. A impiedade de Judá/Israel e a queda de Jerusalém (5.5-10)
  - 3. Uma descrição da queda de Jerusalém (5.11-17)
- C. Condenação e Esperança (6.1-14)
  - 1. A profecia contra a terra (6.1-7)
  - 2. O remanescente (6.8-10)
  - 3. Um lamento sobre a destruição do povo de Deus (6.11-14)
- D. Uma Declaração sobre o Fim (7.1-27)

E. A Visão de Jerusalém por Ezequiel (8.1—11.25)
1. A visão de Deus (8.1-4)
2. A impiedade do povo (8.5-18)
a. A primeira abominação: a estátua (8.5,6)
b. A segunda abominação: a queima de incenso aos ídolos (8.7-13)
c. A terceira abominação: o choro por Tamuz (8.14-15)
d. A quarta abominação: a adoração do sol (8.16-18)
3. A resposta do Senhor: o julgamento sobre o povo (9.1-11)
4. A partida da glória de Deus do Templo (10.1-22)
5. Um oráculo contra os líderes corruptos de Israel e a promessa da restauração de Israel (11.1-25)
a. Um oráculo contra as ações corruptas (11.1-12)
b. O remanescente: um mesmo coração e um espírito novo (11.13-21)
c. A partida da glória de Deus de Jerusalém (11.22-25)

II. Os Oráculos do Julgamento contra Israel e Judá (12.1—24.27)
A. Uma Dramatização do Exílio (12.1-28)
B. Um Oráculo contra os Falsos Profetas (13.1-23)
C. Um Oráculo contra os Anciãos Idólatras (14.1-23)
D. A Parábola da Videira Inútil (15.1-8)
E. A Parábola da Esposa Adúltera (16.1-63)
1. A genealogia, o nascimento e a adolescência (16.1-6)
2. O casamento: uma aliança com Deus (16.7-14)
3. A degradação espiritual da adúltera Jerusalém (16.15-22)
4. A decadência política de Jerusalém (16.23-34)
5. O julgamento de Deus sobre Jerusalém (16.35-43)
6. O provérbio de uma mãe e três filhas: Jerusalém, Samaria e Sodoma (16.44-52)
7. A restauração e a expiação por intermédio da renovação da aliança (16.53-63)
F. A Morte dos Últimos Governantes de Judá (17.1—19.14)
1. A parábola das águias, dos cedros e da videira (17.1-24)
2. Um chamado para a responsabilidade pessoal pelo pecado (18.1-32)
3. Um lamento sobre os príncipes de Israel (19.1-14)
G. A Rebelião e a Restauração (20.1-49)
H. A Espada do Julgamento (21.1-32)

I. Os Oráculos contra Jerusalém (22.1—24.27)
1. O derramamento de sangue e a idolatria da cidade (22.1-31)
2. As duas esposas adúlteras de Iavé (23.1-49)
3. A panela fervente e a morte da esposa de Ezequiel (24.1-27)

III. OS ORÁCULOS CONTRA AS NAÇÕES (25.1—32.32)
A. Os Oráculos contra as Nações Circunvizinhas (25.1-17)
B. Os Oráculos contra Tiro (26.1—28.26)
C. Os Oráculos contra o Egito (29.1—32.32)

IV. A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL (33.1—39.29)
A. A Vocação de Ezequiel (33.1-33)
1. Ezequiel como o atalaia (33.1-20)
2. A queda de Jerusalém e a rebelião persistente de Israel (33.21-33)
B. O Bom Pastor (34.1-31)
C. Julgamento e Restauração dos Montes (35.1—36.15)
1. Julgamento contra o monte Seir de Edom (35.1-15)
2. A restauração dos montes de Israel (36.1-15)
D. A Restauração do Povo (36.16—37.28)
1. A limpeza e a purificação (36.16-38)
2. A visão do vale de ossos secos (37.1-14)
3. A reunificação de Israel (37.15-28)
E. A Profecia contra Gogue e Magogue (38.1—39.29)

V. O TEMPLO NOVO/CELESTIAL (40.1—48.35)
A. O Templo e as suas Medidas (40.1—42.20)
B. A Restauração da Glória do Senhor e do Altar (43.1-27)
C. As Estipulações sobre o Sacrifício e a Propriedade Concernentes ao Príncipe (44.1—46.24)
D. A Cura e a Redistribuição da Terra (47.1—48.29)
1. O rio da vida (47.1-12)
2. As fronteiras geográficas e os lotes de terra das tribos (47.13—48.29)
E. A Nova Cidade (48.30-35)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

AS VISÕES DA GLÓRIA DE DEUS (1.1—11.25)

O Chamado de Ezequiel para o Ministério (1.1—3.27)

O chamado de Ezequiel aconteceu enquanto estava exilado na Babilônia. Ele recebeu a comissão profética de Deus por meio de três fenômenos relacionados: recebeu uma visão do Senhor; foi revestido de poder pelo Senhor; e foi-lhe confiada a mensagem do Senhor.

A sua visão do Senhor (1.1-28)

1.1-3 O ministério de Ezequiel começou quando **se abriram os céus** e ele **vi[u] visões de Deus**. Duas datas são apresentadas — o **trigésimo ano** (v. 1) e o **quinto ano do cativeiro do rei Joaquim** (v. 2; provavelmente 31 de julho de 593 a.C.; 2Rs 24.12). Os estudiosos não concordam com o sentido da primeira data. Enquanto alguns sugerem uma referência ao período de tempo desde a redescoberta da lei que deu início às reformas de Josias (2Rs 22.8—23.27; 2Cr 34.14—35.19), isso não pode ser comprovado.[1] A data pode referir-se à idade de Ezequiel no momento da sua chamada. Essa interpretação ajusta-se bem com o fato de que Ezequiel era sacerdote e de que os sacerdotes começavam o seu ministério aos 30 anos de idade (cp. Nm 4.3,23,30,39,43; 1Cr 23.3). A relevância do contexto sacerdotal de Ezequiel fica evidente pela sua familiaridade com o ministério no templo e imagens desse local.

Ezequiel recebeu o seu chamado enquanto estava às margens do **rio Quebar**, um tributário do grande rio Eufrates, rio este que alimenta toda a Babilônia, sendo usado na irrigação das plantações (Ez 1.1,3). Duas frases usadas no versículo 3 são relevantes para o ministério de Ezequiel. Primeiro, **veio expressamente a palavra do Senhor** [uma frase usada cinquenta vezes no livro de Ezequiel, mais que em qualquer outro livro do Antigo Testamento] **a Ezequiel**. Este recebeu as palavras de Deus. O teste de

legitimidade para os ministérios dos profetas do Antigo Testamento era a precisão da mensagem entregue porque as palavras do Senhor jamais podem estar erradas. O livro, desde o início, garante reiteradas vezes à audiência que as palavras pregadas por Ezequiel não eram as suas — eram de Deus. Esse testemunho serve para neutralizar o que poderia ser um ceticismo sobre a entrega da palavra de Deus por um profeta fora da terra de Israel. Segundo, a frase **a mão do SENHOR** estava **sobre** Ezequiel aparece novamente sempre que Ezequiel recebe visões e revelações (3.22; 8.1; 33.22; 37.1; 40.1).

1.4-24 As visões de Ezequiel começaram com a sua visão de **um vento tempestuoso vindo do Norte** no qual se manifestou o Senhor (v. 4). ***VENTO TEMPESTUOSO*** *(heb.* ***ruach****, "vento, sopro, espírito" combinado com* ***sa'ar*** *"tempestade, temporal, redemoinho de vento", v. 4; 13.11,13) refere-se literalmente a uma grande nuvem de tempestade com ventos, possivelmente um tornado, demonstrando a grande força e poder do Senhor. A imagem do "vento tempestuoso" também é associada com o "Espírito" (heb.* ***ruach****, 1.12) de Deus que avivou a visão dirigindo o movimento dos "seres viventes" (v. 5; NVI) e habitando as "rodas" (vv. 12,20,21). A imagem é similar à descrição da vinda do Espírito Santo em Pentecostes (At 2) e à linguagem de Jesus na sua conversa com Nicodemos (Jo 3).*

Uma crença comum no Antigo Oriente Próximo era que o deus (ou deuses) da nação conquistadora era mais poderoso que o(s) deus(es) da nação conquistada; de que a derrota militar humana fazia paralelo com a batalha espiritual/celestial. Assim, muitos babilônios (e, talvez, não poucos judeus) acreditavam que o(s) deus(es) da Babilônia haviam derrotado o Senhor. Claramente, o imenso poder dessa visão demonstrou que o Senhor não fora derrotado. O fato de o vento tempestuoso ter vindo do Norte pode ser uma referência ao monte Safom, ou Zafom (heb., "norte"), o suposto lugar de moradia de Baal (também adotado pelos babilônios) e, por conseguinte, uma afirmação do poder de Iavé sobre Baal. O Senhor não é uma divindade regional, limitado a Jerusalém ou às fronteiras geográficas de Israel. O Rei do Universo vai aonde lhe agrada.

Os "seres viventes" (NVI) são descritos movendo-se com rapidez, **os animais corriam e tornavam, à semelhança dos relâmpagos** animados pelo Espírito (Ez 1.12-14,20,21). A descrição inclui muita repetição (e.g., asas voltadas para cima e tocando uma nas outras, vv. 9,11,23), detalhe que pode ser atribuído à natureza avassaladora da visão e

da luta de Ezequiel para transmitir o poder assombroso e assustador da glória de Deus na sua visão.

Os seres angélicos são descritos como tendo **quatro** rostos — **de homem, [...] de leão, [...] de boi, e [...] de águia** (v. 10). Os estudiosos discordam sobre o sentido ou relevância dos diferentes rostos. Alguns sugerem que o boi representa a fertilidade e/ou a colheita; o leão significa força; a águia representa nobreza, e o homem incorpora a imagem de Deus. Outros sugerem que a águia representa as criaturas do ar; o leão, as criaturas selvagens; o boi, as criaturas domesticadas; e o homem, o ápice da criação. Outros ainda sugerem que os diferentes rostos representam deuses distintos dos antigos cananeus, egípcios e babilônios — por exemplo, o boi como Baal; o leão como Apedemaque; a águia como Re ou Hórus; e o homem como Mitra. As representações, segundo essa interpretação, ilustram que o Senhor está acima de todos os outros supostos "deuses" do povo da região. A descrição pode transmitir a aparência real das criaturas. De qualquer modo, há pouca informação no texto, tornando difícil a interpretação.

Muitos estudiosos veem as criaturas vivas como um carro sobre o qual o Senhor trafega. A imagem do carro associada com o querubim encontra-se em outros locais do Antigo Testamento, mais notavelmente no cântico de Davi após a sua libertação dos filisteus (2Sm 22.3-20, em especial o v. 11). Davi descreve a vinda do Senhor em poder como um guerreiro-juiz para destruir o exército filisteu. A visão do Senhor cavalgando um querubim é amedrontadora, com sinais cataclísmicos:

- "abaixou os céus" (2Sm 22.10);
- "se abalou e tremeu a terra" e "os fundamentos dos céus se moveram e abalaram" (2Sm 22.8).

Há também descrições aterrorizantes do Senhor:

- "pôs as trevas ao redor de si" (2Sm 22.12);
- "subiu a fumaça de seus narizes, e, da sua boca, um fogo devorador" (2Sm 22.9).

Em última análise, a descrição do Senhor no seu carro traz à mente o julgamento do Senhor sobre a humanidade pecaminosa, principalmente sobre as nações que guerreiam contra o povo de Deus. Ainda assim, inclui-se também um tema de redenção. O Senhor resgatou Davi da morte ("tirou-me das muitas águas", 2Sm 22.17) porque "tinha prazer" (v. 20) em Davi. O Senhor recompensou Davi de acordo com a "justiça" e a "pureza" das mãos do seu servo (v. 21).

1.25-28 Aquele que se assentou sobre o **trono** tinha a aparência de **um homem** que, **dos seus lombos e daí para cima** tinha a semelhança de **âmbar** rodeado pelo **fogo** (vv. 26,27). *O termo traduzido por* ***ÂMBAR*** *(heb.* ***chashmal****) ocorre na Escritura apenas no livro de Ezequiel (1.4,27; 8.2). O detalhe parece transmitir a pureza e o grande valor do Senhor. Contribui também para o brilho e intensidade da visão da majestade do Senhor.* E aquEle sobre o trono, **dos seus lombos e daí para baixo**, assemelhava-se ao **fogo** (1.27). E o **resplendor** (heb. ***nogahh***, "esplendor brilhante, esplendor", vv. 27,28; 10.4; Hb 3.4) em redor é comparado a um **arco**, ou arco-íris (Ez 1.28; Ap 4.3; 10.1). A imagem da luz é comumente associada com as manifestações de Deus, significando pureza, santidade e bondade. Por exemplo, as vestes de Jesus na transfiguração são descritas como "brancas como a luz" (Mt 17.2) e "resplandecentes, em extremo brancas como a neve, tais como nenhum lavadeiro sobre a terra as poderia branquear" (Mc 9.3; Lc 9.29). A imagem de fogo encontrada ao longo de toda a Bíblia, da mesma forma, representa com frequência o refinamento e a pureza e, em alguns casos, o julgamento.

*Aqui, os detalhes têm a intenção de transmitir a impressão geral de Ezequiel do "****ASPECTO*** *[heb.* ***mar'eh****, "forma, visão, vista, aspecto", usado 36 vezes no livro, quinze das ocorrências em Ez 1] da* ***SEMELHANÇA*** *[heb.* ***demut****, "semelhança", palavra usada nove vezes em Ez 1] da glória do SENHOR" (Ez 1.28). O uso concentrado dessas duas palavras hebraicas ao longo do capítulo 1 (e um total de quatro ocorrências no v. 28) é surpreendente. O uso repetido dessas palavras salienta o fato de que o profeta viu coisas tão completamente fora do comum que não tinha o vocabulário para compor uma descrição direta. Pois, para transmitir o que viu, necessitava da comparação. O Espírito Santo, como o principal autor da Escritura, permitiu o caráter misterioso dessa e de outras visões proféticas (Dn 8.15-17,27) para persistir, em vez de prover tais explicações detalhadas a fim de que os homens acreditassem de modo equivocado que eram capazes de compreender totalmente o Senhor e os seus caminhos (Is 55.8,9).*

A resposta de Ezequiel, sem dúvida sentindo-se acaçapado por ter encontrado o Deus vivo, foi apropriadamente cair **sobre [s]eu rosto** em temor e humildade — temor junto com a reverência por causa do poder e santidade do Senhor, e humildade em razão do reconhecimento do pecado humano e indignidade do ser criado diante do Criador (Ez 1.28; 3.23; 9.8; 11.13; 43.3; 44.4).

A visão de Ezequiel, no fim das contas, preparou o cenário para todo o seu ministério. Esse comissionamento também prenuncia a mensagem que seria dada para Ezequiel proclamar. A imagem do Senhor como o rei-guerreiro vindo sobre o seu terrível carro e com fogo flamejante e relâmpagos fala sobre o julgamento que já fora derramado sobre os judeus porque eles não imitaram a retidão de Davi. Essa imagem também aponta para o julgamento futuro vindo sobre as nações que, assim como os filisteus, buscam destruir o povo do Senhor e conspurcar a terra. Essa mesma imagem, no entanto, também é associada com o livramento dos judeus das nações (Sl 18, especialmente os vv. 10,16-24). O ministério de Ezequiel é de julgamento sobre todos os que negarem o Senhor, mas também oferece esperança ao povo de Deus caso voltem para Ele.

O seu comissionamento (1.1—3.15)

2.1—3.11 Ezequiel, após cair "sobre [s]eu rosto", não viu quem falava, mas registra que ouviu "a voz" (1.28—2.3; 1.24,25). Aquele que falava é indiretamente identificado como aquele a quem Ezequiel viu na visão descrita no capítulo 1, concluindo que "a palavra do SENHOR" revelara um vislumbre que se assemelhava à sua glória (1.3,28). *"Ele" (NVI), portanto, refere-se, sem dúvida, ao Senhor, que se dirige ao profeta usando a expressão* ***FILHO DO HOMEM*** *(heb.* ***ben-'adam****) ao longo de todo o livro. Essa expressão salienta a identidade de Ezequiel como um ser humano mortal, pecador e comum, em contraste com o Deus sobrenatural, o Senhor da glória. Contudo, ser chamado de "filho do homem" também reflete a dignidade do ser humano, isto é, criado à imagem de Deus, sobretudo porque Jesus, o Filho de Deus, refere-se com frequência a si mesmo como "o Filho do Homem" (e.g., Mt 24.27; Mc 8.38; 14.62; Jo 1.51; 13.31).*

A ordem para **fi[car] em pé** foi simultânea com **o Espírito** (heb. ***ruach***, "sopro, espírito, vento", Ez 2.2) que entrou em Ezequiel e pô-lo em pé (2.1,2). O ministério de Ezequiel, portanto, começou dessa forma com o profeta sendo revestido de poder para fazer o que o Senhor ordenasse,

talvez demonstrando em Ezequiel o que Deus prometeu fazer pelo seu povo (11.19,20; 36.26,27; 37.5,6,14). O comissionamento de Ezequiel, não obstante, consistiu de uma visão interativa em que o profeta não era meramente um observador passivo, mas um participante ativo. Ele, de início, **ouvi[u]** (v. 2). A seguir, recebeu a ordem para comer o **rolo de livro** que **uma mão** estendeu para ele e **desenrolou[-o]** (NVI) (vv. 9,10).

O Senhor, por duas vezes, anunciou que **envi[ava]** Ezequiel para os israelitas com instruções para falar-lhes como embaixador do Senhor (2.3,4). O profeta **lhes dirá: Assim diz o Senhor JEOVÁ** (2.4; 3.11), indicando a fonte da autoridade verdadeira do profeta para que aqueles que moravam tão longe da terra de Israel não duvidassem dEle. O Senhor caracterizou repetidas vezes os israelitas de **rebeldes** (heb. ***marad***, "obstinadamente perversos, voluntariamente desobedientes", v. 3; 17.15; 20.38; ***meri***, "obstinadamente desobediente", vv. 5-8; 3.9,26,27; 12.2,3,9,25; 17.12; 24.3; 44.6).

O Senhor garantiu a Ezequiel que Ele equipara o profeta para rivalizar a oposição recalcitrante do povo à sua mensagem. O "rosto" e a "fronte" do profeta seriam ***MAIS FORTE[S]*** *(heb.* ***chazaq****, aparecendo três vezes mais em 3.8,9). Ezequiel, em vez de ser "duro" como a sua audiência, foi instruído a "coloca[r] no coração" o que o Senhor dissera-lhe (v. 10) e a não se "assombr[ar] [heb.* ***chatat****, "sucumbir por causa do medo, apavorar-se"] com o seu [dos israelitas] rosto" (2.6; 3.9; Jr 1.17). Por fim, como um meio de constranger Ezequiel a realizar a tarefa que lhe foi designada, "a mão do SENHOR era forte" (heb.* ***chazaq****, "ser forte, firme; segurar com firmeza", Ez 3.14).* A mensagem de Ezequiel seria rejeitada, e ele mesmo se defrontaria com hostilidade, indicada pela imagem de **sarças e espinhos** (2.6).

Palavras são também um tema ao longo do livro — palavras de rejeição do julgamento profético (2.6) e palavras do encontro divino-humano no íntimo do profeta, um vaso disposto (2.7,10; 3.4,5,6,10). É interessante observar que, apesar do caráter pesaroso da mensagem na qual se achavam **escritas lamentações, e suspiros, e ais**, o **rolo** de livro era **doce como mel** na sua **boca** (3.3). A palavra do Senhor é doce para "com[er]" (Sl 119.103), mas a proclamação dessa mensagem de julgamento sobre o povo seria uma tarefa amarga (Ap 10.9,10). As palavras que Ezequiel falaria são as palavras de Deus e, portanto, verdadeiras e obrigatórias, bem como certas de serem cumpridas (Jr 1.7-12). O repúdio de Israel da mensagem de Ezequiel refletia a rejeição do Senhor por parte do povo (e.g., Ez 3.7).

3.12-15 A reação de Ezequiel à visão e ao seu comissionamento é resumida no fim desse encontro com Deus (3.12-15). **O Espírito** iniciou a visão de Ezequiel e também a encerrou, retornando-o a Tel-Abibe (v. 15; 1.3,4,12). *É interessante observar que Ezequiel deixou a presença da glória de Deus "mui triste, no* ***ARDOR*** *[heb.* ***chēmah****, "calor, fúria, raiva"] do [s]eu espírito" (v. 14). Essa palavra é usada 25 vezes no livro de Ezequiel, referindo-se sempre à ira de Deus (e.g., 5.13) — com exceção desse versículo.* Além disso, **a mão do SENHOR** era **forte** (heb. ***chazaq***, conotando força com o sentido de a mão de Deus é "dura" sobre Ezequiel, 3.14; veja o estudo da palavra em 2.1—3.11) sobre ele, indicando, talvez, a raiva do profeta pelo Senhor ter-lhe dado uma tarefa aparentemente impossível e ingrata (3.22). Ezequiel, por **sete dias**, ficou **ali [...], pasmado** (heb. ***shamēm***, "perplexo", v. 15; 32.10) no meio deles, aparentemente tentando compreender o que o Senhor revelara-lhe e ordenara-lhe fazer.

A sua responsabilidade (3.16-27)

3.16-21 Ao fim de toda uma semana após a visão, **veio a palavra do SENHOR** a Ezequiel, contendo instruções específicas para a sua ação (vv. 16,22-27). A duração de **sete dias** pode estar relacionada ao tempo de consagração para os sacerdotes (v. 16; Lv 8.1-33). Deus comissionou Ezequiel para ser **atalaia sobre a casa de Israel** (Ez 3.17).

Um ***ATALAIA*** *(heb.* ***tsaphah****) é aquele que se curva ou se inclina para a frente, treinando os olhos quanto ao que é possível ser visto da torre de vigia com visão panorâmica. Um "atalaia" era um guarda treinado para* ***AVISA[R]*** *(heb.* ***zahar****, "admoestar, dissuadi-lo de", vv. 17-21; 33.3-9; 2Rs 6.10; 2Cr 19.10) os habitantes de uma cidade quando se aproximava um exército inimigo. Se o atalaia dormisse no seu posto ou falhasse em avisar o povo, ele era considerado responsável pelas perdas. Metaforicamente, o papel do profeta envolvia declarar eventos futuros que Deus revelaria para ele. A tarefa de Ezequiel, como profeta, incluía guardar os israelitas dos seus próprios pecados e alertá-los sobre a destruição e o julgamento vindouros por causa da rebelião deles.* Embora os sacerdotes de Israel devessem desempenhar essa função, fica claro que muitos deles não abraçavam essa tarefa sagrada.

Ezequiel foi incumbido de alertar dois grupos específicos de pessoas — o **ímpio** que estava pecando e o **justo** que começou a pecar. Apesar de haver pequenas diferenças nas palavras quanto ao papel de Deus em alertar e executar o julgamento — é dito ao ímpio: **Certamente morrerás** (Ez

3.18; 33.8,14; Gn 2.17), e o justo que está em pecado tem diante de si **um tropeço** —, o resultado é o mesmo. Se aqueles em um desses dois grupos falharem em arrepender-se dos seus pecados, morrem (vv. 18,20). O texto não esclarece se Deus julga ativamente o justo que peca enquanto julga passivamente o ímpio. No entanto, é claro, a pobreza espiritual do povo escolhido abrangia tudo. Cada setor da sociedade judaica fora afetado pelo pecado, e todo o povo — tanto o perverso quanto o justo — desviara-se do Senhor.

Ezequiel era responsável por chamar o povo ao arrependimento e incorreria em alguma forma de culpa de sangue por falhar em alertar os pecadores sobre o julgamento iminente. Ezequiel seria considerado responsável pelo **sangue** deles (vv. 18,20; 33.8). Na verdade, ao que parece, a culpa de Ezequiel por falhar em **avisa[r]** o povo resultaria na sua própria morte. Deus falou claramente a Ezequiel que, se ele alertasse o povo, mesmo se eles continuassem no seu pecado, Ele **livra[ria]** (heb. ***natsal***, "libertar"; veja o estudo da palavra, Sl 7.1,2) a sua própria **alma** (Ez 3.19,21; 33.9).

Os cristãos devem buscar alertar todos que pecam do julgamento por vir, embora não pareçam ter a mesma responsabilidade dada aqui a Ezequiel. Duas razões inter-relacionadas podem ser dadas. A primeira, o texto indica que Ezequiel era responsável por alertar os pecadores quando **ouvi[sse] a palavra** proveniente da **boca** de Deus (3.17); isto é, Ezequiel foi considerado particularmente responsável (com a ameaça de morte caso falhasse na sua missão) porque recebeu uma revelação diretamente do Senhor para o povo. A segunda, Ezequiel recebeu uma comissão específica para um ministério da proclamação do pecado e do julgamento; o seu ministério não consistia de uma admoestação geral para parar de pecar, mas era um ministério de pregação específico para algumas pessoas em particular. Não obstante, os cristãos não devem recuar do chamado dos pecadores ao arrependimento nem deixar de ser sal e luz no mundo (Gl 6.1).

A questão da aplicabilidade desse princípio de responsabilidade pela condição espiritual dos outros para aqueles na igreja moderna é um tópico que precisa ser abordado.

3.22-27 Deus ordenou que Ezequiel fosse **ao vale** (heb. ***biq'ah***, "vale ou planície ampla" como o local onde se situava a Babilônia, vv. 22,23), o local de duas visões adicionais (veja 8.4; 37.1,2). Ele viu mais uma vez **a glória do SENHOR** e, apropriadamente, caiu **sobre o [s]eu rosto** (3.23; 1.1-3,28). O controle do **Espírito** de Deus fica evidente no chamado de Ezequiel, primeiro com o controle do carro-trono do Senhor e, depois, com a obra do Espírito em Ezequiel e por intermédio desse profeta (3.24; 2.2).

Deus, junto com o alerta, deu uma ordem um tanto estranha para Ezequiel. Disse-lhe para retirar-se da sociedade, mas a ordem para **encerra[r-se] dentro da** sua **casa** era, ao que tudo indica, uma provisão para proteger a integridade da proclamação da mensagem (3.24). O Senhor também alertou Ezequiel que ele seria perseguido pelo povo, presumivelmente por causa da sua mensagem (v. 25). O profeta só poderia pregar para as pessoas quando o Senhor falasse com ele; caso contrário, ele deveria ficar **mudo** (v. 26; 33.22). Se as palavras de Ezequiel para o povo eram provenientes diretamente do Senhor — isto é, da revelação divina —, então o povo não teria desculpas. Se, no entanto, as revelações divinas se misturassem com as próprias ideias de Ezequiel, então haveria a possibilidade de um ensinamento errôneo, e o povo teria uma desculpa para não escolher seguir a vontade de Deus. Deus disse claramente a Ezequiel que poucos ouviriam — se é que alguém o faria — a sua mensagem porque o povo de Judá era **rebelde** (3.27).

A Profecia contra o Pecado de Israel (4.1—5.17)

Os três atos simbólicos (4.1—5.4)

Ezequiel recebeu a ordem de representar três atos simbólicos descrevendo o julgamento por vir sobre os judeus por causa da iniquidade destes. As ações simbólicas eram particularmente apropriadas para Ezequiel nesse momento por causa da sua inabilidade para falar (cp. 3.26), mas também serviam como um meio poderoso de comunicação. Os judeus já tinham ouvido a palavra de Deus por intermédio da Lei e dos profetas e falharam em afastar-se do seu pecado. A proclamação de Deus do julgamento por vir sobre eles por recusarem-se a arrepender-se, por intermédio de símbolos, poderia ser mais uma forma de deixar o povo sem desculpas por não obedecer; aqui não poderia haver reivindicações de compreensão equivocada das palavras.

a. Ato I: o cerco de Jerusalém (4.1-8)

4.1-8 Ezequiel recebeu a ordem para pegar um **tijolo** e desenhar a cidade de Jerusalém nele. Depois, ele prepararia um ataque simulado, porém completo, contra esse tijolo, com fortificações e obras de cerco, como um **sinal** do **cerco** futuro da cidade (vv. 1-3). Depois, o Senhor disse-lhe para deitar-se sobre o seu **lado esquerdo** para receber a **maldade** (heb. ***'awon***, "ação depravada, crime, culpa, punição", vv. 4-6) de Israel sobre ele e, depois, deitar sobre o seu **lado direito** para **leva[r]** a **maldade** de Judá (vv. 4-7). Cada dia em que se deitasse sobre o seu lado representava um ano de iniquidade do povo — **trezentos e noventa dias** para Israel e **quarenta dias** para Judá (vv. 5,6). Não fica claro se o número de anos busca representar de modo acurado a quantidade de tempo de iniquidade para cada uma das duas nações ou se é simbólico de todo o povo de Israel. Ao longo de todo o livro, quando Ezequiel usa os dois nomes para as duas nações, eles tipicamente são intercambiáveis.

Além disso, quarenta anos antes do ministério de Ezequiel seria a época do reinado de Josias, antes de o livro da Lei ser encontrado, e não um ano particularmente relevante para Judá. Contudo, o número é irrelevante na imagem bíblica para denotar tempos de teste, refinamento ou julgamento (e.g., chuvas de julgamento, Gn 9; Moisés sobre o monte Sinai, Êx 34.38; o jejum de Elias, 1Rs 19.8; o teste de Jesus, Lc 4).

A relevância dos 390 anos também é difícil de estabelecer, principalmente em relação específica com o Reino do Norte, de Israel. Se subtrairmos 390 anos do tempo da queda de Jerusalém (586 a.C.), chegaremos à data de 976 a.C., durante o reinado de Salomão, antes da existência do Reino do Norte. O tempo da iniquidade de Israel pode estar relacionado com a apostasia de Salomão ao permitir a adoração de deuses estrangeiros na Terra Prometida. Durante o reinado de Salomão, a glória do Senhor mudou-se do Tabernáculo para o Templo. No entanto, o paganismo foi também endossado oficialmente pela monarquia israelita (1Rs 11.4-11).[2]

Isso, junto com diferenças menores nas palavras concernentes aos dois períodos de tempo, levou alguns estudiosos a concluir que a referência aos 390 anos diz respeito ao período de tempo da apostasia ("maldade") da nação, enquanto a expressão de 40 anos refere-se simbolicamente ao período de tempo do exílio da nação ("juízos"). O exílio, conforme textos posteriores afirmam claramente, durou setenta anos; então, os 40 anos

podem ser vistos como um paralelo à errância dos israelitas no deserto — uma punição, ou juízo, do Senhor iguala-se em anos ao número de dias que os espias estiveram em Canaã (Nm 14.34). Simbolicamente, isso significou que o exílio seria longo o suficiente em duração para garantir que a geração corrente morresse e uma nova geração recebesse um novo começo. Por conseguinte, após uma longa iniquidade e uma breve punição, a misericórdia de Deus seria oferecida mais uma vez e a restauração para a terra seria possível. Qualquer que seja o sentido do número de dias/anos, fica claro que a nação seria punida por meio de uma invasão à Cidade Santa.

b. Ato II: a ingestão de alimentos imundos (4.9-17)

4.9-17 Ezequiel foi instruído a misturar **trigo, e cevada, e favas, e lentilhas, e trigo miúdo, e aveia** e fazer um **pão** cozido sobre **o esterco que sai do homem**, como um sinal da ira de Deus derramada sobre o povo (vv. 9,12). O ato parece ter um sentido duplo. Primeiro, era um sinal da deportação do povo da Terra Prometida. Segundo, simbolizava a fome a ser experimentada pelo povo de Jerusalém durante o cerco pelo exército da Babilônia.

Cozer pão sobre excremento humano significava impureza sexual. Ezequiel protesta, afirmando que a sua alma jamais fora **contaminada** (v. 14). Deus apiedou-se e permitiu que cozinhasse o pão sobre **esterco de vacas** (v. 15). O ato de cozinhar o seu pão sobre estrume procura transmitir a imundícia simbólica por vir do povo, pois teriam de ingerir os seus alimentos **entre as nações** por causa da deportação deles (v. 13). A interpretação literal desse simbolismo pode ter criado a tradição judaica na qual os judeus recusam-se a comer com gentios. Essa regra cerimonial foi rejeitada pela igreja, mas só depois de causar alguma rixa entre os apóstolos Pedro e Paulo em Antioquia (Gl 2.12).

Os ingredientes do pão e o seu racionamento apontavam para fome por vir na cidade associada com o cerco, uma manifestação do julgamento de Deus. Esses ingredientes eram usados pelos pobres para o seu sustento, mas não eram os favoritos para fazer pão no mundo antigo (cp. "flor de farinha" e "azeite" na oferta de manjares, ou oferta de cereal, Nm 7).

Ezequiel, além da ordem para usar ingredientes menos desejáveis no pão, também teve de racionar o seu alimento para cada dia — apenas 226 gramas de pão (aproximadamente quatro fatias) e menos de três xícaras de água ("a sexta parte de um him" ou "meio litro de água" [NVI]); quantias particularmente ínfimas para o clima árido e quente do Oriente Médio, onde as necessidades calóricas são maiores que nas casas com ar-condicionado em lugares prósperos, como os Estados Unidos da atualidade. Deus afirma claramente que uma redução na disponibilidade de produtos de qualidade e de água resultaria dos pecados das pessoas (Ez 4.16,17; 12.18,19). Ele tornaria **instável o sustento de pão** (heb. ***shavar***, "quebrar" com o objeto ***matteh-lechem***, "suprimento de pão", 4.16; 5.16; 14.13) em Jerusalém.

c. Ato III: o corte do cabelo (5.1-4)

5.1-4 O terceiro ato simbólico de Ezequiel foi **rapar** (NVI) a **cabeça** e a **barba** e **reparti[r]** o cabelo em três partes iguais. Uma **terça parte** seria queimada; a outra terça parte, ferida **com uma espada**; e a última terça parte, espalhada **ao vento**. Ezequiel também recebeu a ordem de pegar algumas **mechas de cabelo** (NVI) para atar **nas bordas da [s]ua veste**, servindo como uma imagem de que Deus preservaria um remanescente de israelitas que permaneceriam fiéis ao Senhor e que continuariam a ser a progênie das promessas de Deus feitas a Abraão (v. 3).

A fidelidade de Deus à sua aliança e a sua misericórdia foram proclamadas até mesmo em meio ao julgamento e à ira divinos. Apesar da impiedade do povo, o Senhor ainda assim demonstraria misericórdia para com alguns deles; e, apesar da destruição vindoura, nem tudo estava perdido.

A impiedade de Judá/Israel e a queda de Jerusalém (5.5-10)

5.5-10 Ezequiel proclamou a seguir a palavra do Senhor, condenando os habitantes de Jerusalém especificamente e o povo de Judá/Israel implicitamente. Ele observou que Jerusalém recebera um lugar **no meio das nações** (v. 5), presumivelmente a fim de ser luz para mostrar o

caminho de Deus para as nações gentias, o povo de Jerusalém foi mais **rebeld[e]** (ARA) que as nações circunvizinhas (v. 7).

A devastação da cidade nas mãos dos babilônios está clara e inextricavelmente ligada à pecaminosidade do povo, ou seja, aqueles que deveriam ser o povo santo do Senhor, mas que agiam de forma menos santa que os adoradores de Baal, Ashtoreth, Quemos e outros deuses.

Uma descrição da queda de Jerusalém (5.11-17)

5.11-17 Ezequiel fornece uma imagem similar àquela usada por Jeremias na sua descrição dos horrores em Jerusalém, apontando para as maldições apresentadas em Deuteronômio 28.52-57 (Ez 5.10). Praticamente ninguém seria poupado. Há uma explicação para a simbologia do cabelo e barba raspados (vv. 11-13). O uso do cabelo buscava ilustrar os meios pelos quais o povo sofreria durante o cerco e logo após o cerco de Jerusalém. O cabelo que foi queimado simbolizava a praga e a fome que destruiria um terço dos habitantes. O cabelo ferido com a espada representava um terço dos que morreriam nas mãos dos invasores. O cabelo jogado ao vento retratava um terço que seria levado para o exílio (v. 12).

É interessante observar que Deus derramou a sua ira não só para punir, mas também para revelar ao povo de Israel a sua santidade e **zelo** a fim de saberem que **o SENHOR** é quem **tem falado** (v. 13). Deus também revelaria a sua santidade, poder e força às nações, e estas veriam Jerusalém e seriam alertadas, além de ficarem horrorizadas, de uma forma que as levaria a reconhecê-lo. Incluído na descrição aqui, está a humilhação adicional das **más bestas** perigosas que atacariam as pessoas, provavelmente com a intenção de transmitir impureza e terror (v. 17).

Condenação e Esperança (6.1-14)

A profecia contra a terra (6.1-7)

6.1-7 Ezequiel recebeu a ordem de profetizar contra os **montes de Israel** (v. 3). Alguns estudiosos sugerem que essa instrução veio porque mais pessoas habitavam os montes que os vales, mas isso é duvidoso por dois motivos.

Primeiro, a profecia foi estendida para incluir também os **montes**, os **outeiros**, os **ribeiros** e os **vales** (v. 3). Segundo, a tônica da profecia era

mais provavelmente de uma condenação do uso dos **altos** (heb. ***bamah***; veja o estudo da palavra, 1Rs 3.2,3), locais utilizados para as práticas de adoração pagã, mescladas com a adoração a Iavé (Ez 6.3,5). Os israelitas usavam os rituais e as práticas religiosas pagãs (e.g., a adoração de Ashtoreth) na adoração ao Senhor em lugares elevados (cume dos montes), em vez de adorá-lo em Jerusalém. Os altares substitutos eram erguidos, e, em alguns casos, ídolos também eram usados. A profecia aqui repudia a validade de todos esses tipos de adoração — os altares falsos seriam **destruídos e assolados**, e os ídolos seriam destruídos (v. 6).

E, como um ato final de ironia, os corpos das pessoas ficariam expostos em torno dos escombros dos altares falsos. Para os israelitas da Antiguidade, não receber um sepultamento apropriado significava humilhação e profanação ritual. Portanto, assim como as pessoas contaminavam-se enquanto vivas adorando de maneiras impróprias ou praticando idolatria, também seriam maculadas na morte ao ter o corpo exposto aos elementos e bestas selvagens (vv. 4,5).

O remanescente (6.8-10)

6.8-10 Deus, conforme observamos antes, prometeu preservar **um resto**, ou remanescente, por causa das suas promessas incondicionais da aliança feitas a Abraão. Algumas pessoas escapariam da espada (v. 8). Não fica claro quais eram os critérios para determinar quem seria salvo. O texto parece sugerir que algumas formas de arrependimento por parte de indivíduos podem ter sido antevistas. Claramente, os sobreviventes afastar-se-iam dos seus pecados e **lembrar[-se-iam]** do Senhor (v. 9). A linguagem usada aqui é particularmente pessoal — Deus é descrito como um amante cujo coração foi **quebrant[ado]** (heb. ***shavar***, "quebrar", v. 9; "destruíd[o]", 6.4,6; "esmagados", [NVI] 30.8) pela promiscuidade do povo, o seu amante, que **se desviou** dEle e andou **corrompendo[-se] após os seus ídolos** (6.9). De modo similar, afirma-se que eles teriam **nojo de si mesmos** por causa da sua infidelidade ao Senhor (v. 9; 20.43; 36.31).

O povo, portanto, certamente se **lembrar[ia]** (heb. ***zakar***, v. 9; veja o estudo da palavra, 1Sm 1.19) do Senhor, isto é, "se voltaria" para Ele ou "daria atenção pessoal a" Deus, assim que fosse levado para o exílio. Talvez se lembraria das profecias do exílio proferidas durante o período do êxodo,

o que os impulsionaria a uma atitude e postura apropriadas em relação ao Senhor; ou, talvez, viessem apenas a tomar consciência da sua própria decadência espiritual.

Deus disse que o povo **saber[ia]** que Ele era **o SENHOR** (Ez 6.10). O seu propósito não era apenas punir, mas também demonstrar a verdade — só Ele é, e esse povo pertencia só a Ele por direito. Ao mesmo tempo, no entanto, a punição era justificada. Deus não a trouxe para o seu povo **em vão** (NVI), e o povo sabia disso (v. 10). Contudo, havia um indício de que o povo concebivelmente ainda poderia escapar, caso se arrependesse. Assim como os ninivitas arrependeram-se após Jonas proclamar a destruição total deles, e Deus demonstrou piedade por eles, o Senhor também poderia demonstrar piedade se o povo abandonasse o seu pecado. Enquanto não se arrependessem, como fica claro agora, talvez houvesse ainda outra revelação e oferta da misericórdia de Deus antes do seu julgamento.

Um lamento sobre a destruição do povo de Deus (6.11-14)

6.11-14 O mesmo tema é abordado nos quatro últimos versículos do capítulo 6. Ezequiel menciona duas vezes que o resultado da destruição de Judá é a revelação de Iavé (vv. 13,14). Três respostas para os pecados de Israel foram prescritas por Ezequiel — bater palmas, bater os pés e gritar. Todos esses três gestos demonstravam dor, remorso ou angústia. Os pecados de Israel causaram a dor de Ezequiel, principalmente desde que ele tomou conhecimento da desolação de Jerusalém e da nação, resultado da desobediência de Israel.

Uma Declaração sobre o Fim (7.1-27)

7.1-22 Essa seção, de modo distinto das seções de prosa anteriores, usa uma série de artifícios poéticos para criar um efeito chocante e violento — até mesmo de pânico — no ouvinte.

O termo **fim** (heb. ***qēts***, "destruição; ponto de determinação; extremidade ou limite", 7.2; Gn 6.13; Am 8.2) é repetido cinco vezes nessas breves, porém cheias de vigor, linhas, como se tivesse o objetivo de desferir murros (Ez 7.2,3,6). *A urgência do alerta também é transmitida pela repetição do verbo* ***VEM*** *(heb.* ***bo'****), enfatizando uma chegada iminente do julgamento designado. Dentre as*

dez ocorrências, quatro são particípios ativos no hebraico (vv. 5,6b,7b,10) indicando uma ação contínua, ininterrupta — o "vem" está em progresso. Seis ocorrências no hebraico, também traduzidas por "vem" (vv. 2,6a,7a,12), estão em uma forma verbal que indica ação completada — a decisão foi tomada e não será revertida (v. 13). Repetidas expressões temporais contribuem para o senso de urgência:

- **vem o tempo** (heb. ***'ēt***, "tempo apropriado", quer feliz, quer calamitoso; vv. 7,12);
- **chegado** [heb. ***qarov***, "perto, próximo", do verbo ***qarav***, "aproximar-se, chegar perto", v. 7] **é o dia**;
- **depressa** (heb. ***qarov***, v. 8; 30.3);
- **eis aqui o dia** (v. 10); e
- **é chegado o dia** (heb. ***naga'***, "aproxima-se", v. 12).

O refrão concernente ao julgamento — **espada, [...] a peste e a fome** — também é repetido (v. 15; 5.12,17; 6.11,12; 12.16; 14.21; 1Cr 21.12; Jr 34.17; Ap 6.8). A repetição de **nada** (heb. ***lo'***, "não", Ez 7.11) indica a completude da destruição do povo. Os versículos 12 e 13 provêm uma ilustração concreta da futilidade da esperança de que o Senhor teria misericórdia. A maldição iminente da cidade ofuscou e interrompeu as transações comerciais de um dia normal. Para os que não prestaram atenção ao alerta do profeta, os "negócios usuais" ficariam parados.

Há alguma discussão concernente à **vara** (heb. ***matteh***, "bastão, lança, vara da punição", vv. 10,11; Is 9.4; Mq 6.9). No entanto, o termo parece relacionar-se com **aos ímpios da terra** e os **saqueadores** (Ez 7.21,22), referindo-se provavelmente a Nabucodonosor e o seu exército invasor. Outra referência à vara que floresce é à vara da amendoeira pertencente a Arão (Nm 17.8), só que essa se encontra em contexto positivo, ao passo que o contexto corrente diz respeito à **turbação** (heb. ***tsephirah***, "pesar", literalmente "círculo, circuito", tendo, portanto, o sentido de algo que, por fim, "veio", Ez 7.7,10).

Ezequiel 7 marca afinidades com Sofonias 1 e Isaías 2, 13 e 22, concernentes aos alertas sobre o "dia" designado para o julgamento que Israel ansiava como um dia de vindicação e, talvez, de recompensa e grande bênção. Os profetas descrevem esse "dia" como um dia de conflito, de maldição e de julgamento sobre o pecado. Em Ezequiel 7, o "dia" que "é

chegado" é descrito como um evento negativo e violentamente destrutivo, trazendo até mesmo o julgamento e a manifestação da ira de Deus contra Judá pelo seu comportamento abominável. **Os montes** geralmente serviam como lugar de refúgio para os que fugiam do desastre, mas Ezequiel alertou-os de que haveria **turbação, e não alegria** (v. 7), até mesmo entre os sobreviventes que **escaparem** (v. 16). Não haveria alívio, apenas a compreensão de que escaparam por um triz da punição muitíssimo merecida pelos pecados, e ficariam gemendo **como pombas dos vales** diante dos acontecimentos (v. 16). Sobrepujados pelo medo e pesar, usariam **panos de saco** e raspariam a cabeça em sinal de luto (vv. 17,18).

O uso da terceira pessoa do plural refere-se aparentemente aos que **escaparão**, aos sobreviventes (vv. 16,19-22,24-27). O dinheiro deles não valerá nada, será até repugnante para eles, uma vez que o acúmulo de riquezas e o gasto delas nos seus próprios prazeres **foi o tropeço da sua maldade** (v. 19). Outros tesouros, como aqueles do Templo, foram profanados e considerados inúteis porque foram usados para a idolatria. E esses itens seriam ainda mais maculados porque Deus permitiria que uma nação **profana[sse]** o Templo não só por entrarem ali, mas também por pegarem os seus tesouros como **despojo** (vv. 20,21).

7.23-27 A profanação do Templo seria, por fim, uma alvorada para aqueles que profetizaram o "dia do furor do SENHOR" (v. 19), pois este dia havia chegado para eles, de modo que buscariam um **profeta** e um **sacerdote** para confirmar as más notícias. Nesse momento, já seria muito tarde para isso, e eles perceberiam, por fim, que Deus é, de fato, soberano.

A Visão de Jerusalém por Ezequiel (8.1—11.25)

A visão de Deus (8.1-4)

8.1-4 Quatorze meses após o chamado de Ezequiel para o ministério, o profeta teve outro encontro com Deus. O lapso de tempo provavelmente tem a ver com a duração da sua tarefa anterior; os 430 dias (veja 4.4-6) provavelmente acabaram havia pouco. Deus, dessa vez, veio até a casa do profeta quando os **anciãos de Judá** visitavam Ezequiel (8.1). O fato de os anciãos estarem com ele pode ser um indício da posição social de Ezequiel na sociedade judaica. A descrição de Deus é a mesma de outras visões — uma **semelhança** à forma humana com **fogo** dos seus **lombos, e daí**

para baixo e um resplendor de **âmbar** acima (8.2). O Senhor agarrou **os cabelos** de Ezequiel, e o **Espírito** transportou-o **a Jerusalém em visões de Deus** (v. 3). O fato de Ezequiel ter cabelos longos o suficiente para que fossem agarrados indica que ele era ritualmente puro. Os sacerdotes eram proibidos de raspar os cabelos, sendo um indicador de imundícia. Essa visão estende-se pelos capítulos 8—11 e inclui quatro abominações e mais dois julgamentos.

A impiedade do povo (8.5-18)

a. A primeira abominação: a estátua (8.5-6)

8.5-6 Ezequiel chegou em Jerusalém pela porta norte onde ficou evidente a primeira abominação. Uma **imagem** (heb. ***semel***, "imagem, ídolo") ofensiva que provoca "ciúmes" (v. 3), posta **à entrada** para o pátio. Talvez Ezequiel tenha tido um vislumbre da estátua de Aserá, a mãe de Baal na mitologia cananeia, estátua esta que Manassés pôs no Templo (2Cr 33.7,15). Manassés removeu posteriormente essa imagem durante as reformas de Josias, trinta anos antes da visão de Ezequiel (2Rs 23). O que quer que seja que Ezequiel viu na visão — se representava uma circunstância real ou se simbolizava a rejeição do Senhor por Israel —, ele significou apenas uma das **grandes abominações** com as quais Israel estava ativamente envolvida. O Senhor citou essas abominações como o motivo pelo qual Ele **afast[ou-se]** do seu **santuário** (Ez 8.6; 10.18,19; 11.22,23). No pátio externo, foi dito a Ezequiel que veria **ainda maiores abominações** (8.6; vv. 12,13).

b. A segunda abominação: a queima de incenso aos ídolos (8.7-13)

8.7-13 A segunda abominação estava dentro do prédio do Templo. Ezequiel foi levado para dentro do pátio e ordenado a cavar através de um buraco já existente no muro. Ele fez isso e descobriu uma entrada através da qual foi ordenado a passar. Quando entrou, viu as pinturas de **toda forma de répteis, e de animais abomináveis** (v. 10). Os termos **répteis** e **animais** provavelmente indicam que os desenhos eram de animais imundos, que possivelmente representavam o quanto o povo estava

distante da verdade de Deus (v. 10). Não só os **setenta homens dos anciãos da casa de Israel** estavam adorando **pinturas** de ídolos, como também os ídolos eram imagens de animais ritualmente impuros (v. 11).

O número 70 é um reminiscente dos homens designados por Moisés para governar o povo de Israel durante a teocracia (Êx 24.1,9; Nm 11.16,24,25). Os anciões, supostamente, deveriam ser os líderes do povo em assuntos relacionados à sociedade e cultura, como também ligados à religião. No entanto, tinham de legitimar o papel deles no Templo, e essa adoração idólatra no santuário do Senhor seria impensável para Ezequiel. Ao que parece, ele reconheceu **Jazanias** (heb., "Iavé ouve", Ez 8.11), cujo nome tornou-se uma ironia quando o Senhor disse que não os **ouvir[ia]** (v. 18). Se o nome de família **Safã** refere-se ao homem que serviu como secretário de Josias (2Rs 22.3-14; 2Cr 34.8-20), então a participação de Jazanias na idolatria conflitava com a lealdade da sua família a Jeremias (veja Jr 26.24; 29.3; 36.10-12) e ilustrava a extensão da degradação espiritual em Judá. O que Ezequiel testemunhou na visão era horrendo não só por causa da localização e dos participantes, mas também por causa do que estavam fazendo:

- Estavam adorando ídolos detestáveis **pintados** [heb. ***chaqah***, "esculpido, retratado"; Ez 23.14] **na parede em todo o redor** (8.10,11).
- Embora fossem identificados como um grupo e apesar de estarem cometendo o mesmo pecado de idolatria, adoravam tantos deuses quanto o número de indivíduos, em vez de adorar como comunidade o único Deus verdadeiro (vv. 11,12).
- **cada um** deles tinha o seu próprio **incensário** (v. 11). O lugar prescrito para uma fórmula particular do incenso a ser queimado no Templo era o Altar do Incenso (veja Êx 20.1-10,34-38). *Na Escritura, a palavra traduzida por* ***INCENSÁRIO*** *(heb.* ***miqteret****, "incensório", Ez 8.11) aparece apenas aqui e no relato sobre o que aconteceu ao rei Uzias de Judá quando queimou incenso no Templo e, com isso, reivindicou para si um privilégio que pertencia só aos sacerdotes (2Cr 26.19).* A queima de incenso ilegítima também era uma questão no relato da rebelião de Corá (Nm 16), um evento relevante na história de rebelião de Israel que parece estar em vista em Ezequiel 7.10 (cp. Nm 17). Além disso, a queima de incenso para outros deuses era uma das manifestações

específicas da rebelião de Israel contra Iavé (2Rs 22.17; Jr 11.12,13,17; 18.15).
- Eles agiram sob a coberta das **trevas**, como se o Senhor não os pudesse ver (Ez 8.12). No entanto, nada fica escondido da visão de Deus (9.9; Ec 12.14; Is 40.27-28; Jr 16.17; Hb 4.13). Ironicamente, o Senhor estava revelando a apostasia dos anciãos para o seu profeta (Ez 8.12).

c. A terceira abominação: o choro por Tamuz (8.14,15)

8.14,15 Ezequiel foi levado a seguir **à entrada da porta [...] da banda do norte** onde viu a terceira abominação — mulheres **chorando por Tamuz**, uma antiga divindade acadiana da fertilidade. A colheita supostamente morria a cada ano quando as vinhas secavam e depois reviviam com o início do novo crescimento na primavera. Portanto, o choro poderia ter um propósito duplo como evidência das ligações cultuais com a adoração pagã e da preocupação legítima por causa da falta de vegetação. A visão pode ser posta no período de agosto/setembro, época em que a terra na Palestina fica ressecada.

O papel das mulheres no culto a Tamuz era similar ao de muitas religiões do Antigo Oriente Próximo. A prática de lamento organizado e ritualista no outono e, em especial, as atividades associadas com a vinda da primavera podiam ser vistas como uma exploração e até mesmo abuso. A cheia do Tamuz e a revitalização da colheita eram celebradas e rogadas (vistas como algo semelhante à oração) por meio de orgias ritualistas em que as prostitutas do templo dormiam com múltiplos parceiros. Essa adoração pode ser considerada como mais detestável que as outras duas por causa da perversão lasciva da sexualidade.

d. A quarta abominação: a adoração do sol (8.16-18)

8.16-18 A quarta abominação aconteceu no **átrio interior**, o Lugar Santo, embora não no Santo dos Santos. Ezequiel foi levado ali e viu 25 homens de costas para o altar olhando para o leste e adorando o sol. Os homens talvez fossem sacerdotes, e seria de esperar encontrá-los nesse local do Templo, mas não são identificados como sacerdotes. A adoração do sol

simbolizava a rejeição de Iavé pela nação de duas formas. Primeiro, os homens prostraram-se diante do sol, possivelmente com palavras de veneração. No mundo antigo, era comum os suplicantes prostrarem-se diante de um soberano com a aclamação "Vida longa ao rei!". Segundo, eles deram as costas para o altar, um sinal óbvio de desrespeito e rejeição.

O Senhor, a seguir, deixou claro não só que as práticas religiosas do povo mereciam a sua condenação, como também que o povo provocara o **furor** divino por causa da injustiça e derramamento de sangue inocente. Ele, então, citou uma prática curiosa que também os tornava dignos de culpa — fazer **chegar o ramo** [heb. ***zemorah***, "um ramo podado ou um broto"; 15.2] **ao seu nariz**. A maioria dos estudiosos modernos acredita que essa prática estava associada a um ritual pagão, só que essa interpretação parece ignorar o seu posicionamento na narrativa. A acusação do Senhor contra o povo mudou dos pecados religiosos para os éticos. Assim, a frase parece estar ligada à violência das pessoas umas contra as outras. Pode ser um coloquialismo antigo relacionado a um gesto desafiador contra Deus.

A linguagem de odores doces, apropriada aos sacrifícios, pode ser aplicada aqui — as ações do povo não são um aroma doce para o Senhor; ao contrário, são semelhantes a empurrar um ramo no nariz divino. Deus não teria misericórdia; a maldição do povo já fora estabelecida.

A resposta do Senhor: o julgamento sobre o povo (9.1-11)

9.1-11 Deus chamou a seguir seis **intendentes da cidade** (v. 1). Eles são descritos como homens segurando clavas de guerreiros, mas, muito provavelmente, eram seres angélicos. Um sétimo **homem** (usando o número representando a completude) veio com eles. Ele estava **vestido de linho**, a roupa usada pelos sacerdotes quando realizavam as suas tarefas (vv. 2,3,11; 10.2,6,7). Ele, em vez de segurar **armas destruidoras na mão**, carregava um **tinteiro de escrivão** (9.2). Ele recebeu a ordem para entrar em Jerusalém e **marca[r] com um sinal as testas dos homens que suspiram** [heb. ***'anach***, "gemer"; 21.6,7; Êx 2.23; Pv 29.2] **e que gemem** [heb. ***'anaq***, "estar angustiado, os gritos estimulados pela angústia extrema"; Jr 51.52; Ez 26.15] **por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela** (9.4).

*A palavra traduzida por **SINAL** (heb. **taw**, "sinal", transliterado para o português como "t") é o nome da última letra do alfabeto hebraico, escrito na forma de um "X". Mais tarde, foi escrito como uma cruz, especialmente no alfabeto grego que emprestou essa letra do alfabeto semítico dos fenícios. Os comentários rabínicos observaram uma ligação entre essa marca em Ezequiel 9 e a marca na ombreira da porta na noite do evento da Páscoa inaugural (Êx 12) até os intérpretes da Igreja Primitiva reconheceram o paralelo em termos cristãos — isto é, aqueles que seguem Jesus e que se arrependeram dos seus pecados são perdoados e considerados justos por causa do sangue de Cristo derramado na cruz (Jó 31.35; Fp 3.9; Ap 7.2,3; 14.1).*

Os intendentes da cidade foram, a seguir, instruídos a entrar na cidade e matar todos os que não tivessem a marca na testa, a começar por aqueles que estavam no Templo. É um tanto irônico esse detalhe de iniciarem no Templo, uma vez que, no cerco real da cidade, o Templo provavelmente seria o último baluarte a ser conquistado.[3] No entanto, fica claro que essa atividade simbolizava a limpeza espiritual da cidade, e o Templo tornara-se o centro da condição espiritual odiosa da nação.

Esse capítulo ilustra a interação entre a ira e a misericórdia de Deus. Ezequiel, visivelmente aturdido com a destruição que assolou o povo, tentou interceder por eles, embora em vão. O papel do intercessor era apropriado para ele, considerando-se a sua linhagem sacerdotal. A pergunta de Ezequiel reflete a misericórdia de Deus. Ele refere-se ao **restante** (heb. ***she'ērit***, "sobreviventes remanescentes", especialmente após uma matança, Ez 9.8; 5.10; 11.13), um conceito ligado à fidelidade de Iavé que cumpriria as suas promessas a Abraão, independentemente das ações do povo. Deus deixou claro por duas vezes que não queria que fosse demonstrada nenhuma misericórdia pelo povo, talvez para comunicar a gravidade da situação (9.5,10). A segunda instância estava na resposta ao pedido de Ezequiel em favor do povo.

Além disso, o papel do "homem vestido de linho" apresenta a graça de Deus no início do capítulo, como também o faz o relato do cumprimento da sua missão no fim do capítulo, servindo para expressar a ira de Deus conforme executada pelos guerreiros nos termos da misericórdia e graça de Deus. Assim que o Senhor disse que não demonstraria nenhuma misericórdia, o escriba angélico retornou com a notícia de que selara todos os fiéis.

A partida da glória de Deus do Templo (10.1-22)

10.1-22 Ezequiel, após os perversos serem mortos pelos seis intendentes, viu o trono de Deus mover-se ainda mais para o alto. O Senhor ordenou que o anjo vestido de linho pegasse **brasas acesas** dentre os querubins e **espalha[sse-as] sobre a cidade** (v. 2). Esse ato é reminiscente da destruição de Sodoma e Gomorra pelo fogo, destruição esta causada por conta da injustiça desse povo (Gn 19.13,24,25). Aqui, a ira e o furor do Senhor são manifestados e podem indicar literalmente o incêndio da cidade pelos invasores.

O querubim, no início dessa interação, estava no sul do Templo, muito provavelmente porque as abominações aconteciam no lado norte. A **glória** [heb. ***kavod***; veja o estudo da palavra, Sl 29.1,2] **do SENHOR** moveu-se do Lugar Santo para o limiar do Templo (Ez 10.4). Quando o Senhor começou a abandonar o local, **o estrondo das asas dos querubins** foi tão alto a ponto de ser ouvido no pátio externo, embora a maioria das pessoas não tenha nem mesmo notado nada (v. 5).

Um dos querubins entregou algumas brasas nas mãos **do que estava vestido de linho**, que, assim se supõe, saiu para executar a sua tarefa (v. 7). Ezequiel, como no capítulo 1, descreveu o querubim e o trono carro de Deus em detalhes. Quando **a glória do SENHOR** saiu da **entrada da casa** do SENHOR e foram para a **porta oriental**, a porta externa de todo o complexo do Templo não era mais um lugar santo, pois se tornara uma concha vazia, um prédio que não era mais importante do que qualquer outro da cidade amaldiçoada (vv. 18,19).

Um oráculo contra os líderes corruptos de Israel e a promessa da restauração de Israel (11.1-25)

a. Um oráculo contra as ações corruptas (11.1-12)

11.1-12 Ezequiel foi levado de volta à entrada da **porta oriental** onde o Senhor mostrou-lhe 25 homens, **príncipes do povo**, acusados de planejar **perversidade** e dar conselho **ímpio** (vv. 1-2). Dois desses homens são identificados — **Jazanias, filho de Azur**, e **Pelatias, filho de Benaías** (v. 1). Esses 25 homens provavelmente não eram os mesmos homens do pátio interno que adoravam o sol, e esse Jazanias era um homem diferente daquele identificado em 8.11.

O sentido dessas duas afirmações não fica totalmente claro. A primeira pode ser traduzida de duas maneiras — no afirmativo, porém apresentando uma pergunta retórica (i.e., "Será que é tempo de construir casas?"); e no negativo, apresentando como uma declaração (i.e., "Não é tempo de construir casas"). A primeira tem muito a oferecer e, ao que tudo indica, parece mais provável porque tem um tom positivo, e afirma-se que os homens estão em erro. Esses homens, ao sugerirem que é um **tempo** bom para **edificar casas**, reivindicam estabilidade política e social para o povo quando fica claro que não existe nada disso e em um momento em que o Senhor declarou a maldição da cidade (11.3). Esse pode ser um conselho ímpio do qual eles foram acusados. A segunda interpretação também tem os seus méritos. Poderia ser uma referência à ganância desses homens que basicamente falavam das suas ações maléficas ao tomar as casas dos outros (quer dos líderes anteriores da cidade deportados para a Babilônia, quer dos inocentes da cidade que foram mortos pelas mãos e/ou artimanhas desses homens; Mq 2.1,2).

A segunda afirmação, a **cidade é a panela, e nós, a carne**, também pode ser interpretada de duas maneiras (Ez 11.3). A referência às pessoas como "carne" pode ser vista de modo positivo ou negativo. A visão positiva é ver os falantes como cortes selecionados de carne, dignos de ser incluídos na "panela" (i.e., viver na cidade). Sobre essa interpretação, os falantes viam algumas das pessoas como indignas de ter casas na Cidade Santa, presumivelmente aqueles que foram mortos injustamente por eles (v. 6). A outra visão vê a analogia da "carne" como negativa — da mesma forma como a carne fica presa na panela para ser cozida, também o povo está preso em Jerusalém e será destruído se não agir (e.g., fizer uma aliança com o Egito contra a Babilônia). Fica claro que a interpretação positiva é que estava em vista. Ser a carne na panela, nessa instância, era algo bom. No entanto, essa analogia será virada de cabeça para baixo em Ezequiel 24.

Os líderes da cidade aparentemente tiravam vantagem da sua posição. Matavam injustamente outros e é bem provável que pegassem as casas destes, pois se achavam, em algum sentido, no direito de ficar com a propriedade. O Senhor, no entanto, corrigiu essa visão equivocada de si mesmos e do relacionamento deles com a Cidade Santa. Eles, em vez de ser **a carne** na panela, eram o refugo, expulsos da cidade e julgados **nos confins de Israel** (11.10,11; cp. v. 7). Aqueles que foram mortos na cidade eram os preferidos de Deus (i.e., eram "a carne"), provavelmente

porque eram fracos e foram injustamente oprimidos por aqueles com autoridade. Os que foram levados para o exílio saberiam, pelo cumprimento da profecia, que o Senhor ainda é soberano e que eles estavam sendo punidos pela sua desobediência (v. 12). A ironia é clara: aqueles que foram deportados de Jerusalém eram, de fato, mais favorecidos que os que permaneceram em Jerusalém, pois só os deportados viveriam.

b. O remanescente: um mesmo coração e um espírito novo (11.13-21)

11.13-21 Pelatias, depois dessa profecia de maldição, morreu, incitando Ezequiel a interceder mais uma vez em favor do **resto de Israel** (v. 13). Deus respondeu informando Ezequiel que os que deixaram Jerusalém, ao contrário das aparências externas, não eram o remanescente. Antes, o remanescente era formado por muitos dos exilados. Os residentes em Jerusalém viam os exilados como os que, de alguma forma, foram atingidos por Deus por causa dos seus pecados e viam a si mesmos como os abençoados por Deus por não terem sido levados nas primeiras duas deportações (v. 15). Ao contrário, o remanescente retornaria do exílio para a **terra de Israel** (v. 17) e removeriam todos os objetos da falsa adoração (v. 18).

Deus prometeu realizar uma obra sobrenatural no povo — dando-lhes **um mesmo coração** e, com isso, capacitando-os a obedecer-lhe (vv. 19,20). Ele também poria **um espírito novo [...] dentro deles**, em contraste com outras linguagens usadas ao longo de todo o Antigo Testamento sobre o Espírito de Deus *vindo sobre* o povo, em vez de *entrando* neles (v. 19). Contudo, aqui o Senhor indicou que todo remanescente teria um espírito que habitasse no seu íntimo. As expressões **coração de pedra** e **coração de carne** indicam uma mudança de comportamento e atitude espiritual (Nm 14.24). Ao passo que antes as pessoas eram descritas como tendo "rosto obstinado" e sendo "dura de coração" (heb. ***qasheh***, Ez 3.7; veja o estudo da palavra, 2.4) como um indício da rebelião pecaminosa, o remanescente receberia um "coração de carne" — um coração suave e flexível para que obedeçam aos seus **juízos, e os executem** (11.19,20).

c. A partida da glória de Deus de Jerusalém (11.22-25)

11.22-25 Deus condenou os atos dentro da cidade, e, subsequentemente, a sua glória abandonou Jerusalém, privando os habitantes da sua presença. **O monte que está ao oriente da cidade** refere-se ao monte das Oliveiras. O Espírito, após essa série de visões, levou Ezequiel de volta à Babilônia para que relatasse as suas visões aos exilados que devem ter sido confortados com essas palavras. Eles, embora estivessem longe da Terra Prometida e de Jerusalém, ainda estavam no plano de Deus para o seu povo, e havia esperança de que um dia retornariam.

Os Oráculos do Julgamento contra Israel e Judá (12.1—24.27)

O capítulo 12 começa com a seguinte expressão: **E veio a mim a palavra do SENHOR**. Então, Ezequiel entregou a sua mensagem que começa com o Senhor dirigindo-se a ele com a expressão: "**Filho do homem**" Essa fórmula, com frequência, separa a mensagem por vir das outras. Ezequiel apresenta dez profecias aqui.

Uma Dramatização do Exílio (12.1-28)

12.1-28 Ezequiel seguiu as instruções do Senhor para a dramatização do **exílio** como **sinal** da terceira deportação por vir (vv. 3-20) e para parar um **ditado** sem fé (vv. 21-28; 24.24,27). O Senhor alertou Ezequiel de que o povo poderia ou não **repar[ar]** no que Ele estava fazendo porque o espírito rebelde deles não permitiria que considerassem que essas derrotas militares diante de homens ímpios (i.e., os babilônios) eram do Senhor (12.2,3; Dt 29.4).

Ezequiel, conforme o Senhor ordenou, empacotou as suas coisas durante o dia e carregou-as à noite através de um buraco que **escav[ou]** na **parede** (Ez 12.3-7). Aparentemente, ninguém perguntou a Ezequiel sobre o seu comportamento estranho, então Deus disse-lhe para ser mais direto e dizer ao povo o que significava aquele "sinal", mesmo se não se importassem em saber (vv. 8-11). As ações do profeta simbolizavam aquelas do rei Zedequias, de Judá, em Jerusalém, quando tentou fugir da cidade

durante o cerco babilônico. Ele foi capturado, levado para a Babilônia e forçado a ver a execução de todos os seus filhos. Depois, os seus olhos foram arrancados, e ele viveu no cativeiro até a sua morte (2Rs 25.6,7; 2Cr 36.11; Jr 39.5-7; 52.9-11). Aqueles que sobreviveram ao julgamento triplo **da espada, da fome e da peste** contariam aos outros sobre o Senhor (Ez 12.16).

Na segunda vez que Ezequiel recebeu a palavra do Senhor, foi-lhe ordenado comer e beber com os sinais externos de grande medo, prenunciando de modo visível o medo avassalador com que os habitantes de Jerusalém comeriam os seus alimentos por causa do cerco (v. 18). Essa profecia, assim como as outras, tinha a intenção de revelar ao povo quem é o Senhor e que Ele não tolera o pecado (v. 20).

O Senhor, a seguir, usou um ditado que, ao que parece, era popular na época de Ezequiel, indicando a atitude indiferente do povo (v. 22). Eles não acreditaram nas palavras do profeta (ao que tudo indica, essa era a posição da maioria do povo) ou disseram que a profecia era para um tempo tão distante no futuro que não tinha relevância para a vida diária deles nem dizia respeito ao cotidiano deles (parte do povo, v. 27). Ezequiel foi informado para corrigir essas duas concepções equivocadas — os horrores que profetizou viriam em breve e durante o seu tempo de vida (vv. 25-28).

Um Oráculo contra os Falsos Profetas (13.1-23)

13.1-16 A palavra do SENHOR disse a Ezequiel para confrontar dois grupos de falsos profetas (v. 1). Os profetas **loucos** (heb. ***naval***, v. 3; veja o estudo da palavra, Sl 14.1):

- **seguem** [heb. ***halak***, "caminhar, prosseguir", um particípio ativo, indicando atividade característica ou contínua; Pv 6.12] **o seu próprio espírito** (Ez 13.3);
- **fala[m] vaidade** (heb. ***shav'***, "falsidade, o que não é verdade, vazio", vv. 6,7; 12.24; 21.23,29; 22.28; Lm 2.14; Zc 10.2) e veem **a mentira** (heb. ***kazav***, "falsidade, aquilo que engana ou incita falsas esperanças", Ez 13.6-9; 21.29,22.28; 13.8); contudo, falam de **coisas que não viram** (v. 3);
- dizem **adivinhação** [heb. ***qesem***, "uso de meios sobrenaturais e ocultistas para tentar falar de eventos futuros", v. 6; 21.21,22; Dt 18.10; Jr

14.14) **mentirosa** (heb. ***kazav***) e **fala[m] vaidade** (heb. ***shav'***, Ez 13.8), afirmando falar o que **o SENHOR disse** (v. 6), embora Ele **não** tenha **fal[ado]** nem os tenha enviado (vv. 6,7);
- **fazem que se espere o cumprimento da palavra** da sua própria **palavra** (heb. ***davar***, "palavra", v. 6);
- **andam enganando [**heb. ***ta'ah***, "seduzir, causa de vagar sem rumo ou se desviar", v. 10] **o [...] povo** de Deus

Esses falsos profetas afirmaram ter uma palavra proveniente do Senhor, mas, de fato, não a tinham (v. 6). O conteúdo da mensagem deles era de segurança, proteção e bênção, apesar da falta de fé do povo: **Paz** [heb. ***shalom***], **não havendo paz** (vv. 10,16; Jr 8.10,11). Esses homens não só falavam com muita presunção, como também encorajavam outros a agir segundo o ensinamento que passavam, conforme representado pela afirmação de que eles taparam buracos no muro da cidade com tinta, em vez de fortalecer os muros com argamassa (Ez 13.10,14). Os muros eram tão fracos que uma chuva de granizo forte poderia derrubá-los, dificilmente um muro de defesa para impedir o avanço de uma força hostil. Esse falso senso de segurança, sustentado pelo pensamento positivo dos falsos profetas, significaria a ruína do povo.

Esses homens foram separados em particular para a punição: seriam destruídos e não veriam a salvação do Senhor, conforme epitomado na linguagem de entrar **na terra** (vv. 9,15). Jeremias também falou duramente contra os falsos profetas em Jerusalém e também alguns que se levantaram em meio à comunidade do exílio (Jr 14.11-16; 23.25-32; 29.8,9,15-23), chegando até mesmo a mencionar alguns pelo nome.

13.17-23 Deus, a seguir, direcionou Ezequiel para pregar contra as **filhas** do seu povo que profetizam **pela sua própria imaginação** (NVI; ***lēv***, "coração", v. 17; v. 2). Elas aparentemente estavam praticando divinação ou feitiçaria com amuletos mágicos. Elas faziam e usavam faixas para os braços ou braceletes, como também algum tipo de proteção para a cabeça — véus, gorros ou xales. Essas mulheres tiravam vantagem das pessoas ingênuas que acreditavam nas suas profecias mentirosas, afirmando ajudar os seus clientes com questões pessoais, mas também exercendo algum controle sobre elas. As expressões **punhados de cevada** e **pedaços de pão** (v. 19) podem referir-se ao alimento que compravam com o dinheiro ganho. Quando o pão tornou-se escasso durante o cerco de

Jerusalém ou quando os exilados estavam tentando sobreviver, o alimento pode ter representado uma forma de pagamento utilizada pelos seus clientes. Essas feiticeiras enganaram os justos e encorajaram os perversos a continuar na sua iniquidade, talvez enlaçando os dois grupos ao encorajar a dependência nelas. O Senhor afirmou que **livrar[ia]** o povo da magia negra dessas feiticeiras (vv. 21,23).

Um Oráculo contra os Anciãos Idólatras (14.1-23)

14.1-11 A palavra seguinte recebida por Ezequiel, enviada por Deus, veio em resposta a uma pergunta de alguns anciãos de Israel. Eles, de início, vieram e **se assentaram diante de** Ezequiel (v. 1), mas depois fica claro que estavam ali para obter algum tipo de conselho do Senhor (vv. 1,7). Esses homens estiveram, e ainda continuavam, engajados em várias formas de falsa adoração, incluindo a idolatria (vv. 4-6). A resposta que receberam de Deus para as suas inquirições foi o julgamento.

Contudo, o julgamento não foi total; ainda havia a possibilidade de redenção. Ezequiel recebeu ordem para chamar o povo ao arrependimento e para alertar aqueles que não se arrependessem da destruição por vir. Ainda havia esperança de misericórdia para aqueles que seguiram a admoestação para **deixa[r]** os **ídolos** (v. 6). Ezequiel refere-se aqui com frequência aos ídolos **no [...] coração** das pessoas, mas o indivíduo não deveria concluir que eram apenas ídolos de natureza alegórica. As duas referências ao **tropeço [...] diante da sua face** (vv. 3,7) afirmam com clareza que os ídolos físicos eram usados. Deus, como fizera antes, tornou-se conhecido por meio do seu julgamento sobre os ímpios (v. 8).

Os versículos 9-11 referem-se aos julgamentos pronunciados sobre os falsos profetas no capítulo 13. Tanto os profetas quanto os que se consultavam com eles foram condenados. Em tudo o que acontecera, fornecera-se uma percepção sobre o plano divino e a providência de Deus. Enquanto no capítulo 13, os profetas foram condenados porque afirmaram ter uma mensagem do Senhor quando Ele não os enviou (13.6), aqui o engano do profeta era proveniente de Deus (v. 9).

Essa afirmação chocante precisa ser compreendida à luz da história de Micaías e os falsos profetas de Acabe (1Rs 22). Nessa situação em particular, os falsos profetas não tinham intenção de entregar um oráculo negativo para o rei; independentemente do que Deus dissera-lhes, profetizariam

vitória para os exércitos conjuntos. Micaías chegou mesmo a receber a ordem para profetizar favoravelmente (1Rs 22.13). O texto também deixa claro que Acabe não ouviria nenhum profeta que lhe dissesse algo que não queria ouvir (e.g., que perderia a batalha). Deus, portanto, não instigou a falsa profecia. Ele, ao enviar um espírito de mentira, só reforçou a confiança dos profetas nos seus próprios pecados, para que pudesse proferir uma sentença.

Por fim, a santidade, bondade e misericórdia de Deus, bem como o seu poder, força e conhecimento são revelados na história da humanidade. Aqui, Deus usou a obstinação do falso profeta para revelar-se. Quando esses falsos profetas e aqueles que os buscavam foram punidos, o restante de Israel viu o que lhes aconteceu e voltou-se para o Senhor, experimentando, com isso, as bênçãos da aliança do relacionamento fundamentado na aliança com Deus (eles seriam o seu povo, e Ele seria o Deus deles, Ez 14.11; Tg 1.13-15).

14.12-23 O tom da profecia, a seguir, muda de modo abrupto. A palavra de Deus veio a Ezequiel, observando que os julgamentos divinos, prestes a abater-se sobre Judá, eram praticamente inevitáveis. Ele enumerou os quatro julgamentos mencionados antes: a **fome** (v. 13), as **feras** perigosas (v. 15), a **espada** e a **peste** (v. 19). Assim que o Senhor determinou usar essas punições, a terra não poderia mais escapar. Ele fez essa afirmação de uma forma um tanto estranha: até mesmo **Noé** (Gn 6.8,9,17,18,22; 7.5; 9.1; Hb 11.7; 2Pe 2.5), **Daniel** (Dn 1.8; 6.2-5,23; 10.11,12,19) **e Jó** (Jó 1) estavam na terra, e apenas eles escaparam porque a justiça deles foi eficaz apenas para eles mesmos, e não para a salvação dos outros nem para a prevenção da devastação (Ez 14.14,16,18,20). Dois aspectos dessa apresentação são dignos de menção com mais detalhes.

O primeiro aspecto é que essas afirmações podem ser vistas como a resposta mais extensa de Deus para as tentativas reiteradas de Ezequiel para interceder pelo povo. Deus tratou do fato de que haveria sobreviventes e de que o profeta seria consolado com isso (v. 22). No entanto, o consolo de Ezequiel não estaria no fato de que alguns sobreviveriam, mas em ver a pecaminosidade dos sobreviventes, porque a sua confiança na justiça do Senhor seria, então, renovada com tal julgamento severo sobre a nação (v. 23).

O segundo aspecto é que Deus explicou que nem mesmo a justiça de Noé, Daniel e Jó poderia livrar os seus filhos do julgamento (vv. 16,20). Cada um

desses homens interveio em favor de outros como parte dos seus atos de justiça: Noé livrou os seus filhos e as famílias destes da ira do Dilúvio; Jó orou pelos seus amigos; e Daniel falou com o rei e intercedeu em favor de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Deus, a fim de mostrar a severidade da situação de Judá, declarou que esse tipo de intercessão não seria levada em conta dessa vez. Algumas pessoas sobreviveriam, mas apenas como um exemplo da pecaminosidade da nação.

A Parábola da Videira Inútil (15.1-8)

15.1-8 Esse breve oráculo reforça a ênfase de Deus no seu propósito de enviar os seus "quatro maus juízos" (14.12-23) contra **Jerusalém** (15.6). Os pecados do povo exigiam o julgamento de Deus — **grandemente prevaricaram** (heb. o verbo ***ma'al***, "ser infiel, agir de modo traiçoeiro", seguido pelo substantivo ***ma'al***, "traição, quebra deliberada da fé ou trair a confiança", como o seu objeto, v. 8; 14.13; Lv 26.40-42; Nm 5.11,27; 2Cr 36.14). **Os habitantes** da cidade são comparados à **madeira da videira**, inútil como recurso natural para a construção; não é possível fazer com ela nem mesmo um pequeno objeto para **pendurar[-se] algum traste** (Ez 15.2,3; Is 22.23-25). Só serve para ser **consumida** (heb. ***'oklah***, "alimento", Ez 15.3,6; 21.32; 29.5; 34.5,8,10) pelo fogo. No texto hebraico, 15.4 e 15.5 começam com uma palavra geralmente traduzida por "eis" ou "ora" (heb. ***hinnēh***, "veja"), chamando a atenção da audiência para a metáfora que ilustra a condição deles. Judá, como a madeira da vinha, era apropriada apenas para ser queimada e ser transformada em alimento para o fogo. Não obstante, Deus prometeu que, quando Ele se voltasse contra Jerusalém por causa da sua infidelidade, eles saberiam **que eu sou o SENHOR** (v. 7; 6.14; 7.27; 12.20; 33.29).

*Deus anunciou que Ele tornaria "a terra em **DESOLAÇÃO**" (heb. **shemamah**, "aquilo que é jogado fora como refugo", 15.8; do verbo **shamēm**, "jogar fora refugo, tornar desolado", e essas duas palavras são usadas com mais frequência no livro de Ezequiel). O significado da raiz da palavra conecta um sentido de destruição abrangente com a ideia primária do silêncio tanto em termos de um lugar que se tornou vazio dos sons da vida e da reação humana a tal devastação — ficar surpreso, chocado e sem palavras (Jó 18.20; 21.5; Ez 3.15). A palavra aparece apenas três vezes no Antigo Testamento antes do seu uso repetido nos livros proféticos:*

- *No Sinai, Deus explicou ao povo a quem acabara de redimir do Egito como Ele expulsaria de modo gradual os cananeus da Terra Prometida a fim de impedir que ela se tornasse "desolada" (Êx 23.29; Ez 14.15,16).*
- *Deus, ao esquematizar para o seu povo quais seriam as consequências da desobediência e rebelião deles contra Ele, disse que a "terra ser[ia] assolada" (Lv 26.33; veja também vv. 34.35,43). A audiência de Ezequiel estava experimentando essas consequências.*
- *A palavra também descreve a cidade de Ai depois de Josué conquistá-la e queimá-la (Js 8.28). No entanto, de modo distinto da desolação permanente de Ai, a restauração é prometida a Israel (Is 62.4; Ez 36.33-36; Lv 26.43-45).*

A Parábola da Esposa Adúltera (16.1-63)

O Senhor empregou uma alegoria extensa para garantir que Jerusalém compreendesse totalmente a sua conduta em relação a Ele e, por conseguinte, a necessidade de punição. A alegoria (ou metáfora estendida) é um artifício literário que emprega imagens concretas para representar e iluminar ideias abstratas, princípios ou verdades. Os leitores não devem esperar uma correspondência exata entre os personagens e elementos da história e a realidade sendo ilustrada. Essa alegoria retrata Jerusalém como a esposa de Iavé, tornando vívido o caso do Senhor contra ela.

A genealogia, o nascimento e a adolescência (16.1-6)

16.1-6 Jerusalém, nessa história, é desprezada como um bebê do sexo feminino não desejado é **desprezad[o]** (NVI) e cujos pais representam duas nações cananeias (vv. 3,5; Gn 10.16; 15.13-21). Jerusalém, como descrita metaforicamente, era originalmente uma cidade **amorre[ia]** (Ez 16.3; Js 10.5-8; 1Rs 21.26) e, quando foi conquistada por Davi, era habitada pelos amorreus e heteus (jebuseus, Js 15.63; Jz 1.8,21; 1Sm 17.54; 2Sm 5.6,7; 1Rs 11.13,32,36). Esses povos permaneceram na terra só porque Israel falhou em obedecer à ordem do Senhor para "totalmente [...] [os] destrui[r]" (veja Dt 7.1-5). Por conseguinte, conforme o Senhor advertira-lhes, eles perpetuaram a idolatria na terra, e o coração de muitos israelitas afastou-se do Senhor para "servi[r] outros deuses" (Dt 7.4). As **abominações** (heb. ***to'ēvah***, "algo que é nojento ou repulsivo", em especial no sentido de impureza ritual ou imundícia moral, Ez 16.2; vv.

22,36,43,47,50,51,58; 5.11; 6.9-11; 7.3,4,8,9,20; 8.6-9; 11.21) de **Jerusalém**, portanto, estavam enraizadas nas práticas pagãs dos seus habitantes originais.

Na história metafórica, ninguém representou os atos típicos dos cuidados a um bebê recém-nascido, nem mesmo o procedimento básico de cortar o **umbigo** (16.4) ou lavar o sangue e os fluídos do nascimento (v. 6). A criança, de acordo com os procedimentos do Antigo Oriente Próximo para cuidar de um recém-nascido, deveria ser (v. 4):

- **lavada com água**, para a sua purificação;
- **esfregada com sal** como antisséptico; e
- **envolta em faixas** ou panos por sete dias. Algumas vezes, os bebês eram envoltos em cueiros de pano até seis meses para promover o desenvolvimento apropriado dos membros.

Abandonar o bebê à morte ao deixá-lo em **pleno campo** indicava a recusa dos pais em abraçar a criança como sua (v. 5). *A frase descritiva "manchada no teu sangue" não transmite plenamente o sentido do verbo hebraico (v. 6; 16.22). O termo hebraico traduzido por* ***MANCHADA*** *(heb.* ***bus****) significa "pisar, pôr os pés, ou esmagar", e a forma verbal usada aqui tem o sentido de ser "jogado fora para ser pisoteado" (Is 14.19).* Esse relato da infância da cidade descreve a posição desta antes de Davi afirmá-la como a sua cidade. Naquela época, ela existia porque os cananeus viviam ali, embora fosse rodeada por israelitas — isto é, isolada e vulnerável, como a bebezinha abandonada da narrativa, de quem Deus compadeceu-se e resgatou-a, dando-lhe uma segunda chance na vida. Ele, pela sua palavra, concedeu vida à criança recém-nascida (Ez 16.6). Davi, no processo de ser estabelecido pelo Senhor como "rei sobre Israel" (2Sm 5.12), deu identidade à cidade nova, chamando-a de "Cidade de Davi" (2Sm 5.9).

O casamento: uma aliança com Deus (16.7-14)

16.7-14 A menina representando Jerusalém, nessa narrativa, **cresce[u]** e **engrandece[u-se]** alcançando grande **formosura** (v. 7). Davi, da mesma forma, "foi edificando em redor, desde Milo até dentro", transformando uma "fortaleza" estrategicamente localizada em capital

(2Sm 5.9,10). O fato de ela estar **nua e descoberta** (heb. o adjetivo ***ʿērom***, "nua" com o substantivo ***ʿeryah***, "nudez, falta de", Ez 16.7; 16.22,39) implica vulnerabilidade moral e, possivelmente, vergonha (23.29; Gn 3.7,10,11; Dt 28.48), talvez refletindo o contexto pagão moralmente vergonhoso da cidade.

Deus, mais uma vez, agiu em favor da cidade ao entrar em um **concerto**, aliança, de casamento com ela (Ez 16.8):

- Ele **estend[eu] sobre** ela **a ourela do** seu **manto** (Rt 3.9) **e cobri[u] a [s]ua nudez** (heb. ***ʿerwah***, "genital externa", implicando exposição vergonhosa; Ez 16.37; 23.10,18,29; Lv 18.7-19; 20.17-21; Is 47.3; Lm 1.8; Os 2.9).
- Ele **lav[ou-a] com água**, possivelmente parte do ritual de casamento (Ef 5.26,27) e **enxug[ou] o [s]eu sangue**, que pode referir-se ao "sangramento virginal", sinalizando a sua nova identidade como esposa.
- Ele **ungi[u-a] com óleo**, uma prática comum depois do banho, possivelmente comparável à aplicação de hidratante para evitar a pele seca. Esse óleo podia também ser perfumado.

Na narrativa, o concerto de casamento estendeu-se à jovem quando o Senhor ofereceu-lhe a posição mais apreciada para uma mulher no mundo antigo. Se a história estivesse descrevendo a escolha de uma noiva por um homem, apenas a beleza da mulher faria sentido para a sua decisão; de outra forma, a sua herança e educação gentias impossibilitariam esse casamento, pelo menos para um homem fiel à Lei de Deus. A história, portanto, ilustra a graça incondicional do Senhor ao tornar uma cidade como Jerusalém o lugar onde o seu nome habitaria (veja Dt 12.11; 14.23; 16.2,6,11; 1Rs 5.5; 8.16-20,29; 2Cr 7.20; 33.4-7; Jr 34.15). Davi trouxe a Arca da Aliança para Jerusalém, e o Senhor estabeleceu uma nova aliança que implicou na construção do Templo por Salomão (Ez 43.6-12).

De acordo com a narrativa, o Senhor, como o marido, foi pródigo em presentes para a sua noiva, dando-lhe efetivamente um dote, bem como vestindo-a e adornando-a com roupas e **joia** (Ez 16.9-13; Gn 24.47; Is 3.21). Ela também vestiu uma **coroa de glória** (heb. ***tiph'arah***, "gloriosa, esplêndida", Ez 16.12; veja o estudo da palavra, Is 52.1), tornando-se, assim, **formosa** [heb. ***yaphah***; Ct 4.10; 7.1,6] **em extremo** e **próspera**

até chegar a ser rainha (Ez 16.13). Esses presentes significam a posição de Jerusalém como a cidade real de Davi. Além disso, uma vez que os termos usados para o traje e adornos da noiva ecoam as descrições do Tabernáculo, essas provisões também salientam a beleza do Templo em Jerusalém como o local da adoração a Iavé:

- **bordadura** (heb. ***riqmah***, "diversificada ou de várias cores", vv. 10,13; cp. v. 18; 26.16; 27.16,24; 1Cr 29.2; Sl 45.14; do verbo ***raqam***, "bordar, adornar com várias cores", Êx 26.36; 27.16; 35.35; 36.37; 38.18,23);
- **linho fino** (heb. ***shēsh***, "algo branco", Ez 16.10,13; cp. Êx 26.1,31,36; 27.9,16,18; 35.35; 36.8,35,37; 38.9,16,18,23; veja também Pv 31.22);
- **pele** (heb. ***tachash***, "pele ou couro de animal, provavelmente de um texugo ou foca; a raiz egípcia significa "couro macio, peles tingidas", Ez 16.10; cp. "peles finas" [ARA], Êx 25.5; 26.14; 35.7,23; 36.19; 39.34; Nm 4.6,8,10-14,25).

Essa esposa (Jerusalém) ficou renomada pela sua **formosura** (heb. ***yophi***, "esplendor, brilho, graciosidade"; cp. Ez 16.15,25; 28.7,17; Sl 45.11; 50.2; Lm 2.15) e ela **era perfeita** (heb. ***kalil***, "completa, inteira"; cp. Lm 2.15) porque o Senhor pôs sobre ela a sua **glória** (heb. ***hadar***, "glória, honra, majestade"; 1Cr 16.27; Sl 45.3,4; 96.6; 104.1; Pv 31.25; Lm 1.6; Ez 16.4).

A degradação espiritual da adúltera Jerusalém (16.15-22)

16.15-22 Jerusalém perverteu tudo o que era bom que lhe fora dado pelo Senhor. Nos versículos 8-14 da narrativa, o Senhor, falando na primeira pessoa, reconta o que fizera por Jerusalém — "estendi sobre ti [...], ornei de enfeites [...]", etc. A cidade onde Deus escolheu pôr o seu nome, ao usar esses bons dons na adoração de ídolos e ao participar de práticas sexuais das religiões cananeias, traiu o Senhor de maneiras extremamente chocantes. Ela confiou na sua **formosura** (heb. ***yophi***, v. 15; 16.14), em vez de no Senhor, que a tornara bela. Além disso, usou a sua **fama** (heb. ***shēm***, "nome", v. 15; 16.14) para cometer adultério — não de modo secreto, mas de maneira flagrante.

A palavra traduzida por ***CONCEDEU SEUS FAVORES*** *(NVI;* ***shaphak****, "derramar", v. 15) aparece 33 vezes em Ezequiel — com mais frequência que qualquer outro livro do Antigo Testamento. O verbo é geralmente usado para falar do Senhor derramando a sua "ira" ou "indignação" sobre a nação rebelde de Israel (7.8; 9.8; 20.8,13,21,33,34; 21.31; 22.22,31; 36.18; 30.15; Ap 16) ou para referir-se ao derramamento de sangue (Ez 16.38; 18.10; 22.3,4,6,9,12,27; 23.45; 24.7; 33.25; 36.18). Apenas em 16.15,36 e 23.8, o termo* ***shaphak*** *é usado para transmitir a extensão da busca de Israel pela idolatria e promiscuidade sexual. No entanto, uma ocorrência do verbo sinaliza o compromisso de Deus com a redenção — a sua promessa de "derrama[r] o meu Espírito sobre a casa de Israel" (39.29; Jl 2.28-29; Zc 12.10). A Septuaginta usa o verbo* ***ekcheō*** *(gr., "derramar") que aparece em Atos 2.17,18 observando o cumprimento de Joel 2.28,29 e em outras passagens referindo-se à obra do Espírito Santo (veja At 2.33; 10.45; Rm 5.5; Tt 3.6).*

Como "uma ***PROSTITUTA****" (NVI; "ser meretriz, cometer fornicação"; 1Rs 3.16; Pv 23.27; Jr 3.1; veja o estudo da palavra, Is 1.21), Jerusalém derramou liberalmente "favores" (NVI; heb.* ***taznut****, "fornicações, prostituição", Ez 16.15,20,22,25,26,29,33,34,36; metaforicamente, a "adoração de ídolos", 16.25,26,29; 23.7,8,11,14,17-29,35,43) sexuais. O termo é usado apenas por Ezequiel no Antigo Testamento, e essa palavra deriva-se do verbo* ***zanah***. A acusação observou por cinco vezes que Jerusalém **tom[ou]** (heb. ***laqach***, "lançar mão de, agarrar, apanhar, levar embora", vv. 16-20) para as suas proezas pecaminosas o que lhe fora dado livremente pelo Senhor.

O mais chocante de tudo foi quando a esposa sacrifica os próprios filhos aos ídolos. O Senhor, falando na pessoa de um marido justificavelmente tomado pela ira e com o coração partido por esses crimes, apontou enfaticamente que ela destruiu os *seus* **filhos** e **filhas**, que por *ele* **gerar[a]** (vv. 20,21; 23.37). Ela esqueceu de propósito que só a graça do Senhor salvou a sua própria vida de tal destruição (16.22; vv. 6,7).

A decadência política de Jerusalém (16.23-34)

16.23-34 Para horror de uma audiência reconhecendo o quão repreensível tal comportamento seria, a história ficou pior, expondo ainda mais a degradação descrita (vv. 15-22). A narrativa da esposa promíscua buscando a prostituição como um negócio arriscado. A palavra **abóbada** (heb. ***gav***, "forma convexa ou arredondada") é compreendida na Septuaginta como um bordel (gr. ***oikēma pornikon***, "relação sexual ilícita", v. 25). Os

lugares altos (heb. ***ramah***, "lugar alto", vv. 24,25,31,39) eram provavelmente uma plataforma ou algum lugar no topo do telhado de onde a pessoa podia apregoar algo ou chamar a atenção dos viajantes. Ela construiu esses lugares altos em **cada canto**, seduzindo mais uma vez **a todo o que passava** e tornando **abominável** [heb. ***ta'av***, tornar abominável", v. 25; cp. 16.15] **a [s]ua formosura** (heb. ***yophi***). A repetição de "cada" (NVI; heb. ***kol***, 16.15,24,25,31) ecoa avaliações da apostasia de Israel em outros textos do Antigo Testamento (veja 1Rs 14.23; 2Rs 16.4; 17.10; 2Cr 28.4,24,25; Jr 3.1-3,6,13).

A imagem da prostituição cada vez mais vívida salienta a natureza perversa das transgressões de Jerusalém. *No Antigo Testamento, o verbo traduzido por* ***ALARGA[R]*** *(heb.* ***pasaq****, "separar, repartir, escancarar", Ez 16.25) é usada apenas aqui e em Provérbios 13.3, em que o sentido da tradução "abre" é "escancarar", isto é, falar indiscriminadamente.* A descrição da promiscuidade sexual escandalosa da mulher é intencionalmente chocante para que, como uma metáfora das alianças políticas de Jerusalém — com o Egito (Ez 16.26; 20.7; 1Rs 3.1; 9.16; Is 30.1-7; 31.1-3; Jr 2.18; Os 12.1), a Assíria (Ez 16.28; 2Rs 16.1-18) e a **Caldeia** (Ez 16.29; 2Rs 20.12-19) —, a audiência reconheça a enormidade dos pecados que provocam o julgamento iminente de Deus (Ez 16.25,26). Até mesmo os inimigos de Jerusalém, apresentados na narrativa como **as filhas dos filisteus**, responderam ao **caminho depravado** (heb. ***zimmah***, "perversidade", principalmente "lascívia, fornicação", v. 27; vv. 43,58; 22.9,11; 23.21,27,29,35,44,48,49; 24.13; Lv 19.29; Jr 13.27; Os 6.9) com vergonha e embaraço ao comportamento dessa mulher. **Por isso** (ARA; heb. ***we-hinnēh***, "e veja, eis que", uma frase exclamativa, Ez 16.27), o Senhor agiu. Jerusalém, apesar da remoção das suas bênçãos abundantes, continuou a sua busca implacável pela riqueza e reconhecimento do mundo (vv. 28,29; Is 55.2). Todas as atitudes erradas dessa mulher originaram-se no seu **coração** (Ez 16.30). Jerusalém agiu como uma **meretriz** (16.3-31) e **mulher adúltera** (v. 32), só que ela era ainda pior do que uma prostituta, pois, em vez de cobrar os seus clientes, ela perversamente dá **presentes** (heb. ***nadan***, "presentes grandes" com o sentido de lançar livremente diante do recipiente) a eles, isto é, pagava-os para aceitar as suas **prostituições** (heb. ***taznut***, v. 33; veja o estudo da palavra, 16.15). Esse suborno descrito refere-se provavelmente às contribuições voluntárias de Judá a essas nações, como o Egito (cp. 17.7-9;

Jr 2.18,36; Os 12.1) e a Assíria (2Rs 16.7-9; 18.14-16), a fim de solicitar ajuda.

O julgamento de Deus sobre Jerusalém (16.35-43)

16.35-43 Portanto, essa palavra assinala o julgamento prestes a abater-se sobre eles. O Senhor explicou por que estava prestes a entregar Israel para aqueles a quem ela buscou, em vez de confiar nEle (v. 36). A adúltera que se comporta pior do que uma prostituta seria envergonhada e exposta a todos os seus **amantes**, tanto os que ela **am[ou]** quanto os que **odiou** (vv. 36,37; como os filisteus, v. 27). Ela seria acusada não só de adultério, como também de assassinato — dois crimes capitais punidos com apedrejamento (vv. 38-40; Lv 20.1-5,10-12; Dt 17.2-5; 22.22; Jo 8.5). A punição seria, de fato, distribuída pelos seus antigos amantes, isto é, as nações pagãs que humilhariam, saqueariam, destruiriam e queimariam a cidade até esta ficar totalmente destruída (Ez 16.37-42).

Os leitores que interpretam a imagem violenta como uma descrição do que um marido poderia fazer, com justificação bíblica, para uma esposa adúltera não entendem o ponto transmitido pela passagem. Na linguagem vívida e concreta da metáfora, o Senhor descreveu o que Ele faria em Jerusalém, a única cidade em que Ele fizera o seu nome habitar, ao retirar a bênção e a proteção da sua presença, as quais Israel desprezou. Os eventos exagerados e extremos, anunciados como se tivessem acontecido a uma mulher, representam de modo vívido o tratamento de Judá pelo Egito desde a morte do rei Josias e da destruição catastrófica de Jerusalém pela Babilônia. A cidade experimentaria, por fim, as consequências assustadoras das violações indesculpáveis da sua aliança com o Senhor (v. 43; cp. Lv 26.30).

O provérbio de uma mãe e três filhas: Jerusalém, Samaria e Sodoma (16.44-52)

16.44-52 O Senhor, por intermédio de um **provérbio** (heb. ***mashal***, veja o estudo da palavra, na seção "Introdução", em Provérbios) em que a **filha** representa Jerusalém, continuou a levar a juízo o seu caso contra a cidade ao rememorar a sua indulgência passada e corrente nas perversões da idolatria cananeia (Ez 16.44). Jerusalém não só era naturalmente parecida

com a sua **mãe** heteia (v. 45; cp. 16.3), como também estava desfavoravelmente ligada, como uma **irmã**, à reputação de **Sodoma** e às abominações recentes de **Samaria** (vv. 45,46). Todas as três são caracterizadas como mulheres que têm **nojo** [heb. ***ga'al***, "abominar, detestar, rejeitar ou lançar fora com nojo"] **de seu marido e de seus filhos**, isto é, que rejeitam de modo insensível a família que precisa delas e a quem se esperava que apreciassem (v. 45; Tt 2.4).

Jerusalém não só foi desleal na sua fé com o Senhor (o seu marido, nessa metáfora estendida; cp. 2Rs 17.13-16,19), sacrificando os seus filhos aos ídolos (2Rs 17.17), como também as suas **abominações** excediam aquelas pelas quais o Senhor julgou os cananeus (Gn 15.16,18-21; Dt 9.5; 2Rs 17.8-12), Sodoma (um sinônimo para perversidade tão grande que Deus destruiu a cidade com fogo do céu, Gn 18.17—19.29; Is 3.8,9; Jr 23.14) e Samaria (a capital do Reino do Norte (Israel), 1Rs 16.24,32; 2Rs 17.6,24-41; Jr 23.13).

Embora a audiência imediata de Ezequiel, sem dúvida, conhecesse a história de Sodoma, o Senhor identificou vários pecados não enfatizados em Gênesis dos quais Jerusalém também era culpada:

- Ela, apesar da sua prosperidade e segurança, **nunca esforçou** [heb. ***chazaq***, "fortalecer", Ez 16.49; 34.4,16] **a mão do pobre e do necessitado** (Jr 22.16,17; Am 2.7; 4.1; 8.4,6).
- As pessoas **ensoberbeceram[-se]** (Ez 16.50; Pv 18.12; Is 3.16; Sf 3.11).
- Elas **fizeram abominação** (heb. ***to'ēvah***, "algo que é nojento ou repulsivo", sobretudo no sentido de impureza ritual ou imundícia moral, Ez 16.50; v. 2) diante do Senhor.

Contudo, Jerusalém, apesar de saber como Deus lidou com Sodoma e de ter testemunhado o tratamento de Samaria pelos assírios, comportara-se de modo tão indecente que as suas duas irmãs pecadoras, em comparação, pareciam mais **justas** (uma acusação repetida três vezes nos vv. 51,52).

A restauração e a expiação por intermédio da renovação da aliança (16.53-63)

16.53-63 Uma nota de esperança soou quando Deus prometeu **restaura[r] a sorte de** Sodoma (NVI), Samaria e Jerusalém e declarou

que todas as três "irmãs" **tornar[iam] ao seu primeiro estado** (vv. 53-55). Antes da restauração, no entanto, as consequências para o pecado tinham de ser toleradas (v. 58). O Senhor, depois, restabeleceria a sua aliança com Jerusalém. Ele aceitaria de volta a sua esposa adúltera e iria perdoá-la depois de ela ter aguentado as consequências das suas ações. Não obstante, Jerusalém era incapaz de apagar os seus próprios pecados. Deus fez **propiciação [...] por tudo o que você fez** (v. 63; NVI) e, fundamentado nessa propiciação, um **concerto eterno** e novo seria estabelecido (v. 60).

A Morte dos Últimos Governantes de Judá (17.1—19.14)

Particularmente nos capítulos 17 e 19, a remoção dos últimos quatro reis de Judá é descrita por intermédio de uma imagem poética. Uma breve revisão de alguns dados históricos é útil para que vários símbolos, metáforas e símiles façam sentido. Três desses reis eram filhos do rei Josias, porém de duas esposas distintas.

- *Jeoacaz* era o segundo filho de Josias com a sua esposa Hamutal. Jeoacaz tinha 23 anos quando o "povo da terra" tornou-o rei (2Cr 26.1-3). Ele reinou três meses antes de o faraó Neco levá-lo para o Egito e substituí-lo pelo seu meio-irmão Eliaquim (2Rs 23.31-34; 2Cr 36.4).
- *Jeoaquim* (Eliaquim; o faraó Neco deu-lhe um novo nome), o filho mais velho de Josias, tinha 25 anos quando assumiu o trono e reinou onze anos sobre Judá, na condição de Estado vassalo (2Rs 23.35—24.5; 2Cr 36.4-8; Dn 1.1,2). Quando Nabucodonosor estava em Jerusalém, em 604-603 a.C., ele tinha a intenção de levar Jeoaquim cativo para a Babilônia (2Cr 36.6; 22.1—23.8; Dn 1).
- *Joaquim*, o filho de Jeoaquim, tinha dezoito anos quando se tornou rei e reinou por três meses e dez dias (2Rs 24.6-17; 2Cr 36.9,10; Jr 24.1). Ele foi capturado por Nabucodonosor e deportado para a Babilônia. Mais tarde, recebeu favor do sucessor de Nabucodonosor, Evil-Merodaque (Ez 19.6-9; 2Rs 24.9-12,15; Jr 52.31-33). Ezequiel mediu o cenário de temporal para a revelação que recebeu de acordo com os anos em que Joaquim estivera no exílio (Ez 1.1; 20.1).

- *Zedequias* (Matatias, recebeu um novo nome por Nabucodonosor), o filho de Josias e Hamutal, era irmão de Jeoacaz por parte de pai e de mãe e reinou onze anos. Zedequias tinha 21 anos quando o rei da Babilônia o pôs no trono no lugar do seu sobrinho Joaquim, cuja rebelião provocara o cerco de Jerusalém e a deportação de mais de dez mil israelitas (2Rs 24.17-19; Jr 37.1). A rebelião de Zedequias contra a Babilônia incitou a destruição de Jerusalém e do Templo (2Rs 24.20—25.21; 2Cr 36.10-14), bem como o fato de ter sido levado para a Babilônia (2Rs 25.7).

A parábola das águias, dos cedros e da videira (17.1-24)

17.1-24 Deus, a seguir, instruiu Ezequiel para propor **uma parábola** [heb. ***mashal***; veja o estudo da palavra, na seção "Introdução" em Provérbios] **e [...] uma comparação** concernente aos relacionamentos entre Zedequias, rei de Judá; Nabucodonosor, rei da Babilônia; e Hofra, faraó do Egito (v. 1). Nabucodonosor é representado como **uma grande águia** que levou **o mais alto ramo** de um **cedro** (i.e., Joaquim) para **uma terra de mercancia**, a Babilônia (vv. 3,12; 2Rs 24.10-16). Uma copa de árvore jovem é uma imagem apropriada para Joaquim, considerando-se que se tornou rei quando ainda era muito jovem e a sua tentativa tola de rebelar-se contra a Babilônia.

Zedequias e a sua casa são descritos como a **semente** que o rei da Babilônia plantara em um **campo de semente** junto **às grandes águas** onde floresceu por algum tempo (Ez 17.5-6,13; 2Rs 24.17-20). Ele tinha tudo de que precisava, mas depois se voltou para **mais uma grande águia**, o Faraó (Ez 17.7,15; 2Rs 24.7). Zedequias, por violar o seu tratado com a Babilônia, seria severamente punido (Ez 17.9-10,16-18; 2Rs 24.20; 25.1-7). A infidelidade de Zedequias para com a sua aliança com Nabucodonosor tornou-se uma imagem da infidelidade do povo de Deus para com a sua própria aliança (Ez 17.19). Deus executaria julgamento principalmente sobre o rei por conta da sua impiedade (vv. 20,21).

A mensagem de Ezequiel preparou os exilados para o que estava por vir e justificou a punição de Zedequias diante do povo. Aqui, assim como em outras passagens, a mensagem de julgamento não era sem esperança. O Senhor adaptou parte da imagem metafórica, usada para descrever como a Babilônia e o Egito lidaram com Israel, para explicar o que Ele faria para

garantir que todos viessem a **sabe[r]** que Ele é **o SENHOR** (vv. 21,24). A enorme ave predadora representando a Babilônia "planta[ra]" os cativos de Israel no império **para** tornar-se uma **videira excelente** (heb. ***'adderet***, "gloriosa, magnífica"), isto é, um troféu (v. 8). Similarmente, Deus **lev[aria]** (heb. ***laqach***, "pegar, segurar, arrancar", vv. 3,5,12, 13,22; 16.16-20) um ramo do cedro e iria **plant[á-lo]** sobre **um monte alto** (17.22,23). No entanto, esse ramo não apenas se tornaria uma adorável vinha, **de pouca altura**, mas também **um cedro excelente** (heb. ***'addir***, "glorioso, magnificente, poderoso"), uma árvore alta sob a qual **todas as aves de toda sorte de asas** poder[iam] abrigar-se (vv. 6,8,23; Gn 7.14).

Os famosos cedros do Líbano podem atingir a altura de quase 40 metros com troncos de 2,5 metros de diâmetro. Para uma audiência familiarizada com vinhas e cedros, esses versículos anunciam uma notável reversão que seria impossível, até mesmo inimaginável, à parte da soberania e da graça de Iavé (Ez 17.21-24). Embora o retorno dos exilados para a terra de Israel possa estar em vista, a interpretação messiânica faz mais sentido dessa imagem expandida. Assim como as metáforas iniciais referem-se a pessoas individuais, também nessa imagem o ramo do cedro refere-se ao Messias. Ele é o cumprimento das alianças abraâmica, davídica e mosaica e introduziu o Reino de Deus. Jesus usou imagens similares na parábola comparando o Reino de Deus ao crescimento da semente de mostarda (Mt 13.31,32; Mc 4.30-32; Lc 13.18,19).

As outras imagens de árvores — **a árvore alta** sendo derrubada, **a árvore baixa** sendo elevada, **a árvore verde** secando e a **árvore seca** reverdecendo (Ez 17.24) — sugerem a mão de Deus na ascensão e queda dos reinos terrenos. Além disso, essas promessas divinas para manifestar algum dia como as coisas são ordenadas no plano divino convidam à fé do seu senhorio sobre todos. O verbo traduzido por **abat[er]** (heb. ***shaphēl***, "humilhar, abaixar, ser rebaixado ") aparece em várias passagens similares (e.g. 1Sm 2.7; 2Sm 22.28; Sl 18.27; 75.7; 147.6; Is 2.11-18; 40.4; Ez 21.26; Mt 23.12; Tg 4.10).

Um chamado para a responsabilidade pessoal pelo pecado (18.1-32)

18.1-32 O Senhor descartou o uso contínuo de um **provérbio** (heb. ***mashal***; veja o estudo da palavra, na seção "Introdução" em Provérbios), transmitindo a ideia de que os descendentes são algumas vezes punidos injustamente pelos pecados dos ascendentes e implica claramente que Israel estava sofrendo injustamente (vv. 1-3). Esse provérbio pode ter-se tornado popular porque os exilados não queriam ter de enfrentar o fato de que foram os seus próprios pecados que os levaram a essa situação. O Senhor, no entanto, esclareceu que os indivíduos sofrem sob o julgamento de Deus por causa dos seus próprios pecados. Por conseguinte, a terceira deportação de residentes de Jerusalém era em razão dos próprios pecados deles, e não dos seus ancestrais.

A fim de evitar que os ouvintes não entendessem isso, são fornecidos três exemplos:

- um homem que não peca (vv. 5-9);
- o filho desse homem, filho este que leva uma vida de pecado (vv. 10-13); e
- o neto desse homem, neto este que é justo (vv. 14-17).

O homem do pecado é julgado, enquanto os outros dois não o são. Do mesmo modo, o homem do pecado não é abençoado por causa da justiça do seu pai.

O Senhor afirma claramente que o injusto sofrerá a punição pelos seus pecados, e o justo será recompensado pelas suas boas obras, então esse processo não deve ser visto como inflexível ou estático; deve-se dar margem para o julgamento e a deliberação de Deus. Mesmo que alguém peque, pode receber o perdão caso se arrependa (vv. 21,22). Enquanto houver vida, há esperança, e esta está disponível, e o perdão é possível. Deus, além disso, revela o seu desejo pelo arrependimento dos pecadores, e não a sua condenação — **não tomo prazer** [heb. ***chaphēts***, "deleitar-se em, preferir, vv. 23,32; cp. 33.11; Is 1.11; Mq 7.18] **na morte do que morre**. Similarmente, **o justo** que se volta para o pecado ainda corre o risco de julgamento (Ez 18.24).

Surpreendentemente, o povo reclamou que **o caminho do SENHOR não é direito** (vv. 25,29; cp. 33.17,20) — isto é, que Ele puniria aqueles que abandonaram a justiça para perseguir o pecado e mostraria misericórdia para aqueles que mudassem o seu caminho e se arrependessem

(vv. 26-28). O Senhor chama o povo a **converte[r-se]** (vv. 30,32). Eles, caso se afastassem e abandonassem as suas **transgressões** (heb. ***pesha'***, "transgressão, ato rebelde", vv. 30,31) receberiam misericordiosamente um caminho para evitar a morte. *A ordem para "**CRIA[R]** [heb. **'asah**, "fazer, cometer"] em vós [heb. **lakem**, "para vocês", plural] um coração novo e um espírito novo" não pressupõe que as pessoas são capazes dessa reforma radical. O verbo comum "cria[r]", nesse contexto, pode ter o sentido de:*

- *"preparar, aprontar ou oferecer" (43.25,27; 45.22-25; Êx 29.36; Jz 6.19; 1Rs 18.23; Os 2.10); ou*
- *"efetuar, executar, fazer acontecer" (Ez 12.25; 16.41; Sl 22.32; 37.5; 52.11; Is 30.1; Dn 8.24).*

O Senhor, mais tarde no livro, promete "um coração novo e [...] um espírito novo" para Israel como uma dádiva (Ez 36.26,27). A ordem enfatizou a responsabilidade da nação pelas consequências dos seus pecados, bem como a liberdade para receber essa dádiva quando a promessa for cumprida (18.30-32; Dt 10.16; 30.6).

Um lamento sobre os príncipes de Israel (19.1-14)

19.1-14 Todo esse capítulo é uma **lamentação sobre os príncipes** [heb. ***nasi'***, "governante, chefe ou líder de uma tribo"; cp. 45.8-9] **de Israel** e deve **servi[r] de lamentação** — um cântico fúnebre, uma canção de pesar geralmente entoada por lamentadores profissionais em uma procissão para levar o corpo do morto até o túmulo (19.1,14). Duas imagens descrevem a queda dos últimos reis da dinastia davídica: uma leoa e os seus filhotes (vv. 2-9) e uma videira e os seus ramos (vv. 10-14).

Na primeira seção, Judá é descrita como **uma leoa** (Gn 49.9) que teve dois **filhotes** particularmente agressivos. O primeiro filhote, sem dúvida, representa Jeoacaz, aprisionado pelo faraó Neco e depois levado para o Egito (Ez 19.3,4; 2Rs 23.32-34). Os estudiosos discordam sobre a identidade do rei representado pelo segundo filhote. Apesar de Zedequias ser o candidato mais provável, cada um dos três reis que vieram após Jeoacaz foram propostos para essa descrição.

Tendo dois filhotes, a leoa, usada como uma metáfora para Judá e a dinastia davídica, também serve para apontar para os dois filhos de

Hamutal — Zedequias e Jeoacaz — como os dois reis descritos (2Rs 23.31; 24.18; Jr 52.1). Em Ezequiel 17, a parábola apresenta Joaquim como o ramo novo no topo da copa do cedro (Ez 17.2-4), em contraste com a imagem da videira usada para Zedequias (17.5-21). O ramo da árvore é removido, mas a videira permanece na terra (17.4,5). A escolha dessa imagem sugere que Joaquim tinha em alta conta a entoada sua coroa e que Zedequias tinha uma linhagem mais honrosa, uma vez que o tópico da videira na Escritura aplica-se tipicamente a Israel/Judá, isto é, o povo de Deus (Is 5.3; Jr 6.9; Os 10.1). Joaquim, ao longo de todo o livro de Ezequiel, é mencionado apenas como "rei" (heb. ***melek***) e jamais como **príncipe** (heb. ***nasi'***, veja Ez 19.1); então, é provável que não tenha sido incluído na lamentação do capítulo 19, designada para os "príncipes".

Na segunda imagem, Judá é comparada a uma **videira**, usando a linguagem que se fundamenta na bênção profética da tribo por Moisés (v. 10; Gn 49.8-12). O crescimento dessa vinha é exagerado, servindo de caricatura da arrogância de Judá. O Senhor impôs consequências apropriadas:

- A "videira" **plantada** [heb. ***shatal***; cp. Ez 17.8,10,22,23; Sl 1.3; Jr 17.8] **à borda das águas** foi **arrancada** e **plantada** [heb. ***shatal***] **no deserto, numa terra seca e sedenta** (Ez 19.10,12,13; Os 2.3). Judá, a tribo dos reis legítimos de Israel — isto é, os descendentes de Davi — seria removida da terra em que o Senhor estabelecera-a. Depois, ela seria **plantada** (heb. ***shatal***, Ez 19.13) em lugar hostil, em vez de um local propício para florescer na sua identidade como povo de Deus — isto é, a Babilônia, em vez de Israel. *A palavra* ***ARRANCADA*** *(heb.* ***natash****, "ser arrancada ou desarraigada"), em particular, sinaliza que o julgamento profetizado aqui também cumpriria as promessas da aliança feitas por Deus para punir Israel por afastar-se do Senhor para adorar outros deuses (Dt 29.28; 1Rs 14.15; 2Cr 7.19,20). Isso também reflete as promessas de esperança feitas por Deus para o futuro de Israel (Jr 24.6; 31.28,40; 42.10; Am 9.15).*
- Quando essa videira floresceu, ela **encheu-se de ramos** (heb. ***'anēph***, hápax do substantivo ***'anaph***, "ramo, galho"; Ez 17.8,23; 36.8; Sl 80.8-10) e ficou conhecida pela **multidão de seus ramos** (heb. ***daliyot***, "ramificação"; Ez 17.6,7,23; 19.11; Jr 11.6); tinha **varas fortes** (heb. ***matteh***, "vara, cajado"; Sl 110.2) apropriado para uso como **cetros**

(heb. ***shēvet***; veja o estudo da palavra, Gn 49.10; Pv 13.24). Essas "varas fortes" seriam deliberadamente quebradas, deixando a videira sem nenhuma "var[a] fort[e]" (heb. ***matteh***) e, portanto, sem **cetro** [heb. ***shēvet***] **para dominar** (Ez 19.12,14).

- A videira que já fora **frutífera** (NVI) veria a destruição do seu **fruto** (vv. 10,12,14).

Os reis davídicos já não existiriam mais durante esse período (v. 14). Só o trono de Cristo, o cumprimento da promessa da aliança feita com Davi (2Sm 7.12-16; 1Cr 17.11-14), seria eterno.

A Rebelião e a Restauração (20.1-49)

20.1-31 O capítulo 20 dá início a uma nova série de profecias. Os versículos de abertura do livro datam o início da missão profética de Ezequiel no "quinto ano do cativeiro do rei Joaquim", quando "veio expressamente a palavra do SENHOR a Ezequiel", e "a mão do SENHOR" estava "sobre ele" (1.1-3). O capítulo 8 data outro conjunto de visões no "sexto ano". Ezequiel observa que "os anciãos de Judá" estavam ali e que "a mão do Senhor JEOVÁ caiu sobre" ele (8.1,2). Aqui, **no sétimo ano [...] vieram alguns dos anciãos de Israel para consultarem** [heb. ***darash***, "buscar"; veja o estudo da palavra, 2Cr 12.13-16] **o SENHOR** (Ez 20.1). Nessa ocasião, veio a ele **a palavra do SENHOR**, instruindo-o a dirigir-se aos **anciãos de Israel** (vv. 2,3).

Iavé recusou a aproximação dos anciãos. Será que vieram genuinamente "consultar o SENHOR" com sinceridade, prontos para obedecer-lhe (veja Dt 4.29)? O verbo **julg[ar]** (heb. ***shaphat***) na pergunta do Senhor a Ezequiel tem o sentido de "pedir explicações, acusar, reprovar ou censurar". Na verdade, Deus expressou a sua exasperação com a sua audiência — Ele apelou a Ezequiel para que lidasse diretamente com os anciãos como se estivesse dizendo: "Eles não compreendem nada. Faça-lhes **saber** (heb. ***yada'***, "causa para conhecer, mostrar", Ez 20.4; v. 11) isso. Você conta para eles..." (vv. 27,30,31; 22.2). Não obstante, a mensagem entregue por Ezequiel veio diretamente do **Senhor JEOVÁ** e deveria ser anunciada como tal (20.5).

O Senhor explicou a sua audiência **as abominações de seus pais** (v. 4). ***ABOMINAÇÕES*** *(heb.* ***to'ēvah****, aquilo que é "nojento e profundamente*

perverso") foram tipicamente designadas para as "nações" (veja Dt 18.9-12; 1Rs 14.23,24; 2Rs 16.3; 21.2-9; 2Cr 36.14). A substituição dos "pais" pelas "nações" pagãs tinha a intenção de chocar os homens sentados diante de Ezequiel. Eles, apesar de tudo o que o Senhor fizera pelo seu povo, comportaram-se reiteradas vezes como uma nação cananeia, e não como o povo a quem Deus **escolh[eu]** e a quem Ele revelou-se (Ez 20.5,6).

Israel, em outros textos do Antigo Testamento, foi descrita como se rebelando contra Deus ou sendo desobediente às ordens divinas, porém raras como tendo-se ***REBELA[DO]*** *[heb.* ***marah****, "resistir, opor-se, ser refratário ou contumaz"] contra o Senhor.*

20.32-44 O Senhor não permitiria que a nação ficasse completamente perdida. No entanto, para salvar a nação, era preciso haver julgamento. *Usa-se duas vezes a frase* ***COM MÃO FORTE, E COM BRAÇO ESTENDIDO, E COM INDIGNAÇÃO DERRAMADA*** *para comunicar essa verdade (vv. 33-34). Esse grupo específico de três expressões não ocorre em outros lugares no Antigo Testamento. A expressão "mão forte" algumas vezes aparecendo junto com "braço estendido" aparece com frequência em referência à libertação dos israelitas do Egito (e.g., Dt 5.15). Apenas dois versículos combinam essas duas frases com uma terceira (heb.* ***mora'****, "terror, poder aterrorizante", Dt 4.34; 26.8; Jr 32.21) — também na descrição do que Deus fez no êxodo. A terceira palavra (heb.* ***chēmah****) nessa expressão deveria estimular o medo na audiência de Ezequiel, uma vez que essa é a palavra usada para descrever o julgamento de Sodoma e Gomorra por Deus (Dt 29.23) e para expressar a sua promessa para julgar o seu povo caso abandonassem a sua aliança (Dt 29.28; Ez 9.19). O paralelo mais próximo é encontrado na palavra do Senhor ao rei Zedequias: "E eu pelejarei contra vós com mão estendida, e com braço forte, e com ira, e com indignação, e com grande furor" (Jr 21.5).*

O Senhor apresentou um relato "golpe a golpe" do que faria para restaurar o seu povo (Ez 20.33-38,40-44). Ele não forçaria o seu povo a adorá-lo ou a servi-lo contra a vontade deles; mas, quando Ele os julgasse pela sua idolatria devassa e rebelião, alguns reconheceriam a mão de Deus, arrepender-se-iam e acabariam por **ouvir** o Senhor (v. 39). Outros, presumivelmente aqueles que não se arrependeriam, seriam purgados de Israel (v. 38). Deus permaneceu fiel às suas promessas da aliança e preservou o seu povo como nação apesar da **vara** do **juízo** (vv. 35-37).

As palavras de Ezequiel, portanto, não são contraditórias. Enquanto alguns indivíduos teriam permissão de envolver-se com a idolatria (v. 39), a nação toda não teria permissão de rejeitar completamente o Senhor (v. 32),

porque alguns voltariam para Deus depois desse julgamento. As palavras de Ezequiel foram apaixonadas e compassivas, pois foram apresentadas a promessa e a esperança de graça, perdão e restauração.

Deus **congregar[ia]** o seu povo de entre as nações (vv. 34,41) e iria aceitá-los como **cheiro suave** (v. 41), claramente uma referência à descrição das ofertas queimadas para o perdão em Levítico (Êx 29.18,25,41; Lv 3.16; 8.21,28; 23.13).

Há uma mudança aqui no uso da linguagem de revelação. Anteriormente, Deus revelou a si por intermédio da punição e julgamento — a expressão característica: **E sabereis que eu sou o SENHOR**, foi usada extensivamente com respeito à destruição de Jerusalém e à deportação dos seus habitantes — agora o conhecimento do Senhor viria por meio da sua restauração do povo à terra (Ez 20.42,44). A queda de Jerusalém e subsequente exílio revelam a santidade e a ira de Deus, enquanto a preservação e restauração do remanescente revelam a misericórdia, a graça e a fidelidade de Deus. O Senhor não lida com o povo segundo as ações deles, conforme o que merecem, mas, antes, lida com eles de acordo com o seu nome; isto é, Ele honra a sua promessa incondicional feita a Abraão ao garantir que um remanescente sobreviva e seja fiel (v. 44), e o seu povo, portanto, será luz para as nações (v. 41).

20.45-49 A seção final do capítulo inclui uma explicação teológica de uma floresta incendiada em Neguebe. Alguns comentaristas não acreditam que havia um fogo literal, só que o mais importante é a sua descrição do julgamento por vir sobre Jerusalém. É interessante observar que, nesse ponto, o povo reclamou que as mensagens de Ezequiel eram muito enigmáticas (v. 49), e isso é digno de nota por dois motivos.

O primeiro é que, enquanto alguns dos símbolos usados por Ezequiel são reconhecidamente difíceis de seguir, a sua mensagem da maldição de Jerusalém por vir, resultante da imoralidade grosseira e da prostituição religiosa do povo, é claríssima para ser ignorada; logo, a reclamação é infundada. O segundo é que o desejo por mensagens consideradas *relevantes* e a rejeição das mensagens com conteúdo parecem ser tão comuns nas igrejas de hoje quanto o eram na época de Ezequiel. É preciso ser cauteloso com a simplificação em excesso e com a leitura da Palavra de Deus para não passar muito rápido para a aplicação corrente antes de realizar a árdua tarefa de interpretar ou de determinar o que a passagem está dizendo. A

aplicação corrente só pode ser encontrada em uma interpretação contextual apropriada.

A Espada do Julgamento (21.1-32)

21.1-32 O Senhor, em resposta à acusação do povo de que as mensagens de Ezequiel eram irrelevantes (20.49), deu ao profeta uma palavra mais contemporânea que se cumpriria no período de vida deles. Ele recebeu ordem para pregar contra os **santuários** (21.2). O sentido dessa mensagem não fica claro; grande parte dela é contra a própria cidade. A ira de Deus seria derramada sobre o povo, tanto justos quanto injustos (vv. 3,4). Isso está de acordo com o ensinamento de Jesus de que o Senhor faz chover sobre os justos e os injustos (Mt 5.45). O desastre não necessariamente é um indício do desprazer de Deus com uma nação ou povo em particular. Aqueles que são inocentes sofrem a maioria das vezes por causa das ações dos culpados.

Ezequiel recebeu a ordem para suspirar e gemer com **amargura** — um sinal que estimularia o povo a perguntar por que ele estava se lamentando (Ez 21.6). No entanto, o fato de que o pesar era um sinal não diminuiu a preocupação e pesar reais que Ezequiel sentia pelo povo e pela cidade. Ele é descrito como sofrendo com o **quebrantamento** do seu coração por causa do pecado do povo e da devastação do julgamento de Deus por vir. Essa devastação seria avassaladora para o povo; total consternação seria a resposta apropriada para o julgamento — o coração deles **desmaiar[ia]**, as mãos ficariam **enfraquec[idas]**, o espírito ficaria **angustia[do]**, e os joelhos ficariam curvados (i.e., **se desfar[iam] em água**, v. 7).

A primeira das duas canções proféticas nesse capítulo é uma canção da espada do julgamento contra Israel (vv. 9-17,25-27; cp. o cântico de Jeremias sobre a espada contra a Babilônia, Jr 50.35-37, e a canção da espada contra a Filístia, Jr 47.6,7). Aqui, a espada foi especificamente contra os reis de Israel (Ez 21.12), que não cumpriram o seu papel de liderar o povo e ter a reverência apropriada pelo Senhor. O primeiro refrão, ao afirmar que o **cetro de Judá [...] não continuar[á]** (NVI), indica que a remoção de Zedequias acabaria com a monarquia (v. 13). O segundo refrão deixa isso ainda mais claro ao ordenar que Zedequias **tir[e] o diadema** e **a coroa** porque as coisas não serão **como antes** (v. 26; NVI)

No meio dessa canção sobre a espada, é apresentada, de maneira vívida, uma decisão que o rei Nabucodonosor da Babilônia tinha de tomar em relação a sua seguinte ofensiva militar: deveria atingir Judá ou Amom? O Senhor instruiu Ezequiel a desenhar um caminho completo com placas para Jerusalém e Rabá, as capitais desses respectivos países (v. 20). Enquanto os babilônios recorrem à adivinhação pagã para tomar as suas decisões, o Senhor usou o processo para trazer julgamento sobre os judeus (vv. 23,24). Deus pode usar quaisquer meios para chegar aos seus objetivos justos e retos.

Mesmo que Judá fosse atacada, Rabá e os amonitas não escapariam ilesos. A segunda canção sobre a espada era contra Amom — por ora, a espada fora posta na **bainha** (v. 30), mas o Senhor usaria os babilônios, **homens brutais, inventores da destruição** (v. 31), para julgar os amonitas em um momento posterior. Eles, como os judeus, seriam devastados na sua própria terra por causa da sua maldade e ódio por Israel (v. 30; cp. 25). As duas mensagens de julgamento transmitidas por Ezequiel são postas lado a lado — o julgamento de Israel (caps. 4—24) e, a seguir, o julgamento das nações (caps. 25—32).

Os Oráculos contra Jerusalém (22.1—24.27)

Os capítulos 22 e 24 marcam o início e o fim de uma unidade literária chamada *inclusio*. Esse artifício literário assinala uma unidade com um tema comum. Nesse caso, **a cidade sanguinária** (22.2) e a **cidade sanguinolenta** (TB; 24.6), isto é, Jerusalém, servem de parênteses desse *inclusio*. Um *inclusio*, em geral, é muito mais evidente na língua original (i.e., o hebraico, nesse texto) do que nas traduções.

O derramamento de sangue e a idolatria da cidade (22.1-31)

22.1-5 Jerusalém envolvera-se continuamente em dois pecados, derramamento de sangue e idolatria, pelos quais seria muitíssimo punida a ponto de tornar-se sinônimo de iniquidade para as nações pagãs. O derramamento de sangue é mencionado oito vezes no capítulo 22 e quatro vezes no capítulo 24.

22.6-16 Os crimes de que Judá era culpada são especificados em detalhes. Ela violara muitas exigências do Decálogo (Dez Mandamentos), alguns dos quais levaram, de fato, ao derramamento de sangue (vv. 7-9). Contudo, a menção constante ao derramamento de sangue, mas não à descrição real dos crimes resultantes nesse banho de sangue levou alguns estudiosos a raciocinar que a lógica dessa acusação está relacionada àquela usada por Jesus no Sermão do Monte (Mt 5.21-30), em que o ódio é caracterizado como assassinato, e a cobiça, como adultério. Os escândalos mencionados aqui (Ez 22.10-11) violam o Código de Santidade Levítico (Lv 18—20), de modo que parte do raciocínio para a linguagem de derramamento de sangue pode ser em razão de as manchas de sangue deixarem o indivíduo maculado, tornando-o ritualmente impuro. Isso pode ser sustentado pelo veredito: **Tu és uma terra que não está purificada** (v. 24).

22.17-31 A punição para o derramamento de sangue e o ganho injusto viria com o exílio iminente. Deus "dispersar[ia]" (NVI) e "espalhar[ia]" (v. 15) o povo, purgando, desse modo, a nação da perversidade. Foram especificamente acusados:

- os **sacerdotes** que desprezavam a Lei santa — e, em razão disso, o povo profanara Deus;
- os **príncipes** que, por **avareza**, buscavam o ganho injusto; e
- os **profetas** que **há no meio dela** que conspiraram para matar e roubar, levando o povo a desviar-se espiritualmente, extorquindo o povo, tratando mal o pobre e abusando dos imigrantes.

Toda a liderança da nação era culpada, e, portanto, ninguém era digno de atuar como mediador entre Deus e o povo (v. 30; cp. 14).

Há uma visão de "cartão postal" de Jerusalém intercalada entre duas denúncias da acusação, em que a cidade é retratada de modo apropriado e ominoso como um forno de fundição (22.17-22). Essa descrição é ladeada pelos versículos 15 e 24, considerando a necessidade de purgar e limpar. Para Deus, o povo todo se tornara como **escória** — isto é, a impureza que precisa ser queimada; não havia ninguém, evidentemente, que era como prata pura; por conseguinte, todo o seu povo precisava ser purgado na fornalha da cidade pelo **fogo do meu** [de Deus] **furor** (v. 21).

As duas esposas adúlteras de Iavé (23.1-49)

Esse capítulo é uma parábola longa sobre as cidades de Jerusalém e Samaria, as duas capitais da nação israelita (cp. 16, focando principalmente Jerusalém, porém incluindo comparações com as cidades-irmãs de Sodoma e Samaria; Jr 3.1-13). O nome delas identifica a sua natureza espiritual: **Oolá** (heb., "sua tenda") e **Oolibá** (heb., "minha tenda é a tenda dela") parecem nomes cananeus relacionados à esposa de Esaú, Oolibama (heb., "tenda do lugar alto", Gn 36.2,5), um nome sugestivo da idolatria de Canaã.

A similaridade dos nomes pode apenas indicar o relacionamento semelhante ao de irmãs entre essas cidades. Jerusalém e Samaria cometeram atos imorais que estimularam o Senhor a administrar uma disciplina severa. Samaria foi a primeira a ser disciplinada por meio do exílio assírio, em razão do que ela **foi afamada entre as mulheres** (Ez 23.10). Jerusalém, nesse ínterim, observou o que aconteceu e não aprendeu nada com isso; antes, ela superou a sua irmã em atos devassos de lascívia (v. 11). A narrativa trágica é um tanto direta, porém vários aspectos merecem alguns comentários.

23.1-10 As **duas [...] filhas de uma mesma mãe** cometeram prostituições desde a adolescência no Egito, onde perderam a virgindade (vv. 1-3). Essa história sexual assombrou-as ao longo da sua história política e religiosa (vv. 8,19-21,27; Sl 78). Deus casou-se com elas (**foram minhas**), e elas aumentaram a família ou nação (Ez 23.4). A imagem sexual descreve as alianças políticas com as nações estrangeiras pagãs, alianças estas que tiveram resultados espirituais desastrosos — a importação das práticas religiosas dessas nações, bem como o encorajamento para apoiarem-se na força dos tratados e guerreiros estrangeiros, em vez de no Senhor. Deus narrou o envolvimento de Samaria com os assírios, atitude que levou à queda da cidade quando eles voltaram-se contra ela (Israel tornou-se Estado vassalo durante os reinados de Jeú, Menaém e Oseias, pagando tributo aos assírios, 2Rs 15.19; 17.3) e, por fim, conquistou a sua população, levando-a ao cativeiro em 722 a.C. sob Salmaneser V (Ez 23.5-10; 2Rs 17.6-23).

23.11-30 Jerusalém não aprendeu nada com esse desastre e envolveu-se ainda mais com alianças estrangeiras, cuja idolatria concomitante foi implantada em meio à população. Ela fez tratados com a Assíria, Caldeia (Babilônia) e Egito. Todas essas nações (**com ajuntamento de povos**) iriam voltar-se contra Jerusalém e destruí-la (vv. 22-24). O tratamento que

ela receberia foi sancionado pelo Senhor, pois este permitiu que esses povos fossem agentes da sua ira (vv. 25-30). Incluído no julgamento de Deus sobre as duas mulheres e cidades estava o mesmo tipo de tratamento dispensado à adúltera no capítulo 16.

Ironicamente, aqui, assim como no capítulo 16, os primeiros três tratamentos são o reverso do que a adúltera fez voluntariamente por demonstrar ser sexualmente insaciável. A brutalidade física e a mutilação de uma adúltera pelo marido é atestada nas leis do Antigo Oriente Próximo. A menção sobre cortar fora o seu nariz (v. 25) era para torná-la feia e servir de exemplo para as outras. O homem, até mesmo nos códigos legais das nações, também é punido por participar do adultério, e, portanto, legalmente, o adultério era considerado um assunto em que as duas partes eram responsabilizadas por esse ato.

23.31-35 Essa porção, também denominada "Canção do Copo", é uma poesia violenta, talvez fundamentada em uma canção de bebida. É parecida, na sua substância, com o "copo de vinho do furor" (Jr 25.15-17,27-29). O copo estava cheio até a boca, e Oolibá iria bebê-lo até a borra, os sedimentos. Esse era o destino de Samaria, e uma vez que Jerusalém copiou as ações da sua irmã, o seu copo seria o mesmo (Ez 23.33). Jerusalém, no que parece ser uma extensão cruel do bater no peito no ritual de lamento, chegaria, no seu pesar, muito mais adiante que isso, rasgando os seios depois de roer os cacos do copo quebrado (v. 34). Esse sofrimento resultou do seu esquecimento do Senhor e de dar as costas a Ele (Jr 15.5,6).

23.36-49 As duas principais acusações contra Jerusalém são reiteradas aqui e estão, de fato, inter-relacionadas — o seu **adultério** (NVI) espiritual levou ao derramamento de sangue quando ela sacrificou os seus filhos aos **ídolos** (v. 37). Aparentemente, os residentes de Jerusalém viam pouca contradição entre a adoração de ídolos e Iavé (vv. 38,39; 2Rs 17.24-40, concernente ao povo de Samaria que adorava o Senhor, como também os seus deuses nativos; Jr 7.9-11). O Senhor também reclamou dos amantes de Oolibá. Embora fossem os agentes da sua ira e julgamento, não julgaram em justiça, mas eram eles mesmos imorais e não tinham escrúpulos quanto a ter relações sexuais com mulheres casadas. Agiam como a multidão comum, obscena e malcuidada (Ez 23.42-44). Esse tipo de indecência só poderia ser purgada da terra pela destruição dos seus perpetradores (vv. 45-49).

As comentaristas feministas, com relação a Ezequiel 16 e 23, demonstram preocupação de que a associação da sexualidade feminina com o pecado poderia ser usada para justificar a violência contra as mulheres, ou até mesmo o assassinato delas, particularmente como uma forma de o marido enraivecido lidar com a infidelidade no casamento.[4] As violentas parábolas-alegorias parecem ser oferecidas como admoestações contra o adultério exclusivamente da mulher, e não do homem (16.41; 23.48) e parecem ser passíveis de aplicação em uma pessoa, na esfera individual, e não coletiva, nacional, conforme pretendido no contexto original — isto é, em que as cidades personificadas nas mulheres são compreendidas como incluindo todos os seus habitantes, homens e mulheres.

No entanto, ler o texto bíblico como misógino ou como promovendo de alguma forma a violência contra as mulheres é errôneo. O contexto identifica claramente Deus como o falante nas duas narrativas (16.1-3,14,19,23,30,35,43; 23.1,28,32,34-36,46). Embora o Senhor adote a personificação de um marido lidando com a esposa adúltera, o gênero também é claramente metafórico com o propósito de ilustrar a natureza aterradora dos pecados de Israel, e não é, de forma alguma, um paradigma para tratar da infidelidade matrimonial (16.15-26,28-36; 23.3-21,31-45).

Além disso, esses textos enfatizam que os perpetradores da violência são aqueles com quem Israel fora promíscua; Deus alerta que Ele entregará as adúlteras aos seus "amantes" a quem elas escolheram buscar (16.27,37-41,56-59; 23.22-30,46-49). O Senhor, ao retirar a sua proteção e desencadear as consequências da retaliação pecaminosa contra a sua bondade, tinha a intenção não só de responder com raiva, como também de purgar o seu povo dos embaraços do coração deles e de restaurá-los (16.53-55,60-63; 23.27,48,49).

A panela fervente e a morte da esposa de Ezequiel (24.1-27)

24.1-14 O Senhor revelou a Ezequiel que o cerco de Jerusalém começara naquele mesmo dia, trazendo, portanto, o cumprimento das profecias de Ezequiel. O Senhor mais uma vez interpretou o evento para a **casa rebelde** de Israel por intermédio de uma "comparação", ou parábola (24.3-14), e "sinal" (24.15-27). A imagem da panela fervente é reminiscente do dito anterior e a sua interpretação divina (11.3,7-12). A **panela**

simbolizava a cidade de Jerusalém, e os **pedaços de carne, todos os bons pedaços** representavam os seus habitantes (24.4,5). A panela, no entanto, era defeituosa: estava coberta por **muita escuma**, resistente à limpeza (v. 12). A escuma parece simbolizar a impureza devido ao derramamento de sangue, uma vez que Jerusalém é novamente rotulada de **cidade sanguinária** (vv. 6,7,9).

Os equivalentes simbólicos, a partir das imagens usadas aqui, parecem ser aproximadamente como se segue: Jerusalém é a panela; os residentes, a sua contaminação por causa do pecado; o "cozinheiro" é o Senhor; e os gravetos que alimentam o fogo representam a sua ira, fúria e julgamento, o que aumenta a intensidade do fogo em um esforço de purgar a cidade (panela) da sua contaminação (escuma). A escuma é resistente e, portanto, são necessárias medidas mais drásticas para limpar o pote.

24.15-27 Ezequiel foi informado da morte iminente da sua esposa e recebeu a instrução para não realizar nenhum dos rituais de pesar como lamentar, chorar, gritar, gemer, usar roupas de saco e cinzas, andar descalço, cobrir a parte debaixo da face (**não te rebuçarás**) nem comer **o pão dos homens**, ou seja, a comida costumeira dos pranteadores (vv. 16,17). Enquanto em outras ocasiões Ezequiel realizou sinais abundantes com sentido para os exilados, nessa ocasião ele mesmo se tornou um sinal para eles por causa da sua ausência de luto e pranto (v. 24,27). A expressão **o desejo dos seus olhos** abrange tanto a esposa de Ezequiel (vv. 16,18) quanto o Templo (vv. 21,25), que não só era um objeto de orgulho nacional, como também de emoção poderosa, também descrita como **a saudade da sua alma** (vv. 20,25). Ezequiel, ao que parece, ficou mudo em algum momento, possivelmente logo depois do que entregou no capítulo 24 — do cerco à queda da cidade (33.21,22).

Os Oráculos contra as Nações (25.1—32.32)

Os Oráculos contra as Nações Circunvizinhas (25.1-17)

25.1-11 O capítulo 25 dá início a uma série de profecias contra as nações que se regozijaram com a queda de Judá. A primeira a receber uma advertência de condenação foi a nação mencionada como uma alternativa para Judá para a invasão da Babilônia (cap. 21) — Amom. A razão

afirmada para o julgamento era a alegria que os amonitas tiveram na derrota dos judeus pelo exército babilônio; eles **bate[ram] com as mãos, e patea[ram] com os pés** e alegraram-se com a **maldade** contra a terra de Israel (v. 6). É interessante observar que essas são as mesmas ações que Ezequiel foi ordenado a executar como um sinal do julgamento por vir. Os amonitas seriam destruídos como povo. Os moabitas também não escapariam (25.8-11). Os babilônios, quando tomaram Amom, também arrasaram Moabe, e o julgamento foi exatamente pelo mesmo motivo. Nabucodonosor destruiu Moabe em 582 a.C.

25.12-17 Edom também ficaria sob o julgamento de Deus. Os edomitas eram descendentes de Esaú, assim como os israelitas eram descendentes de Jacó. Os edomitas impediram os israelitas de atravessar a sua terra durante o êxodo do Egito (Nm 20.20,21); Deus, contudo, ordenou a Israel que tratasse Edom como um irmão (Dt 23.7,8). Esse relacionamento fez os pecados de Edom tornarem-se odiosos. No entanto, a morte de Edom também estava ligada às ações do seu povo, que, ao que parece, não demonstrou misericórdia para com os israelitas durante a invasão perpetrada pelos babilônios (Ez 25.12).

A mensagem de julgamento também foi proferida contra **os filisteus** que tiraram vantagem da situação de Judá (Ez 25.15,16). As ações deles podem ter sido motivadas pelo racismo (por causa da **perpétua inimizade**, v. 15), embora isso seja incerto, ou antigos preconceitos ou inclemências podem ter servido como um ímpeto para a agressão filisteia. Os filisteus, segundo achados arqueológicos, eram muitíssimo superiores aos israelitas na cultura material, e, ao que tudo indica, isso gerou uma atitude soberba por parte dos filisteus.

Os Oráculos contra Tiro (26.1—28.26)

Os capítulos 26—28 constituem uma descrição do julgamento de Deus contra Tiro, uma antiga cidade insular localizada no Líbano moderno. Junto, há uma profecia contra Sidom (28.20-26). Essas duas cidades juntas tornaram-se o epítome da descrença no Antigo Testamento. Jesus citou-as na condenação de Corazim e Betsaida, oferecendo uma comparação negativa da fé dos seus habitantes com a daqueles em Tiro e Sidom (Mt 11.21,22; Lc 10.13,14).

26.1-21 O poder impressionante e a vantagem numérica do exército invasor devastaram o povo de Tiro. É interessante observar que a cidade de Tiro não foi derrotada pelo exército babilônico, embora este executasse o julgamento de Deus. Nabucodonosor cercou a cidade por treze anos, mas não a destruiu. Na verdade, há muita discordância sobre o que aconteceu exatamente (veja os comentários sobre 29.17-21). Claramente, a destruição final da cidade, conforme descrita na profecia, ocorreu nas mãos de Alexandre, o Grande, cerca de 250 anos mais tarde. Ele construiu uma ponte para a fortificação na ilha a fim de cercá-la. Talvez essa seja a razão pela qual a profecia inclui referência às invasões sucessivas por **muitas nações** (26.3).

Ezequiel declarou que a cidade de Tiro jamais seria reconstruída (v. 14). Alguns intérpretes expressam preocupação com relação a esse detalhe, uma vez que há uma cidade no Líbano moderno com o mesmo nome. Outros estudiosos argumentam que a cidade libanesa moderna não foi construída no mesmo local da cidade antiga. Afirmações similares foram feitas, por exemplo, concernentes às habitações modernas construídas no local da antiga cidade de Jericó. Não obstante, Tiro, após a sua destruição, jamais voltou a ser a cidade imperial (fenícia) que um dia fora.

27.1-36 O capítulo 27, como uma descrição poética da queda da cidade, é visto algumas vezes como um cântico fúnebre pela cidade. **Tiro** era uma importante cidade costeira, mais rica que muitas das suas vizinhas por causa da importação florescente e dos negócios com a marinha mercante. Os habitantes de Tiro tinham acesso aos produtos mais sofisticados dos países do Antigo Oriente Próximo (vv. 5-7). Tiro era verdadeiramente uma cidade multiétnica cujo esplendor e beleza eram muito conhecidos (vv. 3,4,11). Tiro também tinha uma marinha poderosa que, junto com a riqueza da cidade, pode ter contribuído para a insolência dos habitantes a quem a profecia condenou (v. 3).

A imagem de um navio era particularmente apropriada para essa cidade marítima. Por fim, no entanto, até mesmo os navios mais bem construídos podem afundar, e a descrição da queda da cidade como um navio enfrentando problemas e naufragando até o fundo do mar ajusta-se bem à mensagem de Ezequiel (vv. 33,34). Todos os outros povos costeiros deveriam aprender com essa tragédia de Tiro (vv. 35,36). Bons relacionamentos econômicos, flancos seguros, dinheiro e poder não podem

garantir estabilidade e segurança. A mão do Senhor ficaria evidente na destruição da cidade.

28.1-10 O Senhor entregou a Ezequiel duas profecias concernentes **ao príncipe de Tiro**. A primeira (vv. 1-10) descreve a sua queda; a segunda (vv. 11-19) é geralmente interpretada como uma alegoria da queda de Satanás. O rei de Tiro caiu de uma posição de poder e beleza, o que deveria ser visto como o resultado da bênção de Deus, e morreu nas mãos de um invasor enviado por Deus. Satanás, da mesma forma, caiu da sua posição de anjo de Deus no conselho celestial e tornou-se inimigo de Deus e do seu povo. Por fim, o seu julgamento final incluirá a sua condenação ao Inferno.

A primeira mensagem concernente ao rei de Tiro enfatiza claramente a sua humanidade, contrastando a sua mortalidade com a sua reivindicação de ser divindade (vv. 2,9,10). Enquanto ele acreditava que tinha o **coração** de **um deus** (NVI), na realidade o seu coração era cheio de orgulho falso (vv. 2,5,6). Enquanto acreditava ser sábio, o seu orgulho, na realidade, enganara-o, fazendo-o acreditar que não poderia ser morto (vv. 3,4). **Daniel**, na época do ministério de Ezequiel, já tinha a reputação de ter uma sabedoria superior (v. 3). O versículo 3 parece ter um tom sarcástico, indicando que o rei de Tiro, embora pudesse ser sagaz nas suas decisões financeiras, *não* foi particularmente sábio com as suas crenças a respeito de si mesmo ou de Deus. Essa posição do rei como governante sobre um povo diverso e rico e sobre uma cidade bela e segura levaram-no a exaltar-se a ponto de considerar-se como tendo a posição de divindade. Ele, contudo, enfrentou a sua baixa posição quando a sua cidade foi, de fato, dominada e destruída, o seu povo ficou desolado e foi disperso, e a sua riqueza acabou confiscada por um inimigo impiedoso.

28.11-19 A segunda mensagem sobre o **rei de Tiro** assume a forma de um cântico fúnebre lamentando o seu movimento de uma posição eminente para um fim humilde. O lamento, embora inclua, sem dúvida, linguagem figurativa, tem ainda o propósito de referir-se ao desapontamento associado com a queda do homem; ele foi posto em uma posição de poder e influência por Deus, talvez para realizar alguma obra importante, só que o seu coração **elevou[-se]** e encheu-o de iniquidade (vv. 15,17). A cobiça aparentemente se tornou uma motivação, como a **violência** é associada com os seus negócios e **comércio**, como também com a sua morte (vv. 16,18). Muitos comentaristas, pelo fato de parte da imagem e a linguagem

usada não poder ser lida como se referindo literalmente a qualquer ser humano, consideram essa mensagem como uma alegoria para a queda de Satanás do Céu:

- Ele é chamado duas vezes de **aferidor da medida**, ou seja, modelo de perfeição (v. 12) e uma vez de **perfeito**
- Afirma-se que ele esteve no jardim do **Éden** (v. 13);
- Ele é chamado de **querubim ungido** que anda **no meio das pedras afogueadas** (vv. 14,16). Foi lançado do santo **monte de Deus** para a **terra** (vv. 16,17). É interessante observar que as palavras de Jesus concernentes à queda de Satanás estão ligadas à sua condenação de Corazim e Betsaida por terem menos fé que Tiro e Sidom (Lc 10.13-20). Embora o ponto imediato de Jesus tivesse a ver com o poder do exorcismo que Ele deu aos setenta, o componente de fé naqueles sucessos e o ensino da fé na seção anterior não podem ser ignorados.[5]

A Esposa de Ezequiel

Uma esposa deleitável

O histórico	• Desconhecido (24.15-27)
A história	• Ela morreu como um sinal para o povo de Deus do pesar e da perda que se abateriam sobre eles. • Ezequiel recebeu uma ordem para não lamentar externamente.
O caráter	• Ela, para o marido, era "o desejo dos [s]eus olhos".
A tragédia	• Ela morreu de modo repentino. • Ninguém lamentou a sua morte.

Se essa profecia refere-se à queda de Satanás, então é possível chegar a algumas conclusões interessantes com relação à posição e função de Satanás. Ele parece ter sido um anjo de posição alta que servia próximo de Deus — "no meio das pedras afogueadas" da glória de Deus (v. 14). Era belo, adornado com pedras preciosas e tinha um papel a cumprir no Éden (vv. 13,17). A sua **formosura** tornou-se o motivo da sua queda, porque se encheu de orgulho (vv. 12,17). A sua própria cobiça e desejo por poder consumiram-no (v. 18).

28.20-26 O julgamento derramado sobre **Sidom** por meio da invasão e doença pretendia revelar sem a menor sombra de dúvida o poder e a santidade de Deus (v. 22). Quando a cidade caiu, o povo soube que Iavé é

Deus (v. 23b). A destruição de todos os que perseguiram o povo do Senhor também visava chamar Israel de volta para Deus (v. 24). A promessa do Senhor para restaurar o seu povo encontrará cumprimento total no fim dos tempos. A referência à construção de **casas** e ao plantio de **vinhas** revela o julgamento e a graça divinos (v. 26). O povo claramente merecia a punição e a ira, como também as terríveis consequências associadas à infidelidade do povo para com o Senhor.

A promessa associada com a aliança mosaica era *condicional*. Se as pessoas fossem obedientes, a ocupação da Terra Prometida incluía as bênçãos de viver em casas que não construíram, beber água de cisternas que não cavaram e comer das vinhas que não plantaram (Dt 6.10-12). No entanto, na aliança com Abraão, as promessas da proteção divina eram *incondicionais* (Ez 28.26; Gn 12.3). Apesar de a audiência imediata de Ezequiel rejeitar a aliança mosaica ao seguir os ídolos e, por conseguinte, ser excluída das bênçãos da aliança, incorrendo até mesmo nas maldições da aliança, a nação não estava totalmente perdida por causa das promessas de Deus feitas a Abraão. Havia, portanto, esperança por causa da promessa de retorno (Jr 32.40-44), mas havia também um lembrete da exclusão dessas pessoas da aliança mosaica.

Os Oráculos contra o Egito (29.1—32.32)

O capítulo 29 começa com uma seção extensa que abrange quatro capítulos, sendo composta de uma série de profecias contra o Egito. É interessante observar que a primeira profecia contra o Egito pré-data as profecias contra Tiro em, pelo menos, dois meses (29.1 e 26.1). Todavia, Ezequiel, imediatamente após essa mensagem do **décimo mês** (29.1), reconta a profecia contra o Egito, recebida no **ano vinte e sete** (29.17). Depois disso, uma mensagem do **ano undécimo** é apresentada (30.20). O leitor, por conseguinte, tem de ser cuidadoso e precaver-se para não considerar que uma mensagem acontece cronologicamente após a outra. Antes, elas estão organizadas por tema.

29.1-12 A primeira profecia contra o Egito oferece uma explicação teológica para a invasão eminente pelos babilônios. A afirmação do Faraó de ser o proprietário do rio Nilo (vv. 3,9) era mais que apenas uma declaração territorial; era o pronunciamento da sua crença na sua própria posição elevada como um deus. A afirmação de propriedade do rio Nilo

estava ligada à declaração de que o Faraó *o criara*. Essa insolência, acoplada à inconfiabilidade dos egípcios como aliados dos israelitas (vv. 7,16), levara à destruição do Egito (Jr 46.7,8). A linguagem usada para descrever a invasão babilônia, como aquela usada para a invasão de Tiro, é particularmente apropriada ao povo e à cultura.

O Faraó e o povo são descritos como criaturas do rio Nilo (crocodilo e peixe, respectivamente). Enquanto alguns comentaristas observaram uma conexão aqui entre a menção de um crocodilo e o deus egípcio, Sebek, retratado como tendo um corpo de um homem e a cabeça de um crocodilo, o texto não apoia essa visão. Contudo, a profecia inclui uma imagem particularmente desmoralizante para a morte do Faraó no fato de sugerir que ele não receberia um sepultamento apropriado (Ez 29.5). Era um insulto gravíssimo para a posição de um Faraó o seu corpo ficar exposto. Os egípcios seriam derrotados, e muitos deles acabariam por ser deportados (Jr 46.13-26a).

29.13-16 Enquanto a condenação do Egito era certa e devastadora, não seria total nem final. O Senhor ofereceu uma mensagem de esperança e restauração aos egípcios. O Senhor, após **quarenta anos**, permitiria que os exilados retornassem à terra (v. 13; Jr 46.26b). No entanto, o Egito jamais voltaria a desfrutar da posição de um dos principais poderes no Antigo Oriente Próximo (Ez 29.14,15). Esse destino tinha um propósito duplo. O primeiro fazia parte do julgamento de Deus sobre o Egito. O segundo protegia a integridade de Israel (v. 16).

29.17-21 A segunda profecia contra o Egito é datada de dezessete anos mais tarde e oferece uma explicação de bastidor para a queda do Egito diante da Babilônia. Surpreendentemente, Deus disse a Ezequiel que Nabucodonosor receberia o Egito como um tipo de compensação pelos trabalhos do seu exército contra Tiro porque ele não tomou a cidade nem saqueou as suas riquezas (v. 18). Todavia, na guerra contra Tiro, Nabucodonosor foi um instrumento da ira de Deus (v. 20). Conforme observado acima, embora Nabucodonosor não tenha, de fato, destruído Tiro como profetizado em Ezequiel 26, isso não deveria ser visto como um erro por parte de Ezequiel; pois, ao que parece, a falha de Nabucodonosor para ganhar os espólios da guerra com Tiro pode tê-lo motivado a invadir o Egito, que, segundo muitos estudiosos acreditam, ajudou Tiro na sua defesa.

A vontade de Deus para o julgamento do Egito, por conseguinte, pode ter incluído a retirada das forças babilônicas do cerco em Tiro. Talvez Nabucodonosor tivesse a força ou os fundos para engajar-se em uma campanha contra o Egito caso ele tivesse continuado em Tiro. Além disso, muitos estudiosos evangélicos acreditam que Nabucodonosor derrotou, de fato, Tiro, mas que as riquezas da cidade já haviam sido contrabandeadas para o Egito. Outros, fundamentados na falta de evidência arqueológica, rejeitam essa interpretação.

30.1-19 O capítulo 30 oferece uma descrição da derrota dos exércitos egípcios pelas forças de Nabucodonosor. Não fica claro se 30.1-9 pertence à seção anterior ou se é uma unidade literária separada. O versículo 20 começa claramente uma nova seção com a característica de Ezequiel de datar a sua visão ou palavra de Deus. O versículo 1, no entanto, também parece pertencer a uma nova ideia pelo uso da expressão: **E veio a mim a palavra do SENHOR**, e pelo conteúdo da mensagem que vem a seguir; não há menção da derrota do Egito como uma compensação para a despesa de Nabucodonosor em Tiro. Os versículos 1-19, por conseguinte, devem ser vistos mais provavelmente como uma profecia separada de 29.17-21 em que Ezequiel deixa claro que as grandes cidades do Egito — Mênfis, Tebas, Patros, Pelúsio, entre outras — cairiam diante do exército babilônio (vv. 13-18). Algumas pessoas seriam queimadas; outras, deportadas; e muitas morreriam. Os exércitos mercenários empregados pelo Faraó — incluindo aqueles de Cuxe (Etiópia), Pute, Lude e Líbia — falharam na defesa da fronteira do Egito (vv. 4-6), e todo o norte da África temia o Império Babilônico. Todos esses eventos demonstrariam que o Senhor é o verdadeiro Deus.

30.20-26 Essa passagem contém uma metáfora particularmente violenta para a derrota do Egito pelos babilônios. Os dois governantes, o faraó Hofra e o rei Nabucodonosor, representando as suas duas nações, são retratados em um combate um a um. O Senhor descreve a derrota do faraó com uma imagem concreta de quebrar os dois braços dele para que jamais voltasse a brandir uma espada ou a carregar um escudo para proteger-se (v. 22).

Ele, com dois braços quebrados, ficaria praticamente tão indefeso quanto um bebê, completamente exposto e à mercê do seu adversário. O povo egípcio seria deportado da mesma forma como os judeus (vv. 23,26).

31.1-18 A mensagem do capítulo 31, apresentada dois meses após a mensagem anterior, compara o Egito à Assíria. As profecias contra o Egito aparentemente não produziram qualquer resposta de humildade ou arrependimento por parte do Faraó. A imagem de um cedro libanês é usada para descrever a beleza, a força e o poder da Assíria (v. 3). A Assíria era a nação mais poderosa do século VIII a.C., suplantando os impérios da Antiguidade — até mesmo o antigo Egito — em força e esplendor (vv. 8,9). A linguagem familiar da **sombra** da árvore servindo de abrigo e da proteção dos seus **ramos** (v. 6) sugere o potencial da Assíria como nação abençoada. Contudo, apesar do seu potencial, ela tornou-se orgulhosa e, portanto, tornou-se sujeita ao julgamento divino (vv. 10-12).

Há, nessa estrutura poética, um argumento lógico e bem direto que, conforme solicitado, o Faraó deveria considerar: se a Assíria, apesar de ser mais poderosa que o Egito, caiu diante dos babilônios, como o Egito poderia esperar resistir a um ataque por Nabucodonosor (vv. 13-18)? O Faraó parecia acreditar que a sua posse do rio Nilo comprovaria ser uma vantagem decisiva (veja 29.3,9), mas as **águas** das quais a Assíria tinha posse (i.e., os rios Tigre e Eufrates) comprovaram não representar nenhuma vantagem. O Egito cairia assim como a Assíria caíra (31.18).

32.1-16 Veio [...] a palavra do SENHOR a Ezequiel quase dois anos mais tarde, palavra esta concernente à queda do Egito, mais uma vez comparado a um crocodilo capturado, trazido para fora do rio Nilo, posto na terra, morto e deixado ali para os animais comerem (vv. 2-6; cp. 29.4,5). A quantidade de sangue — suficiente para encher as montanhas — indica que a morte de um homem (e.g., o Faraó) não era tudo o que estava em vista, mas, antes, todo o Egito (32.6).

A imagem das **trevas** sobre a terra tinha vários corolários no Antigo Testamento (vv. 7,8). O primeiro e o mais óbvio é que as trevas são quase sempre associadas com negatividade, independentemente de qual seja ela — pecado, maldade, julgamento, maldição ou destruição. O segundo é que as trevas que vêm sobre a terra devido a acontecimentos cataclísmicos nos céus são geralmente associadas com a vinda do "Dia do SENHOR" (Jl 2.2,10). O terceiro e mais relevante para o Egito é que as trevas que envolvem a terra foram a nona praga diante da recusa do Faraó de deixar os israelitas adorar o Senhor no deserto (Êx 10.20-27), a última praga antes da morte de todos os primogênitos. Qualquer uma dessas possibilidades ou todas as três podem estar em vista, mas o Egito claramente cairia diante da

Babilônia, e todas as outras nações da região temeriam o poder de Nabucodonosor.

32.17-32 Os versículos 17-32 constituem uma poesia ou lamento sobre a descida do Faraó e os seus guerreiros para o reino dos mortos, o **Sheol** (TB). A imagem é de um cemitério dividido em lotes. Os egípcios ficariam entre os **incircuncisos**, embora pratiquem o ritual da circuncisão (vv. 19-21,32). A referência a deitar-se **com os incircuncisos** tinha provavelmente a intenção de comunicar a igualdade de todas as pessoas na morte — isto é, todos, independentemente da sua estatura ou posição, acabariam no mesmo lugar. Várias nações e reinos que já foram poderosos também se deitariam no pó (vv. 22-30). Os assírios estavam incluídos entre os que seriam derrotados pelos babilônios em 612 a.C., como também os edomitas que praticavam a circuncisão (vv. 22,23,29).

As múltiplas referências ao terror instilado anteriormente por essas nações salientam que a morte envolve até mesmo o mais poderoso dos guerreiros e nações (vv. 25b,26b,27d,30b; cp. o **poder** de Edom, v. 29). Os soldados de **Meseque e Tubal** não têm permissão para **jaze[r]** como os soldados incircuncisos de renome, enterrados com toda honra militar e com as suas **espadas debaixo da sua cabeça** (v. 27). O Faraó e o Egito, apesar da sua força, eram apenas uma nação entre muitas delas que falsamente se acreditavam invencíveis (v. 32).

A Restauração de Israel (33.1—39.29)

A Vocação de Ezequiel (33.1-33)

A narrativa do capítulo 33 começa onde o capítulo 24 termina — antes dos oráculos contra as nações. É apresentada parenteticamente por duas vocações de Ezequiel: o pregador como atalaia (vigia) e o pregador como animador do povo. A primeira vocação foi dada por Deus, enquanto a segunda foi um papel que desempenhou de modo involuntário e no qual as pessoas puseram-no.

Ezequiel como o atalaia (33.1-20)

33.1-6 Ezequiel mais uma vez oferece uma descrição da tarefa do atalaia — se ele vir uma **espada** (i.e., um exército invasor) vindo, deveria tocar a

trombeta para alertar o povo (vv. 2,3). Aqueles que ignorarem o alerta (**o som da trombeta**) e morrerem estão em falta e são responsáveis pela sua própria morte. Se o atalaia falhar em alertar, então ele é responsabilizado (vv. 4-6; cp. 3). O uso da repetição, que é comum nos profetas, pode servir como parênteses em torno do material incluído entre os capítulos 3 e 33. Também pode ser usado para apresentar uma nova fase do ministério de Ezequiel. A primeira tarefa do atalaia começa no ministério de Ezequiel de transmitir mensagens de julgamento, e a segunda tarefa começa com o seu ministério de transmissão de mensagens de esperança.

33.7-20 Ezequiel era um **atalaia** espiritual para a casa de Israel. Ele foi obrigado a alertar os perversos do seu destino caso não se arrependessem e se voltassem para o Senhor (vv. 7-9). Claramente, o **ímpio** refere-se a Israel, e o "som da trombeta" (v. 5) simboliza os oráculos proféticos de Ezequiel. A passagem paralela (3.16-21) não tem um equivalente para 33.10,11, em que o Senhor encoraja o povo a escolher o arrependimento e a vida, em vez de continuar no pecado que leva à morte. Essa passagem fala ao amor, à paciência e à graça demonstrados aos pecadores por Deus. Ele não tem prazer nessas mortes, isto é, as consequências naturais do pecado deles. Antes, o Senhor envia profetas para alertar os pecadores do seu destino e chama-os ao arrependimento e à vida.

Outra passagem paralela pode ser encontrada em 18.11-32, cujo foco é assumir a responsabilidade pessoal pelo pecado. O Senhor oferece esperança para o perverso que se corrige dos seus caminhos (33.12b,14-16), como também alerta os justos para evitar confiar nas suas ações justas do passado para contrabalançar com as suas transgressões. Confiar nas boas ações do passado não pode ser usado como uma desculpa para ter um estilo de vida pecaminoso (Gn 2.17; Rm 6.23). Apesar dos graciosos alertas de Deus e da sua paciência com o povo, eles acusaram o Senhor de injustiça (Ez 33.17-20; 18.25-29).

A queda de Jerusalém e a rebelião persistente de Israel (33.21-33)

33.21-29 A queda da cidade é relatada a Ezequiel que estivera mudo, possivelmente desde a morte da sua esposa (aproximadamente dois anos). Quando a realidade simbolizada pelo ato-sinal aconteceu, a sua língua soltou-se. Essa seção parece ser dirigida em parte para aqueles que

sobreviveram à destruição de Jerusalém e em parte para os exilados entre os quais Ezequiel exerceu o seu ministério. A restauração da **terra** é um construto teológico fundamentado na promessa da aliança feita a Abraão e os seus descendentes pelo Senhor (Gn 12.1-3).

Alguns que sobreviveram à queda de Jerusalém parecem ter sido dispersos, enquanto outros permaneceram ali, vivendo **em lugares desertos**; outros no **campo**, e outros ainda **em lugares fortes e em cavernas** (Ez 33.27). Jeremias 41.5 atesta do fato de que os peregrinos ainda vinham para trazer ofertas para o Templo, apesar de estar em ruínas, significando que as ruínas em si ainda eram adoradas. Fundamentado em Isaías 51.2 — "Olhai para Abraão, vosso pai [...]; porque, sendo ele só, eu o chamei, e o abençoei, e o multipliquei" — o povo compreendeu que a promessa de Deus de dar a terra de Canaã a Abraão aplicava-se a ele e aos seus descendentes.

Talvez essas pessoas olhassem com desprezo para os que foram mortos ou deportados, acreditando serem os mais justos e os verdadeiros recipientes da terra. Ao manifestar a sua atitude, demonstraram que ainda estavam cegos na sua pecaminosidade (Ez 33.25,26). A resposta do Senhor indica que eles não foram poupados pela sua justiça. Antes, o destino deles ainda estava por vir e seria mortal — pela **espada**, por uma **fera** e pela **pestilência** —, e não triunfante. Não havia nenhum alívio em vista para o perverso, o remanescente pecador, apenas o desastre eminente. Essas afirmações de justiça e direito às bênçãos da aliança fundamentado na descendência física de Abraão são ecoadas em meio à audiência de João Batista. Alguns que vieram ouvi-lo pregar sobre o arrependimento acreditavam que estavam isentos da "ira que está para vir", confiando no fato de que tinham "Abraão por pai" (Lc 3.7,8).

33.30-33 Ezequiel era pregador, atalaia do Senhor, cuja comissão era alertar Israel do pecado e estimulá-los ao verdadeiro arrependimento. Deus obrigou Ezequiel a realizar atos-sinais a fim de transmitir a sua mensagem visualmente. Embora a mensagem dissesse respeito a uma situação de vida ou morte (conforme indicado pelas passagens do atalaia), os ouvintes consideravam o ministério de Ezequiel como um entretenimento. Seus atos-sinais e visões fantásticas levaram o povo a falar sobre ele e a convidar uns aos outros para ouvir os pronunciamentos desse homem desconcertante. O versículo 32, em uma descrição bela e alegre da habilidade do orador, descreve as habilidades retóricas de Ezequiel. Esse profeta sabia que as

pessoas gostavam de ouvi-lo, mas não obedeciam a nada do que ele dizia-lhes. Tragicamente, quando o levassem a sério como **profeta**, já seria tarde demais (v. 33).

O Bom Pastor (34.1-31)

Esse capítulo acusa os líderes do povo de Deus, especificamente os reis cuja unção simbólica fazia parte do ritual de coroação. No entanto, um pastor não poderia referir-se a ninguém em uma posição de liderança, isto é, a outros líderes. A referência a reis é preferível, no entanto, uma vez que o Senhor é Rei e Pastor e prometeu ungir outro rei para pastorear o seu povo. Essa profecia foi dada depois da queda da cidade e poderia referir-se à liderança presente (Gedalias e outros mais abusivos, e.g., Ismael; Jr 41). Deus, depois de repreender os líderes, também julgou o rebanho, uma vez que as ovelhas não eram inocentes. A dispersão do rebanho pode ser uma referência literal ao exílio ou uma referência figurativa/espiritual à idolatria.

34.1-6 Os reis da nação falharam em cumprir o seu papel de cuidar do rebanho de Deus. Eles, ao invés de atuar como mordomos e cuidadores da possessão de Deus, abusaram do rebanho e privaram-no dos elementos mais magníficos. Foram negligentes nas suas tarefas como cuidadores e nutridores daqueles confiados a eles, tratando-os não com compaixão, mas com crueldade. Por conseguinte, as ovelhas **espalharam[-se]** e desviaram-se, tornando-se vulneráveis aos predadores, uma situação com a qual os pastores não se preocupavam e não tinham pressa em buscar os perdidos ou ausentes.

34.7-16 O Senhor — o verdadeiro Pastor — destituiria os pastores e **livrar[ia]** suas **ovelhas**. Os pastores não só negligenciaram o rebanho, mas também alimentaram **a si mesmos e não apascenta[ram]** as suas **ovelhas.** Deus provê um modelo para um pastor como aquele que busca os perdidos, alimenta os feridos e os fracos, resgata os dispersos e os protege dos danos, e garante pastos abundantes para todos (vv. 13-16). **Justiça** é a marca de sua liderança (v. 16).

34.17-24 A injustiça estava sendo perpetrada até mesmo nas fileiras do rebanho pelos membros mais fortes e maiores que oprimiam os membros mais fracos. Eles empurravam, e atropelavam, e intimidavam as outras ovelhas, pegando o melhor da pastagem e servindo-se da água límpida e deixando os restos para os membros mais fracos. Essas ovelhas fortes

(administradores e oficiais) também seriam julgados, removidos e, por fim, substituídos pelo pastor digno, o Messias. O pastor-rei ideal é modelado por **Davi**, quem compôs o Salmo 23, em que ele identifica Iavé como o seu pastor (vv. 23,24; 1Sm 17.34-37). O Senhor, por intermédio de Ezequiel, prometeu **levanta[r]** um descendente de Davi para pastorear o seu rebanho (Ez 34.23,24; 9.35,36). Jesus, como o pastor prometido (Mt 2.6; Jo 10.11-14), sacrificou a sua própria vida pelas suas ovelhas (Mc 14.27,28; Jo 10.11,17,18), de forma distinta dos reis de Israel exploradores, injustos e cobiçosos da época de Ezequiel.

34.25-31 *O Senhor prometeu tornar possível para o seu povo* ***HABITA[R] SEGURAMENTE*** *(heb.* ***betach****, "sem temor ou perigo, com segurança", vv. 25,27,28; 28.26; Jr 32.37; 39.26; Zc 14.11), uma frase usada na Torá para descrever as recompensas da obediência — tanto, em geral, na ocupação da Terra Prometida pelo povo (Lv 26.3-5; Dt 12.10) quanto, em particular, no Ano do Jubileu (Lv 25.18,19). Em Salmos 4.8, Davi usou essa palavra e a ideia paralela de ser capaz de "dormi[r]" (heb.* ***yashan****) a fim de expressar a sua segurança de que só Iavé é a fonte de paz e segurança (Sl 3.5).*

Porque Iavé inicia e efetua a restauração do relacionamento com o seu povo, eles e a terra — em particular o **outeiro** do Senhor, talvez se referindo ao monte Sião ou Jerusalém — receberiam a "bênção" dele e seriam uma "bênção" para as nações circunvizinhas (Ez 34.26,29,30). Incidentalmente, essa é a única ocorrência dessa frase na Bíblia, frase esta associada com um hino amado: "Chuvas de bênçãos". O Senhor, para prover tal segurança abrangente — do **deserto** estéril para os **bosques** com muita vegetação —, prometeu, sob o seu senhorio e reinado do seu **servo Davi**, fazer **um concerto de paz** com eles (vv. 22-25; 37.26). A ira divina cessaria, e o Senhor restauraria a integridade e harmonia entre ele e o povo e a terra (34.25; Nm 25.12,13; Is 54.10).

O Senhor também afirmou que **a besta-fera da terra nunca mais as comerá** [as suas ovelhas] (Ez 34.25,28; 14.15; Is 35.9).

Julgamento e Restauração dos Montes (35.1—36.15)

Julgamento contra o monte Seir de Edom (35.1-15)

35.1-15 Grande parte do capítulo 35 é apresentado como uma profecia contra **o monte Seir**, o principal local de habitação dos edomitas (vv. 2,3; Gn 36.9; 2Cr 25.14). Deus anunciou que julgaria os edomitas pelo seu tratamento dos israelitas (Ez 35.10-15; Sl 137.7). Os edomitas ajudaram os exércitos invasores contra os israelitas, matando até mesmo alguns guerreiros israelitas enquanto fugiam (Ez 35.5).

A **assolação** de Edom demonstra a verdade e a santidade do Senhor a **toda a terra** (vv. 14,15).

A restauração dos montes de Israel (36.1-15)

36.1-15 As referências aos montes de Edom e a Israel servem como símbolos dessas nações e retratam o futuro de ambas. Ezequiel recebe a ordem para **profetiza[r]** para os montes de **Israel**, oferecendo uma promessa a essa nação e a restauração da terra (vv. 1,8,10). Esses montes não seriam mais mencionados como devoradores de crianças, mas, antes, seriam lugares onde o povo pode colher frutos e encontrar descanso (vv. 8-15). Os montes não mais ouviriam a reprovação e os insultos das nações porque Deus iria protegê-los (v. 15). Edom seria julgada, e Israel encontraria perdão e restauração.

A Restauração do Povo (36.16—37.28)

A limpeza e a purificação (36.16-38)

36.16-38 O Senhor repetiu o que Israel fizera para incorrer na sua ira e julgamento (vv. 16-19). Ele também esclareceu a motivação para as suas ações. O povo, até mesmo no exílio, chamava pelo seu nome, só que eles **profanaram** o nome santo **entre as nações** (vv. 20-23). Deus, por conseguinte, prometeu **purifica[r]** Israel dos pecados (vv. 25,33). Deus, em relação à esposa alegórica no capítulo 16, faria expiação pelos pecados do povo para que as bênçãos da aliança fossem efetuadas. O Senhor, ao retornar o seu povo devidamente punido à terra e torná-los mais uma vez prósperos, demonstrou a sua santidade "entre as nações". Deus não suportaria a profanação da sua terra e a violação da sua aliança; ele não titubeou em punir o seu povo, pois a sua santidade exige justiça, um testemunho para as nações (v. 23).

O Senhor prometeu restaurar o seu povo à terra para purificá-lo da idolatria e para dar-lhe **um espírito novo** (vv. 24-26). Ele poria, de fato, **dentro** deles o seu **espírito** a fim de trazer a obediência duradoura (v. 27). Assim, o Senhor capacitaria o seu povo a guardar as suas ordens e a servi-lo com fidelidade. O povo, diante do derramamento da graça de Deus, **lembrar[-se-ia]** e teria **nojo** de si mesmo por tudo o que fizera para merecer a punição e destruição, em vez da restauração e bênção (vv. 29-31; 20.43). Ficar **envergonha[do]** e **humilh[ar]-se** (NVI) é uma resposta apropriada (v. 32).

A purificação do povo por Deus tem ramificações imediatas para as **cidades** (vv. 33,35,38), a **terra** (vv. 34,35) e a sua reputação entre **as nações** (vv. 36,38). O Senhor, ao julgar e purificar, em vez de meramente destruir o seu povo, agiu de acordo com a sua palavra (v. 36; Lv 26.40-45). Apenas o único Deus verdadeiro (Iavé) poderia fazer com que a desolação ficasse com a beleza similar à do jardim do Éden. Apenas ele reconstruiria, e replantaria, e **multiplicar[ia]**, revertendo o vazio e a destruição resultantes da desobediência do seu povo (Ez 36.36-38). O Espírito de Deus dá nova vida à terra e nova vida ao **rebanho de Jerusalém** (v. 38).

A visão do vale de ossos secos (37.1-14)

37.1-14 A Escritura não especifica uma localização geográfica em particular para o **vale** (heb. ***biq'ah***, "planície"; 3.22; 8.4), para o qual **a mão do SENHOR** levou Ezequiel (v. 1). É apenas descrito como uma cena de uma batalha na qual inúmeros israelitas morreram, e os corpos insepultos deles — os que foram **mortos** (v. 9). O fato de que o restante dos esqueletos estavam muito **secos** salienta a ausência de vida da audiência para a qual Ezequiel foi ordenado a **profetiza[r]** (v. 4). Ele exemplifica a fé na sua resposta à pergunta do Senhor (v. 3) e na sua obediência para entregar a mensagem de Deus aos mortos, aos ossos secos (v. 7). No entanto, até mesmo quando os ossos são reunidos e o corpo físico é completamente restaurado, eles continuaram sem vida, sem **espírito** (v. 8). Portanto, Ezequiel foi ordenado a profetizar ao **espírito** para que viesse neles e, assim, desse vida a esse **exército grande em extremo** (vv. 9,10).

O Senhor interpretou essa visão para Ezequiel, dirigindo-se a ele como o fez ao longo de todo o livro: **Filho do homem** (v. 11). Os ossos, em vez de

um "exército" militar, representam a total ausência de vida de **toda a casa de Israel**, e esta reconheceu (v. 11):

- **Os nossos ossos se secaram** — isto é, "Estamos sem vida ou não servimos para nada".
- **Pereceu nossa esperança** (heb. ***'avad***, "falhar, estar perdido, resultar em nada"; 12.22; Pv 10.28; 11.7).
- **Nós estamos cortados** (heb. ***gazar***, "ser levado embora, morrer; ser excluído ou separado de"; 2Cr 26.21; Sl 88.6; Is 53.8; Lm 3.54).

Todas essas três afirmações são apresentadas como declarações finais, como se nenhum remédio fosse possível. Na realidade, a morte é final — ninguém, exceto Deus, pode fazer os mortos viverem.

O Senhor encoraja o seu povo afirmando que fará o impossível. Ele ressuscitará o seu povo dentre os mortos ao infundir o seu Espírito neles. Essa obra prenuncia a obra do Espírito Santo no Novo Testamento, ou seja, regenerar os cristãos e depois habitar no íntimo deles para revesti-los de poder para caminhar em novidade de vida depois de morrer para a velha vida de pecado. Os cristãos só são capazes de levar uma vida de obediência e santidade que agrade a Deus por meio do Espírito que habita no íntimo deles. Essa promessa do dom do Espírito habitando no íntimo dos que temem a Deus é algo bastante novo para os ouvintes de Ezequiel, pois o papel comum do Espírito de Deus era externo (reis, profetas, etc.). O Espírito era derramado *sobre* as pessoas, em vez de habitar *dentro* delas.

A reunificação de Israel (37.15-28)

37.15-28 O Senhor promete ainda uma reunificação com o reino de Israel, dividido desde a época do sucessor de Salomão (v. 22). Foi simbolizado por duas varas (Efraim e Judá) tornando-se uma. A **uma só vara** pode referir-se ao cajado do pastor, pois aquele que lideraria a reunificação da nação seria um **pastor**, a saber, **meu servo Davi**, uma referência messiânica. Um novo **concerto** substituiria a aliança mosaica, violada de forma grosseira repetidas vezes pelo povo, e Deus prometeu habitar com o seu povo uma vez mais enquanto restabelecia o Templo na terra (v. 26). Por

fim, Israel ficaria limpa, santificada, e a obra seria totalmente, do começo ao fim, um feito do Senhor (vv. 27,28; Ap 21.3).

A Profecia contra Gogue e Magogue (38.1—39.29)

38.1-13 Ezequiel recebe a ordem para profetizar contra o rei **Gogue** de **Meseque** e **Tubal**, duas cidades mencionadas anteriormente em Ezequiel como parceiros de comércio de Tiro e cujos guerreiros não receberiam um sepultamento apropriado por causa das atrocidades contra os judeus (vv. 2,3; 27.13; 32.26). Ele proclama a derrota dos exércitos que Gogue comanda, incluindo os seus aliados da Pérsia (Irã) e Norte da África. Eles seriam escravizados (38.4).

A **terra de Magogue**, de onde **Gogue** é oriundo, é descrita como sendo do norte (vv. 6,15), e Ezequiel observa que ela atacaria o povo vivendo em paz nos **montes de Israel** (v. 8). A imagem aqui é de um vasto exército descendo sobre os israelitas *depois* da restauração profetizada anteriormente (e.g., 36.16—37.28). O povo de Israel teria tal sensação de segurança que as suas cidades não teriam os mecanismos usuais de defesa (portas, barras, muros), mas, antes, confiariam no Senhor (38.11; 39.29). A cobiça parece ser a motivação principal para a invasão, com a expectativa de vitória fácil (38.12,13).

38.14-23 Contudo, o Senhor lutaria a batalha de Israel, derrotando os exércitos invasores por meios sobrenaturais e naturais. Muitos dos invasores seriam mortos por eventos cataclísmicos que o Senhor faria acontecer — um **grande tremor sobre a terra**, uma **chuva inundante, e grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre** (vv. 19,22). Essa destruição revelaria o Senhor para **muitas nações** (v. 23). Muitos também morreriam por intermédio dos esforços de um exército opositor, das doenças e até mesmo da insurreição na unidade (vv. 21,22a).

39.1-20 A derrota desse exército liderado por Gogue seria tão devastadora que os israelitas precisariam de **sete meses** para enterrar os soldados inimigos (v. 12) e significaria o fim do conflito na terra de Israel. Os israelitas queimariam os implementos de guerra pertencentes a esses soldados inimigos, aquecendo as suas casas por **sete anos** (v. 9). Alguns comentaristas argumentam que essas durações são figurativas, e esse poderia ser o caso; sete é um número que significa tipicamente completude, mas também é possível que a extensão de tempo esteja ali para ser levada

de forma mais ou menos literal — cerca de sete meses para enterrar e cerca de sete anos queimando os pertences dos soldados. Não há o menor indício no texto de que Ezequiel não queria que os termos fossem considerados dessa forma. A *quantia* de tempo alocada para cada atividade, apesar da extensão específica de tempo, aponta para o enorme tamanho do exército invasor.

A identidade de Gogue e Magogue é indefinível. As referências ao "fim dos anos" (38.8) e ao **dia** sobre o qual o Senhor tem **falado** (39.8) levou muitos comentaristas a ver esses eventos como ainda futuro (i.e., o derradeiro Dia do Senhor). João refere-se brevemente a "Gogue e Magogue" no livro de Apocalipse, em que a destruição do exército de Magogue acontece depois do reino milenial de Cristo; o líder desse exército é o próprio Diabo (Ap 20.7-10). Contudo, é problemático interpretar esses lugares apenas no período de tempo do fim derradeiro. Por exemplo, em Apocalipse, o Dia do Senhor acontece *antes* desse levante; na realidade, é o julgamento de Deus que é derramado nos juízos da taça, do selo e da trombeta, todos os quais acontecem antes do Milênio.

Portanto, enquanto há similaridades entre o relato de Ezequiel sobre a destruição desse exército e a descrição de João do último posto de Satanás, eles não devem ser identificados *como os mesmos eventos*. Antes, o relacionamento tipo/antítipo é mais provável, isto é, a destruição do exército de Gogue, profetizado por Ezequiel, prefigura a derrota final de Satanás e as suas forças.

Segundo, o conceito de purificação é certamente importante para a mensagem de Ezequiel e tem sentido duplo aqui. Por um lado, refere-se à remoção das carcaças do exército invasor. O corpo dos mortos, segundo a Lei Mosaica e as regras de santidade levíticas, era uma fonte de impureza cerimonial; portanto, deixar o corpo de um morto exposto era uma abominação (Lv 17.15; 21.11; Nm 5.2; 6.6; 9.7-10). Além disso, os corpos em decomposição espalhados por toda a terra produziriam um odor pútrido e fomentariam as doenças; portanto, a remoção deles seria descrita como uma purificação da terra.

Esse conceito de purificação parece ter um sentido mais sútil, comensurável com toda a mensagem de Ezequiel. Grande parte do livro trata da falha dos israelitas de viver de acordo com as exigências da aliança mosaica. Ezequiel, no julgamento contra as nações, incluiu a esperança de restauração para alguns e de destruição para outros. O Egito, por exemplo,

recebe a promessa de restauração, enquanto Meseque e Tubal não (Ez 32.26,27). Essas promessas de restauração e a ausência delas parecem estar ligadas às identidades dos povos. Os israelitas, antes de entrarem na Terra Prometida, receberam a ordem para destruir completamente todos os povos habitando ali, mas falharam em fazer isso (Dt 20.17; Js 13.13; 15.63; 16.10; 17.12,13). Antes, em muitos casos, eles fizeram tratados com as multidões locais ou as escravizaram. Essa falha levou os israelitas a ter problemas relevantes, incluindo o deslize para a idolatria, exatamente como Moisés previra (Dt 31.14-29). Por conseguinte, a falha por parte de Israel em purificar a terra do povo idólatra assim que entrassem na Terra Prometida teria de ser ratificada se fosse para eles possuírem a terra em um relacionamento apropriado com o Senhor, como o cumprimento da aliança abraâmica.

39.21-29 Deus forçaria a terra a ser purificada ao levantar um exército composto pelos descendentes dos povos da terra de Canaã e, depois, destruindo-os sumariamente. Essa interpretação leva a duas conclusões assustadoras. A primeira, a identidade de Magogue parece ser um grupo de pessoas ou uma combinação dos grupos de pessoas que habitavam originalmente na terra de Canaã. A segunda, a destruição desses povos cumpre a intenção original da aliança mosaica, mas o Senhor satisfaz as suas próprias exigências justas. Isso deve ser visto como uma reafirmação da validade da aliança mosaica. O povo de Israel habitaria na terra que foi prometida a Abraão e ficaria em paz porque o Senhor destruiria os seus inimigos, e, ao fazer isso, Ele demonstraria a sua santidade para todos (vv. 25,28,29).

O Templo Novo/Celestial (40.1—48.35)

Esses capítulos formam uma unidade que poderia ser considerada parte da terceira seção de oráculos ou visões de restauração. Essas descrições são elaborações mais extensas sobre o Templo, suplantando o material concernente à construção do Tabernáculo ou ao Templo de Salomão e até mesmo da descrição da Jerusalém celestial por João no livro de Apocalipse. O tema da santidade é proferido nessa seção, pois todas as coisas no novo templo têm de ser apropriadas para a santidade do seu Residente divino. Para esse fim, as gradações de santidade são evidentes nos arranjos dos vários cômodos e das funções de certas pessoas. A santidade, como o

atributo quintessencial de Deus, é expressa de modo concreto na organização do Templo celestial. A área, ao longo do caminho para o Santo dos Santos a partir da porta leste, fica progressivamente santa, como o são aqueles que têm permissão para atravessar essa área. As gradações de santidade também ficam evidentes na verticalidade; não só o Templo e a Cidade Santa estão localizados no topo de uma montanha, mas também o número de degraus aumenta à medida que a pessoa aproxima-se do Santo dos Santos.

O Templo e as suas Medidas (40.1—42.20)

40.1-49 Ezequiel, quatorze anos após a queda de Jerusalém, recebeu uma visão de uma nova Jerusalém, focando especialmente o novo Templo. Um mensageiro celestial disse a ele para registrar tudo o que viu e **anuncia[r]** aos exilados (vv. 1-4). Esse capítulo consiste em grande parte de medidas de várias áreas em torno do Templo e no complexo deste. O movimento é de fora para dentro, do muro externo para o Santo dos Santos (caps. 40—43). Ezequiel testemunhou a medida do **muro** cercando o Templo (v. 5) e três outras **porta[s]** nos caminhos do **oriente** (vv. 6-19), do **norte** (vv. 20-23) e do **sul** (vv. 24-27) do muro. Todas as três medidas eram idênticas, como também o eram as das portas do **interior** do Templo (vv. 28-37). Esse muro externo muito largo, com as suas portas internas e externas fortificadas, era como uma fortaleza contendo um palácio.

Ezequiel, a seguir, viu as **quatro mesas** que lhe foram mostradas, mesas estas usadas para a preparação das ofertas sacrificiais na parte interna da porta norte (vv. 38-43). Além disso, ele viu as **câmaras**, uma de frente para a outra, **dos cantores** e dos **sacerdotes** (vv. 44-46). Os sacerdotes, em geral levitas, responsáveis por guardar o Templo eram distinguidos dos sacerdotes com permissão para ministrar no altar — a saber, os levitas especificamente da linhagem de **Zadoque**, sacerdote do Tabernáculo sob Davi e Salomão (v. 46).

41.1-26 Ezequiel foi levado ainda mais para o interior do complexo do Templo e até entrar no Templo em si. Foi-lhe mostrado a câmara exterior no grande átrio e depois foi levado para dentro do Santo dos Santos, onde a Arca da Aliança estivera originalmente. A Arca é conspícua aqui por causa da sua ausência. Não há nenhuma menção aos dois querubins esculpidos na época de Salomão para ficar em cima da Arca (1Rs 6.23-28). Não se

menciona a função específica das muitas câmaras **laterais**, mas podem ter sido usadas para armazenamento (Ez 41.5-11). O templo em si tinha a medida de um quadrado perfeito (vv. 12,13).

O interior dos muros do Templo eram forrados e tinham desenhos (como papel de parede); o padrão era de **querubins e palmeiras**, com uma **palmeira [...] entre querubim e querubim** (v. 18). O fato de servirem para decorar o muro representa um contraste surpreendente em relação às descrições anteriores no livro de animais imundos que os setenta estavam adorando na câmara interna na visão de Ezequiel sobre a idolatria em Jerusalém (8.10,11). Esses querubins estão apropriadamente localizados e podem ser reminiscentes do querubim posto no propiciatório da Arca ou dos dois enormes querubins que contemplavam a Arca do alto.

As descrições desses querubins são um tanto diferentes dos outros, pois parecem ter apenas duas faces — uma de **homem** e a outra de leão (vv. 17-20). Foi-lhe mostrado a seguir o altar de madeira. As portas ligando o santuário e o grande átrio também eram adornadas com **querubins e palmeiras**, reminiscentes do Templo de Salomão, adornado por "entalhes de querubins, e de palmas" (1Rs 6.31,32; Êx 26.1,31).

42.1-20 Ezequiel viu uma série de **câmaras** (vv. 1-13). Havia duas câmaras em cada lado do **átrio exterior** do Templo usados para comer a carne dos sacrifícios (v. 13). Essas câmaras também eram usadas como o lugar onde os sacerdotes podiam trocar as vestes com as quais serviam no Lugar Santo (v. 14). No conceito hebraico, a santidade era algo que poderia ser transmitido entre pessoas e objetos. O que se tornava santo devido ao contato com Deus tinha de permanecer no Lugar Santo, não podendo ser levado para fora em lugar público e profano.

O versículo final elabora sobre esse conceito, afirmando que o muro (perfeitamente quadrado) em volta do complexo do Templo tinha a intenção de **fazer separação entre o santo e o profano** (v. 20). Nesses capítulos, essa instância é uma dentre muitas em que a transcendência de Deus, a sua impressionante "alteridade", é enfatizada; no entanto, há, ao mesmo tempo, uma insistência sobre a sua imanência, ou seja, a sua presença com o seu povo (e.g., 34.30,31; 43.7).

A Retauração da Glória do Senhor e do Altar (43.1-27)

43.1-12 Nesse capítulo, há outra restauração — aquela de Deus para a sua terra e para o seu trono no seu santuário. Assim como Ezequiel vira Deus abandonar o Templo profanado pela idolatria, também viu a glória do Senhor retornando ao novo Templo que Deus mesmo preparou. Ele entrou através **da porta [...] para o lado do oriente** e viu a sua glória mais uma vez encher o Templo. Esse detalhe é relevante uma vez que a **porta** leste, do oriente, foi também aquela através da qual a glória do Senhor partiu (caps. 10—11). Esse lugar era para ser o seu palácio, o **lugar das plantas dos** seus **pés** (v. 7). Deus promete **habita[r] no meio dos filhos de Israel para sempre**, pois esse Templo jamais seria profanado como fora o anterior (v. 7).

Três acusações vêm à tona aqui. A primeira — as **prostituições** religiosas — é clara e diz respeito ao que acontecera antes (vv. 7-9). A segunda e a terceira são mais obscuras. A referência aos **cadáveres dos seus reis** parece indicar um culto real dos mortos, e não locais de sepultamento, de fato, no espaço do Templo (v. 9). A referência ao **umbral** e às **ombreira[s]** representa uma violação do lugar sagrado e pode referir-se à construção de altares e santuários, financiada pelo palácio, no precinto do Templo (v. 8). Quando os exilados ouvem um relato de tudo o que Ezequiel vê, são convencidos dos seus pecados. Os exilados ficariam **envergonh[ados]** ou se sentiriam humilhados ao considerar o quanto ficaram aquém do ideal divino com relação às suas práticas de adoração, especificamente pela sua falta de preocupação em preservar a santidade de Deus (v. 10).

Além disso, até esse ponto, não há participação humana na reconstrução desse Templo celestial. Só Deus reconstrói o Templo de acordo com as especificações exatas e volta a **habita[r] no meio deles para sempre** pela sua graciosa iniciativa (v. 9). Ele preparou para si mesmo um lugar sem a assistência deles. A porta, após a entrada do Senhor através da porta do oriente, foi fechada e permaneceria fechada para simbolizar a permanência da residência do Senhor ali (44.1,2).

43.13-27 Essa porção descreve o procedimento necessário para fazer expiação pelo **altar** e purificá-lo (v. 26). O Altar, antes de ser restaurado à sua função apropriada, tinha de ser consagrado da forma apropriada pelos sacerdotes zadoquitas. Esses rituais têm a aparência dos sacrifícios rituais mosaicos.

As Estipulações sobre o Sacrifício e a Propriedade Concernentes ao Príncipe (44.1—46.24)

44.1-14 Essa seção fornece algum indício sobre a posição da monarquia com respeito à nova ordem inaugurada pelo Senhor. Em geral, a monarquia é proibida de desempenhar funções sacerdotais. Especificamente, o rei é acusado (cap. 45) de injustiça (cap. 11). O Senhor apresenta fortes acusações contra a ordem sacerdotal, pois os sacerdotes falharam anteriormente em respeitar a santidade de Deus quando permitiram que estrangeiros entrassem no Templo.

44.15-31 Os levitas zadoquitas são escolhidos pela sua lealdade ao Senhor e têm o privilégio de ser responsáveis pelas **coisas sagradas** de Deus (v. 8). Só eles poderiam entrar no santuário para ministrar diante de Deus. Tinham de guardar-se santos de acordo com as especificações sacerdotais concernentes à vestimenta, ao cabelo, à dieta e à ética (vv. 17-23). Também passaram a ser responsáveis por ensinar o povo a **distinguir entre o santo e o profano** para que o nome e o santuário de Deus não fossem mais profanados como o foram anteriormente (v. 23). Esse padrão contrasta de modo marcante com o que aconteceu no passado, conforme ilustrado pelas visões de Ezequiel sobre as abominações no Templo (cap. 8).

45.1-25 Foram feitas provisões para a habitação dos levitas, cuja tribo não recebeu uma porção de terra. Antes, a porção deles era o Senhor e tudo o que pertence a Ele (44.28,29; Js 14.4; 18.7). Enquanto uma porção de terra foi designada para a coroa, o príncipe teria restrições quanto a adquirir outra terra a fim de prevenir que ele cometesse injustiças relacionadas à propriedade de terra contra os seus súditos. A **violência e a assolação**, a **imposição** e o uso de pesos e medidas desonestos (cobrar a mais) na cobrança dos impostos são as injustiças mencionadas aqui (Ez 45.9-12). O príncipe também tinha direito às contribuições sacrificiais do povo, com as quais poderia fazer vários sacrifícios sazonais **pela casa de Israel** (vv. 13-17), sacrifícios mais detalhados nos versículos 21-25.

46.1-3 O Senhor explicou como o **sábado** e o **dia da lua nova** deveriam ser observados (v. 1) e como "o povo da terra" deveria apresentar-se "perante a face do SENHOR nas solenidades" (v. 9). Há um foco pronunciado no **príncipe** e nos seus movimentos no complexo do Templo em momentos de adoração (vv. 2,4,8,10,12,16-18). Mais uma vez, como anteriormente, os movimentos do príncipe, embora ele receba alguns

privilégios, também são restritos, e a sua posição como funcionário cultual está mais associada com o povo do que com os sacerdotes. A porta do oriente que leva ao átrio interno era aberta nesses dias de festa, e o príncipe entrava a partir do pátio externo e ficava à porta enquanto os seus sacrifícios eram oferecidos. Ele estava proibido de seguir adiante mais para o interior, adorando apenas do umbral. O povo também tinha a permissão e o privilégio de adorar da porta, associando-se, desse modo, o rei com o **povo da terra** (as pessoas comuns), e não com os sacerdotes.

46.4-15 Os versículos 4-8 e 11-15 detalham os sacrifícios oferecidos aos sábados, nos dias de lua nova e as observâncias diárias. Os versículos 9 e 10 parecem especificar certos padrões de movimentos no átrio externo pelo bem da simetria e ordem. Esses movimentos caracterizam toda a iniciativa referente ao novo Templo e à nova cidade, ou possivelmente esses movimentos eram exigidos por razões mais práticas de controle da multidão em momentos particularmente atarefados de adoração. A solidariedade do príncipe com o **povo da terra** é mais uma vez mostrada quando ele e eles entram e saem juntos (v. 10).

46.16-24 O Senhor, ao garantir que a terra da coroa permanecesse como propriedade e jurisdição do rei, garantiu que o povo jamais seria novamente **retirado** da sua **possessão** (v. 18). Por fim, o Senhor mostrou a Ezequiel as cozinhas onde as refeições sacrificiais eram preparadas. Essas duas cozinhas contribuem para o tema das gradações da santidade dentro do complexo do Templo. Uma cozinha, usada apenas pelos sacerdotes, ficava no átrio interno, manifestando uma preocupação com a preservação da santidade (v. 20). A outra cozinha no átrio externo era usada para **coze[r] o sacrifício do povo** (v. 24).

A Cura e a Redistribuição da Terra (47.1—48.29)

O rio da vida (47.1-12)

47.1-12 Ezequiel profetizara que a terra seria curada e tornar-se-ia "como jardim do Éden" (36.35). Nesse capítulo, é possível observar como isso é cumprido. A similaridade de imagem entre 47.1-12 e Gênesis 2.8-10, por um lado, e Apocalipse 22.1-21, por outro lado, é inconfundível. O rio de Gênesis 2.10 está no passado primordial; o "rio puro da água da vida" de Apocalipse 22.1,2 espera no futuro apocalíptico, enquanto o rio doador de

vida da visão de Ezequiel talvez esteja em algum lugar entre esses outros dois rios. Há várias similaridades e distinções dignas de nota:

- O **ribeir[o]** de Ezequiel 47.9 flui **de debaixo do umbral** do Templo (v. 1). De modo similar, em Apocalipse 22.1, o rio flui de debaixo do trono de Deus e do Cordeiro (representando o sistema sacrificial *e* a sua substituição pelo sacrifício expiatório de uma vez por todas de Cristo, o Cordeiro de Deus).
- A referência ao Éden em Ezequiel 36.35 liga-o a Gênesis 2. Em Ezequiel, o rio flui do Templo e para fora da Cidade Santa, aguando e revitalizando todo o campo até o **mar Morto** (A21) e cujas águas "se tornarão doces" (A21), permitindo que muitíssimos peixes e outras criaturas da água vivam e prosperem (47.8,9).
- As árvores ao longo das margens do rio não são identificadas como a "árvore da vida" em Ezequiel (v. 7). Em Gênesis 3.22-24, no entanto, a árvore da vida está no centro; e em Apocalipse 22.2, a árvore da vida segue ao longo da margem do rio até as ruas da cidade (Ap 2.7; 22.14,19).
- As árvores fornecem alimento de mês em mês e são aguadas pelo santuário, a fonte de vida delas. **Não cairá a sua folha**, e esta servirá de **remédio** ("para saúde", Ap 22.2).

As belas imagens de água viva fluindo do Templo em Ezequiel e Apocalipse são cumpridas em Cristo, e este se referiu ao seu próprio corpo como o Templo (Jo 22.1). No último dia das festas do Tabernáculo, Jesus prometeu que "rios de água viva [i.e., o Espírito Santo] correrão do seu ventre", daqueles que creem nEle (Jo 7.37-39). A imagem de Ezequiel também fala sobre a obra de regeneração do Espírito e da admoestação de Jesus feita a Nicodemos de que é preciso "nascer da água e do Espírito" (Jo 3.3,5-8).

As fronteiras geográficas e os lotes de terra das tribos (47.13—48.29)

47.13—48.29 Essa seção esquematiza as novas divisões da terra e porções de terra para as tribos. As fronteiras totais da terra são fornecidas (47.13-20), e porções específicas de terra são designadas para as tribos (vv. 1-7,23-

29). Levi possuía apenas terra sagrada (44.28; 48.13,14); as duas meia-tribos de José (denominadas segundo os seus filhos Efraim e Manassés) receberam cada uma a sua porção de terra. As divisões são enumeradas do norte (próximo a Hamate) para o sul e até Cades-Barneia, com uma faixa de terra entre Benjamim e Judá reservada para o Senhor (48.8-12). As medidas da cidade são apresentadas indicando uma área completamente quadrada. Dentro dela, ao longo da porção sacerdotal e santa, havia uma porção de terra cultivada para produzir alimentos para **sustento daqueles que servem à cidade** (v. 18), ou seja, os trabalhadores da cidade, e a área restante era para ser propriedade da coroa.

A Nova Cidade (48.30-35)

48.30-35 Cada uma **das portas da cidade** recebe o nome de uma tribo, olhando com expectativa para a nova Jerusalém (Ap 21.9-14), com três portas em cada um dos quatro lados dos muros da cidade. O livro de Ezequiel, apropriadamente, conclui com uma nova coisa final. O Senhor — após dar ao seu povo um coração novo e um espírito novo, construir um novo Templo e uma nova cidade rodeada por terra renovada alimentada por um rio de vida nova — selou a cidade com um novo nome. Em vez do antigo nome, Jerusalém, a cidade recebe agora o nome de O Senhor Está Ali, combinando a relevância da cidade e reiterando a esperança da presença do Senhor com o seu povo. Essa profecia encontra o seu cumprimento derradeiro para a Igreja em Jesus, o Messias, que é Emanuel, "Deus conosco" (Is 7.14; Mt 1.23).

BIBLIOGRAFIA

Alexander, Ralph H. *Ezekiel*. Em The Expositor's Bible Commentary, vol. 6. Grand Rapids: Zondervan, 1986.

* Cooper, Eugene Lamar. *Ezekiel*. New American Commentary, vol. 17. Nashville: B&H Publishing Group, 1994.

* Para estudos avançados.

NOTAS

[1] Há uma tradição judaica que apoia essa afirmação, porém sem qualquer evidência bíblica direta. No entanto, as reformas de Josias começaram muito provavelmente em 621 a.C., e Josias morreu em 609 a.C. Trinta anos antes das visões de Ezequiel aproxima-se muito da época da reforma de Josias (i.e., 622 a.C.). Veja Lamar Cooper, *Ezekiel*, New American Commentary, vol. 17 (Nashville: B&H Publishing Group, 1994), p. 59.

[2] Ao dizer isso, não estou sugerindo que Salomão *preferia* o paganismo à adoração apropriada de Iavé ou que Salomão era, em geral, um rei *ruim*, mas claramente que o Senhor julgou Salomão pela sua apostasia no estabelecimento de lugares de adoração para Quemos, Milcom e Astarote, bem como para outras divindades (1Rs 11.5-7). Deus permitiu que Roboão, filho de Salomão, continuasse a governar parte do reino, não porque favorecesse Salomão, mas por causa de Davi (1Rs 11.11,12).

[3] A referência é à guerra judaica do século I com os romanos, embora Herodes tenha certamente fortalecido o Templo com muros, construções e até mesmo uma fortaleza, que não estavam presentes nessa época. Além do mais, o Templo era uma construção imponente que poderia ser usada como fortaleza, caso fosse necessário.

[4] Por exemplo, Katheryn Pfisterer Darr, "Ezekiel", em *Women's Bible Commentary* (Louisville, KY: Westminster John Knox, 1992), p. 198.

[5] A proximidade da menção a Tiro e Sidom da queda de Satanás é, pelo menos, sugestiva de uma conexão, mesmo que essa conexão seja exegeticamente pouco clara ou evidente.

DANIEL

INTRODUÇÃO

TÍTULO

O livro de Daniel traz o nome do seu autor (1.6). No cânone hebraico, Daniel não é incluído nos Profetas (heb. ***Nevi'im***), mas em Escritos (heb. ***Ketuvim***), provavelmente porque ele não era considerado um profeta. Daniel era um oficial do governo. Ele foi incluído entre os homens "sábios" (aram. ***chakkim***, 2.13,48) na Babilônia, sendo chamado de "profeta" apenas no Novo Testamento (Mt 24.15). A vida de Daniel no exílio marcou um período de transição entre o compromisso de Israel com a aliança de Deus, quebrada pelo povo, e a ampliação do plano redentor para incluir pessoas de todas as tribos, nações e línguas.

O livro de Daniel desempenha um papel fundamental na compreensão da história. Daniel, junto com o livro de Apocalipse, é uma fonte para o estudo teológico sobre o fim dos tempos e as coisas futuras — isto é, escatologia. As passagens proféticas no Novo Testamento referem-se ao livro de Daniel mais do que em qualquer outra obra do Antigo Testamento. Além das visões proféticas desse livro, muitas das quais foram cumpridas, os seus relatos narrativos exaltam o poder de Iavé para abençoar os que permanecem fiéis a Ele.

CENÁRIO

Daniel era da tribo de Judá (Dn 1.6). Depois que a monarquia unida terminou com a morte do rei Salomão, muitos dos reis do Reino do Sul (Judá) rebelaram-se contra o Senhor. Poucos deles, como o rei Josias (640-

609 a.C.), honraram o Senhor. Daniel, nascido por volta de 620 a.C., não só conhecia a influência desse bom rei, como também viveu ao longo do reinado dos quatro reis subsequentes. Provavelmente, ele estava familiarizado com as mensagens problemáticas de Jeremias e Habacuque.

Por anos, o Reino do Norte (Israel) e o Reino do Sul (Judá) foram ameaçados pelos poderosos e implacáveis assírios. Em 722 a.C., a Assíria derrotou o Reino do Norte e dispersou o seu povo por todo o império. Aproximadamente um século mais tarde, em 626 a.C., Nabopolassar, rei da Babilônia, declarou a independência da Assíria, a superpotência reinante. No fim do seu reinado, o filho de Nabopolassar, Nabucodonosor, assumiu o trono.

Jeoaquim, rei de Judá (609-597 a.C.), desconsiderou Deus e as suas ordens, permitindo até adoração de ídolos. Deus, por causa da desobediência obstinada do seu povo, permitiu que fossem derrotados e exilados. Nabucodonosor, quando cercou Jerusalém em 605 a.C., levou Daniel e outros jovens promissores para a Babilônia durante a primeira de uma série de três deportações (1.1-6). Muitos israelitas foram levados cativos para a Babilônia, o centro de adoração idólatra no império.

GÊNERO

O livro de Daniel é geralmente dividido em duas seções distintas. A primeira, contendo relatos sobre Daniel e os seus amigos, é principalmente uma narrativa histórica. A segunda, apresentando os sonhos e visões do futuro, é basicamente profética e pertence ao gênero de literatura apocalíptica. A palavra grega ***apokalupsis*** significa "desvelar aquilo que foi velado, descoberta, revelação". A literatura apocalíptica, como o material profético, apresenta a revelação dada por Deus concernente aos eventos futuros. A seção apocalíptica, embora as visões contenham muito simbolismo, enfatiza muitíssimo o que acontecerá no fim. A literatura apocalíptica, escrita em meio à perseguição, à opressão ou à crise, oferece a garantia da soberania de Deus sobre a história e a promessa do seu triunfo derradeiro sobre os poderes malignos.

AUTOR

O autor do livro de Daniel (heb. "Deus é meu juiz" ou "Deus é Juiz"). A evidência — apesar de algumas tentativas para apresentar autores anônimos, hipotéticos e/ou editores do livro — continua a apoiar a visão tradicional de que Daniel, a pessoa apresentada no livro, é o autor. Daniel, como o recipiente das revelações por intermédio de visões, fala com regularidade na primeira pessoa e é orientado a "fecha[r] estas palavras e sela[r] este livro" (caps. 7—12; 12.4). Daniel era contemporâneo dos profetas Jeremias e Ezequiel, e este último exaltou a justiça de Daniel (Ez 28.3). No Novo Testamento, Jesus valida as profecias de Daniel (Mt 24.15).

Daniel, em razão da sua alta posição social, foi levado ao cativeiro ainda adolescente. Era conhecido por ser uma pessoa de força, caráter e bravura, algo que foi comprovado ao longo da sua vida. Era um jovem extraordinário que foi usado por Deus para tornar-se um estadista e líder. Ele, por causa da sua integridade e progresso no governo babilônico, bem como a sua sabedoria incomparável proveniente do Senhor, serviu como símbolo de esperança para o seu povo desalentado. Passou toda a sua vida adulta na Babilônia, onde provavelmente viveu mais de setenta anos, servindo sob três governadores distintos.

DATA

A autoria e data não foram contestadas até o século III quando Porfírio, um filósofo pagão, publicou o seu tratado *Contra os Cristãos*, desafiando a visão de que Daniel terminara de escrever o seu livro por volta de 530 a.C. Porfírio argumentou que o livro de Daniel foi escrito durante o reinado no século II de Antíoco IV Epifânio, rei da Síria, que profanou o Templo, cumprindo Daniel 11.31 e 12.11. Porfírio argumentou que essas profecias eram apenas relatos contemporâneos da tirania de Antíoco. Estudos arqueológicos, históricos e linguísticos, no entanto, demonstram que o livro de Daniel deve ter sido escrito por volta do século VI a.C. Os eventos registrados no livro estendem-se de 605 a 536 a.C., o terceiro ano do reinado de Ciro, rei persa. Decorreram-se aproximadamente quinhentos anos desde o fim do cativeiro babilônico até o nascimento de Cristo.

DESTINATÁRIOS

O livro de Daniel é escrito em hebraico clássico (Dn 1.1—2.4; 8.1—12.13) — a língua nativa de Daniel, apontando basicamente para uma audiência judaica — e em aramaico (2.4—7.28), a língua oficial e legal do império, dando evidência de que os gentios que usavam essa língua foram incluídos entre o público-alvo do livro.

PRINCIPAIS TEMAS

Daniel consistentemente proclamou a soberania de Deus sobre as nações e os líderes. Daniel confiou no Senhor mesmo quando o mal reinava e o povo de Deus foi esmagado. A sua principal preocupação era a honra e o poder de Deus, e não as circunstâncias do povo ou das nações.

O caráter pessoal e a coragem podem ser observados em Daniel e também em três outros israelitas mencionados no livro — Hananias, Misael e Azarias (1.7). Esses "jovens" (1.4) escolheram obedecer a Deus, mesmo diante da incerteza, tortura e morte. A fidelidade deles na vida, no serviço e no chamado foi honrada por Deus.

O compromisso de Daniel para fazer boas escolhas resultou em muita bênção para a sua vida. Ele não era errático, espontâneo nem tolo, mas buscava consistentemente o melhor curso de ação e atinha-se a este até à sua conclusão. Essa habilidade de discernir o curso correto de ação e de buscar de forma constante a obediência foi recompensada por Deus com um ministério longo e eficaz.

Daniel demonstrou uma perspectiva renovada sobre a vida. Ele não foi oprimido por um foco terreno, mas optou por ter uma perspectiva celestial que afetava todas as áreas da sua vida e todas as decisões que ele tomava. Daniel buscou o Messias e, apesar de todas as dificuldades incorridas, acreditou que o Senhor era digno de confiança.

ESBOÇO

I. O SERVIÇO DE DANIEL NA BABILÔNIA (1.1—6.28)
   A. A Captura de Jerusalém e a Deportação dos Jovens para a Babilônia (1.1-21)
      1. Uma introdução aos jovens e ao cenário (1.1-7)
      2. A coragem dos jovens nas circunstâncias difíceis (1.8-16)
      3. A excelência dos homens escolhidos de Deus (1.17-21)

B. O Sonho de Nabucodonosor (2.1-49)
1. O fracasso dos caldeus (2.1-23)
2. A forma como Daniel aborda o rei (2.24-30)
3. A interpretação de Daniel (2.31-45)
4. A resposta ao rei (2.46-49)
C. A Estátua de Ouro (3.1-30)
1. A estátua de Nabucodonosor (3.1-7)
2. O livramento milagroso realizado por Deus (3.8-30)
D. A Insanidade de Nabucodonosor (4.1-37)
1. A proclamação do rei Nabucodonosor (4.1-18)
2. A interpretação de Daniel (4.19-27)
3. A rebelião de Nabucodonosor (4.28-33)
4. A restauração de Nabucodonosor (4.34-37)
E. O Grande Banquete de Belsazar (5.1-30)
1. O orgulho de Belsazar e a escrita na parede (5.1-24)
2. A interpretação da escrita (5.25-30)
F. A Cova dos Leões (5.31—6.28)
1. As ameaças contínuas à vida de Daniel (5.31—6.9)
2. A experiência na cova dos leões (6.10-18)
3. A preservação da vida de Daniel (6.19-24)
4. A prosperidade de Daniel (6.25-28)

II. AS VISÕES DE DANIEL (7.1—12.13)
A. A Primeira Visão de Daniel (7.1-28)
1. As quatro bestas (7.1-17)
2. A interpretação do anjo (7.18-28)
B. A Segunda Visão de Daniel (8.1-27)
1. Um carneiro, um bode e um chifre pequeno (8.1-22)
2. Um rei insolente (8.23-27)
C. A Oração de Daniel (9.1-19)
D. As Setenta Semanas dos Anos (9.20-27)
1. A profecia das setenta semanas (9.20-23)
2. A oração do profeta (9.24-27)
E. O Futuro de Israel e o Fim dos Tempos (10.1—12.13)
1. A visão do Glorioso por Daniel (10.1-14)
2. A revelação do conflito (10.15-21)
3. A continuação da visão (11.1-4)

4. O rei do Sul (11.5-20)
5. O rei do Norte (11.21-28)
6. A hora designada (11.29-35)
7. O rei exalta a si mesmo (11.36-39)
8. O fim dos tempos (11.40-45)
9. A profecia de Miguel (12.1-4)
10. As instruções finais para Daniel (12.5-13)

III. CONCLUSÃO

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

O SERVIÇO DE DANIEL NA BABILÔNIA (1.1—6.28)

A Captura de Jerusalém e a Deportação dos Jovens para a Babilônia (1.1-21)

Uma introdução aos jovens e ao cenário (1.1-7)

1.1-7 Os primeiros três versículos do livro explicam de forma sucinta como Daniel e os outros jovens foram levados cativos pelos babilônios e, depois, chegaram a posições de favor "no palácio do rei" (1.4). Estes detalhes históricos ancoram o cenário do livro:

- a identificação do **rei de Judá** pelo nome (v. 1);
- a identificação do **rei da Babilônia** pelo nome (embora ele só assuma oficialmente o trono dois ou três meses após esse incidente, vv. 1,2);
- o ano de um evento relevante na história de Judá — o cerco de Jerusalém (v. 1; 2Rs 23.36—24.5; 2Cr 36.5-8);
- o nome do **chefe dos seus** [de Nabucodonosor] **eunucos** (heb. ***rav saris***, "capitão dos eunucos", um título aplicado não só aos oficiais que eram literalmente eunucos, mas também, de modo mais geral, aos

homens de alta patente na corte do rei, Dn 1.3; "capitão da guarda", Gn 37.36).

Apesar de a narrativa ser escrita na terceira pessoa, e não na primeira pessoa, Daniel escreve como testemunha ocular, registrando eventos que experimentou pessoalmente quando jovem, com cerca de 15 anos de idade: **veio** [heb. ***bo'***, "entrar, adentrar"] **Nabucodonosor** [caldeu, "que Nebo possa proteger a coroa"; na mitologia babilônica, Nebo (ou Nabu) era o primogênito de Marduque, o principal deus deles] **[...] a Jerusalém** (Dn 1.1). O relato de Daniel também reflete a perspectiva bíblica dos livros históricos da Escritura e a mensagem dos profetas. Nabucodonosor tinha poder para controlar Jerusalém e saquear o Templo porque o **SENHOR** [heb. ***'Adonay***, "governante soberano, proprietário"] **entregou** a ele o rei de Judá (v. 2; 2Rs 24.2-4; Jr 1;3; 26.1-6,20-23; 35.17). O rei da Babilônia, ao pegar alguns utensílios do Templo e pô-los na **casa do tesouro** do seu deus, sugeriu equivocadamente que o seu deus derrotara o Deus de Israel (Dn 1.2).

Por mais triste que tenha sido para os israelitas obedientes e devotos verem a profanação do Templo em Jerusalém, o restante da história mostra a confiança de Daniel em Iavé como o Deus vivo cuja presença e poder não são limitados por nenhum lugar nem objetos. *Duas frases exaltam o contraste entre Iavé, o único Deus verdadeiro, e os deuses babilônicos. Nabucodonosor levou os utensílios "da Casa de* ***Deus*** *[heb.* ***ha-'elohim***, "o *Deus*"] *para a casa de seu* ***deus****" (heb.* ***'elohim****, "deus ou deuses", v. 2), referindo-se provavelmente a Marduque. Daniel usou de modo consistente o artigo definido "o" com "Deus", significando que há apenas um deus.*

Nabucodonosor designou **Aspenaz** para a tarefa de selecionar os jovens já bem tratados para posições de poder político em Judá (v. 3). A fidelidade a Deus exibida pelos quatro jovens salientada no livro de Daniel reflete, sem dúvida, a instrução e exemplo diligente de pais piedosos. Considerando-se que o Senhor permitiu os eventos do exílio para julgar e purificar o seu povo, a maioria deles era infiel a Deus, então os pais devotados a Iavé eram provavelmente poucos em número. Além disso, o sucesso deles em cultivar a fé dos filhos em meio a uma cultura apóstata era notável. Uma das estratégias do império era treinar esses homens conforme a cultura e língua babilônicas, depois os colocar em posições de liderança em meio ao seu próprio povo, minimizando, desse modo, as chances de insurreição.

A **língua dos caldeus** utilizava a escrita cuneiforme, usada no mundo literário, embora o aramaico fosse a língua oficial do império (v. 4). O povo conquistado, em vez de ser constantemente lembrado da sua perda de autonomia, seria governado por líderes nativos que, em geral, eram leais à administração que os treinara e que lhes dera posições. Alguns desses cativos muitíssimo inteligentes e habilidosos, como Daniel e os seus companheiros, também serviriam na corte do rei como troféus do seu poder e fontes de conhecimento.

O livro de Daniel põe o seu foco em quatro jovens que se adequaram aos critérios de seleção do rei e que se distinguiram na corte real como testemunhas do Deus santo.

- **Daniel** recebeu o nome de **Beltessazar** [caldeu, "proteja a sua vida", uma petição ao deus Bel, ou Marduque).
- **Hananias** (heb. "Iavé é gracioso") recebeu o nome de **Sadraque** (caldeu, "ordem de Aku", o deus lua sumeriano).
- **Misael** (heb., "quem é como Deus?") recebeu o nome de **Mesaque** (caldeu, "quem é o que Aku é?" ou "salvação por Aku").
- **Azarias** (heb. "Iavé é meu ajudador") recebeu o nome de **Abede-Nego** (caldeu, "servo de Nebo").

O rei desejava fazer com que esses jovens fizessem uma imersão na cultura babilônia e lembrava-os regularmente da sua nova aliança com a Babilônia, enquanto desejava aproveitar a inteligência desses homens.

A coragem dos jovens nas circunstâncias difíceis (1.8-16)

1.8-16 O versículo 8 marca uma clara transição de uma descrição das circunstâncias além do controle dos jovens israelitas para um relato do que resultou das decisões que *eles* tomaram nessas circunstâncias. Daniel reconheceu que compartilhar da refeição de carne do rei violaria as ordens de Deus (veja Lv 11; 17.13,14; Dt 14.3-21). Comer a carne seleta da mesa do rei e beber o seu vinho também representavam um grau de aceitação do favor do governante pagão que comprometeria a identidade básica deles como homens que pertenciam ao povo da aliança com Deus. Portanto,

considerando esse aspecto do programa de assimilação cultural do rei, Daniel, Hananias, Misael e Azarias escolheram não fazer concessões, demonstrando fé e obediência exemplares. Eles aprenderam sobre a cultura — sobre os caminhos e motivações do povo no meio do qual viviam, porém não abraçaram ingenuamente as ideias pagãs e as buscas pseudoespirituais dessas pessoas. Ao que parece, um bom número de outros jovens israelitas comeu sem protestar as porções que lhe foram designadas (vv. 6,15).

Daniel, ao invés de rebelar-se, demonstrando uma atitude medíocre, ou exigir que fosse feito da sua maneira, proferiu com respeito o seu pedido. Ele **pediu [...] permissão** (heb. ***baqash***, "buscar, fazer uma petição") ao seu captor para **não se contaminar** (v. 8). **Deus** preparara Aspenaz para ter compaixão de Daniel (v. 9). As objeções do chefe dos eunucos demonstram o seu dilema — ele poderia ser executado se a ajuda a Daniel fosse percebida como uma desobediência ao rei. Ele, no entanto, não interferiu com o experimento proposto por Daniel ao **despenseiro** que **conveio** em substituir as refeições designadas para Daniel e os seus três amigos por **legumes** (heb. ***zēro'im***, "sementes", alimentos de plantas) e **água** por **dez dias** (vv. 10-15). O despenseiro, ao ver os bons resultados, modificou de forma permanente a dieta deles.

A excelência dos homens escolhidos de Deus (1.17-21)

1.17-20 O versículo 17 sugere que **esses quatro jovens** excederam em outros aspectos do seu treinamento por causa da sua determinação de permanecer puros diante de Deus. O versículo também introduz a habilidade especial de Daniel de **entendimento em toda visão** [heb. ***chazon***, em geral, "revelação divina" profética; cp. 8.1-2,13,15,17,26] **e sonhos** (heb. ***chalom***; cp. 2.1-3).

ENTENDIMENTO *(heb.* ***bin****, "discernir, perceber; declarar, explicar") nesse contexto tem o sentido de interpretar, explicar ou articular o sentido de tais fenômenos. A palavra aparece dezenove vezes no livro, com maior frequência em relação às visões (veja 8.5,16,17,27; 9.22,23; 10.1,11,12,14,37; 12.8,10). Em 1.4, no entanto, a mesma palavra é traduzida de modo geral por "inteligentes" (NVI) ou perceptivos, um dos critérios para selecionar os jovens nobres, como Daniel. Isso convida à comparação entre Daniel e José, cujo discernimento e cuja inteligência incomparáveis demonstrados na sua interpretação de sonhos, levou o Faraó a nomeá-lo como primeiro ministro do Egito (Gn*

41.33,39). Moisés também identificou a inteligência ("inteligentes" [heb. ***bin****]) como um critério para a seleção da liderança (Dt 1.13; 4.6; 1Rs 3.11,12).*

Depois de aproximadamente três anos (veja Dn 1.5), o próprio rei determinou em qual capacidade cada um dos jovens serviria. Os quatros judeus que, enquanto estavam em treinamento, honraram publicamente ao Senhor foram designados para posições de influência na corte do **rei** (vv. 19,20). O rei, apesar da sua tentativa de desonrar o Deus deles (Dn 1.2), reconheceu nesses quatro judeus cativos a superioridade da verdadeira sabedoria, aquela proveniente de Deus (veja Jó 12.13; Sl 119.98-100; Pv 1.7; 1Co 1.25).

1.21 Daniel serviu na corte real da Babilônia durante todo o período do exílio e até **ao primeiro ano** do reinado do **rei Ciro**, o rei medo-persa que permitiu que os judeus voltassem para casa e reconstruíssem o Templo (2Cr 36.22,23; Is 44.28—45.4). Esse governante também reverteu o que Nabucodonosor fizera com os utensílios do Templo (Dn 1.2; Ed 1.1,2,7,8; 5.13-17; 6.3).

O Sonho de Nabucodonosor (2.1-49)

O fracasso dos caldeus (2.1-23)

2.1-19 Daniel foi levado para a Babilônia durante o verão de 605 a.C., e Nabucodonosor assumiu oficialmente o trono em setembro — tishri (etanim) no calendário judaico que passou a usar os nomes babilônicos para os meses desde a época de Esdras, depois do retorno do exílio. Sobre o calendário babilônico, os meses entre tishri 605 a.C. e nisã (março-abril) 604 a.C. constituíram o ano da ascensão (veja "O calendário judaico", p. 894-896, Vol. I). O primeiro ano do reinado de Nabucodonosor deve ter sido de nisã 604 a.C. a nisã 603-602 a.C. O programa de treinamento de três anos (1.5) não durou necessariamente 36 meses. O fluxo natural da narrativa sugere que Daniel e os seus amigos, pelo **segundo ano do reinado de Nabucodonosor**, já haviam completado o programa de treinamento e começaram a servir na corte do rei junto com os **sábios da Babilônia** (2.1,18).

Os **sonhos** de Nabucodonosor estimularam ansiedade suficiente para atrapalhar o seu sono (v. 1; Gn 41.8). Para uma interpretação, ele voltou-se para os homens "sábios" da sua corte: **os magos, e os astrólogos, e os encantadores** [heb. ***kashaph***, "aquele que usa encantamentos, que faz

feitiços, recita palavras de magia — i.e., praticante de poderes ocultos" oposto a Iavé; Êx 7.11; Dt 18.10; Is 47.9,12; Ml 3.5], **e os caldeus**, referindo-se aos homens sábios, a elite intelectual que incorporava séculos de tradição sagrada e de excelência no aprendizado (Dn 2.2). A estratégia do rei para encontrar uma interpretação reflete a sua crença de que esses homens tinham acesso às forças sobrenaturais que poderiam revelar o sentido do seu sonho. O Senhor citou tal confiança na idolatria na sua declaração de que a Babilônia seria devastada (Is 49.9-14).

A narrativa inicia-se com o relato da resposta dos caldeus e passa para o aramaico, a língua mais amplamente falada no Antigo Oriente Próximo a partir do século VIII a.C. *Nabucodonosor, ao dizer: "Esta é a minha* ***decisão****" [NVI; aram.* ***'azad****, "ir embora, sair, partir", Dn 2.5,8), anunciou que, quando a palavra ou julgamento sobre o assunto saísse da sua boca, não seria revogado. No entanto, se a palavra foi emprestada da língua persa, pode significar "certeza" ou "conhecimento público". Nesse caso, o rei estava provavelmente afirmando que tomara uma decisão firme com relação à sua demanda de que aquele que desse a interpretação correta comprovaria ser confiável se primeiro recontasse o sonho em si.* Os homens reuniram-se para essa tarefa lidando de modo intencional com o mundo sobrenatural e a revelação divina. O teste não só estabelecia os critérios para identificar a interpretação dos sonhos, mas também punha em xeque a autenticidade dos papéis e confiabilidade do conselho deles.

Naturalmente, o que o rei exigiu era impossível à parte da revelação divina genuína (vv. 9-11). O desafio do rei, conforme os **caldeus** explicaram, era muitíssimo incomum, mas a inabilidade deles para satisfazer esse pedido enraiveceu o rei. Nabucodonosor acusou os seus conselheiros de tentar ganhar tempo e de apresentar **palavras mentirosas** [aram. ***kedav***, "mentiras, enganos") **e perversas** (aram. ***shechat***, "corruptas", v. 9; 6.4), isto é, de cometer um crime merecedor de morte. Embora **Daniel e os seus companheiros** não estivessem aparentemente com os **sábios** aos quais Nabucodonosor dirigiu-se diretamente, eles foram incluídos na ordem de execução dada a **Arioque** (aram., "semelhante ao leão"), um exemplo do comportamento volátil e impulsivo de Nabucodonosor.

A Escritura descreve não só as ações de Daniel, mas também o seu comportamento. Ele respondeu a Arioque com uma pergunta cuidadosamente elaborada. *Daniel, ao descrever o decreto de Nabucodonosor como* ***severo*** *(NVI; aram.* ***chatsaph****, "apressado, urgente, contundente, demonstração de*

insolência", 2.15), apelou para o julgamento de Arioque sobre o encontro entre o rei e os seus conselheiros sêniores. A palavra sugere que, embora Daniel não estivesse tentando desafiar a autoridade, o interesse do rei seria mais bem servido se tivesse certeza de que a severidade da ordem fora justificada. A sabedoria e a integridade de Daniel já estabelecidas no palácio (1.19,20) provavelmente deram um bom motivo para Arioque pedir ao rei por uma oportunidade para Daniel interpretar o sonho.

Nos versículos 8 e 9, a palavra ***TEMPO*** *(aram.* ***'iddan****) é mais geral no seu sentido que aquela usada no versículo 16 (Aram.* ***zeman****, "estabelecer o tempo, a época"). Nabucodonosor acusou os seus sábios de tentar ganhar "tempo" ou se delongar na resposta, sabendo que eles não seriam capazes de satisfazer a sua demanda e esperando que ele cedesse e descrevesse o sonho (vv. 8,9). Daniel, no entanto, recebeu o período de tempo designado para prover "a interpretação"; isto é, o rei concordou em dar a Daniel certo período de tempo — aparentemente, pelo menos, uma noite ou, talvez, um dia (v. 19) — para buscar uma possibilidade real para a compreensão.* Daniel usou o tempo para reunir-se com os seus **companheiros** para orar — a vida dos quatro estava em jogo (v. 18).

Apesar de Daniel ter sido apresentado como aquele que compreendia "em toda visão e sonhos" (1.17), esse incidente não o retrata exercendo a habilidade dada por Deus, mas, antes, suplicando ao Senhor por compreensão (2.18). Os quatro homens clamaram **ao Deus dos céus**, a única fonte possível de uma interpretação precisa, por **misericórdia [...] sobre este segredo** (aram. ***raz***, "algo que é secreto ou desconhecido", v. 18; usado apenas no cap. 2 e em 4.9). Na língua original, a primeira palavra do versículo 19 é **então** (aram. ***'edayin***, "depois"), marcando claramente a sequência de eventos: o Senhor revelou **o segredo** a Daniel algum tempo depois de o jovem orar (v. 19). Quando Daniel recebeu a visão, louvou o mesmo "Deus dos céus" a quem orara (v. 19).

2.20-23 Daniel exaltou o nome de Deus e recontou o que só Ele pode fazer. O Senhor, como a fonte da **sabedoria** e da **força**, concede sabedoria e revela a verdade inacessível de outra maneira à inteligência ou raciocínio humano. Daniel também agradeceu ao Senhor por dar-lhe "sabedoria" e "força" e por responder especificamente à oração.

A forma como Daniel aborda o rei (2.24-30)

2.24-30 Daniel, ao alertar Arioque que ele poderia fornecer **a interpretação** ao rei, garantiu ao menos um atraso na execução dos sábios e pediu uma audiência com o rei (v. 24). À pergunta de Nabucodonosor: **Podes tu [...]?**, Daniel deu uma resposta direta, estabelecendo a sua plataforma para exaltar Deus acima de todos os ídolos nos quais os sábios babilônicos confiavam. Os **astrólogos** (aram. ***gezar***, "aquele que decide ou determina", v. 27; cp. 4.4; 5.7,11) aparecem na lista de especialistas pedidos pelo rei. Esses homens afirmavam ser capazes de determinar o destino do indivíduo calculando a posição de certas estrelas no momento do nascimento da pessoa. Nenhum dos **sábios** do rei foi, de fato, **capaz de revelar ao rei o mistério** (v. 27; NVI), conforme os próprios caldeus explicaram para o rei (v. 10). No entanto, o Deus que está no Céu poderia revelar — e realmente revelou — o mistério do rei a Daniel.

Deus, por querer que o rei soubesse a interpretação do sonho, usou alguém que lhe pediria isso. Por conseguinte, o Senhor confiou a interpretação a Daniel, não porque fosse mais sábio que os outros, mas porque, de modo distinto dos outros, reconhecia o único Deus verdadeiro como a fonte de sabedoria (vv. 28-30).

Daniel chegou até mesmo a recontar as circunstâncias da visão do rei. Ele estava na cama pensando sobre o que haveria **de ser depois disto** (aram. ***'achar dēn***, "depois disso, daqui para a frente", v. 29), referindo-se a um período indefinido de tempo de Nabucodonosor em diante. Deus escolheu revelar o que **há de ser no fim dos dias** (aram. ***'acharit yom***, "fim dos dias ou era, últimos dias", v. 28), referindo-se de forma menos geral ao que tem de acontecer na culminação dos eventos (cp. 8.19,23; 10.14; 11.4; 12.8). Deus escolheu revelar o futuro a Nabucodonosor, demonstrando a sua superioridade sobre todos os deuses pagãos. O Senhor é soberano sobre a quantidade de informação que revela e o momento em que a revela. Há muito debate sobre a expressão "fim dos dias" (v. 28). Ela pode ser mais bem entendida para descrever os reinos após Nabucodonosor, incluindo a vida de Cristo na terra e o futuro retorno de Cristo.

A interpretação de Daniel (2.31-45)

2.31-45 Daniel, ao recontar o sonho, cumpriu a exigência do rei que os outros sábios não conseguiram suprir. Daniel observa várias vezes nessa descrição dos eventos o envolvimento pessoal do rei e a reação deste com o

sonho: **estavas vendo** (vv. 31,34); **estava em pé diante de ti; e a sua vista era terrível** (v. 31); **viste** (vv. 41,43,45). Quando Daniel mudou da descrição do sonho para afirmar a sua **interpretação**, ele saudou Nabucodonosor como o maior rei terreno, mas, com cuidado, pôs a extensão do poder do rei em perspectiva (v. 36). **O Deus dos céus** — isto é, o Deus de Israel e de Daniel, e não Marduque nem qualquer outra figura do panteão babilônico — estabelecera Nabucodonosor com essa distinção especial (v. 37).

*A **MAJESTADE** (heb. aram. **malku**, "reino, dignidade real", v. 37; cp. 5.18, 6.28) de um rei terreno como Nabucodonosor não é sinônimo da majestade total e completa de Deus. A palavra denota mais literalmente um "reino, domínio ou império (cp. 4.18; 7.23).* O escopo da sua autoridade não reflete as suas próprias realizações nem grandeza pessoal. No sonho, **a cabeça [...] de ouro fino** simbolizava Nabucodonosor porque Deus dera a ele a sua posição poderosa e gloriosa.

Os estudiosos mais conservadores concordam com a indicação dos reinos sucedendo a Babilônia. O **reino** que se levantaria após o de Nabucodonosor — o Império Medo-Persa cuja duração foi de mais de dois séculos (539-331 a.C.) — é descrito como **inferior**, como a **prata** comparada com o ouro (2.32,39). Embora esse império tenha conquistado mais territórios que a Babilônia, o valor e peso descendentes dos metais preciosos podem representar a qualidade inferior da liderança e vida no reino medo-persa. **Um terceiro reino, de metal**, descrito como tendo **domínio sobre toda a terra**, representa a Grécia liderada por Alexandre, o Grande, que invadiu a Pérsia em 332 a.C. (v. 39; cp. 7.6; 8.5; 11.3,4). O domínio grego durou quase dois séculos (331-146 a.C.). O reino **forte como ferro** representa a república romana (509-c. 27 a.C.), que esmagou e destruiu toda a oposição (2.40). Alguns veem esse reino como todo o período da dominação romana sob o governo republicano e imperial.

A identificação do reino (singular, v. 41) representado pelos **pés** e **artelhos** é menos certo, porém três interpretações são fornecidas no texto, e cada uma delas fundamenta-se em uma composição mista de ferro e **barro de lodo** (vv. 33,41-43).

- Esse reino, embora tenha **alguma coisa da firmeza do ferro**, seria **dividido** (v. 41).

- Ser dividido significa que **por uma parte o reino será forte e por outra será frágil** (aram. ***tevar***, "frágil, facilmente quebrado", v. 42).
- **Misturar-se-ão com semente humana, mas não se ligarão um ao outro** (v. 43). A expressão "semente humana" talvez reflita o influxo de múltiplos grupos étnicos, especialmente como escravos. O uso da terceira pessoa do plural provavelmente se refere às duas partes, caracterizadas como uma forte e outra fraca. Não há linhas claras estabelecidas entre as duas categorias, mas elas não coerem. *A inabilidade para* ***LIGAR[EM-SE]*** *(aram.* ***davaq****, "aderir, apegar-se a, aderir firmemente como se fosse colado"; Gn 2.24; veja o estudo da palavra, Rt 1.14) reforça a imagem de divisão e instabilidade, características do governo romano, quando a república deu lugar ao governo imperial.*

A história do Império Romano também se adéqua a essa imagem de força — em termos da conquista militar e do forte governo imperial — misturada com a fraqueza inerentemente debilitante das lutas internas por poder e crescentes ameaças de invasão.

Não obstante, há duas abordagens principais para identificar qual reino é representado pelos pés e artelhos da estátua. Alguns consideram a imagem como o símbolo de um império mundial ainda por vir durante os últimos dias, imediatamente antes da vinda de Cristo. Outros reconhecem que a imagem do capítulo 2 parece fazer paralelo com a do capítulo 7 e interpretam o capítulo 2 em conformidade com essa posição. O que a pedra simboliza parece ser uma chave interpretativa para o sonho de Nabucodonosor. A destruição do pé causada pela pedra fez ruir de modo tão dramático toda a estátua que os seus restos poderiam ser varridos pelo vento (Dn 2.35). A pedra, por conseguinte, foi a causa dos impérios sucessivos serem obliterados (v. 44).

Alguns argumentam que isso aconteceu porque cada um dos sucessivos impérios absorveu o anterior; todavia, se a interpretação messiânica (como apresentada a seguir) estiver correta, a imagem pode retratar a vitória completa de Cristo sobre todos os poderes terrenos conhecidos e futuros e a impotência de qualquer esforço humano para ficar no caminho do Reino de Deus. Portanto, essa pedra, que ele viu ser **cortada** (aram. ***gezar***, "cortada", que corresponde ao heb. ***gazar***, "cortar", Is 53.8; Ez 37.11) do **monte**, cresceu a ponto de tornar-se **um grande monte** que **encheu**

toda a terra (Dn 2.34,35,45). No sonho, a "pedra" é identificada com o **reino** que Deus **levantará** (v. 44):

- Um período de tempo é dado para o início desse reino: Deus irá levantá-lo **nos dias desses reis** — isto é, aparentemente quando os governantes representados pelo pé e artelhos da estátua estiverem exercendo o poder.
- A duração do reino é anunciada: **não será jamais destruído** (6.26; 7.14).
- **Esse reino não passará a outro povo** — isto é, pertencerá apenas, e para sempre, ao povo a quem Deus o der (7.18; Mt 25.34).

O fato de que esse reino **será estabelecido para sempre** ecoa a promessa de Deus a Davi (2Sm 7.16), sendo uma verdade enfatizada em outros trechos do livro de Daniel (veja Dn 4.3,34; 6.26; 7.14,18,26,27).

Aqueles que concordam com uma interpretação messiânica, em que a pedra representa o Reino espiritual estabelecido por Jesus, o Messias, discordarão a respeito do tempo da sua chegada. Por um lado, a pedra pode significar o retorno de Cristo no fim dos tempos. Se for esse o caso, parte da interpretação do sonho continua sem cumprimento. Por outro lado, a vida terrena de Jesus — culminando na sua morte, ressurreição e ascensão — mais naturalmente se ajustaria à sequência cronológica do restante do sonho. Com o alvorecer do século I d.C. — nos últimos dias dos "reis" da república romana e as primeiras décadas dos imperadores romanos — veio o nascimento de Jesus, o Messias. Só o seu reino, que a Escritura denomina de "Reino de Deus", ajusta-se à descrição aqui do Reino eterno e duradouro que supera todos os poderes terrenos e enche "toda a terra" (2.34,35,44,45; Mt 28.18; Mc 1.15; 1Pe 3.22; Nm 34.21; Mt 21.42-44; At 1.8; 13.47; Ef 4.10).

Daniel afirmou que Deus, por intermédio desse sonho, contou ao rei o que aconteceria no futuro. Só o único Deus verdadeiro pode fazer isso com precisão porque só Ele é soberano e conhece todas as coisas. Os profetas como Daniel só poderiam relatar o que Deus revelou e, por conseguinte, deixou claro de modo consistente as mensagens e as interpretações. Qualquer esquema que promete predizer o futuro ou qualquer indivíduo afirmando ver o futuro está deliberadamente promovendo um ardil ou é um charlatão ludibriador.

A resposta ao rei (2.46-49)

2.46-49 Apesar de Nabucodonosor demonstrar profundo respeito por Daniel, a sua resposta verbal exaltou o Deus desse profeta, e não Daniel (vv. 46,47). Enquanto esses versículos enfatizam a resposta do rei, o texto pode permitir que o leitor assuma que Daniel recusou-se a ser tratado como uma divindade e redirecionou o reconhecimento ao Senhor. Os versículos 48 e 49 explicam a promoção de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego para administrar a **província de Babilônia**, preparando o leitor para os eventos do capítulo 3, enquanto Daniel, como o principal conselheiro, **permanec[eu] na corte do rei** (NVI).

A Estátua de Ouro (3.1-30)

A estátua de Nabucodonosor (3.1-7)

3.1-7 Nabucodonosor, possivelmente adotando o padrão da estátua no seu sonho (2.31), ordenou a construção de uma enorme **estátua de ouro** como um objeto de adoração compulsória. Alguns acreditam que a estátua, 27 metros de altura e 2,70 metros de largura, poderia ser vista a mais de 24 quilômetros de distância. O rei fez uma grande produção desse projeto e esperava que todos ficassem tão entusiasmados quanto ele. A sua autoridade era grande e, certamente, bem conhecida, e ele estava se preparado para lidar com aqueles que pudessem desafiar as suas ordens para adorar a imagem.

O livramento milagroso realizado por Deus (3.8-30)

3.8-18 Os **caldeus** estavam entre os sábios incapazes de interpretar o sonho do rei (2.2-11). **Alguns** deles, sem dúvida, ressentiram-se da promoção de Daniel, como governador deles, e dos seus companheiros, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, como governantes provinciais (2.48,49). A proclamação do rei deu a esses homens uma oportunidade, pela qual estiveram buscando, para denunciá-los. A razão por que Daniel não é mencionado no relato é curiosa, mas as suas tarefas reais talvez o tivessem levado a outro lugar no momento desse evento. **Ó rei, vive**

eternamente! — esse era um modo formal de tratamento, e não uma oração para que ele vivesse para sempre.

Será que o rei ficou bravo diante da aparente provocação dos três homens ou a sua raiva era porque teria de executá-los (v. 13)? O ponto de discussão foi claramente definido. Ou o indivíduo adorava abertamente a estátua de ouro, ou seria jogado na fornalha (vv. 14,15). No entanto, a pergunta de Nabucodonosor revela que o conflito não era essencialmente entre a ordem do rei e a recusa dos judeus em consentir. Antes, o rei estava exaltando a si mesmo e pondo-se na posição de divindade, como se nenhum **Deus** pudesse contender com o seu poder nem livrar ninguém das suas **mãos** (v. 15).

Os três governadores judeus demonstraram total entrega a Deus e disposição de aceitar a vontade divina, qualquer que fosse o custo dela. A resposta deles também revela algumas verdades importantes:

- Deus não deve uma explicação à humanidade para as suas ações (v. 16).
- Deus é capaz de **livrar** os seus filhos de qualquer outro poder, ou da **mão** do rei (v. 17).
- Deus pode ser confiável até mesmo quando permite a perseguição.

3.19-30 Nabucodonosor não só seguiu adiante com a sua ameaça de executar quem quer que fosse que se recusasse a prostrar-se diante da estátua de ouro, como também tomou medidas extremas para transmitir o seu desprazer com o desafio ao seu poder (vv. 19,20). Apesar de os três judeus terem sido **ata[dos]** e caírem **atados dentro do forno de fogo ardente**, Nabucodonosor viu-os **soltos** ali dentro (vv. 21-25). O calor extremo do fogo não chegou nem mesmo a **chamusca[r]** (NVI) esses homens (vv. 19,22,27).

O rei que praticamente se atreveu a desafiar o Deus de Israel a resgatar os três judeus das suas **mãos** (v. 15) ficou atônito não só ao observar os homens **passeando dentro do fogo** sem nenhuma **lesão**, como também contou um quarto homem, em vez de três (vv. 24,25). Descreveu o quarto homem como **semelhante ao filho dos deuses** e concluiu que o Deus dos judeus **enviou o seu anjo** para resgatar os homens que tentou executar (v. 28). A maioria dos estudiosos concordam que Nabucodonosor viu uma aparição pré-encarnada de Cristo, ou seja, uma Cristofania. De

qualquer modo, o Senhor revelou de modo poderoso a si mesmo a esses jovens e ao rei da Babilônia cujo discurso público resumiu pelo menos duas verdades ilustradas por esse livramento milagroso:

- O Deus que libertou esses três judeus das chamas é pessoal — **o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego**, isto é, dos indivíduos mencionados, considerados os **seus servos** que foram pessoalmente resgatados (vv. 25,28,29).
- Deus é mais poderoso do que qualquer rei. Nenhum **outro deus**, conforme testemunharam, poderia **livrar** esses três jovens que confiantemente arriscaram a vida fundamentados nesse fato (vv. 17,18,28).

Não obstante, Nabucodonosor falhou em reconhecer que esse Deus é o *único* Deus. O rei louvou ao Senhor pela sua superioridade (como "Deus, o Altíssimo", 4.2), mas não pela sua exclusividade ("[...] o nome do meu deus", 4.8).

A Insanidade de Nabucodonosor (4.1-37)

A proclamação do rei Nabucodonosor (4.1-18)

4.1-18 O rei Nabucodonosor compartilha o que poderia ser considerada a experiência mais humilhante da sua vida. O testemunho público é relatado por Daniel ou pode ter sido escrito ou ditado pelo próprio rei. A proclamação inclui versículos de doxologia na sua introdução (v. 3) e conclusão (4.34,35), salientando, com isso, o propósito da história contada entre o início e o fim — reconhecer e louvar o "Rei dos céus" (v. 37), que fizera **sinais e maravilhas** para o rei terreno (v. 2).

O que Nabucodonosor diz sobre o seu reino à época do seu sonho indica que esse sonho aconteceu tardiamente no seu reinado, por volta de trinta anos após os eventos do capítulo 3. Daniel, portanto, teria por volta de 50 anos. O rei completara os seus mais grandiosos projetos de construção (v. 30) e sossegou sem conflitos no horizonte. Embora tivesse alcançado grande sucesso e contentamento, ficou muitíssimo perturbado por um **sonho**. Aqui, Nabucodonosor pediu aos seus **sábios** apenas a **interpretação do**

sonho (4.6-7), e não os detalhes do sonho em si, como no capítulo 2. No entanto, apenas Daniel proveu a interpretação (vv. 7-9,18,19).

Nabucodonosor observou a habilidade de Daniel e o dom de Deus para o propósito específico de interpretar sonhos (4.8). Afirmou três vezes que Daniel tinha **o espírito dos deuses santos** (vv. 8,9,18). Na realidade, a habilidade para interpretar sonhos foi dada por Deus (veja 1.17), mas não deve ser confundida com os "dons espirituais" mencionados no Novo Testamento. As habilidades de Daniel eram únicas para a sua época e para o plano de Deus.

A interpretação de Daniel (4.19-27)

4.19-27 Daniel aparentemente recebeu a **interpretação** após ouvir o sonho e, conforme fica óbvio, ficou perturbado com ele. No **sonho**, a grande **árvore** representava Nabucodonosor e o seu impressionante reinado sobre um império extenso englobando muitos povos, nações e línguas (vv. 19-23; v. 1; 3.29). O rumo dos acontecimentos em que uma ordem é apresentada e executada para essa árvore **formos[a]**, frutífera e saudável ser cortada é chocante (4.12). Tal destruição de uma árvore estava tipicamente reservada para aquelas que estavam mortas ou eram persistentemente infrutíferas. A ordem inclui uma limitação que permite a esperança para crescer de novo. O **tronco, com as suas raízes**, é deixado ali e protegido por **cadeias de ferro e de bronze** ou uma cerca em volta dele (vv. 15,23). No meio do versículo 15, a imagem muda de uma árvore representando o rei e o seu esplendor para um homem a quem **um vigia, um santo,** ou **vigiadores** (aram. ***'ir***, "observador, guardião", vv. 13,17,23) decretaram, em nome do **Altíssimo**, que teria de aprender quem é verdadeiramente soberano (vv. 17,24,25,32).

Daniel transmitiu anteriormente a verdade de que Deus permitiu que o rei tivesse sucesso e grandiosidade. Esse sonho também foi designado para mostrar ao rei que o Senhor controlaria o seu futuro, a sua queda e a sua restauração ao reino. Por **sete tempos** — se dias, meses, estações ou anos — o rei ficaria perturbado, agindo como um animal, sendo, portanto, forçado a viver **com os animais do campo** (vv. 16,23-25). Licantropia (gr. ***lukos***, "lobo", e ***anthrōpos***, "homem") é uma insanidade temporária em que o indivíduo acha que é algum animal. Daniel, fundamentado nesse temível **decreto** (v. 24), aconselha o rei a tratar de várias sérias questões

éticas e da corrupção que desagradavam a Deus. Um aspecto dessa mensagem sobre essas circunstâncias era que Nabucodonosor deveria prestar contas ao Altíssimo e que a posição e poder do rei terreno dependia derradeiramente de Deus.

Daniel compreendeu o julgamento violento do Altíssimo e implorou ao rei que parasse de pecar e começasse a viver de uma forma que agradasse a Deus a fim de evitar o julgamento por vir. Essas duas recomendações falam do movimento de um modo de vida para outro — de cometer **pecados** para passar a fazer **justiça** (Dt 6.18; 12.28; 13.18; 21.9; Sl 25.9; Is 56.1; Ez 18.21,27; 1Jo 3.10) e da prática de **iniquidades** (aram. ***'iweya'***; "perversidade, iniquidade, pecado"; Pv 12.8; Dn 9.5) para a prática de **misericórdia para com os pobres** (4.27; Sl 140.12; Pv 14.31; Jr 22.16; Ez 16.49). Essas ações não são redentoras, porém fornecem evidência da mudança interna — da exaltação de si mesmo à submissão ao governo de Deus.

A rebelião de Nabucodonosor (4.28-33)

4.28-33 O texto não explica o que aconteceu durante os **doze meses** entre o sonho e a execução da sentença descrita nesse sonho (v. 29). Talvez o rei tenha levado a sério o alerta do sonho e o conselho de Daniel. No entanto, assim que o rei vangloriou-se abertamente da **glória** da sua **magnificência** e realizações, teve início o período de insanidade com tudo o que ele acarretava (vv. 30-33). Não resta a menor dúvida quanto à razão para o que aconteceu com o rei porque o julgamento foi anunciado por **uma voz do céu** (v. 31).

A restauração de Nabucodonosor (4.34-37)

4.34-37 O rei não só comeu "erva como os bois" (4.25,32), como também engoliu as suas palavras tolas. A sua licantropia foi tão avassaladora que ele saiu do palácio e ficou longe das pessoas sobre quem governava (vv. 32,33). Nabucodonosor, ao levantar os **olhos ao céu** reconheceu que estava sujeito a Deus (v. 34), isto é, que o "Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens" e que "o céu reina" (4.25,26,32). A expressão poética do rei terreno não espelha as palavras do propósito afirmado do seu período de insanidade (veja 4.17,25,26,32), mas a doxologia modela como o indivíduo

pode reconhecer a soberania de Deus. Daniel explicara que a árvore no sonho de Nabucodonosor representava o rei e o seu "domínio", que geograficamente é bastante extenso ("até à extremidade da terra", 4.22), porém temporal no seu escopo.

Em contraste, **o domínio** do **Altíssimo** "de geração em geração" (4.3) é **sempiterno** (v. 34). Portanto, como o "vigia" declarou no sonho, "o Altíssimo [que é eterno] tem domínio [sem-fim] sobre os reinos dos homens" que não vivem para sempre, mas, por comparação, **são reputados em nada** (4.17,35).

Nabucodonosor compreendeu, por fim, que era o administrador do Reino do Altíssimo e que a grandeza desse Reino era obra de Deus, e não dele. Esse rei arrogante, que, pelo que se pôde observar, não estava fazendo o que era correto e nem demonstrando misericórdia pelos necessitados (veja 4.27), reconhecia agora que as obras do **Rei dos céus** são **verdades**, e os **seus caminhos, juízo** (v. 37). Ele concluiu a partir da sua experiência que o Deus onipotente que faz o que "quer" não pode ser contrariado. O rei, durante o período em que sofreu de licantropia, uma doença, não pôde conduzir os assuntos de estado e aprendeu em primeira mão que a soberania do Senhor transcendia tudo o mais (v. 25). O Senhor pode subjugar qualquer pessoa que resista à sua autoridade (v. 37).

O Grande Banquete de Belsazar (5.1-30)

O orgulho de Belsazar e a escrita na parede (5.1-24)

5.1-12 Nabucodonosor morreu em 562 a.C. Nabonido, sem descendência real, assumiu o trono cerca de seis anos mais tarde. Os estudiosos liberais tentaram usar esse capítulo para apoiar as afirmações deles de que a Bíblia continha erros, argumentando que não existiu nenhum **rei Belsazar** (aram., "Bel protege o rei"). Nabonido foi reconhecido como o último rei da Babilônia; e, quando o reino caiu diante dos medos-persas, ele não foi morto e acabou recebendo uma pensão. No entanto, descobertas arqueológicas comprovaram que Belsazar era o primogênito de Nabonido e atuou como governante na Babilônia enquanto o seu pai passou vários anos do seu reino buscando por benefícios arqueológicos na Arábia. A proclamação de Belsazar tornando Daniel "o terceiro dominador do reino"

(5.29), portanto, faz sentido; Belsazar era o segundo em comando depois de Nabonido, o seu pai.

A Babilônia, embora enfraquecida, ainda continuava a ser não só uma das cidades mais espetaculares do mundo, como também uma das mais fortes. Babilônia tinha um muro duplo maciço através dos quais várias equipes de carros poderiam correr, mais de cem torres de vigia e armazenamento de água e alimentos para vinte anos. A cidade era conhecida pelo seu esplendor e opulência. Vários saguões enormes para banquetes-jantares foram encontrados nas ruínas da Babilônia, até mesmo um que poderia abrigar dez mil pessoas sentadas.

Belsazar escolheu dar essa festa em um período interessante. Ciro, rei da Persia, já havia conquistado a Média (em 550 a.C.), a norte, e a Lídia, no extremo oeste da Babilônia, por volta de 547/546 a.C. Naquele ano, Belsazar organizou tropas para defender as fronteiras norte do reino de um ataque em potencial, mas a atenção de Ciro estava voltada para outro ponto nesse momento. Em 543 a.C., Nabonido retornou para a Babilônia. Em agosto de 539 a.C., Ciro derrotou as tropas babilônicas em Opis, na margem oeste do rio Tigre. Mais a sul, na direção da Babilônia, ele capturou Sipar sem travar nenhuma batalha, e Nabonido fugiu dali para a Babilônia. Ugbaru (Gubaru ou Gobrias), o governador dos gútios, juntou-se ao exército de Ciro, tomando a cidade sem qualquer oposição e capturando Nabonido. Em 29 de outubro de 539 a.C., Ciro entrou na Babilônia.

Belsazar, aparentemente resoluto na sua crença de que a Babilônia era inexpugnável, **deu um grande banquete** (v. 1). A escolha fatídica, todavia, não era a loucura política do rei — dar uma festa quando os exércitos inimigos estavam acampados a pouca distância —, mas, de acordo com a ênfase do texto, o seu orgulho manifestou-se nas seguintes atitudes:

- a profanação negligente dos **utensílios de ouro e de prata** que o seu predecessor pegara do **Templo que estava em Jerusalém** (vv. 2,3,22,23);
- a adoração de ídolos sem vida (vv. 4,23); e
- a exaltação de si mesmo, e não de **Deus, o Altíssimo**, como Nabucodonosor fizera (vv. 20-22).

A expressão ***NA MESMA HORA*** *(aram.* ***sha'ah****, "a mesma hora, daqui a um minuto, repentinamente", v. 5; cp. 3.6; 4.33) transmite um sentido de imediação e sugere uma relação de causa e efeito entre essas evidências de orgulho e a mensagem assombrosa de Deus. O verbo* ***APARECERAM*** *(aram.* ***nephaq****, "sair, a aparecer") sugere que os "dedos" estenderam-se ou vieram de Deus para escrever na parede do palácio (v. 5).*

A descrição do terror do rei provavelmente capta também a reação dos convidados. Os vários **sábios** reunidos ali viram apenas a **escritura** (vv. 7-9). O temor intensificou-se quando nenhum deles pôde interpretar a escrita, e **os gritos** [aram. ***millah***, "palavra, fala"] **do rei e dos seus nobres** (NVI) foram ouvidos para além do saguão de banquete (v. 10). A posição ou identidade, de fato, da **rainha** não pode ser determinada. Outras **mulheres e concubinas** já estavam presentes (v. 2). "A rainha" talvez fosse a viúva de Nabucodonosor, ou, quem sabe, a filha ou, ainda, a mãe (a esposa de Nabonido), avó ou esposa de Belsazar. De qualquer modo, ela chegou ao local com uma solução (vv. 10-12).

5.13-24 A promessa do rei de recompensar aquele que pudesse ler e interpretar a inscrição trai a sua crença de que aqueles denominados de "sábios" precisavam de um incentivo de ganho pessoal para apresentar a interpretação correta (2.6). Esses homens, como aconteceu com os sonhos de Nabucodonosor, reconheceram que estavam lidando com um poder sobrenatural, algo além da experiência deles (2.10,11,27). O fato de Daniel negar os presentes prometidos pelo rei indica que não era motivado pelo desejo de recompensa.

Daniel, conforme fizera muitas vezes antes, dirigiu-se ao rei com ousadia, honestidade e confiança. Ele deu uma pequena aula de história sobre o **predecessor** (NVI) do rei e lembrou todos, sobretudo o rei, que **o Altíssimo** dá o sucesso e também o remove (5.18; vv. 11,12).

Daniel repreendeu Belsazar pela sua arrogância e identificou especificamente a atitude desafiadora do rei e os seus nobres contra Deus, não só por usar os **utensílios** sagrados, mas também por usá-los em associação com a adoração de ídolos (v. 23). Daniel deixou claro que só Deus controla a vida e a morte.

O termo ***ENTÃO*** *(aram.* ***'edayin****, "então, portanto", v. 24) reforça a natureza pessoal da decisão de Deus para enviar a "mão". De modo similar ao impacto da expressão "na mesma hora" no versículo 5,* ***'edayin*** *liga as escolhas feitas pelo rei e os seus nobres com a intervenção de Deus. A falha deles em glorificar "a Deus, em cuja mão*

está a tua vida e todos os teus caminhos" junto com a idolatria de falsos deuses, motivou aquele anúncio divino dramático sobre o destino do reino deles.

O comportamento dos babilônios não surpreendeu o Senhor, e Ele já pusera em movimento os eventos que os removeriam do poder (Is 13.17; 14.13-15; 47.11-15; Jr 50—51). Contudo, deixou a razão para os seus planos bem clara.

Belsazar, em contraste com a resposta de Nabucodonosor à sua repreensão e punição, não **humilh[ou]** o seu coração (Dn 5.22). **Pelo contrário** (NVI), ele tolamente se **exalt[ou] acima do Senhor dos céus** (v. 23). A nação, apesar das múltiplas demonstrações do poder soberano de Deus, em particular durante o reinado de Nabucodonosor, rejeitou o Senhor.

A interpretação da escrita (5.25-30)

5.25-30 A **interpretação** não foi positiva de modo algum para Belsazar. Embora o sentido comum dos três verbos tenha sido compreendido, a aplicação profética da forma ambígua em que eles foram apresentados deixaram perplexos os homens sábios e exigiram discernimento especial por parte de Daniel para a compreensão deles:

- **MENE, MENE**: Deus **contou** [aram. ***menah***, "rever, designar") os dias do **reino** babilônico (v. 26). O fato de que o tempo do governo babilônico chegara ao fim era inegociável.
- **TEQUEL** (aram. "pesar"): Demonstrou-se que o rei foi achado **em falta** (aram. ***chassir***, "falta, muito leve", v. 27) na avaliação do Senhor. No contexto do capítulo 5, a imagem do equilíbrio descreve a nulidade do orgulho de Belsazar e a falsa sensação de segurança.
- **PARSIM**: O fim da Babilônia já fora determinado por Deus. O reino fora **dividido** (aram. ***peras***, "partido em dois", v. 28) e dado aos seus conquistadores (v. 23).

O próprio rei fora pesado e encontrado em falta e perderia o seu reino (vv. 27,28). Todavia, ele, apesar do julgamento por vir, deu a Daniel as recompensas prometidas (v. 29). **Naquela mesma noite**, Belsazar perdeu o seu reino e a sua vida (vv. 30,31).

A Cova dos Leões (5.31—6.28)

As ameaças contínuas à vida de Daniel (5.31—6.9)

5.31 Há muita controvérsia e incerteza com relação a **Dario, o medo** (v. 31). De acordo com os textos históricos relatando o reino de Nabonido e a queda da Babilônia no 16º dia, "Gobrias [Ugbaru ou Gubaru], o governador dos gútios", junto com o exército de Ciro, tomou a cidade da Babilônia. Ciro entrou na cidade quase duas semanas mais tarde em 29 de outubro de 539 a.C., assumindo o controle da cidade sem resistência.[1] Dario talvez fosse um título para Ciro ou, talvez, para o tio de Ciro, um governador medo a quem Ciro pode ter prometido o trono da Babilônia. Dario e "Ciro, o persa" parecem ser duas pessoas distintas (6.28).

Uma teoria mais plausível é que Dario era um título de Gobrias (ou Ugbaru) quando Ciro designou-o como governante da cidade. Os escritos de Xenofonte, um historiador grego da Antiguidade, também relatam que o filho de Nabonido (Belsazar) matou o filho de Gobrias durante uma caçada real. A revanche pode explicar por que Belsazar foi morto quando Gobrias tomou a cidade, apesar de Nabonido ter recebido permissão para viver quando foi capturado ao retornar para a cidade.

A experiência na cova dos leões (6.1-18)

6.1-18 Dario reteve Daniel, à época com pouco mais de oitenta anos, como administrador de alta patente na ordem governamental que instituiu (v. 2). A integridade e a sabedoria como frutos da sua devoção ao Deus de Israel foram reconhecidas e apreciadas pelo terceiro rei sobre a Babilônia e, nesse caso, sem que ele tivesse interpretado uma visão ou sonho. Até mesmo os administradores que tinham ciúmes do poder confiado a Daniel e que se ressentiram da sua supervisão compreendiam que a adesão desse profeta à **lei do seu Deus** tornou a sua liderança exemplar e o seu caráter inatacável (v. 5).

A estratégia preparada contra Daniel segue um padrão. Por exemplo, alguns homens sábios de Nabucodonosor também identificaram o compromisso primordial de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego como aquele pelo qual dariam a vida (veja cap. 3). Os tementes a Deus cuja vida e cuja conduta estão acima de qualquer reprovação e estão à altura da sua

profissão de seguidores de Jesus Cristo não devem surpreender-se ao encontrar padrões similares de oposição:

- O ataque veio de pessoas que invejavam o favor recebido por Daniel e que resistiram à aplicação dos padrões éticos que ele tinha.
- *Esses indivíduos descontentes juntaram forças e apresentaram uma frente unida (v. 7). O verbo* ***FORAM JUNTOS*** *(aram.* ***regash****, "correr junto com tumulto, reunir-se em uma multidão tumultuosa", v. 6; "sair como um grupo", v. 11; "foram", v. 15) descreve os inimigos de Daniel como maquinadores obnóxios e barulhentos.*
- Planejaram uma situação que faria com que a fé de Daniel entrasse em conflito direto com as autoridades terrenas a quem ele deveria prestar contas (vv. 5,7,8).
- Esconderam os seus motivos quando se aproximaram do rei com o seu plano.
- Ludibriaram aquele que tomava decisões ao afagar o seu ego e manipular o sistema para alcançar o seu objetivo perverso, enquanto se protegiam da condenação ou desmascaramento (vv. 12,15).
- Continuaram a observar Daniel com vigilância a fim de pegá-lo no ato de obediência a Deus, a sua autoridade suprema (vv. 11,12).
- Difamaram Daniel e acusaram-no de desafiar a autoridade do rei (v. 13).
- Pressionaram para a aplicação da pena sem nenhuma concessão nesse caso em particular da regra ou lei que *eles* queriam impingir.

Daniel não demonstrou nenhum sinal de alarme nem de temor. Ele compreendia muito bem o perigo que enfrentava e continuou a fazer o que **antes costumava fazer** — isto é, **orava, e orava, e dava graças, diante do seu Deus**, (v. 10). Ele, sem dúvida consciente de que seria observado de perto, não mudou nada na sua rotina de adoração (vv. 10,11):

- Não fechou as janelas, quer para esconder as suas atividades, quer para sinalizar submissão ao seu edito.
- Não mudou o seu lugar de adoração para evitar o escrutínio dos seus inimigos.
- Não rompeu o seu padrão de orar **três vezes no dia**.
- Manteve a sua postura de sempre.
- Não mudou a sua forma de adoração.

• Continuou a orar ao **seu Deus**.

O estratagema contra Daniel foi executado com perfeição. O rei estava preso ao seu sistema legal (vv. 8,12,15). Os inimigos de Daniel, após testemunharem da violação do **edito** pelo profeta, pediram a execução dele. O texto observa o quanto o rei ficou apreensivo e preocupado com a vida de Daniel. Esse rei descrente chegou até mesmo a encorajar Daniel ao lembrá-lo que Deus poderia salvar a sua vida.

A preservação da vida de Daniel (6.19-24)

6.19-24 O rei obviamente acreditava que Deus poderia **livra[r]** (aram. ***shēzav***, "livrar, libertar, salvar", vv. 20,27; 3.15,17,28; 6.14,16) Daniel. O comportamento de Dario entre o encerrar Daniel na cova e a manhã seguinte também indica a sua esperança de que o Deus de Daniel era poderoso para salvá-lo. O rei mencionou três vezes o culto de Daniel ao seu Deus, algo que aparentemente o impressionara (6.16,20). Daniel respondeu com respeito e explicou o livramento de Deus da mesma forma como Nabucodonosor descrevera o que Ele fizera por Sadraque, Mesaque e Abede-Nego — **Deus enviou o seu anjo** para impedir que ele fosse ferido, implicando que Daniel viu aquele enviado exatamente como Nabucodonosor vira o quarto homem no fogo (v. 22; 3.28). Daniel também explicou, no entanto, que ele, no julgamento de Deus, era **inocente** (NVI). O fato de ele obedecer a Deus, e não a Dario, não constituía um crime **contra [...] [seu] rei** (6.22).

Daniel tinha a consciência limpa diante de Deus e diante das autoridades terrenas. A narrativa enfatiza que Daniel **crera** [aram. ***'aman***, "crer em"; cp. "digno de confiança", v. 4; "certo", 2.45] **no seu Deus** (v. 23). O seu resgate, por conseguinte, é atribuído totalmente ao poder de Deus trabalhando por intermédio da fé do homem no Altíssimo. A descrição dos inimigos de Daniel e das suas famílias ilustra o quão milagrosa foi a preservação da vida de Daniel na **cova dos leões** (v. 24).

A prosperidade de Daniel (6.25-28)

6.25-28 A proclamação do rei ligou a **prosperidade** (NVI; aram. ***shelam***, "paz, bem-estar", v. 25; cp. 4.1) do povo com a reverência deles pelo Deus verdadeiro a quem Daniel exaltava como:

- o **Deus vivo** (6.20,26), reconhecendo implicitamente um contraste entre a atividade dinâmica daquEle que está vivo e a futilidade dos ídolos inanimados (Jr 10.10; At 14.15);
- soberano eternamente (Dn 6.26);
- pessoal e poderoso — ele intervém na vida dos seus servos, demonstrando até mesmo a sua vontade de formas milagrosas, dramáticas e incomparáveis (v. 27);
- idêntico ao Deus que **livrou Daniel** (v. 27).

O versículo 28 confirma o culto contínuo de Daniel sob os dois governantes — **Dario**, o medo, e **Ciro, o persa**.

As Visões de Daniel (7.1—12.13)

A Primeira Visão de Daniel (7.1-28)

O capítulo 7 é fundamental no livro de Daniel. O material narrativo nos capítulos 1—6 estabelece não só o cenário em que Daniel recebeu as visões registradas nos capítulos 7—12, como também a credibilidade e posições de proeminência na Babilônia. Os capítulos anteriores também demonstram a soberania e o poder do Deus de quem Daniel é devoto. A visão registrada aqui influenciou grande parte dos escritos apocalípticos subsequentes. O capítulo 7 forma um esboço dos futuros eventos, dando sentido para a profecia concernente ao Reino de Cristo e o seu retorno.[2]

As quatro bestas (7.1-17)

7.1-17 Daniel, até esse ponto do livro, interpretou sonhos e visões dos outros. Aqui, ele tem o seu próprio **sonho** (v. 1). A primeira visão de Daniel ocorreu provavelmente em 553 a.C. (entre os caps. 4 e 5) — depois de mais de cinquenta anos de serviço na Babilônia e quatorze anos antes da sua queda e rendição ao Império Medo-Persa.

Eis que (aram. ***'aru***, "veja, olhe") indica que o que Daniel viu isso aconteceu enquanto **estava olhando** (ARA) as **visões da sua cabeça**, ou seja, algo incomum chamou a sua atenção. A expressão **os quatro ventos** implica que vieram do norte, sul, leste e oeste — isto é, de todas as direções de uma só vez (7.2; Jr 49.36; Ez 37.9; Zc 2.6). Esses ventos, no

entanto, eram **do céu**. O Céu sem limite — provavelmente implicando "céus" como o lugar de habitação de Deus e, portanto, o próprio Deus soberano — é a fonte desses ventos. Em Mateus 24.31, Jesus fala sobre enviar os seus anjos para "ajunta[r] os seus escolhidos desde os quatro ventos" (Mc 13.27). O foco de Daniel estava no que os quatro ventos faziam. Eles **combatiam** [aram. ***giach***, "quebrar ou jorrar"] **no mar grande** e, ao fazer isso, aparentemente levantaram, provocaram ou, por intermédio da agitação violenta do mar, trouxeram à tona das profundezas **quatro animais grandes**, um após o outro — e não todos de uma vez (Dn 7.2,3):

- um **era como leão**, porém com **asas de águia** (v. 4);
- o segundo era **semelhante a um urso** (v. 5);
- o terceiro era **semelhante a um leopardo**, porém com **quatro asas de ave nas suas costas** (v. 6).
- o quarto animal grande era aterrador (v. 7).

O "mar" de onde esses animais emergiram é mais tarde identificado com a "terra". Em Apocalipse 17.15, o anjo que interpretou a visão apocalíptica de João explicou que "as águas [...] são povos, e multidões, e nações, e línguas". O "mar grande" em Daniel 7.2,3 pode, da mesma forma, simbolizar os povos e nações do mundo.

Daniel, após descrever o restante do sonho, relata a interpretação que lhe foi dada. Esses animais representam **quatro reis** (v. 17). Cada um deles é descrito como um predador temível e intimidador, porém indícios que os identifiquem com governantes ou impérios específicos são escassos. Não obstante, os estudiosos mais conservadores veem grande similaridade entre esse sonho e aquele de Nabucodonosor no capítulo 2. Nenhum dos animais grandes, de modo distinto da visão da estátua por Nabucodonosor no capítulo 2, é identificado explicitamente com um rei em particular. Contudo, de modo semelhante à estátua no sonho de Nabucodonosor, os animais grandes aparecem em sequência e, apesar do seu poder aparente, são sujeitos à soberania de Deus. Os "quatro reis" são tradicionalmente identificados como os mesmos quatro impérios sucessivos descritos no sonho de Nabucodonosor:

- o animal alado semelhante a um leão como o Império Babilônico;
- o animal semelhante a um urso como o Império Medo-Persa;
- o animal semelhante ao leopardo como Alexandre, o Grande, cujo reino foi dividido entre quatro generais depois da sua morte, correspondendo às **quatro cabeças** da besta (v. 6; cp. 8.5); e
- o quarto animal como o Império Romano com os seus **dentes grandes de ferro** reminiscente do sonho que Daniel interpretou quando ainda era jovem (7.7; cp. 2.33,35,40; Ap 13).

Os estudiosos mais conservadores também concordam que aspectos da visão de Daniel não foram cumpridos, particularmente quando considerados em conexão com imagens apocalípticas muito similares no livro de Apocalipse (e.g., Dn 13.1,2,11). Por exemplo, a ponta, ou chifre, **pequena** que **entre** as dez pontas **subiu** representa o Anticristo, que dominará o mundo e perseguirá os cristãos antes do retorno de Cristo (Ap 17.8). A ponta também é mencionada como o animal que é **morto**, destruído e julgado por Deus. Assim como os outros animais grandes tiveram permissão para viver e governar por algum tempo sob a soberania designada de Deus, também o Anticristo tem um tempo e poder limitados e designados (Dn 7.11,12).

*A palavra **PONTA** (heb. **qeren**), quando usada de modo figurativo, significa a força e o poder da pessoa para dominar ou governar (Jr 48.25). As "pontas" na visão de Daniel, conforme os intérpretes deixam claro, representam reis, isto é, homens que se levantam a posições de poder. A fonte da posição exaltada de um governante é relevante na Escritura. Deus refere-se à fala arrogante e jactanciosa do perverso quando ele ordena: "não levanteis a fronte" contra os céus (Sl 75.4,5). A injunção é similar ao alerta proverbial para "não tocar a sua própria trombeta", isto é, para não se gabar nem se promover. Daniel, antes e depois da sua visão do "juízo" (aram. **din**, "julgamento, tribunal supremo", Dn 7.10,26), observou que a "ponta pequena [...] falava grandiosamente", e "grandes palavras" provinham "da ponta" (vv. 8,11; Ap 13.1-6). A autoridade soberana de Deus garante que "os santos do Altíssimo", e não os reis desafiadores da terra, receberiam o seu reino, e essa posse jamais lhes seria tirada (Dn 7.18,22,26,27; Sl 89.5-24; 132.17,18).*

O Senhor é o sujeito implícito dos verbos na voz passiva usados para descrever cada um dos animais grandes. O capítulo enfatiza a autoridade e poder abrangente do **ancião de dias** (uma expressão usada apenas aqui na Escritura — Dn 7.9,13,22) e de **um como o filho do homem** (vv.

9,10,13,14). Além disso, em contraste com os governantes pagãos descritos como animais grandes, Deus é descrito em forma humana, isto é, como inerentemente superior. A sua **veste** era **branca como a neve**, refletindo a sua santidade (Mt 17.2; 28.3; Mc 9.3; Lc 9.29), e a brancura do seu **cabelo** chama atenção para a sua vida e sabedoria eternas (Dn 7.9; Ap 1.14). A palavra **fogo** é usada três vezes na descrição do **trono** do Senhor onde Ele assenta-se como Juiz, sugerindo a pureza inacessível da sua presença santa (Dn 7.9,10). O fogo destrói aquilo que pertence exclusivamente à terra, porém refina e purifica o que pertence derradeiramente àquele cujo **reino [...] não será destruído** (v. 14; Hb 12.29).

O uso da palavra "como" na expressão "como o filho do homem" liga-a às descrições das primeiras três bestas, ou animais grandes, ainda que interrompa o padrão de acrescentar detalhes que sinalizam o caráter simbólico das bestas. Antes, vários aspectos da descrição de Daniel indicam a divindade e a realidade daquele "um como o filho do homem" (Dn 7.13,14):

- Ele vem **nas nuvens do céu**. Esse detalhe identifica-se com a descrição de Deus apresentada por Moisés na última seção das suas bênçãos sobre os israelitas: "Não há outro, ó Jesurum [heb. "reto, justo"], semelhante a Deus, que cavalga sobre os céus para a tua ajuda e, com a sua alteza, sobre as mais altas nuvens!" (Dt 33.26). A imagem também aparece na referência a Deus em Salmos (Sl 18.9-12; 68.4; 97.2; 104.3,4) e Naum 1.3). Até mesmo as palavras do plano arrogante de Satanás para exaltar a si mesmo confirma a ligação entre as "nuvens" e o "Altíssimo" (Is 14.14). No entanto, "uma nuvem [...] recebeu" Jesus quando Ele ascendeu "às alturas", e dois anjos prometeram aos discípulos que Ele retornaria desse mesmo modo (At 1.9-11). Os cristãos certamente se encontrarão com Jesus "nas nuvens" (1Ts 4.17), e Apocalipse 1.7 anuncia o retorno de Cristo com a seguinte exclamação: "Eis que vem com as nuvens".
- O "ancião dos dias" (i.e., Deus Pai) deu-lhe **o domínio** (aram. ***sholtan***, "domínio, soberania"; Dn 7.6,12; Mt 28.18; 1Co 15.24) para governar, **honra** (aram. ***yeqar***, "honra, esplendor", aquilo que é "precioso, valioso") e **o reino**.

- A sua autoridade será universal (2Cr 20.6; Sl 22.27; 72.11; 86.9; Is 2.2). ***SERVISSEM*** *(aram.* ***pelach****, Dn 7.14,27) significa com maior frequência "adoração" no livro de Daniel (e.g., 3.12; 6.16).*
- Conforme Nabucodonosor (4.3,17,34) e Dario reconhecem (6.26), o **seu domínio** (aram. ***sholtan***; veja "autoridade para governar" acima) é eterno (2.44; Sl 45.6; 145.13; Lc 1.33; Hb 1.8; Ap 1.6; 11.15).

Mais importante ainda: Jesus assume pessoalmente o título "Filho do Homem" e cita dessa passagem em referência a si mesmo (Mt 24.30; 26.63,64; Mc 13.26; 14.62). O título reflete a sua encarnação e identificação com a humanidade. Jesus veio para a terra como o Filho de Deus; Ele voltou para o céu como o Filho de Deus e o Filho do Homem (Ap 1.7). Deus, por causa da obediência do Filho do Homem "até à morte e morte de cruz", deu-lhe "um nome que é sobre todo o nome", diante do qual um dia todas as pessoas prostrar-se-ão (Fp 2.5-11; Dn 7.27).

Há um comentário afirmando que a expressão de Daniel "meu espírito foi abatido dentro de mim" seria mais bem traduzida por "meu espírito foi ***ABATIDO*** *[aram.* ***kera'****, "afligido, angustiado"] em meio a sua bainha" (v. 15). Figurativamente, uma espada na sua bainha representava a alma ou espírito no corpo. Daniel, utilizando uma expressão em português, pode ter dito algo como: "Fiquei abalado em meu íntimo". Ao afirmar que as "visões" "espantavam[-no]" (aram.* ***behal****, "amedrontar", correspondendo a heb.* ***bahal****, "tremer" de medo, "[s]eus pensamentos muito [...] [o] espantavam", vv. 15,28; "tremor", Êx 15.15; "pasmou", 2Sm 4.1; "perturbados", Sl 6.2) reforça essa imagem da reação de Daniel ao que o Senhor revelou no sonho.*

Daniel, embora tenha interpretado os sonhos dos reis que responderam com ansiedade similar (veja Dn 4.5,19; 5.6,9,10), busca respostas aqui. O texto não identifica os **milhões de milhões [que] estavam diante dele**, a menos que Daniel estivesse se referindo aos **milhares de milhares [que] [...] serviam** Deus na sua corte (7.9,10,16). Estes, presumivelmente, eram anjos, e ele pode ter falado com Gabriel (9.21,22). Para Daniel, a **interpretação** (aram. ***peshar***, explicação", v. 16) e a **verdade** (aram. ***yatstsiv***, aquilo que é "digno de confiança, válido, estabelecido", 7.16,19) eram sinônimos.

A interpretação do anjo (7.18-28)

7.18-28 O anjo apresentou de imediato a esperança a Daniel de que o Senhor reinaria supremo **para todo o sempre** (v. 18). Deus, embora houvesse muitos anos de conflito e sofrimento, prevaleceria, e os seus **santos** derradeiramente **receberão o reino e possuirão o reino para todo o sempre e de eternidade em eternidade** (vv. 18,19,21,22,25,27). "Os santos do Altíssimo" não são claramente identificados, mas o versículo 27 refere-se a eles como o **povo** a quem lhe será dado **o reino** [i.e., **seu reino**, dado pelo "ancião de dias" para aquele "como o filho do homem", vv. 13,14]**, e o domínio, e a majestade** de todos os reinos terrenos. Daniel buscou especificamente uma interpretação do quarto animal, o mais feroz, e as suas **dez pontas**. A sua descrição desse animal, **diferente de todos os outros**, faz paralelo com a primeira descrição no versículo 7, exceto pelo detalhe acrescentado de que tinha **unhas de metal**, isto é, praticamente inquebráveis e devastadoras como armas (v. 19). A quarta besta, de acordo com a explicação do intérprete, simbolizava um reino do qual surgiriam **dez reis**. A ponta pequena surgindo em meio a essas dez também simboliza um reino, **diferente dos primeiros**, que **abaterá a três reis** (Dn 7.24). As suas características, que também podem ser aplicadas ao Anticristo por vir, incluem:

- ter **olhos** "como olhos de homem" (v. 20; v. 8);
- ser verbalmente arrogante (vv. 20,25; vv. 8,11; Ap 13.5);
- ter uma aparência arrogante, talvez exaltando a si mesmo para ter notoriedade pública (Dn 7.20);
- opor-se ativamente a Deus e aos seus "santos" (vv. 21,25; Ap 11.7; 13.3b-4,7); e
- tentar, com arrogância, redefinir as tradições e sistemas religiosos (Dn 7.25).

No entanto, Deus estabeleceu e impôs uma limitação fixa durante a qual esse reino tem permissão para operar (veja vv. 11,22,25,26). Muitos interpretam a duração do tempo apresentada como **um tempo, e tempos, e metade de um tempo** como três anos e meio — adicionando "um tempo" (um ano) a "tempos" (dois anos) e a "metade de um tempo" (meio ano) — e correlacionam isso com uma aparente Grande Tribulação de três anos e meio (Ap 11.2,3; 12.14; 13.5). Cristo, após esse reino de

terror, reconciliará a terra e irá governá-la junto com o seu povo (Ap 20.4; 21.27; 22.3,4,14). Na visão de Daniel, quando Deus vem e executa o **juízo**, o "animal" e as suas pontas, incluindo a pequena, serão removidos do poder e **totalmente destruído[s], para sempre** (NVI; Dn 7.11,22,26), claramente em contraste com o domínio sem-fim daquele "um como o filho do homem" e dos "santos" de Deus (vv. 14,17,27).

A conclusão de Daniel, em termos do relato escrito em que apresenta "a suma" da visão e a sua interpretação (v. 1), afasta qualquer noção de que ele reteve informações dos leitores, apesar de reportar que não contou a outras pessoas sobre o assunto — **guardei essas coisas no meu coração** (v. 28). A autenticidade do relato de Daniel fica evidente também na sua admissão de que respondeu à visão e a sua interpretação com **pensamentos** (aram. ***ra'yon***, v. 28; 2.29,30; 4.19; 5.6,10) tão assustadores que ficou visivelmente abalado e perturbado (5.6,9,10). A sua experiência exemplifica uma razão por que Deus confiou-lhe apenas breves vislumbres do futuro da humanidade — até mesmo um pouco de conhecimento pode ser assustador e impor um pesado senso de responsabilidade. Essas previsões na Escritura foram dadas apenas àqueles cuja integridade e fidelidade eram irrepreensíveis, como as demonstradas por Daniel.

A Segunda Visão de Daniel (8.1-27)

Um carneiro, um bode e um chifre pequeno (8.1-22)

8.1-22 Daniel, começando com esse capítulo, volta a usar o hebraico, indicando que o restante do livro dirigia-se principalmente ao seu povo. Daniel recebeu essa **visão** cerca de dois anos depois daquela apresentada no capítulo 7; as duas visões ocorreram durante o **reinado do rei Belsazar**, isto é, antes de a Babilônia ser conquistada pelos medo-persas. Por volta de 550 a.C., quando Daniel recebeu essa segunda visão, Ciro ganhou controle da Média, um reino de tamanho considerável que exercera poder a norte e a leste da Babilônia desde por volta de 728 a.C. e estabeleceu um Estado conjunto entre os medos e os persas. Até a conquista da Babilônia em 539 a.C. por Ciro, a **cidadela de Susã** era a capital da **província de Elão** (v. 2). Ciro tornou-a a capital da Pérsia mais próxima da Babilônia. Dario, o Grande (522-486 a.C.), construiu ali um palácio, o

cenário do livro de Ester (veja Et 1.1,2; veja também o comentário sobre Et 1.3-5,6-8).

Apesar de Daniel chamar Susã de uma **província** (heb. ***medinah***, "país, terra; distrito", Dn 8.2), a Babilônia, à época da visão de Daniel, provavelmente não governava a cidade nem o território elamita. Daniel, na sua visão, **viu-se junto ao rio Ulai** (v. 2), um canal artificial que, naquela época, ligava os dois afluentes do rio Karkheh que fluem através da província Khuzestan da atualidade, no sudoeste do Irã. O carneiro também **estava diante do rio**, e Daniel **ouvi[u] uma voz de homem** que **vinha do Ulai** (NVI) chamar o anjo (vv. 3,16).

Gabriel (heb., "guerreiro de Deus; o poderoso de Deus", v. 16; cp. 9.21; Lc 1.19,26) explicou que os dois chifres do carneiro indicavam o domínio persa (v. 3). O fato de esse chifre, ou ponta, **subi[r] por último** representa a sequência histórica do poder da Média sendo incluído sob o da Pérsia (v. 3). Em 550 a.C., Ciro, o rei persa, que era um vassalo residindo na corte meda, atacou e derrotou o rei Astíages em Ecbátana (Hamadã no Irã da atualidade), a capital da Média que se tornou a residência de verão dos reis persas (v. 3; Ed 6.2-5).

Os exércitos persas, **avança[ndo]** (NVI; ***nagach***, "empurrar, espetar, pressionar", Dn 8.4; Dt 33.17; 1Rs 22.11; Sl 44.6; Ez 34.21) a partir do leste em todas as direções, expandiram o império. Ciro avançou para o norte e oeste a fim de capturar Sardes, a capital da Lídia (546 a.C.), e mais na direção oeste para dominar o litoral do mar Egeu. Na direção sul, Ciro conquistou a Babilônia (539 a.C.), e o seu filho Cambises conquistou o Egito (525 a.C.). Dario, o Grande, estendeu o império para o norte e o leste até o vale do rio Indo. Inúmeras sublevações falharam (cp. Dn 8.4b).

Gabriel também identificou o **bode** com a **ponta notável** como o **rei da Grécia** (vv. 5,21). O **rei primeiro** representado por uma única ponta, ou chifre, era Alexandre, o Grande, que dominou os medos e os persas em 331 a.C. (v. 21). A descrição do movimento rápido do bode transmite a velocidade da conquista do Império Grego de todos os reinos no seu caminho (vv. 5,6). Assim como na afirmação concernente ao poder do carneiro de governar, também o carneiro estava sujeito àquele do bode (vv. 4,7). Quando Alexandre morreu no ápice da sua carreira, o seu reino foi dividido entre os seus quatro generais, ou as **quatro também notáveis** pontas (v. 8; cp. 7.6). Quatro dinastias emergiram, por fim, das batalhas em meio aos *Didachoi* (gr. "sucessores") de Alexandre:

• Dinastia Ptolemaica (323-30 a.C.), do Egito;
• Dinastia Antigónida (306-168 a.C.), da Macedônia;
• Dinastia Atálida (283-133 a.C.), de Pérgamo (Ásia Menor); e
• Dinastia Selêucida (312-64 a.C.), estendendo-se da Trácia até o subcontinente indiano (Síria e Mesopotâmia).

A **ponta mui pequena** (8.9) é geralmente considerada como um dos governantes selêucidas — Antíoco IV Epifânio (175-163 a.C.), um governante brutal que perseguia os judeus, isto é, aqueles que viviam na **terra formosa** (heb. ***tsevi***, "esplendor, glória, honra"; cp. 11.16,41; Ez 20.6,15; Dn 8.9). Simbolicamente, os versículos 10-12 descrevem o poder político e a arrogância espiritual de Antíoco IV. O **exército dos céus**, rebelando-se contra Deus, esse governante não só executou milhares de judeus na Palestina entre 167 e 164 a.C., como também pôs fim aos sacrifícios diários, saqueou e profanou o Templo ("o lugar do seu santuário", vv. 10,11).

Em dezembro, 167 a.C., Antíoco, além de saquear o Templo dois anos antes dessa data, pôs no Templo um altar para Zeus e ofereceu um sacrifício de um suíno (Dt 14.7-8). Os livros de 1 e 2 Macabeus, obras históricas, porém apócrifas,[3] escritas durante os séculos II e I a.C., contam sobre a "grande carnificina" (CNBB) e os seus atos de sacrilégio.[4] Eles descrevem a infidelidade de muitos em Israel que, **por causa das transgressões** (heb. ***pesha'***, "revolta, deserção; pecado, transgressão") e da idolatria, seriam **entregue[s]** a tal sofrimento (Dn 8.12).

Embora os eventos fossem horrendos, eles seriam limitados a **duas mil e trezentas tardes e manhãs**, uma forma de expressar o conceito de dias de 24 horas literais (v. 14; cp. 8.26; Gn 1.5). Alguns intérpretes consideram "duas mil e trezentas" como um número total de "tardes e manhãs", isto é, 1.150 cada, resultando em um período de aproximadamente três anos. Essa visão é problemática quando aplicada aos dados históricos. O objetivo, de qualquer maneira, é identificado como a restauração do Templo (Dn 8.14) que aconteceu em 14 de dezembro de 164 a.C., quando Judas Macabeus capturou o monte do Templo, destruiu a estátua e o altar de Zeus e restaurou os sacrifícios diários em um altar reconstruído recentemente.

Contar em retrospectiva 1.150 dias antes desse evento leva-nos muito além da data de 16 de dezembro de 167 a.C., quando Antíoco IV profanou o Templo. No entanto, 2.300 dias — seis anos e quatro meses — antes da

nova consagração do Templo, na queda de 170 a.C., o assassinato do sumo sacerdote anterior, Onias III, marcou o início da perseguição intensificada dos judeus e da religião deles. Menelau, o sumo sacerdote designado mais tarde por Antíoco por um suborno, tramaram o assassinato.

Daniel ouviu uma **voz de homem** comissionando Gabriel pelo nome para dar **a entender [...] a visão** a Daniel (v. 16); provavelmente, a "voz" era o meio pelo qual Deus permitiu que Daniel ouvisse-o instruindo Gabriel, que também era visível para Daniel na forma de um **homem** (v. 15). Daniel só ficou assombrado quando o anjo aproximou-se, só que ele caiu **sobre [s]eu rosto**, assumindo a postura mais apropriada de total humildade (v. 17; Gn 17.3,17; Nm 16.4,22,45; Ez 1.28; 3.23). *Ser tratado pela expressão* ***FILHO DO HOMEM*** *(heb.* ***ben-'adam****, "filho de Adão", Dn 8.17) salientou a humanidade de Daniel, em particular em contraste ao ser angélico divinamente designado que falava com ele. A expressão aparece apenas uma vez no livro de Daniel e é pouco comum em outros textos no Novo Testamento, mas o profeta Ezequiel foi chamado 93 vezes de "filho do homem".* O anjo **fez** Daniel **estar em pé**, provavelmente o despertando de um sono profundo — **adormecido** (v. 18; cp. 10.9).

Gabriel, antes de explicar vários aspectos da visão, afirmou, de três maneiras, quando aconteceriam os eventos que Daniel vira:

- **no fim do tempo** (heb. ***qēts***, "ponto de término", 8.17);
- **no último** [heb. ***'acharit***, "parte extrema ou última parte"] **tempo da ira** (heb. ***za'am***, "indignação", sobretudo a ira de Deus expressa pela punição divina, v. 19; cp. 11.36; Ez 22.24); e
- **no determinado tempo** [heb. ***mo'ēd***, "tempo estabelecido"] **do fim** (heb. ***qēts***, Dn 8.19).

Essas expressões amplificam a conversa entre os dois santos em que uma resposta é dada à pergunta: Até quando durará a visão [...]? (v. 13).

Um rei insolente (8.23-27)

8.23-27 A conversa entre os santos (vv. 13,14) e a explicação de Daniel da visão provêm a garantia de que o Senhor poria fim ao período de perseguição, o que já fora determinado. Gabriel referiu-se ao que Deus revelara a Daniel como **a visão da tarde e da manhã**, ligando essa

descrição estendida do **rei** ["ponta mui pequena", vv. 9-12)**, feroz de cara** (heb. ***'az-panim***, literalmente "duro, cruel, duro de cara; impudente, sem vergonha"), até o limite especificado do seu reinado (v. 23; v. 14). Antíoco IV Epifânio (gr. "alguém ilustre"), que viveu quase quatrocentos anos depois da visão de Daniel, ajusta-se à descrição (v. 23).

Além do cumprimento histórico da visão de Daniel no reino de Antíoco IV, alguns estudiosos também consideram a visão como tendo um cumprimento futuro. A "ponta mui pequena", de acordo com essa visão, prefigura o Anticristo, que perseguirá o povo de Deus durante a Tribulação (cp. "o homem do pecado, o filho da perdição", 2Ts 2.3-10; "a besta", Ap 13).

Daniel foi instruído a **cerra[r] a visão**, não para mantê-la secreta, mas para garantir a sua preservação (Dn 8.26). A visão foi tão avassaladora que Daniel sofreu de uma profunda angústia por dias. Embora tenha tirado um tempo para lidar com o impacto dessa poderosa experiência, pois **não havia quem a entendesse**, Daniel retomou as suas tarefas (v. 27).

A Oração de Daniel (9.1-19)

9.1-19 O cenário do capítulo 9 é por volta de 538 a.C., cerca de doze anos após a visão registrada no capítulo 8. Se Daniel tivesse quinze anos quando foi levado para o cativeiro em 605 a.C., então, nesse momento retratado aqui, ele teria mais de oitenta anos e estava na Babilônia por mais de 65 anos. **Dario** é identificado como **filho de Assuero**, que, provavelmente, era um título, e não um nome (veja os comentários sobre 5.31; 6.1; "Cenário" na Introdução ao livro de Ester).

O fim repentino da Babilônia e a constituição de Dario **sobre o reino dos caldeus** estimulou provavelmente muitos judeus no exílio a imaginar se a mudança no cenário político poderia trazer alguma mudança para a posição deles como cativos. Daniel tinha acesso aos **livros** (heb. ***sepharim***, "escritos, escrituras"), os escritos hebraicos considerados divinamente inspirados e já incluindo **a palavra do SENHOR dada ao profeta Jeremias** (NVI; 9.2). A autoria de Deus e, portanto, a precisão e certeza das profecias são garantidas. A profecia especificando **setenta** como o número de anos para **acabar as assolações** [heb. ***chorbah***, "ruínas, lugar onde o refugo é descartado] **de Jerusalém** foi registrado antes de o primeiro grupo de judeus ser levado para a Babilônia (605 a.C.;

veja Jr 25.11,12) e reafirmado depois de 597 a.C. durante o exílio (Dn 9.2; Jr 29.10). O Templo em Jerusalém, junto com a cidade, foi destruído pelos babilônios. O segundo Templo, construído por Zorobabel, foi dedicado setenta anos mais tarde em 516 a.C.

O "ano primeiro de Dario" terminou vinte anos antes da dedicação do novo Templo. Daniel, por conseguinte, deve ter reconhecido que não viveria para ver o cumprimento da profecia. O **jejum, e pano de saco, e cinza** de Daniel indicava não só a sua humildade diante do Senhor, como também o seu luto pessoal. Daniel lamentou a destruição do Templo. Contudo, fundamentado na Palavra de Deus, ele orou pelo favor de Deus e perdão, que seria necessário para o povo começar de novo quando regressasse para Jerusalém.

Daniel identificou o que ele fez e a quem a sua petição foi direcionada. Ele **or[ou]** (heb. ***palal***, "suplicar, interceder") e **confess[ou]** (heb. ***yadad***, "mostrar-se culpado) ao **SENHOR** (heb. ***YHWH***, "Iavé", o nome de Deus usado na aliança, Dn 9.4,8,10,13; veja Êx 3.15) como o seu **Deus** (Dn 9.4). Daniel, ao longo de toda a oração, dirigiu-se seis vezes a Deus como **SENHOR** (heb. ***'Adonay***, "mestre", termo usado na Escritura basicamente para dirigir-se a Deus com atitude submissa e devida reverência).

Daniel dirigiu-se ao Senhor fundamentado no seu caráter gracioso. Deus é **grande e tremendo** (heb. ***yarē'***, "aquele a ser temido", i.e., aquele que é "temível ou maravilhoso", v. 4; Dt 10.17). Deus que **guard[a] o concerto e a misericórdia** (heb. ***chesed,*** "amor fiel"; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). Ele não é cheio de caprichos nem inconstante. Antes, Ele é fiel; uma promessa feita é uma promessa cumprida. Esse compromisso inabalável com a aliança representa uma ligação entre ele e **os que [...] [o] amam e guardam os [s]eus mandamentos**. A aliança de Deus é estabelecida de acordo com a resposta de amor demonstrada na obediência, e não de acordo com a etnicidade ou localização da pessoa, como, por exemplo, ser judeu ou viver em Israel (Dt 7.9; 1Rs 8.23; Ne 1.5; 9.32; Jo 14.15-23).

Daniel, ao longo de toda a oração, contrastou **a justiça** (Dn 9.7; vv. 14,16), **a misericórdia e o perdão** (v. 9; v. 18) com a **vergonha** (ARA; vv. 7,8; cp. v. 16) e as **rebeliões** (ACF; vv. 7; vv. 11,15) do povo. Embora ele fosse um homem de caráter e obediência exemplares, incluiu-se nessa confissão coletiva do pecado e perversidade do seu povo (vv. 6-8,16,20). Daniel afirmou de imediato o tema da sua oração, declarando o que eles fizeram (vv. 5,9,11,15) e o que falharam em fazer (vv. 6,10,11,13,14). Daniel

compreendeu que o pecado constituía uma afronta *pessoal* contra Deus e que isso levara o povo à desgraça *pública* (v. 16).

Os profetas, a quem o povo não ouvira, falaram em nome do Senhor (v. 6). O povo **prevaric[ou] contra** o *Senhor* (v. 7), **pec[ou] contra** *Ele* (v. 8), **rebel[ou-se] contra** *Ele* (v. 9) e **não obedeceu** a *Ele* (vv. 11,15). Eles desobedeceram à voz *dEle* (vv. 10,11), quebraram a *sua* **lei** (v. 11) e falharam em dar atenção à *sua* **verdade** (v. 13). Daniel reconheceu que o povo não tinha desculpa porque este rejeitou a Palavra de Deus entregue por intermédio dos seus **servos, os profetas** (v. 6,10; cp. v. 12), o juramento **escrito na Lei de Moisés** (vv. 11,13; v. 5) e estabelecido como a sua verdade (v. 13).

O povo, após ter sido claramente alertado, mereceu a **maldição**; Iavé, por ser justo, tem de executar as consequências prescritas na Lei (vv. 11,13,14,16; v. 7). Daniel, portanto, pediu a Deus para desviar a sua ira de Jerusalém e demonstrar favor sobre as ruínas do Templo por **amor** (heb. ***ma'an***, "por causa de, em razão de", vv. 17,19; 2Rs 19.34; 20.6; Is 43.25; 48.11; Jr 14.7; Ez 20.9; 36.22,32) **do Senhor**, pois a cidade e o seu povo representam o seu **nome** (Dn 9.18,19).

As Setenta Semanas dos Anos (9.20-27)

A profecia das setenta semanas (9.20-23)

9.20-23 Daniel identificou explicitamente a preocupação da sua petição como o **monte santo do meu Deus**, referindo-se a Jerusalém como a cidade de Deus onde o seu nome habitara antes da destruição do Templo (v. 20; vv. 16,19). O anjo Gabriel apareceu mais uma vez na forma de um homem (8.16). Daniel relata que, quando Gabriel **veio** a ele, este ainda não havia terminado de orar; estava extremamente cansado. *Para Daniel,* ***RAPIDAMENTE*** *(heb.* ***ya'aph****, "fatigado, exausto, esgotado", v. 21), por causa do cansaço resultante provavelmente do seu trabalho físico de oração fervorosa acompanhada de jejum (9.3; Is 44.12; Hc 2.13) e a expressão de intensas emoções derramadas na sua oração de confissão (Is 50.4). O pesar de Daniel fica evidente nas palavras da sua oração e na sua escolha de usar "*pano de saco, e cinza*", sinais externos de pesar (Dn 9.3; Et 4.1,3).*

Daniel especificou o tempo da aparição de Gabriel como **à hora do sacrifício da tarde**. Esse detalhe, uma vez que as ofertas cessaram

quando o Templo foi destruído, pode denotar um período regular de oração (por volta das três ou quatro horas da tarde; Ed 9.4,5; Sl 141.2). O propósito afirmado de Gabriel era dar **entend[imento]** e a **resposta** (NVI) de Deus às suas orações (Dn 9.23). O fato de que a palavra de Deus **saiu** antes de Daniel terminar a sua oração salienta a soberania do Senhor, bem como a velocidade com que responde à oração, quer a pessoa que ora tenha consciência das atividades de Deus, quer não. Isso também demonstra o poder do louvor e adoração, o tipo de oração que apareceu **no princípio** das suas súplicas (v. 23). Gabriel, nesse caso especial, foi enviado a Daniel com a explicação da **visão**, talvez se referindo ao desejo de Daniel de compreender a visão registrada no capítulo 8 (veja 8.27).

Gabriel salientou que Daniel era **mui amado** (heb. ***chemdah***, "aquilo em que se deleita o indivíduo; considerado precioso; de grande valor", 9.23;10.11,19) por Deus. O Senhor não se esquecera dele nem o negligenciara; e Deus, na angústia do profeta, ouviu-o e amou-o.

A oração do profeta (9.24-27)

9.24-27 Embora haja pelo menos quatro visões distintas, as **setenta semanas** são mais bem compreendidas no seu sentido literal como "setenta setes" ou 490 anos. Esse período de tempo foi **determinad[o]** (heb. ***chatak***, literalmente "cortar, dividir"; aqui "decidir, determinar" no sentido de que Deus "cortara" esse período particular de tempo), e isso começou com um evento histórico específico. A **ordem** [heb. ***motsa'***, "um sair ou pôr em execução; declaração ou proclamação aberta"] **para restaurar e para edificar Jerusalém** referia-se provavelmente a um ou dois decretos dados por Artaxerxes I — ou aquele dado a Esdras em 458 a.C. (Ed 7.11-26) ou um segundo decreto dado a Neemias em 444 a.C. (Ne 2.1-8).

As primeiras "sete semanas" (49 anos) estenderam-se da proclamação do decreto até a conclusão da obra 49 anos mais tarde (c. 409 ou 396 a.C.). O período de **sessenta e duas semanas** (434 anos) começou nesse ponto e acabou em cerca de 25/26 ou 38/39 d.C. Por conseguinte, o decreto é mais provavelmente identificado com o ponto inicial para o total de 69 semanas (483 anos) como aquele dado a Esdras em 458, porque o ponto final desse período de tempo (c. 26 d.C.) é, possivelmente, o ano em que Jesus — o

Messias, o Príncipe — foi batizado e deu início ao seu ministério público (Dn 9.25).

MESSIAS *(heb.* ***mashiach****, "ungido") designava um sacerdote, rei ou profeta que fora consagrado ao Senhor. O azeite foi derramado sobre a cabeça do homem para "ungi[-lo]" para uma dessas funções (e.g., Êx 29.7; 30.30; 1Sm 15.1; 16.12; 1Rs 1.34; 19.16). O termo "ungido" aparece com o artigo definido ("o") apenas em Levítico para descrever o sacerdote (Lv 4.3,5,16; 6.22). Em todas as outras ocorrências no Antigo Testamento, exceto por Daniel 9.25,26, o "ungido" sempre é acompanhado de um pronome possessivo que se refere ao Senhor ("Meu" ou "Seu/Teu") ou à expressão "do SENHOR" (2Sm 23.1) para indicar que ele pertencia ao Senhor ou fora separado para Ele (e.g., 1Sm 2.10,35; 2Sm 1.14; Sl 132.17; Is 45.1). Em Daniel 9.25,26, Gabriel apenas se refere ao "Messias" como o ponto final das "sessenta e duas semanas" e como um homem que "ser[ia] tirado" (heb.* ***karat****, "punição por morte ou exílio", Dn 9.26; Êx 12.15; 31.14). Talvez o uso sem precedentes do termo "Messias" (i.e., sem nenhum modificador") por Gabriel apoie a compreensão tradicional da passagem como se referindo a Jesus Cristo (gr.* ***Christos****, "ungido"; Mt 1.16,17; Jo 20.31).*

Além disso, um dos seis propósitos dados para o decreto das setenta semanas — "ungir o Santo dos santos" (Dn 9.24) — sugere que esse evento de nova consagração do Santo dos santos estava intimamente ligado ao homem designado como o "Ungido" (NVI; vv. 25,26). Quando Jesus, o Messias, morreu na cruz (foi "tirado"), o véu que barrava a entrada ao Santo dos santos no Templo foi rasgado em dois, sinalizando que o próprio Cristo constituía o "novo e vivo caminho" para o perdão dos pecados e para a presença de Deus (Hb 10.19,20; Dn 9.3,7,11,12,24; Mc 15.38). A vitória decisiva do Messias na cruz precipitou a expansão do Reino de Deus, para "extinguir [derradeiramente] a transgressão", e "dar fim aos pecados", e "expiar [heb. ***kaphar****, "cobrir, perdoar, expiar", Sl 79.9] a iniquidade"; Ele trouxe a "justiça eterna" (Sl 119.142) e selou (i.e., assinou e autenticou ou completou, cumpriu) "a visão e a profecia" (Dn 9.24; Hb 1.1,2).*

Essa passagem faz parte de toda uma cadeia de eventos escatológicos — a saber, o programa de Deus a respeito da desolação de Jerusalém e o tempo da Tribulação. Deus frequentemente usava outros grupos, até mesmo nações hostis e perversas, para ser a prova severa por intermédio das quais Ele puniria o seu próprio povo, Israel. Jerusalém, depois da vinda do Messias, será destruída como uma **inundação**, descrevendo metaforicamente a maneira como a cidade foi destruída.

O versículo 26 explica o que acontecerá durante a última **semana**, ou os últimos sete anos. Esses são os anos conhecidos por Tribulação. Durante esse período de Tribulação, o **príncipe que há de vir**, também o

Anticristo, **destruirá a cidade e o santuário** (Dn 9.26). Presumivelmente, portanto, algum momento após Cristo morrer e antes da Tribulação, o Templo em Jerusalém será reconstruído. A Igreja está esperando, até mesmo agora, pela septuagésima semana. O interesse em um novo Templo será com certeza um sinal dos eventos escatológicos.

O versículo 27 observa que o príncipe, durante a Tribulação de sete anos, fará um **concerto**, ou aliança, com a nação judaica por uma semana ou sete anos. No entanto, no meio desta semana, depois de três anos e meio, ele quebrará esse concerto e destruirá o Templo de Jerusalém (entre a 69ª e a 70ª semanas). O evento final nessa visão é a destruição do Anticristo. Portanto, em suma, é possível dizer que os versículos 24-26 foram cumpridos. No entanto, a extensão desse tempo até o início da Tribulação não foi revelada a Daniel nem a qualquer outro profeta do Antigo Testamento. A Igreja, isto é, os cristãos desta era, ainda está esperando pelo versículo 27 ser cumprido. Os eventos que ocorrerão na septuagésima semana estão no futuro, logo antes da chegada da **justiça eterna** (v. 24).

Há muita discussão em círculos teológicos sobre as setenta semanas de Daniel. Algumas mulheres consideram o estudo do fim dos tempos e da Tribulação muito amedrontador e desanimador. Contudo, temos de confiar no plano perfeito de Deus, no seu cuidado amoroso e encontrar conforto na realidade de que Ele está firmemente no controle. O plano detalhado de Deus do futuro é preciso. Portanto, enquanto o Senhor planeja o futuro, Ele também cuidará dos seus filhos durante todo o futuro.

O número de anos de 444 a.C. a 33 d.C. é calculado como 478 anos, e não os 483 anos exigidos. No entanto, é preciso observar que esse cálculo fundamenta-se no calendário solar gregoriano de 365 dias (conforme usado em nossa era moderna), em vez do calendário lunar judaico com 360 dias. Ajustando os dois calendários, o que tem de ser feito para conseguir precisão, desvela uma diferença de oito anos. Quando isso é considerado, bem como o ano adicional para a transição (1 a.C. para 1 d.C.), a data de 33 d.C. é claramente a data no fim da 69ª semana, quando Cristo foi recepcionado como rei.

O Futuro de Israel e o Fim dos Tempos (10.1—12.13)

A visão do Glorioso por Daniel (10.1-14)

10.1-14 A quarta visão de Daniel aconteceu no **terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia** (c. 536 a.C.). Embora alguns exilados tivessem permissão para retornar a Jerusalém, Daniel permaneceu na Babilônia. Os judeus começaram a reconstruir o Templo, só que a obra foi temporariamente interrompida.

Daniel, de modo distinto das três visões anteriores, **entendeu essa palavra e teve entendimento da visão** (v. 1; cp. 7.15,28; 8.15,17; 9.23). A expressão **eu, Daniel** enfatiza que ele estava fornecendo em primeira mão o relato da sua experiência (10.2,7; 8.15,27; 9.2; 12.5). Daniel, ao trazer à lembrança dos leitores o seu nome babilônico, **Beltessazar**, também confirmou que era o mesmo Daniel mencionado mais cedo no livro (10.1; 1.7; 2.26; 4.8,9,18,19; 5.12). O próprio Daniel estava **triste**, e não necessariamente alguma outra pessoa.

Se Daniel esteve em Israel, então o **dia vinte e quatro do primeiro mês** — nisã (março-abril) — teria sido três dias após o término da celebração de sete dias da Páscoa ou da Festa dos Pães Asmos (Êx 12.15,18; Lv 23.5-8; Dt 16.1-8). Daniel estava de pé ao lado do grande **rio Hidéquel** (persa antigo, "o rápido"; heb. ***chiddeqel***, "rápido"), ou o rio Tigre, significando que ele não estava, à época, na cidade da Babilônia nem em Pasárgada, a capital de Ciro. Havia alguns homens com Daniel que **não [...] viram** a visão, mas foram tomados de **grande temor** (heb. ***charadah***, "pânico, temor expresso por tremor ou estremecimento", 1Sm 14.15; Is 21.4; Ez 26.16) e fugiram, deixando-o **só** (Dn 10.7,8). O Senhor confiou a Daniel uma **palavra [que] é verdadeira**, mas que incitou grande temor (v. 1; cp. v. 21; 11.2).

No entanto, a visão consistiu de ele ver o que muitos consideram uma aparição pré-encarnada de Cristo, isto é, uma Cristofania (Is 6.1-5; Ap 1.1-3,17). O **homem** que Daniel viu (Dn 10.5,6):

- estava **vestido de linho**, a roupa dos sacerdotes (Lv 16.4; 1Cr 15.27; 2Cr 5.12), como também dos anjos e exércitos celestiais (Ap 15.6; 19.14);
- os lombos estavam **cingidos com ouro fino** (Ap 1.13; 15.6);
- tinha um **corpo [...] como turquesa** (i.e., era radiante e semelhante a uma gema);
- o seu **rosto parecia um relâmpago** (Ez 1.14,27; 8.2; Mt 17.2; 28.3);
- os seus **olhos** eram **como tochas de fogo** (Ap 1.14; 2.18; 19.12);

- **os seus braços e os seus pés** eram **como cor de bronze açacalado** (Ez 40.3; Ap 1.15; 2.18);
- e falava **como a voz de uma multidão** (heb. ***hamom***, "som ou barulho de chuva ou multidão de pessoas"; Is 33.3; Jr 10.13; 51.16).

Se essa foi mesmo uma aparição de Cristo, então o "homem vestido de linho" tem de ser diferenciado do mensageiro angélico que descreveu a si mesmo como tendo sido **enviado** a Daniel (Dn 10.11). O falante mencionou dois motivos por que viera. O primeiro: veio (foi enviado) porque Daniel orara. O segundo: o mensageiro viera ajudar Daniel a compreender o futuro, especificamente em relação ao povo de Daniel, os judeus, e os **derradeiros dias** (Dn 10.14). O anjo falando com Daniel enfatizou que ele viera por causa das orações de Daniel. No entanto, **o príncipe** [heb. ***sar***, "aquele que comanda"] **do reino da Pérsia** resistiu a ele por **vinte e um dias** — o mesmo período de tempo durante o qual Daniel estivera triste, enlutado (v. 13; v. 2). Ciro já foi identificado como o rei terreno da Pérsia. Esse "príncipe" provavelmente se refere a um ser angelical capaz de opor-se ao anjo de Deus e que tem uma atribuição territorial. O conflito é espiritual (v. 13; Ef 6.12).

O mensageiro de Deus também mencionou ter **fi[cado] ali com os reis da Pérsia**, obviamente uma referência àquele cujo propósito era frustrar os propósitos de Deus, implicando que ele contendera não só com o "príncipe", mas também com os múltiplos governantes espirituais sobre a Pérsia (1Co 2.6,8; Ef 3.9,10; 6.10-12). A palavra "príncipe" também é usada para identificar **Miguel** (heb., "quem é semelhante a Deus?"), um arcanjo de alta posição que ajudou o seu colega contender com o "príncipe do reino da Pérsia". Miguel, como **um dos primeiros príncipes** ou arcanjos, interveio e, ao que tudo indica, pôs fim ao impasse, pois o seu colega conseguiu chegar para dar a compreensão a Daniel, entendimento este pelo qual ele jejuara e orara (Dn 10.14; Jd 9).

A revelação do conflito (10.15-21)

10.15-21 O comportamento de Daniel ao ficar de pé diante daquele **como semelhança dos filhos dos homens** exemplificava a humildade (vv. 15-17; vv. 9-12). Esse anjo **tocou** Daniel pelo menos três vezes, demonstrando que a sua aparência era real, e não apenas imaginação de Daniel (vv.

10,16,18). Esse ser celestial que ajudou Daniel levantar-se também o **confortou** (heb. ***chazaq***, "tornar firme, apoiar") e garantiu-lhe que seriam **ouvidas as [s]uas palavras** (v. 12), que ele era **um homem mui desejado** por Deus (9.23) e que não deveria **tem[er]** (10.10-12,19).

Aquele "como semelhança dos filhos dos homens", após admoestar Daniel para **anima[r-se]** (heb. ***chazaq***, "agarrar-se, permanecer firme"), explicou a severidade da luta espiritual. Ele voltaria a **pelejar contra** [heb. ***lacham***, "guerrear") **o príncipe dos persas**, aparentemente um ser angélico malévolo que tinha poder sobre a Pérsia, aquele com quem já encontrara dificuldade (v. 20; cp. 13).

Outro ser do mesmo tipo, aparentemente com domínio sobre a **Grécia**, viria (v. 20). Só o Arcanjo Miguel, ao que parece o responsável pela nação de Israel (como o **príncipe** do povo de Daniel), teria coragem de engajar-se em uma batalha contra **aqueles** — isto é, com os poderes governantes sobre a Pérsia e a Grécia (v. 20).

Miguel e Gabriel (possivelmente, a identidade do anjo falando com Daniel nos caps. 10 e 11) são os únicos dois anjos mencionados pelo nome na Bíblia. Os dois aparecem no livro de Daniel, indicando a importância do ministério de Daniel e salientando a forte oposição espiritual ao ministério do Senhor por intermédio dele. Daniel introduziu no seu relato que a mensagem que lhe fora confiada era "verdadeira" (10.1), refletindo a descrição do que ele contaria a Daniel. *A "**ESCRITURA** [heb. **ketav**, "algo escrito, documento, edito escrito", v. 21; Et 8.8] da verdade" (heb. **'emet**; veja o estudo da palavra, Êx 34.6) não se refere à Escritura já revelada e registrada. No entanto, a expressão "o que está escrito" refere-se à mensagem que fora fixada ou estabelecida por escrito. Portanto, já fora incluída no plano soberano de Deus para o futuro com a mesma certeza e confiabilidade dos registros bíblicos dos eventos passados.*

A continuação da visão (11.1-4)

11.1-4 Aquele "como semelhança dos filhos dos homens" (10.16,18) chamou atenção para o seu papel para fortalecer e proteger **Dario**, o **medo**, uma atividade consistente com a mensagem enfatizada em outro texto no livro de que Deus é soberano e governa os assuntos dos homens (veja 2.21; 4.17,25,32; 5.21). O **primeiro ano** de Dario (539/538 a.C.) liga essa seção com o capítulo 9, que registra a oração de Daniel e o seu encontro com Gabriel. Naquele ano, Ciro, o persa, incorporou a Babilônia

como uma província do seu império (cp. 9.1 e 5.30). Os judeus, sob o governo de Ciro, tiveram permissão para retornar a Jerusalém e começar a reconstruir o Templo.

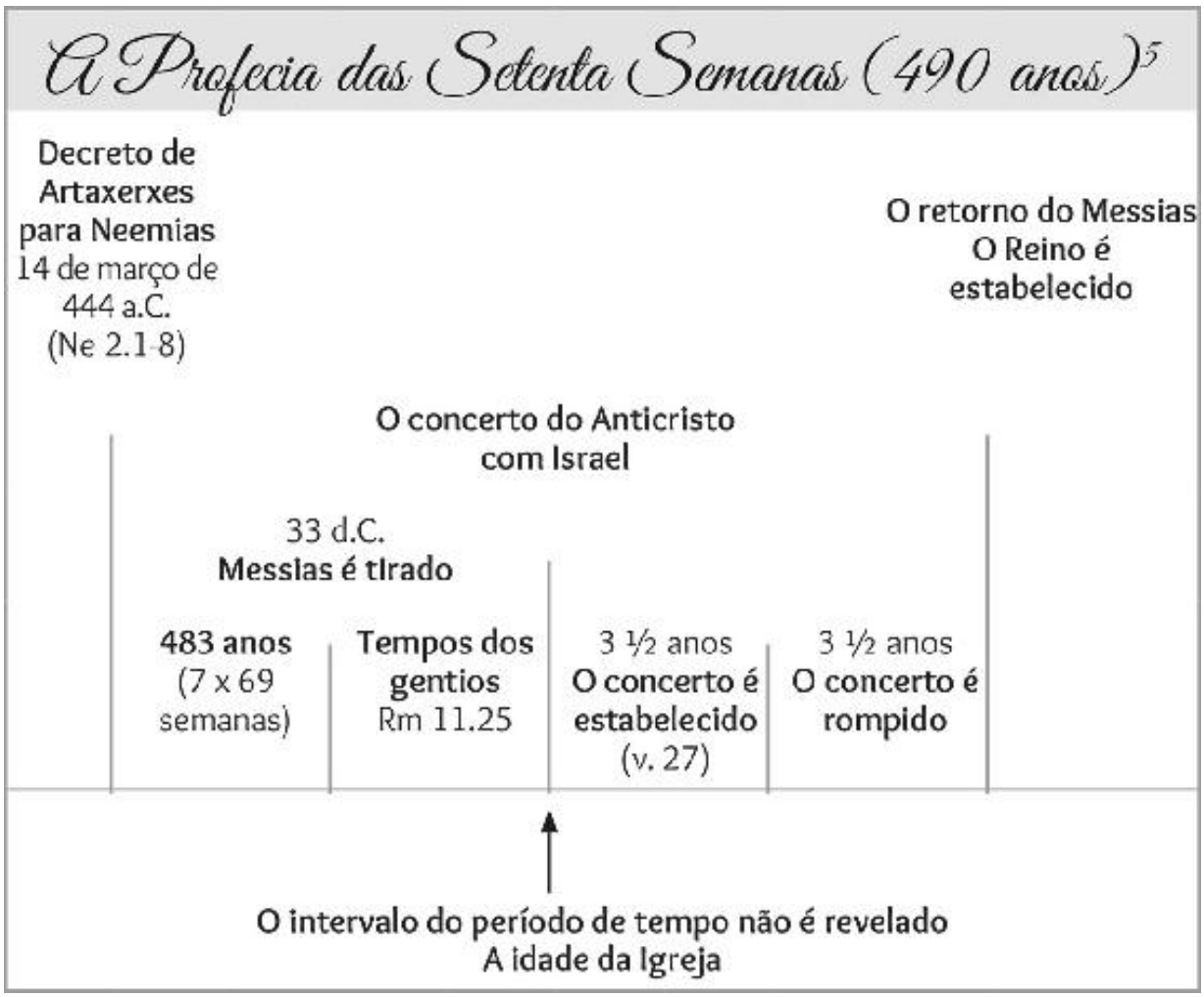
As profecias sobre a Pérsia e a Grécia são tão historicamente precisas que muitos chegaram a questionar a datação do livro de Daniel, assumindo que deve ter sido escrito depois que os eventos ocorreram de fato. No entanto, a evidência — em particular das porções de texto descobertas em meio aos Manuscritos do Mar Morto — aponta para a antiguidade do livro, minando as teorias de que foi composto durante o século II a.C. e levando à conclusão de que foi escrito como o livro mesmo afirma — pelo profeta Daniel durante o século VI a.C.

Os **três reis** que vieram após a morte de Ciro, o Grande, foram Cambises II (530-522 a.C.), Esmérdis (Pseudoesmérdis ou Gaumata, dez meses durante 522 a.C.) e Dario I Histaspes (521-486 a.C.). O **quarto** era o rico Xerxes, ou Assuero (486-465 a.C.; veja Et 1.1,2), que lançou um ataque contra a **Grécia** em 480 a.C. Os seus esforços falharam, levando à queda do Império Persa. O **rei valente** (Dn 11.3) era Alexandre, o Grande, que, por fim, invadiu (334 a.C.) e derrotou (331 a.C.) o Império Medo-Persa. Quando Alexandre morreu em 323 a.C., o vasto **reino** que conquistou foi dividido entre quatro dos seus generais — Ptolomeu, Seleuco I, Cassandro e Lisímaco (v. 4; cp. 7.6; 8.8). Os descendentes de Alexandre — dois filhos, Alexandre IV e Héracles — foram mortos (11.4).

O rei do Sul (11.5-20)

11.5-20 As quatro divisões do império conquistado por Alexandre são identificadas geograficamente em relação à terra de Israel, que ficava entre essas nações de guerra. Esses versículos cobrem quase duzentos anos do conflito entre eles. **O rei do Sul** era Ptolomeu I Sóter (323-285 a.C.), que estabeleceu a dinastia ptolomaica do Egito (323-30 a.C.). Seleuco I Nicátor tornou-se **um de seus príncipes** no Egito depois de perder o controle da Babilônia para um general chamado Antígono, cujo sucesso incitou a oposição em várias frentes. A derrota do seu filho Demétrio em Gaza, em 312 a.C., levou à recuperação do poder de Seleuco. A dinastia selêucida governou sobre um **domínio**, ou reino, maior que o de Ptolomeu, incluindo, por fim, a Babilônia, a Síria e a Média.

O conflito entre as duas dinastias continuou até a formação de uma aliança, **um tratado**, entre Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.) e o governante selêucida, Antíoco II Teos (261-246 a.C.). O tratado foi confirmado com o casamento de Berenice, filha de Ptolomeu, com Antíoco (v. 6a). Jerônimo (347-c. 419 d.C.), no seu *Comentário sobre Daniel*, chamou-a de Berenice *Phernephorus* (gr., "portadora do dote") por causa do enorme dote concedido a ela. No entanto, a fim de casar-se com Berenice, Antíoco tinha de divorciar-se da sua primeira esposa, Laódice, com quem teve, pelo menos, dois filhos. Antíoco, deixando Laódice em Éfeso, viveu com a princesa Berenice na Antioquia tempo suficiente para ter um filho que, supostamente, deveria sucedê-lo como governante. Antíoco, alguns anos mais tarde, voltou para Laódice, e esta tramou a morte de Berenice, e o **seu pai** (ou "filhos" — como trazem a nota de algumas versões da Bíblia) e Antíoco (v. 6b). Laódice, a seguir, trouxe o seu próprio filho, Seleuco II Calínico, para o poder.



As lutas pelo poder entre os dois reinos continuaram. Ptolomeu II morreu no mesmo ano que Antíoco II (246 a.C.). O irmão de Berenice (Ptolomeu III Evérgeta, um **renovo das suas** [de Berenice] **raízes**) herdou o trono do Egito e buscou vingar as mortes de Berenice e o seu filho. Ele derrotou a Síria e tomou muitos tesouros da capital Antioquia, incluindo os **seus deuses** (v. 8). Seleuco II tentou mais tarde atacar o Egito, mas teve de recuar para a Síria (vv. 8,9). Quando ele morreu em 226 a.C., os **seus filhos** — Seleuco III Cerauno, morto três anos depois, e Antíoco III ("o Grande"), que, a seguir, chegou ao poder — continuou a **guerra** contra o Egito (v. 10). Antíoco, o **rei do Norte**, levaria **a guerra até à sua** [o rei do Sul] **fortaleza** na sua campanha na Fenícia e na Palestina (v. 10).

Em resposta, o rei do Sul, Ptolomeu IV Filópator, atacou os sírios, foi vitorioso e ficou arrogante (**o seu coração se exaltará**, vv. 11,12). Quando ele morreu e foi sucedido pelo filho (203 a.C.), que tinha entre

quatro e seis anos, Antíoco III atacou com muito mais força e sucesso. Outros se opuseram ao **rei do Sul**, incluindo o aliado da Síria, Filipe V da Macedônia, insurgentes egípcios e **os filhos dos prevaricadores** (heb. ***paritsē***, "ladrões e assassinos, homens malévolos ou bárbaros") — judeus que apoiaram Antíoco contra o Egito na vã esperança de cumprir uma **visão** (v. 14). A fonte e o conteúdo dessa "visão" não são especificados.

Antíoco assegurou o controle sobre a Palestina ao derrotar o general egípcio Scopas na batalha de Paneias (também conhecida por batalha de Banias) em 199 a.C., conhecida por Cesareia de Filipe no Novo Testamento. Scopas fugiu para Sidom, **a cidade forte** egípcia, que foi sitiada por Antíoco (v. 15). Ele, assegurando controle total da **terra gloriosa**, isto é, a Palestina, entrou em Jerusalém em 198 a.C. (v. 16).

Antíoco, desejando o controle do Egito, arranjou o casamento da sua filha Cleópatra[6] com Ptolomeu V (v. 17). Ele esperava que a sua filha apoiasse-o (**para destruir o reino do Sul** [NAA]), revelando-lhe os segredos dos reinos e influenciando o rei egípcio (v. 17). Ela, ao contrário, ficou do lado do marido. Antíoco buscou obter o controle das **ilhas** e litoral em torno do Mediterrâneo com algum sucesso até que a persistente oposição romana esmagou o seu exército, forçou a rendição do território e das tropas e impôs tributo para garantir-se contra outra invasão romana (v. 18). Além disso, Antíoco IV, o seu filho mais jovem, foi levado para Roma, como um dos vinte reféns, por doze anos. Em 187 a.C., Antíoco III foi morto por um grupo de cidadãos enfurecidos enquanto saqueava o Templo de Zeus em Elimaida (Elão), para acudir o seu tesouro deficiente (v.19). Seleuco IV Filópator, o filho mais velho que o sucedeu, empregou o seu primeiro ministro Heliodoro como **arrecadador** de impostos para reunir os fundos exigidos para o pagamento a Roma (v. 20). Em 178 a.C., Seleuco IV também enviou o seu filho mais velho, Demétrio I Sóter para Roma como refém em troca da libertação do seu filho mais novo, Antíoco IV. Heliodoro envenenou o rei (175 a.C.) e tentou tomar o poder, mas foi derrubado por Antíoco IV.

O rei do Norte (11.21-28)

11.21-24 Antíoco IV Epifânio era o **homem vil** (heb. ***bazah***, "aquele que é vil") do versículo 21 e a "ponta mui pequena" de Daniel 8.9-12. O trono deveria pertencer a Demétrio I Sóter, mas, enquanto era ainda um refém

de Roma, Antíoco IV conseguiu **toma[r] o reino com engano** (heb. ***chalqlaqqot***, "palavras ou ações cuja intenção é lisonjear, agradar ou adular"; literalmente, "escorregadio", v. 21). Os verbos **serão arrancados** (heb. ***shataph***, "ser sobrepujado ou lavados") e **serão quebrantados** (heb. ***shavar***, "ser quebrado, naufragado ou rasgado em pedaços") descreve vividamente o seu triunfo sobre todos os oponentes, quer rivais políticos, quer judeus resistindo à sua promoção intensa da helenização na Judeia.

A identidade do **príncipe do concerto** é incerta, mas o sumo sacerdote legítimo Onias III é um provável candidato (v. 22). Antíoco, logo depois de tomar o poder, aceitou uma propina de Jason (forma grega do nome "Josué"), irmão de Onias, e tornou-o sumo sacerdote, a pessoa investida com a maior autoridade para implementar não só a Lei judaica (Torá), como também o controle político do rei. Por conseguinte, Antíoco, ao fazer um **concerto** com o líder judeu, usou de **engano** quando, três anos mais tarde, substituiu Jason por Menelau, um homem de origem desconhecida, que também subornou Antíoco para conseguir essa posição. O versículo 24 descreve a estratégia do rei para aumentar a riqueza do seu reino e recompensar os seus apoiadores. Esse homem manipulou as pessoas para alcançar os seus objetivos políticos e recompensava-as quando lhe eram agradáveis. Essa atividade, conforme a palavra profética entregue a Daniel, duraria apenas **por certo tempo** ou enquanto o Deus soberano permitisse (v. 24).

11.25-28 O **rei do Sul** era Ptolomeu VI Filópator, um dos dois filhos de Ptolomeu V Epifânio e Cleópatra I, a filha de Antíoco III (o Grande). Ptolomeu VI assumiu o trono muito jovem; sendo assim, a sua mãe agiu como regente até a sua morte, cinco anos mais tarde. Ptolomeu, fundamentado no péssimo conselho dos seus conselheiros — **os que comerem os seus manjares** —, exigiu o retorno do território palestino sob o controle selêucida (v. 26). Em 169 a.C., Antíoco invadiu o Egito com grande sucesso, mas não conseguiu tomar Alexandria, onde os cidadãos desafiaram-no ao reconhecer o seu sobrinho e sobrinha mais jovens, Ptolomeu VII Evérgeta e Cleópatra II (irmã e esposa de Ptolomeu VI) como corregentes.

Quando Antíoco retornou à Síria, deixou Ptolomeu VI em Mênfis, como rei e aliado contra a facção alexandrina. No entanto, essa aliança de ambição e conveniência entre os **dois reis** — Ptolomeu VI e Antíoco IV

— falhou porque nenhum deles manteve a palavra empenhada (v. 27a). Ainda mais importante, da perspectiva do anjo entregando essa mensagem a Daniel, nada pode contrariar o calendário soberano de Deus relacionado à ascensão e queda dos reis e nações (v. 27b).

Antíoco, no seu retorno à Síria depois de tirar **grande riqueza** do Egito, saqueou a cidade de Jerusalém, aparentemente pegando o ouro e a prata do tesouro do Templo, e matou muitos dos seus oponentes ali. Ele também substituiu Jason por Menelau como sumo sacerdote (veja o comentário sobre 11.21-24). Ele exigiu que Ptolomeu VI reconhecesse o controle sírio de Chipre e Pelúsio, a saída oriental para o rio Nilo. Antíoco saíra vitorioso na sua primeira campanha egípcia e deixou ali uma guarnição. Quando o Egito recusou o que fora acordado, Antíoco voltou ao Egito.

A hora designada (11.29-35)

11.29-35 Antíoco, na primavera de 168 a.C., cercou e tomou mais uma vez o controle de Mênfis, coroando com insolência a si mesmo rei do Egito. Dessa vez, no entanto, os Ptolomeus pediram ajuda de Roma. Enquanto Antíoco preparava-se para cercar Alexandria, o general romano Caio Popílio Lenas chegou ali, apoiado pelos **navios de Quitim** — um nome antigo para Chipre, aqui se referindo à marinha romana que dominava a região mediterrânea (v. 30). Antes de Antíoco chegar a Alexandria, o comandante romano entregou-lhe uma carta do senado romano ordenando-lhe a retirar-se do Egito (v. 30).

*Duas palavras salientam a fúria do "rei do Norte". A primeira aparece em "lhe causarão **TRISTEZA** (heb. **ka'ah**, "censurar, banir, desanimar"; Sl 109.16; Ez 13.22). Os romanos interferiram com os seus planos ambiciosos. Ele retornou para casa em humilhação, e não em glória. A segunda, ele se **INDIGNARÁ** (heb. **za'am**, "demonstrar raiva, com frequência com a intenção de punir; ficar indignado ou ser hostil") contra os judeus quando parar em Jerusalém. A septuaginta usa o verbo **thumoō** (gr. "ficar inflamado ou com raiva", Mt 2.16), que aparece apenas uma vez no Novo Testamento, expressando a grande fúria que Herodes demonstrou para com Belém quando ordenou que todos os meninos com dois anos e abaixo dessa idade fossem mortos (Mt 2.16; cp. uso do substantivo **thumos** em Ap 12.12).*

Dessa vez, quando Antíoco parou em Jerusalém, deparou-se com uma rebelião incitada pela helenização (adoção da cultura e religião gregas) forçada sobre a cidade por intermédio dos sacerdotes que ele designara —

Jason e depois Menelau. Portanto, favorecendo e poupando os **que tiverem desamparado o santo concerto**, isto é, apóstatas que abraçaram as mudanças que substituíram ou corromperam as práticas religiosas judaicas, as Cesareia de Filipe suas tropas mataram ou escravizaram milhares de judeus — e **roub[aram]** o Templo.[7] Antíoco baniu a circuncisão e os sacrifícios diários, chegando até mesmo a sacrificar um porco no altar sagrado e levantando uma estátua a Zeus nos pátios do Templo. Os judeus chamaram isso de "abominação desoladora", à qual Jesus referiu-se (cp. Mt 24.15). Isso também prefigura acontecimentos durante o período do Anticristo.

O tratamento cruel dos judeus por Antíoco e a sua profanação do Templo incitaram os judeus a revoltar-se (165 a.C.). As condições eram tão opressivas que muitos judeus fiéis, liderados por Judas Macabeus, foram bem-sucedidos na sua revolta (Dn 11.32-35).

O rei exalta a si mesmo (11.36-39)

11.36-39 Essa seção marca a transição para a discussão sobre o Anticristo, que, com arrogância, **se engrandecerá** acima de todos, até mesmo do Deus verdadeiro (vv. 36,37). Deus permite o sucesso do Anticristo por algum tempo até que a **ira** seja completa. Esse homem será mais maligno do que qualquer outro e não adorará nenhum dos deuses conhecidos. A expressão **nem terá respeito ao amor das mulheres** é interpretada de muitas maneiras. Possivelmente, essa é uma referência ao Messias, uma vez que cada mulher judia desejava ser a mãe do Messias, e o rei não demonstraria nenhuma consideração pelo Messias. Ele adorará a si mesmo e forçará outros a adorá-lo. O seu deus, ou religião, será ele mesmo, o poder e a guerra para os quais dispensará grandes esforços. Ele **multiplicará a honra** daqueles que o apoiarem.

O fim dos tempos (11.40-45)

11.40-45 O último **combate** (NVI) entre o **Norte** e o **Sul** é retratado nessa seção. Até esse ponto da narrativa, os reis do "Norte" e do "Sul" descreveram os reis do Egito e da Síria. No entanto, no contexto dos versículos seguintes, eles devem ser vistos como grupos de nações. Possivelmente, duas coalizões distintas das nações travaram guerra contra o

Anticristo. É mais provável que o rei do Norte seja o Anticristo que invade Israel, a **terra gloriosa**.

Edom, e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom conseguirão **escapa[r]** (v. 41). Esses países, agora na Jordânia moderna, escaparão de alguma forma da ira do Anticristo. O **Egito**, no entanto, **não escapará**, e o Anticristo saqueará todas as suas riquezas. Ao mesmo tempo, os líbios e os etíopes juntar-se-ão a ele. O Anticristo parece estar em uma posição de total poder nesse ponto, só que os rumores irão perturbá-lo. Evidentemente, essas ameaças ao seu poder levam-no a desferir um ataque para **destruir** muitos. Isso comprovará ser um movimento fatal para o Anticristo, que se estabelecerá **entre o mar grande e o monte santo e glorioso**, isto é, onde o Templo tornaria a terra bela e santa. A sua localização também é entre os mares; o mar Mediterrâneo e o mar Morto fazem fronteira com Israel a leste e a oeste. O Anticristo, portanto, fará a sua última incursão em Jerusalém e invadirá o Templo (2Ts 2.4). Possivelmente nessa intrusão, ele cometerá a abominação desoladora (Mt 24.15).

A profecia de Miguel (12.1-4)

12.1-4 O versículo 1 descreve a temerosa antecipação e uma promessa dupla bastante encorajadora. Daniel observa que haverá um tempo em que o infortúnio virá sobre a terra. A profundidade desse infortúnio não será como nada visto antes desse momento nem desde então. Essa alusão é claramente à Grande Tribulação. No livro de Apocalipse, João descreve esse período quando o Anticristo guerreará contra o povo de Deus. Mateus descreve-a da seguinte forma: "porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais" (Mt 24.21). O Senhor, a fim de proteger o povo de Deus e evitar a aniquilação total da raça humana, envia **Miguel**, o anjo (Mt 24.22). A primeira parte da promessa maravilhosa é cada um daqueles que **se achar escrito no livro** será salvo (Dn 12.1; "livro da vida do Cordeiro", Ap 21.27; "outro livro, que é o da vida", Ap 20.12, dois textos descrevendo a segurança para os que temem ao Senhor). A ideia é que, enquanto o mundo pode menosprezar aqueles que creem em Cristo e enquanto os tementes a Deus podem duvidar da fidelidade do Senhor em meio à sua própria infidelidade pessoal, Deus tem todos os nomes escritos, e os cristãos têm total segurança nEle.

A segunda promessa é que haverá grande ressurreição de pessoas, de alguns para a recompensa eterna e de outros para a condenação eterna (Dn 12.2). Na Escritura, a palavra **dorm[ir]** frequentemente se refere à morte. Não existe "sono da alma", purgatório nem nenhum estado intermediário. Depois que um cristão morre, incluindo os santos do Antigo Testamento, o seu espírito está imediatamente com Cristo (2Co 5.8; Fp 1.21-23). Na ressurreição, o corpo "desperta" do sepulcro e junta-se ao espírito nos novos céus e nova terra, onde os tementes a Deus recebem o "corpo espiritual".

Os tementes a Deus serão ressuscitados para a vida eterna. Os descrentes ressuscitarão para a grande vergonha quando se defrontarão com Deus no julgamento, oprimidos pela realidade dos seus pecados. O versículo 3 serve como uma afirmação resumida para aqueles que são justos. Eles brilharão como estrelas nos céus.

O versículo 4 afirma que o livro com as profecias de Daniel permaneceria selado para a maioria da nação judaica até o fim dos tempos, durante o qual o povo crescerá na sua compreensão da profecia de Daniel à medida que se apressarem para buscar o seu sentido.

As instruções finais para Daniel (12.5-13)

12.5-13 Daniel volta a retratar o cenário estabelecido em 10.4 — os acontecimentos com o **rio** Tigre. Dois anjos em lados opostos do rio e um **homem vestido de linho** estavam **sobre as águas do rio**. O "homem vestido de linho" pode ser uma referência a Cristo (veja o comentário sobre 10.1-9). Um dos anjos fez a esse homem a pergunta que todos gostariam de fazer: **Que tempo** haverá até que isso aconteça?

A resposta a essa pergunta é esta: esse infortúnio durará **um tempo, de tempos e metade de um tempo**, ou três anos e meio.[8] "Tempo" refere-se a um ano; "tempos", a dois anos, e "metade de um tempo", a meio ano. Os últimos três anos e meio da Tribulação são frequentemente referidos por Grande Tribulação ou o tempo do infortúnio de Jacó. A frase **quando tiverem acabado de destruir o poder do povo santo** refere-se ao sofrimento experimentado pelo povo de Deus durante esse tempo.

Daniel observou que **ouvi[u]** as palavras, mas não as **entend[eu]**. Isso, na verdade, é um encorajamento para aqueles que leem o livro e ainda têm dificuldade para entendê-lo. O anjo respondeu: **estas palavras estão fechadas e seladas**. Em outras palavras, Daniel aprendera tudo o que

precisava aprender, e o restante seria revelado no devido tempo para aqueles que precisam da informação. Ele, no entanto, deu a Daniel algumas poucas informações. Os **ímpios** não **entenderão** a relevância da mensagem de Daniel (12.10). Contudo, **os sábios entenderão** a verdade e serão salvos (v. 10).

O versículo 11 observa o fim do período de Tribulação como a **abominação desoladora**. Ela acontecerá **mil duzentos e noventa dias** depois de pôr uma imagem pagã no Templo, o que acontecerá na metade do período de Tribulação. Há uma bênção para aqueles que suportarem os **mil trezentos e trinta e cinco dias**.

Um período literal de três anos e meio seria 42 meses de trinta dias cada. Isso leva à questão sobre os números: por que eles são diferentes e como esses dias extras devem ser interpretados? Embora os números possam ser confusos, ajudam-nos a compreender duas coisas. A primeira, os dois conjuntos de números referem-se ao mesmo período de tempo — à conclusão dos três anos e meio da Tribulação ou a Grande Tribulação. A segunda, a disparidade nos números pode fornecer sugestões em outras passagens. Por exemplo, os mil duzentos e noventa dias incluem os três anos e meio de Tribulação mais trinta dias, que podem referir-se ao mês anterior ao início da perseguição dos judeus durante a última metade da Tribulação (veja Mt 25.31-46). Os quarenta e cinco dias extras do segundo número pode permitir um tempo de transição entre o tempo de destruição no versículo 7 e o tempo em que Deus estabelecerá o seu Reino (Dn 7.13,14), denominado frequentemente de reino milenial (12.12).

O último versículo fornece um indício sobre quando os santos do Antigo Testamento serão levantados. Considerando-se que Daniel será levantado no tempo mencionado no versículo 2, certamente outros santos do Antigo Testamento também serão levantados. Daniel é lembrado que o seu ministério não durará para sempre. Ele deveria continuar confiando na total realidade dessa revelação, que, por ora, ele e outros por vir compreenderão apenas parcialmente.

Conclusão

Embora o livro de Daniel seja atemorizante, talvez o melhor encorajamento venha da simples admoestação para **segu[ir] o [s]eu caminho até o fim** (ARA; 12.13). Apesar de haver muita discussão a respeito dos eventos

do fim dos tempos, Jesus discutiu os eventos futuros sempre para um desses dois propósitos específicos. Ou estava desafiando os seus seguidores a estar preparados ou estava encorajando-os a preparar os outros.

Há muita curiosidade, e Daniel apresenta um vislumbre parcial. Por conseguinte, é possível alguém abusar na especulação quanto à natureza do cumprimento profético. Antes, os cristãos devem preparar a si mesmos e aos outros para o retorno de Cristo. O tempo misterioso da sua reaparição deve motivar os cristãos a compartilhar o evangelho e investir a sua vida na obra do Reino de Deus.

Os discípulos tinham essa mesma curiosidade. Lucas registra que, nos últimos momentos do ministério do Cristo encarnado na terra, os seus discípulos tinham perguntas sobre o fim dos tempos (At 1.1-8).

Podemos aprender duas coisas com a resposta de Jesus. Primeiro: o fim de todas as coisas é estabelecido por Deus, pois só Ele tem autoridade para isso. Segundo: até aquele momento, os cristãos devem investir a vida para deixar os outros preparados. Até mesmo Daniel foi encorajado a buscar entendimento. Ele teve permissão de fazer algumas perguntas, e Deus com certeza encoraja os cristãos a estudar a sua Palavra e encontrar as respostas; no entanto, algumas coisas permanecerão secretas até o fim dos tempos (Dn 12.9).

Isso mesmo, Deus encobriu os eventos do fim dos tempos em mistério, o que só pode levar os cristãos a ter grande fé e confiança em Deus. Todas as palavras de compreensão devem impulsionar os filhos de Deus a proclamar com sinceridade a verdade divina e esperar com ansiedade o seu retorno, para que possam gritar com confiança: "Mesmo assim, venha, Senhor Jesus!".

Os leitores podem encontrar grande conforto no fato de que as profecias de Daniel são precisas, conforme é possível atestar pela comprovação histórica, e, portanto, dignas de confiança no que descrevem sobre o futuro. Daniel estava recebendo uma revelação sobrenatural e foi-lhe exigido que a entregasse, apesar de ele admitir que não a compreendia totalmente (Dn 12.8). A sua falta de compreensão não nega a verdade dessa profecia, nem, tampouco, a falta de compreensão e informações limitadas devem levar algum cristão a desacreditar ou desconfiar da profecia. Antes, os cristãos têm de aceitar com gratidão a revelação dada, enquanto se apegam à verdade de que alguns dos caminhos de Deus permanecem secretos (12.9). As profecias, apesar de que ainda não foram todas cumpridas, estão

ocorrendo na ordem apresentada. O fim dos tempos virá depois do Império Romano; no entanto, obviamente não veio logo após o antigo Império Romano. Deus não é limitado nem governa pelo tempo, como acontece com a humanidade; e, portanto, o cumprimento das profecias de Daniel está ocorrendo na ordem sucessiva que ele descreveu, só que de acordo com o tempo de Deus, e não do homem. Um salto no tempo de uma revelação à seguinte não deve representar um problema para os leitores nem obstruir a sua habilidade para aceitar a verdade e a realidade dos dias por vir.

Apesar de haver muita discordância sobre como esse sonho afeta o livro de Apocalipse e o fim dos tempos, há consenso de que essa é uma referência ao governo derradeiro e eterno de Deus, completado na segunda vinda. Daniel encerra essa seção lembrando o rei de que o verdadeiro Deus revelou essa profecia e que a sua interpretação é certa.

Embora muitos possam discordar sobre as interpretações exatas, essa literatura apocalíptica é empolgante e inspiradora para os cristãos que percebem o declínio moral do mundo e que desejam o governo de Cristo. Daniel explicou que esse governo viria. Para os cristãos, esse é um grande triunfo e encorajamento. Daniel deve ter apreciado o fato de que a vida na terra é temporária e, portanto, sem importância se comparada com o privilégio monumental e eterno de viver com o Deus dos céus. A sua vida na terra estava focada por meio das lentes de uma perspectiva celestial, e essa visão do mundo deu propósito, contentamento e esperança a Daniel.

BIBLIOGRAFIA

Feinberg, Charles L. *Millennialism: The Two Major Views*. Winona Lake, IN: BMH Books, 1985.

MacLaren, Alexander. *Ezekiel, Daniel, and the Minor Prophets*. Expositions of Holy Scripture, vol. 6. Grand Rapids: Baker, 1975.

* Miller, Stephen R. *Daniel*. The New American Commentary, vol. 18. Nashville: B&H Publishing Group, 1994.

Phillips, John, e Jerry Vines. *Exploring the Book of Daniel*. Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1990.

* Para estudos avançados.

NOTAS

[1] "Nabonidus Chronicle", trad. A. Leo Oppenheim, em *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, ed. James B. Pritchard (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1950); cp. Albert Kirk Grayson, *Assyrian and Babylonian Chronicles* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2000).

[2] Muitos dos eventos do capítulo 7 são paralelos e encontram apoio na revelação de Jesus a João.

[3] Os livros de 1 e 2 Macabeus estão entre as obras apócrifas (gr. "coisas escondidas", cujo sentido é "de autoria ou autenticidade duvidosa") usadas pela Igreja Católica Romana como Escritura inspirada. Os protestantes, no entanto, não reconhecem esses livros como Escritura canônica.

[4] Veja 1 Macabeu 1.20-24,29-32,37,39,41-54; 2 Macabeus 5; 6.2-5.

[5] Essa tabela foi produzida por Paige Patterson.

[6] Essa é a primeira ocorrência do nome "Cleópatra" na família selêucida. A Cleópatra associada com Júlio César e Marco Antônio viveu em 69-30 a.C.

[7] Os estudiosos diferem quanto à sequência precisa dos eventos relacionados a Jerusalém e à primeira e segunda campanhas egípcias de Antíoco. O relato de Josefo, embora se apoie muitíssimo em 1 e 2 Macabeus (*Antiquities*, trad. R. Marcus, Loeb Classical Library, 12.246-251), ignora a discrepância apresentada pelos relatos extremamente similares das duas invasões sírias de Jerusalém. O relato apresentado aqui harmoniza com a Escritura e com a compreensão de Josefo desses eventos, em particular conforme pesquisado por Daniel R. Schwartz, professor no Departamento de História do Povo Judeu na Hebrew University de Jerusalém, Israel.

[8] O tempo refere-se a um ano. Portanto, um tempo (1 ano), mais tempos (2 anos) e metade de um tempo (1/2 ano) seriam três anos e meio. Por conseguinte, essa referência é para os 3½ anos finais da septuagésima semana de Daniel.

OSEIAS

INTRODUÇÃO

TÍTULO

O livro de Oseias, cujo nome é o do profeta cujos oráculos ele contém, é o primeiro canonicamente entre os profetas menores, embora o livro de Amós seja mais antigo. Os profetas menores são conhecidos como "Os doze", um número de relevância simbólica para os hebreus, uma vez que há doze livros.

CENÁRIO

Embora as profecias de Oseias focassem basicamente o Reino do Norte (Israel/Efraim), ele também fez profecias sobre o Reino do Sul (Judá). Os livros históricos da Escritura caracterizam o reinado de cinco reis mencionados pelo nome no sobrescrito do livro (1.1).

- **Uzias:** Em geral, "fez o que era reto aos olhos do SENHOR" (2Cr 26.4; 2Rs 15.34; veja 2Cr 26.1—27.2); porém, mais tarde "transgrediu contra o SENHOR, seu Deus" (2Cr 26.16-21).
- **Jotão:** "Fez o que era reto aos olhos do SENHOR" e "dirigiu os seus caminhos na presença do SENHOR, seu Deus" (2Cr 27.2,6). No entanto, "ainda o povo se corrompia" (2Cr 27.1-9, porque "tão somente os altos se não tiraram" (2Rs 15.35).
- **Acaz:** Esse rei, de modo distinto do seu pai e avô e também "Davi, seu pai", "não fez o que era reto aos olhos do SENHOR" (2Cr 28.1). Antes, ele "desviara a Judá, que de todo se dera a prevaricar contra o SENHOR"

(2Cr 28.19; veja 2Cr 28.1-27; 29.6-9 para descrições da apostasia nacional e pessoal).

- **Ezequias:** Filho de Acaz, reverteu a direção idólatra da liderança religiosa do seu pai e "fez o que era reto aos olhos do SENHOR" (2Cr 29.2; 31.20-21). Ele consertou e purificou o Templo, renovou a aliança de Israel com Iavé, removeu os ídolos e os altos, restabeleceu o sacerdócio levita e reinstituiu a celebração da Páscoa (veja 2Cr 29—32).
- **Jeroboão, filho de Joás:** Jeroboão II, em contraste com o seu sucesso político, "nunca se apartou" do curso idólatra estabelecido para o Reino do Norte pelo seu xará, Jeroboão de Nebate. Em vez de fazer o que era certo, "fez o que era mal aos olhos do SENHOR" (2Rs 14.23-29).

Durante o reinado de Jeroboão II, o Reino do Norte de Israel experimentou prosperidade econômica e decadência moral. Jeroboão II tirou proveito da localização geográfica de Israel, aumentando excessivamente os pedágios das caravanas que viajavam de Israel para a Síria, Assíria, Ásia Menor, sul da Arábia e Egito, ou provenientes desses locais, forçando muitos dos seus súditos — especialmente os órfãos e as viúvas — a enfrentar a pobreza e a escravidão. Jeroboão expandiu o seu território para Gileade, Amom e Moabe.

A morte de Jeroboão II foi seguida por um período de trinta anos durante os quais seis reis reinaram sobre Israel. Eles adotaram as práticas pagãs dos cananeus, a quem Jeú tentara certa vez dominar, mas recusou-se a destruir (2Rs 13.1-7,22). Os cananeus adoravam Baal, um deus mitológico das tempestades e da fertilidade. Os rituais honrando Baal envolviam o sacrifício infantil e a prostituição no Templo.

GÊNERO

O livro de Oseias é uma profecia que consiste de várias formas literárias, incluindo discursos sobre o julgamento e a salvação, narrativas, poesia, provérbios, jogo de palavras e canções de amor. Oseias é rico em artifícios literários, tais como símiles e metáforas, os quais transmitem a sua mensagem com imagens poderosas e inesquecíveis.

AUTOR

Não há muito debate sobre Oseias ser autor desse livro. Sabemos mais sobre o tempo em que ele viveu do que sobre o profeta em si. Oseias (heb., "ajuda, livramento, salvação") era filho de Beeri (heb., "meu poço", 1.1). A menção do nome do seu pai implica que o pai do profeta talvez fosse conhecido pelos ouvintes ou que esse Oseias devia ser distinguido de outros com o mesmo nome.

Deus falou com Oseias e também ao povo de Israel por intermédio do casamento de Oseias com Gomer, que se tornou o ponto focal do livro. Deus usou as experiências pessoais de Oseias com a traição de Gomer e a reconciliação deles para mostrar o seu amor incondicional por Israel e prefigurar a obra de Cristo na cruz para expiar os pecados do seu povo e persuadi-los a voltar a ter um relacionamento com Ele.

DATA

O ministério de Oseias ocorreu durante os reinados (a sobreposição de reinados indica corregência entre o rei e o seu sucessor) dos seguintes reis (1.1):

- Uzias (792-740 a.C.);
- Jotão (750-731 a.C.);
- Acaz (735-715 a.C.); e
- Ezequias (715-686 a.C.).

As profecias e ministério de Oseias podem ser datados, em geral, por volta de 755-725 a.C., um dos períodos mais tenebrosos da história de Israel.

DESTINATÁRIOS

Os destinatários das profecias de Oseias eram os seus companheiros israelitas. O seu foco primário era o Reino do Norte (Israel); no entanto, às vezes, a sua mensagem incluía o Reino do Sul (Judá).

PRINCIPAIS TEMAS

O amor de Deus. O livro de Oseias é um testamento sobre o amor de Deus. O Senhor usou o casamento de Oseias para mostrar as medidas extremas que

tomaria para cuidar de Israel. O amor que Ele demonstrou por Israel é o amor fundamentado na aliança — "benignidade", "beneficência" ou "misericórdia" (heb. ***chesed***, 2.19; 4.1; 6.4,6; 10.12; 12.6; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). Esse amor significa um compromisso irrevogável, implicando a permanência e segurança da devoção mutuamente fiel entre Deus e o seu povo. Oseias mostra que Deus *ainda* amava Israel e *ainda* era fiel, apesar da infidelidade dessa nação. O aspecto da aliança do amor de Deus, o seu ***chesed*** (heb.), também fica aparente na sua justiça: o plano de Deus era purificar Israel para trazê-la de volta a um relacionamento fundamentado na aliança. A purificação da nação exigia a execução da justiça, tudo em prol de um relacionamento renovado.

Uma aliança é um acordo entre duas pessoas ou grupos, com frequência referido na Escritura como o relacionamento entre Deus e Israel e, em particular, a aliança de Deus com Abraão, em que foi prometido aos descendentes de Abraão a terra de Canaã (Gn 15.18; 17.2). Essa aliança deveria alterar nossa identidade como cristãos para que sejamos sempre reconhecidos como participantes dessa aliança. O mesmo é verdade no relacionamento humano do casamento.

A apostasia de Israel. O principal pecado tratado em Oseias é a apostasia ou abandono da lealdade. Os israelitas recusam-se a reconhecer Iavé Deus como o seu único Deus. Antes, incorporaram as crenças pagãs e práticas idólatras na sua vida. Iavé é digno da aliança total do povo. A metáfora vívida usada no livro para a apostasia do povo ou "adultério" espiritual, é o adultério literal da esposa de Oseias.

ESBOÇO

I. O CASAMENTO DE OSEIAS E A APOSTASIA DE ISRAEL (1.1—3.5)
- A. Oseias Casa-se com Gomer (1.1-11)
- B. A Promessa de Deus para Restaurar Israel (2.1)
- C. Deus Detalha a Punição de Israel (2.2-13)
- D. Deus Descreve a Restauração Futura de Israel (2.14-23)
- E. Oseias Restaura Gomer (3.1-3)
- F. A Restauração também É Exigida para Israel (3.4,5)

II. AS MENSAGENS DE OSEIAS (4.1—6.3)
- A. A Apostasia de Israel É Explicada (4.1-19)

B. Os Alertas e Julgamentos de Deus Concernentes a Israel (5.1-15)
1. Os alertas para Israel (5.1-7)
2. O julgamento por vir por causa da apostasia de Israel (5.8-15)
C. O Chamado de Deus ao Arrependimento (6.1-3)

III. A Condição de Israel durante o Ministério de Oseias (6.4—8.14)
A. Deus Considera a Condição de Israel (6.4-11a)
B. As Falhas de Israel como Nação (6.11b—7.16)
C. O Comportamento de Israel de Servir a si mesma Traz Destruição (8.1-14)

IV. Profecias e Julgamentos (9.1—13.16)
A. Profecias sobre o Futuro de Israel (9.1-17)
1. O exílio de Israel (9.1-9)
2. A perda da fertilidade de Israel (9.10-17)
B. Mais Acusações contra Israel (10.1-15)
C. O Amor de Deus por Israel (11.1-11)
D. A Apostasia de Israel Comparada com a Vida de Jacó (11.12—12.14)
E. Outro Julgamento sobre Israel (13.1-16)

V. O Apelo Final pelo Arrependimento de Israel (14.1-9)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

Os primeiros três capítulos de Oseias narram o casamento de Oseias e Gomer e o uso desse enlace como uma metáfora para o relacionamento de Deus com Israel. Os capítulos seguem uma ordem cronológica. Embora alguns tenham contestado se a identidade da mulher continua a mesma ao longo desses capítulos, o contexto indica que Gomer é, de fato, a mulher no trecho da compra no capítulo 3, um evento que segue naturalmente a

ordem de Deus. O senso comum também sugere que, se Deus está comparando a sua redenção do seu povo ao casamento de Oseias, Gomer tem de ser a mesma mulher, ou a metáfora cai por terra.

O Casamento de Oseias e a Apostasia de Israel (1.1—3.5)

Oseias Casa-se com Gomer (1.1-11)

1.1 O sobrescrito apresenta o livro como um produto da iniciativa de Deus em revelar a sua verdade a um homem em particular cujo nome é **Oseias, filho de Beeri**, que foi contemporâneo dos profetas Isaías e Amós (cp. os reis de Judá mencionados em Is 1.1; Am 1.1). A extensão de datas dos reis, durante cujos reinados Oseias profetizou, sugere que Oseias era jovem quando a **palavra do SENHOR** veio a ele. À parte de Oseias 1.1 e Isaías 1.1, só a genealogia de Jesus em Mateus 1.8,9 enumera em uma sequência muito próxima esses quatro reis de Judá, cuja linhagem remonta a Davi.

1.2 O versículo 2 apresenta alguma dúvida quanto à razão, de outra forma inexplicável, para a escolha de uma noiva por Oseias. As palavras **o princípio** [heb. ***techillah***, "começo", um substantivo] **da palavra do Senhor** atribui a pregação de Oseias ao Senhor e sugere que a primeira mensagem do Senhor para **Oseias** foi a palavra de Deus para, literalmente, **toma[r] uma mulher de prostituições** (v. 2). ***PROSTITUIÇÕES*** *(heb.* ***zenunim****, "adultérios, prostituições"; Gn 38.24; 2Rs 9.22; Ez 23.11,29; Os 2.2; 4.12; 5.4; Na 3.4) denota literalmente relações sexuais com alguém que não seja o cônjuge ou prostituição. Pode referir-se figurativamente à "idolatria", em especial na forma verbal da palavra (heb.* ***zanah****, traduzido por "de prostituições", em Os 1.2; veja o estudo da palavra, Is 1.21; veja o comentário sobre Jz 2.17; 1Cr 5.23-26; Pv 23.27), que ocorre mais frequentemente na Escritura e 13 vezes no livro de Oseias.*

Gomer é apresentada como **filha de Diblaim** (heb. "bolo duplo de figo"), isto é, em associação com o pai e a família dele. A infidelidade de Gomer ao marido tornar-se-ia uma parábola viva para a infidelidade de Israel ao Senhor. O amor de Oseias por Gomer e a sua fidelidade a ela retratavam o amor de Deus por Israel fundamentado na aliança. Deus escolheu e purificou Israel, tomando-a como o seu próprio povo, mas Israel

traiu-o. Israel, após entrar em um relacionamento fundamentado na aliança com o Senhor, afirmando ser fiel a Ele (Êx 19.2-8), voltou-se para a idolatria. O amor de Deus pelo seu povo, apesar da traição de Israel, jamais vacilou. Antes, ele proveu uma oportunidade para a redenção. A expressão **filhos de prostituição** pode referir-se ao fato de que são filhos de outro homem que não Oseias ou ao fato de que tiveram de suportar a desgraça do comportamento da sua mãe (v. 2). Os nomes dos filhos — **Jezreel** (heb., "disperso, espalhado"); **Lo-Ruama** (heb. ***Lo'-ruchamah***, "sem compaixão" ou "não tendo obtido a misericórdia", v. 6); **Lo-ami** (heb. ***Lo'-ammi***, v. 9) — eram simbólicos da severa ruptura no relacionamento fundamentado na aliança entre Deus e a Israel infiel.

1.3-5 Jezreel (heb., "Deus semeia" ou "o que é disperso", vv. 4,5) é o único filho designado claramente como de Oseias. Não fica claro se os outros dois filhos eram ou não dele. O Senhor, com o nome dos filhos, anunciou a sua intenção de trazer derramamento de sangue **sobre a casa de Jeú** a fim de **visita[r] o sangue de Jezreel**, a cidade onde Jeú trouxe o julgamento de Deus sobre a casa de Onri (2Rs 9.1—10.31; 1Rs 21.23). De início, a explicação parece conflitar com o retrato positivo de Jeú em 2 Reis 9—10.31; 1Rs 21.23). O Senhor instruiu Jeú a "feri[r] a casa de Acabe [filho de Onri] [...] para [...] ving[ar] [...] o sangue de todos os servos do SENHOR da mão de Jezabel" (2Rs 9.7-10). O Senhor também elogiou Jeú por executar as suas instruções e prometeu que "quatro gerações" dos filhos de Jeú seriam de reis sobre Israel (2Rs 10.30,31); Zacarias, o filho de Jeroboão II, representou esse último descendente de Jeú a herdar o trono de Israel. No entanto, a falha de Jeú em liderar Israel para ser fiel a Iavé perpetuou a adoração de ídolos na nação (2Rs 10.29,31). Portanto, o Senhor prometeu que, assim como em Jezreel, onde Jeú aniquilou violentamente uma dinastia idólatra e perversa, Ele também removeria de forma violenta **o reino da casa de Israel [...] no vale de Jezreel** (Os 1.4,5).

O nome "Jezreel" chama a atenção não só para aquele **dia** do julgamento de Israel (v. 5), como também para a promessa de Deus de restaurar o seu relacionamento com o seu povo. O versículo 11 fala com esperança do "dia de Jezreel". Oseias 2.14-23 descreve de maneira mais explícita o plano de Deus para forjar uma nova e eterna aliança de casamento com o seu povo — fundamentada na "justiça" e na "fidelidade". Essa promessa é expressa nos três nomes simbólicos dos filhos de Oseias. Para Jezreel (heb.,

"semeia"), Iavé declara que "semear[ia]" Israel "na terra" para si mesmo (2.23).

1.6-7 Esses versículos, em contraste com o versículo 3, que declara que Gomer "concebeu e lhe deu um filho", deixam a identidade do pai da filha aberta ao questionamento. Iavé ordenou que Oseias desse o nome de **Lo-Ruama** (heb. ***Lo'ruchamah***, "sem misericórdia, não amada, sem piedade", v. 6; Is 9.17; 13.18; 14.1; 24.11; Jr 13.14; 15.1-7) como um testemunho vivo da sua disposição em relação a Israel, em particular em contraste com a sua decisão de **compadece[r-se]** da **casa de Judá** (Os 1.7; Is 30.18; 49.10,13,15).

COMPADECE[R-SE] *(heb.* ***racham****) é tratar uma pessoa com afeição gentil como uma expressão de profundo amor. No Antigo Testamento, a palavra é usada basicamente em relação ao compromisso de Deus para cuidar e livrar o seu povo, em particular quando eles não merecem a sua misericórdia nem gentileza (veja Êx 33.19; Dt 13.17; 30.3; 1Rs 8.50; 2Rs 13.23; Sl 102.13; 116.5; Is 54.8,10; 55.7; 60.10; Jr 31.20; Jr 12.15; 30.18; Lm 3.32; Ez 39.25; Mq 7.19; Zc 10.6).*

Deus, dentro de décadas, **tirar[ia]** Israel da terra, quando os assírios derrotassem a nação e assentassem os cativos em outras partes do império (Os 1.6; 733 a.C.). Deus, a seguir, libertou milagrosamente Judá dos assírios (2Rs 18—19; 701 a.C.). Judá, cerca de 150 anos mais tarde, seria levada ao exílio pelos babilônios, mas um remanescente regressaria.

1.8-11 Os dois nascimentos, considerando-se que os bebês só **desmama[vam]** aos três ou quatro anos de idade, estão separados por esse período de tempo (v. 8). O pai do filho de Gomer, mais uma vez, não é identificado, mas o Senhor ordenou que o menino fosse chamado **Lo-Ami** (heb. ***Lo'-'ami***, v. 9) para transmitir a Israel que estava suspendendo temporariamente a sua aliança com o Reino do Norte. O nome e a sua explicação indicam de modo inconfundível a reversão da proteção divina dos israelitas do Egito quando anunciou que os resgataria da escravidão (Êx 6.7; Lv 26.12; Dt 27.9; Jr 7.23; 11.4).

Em essência, o **lugar** em que os israelitas rebelaram-se contra o Senhor e perderam a sua proteção como o povo escolhido de Deus era o "lugar" da desobediência empedernida e rebelião, as quais afirmaram com a sua promiscuidade por toda a terra (Os 1.10; v. 2). Deus, no contexto da imagem usada por Oseias 1, repudiou o seu povo "no vale de Jezreel", um lugar simbólico do julgamento (vv. 4,5). O **dia de Jezreel** (heb., "Deus semeia"), no entanto, significava uma mudança positiva que se seguiria ao

julgamento, quando o Senhor voltaria a "semea[r]" Israel "na terra" para si mesmo (2.23; Jr 31.27), referindo-se àqueles que retornariam e ali se reuniriam — tanto **judeus** quanto **israelitas** (Os 1.11; 3.5; Ez 37.21-28). A reunião de Judá e Israel sob o rei davídico cai durante o retorno milenar de Israel para a terra (Os 3.5; Is 11.11,12). Os rejeitados que quebraram a aliança denominados pelo nome simbólico Lo-Ami, cujo sentido é "não meu povo", serão chamados de **filhos do Deus vivo** (Os 1.10).

O Novo Testamento reconhece que, com a redenção do pecado provida com a morte e ressurreição do Messias, aqueles chamados "não sois meu povo" incluem os gentios que, junto com os judeus crentes, recebem a justiça que vem com a fé em Jesus Cristo (Rm 9.25—10.13), "o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16). O "Deus vivo" contrasta o verdadeiro Senhor da vida com os ídolos sem vida de Baal, a quem Israel estivera adorando (Jr 10.10). O termo "filhos" implica um relacionamento familiar de crianças que têm o nome do pai, refletem o seu caráter, herdam os seus bens e responsabilidades disso e honram o seu legado.

A Promessa de Deus para Restaurar Israel (2.1)

2.1 O reverso do sentido profético dos nomes dos filhos é completado na restauração futura de Israel, a quem o Senhor estendeu a sua compaixão. Essa ordem antecipa um ato futuro como uma condição presente. Se Oseias tivesse sido forçado a casar-se com uma mulher manchada pela promiscuidade, ele com certeza teria problema em desenvolver uma afeição genuína por ela para modelar o amor fiel e inabalável de Iavé Deus por Israel. A unificação dos dois reinos foi profetizada (1.11). Aqui, o profeta observa a promessa de renovação, com a redenção futura de Israel fundamentada na graça de Deus (2.1).

Deus Detalha a Punição de Israel (2.2-13)

2.2-5 A ordem para **contende[r]** [heb. ***riv***, brigar ou contender com, defender a causa de alguém", v. 2] **com [...] [sua] mãe** presumivelmente é dirigida aos rebentos dessa mãe — aqui, provavelmente, os filhos e filhas de Israel que adoravam o Senhor, mas viviam em meio às pessoas corruptas moral e espiritualmente. O comportamento promíscuo da mãe rompeu a sua aliança de casamento, impondo sobre o marido um divórcio, de fato,

embora não oficial, algo que ele jamais desejou. Não obstante, falando a Israel na pessoa de um marido devotado cuja esposa busca ativamente relacionamentos adúlteros, o Senhor insiste que a traição contínua dessa esposa adúltera tem de cessar. A imagem usada para articular essa demanda transmite a ira justificada do marido contra a violação da intimidade pela esposa, intimidade esta reservada para o casamento. O deleite dela no pecado e justificação desafiadora do que fora prometido só ao marido fica óbvio (Jó 24.15; Pv 30.20; 2Pe 2.13,14).

ADULTÉRIOS *(heb.* ***na'aphuphim****) é substantivo plural — aparecendo na Escritura apenas em Oseias 2.2 — do verbo para cometer adultério (heb.* ***na'aph****). No Antigo Testamento, o verbo aparece primeiro nos Dez Mandamentos (Êx 20.14; Dt 5.18), proibindo explicitamente as relações sexuais com qualquer outra pessoa que não o cônjuge. Levítico 20.10 prescreveu a pena de morte para os dois que cometessem adultério. O termo "adultério", particularmente nos livros de Jeremias, Ezequiel e Oseias, é uma metáfora que ilustra o fato de que Israel desviou-se do Senhor para adorar ídolos, buscando figurativamente outros "amantes" (e.g., Jr 3.8,9; 5.7; Ez 16.32,38; 23.37,45; Rm 2.22).*

O Senhor explicou o que faria caso Israel se recusasse a terminar os relacionamentos ilícitos. O Senhor decidiu **deix[ar]** (heb. ***yatsag***, "colocar, pôr, deixar") Israel, no sentido de abandoná-la, em vez de protegê-la das consequências devastadoras das suas escolhas. A referência ao **dia em que nasceu** liga esse alerta a Ezequiel 16, que descreve com imagem similar o resgate e a purificação do Senhor, bem como o casamento de Israel com Iavé. Os **filhos de prostituições** nasceram de uniões adúlteras da esposa instável e os seus **namorados** (vv. 4,5). Esses filhos ilegítimos representam figurativamente os israelitas idólatras que não tinham o direito de identificar-se como filhos e filhas de Deus.

2.6-13 O Senhor também frustraria os esforços do seu povo para desviar-se e tornar as suas buscas adúlteras desagradáveis, não recompensadoras e malsucedidas (vv. 6,7; Jó 19.8; Lm 3.9). O Senhor não força aqueles que pertencem a Ele a permanecer comprometidos com Ele, mas opera ativamente contra essas buscas rebeldes a fim de ajudá-los a perceber que viver em obediência a Deus é **melhor** do que os prazeres fugazes e as promessas vazias das buscas idólatras (Os 2.7; Lc 15.17-20). O Senhor agiu intencionalmente para deter Israel na adoração a outros deuses.

A esposa adúltera é descrita como aquela que foi enganosamente convencida de que os seus namorados, e não o seu marido fiel, proviam

para ela. No entanto, a esposa busca em outro lugar a provisão que o marido era obrigado a dar a ela (Êx 21.10), e isso representava a traição ao marido e rejeição dele. Israel fizera isso, tendo abandonado o Senhor e buscado os ídolos para os benefícios que supostamente poderiam suprir. O Senhor, por ser o **primeiro marido** (Os 2.7), lamenta a falha de Israel em **reconhece[r]** e apreciar a verdade de que tudo o que "ela" desfrutava — as provisões básicas, bem como os luxos — fora dado por Ele (v. 8).

Ela não só rejeitou a provisão do Senhor, como também pegou e usou o que foi dado por Ele para a adoração a **Baal** (heb., "senhor, mestre", v. 16), o deus cananeu da fertilidade responsável, conforme a crença dos seus seguidores, pelas colheitas abundantes (v. 8). Iavé zombaria desse culto à fertilidade ao retirar da terra e do seu povo as bênçãos agrícolas e outros benefícios materiais que só deveriam ser atribuídos a Ele.

Além disso, o Senhor **descobrir[ia]** (heb. ***galah***, "desvelar, despir", palavra geralmente usada com a palavra "nudez", como uma expressão idiomática para relação sexual) a **vileza** (heb. ***navlut***, "desgraça" da palavra ***naval***, "ímpio, perverso"), a humilhação e a devastação de Israel (Jr 14.1-10). Embora o Senhor possa **livra[r]** (heb. ***natsal***, "pegar, libertar", Os 2.10; veja o estudo da palavra, Sl 7.1,2) o seu povo de qualquer um ou de qualquer coisa, **ninguém** pode "livra[r]" o povo de Deus das suas mãos. Aqui, essa afirmação implica que, quando o Senhor, por fim, punir o seu povo, ninguém poderá detê-lo (Sl 50.22; Hb 10.31). No evangelho de João, no entanto, uma afirmação similar expressa uma promessa de segurança nas mãos de Deus (Jo 10.28,29).

Israel achou que os **baalins** (NVI), os deuses pagãos da fertilidade, abençoaram a sua terra; mas fora a bondade de Iavé, o Deus da aliança, quem trouxera prosperidade à nação (Os 2.13).

ESQUECEU *(heb.* ***shakach****; v. 13; 4.6; 8.14; 13.6) implica que algo ou alguém é conhecido, mas não recebeu a devida atenção. Os alertas de Deus ao seu povo indicam que a palavra denota não apenas um lapso mental, mas também uma ignorância ou desprezo daquilo que deveria permanecer "na frente e no centro" (veja Dt 6.12; 8.11,14,19; Jz 3.7; 1Sm 12.9). "Esquece[r]" o Senhor é parar de cuidar das coisas dEle e do que Ele diz. Tal negligência leva inevitavelmente ao desrespeito ostensivo e escolhas destrutivas e pecaminosas (Jr 3.21; 13.25-27; 18.15).*

Deus Descreve a Restauração Futura de Israel (2.14-23)

2.14-23 Em hebraico, essa seção começa mais dramaticamente que o indicado em nossas traduções para o português. O Senhor proclama: "Portanto, eis que [...]" — isto é, desde que expôs a vergonha de Israel e puniu-a por causa da sua idolatria, o Senhor tomaria a iniciativa para ganhar de volta o seu povo. Embora lembrado como um lugar onde o povo murmurava contra Deus, o deserto também foi o lugar onde o povo tinha de confiar somente nEle como providência; e o povo viu o Senhor fazer isso (v. 14). Deus **falar[ia] ao coração** deles, prometendo devolver a Israel o que Ele havia tirado, declarando até mesmo que transformaria **o vale de Acor** em **porta de esperança** (v. 15).

*O nome **VALE DE ACOR** (heb., "transtorno") foi dado ao lugar onde o pecado de um homem chamado Acã, também conhecido por Acar, trouxe "perturba[ção]" sobre "Israel" após a batalha de Jericó (1Cr 2.7). Acã só confessou o seu pecado de ter pegado as "coisas consagradas" (NVI) quando o Senhor apontou o seu erro (Js 7.1,16-23; para as instruções de Deus, veja Js 6.16-19). Levantaram "um grande montão de pedras" onde Acã e toda a sua família, bem como as suas posses, foram destruídos. Esse memorial de "perturba[ção]" abriria caminho para a expectativa de boas coisas por vir no futuro (Os 2.15).*

Ali, no local da renovação e restauração, o povo de Deus **cantar[ia]** (heb. ***'anah***, "cantar, clamar ou berrar, testificar, responder", vv. 15,21,22; cp. Êx 15.21) como o fez quando o Senhor tirou-o **da terra do Egito** e forjou uma aliança com Israel no monte Sinai (Os 2.15; veja o comentário sobre Êx 19.1-15). O restante do capítulo 2 é pontuado com referências àquele **dia** (Os 2.16,18,21), incluindo os seguintes destaques:

- O povo reconheceria Iavé como o **marido** e certamente se esqueceria de Baal (heb., "senhor, mestre", v. 16). Ele **conhecer[ia] o SENHOR** exclusivamente como o seu Deus (vv. 20,23).
- O Senhor faria **aliança com as bestas-feras do campo** em favor do seu povo (v. 18).
- O Senhor poria fim à guerra e asseguraria a paz na **terra** (v. 18).
- O Senhor — citando cinco dos atributos do Senhor caracterizando o seu compromisso com o seu povo, comparável ao pagamento de uma noiva — repetiu três vezes a sua promessa a eles (Êx 6.7). **Farei de você a**

minha esposa (heb. ***'aras***, "desposar, contrato de casamento", o primeiro passo na direção do casamento e contrato de união, Os 2.19,20; cp. descrição do "concerto novo"; Jr 31.31-34; Zc 8.7,8; Hb 8.10) **para sempre** (NAA). A **justiça** e o **juízo** denotam a integridade perfeita de Deus no seu tratamento com Israel (Os 2.19). A **benignidade** (heb. ***chesed***, "amor leal; lealdade à aliança" do Senhor, v. 7; veja o estudo da palavra, Rt 1.8) e as **misericórdias** descrevem a devoção inabalável de Deus a Israel (Os 2.19). A **fidelidade** (v. 20) de Deus é contrastada com a inconstância de Baal e a infidelidade de Israel.

- Haveria uma série acumulativa de respostas ou, talvez, ocasiões de canto ou testemunho em celebração (Is 49.13).
- Além disso, o Senhor adotaria essencialmente como seus aqueles que, de outra forma, não tinham reivindicação legítima sobre Ele como o seu pai (Is 14.1; Zc 2.11; Rm 9.25,26).

Oseias Restaura Gomer (3.1-3)

3.1-3 A obediência de Oseias ao Senhor ilustra vividamente o relacionamento de Deus com Israel, conforme descrito no capítulo 2. Embora o texto não mencione pelo nome a **adúltera** (heb. ***na'aph***; veja o estudo da palavra, 2.2), espera-se que a audiência presuma que o simbolismo do casamento de Oseias com Gomer, apresentado no capítulo 1, continue aqui. Oseias recebe a seguinte ordem: **Vai outra vez** (heb. ***'od***, "ainda"), indicando repetição e retorno. A mulher a quem o profeta tem de **ama[r]** (heb. ***'ahav***, "praticar atos de amor para com, ser leal a, tratar com afeto e ternura, preferir") é identificada como "adúltera" e **mulher, amada** [heb. ***'ahav***] **de seu amigo** (heb. ***rēa'***, "amante, companheiro, amigo", 3.1; Ct 5.16; Jr 3.20). A explicação do Senhor para uma instrução tão perigosa quanto essa sustenta o paralelo estabelecido pelo Senhor entre o casamento de Oseias com Gomer e o seu relacionamento com o seu povo (Os 3.1). Assim como Gomer entregou-se aos desejos do "seu amigo", o povo de Iavé voltava-se para **outros deuses** (v. 1).

VOLTA[R] *(NVI; heb.* ***panah****) não é a mesma palavra traduzida por "voltar", "retornar" e "arrepender-se" (heb.* ***shuv****), usada repetidas vezes em 3.5 e em passagens proféticas como Ezequiel 14.6,8.* ***Panah*** *denota "voltar-se" no sentido de voltar fisicamente os olhos, a cabeça ou o corpo para desviar o olhar de alguém. Algumas vezes, é usada de modo figurativo para transmitir uma escolha da vontade para parar de ouvir a*

Deus. O Senhor alertou o seu povo que se desviar dEle resultaria em ser "seduzido para [...] inclina[r-se] a outros deuses, e servi[-los]" (Dt 30.17; cp. 29.17). Israel, ao voltar-se para "outros deuses", traiu de forma grave o Senhor que "ama" (heb. ***'ahayah****, "amor devotado que tem grande deleite com o outro", Os 3.1; 11.4; Gn 29.20; Dt 7.8; 2Cr 9.8; Sl 109.5; Jr 2.2) o seu povo, assim como uma esposa infiel fere um homem fiel que a ama com devoção.*

O fato de Oseias tê-la **compr[ado]** indica que qualquer que fosse a posição ocupada por Gomer, alguém aceitou o pagamento especificado (Os 3.2), que excedia o preço pago por uma escrava (Êx 21.32; Lv 27.4). Talvez ela tenha-se tornado escrava para pagar uma dívida exorbitante. Quem sabe o seu namorado insistiu no pagamento antes de permitir que Oseias levasse-a para casa. De qualquer modo, a transação deu a Oseias o direito legal de fazer com ela o que lhe aprouvesse, inclusive a matar. Contudo, a resposta dele foi tomá-la mais uma vez como esposa.

A Restauração também É Exigida para Israel (3.4,5)

3.4,5 Os parâmetros estabelecidos por Oseias para o retorno de Gomer para a sua casa tinham a intenção de ilustrar a maneira como **os filhos de Israel** seriam restaurados ao Senhor e receberiam mais uma vez o seu amor e bondade (v. 5; Jr 30.9). A esposa de Oseias teve de **fica[r]** (heb. ***yashav***, "morar, habitar") com ele **muitos dias** (Os 3.3). Seria exigido que Gomer ficasse em casa com Oseias, restringindo qualquer oportunidade para desenvolver um relacionamento ilícito com outros homens. Oseias, ao que tudo indica, tomou medidas deliberadas para isso, como também demonstrou a sua fidelidade contínua a ela. Os israelitas, da mesma forma, ficariam privados de todo possível rival ao senhorio de Iavé, isto é, incluindo os seus líderes humanos e os objetos associados com a adoração pagã. Um **éfode** era uma vestimenta usada por sacerdotes no Templo (Êx 28.28-34), porém outros éfodes foram confeccionados para usar na adivinhação e adoração pagã (Os 3.4; veja Jz 8.27; 17.5).

Gomer

Uma prostituta egoísta

O histórico • Filha de Diblaim

	• Esposa de Oseias • Mãe de Jezreel, Lo-Ruama e Lo-Ami
A história	• Prostituta escandalosa, possivelmente uma prostituta cultual • Abandonou o marido
O caráter	• Causou muita agonia à sua família • Sofreu com a sua escravização
A bênção	• Recebeu perdão e foi restaurada quando Oseias pagou as quinze peças de prata pela sua libertação

O foco do texto muda da experiência de Oseias para o resultado pretendido de remover dos **filhos de Israel** tudo em que haviam confiado no lugar do Senhor (Os 3.5). O povo, conforme o Senhor explicou a Oseias, teria uma mudança de coração, implicando que o mesmo seria verdade a respeito da esposa de Oseias.

As Mensagens de Oseias (4.1—6.3)

A Apostasia de Israel É Explicada (4.1-19)

4.1-6 Os capítulos 1—3 descrevem o povo de Deus como uma esposa adúltera a quem o Senhor ama incondicionalmente e a quem Ele, por fim, restaura a si mesmo com o seu próprio sacrifício. O capítulo 4 dá início a uma série de mensagens entregues a Israel por intermédio do profeta Oseias, cuja obediência inabalável é demonstrada quando se casa com uma mulher que partiria o seu coração e conceberia filhos na vergonha, atitude que serviu como testemunho vivo da fidelidade inabalável de Deus para com o seu povo. Deus, portanto, ordena-os a ouvir o que Ele tem a dizer e apresenta a sua **contenda** [heb. ***riv***, "contenda ou debate apresentado na corte"] **com os habitantes da terra**, o lugar que Deus prometera dar ao seu povo quando este entrasse em um relacionamento fundamentado na aliança com Ele (v. 1).

O restante do capítulo elabora sobre o resumo das violações da aliança por Israel. Na **terra** onde o povo que foi chamado para adorar o Senhor vivia e onde poderiam refletir o seu caráter (Sl 86.15; Pv 3.3), eles foram lembrados da sua culpa. Não havia:

- **verdade** (heb. ***'emet***, "consistência em guardar as promessas, a fidelidade e a integridade), uma vez que o povo esquecera e quebrara a sua aliança com Iavé;

- **benignidade** (heb. ***chesed***, "amor leal; benevolência", o principal termo para expressar o amor de Iavé fundamentado na aliança; veja o estudo da palavra, Rt 1.8)
- **conhecimento** (heb. ***da'at***, "compreensão, sabedoria", Os 4.1; v. 6; 6.6), que aludia ao relacionamento íntimo que Deus pretendia ter com o seu povo.

Sem isso, o pecado desenfreado ultrapassava **todos os limites** (NVI; heb. ***parats***, "irromper, jorrar, transbordar", 4.2), afetando todos, bem como a terra e toda vida animal. A adoração a Baal falhou em trazer fertilidade porque Iavé é o único Deus verdadeiro que controla a vida e a morte.

O Senhor interrompeu **o sacerdote** antes que pudesse proferir uma palavra que pudesse justificar a si mesmo (v. 4). O Senhor considerava os líderes religiosos responsáveis pela impiedade sem limites em Israel porque eles **rejeita[ram] o conhecimento** (heb. ***da'at***) e **esquece[ram-se] da lei** (v. 6). A conduta do povo demonstrava que os sacerdotes falharam em ensinar-lhes a verdade. Essa negligência levaria os líderes religiosos a **peca[r]** (heb. ***kashal***, "cair, vacilar"), e a consequente **falta** [NVI] de **conhecimento** (heb. ***da'at***; Pv 1.7) iria levá-los à destruição (Os 4.6). O Senhor anunciou que Ele **destruir[ia]** (heb. ***damah***, "assolar, exterminar") a **mãe** deles, isto é, a nação de Israel e os seus descendentes. O pesar diante dessa destruição da pecaminosa Israel seria avassalador exatamente como a sensação quase universal da perda devastadora de alguém cuja mãe tem morte violenta (v. 5).

O povo não tinha "conhecimento" porque os seus sacerdotes **rejeita[ram-no]**, considerando-o inútil. Os sacerdotes, ao invés de temerem o Senhor (Pv 1.7), resistiram a Ele; ao invés de deleitarem-se com a **lei** (heb. ***torah***; veja o estudo da palavra, Sl 1.2) e meditarem sobre ela, esqueceram-se dela (Os 4.6). Por conseguinte, Deus **rejeita[ria]** o culto que esperaria de Israel como o seu **sacerdote** e também se **esquecer[ia]** dos **filhos** deles.

4.7-14 Os filhos dos sacerdotes perpetuaram as suas práticas pecaminosas, então o crescimento no número de sacerdotes equivalia ao crescimento do pecado. O Senhor trocaria a **honra** de servi-lo pelo reconhecimento público da falta de integridade dos sacerdotes e do

desprezo por eles, algo especialmente evidente na forma como manejavam mal as suas obrigações (v. 7; Jr 2.11; Hc 2.16). *O exemplo observado no versículo 8 considera o fato de eles alimentarem-se do* ***PECADO*** *(heb.* ***chatta'at****) do povo de Deus. A palavra traduzida por "pecado" também denota a "oferta" pelo pecado (e.g., Lv 4.25), um dos sacrifícios do qual o sacerdote e os seus filhos recebiam uma porção para comer (Lv 7.28-37). A falha do sacerdote em ensinar a Lei e o conhecimento de Deus ao povo promovia a pecaminosidade deles, indicando a necessidade de mais "ofertas" pelo pecado, da qual os sacerdotes beneficiavam-se. Metaforicamente, os sacerdotes estavam favorecendo a "maldade" do povo e demonstravam "desejo ardente" por ela (Os 4.8).* O povo e os sacerdotes enfrentariam o julgamento (v. 9).

Em contraste com "os mansos comerão e se fartarão" (Sl 22.26), o povo e os sacerdotes que **deixaram de olhar para o Senhor** na sua busca orgulhosa dos prazeres sensuais encontrariam o que queriam, em vez do Senhor, e jamais saciariam os seus apetites. O versículo 11 afirma em uma forma de provérbio o que até mesmo a pesquisa científica moderna confirma de modo consistente: o consumo de álcool e a tentativa de satisfazer os desejos sexuais com qualquer pessoa que não o seu cônjuge são comportamentos viciantes. Eles **tiram a inteligência** (heb. ***lēv***, "coração", o centro não só do intelecto, mas também das emoções e da vontade, v. 11), e **o povo que não tem entendimento será transtornado** (heb. ***lavat***, "cair, perecer, ser jogado de ponta-cabeça", v. 14). A indulgência dos israelitas nas práticas pecaminosas não só serve como uma metáfora da adoração idólatra, como também salienta o perigo do envolvimento com as falsas religiões, como a adoração de Baal, incluindo a prostituição cultual e também outras práticas (vv. 12-14).

O texto refere-se repetidas vezes à apostasia religiosa em termos de **luxúria** (heb. ***zenunim***, v. 12; veja o estudo da palavra, 1.2) e **corrompe[r-se]** (heb. ***zanah***, vv. 12-14; veja o estudo da palavra, Is 1.21), convidando a audiência a associar a busca de Israel por idolatria com a ilustração viva do casamento de Oseias, conforme descrito nos capítulos 1—3. Na Lei, que os israelitas esqueceram (Os 2.6), o Senhor proibiu explicitamente homens e mulheres de **prostitu[írem-se]** (heb. ***qedēshot***, "homens ou mulheres consagrados a uma divindade", prostitutos e prostitutas cultuais provavelmente se engajando em rituais sexuais na esperança de invocar a bênção do deus da fertilidade, 4.14; Dt 23.17,18). Sem desculpar o pecado das mulheres que eram sexualmente ativas na prostituição cultual fora dos laços matrimoniais, o Senhor também

considerou os homens responsáveis por promover esse comportamento e engajar-se nele (Os 4.14).

4.15 O Reino do Sul de **Judá** é alertado contra seguir o caminho do Reino do Norte de **Israel** (v. 15). Os israelitas morando no Reino do Norte aparentemente consideravam **Gilgal** e **Bete-Áven** (heb. "casa da perversidade, da vaidade ou do vazio") como destino para a peregrinação (v. 15; 9.15; 1Sm 7.16; Am 4.4; 5.5). Gilgal era historicamente relevante porque foi o primeiro lugar onde os israelitas acamparam depois de atravessar o rio Jordão na Terra Prometida (Js 4.19,20; 5.9,10). Além disso, Saul tornou-se rei (1Sm 11.14-15) e, mais tarde, foi rejeitado como rei ali mesmo (1Sm 13.8-14; 15.1-34).

Bete-Áven refere-se a Betel (heb., "casa de Deus"), servindo como um jogo de palavra como referência a uma das duas cidades (Betel no Sul e Dã no Norte) onde Jeroboão I ergueu bezerros de ouro para guardar os habitantes do Reino do Norte de ir a Jerusalém para adorar (1Rs 12.28,29). O juramento comum — **Vive o SENHOR** —, embora invocado por muitos heróis da fé (Rt 3.13; 1Sm 20.3; 1Rs 2.24; 2Cr 18.13), foi profanado pela hipocrisia do povo.

4.16-19 Israel, como **uma vaca rebelde** (heb. ***sarar***, "resistir à autoridade, ser rebelde", v. 16; Pv 7.11), não seguia para onde o Senhor tentava levar essa nação. A pergunta retórica implica uma resposta negativa — de que Israel não pode ser cuidada como **um cordeiro**, conforme pretendido (Os 4.16).

Judá foi claramente alertada a não se associar com **Efraim**, o Reino do Norte de Israel, que estava de tal forma imerso na adoração pagã que era impossível para Judá trabalhar com Israel sem ser maculada (v. 17). A apostasia dos israelitas é caracterizada pela bebedeira, **prostituição** (NVI) e divertimento rebelde dessas buscas, mas isso duraria apenas tempo suficiente para lamentar o que fizeram (vv. 18,19; Sl 1.4).

Os Alertas e Julgamentos de Deus Concernentes a Israel (5.1-15)

Os alertas para Israel (5.1-7)

5.1-7 O Senhor exigiu de forma enfática e abrangente a atenção de Israel; a seguir, prosseguiu para elaborar sobre as razões por que eles poderiam

esperar o seu **juízo** cair sobre eles (v. 1). Os líderes de Israel, comparados a **um laço [...] e rede**, levaram enganosamente o povo a cair na armadilha da idolatria da qual não poderiam livrar-se (vv. 1,4; Js 23.13); e o Senhor começaria o seu julgamento com o rei e os sacerdotes, os principais responsáveis pela liderança que deveria guardar a aliança (Os 5.1). **Mispa** era provavelmente uma referência à cidade localizada no circuito regular de Samuel para julgar o povo (1Sm 7.5-11), e **Tabor** era uma montanha no norte da Palestina central, no sul da fronteira libanesa e próxima do mar da Galileia (provavelmente na tribo de Benjamim).

A **soberba** de Israel, resultante das tentativas de autoconfiança, é prova de um coração impenitente (Os 5.5). Todo Israel, incluindo Judá, escolhera tratar o Senhor apenas como outro Deus a quem poderiam oferecer sacrifícios. Os israelitas estavam sacrificando animais, mas faziam isso com soberba e intenções rasas; portanto, as tentativas deles para **buscarem o SENHOR** falharam. Eles **não o achar[am]** porque **ele se retirou deles** (v. 6).

As mulheres de Israel estavam gerando **filhos estranhos** (heb. ***zur***, "proibidos, estranhos, estrangeiros", v. 7). A apostasia israelita dera surgimento a uma geração identificada mais precisamente com os filhos de Baal. **A lua nova** é provavelmente uma referência aos festivais ou sacrifícios mensais que faziam parte da adoração cananeia. Claramente, o Senhor estava enfatizando um julgamento desastroso para a desobediente Israel.

O julgamento por vir por causa da apostasia de Israel (5.8-15)

5.8-15 A **buzina** e a **trombeta** servem aqui de sinais militares para alertar o povo a abrigar-se e a estar preparado para a batalha (v. 8). O ataque viria mais provavelmente do sul porque os três locais mencionados estavam localizados sucessivamente a norte de Jerusalém. A expressão **entre as tribos de Israel** indica que a vinda da devastação impactará os reinos do norte e do sul (v. 9). Mover **os limites** era uma forma dissimulada e secreta de ganhar terreno ilegalmente (v. 10), fazendo com que o perpetrador fique sob a maldição de Deus (Dt 27.17).

Efraim e **Judá** acreditavam que a cura para os seus problemas viria da Assíria (v. 13). O **grande rei** (NVI) pode ser uma referência a Tiglate-

Pileser III (Pul) da Assíria (v. 13; 10.6; também chamado **rei Jarebe**, um epíteto com o sentido de "competidor"). A imagem de destruição por um leão implica um fim violento e repentino para Israel e Judá (5.14). Não obstante, até mesmo depois da destruição deles, Deus oferecerá um caminho para os israelitas experimentarem a salvação. A justiça de Deus chamará Israel ao arrependimento (v. 15).

O Chamado de Deus ao Arrependimento (6.1-3)

6.1-3 Esse apelo apaixonado veio apropriadamente depois que o Senhor partiu para o seu lugar para esperar até que o seu povo se arrependesse e retornasse (5.15). O verdadeiro arrependimento exige o retorno ao Senhor, e esse retorno deve ser precedido pelo arrependimento. A frase **tornemos para o SENHOR** chama Israel para longe da sua peregrinação a fim de buscar ajuda da Assíria (6.1; 5.13). Embora Israel pareça aceitar o julgamento de Deus como justo (6.2,3), eles ainda não admitiram a culpa pessoal. **Dois dias** e **ao terceiro dia**, bem como os verbos **ressuscitará** e **viveremos** certamente enfatizam a garantia de restauração. Os cristãos também se lembram da ressurreição de Cristo "ao terceiro dia" (v. 2; 1Co 15.4), embora Paulo não cite essa passagem de Oseias.

A Condição de Israel durante o Ministério de Oseias (6.4—8.14)

Deus Considera a Condição de Israel (6.4-11a)

6.4-6 Os israelitas, enquanto continuassem a quebrar a sua aliança com Deus, continuariam a receber o seu julgamento, conforme observa esse lamento. Apesar de a vinda do Senhor ser tão certa "como a alva" (v. 3), a **beneficência** dos israelitas era **como o orvalho da madrugada, que cedo passa** (v. 4). Os israelitas continuavam a seguir os seus próprios rituais, em vez de obedecer a Deus com devoção sincera do coração. O desejo deles era para a manifestação externa de um compromisso interno do coração (Os 6.6; Mt 9.13; 12.7). O **sacrifício** em si era sem sentido, a menos que retratasse a devoção ou "lealdade" interna (Os 6.6). Deus queria a obediência de um coração com um desejo de agradá-lo, e não rituais

vazios que brotavam da sua própria mente e segundo a sua própria conveniência (v. 6).

6.7-9 Adão, nessa lista que cataloga pecados, refere-se à criação de Deus no jardim do Éden (v. 7). **Gileade** era um local onde a perversidade ocorria (v. 8; Gn 31.25,26; Jz 11.1-40). **Siquém** também era notória pela maldade que tinha (Os 6.9; veja Gn 34).

6.10-11a Oseias começou com a **cada de Israel**, referindo-se a toda a nação de Israel. Ele, a seguir, mencionou especificamente Efraim (v. 10) e Judá (v. 11) enquanto revisitava os pecados da nação da Israel adúltera. Os pecados reiterados incluíam o **mata[r]** (6.9) e a **falsidade** ou saque (7.1).

As Falhas de Israel como Nação (6.11b—7.16)

6.11b—7.2 A restauração de Israel envolve a exposição e cura dos seus pecados. Deus lembra-se de cada pecado como se todos tivessem sido praticados diante dEle.

7.3-7 O uso da terceira pessoa do plural é provavelmente uma referência ao sacerdócio, uma vez que Oseias continua a depositar a culpa derradeira pela queda de Israel aos pés dos sacerdotes corruptos (v. 3). Ao chamá-los de **adúlteros**, é preciso ter ciência de que esse adultério não se limitava ao sentido espiritual da infidelidade para com o Senhor por parte do povo, mas incluía também a quebra dos votos matrimoniais, especialmente por intermédio da prostituição cultual (v. 4). A metáfora ou imagem do **forno** e do **padeiro** é usada para retratar a liberação de toda restrição moral. Com o aquecimento do pão asmo, sem fermento, no forno do padeiro, tão quente que poderia ser abandonado por algum tempo, a massa ainda continuava a crescer para que a cozedura pudesse ser completada.

A metáfora da cozedura prossegue, explicando a progressão da trama para destronar o rei. Embora o padeiro tenha de cuidar apropriadamente do fogo para cozinhar o alimento, aqui o padeiro, o forno e o fogo simbolizam os traidores e o seu comportamento pecaminoso, resultando na trama para destronar o rei. O fogo sem o devido cuidado, no processo, começa a perder o controle (v. 4). O forno negligenciado resultou em um fogo incontrolável (v. 6). **Todos os seus reis caem; ninguém entre eles há que me invoque** é uma frase que expressa a queda do rei (v. 7). Os traidores mataram, ou pelo menos destronaram, o rei sem consultar a Deus.

7.8-10 O **bolo que não foi virado** refere-se a um pão achatado e redondo empurrado para o lado do forno, queimando de um lado e ficando cru do outro, tornando-se, portanto, inútil e não comestível (v. 8). Israel, por intermédio da sua desobediência, tornou-se inútil e desagradável ao Senhor. Os poderes em quem confiavam consumiu-os, e os israelitas nem mesmo perceberam que perderam o seu poder ou que as suas **cãs se espalharam sobre** eles. Mais uma vez, a falha de Israel em arrepender-se por causa da sua própria **soberba** resultaria no seu fim (v. 10).

7.11,12 Deus condenou as ações da liderança de Israel, comparando-as a uma **pomba enganada, sem entendimento** (v. 11). ***SEM ENTENDIMENTO*** *(heb.* ***patah****, "sendo simples, ingênuo, sem habilidade") refere-se a alguém que não tem coração nem discernimento para fazer as escolhas certas e que é facilmente influenciada pelo conselho insensato.* O povo buscou tolamente ajuda até mesmo dos seus inimigos, isto é, o **Egito** e a **Assíria**, porém ignoraram a verdadeira fonte de ajuda. Deus não permitiria que encontrassem ajuda nessas alianças com outras nações.

7.13-16 Os pecados de Israel contra Deus são resumidos como correndo de Deus, rebelando-se contra Ele e contando mentiras sobre Ele (v. 13). Os israelitas não **clamaram** a Deus, mas escolheram dar **uivos** a respeito dos seus desejos egoístas para ganho pessoal (v. 14). Tudo o que Deus fez para ajudar Israel foi usado pelos israelitas segundo os seus próprios caprichos sem levar o Senhor em consideração (v. 15). Esse comportamento já se tornara uma ofensa pessoal contra Deus.

A segurança deles na proteção humana era como ter fé em um **arco enganador** que não só poderia produzir os resultados esperados, mas também poderia levar a situações perigosas. **Caem à espada os seus príncipes** (v. 16). Rejeitar a Deus é receber o julgamento divino.

O Comportamento de Israel de Servir a si mesma Traz Destruição (8.1-14)

8.1-3 A **águia** (heb. ***nesher***, "abutre") personifica um inimigo que rapidamente cairia no julgamento (v. 1). Embora o inimigo não seja mencionado pelo nome, o pecado dos israelitas é específico: eles quebraram o **concerto** de Deus e rebelaram-se contra a sua **lei** (v. 1). O Senhor revogara a sua proteção, permitindo que inimigos atacassem o seu povo (v. 3).

8.4-6 Os israelitas não buscaram o conselho de Deus quando designaram os seus líderes, resultando em catástrofe, e construíram ídolos (v. 4; Jo 4.24). O **bezerro**, o ídolo em Samaria, abrigado em um santuário real em Betel, refere-se provavelmente ao bezerro de ouro erguido por Jeroboão I (Os 8.5; 1Rs 12.28,29). O povo, ao fazer esses ídolos para assumir o lugar de Iavé, acendeu a ira do Senhor. Deus recusou a adoração impostora deles.

8.7-10 Desonrar o Senhor trouxe consequências na agricultura e na nação (v. 8). Só Iavé conseguia tornar o povo único e poderoso entre as nações. Quando Israel desertou do Senhor, o seu povo tinha apenas o valor de **um pedaço de ferro velho** (VFL; v. 8). Um **jumento montês, por si só**, pode zurrar bem alto, tornando-se odioso. Israel escolheu andar só no seu caminho. O versículo 9 é compatível com o versículo 10. Efraim transformou-se numa criatura solitária deixada ali para prover para si mesma. Por fim, Israel é retratada como pagando as gratificações exigidas pelas prostitutas para conseguir os seus favores. No entanto, o dinheiro pago é um empreendimento infrutífero porque o destino de Efraim pertence ao Senhor. Ele permitiria que Israel ficasse sob o domínio de nações estrangeiras cuja proteção essa nação procurou comprar.

8.11-14 Os sacrifícios genuínos tinham a intenção de trazer o povo para mais perto de Deus; ainda assim, a participação dos israelitas nos sacrifícios pagãos resultava em um pecado ainda maior (v. 13). O Egito é um símbolo das nações pagãs, uma lembrança da escravidão de Israel no passado e um antegosto do cativeiro por vir (v. 13; cp. 9.3,6; 11.5). Além disso, os israelitas rejeitaram a **lei** de Deus (8.12). Talvez seja preciso lembrar como é fácil substituir uma cultura e opiniões prevalentes pela fé verdadeira. Até mesmo os **palácios** e as **cidades fortes** são contra a vontade de Deus porque não passam de esforços humanos para prover segurança, representando tentativas por Israel e Judá para salvar a si mesmas, em vez de clamar ao Senhor pedindo livramento. Deus destruiria as coisas que construíram para tomar o seu lugar (v. 14).

Profecias e Julgamentos (9.1—13.16)

Profecias sobre o Futuro de Israel (9.1-17)

O exílio de Israel (9.1-9)

9.1-5 Israel cometera adultério contra o Senhor ao celebrar o festival das colheitas, focando Baal para prover prosperidade e bênçãos para a nação (vv. 1,2). Eles achavam que esses rituais de adoração a Baal, provavelmente incluindo promiscuidade sexual com prostitutas do Templo na **eira**, garantiriam uma boa colheita. Um **lagar** foi esculpido em pedra para conter as uvas sobre as quais os segadores pisavam para produzir o suco da fruta. Esse tipo de recipiente também podia ser usado para o azeite (v. 2).

O **Egito** e a **Assíria** são referências ao exílio dos israelitas que se encontravam na Assíria onde se alimentariam com **comida imunda**, não preparadas de acordo com a lei deles (v. 3). As **ofertas** dos israelitas, se inaceitáveis na escolha ou se inexistentes, eram inadmissíveis para Deus porque estavam honrando um deus pagão (v. 4). O **pão de pranteadores** é uma referência àqueles enlutados que ficariam imundos por causa da sua associação com um corpo (v. 4) e, por conseguinte, contaminadores de todo alimento que tocassem, tornando-os impróprios como oferta a Deus (v. 4).

9.6-9 Mênfis, uma cidade localizada no norte do Egito, há muito tempo é associada com lugares de sepultamento, incluindo algumas pirâmides importantes ainda de pé (v. 6). Os ídolos e as posses deles eram abandonados e esquecidos ali, com **espinhos** (v. 6). A ridicularização dos profetas pelo seu comportamento, as crenças e a pregação eram comuns entre os israelitas. Oseias apenas voltou esses insultos sarcasticamente contra Israel (v. 7). Ele definiu o papel do seu profeta ao descrever a si mesmo como **vigia** de **Efraim** (v. 8). Ele compreendeu que havia **um inimigo na casa do seu Deus**, afirmando que Israel não o saudava e queria causar-lhe danos (v. 8). Oseias comparou Israel com **Gibeá**, associado com o estupro e assassinato horrendo da concubina levita pelos membros da tribo de Benjamim, trazendo resultados contínuos da destruição sobre essa tribo (Jz 19—21).

A perda da fertilidade de Israel (9.10-17)

9.10-14 Considerando-se que os seus filhos eram a **glória** de **Efraim**, o julgamento deles incluía uma infertilidade que os despojaria da sua "glória" (v. 11). Mesmo se os filhos fossem concebidos, morreriam (v. 12). Os filhos vivos eram considerados parte do julgamento de Deus naquele momento. Como era irônico que Israel estivera adorando Baal para alcançar a fertilidade na agricultura e produzir descendentes, mas o Senhor julgou-os

com perdas ainda maiores nessas áreas. As gerações futuras seriam cortadas da terra.

Efraim foi comparada a **Tiro**, uma cidade da Fenícia, definindo como a apostasia de Israel resultou na perda dos seus filhos (v. 13). A desobediência dos israelitas trouxe resultados mortais (v. 14). Oseias clamou ao Senhor para tirar de Israel o que eles pensavam equivocadamente que haviam recebido da sua adoração pagã ao deus da fertilidade.

9.15-17 Em Gilgal, porque ali os aborreci é uma afirmação reminiscente da história de como Gilgal estava no cerne de grande parte da desobediência de Israel (v. 15). ***ABORRECI*** *(heb.* ***sanē'****) nem sempre é compreendida como a aversão mais forte, isto é, como um sentimento emocional incitando um desejo de ferir sem razão. A palavra pode querer dizer um grau menor de amor ou até mesmo uma frieza e indiferença. Veja o comentário sobre Pv 30.23.* ***AMAREI*** *(heb.* ***'ahav****) sugere um comprometimento devotado e ardente que transmite profunda afeição e ternura. A palavra é usada para descrever uma devoção indescritível e misericórdias cuidadosas que Deus dedica ao seu povo. No entanto, essa palavra não tem implicações incondicionais e obrigatórias da "beneficência" (heb.* ***chesed****), uma referência ao amor fundamentado na aliança de Deus. O Senhor não retém o seu amor fundamentado na aliança de Israel, apesar da rejeição dessa nação.* No entanto, a sua justiça exige consequências pela desobediência. A rejeição ostensiva de Deus e a aceitação das religiões e política corruptas pelos líderes israelitas selou a condenação deles.

Quando a nação abraça a fornicação (como na prostituição cultual, tratada acima) e o aborto (como no sacrifício de crianças em altares pagãos), o seu povo perde o seu caminho como nação.

A esterilidade e a fome continuam como o julgamento de Deus (Os 9.16; 10.1; 14.8). A nação agonizante é comparada a uma planta que se **secou** (9.16). A geração de um filho é fútil sob tal julgamento. O verbo **matarei** (heb. ***mut***, "morrer") pode referir-se à morte violenta ou acidental. A morte, claro, é a consequência derradeira do pecado e a punição para ele. Apesar do aparente paradoxo, a pena capital exigida para o assassinato premeditado era um apoio muito forte para a vida. Tirar a vida pedia pela consequência mais séria, o que também explica o chamado de Deus para a

destruição do povo pagão cujas práticas detestáveis foram adotadas pelo seu povo.

Meu Deus expressa o relacionamento íntimo de Oseias com o Senhor Deus (v. 17). A devoção e a obediência resultam na sua concordância com Deus sobre a punição de Israel pelo Senhor.

Mais Acusações contra Israel (10.1-15)

10.1-15 A perda do **bezerro de Bete-Áven** era a evidência de que a falsa religião deles falhara (vv. 5,6). O ídolo foi concebido para ser **um presente ao rei Jarebe** (ou o grande rei; veja o comentário sobre 5.13). **Samaria** não encontrara segurança nas suas alianças com outras nações; eles semearam o seu próprio julgamento (10.4). Efraim e Israel sentir-se-iam envergonhadas por causa da sua adoração a Baal. Aquilo que adoravam e no que criam ser a fonte da sua boa fortuna tornara-se a posse do rei assírio (v. 6). A ineficácia de Baal foi desvelada para o povo.

O uso de **espuma sobre a face da água** (heb. ***qetseph***, "galho fino, lasca ou graveto") acentuou o fato de que, assim como o rei de Samaria aparecera, também desapareceria rapidamente ou seria varrido como um graveto ou a "espuma sobre a face da água" no oceano. O rei não tinha poder em si mesmo para impactar os eventos históricos. Os **altos de Áven** (heb. "perversidade"), uma referência a Betel, seriam destruídos (v. 8). Aqui os israelitas congregaram na sua apostasia que começou a perder a sua relevância quando **espinhos e cardos** cresceram **sobre os seus altares** (v. 8). A imagem dos **montes** e os **outeiros** caindo sobre eles é usada mais tarde por Jesus para descrever a reação dos judeus para a destruição romana (Lc 23.30). A vinda da Grande Tribulação no fim dos tempos também apresenta essa imagem (cp. Ap 6.16). Ninguém escapa do julgamento de Deus.

Os dias de Gibeá era um lembrete para o povo de Israel dos muitos anos de desobediência desde o incidente envolvendo a concubina e a guerra civil (Os 10.9; Jz 19—21). Israel continuara na sua desobediência. A cidade representava a decadência de Israel e a sua dependência da força violenta. Deus, embora tenha antes protegido o seu povo dos ataques de outras nações, estava agora permitindo que outras nações punissem Israel pelas suas **transgressões**, ou duplo pecado (Os 10.10), não mencionadas. Não

obstante, Israel foi desobediente, e Deus removeu a sua proteção e permitiu o ataque de outras nações.

Efraim fora "uma vaca rebelde" (4.16) e agora é **uma bezerra domada, que gosta de trilhar** (10.11). Israel poderia ser obediente, e o seu papel como o povo escolhido de Deus era um chamado ao serviço. O profeta chamou o povo a **buscar o SENHOR**, atitude que seria recompensada com a sua justiça e amor fiel (v. 12).

A confiança de Israel na força militar e poder estava mal colocada (vv. 13,14). A destruição resultante dessa batalha é comparada com a forma como **Salmã destruiu a Bete-Arbel** (v. 14). Salmã é, provavelmente, Salmaneser V da Assíria, aquele que sucedeu Tiglate-Pileser III (2Rs 17.3-5). A destruição seria tão horrenda que até mesmo as mães e os seus filhos seriam brutalmente mortos (Os 10.14).

O Amor de Deus por Israel (11.1-11)

11.1-4 Deus revelou o relacionamento que desejava ter com Israel, o de pai e filho (v. 1), em contraste com a sua metáfora anterior que assemelhava o seu relacionamento com o seu povo ao de marido e esposa (cap. 3). O comportamento da geração de Oseias era consistente com o comportamento de Israel no deserto após o êxodo do Egito (v. 20). O Senhor cuidou de todas as necessidades do seu povo (v. 14).

11.5-11 A **espada** representa o que a **Assíria** faria a Israel, a quem, apesar da sua infidelidade e erros, Deus identificou como **meu povo** (v. 7). Pois o Senhor **deixa[r] [...] Efraim** ou **entrega[r] [...] Israel** significa que Ele permitiu que experimentassem as consequências da sua infidelidade, as quais incluiriam a morte, a escravidão e a tortura (vv. 8-9). **Admá** e **Zeboim**, junto com Sodoma e Gomorra, estão entre as cidades da planície que foram destruídas (v. 8; Gn 10.19; 19.24,25). Deus não queria ver essa destruição cair sobre o seu povo e afirmou que não soltaria a sua ira na mesma medida que fez com essas cidades perversas (Os 11.8). O Senhor, por ser justo, guarda a sua aliança e é fiel às suas promessas. Ele pouparia Israel do total aniquilamento. Aqui a santidade de Deus é associada com a misericórdia, e não com o julgamento (v. 8). A sua fidelidade não é o que é merecido, mas continua de modo imperturbável da sua própria santidade.

A Apostasia de Israel Comparada com a Vida de Jacó (11.12—12.14)

11.12—12.8 Judá também estava demonstrando apostasia. Os habitantes do Reino do Sul aparentavam ser devotados a Deus, mas foram influenciados pelos cultos cananeus. Deus viu que **Efraim** buscava objetivos injustos (12.1). A adoração a Baal e a expectativa de auxílio militar de outras nações não passavam de esforços vãos.

Deus dirigiu-se a Judá e menciona o ancestral deste, a saber, **Jacó** (v. 2). O profeta reviu a vida de Jacó, isto é, o fato de ter agarrado o calcanhar do seu irmão, representando uma dentre as muitas maneiras que Jacó tentou manipular a fim de tirar vantagem das situações; a sua luta com o **anjo**, na qual a sua coxa foi deslocada, forçou-o a enfrentar o seu irmão manquejando e acrescentando vergonha à sua punição (v. 3). Jacó, apesar de ser quem era, recebeu a graça de Deus e também um novo nome, Israel. No entanto, nem mesmo receber as bênçãos de Deus manteve-o fiel à sua promessa feita em Betel (Gn 28.16-21). Israel, como Jacó, falhou em guardar muitas das promessas feitas a Deus.

O povo de Efraim parecia considerar a si mesmos acima da Lei. Vangloriavam-se como um mercador rico, porém corrupto, sobre os seus ganhos inescrupulosos, como se eles não tivessem causado danos nem cometido crimes nas suas práticas comerciais (vv. 7,8).

12.9-11 Os **dias da reunião solene** refere-se à Festa dos Tabernáculos ou Cabanas, durante a qual os israelitas habitavam em tendas para celebrar o tempo em que o Senhor cuidou deles no deserto (v. 9). O desconforto que experimentaram na vida em tendas retornaria como julgamento pela sua apostasia.

Os profetas funcionavam como porta-vozes de Deus, apresentando os alertas e julgamentos de Deus e anunciando as diretrizes divinas para a liderança (v. 10). Apesar da presença dos homens de Deus em meio a eles ao longo da história, o povo reiteradamente se desviou.

12.12-14 Jacó fugiu para o campo da Síria quando o seu irmão Esaú estava tentando matá-lo (v. 12; Gn 28.5). Na Síria, ele trabalhou para Labão para **obter** (NVI) Raquel como a sua **mulher** (Os 12.12; Gn 29.15-30). Jacó usou os seus próprios esquemas e métodos para o ganho pessoal enquanto cuidava do rebanho do seu sogro, Labão.

Efraim traiu continuamente Deus com a adoração de outros deuses, resultando derradeiramente no experimentar **mui amargosamente** a ira de Deus (v. 14). *O termo* ***CULPA DO SANGUE*** *(NVI; heb.* ***dam****, "a culpa de assassinato, um crime atroz") implica um crime bastante ofensivo a ponto de merecer a morte. Os israelitas experimentariam a ira de Deus pelo seu contínuo desrespeito e falta de lealdade a Iavé.*

Outro Julgamento sobre Israel (13.1-16)

13.1-14 O foco não é **Efraim**. Josué (Js 24.30) e Jeroboão (1Rs 11.26) eram líderes poderosos de Efraim. A escolha de Efraim de adorar **Baal** resultou em morte (Os 13.1). **Beija[r] os bezerros** fazia parte do ritual pagão (v. 2; 1Rs 19.18).

Escolher adorar Baal tinha consequências. O **folhelho**, a parte externa ou casca removida do grão durante a debulha do grão, é leve e facilmente levado pelo vento (v. 3). O único verdadeiro Deus é Iavé que estivera com eles desde o êxodo. *A palavra* ***RECONHECE[R]*** *(heb.* ***yada'****, "vir a conhecer por meio da visão, audição e experiência"; veja o estudo da palavra, Êx 2.25) refere-se a um relacionamento íntimo. Oseias usa a palavra para voltar ao entendimento da intimidade entre marido e esposa e compara esse conhecimento ao relacionamento de Deus com Israel. Não é possível* reconhecer *o que é inexistente; portanto, Iavé é o único Deus que Israel chegou a* reconhecer *(Os 13.4).*

O fato de que os israelitas receberam a provisão de Deus **em terra muito seca** enfatiza a abundância do cuidado provido por Deus (v. 5). A palavra **fartos** transmite o sentido de complacência (v. 6), levando a um falso senso de autoconfiança de modo que se **ensoberbeceu [...] o seu coração** (v. 6). O povo, apesar da provisão de Deus, esqueceu-se dEle e falhou em expressar gratidão pelo seu cuidado providencial. Os animais selvagens mencionados são os mesmos na profecia de Daniel (vv. 7,8; Dn 7.1-8), embora sejam apresentados em uma ordem diferente.

Israel está só sem força militar (Os 8.14; 10.13), alianças governamentais (5.13; 7.11; 8.9,10; 14.3) e a pseudoproteção do culto cananeu (4.8), do qual dependeram. Eram impotentes contra o Senhor Deus (13.9). Israel, por não se voltar a Deus para ser o seu líder, não seria de ajuda para o povo quando Deus passasse o julgamento (v. 10).

A metáfora de uma mulher dando à luz é uma imagem clara de uma criança que se recusa a agir conforme as **dores [...] de parto** do

nascimento que se aproximam e acaba em uma sepultura no ventre (v. 13). Os julgamentos que vieram sobre Israel para refinar e corrigir poderiam ser o caminho para o novo nascimento e restauração. O apóstolo Paulo referiu-se a essa expressão por **morte** no seu escrito sobre a ressurreição (v. 14; 1Co 15.55,56).

13.15-16 O **vento leste** que vinha para secar e murchar a generosidade de Efraim representa o poder da justiça de Deus (v. 15). Embora não seja possível capturar o vento, podemos sentir os seus efeitos trazendo conforto ou caos. Só Deus, contudo, tem poder para controlar o vento.

A punição de Samaria é descrita de tal forma que não haveria nenhuma esperança de reconstrução. **Seus filhos serão despedaçados, e as suas mulheres grávidas serão abertas pelo meio** é uma imagem vívida que se estende até às gerações por vir (v. 16).

O Apelo Final pelo Arrependimento de Israel (14.1–9)

14.1-8 Oseias proferiu um chamado final para o arrependimento de Israel (vv. 1-3). A ofensa deles estava quebrando a aliança deles mesmos com Deus. O Senhor explicou os passos necessários para a restauração de modo claro e conciso: arrependam-se dos seus pecados específicos (v. 2); aceitem a bondade de Deus (vv. 4-7); e rejeitem a ajuda de qualquer outra fonte que não aquela provida pelo Senhor (v. 3).

Deus descreveu as suas misericórdias e provisão graciosa para o seu povo com metáforas relacionadas à agricultura. **Floresce[r] como o lírio** (v. 5), uma flor de fragrância e beleza extravagantes, era uma bela imagem da restauração derradeira. A **oliveira**, provendo alimento, remédio e até mesmo produtos para o cabelo, representava a vida abundante e enfatizava a qualidade mais do que a quantidade (v. 6).

O profeta usou a florada da **faia verde** como uma comparação para mostrar a futilidade da fertilidade de Baal. A adoração desse ídolo era associada com uma imagem de madeira ou poste, e agora ficara claro que a sua eficácia era nula e vazia (v. 8; 4.12,13). Só Deus é a fonte da fertilidade em todas as áreas da vida.

14.9 Oseias terminou o seu livro com uma palavra para os leitores sobre o que ele escrevera. Aqueles que dependem do Senhor para a sabedoria e discernimento serão capazes de compreender o livro de Oseias. Assim como Oseias, um profeta obediente, tomou "uma mulher de prostituições" (1.2) e,

apesar das ações de Gomer quebrando os laços de casamento, restaurou-a a si mesmo. Mesmo assim, o Senhor Deus continuará a amar o seu povo Israel com amor eterno e irá restaurá-lo a si por causa do seu compromisso com a sua aliança, e não por qualquer mérito deles. Embora a mente humana jamais possa compreender plenamente as ações do Senhor Deus justo e santo, podemos confiar nas suas promessas (v. 9).

BIBLIOGRAFIA

* Garrett, Duane A. *Hosea, Joel*. The New American Commentary, vol. 19A. Nashville: B&H Publishing Group, 1997.
* Hubbard, David Allan. *Hosea*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1989.

* Para estudos avançados.

JOEL

INTRODUÇÃO

A primeira porção do livro de Joel, com o uso de uma linguagem vívida, descreve o que parece ser tenebroso e sem esperança na história de Judá. Contudo, a segunda metade de Joel, com igual eloquência, revela um tempo futuro de redenção e bênção de Deus. A ligação crucial entre esses dois períodos na história é o arrependimento do povo da aliança de Deus.

Joel, assim como outros profetas do Antigo Testamento, apresenta temas duais na redenção — julgamento purificador, representando a justiça de Deus, e a subsequente restauração, um testemunho da sua fidelidade. Joel alertou o povo de que a locusta — ou seja, gafanhoto — deveria ser vista como um indício do Dia do SENHOR, ainda por vir, quando todas as nações seriam julgadas, incluindo Judá, a menos que se arrependessem.

TÍTULO

O livro de Joel recebe o nome do seu autor, o profeta "Joel, filho de Petuel" (1.1).

CENÁRIO

A praga desastrosa de gafanhotos causou devastação em Judá. A sua destruição afetou a economia e todos os aspectos da vida em sociedade. Joel considerou essa ocasião como um julgamento de Deus. Judá descambara para a decadência moral e espiritual. As práticas religiosas deles não passavam de rituais vazios. Joel, nesse contexto, alertou o povo de que a praga dos gafanhotos era apenas o início de um julgamento futuro caso o

povo não se arrependesse. O chamado ao arrependimento exigia um retorno completo ao Senhor.

GÊNERO

O livro de Joel é profecia em poesia hebraica, literatura altamente requintada com um propósito muito específico: confrontar o povo com uma mensagem do Senhor Deus. Os gafanhotos tornaram-se uma imagem permanente de julgamento (1.4). A promessa de Deus de restauração também é dada em termos de restituição pelos "anos que foram consumidos pelo gafanhoto" (2.25).

AUTOR

Pouco se sabe sobre Joel (heb., "O Senhor é Deus"; a primeira sílaba "Jo", uma abreviação do nome ***Yahweh***, e "el", a abreviação para ***'Elohim***, a palavra usada geralmente para Deus em hebraico), além do que está registrado no livro de Joel. Embora o nome seja encontrado em outras passagens do Antigo Testamento (1Sm 8.2; 1Cr 4.35; 6.33; 11.38; 15.7,11,17; Ed 10.43; Ne 11.9), nenhuma das ocorrências refere-se a esse profeta. Ele tinha uma clara compreensão sobre o Templo e o ministério da Casa de Deus e estava preocupado com o jejum e a oração. Ele, embora não fosse identificado como sacerdote, considerava os sacerdotes como líderes importantes. Ele provavelmente viveu e profetizou em Judá, conforme evidenciado pelas suas muitas referências a Jerusalém e Judá, aos seus cidadãos e a Sião e aos seus filhos.

DATA

Joel é considerado por alguns como um dos livros mais difíceis de ser datado. Até mesmo pequenas evidências concretas no texto não indicam conclusivamente se o livro foi escrito antes ou depois do exílio. As datas sugeridas variam de 800 a.C. (pré-exílio) a 400 a.C. (pós-exílio). Por exemplo, os anciãos e sacerdotes (mas sem menção a reis) são mencionados no livro, sugerindo uma data pós-exílio quando "todos os moradores da terra" (1.2) não tinham monarca, mas confiavam nos líderes da família e nos religiosos de ofício (Ed 8.1; 10.14; Ne 7.1,4,5,70-73; 8.13). No entanto, essa conclusão tem de ser argumentada pelo silêncio. A ausência de

referência a um rei não necessariamente significa que não havia nenhum rei reinando na sua época. Na verdade, muitos datam o livro na época do rei Joás, de Judá (835-789 a.C.), durante o reinado do sumo sacerdote Joiada (2Rs 11; 12).

Outros consideram os eventos de Joel mais consistentes com o período pós-exílio depois da reconstrução do Templo (depois de 515 a.C.).[1] A menção às outras nações (cp. 3.6) e o fato de que Joel e Amós têm material similar (Jl 2.2; Am 3.16; 5.18; também Am 2.2; Jl 3.18) favorecem também a data do início do século IX. Alguns acreditam que Amós, sob inspiração divina, profetizou a mesma mensagem ou pregou a partir das profecias de Joel. Não obstante, a mensagem geral do livro de Joel não depende de uma data precisa.

DESTINATÁRIOS

O contexto imediato de Joel sugere que os destinatários eram aqueles que viviam em Jerusalém e Judá e nos seus arredores. Contudo, a mensagem escatológica geral de Joel é direcionada a todas as gerações de tementes a Deus, e muitos argumentam que a mensagem estende-se além das profecias. A primeira metade do livro revela que Deus é ativo em toda a vida, até mesmo nos desastres naturais. Joel não tentou explicar esses fenômenos, mas acreditava que o Senhor controla tudo. Joel também enfatizou a necessidade constante de arrependimento em meio ao povo de Deus. A comunicação com Deus tem de ser consistente. A maior tragédia das pragas de gafanhotos não era a destruição do produto da terra, mas, sim, a perda de comunicação do povo com Deus.

PRINCIPAIS TEMAS

O julgamento, o arrependimento e o Dia do SENHOR por vir são três temas proeminentes que permeiam o livro de Joel. Os primeiros dois capítulos de Joel lidam com a praga devastadora dos gafanhotos e a necessidade de o povo arrepender-se sem o que não haveria esperança de restauração. Além disso, deve-se observar as características da aliança do Senhor — Ele é "tardio em irar-se, e grande em beneficência" (2.13). O capítulo 3 revela alguns detalhes sobre o julgamento de Deus nos últimos dias e descreve a restauração final de Judá e Jerusalém.

ESBOÇO

I. AS LOCUSTAS NA TERRA (1.1-14)
A. O Chamado à Atenção (1.1-4)
B. O Chamado ao Luto (1.5-14)

II. O JULGAMENTO DE DEUS SOBRE A TERRA (1.15—2.11)
A. A Devastação Causada pela Invasão das Locustas (1.15-20)
B. A Invasão do Exército do Senhor (2.1-11)

III. A MISERICÓRDIA DE DEUS SOBRE A TERRA (2.12-27)
A. O Chamado ao Arrependimento (2.12-17)
B. A Resposta do Senhor (2.18-27)

IV. AS MARAVILHAS DE DEUS NA TERRA (2.28-32)

V. O JULGAMENTO DE DEUS SOBRE A TERRA (3.1-21)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

AS LOCUSTAS NA TERRA (1.1–14)

O Chamado à Atenção (1.1-4)

1.1-4 O livro de Joel, assim como outros livros proféticos do Antigo Testamento, identifica o profeta e observa a fonte divina da sua mensagem. A **palavra do SENHOR** chamou o povo para prestar atenção à sua explicação dos eventos sem precedentes que experimentaram e a passar essa compreensão para os seus filhos com testemunho vital para as gerações subsequentes (v. 1). *O termo* ***ANCIÃOS*** *(heb.* ***zaqēn****, "homem idoso", v. 2; 1.4) pode referir-se aos líderes da família ou da tribo que governam o remanescente judeu em Israel após o exílio. Se esse for o caso, a audiência incluía os líderes e todas as pessoas que*

viviam na terra (Is 3.14; Lm 2.10). O termo pode referir-se, no entanto, aos cidadãos sêniores da comunidade, uma vez que a mensagem começa com uma pergunta retórica apelando à memória da audiência ("velhos", Jl 2.16, TB; "velhos", 2.28). A resposta implícita é que nada como isso jamais "acontece[ra]".

Deus ordenou essa audiência a ter certeza de que esses eventos notáveis tornassem-se parte da sua família e história nacional que não seria esquecida (1.3). O versículo 4 parece resumir esses eventos. A interpretação desse versículo afeta nossa compreensão do restante do livro e como as suas partes são ajustadas. A maioria dos estudiosos conclui que Joel 1.4-11 descreve o resultado de uma praga de gafanhotos que causou destruição sem precedentes (Am 4.9). Há nove palavras distintas em hebraico para **locusta**. Tentativas de identificar a espécie científica às quais possam referir-se às quatro palavras hebraicas distintas usadas no texto e em 2.28 não são úteis na interpretação do versículo, porém são descritivas das características comuns da "locusta". Provavelmente, o uso de repetições com alguma variedade estrutura o efeito retórico de enfatizar a extensão da destruição de toda a vegetação por essas criaturas.

Quer seja uma referência a espécies distintas de locustas, quer seja apenas sinônimos descritivos para a atividade das locustas, o propósito, sem dúvida, é ilustrar a destruição e devastação resultantes. Essa imagem de um enxame literal de locustas prepararia os ouvintes de Joel para o capítulo 2 e os exércitos invasores descritos. Tal uso metafórico é eficaz, por exemplo, na descrição da destruição do Reino do Norte de Israel pela Assíria após repetidas invasões estrangeiras:

- a dominação egípcia (2Rs 23.29,33-35);
- "as tropas dos caldeus, e as tropas dos siros, e as tropas dos moabitas, e as tropas dos filhos de Amom", invasoras, bem como a tomada do controle pela Babilônia a partir do Egito (2Rs 24.1-7);
- o cerco de Jerusalém pela Babilônia e a deportação dos residentes da cidade;
- a destruição de Jerusalém e do Templo pela Babilônia, deixando apenas os "mais pobres da terra [...] para vinheiros e para lavradores" (2Rs 24.20—25.26; 2Cr 36.17-20). Essa interpretação exigiria uma data pós-exílica para a composição do livro.

O Chamado ao Luto (1.5-14)

1.5-14 O Senhor proferiu ordens para três grupos representativos. Os **ébrios**, que, ao que parece, dormiram durante a invasão, receberam a ordem para **desperta[r]** e **chora[r]** (v. 5), **geme[r]** (v. 5) e **lamenta[r]** porque o seu doce **vinho** (v. 5) fora eliminado — ele **se secou** (v. 10). De modo similar, na descrição em Isaías do julgamento da "terra" — a sua desolação e o fato de ter sido "saqueada" —, o "clamor nas ruas por causa do vinho" ilustra a perda da alegria quando o Senhor pune a "transgressão" da terra (Is 24.1-20; Jl 10.12).

Joel 1.6-7 explica o que aconteceu. **Uma nação** (heb. ***goy***, "um povo", em geral em referência aos gentios; cp. 3.8, também singular; "nações", plural, 2.17,19; 3.2,9,11,12), referindo-se literalmente a uma nação conquistadora ou metaforicamente às locustas de 1.4, tinha:

- **invadi[do] a [...] terra** (NVI) do Senhor (v. 6; Lv 25.23);
- **arras[ado] as [...] videiras** (NVI) do Senhor (Jl 1.7,12; 2.22; Sl 80.8-16; Jr 2.21; Os 10.1);
- **arruin[ado] as [...] figueiras** do Senhor [...] e **arranc[ado] [...] e derrub[ado]-as** (NVI).

Viver sob as videiras e figueiras era uma expressão idiomática para viver em segurança (1Rs 4.25; 2Rs 18.31; Mq 4.4). Aqui, no entanto, o Senhor afirmou que tudo o que fora destruído pertencia a Ele. Quaisquer que fossem as bênçãos que o povo desfrutara por viver na terra sempre foram providas pelo Senhor, com direito exclusivo de dar e tirar (Jl 1.13; Is 45.7; Jr 8.13; 18.1-6). A calamidade que trouxe sobre o seu povo envolvia a devastação do que pertencia a Ele, e não meramente uma administração impessoal da punição.

O termo ***PODEROSA*** *(heb.* ***'atsum****, "forte, poderoso, numeroso", Jl 1.6), especialmente quando associado com a expressão "sem número", indica a força numérica avassaladora dessa força opositora e violenta, quer pessoas, quer insetos. Em outros trechos, a palavra descreve um "povo grande e poderoso" (2.2), um "povo poderoso, ordenado para o combate" (2.5) e "poderosos os que obedecem à sua ordem" (2.11, NVI).* A imagem dos **dentes** e **queixada** do leão retratam ou a ferocidade com a qual a nação invasora subjugou Israel ou as mordidas das locustas devorando implacavelmente todas as plantas à vista.

O Senhor, ao ordenar aos "ébrios" que "lament[em]" a perda das vinhas que produziriam vinho para consumo futuro, usa uma imagem particularmente pungente de uma mulher desconsolada. A **virgem** (heb. ***betulah***, 1.8; veja o estudo da palavra, Is 7.14) está em conformidade com o hebraico que fala de uma "virgem". O **marido da sua mocidade** é o homem para quem o preço da noiva fora pago e com quem ela, portanto, tinha um contrato de casamento. No entanto, a mulher lamentando publicamente a sua perda não é uma viúva *per se*, mas uma noiva privada do seu noivo antes da consumação do seu casamento e, portanto, com pouca esperança de desfrutar das alegrias da bem-aventurança matrimonial. Os "ébrio[s]" deveriam "lamenta[r]" porque a vinha foi "tirad[a]" (heb. ***karat***, literalmente "cortada") da boca deles (Jl 1.5).

Além disso, **os sacerdotes [...] entristecidos** (heb. ***'aval***, "andar com a cabeça baixa por causa da tristeza, lamento", v. 9) porque o conteúdo físico dos sacrifícios que ofereciam foi **cortad[o]** [heb. ***karat***] **[...] da Casa do SENHOR**, isto é, o Templo (v. 9; v. 16). O uso da palavra **cortadas** (heb. ***mana'***, "estar escondido ou ser tirado, silenciar", v. 13; Am 4.8) fortalece a ênfase na identidade daquele que deliberadamente "cort[ou]" a **oferta de manjares e a libação** (Jl 1.9,13) — Deus mesmo tornara esses atos de adoração impossíveis (veja Is 1.13; Jr 14.12; Am 5.22; Ml 1.10,13).

A **terra** está **triste** (heb. ***'aval***) por causa da sua perda do produto (Jl 1.10; 2.21). Aqueles que conheciam as promessas da aliança do livro de Deuteronômio teriam reconhecido que essa perda devia-se à desobediência do povo.

O Senhor também ordenou que aqueles que cultivavam essas plantações fossem ***ENVERGONHA[DOS]*** *((heb.* ***yavēsh****, literalmente "ser secado") por causa das vultuosas perdas agrícolas (1.11,12). Aqui, a palavra significa "murchar" a esperança e a confiança como acontece na frase "a alegria se secou" (v. 12). O termo hebraico* ***yavēsh*** *também é usado várias vezes com o seu sentido literal — o vinho novo sendo "seca[do]" (v. 10), e a vide "se secou" e todas as árvores do campo "se secaram" (v. 12); cp. "a semente apodreceu" (v. 12; "a semente apodreceu", v. 17) — indicando um jogo de palavras. Os "lavradores" (heb.* ***'ikkar****, "agricultor, lavrador", v. 11) deveriam "se envergonha[r]" não porque os seus esforços falharam, mas porque as circunstâncias catastróficas demonstravam o julgamento de Deus contra a nação e, portanto, expuseram a falha moral e a infidelidade da sua aliança.*

Implora-se aos "sacerdotes" que liderem um período deliberado de luto (v. 13). A menção à **Casa de [...] Deus** e a "Casa do SENHOR" como lugares aos quais as pessoas são chamadas a reunir-se pelo jejum e oração coletivos (vv. 13,14,16) sugere que Joel profetizou ou antes da destruição do primeiro Templo (i.e., pré-exílio) ou depois que o segundo Templo foi construído (i.e., pós-exílio). Deus prescreveu como o povo, sob a direção dos seus líderes religiosos, deveriam responder à experiência desastrosa do julgamento — deveriam **clama[r] ao SENHOR** (v. 14).

Joel acreditava que a primeira responsabilidade para chamar ao arrependimento era dos líderes espirituais a quem Deus designara para o seu povo. Essa resposta exige submissão à compreensão correta da posição do indivíduo de total dependência de Deus, com a admissão individual ou grupal da culpa e a necessidade de perdão e resgate. A devastação descrita no capítulo 1 era tão completa que a vida das pessoas estava ameaçada. O desejo deles de misericórdia e de uma reconciliação com o Senhor, sem os meios para oferecer sacrifícios, dependiam totalmente da sinceridade do clamor deles e da graça divina (2.13,17-19).

O Julgamento de Deus sobre a Terra (1.15—2.11)

A Devastação Causada pela Invasão das Locustas (1.15-20)

1.15-20 Entre as duas admoestações para o povo arrepender-se (1.13,14; 2.12-17), estão os avisos sobre a proximidade do **dia do SENHOR** (1.15; 2.1). As referências históricas ao "dia do SENHOR" servem como um aviso sobre o "dia do SENHOR" no fim dos tempos. Essa referência é primeiro um alerta de julgamento, mas, secundariamente, é uma mensagem de restauração. A **assolação** (heb. ***shod***, "desolação, destruição", 1.15, o único uso da palavra no livro de Joel; cp. Is 13.6; Os 7.13) após a praga das locustas (ou repetidas invasões inimigas) demonstram o tipo de circunstâncias desesperadas que Deus permitiria para conseguir a atenção do seu povo.

O julgamento de Deus também trouxe sofrimento para os animais domésticos e selvagens, animais estes que dependem das provisões da terra e do cultivo do homem

(vv. 16-18). Essa ilustração salienta que as consequências do pecado estendem-se além da experiência imediata do indivíduo ou grupo pecaminoso.

O uso da primeira pessoa do singular no versículo 19 refere-se presumivelmente ao profeta Joel, que clamou ao Senhor ao ver o que o **fogo** e a **chama** destruíram. A mensagem de Joel foi inicialmente entregue aos seus pares, quando ele, com ousadia, identificou o pecado deles e chamou-os ao arrependimento. Contudo, ele não para por aí e aponta para a vinda futura do Espírito Santo (2.28-32). *Joel lamenta duas vezes a perda dos* ***PASTOS DO DESERTO*** *(heb.* ***na'ah****, "onde se deitam os rebanhos, isto é, um lugar seguro", com* ***midbar****, "planície inabitada"), uma expressão que aparece apenas seis vezes no Antigo Testamento, incluindo Joel 1.19,20; 2.22. O fato de que o dom da abundância de Deus foi visto como "fartura [que] vert[e] as pastagens do deserto" (Sl 65.12; NVI) torna compreensível o chamado do Senhor para um canto fúnebre (Jr 9.10) que poderia ser tocado e/ou cantado sobre a terra seca que agora cobre aquela que fora os "pastos do deserto". A perda é um resultado do julgamento de Iavé sobre as cidades de Judá por abandonarem a Lei do Senhor e passar a seguir ídolos (Dt 32.32). De modo similar, "os pastos do deserto se secam" e a "terra chora" por estar "cheia de adúlteros" (Jr 23.10).*

O Senhor pretende que a visão do **campo** queimado, onde antes havia pastos verdejantes e árvores que enfeitavam o horizonte, fosse de cortar o coração — o resultado da ira de Deus. Os pecados do seu povo tornaram-se tão graves, e o coração deles tornaram-se tão rebeldes que a punição, e não a misericórdia, passou a ser a expressão necessária do amor divino (13.9-13).

"O dia do SENHOR" tem dois aspectos essenciais: está **perto** (Jl 1.15; 2.1; 3.14; Ob 15; Sf 1.7,14) e traz destruição inimaginável (Jl 2.11; Am 5.18-20). O "dia do SENHOR", para audiência imediata de Joel, viera na forma da praga de locusta ou invasões inimigas, conforme profetizadas por Jeremias e outros. A experiência mais recente do julgamento de Deus proveu um antegozo de outro "dia do SENHOR" no futuro — isto é, eles estavam em estado de ruína; então, o que aconteceria a eles quando o derradeiro "dia do SENHOR" fosse revelado?

A Invasão do Exército do Senhor (2.1-11)

2.1-11 O pedido para **toca[r] a buzina em Sião e clama[r] em alta voz no monte**, um alerta para o povo, significava que o perigo era iminente e que uma ação teria de ser tomada de imediato para proteger a cidade e os seus habitantes (v. 1; Sf 1.16). Se os inimigos que se aproximavam eram fantásticos, o medo poderia facilmente tomar conta do coração do povo. A ordem do Senhor chamando o povo de Jerusalém (**Sião**, a reconhecer o **monte da [...] santidade** de Deus) para reconhecer que Ele estava orquestrando eventos para cumprir os julgamentos prometidos contra o seu povo (Jl 2.1; Dt 18.15,25,38-42,49-51; 29.24-27). Uma resposta apropriada ao anúncio do "dia do SENHOR" por vir era **pertub[ar-se]** ou tremer (Jl 2.1).

Os pronomes na terceira pessoa do plural **deles** (vv. 3,6,10; NVI), **eles** (NVI; v. 4,7, e o uso da terceira pessoa do plural nos vv. 5, 8,9) e **seu** (v. 4) parecem referir-se coletivamente aos membros das força(s) militar(es), porém com uma importante exceção. O versículo 3 pode ser lido mais literalmente como: "Diante dele um fogo consome; e atrás dele ", possivelmente se referindo ao Senhor (Sl 97.3). Como "eles" (NVI) são comparados a vários constituintes militares — por exemplo, **cavalos** (Jl 2.4), **carros** (v. 5) e **valentes** (v. 7) — com a palavra **como**. *O termo* ***COMO*** *traduz a palavra hebraica* ***ki****, não restrita a ser um termo de comparação. Por exemplo, em Joel 1.15, não é indicado* como *será o "dia do SENHOR", porém especifica o que ele será. Em 2.7, em vez de comparar homens com soldados, descreve o modo como esses soldados atacarão ("correrão [...] subirão), epitomando o que os "valentes", ou guerreiros, fazem.*

A palavra traduzida por ***ESPADA*** *(heb.* ***shelach****; v. 8) refere-se geralmente às armas enviadas através do ar (veja, "dardos", NVI) como projéteis, como lanças. O exército descrito no versículo 8 não é detido por uma barreira de lanças ou dardos. Esses soldados arremessam-se através de um ataque desses desarmados.*

Em geral, **o dia do SENHOR** é apresentado em termos militares, em que o exército que ataca é comandado pelo próprio Senhor (v. 11). O prospecto de tal dia de julgamento **grande e mui terrível** (heb. ***yarē'***, "incitando medo, terrível", v. 11; v. 31) deve motivar o povo a arrepender-se. A resposta implícita à pergunta no versículo 11 é que ninguém **poderá sofrer** (heb. ***kul***, "suportar, sustentar-se sob", v. 11) "o dia do SENHOR" (Jr 10.10; Ml 3.2). Jesus usou imagem similar quando respondeu à pergunta dos discípulos sobre o seu retorno e o "fim do mundo" (Mt 24.3). Ele falou do Sol e da Lua escurecendo e disse que "as potências dos céus serão

abaladas" (Mt 24.29; Lc 21.25,26; cp. Jl 2.2,10.31; 3.15). Assim como o Senhor alertou o povo de Jerusalém a "toca[r] a buzina" e a dar o alarme, ou "clama[r] em alta voz no monte" (2.1,15; Lc 21.20), Jesus instou os seus discípulos a "estar preparados" (NVI; Mt 24.44-51).

Sempre que o Senhor apresenta um julgamento descrito como "dia do SENHOR", todos sabem que Ele refere-se ao mundo, isto é, **a terra** (dia e noite, estações e a passagem do tempo mensurável; Jl 2.10) é chacoalhada, quer de modo literal, quer figurativo. Não há defesa contra a **voz** do Senhor (v. 11). A única preparação que a audiência de Joel poderia fazer era a obediência e o arrependimento, conforme descrito nos versículos 12-27. O povo de Judá precisava de uma mudança de coração.

A Misericórdia de Deus sobre a Terra (2.12–27)

O Chamado ao Arrependimento (2.12-17)

2.12-17 Ainda assim — quando o povo já experimentara o julgamento devastador de Iavé (cap. 1) e foi alertado sobre mais julgamentos catastróficos por vir (2.1-11), isto é, quando parecia um exercício de futilidade apelar para a misericórdia de Deus — o Senhor ordenou o seu povo a arrepender-se, a **converte[r-se]** (heb. ***shuv***, v. 12) a Ele e a **volt[ar-se]** (NVI) a Ele (heb. ***shuv***, v. 13). Esse apelo pungente de Joel é um dos chamados mais urgentes ao arrependimento encontrado na Escritura. Os versículos 13 e 14 descrevem os comportamentos que demonstram arrependimento enquanto o definem claramente como uma mudança de coração.

Jejuns, **choro** e **pranto** (v. 12) também são descritos como a resposta dos judeus à ordem do rei persa para "destru[ir], mata[r], e lança[r] a perder a todos os judeus" (Et 3.13—4.3). Quando o primo de Ester, Mardoqueu, ouviu sobre o édito, ele "rasgou [...] as suas vestes", uma demonstração externa do sentimento interno de pesar incontrolável provocado por essa notícia devastadora de cortar o coração. No entanto, o arrependimento sincero envolve mais do que um mero ritual. As expressões externas de pesar (como, por exemplo, rasgar as **vestes**), a menos que reflitam o abandono deliberado do próprio caminho em troca por uma submissão genuína ao Senhor (rasgar o **coração**), não passam de demonstrações inúteis de emoção (Jl 2.13).

Iavé ordenou o arrependimento tanto em referência à sua pessoa, com o pronome na primeira pessoa ("Convertei-vos a **mim**"), chamando o povo de volta para si, quanto na terceira pessoa ("ele"), quando lembra o povo que a restauração dependia do seu caráter revelado quando estabeleceu a sua aliança com eles (v. 13; Êx 34.6-7; 2Cr 30.9; Ne 9.17,31; Sl 86.15; 103.8; Jn 4.2). O Senhor não seria obrigado a ser **misericordioso**, mas poderiam ter a certeza de que o Senhor enviaria **a desgraça** (NVI), a menos que se arrependessem (Jl 2.13,14).

Aqui, o Senhor ordenou **os sacerdotes, ministros do SENHOR**, a reunir todo o povo, sem exceção, e liderá-los em oração (2.15-17). Até mesmo aquelas pessoas que, em geral, eram isentas desse dever, como as mães amamentando e as crianças, deveriam participar. Os sacerdotes, em favor dessa **congregação** (v. 16), deveriam pedir ao Senhor para **poupa[r]** (heb. ***chus***, "poupar, ter misericórdia"; Jn 4.11) pelo bem da reputação de Deus **entre os povos** (Jl 2.17). Joel continuou a exortar os sacerdotes, como líderes espirituais, para interceder pelo povo.

A Resposta do Senhor (2.18-27)

2.18-27 O texto não afirma de forma explícita que o povo arrependeu-se, mas a resposta graciosa do Senhor sugere que eles voltaram-se para Ele. O Senhor fez três coisas (vv. 18,19):

- Ele teve **zelo** [heb. ***qana'***, "queimar com zelo; ter um desejo apaixonado de guardar a honra ou guardar e proteger algo de grande valor"; Ez 39.25; Zc 1.14; 8.2] **da sua terra** que fora invadida e desfigurada (Jl 1.6; 2.3; 3.2).
- Ele **compadece[u-se]** [heb. ***chamal***, "ter piedade ou compaixão de"; Jr 15.5; Ez 36.21; Ml 3.17] **do seu povo**.
- Ele **respondeu e di[sse] ao seu povo** com minúcia (Jl 2.18—3.21).

O Senhor instruíra os sacerdotes a orar para que não entregasse a sua "**herança ao opróbrio** [heb. ***cherpah***, "repreender, aquilo que é desprezado; um embaraço", 2.17-19], para que as nações façam escárnio", sujeito à ridicularização dos gentios. O Senhor respondeu:

- Primeiro, ele prometeu restaurar as plantações e remover os invasores, quer locustas, quer governantes estrangeiros, pondo um fim ao **opróbrio** (heb. ***cherpah***, vv. 18-20). Ele prometeu que o seu povo **não ser[ia] mais envergonhado** (heb. ***bush***, "estar envergonhado", vv. 26,27; Sl 22.5; 25.2,3,20).
- Segundo, o Senhor ordenou que a terra e o seu povo, a quem Ele dirigiu-se por **filhos de Sião**, se **regozija[sse]** com aquilo que Ele fizera e se **alegra[sse]** nEle, a fonte da abundância restaurada (Jl 2.21-24).
- Terceiro, o Senhor comprometeu-se a **restituir** (heb. ***shalam***, "restaurar" o que fora roubado ou perdido) ao seu povo **os anos que foram consumidos pelo gafanhoto**, o seu **grande exército** (v. 25; v. 11). Que promessa para o povo que gastou anos em desobediência e experimentou o julgamento resultante para saber que, com o arrependimento deles e o perdão de Deus, haveria a total restauração da alegria e segurança resultantes da graça e misericórdia de Deus. A angústia e o sofrimento seriam obscurecidos pela abundância das bênçãos de Deus.

Tudo isso era evidência da graça como só o Senhor pode dar. Israel, por rejeitar teimosamente a Deus em uma busca incansável por outros deuses, merecia permanecer desolada, sujeita à dominação estrangeira e ao embaraço. Eles não mereciam ser chamados "filhos de Sião", isto é, o povo refletindo o caráter justo do Senhor, a quem Jerusalém pertencia. Antes, Deus restaurou o que fora destruído a convite de Israel — Ele **procedeu [...] maravilhosamente** para com o seu povo (v. 26). Deus disciplinou severamente o seu povo, mas não os rejeitou. Ao restaurar o que fora perdido e ao abençoar o seu povo com a abundância que não mereciam, eles aprenderiam a **louva[r]** o seu nome e **saber[iam]** que só Ele é Deus, que está **no meio de Israel** (vv. 26,27).

As Maravilhas de Deus na Terra (2.28-32)

2.28-32 Certos aspectos fizeram com que a segunda parte do livro de Joel fosse distinguida do restante:

- Os eventos descritos nessa parte do livro situam-se quase totalmente no futuro.
- O comportamento destrutivo da nação em relação a Israel e à sua futura destruição são discutidas nessa parte do livro.
- Essa segunda parte é dominada por temas das bênçãos espirituais e materiais dadas a Israel.

O termo **depois** parece referir-se aos eventos por vir após o cumprimento da restauração que Iavé prometeu nos versículos 18-27: "depois" forma um *inclusio* com a expressão **naqueles dias** — isto é, as duas expressões funcionam como suportes em torno do texto incluído entre eles (vv. 28,29; cp. "nos últimos dias", At 2.17). *No Antigo Testamento, o objeto do verbo* ***DERRAMAREI*** *(heb.* ***shaphak****, "derramar, entornar, verter", v. 28) é, em geral, sangue (Ez 22.3,4; 36.18) ou a ira de Deus (e.g., Is 42.25; Lm 4.11; Ez 7.8; Os 5.10; Sf 3.8). A palavra "derrama[r]" sugere que algo é dado ou distribuído liberalmente, fluindo de um recipiente acima (análogo a Céu, onde Deus reina; Is 32. os rebanhos 15) em ou sobre algo abaixo (análogo a habitantes terrenos — "toda humanidade"; Is 44.3).*

A promessa de Deus de derramar o seu Espírito "sobre toda ***CARNE****" (heb.* ***basar****, "carne", Jl 2.28) é interpretada de várias maneiras. Em outros contextos em que* ***basar*** *refere-se a todas as criaturas vivas, a tradução da ARC geralmente usa "carne" — por exemplo, no relato de Noé e do Dilúvio (e.g., Gn 6.17,19; 7.15,16,21; 8.17; 9.11,15-17; cp. "toda a carne" Sl 136.25; "toda a carne", Sl 145.21; com a NVI, por exemplo, "todos os seres vivos", 136.25; "todo ser vivo" Sl 145.21) — e "toda a carne", isto é, toda a humanidade, é a melhor tradução quando aspectos morais são designados a "toda a carne" (e.g., Gn 6.12,13). Tanto "toda a carne" (heb.* ***basar****) e "todo ser vivo" (NVI; heb.* ***basar****) aparecem em várias passagens proféticas que, como Joel 2.28, também enfatizam que a obra redentora em Jesus, o Messias, está disponível para todos — independentemente da idade, sexo ou classe social — e/ou que Ele revelará a sua glória e executará o julgamento no seu retorno (Is 40.5; 66.16,23,24; Jr 25.31; "toda a carne", Zc 2.13).*

O Novo Testamento esclarece que a redenção e, com ela, a habitação do Espírito de Deus em nosso íntimo estão disponíveis para todos, mas só por intermédio de Jesus Cristo (Jl 2.32; Jo 3.5-7,13-16,34-36; 7.39; At 2.21). O Novo Testamento também afirma que a salvação está igualmente disponível para homens e mulheres, jovens e velhos, **servos** e **servas**, bem como

para **filhos** e **filhas** (Jl 2.28,29), judeus e gentios (para **todo aquele que invocar o nome do SENHOR**, v. 32; At 10.38-47; Gl 3.28).

Pedro citou essa profecia de Joel (Jl 2.28-32), aplicando-a ao dia de Pentecostes (At 2.16,17), porém não afirmou que todas as profecias de Joel foram cumpridas; antes, apenas observou que o Pentecostes era um exemplo de Joel profetizando que **o grande e terrível dia do Senhor** estava vindo (Jl 2.31). Óbvio que nem toda a profecia de Joel foi cumprida em Pentecostes. Ainda há mais por vir, como os sinais difundidos e as maravilhas na terra e no céu (vv. 30,31; At 2.19,20) e a restauração dos cativos de Judá.

O Julgamento de Deus sobre a Terra (3.1–21)

3.1-21 Nessa seção final da segunda metade do livro de Joel, o destino derradeiro de muitas das nações em torno de Judá recebe o foco, enquanto o destino glorioso do povo de Deus é revelado. As nações gentias experimentariam a força total da ira de Deus enquanto Israel seria envolvida pelas suas bênçãos. Uma estrutura invertida ou quiasmo (um artifício literário consistindo da repetição das séries de elementos na ordem reversa por intermédio reafirmando ou fazendo paralelo das palavras, ideias ou eventos que se encontram no centro) fica evidente nessa seção que enfatiza esses pontos:

(A) A restauração de Judá e Jerusalém e o julgamento de todas as nações (3.1-3).

(B) O julgamento de nações específicas por intermédio de Judá (3.4-8).

(B) O julgamento de todas as nações e o livramento para Jerusalém (3.9-16).

(A) A restauração de Judá e a desolação para nações específicas (3.17-21).

"Restaurar a ***SORTE*** *(heb.* ***shevut****, "cativeiro", do verbo* ***shavah****, "remover o cativeiro", v. 1) transmite uma ideia ampla de retornar a uma posição anterior próspera e segura. No entanto, o idioma hebraico refere-se de modo mais específico à restauração de uma nação que estava no cativeiro — isto é, a reversão ou fim do cativeiro.* Deuteronômio 30.1-10 já descrevera essa época na história de Israel, porém mais como o resultado da obediência renovada ao Senhor e à sua aliança.

Em Joel 3, o Senhor chama atenção para as circunstâncias futuras, ligando integralmente o seu julgamento das nações com **Sião** (Judá e Jerusalém; vv. 1,6,16-18,20,21) em termos de:

- o tempo (**em que** o Senhor reverte o cativeiro de "Sião", vv. 1,17);
- o que as nações fizeram para o seu **povo**, a sua **herança** (vv. 2,3,6-8,19);
- o roubo das nações quando levaram a riqueza e o amparo do seu Templo (v. 5);
- a **malícia** das nações (v. 13; vv. 3,19); e
- a força e a segurança de Sião por causa da sua presença ali (vv. 16,17,20,21).

O Senhor anunciou que Ele **congregar[ia]** [heb. ***qavats***, "assembleia, coletânea", v. 2; "algo sem valor", Os 8.10] **todas as nações** para um lugar de juízo. O **vale de Josafá** (heb., "Iavé julga, o Senhor julgará", Jl 3.2,12) pode denotar ou não um local geográfico. Todavia, o nome carrega a imagem de exércitos digladiando-se em um vale — os **fortes** da nação (vv. 9,10) lutando em vão contra os "fortes" (v. 11). Isaías e Miqueias profetizaram que, "nos últimos dias", o Senhor resolveria os conflitos entre as "naç[ões]", usando a imagem para descrever um fim à guerra (Is 2.4; Mq 4.3). Em Joel 3.10, o Senhor reverte essa imagem, zombando das nações para que peguem armas contra ele.

Os versículos 14-16 funcionam como uma rápida apresentação bastante vívida de seis imagens que ilustram cumulativamente o que essas nações encontraram quando se confrontaram com o Senhor:

- a colheita decisiva e rápida de uma vinha e o pisotear das uvas até que os **vasos dos lagares transbord[em]**, descrevendo o poder do Senhor contra a perversidade das nações (v. 13; Is 63.3);
- a visão impressionante das **multidões** esperando o julgamento iminente (**o dia do SENHOR**) no **vale da Decisão** (heb. ***charuts***, "ser levado a um ponto crucial do julgamento", Jl 3.14);
- a escuridão (v. 15; 2.10; veja os comentários sobre 2.2,10);
- o **brama[r] de Sião** que sobrepujaria o bramar das nações (3.16; Is 5.26-30; Jr 2.14,15; 25.30,31; Am 1.2);

- o tremor violento da terra e do céu ao som **da voz** do Senhor proveniente **de Jerusalém** (Jl 3.16; 2.10; 2Sm 22.8; Is 13.13; Jr 10.10; Ag 2.7,21);
- a proteção do povo de Iavé contra os danos porque estão escondidos nele como **o refúgio** e **a fortaleza** para o seu povo (Jl 3.16).

Judá e Jerusalém, em contraste com os resultados do julgamento para tais nações como o **Egito** e **Edom**, por serem o lugar de habitação de Iavé, experimentariam bênçãos indescritíveis.

Apropriadamente, o livro de Joel que dá destaque proeminente ao "dia do SENHOR" encerra-se com uma ênfase sobre a remoção pelo Senhor da **culpa de sangue** (NVI) a fim de passar a residir em Sião (v. 21). O livro de Apocalipse marca a chegada da nova Jerusalém com o anúncio triunfante: "Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens" (Ap 21.3). O Senhor, por intermédio do seu profeta, descreve os terrores dos seus julgamentos e a abundância da vida encontrada onde Ele está presente.

BIBLIOGRAFIA

* Garrett, Duane A. *Hosea, Joel*. The New American Commentary, vol. 19A. Nashville: B&H Publishing Group, 1997.

Wolff, H. W. *Joel and Amos*. Filadélfia: Fortress, 1977.

* Para estudos avançados.

NOTAS

[1] Uma discussão detalhada de várias interpretações da evidência, junto com uma tabela útil, "Questões concernentes à data de Joel", pode ser encontrada em Duane A. Garrett, *Hosea, Joel*, The New American Commentary, vol. 19a (Nashville: B&H Publishing Group, 1997), p. 286-94.

AMÓS

INTRODUÇÃO

Apenas Amós, dentre os profetas do Antigo Testamento, conta aos seus leitores o que ele fazia antes do seu chamado pelo Senhor para o ministério profético (Am 7.14). Esse, contudo, não é o único aspecto singular associado com o livro de Amós. A expressão "as palavras de Amós" foca de imediato a atenção tanto no homem quanto na mensagem. Só Jeremias tem uma introdução similar. Esses dois profetas demonstram lealdade inabalável ao chamado do Senhor apesar da intensa oposição.

A mensagem de Amós não era fácil por dois motivos importantes. O primeiro, Amós era do Reino do Sul (Judá), apesar da sua principal mensagem ser dirigida ao Reino do Norte (Israel). O segundo, a mensagem foi entregue às pessoas que viviam muito bem, sem qualquer opressão externa e abençoadas com riqueza e prosperidade. Amós estava chamando o Reino do Norte de Israel a arrepender-se das suas injustiças sociais e das suas práticas religiosas vazias; caso contrário, iriam para o exílio. A mensagem geral de Amós é relevante para todas as nações vivendo em paz e prosperidade através de todos os períodos de tempo.

O século VIII testemunhou a queda do Reino do Norte em 722 a.C. e o quase fim do Reino do Sul. Judá, exceto pelas reformas feitas pelo rei Ezequias, certamente teria caído também. Os ministérios dos profetas escritores também começou no século VIII. Esses homens, embora fossem das mais distintas procedências, tinham em comum a profunda convicção que foram chamados pelo Senhor para ser o seu porta-voz para o seu povo, que se desviava. Amós estava entre aqueles firmes nessa convicção. Homens como Elias e Eliseu não escreveram os seus próprios livros. Os profetas

escritores deixaram livros que trazem o seu nome (e.g., Amós, Isaías, Jeremias).

Embora houvesse muitos períodos difíceis para Israel e Judá, o século VIII também foi um período de esperança (antes de 722 a.C., é claro). O reinado opressivo de Damasco sobre Israel teve um fim abrupto com os assírios em 802 a.C. O problema em torno de Judá nesse período também chegou ao fim sob a notável liderança do rei Uzias. Ele foi capaz de formar um exército poderoso e aumentar a influência de Judá na região. Jeroboão II chegou ao poder no Reino do Norte por volta da mesma época e foi capaz de restaurar muito do território tirado deles pelo rei de Damasco.

Esses eventos positivos nessa época da história de Judá e Israel levaram a um período de prosperidade, pois a segurança nacional e econômica de Israel e Judá continuavam a crescer, como também crescia a apatia espiritual deles. Eles abandonaram o Senhor e passaram a adorar os deuses das nações circunvizinhas. A decadência espiritual do Reino do Norte demonstrou-se de modo mais claro na forma como eram tratados os seus pobres, o que estimulou o tema de Amós — justiça social.

TÍTULO

O título "Amós" (heb., "carregador de fardos") reflete o nome do autor a quem essa profecia é atribuída.

CENÁRIO

Quando alguém quiser considerar a situação do livro de Amós, é preciso examinar a situação política de Israel e o seu relacionamento com o Reino do Sul de Judá. Jeroboão II alcançou considerável estabilidade política e econômica durante o seu reinado. Ele, durante os 41 anos de reinado, dez dos quais em corregência com o seu pai Joás, expandiu as fronteiras de Israel de Hamate no Norte ao mar Morto no Sul (2Rs 14.25). Essa expansão foi realizada apesar dos constantes conflitos de Israel com o reino arameu de Damasco no Norte. O rei Davi subjugara Damasco (2Sm 8.3-8), mas, quando Rezom chegou mais tarde ao poder, houve guerra constante entre Damasco e Israel (1Rs 11.25; 20.1-34; 22.1-36; 2Rs 5.2; 6.8-19,24,25; 8.28,29). Por fim, Hazael e o seu filho Ben-Hadade quase devastaram

Israel, tornando os israelitas vassalos de Damasco, Síria ou Arã (2Rs 10.32,33; 13.3).

Joás e Jeroboão II conseguiram recuperar o controle de Damasco (2Rs 14.28), e isso se deveu em parte à ascensão do Império Assírio. Vários reis assírios oprimiram e enfraqueceram muitíssimo o poder da Síria, ou Arã, pois os arameus brigavam muito entre si. Jeroboão, por conseguinte, foi capaz de ganhar o controle e afirmar o poder israelita.

A paz relativa entre Israel e Judá na época de Amós também contribuiu para a prosperidade do Reino do Norte quando o comércio sem impedimentos começou a acontecer entre os dois países. O livro de Amós, como um todo, parece implicar que havia paz entre Israel e Judá, conforme observado no ministério de Amós, um profeta de Judá que pregou em Samaria e viajou por muitas cidades (Am 5.5). Amós pregou para o Reino do Norte de Israel em um período em que a nação como um todo experimentava considerável paz e prosperidade.

GÊNERO

Quase toda a profecia de Amós é poética, o que permitiu o uso de mais imagens vívidas. Amós apoia-se em imagens do reino animal e da agricultura. Ele usa uma ampla variedade de formas literárias: ditos numéricos a fim de expressar a plenitude da iniquidade (1.3,6,9), as perguntas retóricas (3.3-8), os imperativos (3.9), a ironia (4.4,5), o humor (5.19,20), a personificação (5.2,3) e a hipérbole (5.21-23).

AUTOR

O autor identifica-se como Amós (talvez significando "aquele sustentado pelo Senhor"), um criador de ovelhas em Tecoa, uma pequena cidade no Reino do Sul de Judá, localizada a cerca de dezesseis quilômetros de Jerusalém. Ele informa os seus leitores que as suas palavras são palavras do Senhor (v. 2). Amós, ao que parece, vivia bem como criador de ovelhas quando foi chamado pelo Senhor. Ele não recebeu treinamento para ser profeta e, conforme fica claro, não tinha a menor intenção de tornar-se um deles (7.14), porém experimentou uma crise (1.2). Portanto, em obediência ao chamado, saiu da sua casa na Judeia e foi para Samaria pregar a palavra do Senhor.

A composição do livro de Amós está cercada de controvérsias, e alguns estudiosos lançam dúvidas sobre a inspiração divina do livro. Uma escola de pensamento conhecida por *crítica da forma* afirma que vários escritores compilaram as palavras de Amós e organizaram-nas de modo a tornar-se relevante para os leitores contemporâneos.

Argumentos críveis foram levantados contra essa posição. Primeiro: essa teoria solapa a autoridade do Antigo Testamento, da qual atestam Jesus e autores do Novo Testamento. Segundo: o restante dos livros bíblicos não apoia uma abordagem da crítica da forma. Por exemplo, em livros como Provérbios e Jeremias, os escritores informam os leitores quando acontece um trabalho de edição (Pv 1.1; 10.1; 22.17; Jr 1.1-3; 36.1-32). Não há nenhum indício em Amós de que tenha ocorrido alguma edição desde o início do livro, quando afirma que ali estão "as palavras de Amós". Terceiro: nenhuma evidência objetiva, como, por exemplo, manuscritos antigos, apoia essa abordagem. Em outras palavras, é possível esperar encontrar manuscritos demonstrando claramente o processo editorial em ação. Contudo, não existe essa evidência. Essa teoria, segundo a visão de muitos estudiosos, fundamenta-se em especulações.

A evidência interna do livro, se levada a sério, provê apoio substancial para a afirmação de que o autor escreveu o livro. A evidência mais forte para essa visão é que a maioria do livro foi escrita em uma narrativa em primeira pessoa: o cabeçalho (Am 1.1), a introdução (1.2) e o encontro entre Amós e Amazias em Betel (7.10-17). Há apenas duas sentenças em todo o livro que indicam uma narrativa em terceira pessoa: "Depois, Amazias disse a Amós", (7.12) e "E respondeu Amós e disse a Amazias" (7.14).

Há, pelo menos, três explicações possíveis para essa mudança para a terceira pessoa. A primeira é que o próprio Amós escreveu essa passagem na terceira pessoa. Evidências em outros livros da Bíblia indicam que essa era uma prática comum (Dt 1—6 com Dn 7—12). A segunda é que Amós pode ter escrito o livro e organizado o material com a seção concernente a Amós e Amazias acrescentada por outra pessoa. E a terceira é a de um secretário trabalhando para Amós, que pode ter registrado o livro todo (como Baruque fez algumas vezes para Jeremias). Seja qual for o caso, fundamentados em evidências internas e externas, o profeta Amós escreveu e/ou organizou o livro que traz o seu nome.

DATA

Amós diz aos seus leitores que profetizou "nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto" (Am 1.1). Isso data a composição de Amós aproximadamente em 767-753 a.C. O terremoto ao qual se refere Amós era tão relevante que foi mencionado dois séculos depois pelo profeta Zacarias (Zc 14.5). Alguns estudiosos preferem datar Amós mais próximo de 755-750 a.C. por causa das descrições da vida indulgente dos israelitas, características da última parte do reinado de Jeroboão II. Os livros de Reis, no entanto, parecem indicar que a prosperidade de Israel começou, de fato, durante o reinado do pai de Jeroboão, Joás (ou Jeoás). Jeroboão apenas deu continuidade ao sucesso do seu pai. À luz dessa referência bíblica, a data mais anterior para Amós parece a mais provável.

DESTINATÁRIOS

Embora o livro de Amós mencione as nações circunvizinhas, o cerne da sua mensagem é direcionado para o Reino do Norte de Israel, que estava envolvido com idolatria e práticas sociais injustas. Deus, por intermédio do profeta Amós, confrontou o povo de Israel com a verdade ominosa de que os julgaria. Mas como Deus poderia abandonar o seu povo e, com isso, quebrar a sua aliança com eles? Certamente, não eram tão ruins quanto as nações circunvizinhas. O Senhor, no entanto, mostrou com esmero como Israel abandonara a sua aliança ao praticar apenas adoração externa e ao não ter compaixão dos pobres e necessitados no seu meio. Eles, por esses motivos, assemelhavam-se às nações vizinhas.

A única diferença era que Israel, tendo sido escolhida por Deus, deveria demonstrar um grau mais elevado de responsabilidade para com Ele. Se eles falhassem em obedecer ao Senhor, seriam punidos mais severamente. Então, ainda permanecia a questão: Deus abandonaria o seu povo? A resposta fornecida no livro de Amós é um retumbante "Não!". A mensagem final de Amós é que Deus demonstraria misericórdia e compaixão a Israel e permaneceria fiel à sua aliança. Isso, todavia, não significava que Israel não sofreria as consequências da sua infidelidade.

PRINCIPAIS TEMAS

Injustiça é o principal tema em Amós, o que testifica da culpa de Israel sobre rejeitar a aliança de Deus. A demonstração exterior da adoração religiosa falhou em compensar pela total falta de compaixão e cuidado exigidos deles na aliança mosaica. Amós, de fato, escolheu os quatro principais pecados cometidos pelos israelitas:

- o tratamento desdenhoso dos outros;
- o pouco-caso com os pobres;
- o orgulho por causa da sua riqueza; e
- a adoração insincera.

Eles, por esses motivos, iriam para o exílio. No entanto, embora os israelitas fossem experimentar o julgamento do "dia do SENHOR", a aliança não seria rompida graças à fidelidade do Senhor.

ESBOÇO

I. AMÓS E A SUA MENSAGEM (1.1—2.16)
   A. Cabeçalho e Tema (1.1,2)
   B. A Culpa e o Julgamento de Israel (1.3—2.16)

II. AS PALAVRAS DE ALERTA E ANGÚSTIA (3.1—6.14)
   A. A Quebra da Aliança (3.1-15)
   B. A Falha em Arrepender-se (4.1-13)
   C. A Escolha entre a Vida e a Morte (5.1-17)
   D. A Angústia para Sião (5.18—6.14)

III. AS VISÕES DO JULGAMENTO E DA SALVAÇÃO (7.1—9.15)
   A. O Senhor Poupou (7.1-6)
   B. O Senhor não mais os Poupará (7.7—8.14)
   C. O Senhor não Poupará ninguém (9.1-6)
   D. O Senhor Restaurará o seu Povo (9.7-15).

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

AMÓS E A SUA MENSAGEM (1.1—2.16)

Cabeçalho e Tema (1.1-2)

1.1-2 O livro de Amós pode ser dividido aproximadamente em três partes principais. A primeira seção (caps. 1—2) anuncia que os pecados de Israel exigiam pagamento rápido.

O versículo de abertura indica a natureza profética da obra de Amós e as suas principais preocupações. Amós apresenta-se, diz qual era a sua ocupação antes do chamado profético e fala sobre a situação política em Israel na época do seu chamado. A menção especial de Judá nesse contexto indica o relacionamento próximo entre o Reino do Norte e o Reino do Sul e aponta que os procedimentos de Deus com Judá também são importantes para Israel. Eles seriam unidos mais uma vez sob o governo de Davi (9.11). O enunciado **palavras de Amós** não tem um verbo principal nem predicado. O profeta diz que **viu** as palavras que registrou para deixar claro a origem divina dos seus pensamentos.

A mensagem do julgamento por vir é salientada pela menção a um **terremoto** que aconteceu logo depois do seu ministério profético. O versículo 2 apresenta um dos principais temas do livro de Amós: o Senhor tem de ser muitíssimo temido. *"O SENHOR* ***BRAMARÁ*** *[heb.* ***sha'Ag****, "fazer um som de rugido"] de Sião" implica uma comparação entre o Senhor levantando a sua "voz" de "Jerusalém" e rugindo como um leão. O rugido de um leão anuncia poderosamente a sua presença e reivindicação sobre o seu próprio território. O leão, ao rugir, defende o seu território, alertando qualquer possível intruso da sua presença. O efeito pretendido na comparação da voz do Senhor com o rugido de um leão é captada em 3.8: "Bramiu o leão, quem não temerá? Falou o Senhor JEOVÁ, quem não profetizará?" (3.8; Jr 25.30; Os 11.10; Jl 3.16). As frases repetidas "assim diz o SENHOR" (Am 1.3,6,9,11,13; 2.1,4,6,16), "diz o SENHOR" ou "diz o Senhor JEOVÁ (1.5,8,15; 2.3,11; 3.10,13,15; 5.17; 6.14; 8.3,9,11; 9.7,8,12,13), "falou o Senhor JEOVÁ" (3.8) e "disse o SENHOR" (4.3,5,6,8-11) reverberam como o poderoso rugido do leão ao*

longo do livro, afirmando a soberania de Deus sobre todas as nações e exercitando a sua reivindicação particular sobre Israel e Judá.

O substantivo traduzido por ***PASTAGENS*** *(NVI; heb.* ***na'ah****, "lugar onde se deitam e descansam os rebanhos") é usado apenas doze vezes no Antigo Testamento, sendo que oito dessas ocorrências estão nos profetas. Os "pastos" de Israel eram lindos e necessários para a manutenção dos rebanhos de ovelhas. Por conseguinte, os profetas lamentam a destruição desses pastos "por causa do furor da ira do SENHOR" (Jr 25.36-38; Jr 9.10; 23.10; Jl 1.19,20). Aqui, os pastos são capazes de demonstrar o seu pesar com o "pranto" (heb.* ***'aval****, languidez, cabeça pendurada em expressão visível de pesar", Am 1.2), imagem que também ressoa em outros livros proféticos nos quais se afirmam que "a terra pranteia" (e.g., Is 24.4; 33.9; Jr 23.10; Os 4.3; Jl 1.10). Essa personificação amplia a perspectiva da audiência sobre os efeitos do pecado. Até a terra sofreu consequências destrutivas da apostasia de Israel.*

Um exemplo específico era o monte **Carmelo** (heb., "jardim de Deus", Am 1.2), localizado no Reino do Norte. O Carmelo, conhecido pela sua vegetação exuberante, simbolizava as bênçãos de Deus, a abundância e a beleza (e.g., Is 35.2). Portanto, a destruição da sua escolha de usar o termo pastagens (ou "habitação") assinala a intensidade da ira de Deus contra a apostasia do seu povo.

A Culpa e o Julgamento de Israel (1.3—2.16)

O Senhor, antes da sua acusação contra Israel, delineou a culpa das nações circunvizinhas. Seis nações, uma após a outra, são mencionadas para responder pelas transgressões que não mais seriam aceitas, nem mesmo no mundo gentil. Para a audiência imediata em Israel, os anúncios da recusa do Senhor de reter a punição de uma das nações pagãs seriam aplaudidos. No Antigo Testamento, Provérbios 24.17 alerta contra esse erro: "Quando cair o teu inimigo, não te alegres". No Novo Testamento, Jesus alerta que a medida que você usa para julgar os outros será usada para medir você (Mt 7.1,2). O povo do Reino do Norte certamente conseguia ver os pecados das nações circunvizinhas; mas da forma como os israelitas condenavam os seus vizinhos, também poderiam condenar a si mesmos porque eram igualmente culpados.

A acusação da sexta nação inimiga (bem como da primeira, segunda e quinta) encerra-se com uma afirmação enfática, **Assim diz o SENHOR** (Am 1.3), logo antes de aplicar o mesmo padrão 3 + 4 para as

transgressões (heb. ***pesha‘***, "transgressões, trespasse, pecado", vv. 3,6,9,11,13; 2.1,4,6; 5.12). *A expressão* ***POR TRÊS TRANSGRESSÕES […] E POR QUATRO*** *não tem a intenção de transmitir a ideia de que o Senhor esperava até a nação ofensora alcançar um limite de fazer três ou até mesmo quatro coisas erradas antes de receber a punição. Antes, a segunda parte da expressão "por quatro" sugere que a lista de pecados não se limitava a um número específico, mas ao fato de Deus reter a punição por um longo período — bem parecido com um pai contando até três e até mesmo quatro para dar à criança uma ampla oportunidade de corrigir o seu comportamento. Os múltiplos crimes dessas nações constituem mais do que justificativa suficiente para a punição, qualquer que seja ela, que o Senhor infligiria sobre eles.*

Mais uma vez, a principal audiência no Reino do Norte de Israel provavelmente ouviu a acusação de Judá com aprovação. Pelo menos, quando o Senhor finalmente tratou das "transgressões" de Israel, os pecados destes pareceram ainda mais notórios porque, distintamente das outras nações, conheciam a Lei de Deus. Os crimes de Judá foram apresentados em termos gerais — a rejeição da Lei de Deus. A acusação de Israel enfatizava a evidência concreta de que o povo traíra a aliança de Deus (2.6-8,12).

1.3—2.3 O Senhor explicou por que **não retirar[ia] o castigo** das seis nações pagãs:

- **Damasco**, a capital do reinado arameu, sírio, foi julgada por causa da sua crueldade contra o povo de **Gileade**, a região a leste do rio Jordão e a sul de Damasco, governada por Hazael (1.3-5). A Síria fora inimiga ferrenha de Israel por muitos anos, só que os conflitos descritos em 2 Reis 13.1-7 poderiam estar especificamente em vista. A localização do vale de **Biqueate-Áven** (heb., "pecado, perversidade, calamidade"; ou aludindo à idolatria, "vazio, vaidade", Am 1.5; "Bete-Áven", Os 10.8) é incerta. **Bete-Éden** (heb. "casa de prazer"), no entanto, provavelmente se refere a Bit-Adini, um Estado arameu a leste do rio Eufrates, próximo à foz do seu tributário, o rio Khabur. Por volta de 855 a.C., a cidade revoltou-se contra o governo assírio e foi tomada por Salmaneser III, que a tornou a base das operações militares para a expansão para oeste. **Quir** é o lugar de origem do povo arameu (Am 9.7).
- **Gaza**, representando os filisteus, também era uma inimiga ferrenha de Israel. Os filisteus deportaram toda uma comunidade de pessoas das suas casas e entregaram-nas a **Edom** (2.1-3). Os filisteus eram conhecidos e

temidos não só por causa da sua crueldade para com os seus cativos, mas também por vender os cativos como escravos para outras nações.

- **Tiro**, a cidade portuária fenícia, também entregou toda uma comunidade de exilados a Edom, quebrando a **aliança** de confiança entre os irmãos (1.9,10).
- **Edom** (heb., "vermelho", v. 11; veja Gn 25.30), da mesma forma, perseguiu o seu irmão com uma espada (veja Obadias), reprimiu a compaixão e irou-se incessantemente contra ele. O povo de Edom traçou a história deles de animosidade amarga entre Edom e Israel (Nm 20.14-21), remontando a Esaú, o irmão de Jacó/Israel (Gn 35.29—36.43).
- Em linguagem vívida retratando a crueldade indizível e total desdém dos poderosos pelos impotentes, os amonitas, descendentes de Ló, sobrinho de Abraão, **fenderam as grávidas de Gileade** (Am 1.13; Gn 19.36-38; Dt 2.19). Eles ocupavam o território na fronteira leste de Gileade, a leste do rio Jordão, e batalhavam com Israel para ter controle sobre Gileade, desde os dias dos juízes (Jz 11.4-33).
- **Moabe** (também descendentes de Ló, sobrinho de Abraão; Gn 19.36-38) seria punida pela crueldade injustificada contra o rei de Edom (Am 2.1-3). Queimar os restos do inimigo até virarem cinzas era um insulto gravíssimo, talvez sugerindo a negação de um corpo ressurreto.

Amós, ao discutir os pecados dessas nações, preparou a sua audiência para enfrentar a sua própria culpa; pois eles também eram culpados de oprimir os pobres e necessitados.

2.4-8 As primeiras seis nações mencionadas nesse contexto são julgadas pela sua crueldade contra a humanidade. O Senhor, a seguir, dirige-se a **Judá** por ter abandonado a Lei de Deus e por não guardar os seus decretos. Eles seguiram mentiras que os levaram a desviar-se (vv. 4,5). A condenação da negligência ostensiva da aliança de Deus provavelmente fez com que a audiência do Reino do Norte de Israel ficasse em deleite.

Por fim, o Senhor falou contra **Israel** (v. 6). Na primeira parte do discurso, o Senhor acusou Israel por desobedecer às ordens da aliança para que fossem gentis e generosos com os **pobres** e os **necessitado[s]** da terra (vv. 6,7). *Três palavras distintas são usadas nesses versículos para as pessoas que são materialmente pobres. A palavra traduzida por* ***NECESSITADO*** *(heb.* ***'evyon****, "pobre, oprimido", descrevendo aquele que trabalha a fim de sobreviver dia após dia, v. 6) também é usada em:*

- *4.1, dirigindo-se à mulher israelita que "quebrant[a] os necessitados";*
- *5.12, em que o Senhor acusa Israel por privar "os necessitados" da justiça "na porta" da cidade;*
- *8.4, em que o Senhor dirige-se ao seu povo como aqueles que destroem "os miseráveis da terra"; e*
- *8.6, que ecoa 2.6 em rememorar que Israel vangloria-se de comprar "os necessitados por um par de sapatos".*

Israel, em vez de demonstrar generosidade para suprir as necessidades dos pobres conforme o Senhor ordenara, aproveitava-se deles como se fossem objetos, e não irmãos (Êx 23.6; Dt 15.7,8,11; 24.14,15; Pv 14.31). O Senhor também prometera "levanta[r-se]" em resposta ao "gemido dos necessitados" (Sl 12.5).

No livro de Amós, o Senhor também critica as mulheres israelitas por oprimir os ***POBRES*** *(heb.* ***dal****, "impotentes, fracos, inferiores", Am 4.1) e a* ***casa de Israel*** *(5.1) por pisar os pobres e sobrecarregá-los de impostos (5.11). Ecoando, mais uma vez, 2.6, o Senhor condenou a vanglória dos israelitas de que poderiam "compra[r] os pobres por dinheiro" (8.6). Israel, por maltratar o pobre, estava tanto privando-se das promessas do Senhor de bênçãos pela generosidade (Sl 41.1; Pv 19.17; 22.9) quanto ignorando os seus alertas contra a opressão (Pv 21.13; 22.16,22; 28.3; 29.7). Além disso, o desprezo de Israel pelos "pobres", conforme descrito em 2.7, refletia o oposto da disposição de Deus em relação a eles: "Levanta o pobre do pó e, desde o esterco, exalta o necessitado" (1Sm 2.8; Sl 113.7). De modo similar, "perverte[r] [NVI, heb.* ***natah****, "pôr para fora do caminho", Am 2.7] o caminho dos* ***MANSOS****" (heb.* ***'anah****, "afligidos, miseráveis") põe Israel na categoria dos perversos que "desviam [heb.* ***natah****] do caminho os necessitados" (Jo 24.4), em vez de tornarem o seu caráter semelhante ao do Senhor e o seu Messias (Sl 147.6; Is 11.4; 61.1).*

O Senhor, ao pôr a acusação contra Israel no fim, o ápice do seu discurso, tinha a intenção de que a descrição dos crimes de Israel contra o seu povo fosse ouvida como o pior de todos. As três ofensas específicas aumentam gradativamente em perversidade. Primeiro: Israel estava oprimindo o pobre. Segundo: estava **profana[ndo]** (heb. ***chalal***, "tratar como comum aquilo que é santo; deixar aberto, dar acesso àquilo que deveria permanecer separado", Am 2.7) o nome do Senhor com grave imoralidade. Terceiro: estava ostentando na adoração idólatra o que fora adquirido com fraude, infidelidade e traição (v. 8)

Alguns intérpretes, com relação à segunda acusação, presumem que a ***MOÇA*** *(heb.* ***na'arah****) refere-se a uma prostituta — ou uma prostituta do Templo empregada nos*

cultos de fertilidade que Israel abraçara, conforme sugerido pelo contexto religioso do versículo 8, ou uma prostituta comum. No entanto, a palavra hebraica na Escritura jamais tem esse sentido; antes, geralmente denota uma "moça" jovem em idade de casar, implicando com frequência uma "moça" solteira e "virgem". Em alguns contextos, a palavra também pode referir-se a uma "serva" ou "criada".

No contexto de Amós 2.6-8, a acusação de que um homem e o seu pai tiveram relações sexuais com a mesma prostituta parece improvável. O fato de que os dois **entra[ram] à mesma moça** (comprada legalmente, embora de forma injusta, para saldar as dívidas da família) faz mais sentido. Assim como o Senhor dera as suas instruções na Lei para o tratamento dos pobres, também especificou o tratamento justo dessas mulheres, tanto quando um homem escolhe-a para si quanto ele a escolhe para o seu filho. As regras incluíam até mesmo as obrigações do homem "se [...] tomar outra" mulher (Êx 21.7-11). Era impensável um pai e o seu filho usarem a mesma mulher a ponto de isso não ser mencionado em Êxodo. Uniões sexuais similares são claramente proibidas em Levítico 18.8 e 15 (Lv 20.11,12; Dt 21.10-14; 27.20) e aparecem em uma lista de práticas por meio das quais as nações circunvizinhas "se contaminaram" (Lv 18.24-30).

A terceira acusação envolvia as **roupas** e o **vinho** adquiridos de forma injusta e a adoração idólatra indicada pelos múltiplos altares (Am 2.8). Além disso, **o SENHOR** falou sobre a **casa de seus deuses** (2.6,8). Êxodo 22.26,27 proibia guardar "a veste do [s]eu próximo" tomada como "penhor" até depois do pôr do sol. Desobedecer a essa regra assinalava a exploração daqueles incapazes de pagar um empréstimo de imediato (Dt 24.17). A Lei também fez provisão para a imposição de coisas **empenhadas** — mas apenas como restituição, e não como penalidades arbitrárias ou meios de extorsão (Am 2.8; veja Êx 21.22; Dt 22.19). A ingestão de vinho associada com o lugar de adoração era algo estranho para a Lei do Senhor (Lv 10.9). O comportamento era ainda pior porque o que bebiam fora adquirido por meios ilegítimos.

2.9-16 A segunda parte do discurso consiste de duas seções identificadas como a **declara[ção]** (NVI; heb. ***ne'um***, "fala, aquilo que foi dito", vv. 11,16) do **SENHOR**, isto é, o que ele fala enfaticamente com a autoridade divina. À luz do que o Senhor fizera pelo seu povo, as ofensas deles foram elevadas à posição de traição cabal e seriam punidas. Israel existia só porque o Senhor expulsara os amorreus por causa da "injustiça" deles (Gn 15.16; Êx 3.8; 23.23). A relação da aliança de Israel com o Senhor

permanecia aberta, pois o Senhor continuou a falar por intermédio dos seus profetas e a chamar **nazireus** para modelar a santidade radical demonstrada na sua abstinência de **vinho** (Am 2.11,12; Nm 6; veja a tabela, "O voto de nazireu", p. 453, Vol. I). No entanto, Israel, em vez de gratidão e obediência, disse ao Senhor para parar de falar com a nação por intermédio de palavras (pelos **profetas**; Is 30.10,11) ou do testemunho da vida santa (pelos **nazireus**, Am 2.12). **Eis que** (heb. ***hinnēh***, "veja") marca o anúncio do julgamento de Deus (vv. 13-16), designado para vir **naquele dia**, um dia futuro da escolha do Senhor (v. 16; Is 17.4-11; Sf 1.9).

As Palavras de Alerta e Angústia (3.1—6.14)

A Quebra da Aliança (3.1-15)

Nessa seção, o profeta amplifica a "palavra que o SENHOR fala contra" Israel ao exortar o povo a "ouvi[r]" as três palavras de alerta e o anúncio de infortúnio (3.1; 4.1; 5.1,18; 6.1). Uma compreensão geral do capítulo 3 é possível se imaginarmos uma cena em um tribunal em que uma ação judicial é apresentada contra Israel.

3.1-10 O Senhor, ao dirigir-se aos israelitas como o povo que Ele **fez subir da terra do Egito**, enfatiza a obra redentora de resgatar o povo de Israel da escravidão e de forjar uma aliança com eles (v. 1). A singularidade desse relacionamento entre Deus e o seu povo (Dt 7.6; 10.15; 14.2) é implicitamente comparada ao relacionamento matrimonial: **somente conheci** vocês (Am 3.2; Os 13.4,5). Os israelitas, por Deus ter-se revelado a Israel e por intermédio deles, tinham mais responsabilidade em relação às suas **injustiças** do que as nações pagãs circunvizinhas e, portanto, seriam punidos de acordo com isso (Am 3.2).

O Senhor faz sete perguntas retóricas, ilustrando a improbabilidade de certos eventos se algo não tivesse acontecido anteriormente (vv. 3-8). Os relacionamentos descritos não são tanto de causa e efeito, como o são de ação e resultado. A afirmação enfática do versículo 7 deixa claro essa conexão: quando o Senhor escolhe agir em Israel, Ele revela os seus planos aos seus profetas, como fizera com Amós. As duas últimas perguntas impelem os leitores a ouvir e aplicar o que ouviram. O Senhor **falou** e transmitiu uma mensagem assustadora (v. 8).

O Senhor clamou contra a impiedade do seu povo ao reunir os inimigos deles para virem ver por si mesmos o que estava acontecendo no Reino do Norte de Israel, representado pela sua capital, **Samaria** (v. 9). **Asdode** era uma das cinco principais cidades dos filisteus, localizada na costa do mar Mediterrâneo. Ser posto em exibição diante dos seus inimigos — os filisteus e o **Egito** — representava o cúmulo do embaraço para os israelitas (v. 9; Ez 22.1-5).

*O termo **ALVOROÇOS** (heb. **mehumah**, "perturbação, tumulto, confusão", Am 3.9) aparece apenas doze vezes no Antigo Testamento. É usado duas vezes no relato da "grande vexação" que se instalou entre os filisteus quando capturaram a Arca da Aliança (1Sm 5.9,11) e uma vez no relato do "grande tumulto" entre os filisteus lutando uns contra os outros, o evento por meio do qual "livrou o SENHOR a Israel naquele dia" (1Sm 14.20,23; Zc 14.13). O uso da palavra **mehumah** traria à lembrança não só esses dois episódios do julgamento de Deus sobre os inimigos de Israel, mas também a promessa do Senhor feita na aliança de que expulsaria essas nações. Se Israel obedecesse ao Senhor, Ele "as entregará [as nações pagãs] a vocês, lançando-as em grande confusão [heb. **mehumah**], até que sejam destruídas" (Dt 7.23; NVI). Contudo, se Israel abandonasse o Senhor, Ele enviaria contra o seu povo "a maldição, a turbação [heb. **mehumah**] e a perdição [...] até que [...] [fosse] destruído" (Dt 28.20). Descrever a condição de Samaria com esse termo salientava o que "Samaria" merecia e que já estava experimentando o julgamento de Deus.*

Todavia, todos esses alertas aconteceram no contexto de um relacionamento. O Senhor não abandonara o seu povo. Os alertas eram para dar a eles uma oportunidade para o arrependimento a fim de evitar o julgamento terrível profetizado.

3.11-15 O Senhor, após deixar muitíssimo evidente a culpa de Israel, anunciou o julgamento contra a **terra** (v. 11), o povo (v. 12), **os altares de Betel** (v. 14) e as belas casas construídas pelos ricos (v. 15). A terra ficaria cercada por **um inimigo**, atacando de modo bem-sucedido as defesas materiais das quais dependia Israel, em vez de depender do Senhor (v. 11), destruindo os locais de adoração de ídolos sobre os quais Israel apoiava-se no lugar do Senhor (v. 14) e demolindo os confortos materiais e luxuosos que os israelitas preferiam, em vez de obedecer ao Senhor (v. 15). Apenas um remanescente do povo sobreviveria (v. 12).

A Falha em Arrepender-se (4.1-13)

4.1,2a A ordem **Ouvi esta palavra** (3.1; 4.1; 5.1) indica o início de uma nova seção que começa apontando as mulheres ricas que (v. 1):

- **oprim[em]** [heb. ***'ashaq***, "tratar injustamente, explorar financeiramente", usado apenas aqui em Amós; Dt 24.14; Pv 14.31; 22.16; Ez 22.29] **os pobres**;
- **quebranta[m]** [heb. ***ratsats***, "quebrar, quebrantar", usado apenas aqui em Amós; figurativamente, "oprimir, tratar com violência"; Dt 28.33; Is 58.6] **os necessitados**; e
- convidam os **seus senhores** (heb. ***'adon***, em geral "senhor, mestre", aqui se refere a maridos, mas Gn 18.12; Jz 19.26; Sl 45.12) para trazerem as bebidas desejadas e virem **beb[er]** com elas, tornando as mulheres cúmplices dos homens de Israel na sua busca de prazeres pessoais à custa dos pobres.

Todos os três verbos — "oprimi[r]", "quebranta[r]" e "dize[r]" — estão no particípio ativo, indicando ações contínuas ou habituais; isto é, elas eram características dessas mulheres, aqui denominadas de **vacas de Basã** (Am 4.1; Is 32.9).

A metáfora **vacas de Basã** traria à lembrança o gado bem alimentado e bem tratado da região de Basã com vegetação viçosa e exuberante, localizada a norte do rio Jarmuque e a leste e nordeste do mar da Galileia (Am 4.1; Dt 32.14; Ez 39.18). Em comparação, certas mulheres de Samaria desfrutavam de um estilo de vida despreocupado e bastante rico. A imagem também pode descrever figurativamente a adoração de uma vaca por Israel, a contraparte fêmea de Baal, representado pelo poder e fertilidade do touro. O uso incomum da palavra ***'adon*** (heb. "senhor, mestre") para "marido" funciona como um jogo de palavras contrastando os homens apóstatas ("senhores") cuidando das suas esposas e **o Senhor JEOVÁ** [heb. ***'Adonay***] que **jurou [...] pela sua santidade** julgar os dois (Am 4.2; Sl 89.35).

4.2b-5 O Senhor, após especificar os crimes das mulheres ricas de Samaria, anunciou o resultado do que poderiam esperar acontecer. Cada mulher, **uma após outra**, seria responsabilizada (v. 3). É provável que os versículos 2 e 3 descrevam profeticamente a conquista assíria de Samaria quando milhares de pessoas foram deportadas da cidade (2Rs 17.1-6). Os assírios eram notórios por levar os cativos com anzóis inseridos através do

nariz ou alguma outra parte da face. As dificuldades de tradução tornam árdua a interpretação de Amós 4.2. Se a metáfora do versículo 1 for estendida, então as mulheres são descritas sendo levadas em fila através das brechas no muro da cidade por onde os conquistadores entraram.

Se os "anzóis" devem ser entendidos como ganchos para o gado abatido ou ganchos nos quais os assírios eram conhecidos por empalar pessoas, então o versículo 2 descreve outro resultado. A tradução comum do verbo ***SAI[R]*** *(heb.* ***shalak****, "jogar fora, deixar cair", Am 4.3) pode indicar que os corpos das mulheres mortas seriam jogados fora da cidade ou deixados de lado ao longo da marcha para o norte ou ao fim dela.* **Hermom**, cuja localização é incerta, pode apenas denotar uma fortaleza ou palácio do rei assírio (v. 3).

Os versículos 2 e 3 constituem a primeira das sete seções pontuadas pelo lembrete de que cada uma delas é uma declaração do Senhor (**disse o SENHOR**; vv. 3,5; vv. 6,8-11; 2.9-16). Na segunda dessas seções, o Senhor chamou o povo sarcasticamente para **transgredi[r]** (heb. ***pasha'***, "revoltar-se, pecar, transgredir; separar-se de alguém ou romper com alguma pessoa, em especial quebrar uma aliança", 4.4) nos seus santuários pagãos. Jeroboão I, o primeiro rei do Reino do Norte de Israel, estabeleceu bezerros de ouro em **Betel** e Dã para prover locais de adoração que rivalizassem com a adoração do Senhor no Templo em Jerusalém (v. 4; veja 1Rs 12.26-30). **Gilgal** era o local onde Israel adorou pela primeira vez após cruzar o rio Jordão para entrar na Terra Prometida (Am 4.4; veja Js 4.1—5.10). Antes de o Senhor estabelecer a adoração exclusivamente no Templo em Jerusalém, os sacrifícios ao Senhor eram oferecidos ali (1Sm 7.15,16; 10.8; 11.14,15; 13.7-15; 15.21). No entanto, tanto Betel quanto Gilgal eram locais ilegítimos de adoração depois da construção do Templo (1Rs 3.2; 8.10,11; Dt 12.5,6; 10-14).

4.6-11 O capítulo 4 salienta a falha dos israelitas em arrepender-se da sua corrupção social e espiritual. Cada uma das cinco seções restantes marcada como uma declaração do Senhor ("disse o SENHOR") termina com o mesmo refrão — **contudo, não vos convertestes a mim** — mostrando a dureza de coração dos israelitas e a razão para o julgamento de Deus, com a descrição das formas de punição que o Senhor prometeu infligir em resposta à desobediência do Senhor. Israel, apesar da disciplina do Senhor, recusou-se a arrepender-se. Cada uma das tentativas do Senhor de persuadir Israel a voltar para si não foi bem-sucedida (Am 4.6-11), tornando inevitável o julgamento final.

4.12,13 Portanto, uma vez que o povo recusou-se a voltar para o seu Deus, então seria melhor apoiar a si mesmos para **encontrar[em-se] com** o seu **Deus**, cujo poder eles subestimaram em demasia (vv. 12,13; Êx 19.17). O Senhor afligira repetidas vezes Israel a fim de convencer essa nação a voltar para Ele. Israel deveria esperar o Senhor intensificar a punição e estar conscientes das consequências de desafiar o único Deus verdadeiro.

O povo cedeu à idolatria em múltiplos "altos" (e.g., 1Rs 13.32,33), mas *Deus* **pisa** [heb. ***darak***, "pisar, esmagar", um particípio ativo que indica ação em progresso; Mq 1.3] **os altos** [heb. ***bamah***, "os altos, cumes dos montes ou montanhas"] **da terra** — isto é, Ele é maior do que possamos imaginar. Ele está a caminho e sobrepuja todo e qualquer pretenso rival. Se houvesse alguma pergunta sobre a identidade desse Deus a quem Israel pertencia por direito, Ele declarou o seu nome: **SENHOR, o Deus dos Exércitos** (heb. ***tsava'***, "exército"), título que chama atenção para a sua invencibilidade e, por conseguinte, que sugere a loucura que é guerrear contra Ele.

A Escolha entre a Vida e a Morte (5.1-17)

5.1-3 A expressão **virgem de Israel** personifica a nação como uma jovem mulher que jamais foi fisicamente unida a um homem e, portanto, é ou pode ser prometida em casamento em pureza a um homem como a sua noiva. A imagem intensifica o sentido de angústia expresso com a **lamentação**, ou grito de tristeza, com a queda de alguém cheio de promessas e que jamais concretiza os frutos desse potencial (cp. 8.14). A descrição paralela — **desamparada está na sua terra** (heb. ***natash***, "ser humilhada"), totalmente sozinha e sem a menor possibilidade de receber alguma ajuda — enfatiza ainda mais a tragédia da recusa de Israel para retornar ao Senhor (Jr 14.17; 18.13; 31.21). O versículo 3 põe no foco a mensagem de que a destruição por forças militares deixaria Israel em um estado lamentável de perda.

5.4-17 A primeira metade do capítulo 5 contém o único chamado direto ao arrependimento no livro de Amós. Esse chamado, organizado em uma estrutura de quiasmo, cujo foco é o centro, chama a atenção do leitor para a principal ideia (veja "Gênero" na introdução ao livro de Rute). O foco é um hino ao Senhor:

(A) O lamento pela nação de Israel caída (vv. 1-3)
  (B) O apelo para buscar ao Senhor e viver (vv. 4-6)
    (C) As acusações contra Israel (vv. 7)
      (D) Hino ao Senhor (vv. 8,9)
    (C) As acusações contra Israel (vv. 10-13)
  (B) O apelo para buscar o bem e viver (vv. 14,15)
(A) A lamentação nas ruas (vv. 16,17)

O Senhor permaneceu no centro da existência de Israel, quer eles o reconhecessem, quer não. O julgamento de Israel seria rápido e certamente aconteceria (v. 9).

Antes dessa tragédia tornar-se uma realidade, o Senhor explicou ao seu povo a forma de escapar (cp. 1Co 10.13):

- **bus[quem]** (heb. ***darash***, literalmente "andar" por um caminho para, Am 5.4,6; veja o estudo da palavra, 2Cr 12.13-16; Sl 119.1-3) ao Senhor e o **bem**, em vez do mal (Am 5.14). Essa ordem está em todos os três casos ligados com o resultado — **vive[r]**, em vez de morrer (vv. 4,6,14; Dt 16.20; 30.16; Hb 11.6).
- **não busque[m]** [heb. ***darash***] **[...] nem venha[m] a [...] nem passe[m] a** quaisquer dos lugares ilegítimos de adoração, os quais serão todos eliminados pelo Senhor (Am 5.5,6). Apesar de os israelitas frequentarem **Berseba**, a cidade mais a sul de Judá, quando em peregrinação vindos do Reino do Norte (v. 5; cp. 8.14).

O versículo 7 afirma vividamente a visão sobre a injustiça de Israel. As duas palavras, **juízo** e **justiça**, eram usadas comumente para resumir a responsabilidade do rei para governar Israel de acordo com as demandas da aliança (2Sm 8.15; 1Rs 10.9; 1Cr 8.14; 2Cr 9.8). Juízo e justiça são atributos do Senhor e caracterizam as suas ações e expectativas (Sl 33.5; 89.14; 97.2; Jr 22.3). Transformar o ideal de administrar juízo em algo amargo e venenoso é o mesmo que **deita[r]** (heb. ***yanach***, "derrubar e abandonar", Am 5.7) por terra a justiça como algo sem valor, insultando, dessa forma, o Senhor. Os versículos 10-12 provêm ilustrações das práticas injustas de Israel e do juízo do Senhor para punir os opressores (v. 15).

CONVERTE[R] *(heb.* ***haphak****, "derrubar, destruir", 4.11; "converter, mudar", 5.7; 6.12; 8.10) é mudar algo do seu uso ou identidade pretendido no oposto. O Senhor acusou Israel de transformar a justiça e o juízo, aspectos nos quais se deleita o Senhor (Jr 9.24), em algo repugnante, na melhor das hipóteses, e mortal, na pior das hipóteses (Am 6.12; Dt 29.18). Israel, ao buscar os seus próprios caminhos, corrompeu os bons sistemas de governo que o Senhor estabelecera para tornar exemplar o tratamento do povo, de acordo com a sua lei, transformando-os em meios de opressão e extorsão. O pecado perverte os bons dons de Deus, transformando-os em propósitos malignos. O Senhor, em momento algum, abriu mão do seu poder soberano sobre Israel; antes, Ele "torn[ou]" as festas religiosas de Israel em ocasiões para o "luto" e as "lamentações", expondo os fins destrutivos das perversões do povo (8.10). Ele, mais tarde, restauraria o seu povo e tornaria as tristezas de cada um em alegria (veja Sl 30.11; Jr 31.13). Em Amós 5.8, o verbo mais uma vez salienta o poder e o controle soberanos do Senhor ao identificá-lo como aquEle que "torna [heb.* ***haphak****] a sombra da noite em manhã".*

Israel, ao aumentar os seus pecados, rejeitou quem falava a verdade ou proferia palavras de repreensão (Am 5.10). O povo escolheu persistir nas suas **transgressões**, e o Senhor, por conseguinte, frustraria os planos deles de desfrutar o que conseguiram por intermédio da opressão do **justo** e dos **necessitados** (vv. 11,12). Aqueles que reconhecem o que estava acontecendo **naquele tempo** (heb. ***'ēt***, v. 13) são tipicamente emudecidos, isto é, ficam tão aturdidos e pesarosos com a injustiça do povo e a sua recusa de prestar atenção à correção que não há mais nada a dizer.

No texto hebraico, ***TEMPO*** *(heb.* ***'ēt****) é a mesma palavra usada no versículo 13. Mais literalmente, "o tempo será mau" (heb.* ***ra'****, "mau, perverso, infeliz"). Como aqui, a frase tem o mesmo sentido que em Jeremias 2.27,28 e 11.12, que observa que o povo de Deus clamou ao Senhor pedindo ajuda (Ec 9.12) só "no tempo do seu aperto" (heb.* ***ra'****), os "retos [...] não serão envergonhados" (Sl 37.18,19).*

Amós 5.16 predisse um luto generalizado por causa da descrição da perda avassaladora de vidas (Am 5.3). Haveria **pranto** em todos os lugares — nas cidades, nas áreas rurais, nas vinhas, **em todas** (heb. ***be-kol***, palavra hebraica repetida três vezes, vv. 16,17) as partes da nação. *O contexto militar continua tanto no anúncio elaborado daquele que fala — "o Senhor, Deus dos Exércitos [heb.* ***tsava'****, "exército"], o Senhor" (v. 16) — quanto no seu plano de* ***PASSA[R] PELO MEIO*** *(heb.* ***'avar****, "passar ou marchar sobre, atravessar" com* ***qerev****, "meio, interior", juntos denotam "passar sobre ou através, atravessar", v. 17) do povo. O movimento do Senhor através de Israel pode ser comparável àquele dos oficiais militares que "atravessaram" o acampamento israelita nos dias das suas conquistas, ordenando-lhes*

a ficar prontos para a batalha (Js 1.11; 3.2). Embora sem ***qerev****, o verbo* ***'avar*** *aparece, de modo relevante, na descrição do movimento do Senhor através do Egito para "feri[r] todo primogênito" (Êx 12.12). Assim como aconteceu no Egito, também o lamento pela destruição por vir seria uma ação de Deus.* O julgamento seria certo pelo fato de ele falar — **diz o SENHOR** (Am 5.17; v. 27).

A Angústia para Sião (5.18—6.14)

O Senhor, tendo apelado a Israel para que se arrependesse, pronunciou duas calamidades. O povo não tinha a menor ideia do quanto se tornara infeliz e desventurado. O povo confiava na sua demonstração externa de religiosidade (5.21-27), na riqueza material (6.1,4-6) e no poderio militar (6.13). No entanto, a nação de Israel estava enganando a si mesma. Amós 5.18-27 revela a verdade sobre as falsas crenças.

5.18-20 O povo de Israel **deseja[r]** [heb. **'awah**, "ter um desejo muito forte", v. 18; geralmente denotando desejo ardente ou "cobiça" (Sl 106.14) ou tendo o sentido de "cobiça[r]" (Dt 5.21)] **o dia do SENHOR** tinha o sentido de estar ávido pelo julgamento de Deus sobre todas as outras nações e pela exaltação do seu povo escolhido (Am 5.18; cp. Ob 5). Aqui, o Senhor aniquila essas expectativas. Ele fez uma pergunta à qual deram a resposta errada (Am 5.18b). O Senhor, corrigindo a noção deles, esclareceu: **O que pensam vocês** (NVI) — isto é, Israel, "o dia do SENHOR" não faria brilhar um facho de luz sobre o lugar de privilégio deles, mas significaria, por assim dizer, "Luzes apagadas!" sobre a complacência e autoindulgência deles (vv. 18-20; cp. 6.1-6). As ondas de julgamento seriam implacáveis e inescapáveis (5.19,20).

5.21-27 Deus, com linguagem forte, denunciou e rejeitou as práticas religiosas vazias do seu povo, chamando por **juízo** e **justiça** (v. 24; cp. 15 e comentários sobre o v. 7; Mt 23.14,23,25). O Senhor salientou que os **sacrifícios e oblações** deles, embora apresentados a Ele, não poderiam igualar-se a guardar a sua aliança enquanto carregavam ídolos por aí. AquEle que criou as estrelas (Am 5.8) não poderia permitir que o seu povo adorasse os seus **deuses austrais** (NVI) — a saber **Sicute** (NVI; divindade astral mesopotâmica) e **Quium** (NVI; outro ídolo associado com Saturno) — e permanecesse na terra que lhes foi dada por Ele (vv. 26,27).

6.1-7 O Senhor elaborou sobre a razão por que Israel seria levada **em cativeiro** no exílio (v. 7), citando a arrogância de Judá (**Sião**, i.e.,

Jerusalém) e Israel (**Samaria**, a capital do Reino do Norte, v. 1). A acusação de "repousa[rem]" (heb. ***sha'anan***, "arrogante, complacente", v. 1) foi direcionada especificamente para as mulheres de Judá (veja Is 32.9,11), fazendo paralelo com a palavra "seguros" (heb. ***batach***, "confiar, pôr a esperança e confiança em"). O povo de Deus, em vez de obedecer ao Senhor, tomou por certo que a prosperidade e prestígio que desfrutavam sem levar a sério as consequências de viver em desobediência.

Calné (Gn 10.10; "Calno", Is 10.9) e **Hamate** eram cidades fortificadas na Síria (Am 6.2). Essas cidades, **Gate** e, por fim, Samaria, foram todas conquistadas pelos assírios; Israel não era **melho[r] que estes reinos** quando o julgamento de Deus foi necessário (v. 2).

6.8-14 O Senhor, pelas injustiças já mencionadas e descritas, declarou em termos ainda mais severos e jurou **por sua alma** que **entregar[ia]** (heb. ***sagar***, "entregar ao poder de outro", v. 8; Dt 32.30; Lm 2.7) Samaria. Assim como o Senhor anunciou sete vezes concernentes às seis nações inimigas e Judá — que destruiria os "palácios" deles (1.4,7,10,12,14; 2.2,5) —, aqui Ele liga a sua disposição em relação à **soberba de Jacó** com a sua oposição aos **palácios** (heb. ***'armon***, "fortaleza, palácio", i.e., lugar que é "alto ou elevado", tanto no aspecto físico quanto no sentido figurado em termos de atitude, 6.8) de Israel.

O versículo 9 provê um retrato da devastação prevista no versículo 3, bem como o temor de fazer menção ao **nome do SENHOR** depois de punir severamente o seu povo (vv. 10,11; cp. 8.2). A resposta subentendida à pergunta retórica de 6.12 é: "É claro que não!". O que Israel fizera unido à sua arrogância de afirmar ter sido bem-sucedida pela sua própria **força** era igualmente inconcebível (vv. 12,13). O que o Senhor faria em resposta seria abrangente, alcançando as fronteiras de Israel (v. 14; 2Rs 14.25,28).

As Visões do Julgamento e da Salvação (7.1—9.15)

O Senhor Poupou (7.1-6)

7.1-6 Nessa terceira e última seção do livro, Amós descreve cinco visões que demonstram o julgamento do Senhor. A graça e a misericórdia foram demonstradas a Israel no passado, mas a rebelião deles chegara ao seu limite, e o julgamento era iminente. Essas primeiras duas visões revelaram que o Senhor, embora certamente julgaria o seu povo, não estava disposto a

destruí-los completamente. Na primeira visão, o **Senhor JEOVÁ** fez Amós **ver** um enxame de **gafanhotos** devorando o suprimento de alimentos na terra (vv. 1,2).

ARREPENDEU *(heb.* ***nacham****, "lamento, pesar" — porque as próprias ações causam sofrimento em outros", vv. 3,6) é algumas vezes traduzido por "mudou de ideia" (e.g., NAA; NTLH). Quando Deus é o sujeito, o verbo transmite a sua compaixão pelo sofrimento desnecessário do seu povo e a sua tristeza em relação às consequências que recaem sobre um homem que escolheu o pecado, incluindo as consequências resultantes sobre o bem intencionado por Deus ("ficou triste" [NAA], Gn 6.6,7; 1Sm 15.11,35; "tinha misericórdia" [NVI], Jz 2.18; "aplaca-te", Sl 90.13; 135.14; "arrependerá", Sl 110.4). O Senhor, dando ouvidos ao pedido de Amós concernente à extensão do sofrimento que a sua punição traria, refreou-se de enviar uma fome e seca devastadoras (Am 7.2,3,5,6; 2Sm 24.16; 1Cr 21.15; Sl 106.45; Jr 4.28; 26.3,13,19; 42.10; Ez 24.14; Jl 2.13,14; Jn 3.9,10; 4.2; Zc 8.14; veja o estudo da palavra, Êx 32.14).* Embora a força política e econômica de Amós estivesse no seu ápice, Amós argumentou que "Jacó [...] é pequeno", isto é, incapaz de resistir ao julgamento de Deus.

Na segunda visão, Deus mostrou ao profeta que **contender[ia]** [heb. ***riv***, "contender ou lutar", quer literalmente lutar contra, quer apresentar uma causa no tribunal] **por meio do fogo** que **consumi[ria]** toda a água da terra (Am 7.4; cp. Is 66.16). O Senhor respondeu mais uma vez à oração de Amós para **cessa[r]** (Am 7.5).

O relacionamento íntimo entre o profeta e Deus fica em foco, relacionamento este que beneficia o povo de Deus. O profeta intercedeu pelo povo, e Deus arrependeu-se e demonstrou misericórdia. Nos julgamentos que levaram à acusação de Israel, o Senhor anunciou a sua recusa em "arrepende[r-se]" junto com a sua decisão de enviar "fogo" contra Judá (2.4-8). O Senhor deu ao profeta uma oportunidade para demonstrar a sua relutância de ameaçar a sobrevivência de Jacó e a sua disposição para ouvi-lo e demonstrar misericórdia (7.2,5).

O Senhor não mais os Poupará (7.7—8.14)

7.7-9 Em contraste com as duas primeiras visões, Deus **mostrou** a Amós duas visões que revelavam o julgamento que não voltaria atrás (7.7-9; 8.1-3). O Senhor destruiria especificamente os lugares de adoração ilícita no Reino do Norte e aniquilaria a dinastia do Jeroboão II, oprimindo o povo.

A primeira visão envolvia um **prumo**, um instrumento do construtor para checar o alinhamento de um muro (7.7,8). Um prumo consistia de um peso de metal ou pedra preso na extremidade de uma linha. Quando suspenso do topo de uma construção, tornava visível a linha perpendicular do solo para cima. O uso de um prumo, por conseguinte, mostraria os muros tortos que precisavam ser substituídos. Nessa visão, Israel fora testado e estava em falta (v. 7). Misericórdia não era mais uma opção (v. 8). O reino de Jeroboão seria destruído (v. 9).

7.10-17 A profecia concernente à queda do rei Jeroboão estimulou **Amazias, o sacerdote de Betel,** a alertar o rei e, depois, confrontar Amós (vv. 10,11). Amazias ordenou Amós a voltar a Judá para ganhar a sua vida profetizando ali. A rejeição de Amós pelo Reino do Norte de Israel é central ao livro. Amós revelou de modo consistente o desprazer do Senhor com as práticas religiosas de Israel. Amós apontou, no entanto, que ele não escolheu ser profeta, mas recebeu um chamado direto do próprio Senhor.

Ao contrário, Amós trabalhava não só como um pastor, ou boieiro, mas também como ***CULTIVADOR*** *(heb.* ***balas****, "aquele que reúne, colhe, cultiva", v. 14) de sicômoros, provavelmente* Ficus sycomorus*, que é cultivado originalmente no Egito e África central. Na tradução grega do Antigo Testamento (Septuaginta ou LXX), Amós era aquele que "fura" (gr.* ***knizōn****) o fruto do sicômoro, provavelmente se referindo à prática antiga de cortar ou talhar os figos enquanto ainda estão duros e verdes. Esse procedimento libera o hormônio da planta que induz a um amadurecimento mais rápido do fruto, tornando-o mais suculento.*

Amós, em contraste contundente com as instruções de Amazias (vv. 12,13,16), incitou o falso profeta a **ouv[ir] a palavra do SENHOR** (v. 16). Amós, assim como Pedro e João no Novo Testamento, recusou-se a silenciar (vv. 15,17; At 4.18-20). Amazias não tinha poder para proibir o profeta de Deus de falar ou impedir que as suas profecias fossem cumpridas. Independentemente do que ele achava sobre as profecias de Amós, o **cativeiro** de Israel, quando este fosse levado para fora da sua terra, era certo (Am 7.11,17; 5.5; 6.7). Além disso, o falso sacerdote, por tentar contender contra o Senhor, em vez de servir o verdadeiro Deus com fidelidade, renunciou à proteção divina da sua família, posses e herança (**terra**), bem como da sua vida (7.17).

8.1-10 A visão de **um cesto de frutos do verão**, como a visão do prumo, significava que Israel não mais seria poupada, chegara o seu **fim** (v. 2). *Os* ***FRUTOS DO VERÃO*** *(heb.* ***qayits****, "colheita", i.e., apanhar, os frutos",*

em especial os figos e uvas, vv. 1,2; Mq 7.1) representava o "fim" (heb. ***qēts****, com referência especial ao "tempo da destruição" de um povo, Am 8.2; Ez 7.1-4) da estação. O som similar dessas duas palavras provavelmente reforça a mensagem da visão para a audiência imediata do profeta.*

Amós 8.2,3 enfatiza que Amós não falava pela sua própria iniciativa. A explicação da visão é apresentada como aquilo que **o SENHOR disse** a Amós (Am 8.2), e a frase **diz o Senhor JEOVÁ** é inserida no anúncio do "fim" de Israel (v. 3; vv. 9,11). **[A]quele dia** traria a reversão dramática das buscas desobedientes de Israel. A alegria da adoração ilícita (cp. 5.23) **tornar[-se-ia] lamentos** (heb. ***yalal***, "clamor, lamento, grito", 8.3; v. 10; Is 13.6; Jr 4.8; Jl 1.5,11,13); a nação na qual o povo de Deus viveu segundo os seus próprios termos, em vez de viver de acordo com os termos de Deus, tornar-se-ia um cenário de carnificina; as respostas malcriadas (e.g., Am 7.10-13) cessariam ao comando de Deus (8.3).

Em contextos como Amós 8.4, a palavra ***PISAM*** *(NVI; heb.* ***sha'aph****, literalmente "respirar com dificuldade, ofegar", sugerindo desejo ardente ou apressado por algo) descreve não só a noção figurativa de "andar sobre" alguém de posição inferior ou, conforme nossa expressão, pisar em alguém como se fosse um "trapo sujo". O verbo caracteriza mais fortemente a busca esbaforida do "necessitado" em termos de um animal com sede de sangue perseguindo a sua presa (Sl 56.1,2; 57.3; Ez 36.3).*

As necessidades deles eram tão repulsivas que **a terra** arfaria, e o lamento visitaria os israelitas de todas as posições sociais (Am 8.7). O **luto** por vir **naquele dia** de julgamento seria a evidência da autoridade suprema do Senhor sobre a vida deles (vv. 9,10).

8.11-14 O pesar incomensurável por vir seria acrescido pela futura **fome [...] de ouvir as palavras do SENHOR** (v. 11). O povo de Deus perceberia que não poderia abrir mão do que ignorara e tratara como dispensáveis. Tragicamente, no entanto, esse senso apropriado de desespero para ter o que sustém a vida viria muito tarde para beneficiar até mesmo as gerações mais jovens que, tipicamente, têm a melhor chance de sobrevivência na crise como a fome, porque se comprometeram com o **delito de Samaria** e adoraram os deuses pagãos sem vida em **Dã** e **Berseba** (v. 14). Eles **desmaiarão** [heb. ***'alaph***, definhar, enfraquecer"; cp. Is 51.20; Jn 4.8] **de sede** e morrerão (Am 8.13,14; Ne 9.15,20; Jo 4.10-15; Ap 21.6).

O Senhor não Poupará ninguém (9.1-6)

9.1-6 Amós, em cada uma das quatro visões anteriores, relatou que Deus mostrara-lhe algo. Nessa quinta visão, no entanto, Amós **vi[u] o Senhor, que estava em pé sobre o altar** e comandava a total destruição do Templo e do povo, começando com o lugar da ofensa fundamental de Israel contra o Senhor — a adoração de outros deuses em outros lugares que não Jerusalém (v. 1). Deus, conforme prometido, perseguiria o povo e iria caçá-los onde quer que tentassem escapar ou se esconder (vv. 1-4; cp. 5.19; Sl 139.7-10). Conforme o Senhor declarou em Amós 8.8 — por causa dos pecados de Israel, a terra se "levantar[ia] toda como o grande rio" e "tremer[ia]" (NVI) e "chorar[ia] todo aquele que habita nela" —, ele reiterou a sua soberania sobre a terra e afundaria "como o rio do Egito" e faria com que a terra fosse derretida de modo que **todos os que habitam nela chorar[iam]** (Am 9.5). Quando o Senhor, o Criador e governante soberano de tudo, agir em julgamento conforme profetizado, tentar esconder-se dEle seria em vão (v. 6; Is 24.18). Só esse Deus tem o nome da aliança, **SENHOR** (Am 9.6; Êx 3.14,15).

O Senhor Restaurará o seu Povo (9.7-15)

À luz do julgamento por vir, havia alguma esperança para Israel? A resposta foi um sonoro sim! A resposta tem três partes essenciais:

- Deus testificou da sua autoridade absoluta para destruir a nação por causa da sua rebelião contra a aliança (vv. 7,8).
- O julgamento seria um processo de peneiração. O resultado desse processo seria que um remanescente justo seria salvo (vv. 9,10).
- A salvação seria derradeiramente efetuada pela restauração da "tenda [heb. ***sukkah***, "abrigo temporário, tenda, Tabernáculo", v. 11] de Davi" (9.11-15).

9.7-10 O Senhor, dirigindo-se aos **filhos de Israel**, fez duas perguntas retóricas ao povo. À primeira, a resposta implícita é: "Sim, para o Senhor, Jeová, somos como os etíopes", isto é, estavam em pé de igualdade com essa nação gentia, em vez de ter a proteção especial de Iavé. Esse ponto é enfatizado ainda na segunda pergunta, cuja resposta implícita é: "Sim, o

Senhor não só trouxe Israel **da terra do Egito**, como também trouxe à existência os arqui-inimigos de Israel" (v. 7). Israel, por conseguinte, não é melhor que as outras nações aos olhos de Deus (v. 7; cp. 6.2,13,14). O **reino pecador** parece referir-se coletivamente às nações gentias que Deus **destruir[á]**, um grupo a que os israelitas deveriam pertencer por causa da sua rebelião (9.8).

Embora Israel não merecesse, o Senhor prometeu que Ele **não destruir[ia] de todo** o povo (v. 8). A metáfora de sacudir como se faz com o grão no **crivo** ilustra de modo vívido o plano de Deus (v. 9). A peneira, de início, conteria todos os israelitas. **Todos os pecadores** contando com a sua identidade de pertencer ao povo escolhido de Deus para garantir a sua proteção contra o **mal**, o desastre prestes a abater-se sobre eles, mesmo sem andar em obediência à aliança, **cair[iam] na terra**, isto é, **morrer[iam] à espada** (vv. 9,10). No entanto, nem **um só grão** — isto é, nenhum israelita fiel à aliança — seria perdido. Nessa peneiração, o que passasse seria o que normalmente tinha valor, em vez das pedrinhas retidas na peneira. Contudo, a principal comparação não é entre os israelitas e o que restou na peneira, mas, sim, entre o Senhor sacudindo figurativamente os israelitas e a peneira chacoalhando de cá para lá.

9.11,12 A expressão **naquele dia**, três vezes antes no livro de Amós, referia-se ao dia iminente do julgamento (8.3,9,13). Aqui, a frase marca o período de restauração após o julgamento. Assim como o Senhor insistiu que o que se abateria sobre Israel, embora por intermédio de outras nações, era obra sua, Ele também faria a restauração.

9.13-15 Em contraste com os horrores da destruição merecida de Israel, o futuro traria abundância imerecida ainda maior. Na imagem exagerada, chega o tempo para **o que lavra** e o **que lança a semente** começarem o seu trabalho antes mesmo que aqueles que segam e processam a colheita sejam capazes de cuidar da superabundância produzida na estação anterior. A produção de uvas, uma imagem compartilhada pelo profeta Joel, excederia em muito as expectativas a ponto de alguém chegar a afirmar que os **montes** e os **outeiros** destilam **mosto**, vinho novo (Jl 3.18).

No Novo Testamento, Tiago (provavelmente o meio-irmão de Jesus e líder da Igreja de Jerusalém) citou os versículos 11 e 12 no seu argumento contra crer que os gentios não poderiam ser salvos sem a circuncisão, isto é, sem antes se tornarem judeus. Tiago interpretou esses versículos como evidência da concordância dos profetas de

que o Senhor Deus tirara os judeus de entre os gentios como "um povo para o seu nome" e chamou "o resto dos homens" (Edom) pelo seu nome (At 15.13-21).

Deus mesmo restauraria o seu povo — **tornarei a levantar as suas ruínas, e a edificarei como nos dias da antiguidade** —, capacitando-os mais uma vez a reconstruir as cidades, a plantar **vinhas** e a fazer **pomares**. Haveria abundância de alimento e bebida na terra, e eles **não ser[iam] mais arrancados da sua terra**. *O verbo* ***ARRANCADOS*** *(heb.* ***natash****) denota literalmente a ação de puxar, arrancar ou tirar as ervas daninhas do solo. Figurativamente, por conseguinte, a palavra transmite com mais frequência a promessa do Senhor de "expelir" ou "destruir" Israel pela sua desobediência (e.g., Dt 29.28; 1Rs 14.15; 2Cr 7.20; Jr 12.14-17; 45.4; Mq 5.14). O sentido de permanência transmitido na promessa de Deus de que jamais removeria pela força o seu povo da terra é ecoada nas promessas da nova aliança encontrada em Jeremias 31.31-34 e Ezequiel 11.18,19.*

A passagem apresenta duas afirmações enfáticas da absoluta certeza de que as profecias são verdadeiras. A primeira: Ele — isto é, o Senhor — fará o que disse que faria (Am 9.12). A segunda: o livro termina com a afirmação final e apropriada de garantia de que Deus, o Senhor, permaneceria fiel ao seu compromisso da aliança com o seu povo, tanto naquela época quanto para todo o sempre: **diz o SENHOR** [o nome de Deus na aliança]**, teu Deus** (v. 15).

BIBLIOGRAFIA

Finley, Thomas. *Joel, Amos, Obadiah*. The Wycliffe Exegetical Commentary. Chicago: Moody, 1990.

Gaebelein, Frank E. *Four Minor Prophets*. Chicago: Moody, 1970.

* Henderson, E. The *Twelve Minor Prophets*. Grand Rapids: Baker, 1980.

* Para estudos avançados.

OBADIAS

INTRODUÇÃO

Obadias é o livro mais curto do Antigo Testamento, provavelmente o livro menos lido e, talvez, o menos entendido da Escritura. O livro, à primeira vista, parece apenas detalhar o julgamento de Deus contra Edom, o vizinho hostil de Judá do outro lado do mar Morto, pela sua participação na queda de Judá. Contudo, embaixo das muitas camadas de vocabulário referente a julgamento, está a promessa de restauração e esperança para o povo de Deus. Obadias, como um participante na longa tradição profética do Antigo Testamento, testifica da mão estendida de Deus muito além das fronteiras de Israel. Essa verdade pode trazer terror para os que se opõem a Deus e também dar grande conforto para os que confiam nEle.

Edom, bem estabelecida nessa região por volta do século XIII a.C., ficava na região em torno do monte Seir. As relações entre as duas nações, desde a subjugação de Edom pelo rei Davi, eram hostis. Levanta-se a questão de quando na história de Edom a palavra de Obadias foi cumprida. Edom, a despeito dos períodos de subjugação a Judá, cuja evidência substancial afirma ter sido por volta de 594 a.C., foi uma monarquia que fornecia algum refúgio para os refugiados de Judá. Enquanto Amom, Moabe e Judá foram todas subjugadas por Nabucodonosor, não há nenhuma referência a Edom, o que sugere que eles podem ter levado a advertência de Jeremias para que se submetessem a sério (Jr 27.6,7). A continuação da existência de Edom no século VI é atestada por escavações em Eziom-Geber.

No entanto, Petra, em 312 a.C., foi ocupada pelos nabateus, uma tribo árabe que invadira a terra. Amom e Moabe são mencionadas como inimigas de Judá no tempo de Neemias, mas Edom não é mencionada. Em

Eziom-Geber, os nomes árabes substituíram os nomes edomitas nesse local no século XV a.C., controlado pelos árabes durante o período persa. Por conseguinte, é possível assumir que a destruição de Edom aconteceu em algum momento da segunda parte do século VI a.C. Essa datação é apoiada por Malaquias, que descreve as montanhas de Esaú como terra desolada. Nabonido (556-539), o último governante babilônico, foi supostamente responsável pela destruição de Edom.[1]

TÍTULO

O título é associado tradicionalmente com Obadias, o profeta a quem a visão do livro é atribuída.

CENÁRIO

A estrutura de Obadias gira em torno da seção central do livro (Ob 10-14), à qual duas outras seções correspondem de forma estreita, porém de maneiras levemente diferentes. Esaú é substituído por Jacó em um destino idêntico ao que ele trouxe a Jacó (vv. 1-9); os papeis manifestos nos versículos 10-14 são completamente revertidos (vv. 11-15)..

Em Obadias, a teologia do julgamento tem dois aspectos: o agressor colheria o que plantou, e o inocente seria exaltado sobre os seus agressores. A punição para o perverso e a restauração para o inocente são necessárias na justiça.[2]

O profeta Obadias, ministrando em Judá durante a grande sublevação política no século VI a.C., tem uma mensagem dupla: o julgamento de Deus sobre Edom e as futuras bênçãos de Deus sobre o seu povo.

GÊNERO

Obadias é uma literatura profética com um oráculo do julgamento por vir e uma mensagem pungente de esperança.

AUTOR

O nome Obadias (heb., "servo ou adorador do Senhor") é atribuído a mais de doze indivíduos mencionados no Antigo Testamento (1Rs 18.3-16; 1Cr 7.3; 8.38; 9.16,44; 2Cr 17.7; 34.12; Ed 8.9; Ne 10.5; 12.25). No entanto,

nem a evidência externa nem a interna identificam o autor de forma positiva com qualquer um desses. Não há nenhum detalhe da vida do profeta associado a esse livro.

DATA

Nenhuma data específica é fornecida no texto. No entanto, a evidência externa, junto com outras referências no Antigo Testamento, sugere uma data aproximada. Obadias menciona um ataque a Jerusalém. Vários ataques são mencionados no Antigo Testamento, incluindo os de Sisaque, rei do Egito (925 a.C.; 1Rs 14.25,26; 2Cr 12.2-9); o dos filisteus durante o reinado de Jeorão (850 a.C.; 2Cr 21.8-10,16,17); o de Jeoás, rei de Israel (790 a.C.; 2Cr 25); e o de Nabucodonosor, rei da Babilônia (586 a.C.; 2Rs 25.1,2). Edom participou com Nabucodonosor no ataque a Jerusalém em 586 a.C., saqueando a cidade e impedindo as pessoas de fugir (Sl 137.7; Lm 4.21,22; Ez 35.1-15). Por essa razão, muitos datariam Obadias depois da destruição de Jerusalém em 586 a.C. e antes da queda da Babilônia para Ciro em 539 a.C.

DESTINATÁRIOS

O autor não menciona a sua audiência, mas a mensagem provavelmente é para os que experimentavam a ira e a oposição dos edomitas durante o conflito de Judá com Nabucodonosor, rei da Babilônia. A profecia é em resposta a um tempo em que Jerusalém foi saqueada pelos seus inimigos e em que Edom colaborava com os inimigos de Jerusalém.

PRINCIPAIS TEMAS

Alguns estudiosos afirmam que o livro de Obadias tem pouco valor teológico, o que é possível se focarmos *apenas* a mensagem mais óbvia contra os edomitas. Contudo, ricas percepções teológicas estão encrustadas nos temas principais do livro. Primeiro, Edom é representativo de todos os que se opõem ao Senhor, conforme mostrado pela mudança no foco principal só de Edom para Edom e toda a nação (Ob 15-21). A falsidade de Edom contra Jerusalém e a confiança na sua própria força tornam-na um exemplo para as verdades ensinadas nesse livro. O que é dito sobre Edom aplica-se a todos os povos e nações que se colocam contra o Senhor.

Segundo, Obadias tem muito a dizer sobre o futuro Reino de Deus. O Senhor, ao longo do livro, está no controle de todas as nações. O julgamento de Deus é inevitável para todos os que lutam contra Ele e o seu povo. O seu Reino, em última análise, seria estabelecido como a autoridade final sobre a terra. Obadias, com essa mensagem, permanece como muitos outros profetas do Antigo Testamento que falam sobre o Reino futuro do Messias.

ESBOÇO

I. O JULGAMENTO DE DEUS SOBRE EDOM (vv. 1-9)

II. A BASE PARA O JULGAMENTO DE EDOM (vv. 10-14)

III. O DIA DO SENHOR (vv. 15-21)
   A. O Julgamento de Deus sobre as Nações (vv. 15,16)
   B. A Libertação de Israel por Deus (vv. 17-21)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

O JULGAMENTO DE DEUS SOBRE EDOM (vv. 1–9)

1-9 A introdução de Obadias é concisa e vai direto ao ponto. Ele vê claramente a visão do Senhor sobre o destino de Edom. A nação de Edom, **engan[ada]** pela percepção da sua invencibilidade, cairia no fim por causa do seu orgulho (v. 3). *A referência a* ***ROCHAS*** *(heb.* ***sela‘****, "penhasco, precipício", v. 3) pode ser um jogo de palavras porque a capital de Edom, Selá, foi construída sobre uma colina no meio de penhascos escarpados.* Do alto, o Senhor **derribar[ia]** a nação (v. 3). Embora as fronteiras exatas sejam desconhecidas, a área ao redor de Edom, localizada ao sul do mar Morto, era, de fato, irregular e escarpada. Deus iria descobri-los. Ele, ao contrário dos ladrões e assaltantes, não deixaria nada para trás.

A Base para o Julgamento de Edom (vv. 10–14)

10-14 A relação complicada entre Edom e Israel começara no ventre. Quando Rebeca, esposa de Isaque, ficou grávida de Esaú e Jacó, ela tinha consciência da luta entre os dois meninos no seu ventre, luta esta confirmada pelo Senhor (Gn 25.23).

A palavra de Deus para Rebeca foi cumprida quando Esaú (heb. ***Edom***, "vermelho") nasceu primeiro com Jacó (Israel) segurando o seu calcanhar. Esaú vendeu a sua primogenitura para Jacó por um prato de comida (Gn 25.27-34). Não muito depois desse incidente, Jacó roubou a bênção que pertencia a Esaú como filho primogênito, tornando Jacó "senhor" sobre o seu irmão (Gn 27.27-29). Edom veio a ficar sob o controle de Israel só na época da primeira monarquia. Saul lutou contra os edomitas (1Sm 14.47), e Davi subjugou-os (2Sm 8.14). Josafá, rei de Judá, tinha os edomitas sob o seu controle (2Cr 20.10). Os edomitas rebelaram-se durante o reinado de Jeorão, filho de Josafá e rei de Judá (2Rs 8.20-22). Nessa época, eles instituíram uma monarquia independente. Amazias matou 10 mil edomitas durante o seu reinado, mas, ao que parece, a monarquia deles permaneceu intata.

Durante os últimos dias de Judá, Edom juntou-se a eles e a muitas outras nações em uma rebelião contra Nabucodonosor, rei da Babilônia (Jr 27.1-11). Quando Nabucodonosor atacou Judá, os aliados, incluindo Edom, desertaram dela. Por essa razão, muitos escritores do Antigo Testamento criticam Edom (Sl 137.7; Lm 4.21). Os edomitas tiraram vantagem da situação e vingaram-se dos seus irmãos, Judá. Obadias condena Edom porque eles deveriam ter ajudado os seus irmãos; em vez disso, eles zombaram da queda de Judá, servindo-se das posses de Judá e impedindo o povo de escapar. O Senhor prometeu ao seu povo que a justiça seria feita.

O Dia do Senhor (vv. 15–21)

O Julgamento de Deus sobre as Nações (vv. 15,16)

15-16 O julgamento de Edom tem duas partes. Na primeira, Edom seria afligido pelas outras nações (vv. 1-9). Na segunda parte, Edom seria julgada pelo próprio Senhor e pelo povo deste. A punição deles seria na mesma medida da opressão derramada por eles sobre Israel. A primeira (v. 8) e a

última (v. 15) menções ao "dia" por Obadias referem-se ao tempo em que o Senhor atacará quem traiu o seu povo. Todas as referências ao "dia" nesses dois pontos são à opressão experimentada por Jerusalém e a Judá. Edom e todas as outras nações que causaram esse sofrimento sentiriam a força plena da ira de Deus no tempo conhecido como o **dia do SENHOR**, expressão usada com frequência pelos profetas em relação a um tempo na história em que o Senhor age de forma única e espetacular para mostrar a sua glória (v. 15; veja o estudo da palavra, Is 13.9-18). Sem dúvida, essa referência é ao dia final em que todos os descrentes serão julgados.

A localização de Zarefate, identificada como Espanha no Targum, uma tradução aramaica da Bíblia hebraica, é incerta (v. 20). Os judeus espanhóis chamam a si mesmos de sefarditas.

A Libertação de Israel por Deus (vv. 17-21)

17-21 Obadias, nessa seção final, fala de uma grande reversão. Israel e Judá seriam reunidas e possuiriam mais uma vez a Terra Prometida pelo Senhor. A localização de **Zarefate**, identificada como Espanha no Targum, uma tradução aramaica da Bíblia hebraica, é incerta (v. 20). Os judeus espanhóis chamam a si mesmos de sefarditas. No fim, o Reino de Deus permanecerá e durará para sempre. Embora o contexto imediato seja a luta entre Edom e Judá, o tema mais abrangente, ou seja, a luta do bem contra o mal e do povo de Deus contra o povo de Satanás, está subjacente.

BIBLIOGRAFIA

Armerding, Carl. "Obadiah", em *Expositor's Bible Commentary*, vol 7. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

Finley, Thomas. *Joel, Amos, Obadiah*. The Wycliffe Exegetical Commentary. Chicago: Moody, 1990.

NOTAS

[1] Carl Armerding, "Obadiah", em *Expositor's Bible Commentary,* vol. 7, (Grand Rapids: Zondervan, 1985), p. 335-57.

[2] Ibid., p. 337.

JONAS

INTRODUÇÃO

O livro de Jonas, em vez de ser composto de uma série de mensagens ou oráculos, contém uma mensagem divina sucinta (3.4). A mensagem do livro foca não só a palavra profética transmitida para um povo rebelde, mas também as lições reveladas pelo Senhor sobre si mesmo por meio da sua conduta com um profeta rebelde.

TÍTULO

O livro recebe o nome do seu autor e principal personagem, o profeta Jonas (heb. "pombo").

CENÁRIO

A Escritura fornece poucos indícios sobre o cenário histórico da narrativa. A única vez em que "Jonas, filho de Amitai", é mencionado fora do livro de Jonas localiza o seu ministério profético durante os 41 anos do reinado de Jeroboão II (793/792 a.C.-753 a.C.) sobre o Reino do Norte (2Rs 14.25). Embora os assírios estivessem enfraquecidos pelo conflito com as tribos dos montes de Urartu na metade final do século IX, eles derrotaram os inimigos de Israel — os arameus, cuja capital era Damasco (2Rs 13). A situação permitiu a Jeroboão — na providência de Deus e a despeito da perversidade do rei — expandir as fronteiras de Israel e tornar a nação próspera.

Jonas provavelmente pregou em Nínive em algum momento entre a morte do governante assírio Adadenirari III (783-782 a.C.) e do reinado de Tiglate-Pileser III (745-727 a.C.), sob cuja liderança a Assíria alcançou

domínio militar na região. O seu filho, Salmaneser V, conquistou Samaria, a capital do Reino do Norte, e deportou os israelitas (722 a.C.).

Embora a Assíria não fosse uma ameaça substancial para Israel durante o reinado de Jeroboão II, as táticas de guerra deles ficaram bem conhecidas. Nos séculos IX e X a.C., os exércitos assírios vitoriosos cometeram atrocidades para demonstrar porque os povos que vivem com outros objetivos militares deveriam evitar a resistência ou a rebelião. Além do boca a boca, das inscrições oficiais e das representações artísticas das conquistas, espalhou-se no exterior a notícia da crueldade dos assírios para incitar medo e produzir submissão. A relutância de Jonas em ir a qualquer lugar perto da capital assíria é compreensível.

GÊNERO

O livro de Jonas é um relato histórico do evento mais importante na vida de Jonas. O estilo é quase completamente narrativo. O livro é tanto sobre a história do profeta quanto sobre o que foi profetizado a respeito de Nínive. Só a oração de Jonas é em forma poética (cap. 2). A inclusão de poesias caracteriza os relatos históricos da Antiguidade em prosa e, muitas vezes, sinaliza e desenvolve os destaques da história (e.g., o cântico de Moisés em Êxodo 15; o cântico de vitória de Débora em Juízes 5).

Muitas características literárias permitem que o livro de Jonas seja lido como uma sátira, caracterizada pelo seu propósito didático e corretivo, sem negar nada da sua historicidade. A sátira, almejando tipicamente a exposição dos hábitos predominantes e destrutivos de orgulho e hipocrisia, usa frequentemente de ironia, exagero e humor para provocar uma reação da audiência e rejeição do(s) hábito(s) criticado(s). O livro de Jonas, no contexto de todo o cânone bíblico, desafia os seguidores de Cristo a revisitar a sua percepção às vezes inadequada de Deus, ser radicalmente (e de boa vontade) obedientes a Ele e evitar o orgulho e a hipocrisia mostrados por esse profeta, que amava mais a sombra confortável de uma aboboreira do que amava ver a compaixão de Deus estendida aos seus inimigos arrependidos.

AUTOR

A informação no livro não viria de ninguém mais do que Jonas, o filho de Amitai, de Gate-Hefer, perto de Nazaré (2Rs 14.25). Contudo, não é informada a identidade de quem compôs a narrativa. Esse profeta hebreu foi chamado por Deus para transmitir a sua mensagem à perversa nação da Assíria. Durante a mesma época, outros profetas, isto é, Amós, Oseias, Isaías e Miqueias foram profetas para Israel e Judá.

DATA

Continua o debate a respeito da data de composição do livro. Se outra pessoa que não Jonas compôs o livro, então o intervalo de tempo em que poderia ser escrito estende-se de cerca de 750 a 250 a.C. A visão tradicional de que Jonas, ou um contemporâneo seu, é o autor indicaria que o livro foi escrito durante o reinado de Jeroboão II (792-753 a.C.), ou não muito tempo depois desse momento da história de Israel, e antes da queda de Samaria (722 a.C.) ou entre 800 e 750 a.C.

DESTINATÁRIOS

Embora a audiência original não seja identificada, o povo de Nínive era claramente o destinatário imediato da mensagem profética de Jonas. Não obstante, o próprio livro foi escrito para o povo de Israel e ainda é lido durante a tarde do *Yom Kippur* ou Dia da Expiação.

PRINCIPAIS TEMAS

O tema da salvação pela graça por meio só da fé é o cerne do livro (2.8,9; cp. Ef 2.8). Também é estabelecida a compaixão de Deus Iavé por todos (Jn 1.16, os marinheiros; 3.5, os odiados ninivitas) enquanto se mostra a sua soberania sobre todos (1.4, a tempestade; 1.17, o peixe; 4.6, a planta; 4.7, o bicho). Jesus também usa a experiência de Jonas como uma forma de explicar a sua morte, sepultamento e ressurreição (1.17; Mt 12.38-41). Por fim, não é possível deixar de encontrar encorajamento nos exemplos do perdão de Deus, em que a paciência do Senhor, apesar da infidelidade do indivíduo, permite outra oportunidade para a obediência (Jn 3.1).

ESBOÇO

I. O PROFETA DESOBEDIENTE EM FUGA (1.1—2.10)
   A. A Fuga de Jonas (1.1-16)
   B. O Resgate e a Intercessão de Jonas (1.17—2.10)

II. O PROFETA OBEDIENTE E A SUA MISSÃO (3.1—4.11)
   A. A Pregação de Jonas (3.1-10)
   B. A Raiva de Jonas (4.1-4)
   C. A Repreensão Amorosa de Deus a Jonas (4.5-11)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

O PROFETA DESOBEDIENTE EM FUGA (1.1——2.10)

A Fuga de Jonas (1.1-16)

1.1-6 A história começa de forma abrupta com os comandos emitidos diretamente pela **palavra do SENHOR**, a aliança do Deus de Israel, para o profeta **Jonas** (v. 1). Este entendeu o que lhe foi dito, mas se opôs deliberadamente. Deus disse a Jonas:

- **Levanta-te** (heb. ***qum***, "levante, fique de pé", v. 2; v. 6) — uma expressão idiomática para mudar da posição costumeira em que se encontrava para uma postura de prontidão para a ação. Assim, em vez de esperar por mais instruções do Senhor, **Jonas se levantou** (heb. ***qum***) pronto **para fugir** [heb. ***barach***, "fugir"] **de diante da face do Senhor**, agindo em desobediência (v. 3; v. 10) e desafiando o reconhecimento do salmista de que não existe um lugar em que seja possível escapar da presença de Deus (Sl 139.7).
- **Vai** [heb. ***yalak***, "prosseguir, caminhar"] **à [...] Nínive** (Jn 1.2). Jonas, ao contrário, tentou afastar-se tanto da Assíria e de Israel quanto conseguisse — indo para **Társis** (da raiz semítica "fundir", indicando o comércio central do seu povo), provavelmente Tartesso, na Espanha (v. 3).

Ele **desce[u] a Jope**, uma cidade portuária localizada na costa mediterrânea cerca de 48 quilômetros a noroeste de Jerusalém (v. 3). Ali, ele **desceu para dentro** de um **navio** para ir com eles **para Társis** (vv. 3,5). Com Deus figurativamente entendido estando "acima" nos céus, Jonas estava fugindo tanto horizontalmente (oeste, em vez de leste) quanto verticalmente (para baixo, longe de Deus).

- **Pregue** [NVI, heb. ***qara'***, "clamar ou bradar, proclamar"] **contra** Nínive (v. 2, 3.2,4). Jonas, em vez disso, foi dormir no navio. Quando chegou a Nínive, ele apenas anunciou o julgamento sobre a cidade. Ironicamente, durante uma tempestade que ameaçava destruir o navio, a tripulação pagã acordou Jonas de **um profundo sono** para fazê-*lo* prestar contas por deixar o seu Deus tão irado (1.4,5). Eles também lhe disseram: "Levanta-te" (heb. ***qum***, v. 6; veja os comentários em 1.1-6).

O narrador identifica Iavé como a fonte da **grande tempestade** que incitou cada marinheiro a clamar ao seu deus (vv. 4,5). O navio era provavelmente comandado por fenícios, os mais habilidosos em navegação na época. Os deuses na mitologia do Antigo Oriente Próximo eram considerados uma ameaça constante para os marinheiros, que precisavam agradar os seus deuses a fim de evitar a destruição.

1.7-11 O texto relata apenas que Jonas foi convocado a orar por ajuda divina enquanto os marinheiros suplicavam aos seus deuses (v. 6). Não há uma confirmação clara de que Jonas orou até o peixe engoli-lo (2.1). Ele só assumiu a responsabilidade pelo perigo que toda a tripulação enfrentava quando foi tirada a sorte, e a sorte **caiu** sobre ele, e os outros homens questionaram-no ansiosamente (vv. 7,8).

Jonas identificou-se como **hebreu**, título pelo qual os israelitas eram conhecidos entre as nações vizinhas (v. 9). A tripulação, ao perguntar a Jonas sobre o seu país e o seu povo de origem, queria descobrir que deus poderia estar agitando o mar contra eles. Ele identificou o "seu deus" como o **SENHOR** (heb. o nome de Deus usado na aliança, Êx 3.15), que é **o Deus do céu** (a divindade suprema) e o Criador (Jn 1.9). Jonas, embora afirmasse ser **adorador** (NVI, heb. ***yarē'***, "temer", v. 9; veja o estudo da palavra, Gn 42.27-38) do único Deus verdadeiro, não se arrependera da sua desobediência. Em contraste com isso, os marinheiros **se encheram de grande temor** (mais literalmente, "temeram com grande medo"), maior do que quando começara a tempestade porque não conheciam o Deus de

Jonas, cujo poder sobre o mar ficava mais aterrador a cada minuto (Jn 1.10,11,13). A tripulação, dirigindo-se ao homem que agora sabiam ser culpado pelo perigo que passavam, perguntou de forma urgente o que deveria fazer para apaziguar esse grande Deus de quem Jonas, insensatamente, tentara fugir (vv. 8,11,12).

1.12-16 Jonas parece estar determinado a continuar com o seu plano de escapar de Deus, mesmo que isso significasse afundar no mar. Contudo, a solução apresentada por Jonas traía a sua covardia. Jonas, a despeito da admissão de que merecia a morte, não se ofereceu para pular no mar, mas instruiu a tripulação para **levant[á-lo] e lanç[á-lo] ao mar** (v. 12). Os marinheiros viram-se em um dilema ético. Jonas era claramente culpado de um crime contra o seu Deus, só que eles estavam sofrendo a punição (a tempestade) junto com ele. Eles, não querendo que esse Deus mantivessem-nos responsáveis pela morte de Jonas, tentaram salvar o profeta infiel e a si mesmos, porém sem sucesso. O mar ficava cada vez mais tempestuoso (v. 13).

Os marinheiros, ironicamente, fizeram o que Jonas não fez — **clamaram** [heb. ***qara'***, "clamar, apelar para"; veja o estudo da palavra, Lv 1.1] **ao SENHOR** (Jn 1.14; v. 6; 3.8). Os homens, após pedirem a Deus para não pôr sobre eles a **culpa** (NVI) de assassinato, fizeram o que Jonas instruíra-os a fazer, e o mar acalmou-se (mais literalmente, "cessou a sua fúria", 1.15; v. 12), confirmando o testemunho de Jonas de que Iavé é o Deus de todos e incitando a adoração dEle pelos marinheiros gentios (v. 16).

O Resgate e a Intercessão de Jonas (1.17—2.10)

1.17—2.1 *O verbo **PREPAROU** (TB, heb. **manah**, "ordenar, causar, preparar, designar, mandar") aparece quatro vezes no livro de Jonas. Em cada caso, "o SENHOR" é o sujeito que ordena os vários membros do mundo natural a cumprir a sua ordem. A "obediência" instantânea dessas criaturas não humanas aumenta a desobediência desafiante do profeta. O Senhor "preparou um grande peixe que tragasse a Jonas" (TB, 1.17); ele fez "nascer uma aboboreira [...] para que fizesse sombra [...] a fim de o livrar do seu [de Jonas] enfado" (4.6); "um bicho" para destruir a planta (4.7) e, por fim, "um vento calmoso, oriental" (4.8).* Jonas, protegido de afogar-se ou de ser devorado por alguma outra criatura marítima, passou **três dias e três noites** no interior do peixe enorme conduzido por Deus para engolir o profeta (v. 17).

Jonas, do estômago do peixe, **orou ao SENHOR, o seu Deus** (NVI), e o Senhor ouviu a sua voz. O peixe obedeceu à designação divina em relação a Jonas (v. 17). Ironicamente, não só os marinheiros, mas também a natureza (o peixe e o tempo) obedeceram ao Senhor — todos e tudo, exceto, nesse caso, Jonas. Este permanece de fora como o único desobediente.

2.2-9 O leitor, nesse salmo de ação de graças, ouve um Jonas agradecido e arrependido (v. 2). A mensagem é clara: a salvação é do Senhor (v. 9).

2.10 O peixe, ao contrário do profeta, responde ao comando do Senhor na mesma hora. O lugar onde o peixe vomitou Jonas, não indicado pelo texto, tem pouco a ver com a história.

O Profeta Obediente e a sua Missão (3.1——4.11)

A Pregação de Jonas (3.1-10)

3.1-4 A expressão **pela segunda vez** (NVI) é interessante nesse contexto (v. 1). Talvez esse fato seja salientado porque a soberania de Deus, e não a falha do homem, seja um dos principais temas do livro de Jonas. Essa situação única certamente não pretende sugerir que, de vez em quando, o Senhor deixa passar a desobediência.

3.5-10 Quando o povo de Nínive ouviu a mensagem de Jonas, eles **creram em Deus** e arrependeram-se demonstrando isso ao cobrirem-se com **panos de saco** e **cinzas** (vv. 5,6). ***CRERAM*** *(heb.* ***'aman****, "confiar em") tem o sentido de "estar firme ou seguro".* Certos fatores provocaram esse arrependimento:

• o poder da palavra de Deus (Is 55.11);
• o testemunho da experiência de Jonas (Lc 11.30); e
• o declínio político e os desastres naturais afetando a Assíria.

"Deus ***SE ARREPENDEU****" (heb.* ***nacham****, "pena, ter compaixão", Jn 3.10) não é para ser confundido com a mudança da vontade, como no arrependimento dos homens; antes, que com Deus vem a disposição para mudar. Quando mudamos nossa vontade de afastar-nos de Deus, Ele quer uma mudança para fazer com que nos aproximemos dEle (v. 10).*

A Raiva de Jonas (4.1-4)

4.1-4 O contraste contundente entre o arrependimento dos ninivitas e a raiva de Jonas é salientado aqui. A misericórdia divina foi mostrada com base no arrependimento deles, consistente com o tratamento dado pelo Senhor àqueles que voltam para Ele (2Sm 12.14-23; 1Rs 21.27-29); Jonas, contudo, ficou desgostoso que Deus estendesse misericórdia aos perversos ninivitas (Jn 4.1). Os assírios tinham oprimido de forma muito brutal os israelitas, e Jonas acreditava que os israelitas sofreriam ainda mais nas mãos deles no futuro. Jonas, no entanto, conhecia o caráter de Deus — que Ele é tardio para irar-se e abundante no amor a todos os que respondem a Ele.

A Repreensão Amorosa de Deus a Jonas (4.5-11)

4.5-9 O termo **preparou** (TB, heb. ***manah*** "incluir, determinar, designar") afirma a iniciativa divina na vida de Jonas (1.17; 4.6-8). A **aboboreira** é provavelmente a *elkeroa*, um arbusto de folhas grandes que fica alto e prospera em solo arenoso (v. 6). O **bicho**, à primeira vista, parece ser um antagonista por destruir a sombra de Jonas (v. 7). Deus, no entanto, usou esse bicho para transmitir ao profeta a sua mensagem de repreensão amorosa (vv. 10,11).

4.10-11 Embora Jonas, bom conhecedor do caráter de Deus, tivesse ficado cada vez mais indiferente em relação ao mundo externo, a compaixão e a preocupação de Deus vão muito além das fronteiras de Israel. A lição de misericórdia e perdão dada pelo Senhor é para os cristãos de todas as épocas. Jesus mesmo se referiu à história de Jonas como um evento histórico e usou-o de forma eficaz como objeto de lição para os seus ouvintes (Mt 12.38-41; Lc 11.29,30,32).

Jonas, como é comum com muitos escritos proféticos, começa com uma proclamação da vinda do julgamento de Deus, o Senhor, e termina com o foco na sua misericórdia.

BIBLIOGRAFIA

Ellison, H. L. "Jonah", em *The Expositor's Bible Commentary*, vol. 7. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

* Smith, Billy K. e Frank S. Page. *Amos, Obadiah, Jonah*. The New American Commentary, vol. 19B. Nashville: B&H Publishing Group, 1995.

* Para estudos avançados.

MIQUEIAS

INTRODUÇÃO

Olivro de Miqueias, embora seja mais conhecido pela sua profecia concernente ao local do nascimento do Messias (5.20), preocupa-se basicamente com a apostasia espiritual de Israel e Judá. A mensagem de Miqueias para Judá inclui muitos temas encontrados no livro de Amós. Miqueias viveu durante vários reinados, tanto de reis bons quanto de reis maus, tendo sido capaz de realmente ver os bons resultados do seu ministério de pregação. Miqueias testemunhou o reavivamento espiritual iniciado pelo rei Ezequias. Os esforços do rei retardaram por quase um século muitos dos julgamentos sobre Jerusalém, profetizados por Miqueias. Ele, por conseguinte, foi um dos poucos profetas a ser levado a sério por aqueles que o ouviram.

Miqueias, embora ficasse frequentemente na sombra do seu contemporâneo mais famoso, Isaías, pregou contra as injustiças éticas e sociais da sua época e alertou o povo do exílio por vir. Ele, contudo, também profetizou sobre um tempo de restauração da bênção sob o Governante divino de Belém.

TÍTULO

Esse livro recebe o nome do seu autor, "Miqueias" (heb., uma forma abreviada de Micaías, literalmente "Quem é como Iavé?").

CENÁRIO

Miqueias morou em um tempo de levante político. Israel e Judá tornaram-se vassalos do Império Assírio, que começara a dominar o Antigo Oriente

Próximo por volta de 740 a.C. O povo de Samaria e Jerusalém estavam engajando-se na idolatria, a raiz de muitas das suas práticas injustas. A destruição de Samaria estava associada com o julgamento de Deus por causa da idolatria do Reino do Norte (1.2-7). O rei Ezequias tentou liderar uma reforma espiritual e moral no Reino do Sul, apenas retardando o julgamento de Deus.

O Senhor, por conseguinte, declarou por intermédio de Miqueias que enviaria a Assíria para julgar o Reino do Norte e o Reino do Sul pelo pecado deles. Miqueias testemunhou a queda de Samaria no norte e o reavivamento sob Ezequias no sul. No entanto, muitas cidades de Judá foram destruídas, e Jerusalém, embora cercada, não caiu naquele momento (2Rs 18—19). Os anais de Senaqueribe vangloriavam-se de que ele cercou 46 cidades e inúmeros vilarejos. Ele levou 200.150 pessoas prisioneiras, além dos animais e outros bens materiais. Senaqueribe, em relação a Ezequias, diz: "Eu o fiz prisioneiro em Jerusalém; sua residência real, fiz como uma gaiola de passarinho". Jerusalém não caiu nesse momento, mas o Reino do Sul sofreu muito por causa dos assírios.[1]

GÊNERO

Miqueias, marcado por aliterações e imagens vívidas, é escrito totalmente em forma de poesia. O uso do jogo de palavras e contraste por Miqueias, embora não tão famoso quanto o de Isaías, é, não obstante, profundo.

AUTOR

O autor é identificado como Miqueias, um profeta do século VIII de Moresete, um pequeno vilarejo rural em Judá, e contemporâneo de Isaías no Reino do Sul. Muitas das profecias desses dois profetas sobrepõem-se (Mq 2; Is 2).

DATA

O autor afirma que profetizou durante o reinado de Jotão (750-735 a.C.), Acaz (735-715 a.C.) e Ezequias (715-686 a.C.), reis de Judá. Pregou durante o tempo da opressão assíria. Também foi contemporâneo de Amós e Oseias no Reino do Norte.

DESTINATÁRIOS

Miqueias, embora entregasse a sua mensagem basicamente para Judá, dirigiu-se a Samaria e Jerusalém. Miqueias não era um profeta da corte como Isaías, mas falou igualmente aos líderes e ao povo comum.

PRINCIPAIS TEMAS

Miqueias estava profundamente preocupado com a condição do pobre, caracterizando os ricos como aqueles que pensam constantemente em formas de enganar o pobre, tirando-o da sua terra (Mq 2.1-11). O mercado era caracterizado por injustiças (6.9-16), e os governantes responsáveis por sustentar a justiça eram tão corruptos quanto os outros (3.1-4). Miqueias denunciou com veemência as práticas religiosas sem valor do povo de Judá e alertou-os da destruição por vir. Os falsos profetas trariam mensagens de paz, mas a mensagem de Miqueias era verdadeiramente de Deus porque alertava sobre a devastação como resultado do pecado de todos eles (3.5-12).

Miqueias alertou com severidade Judá a arrepender-se da idolatria e crimes contra os inocentes ou, caso contrário, iriam para o exílio. O povo, que afirmava servir o Senhor, estava misturando práticas idólatras com a sua adoração, ficando aquém do exigido pelo Senhor (5.10-15). Não havia nenhuma relação entre a adoração deles no Templo e a vida diária. Miqueias tentava corrigir esse comportamento argumentando que Deus está interessado não só nos atos de adoração, mas também na vida diária do povo (6.6-8).

A unidade do livro de Miqueias é afirmada no esboço básico do livro, compreendido de três seções (1.1—2.13; 3.1—5.15; 6.1—7.20). Cada seção começa com uma exortação para ouvir, seguida de uma profecia de julgamento e terminando com uma mensagem de encorajamento e esperança.

Miqueias enfatiza a soberania de Deus. A soberania do Senhor do Universo trabalha por intermédio de todas as nações para alcançar os seus propósitos. O povo de Deus triunfará derradeiramente, e, nesse momento, todas as nações estarão sujeitas ao Senhor. Miqueias profetiza que esse remanescente do povo de Deus tornar-se-á uma força poderosa neste mundo sob o Governante divino, o Messias.

Miqueias também enfatiza a fidelidade do Senhor para com as suas obrigações concernentes à aliança. A promessa muito conhecida da bênção divina sob o Governante de Belém é uma parte inextrincável dessa aliança que, junto com a ênfase na soberania de Deus, mostra a urgência da mensagem de Miqueias. O Senhor, embora puna o seu povo, não desistirá dele. Miqueias, portanto, fornece aos seus leitores a verdadeira teologia da esperança.

ESBOÇO

I. O JULGAMENTO DE DEUS SOBRE ISRAEL E JUDÁ AINDA POR VIR (1.1—2.13)
   A. A Ira de Deus contra Samaria e Judá (1.1-16)
   B. A Restauração do Remanescente de Israel pelo Senhor (2.1-13)

II. O LIVRAMENTO MISERICORDIOSO DE DEUS (3.1—5.15)
   A. O Julgamento dos Líderes Injustos e dos Falsos Profetas (3.1-8)
   B. A Destruição de Sião (3.9-12)
   C. O Livramento do Remanescente (4.1—5.15)

III. O TRIUNFO DE DEUS NA JUSTIÇA (6.1—7.20)
   A. O Caso de Deus contra Judá (6.1-16)
   B. O Declínio Moral de Israel (7.1-7)
   C. A Vindicação de Sião (7.8-20)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

O JULGAMENTO DE DEUS SOBRE ISRAEL E JUDÁ AINDA POR VIR (1.1—2.13)

A Ira de Deus contra Samaria e Judá (1.1-16)

1.1-7 Miqueias, assim como os outros profetas do Antigo Testamento, menciona, no início da sua mensagem, que fala em nome do Senhor (v. 1). Embora a sua visão diga mais respeito especificamente ao povo de Israel e Judá, toda a **terra** será afetada (v. 2). Miqueias, descrevendo a natureza cósmica do julgamento de Deus, apela para a soberania do Senhor, um dos seus principais temas. O julgamento de **Samaria e Jerusalém** seria um forte **testemunh[o]** para os povos da terra de que o Senhor soberano não tolera a idolatria (vv. 1,2,5,7).

1.8-16 O profeta está de luto, pois a **chaga** em Samaria é **incurável**. O seu efeito chegou até mesmo **até à porta [...] [de] Jerusalém** (v. 9). Miqueias, com um jogo de palavras magistral, enfatiza a situação desesperada de Samaria. As cidades que podem ser identificadas ficam nas terras baixas de Judá, de onde vem Miqueias. Todas elas foram destruídas pelos assírios sob Senaqueribe em 701 a.C. (vv. 10-16). **Gate** é similar à palavra hebraica para "anunciar ou contar" (v. 10). "Não o anuncies em Gate" é um reminiscente do lamento de Davi pela morte de Saul (2Sm 1.20). É dito ao povo para não chorar para que a cidade filisteia não ouça sobre a sua destruição por vir.

Em **Bete-Leafra** (heb., "casa do pó"), o povo deve **revolv[er-se] no pó** como um sinal de luto e pesar (Mq 1.10). O povo de **Safir** (heb., "beleza, belo") será envergonhado e desonrado. O povo de **Zaanã** (heb. "sair") não conseguirá sair da sua cidade (v. 11). **Bete-Ezel** possivelmente significa "lugar em que se encontra" (v. 11). **Marote** (heb., "amargo") não experimentará o bem pelo qual estão esperando (v. 12), porque o julgamento de Deus está vindo sobre o seu povo.

O povo de **Laquis** deve **ata[r] os animais ligeiros ao carro** (v. 13). O jogo de palavra aqui é entre "animais ligeiros", ou seja, cavalos e Laquis. Os **morador[es]** dessa cidade devem fugir do julgamento vindouro como corcéis (v. 13). **Moresete-Gate** significa, possivelmente, "prometida em casamento" (v. 14). Se essa suposição estiver correta, o jogo de palavra encontra-se na conexão entre **presentes** de despedida e "Moresete-Gate". Presentes de despedida eram dados às noivas, como dotes. A ideia, portanto, é que Moresete-Gate logo se separaria de Judá como a noiva separa-se da sua família. O nome **Moresete** é similar à palavra "possuir" (v. 15). Assim, a cidade cujo nome significa "conquistador" ou "aquele que possui" será conquistada (desapossada) pelos seus inimigos. O povo, como

Davi, será forçado a fugir para **Adulão**, e haverá grande pranto pelo povo exilado (v. 16).

A ironia dessa seção (vv. 10-16) é que ela começa rememorando o lamento de Davi por Saul e termina com o nome da caverna na qual Davi refugiou-se de Saul. Esses períodos tumultuosos na vida de Davi formam um pano de fundo lúgubre para a situação presente. Davi, embora não seja mencionado diretamente, é uma figura que paira no pano de fundo. A destruição dos dois reinos anuncia o fim do reino de Davi. Israel e Judá, como Davi, estão destinadas à caverna de Adulão.

A Restauração do Remanescente de Israel pelo Senhor (2.1-13)

2.1-5 Miqueias anuncia as acusações de Deus contra o seu povo ao mencionar as ofensas específicas cometidas por certos grupos. Israel e Judá, como acontece com a maioria das sociedades, tinham ricos e pobres. Nessa época, os ricos oprimiam brutalmente os pobres. Miqueias descreve de modo vívido como o rico ficaria acordado à noite, maquinando planos perversos contra o pobre. Eles tiravam com crueldade e de modo implacável daqueles que não podiam defender-se. A tomada injusta de terra era especialmente abominável porque Deus dividira a terra entre as respectivas tribos como a sua **herança** designada (v. 2; 1Rs 21). Aqueles que cometem tais atos não mais seriam capazes de participar nas atividades relacionadas à aliança (Mq 2.5).

2.6-13 Os falsos profetas da época de Miqueias estavam ordenando que as profecias cessassem. Os verdadeiros profetas, como Miqueias, eram considerados desordeiros, cujo **profetiz[ar]** era, de fato, perigoso para a sociedade. Isso é o que acontece quando o povo em geral fica sob a influência do comportamento pecaminoso: os profetas genuínos parecem ser loucos. Os verdadeiros profetas estavam humilhando os ricos com as suas palavras; portanto, a profecia deles tinha de parar (v. 6). Todavia, o Senhor, por intermédio de Miqueias, declara de modo inflexível que **fazem bem as [...] [suas] palavras ao que anda** [heb. ***halak***, "segue uma forma de vida"; Êx 16.4; Sl 1.1; 15.2; 119.3,45] **retamente** (heb. ***yashar***, "honesto, reto", Mq 2.7), isto é, cujo estilo de vida é descrito como obediente ao Senhor.

O povo, no entanto, era tudo nessa época, menos reto (1Rs 11.33,38). Miqueias descreve as maneiras pelas quais os pobres são despojados das suas vestes e tratados como inimigos. **As mulheres** (provavelmente viúvas) e os **seus meninos** eram forçados a sair da sua **casa** (Mq 2.9). O "profeta" para essas pessoas é aquele que prega os caminhos em que eles podem continuar no seu deboche. Miqueias demonstra o quão corrupto o povo tornara-se pelo seu pecado.

Miqueias, contudo, termina esse primeiro oráculo com uma mensagem de esperança. Um remanescente será reunido com o Senhor, e Ele será o líder deles, criando um contraste com os falsos profetas e a mensagem de "esperança" que afirma apenas o que as pessoas corruptas querem ouvir (v. 11).

O Livramento Misericordioso de Deus (3.1—5.15)

O Julgamento dos Líderes Injustos e dos Falsos Profetas (3.1-8)

3.1-8 Miqueias começa o seu segundo oráculo da mesma forma como começou o primeiro: chama o povo para prestar atenção às suas acusações. Os **príncipes** são aqueles que deveriam saber o que é **direito** (v. 1). No entanto, o comportamento deles em relação ao pobre reflete que eles não sabem nada, exceto a maldade e a injustiça. Miqueias, com linguagem vívida, descreve exatamente como esses líderes, ou príncipes, tratam cruelmente o pobre. Eles deveriam proteger os pobres; mas, ao contrário, são responsáveis pela crueldade contra eles (vv. 1-4). Miqueias, a seguir, volta a sua atenção para os falsos **profetas** que proclamam **paz**, enquanto Miqueias e outros como ele pregam condenação e ruína (v. 5). Contudo, o fim virá para esses falsos profetas. Eles e as suas **visões** (NVI) serão lançados na escuridão eterna (v. 6). Quando o desastre vier, **não haverá resposta de Deus** para eles (v. 7), diferentemente de Miqueias, que receberá a sua mensagem de Deus (v. 8).

A Destruição de Sião (3.9-12)

3.9-12 A desobediência ostensiva dos **chefes** resultaria na total destruição de **Sião** (vv. 9-11). "Sião" tornar-se-ia sinônimo para a cidade de Jerusalém

na literatura profética e poética. Os **sacerdotes** ofereceram sacerdócio só para lucro, e os **profetas** entregavam uma mensagem só mediante pagamento (v. 11). O fato de o profeta Jeremias citar as palavras de Miqueias quando ele está profetizando a destruição de Jeremias dá credibilidade a essa visão (v. 12; veja Jr 26.18). Miqueias também descreve a destruição do Templo, o sinal visível de Deus na terra, condenado a ser destruído junto com o povo de Deus.

O Livramento do Remanescente (4.1—5.15)

4.1-8 Miqueias, em uma mudança de foco, descreve a glória futura de Sião. O monte do Templo será exaltado nos **últimos dias** (v. 1). O **Senhor reinará** de Sião, o centro das operações de Deus com todos os povos da terra (v. 7). Miqueias é provavelmente a fonte dessa profecia, uma parte integral da sua visão da futura Jerusalém. Além disso, a descrição de Miqueias é muito mais longa, um indício de que Isaías possa ter adotado uma porção dela para ajustar os seus propósitos. A referência desses dois eventos dos últimos dias reforça a integridade da profecia. Os profetas corroboram uns aos outros com inacreditável precisão.

4.9-13 Miqueias, em outra mudança de foco, muda mais uma vez o centro da sua atenção sobre a crise corrente em Jerusalém. Ele previu que os judeus irão para o cativeiro (v. 10). Primeiro, deixariam a cidade; depois acampariam nos campos abertos; por fim, iriam **até Babilônia** (v. 10), que, nesse contexto, não poderia significar a cidade literal. Miqueias deixa claro que o fato de as nações regozijarem-se sobre o exílio dos judeus só mostra que elas não compreendem os planos do Senhor ou como o seu povo ajusta-se a esses planos na providência de Deus (4.11-13). Dia viria em que seriam quebrantados pela **ponta** de Israel, palavra esta que representa a força através do Antigo Testamento. O **ganho** das nações seria apresentado ao Senhor, o Deus de Israel (v. 13).

5.1-15 Miqueias segue o seu padrão da primeira condenação e, a seguir, a esperança a fim de enfatizar a sua mensagem. Ele primeiro alerta Israel para proteger-se contra o ataque por vir, em que o rei seria insultado pelos seus inimigos. Esse alerta horrendo é seguido pela esperança gloriosa de um Rei futuro que protegerá o seu povo e estende a sua influência através do mundo. **Efrata** é o antigo nome de **Belém**, sendo usado para distingui-lo de Belém em Zebulom (v. 2; Js 19.15). Belém em Judá, cidade natal de Davi

(1Sm 17.12), identifica claramente um rei da linhagem de Davi (cp. 2Sm 7.16; Is 11.1). Esse futuro **Senhor**, o Messias, nasceria em Belém e estaria intimamente ligado com os propósitos do Senhor (Mq 5.2).

As palavras de Miqueias indicam que ele esperava uma pessoa divina (v. 2), condizente com as profecias de Isaías 9.6, em que o Rei futuro é referido como **Deus**. Esses dois profetas concordam que esse futuro Rei trará a paz eterna. Cristo é o cumprimento dessas duas profecias, conforme indicado, em que essa passagem é citada especificamente (Mt 7.6). A eternidade de Cristo é ensinada ao longo de todo o Novo Testamento (Jo 1.1,2; 17.5; Fp 2.6; Cl 1.15-19; Ap 1.17), enquanto a sua pré-existência é afirmada aqui (Mq 5.2).

Nos últimos dias, os cristãos que confiarem nas promessas de Deus serão totalmente transformados de um grupo minoritário em uma força mundial dominante. Enquanto aqui essa promessa aplica-se especialmente à nação de Israel, a igreja gentia faz, enfim, parte desse grupo, "enxertados" por intermédio da obra salvífica de Cristo (Rm 11.17-24).

Esse reino de paz eterna é caracterizado não só pelo Governante por vir, mas também pela reunião do remanescente, **o resto** (heb. ***she'ērit***, "sobreviventes; aqueles que sobraram, em especial após uma matança", vv. 7,8; Is 37.32), um conceito muito importante para a teologia geral de Miqueias (Mq 2.12; 5.8; 7.18).

A metáfora vívida de um **leão** espreitando não significa que o remanescente alcançará a vitória pelo derramamento de sangue; a metáfora, ao contrário, retrata o remanescente como tendo um poder ao qual é impossível resistir (Mq 5.8). O triunfo do remanescente não será alcançado pelo poder das nações (v. 7); Miqueias afirma que **as nações** não serão capazes de resistir ao poder do remanescente (v. 8). Essas duas metáforas testificam da reunião triunfal e do poder do remanescente.

O Triunfo de Deus na Justiça (6.1—7.20)

O Caso de Deus contra Judá (6.1-16)

6.1-8 No terceiro e último oráculo em Miqueias, ele implora à audiência para que **ou[ça], agora, o que diz o SENHOR** (v. 1). ***AGORA*** *(heb.* ***na'****, "por favor, eu oro ou imploro", v. 1; Is 38.3; Am 7.2,5) aponta a urgência para a ordem para prestar atenção à fala de Deus. No texto hebraico, a palavra também fortalece o apelo feito em* ***Miqueias*** *3.1,9 e 6.5, embora algumas traduções de 1.9 e 6.5 não reflitam isso.* ***DIZ*** *(heb.* ***'amar****, "falar") é um verbo muito comum no Antigo Testamento, especialmente tendo "o Senhor" como sujeito. No entanto, a forma participial ativa usada aqui não aparece com frequência com Deus como sujeito. Em geral, como em 2.3 (*"assim diz o Senhor"*), a forma verbal indica uma ação completa. Aqui, a forma participial fornece um senso de imediação ou proximidade da ordem para "ouvi[r]". Enquanto o povo de Deus estava sentado no tribunal onde o Senhor já estava no processo de apresentar o seu caso sem interrupção, eles estavam ignorando-o — distorcendo o que ele "diz" — e, portanto, tinham de ser estimulados a sentar-se e prestar muita atenção.*

O Senhor estava chamando o seu povo para responder às acusações do seu caso contra eles. **Os montes** e **os outeiros**, até mesmo **os fortes fundamentos da terra** — isto é, toda a criação, das alturas às profundezas — seriam as suas testemunhas (vv. 1,2). O Senhor inverte a pergunta típica da acusação: "O que você fez?" (Gn 3.13; 4.10; Jz 2.2; 1Sm 13.11) e exige que o seu povo explique o que *ele* fizera para *eles* (Êx 4.11). A resposta implícita é que o Senhor não fizera nada para merecer o escárnio do povo. O que ele *não* fizera em favor deles?

O Senhor, após apontar essencialmente que o seu povo não tinha defesa, argumentou que o seu caso era contra **Israel** ao repetir o que fizera por eles (Mq 6.2). **As justiças do SENHOR** (v. 5; Jz 5.11; Sl 103.6) foram manifestas no relato de Balaão, bem como no caso presente. O povo que recebera instruções para tomar posse da Terra Prometida enquanto acampavam no campo de acácias (Nm 33.49—35.34) demonstrou a sua capacidade para pecar e falhar ali também (Nm 25.1-13). Da mesma forma, **Gilgal**, onde os israelitas celebraram pela primeira vez a sua presença na Terra Prometida (Js 5.10-12), tornou-se um símbolo para as falhas abjetas da nação em cumprir as suas obrigações relacionadas à aliança (veja Jz 2) e manter a liderança justa (1Sm 11.14,15; 13.8-15; 15.10-33). Tanto Oseias, um profeta para o Reino do Norte de Israel, quanto Amós, um profeta enviado para o Reino do Sul de Judá, ligavam diretamente Gilgal com a apostasia de Israel (veja Os 4.15; 9.15; 12.12; Am 4.4; 5.5).[2]

O versículo 8 responde às perguntas feitas nos versículos 6-7, concernentes a qual sacrifício seria custoso o suficiente para agradar o Senhor e obter

perdão para a **transgressão** de alguém (Mq 6.7). Essas perguntas, no entanto, eram desnecessárias, considerando-se que o Senhor já revelara **o que é bom** e o que Ele **pede** (heb. ***darash***, um particípio ativo aqui, indicando ação ininterrupta e contínua: "está pedindo ou exigindo") ao seu povo (v. 8):

- **prati[car] a justiça** — isto é, fazer o que certo, justo (3.1,9; Lv 18.4,5; Pv 21.7; Jr 7.5-7; Os 12.6; Am 5.15) porque é o que Deus faz (Gn 18.25; Is 30.18);
- **Am[ar]** [heb. ***'ahavah***, um substantivo, "deleite, devoção sincera"] **a beneficência** (chesed, "amor leal"; veja o estudo da palavra, Rt 1.8), porque ela caracteriza Deus (Êx 34.6,7; Nm 14.18,19);
- **and[ar] humildemente** [heb. ***tsana'***, "agir com submissão, reconhecer a posição inferior de alguém", apenas aqui e em Pv 11.2] **com o [s]eu Deus**, porque isso reflete a posição do homem diante do Altíssimo. Deus recompensa essas atitudes e ações (Sl 25.9; 37.11; 149.4; Is 66.2; 1Pe 5.6).

6.9-16 O Senhor proferiu forçosamente outra ordem, especificamente para Jerusalém, para **ouvi[r]** o seu julgamento (v. 9). O Senhor, em vez de apenas afirmar os crimes do seu povo, fez duas perguntas retóricas exigindo pelo menos a admissão de culpa e reconhecimento da necessidade de punição. A resposta implícita à primeira pergunta é: "Sim!" — as práticas financeiras não éticas eram incessantes (v. 10). A resposta implícita à segunda pergunta é: "Não!" — Deus não pode **perdoar** (NTLH; ***zakah***, "justificar, limpar", v. 11) tal perversidade e engano.

Deus, a seguir, enumerou sem meias-palavras os pecados do povo que vivia na **cidade** (v. 12; TB), pelos quais começou a punir o seu povo (v. 13). Ele quebrantaria o orgulho autossuficiente deles não só para contrariar todos os esforços para ser materialmente bem-sucedido, como também para suprir as necessidades básicas (vv. 14,15). Ele reiterou a razão para tornar a sua nação uma **desolação** (heb. ***shammah***, "um objeto de horror, execração ou escárnio", v. 16; Dt 28.37; 2Cr 29.8; Jr 42.18). Eles abraçaram de boa vontade o mal, a idolatria e as práticas não éticas promovidas pelos dois reis de Israel, **Onri** e o seu filho **Acabe**, notórios por

levar Israel a desviar-se (Mq 6.16; veja 1Rs 16.25,26,30; 21.25,26; 12.28-33).

O Declínio Moral de Israel (7.1-7)

7.1-7 Miqueias lamentou a condição espiritual e moral do seu povo. A comparação detalhada nos versículos 1-4a aumenta a angústia sobre buscar em vão o povo devotado ao Senhor ao induzir uma experiência com a qual a sua audiência imediata estaria familiarizada ou, pelo menos, a compreenderia muito bem — aquela de esperar todo o verão para saborear a doçura suculenta dos frutos maduros da seção, mas não havia nenhum. Onde quer que haja pessoas, se não forem **benign[as]** e **ret[as]** (heb. ***yashar***; veja 2.7), então exibirão violência e padrões perversos de comportamento (7.2). Miqueias, para não restar a menor dúvida de que o Senhor seguiria em frente com as suas promessas para punir o seu povo pela perversidade deles, garantiu à sua audiência que o dia estava chegando (**veio o dia**, v. 4).

Em uma época de **confusão** (heb. ***mebukah***, "confusão, perplexidade", v. 4; Is 22.5), quando não se encontra pessoas piedosas em nenhum lugar, aqueles que permanecem fiéis ao Senhor não podem confiar em ninguém, nem mesmo na própria família (Mq 7.5,6). Um tema comum dos comentários rabínicos sobre Miqueias 7.6 é que essas divisões e conflitos familiares caracterizavam um período logo antes do advento do Messias.[3] Quando Jesus enviou os doze discípulos em uma missão limitada, as suas instruções para eles incluíam esse versículo no seu alerta contra os pressupostos de que o propósito da sua vinda era "trazer a paz à terra" (Mt 10.34-39). A apropriação de Jesus dessa passagem assinalou a sua identidade como o Messias e salientou a sua mensagem: "Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus" (Mt 4.17).

Em contraste com os **vigias** (heb. ***tsaphah***, "aquele que toma conta de, observa de perto") para os fiéis que anunciam o **castigo** (NVI) por vir (Mq 7.4), Miqueias determinou **espera[r]** [heb. ***tsaphah***, "observar, esperar"] **no SENHOR**, confiante de que Deus iria **ouvi[-lo]** e libertá-lo (v. 7; Sl 18.42).

A Vindicação de Sião (7.8-20)

7.8-20 Miqueias, falando na *persona* de Jerusalém, profetizou sobre a restauração da cidade de Deus. No entanto, essa boa notícia só é eficaz no contexto da confissão de que aquele que **pe[cou] contra** o Senhor e um reconhecimento de que a sua ira e punição são justos, refletindo a sua justiça (v. 9). Quando as **trevas** e o pecado forem sobrepujados pela **luz** da presença do Senhor e a sua **justiça**, Sião se **levantar[ia]** sobre a sua **inimiga** (vv. 8-10; 2Sm 22.29; Sl 18.43; 107.10,14; Is 9.2).

O domínio do Senhor, representado por Jerusalém, **naquele dia** será evidente nos lugares de origem do qual o povo veio para o centro do seu domínio (Mq 7.12,13; 4.1-8; Sl 72.8; Is 2.2; Zc 9.10). *Ao pedir para o Senhor* ***APASCENTA[R]*** *(heb.* ***ra'ah****, "alimentar, cuidar, levar para pastar" um rebanho de ovelhas; figurativamente, "guardar, cuidar, governar, ordenar") o seu povo, Miqueias usou a imagem que caracteriza Deus como um pastor que cuida do seu próprio "rebanho" (Mq 7.14; Sl 28.9; Is 40.11; Jr 31.10; Ez 34.11-16,23). A mesma imagem marca o caráter do Messias (Mq 5.2 e Mt 2.6; Jo 10.11-16; Ap 7.17).* Miqueias 7.15-17 descreve a resposta à oração de Miqueias. O Senhor prometeu exibir o tipo de poder milagroso por meio do qual ele libertara Israel da escravidão no Egito (v. 15). Em consequência disso, os gentios seriam compelidos a entrar na luz da sua presença, tremendo em reverência — quer de boa vontade, quer não (v. 17).

Miqueias, cujo nome significa "Quem é como o Senhor?", pergunta: **Quem, ó Deus, é semelhante a ti?** (v. 18). O atributo central sobre o qual o profeta elabora é o perdão que Deus estende às pessoas a quem Ele purifica por intermédio do exílio — **restante da [s]ua herança** (v. 18) — os objetos da sua **benignidade** (heb. ***chesed***; veja o estudo da palavra, Rt 1.8). O povo de Deus poderia confiar no Senhor para continuar a manter as suas obrigações relacionadas com a aliança, enraizadas na sua **fidelidade** e a promessa de **benignidade** feita a Abraão e aos seus descendentes por intermédio de Jacó, isto é, Israel (Mq 7.20). Os seguidores de Jesus, aquEle que cumpriu as profecias do Antigo Testamento, reconhecerão no versículo 19 uma vívida descrição do que a crucificação e ressurreição de Cristo alcançou. Esse Governante de Belém cumpriu por meio dessas ações a confiança de Miqueias no Senhor para **subjuga[r]** [heb. ***kavash***, "sujeito, subjugar, pôr sob os pés"] **nossas iniquidades** e para abolir completamente **nossos pecados** (Sl 103.12).

BIBLIOGRAFIA

McComiskey, Thomas Edward. "Micah", em *The Expositor's Bible Commentary*, vol. 7. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

NOTAS

[1] Scott Langston, "Micah". *Holman Illustrated Bible Dictionary* (Nashville: Holman Bible Publishers, 1999), p. 1118.

[2] Rodney R. Hutton, "What Happened from Shittim to Gilgal? Law and Gospel in Micah 6:5", *Currents in Theology and Mission* 26, nº 2 (abril de 1999): p. 94-103.

[3] Max L. Margolis, *The Holy Scriptures with Commentary: Micah* (Charleston, SC: Bibliolife, 2009; reimpresso em Filadélfia: The Jewish Publication Society of America, 1908), p. 72.

NAUM

INTRODUÇÃO

Deus chamou Naum para advertir os assírios da sua destruição vindoura. Os assírios capturaram Tebas, no Egito, em 667 a.C., uma clara demonstração do seu poderio militar, só que o orgulho deles seria a sua ruína. As palavras de Naum foram cumpridas em 612 a.C., quando Nínive foi completamente destruída. Um século antes, o povo de Nínive arrependera-se como resultado do testemunho e do depoimento de Jonas. Todavia, o arrependimento deles teve vida curta, e Naum — nessa sequência da história da jornada de Jonas a Nínive (veja o livro de Jonas) — profetizou que o Senhor terminaria de uma vez por todas com a crueldade deles.

TÍTULO

Esse livro recebe o nome do seu autor Naum (heb., "conforto" ou "consolo", 1.1).

CENÁRIO

Deus revelou-se para Moisés no monte Sinai como um Deus de justiça e misericórdia infinitas. A profecia de Naum é ancorada nesse aspecto da revelação de Deus. Naum representa uma longa tradição profética em Israel; ou seja, o homem inspirado de Deus é equipado com percepção divina capacitando-o a entender o presente e o futuro à luz do passado. Por esse motivo, a profecia de Naum tem de ser entendida contra o pano de fundo da dolorosa opressão assíria sofrida por Israel e Judá. O Reino do Norte de Israel já fora conquistado pela Assíria (722 a.C.). Agora, Judá

experimentava a crueldade assíria. Assim como o Senhor designara a Assíria para julgar Judá pelo seu pecado, também o cálice da ira divina seria derramado sobre Nínive, a capital assíria, quando a cidade caísse para os medos e babilônios (612 a.C.).

GÊNERO

Naum descreve de forma apropriada a sua profecia como oráculo e visão. A sua mensagem caracteriza-se pela imagem vívida e a linguagem pitoresca. O nome de Naum ("consolo") e o versículo temático de Isaías (Is 40.1), "Consolai, consolai o meu povo", sugerem um fundamento em comum. O motivo para o consolo é a fidelidade de Deus — para com o seu povo, para restaurá-los, e para com os seus inimigos (Assíria), para destruí-los.

AUTOR

Conhece-se pouco sobre Naum. Ele é um elcosita, possivelmente nativo de Elcos, cuja tradição árabe é identificada com "Alqosh", uma pequena vila no Iraque. Outros sugerem Cafarnaum, literalmente, "vila de Naum".

DATA

Os eventos históricos discutidos em Naum estabelecem a data do livro antes da destruição de Nínive pelos medos em 612 a.C. As referências à queda de Tebas sugerem que a profecia é posterior à queda dessa cidade em 663 a.C. As referências ao poder da Assíria parecem indicar que o livro foi escrito antes do declínio dessa nação em 626 a.C. Muitos estudiosos, à luz dessa consideração, datariam a composição do livro entre 663 e 612 a.C.

DESTINATÁRIOS

Embora a profecia de Naum seja sobre a vinda da destruição de Nínive, a sua mensagem também traz esperança para o povo de Judá, que estava sofrendo sob a opressão assíria, lembrando-os da eventual derrota da Assíria.

PRINCIPAIS TEMAS

Dois temas percorrem o livro de Naum. Primeiro, Deus é fiel ao seu povo, embora este se afaste reiteradamente dele. Segundo, os malfeitores, no fim, serão destruídos. Naum parece ter alguma similaridade com o livro de Isaías. Os motivos para o julgamento divino sobre Nínive são fornecidos: a opressão desumana administrada pelo exército assírio (2.12) e a perversidade da cidade (3.4).

A opressão assíria fez o povo de Deus questionar como Ele tolerava aquela maldade. A palavra do Senhor transmitida por intermédio de Naum é vívida e precisa. A mão da Assíria fora pesada sobre Judá, mas o seu próprio fim estava próximo. O Senhor iria julgá-la. O livro começa com uma afirmação do poder assombroso de Deus. A sua ira é descrita primeiro em termos da destruição da natureza. O seu julgamento é comparado com a vinda de uma forte tempestade. Ele varreria Nínive com fúria inexorável. Israel, provavelmente, duvidava da justiça de Deus; já Naum, com esse anúncio da ira divina por vir sobre Nínive, acaba com qualquer dúvida sobre o interesse de Deus por justiça. A santidade de Deus, bem como a sua ira justa e poder, deixam claro o legado dos seus inimigos (1.2-10).

Apesar de o livro de Naum ser desagradável de muitas maneiras, a sua mensagem dá esperança para o povo de Judá. Eles, tendo estado sujeitos à dura opressão dos assírios por mais de um século, estavam desanimados. Entretanto, a esperança deles foi renovada pela mensagem de Naum. Eles abraçariam mais uma vez a verdade de que o seu Deus é um Deus de justiça, e Ele vem para auxiliar os que confiam nEle.

ESBOÇO

I. O CASO CONTRA NÍNIVE (1.1-15)
- A. A Evidência (1.1-8)
- B. A Confrontação (1.9-11)
- C. O Julgamento (1.12-15)

II. A DESTRUIÇÃO DE NÍNIVE (2.1-13)
- A. O Cerco da Cidade (2.1-6)
- B. A Degradação da Cidade (2.7-13)

III. A HUMILHAÇÃO DE NÍNIVE (3.1-19)
- A. A Destruição (3.1-4)

B. A Vergonha (3.5-17)
C. O Epitáfio (3.18,19)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

O Caso contra Nínive (1.1–15)

A Evidência (1.1-8)

1.1-8 O sobrescrito sobre **Nínive** (v. 1) enfatiza um dos temas do livro, ou seja, a destruição dessa cidade assíria. O que entra em foco nesses versículos iniciais é o caráter do Senhor (Iavé), o Deus que fez aliança com o seu povo, o Deus que revelou a si mesmo a Moisés no monte Sinai. *Ele, por causa de santidade absoluta, é um Deus* ***ZELOSO*** *(heb.* ***qanno'****, "inflamado, arder por zelo", v. 2), tardio em irar-se, porém grande em poder. A santidade de Deus é tanto positiva, no sentido de defesa apaixonada do bem-estar do outro, quanto negativa, na recusa em ignorar o erro e exigir justiça. Esse zelo é essencial à natureza de Deus e expressa-se nos atos de Deus contra o mal e a idolatria (Tg 4.4,5). O seu zelo é, simplesmente, a sua santidade protegendo o que é seu.*

Ninguém consegue permanecer diante da sua ira, e, ainda assim, Ele é "bom" e "uma fortaleza no dia da angústia" (Na 1.6,7) — os que dependem dEle podem confiar nEle mesmo quando Ele derrama a sua ira sobre outros. Apenas aqueles que se rebelam contra Ele têm motivo para temer.

Deus não seria bom se encobrisse o pecado! O fato de Deus ser tardio em irar-se sempre foi uma evidência reconfortante da sua paciência para com Israel; mesmo quando eles pecavam, Deus daria a eles muitas oportunidades para arrepender-se. Todavia, assim como a sua paciência podia acabar-se com o seu próprio povo, também havia um tempo limite para a Assíria. A Assíria, pouco depois da sua queda para os medos,

babilônios e citas, foi assimilada no Império Babilônio. Deus não deixaria de modo algum o culpado ficar impune.

A Confrontação (1.9-11)

1.9-11 A Assíria fora durante muito tempo uma ameaça para o povo de Judá. Deus permitira que eles atacassem Judá por causa da desobediência destes. Agora que o julgamento de Judá fora completado, a ira ardente de Deus voltava-se para Nínive. Essa capital da Assíria ficava localizada às margens do rio Tigre e fora construída sobre a fundação da cidade estabelecida por Ninrode (Gn 10.11,12). O sentido do julgamento de Deus, no versículo 10, assim como no versículo 8, é descrito em linguagem metafórica. Os ninivitas seriam completamente consumidos. A associação das duas imagens intensifica o julgamento.

O Julgamento (1.12-15)

1.12-15 O julgamento representa uma completa reversão do destino final da Assíria e de Judá. O poder político e militar da Assíria seria completamente destruído enquanto a servidão sobre Judá exercida pela Assíria seria interrompida. A religião da Assíria seria rejeitada (v. 14), enquanto a fé de Judá seria renovada (v. 15).

A Destruição de Nínive (2.1–13)

O Cerco da Cidade (2.1-6)

2.1-6 Esses versículos representam uma transição. O profeta usa vocabulário militar para advertir da dura batalha por vir. O restante do livro é devotado a descrever a destruição de Nínive, que é, em última instância, do Senhor, pelas mãos dos medos e dos babilônios. Embora os assírios sempre estivessem bem preparados para enfrentar qualquer batalha, eles seriam incapazes de resistir ao ataque do Senhor mesmo com a sua perícia militar. A Crônica babilônica registra que Nínive caiu em razão das brechas na defesa da cidade causadas pelas águas das cheias (v. 6).

A Degradação da Cidade (2.7-13)

2.7-13 Essa seção descreve com mais detalhe a derrota arrasadora de Nínive, uma cidade em completa desordem. No Antigo Oriente Próximo, estar **descobert[o]** indicaria humilhação completa, e **bate[r] em seu peito** sugeria sofrimento e pesar avassaladores (v. 7). Há um sentido de urgência e gravidade na descrição. Os versículos 11-13 são uma metáfora interpretando os versículos 7-10. Os reis da Assíria, muitas vezes, comparam-se a leões na ostentação do seu poder aterrador. Nínive tivera liberdade para devastar o mundo conhecido. O leão também é um símbolo de destruição no Antigo Testamento; e a Assíria é mencionada como um "leão", um agente do julgamento de Deus sobre Judá (Is 5.29-30). Agora, os assírios teriam de prestar contas pelos seus atos cruéis. A condenação deles atinge o seu ápice quando o Senhor anuncia: **Eu estou contra ti** (Na 2.13).

O Senhor, antes, dera vitória à Assíria contra os israelitas e outros povos — não por meio do próprio poder da Assíria, mas por causa da vontade de Deus. Agora, o Senhor tirava o seu apoio, e era apenas uma questão de tempo para as consequências surgirem.

A Humilhação de Nínive (3.1–19)

A Destruição (3.1-4)

3.1-4 Aqui começa a descrição vívida da total derrota de Nínive. A Assíria, muitas vezes, contratava as suas forças militares a fim de derrotar nações pequenas e indefesas. Depois, eles também destruiriam os seus aliados. A prostituição e a feitiçaria são frequentemente equiparadas no Antigo Testamento. Nínive, agindo como uma prostituta, pusera muitas nações sob o seu controle por meio dos seus exércitos poderosos e também da sua economia próspera (2Rs 18.29-35). Ao que parece, a Assíria entregava-se a práticas ocultas com regularidade. A alusão à feitiçaria sugere que meios demoníacos eram usados para enganar as nações.

A Vergonha (3.5-17)

3.5-17 Os ninivitas acreditavam que eram invencíveis. Por isso, Naum lembra-os da derrota de Tebas (vv. 8-11), agora conhecida como Luxor, o centro de culto com o templo de Carnaque a Amom, a principal deidade do

Egito durante a 18ª e a 19ª dinastias (1570-1225 a.C.), localizada cerca de 644 quilômetros ao sul de Cairo. Os egípcios tinham defesas muito mais duráveis do que os assírios. Eles estavam situados perto do rio Nilo e tinham inúmeros soldados à disposição. Embora os egípcios achassem que jamais enfrentariam uma derrota, os assírios dominaram-nos em 663 a.C. O ponto da analogia de Naum é que Nínive sofreria o mesmo destino de Tebas. A ironia aqui é que Naum refere-se a uma das cidades que a própria Assíria derrubara. Os ninivitas provariam ser impotentes contra os seus futuros inimigos, assim como os seus inimigos passados foram impotentes contra eles. A despeito da preparação deles, nada os salvaria (vv. 14-17).

O Epitáfio (3.18,19)

3.18,19 O livro de Naum permanece um testemunho da justiça e da salvação do Senhor. O caráter de Deus é posto na balança. Seria possível a justiça de Deus ser aplicada apenas ao seu povo da aliança? Ele permitiria que uma nação estrangeira brutalizasse Israel sem ser punida? Não, pois Ele, quando quer, está disposto e é capaz de punir até mesmo aqueles de fora da aliança. E quanto à sua misericórdia e fidelidade? São elas esquecidas na sua ira ardente? Não, pois, embora puna o seu povo pelos seus pecados, a sua promessa de restauração eterna ainda permanece. A mensagem de Naum é uma boa notícia para aqueles que permanecem no relacionamento correto com Deus, o Senhor (1.15).

BIBLIOGRAFIA

Armerding, Carl. "Nahum", em *The Expositor's Bible Commentary*, vol. 7. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

* Maier, Walter A. *The Book of Nahum*. Grand Rapids: Baker, 1959.

* Para estudos avançados.

HABACUQUE

INTRODUÇÃO

TÍTULO

Habacuque, provavelmente um dos livros mais amados entre os profetas menores, cobre uma ampla variedade de questões sobre a vida, incluindo a natureza do bem e do mal, uma questão relevante para todas as idades. "Habacuque" não é um nome hebraico típico e só ocorre nesse livro (1.1; 3.1). Alguns rabinos relacionam o nome ao termo hebraico ***chavaq***, traduzido por "abraça[r]" (veja 2Rs 4.16), sugerindo que o profeta amava o seu povo e buscava confortá-lo.

CENÁRIO

Habacuque é um livro que apresenta uma luta entre o profeta e o seu Deus. O rei Josias tentou reformar uma sociedade que estava se recuperando de modo vacilante da corrupção moral causada por Manassés e Amom. Contudo, os esforços de reforma de Josias morreram com ele. A corrupção espiritual e moral estava contaminando mais uma vez a sociedade judaica. A Assíria já saíra de cena, mas a Babilônia era uma ameaça cada vez maior para Judá. Os babilônios, referidos como caldeus, nome proveniente da região dos seus governadores, eram liderados nesse momento por Nabucodonosor.

Após a queda de Nínive, a capital da Assíria, em 612 a.C., o povo de Judá experimentou um período de paz relativa. As reformas de Josias alcançaram algum bem moral e espiritual. Quando o povo começou a afastar-se do Senhor, Ele ameaçou usar a Babilônia como o seu instrumento de

julgamento. Habacuque viveu para ver a prosperidade e a destruição do seu povo, e isso o levou a lutar com Deus.

A unidade de Habacuque, como aconteceu com muitos livros, foi criticada, em particular no capítulo 3, uma vez que os críticos afirmam ser muito diferente dos dois capítulos anteriores em termos de estilo e conteúdo. Assim, eles não creem ser possível ter sido escrito no mesmo período ou pelo mesmo escritor. As tendências dos estudiosos modernos de datar o material sálmico (como o conteúdo do capítulo 3) no período pós-exílio são, em geral, a motivação por trás de tais argumentos — com a falsa noção de que um salmo não pode ser uma parte original de uma peça maior de literatura.

Além disso, a ausência de comentários no Manuscrito do Mar Morto sobre o capítulo 3 sugere para alguns que foi escrito após o período de Habacuque. No entanto, essa dificilmente é uma boa razão para duvidar da unidade do livro. Na realidade, um exame justo do livro revela uma continuidade do tema e do pensamento que excedem em valor essas críticas.

GÊNERO

Habacuque é uma profecia, entregue na forma de um diálogo entre Habacuque e o Senhor. O capítulo 3 é um salmo, incluindo instruções musicais. O livro, notável pela sua excelência literária, também inclui metáforas e frases idiomáticas expressivas. O seu formato de perguntas e respostas cativa os leitores e direciona-os para o drama da vida real ao qual muitos podem relacionar-se. Habacuque revela alguns aspectos misteriosos do caráter de Deus embora muitas perguntas permaneçam sem resposta. Contudo, uma maravilhosa esperança e conforto para todo o povo de Deus emergem dessa ironia.

AUTOR

Não sabemos nada sobre Habacuque (heb., "abraçar, abraçador") além do que temos nesse livro (1.1; 3.1). Talvez o nome do profeta sugira o fato de que ele abraçou ou se apegou ao Senhor, ou pode refletir a sua preocupação pelo povo por ele tanto os repreender quanto os confortar. Jerônimo denominou-o de "o lutador" porque o profeta lutou com Deus. A referência às notações musicais no capítulo 3 sugerem que ele pode ter sido

um sacerdote levita engajado no serviço no Templo (3.19). Ele estava profundamente consciente das exigências santas do Senhor Deus. Habacuque, um pouco antes da queda de Jerusalém, chamou o seu povo para renovar a sua confiança no Senhor. Ele falou primeiro sobre o conforto que ele mesmo encontrou em Deus apesar das circunstâncias angustiantes.

DATA

A data pode ser estimada pelas muitas referências aos babilônios no texto. O livro foi claramente escrito em algum momento antes da queda de Jerusalém diante dos babilônios (586 a.C.) e depois da morte do rei Josias (609 a.C.). A maioria dos estudiosos data-o por volta de 625-587 a.C.

DESTINATÁRIOS

Habacuque, por ele ter feito perguntas ao Senhor e recebido respostas, é separado dos outros profetas. Ele, na realidade, falou com Deus sobre o povo. O povo de Judá que vivia em um período um pouco anterior aos ataques de Nabucodonosor obviamente recebeu as suas palavras, e aquela mensagem continua a ser ouvida até a presente era.

PRINCIPAIS TEMAS

Habacuque, após uma breve introdução de si mesmo, estrutura o livro em três seções distintas:

- as suas perguntas e as repostas do Senhor (1.2—2.5);
- os julgamentos de Deus contra os governantes maus (2.6-20);
- a sua oração de fé e confiança (3.1-19).

Quando Habacuque fez as perguntas ao Senhor sobre a natureza do mal e os métodos divinos de punição, Deus respondeu revelando o seu plano de ação. A resposta do profeta é apropriada: "o justo, pela sua fé, viverá" (2.4). O apóstolo Paulo usou essa citação como apoio do Antigo Testamento para a sua afirmação de que a salvação é só pela fé (Rm 1.7; Gl 3.11,12). Habacuque lida com muitas das questões derradeiras da vida, incluindo a

natureza de Deus e o desafio do bem *versus* o mal. Ele tece ao longo do livro a sua garantia de que a fé triunfará sobre a adversidade.

Dessas três seções do livro de Habacuque, apenas a segunda seção ajusta-se ao padrão encontrado em outros profetas. Os grandes profetas escritores do século VIII viam a si mesmos como porta-vozes do Senhor — trazendo a sua palavra para o seu povo. O profeta, conforme fica claro na primeira seção de livro de Habacuque, fala com Deus em favor do seu povo. Habacuque faz duas perguntas. A primeira é: onde está a justiça? (Hc 1.2-5). O Senhor responde ao garantir ao profeta que Ele está bem consciente das injustiças cometidas pelo seu povo. O Senhor, por conseguinte, trará um povo ainda mais iníquo que o seu para julgá-los (1.5-11). Essa revelação levanta naturalmente a segunda pergunta na mente de Habacuque: por que o Senhor usará aqueles que são mais perversos que o seu povo como instrumento para julgá-los? (veja 1.12-17). O profeta, com expectativa, foi para a torre de vigia esperar a resposta do Senhor.

O Senhor agradou-se com as ações do seu servo e revelou-lhe todos os seus planos futuros: o julgamento viria sobre aqueles que julgam o povo de Deus (2.6-20). O versículo mais famoso de Habacuque surge deste contexto: **Eis que a sua alma se incha, não é reta nele; mas o justo, pela sua fé, viverá** (2.4). O apóstolo Paulo usou esse versículo para descrever a justiça fundamentada na fé, não em obras (Rm 1.17).

Os julgamentos no capítulo 2 seguem de perto os principais temas encontrados em outros profetas — uma acusação contra todos os tipos de crueldade:

- o despojar (Hb 2.6-8);
- a injustiça (2.9-11);
- o derramamento de sangue inocente (2.12-14);
- a opressão do próximo (2.15-17); e
- a idolatria (2.18,19).

O capítulo 3 assemelha-se mais a um salmo e afirma a soberania e bondade do Senhor — um exemplo maravilhoso de fé em meio a um futuro incerto.

O livro de Habacuque está longe de ser "menor" em termos da sua influência. Aqueles que viviam nas cavernas do mar Morto e escreveram os

Manuscritos do Mar Morto identificam esse livro como um dos seus favoritos. O livro exerceu grande influência no apóstolo Paulo, provendo parte da sua estrutura para compreender a justiça disponível por intermédio de Jesus Cristo. Martinho Lutero, o pai da Reforma Protestante, abraçou, por intermédio dos escritos de Paulo, a verdade de que o justo viverá pela fé e não pelos seus próprios méritos. Aqueles que falam com loquacidade sobre viver pela fé fariam bem em retornar ao contexto original de Habacuque — angústia, injustiça e terror em meio aos quais a bondade e a justiça de Deus brilham ainda mais.

ESBOÇO

I. AS PERGUNTAS DE HABACUQUE E AS RESPOSTAS DO SENHOR (1.1—2.4)
   A. A Primeira Reclamação de Habacuque (1.1-4)
   B. A Primeira Resposta de Deus (1.5-11)
   C. A Segunda Reclamação de Habacuque (1.12—2.1)
   D. A Segunda Resposta de Deus (2.2-4)

II. O JULGAMENTO DE DEUS CONTRA OS GOVERNANTES MAUS (2.5-20)

III. A ORAÇÃO DE FÉ E A CONFIANÇA DE HABACUQUE (3.1-19)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

AS PERGUNTAS DE HABACUQUE E AS RESPOSTAS DO SENHOR (1.1—2.4)

A Primeira Reclamação de Habacuque (1.1-4)

1.1-4 Habacuque começa com uma frase que serve como título da sua mensagem. Ele usa o termo traduzido na ARC por **peso** (heb. ***massa'***,

"peso ou fardo pesado"; veja o estudo da palavra, Pv 31.1, e veja também os comentários sobre Jr 23.33-40) para descrever a sua profecia. Deus, o autor dessa visão, respondeu de boa vontade às perguntas de Habacuque. O profeta expressou a sua própria exasperação sobre a **iniquidade** e a violência que **viu** (heb. ***chazah***, "ver, perceber", usada em especial para aquilo que é apresentado a um profeta como revelação divina, Hc 1.1; Nm 24.4,16; Is 1.1; Am 1.1; Mq 1.1) em meio ao seu povo (Hc 1.3). Só com a unção do Senhor foi que esse profeta conseguiu ver claramente o futuro. A verdade fora pervertida; a justiça, rejeitada; e o povo de Deus, por conseguinte, sofria.

Habacuque começou a duvidar da bondade de Deus. Ele, enquanto observava o declínio de Judá, lutou com a sua própria fé e desespero hesitantes sobre a perversão da justiça: por que Deus não interveio? Por que o justo sofre quando o culpado parece prosperar? O silêncio de um Deus Todo-poderoso, Todo-amoroso em meio ao caos e à destruição é difícil de entender (v. 3). Temos de lembrar que o silêncio não necessariamente significa indiferença (v. 5).

A Primeira Resposta de Deus (1.5-11)

1.5-11 Deus vê. Ele ordena Habacuque a desviar o olhar do próprio povo para ver as nações (v. 5). Deus faria algo inacreditável. Ele julgaria Judá ao usar uma nação ainda mais perversa que ela — os babilônios. Ao usar imagens do reino animal, Deus descreveu o poder, a desumanidade e a crueldade dos babilônios (v. 8).

A Segunda Reclamação de Habacuque (1.12—2.1)

1.12—2.1 Habacuque estava chocado (v. 12). Onde estava a justiça na punição de Judá por uma nação muito mais perversa (v. 13)? Habacuque compreendeu o caráter de Deus: Ele é eterno e santo. Não tolera o mal. Iavé é o Deus de Habacuque. O profeta é comprometido com o Senhor. No entanto, fica claro que Habacuque não compreende plenamente os caminhos de Deus com o homem. Os babilônios adoravam a sua própria força (v. 16). Como um povo desse tipo poderia ensinar *algo* para a nação de Deus? Antes, eles seriam encorajados a continuar a destruir as outras nações (v. 17). Habacuque foi honesto quando falou com Deus. Habacuque, assim

como Abraão, que questionou a decisão de Deus para destruir Sodoma e Gomorra (Gn 18—19), desejou compreender mais sobre os caminhos de Deus. Habacuque, como Jonas quando esperou fora das portas de Nínive para ver o que Deus faria com a cidade (Jn 4), **vigiar[ia], para ver** como Deus responderia à sua reclamação (Hc 2.1).

A Segunda Resposta de Deus (2.2-4)

2.2-4 Deus respondeu a Habacuque dando-lhe uma visão para que a escrevesse **sobre tábuas** (v. 2), rememorando o tempo em que Moisés recebeu as tábuas com os mandamentos de Deus inscritos nelas. A escrita em tábuas era feita para preservar a mensagem: a aliança não era efêmera, mas duradoura, e as tábuas eram o registro oficial desse concerto. Essas tábuas traziam anúncios públicos para serem exibidos no mercado. Elas eram exibidas de maneira visível e eram fáceis de ler por todos os transeuntes (Is 8.1; 30.8). Quando Moisés desceu do monte, o povo de Israel estava festejando na sua idolatria (a antítese da vida como povo de Deus), e Moisés destruiu as tábuas como um sinal de que a aliança já fora quebrada — como o julgamento imediato sobre o povo. Deus, todavia, fez Moisés fazer novas tábuas porque o Senhor, embora os israelitas tenham transgredido a aliança, continuaria fiel a ela.

O comando para Habacuque escrever em tábuas indica a certeza da visão. Mesmo que a sua compreensão esteja distante (Hc 2.3), Deus será fiel para fazê-la acontecer. O teste derradeiro para um verdadeiro profeta era se a sua profecia aconteceria ou não (v. 3; Dt 18.21,22). O resultado desse alerta é certo porque Deus vê o ego inflado daqueles que Ele está prestes a julgar (Hc 2.4). Essa situação chama pela paciente resignação: **o justo, pela sua fé, viverá** (v. 4).

O apóstolo Paulo referiu-se ao versículo 4 no contexto da salvação. O livramento do julgamento não é por obras humanas; antes, é só pela fé (Rm 1.17; Gl 3.11).

A fé é necessária nesse contexto por duas razões:

• o julgamento sobre os babilônios aconteceria no futuro imprevisível; e

• o atraso no julgamento não faria sentido da perspectiva humana.

Na verdade, não havia nada que Habacuque poderia fazer da perspectiva humana para salvar a si mesmo dessa situação nem poderia salvar a si mesmo do julgamento eterno dos seus pecados.

O Julgamento de Deus contra os Governantes Maus (2.5–20)

2.5-20 A Babilônia — embora protegida por muros que, conforme se cria, eram inexpugnáveis, com quase 26 metros de largura e com quase 18 quilômetros — cairia diante dos medos e dos persas em 539 a.C. (v. 9). O rei babilônio seria muito **soberbo** para reconhecer quando o seu tempo de poder havia terminado (v. 5). Cinco "ais" são apresentados concernentes ao julgamento contra a Babilônia. A lista de ais termina rememorando que o Senhor, independentemente dos babilônios e a sua perversidade, ainda está entronizado no poder **no seu santo Templo**. Quando Ele determinar, toda língua se **calar[á] diante dele** — incluindo a Babilônia (v. 20; Sl 68.5; Sf 1.7). O versículo final aponta para o encerramento de todo o livro (Hc 3.16-19). Deus, em meio a todas as circunstâncias, permanece no poder e soberano sobre todos, e o seu povo pode confiar a Ele toda a vingança, bem como o livramento. O profeta compartilha até mesmo um vislumbre do Reino messiânico por vir (2.14).

A Oração de Fé e a Confiança de Habacuque (3.1–19)

3.1-19 ***SIGIONOTE*** *(heb.; A21), no título, é um termo musical que descreve um ditirambo ou tipo de música marcada por rápidas mudanças de ritmo e emoções. A sua raiz hebraica sugere um homem que se move como alguém intoxicado e é usado aqui para observar a forte paixão emocional do profeta.* Habacuque, por fim, compreendeu a resposta de Deus. Ele respondeu, portanto, na única maneira apropriada: uma **oração** de **tem[or]** (vv. 1,2). Ele não tinha certeza se todas as suas necessidades seriam supridas ou se ele não sofreria nas mãos dos babilônios, mas já não estava mais preocupado com os assuntos mundanos. Antes, ele focou o caráter do seu Deus e afirmou que poderia confiar toda a justiça ao

Senhor. Habacuque triunfaria e regozijar-se-ia no Deus da sua salvação, sabendo que seria fortalecido nesse processo.

Habacuque continuou a expressar um testemunho inspirador de fé em meio às tribulações. Em vez de "tem[er]" os babilônios, maravilhou-se na **obra** do Senhor (v. 2). Habacuque rememorou a seguir as obras de Deus no passado, o livramento do povo de Israel do Egito. A sua oração no passado apelava a Deus por ajuda no presente (vv. 3-15). O escritor do Salmo 77 fez algo similar ao lembrar-se do livramento de Israel saindo do Egito. Jeremias, em meio à destruição de Jerusalém, também trouxe à mente as obras fiéis de Deus no passado a fim de encontrar conforto e força no presente (Lm 3). A oração de Habacuque é organizada em uma estrutura quiasmática (veja "Gênero" na Introdução a Rute), que enfatiza a importância dessa revelação:

(A) Introdução (v. 1)
  (B) A oração (v. 2)
    (C) A revelação de Deus (vv. 3-15)
  (B) A resposta vv. 16-19)
(A) O epílogo (v. 19)

A oração do profeta comunica o contraste entre o passado, majestoso como foi, com a demonstração por vir do poder impressionante de Deus em meio à angústia presente.

Habacuque experimentou uma mudança dramática no seu foco (vv. 16-19). A sua resposta já não focava mais o passado; antes, ele foi totalmente desarmado pela revelação da fidelidade de Deus no passado e a garantia de que Ele também controlaria o presente. A fé nasce da tragédia pessoal, e a perda é transformada em vitória marcada pela fé e alegria exultantes por causa do conhecimento sobre Deus e a sua intervenção. Assim, o livro de Habacuque não acaba em desespero, mas triunfo! O Senhor, pela sua bondade, exercita o seu poder em favor do seu povo. Ele é fiel até mesmo quando o seu povo é infiel. Habacuque descobriu que Deus é suficiente! Aquele que tem fé supera todas as circunstâncias (v. 19; 1Jo 5.4,5).

BIBLIOGRAFIA

Lloyd-Jones, Martin. *From Fear to Faith*. Londres: InterVarsity, 1953.
* Ward, W. H. *A Critical and Exegetical Commentary on Habakkuk*. International Christian Commentary. Edimburgo: T&T Clark, 1911.

* Para estudos avançados.

SOFONIAS

INTRODUÇÃO

TÍTULO

Esse livro recebe o nome do seu autor, Sofonias (heb., "O Senhor esconde"), o que pode sugerir que o Senhor escondeu ou protegeu Sofonias do reinado idólatra e opressivo de Manassés (686-642 a.C.). E muito mais, o julgamento por vir sobre a perversidade de Judá e os seus vizinhos estimula o justo a desejar que eles também fiquem "escondidos" ou "ocultados" da ira por vir. O profeta traz a mensagem de proteção de Deus para aqueles que confiam nEle — até mesmo em meio ao seu julgamento.

CENÁRIO

A mensagem de Sofonias, junto com alguns dos primeiros discursos de Jeremias e a história registrada em 2 Reis 21—23, descreve as condições religiosas, morais e sociais em Judá naquela época. Josias ascendeu ao trono depois dos reinados perversos de Manassés (695-642 a.C.) e Amom (642-640 a.C.). A condição moral de Judá estava em declínio havia mais de cinquenta anos. A capital do Reino do Norte de Israel, Samaria, graças à sua própria perversidade, caíra diante dos assírios em 722 a.C.

Manassés e Amom permaneceram vassalos da Assíria. Contudo, por causa das mudanças políticas na Assíria, Josias experimentou alguma liberdade da opressão deles e lançou as suas reformas maciças. Ele chegou até mesmo a mudar-se para o Reino do Norte a fim de recuperar parte das terras perdidas para a Assíria.

Sofonias reflete uma sociedade que se desviara da influência da sua fé. O rei Josias, no seu íntimo, queria trazer um reavivamento em Judá. Se

Sofonias pregou, de fato, durante as amplas reformas, então deve ter desempenhado um papel ajudando a efetuar a reforma.

GÊNERO

O livro de Sofonias, embora quase totalmente poético na sua forma, é uma declaração profética.

AUTOR

Embora o sentido exato de Sofonias (heb.) continue incerto, a maioria dos estudiosos atribui o seu sentido como "Iavé, ou o Senhor, esconde ou guarda". Se esse for o caso, a referência pode ser ao tema recorrente de esconderijo, "porventura sereis escondidos no dia da ira do SENHOR" (2.3) — isto é, o desejo de que o Senhor escondesse o seu povo das consequências terríveis da sua ira, as quais estavam prestes a ser derramadas. As consequências das ações idólatras e perversas de Manassés, rei de Judá (695-642 a.C.), estavam sendo sentidas em toda a terra, necessitando das reformas de Josias.

Três outros homens na Escritura tinham esse nome (1Cr 6.36; Jr 21.1; Zc 6.10,14). Sofonias é o único profeta a apresentar um longo registro genealógico. Ele era tataraneto de um indivíduo chamado Ezequias, a quem a maioria dos estudiosos acreditam ser o rei popular de Judá. Nada mais é registrado a respeito da vida do profeta (Sf 1.1).

DATA

Sofonias observa o período em que profetizou durante o reinado de Josias, filho de Amom e rei de Judá (640-609 a.C.) ou, mais especificamente, entre a primeira reforma e a segunda de Josias (628-622 a.C.).

DESTINATÁRIOS

Os destinatários imediatos da mensagem de Sofonias eram o povo de Judá.

PRINCIPAIS TEMAS

Sofonias implorou ao povo para buscar o Senhor à luz do seu julgamento iminente. A sua principal mensagem era contra o povo de Judá, sobretudo os líderes que deram as costas para o Senhor. Ele alertou-os sobre as maldições da aliança mosaica que estavam prestes a ser liberadas contra eles no "dia do SENHOR", com o propósito de preparar um remanescente. Sofonias profetiza a esperança de restauração para todos os que foram purificados do pecado. Quando o pecado aumenta além de toda medida e a terra merece ser totalmente destruída no julgamento, o plano de Deus é revelado: Ele reunirá mais uma vez a si um povo que é seu (3.9).

Um tema principal em Sofonias é o "dia do SENHOR", um ponto importante de referência na Escritura e fundamental para compreender a escatologia bíblica (1.7,14). Embora Sofonias tenha usado a expressão com maior frequência, os outros profetas registraram-na em referência à intervenção providencial do Senhor em assuntos de Israel e também entre as nações pagãs (Is 13.6-9; Jl 1.15; Am 5.18). O primeiro capítulo foca o julgamento do Senhor sobre Judá; no segundo capítulo, depois de implorar ao povo para que se arrependesse, os julgamentos são pronunciados contra alguns dos vizinhos de Judá, incluindo a Filístia, Moabe, Amom e Assíria; o último capítulo continua com os temas de julgamento sobre Jerusalém, enquanto prometendo a sua glória futura.

ESBOÇO

I. O DIA DO JULGAMENTO (1.1—2.15)
- A. A Natureza Universal do Julgamento (1.1-3)
- B. O Julgamento de Judá (1.4—2.3)
- C. O Julgamento das Nações Vizinhas (2.4-15)

II. OS PECADOS DE JERUSALÉM (3.1-8)
- A. Os Pecados dos Líderes (3.1-5)
- B. O Pecado dos Corações Impenitentes (3.6-8)

III. A PROMESSA DE RESTAURAÇÃO (3.9-20)
- A. As Nações Adoradoras (3.9,10)
- B. O Remanescente Fiel (3.11-20)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

O Dia do Julgamento (1.1—2.15)

A Natureza Universal do Julgamento (1.1-3)

1.1-3 Apenas **Sofonias**, dentre os profetas menores, fornece um registro estendido da sua linhagem. Se ele fosse um descendente do grande rei Ezequias, teria tido uma visão pessoal nas atividades dos líderes de Judá. A sua descrição da natureza universal do julgamento de Deus é reminiscente da linguagem usada por Moisés com relação ao Dilúvio de Noé (Gn 6.7; 7.23) e por Isaías (24), quando descreveu a devastação que viria sobre toda a terra (Sf 1.2). O profeta falou três vezes sobre o propósito do Senhor de **consumi[r]** (heb. ***suph***, "consumir") toda a terra, enfatizando um aspecto abrangente e amplo da ira de Deus (vv. 2,3). O Senhor, ao usar a linguagem da criação e enumerar as diferentes espécies de vida, enfatiza que nenhum ser criado escapará do julgamento.

O Julgamento de Judá (1.4—2.3)

1.4—2.3 Sofonias, de um foco universal, focou especificamente **Judá** (v. 4). O povo de Judá e **Jerusalém** eram culpados de adorar o deus pagão **Baal** (heb. "mestre, marido, possuidor", v. 4) e de jurar a **Malcã**, o deus dos amonitas (v. 5; 1Rs 11.5; 2Rs 23.13). A adoração de Baal foi inicialmente introduzida em Israel pelo rei Acabe, erradicada por Ezequias (2Rs 21.1-3), reintroduzida e praticada de maneira mais disseminada durante o reinado de Manassés.

Acreditava-se que essa divindade cananeia controlava toda a fertilidade. Sofonias usou a metáfora de um ritual de **sacrifício** (Sf 1.7) e termos associados com as refeições sacrificiais bem conhecidas dos judeus para descrever a severidade do julgamento por vir sobre Judá. A vítima no sacrifício é Judá enquanto os **convidados** são os babilônios, o instrumento de Deus para trazer julgamento sobre eles (v. 7; Is 34.6; Jr 46.10; Ez 39.17-19). O Senhor punirá especialmente os filhos do rei (talvez os filhos de Josias — Jeoacaz, Jeoaquim e Zedequias) que estavam usando **vestidura**

estranha (Sf 1.8) — um sinal demonstrando o quanto se distanciaram de Deus, tendo se entrincheirado no pensamento pagão e trazido para Judá a idolatria e rejeição aberta de tudo o que Deus declarou santo.

Os líderes de Judá chegaram até mesmo a adotar o ritual supersticioso dos filisteus de saltar **sobre o umbral** no templo de Dagom (1.9), ou, pior ainda, eles saltavam impetuosamente sobre os umbrais a fim de saquear os outros, principalmente os pobres e os indefesos entre eles. Eles tornaram-se tão iludidos pela sua emulação das práticas culturais do paganismo a ponto de acreditar que o seu comportamento seria ignorado pelo Senhor; mas o Senhor **esquadrinhar[ia] Jerusalém com lanternas** — não haveria esconderijo para os perversos (1.12).

O Senhor, portanto, é justificado em administrar o seu **dia do furor** não só sobre Judá, mas também sobre todo o mundo (1.15,18; 2.3). Sofonias, apoiando-se na imagem usada por muitos dos profetas antes dele (Jl 2.11; Is 2.5-22,24), descreveu o **dia do SENHOR** com os termos mais sombrios (Sf 1.14), retratando vividamente a sua destruição com os termos do conflito militar. Englobaria **toda esta terra** (1.18). O Senhor traz tal devastação porque **os homens** — ou seja, toda a humanidade — **pecaram contra o SENHOR** (1.17).

Por conseguinte, a única forma de escapar dessa ira é arrependendo-se. Sofonias chamou especificamente os **mansos da terra**, aqueles que executam os mandamentos de Deus (2.3). Sofonias, apesar de não ser possível evitar o dia do julgamento, encorajou o justo a reconhecer o padrão de justiça do Senhor para continuar em fidelidade para que aqueles que honraram o Senhor fossem protegidos em meio a destruição inevitável por vir (v. 3).

O Julgamento das Nações Vizinhas (2.4-15)

2.4-15 Nessa seção, Sofonias profetizou julgamentos específicos para as nações circunvizinhas. Sofonias, como muitos dos outros profetas, usou oposições literárias: universal/restrito; presente/futuro. Ele demonstrou que Deus está no controle de todos os eventos o tempo todo. Todos os deuses feitos por mãos humanas serão, por fim, destruídos, assim como o Senhor destrói primeiro as nações que dependem desses falsos deuses. Depois, todas as nações reconhecerão e adorarão Iavé como o único Deus verdadeiro (Is 45.23; Ml 1.11). Esse tema é repetido muitas vezes na literatura profética da

Bíblia. As nações mencionadas nessa seção são a terra dos **filisteus** a oeste (Sf 2.4-7), **Moabe** e Amom a leste (vv. 8-11), a terra dos **etíopes** a sul (v. 12) e a **Assíria** (vv. 13-15), cujo caminho da invasão era ao norte. O uso de nações localizadas nos quatro principais pontos de referência da terra era representativo da universalidade do julgamento por vir.

> A ira do Senhor queimará com tanto brilho naquele dia que, enquanto nesta terra, até mesmo o justo achará difícil escapar.

Os Pecados de Jerusalém (3.1–8)

Os Pecados dos Líderes (3.1-5)

3.1-5 Nessa seção vem a acusação especificamente contra os líderes de Jerusalém. Os crimes dos líderes estão imprensados entre as referências a Jerusalém (vv. 1,5):

- Os príncipes e os juízes são vorazes (v. 3).
- Os profetas apresentam de forma equivocada a Deus (v. 4).
- Os sacerdotes estão maculados e negligenciam as suas tarefas no Templo (v. 4).

A desobediente Jerusalém é contrastada com o Senhor fiel que habita nela (vv. 1,5). A afirmação **fizeram violência à lei** fala sobre a distorção e desfiguração da Palavra de Deus para justificar a sua perversidade (v. 4; Jr 7.8). Jeremias apoiou-se na descrição do Senhor feita aqui por Sofonias e exaltou a fidelidade do Senhor em contraste com a infidelidade de Jerusalém (Lm 3.22-24).

O Pecado dos Corações Impenitentes (3.6-8)

3.6-8 Sofonias lembrou-se de modo vivaz que o povo de Deus **extermin[aria] [as outras] nações**. O povo deveria temê-lo e prestar atenção à sua correção, mas estavam tão mergulhados no seu pecado e apostasia que agiam de modo ainda mais corrupto (v. 7). Portanto, virá o

dia em que toda a terra será consumida pela sua ira. Embora o dia do Senhor não seja mencionado especificamente, é certamente o que é referenciado. Sofonias implorou aos seus leitores para focar o Deus de Israel, pois o destino de todos repousa nas suas poderosas mãos.

A Promessa de Restauração (3.9–20)

As Nações Adoradoras (3.9,10)

3.9,10 O dia do SENHOR traz destruição sobre a terra, mas também purifica e restaura um remanescente de todas as nações que adorarão o Senhor em santidade (v. 9). A fala deles será purificada, e servirão ao Senhor com um só coração (v. 9). Alguns sugerem que **lábios puros** transmite a ideia de uma reversão ao evento da Torre de Babel (Gn 11.1-9). A purificação dos "lábios" daqueles que foram poluídos por clamar a ídolos sem valor seria explicada pela adoração pura e imaculada (Sf 3.11; Os 2.17). A linguagem que se tornou impura por intermédio da rebelião seria purificada para que todas as pessoas possam chamar o nome do Senhor (Rm 10.13).

O Remanescente Fiel (3.11-20)

3.11-20 A restauração futura do povo de Deus é descrita até mesmo em meio à devastação profetizada (vv. 11-13). A soberba e a vanglória serão removidas para longe (v. 11). Só os mansos e os humildes, aqueles que confiam totalmente no Senhor, permanecerão (v. 12). O único temor em Sião será o temor reverente e santo do Senhor (vv. 16,17). *O termo* ***FILHA*** *(heb.* ***bat****) é algumas vezes corroborado com o nome de um lugar como uma figura de linguagem que representa os habitantes daquele lugar (v. 14; Is 23.10,12; Jr 46.11). Aqui, a palavra está ligada a "Sião", referindo-se ao povo de Jerusalém ou à cidade de Davi, construída no monte Sião.*

Jesus confirmou essa descrição quando declarou no Sermão do Monte que apenas os mansos e humildes herdarão o Reino de Deus (Mt 5.5). A idade messiânica é descrita como marcada pela alegria e contentamento por toda a Sião (Sf 3.14-20). O julgamento e a restauração estão nas mãos do Senhor. A magnitude do pecado descrito em todo o livro de Sofonias torna surpreendente essa promessa.

"Eu os congregarei": essas são as palavras da promessa referindo-se ao remanescente a quem Deus traria de volta a Jerusalém depois dos setenta anos de exílio na Babilônia (v. 18). Esse retorno, na verdade, começou quando Ciro divulgou o seu édito em 538 a.C. Aquele retorno glorioso à terra foi prometido ao povo de Deus no cumprimento da profecia de Sofonias, pressagiando a redenção final da criação por Deus. Essa promessa é selada pelas palavras com autoridade divina — **diz o SENHOR** (v. 20).

BIBLIOGRAFIA

* Barker, Kenneth L. e Waylon Bailey. *Micah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah*. The New American Commentary, vol. 20. Nashville: B&H Publishing Group, 1998.Patterson, Richard D. *Nahum, Habakkuk, Zephaniah: An Exegetical Commentary*. Dallas: Biblical Studies Press, 2003.

* Para estudos avançados.

AGEU

INTRODUÇÃO

TÍTULO

O livro traz o nome do seu autor, Ageu, que entregou quatro mensagens ou profecias ao remanescente judeu em 520 a.C. para encorajá-los a retomar a reconstrução do Templo (veja "Autor").

CENÁRIO

Em 538 a.C., o rei Ciro da Pérsia permitiu que os judeus que estavam no seu reino retornassem a Jerusalém para ajudar a reconstruir o Templo. Em 537 a.C., Zorobabel fez a jornada de 1.440 quilômetros para Jerusalém com o primeiro grupo de exilados, totalizando cerca de cinquenta mil deles (veja Ed 1—4). Em 536 a.C., a fundação do Templo foi feita; mas, quando os israelitas começaram a reconstrução, enfrentaram oposição dos seus inimigos nas terras circunvizinhas. O remanescente judeu ficou desencorajado e deixou a obra que Deus chamara-o a fazer e concentrou-se em construir as suas casas. Dezesseis anos mais tarde, em 520 a.C., Deus enviou o seu profeta Ageu para chamar o povo de volta à sua tarefa, e Ageu, em um período de mais de quatro meses, entregou mensagens para o povo chamando-o para considerar o seu caminho, ser acusado dos seu pecado, ser encorajado pela fidelidade de Deus e receber a garantia da bênção prometida do Senhor (veja Ed 5—6).

GÊNERO

Esse breve livro com apenas 38 versículos é incluído nos livros pós-exílio, um dos 12 livros identificados como Profetas Menores.

AUTOR

Ageu (heb., "festa ou festival"), um profeta (Ag 1.1) e mensageiro do Senhor (1.13), ministrou por um breve período de quatro meses para encorajar a reconstrução do Templo e depois desapareceu da história registrada na Bíblia. Por conseguinte, não conhecemos muito sobre esse profeta. Ele foi contemporâneo de Zacarias (Ed 5.1; 6.14), embora nenhum dos dois profetas tenha mencionado o outro. No entanto, Zacarias começou o seu ministério cerca de dois meses depois de Ageu (veja "Introdução" em Zacarias). Os estudiosos debatem se Ageu nasceu em Israel e depois foi levado ao exílio, se nasceu na Babilônia durante o exílio ou se residia em Israel sem jamais ter sido levado ao exílio. Ageu, contudo, estava claramente familiarizado com a situação em Jerusalém, e Deus usou o profeta para motivar o seu povo a retomar a tarefa de reconstrução do Templo.

DATA

Todas as profecias ou mensagens que Ageu entregou recebem datas específicas em um período de quatro meses em 520 a.C. (o segundo ano do rei Dario). Embora não se possa afirmar com certeza a data da compilação do livro, muitos estudiosos estimam que Ageu registrou essas profecias logo após tê-las entregado ao povo.

DESTINATÁRIOS

Os destinatários das quatro mensagens de Ageu são evidentemente designados no texto. Ele dirige-se a Zorobabel, o governador de Judá; Josué, o sumo sacerdote; e o "resto do povo" ou os exilados que retornaram a Israel.

PRINCIPAIS TEMAS

Ageu é identificado como "um dos menores profetas dentre os profetas menores; de fato, um dos mais desprezados". Outros difamaram Ageu por

causa da sua mensagem focada nas coisas materiais, e não nas verdades teológicas ou espirituais. No entanto, tais conclusões podem ser prematuras. O material e o espiritual não podem ser totalmente separados. Ageu entregou a mensagem de Deus ao povo de Deus sobre as coisas de Deus no tempo de Deus. Um tema fundamental nesse sermão é a ênfase em Deus como o Senhor dos Exércitos com o poder de Deus sobre todas as coisas tanto na terra como no céu. Esse título deveria encorajar o seu povo a saber que Deus poderia efetuar a reconstrução do Templo e que o Senhor merecia ser adorado nesse Templo

ESBOÇO

I. A PRIMEIRA MENSAGEM: A RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO (1.1-15)
   A. O Desafio de Ageu (1.1-11)
   B. A Resposta do Povo (1.12-15)

II. A SEGUNDA MENSAGEM: O ENCORAJAMENTO E A PROMESSA (2.1-9)

III. A TERCEIRA MENSAGEM: DA PROFANAÇÃO À BÊNÇÃO (2.10-19)

IV. A QUARTA MENSAGEM: A PROMESSA PARA ZOROBABEL (2.20-23)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

A Primeira Mensagem: A Reconstrução do Templo (1.1–15)

O Desafio de Ageu (1.1-11)

1.1-11 Ageu fornece uma data precisa para a sua mensagem: **no ano segundo do rei Dario, no sexto mês, no primeiro dia do mês** (v. 1), o que deveria ser por volta de 29 de agosto de 520 a.C. O primeiro dia

de todos os meses era dia santo, quando o povo fazia uma oferta especial ao Senhor no altar (Nm 28.11-13). O profeta questiona as prioridades do povo (Ag 1.1-4). Ele começa dirigindo-se aos líderes: Zorobabel, o governador, e Josué, o sumo sacerdote. Embora todo o povo fosse culpado de negligenciar a obra do Senhor, Ageu começou dirigindo-se aos homens que foram escolhidos para ocupar posições de autoridade religiosa e civil sobre o povo. Eles não só negligenciaram a reconstrução do Templo, como também ignoraram a tarefa de liderar o povo. Ageu fala em nome do **SENHOR dos Exércitos** (v. 2), referindo-se à natureza poderosa de Deus, quem protegeu os israelitas e preservou o remanescente, o Deus a quem os israelitas desobedeceram. Eles moravam em **casas estucadas** (v. 4), referindo-se aos telhados ou muros altamente decorados, enquanto a casa de Deus fica **deserta**, em ruínas (v. 4).

De Coração a Coração

Distrações e a obra do Senhor

As distrações são uma das ferramentas mais letais nas mãos do inimigo. As mulheres têm de ser cuidadosas para escolher o melhor, em vez de apenas coisas boas que tenham a ver com o seu tempo. Podemos ocupar-nos com coisas não pecaminosas; no entanto, se nos distrairmos da tarefa que nos chamou Deus a fazer, nossas muitas boas ações não valerão nada. Os israelitas passaram anos trabalhando nas suas casas e preocupados em levar a sua vida, enquanto o Templo está em ruínas. Assim como Ageu chamou-os para considerar os seus caminhos, também temos de considerar nossos caminhos. Gastamos nosso tempo fazendo a obra do Senhor, ou estamos nos distraindo das coisas que nos chamou o Senhor a fazer? Podemos perder o melhor de Deus quando tiramos nossos olhos dEle.

Ageu delineia as adversidades que as pessoas enfrentam por causa da sua desobediência (vv. 5-11). A frase **aplicai o vosso coração aos vossos caminhos** (ou "considerai" [ARA], vv. 5,7) é uma das expressões favoritas de Ageu para instar os israelitas a refletir cuidadosamente sobre a vida e as decisões deles. Eles, por causa da sua desobediência, experimentaram frustrações e falhas, e Ageu chama-os de volta ao primeiro trabalho de reconstrução do Templo de Deus.

A Resposta do Povo (1.12-15)

1.12-15 Deus usou a mensagem de Ageu para condenar o povo e levá-lo a retomar a obra. Zorobabel, Josué e **todo o resto** do povo **ouvi[ram] [...] a voz do SENHOR** (v. 12). A referência de Ageu ao povo como o "resto" é relevante. Estes eram aqueles que temiam o Senhor no sentido de que escolheram honrá-lo e reverenciá-lo. Eles não estavam obedecendo porque temiam a ira de Deus, mas porque foram despertados para a sua desobediência e para a total incompatibilidade de tal desobediência para um filho de Deus que deveria estar muito consciente da perfeita fidelidade do Senhor. Deus, quando o povo começou a sua obra, encorajou-os por intermédio de Ageu, garantindo-lhes que estava com eles (v. 13).

Há algumas questões sobre por que a obra foi retomada 23 dias (**ao vigésimo quarto dia do sexto mês, no segundo ano do rei Dario**, v. 15) depois de Ageu entregar a sua mensagem. Embora alguns sugiram que essa data é um equívoco, é preciso observar que a colheita era feita durante o sexto mês. Todas as pessoas com capacidade para o trabalho estariam no campo para a colheita e, portanto, incapazes de trabalhar no Templo. No entanto, assim que as colheitas nas plantações chegaram ao fim, o povo começou a trabalhar no Templo.

A Segunda Mensagem: O Encorajamento e a Promessa (2.1–9)

2.1-9 Ageu, cerca de um mês mais tarde, entregou a sua segunda mensagem **no sétimo mês, ao vigésimo primeiro do mês** (v. 1), o último dia da Festa dos Tabernáculos (ou Cabanas) que durava sete dias. O Senhor instruiu Ageu a perguntar ao povo se alguém se lembrava da **primeira glória** do Templo (v. 3). O povo que se lembrava do Templo sabia que o Templo presente não se assemelhava em nada com o Templo de Salomão, aquele que fora dedicado 440 anos antes durante a Festa das Cabanas (veja 1Rs 8.2). Não obstante, o Senhor encorajou-os a **esforça[r-se]** porque Deus estava com eles (Ag 2.4).

O Templo, embora tenha sido profanado por Antíoco Epifanes (16 de dezembro de 167 a.C.), seria restaurado por Herodes, o Grande, começando em 19 a.C., e o próprio Cristo andaria e ministraria nEle, o que o tornaria mais glorioso do que o Templo de Salomão.

A promessa futura, que o Senhor entregou ao povo por intermédio de Ageu, é que esse Templo seria cheio com a glória de Deus e que a **paz** seria provida nesse Templo (v. 9).

A Terceira mensagem: Da Profanação à Bênção (2.10-19)

2.10-19 A terceira mensagem entregue no **vigésimo quarto dia do mês nono, no segundo ano de Dario** é uma exortação à santidade (v. 10). Deus, na primeira mensagem, encorajou o povo a considerar os seus caminhos e retomar o seu trabalho. Na segunda mensagem, ele incitou o povo a esforçar-se e ser forte; e, nessa terceira mensagem, Deus trata da pureza e impureza. O Senhor fez uma série de perguntas para mostrar que a santidade não pode ser pega nem transmitida pelo toque.

Ageu pediu várias vezes para o povo **aplica[r]** o coração (v. 15) e **considera[r]** cuidadosamente (v. 18) o fato de que a desobediência deles tornou-os impuros diante do Senhor, e ele explicou por que não receberam de imediato as bênçãos assim que retornaram à obra do Senhor. Este os abençoaria deste dia em diante porque a punição já demonstrada ensinara algo, só que Ageu não queria que eles esquecessem-se de que a sua desobediência anterior teve, de fato, consequências. Deus tem controle sobre todos os aspectos da vida e fez com que eles enfrentassem dificuldades com as plantações por causa da sua pecaminosidade.

A Quarta Mensagem: A Promessa para Zorobabel (2.20-23)

2.20-23 A última mensagem aconteceu no mesmo dia que a terceira mensagem e foi especificamente direcionada a Zorobabel. O propósito dessa mensagem foi proclamar a intenção de Deus para levantar um líder para o seu povo. Zorobabel, um descendente da linhagem davídica, era um tipo do Senhor Jesus Cristo; e o fato de Ageu dirigir-se a Zorobabel, e não Josué, sugere que essa mensagem tem implicações régias. Deus derrubaria os líderes das nações e faria que se voltassem uns contra os outros (v. 22).

Zorobabel, assim que aconteceu, chamado de **servo meu**, um título que é com frequência messiânico no Antigo Testamento (veja 1Rs 11.34; Ed 34.23-24), seria feito semelhante a **um anel de selar** (Ag 2.23).

Um anel de selar era usado para designar autoridade régia, e o avô de Zorobabel, Joaquim, também foi chamado de anel de selar de Deus (Jr 22.24-25), apesar de ele ter sido removido por Nabucodonosor quando ele foi enviado para o exílio. No entanto, figurativamente Deus colocara Zorobabel de volta nas suas mãos; e Zorobabel, por ser descendente de Davi, serviu como um símbolo da autoridade de Deus. Apesar de as promessas feitas a Davi de uma dinastia e um reinado eternos sobre Israel parecerem ter sido quebradas por intermédio do exílio, Deus proclamou a sua fidelidade por meio dessa mensagem para o membro corrente da linhagem de Davi.

A vitória prometida em Ageu 2.21-22 seria alcançada por intermédio dos descendentes de Zorobabel, o filho perfeito de Deus, Jesus Cristo (cp. 1Rs 11.34). Essa mensagem de esperança promete a vinda do Messias e o cumprimento de todas as promessas feitas a Israel.

BIBLIOGRAFIA

* Taylor, Richard A. e E. Ray Clendenen. *Haggai, Malachi*. The New American Commentary, vol. 21A. Nashville: B&H Publishing Group, 2004.

Wiersbe, Warren B. *Be Heroic: A Study of Ezra, Haggai, and Zechariah*. Colorado Springs: Chariot Victor Publishing, 1997.

* Para estudos avançados.

ZACARIAS

INTRODUÇÃO

A mensagem central do livro de Zacarias é captada pelas palavras iniciais do Senhor para o povo por intermédio do profeta: "Tornai para mim, [...] e eu tornarei para vós" (1.3). Deus prometeu o retorno do cativeiro babilônio e reinstituição do Templo. Zacarias, por intermédio de visões e oráculos, predisse a glorificação de Jerusalém, a cidade santa de Deus, que será derradeiramente efetuada pela vinda do Rei messiânico.

TÍTULO

Esse livro recebe o nome do seu autor, o profeta Zacarias.

CENÁRIO

O ministério de Zacarias começou durante o período pós-exílio na época do retorno de Judá do exílio babilônico. Já se havia passado 75 anos desde que Jeremias profetizou a queda de Jerusalém e o exílio do povo. Quando se completasse o tempo no exílio (Is 40.2), Deus estimulou Ciro, o rei da Pérsia, a permitir que Judá retornasse para a Terra Prometida e reconstruísse o Templo do Senhor (Is 44.28).

Zacarias começou pregando cerca de dois meses depois de Ageu dar início ao seu ministério. A obra de Zacarias começou com a captura da Babilônia por Ciro (539 a.C.) e continuou durante todo o período da restauração do Templo. Ciro, logo após conquistar a Babilônia, permitiu que Judá retornasse para a terra de Israel e reconstruísse o Templo (2Cr 36.21-23; Ed 1.1-4; 6.3-5). O primeiro grupo de exilados a retornar para a terra, de acordo com Esdras, trabalhou na fundação do Templo, mas, a seguir,

encontraram muitos obstáculos, o que fez com que as obras fossem interrompidas. Uma função importante do livro de Zacarias foi motivar e encorajar o povo a completar o Templo (Zc 4.8-10). A oitava visão do profeta revela que Deus estava chamando o seu povo a retornar sinceramente a Ele.

GÊNERO

O livro de Zacarias, como os de Daniel, Apocalipse e porções de Ezequiel, tem alguns elementos da literatura apocalíptica, comunicando revelações por intermédio de visões ou símbolos e descrevendo a consumação da história com imagem vívida.

AUTOR

O autor identifica-se como "Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ido" (1.1). Zacarias, assim como Jeremias e Ezequiel, que vieram antes dele, era sacerdote. Nasceu na Babilônia, estava entre aqueles que retornaram para a Palestina em 538-537 a.C. sob a liderança de Zorobabel e Josué (Ne 12.4). Zacarias, ao que tudo indica, sucedeu o seu avô Ido como chefe daquela família de sacerdotes. Talvez o seu pai, Baraquias, já tivesse morrido (Ne 12.10-16). O ministério de Zacarias, embora contemporâneo de Ageu, foi muito mais longo (Zc 1.1; 7.1; Ed 5.1; 6.14; Ag 1.1). Zacarias pode ter vivido durante o reinado de Artaxerxes I. Zacarias enfatizou a necessidade de renovação espiritual no povo de Israel e focou a reconstrução do Templo e reinstituição do sistema sacrificial.

DATA

Zacarias registra uma data para muitas das suas profecias, podendo ser correlacionadas com as de Ageu e com outros eventos históricos:

Os eventos históricos nos livros de Ageu e Zacarias

EVENTO	DATA	REFERÊNCIAS
A primeira mensagem de Ageu	29 de agosto, 520 a.C.	Ed 5.1; Ag 1.1-11
A construção do Templo	21 de setembro, 520 a.C.	Ed 5.2; Ag 1.12-15

A segunda mensagem de Ageu	17 de outubro, 520 a.C.	Ag 2.1-9
O início da pregação de Zacarias	Novembro, 520 a.C.	Zc 1.1-6
A terceira mensagem de Ageu	Outubro, 520 a.C.	Ag 2.10-19
A quarta mensagem de Ageu	Dezembro, 520 a.C.	Ag 2.20-23
A carta de Tatenai a Dario concernente à reconstrução do Templo	519-518 a.C.	Ed 5.6-17
As oito visões noturnas de Zacarias	Fevereiro, 519 a.C.	Zc 1.7—6.8
A coroação de Josué	Fevereiro, 519 a.C.	Zc 6.9-15
O chamado ao arrependimento e a promessa de bênçãos	Dezembro, 518 a.C.	Zc 7—8
A dedicação do Templo	Março, 516 a.C.	Ed 6.16-22
A profecia final de Zacarias	Depois de 480 a.C.	Zc 9—14

DESTINATÁRIOS

Zacarias falou para as pessoas que retornaram do exílio babilônio para Jerusalém e Judá. Cerca de 50 mil pessoas chegaram em Jerusalém e área circunvizinha em 538-537 a.C.

PRINCIPAIS TEMAS

A principal mensagem de Zacarias é que Deus quer que o seu povo retorne para Ele. Quando o povo se desencorajava por causa da oposição enfrentada na reconstrução do Templo, Zacarias ofereceu-lhe encorajamento. O profeta enfatizou a vinda do Messias que venceria toda força maligna e estabeleceria um Reino eterno para o bem do povo de Deus. Portanto, o Senhor chama o seu povo para retornar para Ele.

Muitos estudiosos bíblicos argumentam que Zacarias é o livro mais messiânico e verdadeiramente escatológico no Antigo Testamento. Zacarias previu:

- a primeira vinda de Cristo (6.12);
- a traição de Cristo por trinta moedas de prata (11.12,13);
- o fato de Cristo ter sido ferido pela espada do Senhor (13.7);
- o sacerdócio de Cristo (6.13);
- a majestade de Cristo (9.9; 14.9);
- o retorno de Cristo (14.4); e
- o estabelecimento da paz e prosperidade (3.10; 9.9,10).

Além disso, Zacarias também profetizou:

- o cerco futuro de Jerusalém (12.1-3; 14.1,2);
- a defesa derradeira de Jerusalém pelo Senhor (14.3,4); e
- o julgamento das nações (12.9; 14.3).

O Senhor, ao longo do livro de Zacarias, exorta o sumo sacerdote Josué e o povo à obediência e à conclusão da obra do Templo. O julgamento divino na geração anterior tinha a intenção de ensinar Israel a arrepender-se e a manter a sua fidelidade a Ele. Se não o fizessem, a consequência seria sofrer opressão estrangeira. O Senhor garantiu-lhes que julgaria as nações que os estavam oprimindo, tornando até mesmo alguns deles parte do remanescente daqueles que o adoravam. Por fim, o Senhor enviaria o Messias que os purificaria de uma vez por todas e introduziria o seu Reino eterno, pondo, portanto, um fim a todo mal e injustiça.

Muitas pessoas evitam estudar o livro de Zacarias porque consideram a sua mensagem muito difícil de compreender, em particular as suas muitas visões. No entanto, o livro é essencialmente de encorajamento concernente à vitória final de Deus sobre as forças das trevas e do mal neste mundo. Os escritores do Evangelho citam o livro de Zacarias mais do que qualquer outro profeta menor porque Zacarias previu o triunfo derradeiro do Messias. Os capítulos 1—8 tratam de como Israel retornará ao seu Deus, e os capítulos 9—14 refletem como o Senhor retornará a Israel, penultimamente em Cristo e derradeiramente no *eschaton*, o fim dos tempos.

ESBOÇO

I. AS VISÕES NOTURNAS (1.1—6.15)
  A. Um Chamado ao Arrependimento (1.1-6)
  B. As Oito Visões (1.7—6.15)
    1. A primeira visão: os cavaleiros (1.7-17)
    2. A segunda visão: os quatro chifres e os quatro ferreiros (1.18-21)
    3. A terceira visão: o agrimensor (2.1-13)
    4. A quarta visão: o sumo sacerdote e o Renovo (3.1-10)
    5. A quinta visão: o castiçal de ouro (4.1-14)
    6. A sexta visão: o rolo voante (5.1-4)
    7. A sétima visão: a mulher e o efa (5.5-11)

8. A oitava visão: os quatro carros (6.1-15)

II. AS EXPECTATIVAS E AS BÊNÇÃOS DA ALIANÇA (7.1—8.23)
A. A Questão sobre o Jejum (7.1-3)
B. A Perspectiva do Passado e Futuro (7.4—8.23)

III. A VINDA DO MESSIAS (9.1—11.17)
A. O Senhor Vitorioso (9.1—10.12)
B. A Rejeição do Messias por Israel (11.1-17)

IV. O RETORNO DO MESSIAS (12.1—14.21)
A. O Senhor Vitorioso (12.1—13.9)
B. O Senhor Estabelece o seu Reino (14.1-21)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

AS VISÕES NOTURNAS (1.1—6.15)

Um Chamado ao Arrependimento (1.1-6)

1.1-6 A referência ao **oitavo mês** (v. 1; *bul* no calendário judaico, aproximadamente outubro-novembro nos calendários modernos) relaciona a profecia de Zacarias com aquelas de Ageu (Ag 1.1,15; 2.1,10,20). O **segundo ano de Dario** — o rei persa Dario I, Dario, o Grande, ou Dario Histaspes, reinando 522-486 a.C. — corresponde a 520 a.C. (Zc 1.1). Em 538 a.C., o seu predecessor Ciro publicara um decreto permitindo que os judeus reconstruíssem o Templo de Jerusalém. Deus, por intermédio de Zacarias, falou aos judeus que ainda trabalhavam nesse projeto, completado em 515 a.C. Dois outros eventos repercutiram com a situação deles.

O primeiro, no 11º ano do reinado do rei Salomão, o primeiro Templo fora completado no "mês oitavo" (1Rs 6.38). O segundo, Jeroboão, no "oitavo mês, do mês que ele tinha imaginado no seu coração", instituiu uma

festa religiosa para substituir a Festa dos Tabernáculos (ou Cabanas) observada no sétimo mês (1Rs 12.32,33; Lv 23.34; Ne 8.14; Zc 14.16-19). A mensagem de abertura de Zacarias incluiu um alerta de Deus para não ser como os seus **pais**, isto é, ancestrais (heb. ***'av***, "pai", 1.2,4-6; 8.14), que seguiram o plano de Jeroboão de adorar ídolos em Betel e Dã, em vez de o Senhor em Jerusalém (1Rs 12.26-30).

Deus, por intermédio do **profeta Zacarias**, falou com o povo (Zc 1.1; v. 7). A primeira afirmação da sua mensagem lembrou o povo sobre a razão para as circunstâncias deles e alertou-os a não repetir as escolhas pecaminosas e tolas do passado. Jerusalém e o Templo foram destruídos porque o povo de Deus provocara a ira do Senhor.

EXTREMO DESGOSTOSO *(v. 2; "grandíssima ira", v. 15; "provocaram à ira", 8.14) capta a ênfase da sentença em hebraico que começa com o verbo (heb.* ***qatsaph****, "irromper, romper" em ira) — "muito se irou" [NVI] e termina com uma forma substantiva (heb.* ***qetseph****, "ira"; cp. 7.12). O uso de substantivo ou verbo transmite tipicamente um nível de ira que move alguém à ação. Tal ira não pode ser contida como uma emoção ou expressa apenas em palavras. Por conseguinte, a palavra é usada para a ira de Deus, em particular quando Ele inflige punição ou é provável que demonstre a sua ira em atos de julgamento (e.g., Nm 16.46; Js 22.20; 2Cr 24.18; 32.25,26; Sl 38.1; Is 34.2). Embora essas duas formas da palavra (i.e., o verbo com o seu "cognato" como um objeto) apareçam juntas apenas em Zacarias 1.2 e 15, a disposição de Deus em relação aos ancestrais, os "pais", era o resultado da apostasia da nação, conforme predito em Deuteronômio 29.24-28.*

O Senhor, portanto, ordenou: **Tornai para mim**, com a promessa da sua resposta: **e eu tornarei para vós**. *A ordem* ***TORNAI*** *(heb.* ***shuv****, Zc 1.3) transmite o que acontece quando o povo arrepende-se. Eles param de distanciar-se do Senhor e "tornam" de volta. Eles, ao abandonar a sua desobediência e caminho rebelde da vida, recebem a graça de Deus e abraçam os seus padrões de santidade. A promessa do Senhor de "torna[r]", retornar, para eles reconhece que Deus, que é santo, dá as costas para o pecado, porém anseia pela comunhão restaurada com aqueles que procurarão essa restauração da comunhão.*

O Senhor, com perguntas retóricas, enfatizou esse ponto. As respostas implícitas à primeira pergunta e à segunda são que os pais desobedientes estão mortos e partiram, e até mesmo **os profetas** certamente *não* **vive[m] [...] para sempre** (v. 5), o que é facilmente visível no estado arruinado do qual o povo procurava recuperar-se por meio do seu trabalho: na realidade, as **palavras** e os **estatutos** do Senhor alcançaram os seus

"pais" (v. 6). *O verbo* ***ALCANÇARAM*** *(heb.* ***nasag****, "alcançar, chegar a", v. 6; Gn 44.4; Êx 14.9) descreve vividamente as promessas da aliança do Deus eterno que busca o seu povo enquanto eles tentam afastar-se dEle e seguir os seus próprios caminhos. Deus fizera o que pretendera (heb.* ***zamam****, "ter em mente", Zc 1.6; 8.14,15) fazer na descrição das bênçãos (Dt 28.2) e maldições (Dt 28.15,45), as quais "alcançar[iam]" o seu povo de acordo com a fidelidade ou infidelidade deles à aliança (Jr 4.28; 51.12; Lm 2.17).*

As Oito Visões (1.7—6.15)

Zacarias relatou cada uma das visões em termos do que ele experimentou em primeira mão, tanto as conversas entre ele e "o anjo" quanto a interação entre as pessoas vistas e ouvidas nas visões em si. Essas visões predizem a missão do Messias em uma forma capsular e envolvem outras questões relevantes para o povo vivendo na época de Zacarias. Cada visão tem implicações presentes e futuras. A seguinte estrutura quiasmática revela o foco central de cada visão (veja "Gênero" na Introdução a Rute para uma discussão sobre quiasmo):

(A) O conforto/ira de Jerusalém em relação às outras nações é demonstrado (1.8-17).
(B) Os inimigos de Jerusalém/Judá são julgados (1.18-21).
(C) Jerusalém é restaurada (2.1-13).
(D) Josué prefigura o sumo sacerdócio de Cristo, o Renovo (3.1-10).
(D) O poder do Espírito do Senhor (4.1-14).
(C) Os pecadores são removidos de Jerusalém (5.1-4).
(B) A perversidade é removida para a Babilônia (5.5-11).
(A) As nações são julgadas, e o Rei legítimo de Jerusalém é restaurado (6.1-15).

A primeira visão: os cavaleiros (1.7-17)

1.7 Essa seção, como os versículos iniciais (vv. 1-6), é separada pelo anúncio da data na qual **veio a palavra do SENHOR ao profeta Zacarias** (vv. 1,7). O fim dessa seção e o início de uma nova são marcados por uma menção à data na qual a revelação foi confiada ao profeta (7.1).

1.8-17 A principal figura na primeira visão de Zacarias foi **um homem montado em um cavalo vermelho**, que parece ser o mesmo homem **para[do] entre as murtas** (vv. 8,10,11). Se esse for o caso, Zacarias viu uma pessoa sentada sobre um cavalo, mas não em movimento. Esse "homem" parece ser identificado na passagem como o **anjo do SENHOR** — isto é, provavelmente uma aparição pré-encarnada do Filho de Deus, ou *teofania* (vv. 8-11; Gn 16.7-13; Nm 22.22,23; 1Cr 21.16; Sl 34.7; veja os comentários sobre Êx 3.1-6). Zacarias aparentemente dirigiu a sua pergunta sobre os outros cavalos a esse homem; contudo, outro falante, a quem ele chama consistentemente de **o anjo que falava comigo**, respondeu (Zc 1.9; 6.4,5). Esse anjo serviu como guia e intérprete das visões apresentadas ao profeta naquela noite (1.9,13,14; v.19; cp. 2.3; 4.1; 5.5; 6.4,5).

Embora o anjo tenha dito que ele **mostrar[ia]** a Zacarias **quem estes** [os cavalos] **são** (1.9), o homem da visão explicou que é Iavé que os **tem enviado para andarem pela terra** (1.10,11; 6.1-8). *A forma do verbo* ***ANDAREM*** *(heb.* ***halak****, "andar, ir") significa "ir de cá para lá, andar ao redor, andar de cá para lá". Na oitava visão de Zacarias, o profeta viu cavalos sobre os quais fez a mesma pergunta ao anjo e recebeu uma resposta similar — sob o comando soberano do Senhor, estão aí para "andarem pela terra" (veja 6.1-7). A aparição da mesma forma do verbo em Jó 1.6,7 (veja o estudo da palavra) e Zacarias 2.2, em que Satanás descreve as suas atividades como "rodear a terra e passear por ela", convida a contrastar entre a tarefa dos cavalos nas visões de Zacarias e a vigilância pessoal da terra por Satanás, como se fosse o seu domínio. Embora esses dois respondessem ao Senhor (1.1; 6.5-7; Jó 1.6-12; 2.1-8), os cavalos "enviado[s]" pelo Senhor representam a sua supremacia sobre toda a criação.*

Na visão dos cavalos relatada ao "anjo do SENHOR" de que **toda a terra** estava literalmente quieta e descansando, implicava a ausência de guerra ou rebelião. Talvez dar voz à pergunta do povo que sabia que o exílio seria limitado a **setenta anos** (Jr 25.11,12; Dn 9.2), o "anjo do SENHOR" fez uma pergunta ao **SENHOR dos Exércitos** refletindo implicitamente uma esperança desesperada para a reconciliação com Iavé (Zc 1.2).

O Senhor descreveu a sua disposição em relação a **Jerusalém** e a **Sião** no tempo presente do verbo — Ele tem **grande zelo** pelo seu povo (1.14). Também no tempo presente do verbo, o Senhor declarou que Ele está **irado contra as nações em descanso** (heb. ***sha'anan***, tendo um sentido negativo aqui, "descuidado, orgulhoso, arrogante", v. 15; Sl 123.4; Is 32.9,11; Am 6.1) com uma ira que se intensificou à medida que eles

continuamente recusaram o seu senhorio e oprimiram o seu povo (Zc 1.5). O Senhor, por Ele ter dito isso, **volt[ou]** [heb. ***shuv*****;** veja o estudo da palavra, v. 3] **para Jerusalém com misericórdia** (heb. ***be-rachamim*** [plural; v. 12], "com misericórdia ou clemências") e certificou-se de que o Templo seria reconstruído ali.

Uma palavra é usada quatro vezes sugerindo uma extravagância da restauração de Deus. Diz-se a Zacarias para entregar uma mensagem que estende ***MAIS*** *(heb.* ***'od****, "mais") a promessa de graça do Senhor.* ***OUTRA VEZ*** *(heb.* ***'od****), "novamente" (NVI; heb.* ***'od****); o Senhor faria as suas "cidades" prosperarem, porque Ele "consolar[ia] a Sião" (Is 40.1; 51.3) e* ***ESCOLHER[IA]*** *[heb.* ***bachar****, "selecionar, aprovar, deleitar-se em"; Zc 2.12; 3.2; Dt 16.6] a Jerusalém".*

A segunda visão: os quatro chifres e os quatro ferreiros (1.18-21)

1.18-21 Essa segunda visão estrutura a promessa de "consola[r] (1.13,17). A visão mostra como Deus puniria as nações — simbolizada por **quatro chifres** — que **dispersaram** [heb. ***zarah***, "dispersar, espalhar"; Lv 26.33; 1Rs 14.15; Sl 44.11; Ez 22.15] **Judá, Israel e Jerusalém** (Zc 1.19). As quatro nações podem ser a Babilônia, a Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Os quatro ferreiros parecem representar as nações que Deus usara no passado para derrotar os inimigos de Israel (v. 20). Todos os inimigos de Israel — passados, presentes e futuros — serão derradeiramente derrotados.

A terceira visão: o agrimensor (2.1-13)

2.1-13 A segunda visão, aquela que revela o julgamento de Deus sobre as nações que se opõem ao seu povo, é seguida pela terceira visão descrevendo o crescimento e prosperidade de Jerusalém, que vai além da restauração histórica do povo de Deus para a terra de Israel e estende-se até o período messiânico. O **homem em cuja mão estava um cordel de medir** estava indo **medir Jerusalém** — não só o Templo (Ez 40—42; cp. Ap 11.1), mas também a cidade representando a moradia de Deus entre os homens (Zc 2.1,2; Jr 31.38-40; Ez 48.30-35; Ap 21.2,3,5). O Templo não mais seria o único acesso a Deus, mas, antes, toda Jerusalém teria acesso irrestrito.

A cidade sem muros ficaria indefesa, mas o próprio Senhor prometeu proteger Jerusalém, rodeando a cidade com um **muro de fogo**, reinando como a **glória** da cidade **no meio dela** (Zc 2.5; Ez 43.1-5; 44.4). Na visão, o Senhor parece defender a **menina do seu olho** — contra as nações que estavam **despoja[ndo]** Israel (Zc 2.8). Toda dúvida sobre Cristo ser o **envi[ado]** do **SENHOR dos Exércitos**, investido com o seu poder, será desvanecido quando Ele retornar para **habita[r] no meio** do seu povo (vv. 9,10).

A quarta visão: o sumo sacerdote e o Renovo (3.1-10)

3.1-10 A visão na qual observou o **sumo sacerdote Josué** — "Jesua" em Esdras 3.2 — difere das outras no fato de que Zacarias não relata as suas perguntas nem as explicações do anjo. Ou o anjo ou o próprio Senhor apresentou essa visão a Zacarias (v. 1). Josué ficou diante do **anjo do SENHOR**, como também o fez o acusador, **Satanás**, que busca opor-se aos planos e propósitos que o Senhor tem para Israel, porém sem sucesso (vv. 1,2). A pergunta retórica incluída na **repreen[são]** do Senhor pede a resposta de que Josué, representando o remanescente pós-exílio de Israel, poderia, de fato, ser descrito como **um tição** [heb. ***'ud***, "toro, tição, carvão acesso"] **tirado** [heb. ***natsal***, "ser arrancado ou entregue"; veja o estudo da palavra, Sl 7.1,2] **do fogo** (Zc 2.2).

A metáfora faz sentido quando lida à luz de Amós 4.11 em que Iavé compara a sua punição de "alguns" do seu povo à sua destruição de Sodoma e Gomorra e compara esse grupo de israelitas com "um tição arrebatado do incêndio", o qual, não obstante, não se "converte[ram]" a Ele. Na cena vista por Zacarias, Josué representava o povo que seria obliterado pelos seus inimigos se o Senhor, diante de quem esse sumo sacerdote estava, não os tivesse resgatado. Embora ainda queimando — isto é, influenciado e afligido pela cultura pagã dominante da qual o Senhor os estava, por fim, removendo — o povo de Deus não estava sujeito aos esforços de Satanás para frustrar o propósito de Deus para eles.

Embora o remanescente estivesse em um estado pecaminoso, descrito pelas **vestes sujas** de Josué, o próprio Senhor substituiria derradeiramente a **iniquidade** do povo com **vestes novas**, isto é, um conjunto limpo de roupas apropriadas para estar na presença do Senhor (3.3,4; Lc 15.22).

Zacarias pediu também uma **mitra** [heb. ***tsaniph***, não é a mesma palavra usada na Torá — ***mitsnephet***, Êx 28.39; Jó 29.14 e "diadema", Is 62.3] **limpa**, indicando que Josué estava provavelmente vestido com as vestes sacerdotais designadas para o culto prestado pelo sumo sacerdote (Êx 28).

O Senhor, com linguagem similar à responsabilidade dada a Salomão (do seu pai, Davi, 1Rs 2.3,4; do Senhor, 1Rs 3.14), comissionou Josué, o sumo sacerdote, e prometeu que a obediência fiel seria recompensada com autoridade sobre a **casa** (heb. ***bayit***; veja o estudo da palavra, 2Sm 7) e os **átrios** (Zc 3.7; responsabilidades sacerdotais observadas em Ez 44.15,16; 48.11) do Senhor. Esses **homens**, como **companheiros** do sumo sacerdote, representam provavelmente o sacerdócio cujo propósito e tarefas servem como um sinal da vinda do Messias, a quem o anjo do Senhor identificou como **meu servo** [veja os comentários sobre Jó 1.8-12; Is 41.8-20; Ez 37.15-28; Mt 20.28; At 3.13,26; 4.27,30]**, o Renovo** (heb. ***tsemach***, literalmente "broto produzido por uma planta viva", figurativamente "descendência", Zc 3.8; Ap 22.16). A metáfora do "Renovo" mais uma vez aparece na narrativa da coroação de Josué (6.9-15) e liga as duas passagens com outros textos messiânicos (veja Is 4.2; 11.1; Jr 23.5; 33.15).

O anjo, aparentemente falando com Zacarias, chama atenção para **a pedra** (heb. ***'echad***) com **sete olhos** posta diante de Josué e sobre a qual ele **esculpir[ia] a sua escultura** (Zc 3.9). As instruções originais para a veste do sumo sacerdote pedem que os nomes das tribos de Israel sejam escritos em duas pedras — seis nomes em cada uma — que deveriam ser usadas pelo sacerdote em cada ombro (Êx 28.9-12). Além disso, preso na mitra estava uma lâmina com as palavras "Santidade ao SENHOR" representando o fardo do sumo sacerdote de apresentar "Santidade ao SENHOR" (Êx 28.36-38; veja p. 223, Vol. I).

Aqui, no entanto, uma única pedra, gravada pelo próprio Senhor, foi posta diante do sumo sacerdote, presumivelmente onde ele pudesse vê-la. A pedra na visão de Zacarias, em vez de trazer o nome das tribos de Israel, assemelha-se à proclamação do Senhor de que Ele **tirar[á]** [heb. ***mush***, "remover"] **a iniquidade desta terra, em um** [heb. ***'echad***] **dia**. Em vez de o sumo sacerdote suportar simbólica e continuamente as ofertas de sacrifícios para expiar a culpa dia após dia, o Senhor declarou que Ele livrar-se-ia dela de uma vez por todas — algo conquistado na crucificação de Cristo (Zc 3.9; Lv 16.22; Hb 7.26,27; 10.11,12).

A visão subsequente revela que os "sete olhos" pertencem a Iavé e "discorrem por toda a terra" (Zc 3.9; 4.10; Ap 5.6) prontos para "se alegra[r]" quando virem que a construção do Templo por Zorobabel está em andamento.

A quinta visão: o castiçal de ouro (4.1-14)

4.1-14 O principal propósito dessa visão é duplo — encorajar Josué e Zorobabel na obra de reconstrução do Templo e vindicá-los diante da comunidade com a garantia de que o Espírito de Deus irá revesti-los de poder. O **castiçal todo de ouro** representa a ideia de testemunho, e as **duas oliveiras** são Josué e Zorobabel, que testificam do poder de Deus (vv. 2,3,11,12). O **azeite dourado** (NVI) representa o Espírito de Deus (v. 12). O número sete simboliza a perfeição ou completude. O **vaso** sobre o "castiçal" tinha **sete lâmpadas** no **cimo**, e **cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos** (v. 2). Assim como havia um suprimento constante de azeite sem ajuda humana, também a obra de Zorobabel não seria completada por mãos humanas, mas, sim, pelo poder de Deus. Os **sete olhos do SENHOR** (v. 10) provavelmente indicam o fato de que Deus é onisciente e onipresente.

A quarta e a quinta visões revelam um tempo de renovação espiritual para o povo de Judá e Jerusalém, as quais serão cumpridas no Reino messiânico. Essas duas visões também deixam claro que a obra de Deus encontra oposição dos inimigos espirituais e físicos cujos esforços, não obstante, falharão.

A sexta visão: o rolo voante (5.1-4)

5.1-4 Os temas da purificação e renovação espirituais continuam nessa sexta visão. Os pecados do povo vivendo na terra estavam escritos no **rolo voante** (v. 2). Os pecados do povo não estavam escondidos porque o rolo estava aberto; e os pecados eram lidos por todos e tornaram-se conhecidos de todos porque o rolo estava em movimento. A idolatria não foi citada como uma ofensa, como foi principalmente o caso antes do exílio. Antes, os pecados tinham a ver com o roubo e os falsos testemunhos, duas falhas que englobam as violações contra os dois grandes mandamentos: amar a Deus e amar o próximo (v. 4; Dt 6.5; Lv 19.18). No período pós-exílio, há um

desejo renovado de ler a Lei do Antigo Testamento, e aqueles que cometeram essas ofensas contra a Lei tinham de ser **desarraigado[s]** da terra (Zc 5.3).

A sétima visão: a mulher e o efa (5.5-11)

5.5-11 A remoção do pecado da terra assume um sentido mais profundo na sétima visão. Não só os pecadores tinham de ser removidos da terra, mas também todo o sistema de pecado tinha de ser eliminado e levado de volta ao seu lugar simbólico de origem, isto é, para a Babilônia, representando a origem e fortaleza do pecado — e isso é mais proeminente em Apocalipse. **Sinar** é outra palavra para Babilônia (v. 11; Gn 10.10). Zacarias viu um **efa** contendo uma mulher que personificava a **impiedade** (Zc 5.6-8).

IMPIEDADE *(heb.* ***rish'ah****, "injustiça, ação perversa, culpa"; Dt 9.4,5; Pv 11.5; 13.6) denota o mal civil, moral e religioso — o oposto de justiça. As feministas tentaram argumentar que essa imagem retrata de alguma forma uma abordagem patriarcal da Bíblia, dominada por homens. Apesar de a palavra hebraica ser feminina, o que pode explicar por que o conceito é descrito como uma mulher nesse contexto, o contexto em si não apoia a acusação de tendenciosidade de gênero na linguagem do texto.* A sexta e a sétima visões, com o seu foco na remoção do pecado da terra, mostra, portanto, o movimento progressivo na direção da renovação espiritual.

A oitava visão: os quatro carros (6.1-15)

6.1-8 A oitava visão apresenta similaridades com a primeira. Embora haja algumas diferenças com relação à ordem e cor dos cavalos, as duas visões representam o Senhor como aquEle que controla soberanamente os eventos da história. As nações que atacaram Israel seriam destruídas. Os **carros** são instrumentos do julgamento de Deus sobre as nações. Os **dois montes […] de metal** provavelmente simbolizam o monte Sião e o monte das Oliveiras como o vale de Cedrom entre eles (v. 1).

O **segundo carro [com] cavalos pretos** (possivelmente representando a morte como o resultado do julgamento de Deus), que foram para **a terra do Norte** (possivelmente uma referência à Babilônia), **fizeram repousar** (heb. ***nuach***, "motivo para descansar", figurativamente aqui, "satisfazer ou efetuar a ira de alguém"; Ez 5.13; 16.42) o **Espírito** de Deus ali (Zc 6.8) — isto é, o julgamento divino liberado sobre os captores de Judá satisfazendo a ira santa do Senhor contra

essa nação que persistiu no paganismo e na idolatria (Is 13.1—14.23; 21.1-10; 47.1-15).

6.9-15 Heldai, Tobias e **Jedaías** formaram uma delegação de três homens da Babilônia (vv. 10,14). O destino deles era a **casa de Josias**, que é identificado também como **Hem** (heb., "favor", v. 14), e a tarefa deles era coroar **Josué** (v. 11). A coroação simbólica de **Josué, [...] sumo sacerdote** é cuidadosamente posta depois das oito visões (vv. 9-15). Nesse sentido, a **palavra do SENHOR** disse a Zacarias para **faze[r] coroas** com parte da **prata e ouro** trazidos da Babilônia (vv. 9-11) para pô-las sobre a cabeça de Josué, simbolizando a união da majestade e do sacerdócio. No entanto, a intenção não foi o restabelecimento de um trono em Jerusalém na época de Zacarias; antes, Josué representa claramente o futuro Sacerdote-Rei messiânico. O **Renovo**, isto é, o sacerdote coroado, construiria o Templo, superando e transcendendo o que fora alcançado na época de Zacarias (v. 12; cp. 3.8-10). Essas duas funções — rei e sacerdote — unir-se-iam pela primeira vez na era messiânica. Ele, como sacerdote, construiria um Templo; e, como Rei, governaria (Sl 110).

A confecção dessa coroa e o seu posicionamento no Templo — outro evento único por intermédio do qual a coroa tornou-se um memorial — tinham a intenção de agir como um lembrete, dando esperança àqueles que viviam na época de Zacarias que essas coisas certamente viriam a acontecer. O fato de a coroa ter sido posta sobre o **sumo sacerdote** Josué tem o objetivo de descartar qualquer compreensão equivocada da relevância de unir a autoridade espiritual (sacerdote) e civil (rei) no Messias, Jesus Cristo (Hb 5.5-10; Ap 3.21; 5.9-14; 11.15; 20.4-6). Deus não se esquecera da sua promessa feita na aliança de que habitaria com o seu povo. O Templo também era uma forma de certeza para a aliança do Senhor.

As Expectativas e as Bênçãos da Aliança (7.1—8.23)

A Questão sobre o Jejum (7.1-3)

7.1-3 O **dia quarto do nono mês, em quisleu**, ou 7 de dezembro de 518 a.C., é outra data quase dois anos depois das visões noturnas registradas por Zacarias (veja tabela em "Data", na Introdução). Quando as visões noturnas terminam, a preocupação de Zacarias com a renovação espiritual

da sua comunidade intensifica-se nos capítulos 7 e 8. Ele repetiu a sua ideia para o seu povo, e este, à luz de todos os julgamentos passados e glória futura, têm de levar uma vida santa e justa (caps. 7—8). O povo não estava cumprindo esse propósito, então o Senhor usou uma indagação sobre o jejum como uma ocasião para esclarecer as suas expectativas concernentes à aliança. Alguns homens de **Betel** (heb., "casa de Deus") foram até os sacerdotes na casa do Senhor para inquirir sobre o jejum. Betel, uma pequena cidade em Israel, pode ser uma referência à origem dessa delegação, e não para uma localização genérica da presença de Deus, uma vez que o termo não é usado dessa forma em nenhuma outra passagem do Antigo Testamento. Considerando-se os nomes deles, **Sarezer** e **Regém-Meleque** provavelmente nasceram na Babilônia (v. 2). A pergunta sobre o jejum era legítima, pois os judeus no exílio observavam muitos jejuns por causa de crises em potencial:

- a destruição do Templo no quinto mês (2Rs 25.8,9; Jr 52.12,13);
- o assassinato de Gedalias (2Rs 25.25; Jr 41.1-3);
- o rompimento nos muros de Jerusalém pelos caldeus no quarto mês (2Rs 25.3,4; Jr 52.6,7); e
- o cerco de Jerusalém no décimo mês (2Rs 25.1; Jr 39.1; 52.4,5).

Embora o povo observasse fielmente o jejum quatro vezes por ano, Zacarias lembrou-os de que o Senhor Deus não estava feliz com os meros rituais como o jejum (Zc 7.4-7). Ele exigia **piedade e misericórdia** que estimulava a obediência à sua palavra (v. 8). Deus queria transformar a tristeza do jejum, estimulado pela desobediência e pecado deles, na alegria da celebração pelas suas bênçãos (8.19).

A Perspectiva do Passado e Futuro (7.4—8.23)

7.4—8.23 Zacarias ajudou o povo a refletir se o jejum e a celebração deles — o lamento nos momentos baixos da vida ou a celebração nos momentos altos da vida — foram sem motivação espiritual e centrados sobre as próprias circunstâncias e sentimentos deles, em cujo caso nenhum deles era aceitável para Deus (vv. 5,6; Mq 6.8). O que deveria ser um tempo de reflexão e arrependimento dos pecados passados transformou-se num ritual vazio. Zacarias, portanto, encorajou os exilados que retornaram para a

terra a viver em obediência ao Senhor, antecipando as bênçãos prometidas e ainda por vir. A autoridade dessas promessas é salientada pelo uso pelo profeta de algumas variações da frase **Assim diz o SENHOR dos Exércitos** (Zc 8.1,2,3,4,6,7,9,11,14,18,19,20,23). Há um lembrete sobre o Milênio uma vez que, até essa época, os judeus ainda não haviam sido reagrupados de todo o mundo e restaurados em justiça — uma promessa magnífica reservada para o futuro quando o Messias reinar sobre a terra como **o Deus em verdade e em justiça** (vv. 4-8).

Na seção anterior, foi dito ao povo que ele deveria viver em justiça por causa do julgamento passado (1.2-4; 7.8-14); aqui, é-lhes dito que devem viver em justiça por causa das bênçãos futuras (8.11-17). As nações, ao observarem esse **gozo** e **alegria** (v. 19), seriam atraídas a Jerusalém e ao Senhor (vv. 20-23).

A VINDA DO MESSIAS (9.1—11.17)

O Senhor Vitorioso (9.1—10.12)

9.1-17 Oráculo (TB) é um subtítulo para os capítulos 9 e 12 (v. 1; 12.1; veja o estudo da palavra, Pv 31.1), sugerindo a urgência do profeta como se um pesado fardo tivesse de ser entregue (a ARC usa o termo **peso** no lugar de oráculo). Esses oráculos têm um amplo espectro de profecias concernentes ao Messias, incluindo os julgamentos e bênçãos que ocorrerão com a vinda do Messias. No entanto, em meio ao julgamento, há livramento (9.1-8). À medida que as bênçãos vêm a Israel (9.9—10.12), a sua tristeza também aumenta (11.1-17). Quando o Messias vier, surpreendentemente Ele será rejeitado. O Templo fora reconstruído, e o formidável Império Persa começara a cair.

O julgamento no primeiro oráculo cobre uma vasta área geográfica, começando no norte da Palestina e descendo até a costa Siro-Palestina (9.1-7; Am 1.3-10). A **terra de Hadraque** parece ser uma região da Síria próxima a Damasco. As cidades filisteias de **Asquelom, Gaza, Ecrom** e **Asdode** foram incluídas. O Senhor afirmou que converteria os filisteus (Zc 9.6). Israel seria poupada para ver o seu Messias (v. 8). Uma intensa batalha e guerra são descritas (vv. 1-8). Depois, o povo de Deus é ordenado a regozijar-se e gritar de alegria com a vinda do seu Rei (vv. 9,10), uma profecia messiânica específica. Por fim, os **presos**, os que permaneceram

exilados na Babilônia, seriam libertos por causa da sua aliança com o Senhor Deus. Jesus referiu-se a si mesmo como o sacrifício porque, ao derramar o seu sangue, a liberdade estaria disponível a todos os que viessem a Ele em fé (Mc 14.24).

Alexandre, o Grande, é o instrumento de julgamento do Senhor nesse oráculo. Após derrotar os persas, Alexandre passou para o Egito e a Síria. Ao que tudo indica, ele não destruiu Jerusalém por intervenção divina (9.8).

Depois de anunciar a vinda do Rei, Zacarias prossegue para descrever a entrada triunfal em Jerusalém (Zc 9.9; Mt 21.1-5; Jo 12.12-16). Ele é justo e humilde e proclamará a paz para todas as nações. Não há uma referência explícita à crucificação aqui, mas a sua ressurreição é presumida no que se segue (Zc 9.10). Ele, antes que o seu Reino de paz possa começar, tem de destruir todos os seus inimigos. A linguagem de batalha e os termos de guerra são observados (vv. 11-16). Uma luz de esperança em tempos obscuros está ali (v. 13). O Senhor fortalecerá as mãos de Judá e Efraim (o Reino do Norte), e eles conquistarão os seus inimigos pelo poder do Senhor (vv. 16,17; Ap 20.1-6).

10.1-12 Zacarias alertou os líderes de Israel sobre a idolatria deles, enquanto encorajava o povo (vv. 2,3). A adoração de ídolos, os **terafins** (heb. ***teraphim***, "estatueta, máscara"; reverenciados e usados como deuses na família; v. 2), pelos israelitas levaram ao cativeiro babilônico. Os **pastores** e os **bodes**, isto é, os líderes, simbolizavam os governantes de nações pagãs que oprimiam Israel (v. 3; Ez 34). O Senhor promete tornar o seu povo invencível e unificar a sua nação (Zc 10.3-5). O povo de Deus é bem-sucedido apesar da vantagem esmagadora dos que se levantam contra eles (vv. 5-7). Embora, sem dúvida, um cumprimento parcial pôde ser alcançado durante o período dos macabeus, o cumprimento derradeiro é messiânico e para o futuro. O profeta continuou essa esperança messiânica com a sua descrição da força inabalável como **pedra de esquina [...] estaca [...] arco de guerra**, isto é, nas mãos do guerreiro (v. 4). A promessa é para uma reunião final antes do estabelecimento do Reino messiânico (vv. 6-12; Is 11.11-16).

A Rejeição do Messias por Israel (11.1-17)

11.1-17 Os versículos 1-3, que são um lamento e o contrário da prosa no restante do capítulo, diz respeito à devastação vinda sobre Israel em 70 d.C. — um evento registrado por Josefo como o cerco romano em que mais de um milhão de judeus perderam a vida em meio à destruição de Jerusalém. Essa destruição veio porque Israel rejeitou o Bom Pastor apesar do seu cuidado amoroso com as rebeldes **ovelhas da matança** (v. 4).

A rejeição do Messias era a razão para o julgamento de Israel. Zacarias foi instruído pelo Senhor a desempenhar o papel do bom pastor sobre o rebanho de Israel (v. 7). O resultado da rejeição do Messias pelo povo é simbolizado pela quebra das varas chamadas **Suavidade** (heb. ***no'am***, como no nome Noemi, "gentileza, favor, encanto, deleite", vv. 7,10; Rt 1.2) e **Laços** (heb. ***chaval***, a forma participial denotando "unir ou atar junto", portanto "corda, harmonia", Zc 11.7,14). O Reino do Messias uniria o seu povo.

Zacarias explicou que a quebra da primeira vara significava que o Senhor havia **desf[eito] o [s]eu concerto, que tinha estabelecido com todos estes povos** (v. 10). A quebra da **segunda vara** significava a divisão entre Judá e Israel (v. 14). Esses povos desobedientes, tendo sofrido sob líderes maus, rejeitaram todos os líderes piedosos. A total rejeição do Bom Pastor é demonstrada dramaticamente com um pedido de pagamento pela separação, ao qual Israel respondeu oferecendo **trinta moedas de prata** (v. 12). Essa era a quantia oferecida por um escravo na Israel da Antiguidade e procurava mostrar o desdém de Israel pelo seu Bom Pastor (Êx 21.32). O dinheiro foi rapidamente jogado ao **oleiro** (Zc 11.13).

O evangelho de Mateus refere-se a essa cena, descrevendo o seu cumprimento literal na condenação de Jesus (Mt 26.14,15; 27.3-10). Há algumas diferenças textuais entre os relatos de Zacarias e Mateus, provavelmente porque Mateus combinou as profecias em Jeremias 19.1-13 e Zacarias 11.12,13. Ele mencionou apenas o relato de Jeremias, talvez porque este era o profeta mais proeminente e, portanto, mais conhecido que Zacarias.

O Retorno do Messias (12.1—14.21)

O Senhor Vitorioso (12.1—13.9)

12.1—13.9 Esse **oráculo** (TB; veja o estudo da palavra, Pv 31.1) geralmente exsuda encorajamento e proclama a bênção e livramento prometidos para Israel no futuro (caps. 12—14). As palavras **naquele dia** aparecem dezesseis vezes no original, sinalizando que essas bênçãos estão reservadas para o futuro Reino messiânico (cp. Zc 14.1-3; Ap 16.16; 19.19). O oráculo anuncia o triunfo de Israel sobre as nações circunvizinhas (Zc 12.1-9). O profeta faz referências a **Israel**, e não a "Judá" ou "Jerusalém", na sua declaração inicial (v. 1). Não obstante, Jerusalém é claramente o ponto focal.

O **oráculo** descreve o Reino soberano sobre o Universo criado, dando-lhe o poder e a autoridade para executar o restante do oráculo (v. 1). Embora cada nação será reunida para sugar a vida de Jerusalém, a pequena nação será forte naquele dia porque o Senhor irá protegê-la (vv. 2-4). **Um copo de tremor** é uma metáfora que descreve o julgamento divino (v. 2; Is 51.17,21,22; Jr 25.15-28). Essa mesma metáfora é usada para descrever o julgamento divino que Jesus tomaria sobre si para todos os que creem (Jo 18.11). Deus dará a Israel a força para prevalecer contra os seus inimigos (Zc 12.5). A intervenção divina é aparente, e a proteção do povo de Deus pelo Senhor brilha como um farol de luz, desencorajando todos os que se levantariam contra ela (12.1-9).

A ênfase, portanto, muda do livramento físico da nação para a renovação e livramento espirituais deles (veja 12.10—13.9). Nesse contexto, o Senhor promete revestir o seu povo com o poder do Espírito Santo (12.10-14). O povo judeu, tanto individualmente quanto coletivamente, arrepender-se-á e aceitará o Messias a quem ele havia rejeitado, confirmando o que fora previamente profetizado por outros profetas (Is 32.15; 44.3; 59.20,21; Jr 31.31,33; Ez 36.26,27; 39.29; Jl 2.28,29). O trabalho convincente do Espírito levará toda a nação de Israel a **olha[r]** para o seu Messias com grande pesar, um sinal do arrependimento deles (Zc 12.10; Lc 23.48), voltando-se para Ele e pondo a sua fé nEle como o Messias. João citou esse versículo no momento da crucificação de Jesus (Zc 12.10; Jo 19.37), um cumprimento parcial da profecia de Zacarias com o cumprimento final no futuro (Rm 11.25-27).

O pranto de Hadade-Rimom pode referir-se aos deuses das tempestades e da fertilidade da Síria e aos rituais de pesar associados com essa adoração idólatra (Zc 12.11; Ez 8.14). Talvez o arrependimento pesaroso de Israel tenha sido comparado aos rituais dos pranteadores que

eram uma abominação para o Senhor em Megido, um local frequentemente associado a Josias, o rei justo que morreu em decorrência dos ferimentos de batalha em Megido (2Cr 35.20-25). Ou, talvez, o pesar tenha acontecido em um local próximo mencionado pelo seu deus pagão que, embora não tenha sido identificado com certeza, estava aparentemente associado com o lamento ímpio. As **mulheres, à parte**, é uma frase repetida cinco vezes (Zc 12.12-14), provavelmente enfatizando que não havia pranteadores profissionais aqui. O pesar avassalador era um sinal de arrependimento genuíno.

A **fonte** simboliza um suprimento sem-fim de água disponível para a purificação espiritual (v. 1; Jo 4.14; 7.38; Ap 21.6). A terra, como um resultado da purificação espiritual, será purgada completamente dos ídolos e falsos profetas (Zc 13.2). Os falsos profetas não seriam tolerados (Dt 13.6-11). A referência à aparente aspereza por parte do **pai** e da **mãe** enfatiza a seriedade do assunto para aqueles que persistissem em entregar falsas profecias (Zc 13.3). Um remanescente do povo do Senhor emergiria purificado e refinado pelo fogo consumidor do Senhor (v. 3; Is 11.11; Rm 11.27-29).

O meu Pastor [...] o varão que é o meu companheiro (heb. ***'amit***, "próximo" no sentido de um igual; "confidente"; Lv 6.2) e **o Pastor** a ser ferido refere-se ao Messias que morrerá segundo a ordem do **SENHOR dos Exércitos** (Zc 13.7; Jo 10.11,18), afirmando a divindade do Messias, sobretudo quando Jesus aplica essa profecia a si mesmo (Mt 26.31).

O Senhor Estabelece o seu Reino (14.1-21)

14.1-21 O Reino do Senhor é estabelecido visivelmente na terra em Jerusalém, e esta se torna a cidade mais importante no mundo. O capítulo 14 começa com a invasão da cidade santa (v. 2) e termina com a glorificação por intermédio do retorno do Messias (v. 21).

Estas nações unidas contra Jerusalém são descritas em Apocalipse 16.13-16 como "a batalha, naquele grande Dia do Deus Todo-Poderoso" ou a Batalha do "Armagedom" (v. 3). **O monte das Oliveiras**, que domina a cadeia de montanhas que se estende do norte ao sudeste de Jerusalém, continua sendo o principal ponto para ver a cidade. O profeta retratou esse monte **fendido pelo meio**, criando um **vale** de escape da cidade (vv. 4,5). Esse "vale" poderia ser o vale de Josafá (Jl 3.12), só que essa

referência certamente é ao retorno final de Cristo (Zc 14.4; At 1.9-12; Ap 19.11-16). **Azel** não foi identificada, mas localiza-se a leste de Jerusalém (Zc 14.5). **Os santos** podem incluir tanto os redimidos quanto os anjos (v. 5; Mt 24.31; 1Ts 3.13; Ap 19.14). O **mar oriental** refere-se ao mar Morto; e o **mar ocidental**, ao mar Mediterrâneo (Zc 14.8). **Geba** localiza-se na entrada para o Neguebe no sul. Geograficamente, **Jerusalém** torna-se o ponto culminante (Zc 14.10).

A **Festa das Cabanas**, também denominada de Festa dos Tabernáculos, encontra agora o seu cumprimento, assim como a Páscoa e o Pentecostes (v. 16; veja a tabela, "Calendário hebraico das festas", p. 275,276, Vol. I). Essa "festa" é uma celebração de ação de graças pela colheita, festa esta que tem o seu cumprimento derradeiro durante o reino milenial sob o reinado do Messias (Lv 23.33-44; Dt 16.13-15; 31.10; Ne 8.17,18; Ap 20.1-6). **SANTIDADE AO SENHOR**, palavras gravadas no turbante, ou mitra, do sumo sacerdote, caracterizará o Reino messiânico (Zc 14.20; Êx 28.36-38). Agora as coisas comuns da vida mundana seriam separadas como dedicadas ao Senhor e consagradas ao seu serviço (Zc 14.21). Não haverá nenhum **cananeu** porque ninguém de fora da aliança com o Senhor entrará na sua casa (v. 21).

BIBLIOGRAFIA

* Baron, David. *The Visions and Prophecies of Zechariah*. Grand Rapids: Kregel, 1972.

Feinberg, Charles L. God Remembers: *A Study of the Book of Zechariah*. Nova York: American Board of Missions to the Jews, 1965.

* Klein, George L. *Zechariah*. The New American Commentary, vol. 21B. Nashville: B&H Publishing Group, 2008.

* Para estudos avançados.

MALAQUIAS

INTRODUÇÃO

Um pequeno remanescente do povo voltou a Judá depois de viver no exílio na Babilônia. Como o povo tornou-se apático e indiferente, Deus, por intermédio do profeta Malaquias, chamou o seu povo a voltar-se para Ele e renovar o compromisso com a sua aliança.

TÍTULO

"Malaquias" (heb. "meu mensageiro") pode ser o próprio nome do autor ou um nome comum usado como título. Veja a seção "Autor" para mais informações.

CENÁRIO

O remanescente que voltou da Babilônia para Jerusalém estava imerso em apatia espiritual. Os estrangeiros entravam na terra sem abraçar as exigências da aliança do Senhor Deus. Os casamentos mistos entre judeus e esses estrangeiros, bem como o divórcio, estavam sem controle na comunidade. As ofertas no Templo eram negligenciadas, e a adoração era uma simulação. O povo prometera abandonar esses pecados quando voltasse para a terra, reconstruísse o Templo e renovasse o seu compromisso com Iavé (Ne 13.6-31). O povo, a despeito da sua própria indiferença espiritual, esperava a bênção de Deus sobre eles. O Senhor afirma que não recompensará a fé tíbia e a desobediência.

GÊNERO

Malaquias é composto de uma série de discursos proféticos na primeira pessoa, cada um dos quais começando com "mas vós dizeis" ou "mas vocês perguntam" (NVI; Ml 1.2,6; 2.14,17; 3.7,13). O Senhor mesmo se dirige diretamente ao seu povo.

AUTOR

O livro de Malaquias (heb. "meu mensageiro" ou "meu anjo") não fornece nenhuma informação precisa sobre o seu autor à parte do seu nome (1.1). Se "Malaquias" é um nome próprio ou um título, isso não se sabe. Se o nome do autor não for conhecido, Malaquias seria o único oráculo profético anônimo. A tradição sugere que Esdras, o escriba, pode ser o autor. Esdras, no entanto, nunca se referiu a si mesmo como profeta. Se Malaquias era um nome próprio, ele era provavelmente um sacerdote, em vista do conteúdo do seu livro. Faz pouca, ou nenhuma, diferença para a mensagem real do livro se Esdras ou Malaquias é o autor. A evidência, contudo, parece afirmar que o profeta chamado Malaquias é o autor humano desse livro.

DATA

Malaquias lida com a destruição de Edom, com um sacerdócio corrupto, a adoração indiferente, as ofertas negligentes e os casamentos com estrangeiros (2.11). As preocupações do livro estão estreitamente relacionadas com as preocupações levantadas por Neemias (cf. Ne 13.23-27). Por essa razão, a maioria dos estudiosos datam o livro por volta do início do século V a.C. (458-435 a.C.), depois da volta dos judeus do exílio e da reconstrução do Templo. Parece que se passou um tempo considerável desde a repatriação do povo para a reconstrução do Templo (Ml 1.6-10; 2.1-3; 3.1,10), permitindo que a deterioração moral e a letargia espiritual tornassem-se características da época de Malaquias.

DESTINATÁRIOS

O povo pós-exílio de Judá é a audiência imediata do livro de Malaquias. Eles receberam uma reprimenda muito firme a fim de motivá-los a voltar ao relacionamento com o seu Deus. Desde que os cristãos de todas as eras

precisam ser lembrados desse relacionamento da aliança, o perigo do compromisso tíbio é sempre relevante.

PRINCIPAIS TEMAS

Estes são alguns dos temas proeminentes encontrados em Malaquias:

- A demonstração por parte de Deus do seu amor por Israel e compromisso com a sua aliança com o seu povo, a despeito da teimosia consistente deles (1.2);
- A exigência por parte de Deus de obediência sincera e convicta à sua palavra e compromisso total do seu povo em cumprir a sua parte na aliança;
- A importância em proteger a santidade do casamento; e
- O Dia do Senhor, a vinda do precursor de Cristo e do próprio Cristo. A aproximação do dia de prestar contas ao Senhor é um período em que o Senhor distingue entre o obediente, que recebe bênçãos, e o ímpio, que recebe julgamento dEle (3.1-6; 3.16—4.3).

Malaquias enfatiza a fidelidade à aliança (1.2; cf. 21.5; Dt 15.16; 1Sm 18.1-4; Jr 31.3; Os 11.4), e o "amor" no Antigo Oriente Próximo é usado como um sinônimo para lealdade e com uma forma de expressar favor e escolha (cf. Dt 7.7,8; Sl 78.68; Is 41.8), além da referência mais facilmente entendida para afeto por alguém ou o favor das obras a serviço de outra pessoa.

ESBOÇO

I. A ESCOLHA DE ISRAEL PARA SER O POVO DE DEUS (1.1-5)

II. A FALHA DO POVO DE DEUS EM GUARDAR A SUA ALIANÇA (1.6—2.17)
   A. A Apatia Espiritual nas Ofertas não Sagradas (1.6—2.9)
   B. O Fracasso Moral Pessoal nos Casamentos Profanos (2.10-17)
      1. O casamento com esposas pagãs (2.10-12)
      2. O divórcio de esposas judias (2.13-17)

III. UMA PROFECIA DO ÚLTIMO DIA (3.1—4.6)
A. A Profecia da Vinda do Messias (3.1-6)
B. A Ruptura da Aliança Divina (3.7—4.6)
1. Um chamado para voltar ao Senhor (3.7-12)
2. Um contraste entre o perverso e o justo (3.13—4.3)
3. A advertência final do profeta (4.4-6)

EXPOSIÇÃO DO TEXTO

A ESCOLHA DE ISRAEL PARA SER O POVO DE DEUS (1.1–5)

1.1-5 Um **oráculo** (TB; heb. ***massa'***, "julgamento ou fardo") é usado mais uma vez na introdução da mensagem de Deus que viria do profeta (v. 1; cf. Is 13.1; 15.1; Na 1.1; Hc 1.1; Zc 9.1; 12.1; veja estudo da palavra, Pv 31.1). **Mas vós dizeis** é a maneira do profeta para trazer o povo para a conversa com o Senhor (Ml 1.2). O Senhor **am[ou]** Israel (v. 2). ***AM[OU]*** *(heb.* ***'ahav****, "aquele em que alguém se delicia ou aquele que alguém deseja ardentemente") no sentido da devoção apaixonada e também do afeto terno, é uma expressão perfeita das ternas misericórdias de Iavé pelo seu povo, o que Ele confirma na sua aliança, ou concerto, com eles. Só o amor de Deus é incondicional a despeito do fato de ser imerecido. Ele, por causa desse amor, determinou trazer Israel de volta para a terra que prometera a eles.* **Jacó** representava Israel (v. 2).

ABORRECI *(heb.* ***sanÂ'*** *tem de ser entendido nesse contexto (v. 3) como uma expressão de um grau menor de amor e estima ou tendo menos favor em relação a alguém. Na verdade, os descendentes de Esaú, no sentido salvífico, só poderiam ser salvos como aqueles vindos por intermédio de Jacó, Israel, a nação escolhida de Deus, mas podiam perder-se por causa da rejeição do Senhor por parte deles (cf. Rm 9.6). O termo "aborreci", por conseguinte, é usado como uma hipérbole para afirmar a escolha de Deus de Jacó para herdar a bênção da aliança sobre Esaú, que permaneceu fora da aliança do Senhor (cf. Gn 25.29-34; 27.1-40). Assim, o contraste: Jacó foi "am[ado]", e Esaú foi "rejeit[ado]" (NVI; Ml 1.2,3).*

Deus não escolhera **Esaú** da mesma forma como escolhera Jacó. A sua escolha, no entanto, tem de ser entendida em um sentido nacional, em vez de em um sentido individual, e como temporal, em vez de eterna. A escolha de Deus mostra a prioridade de Jacó sobre Esaú, com quem o Senhor não tinha nenhum relacionamento da aliança. Jesus faz muito da mesma coisa quando observa que aqueles que amam o pai ou a mãe mais do que a Ele não são dignos dEle (Mt 10.37). A ideia é a prioridade, em vez do desprezo por uma pessoa ou, nesse caso, nação.

Edom (veja notas sobre Gn 25.25-34), localizada a sudeste de Jerusalém, era a nação de descendentes de Esaú, e, por isso, o seu povo era parente de Israel, a nação dos descendentes de Jacó (Ml 1.4). As nações foram inimigas ao longo da história. Essa discussão de Esaú e Edom aponta para a justiça de Deus, outro tema do livro.

A Falha do Povo de Deus em Guardar a sua Aliança (1.6——2.17)

A Apatia Espiritual nas Ofertas não Sagradas (1.6—2.9)

1.6—2.9 Deus expressa uma importante queixa contra o povo, em geral, e contra os **sacerdotes**, em particular: eles são infiéis. Primeiro, o Senhor observa que, nas relações familiares naturais, o filho honra o pai, e o servo honra o seu senhor. Contudo, os sacerdotes não honram a Deus, o Rei do Céu e também Senhor deles. Eles desonram Deus ao oferecer sacrifícios inaceitáveis que nem o próprio príncipe deles aceitaria (vv. 6-10). O Senhor proibia o sacrifício de animais com qualquer defeito ou mácula (Lv 22.22,24; Dt 15.21). Por conseguinte, os sacerdotes mostravam apenas como se tinham tornado corruptos. O próprio povo do Senhor desonrava-o (Ml 1.11-14). Por isso, o Senhor repreendeu-os (2.1-9). A aliança de Deus era baseada na fidelidade e verdade. A boca dos sacerdotes tinha de falar conhecimento, e as suas palavras tinham de instruir o povo sobre as coisas de Deus. O Senhor prometeu humilhar os sacerdotes diante do povo por causa da corrupção deles.

No tempo de Malaquias, as ofertas das pessoas no Templo eram tão escassas que os levitas, os servos de Deus que cuidavam do seu Templo, não conseguiam sustentar-se. **Meu concerto** é uma referência à promessa de

Deus para Levi e o sacerdócio formado pela sua tribo em Israel para fazer estas coisas:

- honrá-lo com o seu temor do Senhor (2.5),
- transmitir essas **instruç[ões]** (NVI) ou ensinamentos acurados da sua palavra (2.7),
- caminhar com o Senhor **em paz** e **em retidão** (2.6) e
- atrair pessoas para ouvir a verdade de Deus, ou seja, praticar o que eles ensinam (2.7).

Então, o Senhor daria a eles **vida e [...] paz** (2.5,6).

O Fracasso Moral Pessoal nos Casamentos Profanos (2.10-17)

O casamento com esposas pagãs (2.10-12)

2.10-12 A santidade do casamento e a sua aliança natural são importantes para o Senhor, uma testemunha sempre presente para a aliança sagrada (v. 14; cf. Gn 31.50; Pv 2.17). Os casamentos com pessoas de nações pagãs eram contra a Lei de Moisés (Dt 7.1-4). O casamento entre o seu próprio povo fazia parte da relação da aliança de Israel com Deus. O casamento com um(a) estrangeiro(a) poderia aumentar o risco de idolatria. Os estrangeiros tinham permissão para casar-se na nação apenas se abandonassem os seus deuses e também se comprometessem em adorar apenas ao Senhor (Rt 1.16). Na época de Malaquias, alguns homens estavam se casando com mulheres que ainda praticavam idolatria, um sinal da concessão espiritual que permeava a comunidade. A aliança de Deus não é para ser levada de maneira superficial em nenhuma área da vida; mas o casamento na aliança, a fim de produzir uma descendência devota, está no cerne dessa aliança (Ml 2.5).

A leitura alternativa da NVI, "eu odeio o divórcio" [heb. ***shalach***, "dividir, pôr a mão em algo com força"], diz o Senhor, o Deus de Israel". As palavras têm grande força por causa do cuidadoso equilíbrio no texto hebraico entre as linhas dos versículos 15 e 16 e também das duas orações afirmando "diz o SENHOR" (v. 16). Além disso, o divórcio era a ruptura da aliança do casamento, que é testemunhado por Deus.

O divórcio de esposas judias (2.13-17)

2.13-17 O divórcio, embora permitido sob certas circunstâncias pelas autoridades legais (cf. Dt 24.1; veja os comentários sobre Dt 24.1-5), também era um problema sério nessa época. Em todo o Antigo Oriente Próximo, todos os casamentos eram considerados atados pela Lei, só que Iavé foi especialmente claro com o seu povo a respeito do compromisso de toda vida exigido por essa aliança espiritual. Embora a Lei de Moisés permitisse o divórcio (Dt 24.1-4), Deus, conforme apresentado nesse contexto, rejeita a ruptura da aliança sagrada (Ml 2.16).

Uma Profecia do Último Dia (3.1——4.6)

A Profecia da Vinda do Messias (3.1-6)

3.1-6 O povo claramente já perdera de vista o valor da sua relação com o Senhor. Por isso, Ele promete purgá-los dos seus pecados a fim de purificá-los com **o fogo do ourives** (v. 2), uma metáfora para purificação espiritual.

A Ruptura da Aliança Divina (3.7—4.6)

Um chamado para voltar ao Senhor (3.7-12)

3.7-12 O Senhor implora para que o povo volte para Ele, pois o estiveram roubando (vv. 8-10). O povo tornara-se tão apático em relação às coisas de Deus que não entendiam como poderiam tê-lo roubado. Entretanto, o Senhor promete que, se trouxessem todo o dízimo, Ele iria abençoá-los, e o favor de Deus seria concedido a todas as nações (v. 10).

Um contraste entre o perverso e o justo (3.13—4.3)

3.13—4.3 O povo também declarou que não havia diferença entre os que adoravam a Deus e os que não adoravam. Os ímpios prosperavam, e os que eram fiéis sofriam (vv. 14,15). O Senhor, porém, advertiu-os para não se

enganarem; Ele sabia a diferença e observava isso (v. 18). No fim, aqueles que o adoravam seriam abençoados, enquanto os que não o adoravam seriam deixados do lado de fora do seu Reino. O Dia do Senhor consumiria os ímpios (4.1), mas esse dia, para os que temiam o Senhor, seria de júbilo (v. 2).

A advertência final do profeta (4.4-6)

4.4-6 É apropriado que o último profeta do Antigo Testamento termine o seu livro com uma referência à Lei de Moisés. A promessa da vinda de Elias oferece a esperança de que o Senhor ainda falaria para Israel (v. 5). Jesus declarou que João Batista é esse Elias (Mt 11.13,14; 17.12; Mc 9.11-13). A promessa de Deus para Israel afasta qualquer motivo para o povo ficar apático e dá a ele todo motivo para ser fiel e totalmente comprometido com Deus, o Senhor.

BIBLIOGRAFIA

* Merrill, Eugene H. *Haggai, Zechariah, Malachi: An Exegetical Commentary*. Dallas: Biblical Studies Press, 2003.
* Taylor, Richard A. e E. Ray Clendenen. *Haggai and Malachi*. The New American Commentary, vol. 21A. Nashville: B&H Publishing Group, 2004.

* Para estudos avançados.

ÍNDICE DOS RECURSOS

Para as personagens bíblicas, indica-se um mapa que corresponda ao tempo aproximado em que cada uma viveu. Por exemplo, "As Filhas de Zelofeade: Seguidoras Fiéis" (M-5).

As palavras em maiúsculas indicam tópicos. Por exemplo, na entrada ESTER, Será que Deus Cuida?, "ESTER" é o tópico e "Será que Deus Cuida?" é o título do Devocional **de Coração a Coração.**

MAPAS

Abraão em Canaã	M-1
Cades-Barneia até as Planícies de Moabe, A Jornada de	M-5
Davi e Salomão, Os Reinos de	M-9
Exilados Judeus na Babilônia, Os	M-12
Êxodo, A Rota de	M-4
Israel, As Porções de Terra por Tribo	M-8
Israel e Judá, Os Reinos de	M-10
Jacó, As Viagens de	M-2
José, As Jornadas de	M-3
Josué, As Campanhas no Norte de	M-6
Josué, As Campanhas no Sul e Centro	M-7
O Templo de Salomão: A Reconstrução	615, Vol. I
Queda de Samaria e a Deportação dos Israelitas, A	M-11
Retorno dos Exilados Judeus para Judá, O	M-13

TABELAS

A Noiva Sulamita: Uma Beleza Inocente (M-9)	254
Agar e Sarai (M-1)	61, Vol. I
Ageu e Zacarias, Os Eventos Históricos nos Livros de (M-13)	764
Alfabeto Hebraico	17-18, Vol. I / 5-6, 15
Ana: A Mãe Devotada (M-8)	497, Vol. I
Bênçãos/Maldições	278, Vol. I

Calendário Hebraico das Festas 275-276, Vol. I
Calendário Judaico, O 894-896, Vol. I
Concubina do Levita, A 462, Vol. I
Criação, Dias da 25, Vol. I
Débora: A Juíza Sábia (M-8) 431, Vol. I
Esposa de Ezequiel: Uma Esposa Deleitável, A (M-12) 589
ESPOSA DE ISAÍAS, A Profetisa: A Esposa de Isaías (M-10) 320
ESPOSA DE JÓ, A Esposa de Jó: Uma Mulher Doida 916, Vol. I
Esposa de Jó: Uma Mulher Doida, A 916, Vol. I
Ester, Uma Rainha "para tal Tempo como este" (M-12) 888, Vol. I
Eva: A Mãe de todos os Viventes 28, Vol. I
Filhas de Jerusalém, As 263
Filhas de Zelofeade: Seguidoras Fiéis, As 320, Vol. I
Gomer: Uma Prostituta Egoísta (M-10) 663
Homem Egoísta, Características de um 253
Homem Piedoso, Características de um 253
Imagens da Natureza em Cantares 275-281
Jael: Uma Assassina Astuta (M-8) 433, Vol. I
Jeosabeate: Uma Esposa Corajosa (M-10) 811, Vol. I
Juízes, O Período de (M-8) 418-419, Vol. I
Lei para o Amor, Da 484, Vol. I
MÃE, Uma Mãe Justa Faz a Diferença? 693, Vol. I
Miriã: Uma Líder Talentosa, mas Vacilante (M-4; M-5) 194, Vol. I
Mulher Sunamita: Uma Anfitriã Generosa, A (M-10) 672, Vol. I
Mulheres na Vida de Sansão, As (M-8) 456, Vol. I
Ofertas Prescritas em Levítico 253, Vol. I
Pecado, Compreendendo o 39-40, Vol. I
Períodos da Vida, Os 220
Profetisa: A Esposa de Isaías (M-10) 320
Questões da Vida, Os Livros da Bíblia sobre as 209-210
Raabe: A Cananeia Corajosa (M-5) 387, Vol. I
Rainha de Sabá: Uma Admiradora da Sabedoria (M-9) 629, Vol. I
Rainhas do Antigo Testamento, As 637-639, Vol. I
Roupas do Sumo Sacerdote 222, Vol. I
Rute (M-8) 478, Vol. I
Salmos, Tipos de 12-13
Sara: A Mãe das Nações (M-1) 53, Vol. I
Satanás, Nomes e Descrições de 909, 911-913, Vol. I
Tamar: A Moça Formosa Violada (M-2; M-3) 563, Vol. I
Voto de Nazireu, O 453, Vol. I

DEVOCIONAIS DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

A Sedução do Pecado: Ensinando a Geração Seguinte 424, Vol. I
A Sedução do Pecado: Figuras de Linguagem 446, Vol. I

A SERVA DE NAAMÃ, Abandono Total 674, Vol. I
Aliança do Casamento, A 262
AS FILHAS DE ZELOFEADE, Exigindo Justiça 321, Vol. I
CASAMENTO, Jugo Desigual 426, Vol. I
Distrações e a Obra do Senhor 759
Educando um Filho de Temperamento Resoluto 452, Vol. I
ESTER, Será que Deus Cuida? 889-890,Vol. I
EVA, Sedução do Pecado 35, Vol. I
GÊNERO, Abraçando as Diferenças 259
Infertilidade, O Sofrimento da 495, Vol. I
Influência de uma Mãe, A 692, Vol. I
Leitura de Salmos Imprecatórios, A 27
Oração, A Importância da 855-856, Vol. I
Pureza, O Valioso Dom da 261
Purim, A Festa de 898, Vol. I
SANSÃO, A Sedução do Pecado: Educando um Filho de Temperamento Resoluto 452, Vol. I
Sedução do Pecado 35, Vol. I
SULAMITA, Admiração e Submissão 260
SULAMITA, O Amor Transformador 269
Traído pela Esposa 915, Vol. I
VESTIMENTA, O Papel do Adorno Externo 363, Vol. I

EXCURSOS

A Submissão É uma Inovação do Século I? 880-881, Vol. I
Dote, O 624, Vol. I
En-Gedi 256
Esposas de Davi, As (M-9) 532-536, Vol. I
Fazendo os Cálculos 285, Vol. I
Feminismo e Interpretação da Escritura 708, Vol. I
"Filha do Faraó", A Identidade da (M-4) 153, Vol. I
GÊNERO, Será que Deus Estabeleceu Papéis Distintos para os Homens e as Mulheres antes da Queda? 31, Vol. I
Interpretação da Evidência Bíblica e Histórica 701, Vol. I
Libertação 161, Vol. I
"Linguagem Inclusiva" 166
Maternidade 190-191
"O Temor do Senhor" 197-198
Patriarcado na Ordem da Criação 284, Vol. I
QUEDA, O Julgamento da Mulher 38-39, Vol. I
Santidade de Vida 413-415

COMENTÁRIO BÍBLICO DA *Mulher*

ANTIGO TESTAMENTO

O Comentário Bíblico da Mulher – Antigo Testamento foi desenvolvido por e para mulheres. Compreender a Palavra de Deus é de suma importância para todo cristão, e esta obra proporciona um excelente embasamento como ferramenta de apoio à análise das Sagradas Escrituras.

Onde, quando e quem escreveu determinado livro da Bíblia? Sob quais circunstâncias?

De forma exegética, este livro responde a essas e a outras questões, ajudando-nos a descobrir os significados dos textos bíblicos, por intermédio da interpretação expositiva das suas mensagens e ensinamentos.

- Antecedentes introdutórios (autor, destinatários, cenário, esboço, temas);
- Exposição versículo por versículo e artigos, dando atenção especial às passagens de interesse das mulheres, sem contornar as passagens difíceis de interpretar;
- Tabelas e estudos de palavras;
- Esboços de personagens mulheres no Antigo Testamento;
- *Insights* devocionais e notas inspiradoras;
- Bibliografia sugerida para estudo posterior.

CPAD
cpad.com.br
CPADvideos
editoraCPAD
editora_cpad
EditoraCPAD


CPAD
COMENTÁRIO
BÍBLICO DA
Mulher
ANTIGO
TESTAMENTO
Volume I
Gênesis a Jó
Dorothy Kelley Patterson
Rhonda Harrington Kelley

Comentário Bíblico da Mulher Antigo Testamento - Volume I Gênesis a Jó

Kelly, Dorothy Kelley / Rhonda Harrington
9786559681211
971 páginas

Compre agora e leia

Editado e escrito por e para mulheres, o Comentário Bíblico da Mulher – Antigo Testamento, é uma excelente ferramenta de apoio aos estudiosos das Sagradas Escrituras. Onde, quando e quem escreveu determinado livro bíblico? Sob quais circunstâncias? Esta obra, de forma exegética e sob um olhar feminino, responde a esta e a outras questões, ajudando-nos a descobrir os significados mais profundos dos textos do Santo Livro, através da interpretação expositiva de suas mensagens e ensinamentos.

Compre agora e leia


CPAD
GUIA DIDÁTICO
DO LEITOR DA BÍBLIA
Lawrence Richards

Guia Didático do Leitor da Bíblia

Richards, Lawrence
9786559681860
936 páginas

Compre agora e leia

Um livro que auxiliará tanto iniciantes como veteranos e estudiosos da Bíblia a encontrar os tesouros mais ricos das Escrituras Sagradas. - Obra ganhadora do Prêmio Areté 2006 da Associação de Editores Cristãos - ASEC - categoria Obra de Referência. Ao encontrar um versículo difícil da Bíblia, você quer ter um guia rápido para lhe ajudar? Se sua resposta é sim, o Guia Didático do Leitor da Bíblia é exatamente o que procura. Com ele, você lerá a Bíblia sob uma nova perspectiva e será ricamente edificado. Cada capítulo é comentado em uma página. Verifique o vasto conteúdo existente nesta obra: • Introdução e esboço de cada livro • Resumo e significado da mensagem • Versículos-

chave de cada capítulo • Referências cruzadas de passagens bíblicas • Definições e explicações de palavras bíblicas • Sugestão de aplicação pessoal • Cadeia de temas doutrinários • Descobertas arqueológicas • Usos e costumes dos tempos bíblicos • Mapas, diagramas e ilustrações Com uma linguagem clara, em tamanho fácil de manusear, este Guia lhe ajudará a compreender rapidamente os temas da Bíblia, e não mais esquecê-los. Obtenha melhor proveito de sua leitura da Bíblia!

Compre agora e leia


CPAD
DOUGLAS BAPTISTA
A Supremacia das Escrituras
a Inspirada, Inerrante e Infalível Palavra de Deus

A Supremacia das Escrituras

Baptista Douglas
9786559681457
160 páginas

Compre agora e leia

Vivemos em uma época de relativização da verdade onde multiplicaram-se correntes ideológicas que buscam desconstruir a autoridade da Bíblia Sagrada bem como os valores por ela preconizados. Diante desse quadro, surge a necessidade de reafirmar a ortodoxia bíblica. Essa obra se propõe a expressar a supremacia das Escrituras, sua autoridade, inspiração, inerrância e infalibilidade de maneira compreensível para a Igreja e também motivar os cristãos à leitura e ao estudo da Bíblia Sagrada.

Compre agora e leia


Mais de um milhão de cópias vendidas
Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta
Fortalecendo a Comunhão com Deus em uma Vida Atarefada
JOANNA WEAVER
Autora do Best-Seller Tendo um Espírito como o de Maria

Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta

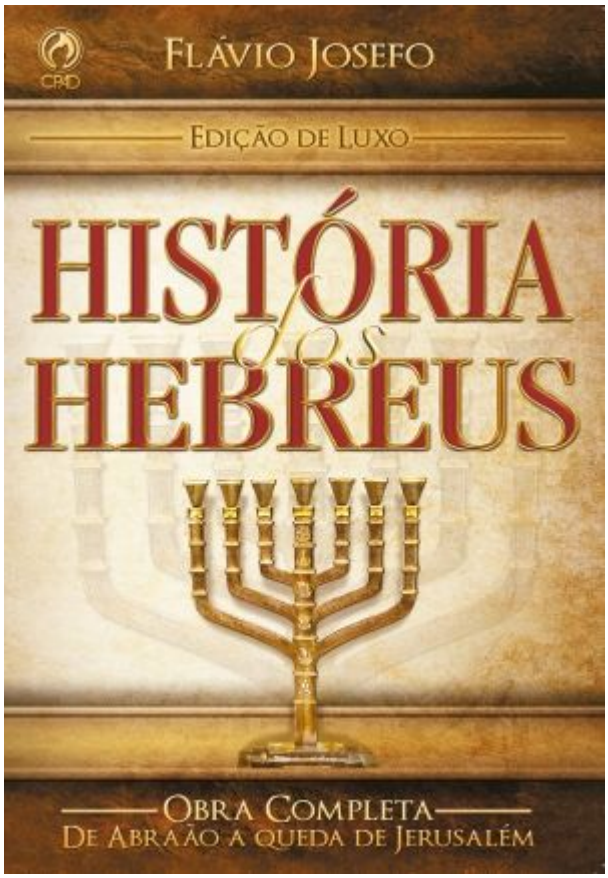
Weaver, Joanna
9788526312302
256 páginas

Compre agora e leia

Um convite para toda mulher que sente que não é piedosa o suficiente ... não está amando o suficiente ... não está fazendo o suficiente. A vida de uma mulher hoje não é realmente tão diferente da de Maria e Marta no Novo Testamento. Como Maria, você deseja se sentar aos pés do Senhor ... mas as demandas diárias de um mundo ocupado simplesmente não o deixam em paz. Como Marta, você ama Jesus e realmente quer servi-lo ... mas luta com cansaço, ressentimento e sentimentos de inadequação. Então vem Jesus, bem no meio de sua movimentada vida Maria / Marta - e ele estende o mesmo convite que fez há muito tempo às duas

irmãs de Betânia. Com ternura, ele convida você a escolher "a melhor parte" - uma vida alegre de intimidade na "sala de estar" com ele, que flui naturalmente para o "serviço de cozinha" para ele. Como você pode fazer essa escolha? Com sua nova abordagem à história familiar da Bíblia e suas estratégias criativas e práticas, Joanna mostra como todos nós - Maria e Marta - podemos nos aproximar de nosso Senhor, aprofundando nossa devoção, fortalecendo nosso serviço e fazendo as duas coisas com menos estresse e maior alegria.

Compre agora e leia


CPAD
Flávio Josefo
Edição de Luxo
História dos Hebreus
Obra Completa
De Abraão a queda de Jerusalém

História dos Hebreus

Josefo, Flávio
9788526313491
1568 páginas

Compre agora e leia

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

Compre agora e leia